

Universidade de Brasília
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas
Programa de Pós-Graduação em Linguística

Arthur Britta Scandelari

O causado (*causee*) nas construções causativas de verbos transitivos em línguas indígenas das
Terras Baixas da América do Sul

Brasília
2026

Arthur Britta Scandelari

O causado (*causee*) nas construções causativas de verbos transitivos em línguas indígenas das
Terras Baixas da América do Sul

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Linguística.

Área de concentração: Teoria e Análise Linguística.

Orientador: Professor Doutor Dionei Moreira Gomes.

Brasília

2026

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

SS283cc	Scandelari, Arthur B. O causado (causee) nas construções causativas de verbos transitivos em línguas indígenas das Terras Baixas da América do Sul / Arthur B. Scandelari; orientador Dionei M. Gomes. Brasília, 2026. 802 p. Tese(Doutorado em Linguística) Universidade de Brasília, 2026. 1. Construções causativas. 2. Causado (causee). 3. Tipologia linguística. 4. Estrutura argumental. 5. Línguas indígenas. I. Gomes, Dionei M., orient. II. Título.

Agradecimentos

Ao professor Dionei Moreira Gomes (UnB), entusiasta da Ciência, pela orientação atenta, crítica e construtiva que possibilitou o desenvolvimento desta pesquisa. Obrigado pelo incentivo e pela confiança.

Aos membros da banca de defesa e da banca de qualificação, Profa. Dra. Cilene Campetela (UNIFAP; Unifesp), Prof. Dr. Sidney da Silva Facundes (UFPA), Prof. Dr. Thiago Chacon (UnB), Profa. Dra. Walkíria Neiva Praça (UnB) e Profa. Dra. Zarina Estrada Fernández (Unison, México), pelas contribuições e pelo tempo dedicado à avaliação deste trabalho.

Ao Núcleo de Tipologia e Línguas Indígenas (NTL/CNPq), pelo trabalho contínuo de promoção do debate acadêmico, organizando palestras e discussões mensais com linguistas de diferentes partes do mundo e enriquecendo a formação acadêmica e o diálogo científico.

Aos professores da Universidade de Brasília (UnB), cujos ensinamentos contribuíram para meu amadurecimento pessoal e minha trajetória na Linguística.

À UnB, instituição pública que, apesar dos desafios, permanece comprometida com a produção de conhecimento, a formação de pesquisadores e o seu papel social.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e à Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAPDF), pelas bolsas de estudo que possibilitam a dedicação à vida acadêmica e pelo fomento à pesquisa científica no Brasil e no Distrito Federal.

A todas as autoras e autores cujas obras fundamentam esta tese. Seus trabalhos constituem a base sobre a qual esta pesquisa se desenvolveu.

Aos povos indígenas da América do Sul, detentores de conhecimentos linguísticos e culturais únicos, sem os quais parte do trabalho linguístico realizado no Brasil não existiria.

Resumo

Esta pesquisa examina a função sintática do causado (*causee*) nas construções causativas formadas a partir de verbos transitivos em línguas indígenas das Terras Baixas da América do Sul. Na derivação causativa, a inclusão de um novo argumento no papel de causador (*causer*) demove o sujeito primitivo para outra função, reconfigurando a estrutura argumental do predicado. Com verbos intransitivos, o causado geralmente se torna objeto, mas com verbos transitivos sua função pode variar. O objetivo da pesquisa é compreender como as línguas indígenas tratam o causado na construção derivada, investigando se ele tende a ocupar funções argumentais centrais ou periféricas. Considerando que as causativas envolvem não apenas morfologia e sintaxe, mas também semântica, pragmática e discurso, adotamos a perspectiva funcional-tipológica para tratar da questão. Trabalhamos com uma proposta de análise não categórica do causado, em uma escala argumental, o que permite lidar com a diversidade de estratégias registradas na literatura teórica. Metodologicamente, realizamos uma pesquisa qualitativa baseada no método indutivo. Após a delimitação do tema, revisamos a literatura, selecionamos as línguas a ser investigadas, coletamos os dados em trabalhos acadêmicos, compilamos as informações em um quadro comparativo e realizamos a comparação, análise e discussão dos resultados. A escolha das línguas foi feita por amostragem, definida por critérios geográficos e genéticos, priorizando línguas indígenas do Brasil e representantes de diferentes famílias linguísticas. Para garantir a uniformidade e a comparabilidade entre as línguas, elaboramos um protocolo de pesquisa composto de quarenta e duas perguntas, o qual foi empregado em todas as fases da pesquisa. Esse instrumento permitiu sistematizar as descrições disponíveis e construir uma base de dados padronizada. A partir desse conjunto de dados, comparamos as línguas entre si e com as tendências descritas na literatura teórica. Os resultados mostram que, na maioria das línguas avaliadas, o causado atua como um argumento estruturalmente central e semanticamente proeminente. Uma parcela significativa das tendências teórico-tipológicas foi confirmada total ou parcialmente, embora algumas questões permaneçam inconclusivas devido à ausência de análises explícitas nas descrições disponíveis. Em conjunto, os resultados indicam que a causatividade constitui uma macrossituação conceitual na qual o causado funciona como um participante central na conexão entre os eventos de causa e efeito, o que reforça a necessidade de abordagens teóricas que associem fatores cognitivos, semânticos, pragmáticos e discursivos. Por fim, a partir dos padrões translinguísticos identificados, elaboramos uma proposta de análise teórica do causado e uma definição de construções causativas que integra os diferentes níveis linguísticos.

Palavras-chave: Causatividade; Construções causativas; Causado (*causee*); Tipologia linguística; Estrutura argumental; Línguas indígenas das Terras Baixas da América do Sul.

Abstract

This study investigates the syntactic role of the causee in causative constructions formed from transitive verbs in indigenous languages of the South American Lowlands. In these constructions, the addition of a causer modifies the role of the original subject, affecting the argument structure of the predicate. With intransitive verbs, the causee typically functions as an object, whereas with transitive verbs its role can vary. The study aims to understand how these languages treat the causee in causative constructions and whether it tends to occupy central or peripheral argumental positions. Considering that causatives involve not only morphology and syntax but also semantics, pragmatics, and discourse, we adopt a functional-typological perspective. We employ a non-categorical argumental analysis of the causee to capture the diversity of strategies documented in the theoretical literature. Methodologically, the research follows a qualitative and inductive approach. After defining the research focus, we reviewed the literature on causative constructions, selected the languages for investigation, collected data from academic sources, compiled the information in a comparative chart, and conducted comparison, analysis, and discussion. Languages were selected based on geographic and genetic criteria, prioritizing Brazilian indigenous languages and representatives of different linguistic families. To ensure consistency and comparability, a research protocol of forty-two questions was applied throughout all phases of the study. This protocol enabled the systematic organization of available descriptions and the construction of a standardized database. Using this dataset, languages were compared with each other and with trends reported in the literature. Results indicate that, in most languages studied, the causee functions as a structurally central and semantically prominent argument. A substantial portion of the typological-theoretical predictions was fully or partially confirmed, although some questions remain unresolved due to the absence of explicit analyses in the sources. Overall, findings suggest that causativity constitutes a conceptual macro-situation in which the causee serves as a central participant linking cause and effect events, highlighting the need for theoretical approaches that integrate cognitive, pragmatic, and discourse factors. Finally, based on the cross-linguistic patterns observed, we propose a theoretical analysis of the causee and a definition of causative constructions that encompasses multiple linguistic levels.

Keywords: Causativity; Causative constructions; Causee; Linguistic typology; Argument structure; indigenous languages of the South American Lowlands.

Lista de abreviaturas e símbolos

CAUS	Causativo
CAUS3	Causativo de transitivo
DEC	Declarativo
FUT	Futuro
o	Marcador clítico de objeto
O	Objeto
OBL	Oblíquo
OD	Objeto direto
OI	Objeto indireto
OObI	Objeto oblíquo
p.	Página
PL	Plural
PRF	Aspecto perfectivo
S	Sujeito
sa	Marcador clítico de sujeito ativo/processual
SG	Singular
SN	Sintagma nominal
SP	Sintagma posposicional
SV	Sintagma verbal
TOP.NON.A/S	Tópico não sujeito
V	Verbo
vs.	<i>Versus</i>
1	Primeira pessoa
3	Terceira pessoa
*	Agramatical
=	Fronteira de clítico
§	Seção
Ø	Zero

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. REFERENCIAL TEÓRICO	3
2.1. Introdução	3
2.2. Tendências teórico-tipológicas	6
2.3. Terminologia teórico-tipológica	8
2.4. Dativo	16
2.5. Mecanismos causativos formais	20
2.6. Causado em causativa de verbo transitivo	45
2.7. Parâmetros pragmáticos	74
2.8. Voz e valência	85
2.9. Diacronia	89
2.10. Considerações finais do capítulo	90
3. METODOLOGIA	91
3.1. Introdução	91
3.2. Tipologia linguística	92
3.3. Metodologia da pesquisa	94
3.4. Protocolo de pesquisa	104
4. SÍNTESE ANALÍTICO-TEÓRICA	110
4.1. Introdução	110
4.2. Resultados do protocolo de pesquisa	110
4.3. Síntese entre dados e teoria	150
4.3.1. Proposta de definição	157
4.3.2. Causativas com diferentes graus de fusão estrutural	158
4.3.3. Argumentos e adjuntos	160
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	162
REFERÊNCIAS	166
APÊNDICE 1 – Protocolo de pesquisa	178
APÊNDICE 2 – Lista dos verbos identificados que formam causativas	183
APÊNDICE 3 – Quadro comparativo	189
Quadro 1.1 – Línguas Jarawara, Tariana, Apurinã, Wayana e Hixkaryana (questões 1 a 4)	190
Quadro 2.1 – Línguas Warí', Karipúna Crioulo Francês, Kanoê, Katukína e Kwazá (questões 1 a 4)	201
Quadro 3.1 – Línguas Bororo, Xavante, Rikbaktsa, Hup e Kadiwéu (questões 1 a 4)	212
Quadro 4.1 – Línguas Pirahã, Sabanê, Matis, Yamináwa e Shanenáwa (questões 1 a 4)	223
Quadro 5.1 – Línguas Tikuna, Trumai, Kubeo, Mundurukú e Kamaiurá (questões 1 a 4)	234
Quadro 6.1 – Línguas Makuráp, Bora e Sanumá (questões 1 a 4)	245
APÊNDICE 4 – Aplicação do protocolo de pesquisa	257

Jarawara (Arawá)	257
Tariana (Arawak)	285
Apurinã (Arawak)	314
Wayana (Caribe)	334
Hixkaryana (Caribe).....	355
Warí' (Chapakura)	375
Karipúna Crioulo Francês (Crioulo)	399
Kanoê (Kanoê)	412
Katukína (Katukína).....	430
Kwazá (Kwazá).....	456
Bororo (Bororo)	483
Xavante (Jê)	509
Rikbáktsa (Rikbáktsa)	512
Hup (Nadahup/Makú)	537
Kadiwéu (Guaikurú).....	573
Pirahã (Mura-Pirahã).....	584
Sabanê (Nambiquara).....	600
Matís (Pano)	601
Yaminawá (Pano).....	613
Shanenáwa (Pano).....	629
Tikuna (língua isolada).....	645
Trumai (língua isolada).....	662
Kubeo (Tukano)	692
Mundurukú (Mundurukú)	718
Makuráp (Tuparí).....	735
Kamaiurá (Tupí-Guaraní).....	749
Bora (Witoto)	774
Sanumá (Yanomami)	787

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Escala entre argumentos e adjuntos	2
Figura 2 – Escala entre tipo de causativa e proximidade conceitual de causa e efeito	32
Figura 3 – Escala entre centralidade argumental e marca de caso	80
Figura 4 – Relação icônica entre tipo de causativa e causação direta	82
Figura 5 – Escala entre tipo de causativa e semântica da causação	83
Figura 6 – Escala entre causativas não prototípicas	159

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Amostra de línguas pré-selecionadas	98
Quadro 2 – Amostra de línguas usada na pesquisa	99
Quadro 3 – Relação de línguas pesquisadas e obras utilizadas	102

LISTA DE MAPAS

Mapa 1.1 – Distribuição geográfica das línguas indígenas selecionadas	100
Mapa 1.2 – Distribuição geográfica das línguas indígenas selecionadas	101
Mapa 1.3 – Distribuição geográfica das línguas indígenas selecionadas	101

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Resultados da questão 1	110
Tabela 2 – Resultados da questão 2	111
Tabela 3 – Resultados da questão 3	112
Tabela 4 – Resultados da questão 4	113
Tabela 5 – Resultados da questão 5	113
Tabela 6 – Resultados da questão 6	114
Tabela 7 – Resultados da questão 7	115
Tabela 8 – Resultados da questão 8	116
Tabela 9 – Resultados da questão 9	117
Tabela 10 – Resultados da questão 10	117
Tabela 10.1 – Constituinte que ocupa o lugar típico de acusativo	118
Tabela 11 – Resultados da questão 11	118
Tabela 12 – Resultados da questão 12	119
Tabela 13 – Resultados da questão 13	120
Tabela 14 – Resultados da questão 14	120
Tabela 15 – Resultados da questão 15	121
Tabela 16 – Resultados da questão 16	121
Tabela 17 – Resultados da questão 17	122
Tabela 18 – Resultados da questão 18	122
Tabela 19 – Resultados da questão 19	125
Tabela 20 – Resultados da questão 20	126
Tabela 21 – Resultados da questão 21	127
Tabela 22 – Resultados da questão 22	128
Tabela 23 – Resultados da questão 23	129
Tabela 24 – Resultados da questão 24	130
Tabela 25 – Resultados da questão 25	130
Tabela 26 – Resultados da questão 26	131
Tabela 27 – Resultados da questão 27	132
Tabela 28 – Resultados da questão 28	134
Tabela 29 – Resultados da questão 29	135
Tabela 30 – Resultados da questão 30	136
Tabela 31 – Resultados da questão 31	137
Tabela 32 – Resultados da questão 32	139
Tabela 33 – Resultados da questão 33	140
Tabela 34 – Resultados da questão 34	141
Tabela 35 – Resultados da questão 35	142
Tabela 36 – Resultados da questão 36	143
Tabela 37 – Resultados da questão 37	144
Tabela 38 – Resultados da questão 38	145
Tabela 39 – Resultados da questão 39	145
Tabela 40 – Resultados da questão 40	146
Tabela 41 – Resultados da questão 41	147
Tabela 42 – Resultados da questão 42	149

1. INTRODUÇÃO

As causativas costumam ser descritas pela relação entre dois eventos dependentes, sendo um de causa e outro de efeito. Elas são formadas pela inserção de um argumento com o papel de causador (*causer*) em uma construção primitiva. A introdução desse participante, geralmente na função de sujeito, modifica as relações gramaticais da construção original e provoca uma reanálise do antigo sujeito, o qual passa a exercer o papel de causado (*causee*) e a ocupar uma nova função sintática.

Nas causativas formadas a partir de verbos intransitivos, o causado tipicamente assume a função de objeto. Nas derivadas de verbos transitivos, essa função varia de acordo com a língua, revelando diferentes estratégias translinguísticas de acomodação desse participante (cf. Kozinsky e Polinsky, 1993; Dixon, 2000; Gomes e Scandelari, no prelo). Como o novo argumento (causador) é introduzido em uma construção que já possui as vagas argumentais de sujeito e objeto direto (OD) preenchidas, o antigo sujeito (causado) é deslocado de sua função original e precisa competir por uma vaga com o OD ou ocupar outra função. Vejamos um exemplo da língua Mundurukú (Mundurukú):

Mundurukú

- (1) *Pedoro akurice o'=jo-wuy*
Pedro cachorro 3Sa=3o-lavar.PRF
'Pedro lavou o cachorro.'
- (2) *Maria Pedoro be akurice o'=jo-wuy-at*
Maria Pedro por cachorro 3Sa=3o-lavar-CAUS3.PRF
'Maria fez Pedro lavar o cachorro.'
['Maria lavou o cachorro por meio de Pedro.']

(Gomes, 2006, p. 79, grifos nossos, modificado pelo autor)

A sentença (1) é transitiva não causativa, com o sujeito A *Pedoro* 'Pedro', o OD *akurice* 'cachorro' e o verbo transitivo *wuy* 'lavar'. A construção (2) é causativa e mostra o novo participante *Maria* 'Maria' em posição e função típicas de sujeito, e em correferência no verbo. O sujeito original, *Pedoro* 'Pedro', perde a correferência no verbo e recebe a posposição dativa *be* 'por', marcando a redução de sua centralidade sintática, mas mantém a posição original em relação aos demais constituintes, a qual está alinhada a uma ordem de constituinte tipologicamente mais central. Esse antigo sujeito assume o papel de causado. O verbo recebe o sufixo *-at* 'causativo de transitivos', registrando formalmente a inclusão do argumento causador e a semântica causal. No Mundurukú, o participante *akurice* 'cachorro' mantém a função de

OD nas duas construções, mas existem línguas em que tanto o sujeito quanto o OD são retirados de suas funções originais.

No Tupinambá (Tupí-Guaraní), Rodrigues (1953, p. 136-137) interpreta o causado (agente direto) derivado de uma construção transitiva como objeto indireto (OI):

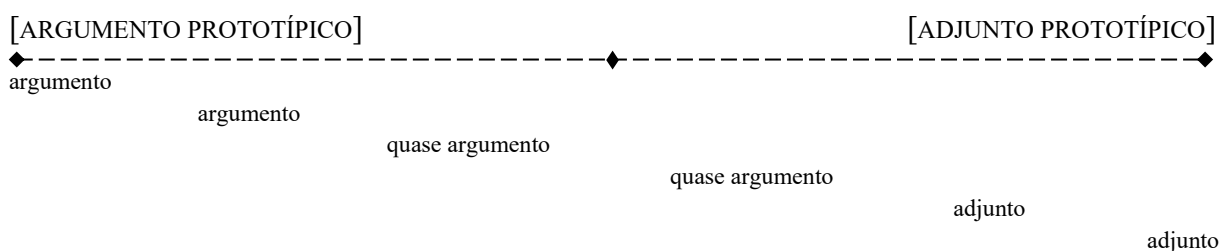
Na voz causativo-prepositiva o sujeito faz com que alguém pratique a ação sobre outrem. Há, pois, três seres interessados no processo verbal: um agente mediato, um agente imediato e um paciente. Forma-se esta voz com o sufixo *-ukár* acrescentado aos temas **transitivos**. O agente mediato é o sujeito, o paciente é o objeto direto, enquanto que o agente imediato é um objeto indireto regido pela preposição *supé* (dativo).

Nessa análise, os três participantes interagem no mesmo processo verbal e são tratados como argumentos: sujeito, OD e OI. A propriedade semântica de agente é explicitada no causado, o qual é interpretado como uma relação gramatical (OI), independentemente de ocorrer em um sintagma posposicional (SP). Em consequência, para Rodrigues (1947, 1953), além de o sufixo *-ukár* funcionar como marcador de voz, a construção por ele derivada aumenta a valência original em um argumento.

O objetivo desta pesquisa, portanto, é compreender o que as línguas indígenas das Terras Baixas da América do Sul permitem afirmar sobre a função sintática do causado nas causativas de transitivos, em face da ampla literatura teórica e descritiva. Considerando que o causado pode se manter como argumento central ou ser demovido para funções menos centrais, como a de adjunto, a identificação de sua relação gramatical representa um desafio tipológico e se insere no debate sobre a distinção entre argumentos e adjuntos.

As tendências teórico-tipológicas do causado, apresentadas no referencial teórico (cf. §2), indicam a necessidade de adotar um tratamento não categórico para analisar as funções sintáticas desse participante. Com base nisso, trabalhamos com a hipótese de diferenciação escalar do causado, na linha proposta por Scandelari (2021), desenvolvida originalmente para a análise de sintagmas adposicionais:

Figura 1 – Escala entre argumentos e adjuntos



(Fonte: Scandelari, 2021, adaptado pelo autor)

Assim, buscamos responder às seguintes perguntas:

- 1) Quais propriedades morfossintáticas e discursivas caracterizam o causado em construções causativas de verbos transitivos?
- 2) Onde essas propriedades permitem situá-lo na distinção entre argumentos e adjuntos?
- 3) Os estudos sobre causativas de verbos transitivos ou ditransitivos são suficientes para uma compreensão translinguística do fenômeno, de um ponto de vista morfossintático e discursivo?
- 4) Quais implicações os dados das línguas indígenas das Terras Baixas da América do Sul suscitam para teorias sobre causativização?

Em síntese, uma vez que o causado precisa se adequar à valência do novo predicado na construção derivada, o desafio é saber se ele continua sendo um argumento ou não e, em caso afirmativo, de que tipo (cf. Comrie, 1989).

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Introdução

As causativas estão entre as categorias derivacionais que ocorrem com mais frequência nas línguas (cf. Bybee, 1985; Nichols, 1992; Kemmer e Verhagen, 1994; Kulikov, 2001). Diferentes autores mencionam sua importância nos debates linguísticos da segunda metade do século XX. Entre eles, Shibatani (1976, p. 3, tradução nossa¹) destaca a relevância no debate teórico:

Uma razão simples pela qual construções causativas têm sido o tema de muitas controvérsias linguísticas recentes é que elas têm implicações teóricas importantes e têm sido instrumentais no desenvolvimento de novas teorias gramaticais. [...] De fato, revisar os desenvolvimentos teóricos motivados em grande parte pelas análises das construções causativas é como desdobrar a história recente da gramática transformacional. [...]

¹ *One simple reason causative constructions have been the subject of many recent linguistic controversies is that they have quite a few important theoretical implications and that they have been instrumental in the development of new grammatical theories. [...] In fact, reviewing theoretical developments motivated in large part by the analyses of causative constructions is like unfolding the recent history of transformational grammar. [...] It was in the hope of accounting for the lexical relation between the “two verbs” open used in the sentences (3a) and (3b) that Fillmore (1968) developed the theory of case grammar:*

(3) a. The door opened.
 b. John opened the door.

Foi na esperança de explicar a relação lexical entre os “dois verbos” *open* [abrir] usados nas sentenças (3a) e (3b), que Fillmore (1968) desenvolveu a teoria da gramática de caso:

- (3) a. *The door opened.* [A porta abriu.]
 b. *John opened the door.* [John abriu a porta.]

Nessa tradição dos estudos linguísticos, a maioria dos pesquisadores concentra seus estudos na causativa morfológica (cf. Comrie, 1989; Kozinsky e Polinsky, 1993; Kulikov, 1993). Dentro dessa construção, a função sintática e a marcação do participante causado têm sido o foco das pesquisas em diferentes correntes teóricas (cf. Comrie, 1989; Kemmer e Verhagen, 1994; Kulikov, 2001).

Embora a expressão da causa se manifeste de várias formas, a atenção da Linguística sobre a causatividade tem sido o predicado, entendido por parte da literatura como o verbo e as locuções verbais. Tal perspectiva, em nosso ponto de vista, acaba restringindo a compreensão do fenômeno. Para tratar do tema, sempre com foco no causado de construções causativas derivadas de verbos transitivos, iniciamos com uma descrição da causativização. As alterações envolvidas no processo podem ser assim resumidas:

Com respeito à estrutura do evento causado, a causativização [de verbos transitivos] implica a introdução de um novo sujeito, isto é, o *causador* da predicação matriz, na estrutura da oração. Isso, por sua vez, força uma alteração no estatuto do sujeito dessa oração original. Semanticamente, seu papel é alterado para o de *causado* (aquele que é levado a fazer/sofrer algo); sintaticamente, ele é destituído como sujeito da oração derivada e relegado a alguma outra função sintática dentro da oração. As propriedades sintáticas e, acima de tudo, a marcação de caso do causado dependem da estrutura sintática e semântica da oração encaixada [...] e são um dos tópicos mais amplamente discutidos nos estudos sintáticos contemporâneos (Kulikov, 2001, p. 889, tradução nossa²).

Destacamos os seguintes pontos dessa descrição: o aumento da valência gerado pela inclusão de um novo argumento (causador); a demissão do antigo sujeito para outra função

² *With respect to the structure of the caused event, causativization entails the introduction of a new subject, i.e. the causer of the matrix predication, into the underlying structure of the clause. This in turn forces an alteration in the status of the subject of the original clause. Semantically, its role is changed to that of a causee (the one who is caused to do/undergo something); syntactically, it is ousted as subject of the derived clause and relegated to some other syntactic function within the clause. The syntactic properties and, above all, the case marking of the causee depend on the syntactic and semantic structure of the embedded clause [...] and are one of the most widely discussed topics in contemporary syntactic studies.*

sintática, que não foi pré-estabelecida; o novo papel semântico desse antigo sujeito (causado); a definição do causado como um participante que sofre ou executa a ação no evento provocado pelo causador; a marcação do causado motivada pelos arranjos semânticos e morfossintáticos da nova construção.

Todas essas mudanças demonstram a complexidade envolvida nos enunciados causativos e revelam que a construção inteira, não só o verbo, ajuda a compor a causalidade. Indo além, Comrie (1989, p. 165) pondera que o estudo das causativas envolve outras áreas do conhecimento, como Filosofia e Antropologia Cognitiva. Enquanto aquela se ocuparia da natureza da causação, esta buscaria compreender a percepção humana e a categorização da causalidade. Na Linguística, o autor defende que as causativas implicam a interação de diferentes níveis linguísticos, como semântica, sintaxe e morfologia. A eles, atualmente podemos acrescentar a pragmática e o discurso.

Dessas constatações, surge a necessidade de analisar as causativas a partir da combinação dos variados níveis linguísticos, motivo pela qual recorreremos à Linguística Funcional e adotamos a perspectiva funcional-tipológica para tratar da questão, na linha de Givón (1983; 2001a, cap. 4), Kozinsky e Polinsky (1993) e Kemmer e Verhagen (1994). Gomes e Scandelari (no prelo) assim apresentam essa abordagem teórica:

O Funcionalismo abrange um conjunto de teorias voltadas a estudar a gramática a partir do uso, isto é, das funções comunicativas da linguagem, incluindo seus aspectos estruturais, porém não se restringindo a eles. [...]

Entre os pontos de interesse do Funcionalismo, todos inseridos na busca de melhor compreender a desafiadora interação entre forma e função, citamos: atos de fala, cognição, comunicação, *continuum*, diacronia e sincronia, enunciado e enunciação, gramaticalização, iconicidade, informatividade, intenção/escolha do falante, interação verbal, mudança e variação, papel semântico, relações gramaticais, plano discursivo, protótipo, significado, tópico e foco (tema e rema).

Nessa corrente teórica, as línguas não são concebidas como sistemas dissociados das sociedades que as utilizam. Pelo contrário, a função primordial da linguagem é social, é transmitir significado. As pressões do uso linguístico influenciam a forma gramatical, a qual passa a variar e acaba por se alterar, codificando assim a semântica e a pragmática.

Como, no Funcionalismo, o sistema linguístico não é considerado autônomo em relação a seus falantes, examinamos a interação entre as funções comunicativas, as relações gramaticais e os papéis semânticos (cf. Kozinsky e Polinsky, 1993). Mais do que isso, lidamos com a

pragmática, a semântica e a sintaxe em igualdade de valor, sem determinar *a priori* a primazia de um sobre outro, uma vez que o significado linguístico é entendido como produto da inter-relação entre esses níveis.

Associar essas variáveis a aspectos cognitivos também fornece evidências suplementares às análises. A título de exemplo, Kozinsky e Polinsky (1993, p. 182-183, tradução nossa³) delineiam tendências cognitivas e tipológicas que refletem situações reais, de conhecimento de mundo, rotinizadas nas línguas, para que os falantes possam conversar a respeito do estado de coisas. Segundo os autores, “é natural que agentes sejam móveis, animados e, na maioria das vezes, humanos, enquanto é típico de pacientes serem inertes e inanimados”.

Nesta seção, fazemos uma revisão bibliográfica sobre temas essenciais à análise do causado. Os principais pontos levantados são: tipos de causativas e processos de causativização; funções do morfema causativo; semelhanças entre construções não derivadas e causativas de transitivos; ordem de constituintes; restrições na formação da causativa; causado e causador nas causativas de transitivos; critérios ou propriedades para diferenciar o causado; propriedades semânticas; parâmetros pragmáticos; iconicidade; voz e valência; diacronia; e terminologia. Diante da variedade de temas, e com o objetivo de explicitar os pontos que norteiam a discussão subsequente, começamos por uma síntese das tendências teórico-tipológicas que foram identificadas na literatura. Por fim, oferecemos as considerações finais do capítulo, nas quais destacamos a universalidade da causatividade e sua importância na Linguística.

2.2. Tendências teórico-tipológicas

A seguir, apresentamos as análises recorrentes sobre as construções causativas e o participante causado na literatura teórica, as quais revelam não apenas propriedades formais e semântica típicas, mas também como as situações cotidianas são representadas e processadas na linguagem, com configurações habituais de participantes e suas interações (cf. Kemmer e Verhagen, 1994, p. 145). Nossa revisão bibliográfica indica as seguintes tendências e características tipológicas e cognitivas:

I) Formais

- a) Aumento da valência, ou transitivização, é característica da causativa;

³ *It is natural for agents to be mobile, animate, and most often human, while it is typical of patients to be inert and inanimate.*

- b) Causativas são construções transitivas;
- c) Aumento de valência gera pressão para recombina participantes na estrutura argumental;
- d) Antigo sujeito, na causativa de transitivo, tende a ser alterado;
- e) Causativa de transitivo segue os padrões formais e semânticos da construção ditransitiva, inclusive com a mesma valência;
- f) OI/dativo é uma relação gramatical relevante na causativa de transitivo;
- g) Causado de transitivo tende a ser expresso por marca dativa ou instrumental;
- h) Causado tende a ocupar a segunda posição, após o causador;
- i) Causado tende a ficar alto na hierarquia argumental nas situações de dupla marcação de acusativo (OD);
- j) Causado de transitivo pode conservar propriedades de sujeito;
- k) Omissão não indica menor grau argumental;
- l) Associação regular entre marcas de caso e papéis semânticos:
 - i. Acusativo tende a ser argumento nuclear, indicar ação direta e intencional do causador;
 - ii. Dativo tende a ser mais argumento, com algum grau de controle e volição do causado, mais integrado ao evento que o instrumental;
 - iii. Instrumental tende a ser menos argumento, indicar mais controle e volição do causado.

II) Semânticas

- a) Relação dos participantes entre si e com o evento causativo é fundamental na causativa;
- b) Causador, causado e paciente interagem diretamente em uma estrutura de evento conceitual;
- c) Causador prototípico é animado;
- d) Causado prototípico é animado ou experienciador;
- e) Causado tem propriedades semelhantes às do OI: animado, experienciador, com algum grau de controle, volição;
- f) Causado não é OD prototípico (paciente, sofre mudança de estado);
- g) Pacientes têm propriedades semelhantes às do OD;
- h) Agentes tendem a ser animados;
- i) Pacientes tendem a ser inanimados;
- j) Paciente não pode ser omitido;

- k) Verbos ingestivos estão entre os transitivos mais suscetíveis à causativização morfológica;
- l) Conhecimento cultural pode ser determinante para o sentido expresso nas construções com morfema causativo.

III) **Pragmáticas / cognitivas**

- a) Causado é previsto no esquema conversacional, por tendências cognitivas rotinizadas;
- b) Causado é informação compartilhada;
- c) Causado é tópico secundário, conforme natureza do discurso humano;
- d) Tópicos tendem a ser omitidos;
- e) Causador e causado têm afinidades comunicativas: tópico, animacidade;
- f) Paciente é informação nova (foco);
- g) Causado e paciente têm diferenças comunicativas;
- h) Interpretar causado como OD eleva a complexidade de processamento;
- i) Omitir paciente aumenta a complexidade de processamento.

IV) **Diacrônicas**

- a) Fontes diacrônicas semelhantes entre causativas morfológicas e verbos transitivos;
- b) Marca causativa relacionada aos verbos “dar”, “deixar” ou “fazer”;
- c) Gramaticalização do morfema causativo como aumentador de valência para além de construções causativas.

Ao analisar esses fatores em conjunto, notamos que o causado faz parte das rotinas cognitivas que os falantes acionam nos contextos de enunciados causativos, sendo previsto no esquema conversacional. Em conformidade com essa perspectiva, a literatura funcional-tipológica tende a tratar o causado como um participante mais argumental na construção causativa de verbo transitivo.

2.3. Terminologia teórico-tipológica

Nesta seção, listamos alguns dos termos empregados na literatura teórica, referentes principalmente ao estudo das causativas. A atenção ao tema é proveniente de duas questões principais: da necessidade de compreender os termos que os autores usam e da constatação de que a clareza terminológica está relacionada à qualidade da análise linguística, sobretudo em trabalhos tipológicos (cf. Scandelari e Gomes, 2023b).

A título de exemplo da dificuldade de criar definições gerais, Comrie e Keenan (1979, p. 650, tradução nossa⁴) não se propuseram a definir termos fundamentais para suas análises, como sujeito, objeto e oblíquo. Em vista disso, fornecem a seguinte justificativa:

Em particular, não fizemos nenhuma tentativa de especificar, em termos universais, o conteúdo de noções como Sujeito (SU), Objeto Direto (OD), Objeto Indireto (OI), Objeto Oblíquo (OBL), Genitivo (GEN) e Objeto de Comparação (OCOMP), ou de defender seus usos no âmbito da descrição linguística. Nós usamos essas noções no seu significado ingênuo, mais ou menos tradicional, assumindo que foram dadas antecipadamente pela teoria linguística.

Comrie e Keenan (1979, p. 650) acrescentam que suas generalizações são aplicáveis apenas a línguas nas quais as definições tradicionais são verdadeiras, de modo que constituintes não prototípicos, como um sujeito ou um objeto, podem não se adequar ao que a literatura teórica prevê.

O posicionamento dos autores revela a dificuldade de definir os rótulos e de empregá-los nos estudos linguísticos. Além disso, seria pouco factível definir todos os termos de um texto científico, o que teria a desvantagem adicional de desviar a atenção do tema principal. Em consequência, nos estudos tipológicos, a maioria dos pesquisadores acaba confiando nos usos feitos pelos linguistas que descrevem os dados. O problema dessa prática está no fato de os leitores não saberem claramente a definição ou a diferença entre alguns termos, a exemplo de “objeto oblíquo”, conforme apresentado adiante (§2.3.5).

Ao refletir sobre a questão, Comrie e Keenan (1979, p. 657-658) avaliam que problemas terminológicos e influências da gramática tradicional são difundidos e duradouros na Linguística. Para nós, esses desafios vêm se perpetuando até a atualidade. Assim, pretendemos também lançar luz sobre essa problemática terminológica, sem perder de vista que eventual variação terminológica também pode ser entendida como riqueza, por ser constituída e permeada pela diversidade de interpretações, propiciando o debate e a melhor compreensão dos fenômenos.

⁴ *In particular, we made no attempt to specify in universal terms the content of notions like Subject (SU), Direct Object (DO), Indirect Object (IO), Oblique Object (OBL), Genitive (GEN), and Object of Comparison (OCOMP), or to defend their use within linguistic description. We used these notions in their naïve, more or less traditional meaning, assuming them to be given in advance by linguistic theory.*

2.3.1. Causador, causado e paciente/afetado

Na linha de Comrie (1989), que trata o causado como papel semântico, Kozinsky e Polinsky (1993, p. 178, tradução nossa⁵) empregam os seguintes termos também como papéis semânticos: “causador”, definido como “agente da causação”; “causado”, definido como “agente da oração não causativa encaixada”; “paciente”; e “recipiente”.

Comrie (1989, p. 169, tradução nossa⁶) define o causado como “a entidade causada a fazer algo”. Kemmer e Verhagen (1994, p. 119, tradução nossa⁷) também interpretam o causador, o causado e o paciente (chamado de “afetado”) como papéis semânticos e afirmam que o causador é “a entidade vista como causadora de todo o evento”. Os autores adotam o termo “afetado” em vez de “paciente” e o definem como “a entidade que é o ponto final da energia (literal ou metafórica) despendida em todo o evento causativo”.

Kemmer e Verhagen (1994) informam que o causador e o causado são os participantes centrais nos eventos causativos, porém, em algumas situações, o paciente também seria central. A palavra “evento” remete tanto a ações quanto a processos e estados (cf. Kemmer e Verhagen, 1994, p. 117). Em nossa interpretação, o causador e o causado acabam atuando como macropapéis, podendo ser relacionados ou associados a papéis semânticos mais específicos, como agente, paciente, experienciador, beneficiário, recipiente, destinatário, entre outros.

Kozinsky e Polinsky (1993, p. 204, tradução nossa⁸) definem o paciente como “o participante que é trazido à existência, destruído ou, de outra maneira, significativamente alterado em uma determinada situação”. E concluem: “Assim, a mera existência do paciente é determinada por algum outro participante. Consequentemente, de todos os papéis semânticos, o paciente é aquele que tem menos controle sobre a situação”. Além de adotarmos essa definição, entendemos que um raciocínio análogo se aplica à definição prototípica do agente, o qual existirá se houver um paciente para ser alvo de sua ação.

⁵ [...] *causer (the agent of causation) and the causee (the agent of the embedded non-causative clause)*. Notamos que os autores definem “causado” a partir da sua função semântica no enunciado original, antes de ser usado na causativa.

⁶ [...] *causee (the entity caused to do something)* [...].

⁷ [...] *the entity viewed as causing the entire event. [...] The affectee [...] is the entity that is the endpoint of the energy (literal or metaphorical) expended in the entire causative event* [...].

⁸ *Patient can be described as the participant that is brought into existence, destroyed or otherwise significantly altered in a given situation. Thus, the patient's mere existence is determined by some other participant. Accordingly, of all the semantic roles, the patient is the one that has least control over the situation.*

2.3.2. Termos para a causativa

Kulikov (1993, p. 122) alerta que alguns trabalhos adotam o termo “transitivo” para se referir à causativa, tomando um termo pelo outro (cf. §2.5.2.1). De fato, na mesma publicação, identificamos que Comrie (1993, p. 318-319, tradução nossa⁹) parece tratar “transitivo” e “causativo” como sinônimos: “Primeiro, alguns verbos podem ser usados sem mudança nos padrões intransitivo e transitivo (causativo)”.

Dixon (2000, p. 38, tradução nossa¹⁰) usa os termos “ambitransitivo” e “*labile*” (lábil) para se referir a verbos que podem ser usados de forma intransitiva ou transitiva. Para fazer referência à causativa que ocorre em construção intransitiva “estendida”, Dixon (2000, p. 64, tradução nossa¹¹) emprega uma terminologia aparentemente contraditória, ao relacionar as noções de argumento, periferia e obrigatoriedade em uma só expressão: “um verbo intransitivo com argumento periférico obrigatório”.

Kulikov (2001, p. 887, tradução nossa¹²) lista variações de termos encontradas na literatura sobre construções causativas: “causativa-decausativa”, “voz-neutro”, “opcionalmente transitiva”, “ambitransitiva” e até “ergativa”.

Kulikov (1993, p. 121-122, tradução nossa¹³) adota a expressão “segunda causativa”, em oposição a “primeira causativa” ou “causativa primária”, para se referir ao verbo da construção causativa mais complexa do que outra causativa existente na mesma língua. A “primeira causativa” é a menos complexa da comparação, com menos predicados envolvidos. Outros termos usados são “causativa dupla” e “causativa tripla” ou “terceira causativa”, para diferenciá-la da segunda (Kulikov, 1993, p. 135, tradução nossa¹⁴).

Além dessas expressões, Kulikov (1993, p. 126, tradução nossa¹⁵) emprega “marcador causativo [semanticamente] ‘vazio’ ” e “ ‘causativas um e meio’ ”. Pela falta de semântica no segundo morfema causativo, que configura formalmente o aumento de causatividade, as “causativas um e meio” se situariam entre as chamadas “primeira” e “dupla” causativa. O autor também recorre a “factitivo” para denotar sentido causal.

⁹ *First, some verbs can be used without change in both intransitive and transitive (causative) patterns [...].*

¹⁰ *[...] ambitransitive (or ‘labile’) verbs [...].*

¹¹ *[...] an intransitive with an obligatory peripheral argument [...].*

¹² *[...] causative-decausative [...], voice-neutral [...], optionally transitive [...], ambitransitive [...] ergative [...].*

¹³ *second causative [...] first (primary) causative [...] double and triple causatives [...] factitive.*

¹⁴ *third causative.*

¹⁵ *‘Empty’ causative markers and ‘one-and-a-half causatives’.*

Nedyalkov e Silnitsky (1973, p. 10, tradução nossa¹⁶) já haviam registrado o uso de causação “factitiva”, a qual se distingue da “permissiva” de acordo com a origem da causação:

Com respeito à causação factitiva, a única fonte ou fonte primária de mudanças no plano referencial é o sujeito causador [...]. Na causação permissiva, a fonte primária dessas mudanças é o sujeito causado [...], e o papel do sujeito causador [...] é reduzido a permitir ou obstruir as *mudanças* [...].

Kozinsky e Polinsky (1993, p. 183, tradução nossa¹⁷) usam as expressões “construção biacusativa” e “causativa biacusativa” para se referir a sentenças em que o causado e o paciente em causativas de verbos transitivos apresentam marcações iguais, do caso acusativo.

Para fazer referência aos dois nominais com marcação de O na construção causativa, Dixon (2000, p. 50, tradução nossa¹⁸) adota as expressões “O pleno” e “segundo objeto”. A nosso ver, essa terminologia demonstra análise escalar entre argumentos mais e menos centrais.

Em enunciados como “*Peter* (causador) *fez John* (causado₂) *fazer Bill* (causado₁) *sair*”, Kulikov (1993, p. 142, tradução nossa¹⁹) trata o causado como “objeto de causação” do “predicado superior” (causado₂) e “agente/ator imediato do evento causado” (causado₁). O “causado₂” é analisado como objeto da primeira causativa e causador do “causado₁”.

2.3.3. Termos semânticos

Kulikov (2001, p. 892, tradução nossa²⁰) elenca mais termos empregados na literatura para tratar das causativas, mas agora voltados à semântica. O par relativo à causação direta vs. indireta é referido pelos seguintes termos: “manipulativa vs. diretiva”, “contato vs. distante” e “imediata vs. mediada”. Conforme o autor, todos esses pares podem ser diferenciados pelo controle do causador ou do causado. A causativa indireta também é chamada de “curativa”, no sentido de solicitar a alguém que realize o evento causado. A “não permissiva” é tratada como “coerciva” ou “factitiva” (termo pouco aceito, mas não raro). A assistiva, por sua vez, pode ser denominada “cooperativa”.

¹⁶ *With respect to factitive causation, the only or primary source of changes on the referential plane is the causing subject (r_i) [...]. In permissive causation the primary source of these changes is the caused subject (r_j), and the role of the causing subject (r_i) is reduced to permitting or obstructing the changes [...].*

¹⁷ *biaccusative constructions [...]. biaccusative causative.*

¹⁸ *full O e second object.*

¹⁹ *[...] object of causation [...] uppermost predicate [...] immediate agent/actor of the caused event [...] Peter (causer) caused John (causee₂) to cause Bill (causee₁) to leave.*

²⁰ *[...] manipulative vs. directive causation, contact vs. distant and immediate vs. mediated causation. [...] curative meaning ('ask someone to bring about P_2 ') [...]. The non-permissive causative (causative proper) can be termed coercive. [...] factitive [...]. cooperative [...].*

Nedyalkov e Silnitsky (1973, p. 18) usam a expressão “causativa comitativa” para se referir à situação em que o causador participa da ação juntamente com o causado. Shibatani e Pardeshi (2002), por sua vez, usam “causativa sociativa” para expressar o mesmo sentido. Nas línguas indígenas brasileiras, essa noção é denominada “causativa comitativa” (cf. Rodrigues, 1947).

Para tratar da distinção entre causativa permissiva e não permissiva, Comrie (1989, p. 171, tradução nossa²¹) diferencia a “causativa verdadeira”, em que o causador pode provocar o efeito, e a permissiva, na qual o causador pode impedir o efeito. Consideramos que a adoção do termo “verdadeira” implica o pressuposto de que existiria uma construção falsa, o que não nos parece válido.

2.3.4. Anticausativa e causativa de passiva

Passando a outros processos linguísticos, Nedyalkov e Silnitsky (1973) empregam “anticausativa” para indicar que a contraparte não causativa tem mais material linguístico do que a causativa, de modo que a direção da derivação é oposta ao esperado.

Nessa mesma linha, Kulikov (2001, p. 888, tradução nossa²²) define a “anticausativa” como o “membro não causativo da oposição [...] naquelas situações em que a não causativa é morfologicamente mais complexa do que a causativa”. Ao tratar do tema, o autor acaba por confirmar a imprecisão terminológica que permeia os estudos linguísticos, visto que algumas expressões usadas para nomear as anticausativas se referem a fenômenos distintos: “outros termos usados (quase) no mesmo sentido são *decausativo*, *incoativo*, *intransitivo (puro)*, *média*, *pseudopassiva*, *eventivo*, *fientivo*”.

Comrie (1985, p. 325, tradução nossa²³) adota o termo “anticausativa” para construções nas quais se deriva um verbo intransitivo de um transitivo, denotando situações que acontecem espontaneamente e em que não há um agente no evento. Isso é o que ocorre, por exemplo, no enunciado “A porta se abriu”. Em nossa interpretação, essa descrição se assemelha a definições da voz média, cujo caráter espontâneo é frequentemente mencionado.

Comrie (1985, p. 339, tradução nossa²⁴) usa a expressão “causativas de passivas” para se referir a enunciados como “Paul fez as maçãs serem comidas por Pierre”.

²¹ [...] *true causative* [...].

²² [...] *non-causative member of the opposition [...] in those instances where the non-causative is morphologically more complex than the causative [...]* decausative, inchoative, (pure) intransitive, middle, pseudo-passive, eventive, fientive, etc.

²³ [...] *anticausative* [...] *The door opened* [...].

²⁴ [...] *causatives of passives (i.e. 'Paul caused the apples to be eaten by Pierre')* [...].

2.3.5. “Oblíquo”

Para Comrie (1985, p. 313, tradução nossa²⁵), o sintagma instrumental pode ser considerado um “argumento periférico do verbo”, em oposição ao OD, que seria um “argumento mais estreitamente ligado ao verbo”. Enquanto esta última definição parece se vincular à distinção clássica entre OD e OI, a qual aparenta ser insuficiente, aquela não deixa claro se o instrumental é um argumento, um adjunto ou um constituinte intermediário entre o argumento e o adjunto. A propósito, para se referir às funções de OI e “objeto oblíquo” (OObl), Comrie (1985, p. 337, tradução nossa²⁶) fala em “não objeto direto”. Comrie (1989, p. 177) volta a empregar este termo.

Ao associar o oblíquo à marca adposicional, na frase “objeto oblíquo (preposicional)”, entendemos que Comrie (1985, p. 313, tradução nossa²⁷) trata “oblíquo” como codificação. A expressão “objeto oblíquo”, todavia, não nos parece transparente. É possível questionar por que o objeto oblíquo não é chamado de “objeto indireto”. Comrie (1989, p. 179) viria a reconhecer que trata “objeto oblíquo” inadequadamente como uma classe indiferenciada, mas não fornece definição mais precisa para essa classe.

Kulikov (1993, p. 144) interpreta “objeto oblíquo” como argumento. Como a expressão é recorrente na literatura, é possível supor que, com o tempo, a palavra “objeto” foi sendo eliminada, tendo permanecido apenas “oblíquo”, o que pode ter ofuscado a perspectiva argumental.

Kemmer e Verhagen (1994, p. 134) empregam “oblíquo” como hiperônimo de dativo e instrumental, em oposição a acusativo (OD).²⁸

Em perspectiva teórica distinta de Comrie (1985, 1989) e Kulikov (1993), Kozinsky e Polinsky (1993, p. 181, tradução nossa²⁹) entendem o oblíquo como “não termo”, segundo a visão de que não seria uma relação gramatical:

Assim, objetos indiretos, mesmo que difiram dos primários [sujeito e objeto direto], mas não difiram dos não termos (oblíquos), podem ser tratados como termos. Assumimos que, se duas categorias de nominais não são diferenciadas em uma língua, então elas têm a mesma relação gramatical nessa língua.

²⁵ [...] *peripheral argument of the verb (e.g. an instrument phrase)* [...] *argument more closely bound to the verb (a direct object)* [...].

²⁶ [...] *non-direct object, either as an indirect object or as an oblique object* [...].

²⁷ [...] *oblique (prepositional) object* [...].

²⁸ [...] *accusative vs. oblique (viz. dative or instrumental)*.

²⁹ *Thus, indirect objects, even if they differ from primaries but do not differ from non-terms (obliques), can be treated as terms. We assume that if two categories of nominals are not distinguished in a given language, then they bear the same grammatical relation in this language.*

Em consequência, nas línguas em que o OI e o oblíquo apresentam comportamentos semelhantes, os pesquisadores os tratam como “não termos”. Contudo, se a mesma língua tiver causados hierarquicamente distintos, serão analisados diferentemente. Por exemplo, Kozinsky e Polinsky (1993, p. 221) mostram que, em Holandês, o causado não marcado difere do causado preposicionado, sendo aquele mais próximo do OI, e este, do não termo.

Quanto a Dixon (2000, p. 35, tradução nossa³⁰), embora trate a “função oblíqua” como elemento marcado por adposição, não considera que o OI seja um oblíquo. O OI geralmente recebe marca dativa ou adposição, porém continua sendo um argumento na análise do autor. Dixon (2000, p. 48, tradução nossa³¹) usa a expressão “argumento não nuclear” em suas análises, dando a entender que os argumentos se distribuem em uma escalaridade de mais e menos nucleares.

Considerando o exemplo da língua Abaza (cf. §2.5.2) fornecido por Dixon (2000), em que o predicado pode ser marcado por quatro argumentos na construção causativa de ditransitivo, parece que, como todos têm vaga morfológica no verbo, todos são mais facilmente aceitos como argumentos pelos linguistas, independentemente de suas marcas individuais.

A compreensão do “oblíquo” importa ao estudo da causativa porque, diferentemente da língua Abaza, o causado pode não encontrar vaga morfológica no verbo, sendo marcado por adposições ou casos que não expressam claramente sua função sintática. Em situações como essa, a afirmação de que o causado atua como oblíquo pouco nos diz sobre a estrutura sintática da construção, uma vez que a interpretação do que é um oblíquo varia entre os linguistas. Aikhenvald (2003, p.163, tradução nossa³²), por exemplo, ao analisar o comportamento dos constituintes oblíquos no Tariana (Arawak), constata que “a fronteira entre os casos nucleares e oblíquos não é estanque” (cf. Apêndice 4).

O emprego de “oblíquo” está associado a um amplo espectro de funções sintáticas, indo desde os argumentos nucleares ao mais periférico dos adjuntos (cf. §2.6.1). O uso argumental parece ter evoluído também para substituir o “objeto indireto”, um termo com traço mais claro de argumento, cujo uso, porém, passou a ser evitado por autores que buscavam maior precisão terminológica e descritiva (cf. §2.6.1 e §2.4).

Em consequência, cria-se um problema para a compreensão da transitividade e da valência nas causativas de transitivos. Além da complexidade do fenômeno em si, a dificuldade de analisar o causado passa também pela terminologia linguística e expõe a necessidade de

³⁰ [...] *oblique function (marked by preposition à)* [...].

³¹ [...] *non-core argument*.

³² [...] *the boundary between core and oblique cases is not watertight* [...].

uniformização dos termos nos trabalhos tipológicos. Para uma análise mais detida sobre a relação entre questões terminológicas e análise linguística em línguas indígenas brasileiras, incluindo a problemática do termo “oblíquo”, conferir Scandelari e Gomes (2023b).

2.4. Dativo

Conforme se depreende da literatura teórica, a marca dativa aparece regularmente na causativa de transitivo, em línguas não relacionadas, de diferentes regiões do mundo. Como qualquer manifestação recorrente, esse padrão deve ser examinado para avaliar o *status* sintático do causado. Diante dessa questão, realizamos uma breve investigação sobre o dativo em dicionários de Linguística, buscando compreender onde o “dativo” costuma se situar na escala entre argumentos e adjuntos. O resultado confirma a noção geral de que o dativo é o caso associado ao OI, o qual possui traços mais argumentais.

2.4.1. Definições do caso dativo

Dubois *et al.* (2002, p. 130, tradução nossa³³) associam o dativo a uma construção com as seguintes especificidades: deve ser marcada por preposição, ter sentido atributivo e ser parte de um sintagma verbal (SV) que já contenha um sintagma nominal (SN) atuando como OD. Os autores exemplificam a construção com o verbo “dar”: “Pierre dá uma maçã ao seu irmão”. Além disso, afirmam que o dativo “indica em favor de quem um ato é praticado” (*ibidem*, p. 58) e o chamam de “complemento preposicional” (*ibidem*, p. 65). Embora não façam essa relação explicitamente, a descrição, o exemplo e a semântica coincidem com as características do OI.

Vachek (2003, p. 92, tradução nossa³⁴) estabelece distinção entre dois grupos. De um lado, situa o nominativo e o acusativo, de outro, o instrumental e o dativo. A partir dessa divisão, afirma que aqueles são “casos completos” e que estes são casos periféricos. O autor não fornece explicações adicionais para essas designações além de informar que se baseia na “correlação de posição” (*ibidem*, p. 68).

Bussmann (2006, p. 273, tradução nossa³⁵), por sua vez, assim define o dativo:

³³ *Pierre donne une pomme à son frère. [...] datif, qui indique en faveur de qui un acte est accompli [...] complément prépositionnel (datif) [...].*

³⁴ *[...] full cases [...]. correlation of position [...].*

³⁵ *Morphological case which generally serves to indicate indirect objects. Depending on whether or not a verb requires the dative case, one can distinguish between obligatory datives in the function of indirect objects in the narrower sense, whose deletion can be analyzed as ellipsis (Who's treating [us to lunch]?), and the so-called free datives. [...] ethical dative [...], possessive dative [...], dative of interest [...], dativus iudicantis [...].*

Caso morfológico que geralmente serve para indicar objetos indiretos. Dependendo se um verbo requer ou não o caso dativo, pode-se distinguir entre dativos obrigatórios na função de objetos indiretos, no sentido mais estrito, cuja exclusão pode ser analisada como elipse (*Quem está convidando [nos para almoçar]?*), e os chamados dativos livres [ético, possessivo, de interesse, de ponto de vista].

Mais explicitamente, Bussmann (2006, p. 553, tradução nossa³⁶) avalia que o caso dativo é o OI marcado por meio da morfologia:

A forma mais comum de expressar morfológicamente o objeto indireto é através do caso dativo [...]. Em algumas línguas [...], a função do dativo é assumida por uma preposição [...]. Em contraste com um objeto direto, o objeto indireto em muitas línguas [...] não pode ocorrer como sujeito em construções passivas.

A autora também esclarece por que o termo “objeto indireto” é pouco empregado na literatura linguística:

Como os critérios formais e semânticos para objetos indiretos são mais diversos e heterogêneos do que aqueles para sujeitos e objetos diretos, a utilidade desse termo tem sido questionada, tanto no que diz respeito a uma língua específica (Ziv e Sheintuch, 1979), quanto na gramática universal (Faltz, 1978) (Bussmann, 2006, p. 553, tradução nossa³⁷).

A nosso ver, as diferentes opiniões sobre o OI podem ter levado os linguistas a evitar o uso do termo, substituindo-o por “dativo” ou “oblíquo”.

Matthews (2007, p. 170, tradução nossa³⁸) defende que o dativo é o recipiente ou o destinatário: “caso cuja função básica, ou uma de suas funções básicas, é distinguir o recipiente de algo dado, transferido, etc.”. O autor fornece exemplo com o verbo “dar” e define o recipiente com um papel semântico que indica quem recebe algo.

³⁶ *The most common way to express the indirect object morphologically is through the dative case [...]. In some languages [...] the function of the dative is taken over by a preposition [...]. In contrast to a direct object, the indirect object in many languages [...] cannot occur as the subject in passive constructions [...].*

³⁷ *Since the formal and semantic criteria for indirect objects are more diverse and heterogeneous than those for subjects and direct objects, the usefulness of this term has been questioned, both in regard to a specific language (Ziv and Sheintuch 1979) as well as for universal grammar (Faltz 1978).*

³⁸ *Case whose basic role, or one of whose basic roles, is to distinguish the recipient of something given, transferred, etc.*

Pei e Gaynor (2007, p. 44, tradução nossa³⁹) definem o dativo no âmbito das línguas indo-europeias e concluem que ele equivale ao OI: “Nas línguas indo-europeias, aquele caso em que um substantivo, pronome, adjetivo ou numeral é usado quando é o objeto indireto da sentença”. Por seu turno, o OI é visto como recipiente, destinatário ou beneficiário de uma ação: “o substantivo que denota a pessoa ou objeto *para, em direção* ou *para quem* ou o qual ocorre a ação expressa pela sentença” (*ibidem*, p. 86).

Crystal (2008, p. 129, tradução nossa⁴⁰) avalia que o dativo costuma indicar o OI, fazendo a ressalva de que nem todas as línguas utilizam esse caso igualmente:

O caso dativo (‘o dativo’) tipicamente expressa uma relação de objeto indireto, ou uma gama de significados similares àqueles cobertos por *to* ou *for* em Inglês: mas há uma grande variação entre as línguas no modo como esse caso é usado. [...] O termo recebe *status* especial na gramática de casos, na qual se refere ao caso do animado sendo afetado pelo estado ou ação do verbo (mais tarde, experienciador). Uma alternativa frequentemente usada é recipiente.

Em relação ao experienciador, Crystal (2008, p. 179, tradução nossa⁴¹) observa que, “em versões posteriores da gramática de casos, substituiu o termo dativo”. Quanto ao recipiente, afirma: “É tipicamente o papel do objeto indireto, mas outros elementos podem atuar como recipientes — como o sujeito em sentenças como *João teve uma visão*” (Crystal, 2008, p. 404, tradução nossa⁴²).

Brown e Miller (2013, p. 120, tradução nossa⁴³) definem o dativo como a “marcação de caso sinalizando um recipiente” e exemplificam com o verbo “dar”. Assim como os demais pesquisadores, na descrição do recipiente, Brown e Miller (2013, p. 372, tradução nossa⁴⁴) recorrem a exemplos de verbos ditransitivos e marcas dativas: “Um papel tipicamente atribuído a seres animados que recebem algo de alguém, como em *Frank deu um piano para Jane*”.

³⁹ In Indo-European languages, that case form in which a noun, pronoun, adjective or numeral is used when it is the indirect object [...] of the sentence. [...] The substantive denoting the person or object to, toward or for whom or which the action expressed by the sentence takes place.

⁴⁰ The dative case (‘the dative’) typically expresses an indirect object relationship, or a range of meaning similar to that covered by *to* or *for* in English: but there is a great deal of variation between languages in the way this case is used. [...] The term is given special status in case grammar, where it refers to the case of the animate being affected by the verb’s state or action (later, experiencer). A frequently used alternative is recipient.

⁴¹ In later versions of case grammar, it replaced the term dative.

⁴² It is typically the role of the indirect object, but other elements may act as recipient – such as the subject in such sentences as *John has seen a vision*.

⁴³ Case marking signalling a recipient.

⁴⁴ A role typically assigned to animate beings who receive something from someone, as in *Frank gave a piano to Jane*.

2.4.2. Síntese do dativo

A partir dessas definições, notamos que o dativo é frequentemente interpretado como OI. Quando sua função sintática não é especificada, os autores afirmam que ele assume os papéis de recipiente, destinatário, benefactivo ou atributivo, mas a maioria o trata como recipiente. Todos esses rótulos também costumam ser relacionados à função de OI.⁴⁵

Hopper e Thompson (1980, p. 260, tradução nossa⁴⁶) já haviam verificado correspondência diacrônica entre o caso dativo e a função argumental de objeto. Segundo afirmam, “é relevante notar que, como apontado por Comrie (MS [manuscrito]) e Givón (1976), um morfema dativo é frequentemente reanalisado como um marcador de O definido e/ou animado”.

Em resumo, é possível concluir que o dativo tende a ser o caso do recipiente de verbos como “dar”. Dixon (2000, p. 52, tradução nossa⁴⁷) elabora uma definição semelhante a essa, porém referente ao OI. Para o autor, “em uma oração ditransitiva, o objeto indireto (p.ex., o recipiente em uma atividade de “dar”) é marcado pela preposição dativa *marang* [em Javanês, língua malaio-polinésia]”. E Haspelmath (2009, p. 513, tradução nossa⁴⁸) corrobora essa visão: “O termo **dativo** para o caso do objeto indireto (isto é, o argumento recipiente que é marcado de forma diferente do transitivo P [argumento mais paciente da oração transitiva] [...]) não apresenta dificuldades [em relação à terminologia]”.

Por fim, os exemplos fornecidos em nossa pesquisa revelam que o dativo é quase sempre associado a verbos de três argumentos. Se considerarmos a semelhança entre as construções ditransitivas e as causativas de transitivos, apontada na literatura (cf. Kozinsky e Polinsky, 1993; Kemmer e Verhagen, 1994; Dixon, 2000), essa característica básica do dativo pode ser relevante para sua recorrência na causativa. Além disso, talvez seja uma evidência de que as causativas são formadas a partir de estruturas mais simples da língua, na linha do que propõem Kemmer e Verhagen (1994).

⁴⁵ Em consulta a algumas gramáticas do Português, verificamos que os autores confirmam a visão de que o dativo é interpretado como OI (cf. Said Ali, 2008 [1908]; Macambira, 1987; Bechara, 2010; Rocha Lima, 2011; Castilho, 2016). Macambira (1987, p. 246) chega a afirmar o seguinte: “dativo e objeto indireto são ideias inseparáveis”.

⁴⁶ *It is also relevant to note that, as pointed out by Comrie (MS) and Givón 1976, a dative morpheme is often re-analysed as a marker of definite and/or animate O's.*

⁴⁷ *In Javanese [...] In a ditransitive clause the indirect object (e.g. the recipient in an activity of giving) is marked by the dative preposition marang.*

⁴⁸ *The term **dative** for the case of the indirect object (i.e. the recipient argument that is marked differently from the monotransitive P [...]) presents no difficulties.*

2.5. Mecanismos causativos formais

2.5.1. Questões gerais

2.5.1.1. Definições

Entre as inúmeras pesquisas realizadas sobre as causativas, Nedyalkov e Silnitsky (1973) exploram um pouco mais a visão clássica sobre a existência de dois eventos dependentes. Para os autores, o fenômeno é formado a partir de microssituações, uma causal e outra consequente, que se combinam e constituem uma macrossituação causativa.

Comrie (1989, p. 165-166, adaptação e tradução nossas⁴⁹) retoma essa interpretação e defende que, na macrossituação, a expressão da causa tende a ser simplificada, com perda de informações sobre a causa. Por exemplo, na macrossituação “John me fez chegar atrasado”, não fica claro o que John fez para isso acontecer, diferentemente do que ocorre na expressão de microssituações separadas: “Encontrei John no caminho para o trabalho; ele me parou para conversar sobre um problema sério; como resultado, estou atrasado para uma reunião”. Nessa perspectiva, a causa pode ser expressa de diferentes formas nas línguas, inclusive em orações coordenadas e subordinadas, as quais não são objeto desta pesquisa.

Kemmer e Verhagen (1994, p. 119, tradução nossa⁵⁰), por sua vez, trabalham com a seguinte definição de causativa: “estruturas analisáveis com um predicado causal conceitualmente dependente”. E esclarecem que esse predicado causal não indica necessariamente papéis semânticos específicos, podendo expressar apenas noções básicas. Os pesquisadores observam, porém, que existem papéis semânticos envolvidos na construção, como causador, causado e paciente.

Dixon (2000, p. 30, tradução nossa⁵¹) evoca a noção recorrente de que a causativa é uma construção que envolve dois eventos, um de causa e outro de resultado, mas adverte que adota interpretação diferente:

uma construção causativa envolve a especificação de um argumento adicional, um causador, em uma oração básica. Um causador se refere a alguém ou algo (que pode ser um evento ou estado) que inicia ou controla a atividade. Essa é a propriedade definidora da função sintático-semântica A (sujeito transitivo).

⁴⁹ Macrossituação: *John caused me to be late*. Microssituações: *the bus fails to turn up; as a result, I am late for a meeting*.

⁵⁰ [...] *analyzable structures with a conceptually dependent causal predicate*.

⁵¹ [...] *a causative construction involves the specification of an additional argument, a causer, onto a basic clause. A causer refers to someone or something (which can be an event or state) that initiates or controls the activity. This is the defining property of the syntactic-semantic function A (transitive subject)*.

Essa concepção não se concentra nos eventos da causativa, mas em seus argumentos, revelando o aumento de valência. Ademais, o autor atribui caráter sintático-semântico ao causador, igualando-o ao sujeito de verbo transitivo. Para Dixon (2000, p. 33, tradução nossa⁵²), a inclusão do argumento A é tão marcante que permite a identificação das causativas translinguisticamente:

Não é suficiente, ao escrever a gramática de uma língua, apenas dizer que ela tem uma construção causativa. Todas as construções causativas têm em comum a adição de um argumento A (o causador) a uma oração subjacente, e isso fornece o critério semântico/sintático básico para reconhecer uma construção causativa em uma determinada língua.

Apesar dessa semelhança tipológica (a qual não validamos nos resultados da pesquisa, conforme §4, pois o causador nem sempre é um argumento A), o pesquisador alerta que as línguas diferem muito na sintaxe e na semântica causativas e menciona a possibilidade de haver restrições, como a exigência de o causado ser apenas animado ou inanimado, estar no controle da atividade, ou de o causador agir diretamente. Recordamos que essas diferenças translinguísticas estão entre as principais motivações da presente pesquisa nas línguas indígenas aqui investigadas.

Em interpretação restrita do fenômeno, Dixon (2000, p. 32) defende que a causativa prototípica deve envolver um processo morfológico, um verbo com sentido exclusivamente causativo ou um par lexical. Assim, verbos ou construções que tenham mais de um significado, diverso do causativo, não fazem parte dessa interpretação, a exemplo do Inglês *order*, que apresenta diferentes traduções ('mandar', 'encomendar', 'pedido', 'ordem'), podendo ter semântica causativa ou se referir a um ato de fala. O verbo *make* 'fazer', ao contrário, expressa somente o sentido causativo.

Kulikov (2001, p. 886, tradução nossa⁵³), por sua vez, define as causativas da seguinte maneira:

Causativas podem ser definidas como verbos que se referem a uma situação causativa, isto é, a uma relação causal entre dois eventos, um dos quais (P2) é considerado pelo falante como sendo causado por outro (P1) [...]. Em outras

⁵² *It is not sufficient, when writing the grammar of a language, just to say that it has a causative construction. All causative constructions have in common the addition of an A argument (the causer) to an underlying clause and this provides the basic semantic/syntactic criterion for recognizing a causative construction in a given language.*

⁵³ *Causatives can be defined as verbs which refer to a causative situation, that is, to a causal relation between two events, one of which (P2) is believed by the speaker to be caused by another (P1) [...]. In other words, a causative is a verb or verbal construction meaning 'cause to V_o', 'make V_o', where V_o stands for the embedded base verb.*

palavras, uma causativa é um verbo ou construção verbal que significa ‘causar a V_o’, ‘fazer V_o’, em que V_o representa o verbo base encaixado.

Apesar de a afirmação inicial se restringir aos verbos, o autor acaba por incluir estruturas maiores em sua definição. Percebe-se, assim, que essa concepção é mais ampla do que a de Dixon (2000), pois se refere a todas as situações causais. Kulikov (2001, p. 888, tradução nossa⁵⁴) reconhece que adota um posicionamento abrangente: “nas descrições gramaticais de línguas individuais, o termo *causativa* é empregado com frequência em um sentido mais restrito”. E avalia que essa visão limita o fenômeno às causativas morfológicas e sintáticas:

Por *causativas stricto sensu*, tipicamente se entendem apenas aqueles verbos que (i) se mantêm em oposição regular, tanto formal quanto semanticamente, às correspondentes não causativas dentro do sistema verbal de uma dada língua; (ii) são formalmente mais complexos do que suas contrapartes não causativas; e (iii) representam uma formação mais ou menos produtiva.

Assim, apenas causativas morfológicas (cf. Turco *öl-dür-* ‘matar’) e sintáticas (cf. *make go* [‘fazer ir’]) se qualificam como *causativas stricto sensu*, enquanto causativas lexicais (*kill, open* [‘matar, abrir’]), bem como verbos que são morfológicamente mais simples do que os correspondentes não causativos (anticausativas, cf. Russo *lomat’ – lomat’-sja*) e CCs [construções causativas] não fusionadas (*cause to go* [‘causar a ir’]), não [se qualificam].

Kulikov (2001, p. 888, tradução nossa⁵⁵) justifica seu uso do termo em sentido amplo por entender que “essa convenção terminológica parece ser bastante inconsistente e confusa”. De fato, se seguirmos a convenção para analisar a causativa sintática do Português, por exemplo, que se forma com duas sentenças (similar ao exemplo *cause to go*, do Inglês), não considerariamos a existência de causativas *stricto sensu* em nossa língua, apesar de serem construções produtivas entre nós.

⁵⁴ [...] in grammatical descriptions of individual languages the term *causative* is more often employed in a narrower sense. By *causatives sensu stricto* one typically means only those verbs which (i) stand in regular opposition both formally and semantically to the corresponding non-causatives within the verbal system of a given language, (ii) are formally more complex than their non-causative counterparts, and (iii) represent a more or less productive formation.

Thus, only morphological (cf. Turkish *öl-dür-* ‘kill’) and syntactic (cf. *make go*) causatives qualify as *causatives sensu stricto*, while lexical causatives (*kill, open*), as well as verbs which are morphologically simpler than the corresponding non-causatives (anticausatives, cf. Russian *lomat’ – lomat’-sja*) and non-fused CCs (*cause to go*) do not.

⁵⁵ [...] this terminological convention appears to be quite inconsistent and confusing.

Observando a definição de causativa sintática de Kulikov (2001, p. 886, tradução nossa⁵⁶), verificamos que uma diferença entre a causativa morfológica e a sintática abrange a distinção morfológica entre forma presa (afixo) e forma livre (verbo): “Em causativas sintáticas (outros termos: *causativas perifrásticas ou analíticas*), o morfema causativo é uma forma livre, tipicamente um verbo significando ‘causar’, ‘fazer’, ‘deixar’, ‘dar’, etc.”.

Comrie (1985, p. 331, tradução nossa⁵⁷) assim define a causativa sintática (ou analítica) e a morfológica (ou sintética):

Por construção causativa analítica, queremos dizer aquela que usa recursos sintáticos regulares da língua para formar sentenças complexas a partir de sentenças simples, sem fundir os predicados dessas sentenças simples [...]. Uma causativa morfológica significa que o predicado de *s* passa por algum processo derivacional a fim de expressar causatividade, não havendo predicado de causação exposto separadamente [...].

Além de fazer a distinção entre um e mais predicados para identificar as diferentes causativas, o autor constata que a produtividade é outra característica distintiva relevante. Em geral, a causativa sintática seria produtiva, a morfológica variaria de acordo com a língua, e a lexical não seria produtiva. Nedyalkov e Silnitsky (1973, p. 7, tradução nossa⁵⁸) haviam identificado relação parecida: “Causativas formadas por um meio regular e produtivo serão chamadas de *morfológicas*. Causativas *lexicais* são aquelas formados por um meio não produtivo”.

Shibatani e Pardeshi (2002, p. 103, tradução nossa⁵⁹) entendem a causativa sintática como um evento com verbo independente: “quando um significado causativo é exposto por um elemento verbal independente, podemos identificar a construção como sintática, analítica ou perifrástica”. Esclarecemos que a distinção entre causativa sintática, analítica e perifrástica varia na literatura.

Comrie (1985, p. 331), por exemplo, adota o termo “analítica” para as situações em que não há fusão de predicados. Dixon (2000, p. 35) usa o termo “perifrástica” nesses mesmos

⁵⁶ In syntactic causatives (other terms: periphrastic, or analytic, causatives) the causative morpheme is a free form, typically a verb meaning ‘cause’, ‘make’, ‘let’, ‘give’, etc.

⁵⁷ By an analytic causative construction, we mean one that uses regular syntactic devices of the language for forming complex sentences out of simplex sentences without fusing together the predicates of those simplex sentences [...]. A morphological causative means that the predicate of *s* undergoes some derivational process in order to express causativity, there being no separately expressed predicate of causation [...].

⁵⁸ Causatives formed by a regular and productive means will be called morphological. Lexical causatives are such as are formed by a non-productive means.

⁵⁹ When a causative meaning is expressed by an independent verbal element, we may identify the construction as syntactic, analytic, or periphrastic.

contextos, que não formam locução verbal. Há ainda autores que não fazem distinção terminológica e acabam por empregar os termos como sinônimos.

As construções com fusão de predicados também são referidas na literatura como mono-oracionais, no sentido de que seus verbos formam uma unidade sintática, em oposição às bi-oracionais, nas quais os verbos atuam como elementos separados:

Do ponto de vista da codificação verbal, há dois tipos de construções causativas: morfológicas (ou sintéticas) e sintáticas (também descritas como analíticas ou perifrásticas). Causativas morfológicas são sintaticamente mono-oracionais, ou seja, o verbo causativo e o verbo encaixado funcionam como uma única unidade sintática. Causativas perifrásticas podem ser sintaticamente tanto mono-oracionais quanto bi-oracionais; no último caso, o verbo causativo e o verbo encaixado funcionam como duas unidades sintáticas separadas. Nossa análise é limitada a causativas mono-oracionais (Kozinsky; Polinsky, 1993, p. 178, tradução nossa⁶⁰).

Entre os critérios elencados para avaliar se há fusão, está a impossibilidade de separar os predicados por elementos com escopo oracional e a posição da negação em relação aos predicados (cf. Kozinsky e Polinsky, 1993, p. 184-185, 208-209).

Kulikov (2001) constata que, para muitos autores, as causativas sintáticas precisariam representar unidades coesas, mono-oracionais, em oposição às bi-oracionais. Nessa linha, Kulikov (2001, p. 889, tradução nossa⁶¹) também concentra suas análises na construção causativa mono-oracional, considerando que “uma estrutura causativa resulta da fusão de uma matriz e um predicado encaixado”, produzindo, assim, uma só oração derivada. O pesquisador, todavia, faz a ressalva de que a divisão entre mono-oracional e bi-oracional não é clara nem dicotômica, mas sim escalar, em termos de graus de fusão.

Para nós, essa perspectiva escalar revela que ambas podem ser consideradas causativas, porém com maior ou menor fusão estrutural. Assim, além de a divisão não ser categórica, acaba por desconsiderar o aspecto funcional da causativização, que é a inclusão de um participante no enunciado com a finalidade de transmitir um sentido causativo. Por exemplo, podemos argumentar que, no Português, o verbo inserido é a codificação da causa, assim como, na morfológica, o afixo faz essa marcação e, na lexical, é uma palavra. Mesmo na causativa

⁶⁰ From the viewpoint of verb coding, there are two types of causative constructions: morphological (or synthetic) and syntactic (also described as analytic or periphrastic). Morphological causatives are syntactically monoclausal, i.e. the causative verb and the embedded verb function as a single syntactic unit. Periphrastic causatives can be either syntactically monoclausal or biclausal; in the latter case, the causative verb and the embedded verb function as two separate syntactic units. Our analysis is confined to monoclausal causatives.

⁶¹ [...] *a causative structure results from a fusion of a matrix and an embedded predicate* [...].

sintática bi-oracional, existe um novo participante agindo sobre os demais e tornando os participantes e o evento conceitualmente dependentes entre si. A diferença entre uma causativa sintática e outra, por conseguinte, é o grau de coesão estrutural expresso nas línguas, o qual é motivado pela estrutura gramatical de cada língua.

Nessa perspectiva escalar, entendemos que a causativa formada por meio de uma construção de verbos seriais pode ser compreendida como uma estratégia de causativização sintática, na linha de Dixon (2000). Trata-se de um mecanismo formal que envolve mais de um verbo, mas com alto grau de integração estrutural e semântica. Logo, as causativas com verbos seriais formam um predicado mono-oracional, situando-se em um ponto com maior fusão estrutural na proposta de Kulikov (2001).

Essa escala de fusão pode ser descrita como um contínuo que se estende das causativas lexicais, no maior grau de fusão, passando pelas causativas morfológicas, depois pelos verbos compostos e pelos verbos seriais que formam um predicado mono-oracional, indo para construções com um verbo finito e outro não finito e, no menor grau de fusão, construções com dois verbos finitos (cf. §4.3.2 para uma proposta de escala das causativas não prototípicas identificadas nas línguas investigadas). A inclusão da causativa lexical no polo inicial de nossa escala encontra suporte nas análises de Haiman (1983) e Lakoff (1987) sobre iconicidade e integração conceitual.

Em nosso trabalho, portanto, usamos o termo “sintática” como hiperônimo das causativas formadas por mais verbos, gerando ou não fusão de predicados, e especificamos quando se trata de construção mono-oracional ou bi-oracional.

2.5.1.2. *Tipos de causativa e transitividade*

As construções causativas são expressas por três recursos principais: lexical, morfológico e sintático. Apesar de essa ser uma classificação tradicionalmente adotada na literatura, esses três tipos não são funcionalmente discretos (cf. Comrie, 1985, 1989; Shibatani e Pardeshi, 2002).

Comrie (1985, p. 331, tradução nossa⁶²) afirma que a distinção entre os tipos de construção nem sempre é clara: “não devemos nos surpreender ao encontrar casos limítrofes entre sintática e morfológica ou morfológica e lexical”. Anos mais tarde, Comrie (1989, p. 166-

⁶² [...] *one should not be surprised to find borderline cases between synthetic [syntactic] and morphological or morphological and lexical.*

167, tradução nossa⁶³) retoma a questão e defende que a distinção tipológica em três tipos de causativas não é categórica, mas gradual. Assim, existiria um contínuo entre as causativas:

Podemos fazer uma distinção tipológica de três vias, embora, como em muitas distinções tipológicas, as formas nas línguas nem sempre se encaixem perfeitamente em um ou outro desses três tipos, sendo encontrados vários tipos intermediários. O contínuo como um todo varia das causativas analíticas [bi-oracionais], passando pelas causativas morfológicas, até as causativas lexicais.

Em nosso ponto de vista, as classificações linguísticas expressam mais tendências, voltadas à compreensão geral dos fenômenos, do que categorias rigidamente delimitadas. Os tipos de causativa podem ser entendidos mais como um instrumento analítico que organiza padrões recorrentes do que como classes mutuamente excludentes. A existência de situações limítrofes ou intermediárias confirma a necessidade de se adotar uma abordagem gradual para compreender as estratégias que as línguas usam.

Quanto aos tipos de construção codificada no verbo, Kozinsky e Polinsky (1993, p. 178, tradução nossa⁶⁴) afirmam: “existem dois tipos de construções causativas: morfológica (ou sintética) e sintática (também descrita como analítica ou perifrástica)”. Os autores não discutem as causativas lexicais e concentram suas análises nas chamadas “causativas mono-oracionais”, as quais podem incluir a morfológica ou a sintática com fusão de predicados.

Em visão abrangente, Dixon (2000, p. 78, tradução nossa⁶⁵) elenca cinco mecanismos que marcam a causativa: 1. morfológico; 2. “dois verbos em um predicado”; 3. perifrástico; 4. lexical; 5. “troca de auxiliares”. O autor esclarece que “praticamente todos os mecanismos causativos se aplicam a verbos intransitivos (muitos se aplicam apenas a verbos intransitivos)” (Dixon, 2000, p. 45, tradução nossa⁶⁶).

Em uma caracterização tipológica, Shibatani (2002) também afirma que, nas línguas do mundo, a causativa de transitivos ocorre com menor frequência do que aquela derivada de verbos intransitivos. Além disso, o autor informa: “nenhuma língua causativiza morfolologicamente apenas verbos transitivos ou permite a causativização morfológica de

⁶³ [...] we can make a three-way typological distinction, although, as with many typological distinctions, forms in languages do not always fit neatly into one or other of these three types, rather a number of intermediate types are found. The continuum as a whole ranges from analytic causatives through morphological causatives to lexical causatives.

⁶⁴ [...] there are two types of causative constructions: morphological (or synthetic) and syntactic (also described as analytic or periphrastic) [...] monoclausal causatives.

⁶⁵ [...] two verbs in one predicate [...] exchanging auxiliaries.

⁶⁶ Virtually every causative mechanism applies to intransitive verbs (quite a few apply only to intransitives).

predicados ativos [processuais] sem permitir que predicados inativos [estativos] entrem na mesma conversão” (Shibatani, 2002, p. 5, tradução nossa⁶⁷). Entre os verbos transitivos mais suscetíveis à causativização morfológica, Shibatani (2002) inclui os verbos “ingestivos”, os quais transmitem o sentido de levar algo para dentro do corpo, a exemplo de “beber”, “comer”, “cheirar”.

Para Shibatani (2002, p. 6-7), a alta frequência da causativa de intransitivo, comparada com a de transitivo, está relacionada com a estrutura argumental. É mais fácil causativizar verbos intransitivos estativos ou incoativos porque a vaga de agente não está preenchida. Em consequência, o novo agente pode ocupar esse espaço argumental, sem alterar demais a construção. Com verbos transitivos, a construção precisa ser mais alterada, gerando a dificuldade de encontrar espaço para o causado na grade argumental, pois o causador ocupará a vaga de sujeito, e o paciente tenderá a permanecer na de OD.

Shibatani (2002, p. 7, tradução nossa⁶⁸) defende que eventos transitivos adicionam o desafio de fazer a ação se estender até outro participante, o paciente, o que dificulta sua realização:

A execução de um evento intransitivo ativo requer menos esforço do que a de um evento transitivo, pois, enquanto a ação permanece dentro do domínio do agente no primeiro, ela deve se estender a um paciente no último. Atividades transitivas também são propensas a requerer esforços mentais e cinéticos mais elaborados do que as intransitivas — compare o esforço envolvido em uma simples caminhada com o necessário para liderar alguém. Em outras palavras, a resistência esperada é maior ao fazer alguém executar um evento transitivo do que ao fazer executar um evento intransitivo.

A diferença é semântica, funcional e também cognitiva. Ela pertence ao real, às experiências de mundo. Por isso, de acordo com o autor, situações com causador humano e causado pacientivo seriam mais comuns, já que espelham a relação humana com o meio. Considerando essas reflexões, a tendência é que as causativas de transitivos, prototipicamente com causado agentivo, sejam construções mais complexas, com mais material linguístico, do que as de verbos intransitivos.

⁶⁷ [...] *no language morphologically causativizes only transitive verbs or allows morphological causativization of active predicates without permitting inactive predicates to enter the same conversion.*

⁶⁸ *Execution of an active intransitive event requires less effort than of a transitive event, for while the action remains within the domain of the agent in the former, it must extend over to a patient in the latter. Transitive activities are also likely to require more elaborate mental as well as kinetic efforts than intransitive ones – compare the effort involved in simple walking with that needed in leading someone. In other words, expected resistance is greater in making someone execute a transitive event than in making him carry out an intransitive event.*

Dessas constatações, decorre que há menos mecanismos atuando na formação da causativa de transitivo. Nas subseções seguintes, apresentamos brevemente os principais tipos de construções causativas descritos na literatura.

2.5.1.2.1. *Morfológica*

Comrie (1974, p. 1, tradução nossa⁶⁹) concentra suas análises nas morfológicas e as define como “causativas nas quais o elemento que indica causação se funde com o outro verbo, geralmente para formar um novo verbo derivado único”. A partir da análise do Turco, o autor propõe a existência de um modelo, chamado de “‘caso paradigma’ da construção causativa”, composto por quatro tendências, as quais não precisam se manifestar todas em conjunto: 1. restrição na duplicação sintática; 2. demoção preferencial do S original; 3. demoção passo a passo; e 4. possibilidade de demoção direta para a posição de “oblíquo” (Comrie, 1974, p. 8, tradução nossa⁷⁰).

Em estudo posterior, Comrie (1989, p. 167) afirma que há duas características prototípicas das causativas morfológicas: codificação morfológica e produtividade. Kulikov (1993, p. 125, tradução nossa⁷¹) também observa que a produtividade é um critério relevante na diferenciação das marcas causativas: “Em muitas línguas, a diferença básica entre duas ou mais marcações causativas reside não nas suas propriedades semânticas ou funcionais [...], mas sim na sua produtividade/regularidade”. O autor ainda nota que as línguas tendem a ter mais de um sistema causativo morfológico.

Ao descrever os mecanismos formais que compõem as causativas, Dixon (2000, p. 33-34, tradução nossa⁷²) verifica que o fenômeno também pode se manifestar fonologicamente: “Tal processo pode consistir em (a) mudança interna, p.ex., na qualidade vocálica, ou mutação consonantal; (b) repetir uma consoante; (c) alongar uma vogal; (d) mudança de tom; (e) reduplicação [...]”.

Tipologicamente, o uso do morfema causativo é recorrente para indicar, também, intensidade. Comrie (1985, p. 330) supõe que a relação entre causa e intensidade esteja na força que geralmente se emprega em causações coercitivas.

⁶⁹ [...] *causatives where the element indicating causation is fused with the other verb, generally to form a new single derived verb.*

⁷⁰ [...] *‘paradigm case’ of the causative construction.*

⁷¹ *In many languages the basic difference between two or more causative markers lies not in their semantic or functional properties (to be discussed in section 3) but rather in their productivity/regularity.*

⁷² *Such a process can consist in (a) internal change, e.g. in vowel quality, or consonant mutation; (b) repeating a consonant; (c) lengthening a vowel; (d) tone change; (e) reduplication [...].*

Além disso, existem situações em que o afixo causativo é usado duas vezes na mesma construção, associando-se sentidos distintos, com a possibilidade de elevar a valência duas vezes:

Uma característica especialmente interessante de Wolof [Nígero-congolesa] é que é possível aumentar a valência de um verbo básico em dois, usando o sufixo *-al* duas vezes, de modo que se possa combinar, por exemplo, causativo e benefactivo.

(126) *Di naa la toog-al-al nenne bi*
 ‘Eu vou fazer a criança sentar para você’

(Comrie, 1985, p. 330, tradução nossa⁷³)

Com respeito aos processos de causativização de verbos transitivos, Dixon (2000, p. 43, tradução nossa⁷⁴) relata que nem sempre ocorrem de maneira direta, sendo necessário, primeiro, intransitivizar o verbo (“destransitivizar”, na terminologia do autor), para depois causativizá-lo. Um exemplo citado é o da língua Tiwa Meridional (Kiowa-Tanoana), em que é necessário incorporar o argumento O ao verbo para que este possa receber o afixo causativo. Na língua Makuráp (Tuparí), encontramos um exemplo de diminuição de valência (reflexivização) seguida de aumento (causativização) (cf. Braga, 2005).

2.5.1.2.2. *Sintática*

Kemmer e Verhagen (1994, p. 117, tradução nossa⁷⁵) definem as causativas sintáticas (analíticas ou perifrásticas) como “uma estrutura de dois verbos que expressa um predicado de causação e um predicado de efeito”. Os autores sustentam que essas causativas são parecidas com estruturas de uma só oração e que tendem a se comportar sintaticamente como uma única oração. Tal constatação, segundo eles, encontra respaldo também na literatura gerativa, a partir de testes sintáticos como colocação de clítico, passivização e promoção de objeto.

Em sua análise, Kemmer e Verhagen (1994, p. 117, tradução nossa⁷⁶) partem da percepção do falante sobre a integração entre os dois predicados, os quais devem ser compreendidos em uma relação de causa e efeito. Segundo os autores, “para usar tal estrutura,

⁷³ *One specially interesting feature of Wolof is that it is possible to increase the valency of a basic verb by two, using the suffix -al twice, so that one can combine, for instance, causative and benefactive:*

(126) *Di naa la toog-al-al nenne bi*
 ‘I will make the child sit down for you’

⁷⁴ [...] *detransitivize the verb* [...].

⁷⁵ [...] *a two-verb structure that expresses a predicate of causation and a predicate of effect.*

⁷⁶ *To use such a structure, a speaker must view one predicate, which we will call the effected predicate, as causally dependent on some action of the subject of the sentence.*

um falante deve ver um predicado, que chamaremos de predicado efetuado, como causalmente dependente de alguma ação do sujeito da frase”. A percepção do falante para a constituição da causativa também é considerada nas propostas de Shibatani (1976) e Kulikov (2001) (cf. §2.5.2.1 e §2.5.1.1, respectivamente).

Dixon (2000, p. 35, tradução nossa⁷⁷) chama essa construção de “causativa perifrástica” e afirma que ela “envolve dois verbos em orações separadas”. O pesquisador menciona uma situação incomum, encontrada em línguas da família Misumalpa (América Central), nas quais é o verbo causativo que ocorre na oração subordinada. Para Dixon (2000), esse deve ser um estágio inicial de gramaticalização, seguindo o processo de dois verbos em dois predicados (bi-oracional), passando para dois verbos em um único predicado (mono-oracional) e, por fim, o verbo causativizador sendo transformado em afixo do verbo principal.

2.5.1.2.3. *Sintática mono-oracional*

Dixon (2000) analisa, ainda, a estrutura que classifica como causativa formada por “dois verbos em um predicado”, o que inclui a serialização verbal e a locução verbal (para o autor, esta última é uma causativa mono-oracional). Em exemplo de serialização verbal na língua Tariana (Arawak), Dixon (2000, p. 34-35, tradução nossa⁷⁸) relata a existência de um causado marcado como O (-*nuku*), mas cuja correferência no verbo é codificada como A (*nu-*): “ ‘Como eu vou fazer meus filhos comerem?’ , mas é, literalmente, ‘meus filhos (O) como 1sg(A)-fazer 1sg(A)-comer’ ”. Em outras palavras, o causador controla os dois verbos, e a marca no verbo não restringe a interpretação que os falantes dão à forma:

Tariana

- (3) *nu-inipe-nuku* *kwaka-mhade nu-a* ***nu-h ja***
 1SG-crianças-TOP.NON.A/S como-FUT 1SG-fazer 1SG-comer
 ‘Como eu vou fazer meus filhos comerem (se eu não consigo caçar nada)?’

(Aikhenvald, 2000, p. 160, grifos e tradução nossos⁷⁹)

Para identificar se o verbo causativo atua em predicado simples ou duplo, Dixon (2000, p. 59, tradução nossa⁸⁰) cita o teste de iteração, segundo o qual a causação pode ser repetida

⁷⁷ *Periphrastic causatives [...] involves two verbs in separate clauses.*

⁷⁸ *Two verbs in one predicate [...] ‘How will I get my children to eat?’ but is, literally, ‘my children (O) how 1sg(A)-make 1sg(A)-eat’.*

⁷⁹ *nu-inipe-nuku* *kwaka-mhade nu-a* *nu-h ja*
 1SG-children-TOP.NON.A/S how-FUT 1SG-make 1SG-eat
 ‘How will I get my children to eat (if I can’t hunt anything)?’

⁸⁰ *The king made the general make the captain make the soldiers clean out his goldfish bowl.*

continuamente na perifrástica (bi-oracional), como na sentença “O rei fez o general fazer o capitão fazer os soldados limparem seu aquário”.

Comrie (1993) também fornece exemplo de construção verbal serial para expressar causatividade, algo escasso na literatura. Nos dados abaixo, o verbo intransitivo *öbl* ‘levantar-se’ é causativizado com o verbo *p* ‘fazer’, em uma construção de verbo serial:

Haruai

- (4) *ha öby-ön-a.*
criança levantar-se-FUT(-3SG)-DEC
‘A criança vai se levantar.’
- (5) *an ha p öby-n-η-a.*
nós criança fazer levantar-se-FUT-1PL-DEC
‘Nós vamos fazer a criança se levantar.’

(Comrie, 1993, p. 319-320, tradução nossa⁸¹)

Conforme descrito por Comrie (1993), embora a flexão de pessoa e número esteja ligada ao verbo *öbl*, seu escopo é o conjunto da construção *p öbl*.

2.5.1.2.4. Lexical

Quanto às causativas lexicais, Kemmer e Verhagen (1994, p. 118-119, tradução nossa⁸²) as definem como “verbos que são discernível e semanticamente causativos, mas não são formalmente analisáveis em dois morfemas (p.ex., Inglês *break* [‘quebrar’], *open* [‘abrir’] [...])”. Baseando-se em Haiman (1983) e Lakoff (1987), defendem que essas causativas apresentam “proximidade conceitual máxima” entre causa e efeito, o que entendemos como indicativo da iconicidade identificada em outros estudos (cf. Nedyalkov e Silnitsky, 1973; Comrie, 1985, 1989; Dixon, 2000; Kulikov, 2001; Shibatani, 2002) (cf. §2.4.2). Podemos representar a escala de graus de proximidade conceitual entre causa e efeito, proposta pelos autores, da seguinte forma:

⁸¹ (17) *ha öby-ön-a.* (18) *an ha p öby-n-η-a.*
child rise-FUT(-3SG)-DEC we child get rise-FUT-1PL-DEC
‘The child will get up.’ ‘We will get the child up.’

[...] Thus, although the person-number inflection is attached to *öbl*, its scope is the whole of *p öbl*.

⁸² [...] verbs that are discernibly semantically causative, but are not formally analyzable into two morphemes (e.g. English *break*, *open* [...]).

Figura 2 – Escala entre tipo de causativa e proximidade conceitual de causa e efeito

lexical > morfológica > sintática mono-oracional > sintática bi-oracional
[+proximidade conceitual] [–proximidade conceitual]

(Fonte: elaborado pelo autor)

Os pesquisadores também notam que a semântica lexical do verbo pode influenciar a marcação de caso, sendo capaz de alterar a marca do causado, por exemplo, ao prever causação direta ou animacidade do causador. Como identificado em Holandês (Germânica), um causado diretamente afetado é central ao evento e altamente integrado a ele, revelando pouca autonomia. Logo, tende a não ser marcado com dativo ou instrumental, que implicam mais autonomia de ação.

Kulikov (2001, p. 887, tradução nossa⁸³) define as causativas lexicais como verbos sem marcas produtivas (notamos que o autor mantém a produtividade como critério definidor) e afirma que, diacronicamente, elas podem se originar das morfológicas:

Causativas lexicais são verbos que significam ‘CAUSAR V_o’, mas sem qualquer marcador causativo regular e produtivo. Eles tipicamente estão em uma relação supletiva com suas contrapartes não causativas, compare *matar* – *morrer*. Historicamente, as causativas lexicais podem remontar a causativas morfológicas com um marcador que era regular e produtivo na língua mais antiga.

Comrie (1989, p. 168, tradução nossa⁸⁴) entende que a causativa lexical pode ser mais bem demonstrada por “pares supletivos” devido à irregularidade e à assistematicidade entre as formas não causativa e causativa. Embora haja mais autores que tratam a causativa lexical como supleção, consideramos que formas supletivas existem em paradigmas regulares e sistemáticos. Os pares da causativa lexical, em sentido oposto, são formados por aproximação semântica entre os verbos, sem transparência sincrônica entre estes. São formas lexicais independentes, não derivadas ou flexionadas entre si, que atuam como itens lexicais distintos e têm entradas próprias em nosso dicionário mental.

⁸³ *Lexical causatives are verbs meaning ‘cause V_o’ but lacking any regular and productive causative marker. They typically are in a suppletive relation with their non-causative counterparts, cf. kill – die. Historically, lexical causatives may go back to morphological causatives with a marker which was regular and productive in the older language.*

⁸⁴ [...] *suppletive pairs* [...].

Shibatani e Pardeshi (2002, p. 92, tradução nossa⁸⁵) compreendem as causativas lexicais em perspectiva funcional e afirmam que “não são previsíveis com base em verbos intransitivos; elas devem ser aprendidas individualmente e devem ser listadas no léxico”. Logo, considerando a irregularidade na forma, não é possível prever uma forma a partir de outra.

Gildea (2023; 2024, comunicação pessoal) reconhece a existência semântica de pares de verbos entendidos como “causativas lexicais”, mas questiona a conexão cognitiva entre seus itens lexicais. O autor considera temerário estabelecer vínculos formais entre esses pares e faz analogia com as vozes passiva e média, que não são chamadas de “voz passiva lexical” ou “voz média lexical”. Assim, defende que as formas da “causativa lexical” não são derivadas uma da outra. Em nosso ponto de vista, se considerarmos que essas duas condições — conexão cognitiva e relação de derivação entre os verbos — estão presentes na causativa morfológica e na sintática, elas se tornam critérios pertinentes para inquirir a validade da categoria de análise “causativa lexical”. Esse é um debate que continua em aberto para pesquisas futuras.

Dixon (2000, p. 38), que não aborda essa discussão, distingue dois tipos de causativas lexicais: um mesmo lexema que pode ser usado em função causativa ou não causativa; e duas formas não relacionadas que estabelecem relação causal (as quais podemos ilustrar com as formas “nascer e “parir”). O autor destaca que o critério semântico é fundamental para identificar tais pares.

Shibatani (2002, p. 4), por sua vez, menciona dois critérios usados na literatura para identificar as causativas lexicais: possibilidade de segmentação morfológica ou produtividade. Para os autores que seguem aquele, a causativa lexical não é morfológicamente analisável, a exemplo de *kill* ‘matar’ e *open* ‘abrir’; para os que seguem este, ela não é produtiva, diferentemente da causativa morfológica.

Por fim, em relação a outros tipos de causativa, Dixon (2000, p. 42-43) relata que os verbos impessoais podem ser causativizados em algumas línguas, apesar de não terem um sujeito que se torne o participante causado. Além disso, verbos de cópula podem ser parte da causativa morfológica ou da sintática (bi-oracional).

2.5.2. Causativa de transitivo e construções ditransitivas

Comrie (1985, p. 340) avalia que, devido à possível inexistência de predicados tipicamente quadrivalentes, não há causativa prototípica de verbos ditransitivos (ou

⁸⁵ *All these forms qualify as lexical causatives, however, because they are not predictable on the basis of intransitive verbs; they must be learned individually and must be listed in the lexicon.*

bitransitivos). Não obstante, o autor informa que o causado de ditransitivo exerce a função de OObl em diferentes línguas, a qual pode ser igual à do agente na construção passiva.

A respeito de predicados quadrivalentes, Dixon (2000, p. 57, tradução nossa⁸⁶) relata que, em uma causativa da língua Abaza (Caucasiana do Noroeste), pode haver referência cruzada no verbo de até quatro argumentos, por meio de prefixos pronominais:

Em Abaza (Caucasiana do Noroeste), um predicado pode fazer referência cruzada de até quatro argumentos. Na causativa morfológica de um ditransitivo, como em ‘ele não poderia fazer eles devolverem isso a ela’, todos, causador (A, ‘ele’), causado (A original, ‘eles’), O original (‘isso’) e objeto indireto original (‘ela’), podem ser mostrados por prefixos pronominais no verbo.

Dixon (2000, p. 59) afirma que, à época de seu texto, havia poucos dados sobre causativas de ditransitivo.

2.5.2.1. *Transitivas e causativas: semelhanças e diferenças*

Uma relação estabelecida com frequência na literatura teórica é a semelhança entre construções transitivas regulares e causativas. No estudo sobre as propriedades da transitividade, Hopper e Thompson (1980, p. 264, tradução nossa⁸⁷) defendem que “[...] causativas são construções altamente transitivas: elas devem envolver pelo menos dois participantes, um dos quais é um iniciador, e o outro é totalmente afetado e altamente individuado”.

A transitividade, vista tradicionalmente como a transferência de uma ação de um participante para outro, é entendida pelos autores de modo escalar. Diferentemente da compreensão habitual, ela não se limita ao verbo e seu objeto. Para identificá-la, seria necessário considerar um conjunto de parâmetros, como eficácia da ação, evento pontual, evento télico, atividade consciente, referencialidade, grau de alteração (“afetação”) do objeto, entre outros (cf. Hopper e Thompson, 1980).

⁸⁶ *In Abaza (North-west Caucasian) a predicate can cross-reference up to four arguments. In the morphological causative of a ditransitive such as ‘he couldn’t make them give it back to her’, all of causer (A, ‘he’), causee (original A, ‘them’), original O (‘it’) and original indirect object (‘her’) can be shown by pronominal prefixes to the verb [...].*

⁸⁷ *[...] causatives are highly Transitive constructions: they must involve at least two participants, one of which is an initiator, and the other of which is totally affected and highly individuated.*

Kemmer e Verhagen (1994, p. 126, tradução nossa⁸⁸) descrevem o evento transitivo prototípico a partir das propostas de Givón (1984a), Rice (1987) e Langacker (1991):

O que se segue é uma breve descrição do evento transitivo prototípico (ou de dois participantes) [...]: tem um participante agentivo, isto é, uma entidade altamente individuada capaz de volição, e volitivamente exercendo energia física sobre um segundo participante, o qual também é um participante altamente individuado. Esse participante absorve a energia, pela qual sofre uma mudança de estado que não teria ocorrido sem o emprego da energia. O efeito no segundo participante é direto, ou seja, não há intermediários observados, como um terceiro participante: o efeito é completo; há contato físico entre os dois participantes; e esse contato é visto como dando origem à mudança de estado.

Alguns pesquisadores (cf. Delancey, 1984; Comrie, 1993; Kulikov, 1993) associam a própria transitividade à noção causal, eventualmente até tomando um termo (transitivo) pelo outro (causativa). Nedyalkov e Silnitsky (1973, p. 16, tradução nossa⁸⁹) se opõem a esse tratamento e afirmam:

A ausência em gramáticas de um significado de causativa-distante nas causativas morfológicas é frequentemente tratada de modo bastante simples como a ausência total (ou perda) de um significado causativo, como consequência do que *V_j* [verbos causativos] são tratados como transitivos comuns. É obviamente muito difícil concordar com essa visão.

Kemmer e Verhagen (1994, p. 127, tradução nossa⁹⁰) também relativizam a correspondência direta entre os termos:

Em nosso ponto de vista, o evento transitivo de fato envolve causalidade prototipicamente, mas esse protótipo conceitual/linguístico é estendido, de maneiras específicas nas línguas, a um esquema transitivo envolvendo um

⁸⁸ *The following is a brief description of the prototypical transitive (or two-participant) event [...]: it has an agentive participant, that is, a highly individuated entity capable of volition, and volitionally exerting physical energy on a second participant, which is also a highly individuated participant. This participant absorbs the energy, whereby it undergoes a change of state that would not have taken place without the exertion of energy. The effect on the second participant is direct, that is, there are no observed intermediaries such as a third participant: the effect is complete; there is physical contact between the two participants; and this contact is seen as giving rise to the change of state.*

⁸⁹ *The absence in grammars of a distant-causative meaning for morphological causatives is often treated quite simply as the total absence (or loss) of a causative meaning, as a consequence of which *V_j* are treated like ordinary transitives. It is obviously very difficult to agree with this view.*

⁹⁰ *In our view, the transitive event does involve causality prototypically, but this conceptual/linguistic prototype is extended, in language-particular ways, to a transitive schema involving an abstract analog of physical force. In this sense we think of transitivity as essentially force-dynamic in nature, and the intransitive causative schema preserves this force-dynamic structure.*

análogo abstrato da força física. Neste sentido, pensamos na transitividade como essencialmente de força-dinâmica em sua natureza, e o esquema causativo intransitivo preserva essa estrutura de força-dinâmica.

Shibatani e Pardeshi (2002, p. 87) reconhecem que o significado causativo gera uma relação de causa e efeito com mudança de estado em um paciente, o que revela semelhança com a construção transitiva. No entanto, Shibatani (1976) já propunha critérios para diferenciá-las. Para que a construção seja causativa, o falante deve acreditar na sucessão temporal dos eventos e na completa dependência do evento causado em relação ao causal (notamos que, mais uma vez, os autores recorrem à perspectiva do falante na descrição). Além disso, Shibatani (1976, p. 2, tradução nossa⁹¹) propõe o teste da inclusão de um enunciado adversativo após a construção transitiva. Se o resultado for incoerente, e se as duas condições anteriores estiverem preenchidas, será uma causativa. Caso contrário, será uma transitiva sem o valor de causa:

De acordo com a caracterização anterior da situação causativa, frases como *Eu falei para o John ir* e *Eu sei que o John foi* não são causativas. A primeira frase não leva o falante a acreditar que o evento da ida de John ocorreu após o falante ter dito para ir. A frase, portanto, pode ser seguida pela oração *mas na verdade ele não foi* sem envolver contradição. A segunda frase, *Eu sei que o John foi*, leva o falante a acreditar que John foi, pois essa frase não pode ser seguida pela oração *mas na verdade ele não foi*. Apesar disso, a frase não é causativa porque o evento da ida de John não depende, de forma alguma, de o falante saber que o evento aconteceu.

Enunciados que preenchem os requisitos propostos são “Eu fiz John ir”, “Eu abri a porta”, “Eu enviei John para a farmácia”, já que os eventos realmente aconteceram, existe sucessão temporal entre os eventos de cada frase e cada acontecimento depende de uma causa prévia, sem a qual não teria ocorrido.⁹² Assim, Shibatani (1976, p. 2, tradução nossa⁹³) avalia que:

⁹¹ According to the preceding characterization of the causative situation, sentences such as *I told John to go* and *I know that John went* are not causative sentences. The first sentence does not commit the speaker to the belief that the event of John's going occurred after his telling him to do so. The sentence, therefore, may be followed by the clause *but he actually didn't go* without involving contradiction. The second sentence, *I know that John went*, does commit the speaker to the belief that John went, as the sentence cannot be continued with the clause *but he actually didn't go*. Despite this, the sentence is not a causative sentence because the event of John's going is in no way dependent on the speaker's knowing that the event took place.

⁹² [...] *I made John go* [...] *I opened the door* [...] *I sent John to the drugstore* [...] (Shibatani, 1976, p. 2, tradução nossa).

⁹³ In traditional grammar, verbs like *push*, *kick*, *open*, and *melt* are all classified as transitive verbs. However, the terms CAUSATIVE VERB and TRANSITIVE VERB do not coincide, since while the verbs *open* and *melt* are causative, *kick* and *push* are not. The difference between the two classes of verbs can be observed quite clearly by comparing the following two sentences:

Na gramática tradicional, verbos como, *push* [empurrar], *kick* [chutar], *open* [abrir] e *melt* [derreter] são todos classificados como verbos transitivos. Contudo, os termos “verbo causativo” e “verbo transitivo” não coincidem, pois, enquanto os verbos *open* [abrir] e *melt* [derreter] são causativos, *kick* [chutar] e *push* [empurrar] não são. A diferença entre as duas classes de verbos pode ser observada claramente comparando as duas frases a seguir:

(2) a. *John kicked the ice but nothing happened to it.*

[John chutou o gelo, mas nada aconteceu.]

b. **John melted the ice but nothing happened to it.*

[*John derreteu o gelo, mas nada aconteceu.]

A frase causativa (2b) envolve contradição, enquanto as frases não causativas (2a), não.

Em nosso ponto de vista, o teste da inclusão de um enunciado adversativo para identificar uma construção causativa é essencialmente semântico, não formal. Embora seja válido para distinguir as orações transitivas das orações causativas, como as exemplificadas por Shibatani (1976, p. 2), não parece adequado para descartar construções formalmente causativas cujos efeitos não se realizam por fatores externos, a exemplo de ‘João mandou Pedro sair, mas Pedro não saiu’. Entendemos que a realização do efeito pode ser uma condição necessária para alguns tipos de causativas, como ‘João fez Pedro sair’, porém não para todos. Continuam sendo causativas as construções formalmente causativas cuja relação de causa é estabelecida no plano da intenção, da ordem ou da tentativa, ainda que o efeito não se realize.

Kemmer e Verhagen (1994) propõem que as causativas são formadas por analogia a estruturas mais simples da mesma língua. Nessa linha, Dixon (2000, p. 46, tradução nossa⁹⁴) afirma que, “para a grande maioria das línguas, cada construção causativa é sintaticamente similar a um tipo de oração não causativa existente. Apenas muito ocasionalmente uma causativa forma um novo tipo de construção, não encontrado em outra parte da gramática”.

(2) a. *John kicked the ice but nothing happened to it.*

b. **John melted the ice but nothing happened to it.*

The causative sentence (2b) involves contradiction, while the noncausative sentences (2a) does not.

⁹⁴ *For the great majority of languages each causative construction is syntactically similar to an existing non-causative clause type. Only very occasionally does a causative form a new construction type, not found elsewhere in the grammar.*

Com relação a construções intransitivas, Kemmer e Verhagen (1994, p. 127, tradução nossa⁹⁵) seguem o mesmo raciocínio e defendem que a causativa de intransitivo é semanticamente similar ao evento transitivo prototípico. Para eles,

A causativa de intransitivo, nós propomos, tem um protótipo que é muito similar ao protótipo do evento transitivo. Em ambos os casos, um participante é a fonte concebida ou o iniciador do evento como um todo, e há um segundo participante, uma entidade que é basicamente afetada, e não causadora.

Os autores propõem que a semelhança principal entre a causativa de intransitivo e a transitiva simples, além de apresentarem dois argumentos sintáticos, está no fato de “a estrutura causativa de intransitivo expressar uma situação em que um participante exerce força, ou algum análogo abstrato de força, sobre outra entidade” (Kemmer; Verhagen, 1994, p. 127, tradução nossa⁹⁶). Isso seria evidenciado translinguisticamente no tratamento do causado de verbos intransitivos como OD.

Comrie (1974, p. 24, tradução nossa⁹⁷) havia elaborado proposta parecida, embora com poucas evidências à época. Para o pesquisador, a Hierarquia de Casos explicaria a semelhança entre as construções transitivas e as causativas:

Um dos efeitos das várias características que compõem o ‘caso paradigma’ [modelo] é que construções causativas e construções não causativas acabam tendo, na estrutura derivada, exatamente a mesma estrutura sintática. Causativas de intransitivos são como transitivas não causativas, e causativas de transitivos são como verbos não causativos com um objeto direto e um indireto.

Kemmer e Verhagen (1994, p. 138, tradução nossa⁹⁸) entendem que a Hierarquia de Casos tem motivações semânticas, derivadas da integração no evento, conforme esquemas de modelos cognitivos. A esse respeito, asseveram: “Os valores mais prototípicos dos casos estão associados aos modelos básicos de orações simples”. Os autores reforçam a necessidade de

⁹⁵ *The causative of intransitive, we claim, has a prototype that is very similar to the transitive event prototype. In both cases, one participant is the conceived source or initiator of the event as a whole, and there is a second participant, an entity that is primarily affected, rather than causing.*

⁹⁶ *The function of the intransitive causative structure is to express a situation in which one participant exerts force, or some abstract analog of force, on another entity.*

⁹⁷ *One of the effects of the various features that make up the ‘paradigm case’ is that causative constructions and noncausative constructions end up having, in derived structure, exactly the same syntactic structure. Causatives of intransitives are just like noncausative transitives, and causatives of transitives are just like noncausative verbs with a direct and an indirect object.*

⁹⁸ *The most prototypical values of the cases are associated with the basic simple clause models.*

correlacionar sintaxe, semântica e pragmática nas análises, de modo a equilibrar a relação entre forma e função.

2.5.2.2. *Ditransitivas e causativas de transitivos: semelhanças e implicações teóricas*

Passando às ditransitivas, que apresentam um OD e um OI, Kozinsky e Polinsky (1993, p. 189, tradução nossa⁹⁹) as definem como construções em que o “predicado seleciona tanto o recipiente quanto o paciente”. Ao verificar semelhanças entre elas e a causativa, Kozinsky e Polinsky (1993, p. 235, tradução nossa¹⁰⁰) concluem: “essa coincidência entre a oração causativa de transitivo e a ditransitiva confirma a observação de que as construções causativas devem ser semelhantes a algum outro tipo de oração (Nedjalkov e Sil’nickij, 1969, p. 31-50; Shibatani, 1976, p. 29-31)”.

A defesa de que a causativa de transitivo se baseia em construções de três participantes ganha força em Kemmer e Verhagen (1994, p. 115). Os pesquisadores sustentam que a proposta é vantajosa porque propicia explicação semântica para as variações de caso nas causativas, o que inclui a marcação do causado. Assim, afirmam que as causativas de transitivos se baseiam em duas orações simples: na ditransitiva (com OI), em algumas línguas, e na de três lugares que explicita o instrumento, em outras. Os autores também defendem que o causado de transitivo tende a ser expresso por marca dativa ou instrumental.

Os pesquisadores também constatarem semelhanças semânticas entre os protótipos da ditransitiva (em sentenças com “dar”, “colocar”, “mostrar”) e da causativa de transitivo, com foco na “ideia de um agente fazendo com que algo aconteça”. Em perspectiva pouco explorada na literatura, entendem que “o fato de os verbos ditransitivos mais prototípicos serem causativos lexicais sugere que o protótipo semântico associado às estruturas ditransitivas também envolve alguma noção de causação, como o protótipo transitivo” (Kemmer; Verhagen, 1994, p. 128, tradução nossa¹⁰¹).

Entre as evidências apresentadas para fundamentar essa análise, destacamos a constatação de que algumas línguas precisam usar construções causativas para expressar noções que, em outras línguas, são indicadas por predicados ditransitivos. Segundo Kemmer e

⁹⁹ *The predicate of such clauses selects both the recipient and the patient.*

¹⁰⁰ *This coincidence between the causative of transitive and the ditransitive clause confirms the observation that causative constructions should be similar to some other clause type (Nedjalkov and Sil’nickij 1969: 31-50; Shibatani 1976a: 29-31).*

¹⁰¹ [...] *the idea of an agent causing something to happen [...]. The fact that the most prototypical ditransitive verbs are lexical causatives suggests that the semantic prototype associated with ditransitive structures also involves some notion of causation, like the transitive prototype.*

Verhagen (1994, p. 129, tradução nossa¹⁰²), “em algumas línguas, o marcador causativo é sincrônica ou diacronicamente a palavra para ‘dar’ [...]. Isso sugere que os participantes da estrutura causativa são recorrentemente vistos como análogos aos participantes de uma oração ditransitiva”.

Os autores interpretam a variação translinguística nas causativas a partir de duas variáveis principais: as extensões que os marcadores de caso sofreram nas línguas e o nível de assimilação da causativa ao modelo conceitual simples. Assim, propõem que as “estruturas causativas podem se tornar mais parecidas com as suas contrapartes oracionais básicas ao longo do tempo, por exemplo, ao mostrarem propriedades crescentes de ‘mono-oracionalidade’ ” (Kemmer e Verhagen, 1994, p. 139, tradução nossa¹⁰³).

Em consequência, Kemmer e Verhagen (1994, p. 116) refutam a visão, elaborada no âmbito das teorias sintáticas derivacionais, de que as causativas seriam formadas a partir de redução linguística, isto é, de que seriam derivadas de uma construção maior ou mais complexa em direção a uma menor ou mais simples. Para os autores, o que acontece é o oposto: as causativas são construídas a partir de unidades estruturais e conceituais mais simples, espelhando-se nelas. Por conseguinte, propõem analisar as causativas por meio de analogia entre suas marcas de caso e as de orações simples não causativas. Embora essa proposta seja compatível com a noção de que o sistema linguístico tende a ser simétrico, no sentido de que a estrutura se repete, e com o modo como os falantes aprendem e assimilam a língua, por meio de padrões ou modelos conceituais, não identificamos em nossa amostra influência clara das marcas de caso na formação das causativas (cf. §4.3).

Em análise parecida, Dixon (2000, p. 52, tradução nossa¹⁰⁴) sustenta que “a causativa de uma [oração] transitiva é um tipo de oração ditransitiva. Em muitas línguas, ela tem essencialmente a mesma sintaxe de uma ditransitiva não causativa (envolvendo um verbo como ‘dar’ ou ‘mostrar’ ou ‘contar’). Em nossa interpretação, análises como essas, que validam a relação entre a causativa e a ditransitiva, reforçam a probabilidade de que exista um terceiro argumento, como um OI, também na causativa. Se uma construção se faz por analogia a outra, parece contraditório afirmar que o causado sempre exercerá função periférica.

¹⁰² *In some languages, the causative marker is synchronically or diachronically the word for ‘give’ [...]. This suggests that the participants of the causative structure are recurrently seen as analogous to the participants of a ditransitive clause.*

¹⁰³ *Causative structures can become more like their basic-clause counterparts over time, for example in showing increasing properties of ‘monoclausality’ [...].*

¹⁰⁴ *The causative of a transitive is a kind of ditransitive clause. In many languages it has essentially the same syntax as a non-causative ditransitive (involving a verb like ‘give’ or ‘show’ or ‘tell’).*

Comrie (1974, p. 24-25, tradução nossa¹⁰⁵), ao tratar da semelhança entre causativas e não causativas, faz a seguinte reflexão:

Há duas objeções que se podem fazer a essa linha de análise, ambas as quais tenderiam a borrar a distinção entre não causativas e causativas (ou melhor, mais comumente, sentenças simples superficiais para as quais se pressupõe uma estrutura subjacente complexa encaixada), se não a eliminarem completamente.

A primeira objeção seria que não há necessidade de estabelecer para construções causativas uma estrutura diferente daquela para verbos comuns não derivados. [...]

A segunda objeção é quase o exato oposto da primeira. Ela admite que a estrutura subjacente das causativas envolve encaixamento, mas afirma que isso é igualmente verdadeiro para outras sentenças que têm objetos de vários tipos.

O pesquisador, no entanto, contesta as duas objeções pelo fato de não explicarem satisfatoriamente algumas variações identificadas nas causativas. Enquanto a primeira seria incapaz de analisar a dupla marcação de OD que ocorre, em algumas línguas, apenas na causativa, a segunda não conseguiria justificar construções derivadas de orações com dois ODs.

Kemmer e Verhagen (1994, p. 125), por sua vez, apesar de identificarem correspondências entre orações simples e causativas, propondo que o causado tende a ser paciente nas causativas de intransitivos e dativo ou instrumental nas de transitivos, reconhecem duas limitações nessa analogia: os papéis semânticos dos participantes nominais nem sempre coincidem; e a quantidade de predicados pode diferir entre as construções. Para nós, as diferenças na comparação acabam por confirmar a não equivalência entre transitivas, de um lado, e causativas, de outro, o que justifica o tratamento distinto nas análises linguísticas.

Por fim, os autores destacam algumas diferenças entre a causativa de intransitivo, a exemplo de “*I made Mary cry*” ‘Eu fiz Mary chorar’, e a transitiva simples, como “*I ate the cake*” ‘Eu comi o bolo’. Na causativa de intransitivo, a causação é dividida em dois eventos, a

¹⁰⁵ *There are two objections one might make to this line of analysis, both of which would tend to blur the distinction between noncausatives and causatives (or rather more generally, superficial simplex sentences for which a complex underlying structure with embedding is presupposed), if not eliminate it altogether. The first objection would be that there is no need to set up for causative constructions a structure different from that for ordinary nonderived verbs. [...] The second objection is almost the exact opposite of the first. It grants that the underlying structure of causatives involves embedding, but claims that this is equally true of other sentences that have objects of various kinds.*

causa em si e o evento envolvendo o causado, além de, prototipicamente, sua causação ser menos direta (Kemmer; Verhagen, 1994, p. 115 e 127, tradução nossa).

2.5.3. Ordem

Considerando a importância da ordem básica em que os elementos aparecem na sentença, seja para avaliar as relações gramaticais de uma língua, seja em termos tipológicos, buscamos informações a respeito da ordem de constituintes na causativa, mas encontramos poucas análises a esse respeito. A seguir, apresentamos a abordagem de Kozinsky e Polinsky (1993), que une diferentes níveis linguísticos.

O estudo, segundo os autores, foi elaborado a partir de construções ditransitivas com “conflito de codificação”, isto é, nas quais há participantes com marcas formais iguais. Não obstante, mesmo nas situações sem conflito de codificação, as posições verificadas continuam sendo preferíveis (cf. Kozinsky e Polinsky, 1993, p. 225).

Para compreender a ordem entre causador, causado e paciente, os pesquisadores formulam a seguinte tipologia envolvendo aspectos semânticos e pragmáticos dos participantes:

<i>Posição linear relativa:</i>	primeira	segunda	terceira
<i>Papel semântico:</i>	causador/agente	causado /recipiente	paciente
<i>Animacidade:</i>	animado	animado	inanimado>animado
<i>Função comunicativa:</i>	tópico primário	tópico secundário	foco
<i>Tipo de informação:</i>	dada	dada>nova	nova>dada

(Kozinsky; Polinsky, 1993, p. 225, grifos e tradução nossos¹⁰⁶)

Nessa proposta, o causado tende a ocupar a segunda posição, após o causador e antes do paciente. Sua condição de causado é interpretada como papel semântico, e ele costuma ser animado, assim como o causador, mas ao contrário do paciente. Quanto às funções comunicativas, atua como tópico secundário, mantendo o estatuto de informação compartilhada, em mais uma afinidade com o causador, porém diferente do paciente, que tende a atuar como foco e informação nova.

Um aspecto importante da tipologia citada é o fato de ela não necessariamente reproduzir a hierarquia sintática verificada nas demais construções das línguas:

¹⁰⁶ Relative linear position: *first* *second* *third*
 Semantic role: *causer/agent* *causee/recipient* *patient*
 Animacy: *animate* *animate* *inanimate>animate*
 Communicative function: *primary topic* *secondary topic* *focus*
 Information type: *given* *given>new* *new>given*

Significativamente, a ordem “causado/recipiente – paciente” não reflete a hierarquia de relações gramaticais: em ditransitivas biacusativas do Coreano, o causado ou o recipiente (OD) é sintaticamente superior ao paciente (não termo), enquanto em Holandês é sintaticamente inferior (OI) (Kozinsky; Polinsky, 1993, p. 225, tradução nossa¹⁰⁷).

Segundo Kozinsky e Polinsky (1993, p. 225, tradução nossa¹⁰⁸), as correlações estabelecidas são compatíveis com as seguintes hierarquias:

- agentividade (o causador é superior ao causado; e o causado, que é originalmente um agente, é mais agentivo do que o paciente);
- animacidade (animado > inanimado);
- topicalidade (tópico precede foco);
- *givenness* [dado] ([informação] dada precede nova).

Tais hierarquias são coerentes com a hipótese maior dos autores, de que o causado é inerentemente distinto do paciente, conforme demonstram sintática, semântica e pragmaticamente. No entanto, registramos que o Apurinã (Arawak) apresenta um contraexemplo a essa proposta. Segundo Facundes (2000, p. 287), o causado pode ser formalmente similar ao paciente e distinto do recipiente (cf. Apêndice 4).

Por fim, Kozinsky e Polinsky (1993, p. 225, tradução nossa¹⁰⁹) defendem que a ordem apresentada é neutra em termos semântico-pragmáticos:

A ordem mostrada [...] é consistente com a ordem básica ou comunicativamente neutra de uma língua AP [agente antes do paciente], na qual o agente/tópico precede o paciente/foco na oração transitiva regular. A maioria dos estudos sobre ordem de constituintes se concentra apenas na linearização do agente e do paciente. A ordem mostrada [...] é simplesmente uma extensão dessa ordem. Chamaremos essa ordem de constituintes de *ordem canônica*.

¹⁰⁷ Significantly, the order “causee/recipient – patient” does not reflect the hierarchy of grammatical relations: in Korean biaccusative ditransitives, the causee or the recipient (DO) is syntactically higher than the patient (non-term), while in Dutch it is syntactically lower (IO).

¹⁰⁸ - agentivity (causer is higher than causee; and causee, which is originally an agent, is more agentive than patient);

- animacy (animate > inanimate);

- topicality (topic precedes focus);

- givenness (given precedes new).

¹⁰⁹ The order shown [...] is consistent with the basic or communicatively neutral order of an AP [‘agent-before-patient’] language, in which the agent/topic precedes patient/focus in the regular transitive clause. Most studies of word order concentrate on the linearization of the agent and patient only. The order shown [...] is simply an extension of that order. We shall call this word order canonical order.

Neste sentido, a tipologia formulada não é arbitrária, e suas generalizações servem como parâmetros de investigação.

2.5.4. Restrições na formação de causativas de transitivos

Na literatura teórica, encontramos relativamente poucas análises sobre restrições na formação de causativas de transitivos. Dixon (2000, p. 63) relata que, em algumas línguas, há restrição semântica, sendo necessário, por exemplo, explicitar a ação que fez o causado agir, como ocorre em Urubu-Kaapor (Tupí-Guaraní).

O autor informa que, “se apenas alguns verbos transitivos formarem causativas morfológicas, é provável que eles incluam ‘verbos denotando ação abstrata’ (como ‘ver/mostrar’, ‘lembrar-se/lembrar [alguém]’ e ‘entender/explicar’), além de ‘beber’ e ‘comer’” (Dixon, 2000, p. 64, tradução nossa¹¹⁰). Ponderamos, contudo, que a percepção sobre o que é uma ação abstrata varia de acordo com a categorização de mundo dos falantes.

Adicionalmente, nessas línguas em que a causativa morfológica é usada com poucos verbos transitivos, estes tendem a incluir “beber” e “comer” (ingestivos). Na interpretação de Dixon (2000, p. 65, tradução nossa¹¹¹), “parece que beber e comer são as atividades transitivas que as pessoas têm maior probabilidade de obrigar outras pessoas a fazer, em todos os continentes”.

Em relação às restrições sintáticas, Dixon (2000, p. 56, tradução nossa¹¹²) informa que elas “são especialmente evidentes quando examinamos em detalhe as causativas de orações ditransitivas, que na forma subjacente têm A, O e objeto indireto (geralmente marcado por caso dativo ou adposição)”. A nosso ver, isso ocorre devido a limitações estruturais das sentenças, que têm seus argumentos formais preenchidos na oração básica e sofrem pressão para se adequar à necessidade comunicativa gerada pela causativa, na linha do que propõe Shibatani (2002, p. 6-7).

Todavia, as línguas também desenvolvem estratégias para contornar essas restrições. Por exemplo, em Basco (língua isolada), os falantes recorrem à causativa sintática (bi-oracional) para formar causativas de ditransitivos (cf. Dixon, 2000, p. 57).

¹¹⁰ [...] *if only a few transitive verbs form morphological causatives these are likely to include ‘verbs denoting abstract action’, such as ‘see/show’, ‘remember/remind’ and ‘understand/explain’, plus ‘drink’ and ‘eat’ [...].*

¹¹¹ *It seems that drinking and eating are the transitive activities which people are most likely to make other people do, on every continent.*

¹¹² *Syntactic constraints are especially evident when we look in detail at causatives of ditransitive clauses, which in underlying form have A, O and indirect object (generally marked by dative case or adposition).*

Como exemplo das restrições a que o causado pode estar submetido, Dixon (2000) relata que a língua japonesa não permite mais de um argumento com marca acusativa na mesma oração. Nessa situação, o causado de transitivo adquire a marca dativa. Entendemos que, nesse contexto, ele recebe a marca morfossintática disponível após as restrições, o que não o situa, automaticamente, em função periférica na escala entre argumentos e adjuntos.

Embora, como linguistas, tenhamos o hábito de associar marcação de caso e função sintática, em uma relação direta, reconhecemos que essa relação não é fixa (como seria esperado, por exemplo, entre nominativo e sujeito ou entre acusativo e OD). O caso e a função gramatical tendem a se correlacionar, mas isso nem sempre acontece. Na língua Katukína (Katukína), por exemplo, o causado pode assumir a função de argumento interno (objeto) da oração subordinada e ser marcado pelo caso ergativo (cf. Queixalós, 2014). Assim, quando não há a correspondência esperada, podem surgir questões interessantes de pesquisa. É o que ocorre com o causado de transitivo, cuja marca de caso pode atuar apenas como uma codificação morfológica, sem refletir sua função sintática. Para compreender a posição sintática assumida, é necessário analisar a estrutura sintática transitiva da língua e sua possível relação com a causativa.

2.6. Causado em causativa de verbo transitivo

A identificação de funções sintáticas ou relações gramaticais é um desafio antigo. Comrie e Keenan (1979, p. 655, tradução nossa¹¹³) já reconheciam a dificuldade de estabelecer classificações categóricas: “não é viável determinar exaustivamente, para uma grande classe de línguas — na verdade, mesmo para uma — a classe completa de (p.ex.) ODs”. Apesar dos esforços para definir as relações gramaticais, entendidas como relações entre argumentos e predicado, muitas vezes fazemos aproximações teóricas que podem não ser úteis para generalizações translinguísticas ou para explicar, taxativamente, como as línguas funcionam.

O causado na causativa de transitivo é um exemplo disso. Há décadas sua codificação morfológica e sua valência têm recebido atenção nos estudos tipológicos. Comrie (1989, p. 174, tradução nossa¹¹⁴) verifica que, “do ponto de vista tipológico, talvez a propriedade das construções causativas que mais tenha interessado aos linguistas nos últimos anos tenha sido a valência das causativas morfológicas, em particular a codificação gramatical do causado”.

¹¹³ [...] *it is not feasible to determine exhaustively, for a large class of languages—indeed, even for one—the full class of (e.g.) DO's.*

¹¹⁴ *From a typological viewpoint, perhaps the property of causative constructions that has most interested linguists in recent years has been the valency of morphological causatives, in particular the grammatical encoding of the causee.*

O autor avalia que, quando falamos em “causado”, estamos nos referindo a uma relação semântica e que a codificação gramatical desse participante é fundamental tipologicamente:

Além da classificação em causativas analítica, morfológica e lexical, há ainda outro parâmetro formal que acaba sendo crucial na comparação translinguística de construções causativas, e esse é a codificação gramatical da relação semântica causado na construção causativa (Comrie, 1989, p. 171, tradução nossa¹¹⁵).

Sua codificação é importante porque está relacionada à estrutura argumental das línguas, incluídas as relações semânticas e as molduras (*frames*) ativadas pelos falantes. Na derivação causativa, a inclusão do novo sujeito implica a demissão do antigo para uma nova função sintática, a qual não é pré-definida translinguisticamente, mas é exercida pelo participante causado. Surge daí o desafio de saber quais relações gramaticais são assumidas pelos constituintes nesse tipo de construção, incluindo o sujeito e os objetos originais.

A dificuldade de prever a função do causado pode ser sintetizada da seguinte maneira:

A causativa morfológica normalmente tem uma valência superior à da não causativa correspondente, pois, além dos argumentos do predicado não causativo, existe também o causador. Com causativas analíticas [bi-oracionais], isso não introduz problemas, uma vez que cada um dos dois predicados, expressando causa e efeito, retém o seu próprio conjunto de argumentos. Com a causativa morfológica, entretanto, os argumentos de ambos os predicados semânticos precisam ser combinados dentro de um único conjunto de argumentos em um único predicado. Translinguisticamente, esse problema de aumento de valência é quase invariavelmente resolvido pela alteração da expressão do causado. Uma solução simples é meramente omitir a menção do causado na construção causativa, e isso é particularmente frequente como uma possibilidade translinguisticamente ao lidar com causativas de verbos transitivos (Comrie, 1989, p. 175, tradução nossa¹¹⁶).

¹¹⁵ *In addition to the classification into analytic, morphological, and lexical causatives, there is one further formal parameter that turns out to be crucial in the cross-linguistic comparison of causative constructions, and this is the grammatical encoding of the semantic relation causee in the causative construction [...].*

¹¹⁶ *The morphological causative normally has a valency one higher than that of the corresponding non-causative, since in addition to the arguments of that non-causative predicate there is also the causer. With analytic causatives this introduces no problems, since each of the two predicates, expressing cause and effect, retains its own set of arguments. With the morphological causative, however, the arguments of both semantic predicates have to be combined together into one single set of arguments on a single predicate. Cross-linguistically, this problem of valency increase is almost invariably solved by altering the expression of the causee. One simple solution is simply to omit mention of the causee from the causative construction, and this is particularly frequent as a possibility cross-linguistically in dealing with causatives of transitive verbs [...].*

Comrie (1985, p. 336) já avaliava o causado como um constituinte que sempre precisaria alterar suas relações sintáticas para se acomodar à nova valência. De fato, por perder a posição de sujeito, ele necessariamente é deslocado. Contudo, o OD da sentença original também pode ser realocado, devido às modificações geradas pela causativa (cf. Kozinsky e Polinsky 1993; Dixon 2000).

Quanto à tipologia do causado na construção sintática bi-oracional, Dixon (2000, p. 47, tradução nossa¹¹⁷) confirma que, “[...] onde existem duas orações envolvidas, não há dificuldade de fazer provisões para todos os argumentos”, e identifica as seguintes possibilidades de marcação:

Temos, portanto, três maneiras diferentes de marcar o causado em uma construção causativa perifrástica. Em Macuxí, ele é marcado por sua função na oração subordinada [...]; em Inglês, é marcado por sua função na oração principal (a oração com o verbo causativo) [acusativo: *I forced him to go* ‘Eu o forcei a ir’, *I made him go* ‘Eu o fiz ir’]; e, em Canela-Krahô [Jê], [...] é marcado por ambas (Dixon, 2000, p. 36, tradução nossa¹¹⁸).

Nessa perspectiva, o causado pode receber três marcas: de A, relativa ao verbo lexical; de O, relativa ao verbo causativo; ou de ambos.

Na causativa morfológica, a situação é outra. Como a sentença primitiva já possui as vagas de A e O preenchidas, e o causado precisa se adequar à valência do predicado, sua função sintática e sua marcação variam nas línguas. Partindo da análise do Turco, Comrie (1989, p. 176) avalia que existem, potencialmente, quatro vagas para o causado na hierarquia de relações gramaticais, sendo uma de sujeito e três de objeto: sujeito > objeto direto > objeto indireto > objeto oblíquo. Mais uma vez, notamos que o oblíquo é alocado entre os objetos, com traços argumentais, embora pareça ser o menos central entre esses objetos.

Kozinsky e Polinsky (1993, p. 179, tradução nossa¹¹⁹), por sua vez, listam as combinações possíveis de codificação tanto do causado quanto do paciente.

¹¹⁷ [...] where there are two clauses involved, there is no difficulty in making provision for all the arguments.

¹¹⁸ We thus have three different ways of marking the causee within a periphrastic causative construction. In Macushi it is marked for its function in the subordinate clause [...]; in English it is marked for its function in the main clause (the clause with the causative verb); and in Canela-Kraho, [...] it is marked for both of these.

¹¹⁹ One might expect that the patient in a causative construction would be coded in the same way as the patient in a transitive construction such as (1a) [soldiers-NOM villagers-ACC kill-PAST ‘The soldiers killed the villagers’]. However, it appears that other combinations of causee coding and patient coding are possible. The logically possible combinations are shown in (3):

(3)	coding of causee	coding of patient
	a. different from DO	same as DO
	b. different from DO	different from DO
	c. same as DO	different from DO

Alguém poderia esperar que o paciente, em uma construção causativa, fosse codificado da mesma forma que o paciente em uma construção transitiva como (1a) [soldados-NOM aldeões-ACC matar-PAS ‘Os soldados mataram os aldeões’]. Contudo, parece que outras combinações de codificação do causado e codificação do paciente são possíveis. As combinações logicamente possíveis são mostradas em (3):

(3) <i>codificação do causado</i>	<i>codificação do paciente</i>
a. diferente de OD	igual a OD
b. diferente de OD	diferente de OD
c. igual a OD	diferente de OD
d. igual a OD	igual a OD

Os autores afirmam que a alternativa (3d), de codificação idêntica, pode ou não indicar que o causado e o paciente retêm as propriedades sintáticas de OD. Somente uma situação em que retenham tais propriedades implicaria conflito de codificação ou duplicação sintática, o que é raro nas línguas, por ser pouco funcional.

Para Kemmer e Verhagen (1994), a transitividade da construção primitiva pode indicar um padrão inicial: enquanto o causado de intransitivo costuma receber apenas uma marca de caso por língua, o causado de transitivo varia, a exemplo das marcações acusativa, dativa e instrumental.

Essa variação está em conformidade com o fato de estruturas mais complexas terem mais restrições nas línguas. Como afirmam, “quanto mais complexo o esquema, maior será a variabilidade encontrada” (Kemmer; Verhagen, 1994, p. 146, tradução nossa¹²⁰). Os autores notam que, nas línguas com variação na marca do causado de intransitivo, as marcas e diferenciações semânticas são paralelas às encontradas no causado de transitivo.

Dixon (2000, p. 31) atesta que, na causativa de intransitivo, o sujeito original quase sempre passa à função de O — em nossa pesquisa, constatamos que o causado da língua Shanenáwa (Pano) é analisado como sujeito na causativa de intransitivo (cf. Cândido, 2004; Apêndice 4). Na causativa de transitivo, Dixon (2000) não especifica uma função prototípica para o sujeito original, mas afirma que o causador sempre assume a função de A — em nossa pesquisa, verificamos que isso não ocorre na língua Katukína (Katukína), cujo alinhamento ergativo possibilita a existência do causador e do causado na função de objeto (cf. Queixalós,

d. *same as DO*

same as DO

¹²⁰ [...] *the more complex the schema, the more variability will be found* [...].

2010, 2014; Apêndice 4). Assim, Dixon (2000, p. 78, tradução nossa¹²¹) enumera as possibilidades morfossintáticas do causado de transitivo:

cinco estratégias que as línguas empregam — (i) ter uma marcação especial para o A original (o causado); (ii) permitir que ambos, causador e causado, sejam marcados como A; (iii) permitir que ambos, causado e O original sejam marcados como O; (iv) fazer do causado o novo O, com o O original agora recebendo alguma marcação periférica; (v) o O original permanecer como O, com o causado recebendo marcação não nuclear.

Esclarecemos que o conceito de “periférica” não é fornecido por Dixon (2000). Tendo em vista que todas essas alternativas são validadas em diferentes famílias linguísticas, investigamos as estratégias mais frequentes nas línguas indígenas pesquisadas.

2.6.1. Hierarquia, Oblíquo e OI

Considerando a dificuldade de prever tipologicamente as propriedades sintáticas e a marcação de caso do causado, Kulikov (2001, p. 889-890, tradução nossa¹²²) junta-se aos autores que enfatizam a importância do tema para a análise linguística, além de destacar as duas propostas mais aceitas. Segundo o autor,

Quase todas as teorias sintáticas levantaram essa questão [sobre as propriedades sintáticas e a marcação de caso do causado], como uma espécie de “campo de testes” para os seus aparatos teóricos, e mesmo uma enumeração de diferentes abordagens da sintaxe das CCs [construções causativas] seria impossível dentro deste artigo. Vou apenas me concentrar nas duas abordagens mais influentes, que serão referidas, por conveniência, como a *abordagem de relações gramaticais* e a *abordagem dos papéis semânticos*.

A abordagem de papéis semânticos remete à noção de que o papel semântico do causado condiciona sua marcação e sua função sintática (cf. §2.6.5.3). A abordagem de relações gramaticais é uma referência a Comrie (1974), sendo essa uma das poucas propostas elaboradas com a intenção de prever a posição sintática que o causado ocupa. Nela, o antigo sujeito faz um

¹²¹ [...] *five strategies that languages employ – (i) having a special marking for the original A (the causee); (ii) allowing both causer and causee to be marked like an A; (iii) allowing both causee and original O to be marked like an O; (iv) making the causee the new O with original O now taking some peripheral marking; (v) original O staying as O, with the causee taking non-core marking.*

¹²² *Nearly all syntactic theories have raised this issue, as some kind of “testing ground” for their theoretical apparatus, and even an enumeration of different approaches to the syntax of CCs would be impossible within this article. I will only focus on the two most influential approaches, which will be referred to, for convenience, as the grammatical relations approach and the semantic roles approach.*

movimento descendente e, sobretudo, passo a passo, para a posição mais alta disponível, nos termos da Hierarquia de Casos proposta por Keenan e Comrie (1972).

Keenan e Comrie (1977, p. 95, tradução nossa¹²³) defendem que a hierarquia é capaz de explicar as transformações geradas na causativa morfológica: “a HA [Hierarquia de Acessibilidade] é útil na descrição sintática de construções causativas, em particular nas formações causativas sintéticas [morfológicas], em uma variedade de línguas”. Essa visão, contudo, é refutada em textos mais recentes (cf. Kemmer e Verhagen, 1994; Dixon, 2000; Kulikov, 2001).

Comrie (1985, p. 342) delinea a proposta de que o causado ocupa a posição disponível mais alta na hierarquia Sujeito > Objeto direto > Objeto indireto > Objeto oblíquo. Assim, seguindo uma valência típica entre as construções básicas e suas contrapartes causativas, o causado sempre desceria uma posição na hierarquia: na causativa de intransitivo, o causado tenderia a ser OD; na de transitivo, OI; e, na de ditransitivo, OObl.

Em raciocínio análogo, mantendo a ideia de que a estrutura complexa repete a simples (cf. Kemmer e Verhagen, 1994; Dixon, 2000), Kulikov (1993, p. 142, tradução nossa¹²⁴) identifica semelhança sintática entre a causativa de intransitivo e a construção transitiva, o que colocaria o causado na posição de OD: “É óbvio que, se o verbo não causativo é intransitivo, sua primeira causativa mais comumente segue os mesmos padrões sintáticos dos verbos transitivos não derivados”.

Em relação ao modelo (“caso paradigma”) da construção causativa, cuja hierarquia é OD > OI > OObl, Comrie (1974, p. 9, tradução nossa¹²⁵) afirma: “a posição mais baixa na Hierarquia, Obl [oblíquo], é sempre capaz de receber novos sintagmas nominais”. Para nós, isso ajuda a explicar por que o causado ou outro participante demovido passa a receber codificação de “oblíquo” na construção transitiva causativizada, cujas demais vagas argumentais estão preenchidas. Comrie (1974, p. 4) inclui os oblíquos na discussão porque sua análise sobre causativas morfológicas e gramática universal é voltada às marcas argumentais, e os oblíquos são entendidos como argumentos do verbo.¹²⁶

¹²³ [...] the AH [Accessibility Hierarchy] is useful in the syntactic description of causative constructions, in particular synthetic causative formations, in a variety of languages.

¹²⁴ It is obvious that if the non-causative verb is intransitive, its first causative most commonly follows the same syntactic patterns as non-derived transitive verbs [...].

¹²⁵ [...] the lowest position on the Hierarchy, Obl, is always able to receive new noun phrases.

¹²⁶ Comrie (1974, p. 4, tradução nossa) esclarece que:

“A Hierarquia completa, conforme dada e justificada em Keenan e Comrie (1972), é:

(5) Suj — OD — OI — Obl — Gen — OComp

(As duas últimas posições, Gen (genitivo adnominal) e OComp (objeto de comparação) não são relevantes para a presente discussão, uma vez que não são argumentos do verbo.)”

(The full Hierarchy, as given and justified in Keenan and Comrie (1972), is:

Uma hipótese alternativa para explicar o causado atuando como “objeto oblíquo”, diferente da Hierarquia, é a chamada “análise passiva”, mencionada por Comrie (1989, p. 179), mas descartada tipologicamente pelo autor. Nela, o causado assumiria a função de “objeto oblíquo” pela aplicação da mesma regra da construção passiva, tendo assim marcação igual à do participante agente na passiva. De fato, se olharmos para uma língua como o Mundurukú, em que esse agente e o causado de transitivo ocorrem com a mesma posposição, isso seria verdade. Contudo, no Mundurukú, a passiva é formada a partir da combinação da morfologia da causativa de transitivo e do morfema de voz média (cf. Gomes, 2006). Ademais, além de questões como essa, o problema principal da análise são as línguas com causativa e sem passiva.

Comrie (1974, p. 24, tradução nossa¹²⁷) já havia identificado alguma semelhança entre as operações:

toda vez que um sintagma nominal sujeito é demovido para Obl, independentemente da regra ou convenção responsável pela demção, ele sempre passa para o mesmo caso dentro de Obl. Assim, seria esperado que a passivização e a demção causativa tivessem o mesmo efeito.

Ao considerar que “oblíquo” é uma categoria dentro da qual podem ocorrer diferentes casos, o pesquisador parece tratá-lo como codificação argumental mais ampla, não como função sintática específica, diferentemente das demais posições de objeto de sua hierarquia (OD e OI).

Keenan e Comrie (1977, p. 66) avaliam que o oblíquo expressa um argumento do predicado principal e não tem função adverbial.¹²⁸ A partir dessa proposta, notamos que, na tradição linguística, a distinção entre OI, oblíquo e adverbial é vaga e, ao mesmo tempo, escalar. Convencionalmente, o oblíquo não é chamado de OI, tampouco é alocado entre os adjuntos adverbiais. De fato, ele não parece ter a plenitude argumental do OI, nem atuar como advérbio. Em outras palavras, seguindo essa tradição, o objeto oblíquo expressaria argumentos menos centrais que OIs, porém mais centrais do que adjuntos adverbiais.

(5) *Subj — DO — IO — Obl — Gen — OComp*

(The last two positions, *Gen* (adnominal genitive) and *OComp* (object of comparison) are not relevant to the present discussion, since they are not arguments of the verb.)

¹²⁷ [...] wherever a subject noun phrase is demoted to Obl, irrespective of the rule or convention responsible for the demotion, it always moves to the same case within Obl. Thus passivization and causative demotion would be expected to have the same effect [...].

¹²⁸ [...] OBL [significa] ‘SN de caso oblíquo principal’ (pretendemos aqui SNs [sintagmas nominais] que expressam argumentos do predicado principal, como *o baú* em *John coloca o dinheiro no baú*, em vez daqueles que têm uma função mais adverbial, como *Chicago* em *John mora em Chicago* ou *naquele dia* em *John partiu naquele dia*).

[...] OBL for ‘major oblique case NP’ (we intend here NPs that express arguments of the main predicate, as the chest in *John put the money in the chest rather than ones having a more adverbial function like Chicago in John lives in Chicago or that day in John left on that day*).

Nessa perspectiva, Creissels (2014, p. 44, tradução nossa¹²⁹) explicita uma concepção escalar, mostrando que ela elimina a divisão categórica entre argumentos oblíquos e adjuntos:

[...] não se deve esperar que exista distinção clara entre adjuntos verdadeiros e argumentos oblíquos (sintagmas nominais relativamente altos na escala de argumento [*argumenthood*], mas codificados como adjuntos típicos) se a distinção entre argumentos e adjuntos em si for concebida como escalar:

argumentos	-----	adjuntos
termos sintáticos nucleares		oblíquos

Com base nesse quadro, percebemos que os oblíquos representam uma categoria ampla, que se estende desde os argumentos não nucleares até o adjunto prototípico. Logo, participantes com codificação considerada periférica não atuam necessariamente como adjuntos, podendo, pelo contrário, ser argumentos.

Apesar da possibilidade de a posição de oblíquo sempre receber mais sintagmas nominais, Comrie (1985, p. 338) pondera que causativas formadas a partir de verbos transitivos tendem a ter a mesma valência de verbos ditransitivos, de modo que o causado apareceria como o OI do verbo causativo. Neste sentido, o autor entende que, embora a marca do causado possa variar em uma mesma língua, a exemplo de OD, dativo e instrumental, o tipo mais claro de causado é o OI.

Se seguirmos essas perspectivas, o que se vem chamando de oblíquo nas línguas indígenas pode ser interpretado como argumento, em consequência do aumento de valência obrigatoriamente presente na causativa. Existe, contudo, uma tradição no sentido contrário, a qual vem influenciando várias gerações de linguistas. Por exemplo, Kemmer e Verhagen (1994, p. 151, tradução nossa¹³⁰) citam um ilustre linguista russo: “Jakobson (1966: 68) afirma que os casos dativo e instrumental marcam os participantes SN [sintagmas nominais] que ocupam uma ‘posição periférica’ em ‘todo o conteúdo conceitual do enunciado’ ”.

É importante termos em mente que diferentes objetivos e pressupostos teóricos ou filosóficos dos pesquisadores conduzem a análises e propostas também diferentes. Neste sentido, não podemos tomar como verdade incondicional as afirmações dos linguistas, por mais competentes e renomados que sejam, sem levar em consideração o que eles realmente buscavam

¹²⁹ *no clear-cut distinction must be expected to exist between true adjuncts and oblique arguments (noun phrases relatively high on the scale of argumenthood but encoded like typical adjuncts) if the distinction between arguments and adjuncts itself is conceived as scalar:*

arguments	-----	adjuncts
core syntactic terms		obliques

¹³⁰ *Jakobson (1966: 68) states that the dative and the instrumental cases mark NP participants that occupy a “peripheral position” in the “entire conceptual content of the utterance”.*

em suas propostas. No caso em questão, diante desse antecedente de Jakobson (1966), posições teóricas podem ter sido assumidas *a priori* e induzido linguistas a associar todos os dativos e instrumentais automaticamente a um valor periférico.

Divergências de análise mostram que as categorias gramaticais podem ser problematizadas tanto como relações gramaticais válidas em línguas individuais quanto como classes tipológicas universais (cf. Comrie e Keenan, 1979, p. 655). A esse respeito, Comrie (1989, p. 177, tradução nossa¹³¹) apresenta uma discussão sobre o OI e observa: “em muitas línguas, parece que as construções causativas seriam as únicas nas quais o objeto indireto é uma relação gramatical relevante”. Em nosso ponto de vista, a existência de OIs nas causativas pode reforçar a importância do dativo nessas construções, porque se trata de marcação recorrentemente associada a essa função na literatura (cf. §2.4) e porque o OI é analisado como argumento nas línguas. Nessa linha, Comrie (1989: 177, tradução nossa¹³²) pondera:

[...] no estudo translinguístico das construções causativas, o objeto indireto parece ser uma das posições mais bem justificadas, sendo o uso de objetos indiretos para expressar o causado na causativa de um verbo transitivo extremamente difundido entre as línguas do mundo.

A situação oposta, contudo, também acontece. Kozinsky e Polinsky (1993) identificam que, em Coreano (Coreânica), perde-se a função de OI na causativa, e o nominal demovido (OD) mantém a marca acusativa. Esse exemplo, para nós, reforça nossa proposta de *delay* (atraso) entre forma e função, segundo a qual a morfologia é mais lenta do que a função para ser substituída ou retirada, pois, no processo de mudança linguística, a forma demora a se adaptar ao uso.¹³³ Em Scandelari (2021), atribuímos o termo “quase argumento”, previamente utilizado na literatura¹³⁴, ao elemento que não possui todas as propriedades de argumento. Em nossa proposta, o quase argumento pode indicar esse tipo de processo, de mudança linguística em curso.

¹³¹ *In many languages, it seems that causative constructions would be the only ones where indirect object is a relevant grammatical relation [...].*

¹³² *Yet, in the crosslinguistic study of causative constructions, indirect object seems to be one of the best justified positions, the use of indirect objects to express the causee in the causative of a transitive verb being extremely widespread across the languages of the world.*

¹³³ Shibatani (2002, p. 20) usa a expressão “*time lag*” para se referir ao intervalo de tempo necessário para que mudanças ocorram em diferentes níveis linguísticos. Kozinsky e Polinsky (1993, *passim*) recorrem ao termo “conflito de codificação” para tratar de construções com marcação morfológica ou suprasegmental igual, mas com diferentes funções pragmática, semântica ou gramatical.

¹³⁴ Comrie (1974, p. 30, tradução nossa) emprega “quase argumento” (*quasi-argument*), evidenciando que a expressão é usada há mais de cinquenta anos, possivelmente com sentidos variados ao longo do tempo.

Kemmer e Verhagen (1994, p. 123, tradução nossa¹³⁵) reconhecem que o causado, na causativa de transitivo, muitas vezes é demovido para a próxima posição livre, de “objeto indireto, geralmente caso dativo”. Os pesquisadores verificam, contudo, que o uso de marcas não dativas também é recorrente e que há variações na marcação do causado, as quais se manifestam com mudanças semânticas. Para eles, a sintaxe, expressa na hierarquia de Comrie (1974), não é capaz de explicar essas diferenças.

Para Dixon (2000, p. 55, tradução nossa¹³⁶), as marcas “não nucleares” do causado na causativa de transitivo são: dativo, instrumental, locativo, alativo, adessivo e “poss:essivo”. Como exemplo de causado dativo em línguas indígenas brasileiras, o autor menciona o Aparaí (Caribe) e o Kamaiurá (Tupí-guaraní). Essas marcas, no entanto, não implicam necessariamente que o causado seja um adjunto. Usando a língua Telugo (Dravídica) para ilustrar, Dixon (2000, p. 49, tradução nossa¹³⁷) afirma que uma posposição codifica um argumento no papel de causado: “Essa é, na verdade, a forma do caso instrumental do substantivo *ceeyi* ‘mão’ (lit. ‘com a mão’), mas aqui funciona como uma posposição [*ceeta*] marcando o argumento causado na causativa de um transitivo”.

Como Dixon (2000) mostra, não é só a marcação do causado que difere da hierarquia de Comrie (1974). Além do causado, o O original também tem suas marcas alteradas na causativa. Por isso, o autor avalia que a hierarquia aplicada às causativas é rara nas línguas. Na mesma linha, Kulikov (2001, p. 890-891, tradução nossa¹³⁸) considera que as generalizações referentes à “abordagem de relações gramaticais” tendem a não se confirmar, e afirma que há duas exceções principais a essa proposta: a demissão estendida e a duplicação sintática.

A primeira se refere às situações em que o causado “pula” uma posição, não assumindo a posição livre imediatamente mais alta na hierarquia. A segunda, às construções em que o causado recebe a mesma marca de outro elemento, havendo, ao menos aparentemente, dois constituintes com funções iguais (embora o autor use a expressão “duplicação sintática”, reconhece que a igualdade de funções pode não ocorrer).

¹³⁵ [...] In TCs [transitive causative constructions], the direct object case is taken by the affectee, leaving the causee to be assigned the next one down (indirect object, usually dative case).

¹³⁶ [...] poss:essive.

¹³⁷ This is in fact the instrumental case form of the noun *ceeyi* ‘hand’ (lit. ‘with the hand’) but here functions as a postposition marking the causee argument in the causative of a transitive.

¹³⁸ grammatical relations approach.

2.6.2. O causado e o processamento cognitivo

Além dos aspectos formais e funcionais abordados nesta seção, alguns autores reforçam suas hipóteses com base em elementos cognitivos. Kozinsky e Polinsky (1993, p. 232, tradução nossa¹³⁹) destacam a dificuldade de processar informações complexas, propondo que “Quanto mais interpretações alternativas tiverem de ser testadas antes de a sentença ser corretamente processada, maior será o ‘custo’ de tal processamento, ou a *complexidade do processamento*”. Os fatores que elevam esse custo são: ambiguidades, omissões, recuperação da função comunicativa do argumento omitido e mudanças na ordem canônica.

Em relação à ambiguidade e à interpretação do causado, Kozinsky e Polinsky (1993, p. 232, tradução nossa¹⁴⁰) argumentam:

Como o OD, em uma construção transitiva regular, comumente corresponde ao paciente, a interpretação de paciente tem precedência sobre a interpretação de causado/recipient. Assim, interpretar um único OD na construção ditransitiva como o causado/recipient [...] acarreta maior complexidade de processamento.

É o que acontece no exemplo “*(We) gave Vladimir Ø”¹⁴¹, cuja ambiguidade deriva da existência de apenas um nominal com verbo ditransitivo. Atribuir a “Vladimir” o papel de recipient implicaria mais esforço do que interpretá-lo como paciente (Kozinsky; Polinsky, 1993, p. 231).

Quanto à recuperação da função comunicativa do constituinte omitido, nas línguas em que isso ocorre, os autores estabelecem correlação entre grau de topicalidade e possibilidade de omissão, identificando que argumentos mais tópicos tendem a ser omitidos, por serem mais facilmente recuperáveis pelos falantes, de modo que omitir um paciente eleva a complexidade de processamento. As omissões e as mudanças de ordem, naturalmente, também aumentam essa complexidade.

Tais análises contrariam a noção de que os constituintes mais suscetíveis à omissão teriam valor argumental menor do que os demais. Na realidade, a definição do grau argumental de um constituinte dependerá da inter-relação entre os variados níveis linguísticos. A estes,

¹³⁹ *The more alternative interpretations that have to be tested before the sentence is correctly processed, the higher is the “cost” of such processing, or processing complexity.*

¹⁴⁰ *Since DO in a regular transitive construction commonly corresponds to the patient, the patient interpretation takes precedence over the causee/recipient interpretation. Thus, interpreting a single DO in the ditransitive construction as the causee/recipient [...] entails greater processing complexity.*

¹⁴¹ “*(Nós) demos Vladimir Ø” (Kozinsky; Polinsky, 1993, p. 231, tradução nossa).

junta-se a complexidade de processamento como elemento adicional no comportamento sintático.

Kemmer e Verhagen (1994, p. 145, tradução nossa¹⁴²) também recorrem a aspectos cognitivos para embasar suas propostas, reforçando sua capacidade explicativa em situações de variação translinguística:

[...] os significados das estruturas causativas e seus componentes (em particular, a marcação de caso e os verbos causativos analíticos) são essenciais para a descrição e compreensão dos padrões que ocorrem. Evidências translinguísticas sugerem que existem alguns modelos cognitivos humanos básicos de causação que envolvem estruturas conceituais dinâmicas de força, com configurações específicas de participantes e tipos de interações entre eles. Esses modelos, argumentamos, se relacionam a modelos mais básicos que são importantes na linguagem humana, notavelmente estruturas de eventos transitivos e ditransitivos.

Os pesquisadores compreendem a própria causalidade dentro de pressupostos cognitivos, referindo-se não à causação no mundo físico, mas a algo mais abstrato: “a conceituação humana de causação, que deve ser baseada em algum modo ou modos fundamentais de agrupamento (*chunking*) e organização da realidade percebida que permite aos humanos interagir com sucesso com seu ambiente físico e social” (Kemmer; Verhagen, 1994, p. 117, tradução nossa¹⁴³).

A partir disso, entendemos que a percepção e a interação com a realidade criam conceitos, os quais são expressos por construções linguísticas rotinizadas, em grande parte decorrentes da interação com o mundo. Codificações específicas podem indicar não só restrições gramaticais no sistema linguístico, mas também a dificuldade de processamento cognitivo, de maneira que a análise exclusiva de fatores sintáticos restringe a capacidade de elaborar generalizações e explicações a respeito das relações gramaticais.

¹⁴² [...] meanings of the causative structures and their components (in particular case marking and analytic causative verbs) are essential to the description and understanding of the patterns that occur. Cross-linguistic evidence suggests that there are a few basic human cognitive models of causation that involve force dynamic conceptual structures having particular configurations of participants and types of interactions among them. These models, we argued, relate to more basic models that are important in human language, notably transitive and ditransitive event structures.

¹⁴³ [...] the human conceptualization of causation, which must be based in some fundamental mode or modes of chunking and organizing perceived reality that allows humans to interact successfully with their physical and social environment.

2.6.3. Causador, causado e compartilhamento das propriedades de sujeito

Como observado pela literatura teórica, em uma causativa de transitivo, o antigo sujeito precisa mudar sua função sintática, já que sua função de sujeito foi ocupada pelo argumento com papel de causador. É possível, entretanto, que o causador e o causado dividam entre si os atributos de sujeito.

Nessa situação, Comrie (1985, p. 335, tradução nossa¹⁴⁴) informa que, dada a restrição nas línguas para a ocorrência de dois sujeitos no mesmo predicado, o causado manifestará outra função sintática: “o sujeito do verbo não causativo (o causado) não pode aparecer como sujeito do verbo causativo: se aparecer de alguma forma, deve aparecer como algum outro argumento sintático da construção causativa”. Apesar dessa restrição, é possível que o causado conserve características de sua função prévia: “algumas propriedades sintáticas do sujeito ainda podem ser mantidas, em línguas específicas, pelo causado” (Comrie, 1985, p. 336, tradução nossa¹⁴⁵). O autor ilustra com o Japonês, em que o causador e o causado compartilham a correferência do pronome reflexivo.

Dixon (2000, p. 49-50) exemplifica a situação com a língua Qiang (Tibeto-birmanesa), na qual o causador e o causado de uma causativa de transitivo dividem as propriedades de sujeito. De acordo com o autor, o causador controla o verbo, mantendo a referência cruzada, enquanto o causado recebe o sufixo de marca agentiva. Em Trumai (língua isolada, Brasil), Dixon (2000, p. 49) informa que o causador e o causado recebem a mesma marca (ergativa), sendo diferenciados pela ordem em que aparecem (causador antes).

Na mesma linha, Kulikov (2001, p. 891, tradução nossa¹⁴⁶) afirma que o causado é capaz de preservar atributos de sua antiga função: “critérios sintáticos revelam que o causado pode se comportar diferentemente de qualquer outro objeto (prototípico) e reter uma série de propriedades de sujeito — mesmo nos casos em que não há conflito de codificação em termos de marcação de caso”.

Em relação à causativa sintática (bi-oracional), Dixon (2000) relata que, na língua Macuxí (Caribe), o causado recebe a marca ergativa, mantendo o caso do sujeito da construção primitiva. Assim, o causado permanece na mesma função sintática em uma oração subordinada a outra, a principal, com verbo causativo e sujeito agente indireto.

¹⁴⁴ [...] *the subject of the non-causative verb (the cause[e]) cannot appear as subject of the causative verb: if it appears at all, it must appear as some other syntactic argument of the causative construction.*

¹⁴⁵ [...] *some syntactic subject properties may still be retained, in individual languages, by the causee.*

¹⁴⁶ [...] *syntactic criteria reveal that the causee may behave differently from any other (prototypical) object and retain a number of subject properties – even in cases where there is no coding conflict in terms of case marking [...].*

2.6.4. Critérios sintáticos para identificar o causado

Dixon (2000) relata que o causado de transitivo é marcado como O em várias línguas. Em consequência, nas situações em que o O original mantém sua codificação, parece haver dupla marcação de objeto.¹⁴⁷ Todavia, o autor nos dissuade dessa ideia e pondera que “apenas um dos argumentos tem todas as propriedades de um O” (Dixon, 2000, p. 50, tradução nossa¹⁴⁸). Em sua visão, embora haja línguas nas quais não é possível distinguir os dois objetos, nas demais, é o causado que tende a assumir a verdadeira função de O, chamada de “O pleno” (Dixon, 2000, p. 50, tradução nossa¹⁴⁹). Assim, com base em testes sintáticos, o causado tende a ficar mais alto na hierarquia argumental, o que confirmamos nos resultados da pesquisa (cf. §4).

Para nós, como exposto anteriormente, o constituinte argumental que não possui as propriedades argumentais completas representa o quase argumento (cf. Scandelari, 2021), situação semelhante à do O original nessas construções com marcação duplicada, ou “segundo objeto” de Dixon (2000, p. 50, tradução nossa¹⁵⁰).

Entre os testes realizados para tentar diferenciar os dois nominais com marca de O e identificar se algum deles é hierarquicamente mais alto que o outro, Dixon (2000) menciona a passivização, a substituição por clítico, a ordem dos constituintes e a referência cruzada no verbo. Kulikov (2001, p. 891) sugere a passivização para julgar se um dos SNs poderá atuar como sujeito na passiva, além do controle de reflexivos possessivos.

Nessas situações de dupla marcação, Kozinsky e Polinsky (1993, p. 230, tradução nossa¹⁵¹) identificam comportamentos recorrentes entre causado e paciente:

- a. o nominal causado pode ser extraído, passivizado e/ou suprimido apenas na presença do nominal paciente expresso,
- b. o nominal paciente pode ser extraído, passivizado e/ou suprimido apenas se o nominal causado/recipient não for expresso abertamente.

Apesar de haver variações quanto à hierarquia desses dois constituintes nas relações gramaticais, os autores sustentam que os padrões apresentados se mantêm em diferentes

¹⁴⁷ Dixon (2000, p. 52) informa que o chamado “duplo objeto” ocorre apenas na causativa de transitivo, mas não nas ditransitivas não causativas (as quais, para o autor, têm a mesma sintaxe das causativas).

¹⁴⁸ [...] *only one of the arguments has the full properties of an O* [...].

¹⁴⁹ [...] *full O*.

¹⁵⁰ [...] *second object*.

¹⁵¹ a. *the causee nominal can be extracted, passivized and/or suppressed only in the presence of the overt patient nominal,*

b. *the patient nominal can be extracted, passivized and/or suppressed only if the causee/recipient nominal is not overtly expressed.*

línguas. Em consequência, Kozinsky e Polinsky (1993, p. 230, tradução nossa¹⁵²) acabam relativizando esses testes para definir a hierarquia de relações gramaticais e afirmam que “elas [as regularidades observadas] operam *independentemente das relações gramaticais*”. Assim, nas situações em que o causado e o paciente na causativa de transitivo apresentam função de OD ou caso acusativo, os pesquisadores defendem que os constituintes não são idênticos, não havendo duplicação de relações gramaticais. Essa conclusão é semelhante à de Dixon (2000, p. 50) sobre a aparente duplicação de objeto nas causativas.

Exemplificando com o Coreano, Kozinsky e Polinsky (1993, p. 201, tradução nossa¹⁵³) informam que as construções biacusativas são usadas para indicar mudança de estado completa do “novo acusativo” e para estabelecer tópico de contraste do “novo acusativo” ou focalizar o “acusativo inicial”. Os pesquisadores concluem que o causado é um “termo”¹⁵⁴, exercendo as funções de OD ou OI, na linha do que Dixon (2000, p. 50) viria a propor. E, sendo objeto, o causado mantém a importância semântica e pragmática que os “termos”/argumentos têm.

Kozinsky e Polinsky (1993, p. 182, tradução nossa¹⁵⁵) reforçam a importância de avaliar elementos comunicativos nas análises linguísticas, por considerarem que a pragmática e o discurso são capazes de explicar o que os testes sintáticos não revelam:

Como este artigo se preocupa em identificar relações gramaticais em orações causativas, gostaríamos de mencionar alguns problemas gerais que surgem na análise sintática:

- (5) a. Alguns testes sintáticos selecionam tanto termos quanto não termos (flutuação do quantificador, relativização, topicalização), indicando que esses processos podem ser controlados por elementos comunicativos, p.ex., por tópico e não por relações gramaticais;
- b. Propriedades sintáticas são frequentemente estudadas em orações com SNs hierarquicamente diferentes.

Além disso, segundo os autores, há situações em que o causado pode exercer controle pragmático, mas não sintático, da reflexivização possessiva. Para nós, essa e outras constatações

¹⁵² [...] *they [regularities] operate* irrespective of grammatical relations.

¹⁵³ [...] *new accusative* [...] *initial accusative*.

¹⁵⁴ Crystal (2008, p. 480, tradução nossa) assim define “termo”: “Na Gramática Relacional, uma das três relações básicas reconhecidas por essa teoria: Sujeito, Objeto direto e Objeto indireto”. (*term* (adj./n.) *In Relational Grammar, one of the three basic relations recognized by that theory: Subject, Direct object and Indirect object.*)

¹⁵⁵ *As this paper is concerned with identifying grammatical relations in causative clauses, we would like to mention some general problems that arise in syntactic analysis:*

(5) a. *Some syntactic tests select both terms and non-terms (Quantifier Float, Relativization, Topicalization), indicating that these processes may be controlled by communicative elements, e.g. by Topic rather than by grammatical relations;*
 b. *syntactic properties are often studied in clauses with hierarchically different NPs.*

revelam que muitos testes não devem ser tomados como critérios finais e definidores de relações gramaticais, mas como indícios. Por exemplo, um causado que pode ser extraído, passivizado ou omitido deveria ser considerado argumento ou adjunto? A resposta dependerá da análise das funções comunicativas.

A acessibilidade às operações de extração¹⁵⁶, passivização e supressão pode ser influenciada pela hierarquia de papéis semânticos (“agente (causador) > recipiente (causado) > paciente”), apresentada por Kozinsky e Polinsky (1993, p. 226, tradução nossa¹⁵⁷), e pelas características pragmáticas, como ocorre com o causado atuando como tópico secundário. Kozinsky e Polinsky (1993, p. 230, tradução nossa¹⁵⁸) avaliam que, apesar de diferenças sintáticas, essas construções têm finalidades comunicativas similares, a exemplo da destopicalização de constituintes. Segundo os autores,

Embora cada um deles tenha uma sintaxe diferente, passivização, extração e supressão têm uma função comunicativa comum. Todos eles servem para destopicalizar o tópico inicial ou o nominal que tem mais chances de se tornar o tópico principal. Depois que esse nominal perde sua topicalidade, a posição de tópico pode ser assumida por outro elemento na sentença.

Essa é uma propriedade clara desses mecanismos, que explicitam aspectos da estrutura discursiva do enunciado, mas ignorada em avaliações puramente formais. Em perspectiva parecida, Kemmer e Verhagen (1994, p. 135, tradução nossa¹⁵⁹) avaliam que as mesmas marcações oblíquas não dativas no causado e no agente de uma passiva, a exemplo da marca instrumental, se devem à não topicalidade ou periferalidade e à dispensabilidade desses participantes. E arrematam: “Se o agente *fosse* tópico, é evidente, não se usaria uma construção passiva”.

Por fim, Kozinsky e Polinsky (1993, p. 221) tratam o OI como “termo” ou “não termo”, no sentido de ser ou não uma relação gramatical, nas línguas em que o OI pode ou não ser

¹⁵⁶ Kozinsky e Polinsky (1993, p. 227, tradução nossa) empregam “extração” como um hiperônimo de mais operações: “O termo engloba Relativização, Topicalização, Clivagem, formação de pergunta e outros processos que envolvem um deslocamento do respectivo nominal sem sua codificação original”. Os autores analisam essas operações pela necessidade de avaliar construções com dois objetos, a fim de diferenciar as relações gramaticais que o causado e o paciente tendem a exercer. (*The term “extraction” subsumes Relativization, Topicalization, Clefting, question formation and other processes that involve a dislocation of the respective nominal without its original coding.*)

¹⁵⁷ *agent (causer) > recipient (causee) > patient.*

¹⁵⁸ *While they each have a different syntax, passivization, extraction, and suppression have a common communicative function. They all serve to detopicalize the initial topic or the nominal that has most chances of becoming main topic. After this nominal loses its topicality, the topic position can be assumed by another element in the sentence.*

¹⁵⁹ *If the agent were topical, of course, one would not use a passive construction at all.*

diferenciado do oblíquo. Para compará-los formalmente e avaliar os constituintes da causativa, os autores avaliam a ordem dos constituintes, a pronominalização do causado e do destinatário, a pronominalização dos objetos e a ordem após a pronominalização. Assim, se uma mesma língua tiver causados com marcas e comportamentos diferentes, serão tratados distintamente, a exemplo do Holandês.

2.6.4.1. *Relativização do causado*

Entre os critérios sintáticos disponíveis para avaliar o comportamento do causado está a relativização. Embora esse teste nem sempre seja explicitado na literatura, alguns autores tratam o causado como um argumento “oblíquo”, o que nos leva a considerar as características associadas a esse tipo de constituinte.

Keenan e Comrie (1979, p. 341, tradução nossa¹⁶⁰) afirmam que, “se alguém quiser expressar o significado equivalente a uma relativa de OBL [oblíquo], isso só poderá ser feito promovendo o OBL para OD”. Os pesquisadores também relatam que, em algumas línguas, SNs de tipo oblíquo não são relativizáveis. Entendemos que situações como essas, avaliadas isoladamente, seriam indícios de menor *status* argumental do oblíquo em relação aos objetos.

No entanto, é importante esclarecer que Comrie e Keenan (1979, p. 654-655, tradução nossa¹⁶¹), ao reformularem algumas proposições prévias (cf. Keenan e Comrie, 1977), atribuem a capacidade de relativização não necessariamente aos sintagmas que exercem uma função sintática, mas à posição em si:

Estamos inclinados, agora, a enfraquecer ligeiramente a exigência de nossa pré-condição, em conformidade com o que foi de fato nossa prática na NPA [Acessibilidade de Sintagmas Nominais]. Assim, parece-nos razoável dizer que uma posição é relativizável se qualquer classe clara de SNs que tenha essa posição for relativizável, mesmo que muitos SNs que tenham essa posição não possam ser relativizados (por razões específicas da língua).

Neste sentido, ao avaliar a relativização do causado, consideramos as características da posição ocupada em cada língua, mesmo que o constituinte, analisado individualmente, não possa ser relativizado.

¹⁶⁰ *If one wishes to express the meaning of relativizing an OBL, it can only be done by promoting the OBL to DO [...].*

¹⁶¹ *We are inclined now to weaken the statement of our requirement slightly, in conformity with what was in fact our practice in NPA [Noun Phrase Accessibility]. Thus it seems to us reasonable to say that a position is relativizable if any clear class of NP's having that position is relativizable, even if many NP's having that position cannot be relativized (for language-particular reasons).*

2.6.5. Propriedades semânticas

Diante da escassez de análises semânticas nas descrições linguísticas, Dixon (2000, p. 61, tradução nossa¹⁶²) alerta: “muitos linguistas, ao escreverem a gramática de uma língua, simplesmente afirmam que existe uma construção causativa, descrevendo a marcação formal e algo da sintaxe. Isso não é suficiente — o significado também deve ser discutido”. Para o autor, diferentes construções causativas, em uma mesma língua, têm motivações semânticas distintas.

Embora a necessidade de aprimorar as descrições seja real, cumpre lembrar que muitas gramáticas são produzidas no período exíguo de um doutorado. Diante da limitação de tempo para analisar todos os fenômenos em profundidade, os pesquisadores se dedicam a temas específicos e projetam a continuidade da pesquisa para etapas futuras.

Retomando as questões semânticas, Kemmer e Verhagen (1994, p. 124, tradução nossa¹⁶³) também já argumentavam em prol da análise semântica em paralelo à sintática e à morfológica:

Do nosso ponto de vista, a variação na marcação de caso que está associada a princípios semânticos é uma indicação clara de que os significados dos marcadores de caso estão envolvidos, em vez de uma hierarquia puramente formal. Como mostraremos, existem princípios gerais que governam as diferenciações semânticas associadas à marcação de caso nas causativas. Idealmente, deve-se ter uma descrição única que incorpore tanto a distribuição translinguística de casos quanto as generalizações relativas à diferenciação semântica [...].

Em linha parecida, Shibatani e Pardeshi (2002) alertam para a importância de avaliar a semântica do verbo e do sujeito na construção primitiva (não causativa). A análise do verbo viabiliza a compreensão das restrições que sua semântica acarreta na construção causativa, do mesmo modo que o papel semântico do sujeito restringe o papel do causado. Os autores afirmam:

Uma análise mais detalhada da semântica do verbo base é importante não apenas para explicar as várias restrições que diferentes processos de

¹⁶² *Many linguists, when writing the grammar of a language, simply state that there is a causative construction, describing the formal marking and something of the syntax. This is not enough – the meaning must be discussed as well.*

¹⁶³ *From our point of view, variation in case marking that is associated with semantic principles is a clear indication that the meanings of the case markers are involved, rather than a purely formal hierarchy. As we will show, there are general principles that govern the semantic differentiations associated with the case marking in causatives. Ideally, one should have a single account that incorporates both the cross-linguistic distribution of cases and the generalizations regarding semantic differentiation [...].*

causativização podem impor, mas também para entender as várias maneiras pelas quais diferentes grupos de verbos se alinham. Especialmente importante é o papel semântico carregado pelo sujeito do verbo base — seja ele o agente, o paciente ou ambos. Todas essas considerações apontam para a conclusão de que os processos de causativização são organizados amplamente de acordo com a semântica dos verbos base (Shibatani; Pardeshi, 2002, p. 96, tradução nossa¹⁶⁴).

Aikhenvald (2021, p. 7) defende que o conhecimento cultural pode ser a solução para compreender o significado dos enunciados com morfema causativo. Partindo da análise de diferentes línguas amazônicas, a autora constata que o sentido do afixo causativo é alterado em decorrência do contexto, de modo que, sem o conhecimento da cultura dos falantes, os significados do afixo causativo se tornam vagos.

Entre os exemplos fornecidos, Aikhenvald (2021) apresenta um contexto em que o sufixo *-iita* ‘causativo’, da língua Baniwa do Içana (Arawak), perde a semântica de causa e passa a indicar ação intensiva com verbos transitivos. Além disso, a valência do verbo original não é modificada:

Baniwa do Içana

(6)	<i>no-híma</i> 1SG-ouvir ‘Eu ouço (algo)’	<i>no-híma-iita</i> 1SG-ouvir-‘CAUS’ ‘Eu escuto atentamente’ (*fazer ouvir)

(Aikhenvald, 2021, p. 11, grifos e tradução nossos¹⁶⁵)

A respeito da diferença entre ouvir e escutar, Dixon (1988, p. 51, tradução nossa¹⁶⁶) argumenta que “alguém pode ‘ouvir’ um barulho involuntariamente, mas ‘escutar’ envolve intenção”. De acordo com Dixon (1988) e Aikhenvald (2021), a volição ou o esforço do agente explicam essa diferença. Em (6), portanto, o sentido acrescentado pelo sufixo *-iita* deixou de ser causativo e passou a ser intensivo.

Sobre a valência da construção derivada, Aikhenvald (2021, p. 15-16) afirma que os morfemas causativos com sentidos diversos podem manter a valência. Nessas situações, a

¹⁶⁴ *A closer analysis of base-verb semantics is important not only in accounting for the various restrictions that different causativization processes may impose, but also in understanding the various ways that different groups of verbs align. Especially important is the semantic role borne by the subject of the base verb – whether it is the agent, the patient or both. These considerations all point to the conclusion that causativization processes are organized largely according to the semantics of the base verbs.*

¹⁶⁵

<i>no-híma</i>	<i>no-híma-iita</i>
1sg-hear	1sg-hear-‘CAUS’
‘I hear (smth)’	‘I listen attentively’ (*make hear)

¹⁶⁶ [...] *one may “hear” a noise involuntarily, but “listening” involves intent*”.

autora identifica três grupos de sentidos: a) A mais manipulativo e volitivo; b) ação intensa ou reiterada; c) O totalmente afetado.

Embora a análise semântica não consiga explicar variados aspectos sintáticos das causativas (cf. Comrie, 1989, p. 183)¹⁶⁷, seguimos a proposta de avaliar os significados e correlacionar os critérios semânticos e seus impactos à forma gramatical do causado nas línguas indígenas. Nas próximas subseções, partimos da análise mais abrangente, expressa nos parâmetros semânticos propostos por Dixon (2000), para as principais análises de mais pesquisadores.

2.6.5.1. *Parâmetros semânticos do causado*

Dixon (2000, p. 62, tradução nossa¹⁶⁸) propõe nove parâmetros semânticos, não exaustivos, para o exame das causativas. Alguns deles foram integralmente aproveitados no protocolo que elaboramos para esta pesquisa (cf. §3.4):

Os nove parâmetros semânticos são:

(a) Relativo ao verbo

1. Estado/ação. Um mecanismo causativo se aplica apenas a um verbo que descreve um **estado**, ou também a um verbo que descreve uma **ação**?
2. Transitividade. Aplica-se apenas a verbos **intransitivos**, ou a ambos, verbos **transitivos** simples e intransitivos, ou a todos os tipos de verbos — intransitivos, transitivos simples e também **ditransitivos**? [...]

(b) Relativo ao causado (S ou A original)

¹⁶⁷ Em nosso ponto de vista, essa limitação da análise semântica pode estar relacionada com a gramaticalização, que gradualmente apaga as motivações para formas concorrentes.

¹⁶⁸ *The nine semantic parameters are:*

(a) *Relating to the verb*

1. *State/action. Does a causative mechanism apply only to a verb describing a **state**, or also to a verb describing an **action**?*
2. *Transitivity. Does it apply only to **intransitive** verbs, or to both intransitive and simple **transitive** verbs, or to all types of verbs – intransitive, simple transitive and also **ditransitive**? (Note that there are no causatives that apply only to transitives and not to intransitives. [...])*

(b) *Relating to the causee (original S or A)*

3. *Control. Is the causee **lacking control** of the activity (e.g. if inanimate, or a young child) or normally **having control**?*
4. *Volition. Does the causee do it **willingly** ('let') or **unwillingly** ('make')?*
5. *Affectedness. Is the causee only **partially affected** by the activity, or **completely affected**?*

(c) *Relating to causer (in A function in the causative construction)*

6. *Directness. Does the causer act **directly** or **indirectly**?*
7. *Intention. Does the causer achieve the result **accidentally** or **intentionally**?*
8. *Naturalness. Does it happen **fairly naturally** (the causer just initiating a natural process) or is the result achieved only **with effort** (perhaps, with violence)?*
9. *Involvement. Is the causer also **involved** in the activity (in addition to the causee) or **not involved**?*

3. Controle. O causado está **sem controle** da atividade (por exemplo, se inanimado ou uma criança pequena) ou normalmente **tem controle**?

4. Volição. O causado faz isso **com volição** ('deixar') ou **sem volição** ('fazer')?

5. Afetação. O causado é apenas **parcialmente afetado** pela atividade ou **completamente afetado**?

(c) Relativo ao causador (em função de A na construção causativa)

6. Direto. O causador atua **diretamente** ou **indiretamente**?

7. Intenção. O causador alcança o resultado **acidentalmente** ou **intencionalmente**?

8. Naturalidade. Acontece **naturalmente** (o causador apenas iniciando um processo natural) ou o resultado é alcançado apenas **com esforço** (talvez com violência)?

9. Envolvimento. O causador também está **envolvido** na atividade (além do causado) ou **não está envolvido**?

Começando pelo causado, cumpre notar que alguns parâmetros se influenciam mutuamente, como 3 (controle) e 4 (volição), uma vez que, na maioria das situações, o controle depende da volição. Comrie (1989, p. 173) associa o controle à animacidade, uma vez que entidades inanimadas não têm controle do evento. E avalia que o próprio grau de controle do causado envolve um contínuo. O autor também constata que esse controle pode ser indicado lexical ou morfológicamente.

Segundo Comrie (1989, p. 181-182), o causado de transitivo tende a ter mais controle do que o de intransitivo, assumindo a posição dativa ou instrumental. Esse controle maior é esperado, a nosso ver, devido à transitividade prototípica, na qual um sujeito agente altera o estado de um objeto paciente. Ademais, se considerarmos que a estrutura primitiva influencia a derivada (causativa) tanto pragmática quanto morfológicamente, a constatação de Comrie (1989) acaba por se relacionar com a proposta de tópico secundário, de Kozinsky e Polinsky (1993) (cf. §2.7).

Para Comrie (1989, p. 174, 181), a correlação entre a marca morfológica e a semântica se verifica tanto na causativa quanto na passiva, com o caso acusativo indicando menos controle, e o instrumental, mais. Em relação ao dativo, o pesquisador afirma que ele tende a ser um experienciador ou recipiente e ter nível intermediário de controle:

O dativo, como expoente típico do experienciador ou recipiente, ocupa uma posição intermediária: experiências são, de fato, baixas em controle, embora ainda difiram dos pacientes no sentido de que devem ser sencientes; os

recipientes, ainda mais claramente, são intermediários (Comrie, 1989, p. 181, tradução nossa¹⁶⁹).

Comrie (1989, p. 181, tradução nossa¹⁷⁰), então, formula uma proposta de hierarquia entre caso e grau de controle do causado: “Poderíamos assim estabelecer uma hierarquia: instrumental > dativo > acusativo, em termos do grau de controle (do maior para o menor)”.

Nessa linha, Kulikov (1993, p. 144) fornece o exemplo do Hindi (Indo-ariana) em que o causado é dativo quando afetado, mas instrumento quando não afetado. Podemos considerar, nessa situação, que o instrumental está mais próximo de agente do que o dativo.

Kozinsky e Polinsky (1993, p. 202, tradução nossa¹⁷¹) também tratam do tema e definem “controle” como “a capacidade de iniciar/continuar/terminar uma situação”. Os pesquisadores defendem que é a associação regular entre relações gramaticais e papel semântico que indica o grau de controle do participante, de modo que a escolha da marcação não é arbitrária. Exemplificando com o Coreano, confirmam que, quando há possibilidade de marcar o causado de formas diferentes, é o acusativo que indica ausência de controle da situação. Para indicar controle, são usados o dativo, o nominativo ou, em alguns contextos, o próprio acusativo.¹⁷²

Dixon (2000, p. 66) cita o exemplo da causativa de transitivo no Quechua Boliviano (Quechua), em que o causado recebe marca acusativa para indicar ausência de volição, mas passa a receber marca instrumental para indicar volição. O autor também exemplifica com as línguas japonesa, em que o dativo indica volição, mas o acusativo não, e húngara, com o caso instrumental indicando ação indireta do causador. Shibatani e Pardeshi (2002, p. 100) constataam que o dativo costuma indicar semântica indireta.

Kozinsky e Polinsky (1993, p. 202-203, tradução nossa¹⁷³) também verificam correlação entre causação direta e controle da situação pelo causado: quanto mais direta, menor o controle (caso acusativo); quanto menos direta, maior o controle (caso dativo). De acordo com os autores,

¹⁶⁹ *Dative, as the typical exponent of experiencer or recipient, occupies an intermediate position: experiences are indeed low in control, though they still differ from patients in that they must be sentient; recipients even more clearly are intermediate [...].*

¹⁷⁰ *One could thus establish a hierarchy: instrumental > dative > accusative, in terms of the degree of control (from greatest to least) [...].*

¹⁷¹ *We define control as the ability to begin/continue/terminate a situation.*

¹⁷² Kozinsky e Polinsky (1993, p. 202, tradução nossa) não distinguem “controle” de “volição”: “Semanticamente, ações volitivas e não volitivas diferem em termos do controle do participante sobre a situação”. (*Semantically, volitional and non-volitional actions differ in terms of the participant's control over the situation.*) Em nossa interpretação, a distinção é necessária para analisar contextos nos quais o causado está no controle da situação, porém contra sua vontade, a exemplo de uma coerção com arma de fogo: “O assaltante fez João dirigir o carro”.

¹⁷³ *There are languages that have entirely different coding for causees that inherently have no control over the situation (non-volitional actions) and for causees that are potential controllers (volitional actions). In such languages, it is the causee in the non-volitional causative that is coded in the same way as DO.*

Existem línguas que têm codificação totalmente diferente para causados que inerentemente não têm controle sobre a situação (ações não volitivas) e para causados que são potenciais controladores (ações volitivas). Nessas línguas, é o causado na causativa não volitiva que é codificado da mesma forma que o OD.

Comrie (1985, p. 337) já havia identificado relação similar, demonstrando que o causado marcado como OD sofre coerção direta e retém pouco controle da ação, enquanto o causado marcado como OObl (instrumental) mantém controle da ação. Logo, o autor afirma que o causado “objeto oblíquo” tende a ter mais agentividade do que o causado OD ou OI, reforçando a perspectiva de que diferenças semânticas motivam marcações distintas.

Kozinsky e Polinsky (1993, p. 204-205) sustentam que a relação gramatical de OD indica mudança significativa de estado, enquanto as relações gramaticais abaixo de OD são vagas a esse respeito. Para compreender a posição do causado nessa discussão, os pesquisadores comparam as características prototípicas do paciente e as do causado no que tange às possibilidades de haver controle da situação e de sofrer mudança significativa de estado. Como resultado, concluem: “O causado não atende aos requisitos de um OD prototípico: ele apenas executa a ação e não parece se submeter a uma mudança drástica na situação dada” (Kozinsky; Polinsky, 1993, p. 205, tradução nossa¹⁷⁴). Os autores verificam que as línguas podem empregar a marca acusativa no causado, porém, nos contextos observados, essa marca evidencia mudança de estado ou ausência de controle da situação.

Shibatani e Pardeshi (2002, p. 89) identificam duas situações causativas prototípicas, as quais interferem na semântica pacientiva ou agentiva do causado. Segundo os autores, na causativa lexical, o causado tende a ser paciente, enquanto na chamada “produtiva” (morfológica ou sintática), o causado também pode ser agente, com volição.

Os pesquisadores defendem que o causado não volitivo sofre manipulação física (causação direta), dada sua incapacidade de executar uma ação, ao passo que o volitivo pode agir a partir de uma orientação oral (causação indireta), sem envolvimento físico do causador. Com base nessa análise, compreendemos que a causativa de intransitivo tende a manifestar um causado pacientivo e que a causativa de transitivo costuma expressar um causado agentivo.

Assim, com base nas análises apresentadas até o momento, infere-se que o causado é prototipicamente animado, o que o distancia da função de OD, mas o aproxima da de OI (ou dativo), que tende a ter volição ou controle da situação. A respeito da animacidade do OD,

¹⁷⁴ *The causee does not meet the requirements of a prototypical DO: it only performs the action and does not seem to undergo a dramatic change in the given situation.*

Kozinsky e Polinsky (1993, p. 208 *et passim*, tradução nossa¹⁷⁵) observam: “as qualidades semânticas do OD prototípico são mais compatíveis com a semântica de inanimacidade. A entidade inanimada, por não envolver nenhum controle (por padrão), é mais fácil de mudar. Assim, ambas as condições da semântica do OD são atendidas [em relação ao paciente]”.

Kemmer e Verhagen (1994, p. 129) verificam similaridades entre o causado e o OI. Embora reconheçam que o causado não seja igual a um recipiente ou beneficiário, apontam semelhanças semânticas e formais entre os papéis da construção ditransitiva e o causado de transitivo. Diversamente do causado, o OI prototípico é recipiente ou beneficiário — sendo esta uma diferença entre ditransitivas e causativas de transitivos —, porém ambos tendem a ser animados e ter propriedades de experienciador. Para os autores, é a qualidade de experienciador que motiva a marcação dativa recorrente nos dois participantes. Assim, esclarecem:

Não queremos afirmar que o participante causado em uma estrutura causativa transitiva seja um “tipo” de recipiente ou benefactivo, mas sim que é semanticamente similar aos papéis do caso dativo em aspectos cruciais, de modo que as marcações dativas podem, por extensão semântica, marcar os causados também (Kemmer; Verhagen, 1994, p. 129, tradução nossa¹⁷⁶).

Kemmer e Verhagen (1994, p. 138, tradução nossa¹⁷⁷) predizem que, translinguisticamente, o causado de intransitivo recebe marca acusativa (OD) e que o causado de transitivo tende a receber “marcação de caso oblíqua (dativa ou instrumental)”, sendo esta a marca típica de um terceiro participante, como uma “extensão semântica”. Para os autores, contudo, o mais importante na construção causativa é a relação dos participantes entre si e com o evento causativo, não os papéis semânticos assumidos em relação ao predicado. Na causativa, os participantes interagem dentro de um evento conceitualmente integrado, ainda que esse evento possa ser decomposto em subeventos (ou “microsituações”, na linha de Nedyalkov e Silnitsky (1973)). Logo, o fundamental seria avaliar como esses participantes interagem e se integram dentro do evento.

Quanto à relação entre a marca instrumental e o causado de transitivo, Kemmer e Verhagen (1994, p. 129, tradução nossa¹⁷⁸) propõem que, apesar das diferenças de animacidade,

¹⁷⁵ *The semantic qualities of the prototypical DO are most compatible with the semantics of inanimacy. The inanimate entity, as involving no control (by default), is easier to change. Thus, both conditions on the DO semantics are met.*

¹⁷⁶ *We do not wish to claim that the causee participant in a transitive causative structure is a “kind” of recipient or benefactive, but rather that it is semantically similar to dative case roles in crucial respects, such that dative markers can by semantic extension mark causees as well.*

¹⁷⁷ [...] *oblique (dative or instrumental) case marking [...] semantic extensions [...].*

¹⁷⁸ [...] *causal intermediaries on the path of energy flow elaborated by the clause.*

pelo fato de um instrumento ser inanimado, ambos atuam como “intermediários causais no caminho do fluxo de energia elaborado pela oração”. Neste sentido, os autores entendem que o causado animado pode ser visto como um instrumento metafórico usado pelo causador.

Shibatani e Pardeshi (2002, p. 119, tradução nossa¹⁷⁹) consideram que a relação de sentidos entre a causativa e a instrumental advém do uso, especificamente da agentividade de quem pratica a ação com o instrumento:

Assumimos que a leitura instrumental surgiu de uma relação de implicação similar entre uma expressão causativa e um significado aplicativo instrumental. Se alguém faz com que uma faca corte a carne, ele/ela está, na verdade, cortando a carne com uma faca, porque uma faca não pode cortar carne independentemente do agente causador que realmente a usa.

Em relação à nuclearidade dos participantes, Kemmer e Verhagen (1994) verificam que o causado com marca dativa é menos periférico do que o com marca instrumental. E afirmam que o dativo, por ser experiencialmente afetado, tende a estar relacionado a verbos de experiência, como “ver”, “ler”, “ouvir”, “perceber”, sendo assim mais integrado ao evento do que os instrumentais. A nosso ver, a tendência de o dativo ser experiencialmente afetado nas línguas, estando mais integrado ao evento, ajuda a explicar por que costuma ser mais central do que os instrumentais.

Quanto ao controle do causado, quando há mecanismos morfológicos distintos na mesma língua, Dixon (2000, p. 65) busca explicação em Martin (1991) para sugerir que a diferença de marcação pode ter relação com a separabilidade de eventos (a qual podemos interpretar como o conjunto de microsituações que se combinam para formar a macrosituação causativa).

De um ponto de vista teórico, no Funcionalismo, a correspondência entre as relações gramaticais e os papéis semânticos e pragmáticos é explicada por meio dos conceitos de protótipo linguístico, economia linguística e gramaticalização. Do mesmo modo que um SN agente e tópico será, prototipicamente, expresso pela função de sujeito, um SN paciente, sem controle e completamente afetado receberá, prototipicamente, a marca acusativa. A economia linguística torna eficiente a associação entre as relações gramaticais, os papéis semânticos e os pragmáticos, mantendo as mesmas correlações nos elementos mais prototípicos da

¹⁷⁹ *We assume that the instrumental reading arose from a similar entailment relationship between a causative expression and an instrumental applicative meaning. If someone causes a knife to cut the meat, he/she is in effect cutting the meat with a knife, because a knife cannot cut meat independently from the causer agent who actually uses it.*

comunicação. Essas associações recorrentes no uso são, ao longo do tempo, gramaticalizadas como padrões formais estáveis nas línguas.

2.6.5.2. *Causação direta e indireta*

Passando para os parâmetros semânticos do causador, Comrie (1985, p. 332-333) sustenta que a proximidade entre causa e efeito é um indicador relevante. Em outras palavras, é necessário avaliar o grau de mediação entre um evento e sua consequência. Posteriormente, Comrie (1989, p. 171) conclui que, ao lado do grau de controle do causado, os critérios de causação direta e indireta são os principais parâmetros da análise semântica.

Com base em evidências translinguísticas, Kemmer e Verhagen (1994, p. 120, tradução nossa¹⁸⁰) argumentam que há tipos semânticos específicos para construções causativas, os quais “envolvem parâmetros semânticos altamente esquemáticos” e são importantes para as causativas sintática e morfológica. Os autores destacam três parâmetros recorrentes de causação: física (baixo controle do causado) vs. não física; direta vs. mediada (força ou entidade intermediária); e causa vs. “habilitação”¹⁸¹ (barreira física) e permissão (barreira social ou sociofísica).

Considerando que esses parâmetros interagem entre si, podem associar-se as causações física e direta, física e mediada, não física e indutiva (na qual o causado é levado a agir, sem força física), entre outras. Todas essas envolvem algum tipo de força, concreta ou abstrata. Apenas a habilitação e a permissão não envolvem força pelo causador, mas a remoção de um obstáculo (cf. Kemmer e Verhagen, 1994, p. 120). Em relação à codificação, conforme notado anteriormente, os autores relacionam a marca instrumental à causação mais indireta.

É importante notar que, além da semântica, a percepção prévia do falante sobre a capacidade de agir do causado pode influenciar a forma: “uma diminuição na (concepção do falante sobre a) autonomia do causado em uma situação de causação indutiva facilita o uso de uma estrutura causativa associada em Inglês a uma causação relativamente mais direta” (Kemmer; Verhagen, 1994, p. 122, tradução nossa¹⁸²). Os pesquisadores também ponderam que diferenças entre causação direta e indireta se devem a categorizações de mundo dos falantes, não à observação factual da realidade. Destacam-se, novamente, motivações funcionais e cognitivas na relação entre forma e função das construções linguísticas.

¹⁸⁰ [...] *involve highly schematic semantic parameters.*

¹⁸¹ [...] *enablement* (tradução nossa).

¹⁸² [...] *a decrease in (the speaker's conception of) the autonomy of the causee in a situation of inductive causation facilitates the use of a causative structure associated in English with relatively more direct causation [...].*

Dixon (2000) reforça a ideia de que a causação indireta pode ter sentidos diversos, desde uma ordem para que algo seja realizado, até uma ação feita por meio de um intermediário. No entanto, enfatizamos a ressalva do autor sobre o tema: “Há necessidade de um estudo completo sobre a semântica da causação indireta, pegando uma amostra muito maior de línguas do que as mencionadas aqui e examinando em detalhe os significados e condições de uso da causativa indireta em cada língua” (Dixon, 2000, p. 70, tradução nossa¹⁸³).

Comrie (1989, p. 173) sustenta que a distinção entre causação direta e indireta ocorre em um contínuo e que talvez seja impossível estabelecer divisão categórica entre elas. Somamos a essa e às demais análises o fato de que a diferenciação entre situações diretas e indiretas (mediadas), utilizada para identificar o tipo de causativa, reforça a iconicidade entre forma e sentido.

Shibatani e Pardeshi (2002) analisam a construção causativa na correlação entre o espaço e o tempo dos eventos e defendem que a distinção entre causação direta e indireta pode ser vista na configuração espaçotemporal. Logo, a causação direta implica um evento único porque, com um causado paciente, a ação causadora e a situação causada tendem a se sobrepor no espaço e no tempo, de modo que os dois eventos não são facilmente discerníveis.

Em sentido oposto, na causação indireta, um causado agentivo e volitivo dispõe de maior autonomia ante o evento de causa, gerando separação espaçotemporal entre causa e efeito. Conforme Shibatani e Pardeshi (2002, p. 89, tradução nossa¹⁸⁴),

[...] como o evento causado tem seu próprio agente, ele pode ter seus próprios perfis espaciais e temporais distintos daqueles do evento causador. Essa separabilidade entre o evento causado e o evento causador, capturada pelo termo ‘causação distante’, resiste à integração dos dois, desautorizando a interpretação de toda a situação causativa como um único evento.

Para os autores, na causação indireta, ocorre a separabilidade dos eventos, sendo possível constatar um grau de autonomia entre causa e efeito. Shibatani e Pardeshi (2002) informam, contudo, que apenas o tempo precisa ser distinto na causação indireta, já que os eventos podem ocorrer no mesmo espaço.

¹⁸³ *There is need for a full study of the semantics of indirect causation, taking a much larger sample of languages than those mentioned here, and looking in detail at the meanings and conditions for use of the indirect causative in each language.*

¹⁸⁴ *Moreover, because the caused event has its own agent, it may have its own spatial and temporal profiles distinct from those of the causing event. This separability of the caused event from the causing event, captured by the term ‘distant causation,’ resists integration of the two, disallowing the construal of the whole causative situation as a single event.*

Assim, a configuração espaçotemporal é entendida como uma característica definidora do tipo de causação. Embora a natureza do participante causado auxilie a determinar o perfil espaçotemporal da causativa, Shibatani e Pardeshi (2002, p. 90, tradução nossa) acabam por defender que não há correlação obrigatória entre o papel de paciente e a causação direta e entre o papel de agente e a causação indireta. A título de exemplo, fornecem o enunciado “*John caused the metal to melt*” (“John fez o metal derreter”), com causação indireta e causado pacientivo.

Outra contribuição dos autores na distinção entre as causações direta e indireta é a proposta de uma categoria intermediária que as une em um contínuo. Esse é o grupo da causação “sociativa”, a qual se diferencia das demais por indicar que o causador pratica a ação em conjunto com o causado, aquilo que Rodrigues (1947) intitulou de “causativa comitativa”. Esclarecemos, contudo, que Shibatani e Pardeshi (2002, p. 101) subdividem a sociativa em três tipos, de modo que apenas as sociativas de ação conjunta e de assistência (assistiva) denotam envolvimento físico do causador, com sobreposição espaçotemporal, enquanto a de supervisão indica que o causador e o causado podem estar fisicamente separados (causação indireta).

2.6.5.3. *Outros parâmetros semânticos*

No que tange aos demais parâmetros do causador (intenção, naturalidade e envolvimento), Comrie (1985, p. 333-334, tradução nossa¹⁸⁵) adota distinção entre o significado “causativo propriamente dito”, em que o causador gera a situação, e o permissivo, no qual o causador apenas não impede o evento. Em ambos, o causador detém o controle ou o poder de fazer a situação acontecer. Para o pesquisador, a chamada causativa “assistiva” contém traços da não permissiva e da permissiva, uma vez que o evento dificilmente aconteceria sem o causador. A assistiva é exemplificada com a sentença “*I helped John to climb the tree*” ‘Eu ajudei John a subir na árvore’ (Comrie, 1985, p. 334, tradução nossa¹⁸⁶).

Kulikov (2001, p. 891-893), por seu turno, elenca os sentidos causativos que considera mais importantes nas línguas, pelo fato de serem potencialmente marcados morfológicamente:

- a) causativa direta vs. indireta: avalia se o causador influencia fisicamente o causado;
- b) permissiva: em que o causador dá permissão ao causado;
- c) assistiva: em que há auxílio para realizar o evento;

¹⁸⁵ [...] *causative proper* [...].

¹⁸⁶ [...] *assistive* [...].

- d) declarativa: falar de alguém como se tivesse causado algo ou considerar o efeito e não a relação causa-efeito (situações essas que equivalem a causativas na mente de alguém ou em uma narrativa);
- e) causação deliberada vs. acidental: causa intencional ou não; e
- f) outras oposições semânticas: causador animado/agentivo vs. inanimado/não agentivo.

Além de também incluir os sentidos permissivo e assistivo entre as causativas, Kulikov (1993, p. 130-131) verifica que o permissivo geralmente se correlaciona a situações causais sem contato físico e que seu morfema tende a atuar também com o sentido “causativo propriamente dito” (factitivo).

Sobre a distinção entre causação deliberada e acidental, Kulikov (1993, p. 134) informa que a codificação para diferenciar essas causativas não costuma ser regular nas línguas, no sentido de não formar um sistema.

Em relação ao parâmetro do envolvimento, Dixon (2000, p. 73) exemplifica com a língua Kamaiurá (Tupí-Guaraní), que adota uma marca para sinalizar que o causador não se envolve na atividade e outra para mostrar que o causador também está envolvido. Esta última codificação é tradicionalmente chamada de “causativa comitativa” nas línguas indígenas brasileiras (cf. Rodrigues, 1947).

Para concluir, registramos mais uma possibilidade de análise semântica das causativas, chamada de “abordagem de papéis semânticos” e entendida como alternativa ao paradigma de Comrie (1974). Kulikov (2001, p. 891, tradução nossa¹⁸⁷) assim descreve a proposta:

É dito que a relação gramatical do causado em uma CC [construção causativa] é determinada principalmente por seu papel semântico (“*theta role*”), especificamente por sua posição na Hierarquia de Agentividade (Agente > Experienciador > Paciente), e não pela estrutura sintática da oração encaixada.

Em outras palavras, o causado recebe uma marca se for mais agente, outra se for mais paciente e assim por diante. Kulikov (2001, p. 891, tradução nossa¹⁸⁸) esclarece que as exceções a essa perspectiva são tratadas como gramaticalização:

¹⁸⁷ *The grammatical relation of the causee in a CC is said to be primarily determined by its semantic role (“theta role”), specifically by its position in the Agency Hierarchy (Agent > Experiencer > Patient), rather than by the syntactic structure of the embedded clause [...].*

¹⁸⁸ *The cases where the marking on the causee is better accounted for by the “paradigm case”, rather than in terms of semantic roles, are treated as resulting from the grammaticalization of the semantically based principle. For instance, subjects of intransitive verbs are said to be prototypical patients, therefore the embedded subject (causee) may tend to be marked as DO in all cases where the embedded clause is intransitive, regardless of whether it is a patient or not.*

Os casos nos quais a marcação do causado é mais bem explicada pelo “caso paradigma” [modelo], e não em termos de papéis semânticos, são tratados como resultantes da gramaticalização do princípio baseado na semântica. Por exemplo, sujeitos de verbos intransitivos são considerados pacientes prototípicos, portanto o sujeito encaixado (causado) pode tender a ser marcado como OD em todos os casos nos quais a oração encaixada for intransitiva, independentemente de ele ser um paciente ou não.

Por fim, sobre os diferentes tipos de causação, Kulikov (1993, p. 132, tradução nossa¹⁸⁹) conclui: “é difícil formular uma propriedade comum compartilhada pelos significados pertencentes ao grupo [de causação distante, permissivo, assistivo (ajudar), curativo (pedir a alguém para fazer algo)]”.

2.7. Parâmetros pragmáticos

Nesta seção, reunimos algumas propostas voltadas a atestar a importância da pragmática nas investigações linguísticas. Embasamos a revisão principalmente em Kozinsky e Polinsky (1993), por serem os pesquisadores que, a nosso ver, melhor demonstram suas hipóteses.

Kozinsky e Polinsky (1993, p. 222, tradução nossa¹⁹⁰) analisam a estrutura comunicativa do enunciado por meio da oposição entre tópico e foco (tópico e comentário ou informação dada e informação nova), além de fundamentarem suas propostas em aspectos cognitivos. Partindo da função de tópico na oração primitiva, defendem que o causado mantém traços de topicalidade na derivada (causativa). Segundo os pesquisadores:

De fato, se o causador instrui alguém a executar a ação apropriada, esse executor (causado) já deve estar no ambiente do causador e deve ser conhecido pelo causador. Essas características são consistentes com as propriedades de informação dada e topicalidade. Além disso, o causado é tópico na oração transitiva inicial. Assim, o causado é, em geral, comunicativamente mais semelhante ao nominal causador do que ao nominal paciente ou ao predicado. Portanto, o causado pode ser identificado como um *tópico secundário de*

¹⁸⁹ *It is difficult to formulate a common property shared by the meanings belonging to the group 3.3 [distant causation, permissive, assistive, curative].*

¹⁹⁰ *Indeed, if the causer instructs someone to perform the appropriate action, this performer (causee) should already be in the causer's environment and should be known to the causer. These characteristics are consistent with the properties of given information and topicality. Further, the causee is topic in the initial transitive clause. Thus, the causee is in general communicatively more similar to the causer nominal than it is to the patient nominal or to the predicate. Therefore, the causee can be identified as a secondary sentence topic (cf. Givón 1983; 1984 for the distinction between primary and secondary topics). Such identification underscores the communicative affinity between the causer and the causee and the communicative difference between the causee and the patient. It is important that the causee is a secondary topic not just by default but due to the nature of human discourse.*

sentença (cf. Givón 1983; 1984[b] para a distinção entre tópicos primário e secundário). Tal identificação ressalta a afinidade comunicativa entre o causador e o causado e a diferença comunicativa entre o causado e o paciente. É importante que o causado seja um tópico secundário não apenas por padrão, mas devido à natureza do discurso humano.

Nessa hipótese, conectam-se elementos pragmáticos, relacionados aos sentidos contextuais e à intenção dos indivíduos, e discursivos, relativos às escolhas linguísticas por fatores sociais, culturais e morais. Assim, o causado é entendido como a informação compartilhada entre os falantes, não como a informação desconhecida. Mais do que isso, os autores identificam funções pragmáticas recorrentes entre os participantes da causativa: o causador costuma ser a informação conhecida (tópico primário); o paciente, a nova (foco); e o causado, o tópico secundário.

Existem, porém, relatos de causados focalizados. Kulikov (1993, p. 145-146) fornece exemplo do Esquimó Naucano (Esquimó Aleútes), em que o causado atuando como foco passa a receber marcação distinta. Tal situação expõe, mais uma vez, a influência da pragmática sobre a forma.

Para explicar o que ocorre nas causativas, Kozinsky e Polinsky, 1993 (p. 230-231, tradução nossa¹⁹¹) elaboram o seguinte:

Causado e paciente são comunicativamente opostos como tópico e foco na oração transitiva inicial (= não causativa), na qual o causado é o agente primário. Essa correlação de suas funções comunicativas é mantida na causativa de transitivo. Na construção causativa, o causador se torna tópico primário, e o tópico “expulso”, causado, se torna tópico secundário. O paciente permanece focalizado, como na construção não causativa inicial. Se o causado precisar ser focalizado, o nominal paciente não poderá permanecer como foco independente.¹⁹²

Dessa maneira, os pesquisadores explicam a centralidade do causado com base na pragmática, cuja propriedade de tópico é herdada da estrutura original. Haveria, assim, uma

¹⁹¹ *Causee and patient are communicatively opposed as topic and focus in the initial (=non-causative) transitive clause, where the causee is the primary agent. This correlation of their communicative functions is retained in the causative of transitive. In the causative construction, the causer becomes primary topic, and the ‘ousted’ topic, causee, becomes secondary topic. The patient remains focused, as in the initial non-causative construction. If the causee needs to be focused, the patient nominal cannot remain independent focus.*

¹⁹² A impossibilidade de haver dois constituintes focalizados na mesma sentença é uma tendência já observada em línguas da família tupí-guaraní (cf. Gomes e Scandelari, 2025).

condição pragmática prévia que influenciaria, sem determinar, os padrões formais na construção derivada.

Analisando as situações de conflito de codificação, em que as marcas formais são idênticas, Kozinsky e Polinsky (1993, p. 228) concluem que o causado, dada sua condição de tópico no enunciado original, é um constituinte obrigatório ou mais facilmente recuperável do que o paciente. Embora ambos sejam semanticamente obrigatórios, podemos deixar de mencionar o tópico, por ser a informação compartilhada entre os falantes, diferentemente do que ocorre com o paciente.

Em relação à “supressão”, Kozinsky e Polinsky (1993, p. 227, tradução nossa¹⁹³) defendem que o termo se refere ao “argumento obrigatório semanticamente não expresso abertamente na estrutura final”. Esclarecemos que os pesquisadores parecem empregar “supressão” para o mesmo fenômeno que Creissels (2016, p. 47, tradução nossa) chama de “mecanismo de rebaixamento do argumento” (*argument-backgrounding mechanism*), por meio do qual se altera o mapeamento dos papéis semânticos de uma sentença, sem modificar a estrutura argumental. Quando ocorre alteração na estrutura argumental, Creissels (2016, p. 47, tradução nossa) adota o termo “mecanismo de remoção de argumento” (*argument-removing mechanism*).

Retomando Kozinsky e Polinsky (1993), ao afirmarem que um argumento pode ser semanticamente obrigatório, entendemos que acabam por trabalhar com o conceito de valência semântica, a qual reflete a quantidade de participantes que um predador ativa na mente dos falantes, independentemente de sua expressão no enunciado (valência sintática). Logo, os autores sustentam que esse argumento semanticamente obrigatório está implícito no enunciado e que o tópico é que tende a ser omitido, não o foco:

Em geral, a supressão é tipicamente usada para colocar em segundo plano um participante cuja identidade já é conhecida e/ou não é tão relevante para o discurso. Isso significa que elementos tópicos do enunciado, em vez de focalizados, são elegíveis para supressão (Kozinsky; Polinsky, 1993, p. 228, tradução nossa¹⁹⁴).

Neste sentido, para embasar a prioridade do causado sobre o paciente em operações de extração e passivização, nos contextos de marcações idênticas, Kozinsky e Polinsky (1993, p.

¹⁹³ [...] *the semantically obligatory argument is not overtly expressed in the final structure.*

¹⁹⁴ *In general, suppression is typically used to background a participant whose identity is already known and/or is not so relevant for the discourse. This means that topical, rather than focused, elements of the utterance are eligible for suppression.*

231, tradução nossa¹⁹⁵) recorrem à “topicalidade inerente” do causado, não à sua relação gramatical.

Agregamos às motivações citadas para omitir o causado a intenção de ocultar deliberadamente o participante, sem deixar de reconhecer que há questões discursivas que precisam ser investigadas nos casos de omissão proposital. Outra análise possível, apresentada adiante, é a de que o paciente não pode ser excluído por ser conceitualmente mais integrado ao evento (cf. Kemmer e Verhagen, 1994, p. 119).

Nas situações em que não há um paciente no enunciado, e em que o causado não pode ser extraído, passivizado ou omitido, Kozinsky e Polinsky (1993, p. 231, tradução nossa¹⁹⁶) formulam explicação semântica para as restrições formais do causado:

Na ausência do nominal paciente, a oração parece ser regularmente transitiva, em vez de ditransitiva, e o objeto remanescente é trivialmente interpretado como OD. A relação gramatical OD se correlaciona com o papel semântico de paciente; assim, o objeto único, codificado como OD, é trivialmente interpretado como o paciente, o que leva a uma leitura questionável da oração.

Depreende-se do raciocínio geral que o teste de omissão, amplamente usado para avaliar se um constituinte atua como adjunto ou argumento, pode ser um equívoco. Para mais análises nesse sentido, conferir Givón (2001a, p. 161, tradução nossa¹⁹⁷), Creissels (2014, p. 47, tradução nossa¹⁹⁸) e Scandelari (2021).

Com base na língua Awa pit (Barbacoa), Dixon (2000, p. 57-58, tradução nossa¹⁹⁹) reforça a ideia de que a não expressão de um elemento não retira sua condição de argumento.

¹⁹⁵ [...] *inherent topicality*.

¹⁹⁶ *In the absence of the patient nominal, the clause appears to be regularly transitive, rather than ditransitive, and the remaining object is trivially interpreted as DO. Grammatical relation DO correlates with the semantic role patient; thus, the single object, coded as a DO, is trivially interpreted as the patient, which leads to an objectionable reading of the clause.*

¹⁹⁷ “A maioria dos tipos oracionais verbais, tanto transitivos quanto intransitivos, pode ter, além de seus participantes obrigatórios, também alguns argumentos opcionais. Mais comumente, estes são adicionados como objetos indiretos, mas pelo menos um deles comumente reivindica a vaga de objeto direto, deslocando o paciente obrigatório.” (*Most verbal clause-types, both transitive and intransitive, can take, in addition to their obligatory participants, also some optional arguments. Most commonly, these are added as indirect objects, but at least one of them commonly claims the direct-object slot, displacing the obligatory patient.*)

¹⁹⁸ “[...] a noção de participante periférico ou opcional deve ser usada com cautela nas discussões sobre argumento [argumenthood], uma vez que, em algumas línguas, um participante com o mesmo papel semântico de instrumento pode ser tratado da mesma maneira que adjuntos típicos na estrutura básica de argumentos de verbos de bater [hitting verbs] não derivados, enquanto em outras línguas é tratado como argumento típico.” ([...] *the notion of peripheral or optional participant must be used with caution in discussions about argumenthood, since a participant with the same semantic role of instrument may be treated in the same way as typical adjuncts in the basic argument structure of non-derived hitting verbs in some languages, whereas in other languages, it is treated like typical arguments.*)

¹⁹⁹ *A fascinating example of a causative of a ditransitive comes from Awa Pit (Barbacoan family, Colombia and Ecuador [...]). [...] a clause in Awa Pit may not include two Os, or two indirect objects. For the causative of a*

Mais uma vez, o critério de omissão para avaliar o grau argumental se mostra insuficiente. Segundo o autor,

Um exemplo fascinante de uma causativa de uma ditransitiva vem de Awa Pit (família Barbacoa, Colômbia e Equador [...]). [...] uma oração em Awa Pit não pode incluir dois Os, ou dois objetos indiretos. Para a causativa de uma ditransitiva, o objeto indireto original (a coisa dada, com um verbo de “dar”) permanece como está, o que deixa o A original e o O original competindo pela vaga funcional restante, O, na construção causativa. Qualquer um pode preenchê-la, com o outro argumento permanecendo não expresso.

Mesmo não expressos, o A ou o O originais continuam sendo argumentos. Assim, comparando as línguas Abaza (cf. §2.5.2) e Awa Pit, percebemos dois extremos: naquela, quatro funções diferentes podem ser expressas, inclusive no verbo; nesta, um dos argumentos sequer precisa ser enunciado. Em ambas, porém, todos continuam sendo argumentos.

Kemmer e Verhagen (1994, p. 119) também constataam que o causado pode estar implícito na construção. Contudo, diferentemente da visão de Kozinsky e Polinsky (1993), na qual o causado tende a ser omitido por ser o tópico secundário e, em consequência, mais facilmente recuperável no contexto, os autores entendem que, de modo similar às ditransitivas, o causado de transitivo atuaria como espécie de terceiro participante, conceitualmente menos integrado ao evento em relação ao sujeito e ao objeto, razão pela qual tenderia a ser dispensável.²⁰⁰ Assim, para Kemmer e Verhagen (1994, p. 130, tradução nossa²⁰¹), “esses fatos sugerem uma propriedade semântica compartilhada entre o causado de CT [construções causativas transitivas] e os participantes oblíquos nas orações simples, nomeadamente a sua relativa perifericidade na previsão oracional”.

Entretanto, os pesquisadores reconhecem que, apesar de o causado ser conceitualmente menos integrado ao evento, ele interage com o causador e o paciente no evento como um todo, do mesmo modo que o OI e o instrumento nas construções mais simples. Nessa perspectiva, o que motivaria as propriedades de oração única na causativa seria: “a interação direta entre CAUSADOR, CAUSADO e AFETADO [paciente] em uma única estrutura de evento conceitual”

ditransitive, the original indirect object (the gift, with a verb of giving) remains as is, which leaves the original A and original O competing for the one remaining functional slot, O, in the causative construction. Either can fill it, with the other argument remaining unexpressed.

²⁰⁰ Na visão dos autores, quanto mais integrado ao evento, mais afetado, logo, mais argumento será o causado, e menor será sua autonomia.

²⁰¹ *These facts suggest a semantic property shared between the TC causee and the oblique participants in simple clauses, namely their relative peripherality in the clausal prediction.*

(Kemmer; Verhagen, 1994, p. 130, tradução nossa²⁰²). Logo, apesar de considerarem que o causado é relativamente periférico, acabam por aproximá-lo de um constituinte mais argumental.

Quanto à causativa sem causado, Kemmer e Verhagen (1994, p. 139, tradução nossa²⁰³) defendem que, “em vez de ser elaborado na oração com conteúdo semântico específico, o causado permanece inteiramente esquemático e simplesmente não é expresso”. Em nossa interpretação, se um esquema linguístico advém de “estruturas pré-linguísticas baseadas na experiência corporal que ajudam a moldar a forma das categorias linguísticas” (Crystal, 2008, p. 237, tradução nossa²⁰⁴), então o causado pode ser omitido justamente porque a realidade de mundo já o contempla no esquema conversacional. Essa percepção cognitiva reforça a análise pragmática que entende o causado como tópico secundário. Ele está inserido no esquema por ser uma informação dada, conhecida ou compartilhada, de maneira que sua omissão passa a ser previsível. Formalmente, o causado também está previsto pela estrutura argumental do predicado.

Por fim, Kozinsky e Polinsky (1993, p. 237, tradução nossa²⁰⁵) fornecem um parâmetro suplementar a ser pesquisado sobre a topicalidade do causado, envolvendo a possibilidade de o paciente e o verbo formarem um foco. De acordo com os autores: “O paciente também pode formar um foco único com o verbo, o que é típico de nominais indefinidos e geralmente acontece em tempos não passados. Isso, contudo, não afeta os pontos aqui apresentados”.

2.7.1. Correlações pragmáticas e semânticas

Kemmer e Verhagen (1994, p. 133-134, tradução nossa²⁰⁶) propõem que aspectos semânticos, como causação direta e indireta, também estão relacionados a questões pragmáticas. Logo, quanto mais indireta a causação, menos topicalidade o causado terá, pelo fato de ser mais periférico: “periferalidade normalmente não seria compatível com topicalidade”. Depreende-se dessa afirmação uma perspectiva de que a topicalidade implica maior centralidade nas línguas.

²⁰² *The direct interaction of the causer, causee, and affectee in a single conceptual event structure is, in our view, what motivates the single-clause properties of causative constructions in all languages that formally distinguish single clause from biclausal structures.*

²⁰³ [...] *rather than being elaborated in the clause with specific semantic content, the causee remains entirely schematic and is simply not expressed.*

²⁰⁴ *Schemas such as Path and Container are held to be prelinguistic structures based on bodily experience and which help to shape the form of linguistic categories.*

²⁰⁵ *The patient can also form a single focus with the verb, which is typical of indefinite nominals and often happens in non-past tenses. This, however, does not affect the points made here.*

²⁰⁶ [...] *peripherality normally would not cohere with topicality.*

Adicionalmente, Kemmer e Verhagen (1994) identificam algumas tendências tipológicas relativas à marcação do causado, as quais sintetizamos a seguir:

- a) Causação direta: causado +tópico, –periférico; [+argumento]
Causação indireta: causado –tópico, +periférico; [instrumento]
- b) Participante +afetado: +objeto, +central para o evento; [+argumento]
Participante –afetado: –objeto, –central para o evento;
- c) Marcação dativa e acusativa: +central, –independência de ação, +afetado; [+argumento]
Marcação agentiva²⁰⁷ e instrumental: +periférico, +controle da ação, –afetado;

A partir dessa visão, segundo a qual a marca de caso é motivada pelo grau de integração conceitual dos participantes no evento, e existe correlação entre os diferentes níveis funcionais, representamos a proposta de centralidade do causado na seguinte escala:

Figura 3 – Escala entre centralidade argumental e marca de caso



(Fonte: elaborado pelo autor)

Em nossa pesquisa, buscamos compreender como as línguas indígenas investigadas se comportam a esse respeito.

2.7.2. Iconicidade

Na literatura teórica, há numerosos relatos sobre iconicidade nas causativas. O pressuposto básico desse fenômeno é a correlação proporcional entre a quantidade de material linguístico da construção e a de conteúdo informativo veiculado, de modo que, por exemplo, mais material linguístico implicaria mais informação (cf. Furtado da Cunha, 2010). A existência das causativas morfológica e sintática, relativamente ao enunciado não causativo, já é uma evidência disso. Nesta subseção, tratamos dos indícios encontrados entre as próprias causativas.

Kulikov (2001, p. 893, grifos e tradução nossos²⁰⁸) entende a iconicidade como uma situação em que a “maior distância **linguística** entre causa e efeito sinaliza maior distância

²⁰⁷ Nesse contexto, Kemmer e Verhagen (1994, p. 132) usam o termo “agentivo” para se referir ao agente em uma construção passiva.

²⁰⁸ [...] *greater linguistic distance between cause and effect signals greater conceptual distance between cause and result and between causer and cause* [...].

conceitual entre causa e resultado, e entre causador e causa”. Valendo-se dessa definição, o autor identifica as seguintes relações de iconicidade:

Assumindo que a causação de contato (direta) e de coerção (factitiva) é mais elementar do que a distante (indireta) e permissiva, pode-se dizer que a complexidade semântica e a formal (morfológica) se correlacionam iconicamente entre si, bem como com a produtividade e a regularidade da formação do verbo causativo [...]. Em particular, causativas indiretas são tipicamente mais complexas do ponto de vista morfológico, através das quais o marcador correspondente muitas vezes incorpora o da (“primeira”) causativa direta [...]. Além disso, as primeiras causativas morfológicamente mais simples são frequentemente menos regulares do ponto de vista semântico. Em particular, elas podem mostrar algumas mudanças semânticas idiomáticas, denotando pragmaticamente situações (convencionais) não marcadas mais comuns do que as segundas causativas (p.ex., ‘brincar com [uma criança]’ ou ‘divertir [uma criança]’, em vez de ‘fazer [uma criança] brincar’ [...]) (Kulikov, 2001, p. 893, tradução nossa²⁰⁹).²¹⁰

Em relação às lexicais, Kulikov (2001, p. 887, tradução nossa²¹¹) demonstra relação icônica entre forma e sentido, como a “unidade de lugar” (para indicar que causador e causado estão no mesmo local) e o contato físico. O autor exemplifica com sentenças do Inglês: “*John caused Peter to die in Africa* [John causou a morte de Peter na África] não implica que John estivesse na África, enquanto *John killed Peter in Africa* [John matou Peter na África] implica”.

Comrie (1985, p. 333, tradução nossa²¹²) também verifica correlação entre marcação e sentido. O autor afirma que “a escala entre causativa analítica [bi-oracional] – morfológica – lexical se correlaciona com a escala de causação mediada – direta”. Nessa linha, quanto mais

²⁰⁹ Assuming that contact (direct) and coercive (factitive) causation is more elementary than distant (indirect) and permissive, semantic and formal (morphological) complexity can be said to correlate iconically with each other, as well as with the productivity and regularity of the causative verb formation [...]. In particular, indirect causatives are typically more complex from the morphological point of view, whereby the corresponding marker often incorporates that of the direct (“first”) causative [...]. Furthermore, the morphologically simpler first causatives are often less regular from the semantic point of view. In particular, they can show some idiomatic semantic changes, denoting pragmatically more common unmarked (conventional) situations than second causatives do (e.g. ‘play with [a child]’ or ‘amuse [a child]’, instead of ‘make [a child] play’ [...]).

²¹⁰ O segundo causado, nos termos de Kulikov (1993, p. 142, tradução nossa), é o objeto de um predicado e o causador de outro em causativas de causativas, a exemplo de “*Peter (causer) caused John (causee₂) to cause Bill (causee₁) to leave*” (“Peter (causador) fez John (causado₂) fazer Bill (causado₁) sair”). Kulikov (1993, p. 142-143) formula a seguinte tipologia dos padrões de marcação do causado na causativa sintática de transitivo: 1) o segundo causado não é expresso; 2) o segundo causado é marcado da mesma forma que o primeiro; 3) o segundo causado é marcado de forma diferente do primeiro.

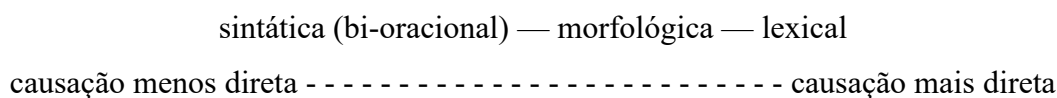
²¹¹ [...] *unity of place* (John caused Peter to die in Africa does not imply that John was in Africa, while John killed Peter in Africa does) [...].

²¹² [...] *the scale analytic – morphological – lexical causative correlates with the scale mediated – direct causation.*

material linguístico, mais distante será a relação entre causa e efeito, a exemplo do que ocorre com a sintática. Salientamos que essa análise também correlaciona a proximidade ou distância causal com a produtividade dos tipos causativos, tendo em vista que, ainda seguindo o autor, a sintática bi-oracional é muito produtiva (e mediada), a morfológica varia de língua para língua, e a lexical não é produtiva (causação direta).

Comrie (1989, p. 172) reitera essas observações e a proposta de contínuo, o qual representamos da seguinte forma:

Figura 4 – Relação icônica entre tipo de causativa e causação direta



(Fonte: elaborado pelo autor)

Nas línguas indígenas pesquisadas, a causativa lexical do Kubeo (Tukano) pode aparecer como um possível contraexemplo a essa proposta, a depender da interpretação que se faz sobre causação direta ou indireta.

Kozinsky e Polinsky (1993, p. 225), por sua vez, identificam relação de iconicidade em outro aspecto da construção. Em sua tipologia de aspectos semânticos e pragmáticos entre causador, causado e paciente, defendem que a ordem “agente antes do paciente” implica iconicidade entre os elementos comunicativos, pois a informação compartilhada e os tópicos antecedem a informação nova e os focos. Em sentido inverso, a relação se altera em línguas nas quais a ordem é “paciente antes de agente”, o que acontece no Hixkaryana (Caribe).

Além dessas situações, as chamadas “causativas duplas”, nas quais o morfema causativo aparece duplicado, são mencionadas por Kulikov (2001, p. 893-894) como exemplo de iconicidade, pelo fato de comumente expressarem intensidade, iteratividade, pluralidade (cf. §2.7.2). Anos antes, o pesquisador constatara que, além de também indicar pluralidade²¹³ (ou concordância, em sua análise), outro aspecto da iconicidade está relacionado à distância da causação: a “segunda causativa” indicando causa mais distante, ou com menor contato, do que a causativa simples (cf. Kulikov, 1993, p. 130-131). Com base na frequência de uma situação, Kulikov (1993, p. 133) atesta que, quanto mais frequente ou comum o sentido, mais simples tende a ser o morfema usado.

Para tratar da iconicidade, Dixon (2000) cita diferentes pesquisadores. Seguindo Comrie (1981, 1989), o autor afirma que a causativa sintática bi-oracional tende a ser menos direta em

²¹³ Kulikov (1993, p. 130) alerta para o escopo do morfema, que pode indicar a pluralidade não do causado, mas dos eventos.

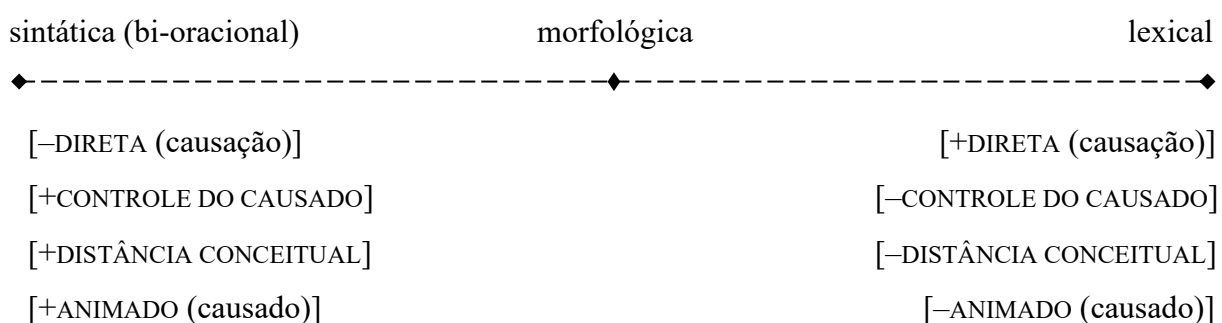
relação à morfológica, a qual geralmente é menos direta do que a lexical. Nessa mesma direção, a causativa sintática bi-oracional tende a indicar alto controle por parte do causado, seguida pela morfológica e, depois, pela lexical, com baixo controle.

Citando Haiman (1983, 1985), Dixon (2000, p. 74, grifos e tradução nossos²¹⁴) pondera que, “se uma língua tiver duas causativas, então ‘a distância **conceitual** entre causa e resultado corresponderá à distância **formal** entre causa e resultado’ ”. Essa concepção é atestada por Kulikov (1993, 2001), conforme visto.

Em referência a Givón (1990), Dixon (2000, p. 74, tradução nossa²¹⁵) afirma que, “ ‘se uma língua tiver tanto causativa perifrástica — complementação sintática — quanto causativa morfológica, é mais provável que a primeira codifique causação com um *manipulado* [causado] *humano-agentivo*, enquanto é mais provável que a última codifique causação com um *manipulado* [causado] *inanimado*’ (itálico dele)”.

Em síntese, com base no contínuo de Comrie (1981, 1989) e nas demais propostas, chegaríamos às seguintes relações entre as causativas:

Figura 5 – Escala entre tipo de causativa e semântica da causação



(Fonte: elaborado pelo autor)

Dixon (2000) fornece diferentes evidências a fim de subsidiar suas análises. Entre elas, mencionamos algumas operações que codificam ação indireta: inclusão de um ou dois afixos; uso de afixo maior; e construção perifrástica. Um afixo extenso também é usado para marcar o causado completamente afetado. Em cada situação, a quantidade de material linguístico revela um sentido específico, podendo ser o longo caminho da causação, a quantidade de esforço para implementá-la ou a maior completude da ação.

²¹⁴ [...] if a language has two causatives then ‘the conceptual distance between cause and result will correspond to the formal distance between cause and result’.

²¹⁵ [...] ‘if a language has both a periphrastic – syntactic complementation – causative and a morphological causative, the former is more likely to code causation with a human-agentive manipulee, while the latter is more likely to code causation with an inanimate manipulee’ (his italics).

Aprofundando seu estudo, Dixon (2000, p. 74, tradução nossa²¹⁶) formula uma “escala de compacidade” ou “escala de compactação” das causativas, referente às construções mais e menos compactas. O autor afirma que, por meio dela, é possível confirmar as observações dos pesquisadores referidos: Comrie (1981, 1989), sobre causação direta e controle; Haiman (1983, 1985), sobre distância formal e conceitual; e Givón (1990), sobre controle do causado. Segundo o autor,

O ponto interessante é a correlação entre ‘mais compacto’ e os valores dos parâmetros na coluna Tipo 1 — “naturalmente” em vez de “com esforço”, “intencionalmente” em vez de “acidentalmente”, “diretamente” em vez de “indiretamente”; causado apenas parcialmente afetado, com volição, sem controle; e aplicando-se apenas a alguns verbos (nas extremidades intransitivas e/ou estativas dos parâmetros 1 e 2). Este é certamente um campo fértil para investigação de mecanismos cognitivos (Dixon, 2000, p. 77, tradução nossa²¹⁷).

Em todos os parâmetros listados, percebemos que a menor quantidade de material linguístico empregada na construção (chamada de “mecanismo causativo compacto”) se correlaciona com o menor conteúdo informativo a ser transmitido. Desse modo, ações naturais, intencionais ou diretas tendem a requerer menos material formal do que aquelas com esforço, acidentais ou indiretas, que comumente necessitam de afixos extensos, duplos, repetidos ou até de construções sintáticas, por veicularem mais informações.

Shibatani e Pardeshi (2002, p. 112, tradução nossa²¹⁸) apresentam visão distinta no debate e questionam a iconicidade e o grau de compactação como critérios para interpretar e prever a correlação entre forma e função. Em substituição a eles, propõem o uso do critério da produtividade:

Translinguisticamente, as formas produtivas se alinham (sejam morfológicas ou perifrásticas) na expressão da causação indireta, e as formas lexicalmente restritas [menos produtivas] se alinham (sejam elas morfológicamente não analisáveis ou morfológicamente complexas) na expressão da causação direta.

²¹⁶ *Scale of compactness.*

²¹⁷ *The interesting point is the correlation between ‘more compact’ and the parameter values in the Type 1 column – naturally rather than with effort, intentionally rather than accidentally, directly rather than indirectly; causee only partially affected, willing, lacking control; and applying only to some verbs (at the intransitive and/or state ends of the parameters 1 and 2). This is surely a ripe field for investigation of cognitive mechanisms.*

²¹⁸ *Cross-linguistically, productive forms align (whether they are morphological or periphrastic) in expressing indirect causation, and lexically restricted forms align (whether they are morphologically unanalyzable or morphologically complex) in expressing direct causation.*

Em sentido oposto, Song (2018, p. 147, tradução nossa²¹⁹) mantém a defesa da capacidade explicativa da iconicidade. O autor constata que, “na maioria das línguas do mundo [...], o verbo causativo invariavelmente tem uma expressão explícita de causação, enquanto o verbo básico carece de qualquer codificação explícita para a ausência de causação”. Para Song (2018, p. 166), a frequência de uso não explica as propriedades estruturais da linguagem porque ela própria é uma consequência de uma causa anterior, a qual pode ser a própria iconicidade. Seguindo essa perspectiva, constatamos que Shibatani e Pardeshi (2002) não explicam por que um fenômeno é mais produtivo do que outro ou qual força atua pela produtividade de uma forma em detrimento de outra.

Em nosso ponto de vista, a iconicidade é uma tendência verificável tipologicamente, não uma regra definitiva. Ela mostra relações existentes entre gramática e experiência e entre gramática e cognição. Situações específicas que contrariam a iconicidade são minorias que não descaracterizam o padrão. Pelo contrário, a Linguística ensina que não existem regras imutáveis nas línguas. Como lidamos com tendências, sempre haverá variação e mudança nos fenômenos analisados. Caberá aos pesquisadores buscar os conceitos e os referenciais teóricos capazes de abranger e explicar coerentemente o maior número de fatos.

2.8. Voz e valência

2.8.1. Valência

As descrições das construções causativas invariavelmente informam que o verbo derivado recebe um argumento novo, quase sempre ocupando a posição de sujeito. O aumento da valência, ou transitivity, costuma ser uma característica distintiva da construção:

Se tomarmos uma sentença contendo um verbo não causativo (ou outro predicado) para descrever uma determinada situação s , então uma sentença contendo o verbo causativo correspondente descreverá uma situação s^{caus} na qual alguma entidade (pessoa, coisa, força abstrata) ou provoca uma situação s ou, pelo menos, falha em prevenir s . Sintaticamente, uma das principais diferenças entre construções não causativas e causativas será o aumento da valência (ou valência potencial) destas últimas, pois, além dos participantes

²¹⁹ *In the majority of the world's languages [...], the causative verb invariably has an overt expression of causation, while the basic verb lacks any overt coding for the absence of causation [...].*

em *s*, haverá também o actante que provoca *s* (Comrie, 1985, p. 330-331, tradução nossa²²⁰).

Comrie (1974, p. 2, tradução nossa²²¹) entende a valência como o “número e tipo de argumentos”. Como a causativa normalmente contém um argumento a mais, no papel de causador, do que sua contraparte não causativa, eleva-se esse número em um argumento. O aumento da valência gera um conflito potencial na língua, decorrente de restrições na quantidade de argumentos que o predicado pode receber. Exemplos seriam as causativas morfológicas que ocorrem somente com verbos intransitivos: “em algumas línguas, [...] as causativas morfológicas podem ser formadas apenas por verbos com valência mais baixa” (Comrie, 1985, p. 335, tradução nossa²²²).

Todavia, mesmo que o verbo básico já tenha valência mais alta, o verbo causativo tende a ganhar um argumento. Assim, a causativa geralmente será mais complexa do que a construção não causativa correspondente (cf. Comrie, 1985, p. 323 e 330-331), sendo esse mais um indício de iconicidade nas línguas.

Dixon (2000, p. 47) avalia que a causativa quase sempre aumenta a valência verbal em um argumento, mas que existem situações nas quais a construção derivada aceita no máximo dois argumentos, o que impede essa elevação. Comrie (1985, p. 336) também havia notado que, na causativização, a valência nem sempre aumenta. Em nossa interpretação, isso pode ocorrer porque, embora a causativa acrescente um argumento, a explicitação de mais de dois argumentos não é sempre necessária ou estruturalmente permitida no enunciado. Um argumento ativo na mente dos falantes, como um “tópico secundário”, e previsto na grade argumental pode ser suficiente para viabilizar a comunicação efetiva. A não realização desse constituinte no enunciado não significa que ele seja um adjunto.

Lembramos que, segundo Comrie (1985, p. 335), construções com objetos distintos do OD e do OI, a exemplo do “objeto oblíquo”, não costumam ser importantes para analisar mudanças de valência geradas pela causativização. Essa percepção é coerente com ideia de que a posição de oblíquo sempre pode receber novos SNs (cf. §2.6.1). Em consequência, embora o

²²⁰ *If we take a sentence containing a non-causative verb (or other predicate) to be describing a certain situation *s*, then a sentence containing the corresponding causative verb will describe a situation *s*^{caus} where some entity (person, thing, abstract force) either brings about situation *s* or, at the very least, fails to prevent *s*. Syntactically, one of the main differences between non-causative and causative constructions will be the increased valency (or potential valency) of the latter, since in addition to the participants in *s* there will also be the actant that brings about *s*.*

²²¹ [...] valency (number and type of arguments).

²²² *In some languages, [...] morphological causatives can be formed only from verbs with lower valency.*

autor inclua a categoria de “objeto oblíquo” entre os argumentos do predicado, não a considera entre as valências típicas dos verbos.

Kulikov (2001, p. 894), por seu turno, verifica que as marcas causativas são polissêmicas, indicando diferentes operações de valência, a exemplo da applicativa e das que o autor considera seus subtipos (benefactiva e comitativa). Outras leituras assumidas são a passiva e a recíproca, além de algumas que, ainda de acordo com o autor, não necessariamente implicam rearranjo na valência, como a intensiva, a iterativa e a distributiva.

Em resumo, as marcas causativas variam não só em forma nas línguas, mas também em sentido e função (cf. Ainkhenvald, 2021). Comrie (1989, p. 183, tradução nossa²²³) afirma que:

[...] a mesma morfologia usada para indicar a causativa em muitas línguas também é usada como um indicador geral de aumento de valência (e, da mesma forma, a anticausativa como um indicador geral de diminuição de valência), sem nenhuma conexão necessária com os parâmetros semânticos das construções causativas.

A nosso ver, esse processo representa a gramaticalização do morfema causativo. A motivação semântica inicial, que restringia o fenômeno a uma parte do sistema, se perde, o que o habilita a ocupar mais espaços na língua e, em consequência, se tornar mais gramatical, servindo a outras operações de valência.

Outra situação de variação no sentido e na função das marcas causativas é citada por Dixon (2000, p. 31). O autor identifica línguas, como Coreano e Songai (Nilo-saariana), em que o mesmo morfema é capaz de aumentar ou diminuir a valência, dependendo do verbo, no primeiro caso, ou do contexto discursivo, no segundo. Tipologicamente, esse fenômeno é considerado raro e imprevisto.

Citando a língua Wolof (Nígero-congolesa), Comrie (1985, p. 316, tradução nossa²²⁴) relata a possibilidade de um verbo ter “mais objetos do que o permitido por sua valência básica”. Nessa situação, cada objeto adicional recebe o mesmo sufixo causativo *-al* (um dos vários da língua), mas seus papéis semânticos podem variar.

Em um trabalho crítico à noção de valência como mera contagem de argumentos, Martin (2000) defende que os processos de mudança de valência seriam mais bem examinados como

²²³ [...] *the same morphology as is used to indicate causative in many languages is also used as a general indicator of increase in valency (and, likewise, anticausative as a general indicator of decrease in valency), without any necessary connection with the semantic parameters of causative constructions.*

²²⁴ *Where, however, a verb has more objects than is permitted by its basic valency [...].*

alterações no ponto de vista do evento. Na proposta do pesquisador, uma abordagem amparada na teoria da voz seria mais apropriada para analisar as causativas.

Usando a língua Creek (Muscógui) como exemplo, Martin (2000, p. 396-397) afirma que uma descrição focada apenas no aumento de valência não estabelece correspondência entre a causação e variações de aspecto, dificultando a distinção entre a causativa, que altera o ponto inicial do evento, e a aplicativa, que modifica o ponto de chegada.

Além disso, a visão de aumento ou diminuição de argumentos também ofuscaria distinções semânticas entre as próprias causativas. Para Martin (2000, p. 401, tradução nossa²²⁵),

Descrever causativas e aplicativas como aumentadoras de valência ignora as importantes diferenças funcionais entre esses padrões. Descrever uma causativa como ‘adição de um agente’ ignora o fato de que o aspecto é frequentemente afetado nas causativas diretas e que as causativas indiretas adicionam um evento além de um agente.

Entendemos que, do ponto de vista comunicativo, a intenção dos falantes gera pressões sobre a língua, que precisa se adaptar a novas demandas. Embora haja semelhanças entre as línguas, e a mudança na quantidade de argumentos e no ponto de vista do evento seja uma estratégia recorrente para atender às necessidades comunicativas, cada língua pode encontrar uma solução particular. Em nossa pesquisa, buscamos compreender como as línguas indígenas investigadas resolvem esse tipo de incompatibilidade.

2.8.2. Voz

Além da valência, é possível que o afixo causativo funcione como marcador de voz. Apesar de Kulikov (1993)²²⁶ identificar essa possibilidade, anos mais tarde o autor ponderaria que, dependendo da definição de voz utilizada, a causativa pode ser excluída dessa definição. Em suas palavras,

Ao contrário das vozes prototípicas, como a passiva, a causativa muda o significado lexical do verbo base [...]. A causativa também pode ser combinada com várias vozes dentro de uma forma, como, por exemplo, no

²²⁵ *Describing causatives and applicatives as valency-increasing ignores the important functional differences between these patterns. Describing a causative as ‘adding an agent’ ignores the fact that aspect is often affected in direct causatives and that indirect causatives add an event in addition to an agent.*

²²⁶ “Aqui eu sigo a teoria de voz como elaborada por Xolodovič e Mel’čuk [...], tratando essa categoria como uma forma de marcar a mudança de diátese por meio de afixos verbais.” (*Here I follow the theory of voices as elaborated by Xolodovič and Mel’čuk [...] treating this category as a way of marking the shift of diathesis by means of verbal affixes.*) (Kulikov, 1993, p. 144, tradução nossa).

caso de passivas derivadas de causativas, causativas derivadas de reflexivas, etc. (Kulikov, 2001, p. 889, tradução nossa²²⁷).

Sobre a percepção de que a passiva não alteraria o significado lexical do verbo, poderíamos questionar se “matar” é semanticamente igual a “ser morto”. Em Português, pelo menos, são duas entradas lexicais distintas.

Quanto à definição de voz, trabalhamos com o conceito de “codificação gramatical que indica as relações semânticas, pragmáticas e sintáticas entre os participantes do enunciado, em particular o sujeito e o objeto” (Gomes; Scandelari, no prelo). Neste sentido, incluímos a causativa entre os tipos de voz, especialmente em se tratando da causativa morfológica, amplamente citada na literatura. Nessa construção, ocorrem alterações morfológicas com implicações sintáticas, expressando informações semânticas novas e contextos pragmático-discursivos diferentes daqueles da não causativa.

2.9. Diacronia

Nedyalkov e Silnitsky (1973, p. 2-3) constataam que a direção diacrônica da derivação nem sempre é clara. Comrie (1989, p. 168) verifica essa indefinição na causativa morfológica e também nos chamados “pares supletivos”, a exemplo de *die* ‘morrer’ e *kill* ‘matar’. Kulikov (1993, p. 135-136), igualmente, reconhece a dificuldade de estabelecer, para todos os pares alternativos, qual causativa surgiu primeiro.

Em relação à dupla causativa (cf. §2.3.2 e §2.7.2), Kulikov (1993, p. 147, tradução nossa²²⁸) observa que a repetição do mesmo morfema é “a maneira mais simples de gerar uma segunda (dupla) causativa”. Outra hipótese aventada para explicar a duplicação é a da especialização de um afixo.

Kemmer e Verhagen (1994, p. 127) defendem a existência de fontes diacrônicas semelhantes entre causativas morfológicas e verbos transitivos, subsidiando a proposta de que as línguas tendem a apresentar estruturas conceituais semânticas parecidas entre a causativa e os transitivos. Assim, marcadores causativos antigos que indicam causação física tenderiam a se tornar partes de raízes verbais atuais. A hipótese de que a construção mais complexa herda propriedades da mais simples está alinhada a esse argumento.

²²⁷ *Unlike prototypical voices, such as the passive, the causative changes the lexical meaning of the base verb [...]. The causative can also be combined with several voices within one form as, for example, in the case of passives derived from causatives, causatives derived from reflexives, etc.*

²²⁸ [...] *the most simple way of providing a second (double) causative [...].*

Para explicar marcações diferentes das esperadas pelos modelos cognitivos, como o causado acusativo na causativa de transitivo ou o dativo na causativa de intransitivo, Kemmer e Verhagen (1994, p. 146-147) trabalham com a hipótese de mudanças diacrônicas tardias na forma.

Kulikov (2001, p. 895), por sua vez, identifica as seguintes possibilidades de origem das marcas causativas: formas livres, como verbos com significado de “fazer”, “deixar” ou “dar”; adposições direcionais ou benefactivas; e afixos verbais com sentido intensivo ou iterativo. Kemmer e Verhagen (1994) já haviam constatado a relação entre o verbo “dar” e a marca causativa (cf. §2.2.2.1). Gomes (2006) verifica que, no Mundurukú, o verbo transitivo *muy* ‘fazer’ é segmentalmente igual ao prefixo *muy*- ‘causativo de intransitivo’.

A nosso ver, processos diacrônicos contribuem como ferramentas auxiliares para o entendimento de mecanismos e fenômenos desafiadores. Pode ser útil, por exemplo, compreender se as marcas causativas derivam de formas livres, dependentes ou presas que exerciam outros papéis, como o direcional ou o benefactivo. Todavia, pelas evidências fornecidas na literatura teórica, verificamos que o recurso à diacronia deve ser feito com cautela, a fim de evitar interpretações equivocadas sobre como os eventos surgem e se relacionam.

2.10. Considerações finais do capítulo

Shibatani (2002, p. 1, tradução nossa²²⁹) destaca a relevância das causativas para a investigação gramatical e tipológica, considerando sua universalidade nas línguas e o caráter cognitivo envolvido no fenômeno:

A gramática da causação é uma das áreas que recebeu intenso escrutínio nos últimos 30 anos. Por um motivo, nenhuma descrição gramatical pode ser completa sem uma discussão de construções causativas, porque toda língua humana parece possuir um meio de expressar a noção de causação, e essa ubiquidade, por sua vez, indica a natureza fundamental dessa categoria cognitiva. Uma categoria tão básica na conceitualização humana é um campo ideal de investigação para comparação translinguística, levando ao estudo de universais da linguagem e variação translinguística.

²²⁹ *The grammar of causation is one of the areas that have received intensive scrutiny over the past 30 years. For one thing, no grammatical description can be complete without a discussion of causative constructions, because every human language seems to possess a means of expressing the notion of causation, and this ubiquity, in turn, indicates the fundamental nature of this cognitive category. Such a basic category in human conceptualization is an ideal field of investigation for cross-linguistic comparison leading to the study of language universals and crosslinguistic variation.*

Assim, as construções causativas são amplamente pesquisadas na Linguística, devido tanto a sua frequência, como categoria derivacional das línguas, quanto a sua complexidade e importância para a compreensão de variados aspectos linguísticos (cf. Bybee, 1985; Comrie, 1993; Kemmer e Verhagen, 1994; Shibatani, 2002).

Investigar o causado, em particular, representa uma tentativa de compreender a estrutura argumental das línguas, a qual está relacionada à experiência dos falantes na cena comunicativa e aos padrões que emergem da frequência de uso (cf. Furtado da Cunha e Costa, 2003, p. 68). Tal investigação deve incluir os níveis semântico, pragmático e cognitivo que os falantes ativam na elaboração de suas estratégias comunicativas.

Embora toda língua expresse relações de causa e efeito, introduza causadores e trate determinados participantes como causados, a maneira como cada uma faz isso varia, podendo nos induzir a afirmar que existem ou não causativas nas línguas ou que os participantes são mais ou menos integrados ao evento. Por vezes, modelos teóricos previamente estabelecidos podem induzir à busca desses padrões previstos, preterindo outras formas de expressar a causatividade, já que o modelo esperado nem sempre se adequará à realidade das línguas.

Em nossa interpretação, diferentes formas de causativização correspondem a estratégias que as línguas adotam para atender às necessidades comunicativas dos falantes. Independentemente do tipo de construção empregado, a causalidade é constituída pelo conjunto do enunciado, não por um ou outro constituinte isoladamente. A forma adotada em cada língua não elimina a interação entre os participantes causador, causado e paciente no evento conceitual de causalidade (cf. Kemmer e Verhagen, 1994, p. 130). A expressão da causatividade é um fenômeno relacional e estrutural, no sentido de que emerge das relações estabelecidas entre os participantes e da construção como um todo, sendo sua interpretação resultado da articulação entre forma, significado e uso.

3. METODOLOGIA

3.1. Introdução

Dada a inexistência de estudos tipológicos direcionados ao causado nas línguas indígenas sul-americanas, empreendemos uma pesquisa qualitativa de orientação funcional-tipológica. Além da sistematização das descrições disponíveis, o estudo envolve diálogo com as análises realizadas pelos autores consultados, propondo, quando necessário, reinterpretação

dos dados. Eventuais propostas de análise referentes a línguas específicas constam nos respectivos protocolos dessas línguas (cf. Apêndice 4).

Nas subseções seguintes, apresentamos a tipologia linguística, descrevemos a metodologia empregada e detalhamos nosso protocolo de pesquisa.

3.2. Tipologia linguística

A tipologia linguística classifica as línguas naturais, existentes ou extintas, de acordo com parâmetros gramaticais, a fim de identificar padrões, compará-los e explicá-los. Essa classificação revela características que são comuns a muitas línguas, independentemente de filiações genéticas ou históricos de contato. Como essas semelhanças são apenas parciais, e não universais, a pesquisa tipológica enseja a busca por explicações tanto para os padrões quanto para a diversidade das línguas. Assim, ela também se dedica ao estudo da variação translinguística de fenômenos funcionais. Destacamos que a classificação tipológica acaba sendo um meio, ou um efeito secundário, da tentativa final de compreender a linguagem humana, estabelecer correlações e revelar seu funcionamento (cf. Shibatani e Bynon, 1995; Song, 2018).

Neste sentido, a análise tipológica auxilia na elaboração e no aprimoramento das teorias linguísticas, ao fornecer evidências translinguísticas sobre como as línguas são estruturadas. Ela também contribui para a identificação de graus de parentesco e possíveis relações históricas entre as línguas, com explicações voltadas aos processos de variação e mudança linguística. E subsidia os estudos cognitivos da linguagem.

Além de seu alcance teórico, as descobertas da tipologia são revertidas à sociedade por meio de um ensino amparado em seus avanços, aptos a oferecer um panorama mais fidedigno do funcionamento das línguas. Como consequência da soma desses aspectos, a pesquisa tipológica bem fundamentada tem o potencial de contribuir para a preservação e a promoção da diversidade linguística.

3.2.1. Desafios da pesquisa tipológica

Apesar de a tipologia linguística fornecer recursos úteis para compreender as línguas, seus padrões e sua diversidade, também possui limitações que precisam ser consideradas em sua execução. Os métodos indiretos de coleta de dados, embora sejam os mais usados, podem restringir o alcance dos estudos tipológicos, os quais dependem da qualidade das descrições linguísticas prévias.

Se o trabalho tipológico for realizado a partir de documentação escassa ou imprecisa, poderá produzir generalizações superficiais e simplificar a realidade das línguas. Fato parecido ocorrerá se as análises originais forem teoricamente direcionadas. Fenômenos raros ou que não se encaixem em categorias pré-definidas pelo pesquisador que descreveu a língua podem ter sido alterados, preteridos ou rejeitados, com o risco de produzir resultados inconsistentes e visões deturpadas da realidade.

Variações terminológicas também influenciam a qualidade da pesquisa. Frequentemente, pesquisadores de tipologia agrupam dados sem ter certeza se estes representam unidades de análise equivalentes. Isso ocorre porque termos iguais podem ter sido adotados para descrever fenômenos diferentes e, em sentido inverso, termos distintos podem se referir a fenômenos semelhantes.

O mesmo cuidado vale para as categorias de análise criadas pelos linguistas. A definição de categorias *a priori*, nas descrições, pode enviesar os resultados tipológicos. Algumas abstrações explicativas, como a suposição de classes gramaticais específicas, que não existem em todas as línguas, são usadas sistematicamente por aqueles que atuam com fontes primárias para descrever as línguas, podendo induzir a falsas generalizações.

Além disso, como estudos tipológicos amplos recorrem à estatística, esbarram na intricada diferença entre língua e dialeto ao decidir o que deverá ser incluído na amostra. Como consequência, os dados podem ser superestimados ou subestimados em decorrência de definições prévias, às vezes arbitrárias, tomadas por aqueles que primeiro descreveram as línguas.

Outra questão são os critérios usados na tipologia para a seleção das línguas investigadas. Se não forem objetivos, poderá haver sub-representação das línguas menos estudadas, com a subsequente homogeneização da realidade descrita, o que foi a regra nos estudos gramaticais por séculos.

Em síntese, as práticas, os termos e os critérios adotados por aqueles que descreveram as línguas, quando desconhecidos ou ignorados pelos pesquisadores de tipologia, podem gerar resultados distorcidos. Em situações como essas, caberia aos linguistas a leitura completa dos materiais disponíveis sobre as línguas investigadas, na expectativa de encontrar dados passíveis de serem aproveitados. Outro recurso válido para minimizar os riscos, uma vez que os pesquisadores nem sempre dispõem de descrições completas para suas análises, é o uso da maior variedade possível de línguas nos trabalhos tipológicos (cf. Song, 2018).

Ainda que essas soluções sejam adotadas e os problemas evitados, é importante ter em mente que as análises tipológicas se amparam em menos de 10% das línguas do mundo. Diante

disso, Song (2018, p. 23, tradução nossa²³⁰) defende que as classificações fornecem generalizações restritas somente a essa amostra:

Simplificando, os universais linguísticos ou as preferências universais propostas nunca devem ser entendidos como fatos estabelecidos sobre as línguas, mas devem, ao contrário, ser considerados não mais do que observações ou hipóteses baseadas no que foi documentado sobre as línguas do mundo.

Esse aspecto da tipologia pode ser interpretado como uma simplificação dos dados, decorrente de pressupostos teóricos e conclusões genéricas. A respeito, Crystal (2008, p. 499, tradução nossa²³¹) pondera: “Quando se consideram os muitos critérios possíveis de comparação tipológica, fica claro que nenhuma classificação simples deverá surgir e que as diferenças entre as línguas não são categóricas, mas sim questões de grau”.

Em nossa pesquisa, trabalhamos com uma quantidade reduzida de línguas e não pretendemos identificar preferências universais. O que buscamos é compilar, comparar e analisar dados das línguas indígenas que ainda não foram agregados e disponibilizados para estudos tipológicos mais amplos. Eventual viés genealógico e areal em que possamos ter incorrido decorre da necessidade de suprir a falta de estudos no tema e de levar esses dados compilados à discussão científica.

3.3. Metodologia da pesquisa

A pesquisa tipológica se apoia no método indutivo de investigação, priorizando os dados na formulação das hipóteses. Nessa abordagem, as análises partem dos dados, não da teoria. O referencial teórico é necessário, contudo, para a fundamentação qualitativa das análises, no sentido de ser um guia explicativo para os fatos, não uma prescrição impositiva, de maneira que eventual incompatibilidade entre teoria e realidade deve levar a uma revisão das hipóteses.

A fim de obter resultados confiáveis, a tipologia precisa seguir um processo sistemático de classificação e comparação das línguas. É necessária uma metodologia consistente que permita examiná-las de modo objetivo e uniforme. Em vista disso, criamos um protocolo de pesquisa voltado especificamente ao causado de verbos transitivos (cf. §3.4). Nossa intenção é que essa ferramenta viabilize a padronização do trabalho e a construção de uma base de dados

²³⁰ *Put simply, proposed language universals or universal preferences should never be understood to be established facts about languages but should instead be taken to be nothing more than observations or hypotheses based on what has been documented about the world's languages.*

²³¹ *When one considers the many possible criteria of typological comparison, it is plain that no simple classification is likely to emerge, and that differences between languages are not clear-cut, but matters of degree.*

comparável tipologicamente. Os critérios estabelecidos nesse protocolo são um aspecto central da metodologia e orientaram nosso trabalho desde a coleta de dados até a discussão final.

3.3.1. Etapas

Seguimos as etapas do estudo tipológico: delimitação do tema, fundamentação teórica, escolha das línguas, coleta e tratamento de dados, descrição, comparação, análise e discussão. Essas fases foram executadas à luz do funcionalismo tipológico para minimizar o foco em aspectos puramente estruturais e possibilitar explicações embasadas na semântica, na pragmática, no discurso e na cognição. A seguir, apresentamos brevemente cada etapa, dedicando atenção maior à escolha das línguas.

A delimitação do tema considerou a relevância das causativas para a investigação gramatical e tipológica, dada sua universalidade nas línguas e o caráter cognitivo do fenômeno. A fundamentação teórica se baseou em uma revisão não exaustiva da literatura, em virtude da vasta produção acadêmica sobre construções causativas (cf. §2).

A escolha das línguas foi feita por amostragem, mediante os critérios de região geográfica e filiação genética, priorizando o território brasileiro e abrangendo representantes de cerca de vinte famílias linguísticas, incluindo os troncos macro-jê e tupí. Devido à indisponibilidade de descrições de variantes faladas no Brasil, os dados das línguas Bora (Witoto), Tikuna (língua isolada) e Yaminawá (Pano) se baseiam em variantes faladas na Colômbia e no Peru.

As línguas foram selecionadas inicialmente a partir de uma amostra de vinte e quatro línguas indígenas brasileiras, já calculada por Hengeveld *et al.* (2012) com base no método de Rijkhoff *et al.* (1993). Esse método parte da complexidade da árvore genealógica das famílias linguísticas para apurar quantas línguas precisam ser buscadas dentro de cada família. Isso é feito calculando um “valor de diversidade” a partir da estrutura dessa árvore e aplicando o resultado à quantidade mínima de línguas de cada família. Desse modo, obtém-se o número de línguas selecionadas por família.

O método de amostragem de línguas proposto por Rijkhoff *et al.* (1993) é voltado a identificar todas as realizações de um mesmo fenômeno nas línguas. Isso significa que ele maximiza a variação nos dados, capturando a maior diversidade possível do fenômeno estudado. O objetivo é encontrar situações raras que possam servir de teste para as teorias.

O motivo principal de recorrer à estrutura interna de cada árvore genealógica é evitar o viés genético na amostra. Esse viés é indesejado porque tende a gerar outros vieses, como o geográfico, o tipológico e o cultural. No entanto, Rijkhoff *et al.* (1993) reconhecem que a

classificação genética tem alguns pontos fracos. Entre eles, mencionamos o recurso a classificações que estão constantemente em debate e em processo de revisão, e o uso de todas as línguas isoladas disponíveis, o que pode criar um viés geográfico se essas línguas forem faladas em regiões contíguas.

Embora o número de línguas de cada família seja importante, o método atribui relevância à maneira como as línguas estão relacionadas historicamente. Neste sentido, são avaliados os níveis da árvore genealógica, a quantidade de nós em cada nível e o número de ramos em cada nó. Rijkhoff *et al.* (1993, p. 178, tradução nossa²³²) assim sintetizam as etapas do método:

Há duas maneiras de garantir que uma amostra de línguas seja geneticamente diversa. Uma é levar em conta a variação entre famílias linguísticas; outra é considerar a variação dentro de filos individuais (alguns são mais diversos do que outros). São esses dois fatores que compõem o critério genético. Ambos são capturados pelo método (computadorizado) de amostragem que propomos e que é elaborado abaixo. Ele pode ser resumido da seguinte forma:

- (i) o universo do qual a amostra é retirada contém todas as línguas conhecidas existentes e extintas;
- (ii) todos os filos são representados na amostra por pelo menos um membro;
- (iii) línguas adicionais são selecionadas com base no chamado Valor de Diversidade de um filo;
- (iv) o Valor de Diversidade de um filo é determinado com base em uma medida objetiva [...]

Em sua aplicação, são excluídos os pares de línguas faladas em regiões adjacentes ou na mesma área linguística. Também são retirados da amostra o nó superior da árvore, por não adicionar informação relevante, e os níveis da extremidade inferior (onde estão os nomes das línguas), concentrando a análise na organização genética interna. Em consequência, o Valor de Diversidade é calculado a partir dos nós intermediários (cf. Rijkhoff *et al.*, 1993, p. 180).

²³² *There are two ways to make sure that a language sample is genetically diverse. One is to take into account the variation across language families; the other is to consider the variation within individual phyla (some are more diverse than others). It is these two factors that make up the genetic criterion. Both are captured by the (computerized) sampling method that we propose and which is elaborated below. It can be summarized as follows:*

- (i) the universe from which the sample is taken contains all known extant and extinct languages;*
- (ii) all phyla are represented in the sample by at least one member;*
- (iii) additional languages are selected on the basis of the so-called Diversity Value of a phylum;*
- (iv) the Diversity Value of a phylum is determined on the basis of an objective measure [...].*

Na terceira fase, Rijkhoff *et al.* (1993, p. 182, tradução nossa²³³) realizam o cálculo de acordo com o seguinte raciocínio:

Se n for o número máximo de níveis intermediários encontrados em qualquer filo, a contribuição C_y do nível intermediário y com número de nós N_y é dada pela fórmula:

$$C_y = C_x + ((n-x)/n * (N_y - N_x))$$

onde $x = y-1$. Em outras palavras, C_y é obtido adicionando a contribuição do nível imediatamente acima do nível y (ou: C_x) aos nós extras do nível y (em comparação com o número de nós no nível x , isto é, $N_y - N_x$), sendo este último multiplicado por uma fração decrescente sobre os níveis de acordo com a linha n/n , $(n-1)/n$, ..., $1/n$ (isto é, $16/16$, $15/16$, $14/16$, ..., $1/16$). Por definição, a contribuição do primeiro nível intermediário (imediatamente abaixo do nó superior) é igual ao número de nós naquele nível ($C_1 = N_1$). O VD do filo Z agora pode ser calculado como o valor médio das contribuições de todos os níveis intermediários do filo Z .

Para transformar o valor resultante na quantidade de línguas selecionadas, deve-se definir o tamanho mínimo da amostra, que será igual à quantidade de línguas da família, já que ao menos uma língua de cada família precisa ser incluída. O cálculo das demais línguas é feito proporcionalmente, com base no Valor de Diversidade obtido em cada família.

A fragilidade desse e de outros métodos que podem ser propostos para as línguas indígenas sul-americanas é que todos deparam com a escassez de descrições das línguas selecionadas ou com a ausência de referências ao fenômeno buscado em uma língua já descrita. Por isso, eventualmente se torna necessário selecionar línguas mais material documentado do que as previstas na amostra original. Foi o que fizemos em relação ao Apalaí (Caribe) e ao Asuriní (Tupí-guaraní), substituídos pelo Wayana (Caribe) e pelo Kamaiurá (Tupí-guaraní).

Além disso, como a diversidade de um fenômeno pode não ser suficientemente captada pelo método adotado, é possível incluir mais línguas de uma mesma família para assegurar a diversidade esperada. A inclusão do Makuráp (Tuparí) na pesquisa se enquadra nessa situação.

²³³ If n is the maximum number of intermediate levels found in any one phylum, the contribution C_y of intermediate level y with number of nodes N_y is given by the formula

$$(2) C_y = C_x + ((n-x)/n * (N_y - N_x))$$

where $x = y-1$. In other words, C_y is obtained by adding the contribution of the level immediately above level y (or: C_x) to the extra nodes of level y (as compared to the number of nodes at level x , i.e. $N_y - N_x$), the latter being multiplied by a fraction decreasing over the levels according to the row n/n , $(n-1)/n$, ..., $1/n$ (i.e. $16/16$, $15/16$, $14/16$, ..., $1/16$). By definition, the contribution of the first intermediate level (immediately below the top node) is equal to the number of nodes at that level ($C_1 = N_1$). The DV of phylum Z can now be calculated as the mean value of the contributions of all intermediate levels of phylum Z .

Em resumo, seguimos as divisões e as seleções aleatórias apuradas por Hengeveld *et al.* (2012), de acordo com os valores de diversidade calculados, mas aplicamos também o método de amostragem de maneira não aleatória. Dessa maneira, privilegiamos línguas com mais material disponível e mantivemos o foco na diversidade linguística.

As línguas pré-selecionadas por Hengeveld *et al.* (2012), a partir das classificações genéticas de Rodrigues (1986), podem ser consultadas no Quadro 1:

Quadro 1 – Amostra de línguas pré-selecionadas

Família linguística	Número de línguas	Língua selecionada
Arawá	1	Jarawara
Arawak	2	
Maipure do Norte	1	Tariana
Maipure do Sul	1	Apurinã
Arutani-Sapé	1	—
Caribe	2	
Norte	1	Apalaí
Sul	1	Hixkaryana
Chapakura	1	Wari'
Crioulo	1	Karipúna Crioulo Francês
Kanoê	1	Kanoê
Katukína	1	—
Kwazá	1	Kwazá
Macro-Jê	5	
Bororo	1	Bororo
Jê-Kaingang	1	Xavante
Rikbáktsa	1	Rikbáktsa
Makú	1	Hup
Mataco-Guaikurú	1	Kadiwéu
Mura-Pirahã	1	Pirahã
Nambiquara	1	Sabanê
Pankararú	1	—
Pano	3	
Norte	1	Matís
Centro-Sul	1	Yaminawá
Sudeste	1	Shanenáwa
Tikuna	1	—
Trumai	1	—
Tukano	2	
Tukano Central	1	Kubeo
Tupí	3	
Mundurukú	1	Mundurukú
Tupí-Guaraní	1	Asuriní
Tuxá	1	—
Witoto	1	Bora
Yanomami	1	Sanumá

(Fonte: Hengeveld *et al.*, 2012, p. 43, adaptação e tradução nossa)

Considerando que, no decorrer da pesquisa, identificamos estudos de línguas previstas na amostra, mas não selecionadas no quadro acima, incluímos os dados dessas línguas em nossa seleção, quais sejam: Katukína (Katukína), Tikuna (língua isolada) e Trumai (língua isolada). Assim, nossa amostra totaliza vinte e oito línguas, sendo vinte e cinco faladas no Brasil, uma na Colômbia (Tikuna), uma no Peru (Yaminawá) e outra na Colômbia e no Peru (Bora). A amostra final de línguas adotada na presente pesquisa inclui diferentes famílias das Terras Baixas da América do Sul, com predominância da região amazônica, e pode ser consultada no Quadro 2 e nos mapas apresentados a seguir.

Quadro 2 – Amostra de línguas usada na pesquisa

Família linguística	Número de línguas	Língua selecionada
Arawá	1	Jarawara
Arawak		
Maipure do Norte	1	Tariana
Maipure do Sul	1	Apurinã
Caribe		
Norte	1	Wayana
Sul	1	Hixkaryana
Chapakura	1	Warí'
Crioulo	1	Karipúna Crioulo Francês
Kanoê	1	Kanoê
Katukína	1	Katukína
Kwazá	1	Kwazá
Macro-Jê		
Bororo	1	Bororo
Jê	1	Xavante
Rikbáktsa	1	Rikbáktsa
Nadahup/Makú	1	Hup
Guaikurú	1	Kadiwéu
Mura-Pirahã	1	Pirahã
Nambiquara	1	Sabanê
Pano		
Norte	1	Matís
Centro-Sul	1	Yaminawá
Sudeste	1	Shanenáwa
Tikuna	1	Tikuna
Trumai	1	Trumai
Tukano		
Tukano Central	1	Kubeo
Tupí		
Mundurukú	1	Mundurukú
Tuparí	1	Makuráp
Tupí-Guaraní	1	Kamaiurá
Witoto	1	Bora
Yanomami	1	Sanumá

(Fonte: Hengeveld *et al.*, 2012, p. 43, adaptação e tradução nossa)

Mapa 1.1 – Distribuição geográfica das línguas indígenas selecionadas nas Terras Baixas da América do Sul



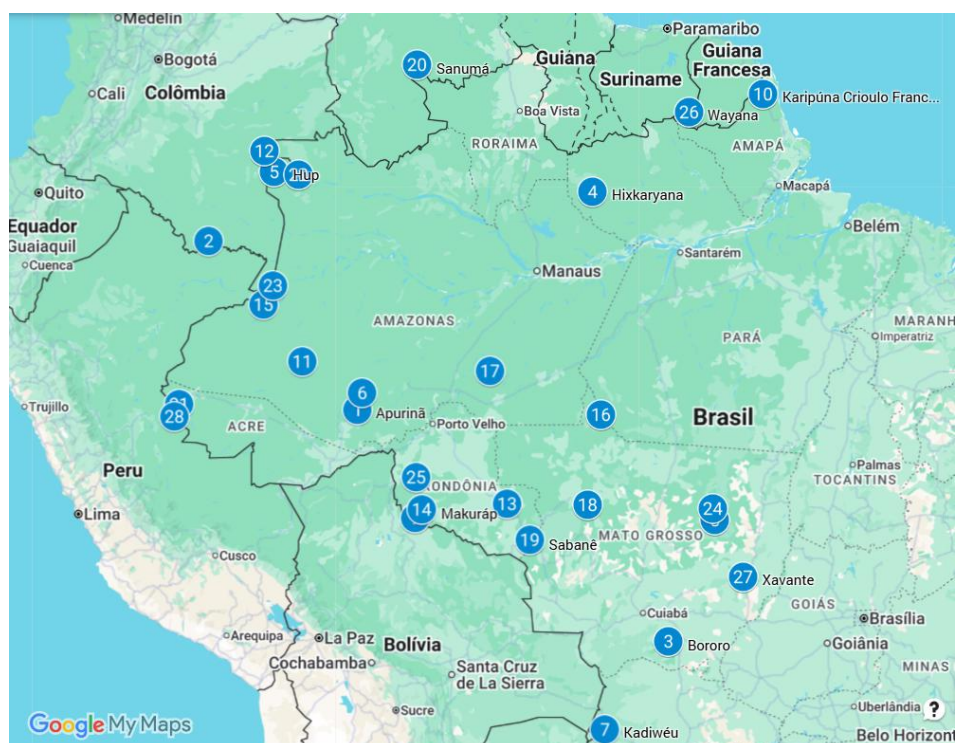
(Fonte: elaborado pelo autor. Dados georreferenciados do *Glottolog* 5.3²³⁴ e plotados no *Google My Maps*²³⁵)

Legenda: 1. Apurinã (Arawak); 2. Bora (Witoto); 3. Bororo (Bororo); 4. Hixkaryana (Caribe); 5. Hup (Nadahup/Makú); 6. Jarawara (Arawá); 7. Kadiwéu (Guaikurú); 8. Kamaiurá (Tupí-Guaraní); 9. Kanoê (Kanoê); 10. Karipúna Crioulo Francês (Crioulo); 11. Katukína (Katukína); 12. Kubeo (Tukano); 13. Kwazá (Kwazá); 14. Makuráp (Tuparí); 15. Matis (Pano); 16. Mundurukú (Mundurukú); 17. Pirahã (Mura-Pirahã); 18. Rikbaktsa (Rikbaktsa); 19. Sabanê (Nambiquara); 20. Sanumá (Yanomami); 21. Shanenáwa (Pano); 22. Tariana (Arawak); 23. Tikuna (língua isolada); 24. Trumai (língua isolada); 25. Warí' (Chapakura); 26. Wayana (Caribe); 27. Xavante (Jê); 28. Yaminawá (Pano).

²³⁴ Disponível em: <https://glottolog.org>. Acesso em: 30 abr. 2026.

²³⁵ Disponível em: <https://mymaps.google.com>. Acesso em: 30 abr. 2026.

Mapa 1.2 – Distribuição geográfica das línguas indígenas selecionadas nas Terras Baixas da América do Sul



(Fonte: elaborado pelo autor)

Mapa 1.3 – Distribuição geográfica das línguas indígenas selecionadas nas Terras Baixas da América do Sul



(Fonte: elaborado pelo autor)

Com relação à coleta de dados, baseamos nossa investigação em pesquisas prévias, mantendo a prática da maioria dos estudos tipológicos (cf. Song, 2018, p. 119). Os dados foram obtidos em gramáticas descritivas e trabalhos acadêmicos, como teses, dissertações, capítulos de livros e artigos sobre causativas, priorizando as línguas mais bem documentadas. Embora a seleção de línguas a partir da disponibilidade de descrições gramaticais possa gerar o chamado “viés bibliográfico”, essa é uma realidade na linguística indígena que ainda não foi superada (cf. Song, 2018, p. 90). A relação das línguas pesquisadas e as respectivas obras consultadas consta do Quadro 3:

Quadro 3 – Relação de línguas pesquisadas e obras utilizadas

Língua (família)	Obras pesquisadas
Apurinã (Arawak)	Facundes (2000)
Bora (Witoto)	Seifart (2015)
Bororo (Bororo)	Crowell, J. (2013) Crowell, T. (1979) Martins, Camargos, Costa e Miranda (2009) Nonato (2008)
Hixkaryana (Caribe)	Derbyshire (1979, 1985, 1999) Dixon (2000) Gildea (no prelo) Kalin (2011) Kozinsky e Polinsky (1993)
Hup (Nadahup/Makú)	Epps (2008)
Jarawara (Arawá)	Dixon (2000, 2004) Vogel (2003, 2022)
Kadiwéu (Guaikurú)	Sandalo (1997)
Kamaiurá (Tupí-Guaraní)	Seki (2000a, 2000b, 2004)
Kanoê (Kanoê)	Bacelar (2004) Bacelar e Voort (2023)
Karipúna Crioulo Francês (Crioulo)	Tobler (1983)
Katukína (Katukína)	Dos Anjos (2011) Queixalós (2010, 2014, no prelo)
Kubeo (Tukano)	Chacon (2012) Chacon e Genetti (2019) Morse e Maxwell (1999)
Kwazá (Kwazá)	Voort (2004)
Makuráp (Tuparí)	Braga (2005, 2021)
Matis (Pano)	Ferreira (2005)
Mundurukú (Mundurukú)	Gomes (2006)
Pirahã (Mura-Pirahã)	Everett (1983) Sheldon (1988 [1977])
Rikbáktsa (Rikbáktsa)	Silva (2011)

Sabanê (Nambiquara)	Antunes de Araújo (2004)
Sanumá (Yanomami)	Autuori (2019)
Shanenáwa (Pano)	Cândido (2004)
Tariana (Arawak)	Aikhenvald (2003) Dixon (2000)
Tikuna (língua isolada)	Bertet (2020)
Trumai (língua isolada)	Guirardello (1999)
Wari' (Chapakura)	Apontes (2015) Apontes e Camargos (2013) Everett e Kern (2006 [1997]) Xiyein, Apontes e Camargos (2018)
Wayana (Caribe)	Gildea (no prelo) Tavares (2005)
Xavante (Jê)	Dos Santos (2008) Estevam (2011) Oliveira (2007)
Yaminawá (Pano)	Faust e Loos (2002)

Na etapa da descrição, apresentamos as características gerais das causativas de cada língua e nos concentramos no participante causado de verbos transitivos, seguindo as questões definidas no protocolo de pesquisa (cf. §3.4). Ao adotar essa metodologia comum de coleta de dados, esperamos identificar padrões e variações com maior grau de segurança.

O tratamento dos dados foi realizado por meio do preenchimento de um quadro comparativo com os resultados de cada língua. Após a conclusão do protocolo de pesquisa em uma língua, as respostas registradas no protocolo foram sendo transpostas para esse quadro, o que possibilitou a formação de uma base de dados unificada, organizada segundo os mesmos critérios e apta à comparação entre as línguas investigadas (cf. Apêndice 3).

Na parte da análise, partimos dos resultados compilados e os comparamos com as tendências observadas no referencial teórico, buscando identificar padrões, variações e eventuais divergências. Por fim, discutimos os resultados com base no funcionalismo tipológico e elaboramos propostas de análise e definição das construções causativas.

Portanto, para a execução da pesquisa, cumprimos o seguinte percurso: 1) revisão da literatura linguística geral sobre causativas, de distintas filiações teóricas; 2) seleção das línguas; 3) formação de banco de dados bibliográficos sobre causativas nessas línguas; 4) aplicação do protocolo de pesquisa, com descrição dos fenômenos; 5) compilação dos dados em um quadro comparativo; 6) cotejamento das análises teóricas com os dados linguísticos descritos e analisados; e 7) análise e discussão dos resultados.

3.4. Protocolo de pesquisa

Visando a padronizar o trabalho de pesquisa e a construir uma base de dados comparável tipologicamente, criamos um protocolo de pesquisa direcionado ao causado das construções causativas derivadas de verbos transitivos. Esclarecemos que um recurso metodológico similar a esse já foi testado por nós em outra pesquisa e gerou os resultados esperados (cf. Scandolari, 2021; Scandolari e Gomes, 2023a). Assim como aquele, a ferramenta atual se destina à coleta de dados em fontes secundárias e poderá ser usada por mais pesquisadores que se interessem pelo tema, contribuindo para o estabelecimento de uma metodologia uniforme de pesquisa.

3.4.1. Preceitos subjacentes ao protocolo

O protocolo é composto de quarenta e duas perguntas, de natureza morfológica, sintática, semântica, pragmática, cognitiva, diacrônica e terminológica. Essas perguntas destinam-se a facilitar e orientar a identificação de conteúdos específicos na gramática das línguas investigadas. O somatório das questões converge para elucidar dois questionamentos principais: na construção causativa, o causado continua sendo um argumento? Em caso afirmativo, de que tipo?

A elaboração do protocolo se amparou em subsídios teóricos de orientação funcional-tipológica (cf. §2.1, §3.2, §3.3). Logo, suas perguntas pressupõem a relevância do uso linguístico na formação gramatical e respeitam as evidências fornecidas pela tipologia, conforme apresentado no referencial teórico (cf. §2).

O protocolo foi aplicado a todas as línguas investigadas, de modo a viabilizar as análises comparativas. Os resultados obtidos para cada língua foram resumidos e reunidos em um único quadro, o qual constitui a base de dados unificada deste estudo (cf. Apêndice 3).

3.4.1.1. *Questões*

As perguntas estão organizadas em subgrupos referentes a: informações gerais sobre as construções causativas; propriedades formais e semânticas do causado em causativas de verbos transitivos; características semânticas do causador; aspectos pragmáticos da causativa; propriedades de voz e valência na formação das causativas; mudanças diacrônicas; e variações terminológicas.

O primeiro e maior grupo de perguntas abrange dezessete questões, relativas a temas variados, como tipos de mecanismos causativos, seus morfemas, ordem de constituintes, transitividade dos verbos e eventuais restrições na formação causativa.

1. Mecanismos formais e interfaces

1.1. Questões gerais

1. Quais são os mecanismos formais que a língua usa para formar causativas a partir de verbos transitivos? (cf. Dixon, 2000; Kulikov, 2001)
2. A construção é causativizada diretamente? Ou passa por algum outro processo prévio de mudança de valência? (cf. Dixon, 2000)
3. Se houver morfema causativo, ele também desempenha outras funções? Em caso afirmativo, especifique o morfema e liste suas funções. (cf. Comrie, 1989; Dixon, 2000; Kulikov, 2001)
4. Se houver causatividade morfológica, é possível afirmar que os verbos transitivos que a recebem denotam ação abstrata? Em caso afirmativo, especifique e informe quais são esses verbos. (cf. Dixon, 2000)
5. Há mais de um marcador causativo de transitivo? Em caso afirmativo, o que motiva a escolha de um e de outro? (cf. Kulikov, 1993, 2001)
6. Existe causativa formada a partir de verbos com três argumentos/participantes (ditransitivos ou congêneres)? Em caso afirmativo, o causado assume qual função sintática? (cf. Kozinsky e Polinsky, 1993; Dixon, 2000)
7. Existem semelhanças entre a causativa de transitivos e a construção ditransitiva (ou congêneres)? Em caso afirmativo, quais são elas? (cf. Kozinsky e Polinsky, 1993; Kemmer e Verhagen, 1994; Dixon, 2000)
8. Existe causativa de transitivo formada a partir de verbos ambitransitivos? (cf. Dixon, 2000). Especifique.
9. Se houver incorporação nominal (IN) na língua, o verbo transitivo com IN pode ser causativizado? Em caso afirmativo, existe alguma diferença em relação ao verbo causativizado sem IN? (cf. Dixon, 2000)
10. A ordem de constituintes é fixa nas causativas? Qual constituinte ocupa o lugar típico de acusativo (OD)? (cf. Kozinsky e Polinsky, 1993; Dixon, 2000)
11. Há alguma restrição na formação de causativas de transitivos? Em caso afirmativo, descreva-a. (cf. Comrie, 1985, 1989; Dixon, 2000)
12. Foram identificados aspectos cognitivos envolvidos na causativa de transitivo? (Kozinsky e Polinsky, 1993; Kemmer e Verhagen, 1994)

1.2. Causativas com dois verbos

13. A língua apresenta causativa sintática (perifrástica ou analítica) com verbos transitivos? Em caso afirmativo, quais são os verbos responsáveis pela causatividade? (cf. Kulikov, 1993; Dixon, 2000)
14. Há verbos usados exclusivamente para expressar causatividade sintática (perifrástica ou analítica)? Em caso afirmativo, especifique. (cf. Dixon, 2000)
15. Em relação às causativas com dois verbos, há distinção entre causativa mono-oracional e bi-oracional? Em caso afirmativo, há algum critério ou propriedade sintática para diferenciá-las? (cf. Kozinsky e Polinsky, 1993; Dixon, 2000; Kulikov, 2001)

1.3. Causativa lexical

16. Há pares com aproximação semântica que possam ser identificados como “verbo lexical transitivo” *versus* “verbo lexical transitivo causativo” correspondente? (cf. Dixon, 2000)
17. Há critérios para diferenciar os pares de lexemas relacionados com a causatividade lexical tratada na questão anterior? (cf. Dixon, 2000)

Tais questões foram elaboradas com o intuito de explicitar os processos formais que a língua usa em suas diferentes construções causativas de verbos transitivos, contemplando causativas morfológicas, sintáticas e lexicais. Assim, interessa saber quais morfemas são usados nas causativas e suas características, por quais processos a língua passa para formar uma causativa, qual a ordem prototípica entre causador, causado e paciente e se existem construções não causativas que servem de referência às causativas, a exemplo das ditransitivas.

O segundo grupo abrange doze questões direcionadas ao causado, incluindo morfologia, função sintática, propriedades gramaticais e semânticas. Essas questões se concentram no objetivo principal da pesquisa, que é compreender, nas línguas indígenas investigadas, o *status* gramatical do causado de verbos transitivos, em especial sua posição na escala entre argumentos e adjuntos. Para isso, são considerados critérios morfossintáticos, semânticos e de acessibilidade sintática.

2. Causado em causativas de verbos transitivos

18. O causado assume qual função sintática nas causativas de transitivos? (cf. Comrie, 1989; Kozinsky e Polinsky, 1993; Dixon, 2000; Kulikov, 2001)
19. O causado mantém o mesmo caso ou função sintática que exercia na estrutura primitiva (não causativa)? Em caso afirmativo, o causador e o causado compartilham propriedades

de sujeito (ou de outra função) entre si? Se compartilharem, há algum critério ou propriedade sintática para identificar o sujeito (ou a outra função) hierarquicamente mais alto? (cf. Comrie, 1985; Dixon, 2000)

20. A marcação do causado ocorre com outros constituintes (ou é exclusiva dele)? Caso ocorra, especificar esses constituintes e as respectivas funções sintáticas na língua. (cf. Comrie, 1989)
21. Com relação ao causado, há marcação morfológica distinta da função sintática exercida por ele? (cf. Dixon, 2000). Em caso afirmativo, especifique.
22. O causado e o paciente, na causativa de transitivo, podem ser codificados simultaneamente como objeto direto? Em caso afirmativo, eles realmente se comportariam sintaticamente como dois objetos diretos idênticos? (cf. Kozinsky e Polinsky, 1993)
23. Na formação da causativa, o causado assume a posição livre mais alta imediatamente disponível segundo a Hierarquia de Casos apresentada em Comrie (1976, 1989) (Sujeito > Objeto direto > Objeto indireto > Objeto oblíquo)? Em caso negativo, informar a posição assumida.
24. Há algum critério sintático ou propriedade sintática para diferenciar o causado dos demais constituintes? (cf. Dixon, 2000; Kulikov, 2001)
25. O causado pode ser omitido ou excluído? Em caso afirmativo, ocorre alteração na valência sintática? (cf. Kozinsky e Polinsky, 1993)
26. O causado pode ser relativizado? Em caso afirmativo, apresenta uma forma específica ou diferente de relativização em contraste com os demais constituintes? (cf. Keenan e Comrie, 1979)
27. Além do papel semântico de causado, quais outros papéis são expressos pelo causado nas causativas? (cf. Comrie, 1989; Kulikov, 2001)
28. Quais propriedades semânticas (grau de controle e/ou afetação, ação direta, por exemplo) são identificáveis no causado? Informe se ele está no controle da atividade ou não (a exemplo de um ente inanimado ou de uma criança pequena) e se ele age com ou sem volição. (cf. Comrie, 1989; Kulikov, 1993; Dixon, 2000, p. 62)
29. Há mais de um tipo de causado na língua? Em caso afirmativo, qual deles é mais integrado conceitualmente à sentença? (cf. Kemmer e Verhagen, 1994; Dixon, 2000)

Com essas perguntas, buscamos identificar as marcações recorrentes que o causado recebe, incluindo as marcas de caso e outros meios morfológicos de codificação e as propriedades sintáticas mais comuns desse participante. Também investigamos os papéis

semânticos específicos que ele assume (como agente, experienciador, paciente), as propriedades semânticas (como controle, volição, afetação) e seu nível de integração conceitual à sentença.

Os demais grupos, que juntos somam treze perguntas, compõem a parte final do protocolo. Essas questões ampliam a análise das causativas de verbos transitivos ao incorporar fatores semânticos do participante causador e ao investigar aspectos referentes a pragmática (como tópico, foco e iconicidade), processos de voz e valência, diacronia e terminologia empregada nas descrições.

3. Causador em causativas de verbos transitivos

30. “O causador atua direta ou indiretamente” sobre o causado? (Dixon, 2000, p. 62, tradução nossa²³⁶)
31. “O causador atinge o resultado acidental ou intencionalmente?” (Dixon, 2000, p. 62, tradução nossa²³⁷)
32. O causador apenas inicia um processo naturalmente ou o resultado é alcançado somente com esforço (talvez com violência)? (cf. Dixon, 2000, p. 62)
33. “O causador também está envolvido na atividade (além do causado)? Ou não está envolvido?” (Dixon, 2000, p. 62, tradução nossa²³⁸)

4. Parâmetros pragmáticos

34. Em relação à pragmática, a língua apresenta, por exemplo, graus de topicalidade ou foco relacionados ao causado ou ao paciente nas causativas de transitivos? Em caso afirmativo, especifique. (cf. Kozinsky e Polinsky, 1993; Kemmer e Verhagen, 1994; Dixon, 2000)
35. Há relação entre a frequência de uma dada situação e o tipo de construção causativa usado na língua? (cf. Kulikov, 1993)

4.1. Iconicidade

36. A língua apresenta mais de um mecanismo formal para expressar causativas de transitivos? Em caso afirmativo, é possível correlacionar o *continuum* “causativa sintática – causativa morfológica – causativa lexical” (Comrie, 1981, p. 167) e o sentido da causação, indo da menos direta (sintática) para a mais direta (lexical)? Esse *continuum* vai do alto controle

²³⁶ Does the causer act **directly** or **indirectly**?

²³⁷ Does the causer achieve the result **accidentally** or **intentionally**?

²³⁸ Is the causer also **involved** in the activity (in addition to the causee) or **not involved**?

para o baixo controle do causado? (cf. Comrie, 1981; Givón, 1990; Dixon, 2000; Kulikov, 2001)

5. Voz e valência

37. As causativas se comportam como mudança de valência? Ou como voz? Explique. (cf. Givón, 1994; Kulikov, 2001; Shibatani, 2006; Haspelmath e Hartmann, 2015; Zúñiga e Kittilä, 2019)
38. As causativas podem ser derivadas ou combinadas com outras vozes ou outros mecanismos de mudança de valência? Em caso afirmativo, informe qual(is). (cf. Kulikov, 2001)

6. Diacronia

39. É possível identificar o percurso diacrônico ou ao menos a origem de morfemas causativos de transitivos, construções sintáticas causativas (perifrásticas ou analíticas) ou mesmo de causativas lexicais? Em caso afirmativo, especifique. (cf. Dixon, 2000; Kulikov, 2001)
40. É possível identificar mudanças diacrônicas na marcação de caso do causado? (cf. Kulikov, 1993)

7. Terminologia

41. Com relação às causativas de verbos transitivos, quais termos são usados? Eles são explicitamente definidos?
42. Existe alguma terminologia particular? Em caso afirmativo, como é definida? (cf. Comrie, 1985; Dixon, 2000; Kulikov, 2001)

Nesse conjunto, pretendemos mapear os elementos que, de acordo com a literatura teórica, exercem influência sobre o causado. Entre eles, destacamos a semântica do causador (se a ação é direta, intencional, com esforço, ou não), os graus de topicalidade e foco do causado e do paciente, a iconicidade entre forma e conteúdo informacional, o comportamento da causativa como voz ou valência, os aspectos diacrônicos das causativas e os termos mais e menos frequentes usados nas descrições.

Em suma, essas são as informações que buscamos ao longo da pesquisa e os princípios que nos orientaram metodologicamente. Para mais informações teóricas que motivaram as perguntas, conferir as referências bibliográficas citadas ao lado de cada questão do protocolo.

4. SÍNTESE ANALÍTICO-TEÓRICA

4.1. Introdução

Apresentamos a seguir as respostas de cada questão do protocolo de pesquisa, consolidadas e organizadas em tabelas para melhor visualização e análise dos resultados. As informações que compõem as tabelas de cada questão podem ser consultadas no quadro comparativo (cf. Apêndice 3).

Após uma breve descrição de cada resultado (§4.2), retomamos as tendências teórico-tipológicas listadas no capítulo teórico e as confrontamos com os achados de nossa pesquisa (§4.3). Na sequência, elaboramos uma proposta de definição geral para as construções causativas (§4.3.1), propomos uma escala entre as causativas com diferentes graus de fusão estrutural (§4.3.2) e retomamos a discussão teórica sobre a distinção entre argumentos e adjuntos (4.3.3).

4.2. Resultados do protocolo de pesquisa

Os resultados finais das questões do protocolo de pesquisa estão listados abaixo. Esclarecemos que os dois casos recorrentes classificados como “n/a” (não aplicável) se referem ao Xavante (Jê), que parece não possuir causativas formadas a partir de verbos transitivos, e ao Sabanê (Nambiquara), no qual não identificamos informações sobre construções causativas.

1. Mecanismos formais e interfaces

1.1. Questões gerais

1. Quais são os mecanismos formais que a língua usa para formar causativas a partir de verbos transitivos? (cf. Dixon, 2000; Kulikov, 2001)

Tabela 1 – Resultados da questão 1

Respostas	Quantidade	Porcentagem
M	15	53,6%
S	6	21,4%
n/a	2	7,1%
M, Per	2	7,1%
M, S	1	3,6%
M, Per, Serial	1	3,6%
M, M + redup	1	3,6%
Total	28	100,0%

Abreviaturas: M: morfológico; n/a: não aplicável; Per: perifrástico; redup: reduplicação; S: sintático.

Os termos “perifrástico” e “sintático” refletem a terminologia dos autores que descreveram as línguas. Em nossa análise, ambos são tratados como mecanismos sintáticos pelo fato de serem formados por mais de um verbo (cf. §2.5.1.1).

Mais da metade das línguas investigadas (53,6%) recorre exclusivamente à morfologia para formar construções causativas a partir de verbos transitivos. Se somarmos todas as línguas que usam o mecanismo morfológico, de modo exclusivo ou não, esse percentual aumenta para 71,4% do total, o que representa 20 línguas das 28 analisadas. A estratégia exclusivamente sintática aparece em 21,4% da amostra. Se somarmos todas as ocorrências do mecanismo sintático, empregado exclusivamente ou não, esse percentual alcança 35,7% do total, o equivalente a 10 línguas.

Em 17,9% das línguas, diferentes mecanismos formais coexistem no mesmo sistema. Ao confrontar os dados da questão 1 com os parâmetros semânticos das questões 27 (agentividade do causado), 28 (controle do causado), 30 (ação indireta do causador), 31 (ação intencional do causador), 32 (ação natural do causador) e 33 (não envolvimento do causador), não é possível estabelecer relação entre as línguas com mais de um mecanismo e eventual existência de distinções semânticas nos papéis e propriedades do causado e do causador.

2. A construção é causativizada diretamente? Ou passa por algum outro processo prévio de mudança de valência? (cf. Dixon, 2000)

Tabela 2 – Resultados da questão 2

Respostas	Quantidade	Porcentagem
Sim	25	89,3%
n/a	2	7,1%
Não	1	3,6%
Total	28	100,0%

Os dados indicam o predomínio de construções causativizadas de forma direta, com 89,3% do total. Esse processo ocorre independentemente do mecanismo formal empregado na causativização (conforme questão 1). Apenas o Makuráp (Braga, 2005) apresenta um processo prévio de mudança na voz verbal, no qual é necessário intransitivizar a construção e, depois, transativizá-la novamente.

O resultado é compatível com a literatura teórica, no sentido de que a causatividade tende a funcionar como uma operação básica de aumento de valência, sem a necessidade de etapas intermediárias de reorganização argumental.

3. Se houver morfema causativo, ele também desempenha outras funções? Em caso afirmativo, especifique o morfema e liste suas funções. (cf. Comrie, 1989; Dixon, 2000; Kulikov, 2001)

Tabela 3 – Resultados da questão 3

Respostas	Quantidade	Porcentagem
Não identificamos	12	42,9%
n/a	8	28,6%
Sim	5	17,9%
Não	3	10,7%
Total	28	100,0%

Em 42,9% da amostra, não identificamos os morfemas causativos desempenhando outras funções. Esse resultado pode indicar a inexistência do fenômeno nessas línguas ou pode ser um indicativo de que o tema é pouco explorado nas obras consultadas. Como não é possível distinguir entre essas duas possibilidades, os dados não constituem evidência suficiente para refutar a hipótese de que o morfema causativo tende a ser usado como um indicador geral de aumento de valência.

As respostas classificadas como não aplicáveis (“n/a”) representam 28,6% do total e se referem àquelas línguas em que a causatividade não é expressa morfologicamente e àquelas em que não identificamos causativas de transitivos.

Em 17,9% do total, verificamos que o morfema causativo desempenha outras funções. As funções recorrentes associadas ao morfema são de verbos com o sentido de “fazer”, como nas línguas Kwazá, Shanenáwa e Warí’, possivelmente indicando trajetórias diacrônicas recorrentes, como processos de gramaticalização.

Por fim, em 10,7% das línguas, o morfema causativo é descrito como funcionalmente exclusivo.

4. Se houver causatividade morfológica, é possível afirmar que os verbos transitivos que a recebem denotam ação abstrata? Em caso afirmativo, especifique e informe quais são esses verbos. (cf. Dixon, 2000)

Tabela 4 – Resultados da questão 4

Respostas	Quantidade	Porcentagem
Não identificamos	17	60,7%
Sim	9	32,1%
n/a	2	7,1%
Total	28	100,0%

Na maior parte das respostas (60,7%), não identificamos verbos transitivos expressando ação abstrata. Esse resultado pode ser interpretado como um indício de que os verbos transitivos envolvidos nas causativas não denotam ação abstrata, ou pode indicar que o tema é pouco explorado nas obras consultadas.

Em 32,1% das línguas, verificamos a existência de verbos que podem expressar ação abstrata. Assim, os dados não permitem refutar a hipótese de que, quando há poucos verbos transitivos formando causativas morfológicas, eles tendem a expressar ação abstrata. Adicionalmente, não permitem confirmar a proposta de que o dativo, por ser experiencialmente afetado, estaria relacionado a verbos de experiência (cf. Kemmer e Verhagen, 1994; §2.6.5.1).

Analisando todos os verbos que formam causativas, conforme registrado nas respostas à questão 4 de cada língua e sintetizado no Apêndice 2, confirmamos a tendência de que os verbos ingestivos (“beber”, “cheirar”, “chupar”, “comer”, “fumar”, “lamber”, “morder”) estão entre os verbos transitivos mais suscetíveis à causativização. A esse grupo, seguem-se os verbos “fazer”, “ver”, “dar” e “matar”. Considerados isoladamente, os verbos mais frequentes em nossa amostra são “fazer”, “comer” e “ver”, de maneira que a associação entre causatividade morfológica e verbos de ação abstrata é possível, mas não predominante. Essas análises se mantêm independentemente do mecanismo causativo, tendo sido testadas com e sem as causativas sintáticas, analíticas, perifrásticas, seriais e compostas.

5. Há mais de um marcador causativo de transitivo? Em caso afirmativo, o que motiva a escolha de um e de outro? (cf. Kulikov, 1993, 2001)

Tabela 5 – Resultados da questão 5

Respostas	Quantidade	Porcentagem
Não	17	60,7%
Sim	8	28,6%
n/a	3	10,7%
Total	28	100,0%

Em 60,7% da amostra, não identificamos mais de um marcador causativo de verbo transitivo.

Em 28,6% das línguas, registramos a ocorrência de mais de um marcador. Embora as motivações descritas para a escolha entre as formas variem, a semântica da causativa aparece como o fator recorrente, a exemplo das oposições entre ordem e permissão (Hup, Jarawara, Katukína, Kwazá, Trumai), ação direta e indireta (Kubeo) e atividades tradicionais e atividades típicas (Tariana). A diferenciação confirma as tendências de que marcas formalmente distintas veiculam diferenças de sentido e de que os marcadores gramaticais tendem a se especializar ao longo do tempo.

Por fim, 10,7% das línguas foram classificadas como “n/a” (não aplicável). Duas delas se referem ao Xavante e ao Sabanê. A terceira se refere ao Makuráp, em que não identificamos um marcador causativo específico para verbos transitivos, pois a causativização é formada pela intransitivização da construção transitiva, seguida pela transitivização com um morfema causativo de verbo intransitivo.

Em conjunto, os resultados desta questão estão alinhados ao princípio da economia linguística, segundo o qual os sistemas gramaticais tendem a evitar redundâncias formais e uso de recursos funcionalmente equivalentes. Confirmam essa visão tanto a inexistência de diferentes marcadores na maioria das línguas, quanto a presença de motivações semânticas para a escolha de formas diferentes nas línguas com mais de um marcador.

6. Existe causativa formada a partir de verbos com três argumentos/participantes (ditransitivos ou congêneres)? Em caso afirmativo, o causado assume qual função sintática? (cf. Kozinsky e Polinsky, 1993; Dixon, 2000)

Tabela 6 – Resultados da questão 6

Respostas	Quantidade	Porcentagem
Não identificamos	16	57,1%
Sim	10	35,7%
n/a	2	7,1%
Total	28	100,0%

Na maior parte das respostas (57,1%), não identificamos causativa formada a partir de verbos com três argumentos/participantes. Esse resultado pode ser interpretado como um indício de que não existe causativa de verbos trivalentes, ou pode indicar que o tema é pouco explorado nas obras consultadas.

Os casos afirmativos representam mais de um terço do total (35,7%). Entre essas línguas, o causado é analisado como um tipo de “oblíquo” em três delas (Hixkaryana, Sanumá e Wayana). Em outras três (Kamaiurá, Tariana e Yaminawá), sua função varia entre OD e OI. Nas demais, as funções são de “objeto” (Hup) e “argumento A” (Trumai). Não identificamos a função do causado nas duas outras línguas (Shanenáwa e Warí’).

Assim, confirmamos que o causado de ditransitivos exerce a função de “objeto oblíquo” (OObl) ou “argumento oblíquo” em diferentes línguas (Hixkaryana, Sanumá, Wayana), embora não haja uma única função predominante entre essas línguas (para uma problematização da terminologia “objeto oblíquo”, conferir §2.3.5). Em comum, os causados apresentam a atuação como “objeto”, o qual pode se realizar como “oblíquo”, “direto” ou “indireto”.

Por fim, observamos que, em 35,7% das línguas investigadas, a quantidade de participantes da construção primitiva não é um fator limitador para a causativização.

7. Existem semelhanças entre a causativa de transitivos e a construção ditransitiva (ou congênere)? Em caso afirmativo, quais são elas? (cf. Kozinsky e Polinsky, 1993; Kemmer e Verhagen, 1994; Dixon, 2000)

Tabela 7 – Resultados da questão 7

Respostas	Quantidade	Porcentagem
Sim	16	57,1%
Não	10	35,7%
n/a	2	7,1%
Total	28	100,0%

A maior parte das respostas (57,1%) confirma a observação teórico-tipológica de que a causativa de transitivo tende a seguir os mesmos padrões formais e semânticos da construção ditransitiva. As semelhanças mais recorrentes entre as duas construções são as codificações dos participantes (incluindo as marcas de caso), a quantidade de participantes expressos e a ordem de constituintes.

Em 35,7% das línguas, as descrições indicam que a causativa de transitivo mantém as propriedades estruturais da construção primitiva transitiva. Logo, em conjunto com as respostas afirmativas, os dados confirmam a tendência de as causativas serem construídas a partir de esquemas estruturais e conceituais mais simples e já disponíveis.

Confirmamos também que, nas línguas em que há marca dativa, esta aparece regularmente na causativa de transitivo (cf. §2.4.2), como se observa nas línguas Hixkaryana,

Kamaiurá, Makuráp, Mundurukú e Wayana. Assim, a marca dativa se manifesta nas línguas que já dispõem dessa codificação gramatical. No entanto, como muitas línguas não apresentam essa marcação, nem a função de OI comumente associada a ela, a regularidade que relaciona a ocorrência da marca dativa às causativas de transitivos deve ser entendida como restrita às línguas que possuem essa codificação, não podendo ser generalizada como uma tendência mais ampla das causativas de transitivos.

Por fim, considerando apenas as línguas que apresentam semelhanças entre a causativa de transitivo e a ditransitiva, o causado atua como “objeto” em mais da metade delas (56,3%) e como OI (ou com marca dativa) em 43,7%. Logo, apesar de o causado não ser sempre analisado como OI, tende a ser um argumento. Confirmamos, assim, o raciocínio de que, como uma construção se faz por analogia à outra, o causado tende a exercer funções mais argumentais, e não periféricas.

8. Existe causativa de transitivo formada a partir de verbos ambitransitivos? (cf. Dixon, 2000). Especifique.

Tabela 8 – Resultados da questão 8

Respostas	Quantidade	Porcentagem
Não identificamos	21	75,0%
Sim	5	17,9%
n/a	2	7,1%
Total	28	100,0%

Em 75% das línguas, não foram identificadas causativas formadas a partir de verbos ambitransitivos. Esse resultado pode ser interpretado como um indício de que essas construções não existem nas línguas investigadas, ou pode indicar que o tema é pouco explorado nas obras consultadas. Em muitas descrições, a existência de verbos ambitransitivos não é analisada.

Em 17,9% da amostra (Jarawara, Kanoê, Kubeo, Kwazá e Tariana), identificamos causativa de transitivo formada a partir de verbos ambitransitivos. Nessas ocorrências, os verbos mais comuns são os ingestivos “beber” e “comer”.

Assim, os resultados desta questão sugerem que a formação de causativas de transitivo com verbos ambitransitivos é viável, mas aparentemente pouco documentada. A existência dessas construções pode indicar processos causativos atuando em mudanças diacrônicas de valência, especificamente na reanálise da estrutura argumental desses verbos.

9. Se houver incorporação nominal (IN) na língua, o verbo transitivo com IN pode ser causativizado? Em caso afirmativo, existe alguma diferença em relação ao verbo causativizado sem IN? (cf. Dixon, 2000)

Tabela 9 – Resultados da questão 9

Respostas	Quantidade	Porcentagem
Não identificamos	26	92,9%
n/a	2	7,1%
Total	28	100,0%

Não identificamos verbo transitivo com incorporação nominal sendo causativizado nas línguas investigadas. Registramos, porém, que foram identificados processos de incorporação nominal, ou análogos a ele, em 39,3% da amostra (Apurinã, Hup, Kamaiurá, Kanoê, Katukína, Kubeo, Mundurukú, Rikbáktsa, Shanenáwa, Tikuna e Trumai).

O resultado pode indicar que, nessas línguas, o processo de reorganização argumental gerado pela IN é incompatível com operações de mudança de valência, como a causativização, ou que a interação entre esses fenômenos é pouco explorada nas gramáticas consultadas.

10. A ordem de constituintes é fixa nas causativas? Qual constituinte ocupa o lugar típico de acusativo (OD)? (cf. Kozinsky e Polinsky, 1993; Dixon, 2000)

Tabela 10 – Resultados da questão 10

Respostas	Quantidade	Porcentagem
Não	18	64,3%
Sim	8	28,6%
n/a	2	7,1%
Total	28	100,0%

A ordem de constituintes é variável em 64,3% das línguas investigadas e é fixa em 28,6%. Diferentemente do previsto (cf. Kozinsky e Polinsky, 1993; §2.5.3), não confirmamos que o causado tende a ocupar a segunda posição da construção, logo após o causador. O causado pode ocupar essa posição em 35,7% das línguas (Bora, Hup, Jarawara, Matís, Pirahã, Sanumá, Shanenáwa, Tariana, Trumai e Yamináwa). Em outros 25% da amostra, constatamos que ele pode ocorrer imediatamente após o causador (Hixkaryana, Kanoê, Kubeo, Kwazá, Mundurukú, Warí' e Wayana), sem estar na segunda posição na construção. Assim, é possível concluir que

o causado tende a ocupar a posição imediatamente depois do causador em 60,7% das línguas investigadas, ainda que essa não seja a segunda posição do enunciado.

Tabela 10.1 – Constituinte que ocupa o lugar típico de acusativo

Participante	Quantidade	Porcentagem
Paciente	14	50,0%
Causado	7	25,0%
Oração	3	10,7%
Não identificamos	2	7,1%
n/a	2	7,1%
Causador	1	3,6%

O Yamináwa ocorre em mais de uma categoria. Por isso, a soma dos percentuais pode ultrapassar 100%.

O participante paciente ocupa o lugar típico de acusativo na metade das línguas (50%) (Hixkaryana, Hup, Kamaiurá, Kwazá, Makuráp, Mundurukú, Rikbáktsa, Sanumá, Shanenáwa, Tikuna, Trumai, Warí', Wayana e Yamináwa), seguido pelo causado (25%) (Apurinã, Bora, Jarawara, Kubeo, Matis, Pirahã e Yamináwa), pelas orações com função de objeto (10,7%) (Bororo, Kanoê e Kariúna Crioulo Francês) e pelo causador (3,6%) (Katukína). Esclarecemos que, na língua Yamináwa, o constituinte que ocupa o lugar típico de OD pode ser o causado ou o paciente. No Kamaiurá, o causado ocupa o lugar de OD na causativa de verbo ditransitivo.

Em conjunto, essas respostas confirmam a tendência esperada de o causado se comportar de modo semelhante ao causador, mas distinto do paciente.

11. Há alguma restrição na formação de causativas de transitivos? Em caso afirmativo, descreva-a. (cf. Comrie, 1985, 1989; Dixon, 2000)

Tabela 11 – Resultados da questão 11

Respostas	Quantidade	Porcentagem
Não identificamos	17	60,7%
Sim	9	32,1%
n/a	2	7,1%
Total	28	100,0%

Em 60,7% das línguas, não identificamos restrições, embora fossem esperadas na causativização de verbos transitivos (cf. Comrie (1989), §2.6; Dixon (2000), §2.5.4; e Shibatani (2002), §2.5.1.2). Esse resultado pode ser interpretado como um indício de inexistência de restrições, ou pode indicar que o tema é pouco explorado nas obras consultadas.

Em 32,1% da amostra, foram descritas restrições, as quais se referem principalmente a incompatibilidades entre marcadores morfológicos e a questões semânticas e lexicais. Quanto à primeira situação, observamos a impossibilidade de o causativo ocorrer simultaneamente com morfemas de aplicativo, aspecto habitual ou causativo comitativo (Jarawara, Kamaiurá, Kubeo, Makuráp, Mundurukú). Quanto às restrições semânticas e lexicais, identificamos situações em que as causativas ocorrem somente com verbos que expressam atividades tradicionais, verbos “especificados para causa” ou verbos não estativos (Kadiwéu, Kubeo, Sanumá, Tariana). Há também restrição quanto à transitividade do verbo, uma vez que causativas de transitivos são raras em algumas línguas, a exemplo do Tikuna.

12. Foram identificados aspectos cognitivos envolvidos na causativa de transitivo? (Kozinsky e Polinsky, 1993; Kemmer e Verhagen, 1994)

Tabela 12 – Resultados da questão 12

Respostas	Quantidade	Porcentagem
Não identificamos	25	89,3%
n/a	2	7,1%
Sim	1	3,6%
Total	28	100,0%

Somente a descrição da língua Katukína (3,6% da amostra) identifica aspectos cognitivos envolvidos na causativa de transitivo. De acordo com Queixalós (2014), a mente privilegia o agente em construções transitivas, de maneira que o alinhamento acusativo seria um reflexo desse viés cognitivo relativo ao agente, ao passo que a ergatividade seria o alinhamento marcado.

Dada a ausência do tema nas demais obras, o qual não é analisado explicitamente, não identificamos outros aspectos cognitivos envolvidos na causativização de verbos de transitivos.

1.2. Causativas com dois verbos

13. A língua apresenta causativa sintática (perifrástica ou analítica) com verbos transitivos? Em caso afirmativo, quais são os verbos responsáveis pela causatividade? (cf. Kulikov, 1993; Dixon, 2000)

Tabela 13 – Resultados da questão 13

Respostas	Quantidade	Porcentagem
n/a	18	64,3%
Sim	10	35,7%
Total	28	100,0%

Na maioria das línguas investigadas (64,3%), a causatividade com verbos transitivos não é expressa sintaticamente.

Identificamos causativas sintáticas em 35,7% da amostra (Bororo, Hup, Kanoê, Karipúna Crioulo Francês, Katukína, Kubeo, Pirahã, Tariana, Trumai e Warí'). Os verbos transitivos que aparecem com mais frequência são “fazer” e “mandar”. Em conjunto, o tipo de verbo que mais se repete compreende os verbos que exprimem atos de fala, ordem, pedido ou permissão, a exemplo de “dizer”, “falar”, “mandar”, “ordenar”, “pedir”, “permitir” e “solicitar” (cf. Apêndice 3).

14. Há verbos usados exclusivamente para expressar causatividade sintática (perifrástica ou analítica)? Em caso afirmativo, especifique. (cf. Dixon, 2000)

Tabela 14 – Resultados da questão 14

Respostas	Quantidade	Porcentagem
n/a	18	64,3%
Não identificamos	8	28,6%
Sim	2	7,1%
Total	28	100,0%

Como não identificamos causativas sintáticas em 64,3% das línguas, a questão 14 não se aplica a essa parcela da amostra.

Entre as línguas que apresentam a construção, não identificamos verbos usados exclusivamente para expressar causatividade sintática em 28,6% do total (Hup, Karipúna Crioulo Francês, Katukína, Kubeo, Pirahã, Tariana, Trumai e Warí').

Os verbos especializados na expressão da causatividade sintática ocorrem em 7,1% da amostra (Bororo e Kanoê) e tendem a apresentar semântica causativa, com os significados de “mandar”, “causar/permitir” e “fazer começar”. Esse resultado pode mostrar um indício de processos de gramaticalização a partir de verbos plenos com os sentidos de “causar”, “deixar/permitir”, “fazer” ou “mandar”. Considerando que esses verbos veiculam uma relação de causa e efeito entre dois participantes e dois eventos, podem ser mais facilmente reanalisados

como marcadores causativos, no seguinte percurso de mudança linguística: verbo lexical > verbo gramatical > marcador causativo.

15. Em relação às causativas com dois verbos, há distinção entre causativa mono-oracional e bi-oracional? Em caso afirmativo, há algum critério ou propriedade sintática para diferenciá-las? (cf. Kozinsky e Polinsky, 1993; Dixon, 2000; Kulikov, 2001)

Tabela 15 – Resultados da questão 15

Respostas	Quantidade	Porcentagem
n/a	18	64,3%
Não	8	28,6%
Sim	2	7,1%
Total	28	100,0%

Como não identificamos causativas sintáticas em 64,3% das línguas investigadas, a questão 15 não se aplica a essas situações.

Entre as línguas que apresentam a construção, 28,6% do total não apresentam distinção entre causativa mono-oracional e bi-oracional. Esse resultado pode indicar que o tema é pouco explorado nas descrições gramaticais sobre causativas sintáticas.

Em 7,1% da amostra, verificamos distinção entre causativa mono-oracional e bi-oracional. No entanto, apenas no Tariana identificamos propriedades sintáticas explícitas para diferenciá-las. Nessa língua, a causativa bi-oracional apresenta as seguintes características: marcação independente em cada verbo, referente a cada sujeito envolvido; marcação de tempo, aspecto, negação; pausa entonacional após cada verbo; e, quando há marcação de dependência, há marca de subordinação, de modo que não se forma um predicado único. Essas propriedades contrastam com as da causativa mono-oracional no Tariana (cf. Aikhenvald, 2003).

1.3. Causativa lexical

16. Há pares com aproximação semântica que possam ser identificados como “verbo lexical transitivo” *versus* “verbo lexical transitivo causativo” correspondente? (cf. Dixon, 2000)

Tabela 16 – Resultados da questão 16

Respostas	Quantidade	Porcentagem
Não identificamos	26	92,9%
n/a	2	7,1%
Total	28	100,0%

Não identificamos pares de verbo lexical transitivo e verbo lexical transitivo causativo em nenhuma das línguas investigadas. Esse resultado pode indicar a inexistência de causativas lexicais formadas a partir de verbos transitivos, ou pode ser um indicativo de que o fenômeno não é descrito ou analisado nas pesquisas sobre essas línguas.

17. Há critérios para diferenciar os pares de lexemas relacionados com a causatividade lexical tratada na questão anterior? (cf. Dixon, 2000)

Tabela 17 – Resultados da questão 17

Respostas	Quantidade	Porcentagem
n/a	28	100,0%
Total	28	

Considerando que não identificamos pares de causativas lexicais formadas a partir de verbos transitivos, a questão 17 não se aplica às línguas investigadas.

2. Causado em causativas de verbos transitivos

18. O causado assume qual função sintática nas causativas de transitivos? (cf. Comrie, 1989; Kozinsky e Polinsky, 1993; Dixon, 2000; Kulikov, 2001)

Tabela 18 – Resultados da questão 18

Respostas	Quantidade	Porcentagem
Objeto	6	21,4%
Sujeito	4	14,3%
Oblíquo	3	10,7%
Objeto e Sujeito (simultaneamente)	2	7,1%
Adjunto	2	7,1%
n/a	2	7,1%
Objeto ou Sujeito (depende do alinhamento)	1	3,6%
Objeto direto ou Objeto indireto (depende da análise)	1	3,6%
Objeto indireto; OD/OI	1	3,6%
Objeto indireto	1	3,6%
Periférico/Argumento oblíquo	1	3,6%
Objeto/Argumento G	1	3,6%
Não identificamos	1	3,6%
Adjunto/Objeto Oblíquo	1	3,6%
Objeto direto e Sujeito (simultaneamente)	1	3,6%
Total	28	100,0%

Observação: O resultado “Objeto indireto; OD/OI” se refere ao Kamaiurá e indica que, na causativa de transitivo, o causado ocorre como OI, mas, na causativa de ditransitivo, sua função varia entre OD e OI (cf. protocolo do Kamaiurá no Apêndice 4).

Em relação às terminologias empregadas nesta tabela, mantivemos os termos usados pelos autores na maioria das situações. Todavia, unificamos alguns termos para formar uma base comum de análise. Assim, realizamos as seguintes substituições: “argumento interno” e “argumento externo” do Katukína (Queixalós, 2010, 2014) por “O” e “S”, respectivamente; “argumento A” do Trumai (Guirardello, 1999) por “S”; e “argumento oblíquo no acusativo” do Tikuna (Bertet, 2020) por “Obl”. Nas línguas em que não identificamos uma terminologia explícita relativa ao causado, fornecemos nossa interpretação baseada nas obras consultadas. Assim, no Kwazá (Voort, 2004) e no Bororo (Crowell T., 1979; Nonato, 2008), entendemos que o causado pode ser analisado como OI e OD/S, respectivamente. Os dados e as justificativas para todas as análises constam nos protocolos de cada língua, disponíveis no Apêndice 4.

Em 21,4% das línguas investigadas, o causado é descrito como “objeto”. Somadas todas as ocorrências de “objeto” e de “objeto direto”, esse percentual sobe para 46,4%, indicando que a função sintática do causado nas causativas de transitivos costuma ser a de um argumento nuclear. Esse resultado converge com o fato de que, tipologicamente, o causado de verbo intransitivo também assume a função de objeto.

Em 14,3% da amostra, o causado atua como sujeito. Novamente, ao incluir todas as ocorrências em que o causado pode exercer a função de sujeito, esse percentual alcança 28,6%, reforçando a alta posição do causado na hierarquia sintática de causativas de transitivos.

Em 10,7% das línguas, o causado é descrito como “oblíquo”. Ao agregar as ocorrências de “oblíquo”, “objeto oblíquo” e “argumento oblíquo”, essa porcentagem sobe para 17,9%.

Em 10,7% das línguas, o causado pode assumir a função de objeto indireto.

Por fim, em 7,1% das línguas, o causado é descrito como adjunto. Somadas todas as ocorrências de “adjunto”, essa porcentagem alcança 10,7%.

Os resultados mostram uma aparente variedade de funções sintáticas do causado nas línguas, as quais são motivadas pelas diferentes estratégias que os falantes usam para acomodar um novo participante causador em uma estrutura previamente transitiva. No entanto, as pressões geradas pela reorganização argumental do antigo sujeito são resolvidas de maneira parecida na maioria das línguas pesquisadas. Embora a função sintática do causado abranja toda a escala argumental, partindo da função mais nuclear de sujeito até a mais periférica de adjunto, o causado atua como “objeto” ou “sujeito” em 64,3% dessas línguas. Se excluirmos da análise as línguas em que não há causativas formadas a partir de verbos transitivos, esse percentual representará 69,2% das línguas com causativas de transitivos (lembramos que não identificamos a função sintática do causado no Kadiwéu, o que pode aumentar ou diminuir esse valor em 3,8 pontos percentuais, indo de 65,4% a 73,1%).

Se incluirmos todas as situações em que o causado é tratado como argumento, a exemplo de “objeto indireto”, “objeto oblíquo” e “argumento oblíquo”, a quantidade chega a 82,1% do

total. Se fizermos novamente o exercício de excluir da análise as línguas sem causativas de verbos transitivos, esse percentual alcança 88,5% das línguas com causativas de transitivos (com variação entre 84,6% e 92,3%, ao considerar o Kadiwéu).

Para uma análise mais detalhada desses resultados, avaliamos se o tipo de mecanismo causativo e o grau de integração oracional da construção influenciam a função sintática do causado, e constatamos que eles são fundamentais. Na causativa sintática (bi-oracional), o causado pode atuar como objeto (Katukína, Kubeo, Tariana, Warí'), sujeito (Kanoê, Karipúna Crioulo Francês, Katukína, Trumai) ou, simultaneamente, como objeto de uma oração e sujeito de outra (Bororo, Hup, Pirahã). Esse padrão confirma a tipologia do causado na construção sintática bi-oracional, segundo a qual cada predicado projeta seus argumentos, mantendo suas vagas argumentais. Conforme previsto por Comrie (1989) e Dixon (2000), nas causativas sintáticas bi-oracionais, não há dificuldade de alocar todos os argumentos, pois cada predicado mantém suas vagas argumentais (cf. §2.6).

Logo, a variação se concentra na causativa de transitivo formada pelo mecanismo morfológico, no qual a pressão de mais participantes exige processos específicos de ajuste argumental. Nessa situação, o causado pode atuar como: OD (42,1%); “oblíquo” (26,3%); OI (15,8%); adjunto (15,8%); ou sujeito (10,5%). A soma das porcentagens ultrapassa os 100% porque o causado pode exercer mais funções em uma mesma língua, a exemplo do Kamaiurá (Tupí-Guaraní), em que pode ser realizado como OD ou OI.

Embora esses dados pareçam confirmar a tendência geral de que, nas causativas de transitivos, o causado exerce a função de OD (argumento nuclear), convergindo com o causado de verbo intransitivo, as classificações de “oblíquo” e OI também se destacam. Se considerarmos estas duas funções em conjunto, o que se justifica pelo fato de alguns autores tratarem o OI como “oblíquo”, a quantidade de ocorrências nessas funções será igual à de ODs (42,1%). Isso revela que, mesmo nas causativas morfológicas, o causado tende a manter seu *status* argumental. O que varia é sua propensão a ser um argumento [+NUCLEAR] ou [-NUCLEAR]. E essa variação parece estar relacionada com a estrutura gramatical de cada língua.

Do ponto de vista funcional e cognitivo, a centralidade do causado parece decorrer da maneira como eventos causativos são conceitualizados. A causativa de transitivo descreve, tipicamente, uma cena na qual um participante faz com que outro participante faça algo. Nesse cenário, o causado é o intermediário entre a ação ou intenção do causador e a realização do evento. Ele é um participante com alto grau de integração ao evento e com forte interação com os participantes causador e paciente. É ele quem possibilita a realização do evento de efeito.

Com base nessa questão, confirmamos as seguintes tendências teórico-tipológicas: o uso de marcas não dativas é frequente; a marcação do causado varia; estruturas mais complexas têm mais restrições nas línguas, o que leva à variação; o causado de transitivo é marcado como O em várias línguas.

Considerando que as funções de “oblíquo” e OI somam, juntas, 28,6% do total (Hixkaryana, Kamaiurá, Kwazá, Makuráp, Sanumá, Tikuna, Wayana e Yamináwa), confirmamos que o OI (ou a marca de dativo) é uma relação gramatical relevante na causativa de transitivo (no Mundurukú, o causado ocorre em um SP dativo, mas exerce a função sintática de adjunto). Em contrapartida, não confirmamos que o causado de transitivo tenda a ser expresso por marca dativa ou instrumental. Na causativa de transitivo, outros constituintes são realocados para essas posições.

19. O causado mantém o mesmo caso ou função sintática que exercia na estrutura primitiva (não causativa)? Em caso afirmativo, o causador e o causado compartilham propriedades de sujeito (ou de outra função) entre si? Se compartilharem, há algum critério ou propriedade sintática para identificar o sujeito (ou a outra função) hierarquicamente mais alto? (cf. Comrie, 1985; Dixon, 2000)

Tabela 19 – Resultados da questão 19

Respostas	Quantidade	Porcentagem
Não	18	64,3%
Sim	8	28,6%
n/a	2	7,1%
Total	28	100,0%

A maioria das respostas (64,3%) revela que o causado não mantém o caso ou a função sintática que exercia na construção primitiva. Esse padrão confirma a tendência de demissão do argumento originalmente sujeito para acomodar o novo argumento nas causativas. Todavia, em 14,3% dessas línguas (Hixkaryana, Mundurukú, Sanumá e Wayana), o causado pode compartilhar propriedades do sujeito, seja pela manutenção da ordem canônica associada ao sujeito na língua, seja pelo compartilhamento de marcas formais, como caso e posposição (as características de cada língua podem ser consultadas no quadro comparativo do Apêndice 3; para respostas completas, conferir os protocolos de pesquisa no Apêndice 4).

As respostas afirmativas representam 28,6% do total e se referem sobretudo às línguas em que o mecanismo de causativização é o sintático. Nessas línguas, o causado preserva a

função que exercia na estrutura primitiva, atuando como de sujeito do verbo de efeito (com exceção do Katukína, em que essa função é a de argumento interno). No Shanenáwa e no Trumai, mesmo nas causativas morfológicas, o causado mantém o caso ergativo que marca o sujeito na construção primitiva. Nessas duas línguas, o critério para identificar o sujeito causador é a ordem de constituintes, tendo em vista que ele ocupa a posição inicial da sentença.

Nas demais línguas, não identificamos compartilhamento das propriedades de sujeito (ou de argumento interno, no caso do Katukína) dentro da mesma oração, pois o causador e o causado atuam sintaticamente em orações distintas (cf. Apêndice 3).

Assim, considerando as tendências teórico-tipológicas, confirmamos que o aumento de valência exerce pressão para reorganizar a estrutura argumental; o sujeito da construção primitiva tende a ser alterado na causativa; e o causado de transitivo pode conservar propriedades de sujeito (sobretudo quando a causativização ocorre pelo mecanismo sintático).

Conforme proposto por Kulikov (2001) (§2.6.3), constatamos que o causado pode ser um objeto e preservar atributos de sujeito, já que o causado tende a ser um OD não prototípico (cf. questões 18, 27 e 28).

20. A marcação do causado ocorre com outros constituintes (ou é exclusiva dele)? Caso ocorra, especificar esses constituintes e as respectivas funções sintáticas na língua. (cf. Comrie, 1989)

Tabela 20 – Resultados da questão 20

Respostas	Quantidade	Porcentagem
Sim	25	89,3%
n/a	2	7,1%
Não identificamos	1	3,6%
Total	28	100,0%

A marcação do causado também ocorre com outros constituintes em 89,3% da amostra. Em uma língua apenas (Kadiwéu), os dados disponíveis não permitem identificar e comparar a codificação do causado.

O causado é codificado por marcas que se aplicam principalmente a constituintes com função de objeto. Em seguida, aparecem constituintes com marcação de sujeito e, por fim, de “oblíquo”/dativo. As estratégias de codificação mais recorrentes identificadas são: i) ordem; ii) caso; iii) marcação pronominal; e iv) posposição.

Esses resultados são compatíveis com os da questão 18, sobre a função sintática do causado, pois mostram que ele tende a exercer funções argumentais nucleares nas línguas (objeto e, em menos ocorrências, sujeito). Além disso, os dados reforçam a proposta de que as línguas costumam empregar os recursos gramaticais disponíveis no sistema para codificar o participante demovido (causado).

21. Com relação ao causado, há marcação morfológica distinta da função sintática exercida por ele? (cf. Dixon, 2000). Em caso afirmativo, especifique.

Tabela 21 – Resultados da questão 21

Respostas	Quantidade	Porcentagem
Não	22	78,6%
Sim	1	3,6%
n/a	2	7,1%
Não identificamos	3	10,7%
Total	28	100,0%

Em 78,6% das línguas investigadas, não encontramos marcação morfológica distinta da função sintática exercida pelo causado. Em 10,7%, não há dados suficientes para avaliar, indicando possivelmente que o tema é pouco explorado nessas descrições gramaticais.

Em uma língua da amostra (3,6%), encontramos marca morfológica diferente da função sintática que o causado exerce. No Hup, o causado assume duas funções sintáticas simultâneas (objeto e sujeito), cada uma referente a um verbo da construção, mas é marcado como objeto. Logo, a codificação de objeto difere da função de sujeito que o causado exerce em relação ao verbo de efeito.

Esse resultado indica que a marcação do causado segue os padrões morfossintáticos já estabelecidos na língua, de maneira que ele recebe a mesma codificação atribuída a constituintes que exercem funções sintáticas equivalentes em outros contextos. Neste sentido, não observamos uma marcação morfológica específica ou divergente para o causado, mas sim o uso de marcas já disponíveis no sistema, indicando uma possível estabilidade entre forma e função.

22. O causado e o paciente, na causativa de transitivo, podem ser codificados simultaneamente como objeto direto? Em caso afirmativo, eles realmente se comportariam sintaticamente como dois objetos diretos idênticos? (cf. Kozinsky e Polinsky, 1993)

Tabela 22 – Resultados da questão 22

Respostas	Quantidade	Porcentagem
Não	14	50,0%
Sim	7	25,0%
Não identificamos	5	17,9%
n/a	2	7,1%
Total	28	100,0%

Em 50% das línguas investigadas, o causado e o paciente não recebem marca simultânea de OD. Essa constatação corrobora a tendência tipológica de que diferenças funcionais tendem a ser acompanhadas por diferenças formais.

No entanto, em 25% das línguas, não foram observadas estratégias de diferenciação formal entre o causado e o paciente. Nessas situações, não identificamos testes ou critérios para distinguir o comportamento sintático dos participantes. Duas descrições, porém, indicam que essa identidade formal não corresponde a um comportamento sintático idêntico. No Warí', o paciente é descrito como um “objeto mais baixo” (Apontes e Camargos, 2013, p. 7). No Hup, embora o causado seja marcado como objeto, ele também exerce a função de sujeito do verbo de efeito, revelando um comportamento sintático diferente. Outras distinções no Hup se manifestam semântica e pragmaticamente: o paciente tende a ser inanimado; o participante que introduz a informação nova geralmente ocupa a posição inicial; e a codificação dos objetos está relacionada à individuação das entidades.

Em 17,9% da amostra, os dados disponíveis não permitem comparar as marcações do causado e do paciente na causativa de transitivo.

Em relação às tendências teórico-tipológicas, não foi possível refutar a hipótese de que o causado tende a ocupar posição mais alta na hierarquia argumental em contextos de dupla marcação de OD (ou caso acusativo). Todavia, os resultados confirmam a tendência de que o causado e o paciente são inerentemente distintos.

23. Na formação da causativa, o causado assume a posição livre mais alta imediatamente disponível segundo a Hierarquia de Casos apresentada em Comrie (1976, 1989) (Sujeito > Objeto direto > Objeto indireto > Objeto oblíquo)? Em caso negativo, informar a posição assumida.

Tabela 23 – Resultados da questão 23

Respostas	Quantidade	Porcentagem
Sim	12	42,9%
Não	12	42,9%
Não identificamos	2	7,1%
n/a	2	7,1%
Total	28	100,0%

Em 42,9% das línguas, o causado parece assumir a posição livre mais alta disponível na Hierarquia de Casos. Aparentemente, esse resultado indica que a hierarquia é relevante na reorganização argumental gerada pela causativização de verbos transitivos.

Entretanto, a mesma porcentagem (42,9%) revela que o causado não segue a Hierarquia, sugerindo uma distribuição equilibrada entre respostas afirmativas e negativas. As situações em que o causado não obedece à hierarquia correspondem às construções em que ele atua exclusivamente como sujeito (não como objeto de uma oração e sujeito de outra), em que ele perde o *status* de argumento ou em que há indícios de duplicação sintática.

Em 7,1% das línguas, os dados disponíveis não permitem determinar a posição assumida pelo causado.

Em conjunto, esses resultados mostram que a hierarquia não é suficientemente preditiva para identificar a função sintática do causado.

Eles também possibilitam refutar a hipótese de que, com base na valência típica entre as construções primitivas e suas contrapartes causativas, o causado tenderia a atuar como OI na causativa de verbo transitivo. Entre as possíveis explicações para essa divergência, já previstas em Comrie (1989) e retomadas em Kulikov (2001), destacam-se a demissão estendida, na qual o causado “salta” uma posição hierárquica, e a duplicação sintática, na qual o causado recebe a mesma marca atribuída a outro elemento da construção.

Além dessas explicações, testamos uma terceira proposta explicativa, referente à distinção entre mono-oracionalidade e bi-oracionalidade e sua relação com a posição do causado nas causativas de verbos transitivos. No entanto, verificamos que o grau de integração oracional não determina o comportamento do causado na Hierarquia de Casos.

24. Há algum critério sintático ou propriedade sintática para diferenciar o causado dos demais constituintes? (cf. Dixon, 2000; Kulikov, 2001)

Tabela 24 – Resultados da questão 24

Respostas	Quantidade	Porcentagem
Sim	17	60,7%
Não identificamos	9	32,1%
n/a	2	7,1%
Total	28	100,0%

A maioria das línguas (60,7%) apresenta algum critério ou propriedade sintática para diferenciar o causado dos demais constituintes. O critério mais recorrente é a ordem de constituintes, citado em cerca de 60% das línguas que apresentam distinção sintática, seguido pela concordância (indexação ou referência cruzada no verbo), com aproximadamente 20%. Ainda que não constitua um critério unicamente sintático, mas morfossintático em algumas línguas, as marcas de caso (e as adposições) também são significativas (cf. Apêndice 3).

Esse resultado é coerente com o que foi identificado em questões anteriores. A identificação de propriedades sintáticas específicas do causado está alinhada à sua tendência de atuar como argumento nuclear, o qual costuma ocupar posições estruturalmente de destaque e ser mais acessível a operações sintáticas. Além disso, o compartilhamento de marcas morfológicas entre o causado e os demais participantes da causativa promove diferenciações em outros níveis do sistema, como o sintático.

Em 32,1% das respostas, não identificamos informações suficientes sobre a existência de critérios sintáticos distintivos. Esse dado pode ser interpretado como um indício de que não há propriedades sintáticas para diferenciar o causado nessas línguas, ou pode indicar que o tema é pouco explorado nas obras consultadas. Em algumas obras, as descrições se concentram na identificação dos participantes, sem detalhar propriedades sintáticas específicas, o que dificulta avaliar se a ausência de distinção é estrutural ou apenas descritiva.

25. O causado pode ser omitido ou excluído? Em caso afirmativo, ocorre alteração na valência sintática? (cf. Kozinsky e Polinsky, 1993)

Tabela 25 – Resultados da questão 25

Respostas	Quantidade	Porcentagem
Sim	17	60,7%
Não identificamos	9	32,1%
n/a	2	7,1%
Total	28	100,0%

A maior parte das respostas (60,7%) indica que o causado pode ser omitido. Entre essas línguas, somente no Kadiwéu os dados disponíveis não permitem concluir se ocorre alteração na valência sintática. Nas demais, a omissão do causado não modifica a valência.

O causado exerce função sintática nuclear, de objeto ou sujeito, em 11 (68,8%) das línguas em que não há modificação na valência. Em outras 4 (25%), o causado parece ser analisado como um tipo de argumento menos central, a exemplo de “argumento oblíquo” (Sanumá), “argumento periférico” (Wayana), objeto indireto²³⁹ (Kwazá) e “objeto oblíquo” (Hixkaryana). Apenas no Rikbaktsa o causado não é tratado como argumento, o que equivale a 6,3% das línguas em que a valência não é alterada.

Em 32,1% de toda a amostra, os dados disponíveis não permitem concluir se o causado pode ser omitido ou excluído. Esse resultado pode indicar a impossibilidade de omissão ou a falta de atenção ao tema nas obras consultadas.

Assim, a omissão do participante causado não implica sua eliminação da estrutura argumental. Os dados sugerem que a possibilidade de omissão não está relacionada a alterações na valência sintática. Esse resultado é compatível com as funções sintáticas mais frequentes que o causado exerce e com a proposta de que argumentos centrais não precisam ser expressos quando estão previstos na grade argumental. Considerando as tendências teórico-tipológicas, confirmamos que o teste da omissão não revela o grau argumental de um constituinte. Todavia, dada a ausência de dados, não foi possível verificar empiricamente se argumentos mais tópicos tendem a ser omitidos, por serem mais facilmente recuperáveis pelos falantes, conforme defendem Kozinsky e Polinsky (1993) (§2.6.2), embora essa possibilidade permaneça compatível com os dados (cf. resposta à questão 34).

26. O causado pode ser relativizado? Em caso afirmativo, apresenta uma forma específica ou diferente de relativização em contraste com os demais constituintes? (cf. Keenan e Comrie, 1979)

Tabela 26 – Resultados da questão 26

Respostas	Quantidade	Porcentagem
Não identificamos	26	92,9%
n/a	2	7,1%
Total	28	100,0%

²³⁹ Esclarecemos que a terminologia “objeto indireto” é nossa. Embora Voort (2004) empregue o termo “*indirect object*” em outras análises de sua obra, ele não o aplica explicitamente ao causado, de maneira que trabalhamos com nossa interpretação baseada nos dados e nas análises de Voort (2004).

Não identificamos informações sobre a relativização do causado em 92,9% das línguas analisadas. Se excluirmos da análise as línguas em que não há causativas formadas a partir de verbos transitivos, esse percentual representará 100% das línguas com causativas de transitivos. Esse resultado pode indicar tanto a inacessibilidade do causado a processos de relativização quanto a falta de informações sobre o tema nas obras consultadas.

Não obstante, conforme previsto no capítulo teórico (§2), investigamos se o constituinte com a mesma função sintática do causado poderia ser relativizado nas construções não causativas. Confirmamos que, em 53,6% das línguas, nas quais foi possível identificar a função do causado e os processos de relativização, a mesma função sintática que o causado exerce é relativizável em construções não causativas.

Nas demais línguas, não identificamos informações para realizar a comparação; ainda assim, em 3 delas (Bora, Kanoê e Karipúna Crioulo Francês), o causado atua como argumento nuclear (objeto ou sujeito) (cf. Apêndice 3). Como a literatura sobre acessibilidade à relativização propõe que argumentos nucleares tendem a ser relativizáveis (cf. Keenan e Comrie, 1977), o causado é teoricamente acessível aos mesmos processos de relativização disponíveis aos argumentos nucleares de construções não causativas.

27. Além do papel semântico de causado, quais outros papéis são expressos pelo causado nas causativas? (cf. Comrie, 1989; Kulikov, 2001)

Tabela 27 – Resultados da questão 27

Respostas	Quantidade	Porcentagem
Ag	15	53,6%
Ag, Exp	8	28,6%
n/a	2	7,1%
Ag, Pac	1	3,6%
Ag, Exp, Recip	1	3,6%
Exp, Recip, Pac	1	3,6%
Total	28	100,0%

Observação: todas as ocorrências se referem também ao papel semântico de causado.

A maior parcela da amostra (53,6%) corresponde às línguas em que o causado exerce os papéis semânticos de causado e de agente. Se somarmos todas as línguas em que o causado atua como agente, independentemente de poder desempenhar outros papéis, essa porcentagem alcança 89,3% da amostra. Se excluirmos da análise as línguas em que não há causativas formadas a partir de verbos transitivos, o percentual representará 96,2% das línguas com

causativas de transitivos. Esses dados estão alinhados à centralidade do causado na cena causativa. Ele mantém a proeminência conceitual porque continua sendo o agente do evento de efeito.

Em 28,6% das línguas, o causado pode atuar tanto como agente quanto como experienciador. Se somarmos todas as línguas em que o causado pode exercer o papel semântico de experienciador, esse percentual sobe para mais de um terço do total (35,7%). Esses dados tendem a refletir as construções formadas por verbos que expressam ações abstratas.

As demais línguas mostram outros tipos de possibilidades, nas quais o causado pode atuar como agente ou paciente; agente, experienciador ou recipiente; e experienciador, recipiente ou paciente.

Esses resultados confirmam a tendência teórica de que o causado prototípico, em uma causativa de verbo transitivo, é animado. No entanto, apesar da relevância do papel de experienciador nos dados, refutamos a proposta de que o causado seja prototipicamente experienciador (cf. Kemmer e Verhagen, 1994; §2.6.5.1), pois ele pode atuar como agente na quase totalidade das línguas pesquisadas. Por fim, confirmamos a proposta de que o causado não atua, semanticamente, como um OD prototípico, o qual tipicamente desempenha o papel de paciente e sofre mudança de estado.

Para Kozinsky e Polinsky (1993), o causado não seria compatível com os requisitos de um OD prototípico (cf. §2.6.5.1). Essa previsão embasa a proposta dos autores de que o causado tenderia a ser realizado como um OI, hipótese que não se confirma em nossos dados. Isso significa que, mesmo não sendo prototípico, o causado tende a atuar como OD. Em nossa interpretação, esse comportamento indica uma estratégia das línguas para manter o causado em uma posição alta na hierarquia gramatical. Esse nos parece um processo complexo do ponto de vista comunicativo: o causado preserva propriedades associadas ao sujeito, gerando a expectativa de que seja interpretado como agente pelos interlocutores; porém, tendo perdido essa posição, ele é alocado na função hierárquica mais próxima do sujeito, o OD, ainda que tal solução possa gerar alguma tensão ou estranhamento gramatical.

28. Quais propriedades semânticas (grau de controle e/ou afetação, ação direta, por exemplo) são identificáveis no causado? Informe se ele está no controle da atividade ou não (a exemplo de um ente inanimado ou de uma criança pequena) e se ele age com ou sem volição. (cf. Comrie, 1989; Kulikov, 1993; Dixon, 2000, p. 62)

Tabela 28 – Resultados da questão 28

Respostas	Quantidade	Porcentagem
Não identificamos	14	50,0%
Controle	9	32,1%
n/a	2	7,1%
Controle/Sem controle, Volição/Sem volição	2	7,1%
Controle/Sem controle, Ação direta/Ação indireta	1	3,6%
Total	28	100,0%

Na metade das línguas, não foi possível identificar de forma explícita as propriedades semânticas do causado. Esse resultado indica que o tema não foi objeto de análise nessas descrições gramaticais, de maneira que a ausência de informações não implica falta de controle. Em diferentes obras, observamos que a caracterização do causado permanece implícita e precisa ser inferida a partir dos dados.

Em 32,1% da amostra, o causado detém o controle da atividade. Somadas todas as línguas em que o causado pode estar no controle, o percentual sobe para 42,9% (ou 46,2% das línguas com causativas de transitivos, se excluirmos da análise as línguas em que não há essas construções). Esse padrão é coerente com a análise de que o causado é um participante central no evento, sendo responsável pela realização da ação.

Nas demais línguas (10,7%), as propriedades semânticas do causado variam conforme o contexto. No Jarawara e no Trumai, ele pode atuar com ou sem controle e com ou sem volição. No Tikuna, as propriedades semânticas do causado não se restringem a um tipo específico de animacidade, grau de controle ou volição, podendo assumir distintas características.

Com base nesses resultados, confirmamos que, nas causativas de verbos transitivos, o papel do causado não se vincula à semântica de afetação ou de paciente (típica de um OD). Embora o causado apresente traços semelhantes aos de um OI (animado, experienciador, volitivo), esses traços não são definidores de suas propriedades prototípicas. Pelo contrário, é a agentividade e o controle sobre a atividade que o caracterizam e o aproximam do protótipo de sujeito de verbo transitivo.

Não foi possível relacionar a propriedade semântica de controle a uma função sintática específica, uma vez que o causado pode exercer diferentes funções gramaticais quando está no controle, a exemplo de OD, sujeito, OI e adjunto. Conforme expresso no capítulo teórico (§2.6.5.1), o controle do causado está alinhado à transitividade prototípica, na qual um sujeito agente modifica um objeto paciente.

Também não foi possível estabelecer correlação entre marcas de caso e papéis semânticos. Assim, os resultados não permitem confirmar nem refutar a proposta de que o

dativo tende a indicar algum grau de controle e volição do causado, ou de que o dativo seria mais integrado ao evento do que o instrumental. Ademais, os dados disponíveis não permitem afirmar se o instrumental tende a indicar mais controle e volição do causado (cf. §2.6.5.1, §2.6.5.2 e §2.7.1). Por fim, não confirmamos a chamada “abordagem de papéis semânticos”, segundo a qual a relação gramatical do causado seria determinada sobretudo por seu papel semântico (cf. §2.6.5.3).

29. Há mais de um tipo de causado na língua? Em caso afirmativo, qual deles é mais integrado conceitualmente à sentença? (cf. Kemmer e Verhagen, 1994; Dixon, 2000)

Tabela 29 – Resultados da questão 29

Respostas	Quantidade	Porcentagem
Não identificamos	22	78,6%
Sim	4	14,3%
n/a	2	7,1%
Total	28	100,0%

Em 78,6% das línguas, não foi possível identificar mais de um tipo de causado. Esse resultado pode indicar tanto a inexistência de outro causado na mesma língua, quanto a ausência de detalhamento do tema nas obras consultadas.

Em 4 línguas investigadas (14,3%), é possível identificar mais de um tipo de causado. No Kanoê, o causado mais integrado seria o que ocorre inserido na estrutura de causa e parece ser recuperado na oração de efeito por anáfora zero, diferentemente do causado que não exerce controle de correferência. No Bororo, propomos que o causado que atua como OD do verbo causativo e sujeito do verbo de efeito é mais integrado do que o causado que atua somente como sujeito, pelo fato de ele estar inserido na estrutura de causa, na posição de argumento interno. No Rikbáktsa, o causado que atua como OD e é marcado no verbo por índice de pessoa seria mais integrado do que o causado posposicionado na função de adjunto. No entanto, consideramos que a primeira construção do Rikbáktsa pode ser problematizada, pois também admite ser analisada como uma causativa de intransitivo. No Katukína, não identificamos qual causado seria mais integrado (cf. Apêndice 3 e Apêndice 4 para mais informações sobre cada língua).

Não foi possível verificar se existe correlação entre integração conceitual e caráter mais argumental do causado (cf. §2.7.1).

A integração conceitual, entendida como o grau em que dois eventos são conceitualmente interpretados como uma única unidade, em vez de dois eventos relativamente independentes, não costuma ser analisada explicitamente nas descrições gramaticais. Não obstante, investigamos parâmetros adicionais para abordar o tema, como a função sintática do causado (questão 18), a unidade sintática da construção (uma oração *vs.* duas orações) (questão 15), a presença de correferência (questões 20 e 24), o grau de autonomia do causado (questões 27, 28, 30 e 32) e o grau de controle que o causado exerce (questão 28). Em conjunto, esses parâmetros apontam para a integração conceitual dos eventos.

3. Causador em causativas de verbos transitivos

30. “O causador atua direta ou indiretamente” sobre o causado? (Dixon, 2000, p. 62, tradução nossa²⁴⁰)

Tabela 30 – Resultados da questão 30

Respostas	Quantidade	Porcentagem
Indir	11	39,3%
Não identificamos	9	32,1%
Dir, Indir	5	17,9%
n/a	2	7,1%
Não identificamos, Indir	1	3,6%
Total	28	100,0%

A maior parte das respostas (39,3%) mostra que o causador atua indiretamente sobre o causado. Se somarmos todas as línguas em que há possibilidade de atuação indireta, esse percentual sobe para 60,7%. Constatamos que esse resultado se relaciona com as línguas nas quais o causado detém o controle da atividade.

As situações em que não identificamos informações sobre o tema representam 32,1% do total, o que revela a ausência de descrições explícitas sobre o tema nas obras consultadas.

Em 17,9% das línguas, o causador é capaz de agir tanto direta quanto indiretamente sobre o causado, a depender de fatores contextuais. A distinção entre causação direta e indireta não costuma ser codificada, podendo variar segundo aspectos pragmáticos ou semânticos.

Em 3,6% da amostra, referente ao Bororo, a ocorrência de “não identificamos” e “indiretamente” indica que os dados disponíveis não permitem determinar como o causador age

²⁴⁰ *Does the causer act directly or indirectly?*

nas causativas sem sentido permissivo, mas que ele atua indiretamente nas construções permissivas.

Assim, constatamos que a tendência à atuação indireta do causador nas causativas de transitivos condiz com o papel agentivo do causado, tendo em vista que, na causação indireta, há uma separação maior entre causa e efeito, e o causado dispõe de mais autonomia no evento de efeito. Em sentido oposto, uma ação direta do causador tende a reduzir a autonomia do causado (cf. §2.6.5.2). Quanto às tendências teórico-tipológicas, os dados não confirmam a hipótese de que a marca acusativa no causado estaria relacionada à ação direta do causador (cf. Kozinsky e Polinsky, 1993; §2.6.5.1 e §2.7.1). Tampouco confirmam a proposta de que a causação indireta (aspecto funcional) seja responsável pela marca dativa (aspecto formal). Partindo do pressuposto de que o marco funcional é o mais adequado para analisar a distinção entre as causativas direta e indireta, Estrada Fernández (2024, comunicação pessoal) propõe que a causação indireta motiva a atribuição da função de OI ou da marca de dativo no causado. Nessa perspectiva, por exemplo, culturas com sistemas honoríficos apresentariam causativas indiretas.

Por fim, confirmamos a ressalva de Dixon (2000, p. 70) sobre a polissemia do termo “causação indireta”, o qual inclui sentidos como ordem, permissão, não impedimento, omissão, motivação (condições facilitadoras), mediação. Nas obras consultadas, essas questões não são analisadas em detalhes.

31. “O causador atinge o resultado acidental ou intencionalmente?” (Dixon, 2000, p. 62, tradução nossa²⁴¹)

Tabela 31 – Resultados da questão 31

Respostas	Quantidade	Porcentagem
Intenc	20	71,4%
Não identificamos	5	17,9%
n/a	2	7,1%
Intenc, Não identificamos	1	3,6%
Total	28	100,0%

Em 71,4% das línguas investigadas, o causador pode alcançar o resultado de modo intencional. Se somarmos todas as ocorrências em que o causador parece ser capaz de agir com intenção, esse percentual sobe para 75%.

²⁴¹ Does the causer achieve the result *accidentally* or *intentionally*?

Em 17,9% da amostra, as obras consultadas não fornecem informações explícitas para apurarmos a intencionalidade do causador.

A ocorrência de “intencionalmente” e “não identificamos” no Trumai representa 3,6% da amostra e indica que o causador parece atuar intencionalmente na causativa sintática, mas os dados disponíveis não permitem concluir como ele age na causativa morfológica.

Em relação às tendências teórico-tipológicas, confirmamos que o causador prototípico é animado. Em 78,6% das línguas investigadas, os dados apresentam causadores com traço [+HUMANO]; nas demais (14,3%), predominam causadores com traço [+ANIMADO] (Kwazá, Rikbáktsa, Tikuna, Yamináwa).

Esclarecemos que também investigamos se o causador pode assumir outros papéis semânticos, como o de estímulo. Encontramos dados em que ele apresenta os traços [+ANIMADO] e [-HUMANO], representado por animais, o que sugere a possibilidade de uma interpretação agentiva ou experiencial. No entanto, não identificamos exemplos com causadores inanimados que permitam estabelecer generalizações sobre o papel de estímulo nessas construções. Da mesma forma, os dados disponíveis não permitem analisar sistematicamente eventual influência da hierarquia de pessoa ($1^a > 2^a > 3^a$) nas propriedades semânticas do causador.

A hipótese de que a marca acusativa no causado (possivelmente associada a um participante mais afetado e com menor controle sobre a situação, conforme expresso em §2.6.5.1) indicaria uma ação intencional do causador parece válida à primeira vista. Todavia, considerando que três quartos das línguas investigadas admitem a possibilidade de atuação intencional do causador, outras marcas de caso também podem ser associadas a esse parâmetro semântico. Em consequência, os dados mais uma vez não permitem estabelecer correlação entre marcação de caso e papéis semânticos.

32. O causador apenas inicia um processo naturalmente ou o resultado é alcançado somente com esforço (talvez com violência)? (cf. Dixon, 2000, p. 62)

Tabela 32 – Resultados da questão 32

Respostas	Quantidade	Porcentagem
Natur	11	39,3%
Não identificamos	10	35,7%
Natur, Esfor	4	14,3%
n/a	2	7,1%
Não identificamos, Natur	1	3,6%
Total	28	100,0%

Em 39,3% da amostra, o causador inicia o processo naturalmente. Se somarmos todas as línguas em que o causador pode atuar sem esforço, o percentual alcança 57,1%. Esse resultado converge com os das questões 27 (agentividade do causado), 28 (controle do causado) e 30 (ação indireta do causador), pois reforça a percepção de que o participante causado tende a preservar sua autonomia na realização do evento de efeito, embora esteja conceitualmente integrado a todo o evento causativo. Assim, um causador que age sem esforço e de maneira indireta, como em pedidos ou permissões, gera uma cena na qual o causado é menos afetado e pouco controlado, o que permite a este agir com mais autonomia, exercendo maior agentividade e controle da ação (cf. §2.6.5.2).

Em 35,7% das línguas, as obras consultadas não fornecem informações explícitas para apurarmos a distinção entre causação natural e causação com esforço.

Em 14,3% das línguas, o causador pode iniciar o processo tanto naturalmente quanto com esforço, a depender do contexto comunicativo.

A ocorrência de “não identificamos” e “naturalmente” no Bororo representa 3,6% da amostra e indica que os dados disponíveis não permitem concluir como o causador age nas causativas sem sentido permissivo, mas sugerem que ele atua naturalmente nas construções permissivas.

Em conjunto, os dados mostram a tendência de que a causação é realizada de forma natural, sem imposição ou uso de força, o que converge com as propriedades semânticas do participante causado (presença de traço [+HUMANO], agentividade, controle e responsabilidade pela execução da ação).

33. “O causador também está envolvido na atividade (além do causado)? Ou não está envolvido?” (Dixon, 2000, p. 62, tradução nossa²⁴²)

²⁴² *Is the causer also **involved** in the activity (in addition to the causee) or **not involved**?*

Tabela 33 – Resultados da questão 33

Respostas	Quantidade	Porcentagem
Não	17	60,7%
Não identificamos	6	21,4%
n/a	2	7,1%
Sim	2	7,1%
Sim, Não	1	3,6%
Total	28	100,0%

Em 60,7% das línguas investigadas, o causador não participa da atividade em conjunto com o causado. Esse dado indica uma separação entre as ações do causador e do causado, reforçando a percepção de que, nas causativas de verbos transitivos, o causado preserva sua autonomia na execução do evento de efeito, independentemente do motivo da não participação do causador.

Em 21,4% da amostra, as obras consultadas não apresentam informações explícitas sobre o grau de participação do causador no evento de efeito.

A ocorrência de “sim” e “não” no Hup representa 3,6% da amostra e indica que o causador pode estar envolvido na atividade, nas construções formadas com um dos verbos causativos disponíveis, mas que ele não participa nas construções com o outro verbo causativo (cf. Apêndice 3 e Apêndice 4 para informações mais detalhadas sobre cada língua).

Considerados em conjunto, os parâmetros semânticos do causador (ação indireta, intencionalidade, ausência de esforço e não envolvimento direto na ação) sugerem que, nas línguas investigadas, ele é o iniciador do evento, mas o causado o executa com propriedades prototípicas de agente (agentividade, controle, responsabilidade pela execução), corroborando sua autonomia e centralidade na cena comunicativa. Essa centralidade se manifesta também na forma do causado, que tende a exercer as funções sintáticas de objeto e sujeito, e não a de adjunto.

Logo, as causativas de transitivos não implicam uma simples demissão do causado, mas antes uma redistribuição de funções e papéis dentro da construção, na qual ele preserva propriedades semânticas que possuía na estrutura primitiva — mesmo que essas propriedades não correspondam àquelas prototipicamente associadas à nova função sintática que ele assume na estrutura derivada.

4. Parâmetros pragmáticos

34. Em relação à pragmática, a língua apresenta, por exemplo, graus de topicalidade ou foco relacionados ao causado ou ao paciente nas causativas de transitivos? Em caso afirmativo, especifique. (cf. Kozinsky e Polinsky, 1993; Kemmer e Verhagen, 1994; Dixon, 2000)

Tabela 34 – Resultados da questão 34

Respostas	Quantidade	Porcentagem
Não identificamos	23	82,1%
Sim	3	10,7%
n/a	2	7,1%
Total	28	100,0%

Na maioria das línguas investigadas (82,1%), não identificamos graus de topicalidade ou de foco atribuídos ao causado ou ao paciente. As obras consultadas não apresentam informações explícitas sobre os aspectos pragmáticos e discursivos envolvidos nas causativas de verbos transitivos.

Em 10,7% da amostra, porém, identificamos os seguintes elementos pragmáticos nas construções: causado e paciente marcados por morfema de “tópico não sujeito” (Tariana; cf. Aikhenvald, 2003); paciente aparentemente topicalizado (Yaminawá; cf. Faust e Loos, 2002); e foco no paciente (Kamaiurá; cf. Seki, 2000a) (cf. Apêndice 3 e Apêndice 4 para informações mais detalhadas sobre cada língua).

Em relação às tendências teórico-tipológicas, os dados disponíveis não permitem refutar a hipótese de que o causado atua como tópico secundário (cf. Kozinsky e Polinsky, 1993). Pelo contrário, as propriedades semânticas do causado (agente, controlador e responsável pela execução do evento) somadas à transitividade prototípica (em que um sujeito agente afeta um objeto paciente) e à possibilidade de omissão sem redução da valência sintática parecem fundamentar essa hipótese. Por outro lado, não identificamos informações para confirmar ou refutar as propostas de que causador seria a informação conhecida (tópico primário) e de que o paciente seria a nova (foco).

Logo, embora a literatura funcional e tipológica defenda que fatores pragmáticos motivam as estratégias de codificação argumental, a escassez de dados e análises inviabiliza generalizações sobre o tema.

35. Há relação entre a frequência de uma dada situação e o tipo de construção causativa usado na língua? (cf. Kulikov, 1993)

Tabela 35 – Resultados da questão 35

Respostas	Quantidade	Porcentagem
Não identificamos	24	85,7%
Sim	2	7,1%
n/a	2	7,1%
Total	28	100,0%

Em 85,7% da amostra, não identificamos relação entre a frequência de uma situação e o tipo de construção causativa. Esse resultado reflete a tendência à inexistência de mais de um mecanismo formal para expressar causativas de transitivos (cf. questão 36).

Em 7,1% das línguas, identificamos exemplos de relação entre a frequência da situação e o tipo de causativa. No Kubeo e no Tariana, as causativas morfológicas são menos produtivas do que as causativas estruturalmente mais complexas. Embora sejam necessários mais dados para propor uma análise de caráter geral, esse resultado parece contrariar o princípio de que construções formalmente mais simples codificam sentidos mais frequentes, na linha da economia linguística e da gramaticalização.

No caso do Tariana, essa discrepância pode ser explicada por uma possível especialização semântica e pragmática do sufixo causativo, o qual descreve atividades tradicionais, geralmente em rituais. Assim, mesmo sendo estruturalmente mais simples, a causativa morfológica parece ter se restringido a contextos específicos.

Quanto ao Kubeo, o fato de as construções compostas (mais complexas do que as morfológicas formadas por sufixação) serem produtivas na língua pode indicar que a composição não representa, necessariamente, maior custo estrutural nesse sistema linguístico. Ao contrário, seria a estratégia gramatical básica, regular e menos marcada. Logo, seria a mais econômica para os falantes.

4.1. Iconicidade

36. A língua apresenta mais de um mecanismo formal para expressar causativas de transitivos?

Em caso afirmativo, é possível correlacionar o *continuum* “causativa sintática – causativa morfológica – causativa lexical” (Comrie, 1981, p. 167) e o sentido da causação, indo da menos direta (sintática) para a mais direta (lexical)? Esse *continuum* vai do alto controle

para o baixo controle do causado? (cf. Comrie, 1981; Givón, 1990; Dixon, 2000; Kulikov, 2001)

Tabela 36 – Resultados da questão 36

Respostas	Quantidade	Porcentagem
n/a	24	85,7%
Sim	4	14,3%
Total	28	100,0%

Entre as línguas investigadas, 85,7% não apresentam mais de um mecanismo formal para expressar causativas de transitivos. Em 2 línguas dessas línguas, ou 7,1% do total, não identificamos nenhum mecanismo para formar causativas de transitivos.

Em 14,3% dos dados, existe mais de um mecanismo formal. Nas línguas Kubeo, Tariana, Trumai e Wari', parece haver correlação entre o contínuo formal e o sentido da causação, pois as causativas morfológicas expressam causação mais direta, e as causativas com mais material linguístico indicam causação menos direta (cf. Apêndice 3).

No entanto, há duas situações em que o contínuo não se confirma. A primeira se refere ao Tariana, no qual a construção perifrástica bi-oracional indica causação direta, porém possui mais material linguístico do que a morfológica (direta) e a serial (indireta). No Trumai, o causado parece ter menos controle no mecanismo sintático, que expressa uma obrigação, do que no morfológico, o que difere do contínuo.

Nas demais línguas, os dados disponíveis não permitem avaliar se há diferença no grau de controle do causado.

Embora não seja possível propor generalizações, pois a maioria das línguas não apresenta mais de um mecanismo formal, nos casos em que há dois ou mais mecanismos, os resultados tendem a confirmar a proposta de que, quanto mais material linguístico usado, mais distante será a relação entre causa e efeito.

Ao analisar esses resultados em conjunto com os das questões 30 (ação indireta do causador), 31 (ação intencional do causador) e 32 (ação natural do causador), concluímos que os dados disponíveis não permitem avaliar a hipótese de que ações diretas, intencionais ou naturais tendem a requerer menos material formal do que aquelas indiretas, acidentais ou com esforço. Verificamos, porém, que o parâmetro da ação direta ou indireta do causador não confirma essa hipótese, pois as causativas com menos material linguístico podem expressar ambos os sentidos.

5. Voz e valência

37. As causativas se comportam como mudança de valência? Ou como voz? Explique. (cf. Givón, 1994; Kulikov, 2001; Shibatani, 2006; Haspelmath e Hartmann, 2015; Zúñiga e Kittilä, 2019)

Tabela 37 – Resultados da questão 37

Respostas	Quantidade	Porcentagem
Sim [valência]	20	71,4%
Sim [valência], Sim [voz]	3	10,7%
n/a	2	7,1%
Sim/Não [valência]	1	3,6%
Não [valência]	1	3,6%
Não [valência], Sim [voz]	1	3,6%
Total	28	100,0%

Em 71,4% da amostra, as causativas são analisadas como operações de mudança de valência. Se somarmos as ocorrências em que a causativa de transitivo é descrita simultaneamente como mudança de valência e processo de voz, esse percentual alcança 82,1% (cf. Apêndice 3).

Em 10,7% das línguas investigadas (Bora, Mundurukú e Trumai), as causativas são tratadas tanto como operação de mudança de valência quanto como voz.

A resposta que apresenta “sim” e “não” (sim/não) se refere ao Hixkaryana e representa 3,6% do total. Ela indica duas possibilidades de análise: mudança de valência verbal ou valência inalterada.

Por fim, não há mudança de valência em duas línguas. No Wayana (3,6%), embora não haja mudança de valência, não identificamos informações explícitas sobre operações de voz. No Makuráp (3,6%), a causativa é tratada somente como voz verbal.

Do ponto de vista tipológico, a prevalência de análises que tratam as causativas como mudança de valência confirma a tendência de que essas são operações que aumentam a quantidade de argumentos ou que aumentam o grau de transitividade da construção transitiva primitiva. Ao mesmo tempo, a ausência de informações sobre voz na maioria das descrições pode revelar mais a falta de análises sobre o tema do que uma propriedade das causativas.

38. As causativas podem ser derivadas ou combinadas com outras vozes ou outros mecanismos de mudança de valência? Em caso afirmativo, informe qual(is). (cf. Kulikov, 2001)

Tabela 38 – Resultados da questão 38

Respostas	Quantidade	Porcentagem
Não identificamos	19	67,9%
Sim	7	25,0%
n/a	2	7,1%
Total	28	100,0%

Em 67,9% da amostra, não identificamos dados ou informações explícitas sobre a possibilidade de as causativas serem combinadas com outras vozes ou outros mecanismos de mudança de valência. Esse resultado pode indicar a inexistência dessa possibilidade, a exemplo de restrições estruturais à combinação entre diferentes mecanismos, ou pode ser um indicativo de que o tema é pouco explorado nas obras consultadas.

Em 25% das línguas, identificamos causativas derivadas ou combinadas com outras operações (Apurinã, Bororo, Hixkaryana, Kamaiurá, Mundurukú, Tariana e Wayana). Essas situações envolvem principalmente a combinação de causativas de transitivos com morfemas causativos de verbos intransitivos. Também são recorrentes combinações com morfemas recíprocos e reflexivos. Em comum, esses três processos têm efeito intransitivizador (cf. Apêndice 3).

6. Diacronia

39. É possível identificar o percurso diacrônico ou ao menos a origem de morfemas causativos de transitivos, construções sintáticas causativas (perifrásticas ou analíticas) ou mesmo de causativas lexicais? Em caso afirmativo, especifique. (cf. Dixon, 2000; Kulikov, 2001)

Tabela 39 – Resultados da questão 39

Respostas	Quantidade	Porcentagem
Não identificamos	14	50,0%
Sim	12	42,9%
n/a	2	7,1%
Total	28	100,0%

Na metade das línguas pesquisadas, não foi possível identificar aspectos diacrônicos relacionados às causativas de transitivos, o que indica ausência de informações explícitas sobre o tema nas obras consultadas.

Em 42,9% da amostra, porém, é possível identificar ou ao menos inferir a origem diacrônica de diferentes estratégias causativas. As trajetórias recorrentes são: origem em verbo lexical e gramaticalização (58,3%, representados por Bororo, Hup, Kanoê, Katukína, Kubeo, Trumai e Wari’), com destaque para o verbo “fazer”; morfemas cognatos na própria língua ou na mesma família linguística (25%, representados por Hixkaryana, Kwazá e Wayana); mudanças sintáticas (16,7%, representados por Katukína e Trumai); contato linguístico (16,7%, representados por Karipúna Crioulo Francês e Tariana); e “desafixação” (8,3%, representados pelo Hup) (cf. Apêndice 3 e Apêndice 4 para informações mais detalhadas sobre cada língua).

No Tariana, também foi identificada a gramaticalização do morfema causativo como aumentador geral de valência, para além da construção causativa.

Assim, entre as respostas identificadas, confirmamos que a gramaticalização de verbos plenos, em especial do verbo “fazer”, é uma origem diacrônica frequente nas construções causativas, como pode ser visto nas línguas Bororo, Kanoê, Karipúna Crioulo Francês, Katukína, Kubeo, Trumai e Wari’. Outros verbos que aparecem em mais línguas são “mandar”/“ordenar” (Hup, Kanoê, Katukína, Pirahã e Trumai) e “falar”/“dizer” (Kanoê, Katukína e Wari’).

Esclarecemos que procuramos identificar fontes diacrônicas semelhantes entre causativas morfológicas e verbos transitivos, conforme a proposta de Kemmer e Verhagen (1994) (cf. §2.9). Todavia, os dados disponíveis não são suficientes para estabelecer essa correlação.

40. É possível identificar mudanças diacrônicas na marcação de caso do causado? (cf. Kulikov, 1993)

Tabela 40 – Resultados da questão 40

Respostas	Quantidade	Porcentagem
Não identificamos	23	82,1%
Sim	3	10,7%
n/a	2	7,1%
Total	28	100,0%

Na maioria das línguas investigadas (82,1%), não identificamos mudanças diacrônicas na marcação de caso do causado. Esse resultado sugere que o tema é pouco explorado nas obras consultadas e que a gramaticalização pode obscurecer motivações originais.

Em 10,7% da amostra, verificamos indícios de mudanças na marcação do causado. Nas línguas Hixkaryana e Wayana, ambas da família Caribe, a posposição que marca o causado se origina de uma forma reconstruída da posposição dativa. No Katukína, a ocorrência de uma forma ergativa da oração subordinada, com a subsequente marca ergativa no agente causado, pode ser indício de mudança diacrônica na marcação do causado, tendo em vista que a construção causativa parece ter surgido de um padrão originalmente acusativo (cf. Apêndice 3 e Apêndice 4 para mais informações sobre cada língua).

Kemmer e Verhagen (1994, p. 146-147) (§2.9) preveem que, nas construções causativas derivadas de verbos transitivos, o participante causado tende a receber a marca dativa. Para os autores, mudanças diacrônicas na forma poderiam gerar marcações distintas da prevista, a exemplo do causado com marca acusativa. Nos dados analisados em nossa pesquisa, contudo, observamos que o causado tende a se comportar como OD ou Sujeito, não como OI. Para explicar esse padrão, adotamos uma perspectiva distinta da de Kemmer e Verhagen (1994). Para nós, o causado se mantém alto na hierarquia argumental em função de seu papel central no esquema comunicativo (cf. §4.3). Assim, a marcação sintática do causado parece ser motivada mais por sua importância cognitiva do que pelos efeitos diacrônicos na forma.

7. Terminologia

41. Com relação às causativas de verbos transitivos, quais termos são usados? Eles são explicitamente definidos?

Tabela 41 – Resultados da questão 41

Papel semântico	Termo	Quantidade
Causador	Causador/ <i>causer</i>	20
	Sujeito	18
	Agente	15
	Argumento A	12
Causado	Causado/ <i>causee</i>	20
	Objeto	14
	Argumento	14
	Agente	8
	Oblíquo	7
Paciente	Objeto	16
	Paciente/afetado	7
	Argumento	6

Os termos mais usados em relação ao participante que desencadeia a ação causativa são: “causador” (ou “*causer*”), “sujeito”, “agente” e “argumento A”. Essa terminologia confirma os

papéis semânticos de causador e agente, a função sintática de sujeito e a interpretação de que esse participante atua como argumento da construção.

Os termos mais usados em relação ao participante que é levado a agir são: “causado” (ou “*causee*”), “objeto”, “argumento”, “agente” e “oblíquo”. Novamente, a terminologia confirma os papéis semânticos de causado e agente, a função sintática de objeto (a mais recorrente nas análises) e a interpretação de que esse participante atua como argumento da construção. Todavia, o termo “oblíquo” aparece em uma parcela significativa das descrições, indicando a variedade de funções ou também de codificações do causado nas causativas de verbos transitivos. Como informado anteriormente (§2.3.5), o termo “oblíquo” é usado pelos linguistas para fazer referência a diferentes funções sintáticas, nucleares e periféricas, e não deve ser associado automaticamente a funções não argumentais.

Os termos mais usados em relação ao participante que é afetado pela ação são: “objeto”, “paciente” (ou “afetado”) e “argumento”. Essa terminologia confirma o papel semântico de paciente, a função sintática de objeto (o qual geralmente não é duplicado na mesma construção) e a interpretação de que esse participante atua como argumento da construção (cf. Apêndice 3 para consultar todos os termos usados nas obras pesquisadas, separados por língua).

Assim, a terminologia empregada nas obras consultadas indica que os três participantes tendem a atuar como argumentos da construção causativa, reforçando a proposta teórica de que os três são centrais na construção e atuam de forma integrada em uma única macrosituação causativa (ou em um único evento conceitual).

Na maioria das obras consultadas, os termos não são explicitamente definidos. Todavia, verificamos que o termo “causador” e, em menor número de ocorrências, os termos “causado” e “paciente” são explicitamente tratados como papéis semânticos. Esse tratamento está de acordo com o da literatura teórica (§2.3.1).

Por fim, destacamos a variedade de termos utilizados para fazer referência às mesmas funções sintáticas. Considerando que as análises não são sempre explicitadas nas obras consultadas, recorreremos à terminologia como um recurso adicional para interpretar os fenômenos (cf. §2.3). No entanto, conforme defendido em Scandelari e Gomes (2023b), a variação terminológica retroalimenta a dificuldade de classificação dos fenômenos.

42. Existe alguma terminologia particular? Em caso afirmativo, como é definida? (cf. Comrie, 1985; Dixon, 2000; Kulikov, 2001)

Tabela 42 – Resultados da questão 42

Respostas	Quantidade	Porcentagem
Não identificamos	16	57,1%
Sim	10	35,7%
n/a	2	7,1%
Total	28	100,0%

Na maioria das obras (57,1%), não identificamos terminologia distinta da usada habitualmente na literatura teórica ou nas descrições gramaticais consultadas.

Em 35,7% das obras, porém, verificamos o emprego de alguma terminologia particular (Hixkaryana, Jarawara, Karipúna Crioulo Francês, Katukína, Rikbáktsa, Sanumá, Tariana, Tikuna, Warí', Wayana e Yamináwa) (cf. Apêndice 3). Entre elas, destacamos as seguintes:

- i) o causador é chamado de “argumento incremental”, “incremento”; e “instigativo”;
- ii) o causado é chamado de “argumento causado”, “argumento periférico”; “argumento oblíquo”; “O (objeto transitivo) da causativa”; “agente intermediário”, “*causee function*”, “*causee relation*” e “sintagma oblíquo agentivo”; e
- iii) o paciente é chamado de “argumento não nuclear” e “argumento periférico”; “alcance” ou “resultado” (“*range/result*”); e “*gift*” (coisa dada).

Novamente, notamos que essa variação terminológica dificulta a realização de análises tipológicas.

Por fim, observamos o contraste na terminologia usada para o OI, a exemplo de “terceiro argumento nuclear” em uma língua e, em outra, de “objeto indireto” para participantes aos quais se atribui função sintática de “adjunto”, mas que exercem os papéis de “recipiente” e “destinatário”.

Não identificamos definições explícitas para os termos listados nesta questão, o que representa mais um obstáculo para as análises, principalmente as tipológicas.

4.3. Síntese entre dados e teoria

Retomamos a seguir as tendências teórico-tipológicas identificadas na literatura sobre as construções causativas (§2.2) e as comparamos com os resultados obtidos em nossa pesquisa.

Quadro 3 – Tendências teórico-tipológicas vs. resultados da pesquisa

Nível	Tendência teórico-tipológica	Resultado	Observações
Formal	Aumento da valência, ou transitivização, é característica da causativa	Confirmada	Não há necessidade de etapas intermediárias de reorganização argumental para aumentar a valência
	Causativas são construções transitivas	Confirmada	Há transitividade prototípica, com um sujeito agente modificando um objeto paciente
	Aumento de valência gera pressão para recombinação participantes na estrutura argumental	Confirmada	A pressão no causado é solucionada de maneira parecida na maioria das línguas pesquisadas, pois ele costuma se manter como argumento nuclear
	Antigo sujeito, na causativa de transitivo, tende a ser alterado	Confirmada	Causado tende a exercer funções nucleares, sobretudo de objeto. Quando não atua em uma dessas funções, costuma se manter como argumento. São exceções as línguas em que o causado é um constituinte periférico
	Causativa de transitivo segue os padrões formais e semânticos da construção ditransitiva, inclusive com a mesma valência	Confirmada	Confirmamos que existem semelhanças entre a causativa de transitivos e a construção ditransitiva
	OI/dativo é uma relação gramatical relevante na causativa de transitivo	Parcialmente confirmada	O uso de marcas não dativas é frequente
	Causado de transitivo tende a ser expresso por marca dativa ou instrumental	Parcialmente confirmada	Nas línguas que já dispõem da marca dativa, esta aparece regularmente na causativa. No entanto, o causado de transitivo tende a ser marcado como objeto translinguisticamente
	Causado tende a ocupar a segunda posição, após o causador	Parcialmente confirmada	Causado tende a ocupar a posição imediatamente após o causador, embora esta não seja necessariamente a segunda posição da construção
	Causado tende a ficar alto na hierarquia argumental nas situações de dupla marcação de acusativo (OD)	Parcialmente confirmada	Tende a ficar alto na hierarquia, mas não há dados suficientes em contextos de dupla marcação
	Causado de transitivo pode conservar propriedades de sujeito	Confirmada	Pode conservar, sobretudo na causativa sintática
	Omissão não indica menor grau argumental	Confirmada	Causado tende a se manter como argumento
	Associação regular entre marcas de caso e papéis semânticos	Não confirmada	Não há correlação entre marcação de caso e papéis semânticos
Semântico	Relação dos participantes entre si e com o evento causativo é fundamental na causativa	Confirmada	Causador, causado e paciente atuam de forma integrada em uma única macrossituação causativa. Causado é o intermediário entre a ação ou intenção do causador e a realização do evento

	Causador, causado e paciente interagem diretamente em uma estrutura de evento conceitual	Confirmada	Parâmetros de diferentes níveis linguísticos indicam integração conceitual dos eventos
	Causador prototípico é animado	Confirmada	Causador é prototipicamente [+HUMANO]
	Causado prototípico é animado ou experienciador	Parcialmente confirmada	Causado prototípico é [+HUMANO], sendo animado e agente, não experienciador
	Causado tem propriedades semelhantes às do OI: animado, experienciador, com algum grau de controle, volição	Parcialmente confirmada	A agentividade, a animacidade e o controle aproximam o causado do protótipo de sujeito de verbo transitivo
	Causado não é OD prototípico (paciente, sofre mudança de estado)	Confirmada	Causado tende a ser OD, mas sem as propriedades semânticas típicas de paciente
	Pacientes têm propriedades semelhantes às do OD	Parcialmente confirmada	Paciente ocupa o lugar típico de acusativo nas línguas investigadas
	Agentes tendem a ser animados	Confirmada	Causador e causado prototípicos são animados
	Pacientes tendem a ser inanimados	Não investigada ²⁴³	-
	Paciente não pode ser omitido	Não investigada	-
	Verbos ingestivos estão entre os transitivos mais suscetíveis à causativização morfológica	Confirmada	Em conjunto, os ingestivos são os mais comuns. Isoladamente, os verbos mais frequentes são “fazer”, “comer” e “ver”
	Conhecimento cultural pode ser determinante para o sentido expresso nas construções com morfema causativo	Inconclusiva	Não há dados suficientes para refutar
Pragmático / cognitivo	Causado é previsto no esquema conversacional, por tendências cognitivas rotinizadas	Confirmada	Prototipicamente, o causado realiza o evento de efeito. Na reorganização da cena argumental, ele é o intermediário entre as microsituações causativas
	Causado é informação compartilhada	Inconclusiva	Não há dados suficientes para refutar
	Causado é tópico secundário, conforme natureza do discurso humano	Inconclusiva	Não há dados suficientes para refutar. As propriedades semânticas do causado (agente, controlador, responsável por executar a ação) e a transitividade prototípica (sujeito agente altera objeto paciente) parecem fundamentar essa hipótese
	Tópicos tendem a ser omitidos	Inconclusiva	Não há dados suficientes sobre a topicalidade dos participantes para refutar
	Causador e causado têm afinidades comunicativas: tópico, animacidade	Parcialmente confirmada	Causador e causado prototípicos são animados e agentes. Em relação à ordem de constituintes, o causado se comporta de modo semelhante ao causador, mas distinto do paciente (que tende a ocupar o lugar típico de acusativo). Não há dados explícitos sobre topicalidade

²⁴³ Como concentramos as análises no comportamento do participante causado, o comportamento dos demais participantes extrapola o escopo desta pesquisa. Não obstante, as questões ainda não investigadas são relevantes e poderão ser pesquisadas em trabalhos futuros.

	Paciente é informação nova (foco)	Inconclusiva	Não há dados suficientes para refutar
	Causado e paciente têm diferenças comunicativas	Confirmada	Causado e paciente são distintos em diferentes níveis linguísticos
	Interpretar o causado como OD eleva a complexidade de processamento	Inconclusiva	Como a função de OD é a mais recorrente, menor tende a ser o custo de processamento quando o causado exerce essa função
	Omitir o paciente aumenta a complexidade de processamento	Inconclusiva	Não há dados suficientes para refutar
Diacrônico	Há fontes diacrônicas semelhantes entre causativas morfológicas e verbos transitivos	Confirmada	A gramaticalização de verbos plenos, como o verbo “fazer”, é uma origem diacrônica recorrente nas construções causativas
	Marca causativa está relacionada aos verbos “dar”, “deixar” ou “fazer”	Parcialmente confirmada	O verbo “fazer” é uma origem diacrônica recorrente, seguido por “mandar”/“ordenar” e “falar”/“dizer”
	Gramaticalização do morfema causativo como aumentador de valência para além de construções causativas	Inconclusiva	Não há dados suficientes para refutar

Conforme se depreende do Quadro 3, a pesquisa confirma a maioria das tendências teórico-tipológicas identificadas na literatura. Uma parte significativa das questões de natureza pragmática, semântica e cognitiva, contudo, não pôde ser verificada, em razão da ausência de descrições explícitas sobre esses temas.

Além desses resultados, sistematizamos no Quadro 4 os seguintes achados:

Quadro 4 – Outros resultados da pesquisa

Nível	Resultados
Formal	Maioria das línguas pode usar o mecanismo morfológico para formar causativas a partir de verbos transitivos
	Causativas de transitivos são construídas a partir de esquemas estruturais e conceituais mais simples e já disponíveis (construções não derivadas ditransitivas ou transitivas)
	Línguas adotam os recursos gramaticais disponíveis no sistema para codificar o causado
	Marcação do causado varia translinguisticamente, mas ele costuma atuar como objeto
	Não há função predominante do causado nas causativas de verbos trivalentes. Embora atue como “objeto oblíquo” em diferentes línguas, a tendência é atuar como algum tipo de objeto, o qual pode ser “direto”, “indireto” ou “oblíquo”
	A Hierarquia de Casos não é suficientemente preditiva para identificar a função sintática do causado
	Distinção entre mono-oracionalidade e bi-oracionalidade exerce influência na função do causado nas causativas de verbos transitivos. Nas causativas bi-oracionais, o causado ocupa função nuclear de objeto ou sujeito nas línguas investigadas, mas sua função varia nas mono-oracionais, entre argumento mais e menos nuclear
	Causativização de verbos intransitivos é mais produtiva do que a de verbos transitivos, pois nenhuma língua causativiza apenas verbos transitivos
Semântico	Causação tende a ser realizada sem imposição ou uso de força
	Pode haver motivações semânticas para a escolha dos marcadores causativos nas línguas em que há mais de um marcador
	Há separação entre as ações do causador e do causado. O causado preserva sua autonomia no evento de efeito

	Características típicas do causador: animado, agente, ação indireta, intencionalidade, ausência de esforço e não envolvimento direto na ação
	Características típicas do causado: animado, agente, controle, responsabilidade pela execução, autonomia no evento de efeito
	Não verificamos relação entre ação direta do causador e marca acusativa do causado
	Não verificamos relação entre ação indireta do causador e marca dativa do causado
	Não validamos a chamada “abordagem de papéis semânticos”, segundo a qual a relação gramatical do causado seria determinada sobretudo por seu papel semântico
Terminológico	Polissemia do termo “causação indireta” inclui sentidos como ordem, permissão, não impedimento, omissão, motivação (condições facilitadoras) e mediação
	Terminologia indica que causador, causado e paciente tendem a atuar como argumentos
	Termos “causador”, “causado” e “paciente” tendem a ser entendidos como papéis semânticos
	Variação terminológica atinge mais de um terço das línguas pesquisadas (35,7%)

Como se observa nos Quadros 3 e 4, os resultados mostram um padrão internamente coeso e tipologicamente coerente. Do ponto de vista formal, as línguas preservam a estrutura transitiva e se baseiam em construções já existentes (ditransitiva ou transitiva). Elas inserem o causador na posição hierárquica mais alta e deslocam o sujeito original (causado) para uma função próxima da anterior, mantendo-o como argumento nuclear na maioria das situações. As relações semânticas dos participantes permanecem relativamente estáveis, e o causado costuma reter traços de agentividade.

As estratégias formais para realocar o antigo sujeito na construção derivada tendem a ser similares. O fato de isso ocorrer translinguisticamente, em diferentes famílias linguísticas, sugere que a estrutura conceitual do evento, isto é, o modo como concebemos mentalmente o evento e a ação dos participantes uns sobre os outros, exerce pressão sobre a organização gramatical dos diferentes sistemas linguísticos, de maneira que a gramática registra os modos recorrentes de conceitualizar a cena causativa. Assim, as regularidades morfosintáticas podem ser compreendidas a partir de princípios mais gerais de organização e estruturação conceitual.

A causativização promove a reorganização da cena comunicativa. Mais do que uma operação morfosintática, ela envolve a reconfiguração conceitual do evento, com um novo participante causador e a reacomodação dos papéis semânticos. Esse processo compreende diferentes operações pragmáticas e cognitivas: mudança de perspectivação, pois o causador passa a ser o centro organizador da cena; redistribuição de atenção, já que há mudança nas relações entre figura e fundo, com o causador ganhando proeminência relativa e o evento original passando a funcionar como parte de uma macrosituação causativa; e aumento da complexidade do evento, que passa a ser subdividido em um evento de causa e outro de efeito. Além disso, a causativização ativa esquemas de dinâmica de força, indicando a interação entre os participantes em termos de coerção, indução ou permissão, e envolve graus de controle e

intencionalidade, os quais são processados simultaneamente pelos falantes na construção do sentido. Em conjunto, essas mudanças revelam que a causativização não se baseia apenas em mecanismos morfossintáticos, mas em uma organização cognitiva da experiência que ativa esquemas gerais de conceitualização, os quais são estruturados no discurso.

Nessa perspectiva, a interação entre o causador, o causado e o paciente configura uma macrosituação causativa, na qual o causado é o agente intermediário que conecta os eventos e realiza o evento de efeito. A causativa não é apenas a aproximação de dois eventos independentes, mas a formação de um único macroevento conceitual, o qual ativa um esquema reconhecível e compartilhado entre os falantes e conduz ao padrão identificado translinguisticamente.

Em outras palavras, parece haver um modelo de organização dos eventos que impõe restrições à gramática e influencia a formação das construções causativas. Assim, as regularidades translinguísticas — como o fato de a estrutura transitiva ser preservada, de o causador entrar quase sempre na posição mais alta, de o causado tender a permanecer como argumento nuclear e de haver estabilidade relativa das relações semânticas — decorrem de restrições da estrutura não sintática dos eventos. As construções causativas formam uma macrosituação cognitivamente unificada devido à maneira como os falantes concebem o evento. As operações cognitivas envolvidas nas causativas, como perspectivação, redistribuição de figura e fundo, dinâmica de força e grau de controle, estão interrelacionadas à organização argumental. E o causado funciona como o vínculo estrutural e conceitual entre os subeventos dessa macrosituação. Logo, o processo causativo não se resume a um encaixamento de dois eventos ou apenas à adição de um argumento externo acima de uma estrutura transitiva, pois tais análises podem subentender dois eventos independentes.

Neste sentido, propomos que a causativização é governada por um princípio de alinhamento entre proeminência conceitual e hierarquia sintática: o participante que assume o papel de fonte da energia causal ocupa a posição argumental hierarquicamente superior, enquanto o participante que executa o evento de efeito tende a manter o *status* argumental e traços de agentividade. Assim, os participantes que assumem maior proeminência na estrutura conceitual tendem a ocupar posições sintaticamente superiores na hierarquia argumental. Essa proposta se alinha à perspectiva funcional de Givón (2001a, 2001b), segundo a qual fatores como saliência cognitiva, topicalidade, agentividade e controle se correlacionam com a função de sujeito e com posições hierarquicamente superiores. De acordo com Givón (2001b, p. 270,

tradução nossa²⁴⁴), “o referente mais importante [em termos de proeminência discursiva e acessibilidade cognitiva] é colocado *primeiro*”.

Verificamos, no entanto, que a função sintática do causado varia em algumas línguas, de maneira que ela não é motivada somente pela maneira como a experiência é estruturada pragmática e cognitivamente. Fatores estruturais internos à gramática de cada língua, como os padrões de construção já estabelecidos, também desempenham um papel relevante. Entre esses padrões, as causativas de intransitivos parecem exercer influência sobre a função do causado. Como o antigo sujeito de um verbo intransitivo é tipicamente demovido para a função de OD na construção causativa, cria-se um modelo estrutural disponível para uso na gramática da língua, o qual pode ser estendido para as causativas de transitivos. Essa analogia ajuda a explicar por que o causado de transitivo é realizado como objeto em diferentes línguas.

Os dados demonstram, contudo, que a função do causado na causativa de intransitivo não determina sua função na causativa de transitivo. Isso pode ser observado nas línguas em que o causado não assume a função de OD, as quais representam mais de metade da amostra. Se considerarmos apenas as línguas em que a causativa é formada pelo mecanismo sintático, a correspondência entre a função do causado de intransitivo e a do causado de transitivo também se restringe a cerca de metade dos casos. Isso revela que a possível padronização estrutural gerada pela causativa de intransitivo possui alcance explicativo limitado, não sendo suficiente para explicar uma parcela significativa das situações. Assim, embora haja convergências formais entre os dois tipos de construção quanto à função do causado, parece haver mais forças atuando.

Entre elas, um aspecto estrutural que exerce influência na função do causado, nas causativas de verbos transitivos, é o tipo de mecanismo causativo e o grau de integração oracional da construção. Nas causativas sintáticas bi-oracionais, o causado ocupa função nuclear, de objeto ou sujeito, nas línguas investigadas. Diferentemente, nas morfológicas, o causado apresenta tendência equilibrada a atuar como um argumento mais ou menos nuclear.

Outros fatores estruturais internos à gramática das línguas se referem às construções que são permitidas em cada sistema linguístico, devido às características próprias de suas gramáticas. Assim, por exemplo, a indisponibilidade do caso dativo ou da função sintática de OI em uma língua inviabiliza o tratamento do causado com essa marca ou função. De modo semelhante, se uma língua impõe restrições à realização do OD, o participante causado não poderá ser expresso com essa função e precisará ser codificado por estratégias alternativas.

²⁴⁴ *The more important referent is placed first.*

Assim, as diferenças estruturais indicam que os critérios puramente formais são insuficientes para explicar a distribuição das funções sintáticas do causado. O potencial explicativo de uma análise é maior quando se articulam as dimensões pragmática, discursiva e cognitiva do enunciado causativo, juntamente aos fatores estruturais mencionados.

Em síntese, a função sintática do causado nas causativas de verbos transitivos é motivada por diferentes fatores: as construções já existentes na língua, como a causativa de intransitivo; o tipo de mecanismo causativo (morfológico ou sintático) e o grau de integração oracional (mono-oracional ou bi-oracional); as restrições estruturais particulares de cada língua; e a maneira como os falantes concebem mentalmente o evento causativo. Em nosso ponto de vista, a configuração da cena comunicativa, com operações de perspectivação, redistribuição de atenção, integração de eventos e dinâmica de força, oferece um quadro explicativo mais abrangente, pois motiva tanto as escolhas estruturais quanto a interpretação dos participantes em sistemas linguísticos bastante distintos entre si.

Esclarecemos que nossa análise se concentra no participante causado, o qual exerce função nuclear em cerca de dois terços da amostra investigada. Não buscamos explicar, por exemplo, por que a causativa é sintática em uma língua e morfológica em outra. Estamos propondo que a maneira como os falantes concebem mentalmente o evento é importante na função que o causado assume translinguisticamente e que exceções à tendência mais geral, como o causado com função de adjunto, podem ser explicadas por restrições estruturais de línguas que não dispõem de outra posição para realocar esse participante. Logo, seguindo Lambrecht (1994)²⁴⁵, consideramos que as dimensões gramaticais atuam como forças interdependentes competindo por possibilidades de codificação limitadas.

Nossas propostas de análise foram elaboradas a partir de diferentes autores citados no referencial teórico (§2). Entre eles, destacamos Kemmer e Verhagen (1994), que trabalham com a noção de estrutura conceitual do evento na gramática das construções causativas e com a visão de que a conceituação humana da causação se baseia nos modos de agrupamento (*chunking*) e na organização da realidade percebida. Kemmer e Verhagen (1994) também explicitam a

²⁴⁵ “Na minha visão, a abordagem mais promissora, mas talvez também a mais difícil, para a análise gramatical é aquela em que os diferentes componentes da gramática são vistos não como subsistemas independentes organizados hierarquicamente, mas como forças interdependentes que competem entre si pelas possibilidades limitadas de codificação oferecidas pela estrutura da sentença.” (*In my view, the most promising but perhaps also the most difficult approach to grammatical analysis is one in which the different components of grammar are seen not as hierarchically organized independent subsystems but as interdependent forces competing with each other for the limited coding possibilities offered by the structure of the sentence.*) (Lambrecht, 1994, p. 11-12, tradução nossa).

importância de modelos cognitivos de causação com estruturas conceituais de dinâmicas de força, as quais envolvem configurações específicas de participantes.

Outro ponto importante para nossas propostas baseadas em aspectos cognitivos é a constatação de Shibatani (2002) de que todas as línguas humanas parecem possuir um modo de expressar a causação, indicando que essa é uma categoria cognitiva fundamental. Esse fato é importante para explicitar um aspecto no qual nossa análise se distancia da de Kemmer e Verhagen (1994). Embora parte do instrumental teórico de Kemmer e Verhagen (1994) seja útil em nossas propostas, não recorremos a ele com mesma finalidade de estabelecer uma analogia entre as causativas e as orações mais simples das línguas, mas com a intenção de mostrar que as construções causativas revelam como as línguas conceitualizam e estruturam a noção universal de causa e consequência. Conforme dito anteriormente (§2.6.2), defendemos que a percepção e a interação com a realidade dão origem a conceitos, os quais se manifestam em construções linguísticas rotinizadas, em grande parte decorrentes dessa interação com o mundo.

Entendemos que a linguagem não reflete diretamente o mundo, mas o modo como o mundo é conceitualizado pelos falantes. A gramática atua como um meio que codifica nossa atenção e nosso esforço cognitivo. A codificação do causado revela não só as possibilidades e limitações da gramática de cada língua, mas também como os falantes conceitualizam, processam e comunicam um evento causativo. Desse modo, a construção causativa expõe pontos de convergência entre a gramática e a cognição, sendo uma operação em que reorganizações formais revelam modos sistemáticos de conceitualizar a experiência.

4.3.1. Proposta de definição

Com base nos resultados de nossa pesquisa, e em referências como Nedyalkov e Silnitsky (1973), Comrie (1985) e Kemmer e Verhagen (1994), propomos uma definição de causativa como voz, a qual contempla as situações identificadas na pesquisa²⁴⁶.

Voz causativa é uma construção gramatical que codifica uma relação de causa e efeito entre eventos conceitualmente dependentes, expressando uma situação na qual um participante (causador), seja uma pessoa, uma coisa ou uma força, faz, permite ou não impede que outro participante (causado) realize uma ação ou sofra mudança de estado.

²⁴⁶ A causativa lexical não está contemplada nesta definição como voz. Para uma reflexão sobre a existência de causativas lexicais, conferir §2.5.1.2.4.

As construções causativas codificam uma mudança no ponto de vista do evento, especificamente em seu início, e podem acrescentar um evento à construção básica, não só um participante (cf. Martin, 2000). A causa pode ser uma permissão ou uma ausência de impedimento, não necessariamente uma ação. Os participantes causador e causado podem ser animados, inanimados ou forças abstratas.

Esclarecemos que nossa proposta de definição abrange as seguintes características: codificação gramatical (voz); participante causador; participante causado; relação entre eventos dependentes no nível conceitual, sendo um de causa e outro de efeito; interação direta entre os participantes no evento; e ausência de forma específica. Usamos o termo “conceitual” para nos referir ao modo como os falantes concebem mentalmente o evento e a ação dos participantes uns sobre os outros.

As causativas sintáticas estão contempladas nessa definição, pois entendemos que a diferença entre construções mono-oracionais e bi-oracionais é somente o grau de coesão estrutural expreso nas línguas (cf. §2.5.1.1).

Ao elaborar a definição, consideramos também os diferentes papéis semânticos que podem ser exercidos pelo causador, como agente, estímulo, força. Assim, não confirmamos a proposta de Queixalós (2010, p. 271; 2014) de que se adiciona um agente causador nas causativas. As análises do Bora (Seifart, 2015) indicam que o causador não é obrigatoriamente um agente. Tampouco endossamos a proposta de Dixon (2000, p. 33) de que todas as construções causativas adicionam um “argumento A” (sujeito de um verbo transitivo), pois o Katukína (Queixalós, 2010, 2014) mostra que o causador não atua necessariamente como sujeito.

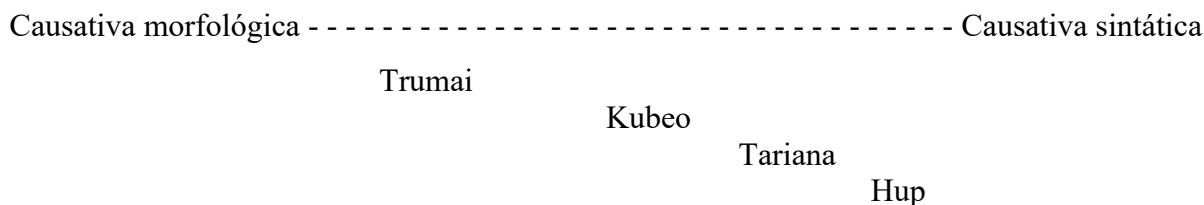
Por fim, com base nos dados da língua Wayana (Tavares, 2005), que apresentam uma construção formalmente causativa seguida por uma oração adversativa, não incluímos na definição a proposta de Shibatani (1976) para diferenciar as orações transitivas das orações causativas a partir do teste da inclusão de um enunciado adversativo. Como explicitado anteriormente (§2.5.2.1), são causativas as construções formalmente causativas cuja relação de causa é estabelecida no plano da intenção, da ordem ou da tentativa, mesmo que o evento de efeito não se realize.

4.3.2. Causativas com diferentes graus de fusão estrutural

Em relação aos mecanismos causativos empregados nas línguas investigadas, identificamos construções menos prototípicas que nos permitem propor uma escala baseada em

seus diferentes graus de fusão estrutural. A representação a seguir é coerente com a proposta de correlação entre o tipo de causativa e a proximidade conceitual de causa e efeito (cf. Figura 2).

Figura 6 – Escala entre causativas não prototípicas



(Fonte: elaborado pelo autor)

Essa escala mostra quatro línguas com construções causativas que apresentam diferentes graus de fusão estrutural. À esquerda, com o maior grau de fusão entre as quatro, situa-se o Trumai, que apresenta uma causativa morfológica formada com uma partícula diacronicamente relacionada ao verbo “fazer” e na qual o causado preserva a marca de caso ergativo da construção primitiva. Em seguida, encontra-se o Kubeo, com uma causativa formada pela composição de um verbo principal nominalizado e do verbo “fazer”. Mais à direita, localiza-se o Tariana, que emprega um mecanismo causativo com verbos seriais em predicados mono-oracionais. Por fim, com menor grau de fusão e mais próximo de uma causativa sintática prototípica, encontra-se o Hup, que apresenta uma causativa formada por composição verbal, mas cada verbo da construção mantém sua estrutura argumental saturada, em uma construção semelhante à serialização verbal (cf. Apêndice 4, especificamente as questões 1, 13 e 15 dos protocolos de pesquisa, para informações mais detalhadas sobre cada língua).

Essa proposta de distribuição indica que os mecanismos causativos não se organizam em categorias discretas, mas ao longo de um contínuo, no qual diferentes estratégias formais revelam distintos graus de integração. Essa análise também permite compreender que a diferença entre um mecanismo causativo e outro é o grau de fusão estrutural expresso nas línguas, sendo todas formas válidas de causativização. A discussão teórica que embasa essa análise escalar pode ser consultada em §2.5.1.1.

Registramos que essa escala não exaure todas as possibilidades de análise das línguas investigadas, de maneira que mais línguas podem ser incluídas na representação, a exemplo do Warí’ e do Kanoê. Além disso, é possível propor uma escala de graus de fusão entre causativas de uma mesma língua, conforme proposto para o Kanoê (cf. Apêndice 4, particularmente a questão 15 do protocolo do Kanoê).

4.3.3. Argumentos e adjuntos

O debate sobre a relação gramatical do causado é uma consequência da discussão teórica sobre a distinção entre argumentos e adjuntos e, ao mesmo tempo, um dos pontos que alimentam essa discussão. Logo, nos perguntamos se haveria em nossa pesquisa uma contribuição empírica à questão. Quando olhamos para as pesquisas em que o causado é tratado como adjunto, verificamos que os resultados de nossa investigação apontam para outra direção: o causado de verbos transitivos tende a ser um argumento.

Esse causado, porém, é estruturalmente ambíguo: é agente, mas não é o agente principal; sofre uma ação, mas não é um paciente típico; tende a ser argumento nuclear, mas não é um argumento prototípico de uma transitiva simples; pode ser adjunto, mas também não costuma ser prototípico. Assim, se a função do causado decorre principalmente da macrosituação causativa, da integração conceitual, da dinâmica de forças e de uma hierarquia de controle, então sua condição argumental é motivada pela organização conceitual do evento. Em outras palavras, conforme antecipado (§4.3), a forma que o causado assume está relacionada à maneira como o evento é representado na mente dos falantes. As situações residuais nas quais esse participante atua como adjunto podem ser explicadas por restrições estruturais específicas das línguas, sobretudo daquelas que não dispõem de posições sintáticas argumentais para realocar o antigo sujeito.

Ao identificar um constituinte com características semânticas e sintáticas não prototípicas (parcialmente agente, parcialmente afetado, parcialmente OD, parcialmente periférico), cuja forma parece depender mais de elementos externos à estrutura formal, vislumbramos algumas contribuições possíveis ao debate sobre argumentos e adjuntos. Apesar de essas contribuições não serem originais, elas fortalecem as propostas já existentes nesse sentido.

Em primeiro lugar, os resultados de nossa pesquisa enfraquecem abordagens baseadas em categorias discretas. Como o comportamento do causado não segue um padrão esperado, na relação entre sintaxe e semântica, fornecemos evidências de que a distinção entre argumentos e adjuntos seria mais bem analisada em termos gradativos. Esses resultados reforçam empiricamente a proposta de Scandelari (2021), sobre uma abordagem prototípica para classificar argumentos e adjuntos.

Segundo, defendemos que a estrutura argumental é motivada pelas dimensões pragmática, semântica e cognitiva do evento. Como a função do causado não é determinada pela estrutura formal, ela se constrói na cena comunicativa (cf. §4.3). Assim, a distinção entre argumentos e adjuntos não pode se basear em critérios unicamente formais, pois depende da

estrutura conceitual do evento. Por isso, as abordagens teóricas que integram essas dimensões oferecem maior capacidade explicativa para a compreensão da estrutura argumental.

Por fim, alguns critérios recorrentes usados para avaliar o grau argumental de um constituinte precisam ser revistos ou reinterpretados como tendências, não podendo ser aplicados isolada e taxativamente. Um exemplo é o teste da omissão ou da opcionalidade, empregado para determinar se um constituinte é adjunto. Como o causado exerce funções sintáticas nucleares na maioria das línguas em que pode ser omitido, esse teste não é suficiente para justificar a exclusão da estrutura argumental. Pelo contrário, os dados indicam que constituintes mais centrais, e proeminentes em termos de identificabilidade e ativação na cena comunicativa, podem ser omitidos no enunciado. Outro exemplo é o critério da vaga argumental no verbo, usado para identificar argumentos. Mesmo quando atua como argumento nuclear, o causado nem sempre é marcado morfologicamente no verbo. Do ponto de vista tipológico, predicados com três ou mais vagas morfológicas são exceções nas línguas. Assim, ao adotar como base estruturas incomuns para formular um critério geral de análise, corre-se o risco de generalizar uma situação atípica. Um critério adicional empregado com frequência para identificar adjuntos é verificar se o constituinte é introduzido por adposição. Todavia, constatamos que o uso de uma adposição não implica que o constituinte seja periférico, uma vez que muitas línguas apresentam argumentos adposicionados, como os “objetos oblíquos” e os “objetos indiretos”.

Neste sentido, entendemos que o estudo do causado funciona como um teste para as teorias, pelo fato de esse participante atuar fora dos limites previstos por diferentes abordagens. A compreensão do causado requer modelos ou teorias que considerem a estrutura argumental em sua interação com as propriedades formais e as demais dimensões envolvidas na cena comunicativa, a exemplo de operações cognitivas, integração de eventos, relações conceituais, papéis semânticos e elementos pragmáticos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, investigamos a função sintática do participante causado, nas construções causativas de verbos transitivos, nas línguas indígenas das Terras Baixas da América do Sul. Os resultados mostram que o causado tende a preservar a função de argumento nuclear na maioria das línguas investigadas. Nas causativas formadas pelo mecanismo morfológico, o causado também costuma atuar como argumento, embora nem sempre nuclear. Assim, com base nos resultados obtidos e nas análises apresentadas, retomamos, a seguir, os objetivos da pesquisa.

- 1) Quais propriedades morfossintáticas e discursivas caracterizam o causado em construções causativas de verbos transitivos?

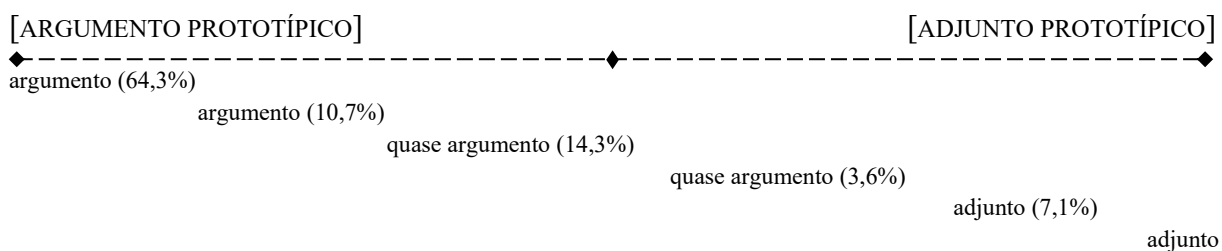
O causado é um argumento estruturalmente alto, que pode exercer a função sintática de objeto ou sujeito em 64,3% das línguas analisadas neste estudo. Ele não costuma manter o caso ou a função sintática que exercia na construção primitiva, mas tende a compartilhar propriedades de sujeito nas causativas sintáticas. Sua marcação formal não é exclusiva, ocorrendo também com outros constituintes. O causado costuma ser diferenciado formalmente do paciente. O critério formal mais recorrente para identificá-lo é a ordem de constituintes, seguido pela concordância e, depois, pela marca de caso. Ele tende a ocupar a posição imediatamente após o causador. E pode ser omitido sem alterar a valência sintática, o que parece fundamentar a hipótese de que o causado atua como tópico secundário.

Semanticamente, o causado é animado, agente e detém o controle da ação com frequência. Assim, o antigo sujeito da construção transitiva não perde agentividade na causativa. Em vez disso, ele perde a responsabilidade sobre o evento como um todo. Portanto, o causado é um constituinte estruturalmente previsto e um participante semanticamente relevante. Essas constatações corroboram a previsão teórica de que participantes humanos, animados, agentes e controladores são proeminentes na linguagem.

- 2) Onde essas propriedades permitem situá-lo na distinção entre argumentos e adjuntos?

Essas propriedades posicionam o causado entre os argumentos nucleares das construções causativas em 64,3% da amostra. Em 14,3% das situações, nas quais é tratado exclusivamente como “oblíquo” ou “argumento oblíquo”, ele pode ser considerado um quase argumento (cf. §2.6.1). Em 7,1% das línguas, ele desempenha a função de adjunto. Por fim, em 3,6% dos casos, nos quais é tratado apenas como “objeto oblíquo” ou “adjunto”, se situa em

uma posição intermediária entre os quase argumentos e os adjuntos, conforme exposto na Figura 1, reproduzida a seguir:



(Fonte: Scandelari, 2021, adaptado pelo autor)

Ao considerar somente as causativas sintáticas (bi-oracionais), observamos que o causado atua como argumento nuclear em todas as ocorrências. Nas causativas morfológicas, embora haja uma distribuição equilibrada entre os traços de argumento [+NUCLEAR] e [-NUCLEAR], o causado mantém a tendência de ser realizado como argumento.

- 3) Os estudos sobre causativas de verbos transitivos ou ditransitivos são suficientes para uma compreensão translinguística do fenômeno, de um ponto de vista morfossintático e discursivo?

Em uma análise quantitativa, os resultados indicam que 44,4% das tendências teórico-tipológicas foram confirmadas, 25% foram parcialmente confirmadas e 22,2% permanecem inconclusivas. Considerando que 5,6% das tendências propostas não foram investigadas, somente 2,8% delas foram refutadas.

Do ponto de vista qualitativo, verificamos que é possível propor algumas generalizações sobre as causativas de transitivos, sempre em termos de tendências: a estrutura transitiva das construções é preservada, o causador costuma ser incluído na posição hierárquica mais alta, o causado tende a reter traços de agentividade e a manter o *status* de argumento nuclear, e as relações semânticas dos participantes permanecem relativamente estáveis. Entre esses resultados, destacamos o fato de o causado ser um argumento nuclear em quase dois terços das línguas investigadas, o que representa um achado relevante da pesquisa. Ressaltamos também que ele atua como um OD não prototípico, indicando que a ausência de prototipicidade não o impede de ser realizado recorrentemente nessa função.

Esses resultados sugerem que as descrições linguísticas fornecem uma base de dados relevante para a compreensão translinguística do fenômeno. Elas contribuem para identificar tendências gerais, elaborar hipóteses e delimitar padrões. No entanto, uma parcela significativa

das perguntas levantadas, de natureza pragmática, semântica e cognitiva, permanece sem resposta pela ausência de análises explícitas nas obras consultadas.

- 4) Quais implicações os dados das línguas indígenas das Terras Baixas da América do Sul suscitam para teorias sobre causativização?

Os dados das línguas indígenas indicam que a causativização não pode ser compreendida apenas como um fenômeno morfosintático. As regularidades são influenciadas por fatores pragmáticos, cognitivos e discursivos.

A constatação de padrões translinguísticos, em meio à diversidade de famílias linguísticas, sugere que a gramática é motivada por maneiras recorrentes de conceitualizar a cena causativa, indicando que a estrutura pragmática também opera dentro de limites e exerce pressão sobre a organização formal. Ao mesmo tempo, aspectos formais, como restrições estruturais e construções já existentes na língua, também influenciam a função sintática do causado.

Em termos teóricos, isso implica que modelos exclusivamente formais são insuficientes para explicar os resultados. Uma abordagem com maior capacidade explicativa requer a articulação das dimensões cognitiva, pragmática, semântica e estrutural, assumindo a premissa de que a cena causativa configura uma macrossituação conceitual na qual o causado atua como o participante central que conecta os eventos de causa e efeito.

Assim, com base na análise dos dados compilados, consideramos que os objetivos inicialmente propostos foram alcançados.

Entre as possíveis contribuições de nosso estudo, mencionamos: uma revisão bibliográfica crítica; a elaboração de um protocolo de pesquisa e coleta de dados, passível de ser usado em outras pesquisas; a identificação de lacunas nas descrições gramaticais; a compilação, sistematização e comparação de dados, com a formação de uma base para pesquisas tipológicas futuras; as propostas de análise de dados em línguas específicas; uma tipologia do participante causado nas línguas indígenas investigadas, com uma proposta de análise teórica sobre a marcação do causado; e uma definição de construções causativas que perpassa diferentes domínios linguísticos. Esperamos que esses elementos possam contribuir para o avanço das discussões sobre construções causativas.

Não obstante, reconhecemos algumas limitações na pesquisa. Primeiro, a utilização de dados provenientes de fontes secundárias, que diminui o controle sobre variáveis relevantes e a possibilidade de testar hipóteses junto aos falantes. Infelizmente, essa é uma característica típica

de estudos tipológicos, sem a qual não teríamos acesso ao conjunto de descrições linguísticas. Segundo, a quantidade de línguas investigadas que, embora siga um recorte amostral e seja representativa para os objetivos desta pesquisa, ainda é uma amostra relativamente pequena diante da diversidade linguística sul-americana. Esses aspectos indicam que eventual generalização dos resultados deve respeitar o recorte proposto e que há necessidade de novas pesquisas para ampliar o alcance tipológico deste estudo.

Assim, para pesquisas futuras, verificamos a necessidade de: aumentar a representatividade da amostra, com a inclusão de línguas de outras regiões da América do Sul, principalmente de famílias pouco descritas; realizar trabalhos de campo direcionados às causativas de transitivos; refinar as categorias analíticas relativas às construções causativas e à distinção entre argumentos e adjuntos em contextos de aumento de valência; pesquisar testes sintáticos para aferir o valor argumental do causado; e integrar os dados compilados a bancos tipológicos maiores, o que pode contribuir para a compreensão das construções causativas, da distinção entre argumentos e adjuntos e da interação entre as funções comunicativas e as relações gramaticais.

Em síntese, ao sistematizar dados e responder ao problema central proposto, com hipóteses de análise dos resultados, esperamos contribuir para o avanço das pesquisas sobre a estrutura argumental e a tipologia das línguas indígenas sul-americanas.

REFERÊNCIAS

- AIKHENVALD, Alexandra Y. *Transitivity in Tariana*. In: DIXON, Robert M. W.; AIKHENVALD, Alexandra Y. (eds.). *Changing Valency: Case studies in transitivity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- AIKHENVALD, Alexandra Y. *A grammar of Tariana, from Northwest Amazonia*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- AIKHENVALD, Alexandra Y. *Causatives which do not 'cause': on special effects of valency-increasing derivations*. Comunicação apresentada no Colóquio Mecanismos de mudança de valência em línguas ameríndias. *Handout*. Campinas, 2021.
- ANTUNES DE ARAÚJO, Gabriel. *A grammar of Sabanê: a Nambikwaran language*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculteit der Letteren, Vrije Universiteit Amsterdam, Amsterdam, 2004.
- APONTES, Selmo A.; CAMARGOS, Quesler F. *Processo de causativização em Oro Waram e suas consequências para a codificação dos argumentos nucleares*. IV CIELLA (Congresso Internacional de Estudos Linguísticos e Literários na Amazônia). 2013.
- APONTES, Selmo A. *Descrição gramatical do Oro Waram, variante Wari' Norte (Pakaa Nova, Txapakura): fonologia, morfologia e sintaxe*. 2015. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.
- AUTUORI, Joana D. *Fonologia e morfossintaxe da língua Sanöma (Yanomami)*. 2019. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- BACELAR, Laércio N. *Gramática da língua Kanoê*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – Katholieke Universiteit Nijmegen, Nijmegen, 2004.
- BACELAR, Laércio N.; VOORT, Hein. Kanoé. In: EPPS, Patience; MICHAEL, Lev (eds.). *Amazonian Languages, Language Isolates II: Kanoé to Yurakaré*. Handbooks of Linguistics and Communication Science, Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft, v. 44.2. Berlin; Boston: De Gruyter Mouton, 2023. p. 659-718.
- BECHARA, Evanildo. *Gramática escolar da língua portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

- BERTET, Denis. *Aspects of Tikuna grammar (San Martín de Amacayacu variety, Colombia): Phonology, nominal phrase, predicative phrase*. 2020. Tese (Doutorado em Linguística) – Université Lumière–Lyon 2, Lyon, 2020.
- BRAGA, Alzerinda O. *Aspects morphosyntaxiques de la langue Makurap/Tupi*. 2005. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Université de Toulouse-Le Mirail, Toulouse, 2005.
- BRAGA, Alzerinda O. Causativização e valência em makurap. In: *I Coloquio desde el nodo sur de la Red de Investigación y Cooperación Interinstitucional en Diversidad Lingüística (RICIDIL)*. 2021. Comunicação oral.
- BROWN, Edward K.; MILLER, James Edward. *The Cambridge Dictionary of Linguistics*. Croydon: Cambridge University Press, 2013.
- BUSSMANN, Hadumod. *Dictionary of Language and Linguistics*. Translated and edited by Gregory Trauth and Kerstin Kazzazi. London; New York: Routledge, 2006.
- BYBEE, Joan L. *Morphology: a study of the relation between meaning and form*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1985, cap. 2, p. 11-48.
- CÂNDIDO, Gláucia V. *Descrição morfossintática da língua Shanenawa (Pano)*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- CASTILHO, Ataliba T. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2016.
- CHACON, Thiago C. *The phonology and morphology of Kubeo: the documentation, theory, and description of an Amazonian language*. 2012. Tese (Doutorado em Linguística) – University of Hawai‘i at Mānoa, Honolulu, 2012.
- CHACON, Thiago C.; GENETTI, Carol. Grammatical relations in Kubeo: A new perspective on grammatical relations. In: WITZLACK-MAKAREVICH, Alena; BICKEL, Balthasar (eds.). *Argument Selectors: a new perspective on grammatical relations*. Typological Studies in Language, v. 123. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2019. p. 399-432.
- COMRIE, Bernard. Causatives and Universal Grammar. *Transactions of the Philological Society*, Local, v. 73, n. 1, p. 1-32, 1974. DOI: 10.1111/j.1467-968X.1974.tb01155.x.

COMRIE, Bernard. MS. Definite and animate direct objects: a natural class. To appear in *Linguistica Silesiana* 3. [Katowice: University of Silesia, 1979. p. 13-21]

COMRIE, Bernard; KEENAN, Edward L. Noun Phrase Accessibility Revisited. *Language, Local*, v. 55, n. 3, p. 649-664, Sep. 1979.

COMRIE, Bernard. *Language Universals and Linguistic Typology*: Oxford: Blackwell, 1981.

COMRIE, Bernard. Causative verb formation and other verb-deriving morphology. In: SHOPEN, T. *Cognitive Linguistics Bibliography (CogBib)*. Berlin; Boston: De Gruyter Mouton, 2010 [1985]. p. 309-348.

COMRIE, Bernard. Causative constructions. In: COMRIE, B. *Language Universals and Linguistic Typology: Syntax and Morphology*. 2. ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1989. p. 165-184.

COMRIE, Bernard. Some remarks on causatives and transitivity in Haruai. In: COMRIE, Bernard; POLINSKY, Maria (eds). *Studies in Language Companion Series (SLCS)*. Vol. 23: Causatives and Transitivity. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1993. p. 315-325.

CREISSELS, Denis. Cross-linguistic variation in the treatment of beneficiaries and the argument vs. adjunct distinction. *Linguistic Discovery*, Hanover, v. 12, n. 2, p. 41-55, 2014.

CREISSELS, Denis. *Transitivity, valency, and voice*. European Summer School in Linguistic Typology. Porquerolles, September, 2016.

CROWELL, Thomas Harris. *A grammar of Bororo*. 1979. Tese (Doutorado em Linguística) – Cornell University, Ithaca, 1979.

CROWELL, Janet I. *Gramática pedagógica Bororo: um esboço preliminar*. Anápolis: Associação Internacional de Linguística SIL, 2013.

CRYSTAL, David. *A dictionary of linguistics and phonetics*. 6. ed. Oxford: Blackwell Publishing, 2008.

DELANCEY, Scott. Notes on agentivity and causation. *Studies in Language*, v. 8, p. 181-213, 1984.

DERBYSHIRE, Desmond C. *Hixkaryana*. Amsterdam: North-Holland, 1979.

DERBYSHIRE, Desmond C. *Hixkaryana and Linguistic Typology*. Dallas: Summer Institute of Linguistics; Arlington: University of Texas at Arlington, 1985.

DERBYSHIRE, Desmond C. Carib. In: DIXON, Robert M. W.; AIKHENVALD, Alexandra Y. (eds.). *The Amazonian languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 23-64.

DIXON, Robert M. W. *A grammar of Boumaa Fijian*. Chicago: University of Chicago Press, 1988.

DIXON, Robert M. W. A Typology of Causatives: Form, Syntax and Meaning. In: DIXON, Robert M. W.; AIKHENVALD, Alexandra Y. (eds.). *Changing Valency: Case Studies in Transitivity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000, p. 30-83.

DIXON, Robert M. W. *The Jarawara language of Southern Amazonia*. With the assistance of Alan R. Vogel. Oxford: Oxford University Press, 2004.

DOS ANJOS, Zoraide, G. S. *Fonologia e gramática Katukina-Kanamari*. 2011. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculteit der Letteren, Vrije Universiteit Amsterdam, Amsterdam, 2011.

DOS SANTOS, Juliana. P. *Marcas pessoais, concordância de número e alinhamento em Xavante*. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

DUBOIS, Jean; GIACOMO, Mathée; GUESPIN, Louis; MARCELLESI, Christiane; MARCELLESI, Jean-Baptiste; MÉVEL, Jean-Pierre. *Dictionnaire de linguistique*. Paris: Larousse-Bordas, 2002.

EPPS, Patience. *A Grammar of Hup*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2008.

ESTEVAM, Adriana M. *Morphosyntaxe du Xavante, langue jê du Mato Grosso (Brésil)*. 2011. Tese (Doutorado em Linguística) – Université Denis Diderot (Paris 7), Paris, 2011.

EVERETT, Daniel Leonard. *A língua Pirahã e a teoria da sintaxe: descrição, perspectivas e teoria*. 1983. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, Campinas, 1983.

EVERETT, Daniel Leonard; KERN, Barbara. *Wari': the Pacaas Novos language of Western Brazil*. London; New York: Routledge, 1997.

- FACUNDES, Sidney S. *The language of the Apurinã people of Brazil (Maipure/Arawak)*. 2000. Tese (Doutorado em Linguística) – Department of Linguistics, State University of New York at Buffalo, Buffalo, 2000.
- FALTZ, Leonard M. *On indirect objects in universal syntax*. Chicago: Chicago Linguistic Society 14, 1978. p. 76-87.
- FAUST, Norma; LOOS, Eugene E. *Gramática del idioma Yaminahua*. Serie Lingüística Peruana n. 51. Perú: Instituto Lingüístico de Verano, 2002.
- FERREIRA, Rogério Vicente. *Língua Matis (Pano): uma descrição gramatical*. 2005. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.
- FILLMORE, Charles J. The Case for Case. In: BACH, Emmon; HARMS, Robert T. (eds.). *Universals in Linguistic Theory*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1968. p. 1-88.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; COSTA, Marcos Antonio. A interdependência dos componentes sintático, semântico e pragmático. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 5, n. 2, p. 61-70, 2003.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 157-176.
- GILDEA, Spike. A alternância causativa-incoativa na família Karib. In: *Núcleo de Tipologia e Línguas Indígenas – NTL Indígenas* (CNPq), 2023, Brasília. Comunicação oral.
- GILDEA, Spike. *Verbal transitivity in the Cariban language family*. Revised. No prelo.
- GIVÓN, Talmy. Topic, pronoun and grammatical agreement. In: LI, Charles N. (ed.). *Subject and topic*. Academic Press, 1976. p. 149-188.
- GIVÓN, Talmy (ed.). *Topic Continuity in Discourse: A Quantitative Cross-Language Study*. Amsterdam: John Benjamins, 1983, p. 5-41.
- GIVÓN, Talmy. *Syntax: A functional-typological introduction*. Amsterdam; Philadelphia: Benjamins. 1984a. v. I.
- GIVÓN, Talmy. Direct Object and Dative Shifting: Semantic and pragmatic case. In: Plank, F. (ed.). *Objects. Toward a Theory of Grammatical Relations*. London: Academic Press, 1984b. p. 151-182.

- GIVÓN, Talmy. *Syntax: A functional-typological introduction*. Amsterdam: Benjamins. 1990. v. II.
- GIVÓN, Talmy. (ed.). *Voice and Inversion*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1994.
- GIVÓN, Talmy. *Syntax: An introduction*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001a, v. I.
- GIVÓN, Talmy. *Syntax: An introduction*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001b, v. II.
- GOMES, Dionei M. *Estudo morfológico e sintático da língua Mundurukú (Tupí)*. 2006. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.
- GOMES, Dionei M.; SCANDELARI, Arthur B. Focalization of adverbial constituents in Tupí-Guaraní languages (indicative mood II). In: ESTRADA FERNÁNDEZ, Zarina; GOMES, Dionei M.; GONZALEZ, Albert A. (eds.). *Dependencias simétricas y asimétricas*. Hermosillo: Universidad de Sonora, 2025, p. 102-146.
- GOMES, Dionei M.; SCANDELARI, Arthur B. Voz e valência. In: STENZEL, Kristine; CASTRO ALVES, Flávia; BIRCHALL, Joshua (ed.). *Introdução à tipologia linguística: focando línguas indígenas*. No prelo.
- GUIRARDELLO, Raquel. *A reference grammar of Trumai*. 1999. Tese (Doutorado em Linguística) – Rice University, Houston, 1999.
- HAIMAN, John. Iconic and economic motivation. *Language*, v. 59, 1983, p. 781-819.
- HAIMAN, John. *Natural syntax*. Cambridge: Cambridge University press, 1985.
- HAMMARSTRÖM, Harald; FORKEL, Robert; HASPELMATH, Martin; BANK, Sebastian. *Glottolog 5.3*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, 2026. Disponível em: <http://glottolog.org>. Acesso em: 30 abr. 2026.
- HASPELMATH, Martin. Terminology of case. In: MALCHUKOV, Andrej; SPENCER, Andrew (eds.). *Handbook of Case*. New York: Oxford University Press: 2009.
- HASPELMATH, Martin; HARTMAN, Iren. Comparing verbal valency across languages. In: MALCHUKOV, Andrej; COMRIE, Bernard (Eds.). *Valency classes in the world's languages:*

Introducing the framework, and case studies from Africa and Eurasia. v. 1. Berlin [u.a.]: Mouton de Gruyter, 2015, p. 41-72.

HENGVELD, Kees; BRAGA, Maria Luiza; BARBOSA, Elisiene M.; CORIOLANO, Jaqueline S.; COSTA, Juliana J.; MARTINS, Mariana de S.; OLIVEIRA, Diego L.; OLIVEIRA, Vinicius M.; PEREIRA, Luana G.; SANTANA, Liliane; SANTOS, Cassiano Luiz do C.; SOARES, Viviane dos R. Semantic categories in the indigenous languages of Brazil. *Functions of Language*, John Benjamins Publishing Company, v. 19, n. 1, p. 38-57, mar. 2012. DOI: 10.1075/fol.19.1.02hen.

HOPPER, Paul J.; THOMPSON, Sandra A. Transitivity in grammar and discourse. *Language*, Washington, D.C., v. 56, n. 2, p. 251-299, jun. 1980.

JAKOBSON, Roman. Beitrag zur allgemeinen Kasuslehre: Gesamtbedeutungen der russischen Kasus. In: HAMP, Eric P.; JOOS, Martin; HOUSEHOLDER, Fred W.; AUSTERLITZ, Robert (eds.). *Readings in Linguistics II*. Chicago; London: University of Chicago Press, 1966. p. 51-89.

KALIN, Laura M. *Hixkaryana: the derivation of Object-Verb-Subject word order*. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística) – University of California, Los Angeles, 2011.

KEENAN, Edward L.; COMRIE, Bernard. *Noun Phrase Accessibility and Universal Grammar*. Paper read at the Annual Meeting of the LSA, 1972.

KEENAN, Edward L.; COMRIE, Bernard. Noun Phrase Accessibility and Universal Grammar. *Linguistic Inquiry*, Local, v. 8, n. 1, p. 63-99, 1977.

KEENAN, Edward L.; COMRIE, Bernard. Data on the Noun Phrase Accessibility Hierarchy. *Language*, Local, v. 55, n. 2, p. 333-351, Jun. 1979.

KEMMER, Suzanne; VERHAGEN, Arie. The grammar of causatives and the conceptual structure of events. *Cognitive Linguistics*, v. 5, n. 2, p. 115-156, 1994.

KOZINSKY, Isaac; POLINSKY, Maria. Causee and patient in the causative of transitive: Coding conflict or doubling of grammatical relations? In: COMRIE, Bernard; POLINSKY, Maria (eds). *Studies in Language Companion Series (SLCS)*. Vol. 23: Causatives and Transitivity. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1993. p. 177-240.

KULIKOV, Leonid I. The “second causative”: A typological sketch. In: COMRIE, Bernard; POLINSKY, Maria (eds). *Studies in Language Companion Series (SLCS)*. Vol. 23: Causatives and Transitivity. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1993. p. 121-154.

KULIKOV, Leonid I. Causatives. In: HASPELMATH, Martin; KÖNIG, Ekkehard; OESTERREICHER, Wulf; RAIBLE, Wolfgang (org.). *Language Typology and Language Universals: an international handbook*. v. 2. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 2001. p. 886-898.

LAKOFF, George. *Women, Fire, and Dangerous Things: What Categories Reveal about the Mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAMBRECHT, Knud. *Information Structure and Sentence Form: Topic, focus, and the mental representations of discourse referents*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

LANGACKER, Ronald W. *Foundations of Cognitive Grammar*. v. 2. Descriptive Application. Stanford: Stanford University Press, 1991.

MACAMBIRA, José R. *A estrutura morfo-sintática do Português: aplicação do estruturalismo linguístico*. 5 ed. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1987.

MARTIN, Martin, Jack B. Lexical and syntactic aspects of Creek causatives. *International Journal of American Linguistics*, v. 57, 1991. p. 194-229.

MARTIN, Jack B. Creek voice: beyond valency. In: DIXON, Robert M. W.; AIKHENVALD, Alexandra Y. (ed.). *Changing valency: case studies in transitivity*. New York: Cambridge University Press, 2000. p. 375-403.

MARTINS, Andrébio; CAMARGOS, Lidiane; COSTA, Lucivaldo; MIRANDA, Maxwell. Causativização em línguas do tronco Macro-Jê: primeiras aproximações. In: *Anais do SILEL* (Simpósio Internacional de Letras e Linguística), v.1. Uberlândia: EDUFU, 2009.

MATTHEWS, Peter H. *The Concise Oxford Dictionary of Linguistics*. 2 ed. Oxford: Oxford University Press, 2007.

MORSE, Nancy L.; MAXWELL, Michael B. *Gramática del cubeo*. Bogotá: Editorial Alberto Lleras Camargo, 1999.

NEDJALKOV, Vladimir P.; SIL'NICKIJ, Georgij G. Tipologija morfoložičeskogo i leksičeskogo kauzativov. In: XOLODOVIČ, Aleksandr A. (ed.). *Tipologija kauzativnyx konstrukcij*. Morfoložičeskij kauzativ. Leningrad: Nauka, 1969. p. 20-50.

NEDYALKOV, Vladimir P.; SILNITSKY, George G. The typology of morphological and lexical causatives. In: KIEFER, Ferenc. (org.). *Trends in Soviet Theoretical Linguistics*. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1973. p. 1-32.

NICHOLS, Johanna. *Linguistic diversity in space and time*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1992, cap. 4-5, p. 166-183.

NONATO, Rafael B. *Ainore Boe egore*: um estudo descritivo da língua bororo e consequências para a teoria de caso e concordância. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas: 2008.

OLIVEIRA, Rosana C. *Morfologia e sintaxe da língua Xavante*. 2007. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

PEI, Mario A.; GAYNOR, Frank. *A Dictionary of Linguistics*. New York: Philosophical Library, 2007.

QUEIXALÓS, Francesc. *Grammatical relations in Katukina-Kanamari*. 2010. Disponível em: <http://qxls.free.fr/QxlsProf/KatBB2009Abril.pdf>. Acesso em: 6 mar. 2026.

QUEIXALÓS, Francesc. *Incremental valence changes in an ergative vs. an accusative language: a comparison between Katukina-Kanamari and Sikuani*. 2014. <http://qxls.free.fr/QxlsProf/KatSikCausAppli.pdf>. Acesso em: 6 mar. 2026.

RICE, Sally. *Towards a Cognitive Model of Transitivity*. Doctoral dissertation. San Diego: University of California, 1987.

RIJKHOFF, Jan; BAKKER, Dik; HENGVELD, Kees; KAHREL, Peter. A method of language sampling. *Studies in Language*, v. 17, n. 1, p. 169-203, 1993. DOI: 10.1075/sl.17.1.07rij.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 49 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

RODRIGUES, Aryon D. A categoria de voz em Tupí. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, Brasília, v. 3, n. 1, p. 17-21, 2011. Artigo originalmente publicado em 1947.

RODRIGUES, Aryon D. Morfologia do Verbo Tupi. *Letras*, Curitiba, v. 1, p. 121-152, 1953.

RODRIGUES, Aryon D. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

SAID ALI, Manuel. *Dificuldades da língua portuguesa: estudos e observações*. 7 ed. Coleção Antônio de Morais Silva, Estudos de Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008 [1908].

SANDALO, Maria Filomena. *A grammar of Kadiwéu*. 1997. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculty of Arts and Sciences, University of Pittsburgh, Pittsburgh, 1997.

SCANDELARI, Arthur B. *Sintagmas posposicionais em línguas da família tupí-guaraní: adjuntos, argumentos e predicados*. 2021. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

SCANDELARI, Arthur B.; GOMES, Dionei M. Protocolo de pesquisa sobre sintagmas adposicionais. *Revista LIAMES: Línguas Indígenas Americanas*, Campinas, v. 23, 1-24, 2023a. DOI: 10.20396/liames.v23i00.8671346.

SCANDELARI, Arthur B.; GOMES, Dionei M. Terminologia e análise linguística: os sintagmas posposicionais em línguas da família tupí-guaraní. In: REGÚNAGA, María Alejandra; GOMES, Dionei M.; SCANDELARI, Arthur B. (ed.). *Diversidade linguística na América: línguas ameríndias* (v.2). Campinas: Pontes Editores, 2023b, p.174-211.

SEIFART, Frank. Valency classes in Bora. In: MALCHUKOV, Andrej L.; COMRIE, Bernard (eds.). *Valency classes in the world's languages*. Volume 2: Case studies from New Guinea, Australia, and the Americas, and theoretical outlook. Berlin; Boston: De Gruyter Mouton, 2015. p. 1481-1514.

SEKI, Lucy. *Gramática do Kamaiurá: língua Tupi-Guarani do Alto Xingu*. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000a.

SEKI, Lucy. Estratégias de relativização. In: VOORT, Hein van der; KERKE, Simon van de (ed.). *Indigenous languages of Lowland South America*. Leiden: Research School of Asian, African, and Amerindian Studies (CNWS), 2000b. v. 1, p. 309-324.

SEKI, Lucy. Causativos em kamaiurá (tupi-guarani). In: ESTRADA FERNÁNDEZ, Zarina; GARAY, Ana V. Fernández; GONZÁLEZ, Albert Á. (eds.). *Estudios en Lenguas amerindias: homenaje a Ken L. Hale*. Sonora: Editorial Unison, 2004. p. 295-308.

SHELDON, Steven N. Os sufixos verbais Múra-Pirahã. *Série Lingüística*, Summer Institute of Linguistics, Brasília, v. 2, n. 9, p. 147-175, 1988.

SHIBATANI, Masayoshi. The grammar of causative constructions: a conspectus. In: SHIBATANI, Masayoshi (org.). *Syntax and Semantics: The grammar of causative constructions*, v. 6. New York: Academic Press, 1976. p. 1-40.

SHIBATANI, Masayoshi; BYNON, Theodora. *Approaches to language typology: a conspectus*. New York: Oxford University Press, 1995.

SHIBATANI, Masayoshi. Introduction: Some basic issues in the grammar of causation. In: SHIBATANI, Masayoshi (ed.). *The Grammar of Causation and Interpersonal Manipulation*. Typological Studies in Language, v. 48. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2002. p. 1-22.

SHIBATANI, Masayoshi; PARDESHI, Prashant. The causative continuum. In: SHIBATANI, Masayoshi (ed.). *The Grammar of Causation and Interpersonal Manipulation*. Typological Studies in Language, v. 48. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2002. p. 85-126.

SHIBATANI, Masayoshi. On the conceptual framework for voice phenomena. *Linguistics*, v. 44, n. 2, p. 217-269, 2006.

SILVA, Léia J. *Morphosyntaxe du Rikbaktsa* (Amazonie brésilienne). 2011. Tese (Doutorado em Linguística) – Université Denis Diderot (Paris 7), Paris, 2011.

SONG, Jae Jung (ed.). *Linguistic Typology*. New York: Oxford University Press, 2018.

TAVARES, Petronila S. *A grammar of Wayana*. 2005. Tese (Doutorado em Linguística) – Rice University, Houston, 2005.

TOBLER, S. Joy. *The grammar of Karipúna Creole*. Série Lingüística, n. 10. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1983.

VACHEK, Josef. *Dictionary of the Prague School of Linguistics*. In collaboration with Josef Dubský. Edited by Libuše Dušková. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2003.

VOGEL, Alan R. *Jarawara verb classes*. 2003. Tese (Doutorado em Linguística) – Department of Linguistics, University of Pittsburgh, Ann Arbor, 2003.

VOGEL, Alan R. *A typology of finite subordinate clauses in Jarawara*. Cadernos de Etnolingüística. Série Monografias, 6. 2022.

VOORT, Hein van der. *A grammar of Kwaza*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004.

XIYEIN, Marcelina Oro Waram; APONTES, Selmo A.; CAMARGOS, Quesler F. Processos de aumento e de diminuição de valência verbal em Oro Wari' (Wari/Pacaa Nova, Txapakura). *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, Brasília, v. 10, n. 2, p. 201-236, 2018.

XOLODOVIČ, Aleksandr A.; and MEL'ČUK, Igor A. *K teorii grammatičeskogo zaloga*. *Narody Azii i Afriki*, n. 4, 1970. p. 111-124.

ZIV, Yael; SHEINTUCH, Gloria. Indirect objects reconsidered. *Chicago Linguistic Society* 15, 1979. p. 390-403.

ZÚÑIGA, Fernando; KITILÄ, Seppo. *Grammatical Voice*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

APÊNDICE 1 – Protocolo de pesquisa

Língua (família):

Obras pesquisadas:

1. Mecanismos formais e interfaces

1.1. Questões gerais

1. Quais são os mecanismos formais que a língua usa para formar causativas a partir de verbos transitivos? (cf. Dixon, 2000; Kulikov, 2001)
2. A construção é causativizada diretamente? Ou passa por algum outro processo prévio de mudança de valência? (cf. Dixon, 2000)
3. Se houver morfema causativo, ele também desempenha outras funções? Em caso afirmativo, especifique o morfema e liste suas funções. (cf. Comrie, 1989; Dixon, 2000; Kulikov, 2001)
4. Se houver causatividade morfológica, é possível afirmar que os verbos transitivos que a recebem denotam ação abstrata? Em caso afirmativo, especifique e informe quais são esses verbos. (cf. Dixon, 2000)
5. Há mais de um marcador causativo de transitivo? Em caso afirmativo, o que motiva a escolha de um e de outro? (cf. Kulikov, 1993, 2001)
6. Existe causativa formada a partir de verbos com três argumentos/participantes (ditransitivos ou congêneres)? Em caso afirmativo, o causado assume qual função sintática? (cf. Kozinsky e Polinsky, 1993; Dixon, 2000)
7. Existem semelhanças entre a causativa de transitivos e a construção ditransitiva (ou congênere)? Em caso afirmativo, quais são elas? (cf. Kozinsky e Polinsky, 1993; Kemmer e Verhagen, 1994; Dixon, 2000)
8. Existe causativa de transitivo formada a partir de verbos ambitransitivos? (cf. Dixon, 2000). Especifique.
9. Se houver incorporação nominal (IN) na língua, o verbo transitivo com IN pode ser causativizado? Em caso afirmativo, existe alguma diferença em relação ao verbo causativizado sem IN? (cf. Dixon, 2000)
10. A ordem de constituintes é fixa nas causativas? Qual constituinte ocupa o lugar típico de acusativo (OD)? (cf. Kozinsky e Polinsky, 1993; Dixon, 2000)
11. Há alguma restrição na formação de causativas de transitivos? Em caso afirmativo, descreva-a. (cf. Comrie, 1985, 1989; Dixon, 2000)

12. Foram identificados aspectos cognitivos envolvidos na causativa de transitivo? (Kozinsky e Polinsky, 1993; Kemmer e Verhagen, 1994)

1.2. Causativas com dois verbos

13. A língua apresenta causativa sintática (perifrástica ou analítica) com verbos transitivos? Em caso afirmativo, quais são os verbos responsáveis pela causatividade? (cf. Kulikov, 1993; Dixon, 2000)
14. Há verbos usados exclusivamente para expressar causatividade sintática (perifrástica ou analítica)? Em caso afirmativo, especifique. (cf. Dixon, 2000)
15. Em relação às causativas com dois verbos, há distinção entre causativa mono-oracional e bi-oracional? Em caso afirmativo, há algum critério ou propriedade sintática para diferenciá-las? (cf. Kozinsky e Polinsky, 1993; Dixon, 2000; Kulikov, 2001)

1.3. Causativa lexical

16. Há pares com aproximação semântica que possam ser identificados como “verbo lexical transitivo” *versus* “verbo lexical transitivo causativo” correspondente? (cf. Dixon, 2000)
17. Há critérios para diferenciar os pares de lexemas relacionados com a causatividade lexical tratada na questão anterior? (cf. Dixon, 2000)

2. Causado em causativas de verbos transitivos

18. O causado assume qual função sintática nas causativas de transitivos? (cf. Comrie, 1989; Kozinsky e Polinsky, 1993; Dixon, 2000; Kulikov, 2001)
19. O causado mantém o mesmo caso ou função sintática que exercia na estrutura primitiva (não causativa)? Em caso afirmativo, o causador e o causado compartilham propriedades de sujeito (ou de outra função) entre si? Se compartilharem, há algum critério ou propriedade sintática para identificar o sujeito (ou a outra função) hierarquicamente mais alto? (cf. Comrie, 1985; Dixon, 2000)
20. A marcação do causado ocorre com outros constituintes (ou é exclusiva dele)? Caso ocorra, especificar esses constituintes e as respectivas funções sintáticas na língua. (cf. Comrie, 1989)
21. Com relação ao causado, há marcação morfológica distinta da função sintática exercida por ele? (cf. Dixon, 2000). Em caso afirmativo, especifique.

22. O causado e o paciente, na causativa de transitivo, podem ser codificados simultaneamente como objeto direto? Em caso afirmativo, eles realmente se comportariam sintaticamente como dois objetos diretos idênticos? (cf. Kozinsky e Polinsky, 1993)
23. Na formação da causativa, o causado assume a posição livre mais alta imediatamente disponível segundo a Hierarquia de Casos apresentada em Comrie (1976, 1989) (Sujeito > Objeto direto > Objeto indireto > Objeto oblíquo)? Em caso negativo, informar a posição assumida.
24. Há algum critério sintático ou propriedade sintática para diferenciar o causado dos demais constituintes? (cf. Dixon, 2000; Kulikov, 2001)
25. O causado pode ser omitido ou excluído? Em caso afirmativo, ocorre alteração na valência sintática? (cf. Kozinsky e Polinsky, 1993)
26. O causado pode ser relativizado? Em caso afirmativo, apresenta uma forma específica ou diferente de relativização em contraste com os demais constituintes? (cf. Keenan e Comrie, 1979)
27. Além do papel semântico de causado, quais outros papéis são expressos pelo causado nas causativas? (cf. Comrie, 1989; Kulikov, 2001)
28. Quais propriedades semânticas (grau de controle e/ou afetação, ação direta, por exemplo) são identificáveis no causado? Informe se ele está no controle da atividade ou não (a exemplo de um ente inanimado ou de uma criança pequena) e se ele age com ou sem volição. (cf. Comrie, 1989; Kulikov, 1993; Dixon, 2000, p. 62)
29. Há mais de um tipo de causado na língua? Em caso afirmativo, qual deles é mais integrado conceitualmente à sentença? (cf. Kemmer e Verhagen, 1994; Dixon, 2000)

3. Causador em causativas de verbos transitivos

30. “O causador atua direta ou indiretamente” sobre o causado? (Dixon, 2000, p. 62, tradução nossa²⁴⁷)
31. “O causador atinge o resultado acidental ou intencionalmente?” (Dixon, 2000, p. 62, tradução nossa²⁴⁸)
32. O causador apenas inicia um processo naturalmente ou o resultado é alcançado somente com esforço (talvez com violência)? (cf. Dixon, 2000, p. 62)

²⁴⁷ Does the causer act *directly* or *indirectly*?

²⁴⁸ Does the causer achieve the result *accidentally* or *intentionally*?

33. “O causador também está envolvido na atividade (além do causado)? Ou não está envolvido?” (Dixon, 2000, p. 62, tradução nossa²⁴⁹)

4. Parâmetros pragmáticos

34. Em relação à pragmática, a língua apresenta, por exemplo, graus de topicalidade ou foco relacionados ao causado ou ao paciente nas causativas de transitivos? Em caso afirmativo, especifique. (cf. Kozinsky e Polinsky, 1993; Kemmer e Verhagen, 1994; Dixon, 2000)
35. Há relação entre a frequência de uma dada situação e o tipo de construção causativa usado na língua? (cf. Kulikov, 1993)

4.1. Iconicidade

36. A língua apresenta mais de um mecanismo formal para expressar causativas de transitivos? Em caso afirmativo, é possível correlacionar o *continuum* “causativa sintática – causativa morfológica – causativa lexical” (Comrie, 1981, p. 167) e o sentido da causação, indo da menos direta (sintática) para a mais direta (lexical)? Esse *continuum* vai do alto controle para o baixo controle do causado? (cf. Comrie, 1981; Givón, 1990; Dixon, 2000; Kulikov, 2001)

5. Voz e valência

37. As causativas se comportam como mudança de valência? Ou como voz? Explique. (cf. Givón, 1994; Kulikov, 2001; Shibatani, 2006; Haspelmath e Hartmann, 2015; Zúñiga e Kittilä, 2019)
38. As causativas podem ser derivadas ou combinadas com outras vozes ou outros mecanismos de mudança de valência? Em caso afirmativo, informe qual(is). (cf. Kulikov, 2001)

6. Diacronia

39. É possível identificar o percurso diacrônico ou ao menos a origem de morfemas causativos de transitivos, construções sintáticas causativas (perifrásticas ou analíticas) ou mesmo de causativas lexicais? Em caso afirmativo, especifique. (cf. Dixon, 2000; Kulikov, 2001)
40. É possível identificar mudanças diacrônicas na marcação de caso do causado? (cf. Kulikov, 1993)

²⁴⁹ Is the causer also **involved** in the activity (in addition to the causee) or **not involved**?

7. Terminologia

41. Com relação às causativas de verbos transitivos, quais termos são usados? Eles são explicitamente definidos?
42. Existe alguma terminologia particular? Em caso afirmativo, como é definida? (cf. Comrie, 1985; Dixon, 2000; Kulikov, 2001)

APÊNDICE 2 – Lista dos verbos identificados que formam causativas

Jarawara (Arawá)

- “beber” (*fawa*)
- “carregar” (*weje*)
- “comer” (*bako*)
- “comer” (*kaba*)
- “vestir” (*aka*)

Tariana (Arawak) (M, Per, Serial)

- “abençoar” (*-ñapa*)
- “beber” (*-ira*)
- “cheirar rapé” (*-eme*)
- “conhecer, encontrar, receber” (*-korota*)
- “fumar” (*-sita*)
- “juntar” (*-wake-ta*)
- “lamber o tabaco da língua do parceiro no ritual de fumar charuto” (*-peru*)

Apurinã (Arawak)

- “comer” (*nhika*)
- “matar” (*oka*)
- “olhar” (*atama*)
- “vender” (*suka-rewa*)

Wayana (Caribe)

- “cortar” (*oko*)
- “dar” (*ëkalë*)
- “fazer” (*ilì*)
- “fazer à mão” (*kapi*)
- “fazer dormir” (*inikì-ma*)
- “lançar, jogar” (*alima*)
- “matar” (*upmo*)
- “pegar” (*alë*)
- “queimar” (*ewalu*)

Hixkaryana (Caribe)

“bater” (*otaha*)

“comer (frutas, vegetais)” (*onahi*)

“dar” (*imi*)

“fazer crescer/criar (uma criança)” (*horymami-noh*)

“fazer ser muitos/reunir” (*ohami-noh*)

“mandar” (*aye*)

“ouvir” (*onytxa*)

“pegar” (*ari*)

“pensar, saber” (*hutwa*)

“ver” (*onye*)

Warí’ (Chapakura) (M, Per)

“ver” (*hrik*)

“balançar dormir” (*yo?kaw pi?am*)

“fazer correr” (*?ara? mo:*)

“fazer vomitar” (*?ara? we?*)

“ir-buscar” (*mo-kam*)

“matar” (*pa' ou pa?*)

Karipúna Crioulo Francês (Crioulo) (S)

“comer” (*mãje*)

“cortar” (*fãde*)

Kanoê (Kanoê) (S)

“buscar” (*tsa*)

“capturar/pescar” (*po*)

“fazer” (*po*)

Katukína (Katukína) (S)

“atirar” (*toman*)

“bater” (*bubu*)

“enfiar a lança” (*hak*)

“fazer” (*bu*)

Kwazá (Kwazá)

“beber” (*kui-*)

“comer” (*ja-*)

“cortar árvore ou lenha com um machado” (*cu-*)

“quebrar” (*dwỹ-*)

“transformar” (*are-*)

“ver” (*ãwỹi-*)

Bororo (Bororo) (S)

“causar, permitir” (*dě*)

“comer” (*kowuje*)

“cortar (de forma longitudinal)” (*bowije*)

“cortar (de forma transversal)” (*kadě*)

“fechar” (*mi*)

“jogar, arremessar” (*barigu*)

Xavante (Jê)

Não identificamos causativas formadas a partir de verbos transitivos no Xavante.

Rikbáktsa (Rikbáktsa)

“comer, morder” (*boro*)

“picar” (*hoho*)

“retirar” (*ebək*)

“subir” (*do*)

Hup (Nadahup/Makú) (S)

“comer” (*wæd*)

“mostrar” (*be*)

“trabalhar” (*bí?*)

“ver” (*key*)

Kadiwéu (Guaikurú)

“pegar emprestado” (*adila*)

Pirahã (Mura-Pirahã) (S)

“bater, acertar” (*ba*)

“fazer” (*kai*)

“vender” (*bag*)

Sabanê (Nambiquara)

Os dados disponíveis não permitem concluir se existem mecanismos formais para formar causativas a partir de verbos transitivos no Sabanê.

Matís (Pano)

“beber” (*ak*)

“ver” (*is*)

Yaminawá (Pano)

“buscar” (*fena*)

“comer” (*pi*)

“ouvir” (*nika*)

“saber” (*tapĩ*)

“trazer” (*fĩ*)

Shanenáwa (Pano)

“beber” (*aja*)

“buscar, trazer” (*fĩ*)

“comer” (*pi*)

“matar” (*ritĩ*)

Tikuna (língua isolada)

“derrubar” (*tũ*')

“morder” (*ngɔ*)

Trumai (língua isolada) (M, S)

“bater/matar” (*disi*)

“dar” (*kĩĩ*)

“extinguir” (*(o)pi*)

“quebrar” (*mapa*)

Kubeo (Tukano) (M, Per)

“beber” (*ũkũ*)

“chupar” (*dũ*)

“comer” (*ã*)

“morder” (*kũ*)

“ver” (*hã*)

Mundurukú (Mundurukú)

“casar/fazer ter esposa” (*tayxi-da*, nome verbalizado por *-da*)

“fazer pisar/fazer estar pisado” (*cak*, intransitivo estativo causativizado por *mu-*)

“lavar” (*wuy*)

“matar” (*aoka*)

“morder” (*a*)

Makuráp (Tuparí)

“quebrar” (*put*)

Kamaiurá (Tupí-Guaraní)

“chamar” (*enõj*)

“dar” (*me'eŋ*)

“enfeitar” (*mo'atyrõ*)

“enviar” (*mono*)

“fazer” (*awyky*)

“fazer dormir” (*moŋer*)

“segurar” (*pyhyk*)

“trazer” (*mohur*)

Bora (Witoto)

“ver” (*úúje*)

Sanumá (Yanomami)

“cair de lugar alto” (*pälä*)

“conhecer” (*ta*)

“dar” (*toto*)

“lavar” (*salu*)

“moquear” (*noko*)

“ver” (*ta*)

APÊNDICE 3 – Quadro comparativo

Apresentamos a seguir o quadro comparativo preenchido com os resultados compilados dos protocolos de pesquisa de todas as línguas investigadas.

Quadro 1.1 – Línguas Jarawara, Tariana, Apurinã, Wayana e Hixkaryana (questões 1 a 4)

	Línguas Questões	Jarawara	cód_Jar	Tariana	cód_Tar	Apurinã	cód_Apu	Wayana	cód_Way	Hixkaryana	cód_Hix
1	Quais são os mecanismos formais que a língua usa para formar causativas a partir de verbos transitivos?	Morfológico (<i>na- ~ niha-</i>) ou <i>na- ~ niha-</i> + reduplicação da última CV do verbo auxiliar	M M + redup	Morfológico (<i>-ita</i>); Perifrástico (verbo <i>-ni</i> 'fazer' e o obrigatório <i>-ka</i>); e Construção verbal serial	M Per Serial	Morfológico (<i>-ka2</i> , <i>-ka3</i> , <i>-kütaka</i>)	M	Morfológico (<i>-po ~ -nehpo</i>)	M	Morfológico (<i>-ho ~ -mohso</i>)	M
2	A construção é causativizada diretamente? Ou passa por algum outro processo prévio de mudança de valência?	Diretamente	1	Diretamente ou com verbo transitivizado	1	Diretamente	1	Diretamente ou com verbo transitivizado	1	Diretamente ou com verbo transitivizado	1
3	Se houver morfema causativo, ele também desempenha outras funções? Em caso afirmativo, especifique o morfema e liste suas funções.	Não desempenha outras funções	0	O sufixo <i>-ita</i> verbaliza nomes; torna verbos ambitransitivos obrigatoriamente transitivos; e faz um constituinte periférico ser declarado. Com verbos de percepção, o sufixo produz verbos com sentidos específicos. O sufixo <i>-ita</i> também participa da formação de algumas adposições	1	Não identificamos	NI	Não desempenha outras funções	0	Não desempenha outras funções	0
4	Se houver causatividade morfológica, é possível afirmar que os verbos transitivos que a recebem denotam ação abstrata? Em caso afirmativo, especifique e informe quais são esses verbos.	Não identificamos	NI	Embora o verbo "abençoar" (<i>-ñapa</i>) possa denotar ação abstrata, essa avaliação depende de como os Tariana realizam o ato e de como eles percebem esse ato	NI	O verbo "olhar" (<i>atama</i>) pode denotar ação abstrata	1	Não identificamos	NI	Os verbos "ouvir" (<i>onytxa</i>), "pensar, saber" (<i>hutwa</i>) e "ver" (<i>onye</i>) podem denotar ação abstrata	1

Quadro 1.2 – Línguas Jarawara, Tariana, Apurinã, Wayana e Hixkaryana (questões 5 a 8)

	Línguas Questões	Jarawara	cód_Jar	Tariana	cód_Tar	Apurinã	cód_Apu	Wayana	cód_Way	Hixkaryana	cód_Hix
5	Há mais de um marcador causativo de transitivo? Em caso afirmativo, o que motiva a escolha de um e de outro?	O prefixo <i>na-</i> ~ <i>niha-</i> transmite a ideia de causação básica, podendo ser imposição. O prefixo e a reduplicação juntos denotam permissão	1	Fatores contextuais e semânticos. O sufixo tende a descrever atividades tradicionais, em rituais. A causativa com verbo serial indica atividades típicas	1	Os sufixos <i>-ka2</i> e <i>-kütaka</i> se diferenciam de <i>-ka3</i> pela construção verbal, pois ocorrem apenas com <i>-ta</i> 'verbalizador'. O sufixo <i>-kütaka</i> também se diferencia pela transitividade do verbo, pois só ocorre com transitivos	1	Não identificamos	0	Não identificamos	0
6	Existe causativa formada a partir de verbos com três argumentos/participantes (ditransitivos ou congêneres)? Em caso afirmativo, o causado assume qual função sintática?	Não identificamos	NI	À exceção de verbos que descrevem atividades tradicionais ritualizadas, todos os demais verbos transitivos podem ser causativizados nas causativas com verbos seriais. O causado assume a função de "objeto", mas não é possível determinar se é objeto direto ou indireto	1	Não identificamos	NI	Existe causativa formada a partir do verbo <i>ékalē</i> 'dar O', com "três papéis semânticos". O causado é tratado como "oblíquo", "objeto de posposição" e "argumento periférico". Os participantes causador, causado e recipiente, quando expressos, recebem a mesma posposição (<i>ja</i>)	1	Existe causativa formada a partir do verbo <i>imi</i> 'dar'. Derbyshire (1985, p. 144) informa que a análise final da função sintática do SP com <i>wya</i> está em aberto e, na ausência de estudos mais aprofundados, trata o SP como um "subtipo de adjunto", "objeto oblíquo" ou "não termo"	1
7	Existem semelhanças entre a causativa de transitivos e a construção ditransitiva (ou congêneres)? Em caso afirmativo, quais são elas?	Sim, marcações no argumento O (gênero) e no SP (posposição <i>jaa</i> ~ <i>ni-jaa</i>). A ordem pode ser semelhante. Há mecanismos formais nas ditransitivas para que o recipiente humano se torne objeto/acusativo, atribuindo centralidade a esse recipiente. Tal centralidade é similar nas causativas, nas quais o causado ocupa a posição de objeto	1	Sim, na causativa morfológica, os argumentos "A original" (causado) e "O original" recebem o caso "não sujeito" e não podem ser passivizados. Na ditransitiva, os argumentos não sujeito são marcados pelo caso "não sujeito" (exceto o beneficiário), e o recipiente não pode ser passivizado. Os participantes em função de objeto podem ser omitidos nas duas construções	1	A causativa e as construções com verbos "potencialmente ditransitivos" tendem a apresentar três participantes, mas apenas um dos argumentos não sujeito é obrigatoriamente expresso e pode ter correferência no verbo. O terceiro argumento (recipiente) pode receber um marcador pronominal de objeto, situação na qual os argumentos da causativa se comportam como os da "ditransitiva", pois a marca de objeto é a principal propriedade formal da relação gramatical do objeto	1	Sim, os participantes A e O são marcados nos verbos com os mesmos prefixos hierárquicos e imperativos do conjunto I de verbos transitivos, e o participante afetado recebe o mesmo tratamento gramatical em ambas. O terceiro participante é marcado com a posposição <i>ja</i> , a qual pode codificar o ergativo (agente), o causado e o dativo. A ordem das construções apresenta a mesma estrutura. À exceção do argumento O, todos os demais participantes são marcados com <i>ja</i>	1	Sim, os participantes A e O são marcados nos verbos com os mesmos prefixos de verbos transitivos, e o participante afetado recebe o mesmo tratamento gramatical em ambas. O terceiro participante é marcado com a posposição dativa <i>wya</i> , a qual pode codificar o constituinte "objeto indireto" (recipiente, destinatário), o causado e o sujeito subjacente de um verbo transitivo em uma construção subordinada. A ordem das ditransitivas com <i>imi</i> 'dar' apresenta a mesma estrutura da causativa de ditransitivo	1
8	Existe causativa de transitivo formada a partir de verbos ambitransitivos? Especifique.	Sim, <i>jawa</i> 'beber' e <i>kaba</i> 'comer'	1	Sim, independentemente da forma (morfológica, perifrástica ou serial) as causativas de transitivos são derivadas de verbos ambitransitivos	1	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI

Quadro 1.3 – Línguas Jarawara, Tariana, Apurinã, Wayana e Hixkaryana (questões 9 a 12)

	Línguas Questões	Jarawara	cód_Jar	Tariana	cód_Tar	Apurinã	cód_Apu	Wayana	cód_Way	Hixkaryana	cód_Hix
9	Se houver incorporação nominal (IN) na língua, o verbo transitivo com IN pode ser causativizado? Em caso afirmativo, existe alguma diferença em relação ao verbo causativizado sem IN?	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI
10	A ordem de constituintes é fixa nas causativas? Qual constituinte ocupa o lugar típico de acusativo (OD)?	Não. Embora a posição típica de acusativo varie de acordo com a construção, o constituinte se mantém o mesmo, no papel de causado	0	O Tariana não apresenta uma ordem básica de constituintes. Não identificamos um lugar típico de acusativo (OD), pois não é possível determinar qual dos dois argumentos de tipo O seria o acusativo	0	Não, o constituinte que ocupa o lugar típico de acusativo é o causado	0	Os dados mostram uma ordem recorrente (O AO-V (CausadoSP)). As causativas de ditransitivos apresentam a ordem O V CausadorSP CausadoSP (RecipienteSP). O constituinte que ocupa o lugar típico de acusativo é o participante afetado (O)	1	Os dados das causativas mostram uma ordem recorrente (O A-V-O A CausadoSP). As causativas de ditransitivos apresentam a mesma ordem. O constituinte que ocupa o lugar típico de acusativo é o participante afetado (O)	1
11	Há alguma restrição na formação de causativas de transitivos? Em caso afirmativo, descreva-a.	Sim, verbos derivados com o prefixo <i>ka-</i> 'aplicativo' não ocorrem com o prefixo <i>na-</i> ~ <i>niha-</i>	1	Sim, a causativa morfológica ocorre quase exclusivamente com verbos que expressam atividades tradicionais	1	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI
12	Foram identificados aspectos cognitivos envolvidos na causativa de transitivo?	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI

Quadro 1.4 – Línguas Jarawara, Tariana, Apurinã, Wayana e Hixkaryana (questões 13 a 16)

	Línguas	Jarawara	cód_Jar	Tariana	cód_Tar	Apurinã	cód_Apu	Wayana	cód_Way	Hixkaryana	cód_Hix
Questões											
13	A língua apresenta causativa sintática (perifrástica ou analítica) com verbos transitivos? Em caso afirmativo, quais são os verbos responsáveis pela causatividade?	Não identificamos	NA	Na perifrástica, o verbo responsável é <i>-ni</i> ‘fazer’ (não identificamos dados). Na causativa com verbos seriais, os verbos costumam ser <i>-a</i> ‘fazer, dizer, dar’, <i>-ira</i> ‘pedir’ e <i>-pala</i> ‘colocar’	1	Não identificamos	NA	Não identificamos	NA	Não identificamos	NA
14	Há verbos usados exclusivamente para expressar causatividade sintática (perifrástica ou analítica)? Em caso afirmativo, especifique.	Não identificamos	NA	Não identificamos	NI	Não identificamos	NA	Não identificamos	NA	Não identificamos	NA
15	Em relação às causativas com dois verbos, há distinção entre causativa mono-oracional e bi-oracional? Em caso afirmativo, há algum critério ou propriedade sintática para diferenciá-las?	Não identificamos	NA	Sim, a perifrástica é bi-oracional, e a causativa serial é mono-oracional. Os critérios para diferenciar a causativa bi-oracional são: marcação independente para cada verbo, referente a cada sujeito envolvido; tempo, aspecto, negação; pausa entonacional após cada verbo; quando ocorre com marcação de dependência, há marca de subordinação, não formando um predicado único	1	Não identificamos	NA	Não identificamos	NA	Não identificamos	NA
16	Há pares com aproximação semântica que possam ser identificados como “verbo lexical transitivo” versus “verbo lexical transitivo causativo” correspondente?	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI

Quadro 1.5 – Línguas Jarawara, Tariana, Apurinã, Wayana e Hixkaryana (questões 17 a 20)

	Línguas Questões	Jarawara	cód_Jar	Tariana	cód_Tar	Apurinã	cód_Apu	Wayana	cód_Way	Hixkaryana	cód_Hix
17	Há critérios para diferenciar os pares de lexemas relacionados com a causatividade lexical tratada na questão anterior?	Não identificamos	NA	Não identificamos	NA	Não identificamos	NA	Não identificamos	NA	Não identificamos	NA
18	O causado assume qual função sintática nas causativas de transitivos?	O causado assume a função de “objeto transitivo” (O)	O	O causado assume a função de objeto, não sendo possível determinar se é um objeto direto ou indireto	O	O causado assume a função de “objeto”	O	O causado assume a função de “obliquo”, “objeto de posposição” e “argumento periférico”	Obl	O causado assume a função de um “subtipo de adjunto”, “objeto obliquo” ou “não termo”	Adj OObl
19	O causado mantém o mesmo caso ou função sintática que exercia na estrutura primitiva (não causativa)? Em caso afirmativo, o causador e o causado compartilham propriedades de sujeito (ou de outra função) entre si? Se compartilharem, há algum critério ou propriedade sintática para identificar o sujeito (ou a outra função) hierarquicamente mais alto?	Não mantém o caso nem a função sintática de sujeito. Não identificamos compartilhamento das propriedades de sujeito	0	Não mantém o caso nem a função sintática de sujeito. Não identificamos compartilhamento das propriedades de sujeito	0	Não mantém o caso nem a função sintática de sujeito. Não identificamos compartilhamento das propriedades de sujeito	0	O causador e o causado podem compartilhar a marca formal, tendo em vista que o causado é codificado com a mesma posposição (ja) que marca o sujeito ergativo (causador). Não identificamos se o causado mantém o caso de quando era sujeito na estrutura primitiva	0 1	O causador e o causado podem compartilhar a marca formal quando há construção com oração subordinada transitiva, tendo em vista que o causado é codificado com a mesma posposição (wya) que marca o sujeito na subordinada. Não identificamos se o causado mantém o caso de quando era sujeito na oração primitiva subordinada	0 1
20	A marcação do causado ocorre com outros constituintes (ou é exclusiva dele)? Caso ocorra, especificar esses constituintes e as respectivas funções sintáticas na língua.	Não é exclusiva. As marcações de ordem e gênero do causado são comuns a outros constituintes	1	Não é exclusiva. As marcações de caso, gênero e ordem do causado são comuns a outros constituintes	1	Não é exclusiva. As marcações de ordem e gênero do causado são comuns a outros constituintes	1	Não é exclusiva. As marcações de ordem e posposição do causado são comuns a outros constituintes	1	Não é exclusiva. As marcações de ordem e posposição do causado são comuns a outros constituintes	1

Quadro 1.6 – Línguas Jarawara, Tariana, Apurinã, Wayana e Hixkaryana (questões 21 a 24)

	Línguas Questões	Jarawara	cód_Jar	Tariana	cód_Tar	Apurinã	cód_Apu	Wayana	cód_Way	Hixkaryana	cód_Hix
21	Com relação ao causado, há marcação morfológica distinta da função sintática exercida por ele? Em caso afirmativo, especifique.	Não identificamos	0	Não identificamos. Na causativa serial, o verbo causativizado é marcado com o mesmo prefixo que o verbo de causação, expressando o causador (sujeito), porém quem executa a ação do verbo causativizado é o causado	NI	Não identificamos	0	Não identificamos	0	Não identificamos	0
22	O causado e o paciente, na causativa de transitivo, podem ser codificados simultaneamente como objeto direto? Em caso afirmativo, eles realmente se comportariam sintaticamente como dois objetos diretos idênticos?	Não identificamos	0	O causado e o paciente são codificados como “objeto”, porém não é possível determinar se atuam como objeto direto ou indireto. Não identificamos testes que diferenciem o comportamento sintático dos dois participantes	1	Facundes (2000, p. 506-507) mantém a questão em aberto, não tratando o causado e o paciente como dois objetos simultâneos e reconhecendo a necessidade de mais pesquisas sobre o tema	NI	Não identificamos	0	Não identificamos	0
23	Na formação da causativa, o causado assume a posição livre mais alta imediatamente disponível segundo a Hierarquia de Casos apresentada em Comrie (1976, 1989) (Sujeito > Objeto direto > Objeto indireto > Objeto oblíquo)? Em caso negativo, informar a posição assumida.	Sim, após o novo sujeito (causador) demover o antigo sujeito (causado), este demove o objeto original, passando a ocupar sua função de “objeto transitivo”	1	Aparentemente sim. O novo sujeito (causador) demove o antigo sujeito (causado), o qual passa a ocupar a função de objeto. No entanto, a causativa passa a ter dois argumentos de tipo O. Esclarecemos que não é possível determinar se o causado atua como OD ou OI	1	Sim, o causado assume a função de objeto	1	O causado não segue a Hierarquia, por ser considerado um participante periférico (não nuclear)	0	Embora a análise de Derbyshire (1985) não seja definitiva, o causado não segue a Hierarquia, por não ser considerado um argumento	0
24	Há algum critério sintático ou propriedade sintática para diferenciar o causado dos demais constituintes?	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Sim. A marcação pronominal de objeto no verbo pode diferenciar o causado de eventuais SNs na mesma construção	1	Sim, a ordem dos constituintes pode ser usada para identificar o causado, sendo o primeiro SP interpretado como sujeito ergativo (A)/causador, o segundo como causado e o terceiro como dativo (recipiente ou experienciador)	1	Sim. Em causativas de ditransitivos, uma oração adicional precisa ser incluída no enunciado para expressar o OI (recipiente). Esse critério é identificado apenas nessas construções, nas quais o causado e o OI (recipiente) recebem marcas iguais (ɣya)	1

Quadro 1.7 – Línguas Jarawara, Tariana, Apurinã, Wayana e Hixkaryana (questões 25 a 28)

	Línguas	Jarawara	cód_Jar	Tariana	cód_Tar	Apurinã	cód_Apu	Wayana	cód_Way	Hixkaryana	cód_Hix
	Questões										
25	O causado pode ser omitido ou excluído? Em caso afirmativo, ocorre alteração na valência sintática?	O causado pode ser omitido. Não ocorre alteração na valência sintática	1	O causado pode ser “completamente omitido”. Não ocorre alteração na valência sintática	1	O causado pode ser omitido. Não ocorre alteração na valência sintática	1	O causado pode ser omitido. Não ocorre alteração na valência sintática	1	O causado pode ser omitido. A omissão é motivada pelo contexto pragmático e não altera a valência sintática	1
26	O causado pode ser relativizado? Em caso afirmativo, apresenta uma forma específica ou diferente de relativização em contraste com os demais constituintes?	Não identificamos, mas a posição de “objeto transitivo” (O), que é a ocupada pelo causado, pode ser relativizada nas construções não causativas	NI	Não identificamos, mas a posição de objeto, que é a ocupada pelo causado, pode ser relativizada nas construções não causativas	NI	Não identificamos relativização do causado, mas a posição de objeto, que é a ocupada pelo causado, pode ser relativizada nas construções não causativas	NI	Não identificamos, mas as posições de sujeito e objeto podem ser relativizadas (nominalizadas) nas construções não causativas	NI	Não identificamos	NI
27	Além do papel semântico de causado, quais outros papéis são expressos pelo causado nas causativas?	O causado apresenta traço [+HUMANO] e tende a expressar o papel de agente, mas pode ser paciente	Ag Pac	O causado costuma apresentar traço [+HUMANO], sendo animado e expressando o papel de agente	Ag	O causado apresenta traço [+HUMANO], sendo animado e expressando os papéis semânticos de agente e de experienciador	Ag Exp	O causado costuma apresentar traço [+HUMANO], sendo animado e expressando o papel de agente	Ag	O causado apresenta traço [+HUMANO], sendo animado e expressando os papéis semânticos de agente e de experienciador	Ag Exp
28	Quais propriedades semânticas (grau de controle e/ou afetação, ação direta, por exemplo) são identificáveis no causado? Informe se ele está no controle da atividade ou não (a exemplo de um ente inanimado ou de uma criança pequena) e se ele age com ou sem volição.	O causado pode ser animado ou inanimado. Mesmo sendo animado, pode não ser volicional e não estar no controle da atividade. Na causativa com reduplicação, que tem sentido permissivo, o causado detém mais controle. A causativa básica tende a implicar menos controle por parte do causado	Controle/ Sem controle, Volição/S em volição	Os dados disponíveis não permitem concluir se o causado está no controle das atividades ou se as exerce com volição	NI	Os dados disponíveis não permitem concluir se o causado está no controle das atividades ou se as exerce com volição	NI	Os dados disponíveis não permitem concluir se o causado está no controle das atividades ou se as exerce com volição	NI	Os dados disponíveis não permitem concluir se o causado está no controle das atividades ou se as exerce com volição	NI

Quadro 1.8 – Línguas Jarawara, Tariana, Apurinã, Wayana e Hixkaryana (questões 29 a 32)

	Línguas Questões	Jarawara	cód_Jar	Tariana	cód_Tar	Apurinã	cód_Apu	Wayana	cód_Way	Hixkaryana	cód_Hix
29	Há mais de um tipo de causado na língua? Em caso afirmativo, qual deles é mais integrado conceitualmente à sentença?	Não identificamos	NI	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI
30	“O causador atua direta ou indiretamente” sobre o causado?	Não identificamos. Contudo, considerando que a causativa pode ter sentido permissivo e que o causado pode ser inanimado, não estar no controle da atividade e agir sem volição, deduzimos que o causador é capaz de atuar tanto indireta quanto diretamente	Dir Indir	Na introdução da obra, Aikhenvald (2003, p. 4) afirma que a causativa perifrástica (sintática) expressa causação indireta e que a causativa serial expressa causação direta. Contudo, essas afirmações são reformuladas, e Aikhenvald (2003, p. 278-279) esclarece que a causativa morfológica tende a expressar causação direta, assim como a perifrástica, e que a causativa com verbo serial expressa causação indireta	Dir Indir	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI	Considerando que o causador detém baixo grau de controle sobre a atividade, deduzimos que ele atua indiretamente sobre o causado	Indir	Considerando que o causador pode agir por meio de processos físicos, de comandos ou de permissões, deduzimos que ele é capaz de atuar tanto direta quanto indiretamente sobre o causado	Dir Indir
31	“O causador atinge o resultado acidental ou intencionalmente?” (Dixon, 2000, p. 62, tradução nossa)	Intencionalmente	Intenc	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI	Considerando as ações expressas, algumas com os marcadores de futuro ou de hortativo, deduzimos que o causador pode atingir o resultado intencionalmente	Intenc	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI	Considerando que o causador pode agir por meio de processos físicos, de comandos ou de permissões, deduzimos que ele atinge o resultado intencionalmente	Intenc
32	O causador apenas inicia um processo naturalmente ou o resultado é alcançado somente com esforço (talvez com violência)?	Não identificamos. Contudo, considerando que a causativa pode ter sentido permissivo e que o causador pode agir direta ou indiretamente e estar no controle da atividade, deduzimos que o causador é capaz de iniciar um processo tanto sem quanto com esforço	Natur Esfor	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI	Considerando que o causador pode agir física ou verbalmente, deduzimos que ele é capaz de iniciar um processo tanto naturalmente quanto com esforço	Natur Esfor

Quadro 1.9 – Línguas Jarawara, Tariana, Apurinã, Wayana e Hixkaryana (questões 33 a 36)

	Línguas Questões	Jarawara	cód_Jar	Tariana	cód_Tar	Apurinã	cód_Apu	Wayana	cód_Way	Hixkaryana	cód_Hix
33	“O causador também está envolvido na atividade (além do causado)? Ou não está envolvido?”	Seguindo o raciocínio das questões 31 e 33, parece que o causador pode ou não estar envolvido na atividade	1	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI	O causador não está envolvido na atividade e detém baixo grau de controle sobre ela	0	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI
34	Em relação à pragmática, a língua apresenta, por exemplo, graus de topicalidade ou foco relacionados ao causado ou ao paciente nas causativas de transitivos? Em caso afirmativo, especifique.	Não identificamos	NI	Sim, o causado e o paciente são marcados pelo morfema - <i>nuku</i> ‘tópico não sujeito’ quando expressos por nominais tópicos. Não identificamos operações de foco	1	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI
35	Há relação entre a frequência de uma dada situação e o tipo de construção causativa usado na língua?	Não identificamos	NI	Entendemos que a construção mais complexa (serial) veicula o sentido mais frequente, pois a causativa morfológica é menos produtiva do que a serial na causativização de verbos transitivos	1	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI
36	A língua apresenta mais de um mecanismo formal para expressar causativas de transitivos? Em caso afirmativo, é possível correlacionar o <i>continuum</i> “causativa sintática – causativa morfológica – causativa lexical” (Comrie, 1981, p. 167) e o sentido da causação, indo da menos direta (sintática) para a mais direta (lexical)? Esse <i>continuum</i> vai do alto controle para o baixo controle do causado?	Não identificamos	NA	Considerando a análise de que as causativas morfológica e perifrástica tendem a expressar causação direta, e a causativa serial expressa causação indireta, não confirmamos o contínuo, pois a perifrástica (bi-oracional) indica causação direta. Todavia, não identificamos os dados com a perifrástica. Se a comparação for feita entre a morfológica (direta) e a serial (indireta), confirmamos a tendência do contínuo. Não identificamos causativa lexical na língua	1	Não identificamos	NA	Não identificamos	NA	Não identificamos	NA

Quadro 1.10 – Línguas Jarawara, Tariana, Apurinã, Wayana e Hixkaryana (questões 37 a 40)

	Línguas Questões	Jarawara	cód_Jar	Tariana	cód_Tar	Apurinã	cód_Apu	Wayana	cód_Way	Hixkaryana	cód_Hix
37	As causativas se comportam como mudança de valência? Ou como voz? Explique.	O prefixo causativo aumenta a valência verbal. Não identificamos informações sobre vozes verbais	1	Os três mecanismos causativos aumentam a valência verbal, a qual também é entendida como um mecanismo de “aumento de transitividade”	1	Aumento de valência. As causativas não são tratadas como voz	1	Não alteram a valência. Não identificamos informações explícitas sobre vozes verbais	0	Há duas possibilidades de análise. Se considerarmos que Derbyshire (1985, p. 89; 1999, p. 44) afirma que a causativa de transitivo aumenta a valência verbal, haverá aumento de valência. Mas, se considerarmos que a valência se refere aos argumentos do verbo e que o causado é visto como um “subtipo de adjunto”, não haverá aumento. Não identificamos informações explícitas sobre vozes verbais	1 0
38	As causativas podem ser derivadas ou combinadas com outras vozes ou outros mecanismos de mudança de valência? Em caso afirmativo, informe qual(is).	Não identificamos	NI	Sim, o sufixo <i>-ita</i> em uma causativa serial sociativa com o verbo <i>-siwa</i> ‘estar junto’ pode ser combinado com o sufixo <i>-kaka</i> ‘recíproco’	1	Sim, o sufixo <i>-ka3</i> pode ser combinado com <i>-rewa</i> ‘intransitivizador’ ou com o recíproco <i>-kaka</i> . Alguns falantes aceitam os sufixos <i>-ka2</i> e <i>-ka3</i> na mesma construção	1	Sim, o sufixo <i>-po</i> pode ser anexado ao verbo transitivizado pelo sufixo <i>-ma</i> “transitivizador” (que, para nós, equivale a um causativo de intransitivo)	1	Sim, o sufixo <i>-ho</i> pode ser combinado com o verbo transitivizado por um sufixo causativo de intransitivo. Também ocorre na mesma construção com um prefixo “destransitivizador” marcado no verbo. Essas construções destransitivizadas podem ter sentido reflexivo ou próximo ao passivo	1
39	É possível identificar o percurso diacrônico ou ao menos a origem de morfemas causativos de transitivos, construções sintáticas causativas (perifrásticas ou analíticas) ou mesmo de causativas lexicais? Em caso afirmativo, especifique.	Não identificamos	NI	A morfologia causativa pode ser arcaica. O sufixo <i>-i (-ta)</i> parece ter expandido seu uso para o de um aumentador de valência (gramaticalização). Aikhenvald (2003, p. 277) propõe que a causativa perifrástica pode ter origem no contato com o Português. Segundo a autora, há verbos ambitransitivos com <i>-ita</i> fossilizado como parte da raiz. Os verbos transitivos que são empréstimos do Tukano também apresentam <i>-ta /-ita</i>	1	Não identificamos	NI	Sim. Os morfemas causativo (<i>-po</i>) e necessitativo (<i>-po</i>) podem estar relacionados historicamente. Existem semelhanças entre o causativo e outros possíveis cognatos dentro da família. O sufixo <i>-po</i> e seu alomorfe <i>-nehpo</i> podem estar diacronicamente relacionados às formas <i>*-po</i> e <i>*-metipo</i>	1	Sim. O sufixo <i>-ho</i> e seu alomorfe <i>-mohso</i> podem estar diacronicamente relacionados às formas <i>*-po</i> e <i>*-metipo</i>	1
40	É possível identificar mudanças diacrônicas na marcação de caso do causado?	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	A posposição <i>ja</i> , que marca o causado, é um reflexo da posposição dativa <i>*wɨya</i>	1	A posposição <i>wya</i> , que marca o causado, é um reflexo moderno da posposição dativa <i>*wɨya</i>	1

Quadro 1.11 – Línguas Jarawara, Tariana, Apurinã, Wayana e Hixkaryana (questões 41 e 42)

	Línguas	Jarawara	cód_Jar	Tariana	cód_Tar	Apurinã	cód_Apu	Wayana	cód_Way	Hixkaryana	cód_Hix
Questões											
41	Com relação às causativas de verbos transitivos, quais termos são usados? Eles são explicitamente definidos?	“Causer”: “novo argumento causador” e argumento “A”, o qual é definido como “sujeito transitivo”. “Causee”: “A original”, “A subjacente” e “O da causativa”, sendo o argumento “O” definido como “objeto transitivo”. Os argumentos A e O são chamados de “argumentos nucleares”. “SN periférico”: “O original”, “O subjacente” e “argumento não nuclear”. Constituintes marcados pela posposição <i>jaa</i>, como o “O original”, são tratados como “argumentos periféricos”, em oposição aos “argumentos nucleares”. A posposição <i>jaa</i> é chamada de “marcador oblíquo”		“Causer”: “A” (“sujeito transitivo”) e “sujeito do verbo de causação”. “Causee”: “A subjacente”, “sujeito subjacente do verbo causativizado” e “argumento objeto”. Na causativa serial, o causado pronominal recebe a glosa “OBJ”, de “caso objeto” (“<i>objective case</i>” ou “<i>object case</i>”). “O subjacente”: “<i>gift</i>” (coisa dada) e “argumento objeto”. Os três participantes são chamados de “argumentos nucleares”		“Causer”: “aquele que faz com que o causado faça algo”. “Causee”: “aquele que foi causado a fazer algo”. “Terceiro argumento”: “o que é causado para ser V-ado/ido” (“<i>what is caused to be V-ed</i>”); uma hipótese de análise de sua função sintática é chamada de “relação gramatical oblíqua”. Registramos o uso de “argumento recipiente” e “objeto recipiente” na descrição de verbos trivalentes		Causador: “A” (sujeito de verbo transitivo) e “<i>causer</i>”. Causado: “<i>causee</i>”, “terceiro elemento”, “terceiro participante”, “participante periférico”, “participante oblíquo”, “oblíquo”, “objeto de posposição”, “argumento periférico” e “argumento causado”. Paciente: “O” (“objeto direto”), “P” (“objeto transitivo”) e “participante afetado”. Constituintes S, A e OD: “argumento nuclear”. Constituintes “oblíquo” e OI: “argumento periférico”. Os termos não são explicitamente definidos		Causador: “<i>causer</i>”, “novo A” e “sujeito”. Causado: “<i>causee</i>”, referido como “<i>causee function</i>”, “<i>causee relation</i>” e “<i>role of causee</i>”, “agente intermediário”, “sintagma oblíquo agentivo” e “argumento causado”. Paciente: “objeto direto”, “O” (“objeto direto transitivo”), “P” (“objeto transitivo”) e “participante afetado”. Os termos não são explicitamente definidos	
42	Existe alguma terminologia particular? Em caso afirmativo, como é definida?	Causado: “O (objeto transitivo) da causativa”. Paciente: “O (objeto transitivo) original”; “argumento não nuclear” e “argumento periférico” da causativa. Posposição que marca o paciente: “marcador oblíquo”	1	O participante habitualmente referido como “paciente” na literatura teórica é chamado de “<i>gift</i>” (coisa dada)	1	Não identificamos	NI	Causado: “argumento periférico” e “argumento causado”. “Transitivizador” para o morfema que costuma ser tipologicamente entendido como o causativo de verbo intransitivo. “Terceiro argumento nuclear” para o “objeto indireto” ou “objeto secundário”. “Argumentos semânticos nucleares” para os três participantes dos verbos ditransitivos	1	Causado: “<i>causee function</i>”, “<i>causee relation</i>”, “sintagma oblíquo agentivo” e “argumento causado”. “Objeto indireto” para os papéis de “recipiente” e “destinatário” com a função de “adjunto”. “Objeto oblíquo” para SPs e “adjuntos”. “<i>Relator</i>” e “posposição agentiva/ergativa” para a posposição dativa; “Agente secundário” para o constituinte marcado pela posposição dativa. “TR1” (transitiva 1) e “TR2” (transitiva 2) para as construções não causativa transitiva e causativa de verbo transitivo	1

Quadro 2.1 – Línguas Wari’, Karipúna Crioulo Francês, Kanoê, Katukína e Kwazá (questões 1 a 4)

	Línguas	Wari’	cód_War	Karipúna Crioulo Francês	cód_KCF	Kanoê	cód_Kan	Katukína	cód_Kat	Kwazá	cód_Kwa
	Questões										
1	Quais são os mecanismos formais que a língua usa para formar causativas a partir de verbos transitivos?	Morfológico (<i>ara?</i>) na visão de Xiyein, Apontes e Camargos (2018). Modo imperativo com <i>ra?</i> e construção perifrástica com o verbo <i>tomi?</i> ‘falar’ para Apontes e Camargos (2013). Estes autores não as tratam como causativas. Para nós, parecem causativas sintáticas por justaposição (com <i>ra?</i>) e subordinação (com <i>tomi?</i>)	M Per	Sintático (verbo <i>fě</i> ‘fazer’). Tobler (1983) não trata como subordinação	S	Sintático (verbos <i>va</i> ‘mandar’, <i>vara</i> ‘falar’ e <i>po</i> ‘fazer’)	S	Sintático (verbos <i>man</i> ‘fazer, dizer, pegar/obter’ e <i>nobuk/babu</i> ‘dar uma ordem, mandar’, sendo <i>nobuk</i> o verbo usado no dialeto Kanamari e <i>babu</i> no dialeto Biá)	S	Morfológico (<i>-dy</i> e, a nosso ver, <i>-nĩ</i> , tratado como sufixo modal com sentido de causação)	M
2	A construção é causativizada diretamente? Ou passa por algum outro processo prévio de mudança de valência?	Diretamente ou com verbo transitivizado	1	Diretamente	1	Diretamente	1	Diretamente	1	Diretamente	1
3	Se houver morfema causativo, ele também desempenha outras funções? Em caso afirmativo, especifique o morfema e liste suas funções.	O morfema <i>ara?</i> , usado para causativizar verbos transitivos e intransitivos, também se comporta como verbo lexical com os sentidos de ‘fazer’ ou ‘construir’	1	Não identificamos causativa morfológica	NA	Não identificamos causativa morfológica	NA	Não identificamos causativa morfológica	NA	O sufixo <i>-dy</i> ocorre: lexicalizado; como “infixo”; com semântica benefactiva ou comparativa; com os sentidos de “fazer” ou “para fazer” e “sentir algo” ou “considerar como”. Também pode ser aplicado a nomes, assumindo os sentidos de “sentir” e de “fazer” ou “fazer com que venha a existir”. Atua como numeral, o qual é um nominal. O sufixo <i>-nĩ</i> ‘modalidade de causação’ atua como modo exortativo e tem os sentidos reflexivo e intencional	1
4	Se houver causatividade morfológica, é possível afirmar que os verbos transitivos que a recebem denotam ação abstrata? Em caso afirmativo, especifique e informe quais são esses verbos.	O verbo <i>hrik</i> ‘ver’ pode denotar ação abstrata	1	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	O verbo <i>āwĩi</i> ‘ver’ pode denotar ação abstrata	1

Quadro 2.2 – Línguas Wari', Karipúna Crioulo Francês, Kanoê, Katukína e Kwazá (questões 5 a 8)

	Línguas Questões	Wari'	cód_War	Karipúna Crioulo Francês	cód_KCF	Kanoê	cód_Kan	Katukína	cód_Kat	Kwazá	cód_Kwa
5	Há mais de um marcador causativo de transitivo? Em caso afirmativo, o que motiva a escolha de um e de outro?	Não identificamos	0	Não identificamos	0	Não identificamos	0	Além da diferença semântica entre os verbos <i>man</i> 'fazer, dizer, pegar/obter' e <i>nobuk/babu</i> 'dar uma ordem, mandar', não identificamos outras motivações	1	Entendemos que o sufixo modal <i>-ni</i> com sentido de causação pode atuar como morfema causativo. Para nós, o que diferencia <i>-ni</i> parece ser sua semântica permissiva	1
6	Existe causativa formada a partir de verbos com três argumentos/participantes (ditransitivos ou congêneres)? Em caso afirmativo, o causado assume qual função sintática?	Embora Everett e Kern (1997, dialeto Oro Nao) informem que os verbos transitivos e ditransitivos não podem ser causativizados, existe construção com o verbo ditransitivo <i>mi</i> 'dar' e semântica causativa realizada por meio do "discurso direto"	1	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI
7	Existem semelhanças entre a causativa de transitivos e a construção ditransitiva (ou congêneres)? Em caso afirmativo, quais são elas?	Sim. A ordem é a mesma e as marcações dos argumentos são similares em relação tanto aos clíticos/pronomes (pessoa, número, gênero) quanto aos constituintes nominais (participantes agente, recipiente, causado e causador não marcados; paciente/tema preposicionado em alguns dados). As únicas construções distintas são as perifrásticas com o verbo <i>tomi</i> ? 'falar', cuja ordem difere das não causativas (Apontes e Camargos, 2013, dialeto Oro Waram)	1	Como a causativa é sintática, sendo ela própria uma transitiva, sua semelhança se dá com a transitiva não derivada. Assim, além de as marcações pronominais dos participantes serem iguais, a ordem é a mesma (SVO). No entanto, como a causativa é formada por uma construção sintática, o objeto da causativa é expresso por outra oração	0	Como a causativa é sintática, sendo ela própria uma transitiva, sua semelhança se dá com a transitiva não derivada. Assim, além de as marcações pronominais dos participantes serem iguais, a ordem tende a ser a mesma (SOV ou SVO). No entanto, como a causativa é formada por uma construção sintática, o objeto da causativa é expresso por outra oração	0	Como a causativa é sintática, sendo ela própria transitiva, sua semelhança se dá com a transitiva não derivada. Assim, além de as codificações dos participantes serem iguais (marca ergativa, pronome de pessoa, ausência de marcação no paciente), a ordem tende a seguir o mesmo padrão O-V A (Agente-V Paciente) ou O V A (Agente V Paciente). No entanto, como a causativa é formada por uma construção sintática, o argumento externo (sujeito) da causativa é expresso por outra oração	0	Sim, além das marcações similares nos constituintes, a ordem costuma ser parecida. Na causativa e na ditransitiva, o OI animado costuma ser marcado pelo morfema <i>-wā</i> 'não sujeito animado', e o OD de 3ª pessoa não é marcado. O causado é considerado um OI e também é marcado com <i>-wā</i> . O verbo tende a ser codificado com os morfemas de sujeito e modo. A ordem dos objetos diretos e indiretos é variável nas causativas e nas ditransitivas, mas com padrões similares. Semanticamente, o OI das causativas atua como agente, e o OI das ditransitivas com o verbo <i>wady</i> - 'dar' atua como beneficiário	1
8	Existe causativa de transitivo formada a partir de verbos ambitransitivos? Especifique.	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Sim, <i>vara</i> 'falar'	1	Não identificamos	NI	Sim, <i>āwŷi</i> - 'ver', <i>jady</i> - 'alimentar' e <i>kui</i> - 'beber'	1

Quadro 2.3 – Línguas Warí’, Karipúna Crioulo Francês, Kanoê, Katukína e Kwazá (questões 9 a 12)

	Línguas Questões	Warí’	cód_War	Karipúna Crioulo Francês	cód_KCF	Kanoê	cód_Kan	Katukína	cód_Kat	Kwazá	cód_Kwa
9	Se houver incorporação nominal (IN) na língua, o verbo transitivo com IN pode ser causativizado? Em caso afirmativo, existe alguma diferença em relação ao verbo causativizado sem IN?	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI
10	A ordem de constituintes é fixa nas causativas? Qual constituinte ocupa o lugar típico de acusativo (OD)?	Os dados de Xiyein, Apontes e Camargos (2018) e de Everett e Kern (1997) apresentam ordem fixa (V OPaciente OCausado ACausador) nas causativas e nas construções com semântica causativa. Em Apontes e Camargos (2013), as exceções são as causativas perifrásticas com o verbo <i>tomi</i> ? ‘falar’, com a ordem V(<i>tomi</i> ?) OCausado ACausador V OPaciente. O constituinte que ocupa o lugar típico de acusativo é o participante com papel de paciente ou tema	1	Sim, a ordem mantém o padrão SVO. Como causativa é sintática, o constituinte que ocupa o lugar típico de acusativo é a oração de efeito. Essa segunda oração também reproduz a ordem da transitiva básica (SVO)	1	Não, a ordem é variável. Como a causativa é sintática, o constituinte que ocupa o lugar típico de acusativo é a oração de efeito. Essa segunda oração reproduz a ordem mais frequente da transitiva básica (SOV). Em um dado fornecido pelo autor, o OD da oração de causa não seria formado pela oração de efeito, mas pelo morfema de 1ª pessoa	0	Não, a ordem é variável. O constituinte que ocupa o lugar típico de acusativo é o causador	0	Não, a ordem é variável. O constituinte que ocupa o lugar típico de acusativo parece ser o paciente	0
11	Há alguma restrição na formação de causativas de transitivos? Em caso afirmativo, descreva-a.	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos. Voort (2004, p. 587) não atestou dados na 1ª pessoa do plural com o morfema <i>-nĩ</i> ‘modalidade de causação’	NI
12	Foram identificados aspectos cognitivos envolvidos na causativa de transitivo?	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Sim. A tendência ao padrão acusativo nos mecanismos de mudança de valência pode ser explicada pela hipótese da ‘acusatividade cognitiva’. Segundo essa proposta, a mente privilegia o agente em construções transitivas, de maneira que o alinhamento acusativo seria um reflexo desse viés cognitivo relativo ao agente, ao passo que a ergatividade seria o alinhamento marcado	1	Não identificamos	NI

Quadro 2.4 – Línguas Wari', Karipúna Crioulo Francês, Kanoê, Katukína e Kwazá (questões 13 a 16)

	Línguas	Wari'	cód_War	Karipúna Crioulo Francês	cód_KCF	Kanoê	cód_Kan	Katukína	cód_Kat	Kwazá	cód_Kwa
	Questões										
13	A língua apresenta causativa sintática (perifrástica ou analítica) com verbos transitivos? Em caso afirmativo, quais são os verbos responsáveis pela causatividade?	Verbo <i>tomi</i> ? 'falar', porém não é tratado como causativização propriamente (Apontes e Camargos, 2013, dialeto Oro Waram)	1	Verbo <i>fě</i> 'fazer'	1	Verbos <i>va</i> 'mandar' e <i>vara</i> 'falar'. Embora Bacelar (2004, p. 267) afirme que <i>po</i> 'fazer' pode atuar como causativo, não identificamos dados com esse verbo	1	Verbos <i>man</i> 'fazer, dizer, pegar/obter' e <i>nobuk/babu</i> 'dar uma ordem, mandar'	1	Voort (2004) não identifica. Para nós, um dado com o verbo <i>tjata</i> 'dizer a (uma pessoa)' pode mostrar uma causativa sintática	NA
14	Há verbos usados exclusivamente para expressar causatividade sintática (perifrástica ou analítica)? Em caso afirmativo, especifique.	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Verbo <i>va</i> 'mandar'	1	Não identificamos	NI	Não identificamos	NA
15	Em relação às causativas com dois verbos, há distinção entre causativa mono-oracional e bi-oracional? Em caso afirmativo, há algum critério ou propriedade sintática para diferenciá-las?	Entendemos que a "causativização perifrástica" com o verbo <i>tomi</i> ? 'falar' é bi-oracional e que a construção parece ser menos integrada do que as causativas sintáticas identificadas tipologicamente, podendo funcionar como subordinação	1	Entendemos que a construção causativa com o verbo <i>fě</i> 'fazer' é bi-oracional	0	Entendemos que as causativas com os verbos <i>va</i> 'mandar' e <i>vara</i> 'falar' são bi-oracionais	0	As causativas com os verbos <i>man</i> 'fazer, dizer, pegar/obter' e <i>nobuk/babu</i> 'dar uma ordem, mandar' são bi-oracionais	0	Para nós, a aparente causativa sintática com <i>tjata</i> 'dizer a (uma pessoa)' é bi-oracional e parece ser menos integrada do que as causativas sintáticas identificadas tipologicamente. Esclarecemos que Voort (2004) não dá esse tratamento aos dados	NA
16	Há pares com aproximação semântica que possam ser identificados como "verbo lexical transitivo" versus "verbo lexical transitivo causativo" correspondente?	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI

Quadro 2.5 – Línguas Wari', Karipúna Crioulo Francês, Kanoê, Katukína e Kwazá (questões 17 a 20)

	Línguas Questões	Wari'	cód_War	Karipúna Crioulo Francês	cód_KCF	Kanoê	cód_Kan	Katukína	cód_Kat	Kwazá	cód_Kwa
17	Há critérios para diferenciar os pares de lexemas relacionados com a causatividade lexical tratada na questão anterior?	Não identificamos	NA	Não identificamos	NA	Não identificamos	NA	Não identificamos	NA	Não identificamos	NA
18	O causado assume qual função sintática nas causativas de transitivos?	O causado assume a função de "objeto"	O	Deduzimos que o causado assume a função de sujeito da oração de efeito	S	O causado assume a função de sujeito da oração de efeito. Para nós, há dados em que o causado parece atuar como OD da oração de causa e sujeito da oração de efeito	S	A função do causado varia de acordo com o tipo de alinhamento da subordinada, sendo argumento interno (objeto) da subordinada, marcado pelo caso ergativo, ou argumento externo (sujeito) na oração de alinhamento acusativo	O S	O causado parece assumir a função de OI. Voort (2004, p. 367) propõe que, em alguns dados, não seria introduzido um sujeito causador, mas sim um "objeto agentivo"	OI
19	O causado mantém o mesmo caso ou função sintática que exercia na estrutura primitiva (não causativa)? Em caso afirmativo, o causador e o causado compartilham propriedades de sujeito (ou de outra função) entre si? Se compartilharem, há algum critério ou propriedade sintática para identificar o sujeito (ou a outra função) hierarquicamente mais alto?	Não mantém o caso nem a função sintática de sujeito. Não identificamos compartilhamento das propriedades de sujeito	0	O causado mantém a função sintática de sujeito. Contudo, como o causador e o causado ocorrem em orações distintas, não identificamos compartilhamento das propriedades de sujeito na mesma oração	1	O causado mantém a função sintática de sujeito. Contudo, como o causador e o causado ocorrem em orações distintas, não identificamos compartilhamento das propriedades de sujeito na mesma oração	1	A função do causado depende do alinhamento da oração subordinada. Nas ergativas, o causado preserva a função de argumento interno (objeto). Como o causador e o causado ocorrem em orações distintas, não identificamos o compartilhamento das propriedades de objeto. Nas construções acusativas, o causado ocupa a posição de argumento externo (sujeito) da oração subordinada	1	Não mantém o caso nem a função sintática de sujeito. Não identificamos compartilhamento das propriedades de sujeito	0
20	A marcação do causado ocorre com outros constituintes (ou é exclusiva dele)? Caso ocorra, especificar esses constituintes e as respectivas funções sintáticas na língua.	Não é exclusiva. As marcações de ordem e clítico/pronome do causado são comuns a outros constituintes	1	Não é exclusiva. As marcações de ordem e pronomes pessoais do causado são comuns a outros constituintes	1	Não é exclusiva. As marcações de ordem e pronomes pessoais do causado são comuns a outros constituintes	1	Não é exclusiva. As marcações de ordem, pronomes pessoais e marca de caso também ocorrem com outros constituintes	1	Não é exclusiva. As marcações de ordem e o morfema -wã 'não sujeito animado' são comuns a outros constituintes	1

Quadro 2.6 – Línguas Wari', Karipúna Crioulo Francês, Kanoê, Katukína e Kwazá (questões 21 a 24)

	Línguas Questões	Wari'	cód_War	Karipúna Crioulo Francês	cód_KCF	Kanoê	cód_Kan	Katukína	cód_Kat	Kwazá	cód_Kwa
21	Com relação ao causado, há marcação morfológica distinta da função sintática exercida por ele? Em caso afirmativo, especifique.	Não identificamos	0	Não identificamos	0	Não identificamos	0	Não identificamos	0	Não identificamos	0
22	O causado e o paciente, na causativa de transitivo, podem ser codificados simultaneamente como objeto direto? Em caso afirmativo, eles realmente se comportariam sintaticamente como dois objetos diretos idênticos?	Nas construções consideradas equivalentes à causativa, o causado e o paciente podem ser simultaneamente codificados com os morfemas de pessoa, número e gênero, mas não se comportam como dois objetos idênticos segundo Apontes e Camargos (2013). Em Xiyein, Apontes e Camargos (2018), não identificamos causado e paciente codificados igualmente (apenas o paciente pode ser preposicionado)	1	Não identificamos. Na oração que veicula o efeito da causativa, entendemos que o causado atua como sujeito, e o paciente, como objeto	NI	Não identificamos. Na oração que veicula o efeito da causativa, entendemos que o causado atua como sujeito, e o paciente, como OD	NI	Não identificamos	0	Não identificamos	0
23	Na formação da causativa, o causado assume a posição livre mais alta imediatamente disponível segundo a Hierarquia de Casos apresentada em Comrie (1976, 1989) (Sujeito > Objeto direto > Objeto indireto > Objeto oblíquo)? Em caso negativo, informar a posição assumida.	Aparentemente, sim. O antigo sujeito é demovido para a função de objeto (Xiyein, Apontes e Camargos, 2018). Como o objeto original mantém sua função sintática, a construção passa a ser formada por um sujeito e dois "objetos". Esclarecemos que os autores não informam se o causado atua como OD ou OI. A nosso ver, o constituinte que atua como OI é o tema ou paciente	1	Não. Como o mecanismo usado para formar causativas é o sintático, entendemos que o causado mantém a função de sujeito. A construção original passa a exercer a função de objeto da causativa	0	Não. Como o mecanismo usado para formar causativas é o sintático, o causado mantém a função de sujeito. A construção original passa a exercer a função de OD da causativa. Se considerarmos que o causado assume a função adicional de OD da oração de causa, ele seguiria a hierarquia	0	Não. Como o mecanismo usado para formar causativas é o sintático, o causado mantém a função de argumento interno (objeto) ou externo (sujeito), a depender do alinhamento da subordinada. A construção original passa a exercer a função de argumento externo (sujeito) da causativa	0	Sim, o sujeito original é demovido para a função de OI, pois a posição de OD já está preenchida. Entretanto, na proposta de Voort (2004, p. 367) sobre um dado específico, o causado não seguiria a hierarquia, pois a causativização seria feita pela introdução de um novo "objeto agentivo"	1
24	Há algum critério sintático ou propriedade sintática para diferenciar o causado dos demais constituintes?	Sim. A ordem do causado o diferencia, assim como a preposição no paciente em alguns dados. Como o sujeito não recebe correferência de gênero, sua marca de pessoa e número o distingue do causado	1	Sim. A função sintática dos argumentos é estabelecida pela ordem de constituintes	1	Sim. O sujeito é identificado pela referência cruzada no verbo e também pode ser marcado pelo classificador verbal -ro. Quanto ao objeto, os nomes marcados por classificador nominal ou os pronomes livres são correferenciados no verbo	1	Sim. O causado pode assumir função de argumento interno (objeto) ou externo (sujeito), tendo marcação ergativa ou acusativa, respectivamente. No padrão ergativo, o causado ocorre com a marca de caso ergativa ou prefixado ao verbo dependente. No acusativo, o causado não recebe codificação específica, mas o paciente ocorre em posição de argumento interno	1	Sim. O morfema -wā 'não sujeito animado' tende a marcar o causado (OI)	1

Quadro 2.7 – Línguas Wari', Karipúna Crioulo Francês, Kanoê, Katukína e Kwazá (questões 25 a 28)

	Línguas	Wari'	cód_War	Karipúna Crioulo Francês	cód_KCF	Kanoê	cód_Kan	Katukína	cód_Kat	Kwazá	cód_Kwa
	Questões										
25	O causado pode ser omitido ou excluído? Em caso afirmativo, ocorre alteração na valência sintática?	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	O causado pode ser omitido. Não ocorre alteração na valência sintática	1	O causado pode ser omitido. Não ocorre alteração na valência sintática	1	O causado pode ser omitido. Não ocorre alteração na valência sintática	1
26	O causado pode ser relativizado? Em caso afirmativo, apresenta uma forma específica ou diferente de relativização em contraste com os demais constituintes?	Não identificamos, mas as posições de sujeito e objeto podem ser relativizadas nas construções não causativas	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos relativização, mas o paciente pode ser relativizado nas construções não causativas	NI	Não identificamos, mas as posições de sujeito e objeto podem ser nominalizadas nas construções não causativas, em um processo considerado equivalente à relativização	NI
27	Além do papel semântico de causado, quais outros papéis são expressos pelo causado nas causativas?	O causado apresenta traço [+HUMANO], sendo animado e expressando os papéis semânticos de agente e de experienciador	Ag Exp	O causado apresenta traço [+HUMANO], sendo animado e expressando o papel semântico de agente	Ag	O causado apresenta traço [+HUMANO], sendo animado e expressando o papel semântico de agente	Ag	O causado apresenta traço [+HUMANO], sendo animado e expressando o papel semântico de agente	Ag	O causado apresenta traço [+ANIMADO], expressando os papéis semânticos de agente e de experienciador	Ag Exp
28	Quais propriedades semânticas (grau de controle e/ou afetação, ação direta, por exemplo) são identificáveis no causado? Informe se ele está no controle da atividade ou não (a exemplo de um ente inanimado ou de uma criança pequena) e se ele age com ou sem volição.	Xiyein, Apontes e Camargos (2018) são os únicos pesquisadores que reconhecem a existência de causativas de transitivos, mas seus dados não permitem concluir se o causado está no controle das atividades e se as exerce com volição. Em Everett e Kern (1997) e Apontes e Camargos (2013), deduzimos que o causado está no controle das atividades. Não identificamos os graus de afetação ou volição do causado	Controle	Deduzimos que o causado está no controle das atividades. Os dados disponíveis não permitem concluir se o causado as exerce com volição	Controle	Deduzimos que o causado está no controle das atividades. Os dados disponíveis não permitem concluir se o causado as exerce com volição	Controle	Os dados disponíveis não permitem concluir se o causado está no controle das atividades ou se as exerce com volição	NI	Deduzimos que o causado pode estar no controle das atividades. Contudo, o causado parece não ter controle da ação quando é prejudicado por ela. Não identificamos os graus de afetação ou volição do causado	Controle

Quadro 2.8 – Línguas Wari', Karipúna Crioulo Francês, Kanoê, Katukína e Kwazá (questões 29 a 32)

	Línguas Questões	Wari'	cód_War	Karipúna Crioulo Francês	cód_KCF	Kanoê	cód_Kan	Katukína	cód_Kat	Kwazá	cód_Kwa
29	Há mais de um tipo de causado na língua? Em caso afirmativo, qual deles é mais integrado conceitualmente à sentença?	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Como, para Bacelar (2004, p. 266), a construção original exerce a função de OD da causativa, não há mais de um tipo de causado. Porém, se considerarmos que, em (1) [270], o causado está inserido na estrutura de causa (OD) e parece ser recuperado na oração de efeito por anáfora zero, deduzimos que ele é mais integrado. Já o causado de (5) [273] não exerce controle de correferência, e o sujeito da oração de efeito precisa se manifestar com outra forma, sendo o menos integrado	1	Embora existam dois tipos de causado na subordinada, um ergativo e um nominativo, não identificamos qual deles seria mais integrado. Nas duas construções, o verbo subordinado pode ocorrer com o sufixo de dependência <i>-nin</i>	1	Não identificamos	NI
30	“O causador atua direta ou indiretamente” sobre o causado?	Nas construções consideradas equivalentes à causativa, considerando que o causador pode agir por meio de comandos, deduzimos que ele é capaz de atuar indiretamente sobre o causado	Indir	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI	Considerando que o causador age por meio de comandos, deduzimos que ele atua indiretamente sobre o causado	Indir	Indiretamente	Indir	Considerando que o causador pode agir por meio de comandos, deduzimos que ele atua indiretamente sobre o causado	Indir
31	“O causador atinge o resultado acidental ou intencionalmente?” (Dixon, 2000, p. 62, tradução nossa)	Nas construções consideradas equivalentes à causativa, considerando que o causador pode agir por meio de comandos, deduzimos que ele é capaz de atuar intencionalmente	Intenc	Deduzimos que o causador é capaz de agir intencionalmente	Intenc	Deduzimos que o causador atua intencionalmente	Intenc	Considerando que o causador pode agir por meio de comandos, deduzimos que ele atua intencionalmente	Intenc	Considerando que o causador pode agir por meio de comandos, deduzimos que ele atua intencionalmente	Intenc
32	O causador apenas inicia um processo naturalmente ou o resultado é alcançado somente com esforço (talvez com violência)?	Nas construções consideradas equivalentes à causativa, considerando que o causador pode agir por meio de comandos, deduzimos que ele é capaz de agir naturalmente	Natur	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI	Considerando que o causador age por meio de comandos, deduzimos que ele inicia o processo naturalmente	Natur	Considerando que o causador pode agir por meio de comandos, deduzimos que ele é capaz de agir naturalmente	Natur	Considerando que o causador pode agir por meio de comandos, deduzimos que ele é capaz de agir naturalmente	Natur

Quadro 2.9 – Línguas Wari’, Karipúna Crioulo Francês, Kanoê, Katukína e Kwazá (questões 33 a 36)

	Línguas	Wari’	cód_War	Karipúna Crioulo Francês	cód_KCF	Kanoê	cód_Kan	Katukína	cód_Kat	Kwazá	cód_Kwa
	Questões										
33	“O causador também está envolvido na atividade (além do causado)? Ou não está envolvido?”	Nas construções consideradas equivalentes à causativa, considerando que o causador pode agir por meio de comandos, deduzimos que ele não está envolvido na atividade	0	Deduzimos que o causador não está envolvido na atividade	0	Deduzimos que o causador não está envolvido na atividade	0	Considerando que o causador pode agir por meio de comandos, deduzimos que ele não está envolvido na atividade em conjunto com o causado	0	Considerando que o causador pode agir por meio de comandos, deduzimos que ele não está envolvido na atividade em conjunto com o causado	0
34	Em relação à pragmática, a língua apresenta, por exemplo, graus de topicalidade ou foco relacionados ao causado ou ao paciente nas causativas de transitivos? Em caso afirmativo, especifique.	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI
35	Há relação entre a frequência de uma dada situação e o tipo de construção causativa usado na língua?	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI
36	A língua apresenta mais de um mecanismo formal para expressar causativas de transitivos? Em caso afirmativo, é possível correlacionar o <i>continuum</i> “causativa sintática – causativa morfológica – causativa lexical” (Comrie, 1981, p. 167) e o sentido da causação, indo da menos direta (sintática) para a mais direta (lexical)? Esse <i>continuum</i> vai do alto controle para o baixo controle do causado?	Nas construções consideradas equivalentes à causativa, a construção perifrástica com o verbo <i>tomi</i> ? ‘falar’ é usada em conjunto com o imperativo ou em conjunto com a causativa de intransitivo e também com o imperativo. Logo, o uso de mais material linguístico pode ser indicio de causação menos direta nessas construções do que no modo imperativo com <i>ra</i> ? Os dados disponíveis não permitem concluir se há diferença no grau de controle do causado	1	Não identificamos	NA	Não identificamos	NA	Não identificamos. Registramos que as causativas de intransitivos são formadas por sufixação e podem expressar causação direta ou indireta	NA	Voort (2004) não identifica outros mecanismos formais para expressar causatividade. Para nós, porém, a construção com o verbo <i>tjata</i> ‘dizer a (uma pessoa)’ e o verbo <i>müi</i> ‘submergir, buscar água, mergulhar’ marcado no modo imperativo parece menos direta do que aquelas com os sufixos <i>-dy</i> ou <i>-ni</i> , as quais mostram menos material linguístico. Os dados disponíveis não permitem concluir se há diferença no grau de controle do causado	NA

Quadro 2.10 – Línguas Warí’, Karipúna Crioulo Francês, Kanoê, Katukína e Kwazá (questões 37 a 40)

	Línguas Questões	Warí’	cód_War	Karipúna Crioulo Francês	cód_KCF	Kanoê	cód_Kan	Katukína	cód_Kat	Kwazá	cód_Kwa
37	As causativas se comportam como mudança de valência? Ou como voz? Explique.	Aumento de valência. Não identificamos informações explícitas sobre vozes verbais	1	Não identificamos. Em nosso ponto de vista, há aumento de valência, dada a introdução do verbo <i>fê</i> ‘fazer’ e de um novo participante causador que age sobre os demais e torna esses participantes e o evento conceitualmente dependentes entre si	1	Não identificamos. Em nosso ponto de vista, há aumento de valência, dada a introdução do verbo veiculando o sentido causativo e de um novo participante que age sobre os demais e torna esses participantes e o evento conceitualmente dependentes entre si. Não há voz causativa no Kanoê (Bacelar, 2004, p. 201)	1	Aumento de valência. Não identificamos informações explícitas sobre vozes verbais	1	Aumento de valência. Não identificamos informações explícitas sobre vozes verbais	1
38	As causativas podem ser derivadas ou combinadas com outras vozes ou outros mecanismos de mudança de valência? Em caso afirmativo, informe qual(is).	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI
39	É possível identificar o percurso diacrônico ou ao menos a origem de morfemas causativos de transitivos, construções sintáticas causativas (perifrásticas ou analíticas) ou mesmo de causativas lexicais? Em caso afirmativo, especifique.	Sim. O morfema causativo <i>ara?</i> pode ter origem no verbo transitivo <i>ara?</i> ‘fazer’ ou ‘construir’	1	Sim. Como se trata de uma língua crioula formada a partir do contato de povos indígenas com o Francês da Guiana Francesa, deduzimos que o verbo <i>fê</i> ‘fazer’ deriva do francês <i>faire</i> ‘fazer’	1	O fato de o verbo <i>po</i> ‘fazer’ ser “eventualmente causativo” nos permite deduzir que existem dois usos do verbo: um lexical e outro gramaticalizado na função causativa. Não identificamos o percurso nem a origem dos verbos <i>va</i> ‘mandar’ e <i>vara</i> ‘falar’	1	Sim. Para explicar o comportamento acusativo na causativa, Queixalós (2010, p. 275) propõe que a oração acusativa pode ter servido de base para o desenvolvimento dos mecanismos de mudança de valência. Em relação ao verbo <i>man</i> ‘fazer, dizer, pegar/obter’, o autor afirma que o sufixo causativo de verbos intransitivos <i>-man</i> está etimologicamente relacionado a esse verbo e que essa origem contribui para a causação indireta do sufixo. Não identificamos o percurso diacrônico nem a origem do verbo causativo <i>nobuk/babu</i> ‘dar uma ordem, mandar’	1	Como o sufixo causativo <i>-dy</i> é homófono dos morfemas <i>-dy-</i> ‘sujeito diferente’ e <i>-dy-</i> ‘possessivo’, Voort (2004) avalia que podem estar relacionados. O morfema <i>-dy-</i> está lexicalizado na raiz verbal de <i>wady-</i> ‘dar’ e na de outros verbos, como <i>acwadyh̃y-</i> ‘forçar’, <i>keredy-</i> ‘agradecer’, <i>m̃lre’dy-</i> ‘contribuir’, <i>tãl’dy-</i> ‘frear, travar’, entre outras. Quanto ao sufixo modal <i>-ñl</i> , Voort (2004) informa que se trata de um sufixo deverbal e pondera que ele pode ter origem no morfema de modo exortativo <i>-ñl</i> . O morfema <i>-ñl</i> ‘nominalizador’ pode estar etimologicamente relacionado ao sufixo <i>-ñl</i>	1
40	É possível identificar mudanças diacrônicas na marcação de caso do causado?	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Sim. A forma ergativa da oração subordinada, com a subsequente marca no agente (causado), pode ser indicio de mudança diacrônica na marcação de caso do causado	1	Não identificamos	NI

Quadro 2.11 – Línguas Warí’, Karipúna Crioulo Francês, Kanoê, Katukína e Kwazá (questões 41 e 42)

	Línguas	Warí’	cód_War	Karipúna Crioulo Francês	cód_KCF	Kanoê	cód_Kan	Katukína	cód_Kat	Kwazá	cód_Kwa
	Questões										
41	Com relação às causativas de verbos transitivos, quais termos são usados? Eles são explicitamente definidos?	Morfema causativo: “partícula”. Causador: “causador”, “terceiro argumento”, “argumento nuclear”, “novo argumento agente”, “novo participante” e “sujeito”. Causado: “argumento causado”, “argumento nuclear” e “objeto”. Paciente: “objeto” e “objeto mais baixo”. Destinatário ou terceiro argumento: “objeto indireto”. Os termos não são explicitamente definidos		Causador: “S” (sujeito), “instigativo” e “agente”. O agente é “aquele que realiza uma ação ou experimenta uma reação a um estímulo”. “Instigativo” não é definido. Oração encaixada: “O” (objeto) e “alcance/resultado” (<i>range/result</i>). O “alcance” é “o que expressa os limites de uma ação ou estado”. “Ditransitiva”: oração que expressa uma de suas funções por meio de outra oração (a causativa é “ditransitiva”, pois seu objeto é expresso pela não causativa original). “Bitransitiva”: oração com três participantes, mas não é “ditransitiva”, pois não implica duas orações dependentes. O terceiro participante da bitransitiva é chamado de “referente”		Causador: “sujeito agente de uma ação causativa”. Causado: “sujeito da oração argumental infinitiva”. A oração encaixada que preenche a vaga do paciente na causativa é considerada uma “oração argumental” com a função de “objeto direto”. A oração principal, que “exerce uma função causativa”, também é chamada de “oração argumental”. Os termos não são explicitamente definidos		Causador: “agente”, “argumento incremental”, “argumento interno” ou “objeto”, “causador” e “incremento”. O “incremento” é entendido como “o novo participante”. Causado: “ <i>causee</i> ”, “participante causado”, “agente do verbo subordinado” e “argumento interno” da subordinada. Dos Anjos (2011, p. 282) define o agente como “o participante que faz, performa, executa algo de forma referencialmente intencional”. O paciente é referido como “argumento externo” da subordinada. Dos Anjos (2011, p. 282) o define como “o participante que é afetado por uma ação ou acontecimento”. Os “incrementais” são os “mecanismos que modificam a estrutura argumental”		Causador: “ <i>causer</i> ”, entendido como função semântica, e “sujeito gramatical”. Causado: “agente da raiz verbal”, “objeto agentivo”, “objeto gramatical” e “objeto indireto animado”. Não identificamos definições explícitas	
42	Existe alguma terminologia particular? Em caso afirmativo, como é definida?	“Pronomes relacionais” ou “pronomes referenciais” para a marcação dos argumentos. “Processo paralelo à causativização” ou “causativização paralela” para construções consideradas equivalentes à causativa. “Dupla causativização” para a construção formada pela causativa de intransitivo em conjunto com o imperativo. “Recuperador argumental do verbo” para os marcadores de correferência argumental	1	Uso de “ditransitivo” para implicar a existência de orações dependentes, em sentido diverso do termo “bitransitivo”. Classificação de “instigativo” para o causador. “Alcance” ou “resultado” (<i>range/result</i>), em lugar de “paciente”, para o objeto da oração transitiva encaixada	1	Não identificamos	NI	Uso de “incremento” e “argumento incremental” para o causador e “incrementais” para os mecanismos de aumento de valência	1	Não identificamos	NI

Quadro 3.1 – Línguas Bororo, Xavante, Rikbáktsa, Hup e Kadiwéu (questões 1 a 4)

	Línguas Questões	Bororo	cód_Bor	Xavante	cód_Xav	Rikbáktsa	cód_Rik	Hup	cód_Hup	Kadiwéu	cód_Kad
1	Quais são os mecanismos formais que a língua usa para formar causativas a partir de verbos transitivos?	Sintático (verbos <i>dě</i> 'causar, permitir' e <i>gē</i> 'fazer começar' (causativo + inceptivo))	S	Não identificamos causativas formadas a partir de verbos transitivos	NA	Morfológico (-wə)	M	Sintático (verbos <i>g'et</i> 'ficar, manter' e <i>yāh</i> 'ordenar, solicitar, obrigar'). Epps (2008) trata esse mecanismo como "composição verbal"	S	Morfológico (-gad)	M
2	A construção é causativizada diretamente? Ou passa por algum outro processo prévio de mudança de valência?	Diretamente	1	-	NA	Diretamente	1	Diretamente	1	Diretamente	1
3	Se houver morfema causativo, ele também desempenha outras funções? Em caso afirmativo, especifique o morfema e liste suas funções.	Não identificamos causativa morfológica formada a partir de verbos transitivos	NA	-	NA	Não identificamos	NI	Não identificamos	NA	Não identificamos	NI
4	Se houver causatividade morfológica, é possível afirmar que os verbos transitivos que a recebem denotam ação abstrata? Em caso afirmativo, especifique e informe quais são esses verbos.	Não identificamos	NI	-	NA	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI

Quadro 3.2 – Línguas Bororo, Xavante, Rikbáktsa, Hup e Kadiwéu (questões 5 a 8)

	Línguas Questões	Bororo	cód_Bor	Xavante	cód_Xav	Rikbáktsa	cód_Rik	Hup	cód_Hup	Kadiwéu	cód_Kad
5	Há mais de um marcador causativo de transitivo? Em caso afirmativo, o que motiva a escolha de um e de outro?	Não identificamos	0	-	NA	Não identificamos	0	Fatores semânticos e contextuais. O verbo <i>yãh</i> veicula sentido de permissão ou ordem. O verbo <i>g'et</i> indica que causador auxilia o causado a executar a ação, podendo ter participação na atividade. A construção com <i>g'et</i> costuma ser empregada em referência a crianças. Formalmente, <i>g'et</i> ocorre na posição inicial da composição, e <i>yãh</i> na posição final	1	Não identificamos	0
6	Existe causativa formada a partir de verbos com três argumentos/participantes (ditransitivos ou congêneres)? Em caso afirmativo, o causado assume qual função sintática?	Não identificamos	NI	-	NA	Não identificamos	NI	Sim. O causado assume a função de objeto	1	Não identificamos	NI
7	Existem semelhanças entre a causativa de transitivos e a construção ditransitiva (ou congêneres)? Em caso afirmativo, quais são elas?	Como a causativa é sintática, sendo ela própria transitiva, sua semelhança se dá com a transitiva não derivada. Assim, além de as marcações pronominais dos participantes serem as mesmas, a ordem das causativas (A Causado-V OD V) parece se basear na das transitivas (A OD V). A diferença está na posição do verbo causativo, que substitui a marca de aspecto do agente da oração de efeito. Segundo Crowell, T. (1979, p. 46), o OD da causativa é expresso pela oração de efeito	0	-	NA	Não identificamos semelhanças entre as causativas e as construções “trivalentes”. As semelhanças ocorrem com as “divalentes”, pois a ordem dos constituintes e os índices de pessoa tendem a ser similares	0	Sim. A marcação (<i>-ân</i> 'objeto') e a ordem dos constituintes são similares (O O A V ou A O O V)	1	Não identificamos semelhanças entre as causativas e as ditransitivas. As semelhanças ocorrem com as transitivas constituídas por uma estrutura verbal marcada pelo prefixo de sujeito	0
8	Existe causativa de transitivo formada a partir de verbos ambitransitivos? Especifique.	Não identificamos	NI	-	NA	Não identificamos	NI	Não identificamos. Epps (2008) informa que a ambitransitividade verbal não é evidente no Hup	NI	Não identificamos	NI

Quadro 3.3 – Línguas Bororo, Xavante, Rikbaktsa, Hup e Kadiwéu (questões 9 a 12)

	Línguas Questões	Bororo	cód_Bor	Xavante	cód_Xav	Rikbaktsa	cód_Rik	Hup	cód_Hup	Kadiwéu	cód_Kad
9	Se houver incorporação nominal (IN) na língua, o verbo transitivo com IN pode ser causativizado? Em caso afirmativo, existe alguma diferença em relação ao verbo causativizado sem IN?	Não identificamos	NI	-	NA	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI
10	A ordem de constituintes é fixa nas causativas? Qual constituinte ocupa o lugar típico de acusativo (OD)?	Sim. Como a causativa é sintática, o constituinte que ocupa o lugar típico de acusativo, segundo Crowell, T. (1979, p. 46), é a oração de efeito. Essa oração mantém a ordem AOV, reproduzindo o padrão das transitivas básicas	1	-	NA	Os dados das causativas mostram uma ordem recorrente (AOV). Com três participantes, a ordem passa a ser A OPaciente Causado V, com o causado na posição do OD. O constituinte que ocupa o lugar típico de acusativo é o paciente	0	Não, a posição dos argumentos sujeito e objeto pode se alternar entre si, como O O A V ou A O O V. Um dado elicitado de causativa de ditransitivo apresenta um terceiro objeto em posição pós-verbal (A O O V O). O constituinte que ocupa o lugar típico de acusativo é o paciente	0	Sandalo (1997) defende que a ordem de constituintes é livre no Kadiwéu. A única causativa de transitivo que identificamos apresenta apenas a estrutura verbal, com verbo, prefixo de sujeito, prefixo direcional e sufixo causativo, sem marcação de objeto ou sintagmas nominais explícitos. Não identificamos o constituinte que ocupa o lugar típico de acusativo	0
11	Há alguma restrição na formação de causativas de transitivos? Em caso afirmativo, descreva-a.	Não identificamos	NI	-	NA	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Aparentemente, sim. O verbo só pode ser causativizado se estiver "especificado para causa", porém não identificamos mais dados para contrastar	1
12	Foram identificados aspectos cognitivos envolvidos na causativa de transitivo?	Não identificamos	NI	-	NA	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI

Quadro 3.4 – Línguas Bororo, Xavante, Rikbáktsa, Hup e Kadiwéu (questões 13 a 16)

	Línguas	Bororo	cód_Bor	Xavante	cód_Xav	Rikbáktsa	cód_Rik	Hup	cód_Hup	Kadiwéu	cód_Kad
	Questões										
13	A língua apresenta causativa sintática (perifrástica ou analítica) com verbos transitivos? Em caso afirmativo, quais são os verbos responsáveis pela causatividade?	Verbo <i>dẽ</i> ‘causar, permitir’. Não identificamos dados de verbos transitivos com <i>gẽ</i> ‘fazer começar’	1	-	NA	Não identificamos	NA	Verbos <i>g’et</i> ‘ficar, manter’ e <i>yãh</i> ‘ordenar, solicitar, obrigar’. Epps (2008) trata essas construções como "composição verbal"	1	Não identificamos	NA
14	Há verbos usados exclusivamente para expressar causatividade sintática (perifrástica ou analítica)? Em caso afirmativo, especifique.	Sim. Entendemos que os verbos <i>dẽ</i> ‘causar, permitir’ e <i>gẽ</i> ‘fazer começar’ são exclusivamente causativos, pois não identificamos ocorrências de usos não causativos com esses verbos	1	-	NA	Não identificamos	NA	Não identificamos	NI	Não identificamos	NA
15	Em relação às causativas com dois verbos, há distinção entre causativa mono-oracional e bi-oracional? Em caso afirmativo, há algum critério ou propriedade sintática para diferenciá-las?	Entendemos que as causativas com o verbo <i>dẽ</i> ‘causar, permitir’ são bi-oracionais. Todavia, pode haver algum grau de integração entre as duas orações, pois, segundo Crowell, T. (1979, p. 46-48), o verbo causativo não é lexical, ocorre dentro da oração dependente e seu objeto é uma oração nominal sem aspecto	0	-	NA	Não identificamos	NA	Não identificamos. Entendemos que as causativas com os verbos <i>g’et</i> ‘ficar, manter’ e <i>yãh</i> ‘ordenar, solicitar, obrigar’ são bi-oracionais	0	Não identificamos	NA
16	Há pares com aproximação semântica que possam ser identificados como “verbo lexical transitivo” versus “verbo lexical transitivo causativo” correspondente?	Não identificamos	NI	-	NA	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI

Quadro 3.5 – Línguas Bororo, Xavante, Rikbáktsa, Hup e Kadiwéu (questões 17 a 20)

	Línguas Questões	Bororo	cód_Bor	Xavante	cód_Xav	Rikbáktsa	cód_Rik	Hup	cód_Hup	Kadiwéu	cód_Kad
17	Há critérios para diferenciar os pares de lexemas relacionados com a causatividade lexical tratada na questão anterior?	Não identificamos	NA	-	NA	Não identificamos	NA	Não identificamos	NA	Não identificamos	NA
18	O causado assume qual função sintática nas causativas de transitivos?	Não identificamos menção explícita à função sintática do causado. Todavia, entendemos que as análises de Crowell, T. (1979) e Nonato (2008) contêm elementos suficientes para atribuir a função de OD ao causado. Propomos que o causado exerce funções sintáticas distintas nas duas orações: OD do verbo de causa e, simultaneamente, sujeito do verbo de efeito	OD/S	-	NA	Silva (2011, p. 347) afirma que o causado assume a função de adjunto, marcado por posposição. Todavia, na construção (7b) [191b], tratada como causativa de transitivo, o causado atua como OD. Nos demais dados, o causado não é expresso. A nosso ver, o dado (7b) [191b] pode ser interpretado como causativa de intransitivo	Adj	O causado assume duas funções sintáticas simultâneas: objeto do verbo de causa (com marca de caso de objeto) e sujeito do verbo de efeito	O/S	Não identificamos a função sintática do causado, pois não encontramos análise sobre a causativa de transitivo e dispomos de apenas um dado para avaliar a construção	NI
19	O causado mantém o mesmo caso ou função sintática que exercia na estrutura primitiva (não causativa)? Em caso afirmativo, o causador e o causado compartilham propriedades de sujeito (ou de outra função) entre si? Se compartilharem, há algum critério ou propriedade sintática para identificar o sujeito (ou a outra função) hierarquicamente mais alto?	O causado parece manter a função sintática de sujeito. Contudo, como o causador e o causado ocorrem em orações distintas, não identificamos compartilhamento das propriedades de sujeito na mesma oração	1	-	NA	Não mantém o caso nem a função sintática de sujeito. Não identificamos compartilhamento das propriedades de sujeito	0	Não mantém o caso, mas preserva a função sintática. Na “composição verbal”, o causado recebe a marca <i>-ân</i> ‘objeto’. Essa mudança morfológica não altera as propriedades de sujeito do causado, pois ele preserva essa função relativa ao verbo de efeito (Epps, 2008, p. 398). Como o causador e o causado ocorrem em orações distintas, não identificamos o compartilhamento das propriedades de sujeito na mesma oração	1	Aparentemente, não mantém o caso nem a função sintática de sujeito. Os dados disponíveis não permitem concluir se o causador e o causado compartilham alguma propriedade de sujeito entre si	0
20	A marcação do causado ocorre com outros constituintes (ou é exclusiva dele)? Caso ocorra, especificar esses constituintes e as respectivas funções sintáticas na língua.	Não é exclusiva. A posição e os pronomes pessoais também ocorrem com outros constituintes	1	-	NA	Não é exclusiva. As marcações de ordem, posposição, pronome pessoal e índice de pessoa do causado também ocorrem com outros constituintes	1	Não é exclusiva. A marca de caso e a ordem pré-verbal também ocorrem com outros constituintes	1	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI

Quadro 3.6 – Línguas Bororo, Xavante, Rikbáktsa, Hup e Kadiwéu (questões 21 a 24)

	Línguas Questões	Bororo	cód_Bor	Xavante	cód_Xav	Rikbáktsa	cód_Rik	Hup	cód_Hup	Kadiwéu	cód_Kad
21	Com relação ao causado, há marcação morfológica distinta da função sintática exercida por ele? Em caso afirmativo, especifique.	Não identificamos	0	-	NA	Não identificamos	0	Sim. A marcação morfológica de objeto (- <i>ân</i>) do verbo de causa difere da função de sujeito que o causado exerce em relação ao verbo de efeito	1	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI
22	O causado e o paciente, na causativa de transitivo, podem ser codificados simultaneamente como objeto direto? Em caso afirmativo, eles realmente se comportariam sintaticamente como dois objetos diretos idênticos?	Não identificamos	0	-	NA	Não identificamos	0	Sim, podem ser codificados como ODs, mas não se comportam como dois objetos idênticos, pois o causado também atua como sujeito do verbo de efeito. Outras diferenças são semânticas e pragmáticas: o paciente costuma ser inanimado e, por isso, não recebe a marca de caso; o participante que veicula a informação nova geralmente é mencionado primeiro; e a marcação dos objetos está relacionada à individuação das entidades	1	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI
23	Na formação da causativa, o causado assume a posição livre mais alta imediatamente disponível segundo a Hierarquia de Casos apresentada em Comrie (1976, 1989) (Sujeito > Objeto direto > Objeto indireto > Objeto oblíquo)? Em caso negativo, informar a posição assumida.	Não. Como o mecanismo usado para formar causativas é o sintático, o causado mantém a função de sujeito. A construção original passa a exercer a função de OD da causativa. Se considerarmos que o causado assume a função adicional de OD da oração de causa, ele seguiria a hierarquia	0	-	NA	Depende da construção. Em (3) [258], atua como “adjunto”, não seguindo a hierarquia. Em (7b) [191b], tratada como causativa de transitivo, o causado atua como OD e segue a hierarquia. Todavia, para nós, o dado (7b) [191b] também pode ser analisado como causativa de intransitivo	0	Como o mecanismo usado para formar causativas de transitivos é a “composição verbal”, a qual apresenta indícios de ser um tipo de causativa sintática, o causado mantém a função de sujeito do verbo de efeito, não sendo demovido para outra função. No entanto, como o causado exerce a função adicional de objeto do verbo de causa, é possível afirmar que ele segue a hierarquia, assumindo a posição livre mais alta disponível na nova estrutura	1	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI
24	Há algum critério sintático ou propriedade sintática para diferenciar o causado dos demais constituintes?	Sim. A ordem dos argumentos. Na oração de causa, a posição inicial é reservada ao sujeito (causador), e a função de OD é atribuída à oração sem marca de aspecto e contígua à oração de causa. Na oração de efeito, a função de OD é exercida pelo SN que precede o verbo, e a de sujeito parece ser exercida pelo pronome pessoal marcado no verbo causativo (o causado)	1	-	NA	Sim. Os critérios para identificar um “adjunto” incluem ser um termo não requerido pelo verbo e ser introduzido por posposição. Os critérios para identificar um OD são a indexação verbal, a marcação de caso, a ordem, a construção médio-passiva e a subida do possuidor	1	Sim. A ordem dos argumentos. Em construções elicítadas, parece haver preferência para que o causado ocorra antes do paciente. O participante que veicula a informação nova geralmente é mencionado primeiro	1	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI

Quadro 3.7 – Línguas Bororo, Xavante, Rikbaktsa, Hup e Kadiwéu (questões 25 a 28)

	Línguas	Bororo	cód_Bor	Xavante	cód_Xav	Rikbaktsa	cód_Rik	Hup	cód_Hup	Kadiwéu	cód_Kad
Questões											
25	O causado pode ser omitido ou excluído? Em caso afirmativo, ocorre alteração na valência sintática?	Não identificamos	NI	-	NA	O causado pode ser omitido. Não ocorre alteração na valência sintática	1	O causado pode ser omitido. Não ocorre alteração na valência sintática	1	O causado pode ser omitido. Os dados disponíveis não permitem concluir se ocorre alteração na valência sintática	1
26	O causado pode ser relativizado? Em caso afirmativo, apresenta uma forma específica ou diferente de relativização em contraste com os demais constituintes?	Não identificamos, mas as posições de sujeito e OD podem ser relativizadas nas construções não causativas	NI	-	NA	Não identificamos	NI	Não identificamos, mas as posições de sujeito e objeto (incluindo o recipiente e o beneficiário) podem ser relativizadas nas construções não causativas	NI	Não identificamos	NI
27	Além do papel semântico de causado, quais outros papéis são expressos pelo causado nas causativas?	O causado apresenta traço [+HUMANO], sendo animado e expressando o papel semântico de agente	Ag	-	NA	O causado parece apresentar traço [+ANIMADO], expressando o papel semântico de agente	Ag	O causado apresenta traço [+HUMANO], expressando os papéis semânticos de agente e de experienciador	Ag Exp	O causado apresenta traço [+HUMANO], sendo animado e expressando o papel semântico de agente	Ag
28	Quais propriedades semânticas (grau de controle e/ou afetação, ação direta, por exemplo) são identificáveis no causado? Informe se ele está no controle da atividade ou não (a exemplo de um ente inanimado ou de uma criança pequena) e se ele age com ou sem volição.	Deduzimos que o causado pode estar no controle das atividades. Os dados disponíveis não permitem concluir se o causado as exerce com volição	Controle	-	NA	Os dados disponíveis não permitem concluir se o causado está no controle das atividades ou se as exerce com volição. O dado (6b) [190b], com sentido permissivo e verbo ingestivo, sugere que o causado está no controle da ação e age com volição, mas, a nosso ver, o dado pode ser problematizado	NI	Deduzimos que o causado pode estar no controle das atividades. Contudo, como o verbo causativo <i>g'et-</i> pode ser usado com sentido comitativo, transmitindo a ideia de que o causador auxilia o causado, o grau de controle do causado pode ser menor nesse tipo de ação conjunta. Os dados disponíveis não permitem concluir se o causado as exerce com volição	Controle	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI

Quadro 3.8 – Línguas Bororo, Xavante, Rikbáktsa, Hup e Kadiwéu (questões 29 a 32)

	Línguas Questões	Bororo	cód_Bor	Xavante	cód_Xav	Rikbáktsa	cód_Rik	Hup	cód_Hup	Kadiwéu	cód_Kad
29	Há mais de um tipo de causado na língua? Em caso afirmativo, qual deles é mais integrado conceitualmente à sentença?	Seguindo a análise de Crowell, T. (1979), não parece haver mais de um tipo de causado. Todavia, é possível considerar que ele tende a exercer as funções de OD do verbo causativo e de sujeito do verbo de efeito. Com essa análise, haveria outro tipo de causado em (10) [231]. A conjunção <i>dü</i> parece ocupar a posição de argumento interno do verbo causativo, indicio da menor integração conceitual do causado à oração de causa nesse contexto de negação	1	-	NA	Se (7b) [191b] for tratado como causativa de transitivo, o causado estaria atuando como OD e sendo marcado no verbo por índice de pessoa. Isso seria indicio de que ele é mais integrado do que o causado posposicionado atuando como adjunto. Para nós, o dado (7b) [191b] também pode ser analisado como causativa de intransitivo	1	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI
30	“O causador atua direta ou indiretamente” sobre o causado?	Os dados disponíveis não permitem concluir. Nas construções com sentido permissivo, porém, ele é capaz de atuar indiretamente	NI Indir	-	NA	Considerando que o causador pode agir por meio de processos físicos e de permissões, deduzimos que ele é capaz de atuar tanto direta quanto indiretamente sobre o causado	Dir Indir	Considerando que o causador pode agir por meio de comandos, deduzimos que ele atua indiretamente sobre o causado	Indir	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI
31	“O causador atinge o resultado accidental ou intencionalmente?” (Dixon, 2000, p. 62, tradução nossa)	Deduzimos que o causador atua intencionalmente	Intenc	-	NA	Considerando que o causador pode agir por meio de processos físicos e de permissões, deduzimos que ele atua intencionalmente	Intenc	Considerando que o causador pode agir por meio de comandos, deduzimos que ele atua intencionalmente	Intenc	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI
32	O causador apenas inicia um processo naturalmente ou o resultado é alcançado somente com esforço (talvez com violência)?	Os dados disponíveis não permitem concluir. Nas construções com sentido permissivo, porém, ele é capaz de atuar naturalmente	NI Natur	-	NA	Considerando que o causador pode agir física ou verbalmente, deduzimos que ele é capaz de agir com ou sem esforço	Natur Esfor	Considerando que o causador pode agir por meio de comandos, deduzimos que ele é capaz de agir naturalmente	Natur	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI

Quadro 3.9 – Línguas Bororo, Xavante, Rikbáktsa, Hup e Kadiwéu (questões 33 a 36)

	Línguas	Bororo	cód_Bor	Xavante	cód_Xav	Rikbáktsa	cód_Rik	Hup	cód_Hup	Kadiwéu	cód_Kad
Questões											
33	“O causador também está envolvido na atividade (além do causado)? Ou não está envolvido?”	Deduzimos que o causador não está envolvido na atividade	0	-	NA	Deduzimos que o causador não está envolvido na atividade	0	O causador pode estar envolvido na causativa de transitivo formada com o verbo <i>g'et</i> ‘ficar, manter’. Nos demais dados, nos quais o causador pode agir por meio de comandos, deduzimos que ele não está envolvido na atividade em conjunto com o causado	1 0	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI
34	Em relação à pragmática, a língua apresenta, por exemplo, graus de topicalidade ou foco relacionados ao causado ou ao paciente nas causativas de transitivos? Em caso afirmativo, especifique.	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI	-	NA	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI
35	Há relação entre a frequência de uma dada situação e o tipo de construção causativa usado na língua?	Não identificamos	NI	-	NA	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI
36	A língua apresenta mais de um mecanismo formal para expressar causativas de transitivos? Em caso afirmativo, é possível correlacionar o <i>continuum</i> “causativa sintática – causativa morfológica – causativa lexical” (Comrie, 1981, p. 167) e o sentido da causação, indo da menos direta (sintática) para a mais direta (lexical)? Esse <i>continuum</i> vai do alto controle para o baixo controle do causado?	Não identificamos	NA	-	NA	Não identificamos	NA	Não identificamos	NA	Não identificamos	NA

Quadro 3.10 – Línguas Bororo, Xavante, Rikbaktsa, Hup e Kadiwéu (questões 37 a 40)

	Línguas Questões	Bororo	cód_Bor	Xavante	cód_Xav	Rikbaktsa	cód_Rik	Hup	cód_Hup	Kadiwéu	cód_Kad
37	As causativas se comportam como mudança de valência? Ou como voz? Explique.	Não identificamos. Em nosso ponto de vista, há aumento de valência, dada a introdução do verbo <i>dê</i> 'causar, permitir' e de um novo participante causador que age sobre os demais e torna esses participantes e o evento conceitualmente dependentes entre si	1	-	NA	Rearranjo de valência. As construções causativas não são tratadas como voz	1	Aumento de valência. Não identificamos informações explícitas sobre vozes verbais	1	Aumento de valência. Não identificamos informações explícitas sobre vozes verbais	1
38	As causativas podem ser derivadas ou combinadas com outras vozes ou outros mecanismos de mudança de valência? Em caso afirmativo, informe qual(is).	Entendemos que sim. As causativas de transitivos podem ser formadas a partir de causativas de intransitivos e podem ser combinadas com o morfema <i>di</i> 'nominal'	1	-	NA	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI
39	É possível identificar o percurso diacrônico ou ao menos a origem de morfemas causativos de transitivos, construções sintáticas causativas (perifrásticas ou analíticas) ou mesmo de causativas lexicais? Em caso afirmativo, especifique.	Entendemos que sim. Os morfemas causativos <i>dê</i> 'causar, permitir' e <i>gê</i> 'fazer começar' são considerados palavras gramaticais. Considerando que, com verbos intransitivos, esses morfemas parecem ter se gramaticalizado como sufixos, mas, com verbos transitivos, o <i>dê</i> 'causar, permitir' continua sendo usado como palavra gramatical, essa mudança sinaliza uma possível trajetória de gramaticalização do morfema causativo	1	-	NA	Não identificamos	NI	Sim. Epps (2008, p. 153) afirma que o verbo <i>yāh</i> 'pedir, ordenar' parece ter seguido uma trajetória tipologicamente incomum, passando de uma forma mais presa para uma menos presa ('desafixação'). Esse percurso pode ter passado pelas seguintes etapas: Raiz verbal > Sufixo interno > Enclítico ou Partícula. Sobre o verbo <i>d'o?</i> 'pegar, tomar', Epps (2008, p. 398) observa que essa é uma fonte lexical comum para um marcador causativo. O verbo <i>g'et</i> 'ficar, manter' pode atuar como verbo independente ou auxiliar, sendo este último considerado gramaticalizado. Epps (2008, p. 420) analisa como "verbos vetoriais" aqueles que estão em um ponto intermediário de gramaticalização entre o verbo principal e o auxiliar	1	Não identificamos	NI
40	É possível identificar mudanças diacrônicas na marcação de caso do causado?	Não identificamos	NI	-	NA	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI

Quadro 3.11 – Línguas Bororo, Xavante, Rikbaktsa, Hup e Kadiwéu (questões 41 e 42)

	Línguas	Bororo	cód_Bor	Xavante	cód_Xav	Rikbaktsa	cód_Rik	Hup	cód_Hup	Kadiwéu	cód_Kad
Questões											
41	Com relação às causativas de verbos transitivos, quais termos são usados? Eles são explicitamente definidos?	Causador: “causador”. Paciente: a oração encaixada que preenche a vaga do paciente na causativa é chamada de “oração objeto”. Os termos não são explicitamente definidos	-	-	NA	Causador: “causador” e “sujeito”. Causado: “causado”, “agente”, “adjunto” (p. 347), além de ser glosado como objeto. Paciente: “paciente”, “objeto”. O “objeto direto” é definido como o argumento requerido pela estrutura argumental de um verbo divalente que prototipicamente exerce o papel de paciente. O adjunto é definido como o elemento introduzido por uma posposição que não é requerido pela estrutura argumental de um verbo. O termo “oblíquo” é usado para constituintes em função argumental, sendo chamados de “argumento oblíquo” e de “objeto oblíquo”		Causador: “causer”, “agente causativo”, “sujeito gramatical” e “ator”. Causado: “causee”, “ator”, “objeto” e “sujeito”. Paciente: “paciente” e “objeto” (p. 505). Papéis semânticos: “ator” e “paciente” (<i>undergoer</i>). Papéis sintáticos: “agente” e “objeto”. Construção com prefixo <i>hi-</i> : “factiva”. Causativas lexicais: “pares supletivos”		“Verbo causativo”: verbo derivado com o morfema - <i>gad</i> . “Sufixo de valência”: - <i>gad</i> . “Argumentos semânticos”: licenciados por - <i>gad</i> . Assim, deduzimos que o causado é tratado como “argumento semântico”. Não identificamos definições explícitas dos termos	
42	Existe alguma terminologia particular? Em caso afirmativo, como é definida?	Não identificamos	NI	-	NA	Uso de “oblíquo ordinário” para o terceiro argumento de verbos trivalentes introduzido por posposição	1	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI

Quadro 4.1 – Línguas Pirahã, Sabanê, Matís, Yamináwa e Shanenáwa (questões 1 a 4)

	Línguas Questões	Pirahã	cód_Pir	Sabanê	cód_Sab	Matís	cód_Mat	Yamináwa	cód_Yam	Shanenáwa	cód_Sha
1	Quais são os mecanismos formais que a língua usa para formar causativas a partir de verbos transitivos?	Sintático (verbo <i>xibíib</i> 'mandar')	S	Não identificamos causativas formadas a partir de verbos transitivos	NA	Morfológico (- <i>me</i>)	M	Morfológico (- <i>ma</i> ~ - <i>man</i>)	M	Morfológico (- <i>ma</i> , - <i>wa</i>). Cândido (2004) trata a causativa com o morfema - <i>wa</i> como sintática, formada pelo verbo <i>wa</i> 'fazer', mas não identificamos as propriedades de uma causativa sintática	M
2	A construção é causativizada diretamente? Ou passa por algum outro processo prévio de mudança de valência?	Diretamente	1	-	NA	Diretamente	1	Diretamente	1	Diretamente	1
3	Se houver morfema causativo, ele também desempenha outras funções? Em caso afirmativo, especifique o morfema e liste suas funções.	Não identificamos	NA	-	NA	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos outras funções do sufixo - <i>ma</i> 'causativo'. A forma <i>wa</i> funciona como 'morfema preso' e como verbo <i>wa</i> 'fazer'	1
4	Se houver causatividade morfológica, é possível afirmar que os verbos transitivos que a recebem denotam ação abstrata? Em caso afirmativo, especifique e informe quais são esses verbos.	Não identificamos	NI	-	NA	O verbo <i>is</i> 'ver' pode denotar ação abstrata	1	Os verbos <i>nika</i> 'ouvir' e <i>tapī</i> 'saber' podem denotar ações abstratas	1	Não identificamos	NI

Quadro 4.2 – Línguas Pirahã, Sabanê, Matís, Yamináwa e Shanenáwa (questões 5 a 8)

	Línguas Questões	Pirahã	cód_Pir	Sabanê	cód_Sab	Matís	cód_Mat	Yamináwa	cód_Yam	Shanenáwa	cód_Sha
5	Há mais de um marcador causativo de transitivo? Em caso afirmativo, o que motiva a escolha de um e de outro?	Não identificamos	0	-	NA	Não identificamos	0	Não identificamos	0	Não identificamos	0
6	Existe causativa formada a partir de verbos com três argumentos/participantes (ditransitivos ou congêneres)? Em caso afirmativo, o causado assume qual função sintática?	Não identificamos	NI	-	NA	Não identificamos	NI	Aparentemente, sim. O causado assume a função de OD ou de OI	1	Aparentemente, sim. Não identificamos a função do causado nessa construção	1
7	Existem semelhanças entre a causativa de transitivos e a construção ditransitiva (ou congêneres)? Em caso afirmativo, quais são elas?	Como a causativa é sintática, sendo ela própria transitiva, sua semelhança se dá com a transitiva não derivada. Assim, além de as marcações pronominais dos participantes serem as mesmas, a ordem das causativas (A V Causado O V ou A Causado V O V) parece se basear na das transitivas (AOV)	0	-	NA	Sim. A ordem de constituintes pode ser a mesma, com o causado ocupando posição equivalente à do “objeto beneficiário”. As marcas de caso e os pronomes pessoais também podem ser os mesmos	1	Sim. A ordem dos constituintes é similar, sendo A OD OI V ou A OI OD V nas “bivalentes” e A Causado O V nas causativas. Os pronomes pessoais, as marcas de caso e os sufixos verbais podem ser os mesmos	1	Não identificamos semelhanças entre as causativas e as construções de três argumentos. As semelhanças ocorrem com as transitivas	0
8	Existe causativa de transitivo formada a partir de verbos ambitransitivos? Especifique.	Não identificamos	NI	-	NA	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI

Quadro 4.3 – Línguas Pirahã, Sabanê, Matis, Yamináwa e Shanenáwa (questões 9 a 12)

	Línguas Questões	Pirahã	cód_Pir	Sabanê	cód_Sab	Matis	cód_Mat	Yamináwa	cód_Yam	Shanenáwa	cód_Sha
9	Se houver incorporação nominal (IN) na língua, o verbo transitivo com IN pode ser causativizado? Em caso afirmativo, existe alguma diferença em relação ao verbo causativizado sem IN?	Não identificamos	NI	-	NA	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI
10	A ordem de constituintes é fixa nas causativas? Qual constituinte ocupa o lugar típico de acusativo (OD)?	Não, a ordem é variável. O constituinte que ocupa o lugar típico de acusativo do verbo de causa é o causado. Na oração de efeito, o paciente parece atuar como OD	0	-	NA	Não, a ordem é variável. O constituinte que ocupa o lugar típico de objeto é o causado (absolutivo)	0	Não. Apesar de haver tendências (A OD OI V), a ordem é variável. O constituinte que ocupa o lugar típico de OD pode ser o causado ou o paciente	0	Sim. A ordem é A(causador) A(causado) O V. O constituinte que ocupa o lugar típico de objeto absolutivo é o paciente	1
11	Há alguma restrição na formação de causativas de transitivos? Em caso afirmativo, descreva-a.	Não identificamos	NI	-	NA	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI
12	Foram identificados aspectos cognitivos envolvidos na causativa de transitivo?	Não identificamos	NI	-	NA	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI

Quadro 4.4 – Línguas Pirahã, Sabanê, Matís, Yamináwa e Shanenáwa (questões 13 a 16)

	Línguas	Pirahã	cód_Pir	Sabanê	cód_Sab	Matís	cód_Mat	Yamináwa	cód_Yam	Shanenáwa	cód_Sha
Questões											
13	A língua apresenta causativa sintática (perifrástica ou analítica) com verbos transitivos? Em caso afirmativo, quais são os verbos responsáveis pela causatividade?	Verbo <i>xibíib</i> ‘mandar’	1	-	NA	Não identificamos	NA	Não identificamos	NA	Não identificamos. Cândido (2004) propõe sua existência, mas reconhece outras análises possíveis e deixa a questão em aberto	NA
14	Há verbos usados exclusivamente para expressar causatividade sintática (perifrástica ou analítica)? Em caso afirmativo, especifique.	Não identificamos	NI	-	NA	Não identificamos	NA	Não identificamos	NA	Não identificamos	NA
15	Em relação às causativas com dois verbos, há distinção entre causativa mono-oracional e bi-oracional? Em caso afirmativo, há algum critério ou propriedade sintática para diferenciá-las?	Entendemos que as causativas com o verbo <i>xibíib</i> ‘mandar’ são bi-oracionais. Todavia, pode haver algum grau de integração entre as duas orações, pois a oração de efeito apresenta um verbo menos finito e, aparentemente, menos oracional	0	-	NA	Não identificamos	NA	Não identificamos	NA	Não identificamos	NA
16	Há pares com aproximação semântica que possam ser identificados como “verbo lexical transitivo” versus “verbo lexical transitivo causativo” correspondente?	Não identificamos	NI	-	NA	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI

Quadro 4.5 – Línguas Pirahã, Sabanê, Matís, Yamináwa e Shanenáwa (questões 17 a 20)

	Línguas Questões	Pirahã	cód_Pir	Sabanê	cód_Sab	Matís	cód_Mat	Yamináwa	cód_Yam	Shanenáwa	cód_Sha
17	Há critérios para diferenciar os pares de lexemas relacionados com a causatividade lexical tratada na questão anterior?	Não identificamos	NA	-	NA	Não identificamos	NA	Não identificamos	NA	Não identificamos	NA
18	O causado assume qual função sintática nas causativas de transitivos?	O causado assume duas funções sintáticas simultâneas: objeto do verbo de causa e sujeito do verbo de efeito	O/S	-	NA	O causado assume a função de objeto (marcado pelo caso absolutivo -Ø)	O	Inicialmente, Faust e Loos (2002, p. 26) parecem analisar o causado como OD. Contudo, ao afirmar que os “predicados com verbos polivalentes” podem receber um “complemento indireto”, os autores acabam por indicar a possibilidade de o causado atuar como OI	OD/OI	O causado assume a função de sujeito, marcado pelo caso ergativo. Não identificamos a função do causado nas situações em que ele não recebe a marca ergativa	S
19	O causado mantém o mesmo caso ou função sintática que exercia na estrutura primitiva (não causativa)? Em caso afirmativo, o causador e o causado compartilham propriedades de sujeito (ou de outra função) entre si? Se compartilharem, há algum critério ou propriedade sintática para identificar o sujeito (ou a outra função) hierarquicamente mais alto?	O causado mantém a função sintática de sujeito. Contudo, como o causador e o causado ocorrem em orações distintas, não identificamos compartilhamento das propriedades de sujeito na mesma oração	1	-	NA	Não mantém o caso nem a função sintática de sujeito. Não identificamos compartilhamento das propriedades de sujeito	0	Não mantém o caso nem a função sintática de sujeito. Não identificamos compartilhamento das propriedades de sujeito	0	Sim, o causado mantém o caso ergativo e permanece na posição imediatamente à esquerda do objeto. O critério usado para diferenciar o sujeito causador é a ordem de constituintes, pois ele sempre ocupa a posição inicial da sentença	1
20	A marcação do causado ocorre com outros constituintes (ou é exclusiva dele)? Caso ocorra, especificar esses constituintes e as respectivas funções sintáticas na língua.	Não é exclusiva. A posição e os pronomes pessoais também ocorrem com outros constituintes	1	-	NA	Não é exclusiva. A ordem pré-verbal, os pronomes pessoais e a marca de caso absolutiva também ocorrem com outros constituintes	1	Não é exclusiva. A ordem, o caso absolutivo, os pronomes pessoais e o sufixo de plural também ocorrem com outros constituintes. O constituinte que tende a apresentar ordem semelhante e caso absolutivo exerce a função sintática de “objeto”	1	Não é exclusiva. A marca de caso, a ordem e as codificações de definitude ou indefinitude também são usadas com outros constituintes	1

Quadro 4.6 – Línguas Pirahã, Sabanê, Matís, Yamináwa e Shanenáwa (questões 21 a 24)

	Línguas Questões	Pirahã	cód_Pir	Sabanê	cód_Sab	Matís	cód_Mat	Yamináwa	cód_Yam	Shanenáwa	cód_Sha
21	Com relação ao causado, há marcação morfológica distinta da função sintática exercida por ele? Em caso afirmativo, especifique.	Não identificamos	0	-	NA	Não identificamos	0	Não identificamos	0	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI
22	O causado e o paciente, na causativa de transitivo, podem ser codificados simultaneamente como objeto direto? Em caso afirmativo, eles realmente se comportariam sintaticamente como dois objetos diretos idênticos?	Não identificamos. Na oração que veicula o efeito da causativa, o causado atua como sujeito, e o paciente, como objeto	0	-	NA	Aparentemente, sim. Há dados com o causado marcado como absoluto e o paciente com glosa de objeto, indicando a possível existência de dois objetos na mesma sentença. Não identificamos testes ou critérios que diferenciem o comportamento sintático dos dois participantes	1	Sim, os dois participantes ocorrem no caso absoluto. Não identificamos testes ou critérios que diferenciem o comportamento sintático dos dois participantes	1	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI
23	Na formação da causativa, o causado assume a posição livre mais alta imediatamente disponível segundo a Hierarquia de Casos apresentada em Comrie (1976, 1989) (Sujeito > Objeto direto > Objeto indireto > Objeto oblíquo)? Em caso negativo, informar a posição assumida.	Sim. O causado passa a atuar como objeto do verbo de causa. Entretanto, como o mecanismo usado para formar causativas é o sintático, Everett (1983, p. 39) avalia que o causado exerce a função adicional de sujeito implícito do verbo de efeito	1	-	NA	Entendemos que sim, pois o causado assume a função de objeto	1	Entendemos que sim, pois o causado assume a função de objeto. Esclarecemos que a análise de Faust e Loos (2002, p. 108) descreve não a introdução de um sujeito, mas a de um “complemento”, de maneira que o causado não seguiria a hierarquia nessa proposta dos autores	1	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI
24	Há algum critério sintático ou propriedade sintática para diferenciar o causado dos demais constituintes?	Sim. A ordem dos argumentos. Na oração de causa, a posição inicial é reservada ao sujeito (causador). Na de efeito, a função de objeto é exercida pelo nominal que precede o verbo. Logo, Everett (1983, p. 38-39) afirma que o causado ocupa a posição de objeto do verbo de causa e, por exclusão, assume também a função de sujeito implícito do verbo de efeito	1	-	NA	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI	Sim. A ordem de constituintes diferencia o causado do sujeito no papel de causador. Não identificamos critérios ou propriedades sintáticas para diferenciar o causado do argumento objeto, embora a marca ergativa (morfológica) o diferencie	1

Quadro 4.7 – Línguas Pirahã, Sabanê, Matís, Yamináwa e Shanenáwa (questões 25 a 28)

	Línguas	Pirahã	cód_Pir	Sabanê	cód_Sab	Matís	cód_Mat	Yamináwa	cód_Yam	Shanenáwa	cód_Sha
	Questões										
25	O causado pode ser omitido ou excluído? Em caso afirmativo, ocorre alteração na valência sintática?	O causado pode ser omitido. Parece não ocorrer alteração na valência sintática	1	-	NA	Não identificamos	NI	O causado pode ser omitido. Não ocorre alteração na valência sintática	1	Não identificamos	NI
26	O causado pode ser relativizado? Em caso afirmativo, apresenta uma forma específica ou diferente de relativização em contraste com os demais constituintes?	Não identificamos, mas as posições de sujeito e objeto podem ser submetidas a processos equivalentes à relativização em construções não causativas, como nominalização e parataxe	NI	-	NA	Não identificamos, mas as posições de sujeito e objeto podem ser relativizadas nas construções não causativas	NI	Não identificamos, mas as posições de sujeito e objeto podem ser relativizadas nas construções não causativas	NI	Não identificamos, mas as posições de sujeito e objeto podem ser relativizadas nas construções não causativas	NI
27	Além do papel semântico de causado, quais outros papéis são expressos pelo causado nas causativas?	O causado apresenta traço [+HUMANO], sendo animado e expressando o papel semântico de agente	Ag	-	NA	O causado apresenta traço [+HUMANO], expressando os papéis semânticos de agente e de experienciador	Ag Exp	O causado apresenta traço [+ANIMADO], expressando os papéis semânticos de agente e de experienciador	Ag Exp	O causado apresenta traço [+HUMANO], sendo animado e expressando o papel semântico de agente	Ag
28	Quais propriedades semânticas (grau de controle e/ou afetação, ação direta, por exemplo) são identificáveis no causado? Informe se ele está no controle da atividade ou não (a exemplo de um ente inanimado ou de uma criança pequena) e se ele age com ou sem volição.	Deduzimos que o causado pode estar no controle das atividades. Os dados disponíveis não permitem concluir se o causado as exerce com volição	Controle	-	NA	Os dados disponíveis não permitem concluir se o causado está no controle das atividades ou se as exerce com volição. O dado (1) [78a], com verbo ingestivo, sugere que o causado está no controle da ação	NI	Os dados disponíveis não permitem concluir se o causado está no controle das atividades ou se as exerce com volição. Os dados com verbo ingestivo sugerem que o causado está no controle da ação	NI	Os dados disponíveis não permitem concluir se o causado está no controle das atividades ou se as exerce com volição. Os dados com verbo ingestivo ou com comando oral sugerem que o causado pode estar no controle da ação	NI

Quadro 4.8 – Línguas Pirahã, Sabanê, Matís, Yamináwa e Shanenáwa (questões 29 a 32)

	Línguas Questões	Pirahã	cód_Pir	Sabanê	cód_Sab	Matís	cód_Mat	Yamináwa	cód_Yam	Shanenáwa	cód_Sha
29	Há mais de um tipo de causado na língua? Em caso afirmativo, qual deles é mais integrado conceitualmente à sentença?	Não identificamos	NI	-	NA	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI
30	“O causador atua direta ou indiretamente” sobre o causado?	Considerando que o causador pode agir por meio de comandos, deduzimos que ele atua indiretamente sobre o causado	Indir	-	NA	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI	Considerando os dados com o verbo ingestivo <i>pi</i> ‘comer’ e com os verbos potencialmente abstratos <i>nika</i> ‘ouvir’ e <i>tapĩ</i> ‘saber’, entendemos que o causador pode atuar indiretamente	Indir	Considerando que o causador pode agir por meio de comandos, deduzimos que ele é capaz de atuar indiretamente sobre o causado	Indir
31	“O causador atinge o resultado acidental ou intencionalmente?” (Dixon, 2000, p. 62, tradução nossa)	Considerando que o causador pode agir por meio de comandos, deduzimos que ele atua intencionalmente	Intenc	-	NA	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI	Deduzimos que o causador atinge o resultado intencionalmente	Intenc	Considerando que o causador pode agir por meio de comandos, deduzimos que ele é capaz de atuar intencionalmente	Intenc
32	O causador apenas inicia um processo naturalmente ou o resultado é alcançado somente com esforço (talvez com violência)?	Considerando que o causador pode agir por meio de comandos, deduzimos que ele é capaz de agir naturalmente	Natur	-	NA	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI	Deduzimos que o causador pode iniciar o processo naturalmente	Natur	Considerando que o causador pode agir por meio de comandos, deduzimos que ele é capaz de agir naturalmente	Natur

Quadro 4.9 – Línguas Pirahã, Sabanê, Matís, Yamináwa e Shanenáwa (questões 33 a 36)

	Línguas	Pirahã	cód_Pir	Sabanê	cód_Sab	Matís	cód_Mat	Yamináwa	cód_Yam	Shanenáwa	cód_Sha
Questões											
33	“O causador também está envolvido na atividade (além do causado)? Ou não está envolvido?”	Considerando que o causador pode agir por meio de comandos, deduzimos que ele não está envolvido na atividade	0	-	NA	Deduzimos que o causador não está envolvido na atividade	0	Deduzimos que o causador não está envolvido na atividade	0	Deduzimos que o causador não está envolvido na atividade	0
34	Em relação à pragmática, a língua apresenta, por exemplo, graus de topicalidade ou foco relacionados ao causado ou ao paciente nas causativas de transitivos? Em caso afirmativo, especifique.	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI	-	NA	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI	Aparentemente, sim. Em (25) [302], o paciente pronominal parece estar topicalizado. Os dados disponíveis não permitem concluir se há graus de foco relacionados ao causado ou ao paciente	1	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI
35	Há relação entre a frequência de uma dada situação e o tipo de construção causativa usado na língua?	Não identificamos	NI	-	NA	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI
36	A língua apresenta mais de um mecanismo formal para expressar causativas de transitivos? Em caso afirmativo, é possível correlacionar o <i>continuum</i> “causativa sintática – causativa morfológica – causativa lexical” (Comrie, 1981, p. 167) e o sentido da causação, indo da menos direta (sintática) para a mais direta (lexical)? Esse <i>continuum</i> vai do alto controle para o baixo controle do causado?	Não identificamos	NA	-	NA	Não identificamos	NA	Não identificamos	NA	Não identificamos	NA

Quadro 4.10 – Línguas Pirahã, Sabanê, Matis, Yamináwa e Shanenáwa (questões 37 a 40)

	Línguas Questões	Pirahã	cód_Pir	Sabanê	cód_Sab	Matis	cód_Mat	Yamináwa	cód_Yam	Shanenáwa	cód_Sha
37	As causativas se comportam como mudança de valência? Ou como voz? Explique.	Não identificamos. Em nosso ponto de vista, há aumento de valência, dada a introdução do verbo <i>xiblib</i> 'mandar' e de um novo participante causador que age sobre os demais e torna esses participantes e o evento conceitualmente dependentes entre si	1	-	NA	Para nós, ocorre aumento de valência. Embora Ferreira (2005) restrinja a análise do aumento de valência aos verbos intransitivos, ele não afirma que não há aumento com verbo transitivo. Não identificamos informações explícitas sobre vozes verbais	1	Aumento de valência. Não identificamos informações explícitas sobre vozes verbais	1	Aumento de valência. Não identificamos informações explícitas sobre vozes verbais	1
38	As causativas podem ser derivadas ou combinadas com outras vozes ou outros mecanismos de mudança de valência? Em caso afirmativo, informe qual(is).	Não identificamos	NI	-	NA	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI
39	É possível identificar o percurso diacrônico ou ao menos a origem de morfemas causativos de transitivos, construções sintáticas causativas (perifrásticas ou analíticas) ou mesmo de causativas lexicais? Em caso afirmativo, especifique.	Não identificamos	NI	-	NA	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI
40	É possível identificar mudanças diacrônicas na marcação de caso do causado?	Não identificamos	NI	-	NA	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI

Quadro 4.11 – Línguas Pirahã, Sabanê, Matís, Yamináwa e Shanenáwa (questões 41 e 42)

	Línguas Questões	Pirahã	cód_Pir	Sabanê	cód_Sab	Matís	cód_Mat	Yamináwa	cód_Yam	Shanenáwa	cód_Sha
41	Com relação às causativas de verbos transitivos, quais termos são usados? Eles são explicitamente definidos?	Causado: “objeto da cláusula matriz”, “sujeito que se subentende na cláusula subordinada”. Verbo causativo: aquele que “realiza a expressão de causa”. Não identificamos definições explícitas dos termos	-	-	NA	Causador: “causador” e “nova função A”. Causado: pode atuar como “O”. Paciente: pode atuar como “O”. Sufixo verbal: “causativo”. “A”: “sujeito do verbo transitivo”. “O”: “objeto do verbo transitivo”. Não identificamos definições explícitas dos demais termos		Causador: “sujeito que causa a ação” e “sujeito do verbo”. Causado: “complemento que funciona como o agente”, também parece ser tratado como “complemento direto”. Paciente: “complemento direto”. Verbo causativizado: “verbo polivalente”. Sufixo causativo: “sufixo temático”. Não identificamos definições explícitas dos termos		Causador: “causador (causer)”, “sujeito de verbo transitivo”, “A1” e “nova posição A de argumento”. Causado: “sujeito agente do verbo principal”, “A2”, “outro sujeito” e “sujeito A”. Paciente: “O” e “objeto”. Os termos “A” e “O” são definidos, respectivamente, como “nomes em função de sujeito de verbo transitivo” e “nomes que funcionam como objeto”. Não identificamos outras definições explícitas	
42	Existe alguma terminologia particular? Em caso afirmativo, como é definida?	Não identificamos	NI	-	NA	Não identificamos	NI	Não identificamos. No entanto, em contraste com a análise das causativas de transitivos, os autores usam “morfema de ativação” (p. 103) para o sufixo <i>-n</i> , o qual interpretamos como causativo de verbo intransitivo	NI	Não identificamos	NI

Quadro 5.1 – Línguas Tikuna, Trumai, Kubeo, Mundurukú e Kamaiurá (questões 1 a 4)

	Línguas Questões	Tikuna	cód_Tik	Trumai	cód_Tru	Kubeo	cód_Kub	Mundurukú	cód_Mun	Kamaiurá	cód_Kam
1	Quais são os mecanismos formais que a língua usa para formar causativas a partir de verbos transitivos?	Morfológico (-'é'e)	M	Morfológico (partícula <i>ka</i>) e sintático (verbo <i>tao</i> 'mandar, dar ordem')	M S	Morfológico (- <i>oa</i> ~ - <i>wa</i> ~ - <i>owa</i> ~ - <i>o</i> ~ - <i>a</i>) e perifrástico (composição de um verbo principal nominalizado e do verbo <i>ôa</i> 'fazer')	M Per	Morfológico (- <i>at</i> ~ - <i>an</i>)	M	Morfológico (- <i>ukat</i>)	M
2	A construção é causativizada diretamente? Ou passa por algum outro processo prévio de mudança de valência?	Diretamente	1	Diretamente	1	Diretamente	1	Diretamente ou com verbo transitivizado	1	Diretamente ou com verbo transitivizado	1
3	Se houver morfema causativo, ele também desempenha outras funções? Em caso afirmativo, especifique o morfema e liste suas funções.	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Sufixo - <i>ukat</i> combinado com o prefixo <i>mo-</i> (indica postura e movimento)	1
4	Se houver causatividade morfológica, é possível afirmar que os verbos transitivos que a recebem denotam ação abstrata? Em caso afirmativo, especifique e informe quais são esses verbos.	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	O verbo <i>hã</i> 'ver' pode denotar ação abstrata	1	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI

Quadro 5.2 – Línguas Tikuna, Trumai, Kubeo, Mundurukú e Kamaiurá (questões 5 a 8)

	Línguas Questões	Tikuna	cód_Tik	Trumai	cód_Tru	Kubeo	cód_Kub	Mundurukú	cód_Mun	Kamaiurá	cód_Kam
5	Há mais de um marcador causativo de transitivo? Em caso afirmativo, o que motiva a escolha de um e de outro?	Não identificamos	0	Fatores semânticos e contextuais. A partícula <i>ka</i> é mais abstrata e neutra em relação a como a causação é provocada. O verbo <i>tao</i> explicita que o causador age por meio de uma ordem	1	A morfológica indica causação “direta”; a perifrástica, “indireta”. O verbo <i>da</i> ‘fazer’ ocorre em distribuição complementar com o morfema causativo. A perifrástica é mais produtiva do que a morfológica	1	Não identificamos	0	Não identificamos	0
6	Existe causativa formada a partir de verbos com três argumentos/participantes (ditransitivos ou congêneres)? Em caso afirmativo, o causado assume qual função sintática?	Não identificamos	NI	Sim. O causado assume a função de “argumento A”	1	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Sim, causativa formada com o verbo <i>me'eŋ</i> ‘dar’. O causado assume as funções de “objeto direto” ou “objeto indireto”	1
7	Existem semelhanças entre a causativa de transitivos e a construção ditransitiva (ou congêneres)? Em caso afirmativo, quais são elas?	Não identificamos	0	Não identificamos semelhanças entre as causativas e as construções de três argumentos. As semelhanças ocorrem com as transitivas	0	Sim. A causativa é uma ditransitiva. Os “argumentos A e Aditr” não recebem marca de caso em nenhuma das construções. O causado recebe o mesmo sufixo que marca o “argumento G” dos ditransitivos primitivos. O “argumento G” é tratado como “objeto indireto” em Morse e Maxwell (1999, p. 111)	1	Sim, marcações e ordem similares. O dativo da ditransitiva atua como recipiente	1	Sim, marcações no OD (sufixo -a ‘caso nuclear’), no OI (posposição upe ‘dativo’) e ordem parecida	1
8	Existe causativa de transitivo formada a partir de verbos ambitransitivos? Especifique.	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Aparentemente sim, <i>ã</i> ‘comer’, <i>ʔã</i> ‘ver’ e <i>ũkũ</i> ‘beber’	1	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI

Quadro 5.3 – Línguas Tikuna, Trumai, Kubeo, Mundurukú e Kamaiurá (questões 9 a 12)

	Línguas Questões	Tikuna	cód_Tik	Trumai	cód_Tru	Kubeo	cód_Kub	Mundurukú	cód_Mun	Kamaiurá	cód_Kam
9	Se houver incorporação nominal (IN) na língua, o verbo transitivo com IN pode ser causativizado? Em caso afirmativo, existe alguma diferença em relação ao verbo causativizado sem IN?	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI
10	A ordem de constituintes é fixa nas causativas? Qual constituinte ocupa o lugar típico de acusativo (OD)?	Aparentemente, sim. A ordem mantém a sequência OV. No único dado com dois nominais explícitos, a ordem é Causado O V. O constituinte que ocupa o lugar típico de objeto é o paciente	1	Sim. Na morfológica, a ordem é A Causado O V, e na sintática é A O[Causado O V] Vcaus. O constituinte que ocupa o lugar típico de absolutivo é o paciente	1	Não, a ordem é variável. O constituinte que ocupa a função típica de acusativo, tratado como “não nominativo”, é o causado	0	Não, o constituinte que ocupa o lugar típico de acusativo é o paciente	0	Não, o constituinte que ocupa o lugar de acusativo varia. Na causativa de transitivo, é o paciente. Na causativa de ditransitivo, é o causado	0
11	Há alguma restrição na formação de causativas de transitivos? Em caso afirmativo, descreva-a.	As causativas derivadas de verbos transitivos são raras	1	Não identificamos	NI	Sim. Alguns verbos estativos não são combinados com a causativa morfológica. Esta se restringe a alguns verbos. O sufixo <i>-wa</i> ‘aspecto habitual’ não ocorre simultaneamente ao causativo. Diferentemente da causativa morfológica, a perifrástica é produtiva. Não identificamos restrições na formação da causativa perifrástica	1	Não identificamos causativas de transitivos formadas a partir de verbo transitivo derivado com o prefixo <i>duju-</i> ‘do-’ ‘causativo comitativo’	1	Sim, verbos derivados com o prefixo <i>ero-</i> ‘causativo comitativo’ não ocorrem com o sufixo <i>-ukat</i>	1
12	Foram identificados aspectos cognitivos envolvidos na causativa de transitivo?	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI

Quadro 5.4 – Línguas Tikuna, Trumai, Kubeo, Mundurukú e Kamaiurá (questões 13 a 16)

	Línguas Questões	Tikuna	cód_Tik	Trumai	cód_Tru	Kubeo	cód_Kub	Mundurukú	cód_Mun	Kamaiurá	cód_Kam
13	A língua apresenta causativa sintática (perifrástica ou analítica) com verbos transitivos? Em caso afirmativo, quais são os verbos responsáveis pela causatividade?	Não identificamos	NA	Verbo <i>tao</i> ‘mandar, dar ordem’	1	Verbo <i>ôa</i> ‘fazer’	1	Não identificamos	NA	Não identificamos	NA
14	Há verbos usados exclusivamente para expressar causatividade sintática (perifrástica ou analítica)? Em caso afirmativo, especifique.	Não identificamos	NA	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NA	Não identificamos	NA
15	Em relação às causativas com dois verbos, há distinção entre causativa mono-oracional e bi-oracional? Em caso afirmativo, há algum critério ou propriedade sintática para diferenciá-las?	Não identificamos	NA	Não identificamos. Entendemos que a causativa com o verbo <i>tao</i> ‘mandar, dar ordem’ é bi-oracional	0	Não identificamos. Entendemos que a causativa com o verbo <i>ôa</i> ‘fazer’ é mono-oracional	0	Não identificamos	NA	Não identificamos	NA
16	Há pares com aproximação semântica que possam ser identificados como “verbo lexical transitivo” versus “verbo lexical transitivo causativo” correspondente?	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI

Quadro 5.5 – Línguas Tikuna, Trumai, Kubeo, Mundurukú e Kamaiurá (questões 17 a 20)

	Línguas Questões	Tikuna	cód_Tik	Trumai	cód_Tru	Kubeo	cód_Kub	Mundurukú	cód_Mun	Kamaiurá	cód_Kam
17	Há critérios para diferenciar os pares de lexemas relacionados com a causatividade lexical tratada na questão anterior?	Não identificamos	NA	Não identificamos	NA	Não identificamos	NA	Não identificamos	NA	Não identificamos	NA
18	O causado assume qual função sintática nas causativas de transitivos?	O causado assume a função de “argumento oblíquo no acusativo”, a qual é distinta da função de objeto	Obl	O causado assume a função de “argumento A”, marcado com o caso ergativo	S	O causado assume a função de objeto ou “argumento G” (Chacon e Genetti, 2019), sendo este último análogo à função do “argumento G” de verbos ditransitivos primitivos	O/G	O causado assume a função sintática de adjunto	Adj	Na causativa de transitivo, o causado ocorre como OI. Na de ditransitivo, sua função varia entre OD e OI	OI, OD/OI
19	O causado mantém o mesmo caso ou função sintática que exercia na estrutura primitiva (não causativa)? Em caso afirmativo, o causador e o causado compartilham propriedades de sujeito (ou de outra função) entre si? Se compartilharem, há algum critério ou propriedade sintática para identificar o sujeito (ou a outra função) hierarquicamente mais alto?	Não mantém o caso nem a função sintática de sujeito. Não identificamos compartilhamento das propriedades de sujeito	0	Sim, o causado mantém o caso ergativo e permanece na posição imediatamente à esquerda do objeto. O critério usado para diferenciar o argumento no papel de causador é a ordem de constituintes, pois ele ocupa a posição inicial da sentença	1	Não mantém o caso nem a função sintática de sujeito. Não identificamos compartilhamento das propriedades de sujeito	0	O causado pode manter a posição pré-objeto, compartilhando essa propriedade de sujeito com o causador	0 1	Não mantém o caso nem a função sintática de sujeito. Não identificamos compartilhamento das propriedades de sujeito	0
20	A marcação do causado ocorre com outros constituintes (ou é exclusiva dele)? Caso ocorra, especificar esses constituintes e as respectivas funções sintáticas na língua.	Não é exclusiva. A marca de caso também é usada com o paciente nas transitivas primitivas e o causado em algumas causativas de intransitivos, exercendo as funções de objeto e “argumento oblíquo”, respectivamente	1	Não é exclusiva. A marca de caso e a ordem também são usadas com constituintes na função de “argumento A”	1	Não é exclusiva. A marca de caso também ocorre com o objeto nas transitivas, o “argumento G” nas ditransitivas primitivas e nas aplicativas derivadas de verbos transitivos, o “argumento T” nas causativas de transitivos e os adjuntos	1	Não é exclusiva. A ordem pode ser como a dos adjuntos, após o verbo (SOV-causado), ou antes do OD, como o sujeito na construção transitiva típica (S-causado-OV). A mesma posposição também é usada com o beneficiário de verbos como <i>im</i> ‘dar’, o destinatário de verbos do tipo ‘falar’ (<i>jekawên</i> , ‘e, jede’), o agente na construção passiva e o dativo de interesse	1	Não é exclusiva. A ordem pode ser como o OI (O V Oi), os adjuntos de transitivas (A O V Adj) ou após o sujeito, como o OD. O sufixo <i>-a</i> ‘caso nuclear’ marca principalmente nomes sujeito e objetos. A posposição tende a ser usada em enunciados com três participantes (objeto indireto, benefactivo, destinatário)	1

Quadro 5.6 – Línguas Tikuna, Trumai, Kubeo, Mundurukú e Kamaiurá (questões 21 a 24)

	Línguas Questões	Tikuna	cód_Tik	Trumai	cód_Tru	Kubeo	cód_Kub	Mundurukú	cód_Mun	Kamaiurá	cód_Kam
21	Com relação ao causado, há marcação morfológica distinta da função sintática exercida por ele? Em caso afirmativo, especifique.	Não identificamos	0	Não identificamos	0	Não identificamos	0	Não identificamos	0	Não identificamos	0
22	O causado e o paciente, na causativa de transitivo, podem ser codificados simultaneamente como objeto direto? Em caso afirmativo, eles realmente se comportariam sintaticamente como dois objetos diretos idênticos?	Não identificamos	0	Não identificamos	0	Sim, os dois participantes ocorrem no caso “não nominativo” (ou acusativo). Não identificamos testes ou critérios que diferenciem o comportamento sintático dos dois participantes	1	Não identificamos	0	Na ditransitiva causativizada, o causado e o paciente podem ser codificados como OD, mas não identificamos evidências da duplicidade de função sintática	1
23	Na formação da causativa, o causado assume a posição livre mais alta imediatamente disponível segundo a Hierarquia de Casos apresentada em Comrie (1976, 1989) (Sujeito > Objeto direto > Objeto indireto > Objeto oblíquo)? Em caso negativo, informar a posição assumida.	Entendemos que não, pois o causado não é um objeto	0	Não. Guirardello (1999, p. 308-315) afirma que a marcação ergativa do causado não pode ser explicada pela hierarquia, mas sim por desenvolvimentos históricos do Trumai	0	Entendemos que não, pois a posição já está ocupada por outro argumento	0	Não. O causado não segue a Hierarquia, por ser considerado um adjunto	0	Sim. Em Seki (2000a), há duas análises distintas. Em uma parte da obra, o causado segue a hierarquia, em outra não (é tratado como adjunto). Em Seki (2004), o causado segue a hierarquia e não é tratado como adjunto	1
24	Há algum critério sintático ou propriedade sintática para diferenciar o causado dos demais constituintes?	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI	Sim. A ordem de constituintes diferencia os dois “argumentos A” com marca ergativa	1	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI	O causado ocorre em um SP, o que o diferencia dos argumentos sujeito e objeto. Não identificamos outro critério	1	Sim, o teste de controle de reflexividade é usado para identificar o causador e diferenciá-lo do causado, já que o sujeito controla a reflexividade	1

Quadro 5.7 – Línguas Tikuna, Trumai, Kubeo, Mundurukú e Kamaiurá (questões 25 a 28)

	Línguas	Tikuna	cód_Tik	Trumai	cód_Tru	Kubeo	cód_Kub	Mundurukú	cód_Mun	Kamaiurá	cód_Kam
	Questões										
25	O causado pode ser omitido ou excluído? Em caso afirmativo, ocorre alteração na valência sintática?	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI	O causado pode ser omitido. Não ocorre alteração na valência sintática	1	O causado pode ser omitido. Não ocorre alteração na valência sintática	1	Não identificamos construções com omissão ou exclusão do causado	NI	O causado pode ser omitido. Essa omissão é motivada pragmaticamente e não reduz a valência sintática	1
26	O causado pode ser relativizado? Em caso afirmativo, apresenta uma forma específica ou diferente de relativização em contraste com os demais constituintes?	Não identificamos	NI	Não identificamos, mas as posições de “argumento A”, “argumento S”, “argumento O” e “dativo” podem ser relativizadas nas construções não causativas	NI	Identificamos uma oração relativa se referindo ao causado, mas ele é externo à relativa e não apresenta forma específica nem é modificado pela relativização que se segue a ele. As posições de sujeito e objeto podem ser relativizadas nas construções não causativas	NI	Não identificamos, mas tanto a posição de OD quanto os sintagmas posposicionais podem ser relativizados nas não causativas	NI	Não identificamos, mas as posições de OD e OI podem ser relativizadas nas não causativas	NI
27	Além do papel semântico de causado, quais outros papéis são expressos pelo causado nas causativas?	O causado apresenta traço [+ANIMADO], expressando o papel semântico de agente	Ag	O causado parece apresentar traço [+HUMANO], sendo animado e expressando o papel semântico de agente	Ag	O causado também pode expressar os papéis semânticos de agente, experienciador ou recipiente	Ag Exp Recip	O causado tende a apresentar traço [+HUMANO], sendo animado e expressando o papel semântico de agente	Ag	O causado tem volição e traço [+HUMANO], sendo animado e expressando o papel semântico de agente	Ag
28	Quais propriedades semânticas (grau de controle e/ou afetação, ação direta, por exemplo) são identificáveis no causado? Informe se ele está no controle da atividade ou não (a exemplo de um ente inanimado ou de uma criança pequena) e se ele age com ou sem volição.	As propriedades do causado podem variar de acordo com o contexto	Controle/ Sem controle, Ação direta/Ação indireta	Na causativa morfológica, o causado pode agir com ou sem intenção. A semântica da partícula <i>ka</i> é neutra em relação ao modo da causação. Na sintática, o causador age mediante uma ordem, o que entendemos como diminuição da autonomia e, possivelmente, da volição do causado. Guirardello (1999, p. 317) afirma que o causador e o causado são iniciadores e controladores da atividade, mas o causado é menos responsável por ela	Controle/ Sem controle, Volição/Sem volição	Os dados disponíveis não permitem identificar os graus de controle, afetação ou volição do causado. Chacon e Genetti (2019, p. 419) afirmam que a causativa morfológica indica causação “direta” e que a causativa perifrástica expressa causação “indireta”. Como não identificamos definição dos termos “direta” e “indireta”, não podemos afirmar se fazem referência ao modo como o causador atua sobre o causado ou a outro aspecto da construção	NI	Deduzimos que o causado está no controle das atividades. Os dados disponíveis não permitem concluir se o causado as exerce com volição	Controle	Tende a ter controle	Controle

Quadro 5.8 – Línguas Tikuna, Trumai, Kubeo, Mundurukú e Kamaiurá (questões 29 a 32)

	Línguas Questões	Tikuna	cód_Tik	Trumai	cód_Trú	Kubeo	cód_Kub	Mundurukú	cód_Mun	Kamaiurá	cód_Kam
29	Há mais de um tipo de causado na língua? Em caso afirmativo, qual deles é mais integrado conceitualmente à sentença?	Não identificamos	NI	Não identificamos. Nas construções formadas com “verbos intransitivos estendidos”, o causado recebe a marca absoluta, a qual indica maior integração (Guirardello, 1999, p. 319)	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI
30	“O causador atua direta ou indiretamente” sobre o causado?	O causador pode atuar tanto direta quanto indiretamente sobre o causado	Dir Indir	Considerando que o causador pode agir por meio de comandos, deduzimos que ele é capaz de atuar indiretamente sobre o causado	Indir	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI	Indiretamente	Indir
31	“O causador atinge o resultado acidental ou intencionalmente?” (Dixon, 2000, p. 62, tradução nossa)	O causador atinge o resultado intencionalmente nos dados identificados. Os dados disponíveis não permitem concluir se causador pode atingir o resultado acidentalmente	Intenc	Considerando que o causador age por meio de comandos na construção sintática, deduzimos que ele atua intencionalmente. Em relação à morfológica, os dados disponíveis não permitem concluir	Intenc NI	Deduzimos que o causador pode atingir o resultado intencionalmente	Intenc	Parece haver intencionalidade	Intenc	Intencionalmente	Intenc
32	O causador apenas inicia um processo naturalmente ou o resultado é alcançado somente com esforço (talvez com violência)?	Considerando que o causador pode agir verbalmente, deduzimos que ele é capaz de agir naturalmente	Natur	Considerando que o causador pode agir por meio de comandos e de força, deduzimos que ele é capaz de alcançar o resultado com ou sem esforço	Natur Esfor	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI	Parece iniciar os processos naturalmente	Natur	Naturalmente	Natur

Quadro 5.9 – Línguas Tikuna, Trumai, Kubeo, Mundurukú e Kamaiurá (questões 33 a 36)

	Línguas Questões	Tikuna	cód_Tik	Trumai	cód_Tru	Kubeo	cód_Kub	Mundurukú	cód_Mun	Kamaiurá	cód_Kam
33	“O causador também está envolvido na atividade (além do causado)? Ou não está envolvido?”	O causador pode ou não estar envolvido na atividade	1	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI	Deduzimos que o causador não está envolvido na atividade	0	Deduzimos que o causador não está envolvido na atividade	0	O causador não está envolvido	0
34	Em relação à pragmática, a língua apresenta, por exemplo, graus de topicalidade ou foco relacionados ao causado ou ao paciente nas causativas de transitivos? Em caso afirmativo, especifique.	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI	Foco no paciente	1
35	Há relação entre a frequência de uma dada situação e o tipo de construção causativa usado na língua?	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	A “causativa perifrástica” é produtiva, diferentemente da causativa morfológica	1	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI
36	A língua apresenta mais de um mecanismo formal para expressar causativas de transitivos? Em caso afirmativo, é possível correlacionar o <i>continuum</i> “causativa sintática – causativa morfológica – causativa lexical” (Comrie, 1981, p. 167) e o sentido da causação, indo da menos direta (sintática) para a mais direta (lexical)? Esse <i>continuum</i> vai do alto controle para o baixo controle do causado?	Não identificamos	NA	Deduzimos que as causativas apresentam tendência similar à do <i>continuum</i> proposto, podendo ir da menos direta (sintática) para a mais direta (morfológica). No entanto, como a causativa sintática codifica uma obrigação, o causado parece ter menos controle nesse mecanismo do que no morfológico, diferentemente do previsto pelo <i>continuum</i>	1	Deduzimos que pode haver correlação entre o contínuo proposto e o sentido da causação, pois a causativa morfológica expressa causação “direta”, e a perifrástica indica causação “indireta”. Porém, não identificamos se os termos “direta” e “indireta” fazem referência a como o causador atua sobre o causado. Os dados disponíveis não permitem concluir se o contínuo vai do alto controle para o baixo controle do causado	1	Não identificamos	NA	Não identificamos	NA

Quadro 5.10 – Línguas Tikuna, Trumai, Kubeo, Mundurukú e Kamaiurá (questões 37 a 40)

	Línguas Questões	Tikuna	cód_Tik	Trumai	cód_Tru	Kubeo	cód_Kub	Mundurukú	cód_Mun	Kamaiurá	cód_Kam
37	As causativas se comportam como mudança de valência? Ou como voz? Explique.	Aumento de valência. Não identificamos informações explícitas sobre vozes verbais	1	Aumento de valência. “Manipulação de voz” é definida como a supressão pragmática de um argumento obrigatório. O dado com o causado omitido é entendido como uma forma de manipulação de voz	1 Voz	Aumento de valência. Não identificamos informações explícitas sobre vozes verbais	1	Em sua análise inicial, Gomes (2006) avalia que o sufixo <i>-at</i> introduz um novo argumento, reconhecendo o aumento de valência. Posteriormente, trata o causado como “adjunto oblíquo”. Gomes (2006) trata a causativa como voz	1 Voz	Aumento de valência. Em Seki (2000a), há duas análises distintas. Se o causado for considerado argumento (OI), há aumento. Se for adjunto, não muda. Seki (2004) trata o causado como OI e abandona o termo “adjunto”, indicando aumento. Não identificamos informações sobre vozes verbais	1
38	As causativas podem ser derivadas ou combinadas com outras vozes ou outros mecanismos de mudança de valência? Em caso afirmativo, informe qual(is).	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Sim, o sufixo <i>-at</i> pode ser combinado com o verbo transitivizado pelo prefixo <i>mu- ~ muy-</i> ‘causativo de intransitivo’ e com nomes possuíveis verbalizados pelo sufixo <i>-da ~ -ta</i> ‘causativo de nome’. O sufixo <i>-at</i> também se combina com verbos na voz média, marcados pelo prefixo intransitivizador <i>je-</i> , gerando leitura passiva, não causativa, ao enunciado	1	Sim, além de ser combinado com o verbo transitivizado pelo prefixo <i>mo-</i> ‘causativo de intransitivo’, o sufixo <i>-ukat</i> ‘causativo de transitivo’ também se combina com a voz reflexiva (<i>je-</i>) transitivizado pelo prefixo <i>mo-</i>	1
39	É possível identificar o percurso diacrônico ou ao menos a origem de morfemas causativos de transitivos, construções sintáticas causativas (perifrásticas ou analíticas) ou mesmo de causativas lexicais? Em caso afirmativo, especifique.	Não identificamos	NI	Sim. Guirardello (1999, p. 312-315) propõe que a partícula <i>ka</i> ‘causativo’ pode ter se originado do verbo <i>kapan</i> ‘fazer’, podendo ser atualmente sua forma fonológica reduzida e especializada com um sentido causativo. Essa origem verbal poderia explicar, segundo a autora, o fato de o causado receber o caso ergativo, pois a causativa morfológica seria a evolução de uma construção antes sintática, em que o causado apareceria em uma oração subordinada e marcado pelo caso ergativo. Assim, a partícula <i>ka</i> pode ser um tipo intermediário entre uma causativa morfológica e uma sintática	1	Possivelmente sim. Como a causativa perifrástica é formada por composição com o verbo <i>da</i> ‘fazer’, tratado como “verbo auxiliar” ou “verbo leve”, entendemos haver indício de perda de valor lexical desse verbo, em possível processo de gramaticalização para fazer parte de uma palavra composta	1	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI
40	É possível identificar mudanças diacrônicas na marcação de caso do causado?	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI

Quadro 5.11 – Línguas Tikuna, Trumai, Kubeo, Mundurukú e Kamaiurá (questões 41 e 42)

	Línguas	Tikuna	cód_Tik	Trumai	cód_Tru	Kubeo	cód_Kub	Mundurukú	cód_Mun	Kamaiurá	cód_Kam
Questões											
41	Com relação às causativas de verbos transitivos, quais termos são usados? Eles são explicitamente definidos?	Causador: “causer”, entendido como “papel semântico”. Causado: “causee”, “argumento oblíquo no acusativo” e “complemento oblíquo no acusativo”. O “causee” é classificado como “papel semântico”, e a marca acusativa é considerada “distinta da de objeto (central)”. Paciente: “objeto”. “Construção factitiva”: causativa de predicado intransitivo estativo		Causador: “causer”, “participante agentivo”, “agente ‘externo’”, “argumento A” e “principal iniciador do evento”. Causado: “causee”, “agente ‘interno’, aquele que efetivamente realiza o evento” e “argumento A”. Paciente: “O” e “paciente”. A: “argumento obrigatório semelhante ao agente em orações transitivas prototípicas”. O: “argumento obrigatório semelhante ao paciente em orações transitivas e ditransitivas prototípicas”. “Verbo ditransitivo”: igual a “verbo transitivo estendido”		Causador: “causer” e “argumento Aditr” (argumento do tipo agente de predicado trivalente). Causado: “G” e “papel G” (argumento com o papel de recipiente, destinatário ou meta de predicado trivalente). Paciente: “T” e “papel T” (argumento com o papel de tema de predicado trivalente). Causativa com o verbo <i>da</i> ‘fazer’: “causativa perifrástica” e “causativa verbal composta”. Terceiro argumento de construções trivalentes: “objeto indireto” e “argumento G”. Sufixo que marca a função de OD ou OI: glosa de “objeto”, “oblíquo” e “não nominativo”. Não identificamos definições explícitas dos termos		Causador: “agente mediato”, “agente indireto”, “terceiro argumento” e “sujeito da construção causativa”. Causado: “agente imediato”, “adjunto”, “adjunto oblíquo” e “sujeito da transitiva básica”. “Adjunto”: “circunstante” e “constituinte periférico”. “Adjunto oblíquo”		“Causer”: “novo agente” e “novo sujeito A”. “Causee”: “sujeito original”, “objeto direto” ou “objeto indireto”. “Apagamento”: “omissão”. “Diretivo”	
42	Existe alguma terminologia particular? Em caso afirmativo, como é definida?	Uso de “acusativo” para elementos que não exercem a função de objeto. Uso de “argumento oblíquo” sem associá-lo a uma função mais específica (como “objeto oblíquo” ou “adjunto oblíquo”)	1	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI

Quadro 6.1 – Línguas Makuráp, Bora e Sanumá (questões 1 a 4)

	Línguas	Makuráp	cód_Mak	Bora	cód_Bora	Sanumá	cód_San
	Questões						
1	Quais são os mecanismos formais que a língua usa para formar causativas a partir de verbos transitivos?	Não identificamos mecanismo para formar causativa diretamente a partir de verbo transitivo. Um verbo transitivo precisa passar pelo processo de intransitivização com o morfema <i>et</i> 'reflexivo', seguida pela transitivização com o morfema <i>mō</i> 'causativo' e, por fim, pela adição de um terceiro participante (causado)	M	Morfológico (<i>-tso</i>)	M	Morfológico (<i>=ma</i>)	M
2	A construção é causativizada diretamente? Ou passa por algum outro processo prévio de mudança de valência?	Há um processo prévio de mudança de voz verbal, sendo necessário intransitivizar a construção e depois transitivizar	0	Diretamente	1	Diretamente	1
3	Se houver morfema causativo, ele também desempenha outras funções? Em caso afirmativo, especifique o morfema e liste suas funções.	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI
4	Se houver causatividade morfológica, é possível afirmar que os verbos transitivos que a recebem denotam ação abstrata? Em caso afirmativo, especifique e informe quais são esses verbos.	Não identificamos	NI	O verbo <i>úúje</i> 'ver' pode denotar ação abstrata	1	Os verbos <i>ta</i> 'conhecer' e <i>ta</i> 'ver' podem denotar ações abstratas	1

Quadro 6.2 – Línguas Makuráp, Bora e Sanumá (questões 5 a 8)

	Línguas	Makuráp	cód_Mak	Bora	cód_Bora	Sanumá	cód_San
	Questões						
5	Há mais de um marcador causativo de transitivo? Em caso afirmativo, o que motiva a escolha de um e de outro?	Não identificamos marcador causativo de verbo transitivo	NA	Não identificamos	0	Não identificamos	0
6	Existe causativa formada a partir de verbos com três argumentos/participantes (ditransitivos ou congêneres)? Em caso afirmativo, o causado assume qual função sintática?	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Aparentemente, sim. O causado assume a função de “argumento oblíquo”	1
7	Existem semelhanças entre a causativa de transitivos e a construção ditransitiva (ou congêneres)? Em caso afirmativo, quais são elas?	Sim. As construções dativas mostram a mesma ordem (A O V Beneficiário) e a mesma codificação do causado no participante beneficiário (posposição <i>pe ~ me</i>)	1	Sim. As construções com verbos trivalentes apresentam a mesma estrutura da causativa. Naquelas, o objeto recipiente é marcado com o caso acusativo, e o objeto tema é marcado com o alativo, o qual codifica argumentos. Na causativa, o causado recebe o acusativo, e o paciente recebe o alativo	1	Sim. Ambas são tratadas como “sentenças bitransitivas” e apresentam ordem de constituintes semelhante (Causado A O V e A Causado O V; Beneficiário A O V e A Beneficiário O V). O causado ocupa a mesma posição e recebe o mesmo morfema de caso “oblíquo” que o beneficiário da não derivada. Esses dois participantes são interpretados como argumentos	1
8	Existe causativa de transitivo formada a partir de verbos ambitransitivos? Especifique.	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI

Quadro 6.3 – Línguas Makuráp, Bora e Sanumá (questões 9 a 12)

	Línguas	Makuráp	cód_Mak	Bora	cód_Bora	Sanumá	cód_San
	Questões						
9	Se houver incorporação nominal (IN) na língua, o verbo transitivo com IN pode ser causativizado? Em caso afirmativo, existe alguma diferença em relação ao verbo causativizado sem IN?	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI
10	A ordem de constituintes é fixa nas causativas? Qual constituinte ocupa o lugar típico de acusativo (OD)?	Não. O constituinte que ocupa o lugar típico de objeto absolutivo é o paciente	0	Não. A ordem é variável. Considerando a marca de caso, o constituinte que ocupa a função típica de acusativo é o causado	0	Não. A ordem é variável. O constituinte que ocupa o lugar típico de objeto absolutivo é o paciente	0
11	Há alguma restrição na formação de causativas de transitivos? Em caso afirmativo, descreva-a.	Sim. Um verbo transitivo não pode ser causativizado diretamente, pois precisa passar por um processo inicial de intransitivização	1	Não identificamos	NI	Sim. O causador deve possuir o traço [+ANIMADO], pois seres inanimados não podem atuar como agentes de verbos transitivos	1
12	Foram identificados aspectos cognitivos envolvidos na causativa de transitivo?	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI

Quadro 6.4 – Línguas Makuráp, Bora e Sanumá (questões 13 a 16)

	Línguas Questões	Makuráp	cód_Mak	Bora	cód_Bora	Sanumá	cód_San
13	A língua apresenta causativa sintática (perifrástica ou analítica) com verbos transitivos? Em caso afirmativo, quais são os verbos responsáveis pela causatividade?	Não identificamos	NA	Não identificamos	NA	Não identificamos	NA
14	Há verbos usados exclusivamente para expressar causatividade sintática (perifrástica ou analítica)? Em caso afirmativo, especifique.	Não identificamos	NA	Não identificamos	NA	Não identificamos	NA
15	Em relação às causativas com dois verbos, há distinção entre causativa mono-oracional e bi-oracional? Em caso afirmativo, há algum critério ou propriedade sintática para diferenciá-las?	Não identificamos	NA	Não identificamos	NA	Não identificamos	NA
16	Há pares com aproximação semântica que possam ser identificados como “verbo lexical transitivo” versus “verbo lexical transitivo causativo” correspondente?	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI

Quadro 6.5 – Línguas Makuráp, Bora e Sanumá (questões 17 a 20)

	Línguas	Makuráp	cód_Mak	Bora	cód_Bora	Sanumá	cód_San
	Questões						
17	Há critérios para diferenciar os pares de lexemas relacionados com a causatividade lexical tratada na questão anterior?	Não identificamos	NA	Não identificamos	NA	Não identificamos	NA
18	O causado assume qual função sintática nas causativas de transitivos?	O causado assume a função de “actante periférico”	Perif, Argument o Obl	O causado assume a função de objeto, marcado com o caso acusativo	O	O causado assume a função de “argumento oblíquo”, também chamado de “argumento periférico”, marcado com o caso oblíquo	Obl
19	O causado mantém o mesmo caso ou função sintática que exercia na estrutura primitiva (não causativa)? Em caso afirmativo, o causador e o causado compartilham propriedades de sujeito (ou de outra função) entre si? Se compartilharem, há algum critério ou propriedade sintática para identificar o sujeito (ou a outra função) hierarquicamente mais alto?	Não mantém o caso nem a função sintática de sujeito. Não identificamos compartilhamento das propriedades de sujeito	O	Não mantém o caso nem a função sintática de sujeito. Não identificamos compartilhamento das propriedades de sujeito	O	Não mantém o caso nem a função sintática de sujeito. Contudo, o causado pode ocupar a primeira posição da sentença, a qual é típica do sujeito no Sanumá, podendo ser considerada uma propriedade em comum entre o causador e o causado	O 1
20	A marcação do causado ocorre com outros constituintes (ou é exclusiva dele)? Caso ocorra, especificar esses constituintes e as respectivas funções sintáticas na língua.	Não é exclusiva. A posposição que marca o causado também ocorre com o participante dativo nas construções com três participantes, o agente na voz passiva e o antigo objeto na voz antipassiva. A ordem dos participantes posposicionados também tende a ser pós-verbal	1	Não é exclusiva. A marca de acusativo também ocorre com outros constituintes, como o paciente nas transitivas, o recipiente e o tema nas ditransitivas. Nessas situações, o constituinte acusativo atua como objeto	1	Não é exclusiva. A codificação do causado, como a ordem, o caso “oblíquo” e os pronomes de pessoa e número, também é usada com outros constituintes	1

Quadro 6.6 – Línguas Makuráp, Bora e Sanumá (questões 21 a 24)

	Questões / Línguas	Makuráp	cód_Mak	Bora	cód_Bora	Sanumá	cód_San
21	Com relação ao causado, há marcação morfológica distinta da função sintática exercida por ele? Em caso afirmativo, especifique.	Não identificamos	0	Não identificamos	0	Não identificamos	0
22	O causado e o paciente, na causativa de transitivo, podem ser codificados simultaneamente como objeto direto? Em caso afirmativo, eles realmente se comportariam sintaticamente como dois objetos diretos idênticos?	Não identificamos	0	Não identificamos	0	Não identificamos	0
23	Na formação da causativa, o causado assume a posição livre mais alta imediatamente disponível segundo a Hierarquia de Casos apresentada em Comrie (1976, 1989) (Sujeito > Objeto direto > Objeto indireto > Objeto oblíquo)? Em caso negativo, informar a posição assumida.	Não. O causado não segue a Hierarquia, por ser considerado um "participante periférico"	0	Sim. O causado recebe a marca acusativa e passa a atuar como objeto	1	Sim. O causado recebe o caso oblíquo e passa a atuar como "argumento oblíquo". Não identificamos menção a "objeto indireto" em Autuori (2019)	1
24	Há algum critério sintático ou propriedade sintática para diferenciar o causado dos demais constituintes?	Sim. A ordem de constituintes diferencia o causado do objeto, pois o objeto mantém uma posição fixa em relação ao verbo. Não identificamos critérios ou propriedades sintáticas para diferenciar o causado do argumento sujeito	1	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI

Quadro 6.7 – Línguas Makuráp, Bora e Sanumá (questões 25 a 28)

	Línguas Questões	Makuráp	cód_Mak	Bora	cód_Bora	Sanumá	cód_San
25	O causado pode ser omitido ou excluído? Em caso afirmativo, ocorre alteração na valência sintática?	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	O causado pode ser omitido. Não ocorre alteração na valência sintática	1
26	O causado pode ser relativizado? Em caso afirmativo, apresenta uma forma específica ou diferente de relativização em contraste com os demais constituintes?	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI
27	Além do papel semântico de causado, quais outros papéis são expressos pelo causado nas causativas?	O causado apresenta traço [+HUMANO], sendo animado e expressando o papel semântico de agente	Ag	O causado apresenta traço [+HUMANO], expressando o papel semântico de experienciador. Seifart (2015) trata o causado como “recipiente” e “paciente”	Exp Recip Pac	O causado apresenta traço [+HUMANO], expressando os papéis semânticos de agente e de experienciador	Ag Exp
28	Quais propriedades semânticas (grau de controle e/ou afetação, ação direta, por exemplo) são identificáveis no causado? Informe se ele está no controle da atividade ou não (a exemplo de um ente inanimado ou de uma criança pequena) e se ele age com ou sem volição.	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI

Quadro 6.8 – Línguas Makuráp, Bora e Sanumá (questões 29 a 32)

	Línguas	Makuráp	cód_Mak	Bora	cód_Bora	Sanumá	cód_San
	Questões						
29	Há mais de um tipo de causado na língua? Em caso afirmativo, qual deles é mais integrado conceitualmente à sentença?	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI
30	“O causador atua direta ou indiretamente” sobre o causado?	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI
31	“O causador atinge o resultado acidental ou intencionalmente?” (Dixon, 2000, p. 62, tradução nossa)	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI	Deduzimos que o causador pode atingir o resultado intencionalmente	Intenc	Deduzimos que o causador pode atingir o resultado intencionalmente	Intenc
32	O causador apenas inicia um processo naturalmente ou o resultado é alcançado somente com esforço (talvez com violência)?	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI

Quadro 6.9 – Línguas Makuráp, Bora e Sanumá (questões 33 a 36)

	Línguas	Makuráp	cód_Mak	Bora	cód_Bora	Sanumá	cód_San
	Questões						
33	“O causador também está envolvido na atividade (além do causado)? Ou não está envolvido?”	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI	Deduzimos que o causador não está envolvido na atividade	0	Deduzimos que o causador não está envolvido na atividade	0
34	Em relação à pragmática, a língua apresenta, por exemplo, graus de topicalidade ou foco relacionados ao causado ou ao paciente nas causativas de transitivos? Em caso afirmativo, especifique.	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI	Os dados disponíveis não permitem concluir	NI
35	Há relação entre a frequência de uma dada situação e o tipo de construção causativa usado na língua?	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI
36	A língua apresenta mais de um mecanismo formal para expressar causativas de transitivos? Em caso afirmativo, é possível correlacionar o <i>continuum</i> “causativa sintática – causativa morfológica – causativa lexical” (Comrie, 1981, p. 167) e o sentido da causação, indo da menos direta (sintática) para a mais direta (lexical)? Esse <i>continuum</i> vai do alto controle para o baixo controle do causado?	Não identificamos	NA	Não identificamos	NA	Não identificamos	NA

Quadro 6.10 – Línguas Makuráp, Bora e Sanumá (questões 37 a 40)

	Línguas	Makuráp	cód_Mak	Bora	cód_Bora	Sanumá	cód_San
	Questões						
37	As causativas se comportam como mudança de valência? Ou como voz? Explique.	Voz verbal, entendida como a relação entre o verbo e seus participantes e motivada pela situação discursiva. O morfema causativo acrescenta um argumento ao verbo	0 Voz	Aumento de valência. Seifart (2015) também parece incluir a causativa entre as chamadas "alternâncias de voz codificadas no verbo", por ser este o título da seção em que discute a causativa	1 Voz	Aumento de valência. Não identificamos informações explícitas sobre vozes verbais	1
38	As causativas podem ser derivadas ou combinadas com outras vozes ou outros mecanismos de mudança de valência? Em caso afirmativo, informe qual(is).	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI
39	É possível identificar o percurso diacrônico ou ao menos a origem de morfemas causativos de transitivos, construções sintáticas causativas (perifrásticas ou analíticas) ou mesmo de causativas lexicais? Em caso afirmativo, especifique.	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI
40	É possível identificar mudanças diacrônicas na marcação de caso do causado?	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI

Quadro 6.11 – Línguas Makuráp, Bora e Sanumá (questões 41 e 42)

	Línguas	Makuráp	cód_Mak	Bora	cód_Bora	Sanumá	cód_San
Questões							
41	Com relação às causativas de verbos transitivos, quais termos são usados? Eles são explicitamente definidos?	Causador: “agente indireto”. Causado: “actante periférico” e “terceiro actante”. Participante afetado pela ação: “paciente”. Participante com a posposição dativa (que também marca o causado): “complemento periférico” e “complemento dativo”. Não identificamos definições explícitas dos termos		Causador: “causer”, “sujeito” e “A” (“agente”). Causado: “causee”, “R” (“recipiente”), “objeto” e “P” (“paciente”). Paciente: “objeto secundário” e “T” (“tema”). Não identificamos definições explícitas dos termos		Causador: “causer”, “argumento ergativo”, “promotor, mandante, da ação” e “argumento agente”. É entendido como “papel temático” e “executor da ação”. Causado: “causee”, “argumento oblíquo” e “argumento periférico”. É analisado como “a entidade que é compelida a realizar a ação” e “o meio usado para realizar a ação”. Argumentos “oblíquo” e “periférico”: “não possuem concordância no verbo e podem ser suprimidos das sentenças sem prejuízo para o significado central”. Paciente (na transitiva primitiva): “absolutivo (objeto)”. Construção causativa: “bitransitiva”	
42	Existe alguma terminologia particular? Em caso afirmativo, como é definida?	Não identificamos	NI	Não identificamos	NI	Uso de “argumento oblíquo” e “argumento periférico” para o causado	1

Página em branco

APÊNDICE 4 – Aplicação do protocolo de pesquisa

Apresentamos a seguir as respostas completas dos protocolos de pesquisa aplicados a cada uma das línguas investigadas em nossa pesquisa.

Jarawara (Arawá)

Obras pesquisadas¹: Dixon (2000, 2004) e Vogel (2003, 2022)

As citações fazem referência a Dixon (2004), salvo quando indicada outra obra entre parênteses.

1.

Resposta: O mecanismo formal que o Jarawara usa é o morfológico, por meio do prefixo *na-* ~ *niha-* ‘causativo’ ou desse prefixo em conjunto com a reduplicação da última consoante e vogal (CV) da raiz verbal auxiliar. Embora Dixon (2004) afirme que o chamado “nome relacional” corresponde a construções causativas em outras línguas, não identificamos características que o tipifiquem como um mecanismo para formar causativa de transitivo. Vogel (2022) analisa o “nome relacional” como posposição.

p. 248: “Jarawara has two grammatical devices that correspond to causative constructions in other languages. One involves the relational noun *ihi/ehene* ‘due to, because’ (this has many of the properties of a possessed noun but differs from other PNs [possessed nouns] in some ways—there is a full discussion in chapter 22). For instance, an English sentence ‘those waves are going to make us sink’ would be likely to be rendered as, literally, ‘we are going to sink, due to those waves’. There is also the causative derivational prefix on verbs and verbal auxiliaries; this is used a great deal with intransitives and sparingly with transitives.”

p. 54: “The causative prefix has allomorph *na-* when added to an inflecting verb and *niha-* when added to an auxiliary (note that auxiliary *-na-* or *-ha-* drops after *niha-*).”

¹ A: Sujeito transitivo; Ac: Construção A; ADJ: Adjunto; APPLIC: Aplicativo; AUX: Auxiliar; BKG: Modo de segundo plano (*backgrounding mood*); CAUS: Causativo; CC: Complemento de cópula; COMP: Oração completiva (*complement clause*); CONT: Contínuo; CS: Sujeito de cópula; DEC: Modo declarativo; DEP: Oração dependente; DISTRIB: Distributivo; e: Testemunha ocular; f: Feminino; FP: Passado distante; HABIT: Habitual; Imm: Imediato (imperativo); IMMED: Modo imediato; Imp: Imperativo; IP: Passado imediato; m: Masculino; n: Testemunha não ocular; NOM: Nominalização; NP: Sintagma nominal; nsg: Não singular (abrangendo dual e plural); O: Objeto transitivo; Oc: Construção O; PERI: Periférico; Pos: Positivo (imperativo); POSS: Possessivo; REDUP: Reduplicação; REP: Modalidade reportiva; RP: Passado recente; S: Sujeito intransitivo; SG: Singular; 1: Primeira pessoa; 1exc: Primeira pessoa não singular exclusiva (excluindo o destinatário); 3: Terceira pessoa; +: Limite entre palavras gramaticais dentro de uma palavra fonológica.

p. 248-249: “This prefix has two allomorphs:

(a) *na-* with an inflecting verb [...]

(b) *niha-* with *-na-* or *-ha-* auxiliary and with the *-ha-* copula, ‘become’ [...].

The *-na-* or *-ha-* always drops after *niha-*. Note that *niha-* is the only prefix to cause a following auxiliary to drop (in fact the *-na-* or *-ha-* drops before any phonological rule applies). The *-ha-* of *niha-* is omitted—by rule 8*d* from §2.9.6—when unstressed on the underlying cycle (i.e. when in the second, fourth, etc. mora of a word). Thus in (8.2) underlying *toho niha-na-ke* (from verb *toho -na-*) becomes *toho ni-ke* [...].”

p. 96: “The *-ha-* of *niha-* is omitted when unstressed on the underlying cycle (rule P8*d* in §2.9.6), so that we can get the auxiliary of a causative verb beginning just with *ni-*.”

p. 96: “On syntactic grounds the prefixes divide into two sets:

SET (i) 1sg *o-*, 2sg *ti-*, and Oc marker *hi-*. For ease of reference these will be referred to as ‘pronominal prefixes’ [...]

SET (ii) Applicative *ka-*, causative *na-* ~ *niha-*, and the ‘away’ prefix *to-*. This set will be referred to as ‘non-pronominal prefixes’.”

p. 251: “The causative prefix is not used a great deal with transitive roots but there are some textual examples and it is an easy matter to elicit more. (It occurs most often with the verbs ‘eat’ and ‘drink’.) The syntactic pattern is:

(i) a new causer argument is introduced, as A;

(ii) original A becomes O of the causative;

(iii) original O goes into peripheral function (marked by *jaa*).

This is a recurrent type of causative-of-transitive construction, also found in Javanese and Swahili (examples, references, and further discussion are in Dixon 2000a: 52-3).”

p. 53 (Dixon, 2000): “Jarawara (Arawá family, Brazil) is like Swahili in having A and O arguments expressed by bound pronominals within the predicate. It has a general postposition *jaa* which marks any non-core argument. In the causative of a transitive the original A is now cross-referenced as O while the original O loses its cross-referencing and is marked by *jaa* (see Dixon and Aikhenvald 1997: 83, and Dixon and Vogel, forthcoming).”

p. 59 (Dixon, 2000): “Turning now to morphological causatives (§2.1), we find that some languages (e.g. Jarawara) only allow the causative process to apply once per verb, whereas others may have it apply twice.”

p. 64 (Dixon, 2000): “In Jarawara it appears that the only transitive verbs to readily accept the causative prefix *na-* are ‘drink’ and ‘eat’.”

p. 251: “Compare the simple transitive in (8.16a) with the causative in (8.16b):

- (1) [8.16a] *sami_O bako o-na-hara o-ke*
 pineapple(f) eat 1sgA-AUX-IPef 1sg-DECf
 ‘I ate some pineapple’
- (2) [8.16b] *okomi_A owa bako niha-ra-ke [sami jaa]*
 1sgPOSS+mother(f) 1sgO eat CAUS-IPef-DECf pineapple(f) PERI
 ‘my mother made me eat some pineapple’ ”

p. 1: “The language is basically agglutinative [...]

There is a large class of verbs, with intransitives outnumbering transitives; a high proportion of verbs are ambitransitive, many of type S = O and a handful of type S = A. [...]

The nucleus of each clause is a predicate which begins with obligatory pronominal element(s) referring to O and A of a transitive verb or to S of an intransitive. Verbs divide into two classes—inflecting verbs which themselves accept prefixes and suffixes, and non-inflecting verbs which must be followed by one of two auxiliaries, to which all affixes are added. [...] Two of the prefixes mark valency-changing derivations, causative and applicative (although applicative also has a number of purely semantic senses).”

p. 2: “All suffixes are optional—the only obligatory elements in the predicate are verb root and pronominal elements referring to core participants.”

p. 2: “There are two transitive construction types: one (the A-construction) marks the A argument as pivot of the stretch of discourse in which the clause occurs and the other (the O-construction) marks the O argument as pivot. [...]

A sentence in Jarawara will typically include one main and up to three (sometimes more) subordinate clauses.”

p. 61 (Vogel, 2003): “Verbs may be divided into inflecting and non-inflecting classes, inflecting verbs being those which take prefixes and suffixes directly, and non-inflecting verbs being those which require that prefixes and suffixes be attached to an auxiliary.”

p. 62 (Vogel, 2003): “Almost all non-inflecting verbs are associated with the auxiliary *na*, but a few are associated instead with the auxiliary *ha* [...]”

p. 97: “AUXILIARY ROOT *-na-* or *-ha-*. Generally obligatory after a non-inflecting verb root. Auxiliary *-na-* may be omitted in several circumstances, but auxiliary *-ha-* is only omitted in one circumstance (after the causative prefix)—see §4.5.1, §8.1.1.”

p. 251-252: “There are two grammatical methods for forming the causative of a verb in Jarawara. One is, as exemplified so far, just to use the causative prefix. The other is also to have final .CV reduplication of the verb root; all reduplicated verbs are non-inflecting and take an auxiliary. Thus, the causative prefix is here added to the auxiliary.”

p. 252: “Final reduplication plus causative is used especially often with transitive roots. One text includes the simple transitive in (8.18) and the corresponding causative, with root-final reduplication, in (8.19).

- (3) [8.18] *kana_O otaa bako na*
 cane(f) 1exclA eat AUXf
 ‘we eat sugar cane’

- (4) [8.19] [*kana jaa*] *otara mee bako.ko ni-haro-ke*
 cane PERI 1excO 3nsgA eat.REDUP CAUS-RPef-DECf
 ‘they fed us (lit. let us eat) sugar cane’ ”

p. 252: “The difference in meaning appears to be that a causative with final reduplication often implies ‘let X do Y’ (where X does Y willingly or naturally) whereas the plain causative often means ‘make X do Y’ (where X may not be too happy about doing this). Thus (8.19) is ‘they fed us, i.e. let us eat’ in contrast to (8.16b) ‘she made me eat’.”

p. 252: “The two mechanisms can be illustrated with the inflecting verb *-fawa-* ‘drink’, shown in plain transitive form in (8.20a), in plain causative form *na-fawa-* in (8.20b)—which repeats (3.20)—and with final reduplication plus causative, *fawa.wa niha-*, in (8.20c).

- (5) [8.20a] *inamatewe_A hemejo_O fawa-ke*
 child(f) medicine(f) drink-DECf
 ‘the child drinks the medicine’

- (6) [8.20b] *inamatewe_O mati_A na-fawa-ke [hemejo jaa]*
 child(f) 3sgPOSS+mother(f) CAUS-drink-DECf medicine PERI
 ‘the mother makes the child drink the medicine (when it didn’t want to)’

- (7) [8.20c] *inamatewe_O mati_A fawa.wa ni-ke [hemejo jaa]*
 child(f) 3sgPOSS+mother(f) drink.REDUP CAUS-DECf medicine PERI
 ‘the mother lets the child drink the medicine’ ”

p. 252: “We sometimes get ‘double’ marking of a causative, e.g. *na-kaba.ba niha-*, where the causative prefix is added to the verb root, which receives final .CV reduplication, and in addition *niha-* is added to the reduplication auxiliary *-na-* (which then drops) as in:

- (8) [8.21] *okomi_A owa na-kaba.ba ni-hare-ka [awi jaa]*
 1sgPOSS+father(m) 1sgO CAUS-eat.REDUP CAUS-IPem-DECm tapir(m) PERI
 ‘my father got me to eat some tapir (meat)’

This ‘double’ marking (of a single causative derivation) is attested just with *-kaba-* ‘eat’ and *-fawa-* ‘drink’.”

p. 509: “The word *ihī (f)/ehene* (m) ‘due to, because of’ has a range of functions. It can mark a type of peripheral NP, as in:

- (9) [22.1] *[okobi ati ehene] fatara_o bore o-na*
 1sgPOSS+father(m) word DUE.TOM garden(f) make.garden 1sgA-AUXf
 ‘because of my father’s words (that is, because my father tells me to), I make a garden’

Or *ihī/ehene* can follow a clause, marking it as a peripheral constituent:

- (10) [22.2] *[faha_s wata-ra ihī] atabo_o sobi ne-mata-mona-ka*
 water(f) exist-NEGF DUE.TOF mud(f) suck AUX-FPnm-REPM-DECM
 ‘because there was no water, it is said that he sucked mud (for the moisture it contains)’

Lastly, an NP whose final element is *ihī/ehene* can function as a core argument in a main clause:

- (11) [22.3] *[mee kaa kanawaa ifi ihī]_s wati-ne-ke haaros*
 3nsg POSS canoe(f) rim+f DUE.TOF exist-CONF-DECf THIS.ONE.VISIBLEf
 ‘these (scratch marks on the tree) due to the rim of their canoe (as it was dragged along the path) are (here)’ ”

p. 509: “In form, *ihī/ehene* is like a possessed noun (PN). In (22.1) and (22.3) it functions as the last element in an NP, agreeing in gender with the head—m in (22.1), f in (22.3)—just like a PN. This is probably its diachronic origin. But it has now expanded functionally, marking the relation of a peripheral NP to the main clause, as in (22.1), or the relation of a subordinate clause to the main clause, as in (22.2).”

p. 4 (Vogel, 2022): “There are also a set of three postpositions that mark adjuncts [...]. The three words are *ihī/ehene* ‘because of’, *tabiyo* ‘because of the absence of’, and *namoni* ‘with news of’.”

p. 125 (Vogel, 2022): “There are two kinds of adjuncts in Jarawara, with respect to how they are marked. Dixon calls all the markers of adjuncts postpositions, except for *ihī/ehene*, which he calls a relational noun. I use a different classification, which I believe is supported by the behavior of relative clauses, along with other criteria. I divide the markers of adjuncts into particles on the one hand, and postpositions on the other hand. The particles are *ya*, *ni ya*, *karo/kari*, and *nima* (~ *tima*); and the postpositions are *ihī/ehene*, *tabiyo*, and *namoni*.”

p. 161-162 (Vogel, 2022): “There is a set of three words in Jarawara that I have called postpositions (Vogel 2021), because like prepositions in English, they have characteristics of both lexical and functional heads. They are *ihī/ehene*, *tabiyo*, and *namoni*. These three clearly

are functional heads, because they mark adjuncts, similarly to *ya* and a small number of other morphemes that mark adjuncts in Jarawara. But while it can be argued that *ya* has purely functional meaning, the three words in this group seem to have both lexical and functional meaning. One of the signs of the lexical meaning is that at least two of the words, *ihi/ehene* and *tabiyo*, often function in other syntactic contexts in the same ways that PNs function (cf. the next section). In these other contexts they do not mark adjuncts, but function as nouns in subjects, objects, etc., just as other PNs. Furthermore, even when they mark adjuncts, these three words have possessors, in contrast to *ya* and other markers of adjuncts, which never have possessors. This use of terminology is similar to that of Dienst (2014), who describes the Kulina cognate of *ihi/ehene*, i.e., *hini*, as a postposition. In Kulina, however, it appears that *hini* only marks adjuncts, and does not function as a PN, even though Kulina also has a class of inalienably possessed nouns.

[...] When *ihi/ehene* occurs as a postposition, its meaning is ‘because of’ [...].”

2.

Resposta: A construção é causativizada diretamente, com o prefixo *na-* ~ *niha-* ‘causativo’ sendo anexado ao verbo flexional transitivo ou à raiz auxiliar de um verbo não flexional transitivo.

3.

Resposta: O prefixo *na-* ~ *niha-* ‘causativo’ não desempenha outras funções.

p. 71: “Two clearly derivational prefixes can be recognized: *na-* or *niha-*, which always has causative meaning and syntactic effect; [...].”

4.

Resposta: Não identificamos exemplos de verbos transitivos com o prefixo *na-* ~ *niha-* denotando ação abstrata. Todavia, Dixon (2004) não estabelece restrições semânticas para a ocorrência desse prefixo. Os exemplos fornecidos pelo autor mostram verbos transitivos ativos, sendo três ingestivos, *bako* ‘comer’ (2), (4) [8.16b, 8.19], *kaba* ‘comer’ (8) [8.21] e *fa(wa)* ‘beber’ (6), (7) [8.20b = 3.20, 8.20c], e dois não ingestivos, *aka* ‘vestir’ (50) [T1.22] e *weje* ‘carregar’ (51) [8.22].

p. 616: “-aka-, tr, put on, wear”

p. 617: “bako -na-, tr, eat by sucking”

p. 619: “-fa(wa)-, O, drink, suck; see §4.5.2”

p. 622: “-kaba-, O, eat (where a lot of chewing is involved); be edible”

p. 629: “weje -na-, tr, carry on back with straps over both shoulders, wear on head, brush with shoulder”

p. 553: “Jarawara also has a number of transitive verbs of eating, but these describe the nature of the action, not the type of object involved. We find:

-kaba-	eat where a lot of chewing is involved (this would be used of meat, fish, sweet corn, yams, manioc, biscuits, etc.)
jome -na-	eat where little or no chewing is needed, e.g. eating an orange or banana (also used for swallowing a pill)
komo -na-	eating which involves spitting out seeds (e.g. <i>jifo</i> , the fruit of the murity palm, <i>Mauritia vinifera</i>)
bako -na-	eating by sucking (e.g. watermelon, cashew fruit)”

5.

Resposta: Existem dois marcadores causativos de verbo transitivo, e o que motiva a escolha de um ou o acréscimo de outro é a semântica. Os enunciados construídos apenas com o prefixo *na-* ~ *niha-* transmitem a ideia de causação, eventualmente incluindo a noção de imposição, enquanto aqueles construídos tanto com o prefixo quanto com a reduplicação da última consoante e vogal (CV) da raiz verbal auxiliar denotam o sentido permissivo. De acordo com Dixon (2004), a reduplicação com o prefixo causativo é mais comum nos verbos transitivos do que nos intransitivos.

6.

Resposta: Não identificamos construção causativa formada a partir de verbos com três argumentos ou três participantes.

7.

Resposta: Sim. Além das marcações similares no argumento O (gênero) e no SP (posposição *jaa* ~ *ni-jaa*), a ordem pode ser semelhante, contudo, nas ditransitivas consultadas, o sujeito aparece em prefixo verbal. Dixon (2004) informa que as construções com três argumentos podem ter duas molduras sintáticas, uma com o recipiente no sintagma posposicional (O_{pac} V A-Aux SP_{recip}) (12) [20.25], outra com o paciente no SP (O_{recip} V A-Aux SP_{pac}) (13) [20.26]. Apesar dessa alternância entre os papéis semânticos e o tipo de marcação, notamos que a sequência OV se mantém nas ditransitivas. As causativas que seguem essa ordem são (2)

[8.16*b*], (8) [8.21] e (51) [8.22], com o causado posicionado imediatamente antes do verbo (A O_{causado} V Aux SP_{pac}).

Em relação aos papéis semânticos, essas mesmas causativas apresentam o paciente no SP. Isso também ocorre nos exemplos causativos (6) [8.20*b* = 3.20] e (7) [8.20*c*], com a ordem (Causado A V SP_{pac}). As causativas em que o SP paciente aparece no início dos enunciados são (4) [8.19] (SP_{pac} Causado A V_{redup} Aux) e (50) [T1.22] (SP_{pac} A V_{redup} Aux), assim como na ditransitiva (16) [20.29] (SP_{pac} O_{agente} A-V A-Aux), porém com ordem de constituintes distinta. Na ditransitiva (17) [20.30] (SP_{agente} O_{pac} A-V A-Aux), é o agente que ocorre posposicionado.

Como revelam os pares dos exemplos (12) [20.25] e (13) [20.26], (14) [20.27] e (15) [20.28], (16) [20.29] e (17) [20.30], com os verbos *-jofi-* ‘mostrar’, *taa-na-* ou *-ka-kawa-* ‘dar’ e *-kahabana-* ‘ordenar algo’, existem mecanismos formais nas ditransitivas para que o recipiente humano se torne objeto/acusativo, alternando construções em que o recipiente ocorre em sintagma posposicional ou ocorre como objeto/acusativo. Essa alternância permite atribuir centralidade ao recipiente humano. Tal centralidade é similar nas causativas, nas quais o causado, que é humano, também ocupa a posição de objeto. Logo, há paralelismo entre o comportamento do causado nas causativas de transitivo e o comportamento do recipiente humano nas ditransitivas que o tratam como objeto/acusativo.

Por fim, registramos que a existência de verbos com três argumentos pode ser um indício de que a causativa de transitivo também tem três argumentos.

p. 493: “The verb *-jofi-* ‘show’ involves three arguments—the person showing (always in A function), the thing shown, and the person to whom it is shown. There are two syntactic frames. In one, the thing shown is in O function and the NP referring to the person to whom it is shown is marked by *ni-jaa*, as in:

- (12)[20.25] *imawa_ojofi ti-ka-na-hi [owa ni-jaa]!*
 knife(f) show 2sgA-APPLIC-AUX-ImmPOSIMPF 1sg PERI
 ‘you show the knife to me!’

Alternatively, the person it is to be shown to can be in O function, and the thing-shown NP is then marked by *jaa*, as in (7.64) and:

- (13)[20.26] *tiwa jofi o-ka-na o-ke [jimawa jaa]*
 2sgO show 1sgA-APPLIC-AUX 1sg-DECf knife(f) PERI
 ‘I’m showing you my knife.’ ”

p. 493-494: “There are two verbs ‘give’, both having the donor as A argument. With *taa -na-* the gift is generally in O function with the recipient being marked by *ni-jaa*; for example:

- (14)[20.27] *jimawa_o taa ti-na-hi* [owa ni-jaa]!
 knife(f) give 2sgA-AUX-ImmPOSIMPF 1sg PERI
 ‘you give the knife to me!’

And with *-ka-kawa-*, the recipient is in O function, with the gift being marked by *jaa*:

- (15)[20.28] *owa tee-kawa-hi* [jimawa jaa]!
 1sgO 2sgA+APPLIC-give-ImmPOSIMPF knife(f) PERI
 ‘you give me the knife!’

Another place from which *jaa* can be omitted is a construction with *-ka-kawa-* ‘give’. Instead of (20.28) one could just say *owa tee-kawa-hi jimawa* (there is an example of *jaa* being omitted here at (10.38)). In such *-ka-kawa-* clauses we have two NPs without any postposition and in theory either of them could be the O. But since a gift is always non-human and a recipient almost invariably human there is in fact no possibility of misunderstanding.”

p. 494: “A further verb involving three arguments is *-kahabana-* ‘command something (typically, a spirit or a dog) to do harm to someone’. There are again two possibilities for what is O. It can be the thing commanded (here, a dog) as in (20.29). The human victim (a member of the Jamamadi tribe, called Wahati by the Jarawara) is then marked by *ni-jaa*.

- (16)[20.29] [*Wahati ni-jaa*] *jomee_o o-kahabana* *o-ke*
 tribe PERI dog(m) 1sgA-command.to.harm 1sg-DECf
 ‘I command the dog to hurt the Jamamadi person.’

Alternatively, the victim can be O, and the dog is in peripheral function, marked by *jaa* (not by *ni-jaa*), as in:

- (17)[20.30] [*jomee jaa*] *Wahati_o o-kahabana* *o-ke*
 dog(m) PERI tribe 1sgA-command.to.harm 1sg-DECf
 ‘I command the dog to hurt the Jamamadi person.’ ”

p. 494: “Thus, the person-to-whom-shown or the recipient (with human reference) is marked by *ni-jaa*, while the thing-shown or the gift (inanimate in these examples) is marked by *jaa*, in (20.25-8). In (20.29-30) the victim (necessarily human) is marked by *ni-jaa* while the thing commanded to administer the hurt (animate non-human) takes *jaa*.”

8.

Resposta: Sim. Os verbos identificados como ambitransitivos são *fawa* ‘beber’ e *kaba* ‘comer’.

p. 82: “Leaving aside the small class of copula verbs, which only occur in copula constructions, and the two secondary verbs, which can be placed just before mood in the predicate (§7.1), verbs in Jarawara fall into four transitivity classes:

- (i) Strictly intransitive (int). Can only occur in an intransitive clause, e.g. *-ha-*, ‘be in motion’; slightly more than half the verbs in the dictionary are strictly intransitive.
- (ii) Ambitransitive of type S = A. Can occur in an intransitive or in a transitive construction with the S of the first corresponding to the A of the second; I know of a couple of dozen verbs of this type.
- (iii) Ambitransitive of type S = O. Very many verbs can occur in an intransitive or in a transitive construction with the S of the first corresponding to the O of the second.
- (iv) Strictly transitive (tr). Some verbs are only attested—in the corpus—in transitive clauses but when tested with consultants, many of them are found to be S = O ambitransitives. There are, however, a fair number of verbs which may only be used in transitive clauses; for example *firi -na-* ‘illuminate, shine light on’.”

p. 82: “Although types (ii) and (iii) are both ambitransitive, they have quite different syntax and semantics and it is important to distinguish between them. The S = A type can be exemplified with *haa -na-* ‘call (to)’, used intransitively in (3.10a) and transitively in (3.10b). [...]

The S = O type can be exemplified with the verb *-kaba-* ‘eat, be edible’, used transitively in (3.11a) and intransitively in (3.11b). [...]”

p. 82: “Quite a number of S = O type ambitransitives typically have an inanimate as S/O argument, e.g. ‘break’, ‘tie up’, ‘roast’—they generally refer to an action in which the referent of the O argument is physically affected.”

p. 548: “Verbs *-fimi-* ‘be hungry’ and *-hano-* ‘be drunk, be high’ are inflecting, as are the most general verbs for eating, intransitive *-tafa-* and S = O ambitransitive *-kaba-*. Other, more specialized, eating verbs are non-inflecting (see §26.2.4).”

p. 549: “The great majority of S = O ambitransitives are basically transitive, with the intransitive being a secondary sense. [...] Indeed, it is possible that some of the verbs currently noted as being transitive may actually be of the S = O ambitransitive type.”

p. 549: “The set of S = O ambitransitives includes verbs of physical effect, which cover: hitting, shooting, killing, cutting, scraping, covering, burying, painting, heating, cooking (by various means), breaking, twisting, tying up, pulling, pushing, dragging, squeezing, and rubbing. It also covers verbs of ingestion—various modes of eating, plus gnawing, biting, drinking—and verbs such as ‘work at’, ‘make’, ‘put down’, ‘put in water’, ‘find’, ‘hear/listen’, and ‘give’.”

p. 103: “A number of verbs in Jarawara are ambitransitive of type S = O. When used transitively they impute the activity to an agent. When used intransitively they simply focus on the patient of the activity, typically indicating that it has come into a certain state; the prefix *to-* is often added in such circumstances.”

p. 120: “CLASS 8. The S = O ambitransitive verb *-iha-* ‘happen, appear, be born’ drops the initial vowel when preceded by a first order prefix (e.g. *to-* plus *-iha* > *to-ha*) but retains it with the applicative prefix *ka-* or the causative prefix *na-*.”

p. 121-123: “There are just a few monosyllabic inflecting verbs (all intransitive) which show a number of different patterns of formal behaviour.

[...]

(e) As mentioned in §2.10.3, the S = O ambitransitive verb ‘to drink’ has root *-fawa-*. However, it is reduced to *-fa-* after a first order prefix (*o-*, *ti-*, or *hi-*). In other contexts *-fawa* is retained, i.e. with the applicative prefix *ka-* or causative *na-* or when there is no prefix. (A word including *-fa(wa)-* thus always has at least two moras.)”

p. 254: “The verb *-wasi(ha)-* is ambitransitive of type S = O, ‘find, be found’. The causative *na-wasi(ha)-*, meaning ‘catch (fish)’, appears to be based on the intransitive, i.e. ‘make be found’; see T3.52, 54, and the discussion under (6) in §26.2.4.”

9.

Resposta: Não identificamos incorporação nominal no Jarawara.

p. 72 (Vogel, 2003): “Baker (1996) has proposed that the most basic parameter of UG is the polysynthesis parameter. A polysynthetic language is characterized as having noun incorporation and being head-marking rather than dependent-marking (Nichols 1986). For a head-marking language, the grammatical status of arguments is referenced by verbal agreement, whereas a dependent-marking language has case marking of NPs. There is no noun incorporation in Jarawara, so it is not fully polysynthetic.”

10.

Resposta: Não. Embora a posição típica de acusativo varie de acordo com a construção, o constituinte se mantém o mesmo, no papel de causado. Nas causativas derivadas de uma “construção A”, o causado ocupa a posição do antigo O, ao lado do verbo, como em *bako* (2) [8.16b], *kaba* (8) [8.21] e *weje* (51) [8.22]. Nas causativas derivadas de uma “construção O”, o causado também ocupa a posição do antigo O, mas prévia ao argumento A, seguindo a ordem

O_{causado} A V, como em *bako* (4) [8.19]. Assim, comparando os mesmos verbos usados nas causativas e nas transitivas, o constituinte que ocupa o lugar típico de acusativo é o causado. Esclarecemos, contudo, que a posição desse constituinte pode ocupar um lugar distinto do padrão esperado. Embora a construção básica de (5) [8.20a], com o verbo *fa(wa)* ‘beber’, seja do tipo A, cuja ordem previsível seria A O V, questões gramaticais e semânticas, como SN possuído e sentido do enunciado, alteram a ordem dos dados derivados em (6) [8.20b = 3.20] e (7) [8.20c] para O_{causado} A V, distanciando o argumento O do verbo (cf. Dixon, 2004, p. 86).

p. 86: “Something should be said about the ordering of core NPs within a clause. More than half the clauses in Jarawara texts are intransitive. Of the transitives, some contain no NP in slot 2 but the majority have just one, in either A or O function (most frequently, an O NP in an A-construction, and an A NP in an O-construction—see §3.4.1). Only about 3 per cent of transitive clauses have both A and O NPs stated. When this does happen, about 85 per cent of the time in an A-construction the A NP precedes the O NP and about 73 per cent of the time in an O-construction the O NP precedes the A NP. But the order is not fixed and is in no manner grammatically significant.”

p. 86: “There can, however, be grammatical reasons for employing a particular order in a specific case. For instance, I was told that the O NP must come first in:

- (18)[3.20] *inamatewe_O mati_A na-fawa-ke [hemejo jaa]*
 child 3sgPOSS+mother CAUS-drink-DECF medicine(f) PERI
 ‘the mother makes her child drink the medicine’ (lit. his/her mother makes the child drink the medicine)

This is simply because the A NP *mati* is the 3rd person possessed form of ‘mother’, i.e. ‘his/her mother’; since this ‘his/her’ is anaphoric on the O NP, *inamatewe* ‘child’, it should follow it. (Which NP is in A and which in O function is clear on semantic grounds—mothers make small children drink medicine and not vice versa.) Note that this is a rather special instance; generally, Jarawara does not permit backwards anaphora (or cataphora).”

p. 418: “The two transitive constructions in Jarawara

The linking of clauses in Jarawara operates in terms of a pivot. But there is not a restrictive S/A or S/O pivot. Instead, the language has two transitive construction types:

- (i) An A-construction (Ac) is used when the pivot argument (an argument that is shared with preceding and/or following clause(s)) is in A function in this clause.

(ii) An O-construction (Oc) is used when the pivot argument (an argument that is shared with preceding and/or following clause(s)) is in O function in this clause.”

p. 420: “Note that both the Ac and the Oc can be used with any transitive verb—there are no lexical restrictions. There are no syntactic operations that are sensitive to whether a transitive clause is an Ac or an Oc.”

p. 71: “An important feature of the language is that grammatical ordering is never rigid.”

p. 387: “It is a fad of modern linguistics for one of the first questions asked about any language to be ‘what is its word order?’, by which is meant ‘what is the order of clausal constituents?’ For some languages—especially those, like English, where syntactic function is largely marked through constituent order—this is a relevant question. But for very many languages the order of clausal constituents is neither important nor significant.”

p. 387: “There are certain sequences that are fairly fixed in Jarawara, and these are shown in the ordering given above: clause-initial elements generally precede core NPs which precede the predicate which precedes clause-final elements (these should perhaps be called ‘penultimate elements’) which precede a post-predicate NP. A peripheral constituent (NP or clause) marked by *jaa* is generally restricted to clause-initial or clause-final slot.”

p. 387:

“1. CLAUSE-INITIAL ELEMENTS—see §14.2.

2. CORE NPs. One NP in S function for an intransitive clause, one or two NPs in A and/or O function for a transitive clause, and one or two NPs in CS and/or CC function for a copula clause. The structure of NPs is discussed in chapters 10-11.

3. PREDICATE, which includes obligatory reference to core arguments (except for CC).

4. CLAUSE-FINAL ELEMENTS—see §14.3.

5. A POST-PREDICATE NP, expanding the reference of an S, A, O, or CS argument; these are used sparingly, for afterthoughts and special emphasis—see §10.3 and §12.1.”

p. 387: “However, I have heard a *jaa* constituent placed in the middle of the core, between S NP and predicate, and this order was maintained when attention was directed to it (see §20.1). This indicates that the order of constituents given above is conventional but not significant and can be varied without altering meaning or grammatical status.”

p. 388: “Of the types of transitive clauses, an A-construction is likely to have an explicit O NP and an O-construction is likely to have an explicit A NP. Very few transitive clauses (no more than 3 per cent) have both A and O NPs. In an A-construction with two NPs, the A NP comes first about 85 per cent of the time (from a textual sample) while in an O-construction the O NP

comes first about 73 per cent of the time. The order of NPs can be considered to be, to some extent, at the whim of the speaker.”

p. 237: “[bako -na-, tr, eat by sucking]

- (19)[7.41] *Ara_A sami_O bako na na-noho*
 name(m) pineapple(f) eat AUX LIST-CLIMAXm
 ‘I thought, erroneously, that Alan was eating a banana; he is actually eating a pineapple’ ”

p. 270: “[kaba-, O, eat (where a lot of chewing is involved); be edible]

- (20)[9.3] *aba_O o-koba o-ke*
 fish(m) 1sgA-eat 1sg-DECf
 ‘I eat fish’

- (21)[9.4] *aba_O ka.kaba o-hi-ne o-ke*
 fish(m) REDUP.eat 1sgA-AUXb-CONTf 1sg-DECf
 ‘I eat lots of fish’ ”

p. 384: “

- (22)[13.25a] *mee otaa kaba-hamaro otaa-ke fahi*
 3nsgO 1excA eat-FPef 1exc-DECf THERE.NON.VISIBLE
 ‘we ate them (fish) there’ ”

p. 82: “

- (23)[3.11a] *jao_O o-koba-tee ama o-ke*
 sloth sp.(m) 1sgA-eat-HABIT EXTENT 1sg-DECf
 ‘I customarily eat sloth’ ”

p. 158: “

- (24)“[5.147] *jamata_O kaba-nati o-hi-be*
 food(f) eat-ONLY.PERSON 1sgA-AUXC-IMMEDf
 ‘I’ll eat by myself (before all the others come to eat)’ ”

p. 159: “

- (25)[5.153] *aba_O kabi-nima o-ke*
 fish(m) eat-WANT 1sgA-DECf
 ‘I want to eat fish’ ”

p. 183: “

- (26)[5.306] *aba_O Jara_A mee mee kaba-ke*
 matrinxão(m) Branco(m) 3nsgO 3nsgA eat-DECf
 ‘the Brancos eat a lot of matrinxão’ ”

p. 191: “

- (27)[5.350] *kate_A wami_O kaba-tee ama-ka*
 macaw(m) tree.sp.(f) eat-HABIT EXTENT-DECm
 ‘macaw (birds) eat the fruit of the wami tree’ ”

p. 439:

“3sg O, i/2nsg A—(iv) tense-modal and mood specified:

- (28)[16.32] Ac: *kanero_O otaa kaba-haro otaa-ke*
 mutton(m) 1excA eat-RPef 1exc-DECf
 ‘we ate some mutton, a fair time ago’

Oc: *(kanero_O) otaa kabe-hiri-ka*
 mutton(m) 1excA eat-RPem-DECm
 ‘we ate some mutton, a fair time ago’

3sg O, 3sg A—(iii) mood but no tense-modal:

- (29)[16.33] Ac: *Okomobi_A [oko siraba]_O kaba-ka*
 name(m) 1sgPOSS cangati(f) eat-DECm
 ‘Okomobi is eating my cangati (fish sp.)’

Oc: *([oko siraba]_O) Okomobi_A hi-kaba hi-ke*
 1sgPOSS cangati(f) name(m) Oc-eat Oc-DECf
 ‘Okomobi is eating my cangati’

3sg O, 3sg A—(iv) tense-modal and mood specified:

- (30)[16.34] Ac: *Okomobi_A [oko siraba]_O kabe-hino-ka*
 name(m) 1sgPOSS cangati(f) eat-IPnm-DECm
 ‘Okomobi ate my cangati’

Oc: *([oko siraba]_O) Okomobi_A hi-kaba-ni-ke*
 1sgPOSS cangati(f) name(m) Oc-eat-IPnf-DECf
 ‘Okomobi ate my cangati’ ”

p. 166: “[-fa(wa)-, O, drink, suck]

- (31)[5.202] *kasasa_O fa.fawi nima raba o-ke*
 cachaça(f) REDUP.drink WANT A.BIT 1sgA-DECf
 ‘I want to drink just a bit of cachaça (cane whisky)’ ”

p. 236: “

- (32)[7.33] *Watati_A faha_O fawi-ni*
 name(f) water(f) drink-BKGf
 ‘Watati drinks water’

- (33)[7.34] *Mioto_A faha_O fawa-ne*
 name(m) water(f) drink-BKGm
 ‘Mioto drinks water’ ”

p. 260: “

- (34)[8.46] *farina_o otaa ka-fawa*
 manioc.flour(f) 1excA APPLIC-drink+f
 ‘we drink a mixture of manioc flour and water’ ”

p. 462: “[DC: dependent clause]

- (35)[18.1] DC *jama_o mee fawa mee*
 thing(f) 3nsgA drink 3nsgDEP
 ‘they drink the thing (the cane whisky)’ ”

p. 487: “

- (36)[19.21] *sahario o-fawa o-ke [mafo_o mee kihi]*
 broth(f) 1sgA-drink 1sg-DECf ant(m) 3nsgO have+NOMf
 ‘I drank the broth, with ants in it’ ”

p. 522: “

- (37)[23.120d] *kafe_o otaa fawa; otaa tafa naa*
 coffee(f) 1excA drink 1excS eat LISTf
 ‘we drank coffee, and we ate’ ”

p. 191: “[-aka-, tr, put on, wear]

- (38)[5.346] *Okomobi_A makario aka-wa-hare-ka*
 name(m) clothes(f) put.on-NEXT.THING-IPem-DECM
 ‘Okomobi put on clothes just now’

- (39)[5.347] *Okomobi_A makario aka-wa na-hare-ka*
 name(m) clothes(f) put.on-SECOND.TIME AUXc-IPem-DECf
 ‘Okomobi changed his clothes just now’ ”

p. 235: “

- (40)[7.28] *makario mee aka-ra-ro-ni,*
 clothes(f) 3nsgA wear-NEG-RPef-BKGf

[mee kori]_{CS} to-ha-haro-ni
 3nsg nakedness+f AWAY-become-RPef-BKGf
 ‘they didn’t wear clothes, they were naked (lit. their nakedness became)’ ”

p. 603: “

- (41)[T2.117] *otaa k[a]-imisa-ma otaa, makario otaa aka-wa*
 1excS in.motion-UP-BACKf 1excDEP clothes(f) 1excA wear.clothes-
 NEXT.THINGf
 ‘having come back up (the bank, out of the water), we put on (new) clothes’ ”

p. 451: “[weje -na-, tr, carry on back with straps over both shoulders, wear on head, brush with shoulder]

- (42)[17.34] *aba_o mera weje na-re-ka*
 fish(m) 3nsgO carry Aux-IPem-DECM
 ‘he carried the fish’ ”

p. 44: “

- (43)[2.18a] *isiri_o weje o-ko-misa-hara*
 basket(f) carry 1sgA-APPLIC-up-IPef
 ‘I carried the basket up (on my back)’ ”

p. 124: “

- (44)[4.62] *aba_o mee mee weje na*
 fish(m) 3nsgO 3nsgA carry Auxf
 ‘they carry fish (in baskets) on their backs’
- (45)[4.63] *jama_o otaa weje-ri na-misa*
 thing(f) 1excA carry-DISTRIB Aux-UPf
 ‘we each carry our own things up on our backs’ ”

p. 144: “

- (46)[5.62]
[oko isiri]_o weje o-ka-ni-joma-ma o-ke
 1SGPOSS basket(f) carry 1sgA-APPLIC-AUXa-THROUGH.GAP-BACK 1sg-DECf
 ‘I carry my basket through the door’ ”

11.

Resposta: São agramaticais as construções com verbo transitivo derivado simultaneamente pelos prefixos *ka-* ‘aplicativo’ e *na-* ~ *niha-* ‘causativo de transitivo’. Como um “sujeito intransitivo” (S) precisa se tornar um “sujeito transitivo” (A) na construção aplicativa, para nós, o aplicativo não pode ser considerado um morfema causativo, em que um A é introduzido de fora, demovendo o S para a função de “objeto transitivo” (O). Essa diferença pode explicar a incompatibilidade dos prefixos aplicativo e causativo no Jarawara.

Semanticamente, os participantes causador e causado apresentam traço [+HUMANO] em todos os dados consultados, mas o causado nem sempre é volicional. Identificamos verbos marcados com o prefixo *na-* ~ *niha-* ocorrendo na 1ª e na 3ª pessoa do discurso. Segundo Dixon (2000, p. 64), apenas os verbos transitivos ‘beber’ e ‘comer’ parecem aceitar prontamente o prefixo causativo. Contudo, Dixon (2004, p. 253) informa, embora sem especificar o tipo de causativa, que as construções causativas têm um alcance semântico amplo e podem ser usadas com verbos de qualquer tipo semântico, como ação, processo ou estado.

p. 253: “The causative in Jarawara has a wide semantic range. It can be used with a verb of any semantic type, whether describing an action or a process or a state (e.g. ‘make it cold/strong’).”

p. 255: “Transitivizing sense

Whereas the causative prefix forms a transitive stem from an underlying root, with underlying S becoming O, the prefix *ka-* can form a transitive stem from an underlying root with underlying S becoming A. This is what is generally called an applicative derivation [...]"

p. 258: "There are many examples of *ka-* from the second prefix slot co-occurring with causative *na-* ~ *niha-* from the third slot. But these all involve a semantic sense of the applicative prefix (illustration will be provided in §8.2.2). We do not find the syntactic sense of *ka-* co-occurring with causative *na-* ~ *niha-*.

Theoretically, it might seem that such a construction should be possible. The syntactic sense of applicative is only found with intransitives but causative can apply to intransitives or transitives. Why not then have an intransitive verb to which the syntactic applicative derivation is applied, and then the causative derivation?"

p. 258: "Now suppose that the Branco urged the dog to bark at me. Why can't we have a causative of (8.35*b*) with *habo ka-ni-ka* ('bark APPLIC-CAUS-DECM')? Recall that, in the causative of a transitive, underlying A becomes O and underlying O goes into peripheral marking. Such a syntactic-applicative-plus-causative might be predicted to be:

(47)[8.36] **Jara_A jomee_O habo ka-niha-ka* [owa ni-jaa]
 Branco(m) dog(m) bark APPLIC-CAUS-DECM 1sg PERI
 'the Branco gets his dog to bark at me'

But consider what a causative of the intransitive clause (8.35*a*) would be, with S becoming O and the peripheral NP staying as is:

(48)[8.37] *Jara_A jomee_O habo ni-ka* [owa ni-jaa]
 Branco(m) dog(m) bark CAUS-DECM 1sg PERI
 'the Branco gets his dog to bark at me'

That is, the meaning which I was trying to achieve through applicative-plus-causative in (8.36) is identical to what we get just with causative in (8.37). In fact, (8.36) is ungrammatical."

12.

Resposta: Não identificamos referência a aspectos cognitivos.

13.

Resposta: Não identificamos causativa sintática no Jarawara.

14.

Resposta: Não identificamos causativa sintática.

15.

Resposta: Não identificamos causativa sintática.

16.

Resposta: Não identificamos pares com verbo lexical transitivo *versus* verbo lexical transitivo causativo correspondente no Jarawara.

17.

Resposta: Não identificamos causativa lexical.

18.

Resposta: O causado assume a função de “objeto transitivo” (O) (Dixon, 2004, p. 70), a qual é tradicionalmente chamada de “objeto direto” (OD) na literatura.

19.

Resposta: O causado não mantém o caso nem a função sintática de sujeito. Embora não tenhamos identificado informações explícitas sobre o causado atuando como um pivô na causativa de transitivo, é de se esperar que, em uma “construção O”, o causado mantenha as propriedades do pivô, como controlador em orações relacionadas. Não identificamos compartilhamento das propriedades de sujeito entre o causador e o causado.

20.

Resposta: O causado não recebe marca morfológica específica nem ocorre em sintagma específico. As marcações de ordem e gênero do causado são comuns a outros constituintes. Quanto à ordem, como indicado na questão 10, o causado pode ocupar a posição após o causador (A O_{causado} V), como em uma “construção A”, ou antes dele (O_{causado} A V), como em uma “construção O”. Contudo, os argumentos A e O podem aparecer em posições trocadas independentemente do tipo de construção. As marcas de gênero ocorrem com quase todos os nomes livres e com um conjunto de nomes possuídos.

p. 1: “There is a gender system feminine/masculine (the semantic basis of the non-human members being mostly opaque) with feminine as the unmarked term; all pronouns are cross-referenced on the verb by feminine gender. Almost all free nouns are strictly specified for

gender; a set of possessed nouns (referring to parts of the body, plants and the environment, and orientations such as ‘in front of’, in addition to ‘container’, ‘design’, ‘nakedness’, etc.) have feminine and masculine forms and agree in gender with their possessor.”

p. 79: “Each free noun has an inherent gender—feminine (f) or masculine (m); feminine is the unmarked term from this system. All nouns referring to humans have gender according to the sex of the referent, e.g. *fana* (f) ‘female’, *maki* (m) ‘male’. There are just a few human nouns that can take either m or f gender agreement according to the sex of the referent, e.g. *inamatewe* ‘child’, *habai* ‘friend’, *hiti* ‘owner’, some kin terms (see §10.4.1), and tribal proper names such as *Wahati* ‘Jamamadi’.”

p. 79: “Gender is not shown in the form of a free noun, but by agreement with other items with which it is in syntactic construction (see §10.1.3). For instance, the adjective ‘small’ has two forms, *bite/bititi*.”

p. 80: “Most suffixes to a verb have distinct f and m forms and they cross-reference the gender of the S argument in an intransitive clause, of the A argument in a transitive A-construction, and generally of the O argument (but sometimes of the A argument) in a transitive O-construction.”

21.

Resposta: Não identificamos marcação morfológica distinta da função sintática do causado.

22.

Resposta: Não identificamos construções com ambos o causado e o paciente codificados como OD. Dixon (2004) informa que o argumento “O original” assume uma “função periférica” marcada pela posposição *jaa*. Essa função periférica não é um argumento nuclear, como são o sujeito e o objeto, mas ainda assim é um tipo de argumento.

Vogel (2003), em sentido oposto, trata os sintagmas posposicionais com *yaa* como adjuntos. Embora o autor não faça uma análise específica desses constituintes na causativa de transitivo, ele estende o tratamento de adjunto a todos os SPs com *yaa* no Jarawara, como vemos na glosa de (49) [148b].

p. 185: “peripheral argument (one that is not in S, A, or O function).”

p. 525: “[...] in a core function (S and O are attested) or in peripheral function.”

p. 552: “A semantic role in O function can function as syntactic pivot for discourse organization, whereas one in peripheral function cannot.”

p. 164 (Vogel, 2003): “

- (49)[148b] *Yomee Sani* *nakabareka, aba yaa.*
yomee Sani *na -kaba -hare -ka aba yaa*
 dog.M (woman's.name).M CAUS -eat -IP.E+M-DECL+M fish.M ADJ
 ‘Sani fed fish to the dog.’ (Lit., ‘Sani fed the dog with fish.’)”

23.

Resposta: Sim. Na causativa de transitivo, o novo sujeito (causador) demove o antigo sujeito (causado), o qual, por sua vez, demove o objeto original (paciente) para uma função periférica (marcada pela posposição *jaa*). O causado passa, assim, a ocupar a função de objeto, assumindo próxima posição disponível, que é a de “objeto transitivo”.

p. 76: “POSTPOSITIONS. There is a very general postposition, *jaa* (marking peripheral NPs and also a type of subordinate clause), which corresponds to English *at*, *in*, *on*, *to*, *from*, and *with*.”

p. 85: “[...] *jaa* marks most sorts of peripheral NP and translates a wide range of English prepositions, e.g. *into* in (3.13), *at* in (3.14), the underlying O NP in a causative construction such as (3.20), and also *with*, *for*, and *from*.”

p. 492: “As can be seen from the examples, *jaa*-NP almost always comes before or after the nucleus of the clause. But this is not an invariable rule. The corpus contains a few examples of *jaa* intervening between core constituents.”

24.

Resposta: Não identificamos critério ou propriedade sintática específicos para diferenciar o causado dos demais constituintes. Contudo, tendo em vista que o causado exerce a função sintática de argumento O, verificamos que os critérios para diferenciar a função de “objeto transitivo” incluem uma ordem prototípica, conforme o tipo de construção, o uso do pronome de 3ª pessoa não singular e a concordância de gênero com os sufixos de modo e modo-temporais.

p. 420: “

TABLE 16.1 Contrasting properties of A-constructions and O-constructions

A-CONSTRUCTION	O-CONSTRUCTION
A argument is pivot for this part of the discourse.	O argument is pivot for this part of the discourse.
An NP in A function is seldom included.	An NP in O function is sometimes included.
There is very nearly always some explicit specification of the O argument, through a pronoun within the predicate or by the inclusion of an NP in O function.	There is generally some explicit specification of the A argument, through a pronoun within the predicate or by the inclusion of an NP in A function.
If both A and O NPs are included in the clause, there is a preference (85% on textual count) for A to precede O, although either order is possible.	If both A and O NPs are included in the clause, there is a preference (73% on textual count) for O to precede A, although either order is possible.
3nsg O pronoun (in slot A of predicate) can have form <i>mera</i> or <i>mee</i> , if A is also 3rd person.	3nsg O pronoun (in slot A of predicate) can only be <i>mee</i> .
Never a prefix <i>hi-</i> .	<i>hi-</i> occurs in first prefix slot if A and O are both 3rd person.
Pronominal possessor within a core NP may optionally be copied into third pronominal position (see §4.4.6).	Pronominal possessor within a core NP may not be copied into third pronominal position.
Mood suffixes agree in gender with A (unless a pronominal possessor is copied into third pronominal position, in which case mood suffixes agree with it).	Mood suffixes agree in gender with O.
Tense-modal suffixes agree in gender with A.	Tense-modal suffixes agree in gender with O in certain circumstances, and with A in others; details are in tables 16.4 and 16.7.
The third pronominal position repeats a 1/2sg pronoun from A function.	The third pronominal position repeats a 1/2sg pronoun from O function in certain circumstances, and from A function in others; details are in tables 16.4 and 16.7.

25.

Resposta: Sim. O causado pode ser omitido, conforme o exemplo (50) [T1.22], com o verbo *aka* ‘vestir’. Não ocorre alteração na valência sintática.

p. 585: “

(50)[T1.22] *mee sota hi-ne, [makari jaa] mee aka.ka*
 3nsgA remove.clothes Oc-AUXm clothes(f) PERI 3nsgA dress.REDUP
hi-nihe
 Oc-CAUSm
 ‘they take off his clothes, and dress him in (clean) clothes’

The verb *-aka-* ‘dress’ (A, person dressing; O, clothes) is here used in causative form *akaka - niha-* (see §8.1.2) to refer to someone dressing someone else; the person putting on the clothes is A, the corpse being dressed is O, and the clothes are marked by peripheral postposition *jaa*.”

26.

Resposta: Não identificamos relativização do causado no Jarawara, porém a posição de “objeto transitivo” (O), que é a ocupada pelo causado, pode ser relativizada nas construções não causativas.

p. 525: “The relative clause construction in Jarawara has the following properties:

(1) The relative clause includes a predicate (which can have miscellaneous and tense-modal but not mood suffixes) and core NP(s), but no clause-initial or clause-final elements (that is, it cannot include a peripheral argument).

(2) Main clause and relative clause must have a common argument (CA):

- in the relative clause the CA can be in any core function (S, A, or O);
- in the main clause the CA can be in a core function (S and O are attested) or in peripheral function.

(3) If the CA involves an NP, this is stated in the relative clause but not in the main clause (that is, the relative clause is of the ‘internally headed’ type).

(4) The CA must be the pivot of the relative clause but need not be the pivot of the main clause.

(5) The relative clause is positioned within the main clause at the place where the CA would be.”

p. 525: “[...] all examples of relative clause constructions have the CA as 3rd person; there are no instances of 1st or 2nd person as CA.”

27.

Resposta: Como informado nas questões 4 e 11, os verbos causativizados com *na-* ~ *niha-* são transitivos ativos, e o causado apresenta traço [+HUMANO]. Com base nessas informações e nos dados disponíveis, constatamos que o causado tende a expressar o papel semântico de agente. Todavia, o exemplo (50) [T1.22] mostra que o causado também pode ser paciente.

28.

Resposta: Embora os dados disponíveis mostrem a capacidade do causado de “comer” (2) [8.16b], (4) [8.19], (8) [8.21], “beber” (6) [8.20b = 3.20], (7) [8.20c] e “carregar” (51) [8.22], o

causado pode ser animado ou inanimado (vide (50) [T1.22]). Mesmo sendo animado, o causado pode não ser volicional e pode não estar no controle da atividade. Na causativa com reduplicação, que tem sentido permissivo, o causado detém mais controle da ação, enquanto a causativa básica tende a implicar menos controle por parte do causado.

p. 253: “The causative in Jarawara has a wide semantic range. It can be used with a verb of any semantic type, whether describing an action or a process or a state (e.g. ‘make it cold/strong’). The causee can be inanimate or animate; if animate it may or may not be in control of the activity. (See the examples at T1.75 and T3.44.) The causee might be got to take part in the activity willingly or unwillingly; the latter is illustrated in:

- (51)[8.22] [[*Jara kaa isiri*]_o *weje ni*]_o
 Branco(m) POSS basket(f) carry AUX+COMP
o-nofa-ra-hara o-ke;
 1sgA-want.to-NEG-IPEF 1sg-DECf
Jara_A owa mee weje ni-hara-ke [isiri jaa]
 Branco(m) 1sgO 3nsgA carry CAUS-IPef-DECf basket PERI
 ‘I didn’t want to carry the Branco’s basket; (but) the Branco made me carry the basket’ ”

p. 491: “[...] when the causative prefix *na-/niha-* is applied to a transitive verb, the causer comes in as A, the original A becomes O, and the original O is now marked by *jaa*, as in (8.16b), (8.20-2). In most of the examples this underlying O is non-human—pineapple, sugar cane, medicine, a basket, tapir meat—but when it is human (e.g. child) the marking is still *jaa* (rather than *ni-jad*).”

29.

Resposta: Não identificamos mais de um tipo de causado em causativa de transitivo no Jarawara.

30.

Resposta: Não identificamos informações claras sobre o tipo de atuação do causador. No entanto, considerando que a causativa de transitivo pode ter sentido permissivo e que o causado pode ser animado ou inanimado, estar ou não no controle da atividade e agir com ou sem volição, é possível deduzir que o causador é capaz de atuar tanto diretamente quanto indiretamente.

31.

Resposta: Intencionalmente. Identificamos a semântica accidental apenas com causativa de intransitivo.

p. 253: “As mentioned in §3.3.3, Jarawara has a fair number of ambitransitive verbs, some of type $S = O$ and some of type $S = A$. The causative derivation engenders a change $S \rightarrow O$. However, the causative of the intransitive member of an $S = O$ pair may not be equivalent to the plain transitive; there is often a meaning difference involved.”

p. 254: “It will be seen that in this instance the causative is used for a tear in a fish produced accidentally (when a different result was intended) and the plain transitive for a tear in a fruit produced intentionally.”

p. 257: “In §8.1.2 it was mentioned that although causative has the syntactic effect $S > O$, the causative of an intransitive does not always have the same semantics as a corresponding $S = O$ transitive. Similar comments apply, *mutatis mutandis*, to applicative.”

32.

Resposta: Não identificamos informações claras sobre o modo como o causador inicia o processo. No entanto, considerando que as construções causativas podem ter os sentidos permissivo ou impositivo e que o causador pode agir direta ou indiretamente e estar no controle da atividade, é possível deduzir que o causador é capaz de iniciar um processo tanto sem esforço quanto com esforço.

p. 563: “*bara -na-*, int, come to a gradual stop; e.g. rain tails off as a storm passes away; the flow of sap from a tree diminishes; a boat comes almost to a halt because it is overloaded or because the paddlers are not bothering to paddle. Note that this verb cannot be used with the causative prefix, for semantic reasons—it refers to something happening naturally (not anything that is controlled).”

33.

Resposta: Seguindo o raciocínio das questões 30 e 32, parece que o causador pode ou não estar envolvido na atividade. Em (50) [T1.22], no qual o causado é inanimado, o causador está envolvido na atividade, executando a ação de vestir o causado. Nos demais dados, não é possível ter certeza sobre o envolvimento do causador.

34.

Resposta: Apesar de o argumento O atuar como “tópico gramatical” na chamada “construção O”, os dados disponíveis não permitem concluir se há graus de topicalidade ou foco relacionados ao causado ou ao paciente na causativa de transitivo.

p. 87: “A-constructions and O-constructions

[...]

The choice of one construction over the other is motivated by the structure of the discourse. There will generally be a pivot (grammatical topic) NP running through a number of consecutive clauses. If this is in A function for a given transitive clause then an A-construction (Ac) will be used; if the pivot is in O function then an O-construction (Oc) will be used.”

p. 417: “A discourse is organized around a ‘topic’, a participant that recurs in successive clauses and serves to knit them together. In some languages topics are wholly pragmatic and can only be recognized as such through their recurrence in successive clauses within a discourse. Other languages have a grammaticalized topic that can be called ‘pivot’. According to the grammatical conventions of the language, a pivot argument is recognizable for every clause, even when it is quoted outside a discourse context. And the rules for pivot assignment specify the way in which clauses can be combined to form a discourse, linked by a common pivot. (A full justification of the theoretical category ‘pivot’ is in Dixon 1994: 143-81.)”

p. 417-418: “There are basically two kinds of pivot—S/A and S/O. English has an S/A pivot, so that for any clause it is the S argument (if intransitive) or the A argument (if transitive) which can be discourse topic. A second or later occurrence of an NP in a discourse stretch can be omitted, if it is in pivot function in each occurrence. [...]

And very many languages have no grammatical pivot at all. Lacking such a grammatical constraint, the identity of an omitted NP is inferred pragmatically.”

35.

Resposta: Considerando que o único mecanismo formal usado no Jarawara para formar causativas é o morfológico, não identificamos relação entre a frequência das situações e o tipo de construção causativa.

36.

Resposta: Além da causativa morfológica, não identificamos outros mecanismos formais para expressar causatividade.

37.

Resposta: Mudança de valência. O prefixo causativo aumenta a valência verbal. Considerando que Dixon (2000, p. 53) informa que a posposição *jaa* marca “argumentos não nucleares” e que, na causativa de transitivo, o “O original” passa a receber essa marca, entendemos que esse constituinte perde a função de “argumento nuclear” na causativa, mas continua a ser um argumento. Não identificamos informações sobre vozes verbais.

p. 248: “The causative prefix always increases the valency of a verb and can be added to intransitive or transitive roots.”

p. 35: “Jarawara has two main postpositions, oblique marker *jaa* and possessive marker/oblique marker *kaa* [...]”

p. 251: “[...] original O goes into peripheral function (marked by *jaa*).”

p. 185: “peripheral argument (one that is not in S, A, or O function).”

38.

Resposta: Não identificamos causativas de transitivos combinadas com outras vozes ou mecanismos de mudança de valência.

p. 258: “Eight senses of applicative *ka-* can be recognized, when it merely adds semantic modification to a clause, without any change in valency. Whereas in its syntactic sense *ka-* is restricted to occurrence with intransitives, in the semantic senses it is found with both intransitives and transitives.”

39.

Resposta: Não identificamos o percurso diacrônico nem a origem do morfema causativo de verbo transitivo ‘*na-* ~ *niha-*’. Embora os verbos auxiliares (*-na-* ou *-ha-*) e o prefixo causativo apresentem formas iguais, incluindo o alomorfe do prefixo, não identificamos informações adicionais além dessa aparente coincidência.

40.

Resposta: Não identificamos mudanças diacrônicas na marcação de caso do causado de verbo transitivo.

41.

Resposta: Os termos usados são “*causer*”, “*causee*” e “SN periférico”. O “*causer*” é referido como “novo argumento causador” e argumento “A” (p. 251), o qual é definido como “sujeito transitivo” (p. 70). O “*causee*” é referido como “A original”, “A subjacente” e “O da causativa” (p. 251, 258), sendo o argumento “O” definido como “objeto transitivo” (p. 70). Esses dois argumentos, A e O, são chamados de “argumentos nucleares” (*core arguments*). O “SN periférico”, por sua vez, é referido como “O original”, “O subjacente” (p. 251, 258) ou “argumento não nuclear” (Dixon, 2000, p. 53). Os constituintes marcados pela posposição *jaa*, a exemplo do “O original”, ainda são tratados como “argumentos periféricos”, em oposição aos “argumentos nucleares” (p. 185). Essa posposição é chamada de “marcador oblíquo”, porém não identificamos uma definição de “oblíquo” (p. 35).

p. 70: “All of the discussion here and in the chapters that follow is in terms of basic syntactic functions, referred to by abbreviatory letters:

intransitive subject	S
transitive subject	A
transitive object	O”

p. 84: “CORE NPs. One NP in S function for an intransitive clause, and one or two NPs in A and/or O function for a transitive clause, and one or two NPs in CS [copula subject] and/or CC [copula complement] function in a copula clause.

PREDICATE, which includes obligatory reference to core arguments and can make up a clause on its own.”

p. 185: “[...] peripheral argument (one that is not in S, A, or O function).”

42.

Resposta: Em relação ao participante causado, Dixon (2004) adota o termo “O (objeto transitivo) da causativa”. Em relação ao paciente, as terminologias particulares do autor são “O (objeto transitivo) original”; e “argumento não nuclear” ou “argumento periférico” da causativa. A posposição que marca o paciente é referida como “marcador oblíquo”.

Tariana (Arawak)

Obras pesquisadas¹: Aikhenvald (2003) e Dixon (2000)

As citações fazem referência a Aikhenvald (2003), salvo quando indicada outra obra entre parênteses.

1.

Resposta: Os mecanismos formais que o Tariana usa são o morfológico (sufixo *-ita*), o perifrástico (verbo *-ni* ‘fazer’ e o obrigatório *-ka*) e a construção verbal serial. Embora Aikhenvald (2003, p. 270-271) informe que o marcador empregado na causativa morfológica é o *-ita*, o item II do esquema 13.1 (p. 278) possibilita a interpretação de que o sufixo *-i* também é usado com verbos transitivos e indica ação não completa ou envolvimento de O.

p. 4: “Tariana has a reciprocal and a passive derivation (strikingly similar to the passive in Tucano), and three types of causative. Morphological causatives are formed on intransitive verbs. The same morpheme with a transitive verb indicates the advancement of a peripheral argument to the core, and/or complete involvement and topicality of the O argument. Periphrastic causatives (indirect causation) and serial causative constructions (direct causation) are applied to transitive verbs. An argument-manipulating derivation marked on the verb is employed to promote a focussed constituent to surface subject. The underlying subject retains a number of subject properties, including verbal cross-reference – see Chapter 13.”

p. 278: “There are just a few instances of morphological causatives on transitive verbs which describe traditional activities.”

p. 270-271: “Morphological causatives can be formed on very few transitive verbs. The causer becomes A, while both the underlying A and O of the causativised verb get marked with the non-subject case. Since a morphological causative of a transitive verb cannot be passivised,

¹ A: Sujeito transitivo; ANIM: Animado; APPROX: Aproximativo; ART: Artigo; CAUS: Causativo; CL: Classificador; COMPL: Completivo; DECL: Declarativo; DEM: Demonstrativo; DIM: Diminutivo; DS: Sujeito diferente; EXTRAL: Extralocal; FEM: Feminino; FOC.A/S: Sujeito focalizado; FR: Frustrativo; FUT: Futuro; FUT.CERT: Futuro certo; INFR: Inferido; INS: Instrumental; INT: Intencional; INTER: Interrogativo; MASC: Masculino; NCL: Classe nominal; NEG: Negativo; NF, nf: Não feminino; NOM: Nominalizante; NONVIS: Não visual; O: Objeto; OBJ: Caso objetivo; PAST.REL: Passado relativo; PL: Plural; PRES: Presente; PURP.VIS: Visual proposital (*purposive visual*); REC: Recíproco; REC.P: Passado recente; REL: Relativo; REM.P: Passado remoto; REP: Relatado (*reported*); Sa: Sujeito de um verbo intransitivo ativo; sg: Singular; Sio: Sujeito de um verbo intransitivo com argumento marcado não canonicamente; So: Sujeito de um verbo intransitivo estativo; SUB: Subordinante; TOP.NON.A/S: Tópico não sujeito transitivo/sujeito de um verbo intransitivo; UNCERT: Sujeito de incerteza (*uncertainty-subject*); VIS: Visual; 1: Primeira pessoa; 2: Segunda pessoa; 3: Terceira pessoa.

there is no way of determining whether these two arguments are direct or indirect object(s). The marker employed is *-ita*. Almost all of these refer to traditional actions performed during rituals. Exceptions are *-ira* ‘drink’ with the corresponding causative *-ireta* ‘make drink, make drunk’¹ (shown in 13.47-8) and *-sita* ‘smoke’ with the causative *-siteta* ‘make smoke, let smoke’ (in 13.49-50).”

“¹ In closely related languages the morphological causative is usually formed on intransitive verbs only. The only exception is ‘drink’ (Baniwa *-iza*, Bare *-dia*, Warekena *-kulua*). Cross-linguistically, verbs describing digestive processes often display abnormal behaviour with regard to their transitivity.”

p. 271: “

- (1) [13.47] *kasina-nuku* *na:-sina* *naha*
 now-TOP.NON.A/S 3pl+go-REM.P.INFR they
na-ira-karu *kahpi* *na-kulira-karu*
 3pl-drink-PURP.VIS ritual.whisky 3pl-be.painted-PURP.VIS
 ‘Now they all went to drink ritual whisky and to paint themselves.’
- (2) [13.48] *ne-pidana* *di-na* *ira-kasi* *direta-daka*
 then-REM.P.REP 3sgnf-OBJ drink-NOM 3sgnf+drink+CAUS-YET
 ‘And yet he gave him a drink.’
- (3) [13.49] *yema* *di-sita-naka*
 tobacco 3sgnf-smoke-PRES.VIS
 ‘He is smoking tobacco.’
- (4) [13.50] *nuri* *nhua yema* *nu-de-ka*
 1sg+son I tobacco 1sg-have-SUB
nhua *pi-na* *yema* *nu-siteta-de*
 I 2sg-OBJ tobacco 1sg-smoke+CAUS-FUT.CERT
 ‘My son, when I have tobacco, I will get you to smoke (this) tobacco.’ ”

p. 501: “All transitive and ditransitive verbs mark their non-subject arguments with the non-subject case (*-na* for pronouns, *-nuku* for all topical nominals).”

p. 271: “Other transitive verbs which have a morphological causative are: *-eme* ‘sniff snuff’, causative *-emeta* ‘get someone to sniff snuff’; *-ñapa* ‘bless’, causative *-ñapeta* ‘get a shaman, or an older man, to bless someone’; *-peru* ‘lick tobacco from partner’s tongue in the cigar-smoking ritual’, causative *-perita* ‘get someone to lick tobacco from partner’s tongue’ (as in 13.51-2). Most of these morphological causatives can acquire a different reading – that of an argument-adding derivation (see §13.4).

- (5) [13.51] *mawari* *di-peru-ka-naka*
 snake 3sgnf-lick-DECL-PRES.VIS
 ‘A snake is licking itself (wanting to bite).’

- (6) [13.52] *di-siwa* *di-perita-kaka*
 3sgnf-be.together 3sgnf-lick+CAUS-REC
di-dalipaki-nuku
 3sgnf-marriageable.relative-TOP.NON.A/S
 ‘He (the Host of the Offering ritual) himself made his marriageable relatives lick (tobacco).’ ”

p. 272: “The fact that morphological causatives are mostly used with verbs which describe highly ritualised traditional activities suggests that they are archaic. All other transitive verbs can be causativised with causative serial verb constructions (see below and §18.2-3).

Some transitive verbs take the morphological causative marker only within a transitive serial verb construction (see A above and §18.3), e.g. *-korota* ‘meet, encounter, receive’ and its causative *-koroteta* as in *di-ka di-koroteta* ‘he looks across at someone’, or ‘he compares’ (lit. he looks he meets) (see Table 18.2).”

p. 281-282: “In §13.3.1 I mentioned transitive verbs which refer to traditional activities and form a morphological causative with *-i(-ta)*. In just one case, the argument-adding or causative reading of *-i(-ta)* derivation in these cases depends on which constituent is present in the surface structure. (Different readings are impossible for *-eme/emeta*, and *-peru/-perita* because these verbs are restricted to traditional stories.) A transitive verb *-ñapa* ‘bless’, without *-i(-ta)*, is illustrated in 13.87. The O is omitted (but is understood from the context).

- (7) [13.87] *diha-kuma* *khema-kari* *na-ñapa-sina*
 ART-CL-:RITE REL+hear-PAST.REL.MASC 3pl-bless-REM.P.INFR
 ‘Those who understand the ritual, used to bless (do the blessing).’

If just an O constituent is present, the *-i(-ta)* derivation has a causative reading.

- (8) [13.88] *waha* *haniri-nuku* *Kose*
 we father-TOP.NON.A/S Conceção
du-ñape-ta-sina *du-ri-nuku*
 3sgf-bless+CAUS1-CAUS2-REM.P.INFR 3sgf-son-TOP.NON.A/S
 ‘Conceção made our father bless her son (to cure him).’

It has an argument-adding reading if there is an overt instrumental constituent.

- (9) [13.89] *maini-ne na-ñape-ta*
 tar-INS 3pl-bless+CAUS1-CAUS2
 ‘They blessed (the game) with tar.’ ”

p. 282-283: “The choice between argument-adding and causative reading is often determined by context. In 13.90 the *-i(-ta)* derivation has a causative reading, because it used to be ‘common knowledge’ that the late Yunuli (Eugenio Muniz) was a shaman.”

- (10)[13.90] *nu-whida* *kai-kayami* *yunuri-nuku*
 1sg-head ache-BECAUSE:DS Yunuli-TOP.NON.A/S

nu-ñape-ta

1sg-bless+CAUS1-CAUS2

‘Because my head ached, I made Yunuli bless (me).’

In contrast, 13.91 can only have an argument-adding reading, because it describes a ‘typical activity’ of the Moon.

(11)[13.91] *ke:ri di-ñape-ta-ka*

moon 3sgnf-bless+CAUS1-CAUS2-REC.P.VIS

wa-na

1pl-OBJ

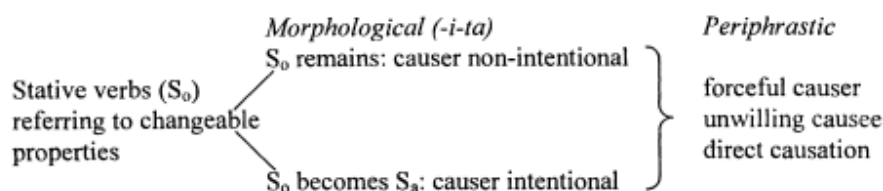
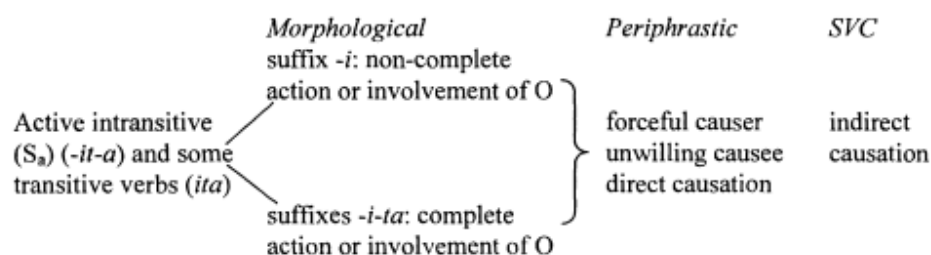
‘Moon has blessed us (with its power, for a trip).’ (Said before people go on a trip, to make sure it is safe.)

However, if the context is unknown, both readings are possible. For instance, *di-ñapeta* could be understood both as ‘he made someone bless someone else’, or ‘he blessed someone with the help of something, or for some purpose’; this homonymy can be solved in a number of ways.”

p. 277: “Tariana has four causativising mechanisms: morphological causatives, serial causative constructions and two types of periphrastic causatives. They have different semantics and are in a partial complementary distribution as to the verb types. Scheme 13.1 summarises the distribution of causatives among classes of verbs, and their semantics.”

p. 278: “

SCHEME 13.1. CAUSATIVISING MECHANISMS, VERB TYPES AND THEIR SEMANTICS

I. MORPHOLOGICAL OR PERIPHRASTIC (VERB *-ni* 'MAKE' AND OBLIGATORY *-ka*)II. MORPHOLOGICAL CAUSATIVE OR PERIPHRASTIC (VERB OF CAUSATION *-ni* 'MAKE' AND OBLIGATORY *-ka*) OR SERIAL VERB CONSTRUCTIONSIII. NO MORPHOLOGICAL CAUSATIVE, ONLY PERIPHRASTIC (VERB OF CAUSATION *-ni* 'MAKE' AND OPTIONAL *-ka*)

Stative verbs (S_0) referring to unchangeable properties
Verbs of physical state (S_{i0}), subgroup A

IV. NO MORPHOLOGICAL CAUSATIVE, ONLY CAUSATIVE SERIAL VERB CONSTRUCTIONS

Most transitive verbs

V. NO MORPHOLOGICAL CAUSATIVE, SERIAL VERB CONSTRUCTIONS WITH *-emeta* 'PUT'

Verbs of physical state (S_{i0})

All prefixed verbs have double causative marking which implies complete involvement of O, and completeness of the action.

”

p. 286: “Transitivity changing mechanisms in Tariana provide evidence in favour of the grammatical relations: A, S_a , O, S_0 , S_{i0} which behave in different ways, and other obliques which can become obligatory – but are not equal to core arguments – by means of the argument-adding derivation.”

p. 286: “The transitivity decreasing derivations provide an important clue for distinguishing core constituents from oblique – they affect only core arguments: A/ S_a and O. Arguments other than these (e.g. ‘recipient’, for ditransitive verbs, or oblique constituents) cannot be passivised or ‘reciprocalised’.”

p. 511: “Objects and obliques can take the topical non-subject case marker *-nuku* and, if expressed with a personal pronoun, the non-subject case *-na*. Oblique constituents also take oblique case markers (see discussion in Chapter 7).

The main definitional property of direct objects is that they can be targets of passive (§13.1), while obliques cannot be. With ditransitive verbs, the ‘gift’ – but not the recipient – can be the target of passive, and thus fulfils the conditions for being a ‘true’ direct object – see examples 13.7-8. In double object constructions, discussed under C in §7.5, only one constituent, the ‘possessed’, can be the target of a passive – see 7.75. Verbs with double object constructions could be considered an instance of ditransitive verbs.”

p. 2: “Its speakers traditionally marry someone speaking a different language, and as a result most people are fluent in five or six languages. Because of this rampant multilingualism, Tariana combines a number of features inherited from the protolanguage with properties diffused from neighbouring but unrelated Tucanoan languages. Typologically unusual features of the language include: an array of classifiers independent of genders, complex serial verbs, case marking depending on the topicality of a noun, and double marking of case and number. Tariana has obligatory evidentiality.”

p. 286: “Although it is not unusual for a language to have more than one mechanism for forming causatives, or to use different techniques of causative marking depending on the transitivity value of a verb (see Dixon 2000), Tariana is typologically unusual in having four mechanisms for marking causatives: one morphological, two periphrastic, and a causative serial verb construction.”

2.

Resposta: A construção é causativizada diretamente. No exemplo (6) [13.52], identificamos o sufixo *-ita* ‘causativo de transitivo’ em uma construção verbal serial sociativa com o verbo *-siwa* ‘estar junto’, combinada com o sufixo *-kaka* ‘recíproco’. As construções causativas seriais também ocorrem com verbos intransitivos ativos previamente causativizados morfologicamente. Essa transitivização prévia é independente da causativa de transitivo, não uma condição obrigatória para que ela ocorra.

p. 263: “Tariana has three mechanisms for expressing reciprocal meanings: (i) a morphological reciprocal marked on the verb with the suffix *-kaka*; (ii) a sociative serial verb construction, with the verb *-siwa* ‘be together’; and (iii) a combination of a morphological reciprocal and a sociative serial verb construction.”

p. 275: “They [serial causative constructions] are also used to causativise active intransitive verbs which have a morphological causative.”

3.

Resposta: Sim. O sufixo *-ita* tem as funções de verbalizar nomes; tornar um verbo ambitransitivo obrigatoriamente transitivo; e fazer um constituinte periférico (“oblíquo”) ser declarado, geralmente nos papéis de destinatário, finalidade e/ou instrumento ou lugar, o que equivale a um aumento de valência. Com verbos de percepção, o sufixo produz verbos com sentidos específicos. O sufixo *-ita* também participa da formação de algumas adposições.

p. 77: “To verbalise a noun, the marker of a morphological causative *-ita* is used, e.g. *-ipitana* ‘name’, *-pitana* (*-pitana*+*-ita*) ‘name, bestow a name’; *-phuni* ‘companion (translated as friend or enemy)’, *-phunita* ‘accompany’; *enu* ‘thunder’, *-enita* ‘make (sound of) thunder’. However, this derivation is not fully productive.”

p. 225: “Adpositions derived from components of directional serial verb constructions [...]. All of these adpositions contain subordinator *-ka* (discussed in Chapter 24) and most contain a causative affix [...]”

p. 279: “Argument-adding derivation

When the causative marker *-i* or *-ita* is added to intransitive verbs or to a limited number of transitive verbs, it has a causativising effect. When added to the majority of transitive verbs, it has two quite different effects – A and B below.”

p. 279: “A. Ambitransitive verbs become obligatorily transitive when they receive the transitiviser *-i(-ta)*. As shown in Chapter 12, the majority of verbs in Tariana are either S=A or S=O ambitransitives or are strictly intransitive verbs. The only strictly transitive verbs in this language are the ones which contain the transitiviser *-i(-ta)*.”

p. 279: “B. When *-i(-ta)* is added onto a transitive verb, it also indicates that a peripheral constituent has to be obligatorily stated in the clause. This constituent may be (a) addressee, (b) purpose and/or instrument or (c) location. Its choice depends on the semantics of a verb. The following examples illustrate this.”

p. 281: “The meaning of *-i(-ta)* derivations may be rather idiosyncratic. With a number of verbs it implies the presence of a speech complement; for instance, *-maya* means ‘act in a false, treacherous way’, while *mayẽ(-ta)* means ‘tell a lie’; *-ira* means ‘order’, and *-ireta* means ‘order by saying something’. The verb *-paleta*, illustrated in 13.85, also means ‘cover’ (with something), as illustrated in 13.86.”

p. 281: “Thus, the morpheme which marks the causative of intransitive and just a few transitive verbs is used to mark a kind of argument-adding derivation when used with transitive verbs.”

p. 283: “Argument-adding *-i(-ta)* cannot appear on verbs from a number of semantic groups (e.g. ‘want, look for’, ‘eat’, ‘dig’). With verbs of perception *-i(-ta)* derivation yields semantically idiosyncratic verbs; cf. *-ka* ‘see’ vs. *-ke-ta* ‘meet, encounter’; *-hima* ‘hear, understand’ vs. *-hime-ta* ‘think, feel’.”

p. 286: “Another unusual property of Tariana is that the same morpheme (*-i(-ta)*) is used to mark causatives with intransitive and a few transitive verbs, and also to specify that an ambitransitive verb is obligatorily transitive and that a peripheral constituent must be stated. This argument-adding derivation is rather rare cross-linguistically. It is a special subtype of valency increasing mechanism distinct from both causatives and applicatives though it does bear a similarity to applicatives (see Aikhenvald 2000d for discussion and some typological parallels).”

p. 267: “The use of the morphological causative with most transitive verbs correlates with the advancement of an oblique argument into the core; it also makes ambitransitive verbs strictly transitive. Thus, the causative morpheme, when added to a transitive verb, marks a kind of argument-adding derivation.”

4.

Resposta: Entre os verbos identificados com o sufixo *-ita*, somente “abençoar” (*-ñapa*) pode denotar ação abstrata, mas entendemos que essa avaliação depende da forma como os Tariana realizam o ato de abençoar e de como eles percebem esse ato. Os outros verbos exemplificados ou citados por Aikhenvald (2004) são transitivos ativos: “beber” (*-ira*), “cheirar rapé” (*-eme*), “fumar” (*-sita*) e “lamber o tabaco da língua do parceiro no ritual de fumar charuto” (*-peru*). O morfema causativo ocorre também com o verbo “conhecer, encontrar, receber” (*-korota*), mas somente em construções seriais. Segundo a autora, o verbo causativizado “juntar” (*-wake-ta*) também pode ocorrer na construção serial.

5.

Resposta: O que motiva a escolha de um e de outro são fatores contextuais e semânticos. O sufixo causativo tende a descrever atividades tradicionais, geralmente enunciadas em rituais, conforme (6) [13.52], (8) [13.88] e (10) [13.90]. A causativa com verbo serial indica atividades típicas, como (19) [1.7], (20) [12.55], (21) [13.63], (24) [18.3], (25) [18.35] e (26) [17.7]. Não identificamos dados com causativa perifrástica de verbo transitivo.

6.

Resposta: Sim. Aikhenvald (2003, p. 272) informa que, à exceção de alguns verbos que descrevem atividades tradicionais ritualizadas, todos os demais verbos transitivos podem ser causativizados em construções causativas com verbos seriais. Nos dados, o causado assume a função de “objeto”, a exemplo de (12) [13]. Segundo Aikhenvald (2003, p. 270), nas construções causativizadas com o sufixo *-ita*, não é possível determinar se o causado é objeto direto ou indireto.

p. 42-43 (Dixon, 2000): “Now consider the serial causative construction in (13).

(12)[13] *nuha pina kalisi Yuse isiu [nu-a-de nu-kalite-de]*
 1sgA 2sgO story José for 1sgA-caus-fut 1sgA-tell-fut
 ‘I will make you tell a story to José’

The causer (‘I’) is now in A function and is marked by prefix *nu-* on both verbs. Both *pina* ‘you’ and *kalisi* ‘story’ have the form of an O argument; since a serial verb construction in Tariana cannot be passivized there is no criterion for deciding which of *pina* and *kalisi* (if either) is the ‘true object’ (as there is a criterion of this kind for some morphological causatives [...]). Note that constituent order is free in Tariana, and *nu-a-de nu-kalite-de* in (13) make up one constituent; these two words must occur together in this order.”

7.

Resposta: Sim. Na causativa morfológica, os argumentos “A original” (causado) e “O original” recebem o caso “não sujeito”. Como a causativa morfológica de verbo transitivo não pode ser passivizada, Aikhenvald (2003) não identifica testes para diferenciar os argumentos “O” (causado e *gift*/paciente). Na ditransitiva, assim como nos demais verbos transitivos, os argumentos não sujeito também são marcados pelo caso “não sujeito” (exceto o constituinte beneficiário/maleficiário, que recebe SP). E o argumento recipiente de verbo ditransitivo não pode ser passivizado ou ‘reciprocalizado’, diferentemente de que ocorre com o argumento “*gift*”, o qual é analisado como OD “verdadeiro”. Logo, apesar de semelhantes, há uma diferença entre a ditransitiva e a causativa de transitivo, visto que, nesta última, os argumentos O não se diferenciam (cf. Kozinsky e Polinsky (1993) sobre “conflito de codificação” e Dixon (2000, p. 50) sobre a inexistência de dois ODs idênticos na mesma construção). Os participantes em função de objeto podem ser omitidos nas duas construções. Os ditransitivos são rotulados como um tipo de “transitivo estendido” (p. 236-237), mas diferem dessa subclasse verbal pelo fato de os transitivos estendidos apresentarem um “terceiro argumento obrigatório” em forma de “constituinte periférico” (destinatário, locação, finalidade ou instrumento), marcado com um

caso periférico (instrumental ou locativo) ou com uma posposição (p. 238). Consequentemente, as causativas de transitivos também não podem ser classificadas como transitivas estendidas, pois seus argumentos não recebem marca de constituinte periférico, sendo tratados como argumentos O, com marcação de não sujeito.

p. 67: “Most verbs are S=A ambitransitives, e.g. *-ñha* ‘eat’, *-inu* ‘kill, fight, hunt’, *-ña* ‘hit’; *-ka* ‘see’, *-hima* ‘hear’; *-sata* ‘greet’, etc. This means the object NP can always be optionally omitted, as in English ‘eat’ (‘he is eating dinner’ or ‘he is eating’). [...]

Ditransitive verbs form a subclass of S=A ambitransitives. Their second argument can be either gift or recipient, e.g. *-a* ‘give’, *-phyä* ‘sell’, *-walita* ‘offer’ (ritual offering); *-wãya* ‘buy.’ S=O ambitransitives constitute a smallish, closed class which includes verbs of breaking, e.g. *-makha* ‘break’ (split); *-thuka* ‘break’; *-sawa* ‘tear’ (clothes); and a few more verbs, e.g. *-whaweta* ‘breathe, make breathe’; *-kuseä* ‘swing’; *-dukunia* ‘switch on, light’, *-hipa* ‘take; succeed; start (a motor)’. See Chapter 12, for further examples, and for a discussion of extended intransitive verbs.”

p. 236-237: “DITRANSITIVE VERBS OF GIVING, OFFERING, TEACHING AND LEARNING. Ditransitive verbs discussed here form a subclass of S=A ambitransitives (e.g. *-a* ‘give’, *-phyä* ‘sell’, *-walita* ‘offer’ (ritual offering), *-wãya* ‘buy’, *-kalite* ‘tell’). They can be considered extended transitive (see Dixon and Aikhenvald 2000). In Tariana, they differ from other extended transitive verbs which cannot be used intransitively; these are discussed in D below.

Both gift and recipient acquire the same case marking (see Chapter 7); however, as will be shown in §13.1, only ‘gift’, and not ‘recipient’, can be the target of passive. Example 12.6 illustrates *-walita* ‘offer (something to somebody)’ as a ditransitive verb. Example 12.7 illustrates its transitive usage, with ‘gift’ as object (‘offer something’). In 12.8 the recipient receives the object marking (to mean ‘make a ritual offering to somebody’). [...]

(13)[12.6] *na-na kuphe-nuku di-walita*
3pl-OBJ fish-TOP.NON.A/S 3sgnf-offer
‘He offered them fish.’

(14)[12.7] *nuha siruri nu-walita nu-a*
I cumata.leaves 1sg-make.offering 1sg-go
‘I am making an offering of cumata-leaves.’

(15)[12.8] *wa-na i-walita na:-pidana*
1pl-OBJ 2pl-offer 3pl+say-REM.P.REP
‘You make an offering to us, they said.’ ”

p. 237: “The recipient, as an argument of a ditransitive verb, is marked differently from a beneficiary. The non-A/S case marking is used for a recipient. A beneficiary, or a maleficiary, tends to be marked with a postposition *-siu* ‘for’, e.g. 12.10. The postposition *-siu* cannot mark a recipient.

- (16) [12.10] *nu-tedua-fu-nuku* *pi-a phita* *nu-siu*
 1sg-sister.in.law-FEM-TOP.NON.A/S 2sg-go 2sg+bring 1sg-for
 ‘Go and bring my sister in law for me.’ ”

p. 238: “EXTENDED TRANSITIVE VERBS. Extended transitive verbs discussed here cannot be used intransitively. They are derived from transitive verbs with the argument-adding *-i(ta)* (see further examples and discussion under B in §13.4). Unlike ditransitive verbs discussed in C above, their obligatory third argument is a peripheral constituent – addressee, location, purpose or instrument – marked with a peripheral case (instrumental or locative), or with a postposition.”

p. 501: “Strictly transitive verbs include *-de* ‘have’, *-bueta* ‘teach, learn’, and the verbs derived from transitive verbs with the argument-adding *-ita* discussed under C in §12.1.1 and in §13.4.

All transitive and ditransitive verbs mark their non-subject arguments with the non-subject case (*-na* for pronouns, *-nuku* for all topical nominals). Only one non-subject argument can be the target of a passive – and this is the main criterion for ‘objecthood’; see Chapters 7 and 13, and §21.5 below.”

p. 46 (Dixon (2000)): “For the great majority of languages each causative construction is syntactically similar to an existing non-causative clause type. Only very occasionally does a causative form a new construction type, not found elsewhere in the grammar. This does occur in Tariana, a split-S language (Aikhenvald, chapter 5 in this volume). Transitive and Sa-type intransitive verbs take a pronominal prefix marking the A or Sa argument while So-type intransitives have no prefix. Causatives of Sa-type intransitives are normal transitive clauses with a prefix marking A (the causer).

Just So-type intransitives in Tariana have two alternative causative constructions: either (a) with a prefix (for the causer, in A function), indicating that the causer achieved the result intentionally (e.g. ‘he frightened them, on purpose’); or (b) with no prefix (the causer being shown just by an NP), indicating that the result was obtained unintentionally (e.g. ‘the dog’s barking made me frightened’ when the dog didn’t mean to frighten me). See (22–7) in chapter 5 below. In Tariana a transitive clause with no pronominal prefix is a special construction type, found only with an ‘unintentional’ causative of an So-type intransitive.”

Resposta: Sim, independentemente da forma morfológica, perifrástica ou serial, as causativas de transitivos são construções derivadas de verbos ambitransitivos, a exemplo de (2) [13.48], (4) [13.50], (6) [13.52], (8) [13.88], (19) [1.7], (20) [12.55], (24) [18.3], entre outros.

p. 271: “

(2) [13.48] *ne-pidana* *di-na* *ira-kasi* *direta-daka*
 then-REM.P.REP 3sgnf-OBJ drink-NOM 3sgnf+drink+CAUS-YET
 ‘And yet he gave him a drink.’ ”

p. 66-67: “In some languages every, or almost every verb is strictly transitive or intransitive; in other languages at least some verbs can have either transitivity value. These verbs are called ambitransitive, or labile (Dixon 1994: 18; 54). Each transitive verb in Tariana can also be used in intransitive clauses, and thus is ambitransitive (however, ambitransitive verbs do not share all the properties with intransitive verbs [...]) Example 3.1 illustrates an ambitransitive verb.

(17) [3.1] (*ãsi*) *nu-ñha-ka*
 (pepper) 1sg+A-eat-REC.P.VIS
 ‘I eat/have eaten (pepper).’ ”

p. 235: “Most prefixed verbs which can take two arguments in Tariana are ambitransitives of S=A type (see the definition under A in §3.1.1, and example 3.1).”

p. 267: “Morphological causatives

Morphological causatives are formed (A) on most active intransitive verbs (S_a), (B) on stative intransitive verbs (S_o) of certain subgroups and (C) on very few ambitransitive verbs.”

p. 279: “Ambitransitive verbs become obligatorily transitive when they receive the transitiviser *-i(-ta)*. As shown in Chapter 12, the majority of verbs in Tariana are either S=A or S=O ambitransitives or are strictly intransitive verbs. The only strictly transitive verbs in this language are the ones which contain the transitiviser *-i(-ta)*. ”

p. 671: “The following abbreviations are used:

vtr – transitive and ambitransitive verb”

9.

Resposta: Não identificamos causativização com IN no Tariana.

p. 567-568: “In constructions like 7.21 and 25.10 (unlike all other constructions with unmarked non-subject with a generic or non-topical referent as in 7.19-20) no constituent can be inserted

between the object and the predicate, the object may not be modified, and the meaning of the whole construction can be considered somewhat idiomatic. Since the O and the predicate form separate phonological and grammatical words, it is inappropriate to consider these structures as examples of ‘noun incorporation’ – but this is probably the closest thing to noun incorporation in Tariana.”

10.

Resposta: Não. Considerando a ausência de uma ordem básica de constituintes no Tariana, os dados identificados na causativa de transitivo revelam que o causado pode ocorrer tanto no início da oração, antes dos outros participantes e do verbo, a exemplo de (2) [13.48], (8) [13.88] e (10) [13.90], quanto imediatamente após o nominal A, como em (4) [13.50], ou após o verbo marcado pelo prefixo pronominal A, como em (6) [13.52]. Na causativa morfológica, não identificamos dados com o causado na posição final do enunciado. Também não identificamos um lugar típico de acusativo, visto que não é possível identificar qual dos dois argumentos de tipo O seria o acusativo (OD). Na causativa serial, o causado pode ocorrer no início da oração, a exemplo de (20) [12.55], (21) [13.63] e (25) [18.35]. Em (26) [17.7], há omissão do causado e, nos dados (19) [1.7] e (24) [18.3], o causado ocorre na posição final do enunciado. Quando o causado é expresso por um pronome pessoal, recebe o caso de objeto, o que pode indicar que ele ocupa a função típica de acusativo, uma vez que o paciente recebe a marcação de tópico não sujeito, como em (21) [13.63] e (25) [18.35]. No entanto, o chamado “caso não sujeito” marca tanto objetos quanto oblíquos, e o critério para diferenciar um acusativo é a capacidade de ser passivizado (p. 511, 501). Segundo Dixon (2000, p. 43), uma construção com verbo serial em Tariana não pode ser passivizada.

p. 6: “Tariana does not have any basic constituent order. The rules for ordering constituents within an NP, a verbal complex, a clause or a sentence depend on types of constituents, the construction type and the pragmatics [...]”

p. 507: “Constituent order in Tariana provides little information concerning ‘subjecthood’. Constituent order is free, with just a tendency towards a verb final order.”

p. 561: “Constituent order in Tariana is pragmatically based, and has little to do with the marking of grammatical relations. Tariana belongs to ‘pragmatically ordered’ languages for which establishing a ‘basic constituent order’ is an impossible and unproductive exercise – arguments against the universal character of ‘basic constituent order’ were given by Mithun

(1987); also see Gildea (2000) for a reappraisal of the concept of ‘basic constituent order’ and a discussion of the limits to its applicability.”

p. 561-562: “In narratives of all genres and in conversations the order of NPs – if they are overtly expressed at all – reflects their pragmatic status which covers their ‘newsworthiness’ (that is, whether they introduce pertinent new information to be further deployed, new topics, constituents in contrastive focus etc.).”

p. 562: “In Tariana texts and conversations any constituent order is possible [...]. Only about 10 per cent of transitive clauses in the corpus have two NPs, due to ellipsis (see §25.3); cross-referencing – limited to transitive and active intransitive verbs – helps avoid potential ambiguity. Clauses like 24.2 or 24.33 with no overt NPs at all – where the participants are easy to recover from”

p. 563: “The pragmatic parameters relevant for ordering constituents in main clauses involve new versus old information, relative topicality, definiteness, specificity and contrast. (These parameters are typical for languages with pragmatically based constituent order – see Mithun 1987.)”

p. 563: “Any constituent can occupy clause-initial position and precede the subject if it is more topical than the subject.”

p. 43 (Dixon, 2000): “Note that constituent order is free in Tariana [...].”

11.

Resposta: Sim. A causativa morfológica de verbo transitivo ocorre quase exclusivamente com verbos que expressam atividades tradicionais, como “abençoar” (*-ñapa*), visto em (8) [13.88] e (10) [13.90], e “lamber o tabaco da língua do parceiro no ritual de fumar charuto” (*-peru*), exemplificado em (6) [13.52]. As exceções são os verbos ingestivos *-ira* ‘beber’ e *-sita* ‘fumar’. Os verbos transitivos que não expressam atividades tradicionais ritualizadas podem ser causativizados nas construções seriais e, seguindo o esquema 13.1 (p. 278), também nas perifrásticas. Adicionalmente, a causativa morfológica de verbo transitivo não pode ser passivizada (p. 270).

Os participantes causador e causado apresentam traço [+HUMANO] em quase todos os dados identificados, com a exceção de (24) [18.3], no qual o causado é [–HUMANO]. Os verbos marcados com o sufixo *-ita* ‘causativo de transitivo’ e os verbos causativizados na construção causativa serial ocorrem com a 1ª e a 3ª pessoas do discurso.

12.

Resposta: Não identificamos referência a aspectos cognitivos em Aikhenvald (2003).

13.

Resposta: Aikhenvald (2003, p. 4, 275, 436) informa que a causativa perifrástica é aplicada a verbos transitivos e que o verbo responsável pela causatividade é *-ni* ‘fazer’, porém não identificamos dados com essa construção. Esclarecemos que, na seção específica sobre as causativas perifrásticas do Tariana, Aikhenvald (2003, p. 275-279) não faz menção ao verbo transitivo. Outra estratégia sintática formal empregada são as causativas formadas com verbos seriais. Nessas construções, Aikhenvald (2003, p. 274) informa que os verbos responsáveis pela causatividade costumam ser os transitivos *-a* ‘fazer, dizer, dar’, como em (19) [1.7], (20) [12.55] e (24) [18.3], *-ira* ‘pedir’, a exemplo de (26) [17.7], e *-pala* ‘colocar’, como em (21) [13.63] e (25) [18.35]. Esses verbos também costumam aparecer antepostos ao verbo principal.

p. 275: “Periphrastic causatives

There are two kinds of periphrastic causatives – (A) those with an optional dependency marker, and (B) those with an obligatory dependency marker. The reasons why periphrastic causatives are not serial verb constructions are given below. Periphrastic causatives are used with intransitive verbs of S_a and S_o types, and with S_{io} verbs (of the subgroup A: see §12.1.1).”

p. 278: “PERIPHRASTIC CAUSATIVES formed with the verb of causation *-ni* ‘make’ with an optional dependency marker on the causativised verb are used to causativise stative verbs which refer to unchangeable properties.”

p. 279: “PERIPHRASTIC CAUSATIVES WITH AN OBLIGATORY DEPENDENCY MARKER form causatives of intransitive active verbs and stative verbs referring to changeable properties, and imply a forceful causer, unwillingness on the part of the causee, and direct causation (cf. Dixon 2000).”

14.

Resposta: Não identificamos dados de causativa perifrástica formada a partir de verbo transitivo. Com relação às causativas formadas com verbos seriais, não encontramos verbos usados exclusivamente para expressar causatividade.

15.

Resposta: Sim. A causativa perifrástica é bi-oracional, e a causativa com verbo serial é mono-oracional. Os critérios para diferenciar a causativa bi-oracional são: marcação independente

para cada verbo, referente a cada sujeito envolvido; tempo, aspecto, negação; pausa entonacional após cada verbo; quando ocorre com marcação de dependência, há marca de subordinação, não formando um predicado único. Em sentido oposto, a causativa mono-oracional revela as propriedades de um predicado único: os verbos recebem as mesmas marcas de sujeito (referência cruzada de pessoa, número, gênero) (p. 425), evidencialidade, tempo, aspecto, modalidade, função sintática, nominalização; prosodicamente, nenhum marcador de pausa segmental pode ser inserido entre os componentes da construção serial (p. 427); os componentes da construção serial têm ordem fixa de palavras (p. 428); os verbos não podem receber, cada um, marcações separadas de dependência sintática; entre outras. Outra possível evidência de mono-oracionalidade é o fato de uma causativa morfológica poder adquirir um significado diferente quando serializada (p. 268).

Aikhenvald (2003, p. 277) informa que a causativa perifrástica (bi-oracional) é encontrada com mais frequência em dados de falantes jovens, o que pode indicar a influência do contato com o Português.

p. 277: “Unlike complex predicates periphrastic causatives are biclausal [...]”

p. 277: “Periphrastic causatives do not qualify as serial verb constructions (also see §18.1):

- (i) Every verb in a periphrastic causative construction is marked for its surface and underlying subject independently, as in 13.72. In a causative serial verb construction the subject of the verb of causation is cross-referenced on both verbs.
- (ii) The two components of a periphrastic causative may have independent tense/aspect/aktionsart values, and get independent marking for these categories. The components can be negated separately, as in 13.70. In 13.72, *-mha* ‘non-visual present’ goes on *-rena* ‘feel’; and *-iha* ‘approximative’ characterises the verb of causation *-ni* ‘do, make’.

(18)[13.72] *nu-na ma:tfi nu-rena-ka-mha i-niyha*
 1sg-OBJ bad 1sg-feel-SUB-PRES.NONVIS 2pl-do+APPROX
 ‘ “You made me feel miserable a little bit (i.e. ‘you did a little bit for me to feel miserable’),” (said the mother to the young man who had gone to live with snakes).’

- (iii) Periphrastic causatives do not have the intonational properties of a monoverbal clause; a pausal marker can be inserted after every verb.
- (iv) Unlike serial causative constructions, periphrastic causatives with a dependency marker cannot be considered one predicate, because there is a subordinating marker on one of the components. (Periphrastic causatives are found more frequently in texts and other

data from younger speakers, so some sort of influence from Portuguese cannot be excluded.)”

p. 425: “Each component of a serial verb requires the same subject cross-referencing if it is a transitive or an active intransitive prefixed verb. This means identical cross-referencing for person, number and gender of subject (A/Sa).”

p. 426: “Other defining properties of serial verb constructions include shared tense-evidentiality, aspect, modality and polarity value, shared markers of syntactic function, shared nominalisers and prosodic and other characteristics of a monoverbal clause.”

p. 427: “Serial verb constructions have some prosodic properties of a monoverbal clause (cf. Givon 1991). I have mentioned that the components of a serial construction are separate phonological words, since they have independent stress. They differ from other phonological words in that no segmental pause marker can be inserted between the components.”

p. 427: “Serial verb constructions in Tariana function on a par with monoverbal clauses in discourse.”

p. 428: “Components of serial verb constructions have a fixed word order. [...] the order of words within a constituent displays different degrees of freedom depending on its type.”

p. 429: “Affix sharing implies a high degree of cohesion between the components of a serial verb (which are independent grammatical words – see §12.4).”

p. 429: “Verbs which form a serial construction cannot take separate markers of syntactic dependency, e.g. complementisers (cf. Durie 1997, Noonan 1985). This property of serial constructions helps to distinguish them from complement clauses and other subordinate clauses, converbal clauses (e.g. *Mary came in laughing*), and predicate coordination.”

p. 5: “Serial verb constructions express aspectual, directional, benefactive, causative and other meanings. The causative serial verb constructions are typologically quite unusual – both verbs, which have different agents, are marked for the same subject. See 1.7 and Chapter 18.

(19)[1.7]	<i>du-a</i>	<i>du-ñha</i>	<i>tfari-nuku</i>
	3sgf-make	3sgf-eat	man-TOP.NON.A/S
	‘She fed (lit. make-eat) the man.’ (lit. she-made she-ate the man).’		

p. 244-245: “Secondary verbs

As was mentioned above, most secondary verbs (see definition under §12.1) are obligatorily used in serial verb constructions (see Chapter 18); one enters into serial-like constructions (see §19.9) and one takes a complement clause (§19.11). A separate subclass of secondary verbs

take non-canonically marked arguments: some of them can be serialised, while others take complement clauses. Secondary verbs are a closed class; some occur as primary verbs.

[...]

The Secondary-C verb types are as follows.

(i) Making type: *-a* ‘cause, make, let, give’; *-matara* ‘let’; *-ira* ‘order’ (always precede the other verb, as in 12.55); and *-pala* (follows the other verb, as in 18.35-6). See §18.2, on the same subject constraint in serial verb constructions with ‘help’ and in causative serial verbs.

- (20) [12.55] *nu-inipe-nuku* *kwaka-mhade* *nu-a* *nu-ñha*
 1sg-children-TOP.NON.A/S what-FUT.UNCERT 1sg-make 1sg-eat
 ‘What will I give my children to eat (lit. I-make I-eat) (if I can’t hunt anything).’
 „

p. 35 (Dixon, 2000): “Thus, example (40) in Tariana from chapter 5 below, by Aikhenvald, is translated as ‘How will I get my children to eat?’ but is, literally, ‘my children (O) how 1sg(A)-make 1sg(A)-eat’. The grammatical structure of a serial verb construction in Tariana requires that ‘eat’ be marked with the same pronominal prefix (indicating the causer) as ‘make’, although the interpretation of this sentence is that it is the children (shown here by an NP marked for non-subject function) who do the eating; they are the causee in this causative serial verb construction.”

p. 268: “Morphological causatives of some verbs of motion appear only in transitive serial verb constructions to mark a sort of ‘transitivity agreement’ (see §18.3); such examples include *-se-ta* ‘make go up’, the causative of *-sa* ‘go up’, in a directional serial verb construction such as *di-ka di-se-ta* ‘he looks up’ (lit. ‘he looks he makes go up’). In other cases a morphological causative may acquire a different meaning when serialised, e.g. the causative of *-waka* ‘join’ is *-wake-ta* ‘put together’, which can be serialised with *-ni* ‘do’ and the whole construction *-ni -wake-ta* then means ‘help’.”

p. 274: “Causative serial verb constructions in Tariana are unusual in that the components of a serial syntactic causative construction have different underlying subjects, realised as the same subject in the surface form. The subject of the verb of causation is cross-referenced on the two verbs which form a causative serial verb construction. Causative serial verb constructions most frequently involve such transitive verbs as *-a* ‘do, say, give’, *-ira* ‘order’, and *-pala* ‘put’ [...]”

p. 274: “The underlying subject of the causativised verb, if expressed with a personal pronoun, is marked with the object case, e.g. *na-na* (3sgnf-OBJECT CASE) ‘them’ in 13.63; if it is topical, it is marked with *-nuku* ‘topical non-A/S’, as in 13.64 and 12.55. Serial verb constructions are in square brackets.”

p. 275:“

- (21)[13.63] *na-na wa-yarupe-nuku*
 3pl-OBJ 1pl-thing/language-TOP.NON.A/S
[ma-sape-kade-ka na-pala]
 NEG-speak-NEG-REC.P.VIS 3pl-put
 ‘They (mothers) did not teach them (their children) our language.’
- (22)[13.64] *pa:tfi-nuku [pi-ra pi-aphua]*
 other-TOP.NON.A/S 2sg-order 2sg-dive
 ‘Get someone else to dive.’ ”

p. 275: “Causative serial verb constructions

A serial causative construction can be used with transitive and active intransitive verbs; it is never used with a stative verb of the S_0 type or a verb of the S_{io} type. Serial causative constructions have all the properties of a single predicate, like all other serial verb constructions in Tariana (see §18.2). Serial causative constructions are the only productive mechanism used to causativise transitive verbs, besides periphrastic causatives.”

p. 275: “They are also used to causativise active intransitive verbs which have a morphological causative. For these verbs a serial causative construction implies indirect involvement of the causer, and a morphological causative implies that the causer acts directly on the causee. 13.38 contains a morphological causative of the verb *-pita* ‘bathe’; there the old people physically make pubescent girls bathe as a part of the ritual of female initiation. In contrast, in 13.65 the evil mother ordered her children to bathe without physical interference.

- (23)[13.38] *di-pumi nha-ma-pe-nuku maini-ne na-ñapa*
 3sgnf-after they-CL:FEM-PL-TOP.NON.A/S tar-INS 3pl-bless
na-pite-ta-mha na-yũ naka
 3pl-have.bath+CAUS1-CAUS2-PRES.NONVIS 3pl-go.up 3pl+arrive
 ‘After they (old people) bless them (menstruating girls) with tar, (and) make them bathe upstream.’

p. 277: “SERIAL CAUSATIVE CONSTRUCTIONS form causatives of transitive and intransitive active verbs using a number of verbs of causation; they are also used to causativise S_{io} verbs. Only with intransitive active verbs do serial causative constructions imply indirect causation (in contrast to morphological and periphrastic causatives). Serial verb constructions are the only productive mechanism used for causativising transitive verbs and the verbs of S_{io} type. [...]

p. 425: “Strong evidence in favour of same subject cross-referencing as a defining property of serial verbs in Tariana comes from causative serial verb constructions (see §13.3.2). The causativised verb and the verb of causation have different underlying subjects. Semantically speaking, causative constructions in serialising languages often require ‘that the object of one

verb and the subject of another be coreferential’ (Foley and Olson 1985: 25). Tariana employs another, much rarer technique, labelled ‘concordant dependent inflection’ (Durie 1997). It involves cross-referencing the subject of the verb of causation on all the components of a serial construction, even though the two verbs have different underlying subjects. The underlying subject of the causativised verb, that is, the causee, is marked with the *-na* case if expressed with a personal pronoun, as in 13.63 and 13.65, or with the *-nuku* case, as in 13.64 and 18.3. 9.20 contains both case markers. The causee can be omitted altogether if clear from the context.

In 18.3 it is clear from the context that the speaker did not eat the son himself; he let the traíra fish eat him.

- (24)[18.3] *ka:ru-ka nuha [nu-a-mahka nu-ñha-niki]*
 fear-SUB I 1sg-give/let-REC.P.NONVIS 1sg-eat-COMPL
piri-nuku iniri-nuku
 2sg+son-TOP.NON.A/S traíra.fish-TOP.NON.A/S
 ‘Being afraid, I let the traíra-fish eat (lit. I let-I eat) your son.’ ”

p. 436: “[...]”

Causative serial verb constructions fall into two types.

(i) Causative serial verb constructions with verbs of causation *-a* ‘say, give, let, go’ and *-ira* ‘order’ preposed to the main verb are by far the most widespread strategy. This is how transitive verbs can be causativised (alongside periphrastic causatives). They are illustrated in 13.64-5, 9.20 and 18.3, and discussed in §13.3.2.

(ii) Causative serial verb constructions with the verb of causation *-pala* ‘put, pass on’ postposed to the main verb occur with a few verbs: *-sape* ‘speak’, as in 13.63 and 18.35 and *karu* ‘be afraid’, as in 18.36. Both arguments – the thing passed on and the addressee – in 18.35 are marked with the object case.

- (25)[18.35] *du-yarupe-nuku na-na [du-sape-na du-pala]*
 3sgf-language-TOP.NON.A/S 3pl-OBJ 3sgf-speak-REM.P.VIS 3sgf-put
 ‘She passed her language on to her children.’

16.

Resposta: Não identificamos pares com verbos lexicais transitivos no Tariana.

17.

Resposta: Não identificamos causativa lexical.

18.

Resposta: O causado assume a função de objeto, marcada pelo caso “não sujeito”. Aikhenvald (2003, p. 270) informa que não é possível determinar se o causado atua como objeto direto ou indireto.

19.

Resposta: O causado não mantém o caso nem a função sintática de sujeito. Não identificamos compartilhamento das propriedades de sujeito entre o causador e o causado.

20.

Resposta: O causado não recebe marca morfológica específica nem ocorre em sintagma específico. As marcações de caso, gênero (feminino, não feminino) e ordem do causado são comuns a outros constituintes. O caso “não sujeito” marca os argumentos não sujeito dos verbos transitivos e ditransitivos. O caso “tópico não sujeito” pode marcar objetos e oblíquos.

21.

Resposta: Não identificamos marcação morfológica distinta da função sintática do causado. Registramos que, em uma causativa com verbo serial, o verbo causativizado é marcado com o mesmo prefixo que o verbo de causação, expressando o causador (sujeito), porém quem executa a ação do verbo causativizado é o participante causado (Dixon, 2000, p. 35).

22.

Resposta: O causado e o paciente são codificados como “objeto” na causativa morfológica, porém não é possível determinar se atuam como objeto direto ou indireto. O teste da passiva, segundo Aikhenvald (2003, p. 270), não funciona nas causativas morfológicas para diferenciar os objetos, diferentemente do que ocorre nas ditransitivas com os testes da passiva e da recíproca. Considerando que uma construção com verbo serial também não pode ser passivizada, não é possível diferenciar os objetos na causativa serial, apesar de o causado expresso por um pronome pessoal ser formalmente marcado como objeto. Logo, não identificamos testes que diferenciem o comportamento sintático dos dois participantes. Registramos que, embora o objeto indireto não seja identificado na causativa, Aikhenvald (2003, p. 270, 283) reconhece a existência desse argumento no Tariana, o qual se situa hierarquicamente acima do chamado “argumento periférico”.

23.

Resposta: Aparentemente, sim. Na causativa morfológica, o novo sujeito (causador) demove o antigo sujeito (causado), o qual passa a ocupar a função de objeto. Esclarecemos, contudo, que a causativa morfológica passa a ter dois participantes de tipo O, marcados com o caso “não sujeito”, pois o antigo objeto se mantém na mesma função. Na causativa com verbo serial, embora o causado pronominal seja marcado com o caso de objeto (acusativo), indicando a possibilidade de atuar como OD, o paciente recebe o “caso não sujeito”, o qual também pode marcar objetos. Assim, considerando que as construções com verbo serial não podem ser passivizadas, não há critérios seguros para diferenciar os dois argumentos de tipo O mesmo quando o causado é expresso por um pronome pessoal.

24.

Resposta: Não identificamos critério ou propriedade sintática específicos para diferenciar o causado dos demais constituintes. Eventual ambiguidade entre os participantes causado e paciente pode ser desfeita pelo contexto. O causador (sujeito) pode ser identificado pela marca de referência cruzada no(s) verbo(s) e pela ausência das marcas de caso “não sujeito” (*-na* ‘não tópico’ e *-nuku/-naku* ‘tópico’).

25.

Resposta: Sim. De acordo com Aikhenvald (2003, p. 425), o causado pode ser “completamente omitido” da construção, o que confirmamos em (26) [17.7] e (27) [52]. Não ocorre alteração na valência sintática.

p. 425: “The causee can be omitted altogether if clear from the context.”

p. 402: “Since the components cannot be negated separately, there may be some ambiguity. Example 17.7 contains a negated causative serial verb construction (‘order-kill’). It can mean either ‘he did not order (them) to kill many (fish)’, or ‘he ordered (them) not to kill many fish (i.e. to kill only a few)’. In the context of the story, the second reading turns out to be more appropriate: there was an explicit order to kill some fish, but not to kill too many. Outside this context either reading would be acceptable.

(26) [17.7] *hanupe-se* *[mara-kade-ka* *dinu]*
 many-CONTRAST NEG+order-NEG-REC.P.VIS 3sgnf+kill
 ‘He did not order (them) to kill many (fish)’ or ‘He ordered not to kill many (just a few).’ ”

p. 648: “

- (27) [52] *kwana-nha* *na-de* *na:-tha-pidana*
 who-PRES.VIS.INTER 3pl-have 3pl+say-FR-REMP.REP
 isa-tupe-mia-pidana *na-ñhe-ta*
 smoke-DIM:PL-ONLY-REM.P.REP 3pl-show+CAUS1-CAUS2
 ‘ “Who has it?” they asked (in vain). They could only show the little bits of
 smoke.’ ”

26.

Resposta: Não identificamos relativização do causado no Tariana, porém a posição de objeto, que é a ocupada pelo causado, pode ser relativizada nas construções não causativas.

p. 538: “Any arguments, apart from possessors and arguments of adpositions, can be relativised.”

p. 66: “Verbs divide into two classes: those which take prefixes (cross-referencing, relativising and negative) and those which do not. Active transitive and intransitive verbs obligatorily take cross-referencing prefixes to mark the A/Sa constituent [...]”

27.

Resposta: Como informado nas questões 4 e 11, os verbos causativizados com *-ita* são transitivos ativos, e o causado costuma apresentar traço [+HUMANO]. Com base nessas informações e nos dados disponíveis, constatamos que o causado é animado e expressa o papel semântico de agente.

28.

Resposta: Na causativa morfológica, os dados e os verbos transitivos citados por Aikhenvald (2003) indicam a capacidade do causado de “abençoar” (*-ñapa*) (8) [13.88] e (10) [13.90], “beber” (*-ira*) (2) [13.48], “conhecer, encontrar, receber” (*-korota*), “fumar” (*-sita*) (4) [13.50], “juntar” (*-wake-ta*) e “lamber o tabaco da língua do parceiro no ritual de fumar charuto” (*-peru*) (6) [13.52]. Na causativa serial, o causado pode “comer” (*ñha*) (19) [1.7], (20) [12.55] e (24) [18.3], “falar” (*sape*) (21) [13.63], (25) [18.35], “matar” (*inu*) (26) [17.7] e “mostrar” (*ñhe*) (27) [52], (28) [7.10], (29) [7.22] e (30) [6.23].

Embora as informações disponíveis revelem que o causado é animado, não permitem concluir se ele está no controle das atividades ou se as exerce com volição. O exemplo (21) [13.63], em

que o causado é uma criança, sugere que ele pode não estar no controle da atividade ou que age sem volição.

p. 143: “The suffix *-na* can mark both a gift and a recipient of a ditransitive verb, as in 7.10 (gift and beneficiary can only be distinguished by context).

(28) [7.10] *di-na du-na di-hẽ-ta-pidana*
 3sgnf-OBJ 3sgf-OBJ 3sgnf-see+CAUS1-CAUS2-REM.P.REP
 ‘He showed him to her (or her to him).’ ”

p. 145: “

(29) [7.22] *di-hẽ-ta-pidana diha pa:ku-nuku*
 3sgnf-see+CAUS1-CAUS2-REM.P.REP ART gold-TOP.NON. A/S
 ‘He (the Maku gold miner) showed the gold (to the white master about to kill him).’ ”

p. 132-133: “

(30) [6.23] *hĩ ma:tĩ-peni-naku*
 DEM:ANIM bad-PL:ANIM-TOP.NON.A/S
wa-pire-na-nuku wa-hẽ-ta-naka wha
 1pl-Yurupary.flute-POSS-TOP.NON.A/S 1pl-see+CAUS-CAUS-PRES.VIS we
 ‘We are showing our Yurupary flute to the “bad” ones.’ ”

29.

Resposta: Na causativa morfológica, existem dois argumentos indistintos do tipo O. Na causativa com verbo serial, o causado expresso por um pronome pessoal é formalmente marcado com o caso de objeto, indicando a possibilidade de exercer a função de objeto direto. Entretanto, não é possível afirmar se esse causado pronominal é mais integrado, pelo fato de o teste da passiva, usado para diferenciar os objetos, não funcionar nas construções seriais. Assim, os dados disponíveis não permitem concluir qual causado é mais integrado conceitualmente à sentença.

30.

Resposta: Aikhenvald (2003, p. 4) informa que, com verbos transitivos, a causativa perifrástica expressa causação indireta, e a causativa serial indica causação direta. Com relação à causativa perifrástica, não identificamos dados com verbo transitivo para verificar a informação. Quanto à causativa serial, consideramos que a semântica de causação direta não condiz com a dos exemplos (21) [13.63], (26) [17.7] e (24) [18.3], sobretudo quando há sentido permissivo, como

neste último. Essa contradição se confirma no esquema 13.1 (p. 278), o qual possibilita a interpretação de que as causativas perifrástica e serial teriam sentidos opostos ao afirmado inicialmente (p. 4). Em relação à causativa morfológica, Aikhenvald (2003, p. 279) informa que essa construção tende a expressar causação direta, porém não faz referência à transitividade do verbo.

p. 278: “*Periphrastic*

forceful causer, unwilling causee, direct causation”

p. 278: “*SVC* [serial verb constructions]

indirect causation”

p. 279: “Morphological causatives tend to express direct causation. Tariana conforms to this tendency. In languages which distinguish morphological and periphrastic causatives, the latter also tend to express indirect causation (Dixon 2000). Tariana uses serial verb constructions and periphrastic causatives for expressing indirect causation.”

31.

Resposta: Embora o sentido da maioria dos exemplos pareça indicar atividades intencionais, dados como (21) [13.63] mantêm a questão em aberto, não sendo possível determinar se o causador atinge o resultado acidentalmente. Podemos interpretar que a causativa com verbo serial contenha uma evidência do alto grau de controle do causador, uma vez que os dois verbos têm agentes diferentes, mas recebem a mesma marca de sujeito (causador). Neste sentido, na causativa com verbo serial, o resultado seria alcançado intencionalmente. Porém, ressaltamos que a marcação do causador pode ser resquício da construção básica de verbo serial.

Esclarecemos que Aikhenvald (2003) trata da diferença entre semântica acidental e intencional apenas na causativa morfológica de verbo intransitivo. Embora a causativa de intransitivo não seja objeto da pesquisa, motivo pelo qual não será usada nos resultados finais deste trabalho, registramos que, nessas construções, os verbos intransitivos do tipo *So* recebem um prefixo para indicar que o causador alcança o resultado intencionalmente.

p. 269: “Morphological causatives of *S_o* verbs can be prefixless or prefixed, depending on whether the result is achieved intentionally, or not.”

32.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se o causador inicia o processo naturalmente ou não. Aikhenvald (2003, 276-279) trata da diferença entre atividades realizadas com esforço apenas na causativa perifrástica de verbo intransitivo ou estativo, quando comparada com a causativa morfológica (sem esforço). No entanto, com base no item II do esquema 13.1 (p. 278), podemos deduzir que, na causativa perifrástica, alguns verbos transitivos são capazes de indicar as semânticas de causador impositivo, causado sem volição e causação direta. Tais características podem revelar um processo alcançado com esforço.

p. 72 (Dixon, 2000): “Aikhenvald [...] describes how in Tariana the use of a periphrastic causative implies a special effort on the part of the causer and/or unwillingness of the causee, whereas a morphological causative will be preferred when no special effort is needed”

33.

Resposta: Embora o sentido de (21) [13.63] pareça indicar que o causador também está envolvido na ação, os demais dados disponíveis não permitem concluir se o causador está envolvido na atividade expressa pela causativa de verbo transitivo.

34.

Resposta: Sim. Considerando que a marcação de caso depende da topicalidade (p. 2), o causado e o paciente são marcados pelo morfema *-nuku* ‘tópico não sujeito’ quando expressos por nominais tópicos (p. 501). Não identificamos operações de foco relacionadas ao causado ou ao paciente nas causativas de verbos transitivos. Registramos que o dado (31) [9.20] mostra o causador focalizado em uma causativa de verbo intransitivo.

p. 188-189: “In 9.20 the constituent with *-wya* takes the focussed A/S marker; this example is from an ‘animal’ story about a quarrel between a shrimp and a crab. A hard-working shrimp refuses to live together with the lazy crab (this example contains a causative serial verb: see §18.2).

(31)[9.20] *pi-na* *inasu-ite-nuku* *nuhua-wya-ne*
 2sg-OBJ be.lazy-NCL:ANIM-TOP.NON.A/S 1sg-EXTRAL-FOC.A/S
 ma:-kasu *nu-ñha*
 NEG+let-INT 1sg-eat
 ‘I-the only one (who) will not not feed you the lazy one.’ (lit. will not let you eat)”

35.

Resposta: A causativa morfológica de verbo transitivo costuma ser usada apenas em atividades tradicionais realizadas durante rituais, indicando a baixa frequência da situação. As construções com verbos seriais são o único mecanismo produtivo usado para causativizar verbos transitivos (p. 277), sendo empregadas em situações típicas. Assim, a construção mais complexa (serial) veicula o sentido mais frequente, tendo em vista que a causativa morfológica é menos produtiva do que a serial na causativização de verbos transitivos.

36.

Resposta: Na introdução da obra, como informado na questão 30, Aikhenvald (2003, p. 4) afirma que a causativa perifrástica (sintática) expressa causação indireta e que a causativa com verbo serial expressa causação direta, porém essas afirmações são revistas e reformuladas nas seções específicas. Nessas análises posteriores, Aikhenvald (2003, p. 278-279) esclarece que a causativa morfológica tende a expressar causação direta, assim como a perifrástica, e que a causativa com verbo serial expressa causação indireta. Se entendermos que a construção perifrástica possui mais material linguístico do que a serial, por ser bi-oracional, não confirmaremos o *continuum*, uma vez que a perifrástica indica causação mais direta. Todavia, se compararmos a morfológica (direta) e a serial (indireta), confirmaremos o *continuum* parcialmente, uma vez que não identificamos causativa lexical no Tariana. Como informado na questão 28, os dados disponíveis não permitem concluir se o causado está no controle das atividades.

37.

Resposta: Mudança de valência. Os três mecanismos causativos empregados no Tariana aumentam a valência verbal, a qual também é entendida como um mecanismo de “aumento de transitividade”. Além disso, o sufixo *-i(-ta)* pode aumentar a valência de um verbo transitivo mesmo sem atuar como causativizador (p. 279), o que podemos interpretar como uma gramaticalização da função causativa desse morfema.

p. 258: “Tariana has two valency reducing operations – passive (§13.1) and reflexive-reciprocal (§13.2), and three valency increasing causativising mechanisms (considered in §13.3).”

p. 267: “Increasing transitivity

As is typical for an Amazonian language, Tariana has more valency increasing mechanisms than valency decreasing ones. There is a morphological causative (§13.3.1) mostly used with

intransitive verbs, a serial causative construction (§13.3.2), and two kinds of periphrastic causative (§13.3.3). All these causative constructions are functionally and formally distinct, and differ as to the role of the causer, that of the causee, and the properties of predicate classes.”

38.

Resposta: Sim, como informado na questão 2, o dado (6) [13.52] apresenta o sufixo *-ita* em uma construção verbal serial sociativa com o verbo *-siwa* ‘estar junto’ e o sufixo *-kaka* ‘recíproco’.

39.

Resposta: Além do indício de que a morfologia causativa pode ser arcaica (p. 272), não identificamos a origem do morfema causativo (*-ita*) e da construção causativa com verbo serial. Como informado na questão 37, o sufixo *-i(-ta)* pode ter expandido seu uso para o de um aumentador de valência mais amplo na língua, o que podemos caracterizar como uma gramaticalização, indicando o percurso diacrônico desse morfema. Em relação à causativa perifrástica, Aikhenvald (2003, p. 277) conjectura que o contato com o Português pode apontar para uma origem dessa construção no Tariana.

Segundo a autora, existem verbos ambitransitivos com um morfema *-ita* fossilizado como parte de suas raízes. E os verbos transitivos que são empréstimos do Tukano também apresentam esse morfema (*-ta* ou *-ita*).

p. 272: “The fact that morphological causatives are mostly used with verbs which describe highly ritualised traditional activities suggests that they are archaic.”

p. 274: “A number of S=A ambitransitive verbs contain a fossilised *-ita* as a part of their root, e.g. *-naweta* ‘separate, pull apart’; *-daneta* ‘cast a shadow, stop’; *-adeta* ‘prevent’; *-meyuta* ‘weed, clean’; and a few S=O ambitransitives, e.g. *-whaweta* ‘bring up (someone); stay at rest, breathe’. (Some intransitive verbs, e.g. *-thepeta* ‘jump up with force’ or *-sapata*, *-sapeta* ‘suffer’ may also contain *-ta* (or *-ita*); it seems impossible to determine the origin of this morpheme.) The transitive verbs which are probably loans from Tucano (see §26.1.3), such as *-besitá* ‘choose, revise’, *-boletá* ‘defeather’, *-buéta* ‘teach, learn’, *-buetá* ‘blow fire’, *-batutá* ‘swing with force’, also contain *-ta* or *-ita*. (It is hard to determine whether it is *-ta* or *-ita* since the *-i* would have disappeared on the boundary following the rules of vowel fusions: §2.5.2.)”

40.

Resposta: Não identificamos mudanças diacrônicas na marcação de caso do causado de verbo transitivo.

41.

Resposta: Os termos usados são “*causer*”, “*causee*” e “O subjacente”. O “*causer*” é referido como “A” (“sujeito transitivo”) e “sujeito do verbo de causação”. O “*causee*” é chamado de “A subjacente” e “sujeito subjacente do verbo causativizado”. O “O subjacente” é chamado de “*gift*” (coisa dada). O “*causee*” e o “O subjacente” são tratados como “argumento objeto” na causativa morfológica (p. 270, 274). Na serial, o causado pronominal recebe a glosa “OBJ”, de “caso objeto” (“*objective case*” ou “*object case*”). Por exercerem as funções de “A” e “O” (“objeto”), os três participantes são chamados de “argumentos nucleares” (p. xxii, 286) por oposição a “argumentos periféricos”.

42.

Resposta: O participante habitualmente referido como “paciente” na literatura teórica é chamado de “*gift*” (coisa dada).

Apurinã (Arawak)

Obras pesquisadas¹: Facundes (2000)

1.

Resposta: O mecanismo formal que o Apurinã usa é o morfológico, por meio dos sufixos causativos *-ka₂*, *-ka₃* e *-kūtaka*. Esclarecemos que o sufixo *-ka₂* é restrito a uma única comunidade entre as quinze existentes, e identificamos somente um exemplo com verbo transitivo (1) [45b]. A língua apresenta ainda o marcador oblíquo *-xika* ‘fonte causal’, mas não identificamos características que o tipifiquem como um mecanismo para formar causativa de transitivo. Registramos que (1) [45a] apresenta o morfema derivacional *-ka₂* ‘causativo’, em uma construção com verbo intransitivo, ocorrendo após a marca aspectual *-ka₁* ‘intensificador’, o que consideramos inesperado do ponto de vista morfológico, haja vista a tendência de se derivar primeiro, criando uma nova unidade lexical, e se flexionar depois. O mesmo fato ocorre em (1) [45b], com verbo transitivo.

p. 310: “Causative Marking: *-ka₂*⁵

The causative marker *-ka₂* is used as a valence-increasing causative morpheme that can occur with intransitive or transitive verbs, as shown by the examples in (45), where *nhipokota* is the intransitive verb for ‘to eat’ and *nhika* is the transitive verb for ‘to eat’:

- (1) [45a] *nhi-nhipoko-ka₁-ka₂-ta-ru*
 1SG-eat-INTENS-CAUS-VBLZ-3M.O
 ‘I made him do eating.’
- [45b] *nhi-nhika-nanu-ka₂-ta-ru* *yapa*
 1SG-eat-PROG-CAUS-VBLZ-3M.O capibara
 ‘I am making him eat capibara.’

⁵ This morpheme has only been attested in the Japiim village (Paciá river).’’

¹ AFFECT: Marcador de afetação/afetado (*affectedness marker* ou *attitude marker*); ALMOST: Marcador de algo que quase aconteceu, mas não aconteceu; AUGM: Aumentativo; C.SOURCE: Fonte causal; CAUS: Marcador causativo; COLTV: Marcador de ação coletiva; DESID: Marcador desiderativo; DISTR: Marcador de evento distributivo; F: Feminino; FACT: Marcador evidencial de certeza; FUT: Marcador de futuro; HAB: Marcador de aspecto habitual; HORT: Hortativo; HYPOTH: Marcador hipotético; IMMIN: Marcador de aspecto iminente; IMPFTV: Aspecto imperfeito; INTENS: Intensificador; INTR: Verbo intransitivo; M: Masculino; O: Objeto; PASS: Marcador de passiva; PFTV: Aspecto perfeito; PRED: Marcador de predicado; PROCL: Marcador pronominal de sujeito/possuidor; PROG: Marcador progressivo; PRON: Pronome; RANDOM: Marcador de evento aleatório, sem direção; RECIPR: Marcador recíproco; RS: Discurso indireto (*reported speech*); S: Argumento único de um intransitivo em 8.3.1.3 [Observações sobre Sujeito/Objeto e os Padrões de Marcação Pronominal Correferencial]; caso contrário, sujeito; SG: Singular; T.CAUS: Marcador causativo transitivo; V: Verbo; VBLZ: Verbalizador; 1: Primeira pessoa; 2: Segunda pessoa; 3: Terceira pessoa.

p. 406-407: “Object Pronominal Marking & Reflexive Set: -no, -i, -ru ...; -wa

Object pronominal markers attach to a verb base to encode (morphosyntactically) the object of this verb. [...]

As happens with subject/possessor pronominal markers when attached to verb bases (as described in 7.1.1), object pronominal markers are in complementary distribution with coreferential free (pro)nominal expressions when the latter are preverbal.”

p. 308: “Formatives Meaning, Function, and Distribution within Verb Base₁: Class₁

Class₁ formatives are those consisting of the bound verbal formatives that attach to base₀ to form (Verb) Base₁ and that require the presence of the verbalizer -ta. Formatives from class₁ are in a dependency relation with -ta, and that is why (in all the examples given under this section) every time there is a formative of class₁ in a verb base there will also be the verbalizer -ta closing that base.”

p. 52: “Apurinã has typical properties of a polysynthetic language insofar as it has a rich system of grammatical functions expressed by means of bound morphemes [...]. Different, however, from many of the polysynthetic languages of North America, Apurinã is more of an agglutinative (rather than fusional) type language [...].”

p. 326: “Causative Marking: -ka₃

The causative marker -ka₃ is functionally similar to the class₁ causative marker -ka₂ described in 5.2.1.1.1.2, but it differs in its position within the verb in being a class₂ formative. -ka₃ increases the valence of a verb and adds the meaning of causation, as the examples in (71) illustrate. [...]

- (2) [71a] *nu-muteka-ka₃-ru*
 1SG-run-CAUS-3M.O
 ‘I made him run.’

- [71b] *nhi-nhika-ka₃-ru* *yapa*
 1SG-eat-CAUS-3M.O capybara
 ‘I made him eat capybara.’ ”

p. 525: “In (103b) the predicate is about ‘causing somebody to sell a lot of something’, and the progressive event is located at an undetermined time period in the future. [...]

- s-V-PROGR-FUT
- (3) [103b] *nhi-suka-rewa-powa-nanu-ta-panhi-ka₄-ka₃-ru-ko*
 1SG-give-INTR-A.LOT-PROGR-VBLZ-IMPFTV-PRED-CAUS-3M.O-FUT
 ‘I still will make him be selling a lot of it.’ ”

p. 310: “The intransitivizer -rewa attaches to transitive verbs making them intransitives.”

p. 311: “[...] in some cases the intransitivizer adds some meaning to the verb it occurs with, producing the verb meaning ‘to sell’ from an intransivization of the verb meaning ‘to give’. There are also rare instances in which *-rewa* occurs in an intransitive verb, in which case no apparent meaning or function is associated with *-rewa* [...]”

p. 397-398: “The predicate marker *-ka₄* occurs attached to word bases that are used as predicators. Such word bases include (at least) verb bases, noun bases, pronoun bases, numeral bases, and particle bases. With nouns, pronouns or particles, *-ka₄* functions as non-verbal predicate marker, attaching to the head of such a non-verbal predicate construction. [...]”

When attached to verb bases, *-ka₄* has no apparent grammatical meaning or function, working simply as an optional “filler” or empty formative. I call it “predicate” marker because it occurs with non-verbal bases when these are in predicate position.”

p. 324: “Formatives Function and Distribution within Verb Base₂: Class₂”

Class₂ consists of the formatives that attach to base₁ to form base₂. Formatives of class₂ are similar to formatives of class₁ in that they are also exclusive verbal morphemes; but they are different from class₁ formatives in that they do not require the presence of the verbalizer *-ta* preceding them. That is, the formatives from class₂ formatives are not in a dependency relation with the verbalizer *-ta*.”

p. 312-313: “Transitive Causative Marking: *-kūtaka*”

The transitive causative marker *-kūtaka* is a valence increasing morpheme that is restricted to transitive verbs, as illustrated in (50):

(4) [50a] *nh-nhika-kūtaka-nanu-ta-pe*
1SG-eat-TR.CAUS-PROG-VBLZ-PFTV
‘I already made (her) eat (it).’

[50b] *n-atama-kūtaka-ta*
1SG-look-TR.CAUS-VBLZ
‘I made (him) look (at it).’

[50c] *n-oka-kūtaka-ta*
1SG-kill-T.CAUS-VBLZ
‘I made (him) kill (it).’ ”

p. 323: “The examples in (66) justify the position classes in Table 3, where the question mark in (66f,g,k) indicates that I have no unambiguous data to illustrate those specific cases and that, hence, require further verification with native speakers: [...]”

(5) [66e] *pi-nhika-powa-kūtaka-ta-no*
2SG-eat-AUGM-TR.CAUS-VBLZ-1SG.O
‘You made me eat a lot...’

- [66f] *?i-nhika-kūtaka-ã₂-ta-ro*
 3M-eat-TR.CAUS-FACT-VBLZ-3F.O
 ‘He really made her eat...’ ”

p. 390: “Causal Source Oblique Marker: *-xika*

The causal source oblique marker *-xika* attaches to (pro)noun bases to express the causal source of what is expressed in the predicate. The syntactic properties of *-xika* are described in 8.3.2.6. The following examples illustrate the use *-xika* with noun stems and pronouns:

- (6) [14a] *suto-xika* *n-una-ru*
 woman-C.SOURCE 1SG-come-3M.O
 ‘I came because of the woman.’

- [14b] *anãpana-ru-xika*
 dog-M-C.SOURCE
 ‘...because of the dog’

- [14c] *uwa-xika*
 3SG.M-C.SOURCE
 ‘...because of him/it’ ”

p. 498-499: “Causal Source

The causal source oblique grammatical relation is used to express the participant who somehow is the instigator or the one who indirectly brings an event to come about. This grammatical relation is always marked with the form *-xika*. In the examples in (69), the causal source occurs clause-initial in the first, and clause-final in the second example:

- (7) [69a]

C.SOURCE	S	V
<i>uwa-xika</i>	<i>nota-nhi</i>	<i>harita-pẽ-ka</i>
3SG.M-C.SOURCE	1SG-AFFECT	beat-PFTV-PASS

 ‘I got beaten because of him.’
- [69b]

S	V-o	O	C.SOURCE
<i>uwa</i>	<i>harita-pe-no</i>	<i>nota-nhi</i>	<i>uwa-xika</i>
3SG.M	beat-PFTV-1SG.O	1SG-AFFECT	3SG.M-C.SOURCE

 ‘He beat me because of him.’ ”

2.

Resposta: A construção é causativizada diretamente, com os sufixos causativos sendo anexados à raiz verbal ou a outro afixo ligado ao verbo.

3.

Resposta: Não identificamos os sufixos causativos *-ka₂*, *-ka₃* e *-kũtaka* desempenhando outras funções.

4.

Resposta: Entre os verbos identificados com os sufixos causativos, consideramos que “olhar” (*atama*) pode denotar ação abstrata, mas fazemos a ressalva de que a percepção sobre o que é uma ação abstrata varia de acordo com a categorização de mundo dos falantes. Os outros verbos são “comer” (*nhika*), “matar” (*oka*) e “vender” (*suka-rewa*).

5.

Resposta: Os sufixos causativos *-ka₂* e *-kũtaka* são diferenciados de *-ka₃* pela construção verbal, já que aqueles ocorrem apenas em construções com *-ta* ‘verbalizador’. O sufixo *-kũtaka* ‘causativo de transitivo’ também se diferencia dos demais pela transitividade do verbo, pois ocorre apenas com verbos transitivos.

Com relação a *-ka₂* e *-ka₃*, além de terem a mesma forma fonológica e a mesma função gramatical, Facundes (2000) não identifica nenhum aspecto discursivo-pragmático que os diferencie. Assim, considerando que o sufixo *-ka₂* foi atestado somente em uma das quinze comunidades Apurinã (Japiim), é plausível pressupor que a escolha de *-ka₂* está relacionada à variedade de fala dessa comunidade.

6.

Resposta: Não identificamos construção causativa formada a partir de verbos com três argumentos ou três participantes. Esclarecemos que, apesar de (3) [103b] ser formado com o verbo *suka* ‘dar’, seu sentido na construção foi alterado pelo morfema *-rewa* ‘intransitivizador’, passando a ser ‘vender’. Após a causativização, a construção manteve a mesma quantidade de participantes de uma causativa de transitivo (três participantes, e não quatro como seria uma causativa de ditransitivo), e o causado assumiu a mesma função sintática, de objeto.

p. 284: “Transitive verbs are syntactically different from intransitive verbs precisely in that only the former require the presence of both subject and object simultaneously. Transitive verbs can be divided into regular transitive verbs and (potentially) ditransitive verbs on the basis of whether their object can be marked by an oblique marker or not.”

p. 285: “Solely in terms of their morphology, there is no basis for distinguishing bivalent verbs from potentially trivalent verbs in Apurinã. The recipient argument of a potentially trivalent

verb can also be marked with object pronominal markers. So, the morphemes *-ru* and *-ro* of the examples in (15) express the recipient of *suka* ‘give’:

- (8) [15a] *pu-suka-ru*
2SG-give-3M.O
‘Give (something) to him.’
- [15b] *pu-suka-ro*
2SG-give-3F.O
‘Give (something) to her.’ ”

p. 287: “*Potentially Ditransitive Verbs*

Verbs that translate as ditransitive (i.e. trivalent) verbs in other languages behave like regular transitive verbs in Apurinã insofar as only the subject and one object are structurally required to occur, and the third argument is structurally optional (i.e. the third argument can be omitted without making the clause ungrammatical). [...]

- (9) [17a] *mipake owara-pira-ta-ru u-săkire (pita-monhi)*
Mipake teach-language-3M.O 3M-language.of 2SG-GOAL
‘Mipake taught his language (to you).’
- [17b] *nota sâpire-ta-ru tsora sâkire (youkake-monhi)*
1SG tell-VBLZ-3M.O Tsora language.of Youkake-GOAL
‘I told the Tsora story (to Youkake).’

As shown in (17), the argument expressing the “theme” is obligatory and occurs as the object of the verb, expressed by a “caseless” noun phrase, while the recipient argument is optionally expressed by an “oblique” noun phrase. For the present purposes of this section, a “caseless” noun phrase can be informally defined as a noun phrase without any morphological case marker, whereas an “oblique” noun phrase can be described (also informally) as a noun phrase marked with an oblique (case) marker.”

p. 288-289: “There is one ditransitive verb, i.e. *suka* ‘to give (away)’, however, that differs from regular transitive verbs in two main ways. There are two special properties to be noted about the Apurinã verb *suka* that make it a special case of transitive verb: The first property is that only this ditransitive verb allows a third argument (representing the recipient) to be expressed by a caseless noun phrase. [...]

The second special property of *suka* is that, while regular transitive verbs take a single caseless object noun phrase, with *suka* either the “theme” argument, represented by a “caseless” noun phrase, or the recipient argument, expressed by an oblique noun phrase, can bear the object grammatical relation, as indicated by what the object pronominal marker agrees with, as the examples in (19) illustrate: [...]

- (10)[19b] *nota suka-ru uwa-mokaru nu-serepi*
 1SG give-3M.O 3SG.M-GOAL 1SG-arrow.of(F)
 ‘I gave my arrow to him.’

[...] In (19b), in contrast, the verb bears a masculine pronominal marker, agreeing with the recipient object, which is expressed by the oblique noun phrase *uwa-mokaru* ‘to him’ (morphologically described in chapter 7, 7.1.2.4). That is, insofar as pronominal object markers can be considered to be the major formal marking property of the object grammatical relation in Apurinã, the object of the ditransitive verb *suka* can be expressed either by the caseless noun phrase representing the “theme” or by the oblique (or caseless) noun phrase expressing the recipient.”

p. 290: “There are, however, two important reasons to analyze ditransitive verbs as a subclass of transitive verbs in Apurinã. The two examples in (20) have in common the fact that only two arguments of the verb are overtly realized in the clause: [...]

Examples such as those in (20) reflect a common property of ditransitive verbs, namely that they only require two arguments to be (morpho)syntactically realized in the clause, the subject and the (recipient) object; that is, they are only “potentially” ditransitive. [...] Only one non-subject argument of ditransitive verbs is required in a clause, and, moreover, only one of the non-subject arguments can be coreferential with the object pronominal marker in the verb. Thus, insofar as ditransitive verbs require only two arguments and insofar as the free standing expression that can be in an object relation (whether a “caseless” noun phrase or an “oblique” noun phrase in post-verbal position) can be coreferential with the same pronominal object markers in the verb as those that attach to regular transitive verbs, they can be considered to belong to the same general category as regular transitive verbs.”

p. 291: “Aside from the verb *suka* ‘to give’, there is only one other verb, namely, *sukare* ‘sell’, that appears to allow the recipient to be expressed either as a “caseless” noun phrase or as an “oblique” noun phrase, as illustrated in (21). [...]

- (11)[21a] *aiko mipake sukare-pe-ro suto*
 house Mipake sell-PFTV-3F.O woman
 ‘Mipake sold the house to the woman.’

- [21b] *mipa sukare-pe-ru aiko mipa-mokaru*
 Mipa sell-PFTV-3M.O house(M)-AFFECT woman(M)-GOAL
 ‘Mipa sold the house to the woman.’

However, the verb *sukare* requires further verification, since the data available still do not allow a conclusive analysis about the formal marking of its argument roles.”

7.

Resposta: Assim como a causativa de transitivo, as construções com verbos “potencialmente ditransitivos” (Facundes, 2000, p. 287), ou trivalentes, tendem a apresentar três participantes, mas apenas um dos argumentos não sujeito é obrigatoriamente expresso e pode ter correferência no verbo. Nessa construção “potencialmente ditransitiva”, o argumento formalmente similar ao causado é o paciente, como visto em (9) [17a] [17b] e (10) [19b], embora em (10) [19b] a correferência no verbo seja feita com o “objeto recipiente” expresso em um SN “oblíquo”.

Na construção trivalente, o terceiro argumento (recipiente) pode receber um marcador pronominal de objeto (p. 285), situação na qual os argumentos de uma causativa de transitivo se comportam de forma similar aos de uma “ditransitiva”, já que a marcação pronominal de objeto é considerada a principal propriedade formal da relação gramatical do objeto (p. 289). Na construção com o verbo *suka* ‘dar/doar’, o paciente e o recipiente podem ocorrer em SN sem marcação oblíqua, situação na qual o terceiro argumento é formalmente igual ao objeto, indicando possível dupla marcação de objeto (p. 288). Assim, se a causativa de transitivo se comporta de forma semelhante à “ditransitiva” do verbo “dar”, pelo fato de poder apresentar dois SNs sem marca de caso, como em (13) [79a], existe a possibilidade de esse mesmo fenômeno de dupla marcação de objeto ocorrer na causativa de transitivo.

Registramos que os critérios adotados para analisar os verbos como “potencialmente ditransitivos” são a possibilidade de omissão do terceiro participante e a ausência de vaga morfológica no verbo.

8.

Resposta: Não identificamos verbos ambitransitivos no Apurinã.

p. 342: “[...] so far I have not attested any clear instance of labile verbs in the language.”

9.

Resposta: Não identificamos causativização com IN no Apurinã, embora exista IN nessa língua.

10.

Resposta: A ordem não é fixa, mas a maioria das estruturas verbais segue o padrão A-V-O_{causado}, com o sujeito e o objeto afixados no verbo, conforme exposto em (1) [45b], (2) [71b] e (5) [66e] [66f]. De acordo com os dados identificados, o nominal paciente pode ocorrer antes

dessa estrutura, como em (13) [79b] (SN_{paciente} A-V-O_{causado} O_{causado}), ou depois, como em (1) [45b] e (2) [71b] (A-V-O_{causado} SN_{paciente}). Contudo, consideramos que a ordem de (13) [79b] pode ter sido influenciada pela semântica hortativa. O único exemplo em que o nominal causado não aparece em correferência no verbo é (13) [79a] (O_{causado} SN_{paciente} A-V), também hortativo, pelo fato de o causado estar em posição pré-verbal. Os dados (4) [50a] [50b] [50c] são formados somente pelo verbo e pelo morfema do sujeito (A-V), estando os demais participantes omitidos. O constituinte que ocupa o lugar típico de acusativo é o causado.

p. 546: “If we only consider clauses in which subject and object co-occur as NPs, we can describe Apurinã as a language that has semi-free constituent order variation. This is so because, of the six logically possible constituent order types in a language, [...] five types can be attested in the elicitation of Apurinã sentences, [*VSO] [...] and at least four of them are attested in Apurinã texts: SOV SVO OSV OVS *VOS *VSO.”

p. 548: “What I wish to underscore here is the fact that except for VSO, all clausal constituent order patterns are acceptable in the language. [...] I must also notice that although VOS and VSO are not found in text material, VO and VS are.”

p. 548: “In any order type in which there is a post-verbal NP functioning as subject or object, there has to be also a bound pronominal marker attached to the verb that is coreferential with the post-verbal subject or object. In contrast, in any order type in which the NP-subject/object is pre-verbal, no bound pronominal marker that cross-references the NP-subject/object can be found on the verb”

p. 556: “As Table 3 shows, a little more than half of all clauses have at least one NP-subject/object. The second most frequent type is that in which there is no NP-subject/object. [...] As seen in the table [4] above, SV-oO occurs with frequency of 76.8% and is by far the most frequent type of clause with co-occurring subject and object [...].”

p. 557: “Table 6, on the other hand, shows that post-verbal (rather than pre-verbal) position is dominant for object.”

p. 545-546: “[...] NP_{obls} can occur almost anywhere in the clause, except that they depend in part on the individual properties of each of the various types of oblique constituents. These individual properties require further investigation before a detailed analysis of oblique constituents can be presented, and they will not be discussed in this work.”

Resposta: Não identificamos restrição na formação de causativas de transitivos. Semanticamente, os participantes causador e causado parecem apresentar traço [+HUMANO] em todos os dados consultados. Embora haja prevalência da 1ª pessoa para o causador e da 3ª pessoa para o causado, os exemplos mostram o causador nas três pessoas do discurso e o causado na 1ª e na 3ª pessoas. A maioria dos dados mostra a causativa de transitivo formada com o verbo *nhika* ‘comer’.

12.

Resposta: Não identificamos referência a aspectos cognitivos em Facundes (2000).

13.

Resposta: Não identificamos causativa sintática no Apurinã.

14.

Resposta: Não identificamos causativa sintática.

15.

Resposta: Não identificamos causativa sintática.

16.

Resposta: Não identificamos pares com verbos lexicais transitivos no Apurinã.

17.

Resposta: Não identificamos causativa lexical.

18.

Resposta: O causado assume a função de “objeto”, a qual faz parte das “relações gramaticais nucleares” (Facundes, 2000, p. 470-481).

p. 508-509: “Finally, notice that, as demonstrated by (80a) when compared to (82), whereas the causer is always the subject (since the causer can be coreferential with or expressed as the subject pronominal marker), never the object, the causee is always the object (since the causee can coreferential or expressed as the object pronominal marker), never the subject:

S.CAUSEE V-causer.o

- (12)[82] *amarunu umaka-ka-nanu-ta-no
 boy eat-CAUS-PROG-VBLZ-1SG.O
 (I am making the kid sleep.)

Thus, the mapping between causer and causee and the grammatical relations borne by their syntactic expressions further confirms the subject-object distinction, insofar as the former always maps onto the grammatical subject whereas the latter always maps onto the grammatical object.”

p. 470: “When grammatical relations take the form of NPs or NP_{obls} expressing arguments required by the lexical meaning of the verb I will refer to them as core grammatical relations, and when they take the form of NPs or NP_{obls} expressing arguments that are not required by the lexical meaning of the verb, I will refer to them as oblique grammatical relations.”

19.

Resposta: O causado não mantém o caso nem a função sintática de sujeito. Não identificamos compartilhamento das propriedades de sujeito entre o causador e o causado.

p. 476: “The pronominal marking system can be used to distinguish the object from the subject. As seen in various examples of previous chapters (e.g. 7.1.1, 7.1.12, and in Tables 6-7 in section 7.3), the pronominal marking system includes a set of (bound) object markers that is distinct from the set of (bound) subject pronominal markers.”

p. 480: “[...] object pronominal marking is the primary definitional property of grammatical objects”

20.

Resposta: O causado não recebe marca morfológica específica nem ocorre em sintagma específico. As marcações de ordem e gênero são comuns a outros constituintes. Quanto à ordem, como indicado na resposta à questão 10, o nominal causado pode ocorrer antes ou depois da estrutura verbal. Se ocorrer depois, o causado terá correferência no verbo com os marcadores pronominais de objeto, o que caracteriza os objetos gramaticais no Apurinã. O marcador pronominal também indica o gênero feminino (-ro) ou masculino (-ru) dos objetos na língua.

p. 218: “*Gender Markers: Masculine -ru₁ versus Feminine -ro*”

All nouns, including those derived from other categories, are either masculine or feminine for the purpose of cross-referencing marking with other elements within a syntactic

construction. Masculine and feminine gender can be marked morphologically or they can be morphologically unmarked. Unmarked masculine/feminine gender is the one for which no formal grammatical marker is added to the verb.”

p. 221: “The morphologically marked gender occurs with a subset of nouns and consists of the forms *-ru₁* and *-ro*, which mark the masculine and feminine genders, respectively.”

21.

Resposta: Não identificamos marcação morfológica distinta da função sintática do causado.

22.

Resposta: Facundes (2000) não adota as terminologias “direto” e “indireto” para se referir ao objeto e não defende explicitamente a existência de causativas com ambos o causado e o paciente codificados como objeto, porém afirma que o SN *yapa* ‘capivara’ atua como objeto em (14) [80b]. Para o autor, em dados como (13) [79], o SN *yapa* possibilita duas análises, ambas com limitações. A primeira trata *yapa* como “relação gramatical oblíqua”, mas essa hipótese tem o problema de o SN não atuar como os outros oblíquos do Apurinã, por não ser opcional estruturalmente. A segunda propõe que *yapa* seria um “objeto secundário” específico de construções causativas, porém essa análise também é descartada, pelo fato de não haver correferência entre a marca de objeto no verbo e o SN. Em vista disso, Facundes (2000, p. 506-507) mantém a questão em aberto, não tratando o causado e o paciente como dois objetos simultâneos e reconhecendo a necessidade de mais pesquisas sobre o tema.

Em nossa interpretação, um dos motivos pelos quais as análises podem ser revistas está no uso de categorias discretas. A adoção do conceito de contínuo habilitaria posições intermediárias entre o núcleo e a periferia sintática, possibilitando a inclusão da noção de “quase argumento” (ou quase objeto) como categoria analítica (cf. Scandelari, 2021).

Na ausência de testes para determinar a função sintática do SN *yapa*, é possível defender que *yapa*, em (13) [79a], atua como objeto. Além de esse sintagma não receber a marca de oblíquo, motivo pelo qual não o analisaríamos como tal, o causado e o paciente ocorrem em SNs sem distinção morfológica. Assim, a segunda proposta de Facundes (2000), de analisar esse participante como um “objeto secundário” restrito às causativas, nos parece mais plausível.

p. 505-507: “Causatives

As seen in [...], there are three forms of morphological causatives in the language. The first causativizer is the class₁ bound verbal form *-kūta_{ka}*, used with transitive verbs, and

described in 5.2.1.1.1.5 above. *-kūtaka* is illustrated in clausal context in (79a), where it attaches to the transitive verb *nhika* ‘to eat’; *p-ita-ru* ‘2SG-cousin.of-M’ refers to the one caused to do something (i.e. the causee); *yapa* ‘“capibara”’ is what was caused to be eaten; and the subject marker *a-* refers to the one who causes the causee to do something (i.e. the causer). *nhika* is a bivalent verb, but in this example it works as a trivalent one as a result of the presence of the causativizer: (In these and in other examples below, underlining is used just to highlight the causativizer, whereas double underlining indicates coreference between double-underlined forms.)

- (13) [79a] O.CAUSEE ? s.causer-V-CAUS
 hamo p-ita-ru *yapa a-nhika-kūtaka-ta*
 HORT 2SG-cousin.of-M capybara 1PL-eat-T.CAUS-VBLZ
 ‘Let’s make your cousin eat “capybara”.’
- [79b] ? s.causer-V-CAUS-o.causee O.CAUSEE
 hamo yapa a-nhika-kūtaka-ta-ru *uwa-nhi*
 HORT capybara 1PL-eat-T.CAUS-VBLZ-3M.O 3SG.M-AFFECT
 ‘Let’s make him eat “capybara”.’

The example in (79b) illustrates the fact that, in causative constructions, the causee can be marked in the verb as the object marker. Thus, the NP-causee bears the subject whereas the NP-causer bears the object grammatical relations. The question left unanswered is what the grammatical relation of ‘what is caused to be V-ed’ is. In other words: What is the grammatical relation of *yapa* in (79)? One possible analysis of this third argument of causative constructions is to treat it as bearing an oblique grammatical relation. The problem, however, of treating arguments such as *yapa* in (79) as an oblique is that this argument is not structurally optional in the clause in the same way as other obliques are in the language. Another possible analysis is to treat it as a secondary object that is restricted to causative constructions. The problem with this second analysis is that there is no independent evidence to treat such an argument as an object. The notion of a grammatical object was defined for Apurinã over the possibility of a free expression cooccur with a coreferential object marker in the verb. As was shown in (79), the object marker in the verb of causative constructions is coreferential with the causee and not with ‘what is caused to be V-ed’. Hence, either analyses have problems. In order to avoid positing an ill motivated solution to this problem, I will choose to leave undetermined what the grammatical relation of ‘what is caused to be V-ed’ is in a causative construction. I suspect that further research on the intrinsic properties of objects and obliques in Apurinã will reveal ways that will help to resolve the issue.”

p. 507-508: “The second and third causativizers have the same phonological form, *-ka*, and the same function, occurring with both transitive and intransitive verbs. They only differ in their affix position within the verb: One belongs to class₁ bound verbal forms (5.2.1.1.1.3) whereas the other belongs to class₂ bound forms (5.2.1.2.1.4). In the example in (80a) *n-* is the causer and *amarunu* ‘boy’ is the causee; in (80b) (repeated from chapter 5), *nhi-* is the causer, *-ru* the causee, and *yapa* the object. In the first case a monovalent verb is made bivalent, and in the second case a bivalent verb is made trivalent:

	O.CAUSEE	s.causer-V	
(14)[80a]	<i>amarunu</i>	<i>n-umaka-ka₂-nanu-ta</i>	
	boy	1SG-sleep-CAUS-PROG-VBLZ	
	‘I am making the kid sleep.’		
	causer-V-o.causee	O.CAUSEE	
[80b]	<i>nhi-nhika-ka₃-ru</i>	<i>yapa</i>	
	1SG-eat-CAUS-3M.O	capybara	
	‘I made him eat capybara.’		

That the causee of an intransitive verb behaves as a grammatical object is shown by the next example in (81). In this example the causee is *anãpa* ‘dog’ and it co-occurs with a coreferential object pronominal marker, i.e. *-ru* ‘3M.O’, in the verb:

	S.CAUSER	V-CAUS-o.causee	O.CAUSEE
(15)[81]	<i>kuku</i>	<i>muteka-ka₃-pe-ru</i>	<i>anãpa</i>
	boy	run-CAUS-PFTV-3M.O	dog
	‘The man made the dog run.’		

Notice also that, as can be seen by comparing (80a) and (80b), the causer maps onto subject regardless of whether the verb is transitive or intransitive. On the other hand, as can be seen by comparing (80b) and (81), the causee is mapped onto the object regardless of whether the verb is transitive or intransitive.”

p. 385: “*Oblique Markers*

Oblique markers are the special bound formatives that attach to the rightmost noun or pronoun in phrasal constructions and bear peripheral grammatical relations to the predicator in the clause. Thus, these oblique markers occur as part of elements that bear the sort of peripheral grammatical relations generally marked with adpositions in languages that have prepositions or postpositions. Like postpositions, these oblique markers occur after the forms they attach to; also like postpositions, oblique markers occur with nouns or with pronouns. However, different from postpositions, they are phonologically attached to a word base. Insofar as they are integrated into the morphological structure of their host base and insofar as they mark peripheral

grammatical relations, oblique markers bear formal and functional resemblance to case-marking affixes in languages with a system of case markers.”

p. 460-461: “[...] the distinction between NPs and NP_{obl}s can be described solely in terms of their distribution in the clause that follows from the grammatical relations they bear. [...]”

Another possible argument for distinguishing NP_{obl}s from NPs in Apurinã follows from its internal structure. As was seen in the previous section and summarized in (27), a NP can precede a possessed noun. [...] NP_{obl}s cannot occur with a possessed noun [...]

In sum, aside from always taking an oblique marker, NP_{obl}s also differ from NPs in that they cannot be replaced by a coreferential independent pronoun, and in that they cannot function as possessor. [...] In fact, the extent to which no crucial grammatical property is revealed by how the distinctions between NP_{obl}s and NPs are categorized by itself suggests that this may be ultimately a terminological issue. For the purpose of this work, I will continue to treat NP_{obl}s as a subtype of noun phrases in Apurinã.”

p. 493: “Oblique Grammatical Relations

Oblique grammatical relations have three basic formal properties: First, in general, they are either marked by oblique markers, by a verb morpheme, or by both; second, they cannot be accompanied by coreferential markers in the verb; and, third, they are structurally optional in the clauses where they can occur. The third property is interpreted here as indicating that oblique grammatical relations are not part of the lexical meaning of the verb.”

23.

Resposta: Sim, o causado assume a função de objeto.

24.

Resposta: Sim. Como o causado exerce a função sintática de objeto, a marcação pronominal de objeto no verbo pode diferenciar o causado de eventuais SNs na mesma construção. Não identificamos outro critério ou propriedade sintática para diferenciar o causado dos demais constituintes.

25.

Resposta: Sim. O causado pode ser omitido, conforme os dados em (4) [50a] [50b] [50c], com os verbos *nhika* ‘comer’, *atama* ‘olhar’ e *oka* ‘matar’, respectivamente. A omissão não reduz a valência sintática.

26.

Resposta: Não identificamos relativização do causado, porém a posição de objeto, que é a ocupada pelo causado, pode ser relativizada nas construções não causativas.

p. 245-246: “The relativizing markers constitute the most complex grammatical category found in the language as far as their morphological, syntactic and functional properties are concerned. Table 33 summarizes (preliminarily) the whole system, ignoring for the moment their breaking down into smaller meaningful units: (PRON=independent pronoun, BPRO=Bound Pronominal Marker)

Table 33: System of Relativizers

		Subject		Object	Agentless Relative		3 > 1, 2 PRON. 3 > 1, 2 PROCL.
		Positive	Negative		Positive	Negative	
SG.	M	-karu	-katu	-kutu -kuto	-koru	-kotu	-keru -kero
	F	-karo	-kato		-koro	-koto	
PL.	M/F	-kanu		-kunu	-konu		-keno

As seen in Table 33, the use of this relativizing system is determined by (morpho)syntactic properties such as grammatical relations, polarity, number, gender, and, perhaps, person hierarchy.”

27.

Resposta: Como informado nas questões 4 e 11, o causado apresenta traço [+HUMANO], e os verbos causativizados com os sufixos causativos são “comer” (*nhika*), “matar” (*oka*), “olhar” (*atama*) e “vender” (*suka-rewa*) ((3) [103b]). Com base nessas informações e nos dados disponíveis, constatamos que o causado é animado e expressa também os papéis semânticos de agente e de experienciador.

28.

Resposta: Embora os dados disponíveis mostrem a capacidade do causado de “comer” (*nhika*), “matar” (*oka*), “olhar” (*atama*) e “vender” (*suka-rewa*) ((3) [103b]), eles não permitem concluir se o causado está no controle dessas atividades e se as exerce com volição.

29.

Resposta: Não identificamos mais de um tipo de causado em causativa de transitivo no Apurinã.

30.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se o causador atua direta ou indiretamente sobre o causado.

31.

Resposta: Não identificamos informações claras sobre o tipo de atuação do causador. No entanto, considerando as ações expressas nos enunciados, algumas com os marcadores de futuro, como (3) [103b], e de hortativo, a exemplo de (13) [79a] [79b], concluímos que o causador pode atingir o resultado intencionalmente.

32.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se o causador inicia o processo naturalmente ou com esforço.

33.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se o causador está envolvido na atividade.

34.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se há graus de topicalidade ou foco relacionados ao causado ou ao paciente na causativa de transitivo.

35.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se há relação entre a frequência das situações e o tipo de construção causativa.

36.

Resposta: Além da causativa morfológica, não identificamos outros mecanismos formais para expressar causatividade. Em relação aos sufixos causativos, embora *-ka₂* e *-ka₃* tenham menos material linguístico que *-kūtaka*, usado exclusivamente com verbos transitivos, os dados disponíveis não permitem estabelecer relação de iconicidade entre forma e sentido.

37.

Resposta: Mudança de valência. Os sufixos causativos *-ka₂*, *-ka₃* e *-kūtake* aumentam a valência verbal. Embora Facundes (2000, p. 592) tenha identificado uma “voz passiva”, as causativas não são tratadas pelo autor como voz.

p. 505: “Valence-Increasing Operations

In the following subsection the causative markers used in operations that result in increased valence are first described.

p. 276: “The verbs can be classified in terms of their valence as transitive or intransitive. Although the valence properties are more generally reflected in the syntactic and semantic domains of a language grammar, certain morphological properties associated to valence can also be found [...]”

38.

Resposta: Sim, o exemplo (3) [103b] mostra o sufixo causativo *-ka₃* combinado com o morfema *-rewa* ‘intransitivizador’, o qual reduziu a valência do verbo *suka* ‘dar’ de três para dois e alterou seu sentido para ‘vender’ (p. 311, p. 525). No exemplo (16) [78c], aparecem os morfemas de recíproco (*-kaka*) e de causativo (*-ka₃*) combinados em um mesmo verbo (*atama* ‘olhar’).

Facundes (2000, p. 508) informa que, apesar de os sufixos causativos *-ka₂* e *-ka₃* não coocorrerem na mesma base verbal, alguns falantes chegam a aceitar *-ka₂* e *-ka₃* na mesma construção.

p. 322: “

Table 3: Suffixes of Class₁ and their Position Classes⁹

POSITION CLASS	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
MEANING/ FUNCTION: FORMS	DISTR <i>-poko</i>	CAUS <i>-ka₂</i>	INTR <i>-rewa</i>	AUGM <i>-powa</i>	T.CAUS <i>-kūtake</i>	FACT <i>-ā₂</i>	COLTV <i>-pirika</i>	PROG <i>-namu</i>	ALMOST <i>-wari</i>	RANDOM <i>-āpo</i>	INTENS <i>-ka₁</i>	DESID <i>-ene</i>	RS <i>-pira</i>
TRANSIT.	+	+	#	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
INTRANS.	#	+	+	+	+	+	+	*	+	+	+	+	+

⁹“+” means that the structure is grammatical, “*” means that the structure is ungrammatical, and “#” that it is grammatical but with a different meaning/function.”

p. 330: “

Table 4: Suffixes of Class₂ and their Position Classes¹¹

POSITION CLASS	14	15	16	17	18	19
MEANING/FUNCTION:	VLZ	HYPOTH	RECIPR	IMMIN	CAUS	HAB
FORM	-ta	-ã ₃	-kaka	-napano	-ka ₃	-pi
TRANSITIVE	+	+	-	+	+	+
INTRANSITIVE	+	+	+	+	+	+

Different from class₁, class₂ formatives can attach to a verb base regardless of its verb class; that is, all class₂ formatives can occur with both transitive and standard intransitive verb bases. As to affix combinations, the examples that follow Table 5 are illustrated in (78): [...]

- (16) [78b] *o-umaka-napano-ka₃-ka₄-ru*
 3F-sleep-IMMIN-CAUS-PRED-3M.O
 ‘She’s about to put him to sleep.’

- [78c] *ata atama-kaka-napano-ka₃-ka₄-ru*
 1PL look-RECIP-IMMIN-CAUS-PRED-3M.O
 ‘We were about to look at each other.’

- [78d] *pi-umaka-ka₃-pi-ka₄-no*
 1SG-walk-CAUS-HAB-PRED-1SG.O
 ‘You always make me sleep.’ ”

p. 508: “Presently, aside from the transitivity distinction there is no evidence that other grammatical properties play a role in the decision to use one or the other of the causativizers. This may suggest that any such a distinction, instead, comes from subtle semantic or discourse-pragmatic properties that are not grammaticalized in the language —and which still need to be determined. So far I have not been able to find any grammatical or discourse-pragmatic factor that can be used to distinguish the use of *-ka₂* versus *-ka₃*. The co-occurrence of *-ka₂* and *-ka₃* in the same verb base does not occur in natural speech. Only very collaborative speakers can sometimes accept the use of two causativizers in the same verb base.”

39.

Resposta: Não identificamos o percurso diacrônico nem a origem dos morfemas causativos. Considerando que, tipologicamente, existe semelhança formal e correlação semântica entre a marca causativa e os verbos “dar”, “deixar” e “fazer”, registramos a hipótese de que os verbos *suka* ‘dar’ e *kama* ‘fazer’, do Apurinã, podem ter alguma relação diacrônica com os morfemas causativos de forma *-ka*.

40.

Resposta: Não identificamos mudanças diacrônicas na marcação de caso do causado de verbo transitivo.

41.

Resposta: Os termos usados são “*causer*”, “*causee*” e “terceiro argumento”. O causador é referido como “aquele que faz com que o causado faça algo” (“*the one who causes the causee to do something*”, p. 505). O causado é descrito como “aquele que foi causado a fazer algo” (“*the one caused to do something*”, p. 505). O “terceiro argumento” é tratado como “o que é causado para ser V-ado/ido” (“*what is caused to be V-ed*”, p. 506) e uma hipótese de análise de sua função sintática é chamada de “relação gramatical oblíqua” (p. 506). Embora não tenhamos identificado os seguintes termos aplicados às causativas de transitivos, registramos o uso de “argumento recipiente” (p. 285) e “objeto recipiente” (p. 289-290) na descrição de verbos trivalentes.

42.

Resposta: Não identificamos terminologia particular em Facundes (2000).

Wayana (Caribe)

Obras pesquisadas¹: Tavares (2005) e Gildea (no prelo)

As citações fazem referência a Tavares (2005), salvo quando indicada outra obra entre parênteses.

1.

Resposta: O mecanismo formal que o Wayana usa é o morfológico, por meio do sufixo *-po* ~ *-nehpo* ‘causativo’. O alomorfe *-nehpo* tende a ser aceito apenas com os verbos *alima* ‘lançar’ e *ilī* ‘fazer’ e altera a semântica do enunciado (Tavares, 2005, p. 258). Em (2) [251b], transmite unicamente a leitura permissiva, indicando ação indireta por parte do causado — não do causador, como seria tipologicamente esperado. Em (3) [252b], o uso de *-nehpo* restringe novamente a interpretação sobre o tipo de ação do causado. Assim, entendemos que esse alomorfe acrescenta um sentido específico para o papel do causado ou para o tipo de ação em que ele se envolve. Não identificamos o correlato não causativo nos dados fornecidos por Tavares (2005), também não encontramos exemplo com todos os nominais expressos em uma causativa de transitivo.

Por fim, registramos que a língua apresenta a posposição *umpoj(e)* ‘causa’, mas não identificamos características que a tipifiquem como um mecanismo para formar causativa de transitivo.

p. 256: “The causative *-po*. The label ‘causative’ is used for *-po* here because the resulting construction is often interpreted as expressing causation and because it is a tradition in the Cariban literature to label cognate forms of this morpheme as such (*cf.* Jackson 1972:57, for Wayâna; Meira 1999:264; Derbyshire, 1985:224, for Hixkaryana, among others).”

p. 338: “

(1) [319]	<i>Mauu walëpo</i>	<i>Pipinë ja.</i>
	<i>mawulu w-alë-po-Ø</i>	<i>pipinë ja</i>
	cotton 1A3O-take-Caus-RecPst	Pipinë Causee

¹ Aff: Afirmativo; Caus: Causativo; Dat: Dativo; DistPst: Passado distante; Erg: Ergativo; Neg: Negativo; NPst: Não passado; ProxImp: Imperativo proximal; Prtc: Particípio; Pss: Possessivo; Rec: Recipiente; RecPst: Passado recente; SapAff: Sufixo afirmativo SAP; T: Ambifixo *t(i)*- *-(h)e*; Transz: Transitivizador; 1A3O: Primeira pessoa age sobre terceira pessoa; 3A1O: Terceira pessoa age sobre primeira pessoa; 3A3O: Terceira pessoa age sobre terceira pessoa; 1: Primeira pessoa; 3: Terceira pessoa.

‘I made Pipinē take cotton.’ ”

p. 258: “Jackson (1972:57) reports that *-po* is in free variation with *-nehpo*. In our data, *-po* was always accepted, while *-nehpo* was mostly rejected. Two examples with *-nehpo* that were more systematically accepted, with the stems *alima* ‘throw’ and *ilī* ‘make,’ present interesting semantics:

- (2) [251a] *Nalimapo.*
n-alima-po-Ø
 3A3O-throw.O-Caus-RecPst
 ‘He/she caused someone to throw O.’
 ‘He/she caused someone to let O fall.’

- [251b] *Nalimanehpo.*
n-alima-neppo-Ø
 3A3O-throw.O-Caus-RecPst
 ‘He/she cause someone to let O fall.’
 (*‘He caused someone to throw O.’)

- (3) [252a] *Nīipo*
n-ilī-po-Ø
 3A3O-make.O-Caus-RecPst
 ‘He/she caused someone to make O.’
 ‘He/she caused someone to have sex with O.’

- [252b] *Niinehpo*
n-ilī-neppo-Ø
 3A3O-make.O-Caus-RecPst
 ‘He/she caused someone to have sex with O’
 (*‘He caused someone to make O.’) ”

p. 191: “

- (4) [1] *Wokopojai*
w-oko-po-ja-he
 1A3O-cut.O-Caus-NPst-SapAff
 ‘I will make (him/her) cut it.’ ”

p. 50: “

- (5) [109] b. /i-punu+pikəɾə-po/ [ipunpikəɾəpo] ‘someone caused him to cut meat’ ”

p. 298: “*umpoj(e)* ‘Cause’ ”

p. 340-341: “Source, reason, or cause of an event are also marked by the postposition *umpoj(e)* ‘Cause’. Differently from *ke* ‘Instrumental,’ which in all cases marks an element that is immediately or intrinsically involved in the event/state it relates to, *umpoj(e)* takes personal

prefixes, and the element that it marks as the trigger of an event is removed, occurring previously to the event itself. [...]

- (6) [339] *Jumpoi* *tīitēi.*
 j-umpoje *tī-w-itē-he*
 1-Cause T-SA-go-He
 ‘(He/She) went because of me.’ ”

2.

Resposta: A construção é causativizada diretamente. O sufixo *-po* ~ *-nehpo* ‘causativo’ se anexa tanto ao verbo transitivo quanto ao verbo transitivizado pelo sufixo *-ma* ‘transitivizador’. Essa transitivização prévia é independente da causativa de transitivo, não uma condição obrigatória para que ela ocorra. Esclarecemos que o morfema chamado de “transitivizador” corresponde tipologicamente a um causativo de intransitivo, uma vez que, de acordo com Tavares (2005, p. 254), sua ocorrência marca tanto a adição de um novo participante na função de sujeito quanto a demissão do antigo sujeito, do verbo intransitivo, para a função de objeto direto na construção derivada.

No estudo das línguas Caribe, parece haver uma tradição de tratar o causativo de intransitivo como “transitivizador” e o causativo de transitivo de “causativizador”. Em nossa interpretação, considerar que o morfema “transitivizador” não é um causativo implicaria afirmar que as línguas da família Caribe causativizam apenas os verbos transitivos, e não os intransitivos. Isso não nos parece válido, pois, além de ser um fenômeno do qual não temos registro em nenhuma outra família, as descrições do “transitivizador” correspondem às da causativa de intransitivo. Registramos que Derbyshire (1979; 1985, p. 224; 1999, p. 44), nas análises sobre a língua Hixkaryana (Caribe), não emprega o termo “transitivizador”, mas “sufixos causativos” ou “causativo de um verbo intransitivo”.

p. 258: “

- (7) [250] *Mule inikmapo* *wēlisi ja, lome itēla.*
 mule iniki-ma-po *wēlihi ja lome itē-la*
 child sleep-Transz-Caus woman Causee but go-Neg
 ‘Someone ordered/told/sent the woman to make the child sleep, **but she didn’t go.**’ ”

p. 254: “The transitivizers *-ka*, *-nip(ka)*, *-nēp(ka)*, *-ma*, and *-lē*. These suffixes occur on *S₀* intransitive stems with the property of adding a new nuclear participant to the event described

by the verb (S_A verbs cannot be transitivized). This new participant is the A of the new form, and the old S is the new O (Tavares, 1995).”

3.

Resposta: O sufixo *-po* ~ *-nehpo* ‘causativo’ não desempenha outras funções. Além dos verbos transitivos, somente o verbo intransitivo *ka(i)* ‘dizer/fazer’ pode ser causativizado com *-po*. Registramos a existência do morfema homófono *-po* ‘necessitativo’, o qual ocorre apenas com verbos intransitivos, estando em distribuição complementar com o causativo, e indica uma situação iminente.

p. 203: “Two verb stems are intransitive by some criteria and transitive by others. The verb *ka(i)* ‘say/do’ is the only intransitive verb to take the causative *-po* and to have unmarked nominals occurring as the semantic O (examples (42)-(43)). [...]”

(8) [42]	<i>Wikapo</i>	<i>eja.</i>
	<i>wi-ka-po-Ø</i>	<i>e-ja</i>
	1 S_A -say-RecPst	3-Causee
	‘I made him speak.’ ”	

p. 258-259: “Though no other intransitive stems occur with the morpheme *-po*, the S_A stem *ka* ‘speak’ takes it (*cf.* section 5.2 for the morphosyntactic properties of *ka* ‘say’). The verbal stem remains intransitive: [...]”

In general, intransitive stems do not take the causative *-po*, but they take a homophonous morpheme, the necessitative *-po*, which indicates that an event is about to occur (*cf.* section 5.4.4.4). It is interesting that only the transitive stems take the causative and that only the intransitive take the necessitative.”

4.

Resposta: Não identificamos exemplos de verbos transitivos com o sufixo *-po* ~ *-nehpo* denotando ação abstrata. Contudo, além de não encontrarmos restrições para a ocorrência desse sufixo, Tavares (2005, p. 256) informa que todos os radicais transitivos podem ser marcados com *-po*. Os exemplos fornecidos pela autora mostram verbos ativos transitivos com dois e com três participantes: “cortar” (*oko*), “dar” (*ēkalē*), “fazer” (*ilī*), “fazer à mão” (*kapi*), “fazer dormir” (*iniki-ma*), “lançar, jogar” (*alima*), “matar” (*upmo*), “pegar” (*alē*) e “queimar” (*ewalu*). Esclarecemos que, apesar da existência de verbos com “três papéis semânticos” (p. 441),

Tavares (2005, p. 418) não reconhece categoricamente a existência de verbos ditransitivos no Wayana e informa que essa categoria pode não ser relevante para a gramática da língua.

p. 256: “In Wayâna, all transitive stems take the suffix *-po* to indicate the indirectness of A acting on O.”

p. 418: “However, it is not clear that the category of ditransitive verb is relevant for the grammar of Wayâna.”

5.

Resposta: Não identificamos mais de um marcador causativo de transitivo no Wayana.

6.

Resposta: Existe causativa formada a partir do verbo *ëkalë* ‘dar O’, analisado como um verbo “indicando a possibilidade de três papéis semânticos” (Tavares, 2006, p. 441). Embora Tavares (p. 421) afirme que os candidatos habituais a OI são o recipiente de verbos ditransitivos como ‘dar’, o destinatário de verbos como ‘contar’ ou o causado de verbos transitivos em uma causativa, equiparando assim o causado a esses participantes, o causado é tratado no Wayana como “oblíquo” (p. 418), “objeto de posposição” (p. 419, 421) e “argumento periférico” (p. 421). Registramos que, nessas construções, os participantes causador, causado e recipiente, quando expressos, recebem a mesma marca (posposição *ja*), conforme (12) [154]. Os falantes interpretam o primeiro SP como A, o segundo como causado e o terceiro como recipiente. Nas construções não causativas, a interpretação é semelhante, sendo o primeiro SP tratado como A e o segundo como recipiente, conforme (9) [151] e (10) [152].

Entre os critérios elencados por Tavares (2005, p. 420-421) para questionar a existência de OIs no Wayana e considerar que o recipiente e o causado não atuam como argumentos nucleares, apresentamos as seguintes ponderações:

1. Marcação dativa (*ja*): além de o dativo ser tipologicamente relacionado ao OI, o “argumento nuclear” A do Wayana também ocorre com *ja*, de maneira que a posposição não torna o constituinte periférico automaticamente. A posposição *ja* é tratada como ‘dativo; agente; causado’ (p. 171);
2. Ausência de referência cruzada no verbo: ter mais de duas vagas no verbo é uma exceção tipológica, não podendo ser um critério adotado translinguisticamente;
3. Não ocorrem dentro do SV: é uma questão similar à da marcação no verbo. Estar dentro do SV é exceção;

4. Não controlam qualquer tipo de correferência: se for correferência verbal, é o mesmo critério de vaga no verbo. O dado (7) [250] parece mostrar um causado controlando a correferência na oração seguinte (*lome itē-la* ‘mas ela não foi’);
5. Não há construção com “*dative shift*”: a ausência de um fenômeno na língua ou de um teste específico não permite rejeitar uma análise;
6. Não há aplicativa: a ausência de um fenômeno na língua ou de um teste específico não permite rejeitar uma análise; e
7. São gramaticalmente opcionais: a omissão pode ser pragmaticamente motivada, a exemplo do que acontece com um tópico secundário.

p. 441-442: “With verbal stems indicating the possibility of three semantic roles, as *ekalē* ‘give O’, the first *-ja* is understood as the A and the second *-ja* is understood as the recipient:

		[Erg]	[Rec]
(9) [151]	<i>Kahulu tēkalēi</i>	<i>Avina ja</i>	<i>Pintutu ja.</i>
	<i>kahulu t-ēkalē-he</i>	<i>avina ja</i>	<i>pintutu ja</i>
	beads T-give.O-He	Avina Erg	Pintutu Dat
	‘Avina gave beads to Pintutu’		

	[Erg]		[Rec]
(10)[152]	<i>Pintutu ja</i>	<i>kahulu tēkalēi</i>	<i>Avina ja</i>
	<i>pintutu ja</i>	<i>kahulu t-ēkalē-he</i>	<i>avina ja</i>
	Pintutu Dat	beads T-give.O-He	Avina Erg
	‘Pintutu gave beads to Avina’		

An extra complexity exists in the case of causativized examples, since the causee is also marked by *-ja* in causative constructions. The preferred order in these cases is Erg-Causee-Dat:

		[Erg]	[Caus]
(11)[153]	<i>Alakapuha tēkalēpoi</i>	<i>Tateu ja</i>	<i>Polonildo ja.</i>
	<i>alakapuha t-ēkalē-po-he</i>	<i>tateu ja</i>	<i>polonildo ja</i>
	shot.gun T-give.O-Caus-He	Tateu Erg	Polonildo Causee
	‘Tateu had Polonildo give the shotgun (to someone else)’		

		[Erg]	[Caus]	[Rec]
(12)[154]	<i>Patu tēkalēpoi</i>	<i>Konsa ja</i>	<i>Nila ja</i>	<i>Avina ja.</i>
	<i>patu t-ēkalē-po-he</i>	<i>konsa ja</i>	<i>nila ja</i>	<i>avina ja</i>
	pan T-give.O-Caus-He	Konsa Erg	Nila Causee	Avina Dat
	‘Konsa had Nila give a pan to Avina’ ”			

Cases with both *ja* phrases pre-verbally were considered confusing [...]”

p. 420-421: “As in other Cariban languages, in Wayâna no feature has been found that distinguishes a third nuclear argument, such as an Indirect Object or a Secondary Object, as

distinct from any peripheral argument. The usual candidates for IO are the recipient of a ditransitive verb like ‘give’, the addressee of a speech verb like ‘tell’, or the causees of a transitive verb in a causative construction. These are all marked (with the postposition *ja*), none is ever cross-referenced on the verb, none forms a constituent with the verb (i.e., they are not contained inside the VP), and none controls any kind of coreference phenomena. There is no “dative shift” construction, no applicative, and none are grammatically obligatory. In conclusion, they do not appear to be in any way more privileged than the object of any other postposition, and as a result, there appears to be no reason to posit the existence of an IO-like nuclear argument.”

p. 418: “Grammatical Relations. Various typological traditions and theories of syntax divide nominal participants in two kinds of arguments, nuclear and peripheral. The nuclear arguments are generally understood to be the grammatical relations of Subject, Object and Indirect Object, whereas peripheral participants are considered obliques. [...]

In Wayâna, the categories of intransitive and transitive verbs are readily identified, as are morphemes that change the number of participants from two to one (the detransitivizer, 5.4.2.1) or from one to two (the transitivizer, 5.4.2.2). However, it is not clear that the category of ditransitive verb is relevant for the grammar of Wayâna. This section first presents the characteristics that suggest A, S and O are nuclear arguments in various clause types, and it then reviews the lack of characteristics that might distinguish a recipient or a causee as Indirect Object, distinct from any oblique.”

p. 418: “Patterns that identify A, S and O arguments as unique in the grammar are a mix of: nominal case-marking, verbal person-marking, inclusion in the verb phrase, and control of the third person reflexive prefix. Case-marking, verbal person-marking and inclusion in the VP vary from clause type to clause type, but control of coreference with the reflexive belongs to the A and S in all clause types. In the Set I clause type, the nuclear arguments have no case-marking, whereas all other participants must occur as the object of a postposition. Similarly, the nuclear arguments can all be marked on the verb, whereas peripheral participants cannot be.”

p. 419: “In the *t-V-he* clause type, no arguments are marked on the verb; S and O are still distinguished as the only arguments that occur unmarked, so A and all other participants are objects of postpositions. However, A is still distinguished as a nuclear participant because, along with the unmarked S, it controls co-reference with the third person reflexive prefix.”

p. 230-231: “t-V-(h)e verbs. The main formal characteristics of t-V-(h)e verbal set are:

- a) The discontinuous morpheme *t- -(h)e*.
 - b) Ergative case-marking: the *A* is marked by the ergative marking *ja*, and the *S* and the *O* are unmarked.
 - c) Free word order.
 - d) Lack of conjugation: T-V-(h)e forms do not bear personal prefixes, tense, evidential, or number affixes. They take only derivational aspectual suffixes (*cf.* section 5.4.4)
 - e) Number is expressed by pronouns or by the particle *tot(o)* ‘3rd person collective.’ ”
- p. 420:** “The different semantic roles do not correlate to different morphosyntactic properties within each class.”

7.

Resposta: Sim. Além de os participantes *A* e *O* serem marcados nos verbos com os mesmos prefixos hierárquicos e imperativos do Conjunto I de verbos transitivos, o participante afetado recebe o mesmo tratamento gramatical nas duas construções (Gildea, no prelo, p. 12, sobre línguas Caribe). Adicionalmente, o terceiro participante é marcado com a posposição *ja*, a qual pode codificar o ergativo (agente), o causado e o dativo (recipiente e experienciador).

Quanto à ordem de constituintes, a construção com três participantes (9) [151], com o verbo *ēkalē* ‘dar O’, considerado inerentemente ditransitivo (Gildea, no prelo, p. 12, sobre línguas Caribe), apresenta a mesma estrutura (O t-V-he A_{SP} Rec_{SP}) que as causativas de ditransitivos. Em (11) [153], o causado ocorre na posição do recipiente, o qual está omitido (O t-V-he A_{SP} Causados_{SP}); em (12) [154], todos os participantes são explicitados (O t-V-he A_{SP} Causados_{SP} Rec_{SP}), e o causado ocorre entre o sujeito *A* e o recipiente. À exceção do argumento *O*, todos os demais participantes são marcados com a posposição *ja*. As demais construções ditransitivas com *ēkalē* ‘dar O’ tendem a manter o padrão do verbo e do recipiente posposicionado em posição final, porém o argumento *A* pode ser omitido, como em (14) [40] (w-V-he O Rec_{SP}) e (15) [71] (O V Rec_{SP}), ou pode aparecer em posição pré-verbal, como em (10) [152] (A_{SP} O t-V-he Rec_{SP}).

Salientamos que os argumentos *A* e *O* dos verbos ditransitivos também seguem o mesmo padrão de *A* e *O* dos verbos transitivos (Gildea, no prelo, p. 6, sobre línguas Caribe). Nessa linha, Tavares (2005, p. 427) afirma que, em termos morfossintáticos, as formas com o sufixo causativo *-po* não se diferenciam de outras raízes transitivas, e o causado é marcado como os participantes periféricos dos verbos transitivos não causativizados.

p. 6 (Gildea, no prelo): “For Ditransitive verbs, A and T pattern identically to A and P of transitive verbs [...]”

p. 40-41 (Gildea, no prelo): “[...] Ditransitive stems derived from Transitive stems by the addition of a Causativizing suffix. These suffixes are extremely productive, transforming the tiny class of underived Ditransitive verbs into a large open class.”

p. 12 (Gildea, no prelo): “The manifestation we label Ditransitive verbs has a clear indirective case frame: A and T receive the same Set I hierarchical and imperative prefixes as for transitive verbs, with the thing given (T) receiving the same grammatical treatment as the P of transitive verbs; in most languages, the third participant (R) is flagged with a modern reflex of the Proto-Cariban dative postposition **wīya*, such that Ditransitive verbs in Cariban follow an Indirective alignment. We privilege this case frame in the exposition because it is the frame shared by Causativized verbs (§4.2), with external causer treated as A, the affected participant as P/T, and the causee argument bearing the R postposition **wīya*.”

p. 12-13 (Gildea, no prelo): “There are only a handful of clearly reconstructible underived members of the Ditransitive class: the three given by Gildea & Payne (2007) are **[t-]/iri* ‘A put T R=ALL’ / ‘A give T R=DAT’ (examples of ‘put’ and ‘give’ in 7), **utu* ‘A give P to R’ (8), and *[ti]-ma* ‘A give P to R’ (9), to which I tentatively add **ekarə(ma)* ‘A give T R-DAT’ (10). Note that, even though there are different modern roots for the Ditransitive ‘give’ meaning, all share the same case-frame.”

p. 427: “In morphosyntactic terms, forms with the causative suffix *-po* are indistinguishable from other transitive stems [...]”

p. 428: “The causee, marked as a peripheral participant, is optionally expressed by a postpositional phrase. This is a pattern similar to non-causativized transitive verbs presenting peripheral participants [...].

(13)[81]	<i>Talanme juhmopoja</i>	<i>kapu ja.</i>
	<i>talanne j-upmo-po-ja</i>	<i>kapu ja</i>
	maybe 3A1O-kill.O-Caus-NPst	sky Causee
	‘Maybe he is going to make the sky kill me.’ ”	

p. 420: “Other participants involved in the event are marked as peripheral by postpositions: e.g., *ke* ‘instrumental’, *ja* ‘dative, causee’, *pək(ě)* ‘about; busy with’, etc.:

(14)[40]	<i>Wekalējai</i>	<i>wapu</i>	<i>Tateu ja.</i>
	<i>w-ekalě-ja-he</i>	<i>wapu</i>	<i>tatew ja</i>
	1A3O-give.O-NPst-SapAff	palm.tree.sp	Tateu Dat
	‘I will give wapu fruit to Tateu.’ ”		

p. 426: “

- (15)[71] *Kola ekalë epe ja.*
 kola ekalë-Ø Ø-epe-Ø ja
 necklace give-RecPst 3-friend-Pss Dat
 ‘(She) gave necklace to her friend.’ ”

p. 441: “

- (9) [151] *Kahulu tēkalëi [Erg] [Rec] Avina ja Pintutu ja.*
 kahulu t-ēkalë-he avina ja pintutu ja
 beads T-give.O-He Avina Erg Pintutu Dat
 ‘Avina gave beads to Pintutu’

- (10)[152] [Erg] [Rec]
 Pintutu ja kahulu tēkalëi Avina ja
 pintutu ja kahulu t-ēkalë-he avina ja
 Pintutu Dat beads T-give.O-He Avina Erg
 ‘Pintutu gave beads to Avina’ ”

8.

Resposta: Não identificamos construção causativa formada a partir de verbos ambitransitivos. Entretanto, haja vista que o verbo *ka(i)* ‘dizer/fazer’ pode ser causativizado com *-po*, como em (8) [42], e que (16) [43] parece mostrar um uso transitivo desse mesmo verbo, registramos a hipótese de *ka* ser um verbo ambitransitivo. Esclarecemos que Tavares (2005) não menciona explicitamente essa possibilidade.

p. 203: “Two verb stems are intransitive by some criteria and transitive by others. The verb *ka(i)* ‘say/do’ is the only intransitive verb to take the causative *-po* and to have unmarked nominals occurring as the semantic O (examples (42)-(43)). [...]”

- (16)[43] *Lome kalipono mēnke ‘kupeta.’*
 lome kalipono mēn-ka-ja kupeta
 but non.Wayana 3S_ACertnty-say-NPst blanket
 ‘But the non-wayana (Brazilians) say kupeta.’ (Jolokoa 009).’ ”

9.

Resposta: Não identificamos causativização com IN no Wayana.

10.

Resposta: Os dados das causativas mostram a seguinte tendência: O AO-V (Causados_{SP}), como em (1) [319], (20) [246], (21) [247], (22) [248] e (23) [249]. As construções com o nominal O omitido não alteram esse padrão, a exemplo de (2) [251a] [251b], (3) [252a] [252b], (4) [1] e (13) [81]. Embora os dados (7) [250] e (17) [362] mantenham a ordem O V (Causados_{SP}), seus verbos não são marcados com os prefixos A e O, e o nominal causador (A) está omitido nas duas construções. Como informado na resposta à questão 7, as causativas de ditransitivos (11) [153] e (12) [154] apresentam a ordem O V Causador_{SP} Causados_{SP} (Recipientes_{SP}). O constituinte que ocupa o lugar típico de acusativo é o participante afetado (O).

p. 347: “

(17)[362]	<i>Malonme, aptau</i>	<i>pēmīt</i>	<i>tīkahpok!</i>
	<i>malonme aptawë</i>	<i>pēmītī</i>	<i>tī-kapī-po-kë</i>
	then	therefore	basket(kd.) Them-hand.craft.O-Caus-ProxImp
	‘Then, thus make him craft a basket.’ ”		

11.

Resposta: Não identificamos restrições na formação das causativas de transitivos do Wayana. Semanticamente, à exceção de (13) [81], com causado [–HUMANO], os participantes causador e causado parecem apresentar traço [+HUMANO] nos dados consultados. O causado ocorre na 3ª pessoa do discurso em todos os exemplos.

12.

Resposta: Não identificamos referência a aspectos cognitivos em Tavares (2005). Contudo, Tavares (2005, p. 256) informa que, na ausência do causado, mesmo sendo possível interpretar que ele existe, o OD tende a ser entendido como aquele que realiza a ação sobre si mesmo. Para nós, essa característica está relacionada a aspectos cognitivos, pois o OD é o constituinte que, nas construções transitivas, geralmente corresponde ao paciente. Interpretar o único constituinte como causado elevaria a complexidade do processamento cognitivo. Talvez por isso a explicitação do causado anule a ambiguidade e restrinja a interpretação a ele, uma vez que aumenta claramente a quantidade de participantes no enunciado e elimina o custo do processamento. Esclarecemos que a autora não dá esse tratamento aos dados.

13.

Resposta: Não identificamos causativa sintática no Wayana.

14.

Resposta: Não identificamos causativa sintática.

15.

Resposta: Não identificamos causativa sintática.

16.

Resposta: Não identificamos pares com verbos lexicais transitivos no Wayana.

17.

Resposta: Não identificamos causativa lexical.

18.

Resposta: O causado é tratado como “participante periférico” (p. 420, 428) e “participante oblíquo” (p. 441), em oposição aos “participantes nucleares” (p. 257). Sendo assim, é analisado como “oblíquo” (p. 418), “objeto de posposição” (p. 419, 421) e “argumento periférico” (p. 421).

Como informado na questão 6, ao afirmar que os candidatos habituais a OI são o recipiente de verbos ditransitivos como ‘dar’, o destinatário de verbos como ‘contar’ ou o causado de verbos transitivos em uma causativa, Tavares (p. 421) equipara o causado a esses constituintes (OI). Uma vez que a autora não assume plenamente a existência de verbos ditransitivos no Wayana, esses participantes são considerados periféricos.

Em nossa interpretação, o exemplo (7) [250] parece mostrar um causado controlando a correferência verbal na oração seguinte (*lome itē-la* ‘mas ela não foi’). Se a análise estiver correta, esse fato é importante no Wayana porque o sujeito ergativo (causador) é marcado pela mesma posposição que o causado (*ja*), mas é considerado um argumento nuclear por controlar a correferência com o prefixo reflexivo de 3ª pessoa. Mantendo-se os critérios da codificação e da correferência, o causado também poderia ser considerado um argumento nuclear.

p. 258: “

(7) [250]	<i>Mule inikmapo</i>	<i>wēlisi ja,</i>	<i>lome itēla.</i>
	<i>mule iniki-ma-po</i>	<i>wēlihi ja</i>	<i>lome itē-la</i>
	child sleep-Transz-Caus	woman Causee but	go-Neg

‘Someone ordered/told/sent the woman to make the child sleep, **but she didn’t go.**’ ”

19.

Resposta: O causador e o causado podem compartilhar a marca formal, tendo em vista que o causado é codificado com a mesma posposição (*ja*) que marca o sujeito ergativo (causador), como em (9) [151], (10) [152], (19) [313] e (18) [136]. Informamos, contudo, que os dados disponíveis não permitem concluir se o causado mantém o caso de quando era sujeito na estrutura primitiva, tendo em vista que não identificamos a contraparte não causativa nos dados fornecidos em Tavares (2005).

p. 438: “

- (18)[136] *Ilimawa kunehak* *tělëi* *Josineti ja.*
 Ilimawa kun-eha-kě *t-ělě-he* *josineti ja*
 lime 3SADistPst-be-DistPst Prtc-take.O-Prtc Josinete ja
 ‘Josinete had already taken the lime.’ ”

20.

Resposta: A marcação do causado, seja ela a ordem ou a posposição *ja*, também ocorre com outros constituintes. Quanto à ordem, como indicado na questão 10, o causado ocupa a posição pós-verbal, a qual pode ocorrer com o causador (A) e o recipiente de verbo ditransitivo. Além do causado, a posposição *ja* também marca os constituintes ‘dativo’ e ‘ergativo’ (agente).

p. 298: “ja ‘Dative; Ergative; Causee; etc.’ ”

p. 256: “The third element, the causee, which is marked by *ja*, is optional and does not influence the pronominal markings on the verb.”

p. 337-338: “Functional postpositions. The functional postpositions are those presenting a grammatical meaning. There are five of these postpositions, *ja* marking the agent and some other roles, *ke* marking an instrument or source, *umpoj(e)* marking the cause of an event, *wantě* marking volition, and *walě* marking uncertainty. No nominalized forms of the functional postpositions are attested or have been accepted in elicitation.

The postposition *ja* takes objects encoding sentient beings, usually humans. It marks the agent of a transitive clause in both main *t-V-(h)e* clauses and non-finite subordinate clauses, both nominalized clauses (314) and adverbialized clauses (315), where the agent is glossed as ‘oblique agent’:

- (19)[313] *Pija* *mumkě* *těpěihe* *epe* *ja.*
 pija *mumukě-Ø* *t-ěpěhi-he* *Ø-epe-Ø* *ja*

eagle animal.offspring T-grab.O-He 3-friend-Pss **Erg**
 ‘His friend grabbed (the) eagles chick.’

[...] It also marks dative participants (recipients and experiencers) [...] and causees, shown in example (319).”

21.

Resposta: Não identificamos marcação morfológica distinta da função sintática do causado. A posposição *ja* marca tanto participantes considerados periféricos (causado, experienciador, recipiente) quanto nucleares (sujeito A) (Tavares, 2005, p. 337-338, 420).

22.

Resposta: Não identificamos construções com ambos o causado e o paciente codificados como OD. Embora a omissão do causado possa levar à compreensão de que o O (“objeto direto”) realiza a ação, não identificamos evidências da duplicidade de função sintática. Registramos que o causador, o causado e o recipiente podem receber simultaneamente a mesma marca (*ja*), como em (12) [154], enquanto o paciente nunca a recebe.

p. 256: “The third element, the causee, which is marked by *ja*, is optional and does not influence the pronominal markings on the verb. In its absence, the O is preferentially understood as the one doing the action to himself (by accident or not), or in the case of inanimate O’s, as undergoing an event without an external agent. The interpretation that a ‘causee’ exists is also possible in both cases. This ambiguous interpretation does not exist when the ‘causee’ is overt:

(20) [246] *Eluwa wewaapo.*
eluwa w-ewalu-po-Ø
 man 1A3O-burn.O-Caus-RecPst
 ‘I caused the man to get burned.’ (I asked him to hold a hot pan)
 ‘I caused the man to burn himself.’
 ‘I caused someone (else) to burn the man.’

(21) [247] *Eluwa wewaapo* *eja*
eluwa w-ewalu-po-Ø *e-ja*
 man 1A3O-burn.O-Caus-RecPst 3-Causee
 ‘I caused him/her to burn the man’
 (*I caused the man to burn himself)

(22) [248] *Pampila wewaapo.*
pampila w-ewalu-po-Ø
 paper 1A3O-burn.O-Caus-RecPst
 ‘I made the paper burn.’

(I placed it close to the fire, and as a result it caught on fire)
 ‘I caused someone to burn the paper.’

- (23) [249] *Pampila wewaapo* *eja.*
pampila w-ewalu-po-Ø *e-ja*
 paper 1A3O-burn.O-Caus-RecPst 3-Causee
 ‘I caused someone to burn the paper.’
 (*I made the paper burn) ”

23.

Resposta: Não. Embora Tavares (2005) não use a terminologia “adjunto”, analisa o causado como participante periférico e oblíquo, sendo, portanto, não nuclear. No Wayana, a próxima posição livre mais alta imediatamente disponível seria a de OI, a qual não é categoricamente identificada pela autora. A seguinte seria OObl, também não é assumida explicitamente como argumento. Assim, considerando que a Hierarquia de Caso se aplica a argumentos do verbo, o causado não segue a hierarquia nos moldes de Comrie (1976, 1989).

24.

Resposta: Sim. Nas construções em que o causado aparece marcado da mesma forma que outro elemento na construção, a ordem dos constituintes é usada para identificá-lo, sendo o primeiro SP interpretado como sujeito ergativo (A)/causador, o segundo como causado e o terceiro como dativo (recipiente ou experienciador). Não identificamos outro critério ou propriedade sintática para diferenciar o causado dos demais constituintes.

p. 441-442: “Since the syntactic role of verbal arguments is so explicitly marked, word order is free. However, in the cases where there are oblique participants such as the recipient or the causee, we see some interesting patterns. With verbal stems indicating the possibility of three semantic roles, as *ekalë* ‘give O’, the first *-ja* is understood as the A and the second *-ja* is understood as the recipient: [151] [...] [152] [...]

An extra complexity exists in the case of causativized examples, since the causee is also marked by *-ja* in causative constructions. The preferred order in these cases is Erg-Causee-Dat: [153] [...] [154] [...]

Cases with both *ja* phrases pre-verbally were considered confusing [...]”

25.

Resposta: O causado pode ser omitido, conforme os dados (2) [251a] [251b], (3) [252a] [252b], (4) [1], (20) [246], (22) [248] e (17) [362]. Nos contextos de omissão, a existência do causado pode ou não continuar subentendida, indicando ou não a presença de um participante semântico a mais no enunciado. Contudo, tendo em vista que a construção com o sufixo *-po ~ -nehpo* ‘causativo’, de acordo com Tavares (2005), não aumenta a valência sintática, a omissão do causado também não alteraria a valência.

p. 256: “The third element, the causee, which is marked by *ja*, is optional and does not influence the pronominal markings on the verb. [...] The interpretation that a ‘causee’ exists is also possible in both cases.”

26.

Resposta: Não identificamos relativização do causado, e o SP formado pela posposição *ja* não pode ser nominalizado. Registramos que as posições de Sujeito e O podem ser relativizadas nas construções não causativas.

p. 171: “No nominalized forms of *wale* ‘Uncertainty’, *wante* ‘by one’s will’, *umpoj(e)* ‘Cause’, *ke* ‘Instrument; Source’ and *ja* ‘Dative; Agent; Causee’ have been accepted.”

p. 453: “Relative clauses. Clauses labeled as ‘relative clauses’ are nominalized verb forms that occur juxtaposed to other nouns in a noun-noun modification fashion, thus their label (213-215).”

p. 162-163: “*n-* ‘Object Nominalizer’ and *-ne* ‘Agent Nominalizer’. As one can infer from the glosses, these morphemes occur only on transitive verb roots. They stand as the ‘mirror image’ of each other, with *n-* being a prefix deriving nouns that refer to a participant that is the notional object, and taking personal prefixes (127) that refer to the notional *A*; and with *-ne* being a suffix that refer to a participant that is the notional subject, and taking personal prefixes that refer to the notional *O* (128). As with other nominalizations, prefixes are in complementary distribution with full (pro)nouns. Both suffixes are very productive.”

27.

Resposta: Como informado nas questões 4 e 11, o causado tende a apresentar traço [+HUMANO], e os dados mostram os seguintes verbos causativizados com o sufixo causativo: “cortar” (*oko*), “dar” (*ēkalē*), “fazer” (*ilī*), “fazer à mão” (*kapi*), “fazer dormir” (*iniki-ma*), “lançar, jogar” (*alima*), “matar” (*upmo*), “pegar” (*alē*) e “queimar” (*ewalu*). Com base nessas informações e

nos dados disponíveis, constatamos que o causado tende a ser animado e expressa também o papel semântico de agente.

28.

Resposta: Embora os dados disponíveis revelem que o causado tende a ser animado, eles não permitem identificar os graus de controle, afetação ou volição do causado, nem o tipo de ação exercida por ele. O exemplo (7) [250], em que o causado não executa a ordem do causador, sugere que o causado está no controle da ação e que age com volição. Em sentido oposto, o exemplo (13) [81], com causado [–HUMANO] (céu), sugere que ele pode não estar no controle da atividade e que age sem volição.

29.

Resposta: Não identificamos mais de um tipo de causado nas causativa de transitivo do Wayana. Registramos que o causado é codificado pela posposição dativa.

30.

Resposta: Considerando que o causador detém baixo grau de controle sobre a atividade (Tavares, 2005, p. 258), é possível concluir que ele atua indiretamente sobre o causado.

31.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se o causador atinge o resultado intencionalmente ou não.

32.

Resposta: Embora o exemplo (7) [250] indique que o causador é capaz de atuar naturalmente, por meio de uma solicitação ou uma ordem, os dados disponíveis não permitem concluir se ele inicia o processo com esforço ou não.

33.

Resposta: O causador não está envolvido na atividade e detém baixo grau de controle sobre ela (Tavares, 2005, p. 258).

p. 257: “Thus, *-po* mitigates the involvement of the A in the event, leaving open two possible ways of interpretation, as seen in the examples above, either the O doing the action to himself

or as having it done to him by someone else other than the A. This means that a third participant is implicated, the means by which the event is accomplished, more directly involved in the event than A; this participant may be optionally mentioned.”

p. 258: “The effect of the ‘causative’ *-po* on the verb word, thus, is a semantic one: it marks the indirectness with which the A acts on O. This is corroborated by the fact that events marked by *-po* are not necessarily interpreted as actually taking place, an indication of a low degree of control of the A over the event:

- (7) [250] *Mule inikmapo* *wēlisi ja, lome itēla.*
 mule iniki-ma-po *wēlihi ja lome itē-la*
 child sleep-Transz-Caus woman Causee but go-Neg
 ‘Someone ordered/told/sent the woman to make the child sleep, **but she didn’t go.**’ ”

34.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se há graus de topicalidade ou foco relacionados ao causado ou ao paciente na causativa de transitivo.

35.

Resposta: Considerando que o único mecanismo formal usado no Wayana para formar causativas é o morfológico, não identificamos relação entre a frequência das situações e o tipo de construção causativa.

36.

Resposta: Além da causativa morfológica, não identificamos outros mecanismos formais para expressar causatividade no Wayana.

37.

Resposta: Embora inicialmente Tavares (2005, p. 253) afirme que os causativos estão entre os morfemas que se anexam às raízes verbais para aumentar a valência do verbo, acaba por concluir que as causativas não alteram a valência sintática (p. 257). Não identificamos informações explícitas sobre vozes verbais.

Gildea (no prelo, p. 15) afirma que os participantes de uma construção ditransitiva são “argumentos semânticos nucleares”, o que subentende a noção de valência semântica.

p. 3-4 (Gildea, no prelo): “[...] although the Transitive category specifies two participants and the Ditransitive category specifies three participants, both categories are arguably grammatically bivalent. As such, the language-specific label Ditransitive is sensitive to the number of semantic participants, whereas the valency category trivalent simply counts the number of grammatically core arguments.”

p. 12 (Gildea, no prelo): “Turning finally to Ditransitive verbs, this is a somewhat heterogeneous group, for which none of its manifestations is transparently grammatically trivalent.”

p. 14 (Gildea, no prelo): “[...] even though Ditransitive verbs consistently present three semantic arguments, only A and T are clearly core arguments, unmarked for case and indexed on the verb just like the core arguments of Transitive verbs, A and P. In contrast, there is no syntactic evidence for R as a nuclear argument.”

p. 15 (Gildea, no prelo): “So even though Ditransitive verbs clearly have three core *semantic* arguments, in the absence of some unique *syntactic* behavior to distinguish semantic R from obliques, in this paper I treat the semantic category of Ditransitive verbs as grammatically bivalent in that it contains only two grammatical core arguments, A and P/T.”

p. 253: “Several morphemes may be attached to verb roots in order to lower or increase the valence of verbs. There is only one prefix lowering the valence of verbs, the detransitivizer *et-* (with allomorphs), but several increasing it, the transitivizers and the causatives.”

p. 257-258: “The causative *-po* is not considered to be a valence increasing morpheme (*cf.* section 5.4.3 below) because the addition of it to the verbal stem does not formally increase the number of participants marked on the verbal word. The ‘causee’ is not a nuclear participant (i.e., it is not pronominally marked on the verb stem), and, as described above, it is optional.

38.

Resposta: Sim. O sufixo *-po* ~ *-nehpo* ‘causativo’ pode ser anexado ao verbo transitivizado pelo sufixo *-ma* ‘transitivizador’, conforme (7) [250].

39.

Resposta: Sim. Tavares (2005) elabora a hipótese de que os morfemas causativo (*-po*) e necessitativo (*-po*) são relacionados historicamente, tendo em vista sua distribuição complementar atual na língua. A autora também informa que existe semelhança entre o causativo e outros possíveis cognatos dentro da família (p. 256). Gildea (no prelo, sobre línguas

Caribe) avalia que o sufixo *-po* e seu alomorfe *-nehpo* podem estar diacronicamente relacionados às formas **-po* e **-metipo*, respectivamente, e que a distribuição atual de ambos parece ser determinada pelo léxico. Além disso, Gildea (no prelo, p. 37) constata que “reflexos do sufixo **-po* são encontrados em todas as línguas da família [Caribe]”.

p. 256: “The causative *-po*. The label ‘causative’ is used for *-po* here because the resulting construction is often interpreted as expressing causation and because it is a tradition in the Cariban literature to label cognate forms of this morpheme as such (*cf.* Jackson 1972:57, for Wayâna; Meira 1999:264; Derbyshire, 1985:224, for Hixkaryana, among others).”

p. 259: “Though their semantics are not the same, it is possible that the causative and the necessitative are historically related to a single morpheme, given their synchronic complementary distribution and the fact that, in an abstract way, both refer to the deferral of an event.”

p. 37 (Gildea, no prelo): “Ditransitive verb stems are derived from Transitive roots/stems using a reflex of one of two Causativizing suffixes, **-po* ‘CAUSATIVE’ or **-metipo* ‘CAUSATIVE’. Reflexes of the suffix **-po* are found in all languages throughout the family, whereas reflexes of **-metipo* are attested in the Parukotoan Group, the Pekodian Group, and three more languages spoken in geographic proximity to those two groups. In languages with both suffixes, the distribution appears to be lexically determined, with some roots able to take either one in free variation. [...]

Proto-Cariban	<i>*-po</i>	<i>*-metipo</i>
[...]		
Wayana	<i>-po</i>	<i>-nehpo</i> ”

40.

Resposta: Gildea (no prelo, p. 12, 14, sobre línguas Caribe) informa que a posposição *ja*, que marca o causado, é um reflexo moderno da posposição dativa **wiya*.

p. 12 (Gildea, no prelo): “[...] and the causee argument bearing the R postposition **wiya*.”

p. 14 (Gildea, no prelo): “[...] while the recipient function is marked by a dative postposition (a modern reflex of **wiya* in most languages), this same postposition also marks other non-obligatory semantic roles.”

41.

Resposta: O causador é referido pelos termos “A” (sujeito de verbo transitivo) (p. 257) e “*causer*” (Gildea, no prelo, p. 12). Tavares (2005) não emprega a terminologia “*causer*”.

O causado é chamado de “*causee*”, “terceiro elemento” (p. 256), “terceiro participante” (p. 257), “participante periférico” (p. 420, p. 428), “participante oblíquo” (p. 441), “oblíquo” (p. 418), “objeto de posposição” (p. 419, 421), “argumento periférico” (p. 421) e “argumento causado” (Gildea, no prelo, p. 12).

O paciente é tratado como “O” (“objeto direto”) (p. 120), “P” (“objeto transitivo”) (Gildea, no prelo, p. 13) e “participante afetado” (Gildea, no prelo, p. 12).

Tavares (2005, p. 418) atribui aos constituintes S, A e OD a função de “argumento nuclear”, e aos constituintes “oblíquo” e OI a função de “argumento periférico”.

Os termos não são explicitamente definidos.

p. 120: “[...] nouns occur as subject, as direct object (occupying the O slot in Set I verbs), as object of postpositions [...]”

42.

Resposta: Sim. Embora não sejam definidos, os termos particulares relativos ao causado são “argumento periférico” (p. 421) e “argumento causado” (Gildea, no prelo, p. 12). Registramos os usos de “transitivizador”, para o morfema que costuma ser tipologicamente entendido como o causativo de verbo intransitivo (p. 254); de “terceiro argumento nuclear”, para o “objeto indireto” ou “objeto secundário” (p. 420-421); e de “argumentos semânticos nucleares”, para os três participantes dos verbos ditransitivos (Gildea, no prelo, p. 15).

Hixkaryana (Caribe)

Obras pesquisadas¹: Derbyshire (1979, 1985, 1999), Kozinsky e Polinsky (1993), Dixon (2000), Gildea (no prelo) e Kalin (2011)

1.

Resposta: O mecanismo formal que o Hixkaryana usa é o morfológico, por meio do sufixo *-ho* ~ *-mohso*. O alomorfe *-mohso* ocorre apenas com os verbos *onytxa* ‘ouvir’ e *hutwa* ‘pensar, saber’.

p. 173 (Derbyshire, 1979): “[...] transitive stems can undergo the causative process by the addition of the suffix *-ho* ‘causative’ [...]; the suffix *-mohso* ‘causative’, which occurs with a few intransitive stems [...], also occurs with two transitive stems as an optional variant of *-ho*: *nenytxamohsono* or *nenytxahono* ‘he caused (someone) to hear it’ (*ni-onytxa-mohso/ho-no* IIISIIIIO-hear-caus.-imm.past); *thutwamohsotxowi* or *thutwahotxowi* ‘we (incl.) caused (someone) to understand it’ (*ti-hutwa-mohso/ho-txowi* I+IISIIIIO-understand-caus.-imm.past coll.); the intermediate agent is expressed in a separate postpositional phrase marked by the relator *wya* ‘to, by’ [...]”

p. 224 (Derbyshire, 1985): “Transitive stems undergo a causative process by the addition of the suffix *-ho* ‘CAUSATIVE’: *wenyhono* ‘I showed it’ (*w-onye-ho-no* ISIIIIO-see-CAUS-IMM.PAST); *ayhoko* ‘order (somebody) to bake it’ (*Ø-aye-ho-ko* GEN.PREF-bake-CAUS-IMP). The suffix *-mohso* ‘CAUSATIVE’, which occurs with a few intransitive stems (see (ii) in this section), also occurs with two transitive stems as an optional variant of *-ho*: *nenytxamohsono* or *nenytxahono* ‘he caused (someone) to hear it’ (*ni-onytxa-mohso/ho-no* IIISIIIIO-hear-CAUS-IMM.PAST); *thutwamohsotxowi* or *thutwahotxowi* ‘we (INCL) caused (someone) to understand it’ (*ti-hutwa-mohso/ho-txowi* I+IISIIIIO-understand-CAUS-IMM.PAST COLL).”

p. 142 (Derbyshire, 1985): “

(1) [204b]	<i>tkaryehtani</i>	<i>yarhoye</i>	<i>Kaywerye</i>	<i>rohetxe</i>	<i>wya</i>
	his-letter	he-caused-to-take-it	Kaywerye	my-wife	by
	‘Kaywerye had my wife take his letter.’ ”				

¹ CAUS: Causativo; COLL: Coletivo; COMPL: Completivo; DENOMLZR: Desnominalizador; DETRANS: Destransitivizador; DIST.PAST: Passado distante; IMM.PAST: Passado imediato; INCL: Inclusivo; INTRANS: Intransitivo; O, OBJ: Objeto; REFL: Reflexivo; S: Sujeito/sentença (em configurações de estrutura de sintagma); sg: Singular; TRANS: Transitivo; I: Primeira pessoa; II: Segunda pessoa; III: Terceira pessoa.

p. 88 (Derbyshire, 1985): “9.3 Causative constructions. Causative is marked primarily in the verb by a derivational suffix from one of two sets. One set is applied to intransitive stems and the other set to transitive stems (see Appendix E).”

p. 89 (Derbyshire, 1985): “When a transitive stem is made causative, the result is another form of transitive stem [...]

- (2) [153b] *biryekomo yotahano inyo (y- otaha-no)*
 boy he-hit-him her-husband (IIISIIIO-hit IMM.PAST)
 ‘Her husband hit the boy.’

- (3) [153a] *biryekomo yotahahono wosi tinyo*
 boy she-caused-to-hit-him woman her(REFL)-husband
wya (y- otaha-ho- no)
 by (IIISIIIO-hit- CAUS-IMM.PAST)
 ‘The woman caused her husband to hit the boy.’ ”

p. 183 (Derbyshire, 1985): “*khananihpono* ‘I made (someone) teach you’ (*ki-hananihi-ho-no* ISIIIO-teach-CAUS-IMM.PAST).”

p. 224 (Derbyshire, 1985): “(ii) Transitive stems are formed from intransitive stems by adding one of a set of causative suffixes. Most stems take one of three suffixes:

-nih [...]. -noh [...]. -ka [...].”

p. 226 (Derbyshire, 1985): “*om-* ‘CAUSATIVE (?)’ is added to the stem *-haka-* ‘wake up (INTRANS)’ to form *-ompaka-* ‘wake (someone) up’ (TRANS) as in *rompakano* ‘he woke me up’ (*r-ompaka-no* IIISIO-wake up-IMM.PAST).”

2.

Resposta: A construção é causativizada diretamente. O sufixo *-ho* ‘causativo’ se anexa tanto ao verbo transitivo quanto ao verbo transitivizado por um sufixo causativo de intransitivo. Essa transitivização prévia é independente da causativa de transitivo, não uma condição obrigatória para que ela ocorra.

p. 90 (Derbyshire, 1985): “A transitive stem that has been derived from an intransitive stem by the addition of one causative suffix can undergo a further process of causativization by the addition of the other type of causative suffix. Compare the following with (152b):

- (4) [156] *biryekomo horymamnohpoye aworu wosi wya*
 boy he-caused-to-raise-him his-uncle woman by
(Ø- horymami-noh- ho- ye)
 (IIISIIIO-grow up- CAUS-CAUS-DIST.PAST COMPL)

‘His uncle caused the woman to raise the boy.’ ”

p. 88-89 (Derbyshire, 1985): “

- (5) [152a] *horymamyē bīryekomo* (Ø- *horymami-ye*)
 he-grew-up boy (IIIS-grow up-DIST.PAST COMPL)
 ‘The boy grew up.’

- (6) [152b] *bīryekomo horymamnohye wosī*
 boy she-caused-him-to-grow-up woman
 (Ø *horymami-noh- ye*)
 (IIISIIIO-grow up-CAUS-DIST.PAST COMPL)
 ‘The woman raised the boy.’ ”

p. 225 (Derbyshire, 1985): “*wehamnohpotxowī* ‘I caused (someone) to gather them together’
 (*w-ohami-noh-ho-txowī* ISIIIO-be many-CAUS-CAUS-IMM.PAST COLL)

nohsamnohpotxowī ‘they let themselves be gathered together’ (*nī-os-ohami-noh-ho-txowī*
 IIIS-DETRANS-be many-CAUS-CAUS-IMM.PAST COLL)

nohsamnohpotihktaxowī ‘they all let themselves be gathered together’ (*nī-os-ohami-noh-ho-tihka-txowī* IIIS-DETRANS-be many-CAUS-CAUS-COMPL-IMM.PAST COLL).”

3.

Resposta: O sufixo *-ho* ~ *-mohso* ‘causativo’ não desempenha outras funções. O alomorfe *-mohso* pode ocorrer com algumas raízes intransitivas.

p. 135 (Derbyshire, 1979): “*-mohso* in *khokamohsono* ‘I made you rest’ (*k-hoka-mohso-no* ISIIIO-rest-caus.-imm.past) [...]”

4.

Resposta: Sim. Entre os verbos identificados com o sufixo *-ho* ~ *-mohso*, talvez denotem ação abstrata “ouvir” (*onytxa*), “pensar, saber” (*hutwa*) e “ver” (*onye*). Os demais verbos são: “bater” (*otaha*), “comer (frutas, vegetais)” (*onahi*), “dar” (*imi*), “fazer crescer/criar (uma criança)” (*horymami-noh*), “fazer ser muitos/reunir” (*ohami-noh*), “mandar” (*aye*) e “pegar” (*ari*).

5.

Resposta: Não identificamos mais de um marcador no Hixkaryana.

6.

Resposta: Sim, existe causativa formada a partir do verbo *imi* ‘dar’. Inicialmente, Derbyshire (1985, p. 17) afirma que o SP *wya* “funciona como objeto indireto”, porém esclarece que o OI não é uma relação gramatical no Hixkaryana, mas sim um adjunto. Posteriormente, Derbyshire (1985, p. 144) informa que a análise final da função sintática do SP com *wya* está em aberto, mantendo assim a possibilidade de tratar o SP como um argumento (OI). Na ausência de estudos mais aprofundados, o autor considera que esse sintagma é um “subtipo de adjunto”, o equivalente a um “objeto oblíquo” ou “não termo” na Gramática Relacional. O OI (recipiente) e o causado são expressos da mesma forma, embora apenas o causado ocorra na construção ditransitiva causativizada. Para nós, isso pode denotar maior grau de integração ao verbo.

Registramos que, em uma causativa de “ditransitivo” (Derbyshire, 1979, p. 135), a omissão do segundo SP com *wya* pode gerar ambiguidade entre o causado e o OI (recipiente), a qual é resolvida pela adição de outra oração no enunciado.

Por fim, notamos que Derbyshire (1985) parece ter abandonado a terminologia “ditransitivo”, usada previamente em Derbyshire (1979). O termo “objeto indireto” é empregado em ambas as obras. A interpretação de “objeto indireto” como adjunto também aparece em Seki (2000), na análise da língua Kamaiurá (Tupí-Guaraní).

p. 135 (Derbyshire, 1979): “2.1.3.1.3.1.3. Ditransitive verb made causative

A ditransitive verb is made causative in the same way as a transitive verb [...]. Indirect object and causee functions are expressed in the same way, i.e., by *wya* phrases; where a ditransitive stem is causativized only one *wya* phrase occurs in the same sentence, and this normally expresses the causee function; should it not be clear from the context, a separate sentence, noncausative, is added to express the indirect object:

- (7) [300] *yawaka yimpoye* *Waraka rowya. wimye, Kaywerya wya*
 axe he-caused-to-give-it Waraka by-me. I-gave-it, Kaywerya to
 ‘Waraka told me to give the axe, and I gave it to Kaywerye’

In isolation the first sentence of (300) could mean either ‘Waraka told me to give the axe (to somebody)’ or ‘Waraka told (somebody) to give the axe to me’.”

p. 16 (Derbyshire, 1985): “Relators mark the postpositional phrase (PP), which functions as a sentence adjunct or as the complement of the copula, in the same way as an A (or A-phrase).”

p. 17 (Derbyshire, 1985): “The form *wya* functions as indirect object, but there do not appear to be any compelling syntactic reasons for having indirect object as a separate grammatical relation in Hixkaryana, since all adjuncts (oblique objects, including all R-marked constituents) behave in essentially the same way (see 12.2.7): [...] It also occurs in causative constructions to mark the noun that refers to the causee (9.3) [...]”

p. 35 (Derbyshire, 1985): “The *wya*-phrase is not restricted to the usual semantic functions associated with indirect object, e.g., recipient, addressee (as in preceding examples). [...] It also occurs in subordinate clauses to express the underlying subject of the predicative element (see 4.1), and in causative constructions to express the role of causee (see 9.3). It has the same possibilities as other adjuncts (and subject) of movement to clause-initial position. There does not seem to be any good syntactic reason for setting up indirect object as a separate clause constituent [...].

p. 144 (Derbyshire, 1985): “The notion of 3 [= indirect object] as a basic primitive for Hixkaryana syntax certainly seems unmotivated.”

p. 144 (Derbyshire, 1985): “For the moment I leave open the question whether the *wya*-phrase in Hixkaryana calls for a separate final grammatical relation (i.e., 3) distinct from adjunct. I regard it certainly as representing an initial 1 relation [= subject], but am content (though not entirely satisfied) to regard the surface form as a subtype of adjunct, which corresponds to a (nonterm) oblique object in Relational Grammar.”

p. 5 (Kalin, 2011): “One widely used P [postposition] is *wya*, which can mark an indirect object, addressee, causee, or transitive embedded subject [...]”

p. 38 (Kalin, 2011): “[...] adjuncts and obliques of all types (temporal, locative, indirect objects, causal, instrumental, etc.).”

7.

Resposta: Sim. Além de os participantes A e O serem marcados nos verbos com os mesmos prefixos de verbos transitivos, o participante afetado recebe o mesmo tratamento gramatical nas duas construções (Gildea, no prelo, p. 12, sobre línguas Caribe). Adicionalmente, o “terceiro participante” é marcado com a posposição dativa *wya*, a qual pode codificar o constituinte “objeto indireto” (recipiente, destinatário), o causado e o sujeito subjacente de um verbo transitivo em uma construção subordinada (Derbyshire, 1985, p. 38).

Quanto à ordem de constituintes, as construções ditransitivas (8) [86a] e (11) [226b], com o verbo *imi* ‘dar’, considerado inerentemente ditransitivo por Gildea (no prelo, p. 12, sobre línguas Caribe), apresenta a mesma estrutura (O A-V-O Recip_{sp}) que as causativas de

ditransitivos. Em (7) [300] e (12) [154], o causado ocorre na mesma posição do recipiente em uma ditransitiva (O A-V-O A Causado_{SP}). O recipiente está omitido e pode ser expresso apenas em outra oração. A ausência dessa oração adicional com o recipiente pode gerar ambiguidade na interpretação do constituinte posposicionado, como em (13) [42a] (O A-V-O A Causado_{SP}/Recip_{SP}). Esclarecemos que o exemplo (13) [42a], reproduzido por Dixon (2000, p. 57), alterou a glosa original de Derbyshire (1985, p. 89), a qual deveria ser “*yimpoye* 3sgA+give+CAUS+3sgO”.

Por fim, salientamos que os argumentos A e O dos verbos ditransitivos também seguem o mesmo padrão de A e O dos verbos transitivos (Gildea, no prelo, p. 6, sobre línguas Caribe).

p. 38 (Derbyshire, 1979): “Indirect object

There is a separate category which functions, among other things, as indirect object. It can be defined as a postpositional phrase, in which the relator is *wya* ‘to, by’. It is optional. In addition to marking an indirect object relation, it also marks an underlying subject in certain derived constructions, including nominals [...] and causatives [...]:

- (8) [86a] *mukawa* *wimo* *owya*
 shotgun i-gave-it to-you
 ‘I gave the shotgun to you’

[...]

- (9) [86c] *biryekomo* *yotahaniri* *oni* *wosi* *wya*
 boy hitting-of this woman by
 ‘The woman’s hitting of the boy right now’
 (i.e. ‘The woman is hitting the boy right now’)

- (10) [86d] *biryekomo* *yotahahono* *wosi* *tinyo* *wya*
 boy she-caused-to-hit-him woman her-husband by
 ‘The woman caused her husband to hit the boy’ ”

p. 103 (Derbyshire, 1979): “

- (11) [226b] *menkari yimno* *thokru* *wya, inyahri* *me*
 banana she-gave-it her-child to, his-food denomlr.
 ‘She gave a banana to her child as his food’ ”

p. 117 (Derbyshire, 1985): “Causative constructions and the marking of secondary agent. The use of the dative marker to express the secondary agent function in a number of different constructions in Japanese corresponds closely to the use of the indirect object marker *wya* in Hixkaryana [...].

This marker is used to express the causee function in constructions where a transitive stem is made causative (see 9.3), just as it is in Japanese (113). It is never used, however, when the causative is formed from an intransitive stem [...].”

p. 89 (Derbyshire, 1985): “The *wya*-phrase, which expresses the causee relation, is also used to express other functions, including, indirect object (adjunct). Stems that can cooccur with indirect object can also be causativized. So far as I know, however, not more than one *wya* phrase is permitted in the same clause, and this normally expresses the causee function. Should it not be clear from the context, a separate clause is added to express the indirect object:

- (12)[154] *kuraha yimpoye* *Waraka rowya.*
 bow he-caused-to-give-it Waraka by-me
 wimye, *Kaywerye* *wya*
 I-gave-it Kaywerye to
 ‘Waraka caused me to give the bow to Kaywerye.’

In isolation the first sentence of (154) could mean either ‘Waraka caused me to give the bow (to somebody)’ or ‘Waraka caused (somebody) to give the bow to me.’ ”

p. 57 (Dixon, 2000): “In Hixkaryana (Carib family, Brazil) both causee (original A) and original indirect object should take dative postposition *wya*; but only one *wya* phrase can occur in a clause so that (42a) is ambiguous. In order to disambiguate it one could add a second clause with the same verb ‘give’, but not in causative form, as in (42b):

- (13)[42a] *kuraha yimpoye* *Waraka rowya*
 bow 3sgA+CAUS+give+3sgO Name 1sg+DAT
 either (i) ‘Waraka made me give a bow (to someone)’
 or (ii) ‘Waraka made (someone) give a bow to me’

- [42b] *wimye* *[Kaywerye wya]*
 1sgA+give+3sgO Name DAT
 ‘I gave (the bow) to Kaywerye’ ”

Taken together, the two clauses of (42) have an unambiguous meaning ‘Waraka made me give the bow to Kaywerye’ (Derbyshire 1985: 89; cf. 1979: 135).”

p. 6 (Gildea, no prelo): “For Ditransitive verbs, A and T pattern identically to A and P of transitive verbs [...].”

p. 40-41 (Gildea, no prelo): “[...] Ditransitive stems derived from Transitive stems by the addition of a Causativizing suffix. These suffixes are extremely productive, transforming the tiny class of underived Ditransitive verbs into a large open class.”

p. 12 (Gildea, no prelo): “The manifestation we label Ditransitive verbs has a clear indirective case frame: A and T receive the same Set I hierarchical and imperative prefixes as for transitive

verbs, with the thing given (T) receiving the same grammatical treatment as the P of transitive verbs; in most languages, the third participant (R) is flagged with a modern reflex of the Proto-Cariban dative postposition **wīya*, such that Ditransitive verbs in Cariban follow an Indirective alignment. We privilege this case frame in the exposition because it is the frame shared by Causativized verbs (§4.2), with external causer treated as A, the affected participant as P/T, and the causee argument bearing the R postposition **wīya*.”

p. 12-13 (Gildea, no prelo): “There are only a handful of clearly reconstructible underived members of the Ditransitive class: the three given by Gildea & Payne (2007) are **[t-]/iri* ‘A put T R=ALL’ / ‘A give T R=DAT’ (examples of ‘put’ and ‘give’ in 7), **utu* ‘A give P to R’ (8), and *[ti]-ma* ‘A give P to R’ (9), to which I tentatively add **ekarə(ma)* ‘A give T R-DAT’ (10). Note that, even though there are different modern roots for the Ditransitive ‘give’ meaning, all share the same case-frame.”

8.

Resposta: Não identificamos construção causativa formada a partir de verbos ambitransitivos.

9.

Resposta: Não identificamos causativização com IN no Hixkaryana.

10.

Resposta: Os dados das causativas mostram a seguinte tendência: O A-V-O A Causado_{SP}, como em (4) [156] e (1) [204b]. As construções com causador ou causado omitidos não alteram esse padrão, a exemplo de (3) [153a] (O A-V-O Causado_{SP}) e (16) [301] (O A-V-O A). Como informado na resposta à questão 7, as causativas de ditransitivos (7) [300] e (12) [154] apresentam a mesma ordem (O A-V-O A Causado_{SP}), haja vista que o OI (recipiente) é expresso em outra oração. O constituinte que ocupa o lugar típico de acusativo é o participante afetado (O).

11.

Resposta: Não identificamos restrições na formação das causativas de transitivos do Hixkaryana. Semanticamente, os dados mostram os participantes causador e causado com traço [+HUMANO]. O causado ocorre na 1ª e na 3ª pessoas do discurso.

12.

Resposta: Não identificamos referência a aspectos cognitivos em Derbyshire (1979, 1985, 1999). Como informado na questão 6, a omissão de um SP com *wya* em uma causativa de “ditransitivo” (Derbyshire, 1979, p. 135) pode gerar ambiguidade entre o causado e o OI (recipiente), a qual é resolvida pela adição de outra oração no enunciado.

A nosso ver, a ambiguidade é motivada pela ocorrência de apenas três constituintes em um enunciado que prevê a existência de quatro participantes, especialmente porque o participante omitido receberia marcas iguais (ordem e posposição) às marcas daquele que foi expresso (causado ou OI). Quanto à recuperação pelos falantes do constituinte omitido, pode-se propor que a precedência do causado se deve ao seu maior grau de topicalidade, o qual reduz a complexidade de processamento cognitivo.

13.

Resposta: Não identificamos causativa sintática com verbos transitivos no Hixkaryana. Derbyshire (1985, p. 89) informa que, com os verbos intransitivos *to* ‘ir’ e *omoki* ‘vir’, a construção equivalente à causativa é realizada com o verbo transitivo *nyake* ‘enviar’, porém não encontramos dados que mostrem se a construção é ou não uma causativa sintática.

p. 135 (Derbyshire, 1979): “Two intransitive stems do not take any causative suffix: *-to-* ‘go’ and *-omoki-* ‘come’, for both of which the causative equivalent is the transitive form *-nyake-* ‘send’.”

p. 89 (Derbyshire, 1985): “There are two intransitive stems that do not take any causative suffix: *-to-* ‘go’ and *-omoki-* ‘come’. For both of these the causative equivalent is the transitive verb *-nyake-* ‘send’.”

14.

Resposta: Não identificamos causativa sintática com verbos transitivos.

15.

Resposta: Não identificamos causativa sintática com verbos transitivos.

16.

Resposta: Não identificamos pares com verbos lexicais transitivos no Hixkaryana.

17.

Resposta: Não identificamos causativa lexical.

18.

Resposta: Embora Derbyshire (1985, p. 89) afirme que a causativa aumenta a valência, o causado tende a ser considerado um adjunto. Como registrado na resposta à questão 6, Derbyshire (1985, p. 144) informa que a análise final da função sintática do SP com *wya* continua em aberto, mas, por ora, considera que esse sintagma é um “subtipo de adjunto”, o equivalente a um “objeto oblíquo” ou “não termo” na Gramática Relacional. Derbyshire (1999, p. 44) analisa o causado como “sintagma oblíquo agentivo”. Em Derbyshire (1979, p. 135) e Derbyshire (1985, p. 89, 117), o próprio termo “causado” parece ser tratado como uma função sintática (“*the causee function*”) ou como relação gramatical (“*the causee relation*”). Em Derbyshire (1985, p. 35), o termo também é entendido como papel semântico (“*the role of causee*”). Por fim, Derbyshire (1985, p. 16) parece equiparar os SPs adjuntos ao argumento A, ao afirmar que os SPs “funcionam como um adjunto de sentença ou como o complemento da cópula, do mesmo modo que um A”.

p. 89 (Derbyshire, 1985): “The *wya*-phrase, which expresses the causee relation, is also used to express other functions, including, indirect object (adjunct). Stems that can cooccur with indirect object can also be causativized. So far as I know, however, not more than one *wya* phrase is permitted in the same clause, and this normally expresses the causee function.”

p. 44 (Derbyshire, 1999): “In all the languages with CAUS suffixes, where the suffix is added to an INTR to form a TR, the S of the INTR becomes the O of the TR and a new A is introduced; where the suffix is added to TR₁ to form TR₂, in TR₂ a new A is introduced, the O remains the same, and the A of TR₁ (the causee) becomes an oblique agentive phrase, marked with the agentive/ergative postposition [...]”

p. 16 (Derbyshire, 1985): “Relators mark the postpositional phrase (PP), which functions as a sentence adjunct or as the complement of the copula, in the same way as an A (or A-phrase).”

19.

Resposta: Quando há construção com oração subordinada transitiva, o causador e o causado podem compartilhar a marca formal, tendo em vista que o causado é codificado com a mesma posposição (*wya*) que marca a relação semântica de agente e o sujeito dessas orações, a exemplo de (14) [204a]. Como os dados (1) [204b] e (15) [204b'] mostram, o SP causado e o SP sujeito podem ocorrer no mesmo enunciado, estando o sujeito na oração subordinada. Além disso,

conforme Derbyshire (1985, p. 35), o SP com *wya* e o sujeito podem ser deslocados para a posição inicial de suas respectivas orações. Os dados disponíveis não permitem concluir se o causado mantém o caso de quando era sujeito posposicionado em uma estrutura primitiva subordinada.

p. 16 (Derbyshire, 1985): “Relators mark the postpositional phrase (PP), which functions as a sentence adjunct or as the complement of the copula, in the same way as an A (or A-phrase).”

p. 35 (Derbyshire, 1985): “The *wya*-phrase is not restricted to the usual semantic functions associated with indirect object, e.g., recipient, addressee (as in preceding examples). [...] It also occurs in subordinate clauses to express the underlying subject of the predicative element (see 4.1), and in causative constructions to express the role of causee (see 9.3). It has the same possibilities as other adjuncts (and subject) of movement to clause-initial position. There does not seem to be any good syntactic reason for setting up indirect object as a separate clause constituent [...]”

p. 28 (Derbyshire, 1985): “4.2 Postpositional phrase as nuclear predication constituent. Derived N occur in PPs with R, acting as nuclear elements of a variety subordinate clause types: [...]”

p. 142 (Derbyshire, 1985): “A closer look at the various functions of *wya* suggests, in fact, the following hypothesis:

(203) In all occurrences, *wya* marks an initial 1. [(In the remainder of this section I use the R.G. notations 1 = subject, 2 = direct object, and 3 = indirect object.)]

It is most clearly seen in the marking of the 1 of a transitive subordinate clause (as noted above) and the causee in a transitive-causative construction. These two functions are discussed more fully in chap. 4 and 9.3 respectively, and illustrated below in (204a) and (204b).

(14)[204a] *rowya wewe yamatxhe, itehe harha owto hona*
by-me tree after-felling I-go back village to
‘After felling the tree I will go back to the village.’

(1) [204b] *tkaryehtani yarhoye Kaywerye rohetxe wya*
his-letter he-caused-to-take-it Kaywerye my-wife by
‘Kaywerye had my wife take his letter.’ ”

p. 143-144 (Derbyshire, 1985): “It is possible to clarify the nature of the semantic relation involved in each of the other sentences, by adding a subordinate clause of which the *wya*-phrase is a constituent:

- (15) [204b'] ... *rohetxe wya anir me*
 my-wife by taking-it DENOMLZR
 ‘... my wife taking it’

The subordinate clauses in (204b'-g') are all natural extensions of the *wya*-phrases in (204b-g), and seem to capture the underlying semantic content in each case. The *wya*-phrase in each clause represents an initial 1 relation, which in turn reflects a semantic relation “agent” (in Hixkaryana culture this includes certain personified inanimate concepts like *atunano* ‘fever’ [...].”

p. 144 (Derbyshire, 1985): “For the moment I leave open the question whether the *wya*-phrase in Hixkaryana calls for a separate final grammatical relation (i.e., 3) distinct from adjunct. I regard it certainly as representing an initial 1 relation [= subject] [...].”

20.

Resposta: A marcação do causado, seja ela a ordem ou a posposição *wya*, também ocorre com outros constituintes. Quanto à ordem, como indicado na questão 10, o causado ocupa a posição pós-verbal, a qual ocorre com o causador (A) e o recipiente (OI) de verbo ditransitivo. Além do causado, a posposição *wya* também marca o “objeto indireto” (recipiente, destinatário) e o sujeito de oração transitiva subordinada (agente). Em (3) [153a], o causado é codificado com o prefixo reflexivo de terceira pessoa *tĩ-*. Esse prefixo pode marcar qualquer constituinte distinto do verbo e do sujeito da oração principal, a exemplo do sujeito de uma oração subordinada, do OD e dos constituintes posposicionados (Derbyshire, 1985, p. 82-83).

p. 16 (Derbyshire, 1985): “The R can occur as a free form, but only when it has one of the set of person-marking N prefixes (or a reflexive/reciprocal prefix--see Appendix H), which substitutes for the N that would normally precede [...].”

p. 81 (Derbyshire, 1985): “The third person reflexive prefix *tĩ-*. The set of person-marking prefixes that occurs with N [noun], derived A [adverb], and R [relator (postposition)] forms includes the prefix *tĩ-* ‘III REFLEXIVE’. It identifies the third person possessor as having the same referent as the subject of the same clause or of a superordinate clause [...].”

p. 82-83 (Derbyshire, 1985): “The reflexive prefix may occur in any constituent other than the verb or subject of the main clause, i.e., in (underlying) subject of a subordinate clause (132b and 135), direct object of main (132a) or subordinate (133a) clauses, copular complement (135), adverbial adjunct (132b), or postpositional phrase adjunct (133b).”

21.

Resposta: Não identificamos marcação morfológica distinta da função sintática do causado. A posposição *wya* marca tanto constituintes periféricos (“adjuntos”) quanto nucleares (sujeito de oração transitiva subordinada).

22.

Resposta: Não identificamos construções com ambos o causado e o paciente codificados como OD.

p. 136 (Derbyshire, 1979): “2.1.3.1.3.3. Ambiguity where causee is omitted

There is the possibility of ambiguity between the causee and indirect object, as described above. There is no possibility, however, of ambiguity between the causee and direct object of the verb, even if the *wya* phrase expressing causee is omitted, as it occasionally is:

- (16) [301] *Yerawa yotahahoye* *Waraka, (Kaywerye wya)*
 Yerawa he-caused-to-hit-him Waraka, (Kaywerye by)
 ‘Waraka caused (Kaywerye) to hit Yerawa’

23.

Resposta: Não. Embora a análise do autor não seja definitiva, Derbyshire (1985, p. 144) acaba por tratar o causado como um “subtipo de adjunto”, um “objeto oblíquo” ou “não termo”. No Hixkaryana, a próxima posição livre mais alta imediatamente disponível seria a de OI, a qual não é identificada como relação gramatical por Derbyshire (1979, 1985, 1999). A seguinte seria a de OObl, a qual, apesar de ser mencionada pelo autor, é equiparada ao “não termo”, não sendo, portanto, um argumento. Assim, considerando que a Hierarquia de Caso se aplica a argumentos do verbo, o causado não segue a hierarquia nos moldes de Comrie (1976, 1989).

24.

Resposta: Sim. Em causativas de ditransitivos, uma oração adicional precisa ser incluída no enunciado para expressar o OI (recipiente) (Derbyshire, 1979, p. 135). Esse critério é identificado apenas nessas construções, nas quais o causado e o OI (recipiente) recebem marcas iguais (ordem e posposição *wya*).

25.

Resposta: Sim, o causado pode ser omitido, conforme (16) [301]. A omissão é motivada pelo contexto pragmático e não altera a valência sintática.

p. 135 (Derbyshire, 1979): “[...] where a ditransitive stem is causativized only one *wya* phrase occurs in the same sentence [...]; should it not be clear from the context, a separate sentence, noncausative, is added to express the indirect object [...]”

26.

Resposta: Não identificamos relativização do causado no Hixkaryana.

p. 120 (Derbyshire, 1985): “There are no finite complement clauses, subordinate clauses, or relative clauses.”

27.

Resposta: Como informado nas questões 4 e 11, o causado apresenta traço [+HUMANO], e os dados mostram os seguintes verbos causativizados com o sufixo causativo *-ho ~ -mohso*: “bater” (*otaha*), “comer (frutas, vegetais)” (*onahi*), “dar” (*imi*), “fazer crescer/criar (uma criança)” (*horymami-noh*), “fazer ser muitos/reunir” (*ohami-noh*), “mandar” (*aye*), “ouvir” (*onytxa*), “pegar” (*ari*), “pensar, saber” (*hutwa*) e “ver” (*onye*). Com base nessas informações e nos dados disponíveis, constatamos que o causado é animado e expressa também os papéis semânticos de agente e de experienciador.

28.

Resposta: Embora os dados disponíveis revelem que o causado é animado, eles não permitem identificar os graus de controle, afetação ou volição do causado, nem o tipo de ação exercida por ele. Todavia, o exemplo *nenahpoye thokru wya* ‘ela deixou seu filho comer isso’ (Derbyshire, 1979, p. 135), com sentido permissivo e verbo ingestivo, sugere que o causado está no controle da ação e age com volição.

29.

Resposta: Não identificamos mais de um tipo de causado nas causativas de transitivos do Hixkaryana. Registramos que o causado é codificado pela posposição dativa.

30.

Resposta: Considerando que o causador pode agir por meio de processos físicos, de comandos ou de permissões (Derbyshire, 1979, p. 135), deduzimos que ele é capaz de atuar tanto direta quanto indiretamente sobre o causado.

p. 135 (Derbyshire, 1979): “2.1.3.1.3.1.2. Transitive verb made causative

A transitive stem is made causative by the addition of the suffix *-ho*; this causative process expresses various semantic functions: causing by physical process, commanding to do something, permitting, and indirect causation: *wenyhono* ‘I showed it’ (*w-onye-ho-no* ISIII-see-cause-imm.past); *ayhoko* ‘order (somebody) to bake it’ (*Ø-aye-ho-ko* gen.pref.-bake-cause-imp.); *nenahpoye* ‘she let (him) eat it’ (*ni-onahi-ho-ye* IIISIII-eat-cause-dist.past); the causee is not marked in the verb, but in a separate *wya* postpositional phrase: *nenahpoye thokru wya* (she-let-eat-it her-child by) ‘she let her child eat it’ [...].”

31.

Resposta: Considerando que o causador pode agir por meio de processos físicos, de comandos ou de permissões (Derbyshire, 1979, p. 135), deduzimos que ele atinge o resultado intencionalmente.

32.

Resposta: Considerando que o causador pode agir física ou verbalmente (Derbyshire, 1979, p. 135), deduzimos que ele é capaz de iniciar um processo tanto naturalmente quanto com esforço.

33.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se o causador está envolvido na atividade.

34.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se há graus de topicalidade ou foco relacionados ao causado ou ao paciente na causativa de transitivo.

35.

Resposta: Considerando que o único mecanismo formal usado no Hixkaryana para formar causativas de verbos transitivos é o morfológico, não identificamos relação entre a frequência das situações e o tipo de construção causativa.

36.

Resposta: Além da causativa morfológica, não identificamos outros mecanismos formais para expressar causatividade com verbos transitivos.

37.

Resposta: Há duas possibilidades de análise sobre a mudança de valência. Se considerarmos a avaliação do autor, haverá aumento de valência, uma vez que Derbyshire (1985, p. 89; 1999, p. 44) afirma que a causativa de transitivo aumenta a valência verbal e que o constituinte acrescentado ao enunciado seria o causado — entendemos que o novo constituinte é o causador, pois o causado já existia na transitiva original).

Entretanto, se considerarmos que a valência se refere aos argumentos do verbo e que Derbyshire (1985, p. 144) trata o causado como um “subtipo de adjunto”, não haverá aumento de valência (embora o autor deixe em aberto a análise final sobre o *status* sintático do causado). Não identificamos informações explícitas sobre vozes verbais.

p. 89 (Derbyshire, 1985): “When a transitive stem is made causative, the result is another form of transitive stem, but with an increased valency that permits an added constituent in the clause: causee, which is expressed by a PP [Postpositional Phrase] governed by the R [Relator=postposition] *wya* ‘to, by’. The other possible clause constituents remain the same, with the subject expressing the causer, and the direct object expressing the same referent as in the corresponding (noncausative) transitive [...]”

p. 44 (Derbyshire, 1999): “There are many categories which occur as suffixes. Table 2.9 shows the more frequently occurring ones grouped into three main types: valency changers (causative of an intransitive verb and causative of a transitive verb) [...]”

p. 46 (Derbyshire, 1999): “ Table 2.9 Verb derivational suffixes

Lg [Language]	[...]	Valency change	[...]
[...]	[...]	TR CAUS	[...]
HI [Hixkaryana]	[...]	- <i>ho</i>	
	[...]	- <i>mohso</i> ”	

p. 63 (Kalin, 2011): “[...] Hixkaryana’s lack of a ‘voice’ system [...]”

38.

Resposta: Sim. Além de ser combinado com o verbo transitivizado por um sufixo causativo de intransitivo, conforme (4) [156], o sufixo *-ho* ‘causativo’ também ocorre na mesma construção com um prefixo “destransitivizador” marcado no verbo, a exemplo de (17), (18) [166] e (19) [155]. Essas construções em que a causativa de transitivo é destransitivizada podem ter sentido reflexivo ou próximo ao passivo, e o causado continua marcado pela posposição dativa *wya* (o que não ocorre em uma causativa de intransitivo, pois o antigo sujeito assume a função de OD). Como informado na questão 20, em uma causativa de transitivo, o SP causado pode ser marcado pelo prefixo reflexivo de terceira pessoa *ti-*.

p. 90 (Derbyshire, 1985): “

- (4) [156] *biryekomo horymamnohpoye aworu wosi wya*
 boy he-caused-to-raise-him his-uncle woman by
 (Ø- horymami-noh- ho- ye)
 (IIISIIIO-grow up- CAUS-CAUS-DIST.PAST COMPL)
 ‘His uncle caused the woman to raise the boy.’ ”

p. 4 (Derbyshire, 1985): “The basic structure of the V is seen in the following examples: [...]

- (17) *kosonyhoye*
 ki-os-onye-ho-ye
 IS-DETRANSITIVIZER-see-CAUSATIVE-DIST.PAST COMPL
 ‘I let myself be seen’

an intransitive stem derived from a transitive stem after the latter has first undergone the causativizing process”

p. 114 (Derbyshire, 1985): “Hixkaryana does not have a regular passive, only the nonagentive derivations I call pseudo-passives (see 9.4). One of those derivations, the DETRANSITIVIZER prefix, occurs in one construction where the gloss might suggest an agentive passive. It is the detransitivizing of a causative construction, however, and the agentive relates to the causee of that construction (see 9.3):

- (18)[166] *nataymompotxowi biryekomo*
 IIIS-DETRANS-put in-CAUS-IMM.PAST COLL boy
 komo tuna kwaka, Waraka wya
 COLL water into Waraka by
 ‘The boys have been ducked in the water by Waraka.’
 (lit., ‘The boys let themselves be ducked in the water by Waraka.’) ”

p. 89-90 (Derbyshire, 1985): “A transitive stem that has undergone the causative derivation can then undergo a further process of detransitivization (see Appendix E). The resulting stem

is morphologically of the intransitive type, but the causee relation can still be expressed by the *wya*-phrase:

- (19)[155] *nosonyhoye* *Waraka kamara wya*
 he-caused-to-see-himself Waraka jaguar by
 (n- os- onye-ho- ye)
 (IIIS-DETRANS-see- CAUS-DIST.PAST COMPL)
 ‘Waraka let himself be seen by the jaguar.’

This is as predicted under the usual Relational Grammar account of “clause union.” When the cause and see clauses are collapsed, *Waraka*, being a subordinate clause 2, becomes the main clause 2. The detransitive morphology is determined by the principle mentioned in 8.1, for *Waraka* is now the final 1 of cause to see and also a 2 of that clause at some level. This explains why, when the detransitivizer prefix *-os-* cooccurs with the causative suffix *-ho-*, it always has the reflexive meaning (for other meanings it can have see 8.1).

The causative process expressed by these suffixes can relate to various semantic functions: causing by physical process, commanding to do something, permitting to do something, and indirect causation.”

39.

Resposta: Sim. Gildea (no prelo, p. 37) avalia que o sufixo *-ho* e seu alomorfe *-mohso* podem estar diacronicamente relacionados às formas **-po* e **-metipo*, respectivamente, e que a distribuição atual de ambos parece ser determinada pelo léxico. O autor também constata que “reflexos do sufixo **-po* são encontrados em todas as línguas da família [Caribe]”.

p. 37-38 (Gildea, no prelo): “Ditransitive verb stems are derived from Transitive roots/stems using a reflex of one of two Causativizing suffixes, **-po* ‘CAUSATIVE’ or **-metipo* ‘CAUSATIVE’. Reflexes of the suffix **-po* are found in all languages throughout the family, whereas reflexes of **-metipo* are attested in the Parukotoan Group, the Pekodian Group, and three more languages spoken in geographic proximity to those two groups. In languages with both suffixes, the distribution appears to be lexically determined, with some roots able to take either one in free variation. Table 3 provides the cognate forms attested so far and (29) provides quick examples of each in Hixkaryana.

Proto-Cariban	<i>*-po</i>	<i>*-metipo</i>	
[...]			
Hixkaryana	<i>-ho, -po</i>	<i>-mohso</i>	”

(20) [29] The causativizers in Hixkaryana (Derbyshire 1985: 224)

a.	<i>enye</i>	‘see P’	<i>enye-ho</i>	‘show P’ (to DAT)
b.	<i>aye</i>	‘bake P’	<i>ay-ho</i>	‘order (DAT) to bake P’
c.	<i>onytxa</i>	‘hear P’	<i>onytxa-mohso/-ho</i>	‘cause (DAT) to hear P’
d.	<i>hutwa</i>	‘understand P’	<i>hutwa-mohso/-ho</i>	‘cause (DAT) to understand P’

40.

Resposta: Gildea (no prelo, p. 12, 14, sobre línguas Caribe) afirma que a posposição que marca o causado é um reflexo moderno da posposição dativa **wīya*.

p. 12 (Gildea, no prelo): “[...] and the causee argument bearing the R [recipient] postposition **wīya*.”

p. 14 (Gildea, no prelo): “[...] while the recipient function is marked by a dative postposition (a modern reflex of **wīya* in most languages), this same postposition also marks other non-obligatory semantic roles.”

41.

Resposta: O causador é referido pelos termos “*causer*”, “novo A” e “sujeito” (Derbyshire, 1985, p. 89; Derbyshire, 1999, p. 44; Gildea, no prelo, p. 12).

O causado é chamado de “*causee*” e referido como “*causee function*”, “*causee relation*”, “*role of causee*”, “agente intermediário” e “sintagma oblíquo agentivo” (Derbyshire, 1979, p. 135, 173; Derbyshire, 1985, p. 35, 89; Derbyshire, 1999, p. 44). Gildea (no prelo, p. 12) trata o causado como “argumento causado”.

O paciente é chamado de “objeto direto”, “O” (“objeto direto transitivo”) (Derbyshire, 1985, p. 89; Derbyshire, 1999, p. 44), “P” (“objeto transitivo”) e “participante afetado” (Gildea, no prelo, p. 12-13).

Os termos não são explicitamente definidos.

42.

Resposta: Sim. Embora não sejam definidos, os termos particulares relativos ao causado são “*causee function*”, “*causee relation*”, “sintagma oblíquo agentivo” (Derbyshire, 1979, p. 135; Derbyshire, 1985, p. 89; Derbyshire, 1999, p. 44) e “argumento causado” (Gildea, no prelo, p. 12).

Registramos os usos de “objeto indireto” para os papéis de “recipiente” e “destinatário” com a função de “adjunto” (Derbyshire, 1979, p. 135; Derbyshire, 1985, p. 35, 89); “objeto oblíquo” para SPs e “adjuntos” (Derbyshire, 1985, p. 17); “*relator*” e “posposição agentiva/ergativa” para a posposição dativa (Derbyshire, 1979, p. 173; Derbyshire, 1985, p. 16; Derbyshire, 1999, p. 44); “agente secundário” para o constituinte marcado pela posposição dativa (Derbyshire, 1985, p. 117); e “TR₁” (transitiva 1) e “TR₂” (transitiva 2) para se referir às construções não causativa transitiva e causativa de verbo transitivo, respectivamente (Derbyshire, 1999, p. 44).

Wari' (dialetos Oro Waram e Oro Nao, família Chapakura)

- Obras pesquisadas¹: Everett e Kern (2006 [1997]), Apontes e Camargos (2013), Apontes (2015) e Xiyein, Apontes e Camargos (2018)

1.

Resposta: De acordo com Xiyein, Apontes e Camargos (2018), o mecanismo formal que o Wari' usa é o morfológico, por meio do morfema *ara?*. Esclarecemos que a língua Wari' se refere a um conjunto de dialetos e que apenas alguns deles dispõem de descrição linguística sobre construções causativas.

Everett e Kern (1997), ao analisar o dialeto Oro Nao, informam que os verbos transitivos e ditransitivos não são causativizados, mas que o sentido causativo pode ser transmitido pelo discurso direto. Em nossa interpretação, contudo, as construções com discurso direto e semântica causativa reúnem as propriedades de uma causativa de verbo transitivo. Ao comparar estruturalmente os dados (1) [199a] e (2) [591a], é possível identificar as seguintes características no segundo enunciado, com discurso direto: inclusão de um participante sujeito (*Hatem*); esse novo sujeito é a causa da ação; o antigo sujeito (*Xijam*) é demovido; esse antigo sujeito exerce o papel de causado; o pronome *non* (*na-on*) identifica o novo sujeito (causador) e o novo objeto (causado), porém sem um novo verbo explícito; o paciente (*mijac*) não é formalmente alterado; e o morfema *ra* marca a nova construção.

Apontes e Camargos (2013), trabalhando com o dialeto Oro Waram, informam que existem duas estratégias para transmitir a “função semântica de causativa” (p. 7) com verbos transitivos, mas que elas não seriam construções causativas. Essas estratégias são o modo imperativo com o morfema *ra?* e a construção perifrástica com o verbo *tomi?* ‘falar’. Em sentido oposto, os autores afirmam que “verbos transitivos podem ser sintaticamente causativizados por meio do verbo independente *tomi?* ‘falar’ e {*ra?*} ‘imperativo’, simultaneamente” (Apontes e Camargos, 2013, p. 8). Para nós, essas estratégias podem ser analisadas como causatividade sintática, como indicado pela terminologia dos autores (“causativização perifrástica”, p. 8). A construção com o verbo *tomi?* ‘falar’ poderia ser interpretada como subordinação, na qual o verbo *tomi?* atuaria como causativo, com o sentido de ‘ordenar’, e a repetição dos pronomes na oração seguinte indicaria uma possível recuperação de tópicos da oração anterior. A construção com o modo

¹ CAUS: Causativo; Coll: Coletivo; DEM: Demonstrativo; DIM: Diminutivo; f: Feminino; GEN: Genitivo; IMP: Imperativo; m: Masculino; n: Neutro; p: Plural; PERF: Perfectivo; Prep: Preposição; REL: Relativo; rf: Futuro *realis*; rp/p: Passado *realis*/presente; s: Singular; sg: Singular; 1: Primeira pessoa; 2: Segunda pessoa; 3: Terceira pessoa.

imperativo poderia ser formada por duas orações justapostas, mas o verbo da segunda oração não estaria expresso, conforme os dados (6) [17], (13) [18], (5) [15b] e (14) [19].

Xiyein, Apontes e Camargos (2018), baseando-se em trabalhos prévios sobre os dialetos Oro Waram, Oro Waram Xiyein e Oro Nao, avaliam que a “partícula” (p. 211) *ara?* causativiza tanto verbos intransitivos quanto transitivos.

p. 125 (Everett e Kern, 1997, dialeto Oro Nao): “

- (1) [199a] *Pa' nana hwam hwijima'.*
 kill 3p:rp/p fish children
 ‘The children killed fish.’ ”

p. 309 (Everett e Kern, 1997, dialeto Oro Nao): “Transitive and ditransitive verbs cannot be made causative. This may be expressed, however, by direct speech, as in the examples in (591).

- (2) [591a] *Pa' rain mijac non Xijam Hatem.*
ra-in na-on
 kill 2s:rf-3n pig 3s:rp/p-3sm m:name f:name
 ‘Hattem made Xijam kill the pig.’ (lit. ‘ “Kill the pig”, Hattem (said) to Xijam.’)

p. 1 (Apontes e Camargos, 2013, dialeto Oro Waram): “[...] o elemento {?ara?}, em geral, forma verbos transitivos a partir de predicados inacusativos e inergativos. [...] os verbos transitivos não podem ser submetidos à causativização por meio do morfema {?ara?}. A língua, todavia, disponibiliza pelo menos dois outros recursos sintáticos para expressar a causativização de transitivos, a saber: (i) o modo imperativo pelo uso do morfema {ra?} e (ii) a causativização perifrástica com o uso do verbo *tomi?* ‘falar’. De fato, essas duas construções não se configuram como causativização propriamente dita, mas sim como estratégias compensatórias. Diante disso, mostraremos que, nessas duas construções, os três argumentos resultantes do processo são codificados por meio dos pronomes relacionais.”

p. 2 (Apontes e Camargos, 2013, dialeto Oro Waram): “Os verbos transitivos, no entanto, não são causativizados por meio desse morfema. Razão pela qual a língua disponibiliza pelo menos outros dois recursos sintáticos, a saber: (i) os verbos transitivos são submetidos a uma construção de modo imperativo, de forma que a estrutura resultante comporta os três argumentos nucleares envolvidos no processo; (ii) os predicados transitivos são submetidos à causativização perifrástica, da qual o núcleo da oração principal corresponde ao verbo *tomi?* ‘falar’, por exemplo.”

p. 160 (Apontes, 2015, dialeto Oro Waram): “

- (3) [29a] *kom ra?*
Cantar 2SG.IMP
'Cante!' "

p. 7 (Apontes e Camargos, 2013, dialeto Oro Waram):

"Causativização de transitivos

Há outras modalidades de formar uma estrutura com 'função semântica' de causativa: uma delas é através do morfema de imperativo {*ra?*}. Uma das diferenças morfológicas entre os dois, causativo e imperativo, é que o morfema {*ra?*} aceita receber o marcador do argumento interno através da concordância em gênero e número, exemplo: {*ra?*-on}, como em (15b). Já o morfema {*?ara?*} não aceita receber marca de argumento interno. O exemplo a seguir demonstra a causativização dos verbos transitivos simples por meio desse morfema:

- (4) [15a] *pa? pi na:-on kopakaw tarama?*
matar PERF 3^a.sg.-m.sg. onça homem
'O homem matou a onça.'
- (5) [15b] *pa? pi ra?-on kopakaw na:-on tarama? narima?*
matar PERF 2^a.sg.IMP-m.sg onça 3^a.sg.-m.sg. homem mulher
'A mulher fez o homem matar a onça.' (Lit.: a mulher (disse) para o homem: mate a onça)

No dado (15a), o verbo transitivo *pa?* 'matar' seleciona dois argumentos nucleares: o DP sujeito *tarama?* 'o homem' e o DP objeto *kopakaw* 'a onça'. Quando esse verbo é submetido ao modo imperativo, processo paralelo à causativização, um terceiro argumento é introduzido na função sintática de sujeito: o DP *narima?* 'a mulher', enquanto que os outros dois argumentos exercem as funções de objeto.

Note que, diferentemente da causativização de predicados intransitivos, como vimos na subseção anterior, no exemplo (15) acima, o verbo transitivo é submetido ao modo imperativo, como indica o morfema {*ra?*}. O curioso é que, no exemplo (15b), os três argumentos nucleares são codificados por meio dos pronomes referenciais: (i) o DP sujeito *narima?* 'a mulher', o causador, é codificado pela partícula {*na:*}, marcador de sujeito de terceira pessoa do singular; (ii) o DP objeto *tarama?* 'o homem', argumento causado, é codificado pela partícula {-on}, objeto masculino singular; e, por fim, (iii) o DP objeto *kopakaw* 'a onça', objeto mais baixo, é codificado pela partícula {-on}, a qual se realiza com o sufixo de modo imperativo {*ra?*}."

p. 8 (Apontes e Camargos, 2013, dialeto Oro Waram): "Veja nos exemplos abaixo que os verbos transitivos podem ser sintaticamente causativizados por meio do verbo independente *tomi?* 'falar' e {*ra?*} 'imperativo', simultaneamente.

- (6) [17] [*tomi? na:-am kayi-nakam new*

falar 3^a.sg.-f.sg. filha-3^a.sg.f.GEN avô
[*mo-kam raʔ-ɲ kom na:-am*]]
ir-buscar 2^a.sg.IMP-n. água 3^a.sg.-f.sg.
'O avô_k fez sua_k filha buscar água' (Lit.: o avô falou para sua filha: busque água)

passa a exercer a função de objeto, enquanto que um novo argumento, *narima?* ‘mulher’, é introduzido na função de sujeito. Veja que é por meio da partícula {*ara?*}, introduzida à esquerda dos verbos transitivos, que se realiza o processo de causativização.”

2.

Resposta: A construção é causativizada diretamente (Xiyein, Apontes e Camargos, 2018). Embora Apontes e Camargos (2013, dialeto Oro Waram) considerem que as construções com o morfema imperativo *ra?* e com o verbo *tomi?* ‘falar’ não são causativizações, informam que o morfema imperativo também ocorre concomitantemente com verbos transitivos causativizados por *?ara?* ‘causativo de intransitivo’, como em (12) [16b], com o verbo independente *tomi?* ‘falar’, a exemplo de (6) [17], e com os verbos causativizados por *?ara?* em conjunto com o verbo *tomi?* ‘falar’, como em (13) [18]. Essa transitivização prévia com *?ara?* é independente do imperativo e da construção sintática, não uma condição obrigatória para que elas ocorram.

p. 7-8 (Apontes e Camargos, 2013, dialeto Oro Waram): “Paralelamente ao que ocorre em (15), esse morfema imperativo {*ra?*} também pode se juntar a verbos transitivos previamente causativizados por {*?ara?*}. De modo geral, as relações morfossintáticas e semânticas, vistas até agora, são as mesmas, conforme podemos visualizar nos exemplos a seguir:

- (11) [16a] *?ara?* *mo:* *pi* *na:-on* *kayi-kon* *kopakaw k^waŋ* *arawet*
 CAUS correr PERF 3^a.sg.-m.sg. espécie-m.sg. onça DEM criança
 ‘A criança fez este gato correr.’

No exemplo (16a), veja que o verbo inergativo *mo:* ‘correr’ é causativizado por meio da prefixação do morfema {*?ara?*}. O resultado é a formação do verbo transitivo *?ara?* *mo:* ‘fazer correr’, o qual seleciona dois argumentos nucleares: o DP causador *arawet* ‘a criança’ e o DP causado *kayi-kon kopakaw k^waŋ* ‘este tipo de onça = este gato’. Veja que o DP sujeito é codificado pela partícula {*na:*}, terceira pessoa do singular, enquanto o DP objeto é assinalado pela partícula {-on}, a qual indica que o objeto é masculino singular. Veja a seguir a dupla causativização:

- (12) [16b] *?ara?* *mo:* *pi* *ra?-on* *kayi-kon* *kopakaw k^waŋ*
 CAUS correr PERF 2^a.sg.IMP-m.sg. espécie-m.sg. onça DEM
 na:-on *wiyi-kon* *arawet* *tarama?*
 3^a.sg.-m.sg. DIM-m.sg. criança homem
 ‘O homem fez a criança fazer este gato correr.’ (Lit.: O homem (disse) para a criança: faça este gato correr)

Por sua vez, no exemplo (16b), o verbo transitivo causativizado *ʔaraʔ mo*: ‘fazer correr’ é submetido ao modo imperativo, passando a projetar três argumentos nucleares, a saber: o DP *taramaʔ* ‘o homem’ na função de sujeito, o DP *wiyi-kon arawet* ‘a criancinha’ na função de objeto e o DP *kayi-kon kopakaw kwaŋ* ‘este gatinho’ na função de objeto. Em termos de codificação de argumentos, veja que o sujeito de (16a) passa a exercer a função de objeto em (16b) e, assim, desencadeia a codificação do marcador {-on}, exclusivo de objeto masculino singular, ao passo que um novo argumento, o DP *taramaʔ* ‘o homem’, aciona o pronome referencial de sujeito {na:}, terceira pessoa do singular. O objeto de (16a), finalmente, mantém sua função de objeto; no entanto, a partícula {-on}, afixa-se ao morfema imperativo – situação inusitada.”

p. 8 (Apontes e Camargos, 2013, dialeto Oro Waram): “Veja nos exemplos abaixo que os verbos transitivos podem ser sintaticamente causativizados por meio do verbo independente *tomiʔ* ‘falar’ e {raʔ} ‘imperativo’, simultaneamente.

- (6) [17] [*tomiʔ na:-am* *kayi-nakam* *nɛw*
 falar 3ª.sg.-f.sg. filha-3ª.sg.f.GEN avô
 [*mo-kam raʔ-ŋ* *kom na:-am*]]
 ir-buscar 2ª.sg.IMP-n. água 3ª.sg.-f.sg.
 ‘O avô_k fez sua_k filha buscar água’ (Lit.: o avô falou para sua filha: busque água)
 „

p. 9 (Apontes e Camargos, 2013, dialeto Oro Waram): “Na sentença (18), veremos como são permitidos, ao mesmo tempo, o verbo *tomiʔ* ‘falar’ e os morfemas {ʔaraʔ} e {raʔ}. O exemplo (17) acima atua como uma construção paralela de ‘causativização’, mas na sentença abaixo o mesmo faz parte da sentença introdutória de uma oração causativizada.

- (13)[18] [*tomiʔ na:-on* *taramaʔ* *narimaʔ*
 falar 3ª.sg.-m.sg. homem mulher
 [*ʔaraʔ weʔ* *pi* *raʔ-on* *arawet maʔ na:-on*]]
 CAUS vomitar PERF 2ª.sg.IMP-m.sg. criança DEM 3ª.sg.-m.sg.
 ‘A mulher fez o homem fazer a criança vomitar.’ (Lit.: A mulher falou para o homem: faça a criança vomitar)

Como pode ser visto no exemplo (17) e (18), a sentença também reproduz um marcador dos argumentos oracionais principais, retomando o lugar da sentença inicial deslocada, iniciada com *tomiʔ* ‘falar’. Essa hipótese de sentença deslocada com a estratégia de recuperação por meio dos morfemas {na:-am} e {na:-on}, respectivamente, é fundamentada no exemplo abaixo, em que não há a introdução dos morfemas referenciais com o verbo *tomiʔ* ‘falar’. Consequentemente, não haverá a necessidade do ‘recuperador argumental do verbo’.

- (14)[19] *yoʔkaw piʔam raʔ-am* *arawet na:-am* *narimaʔ taramaʔ*

‘O homem construiu a casa dela’

Nos exemplos em (12), o verbo {*araʔ*} é um verbo transitivo, pois a composição dos dois marcadores de concordância de fato mostra que o verbo possui dois argumentos nucleares.”

4.

Resposta: Entre os verbos causativizados com *araʔ*, somente *hrik* ‘ver’ pode denotar ação abstrata. Os demais exemplos de causativização, ou de estratégias para transmitir a semântica causativa, mostram os seguintes verbos transitivos ativos: “balançar dormir” (*yoʔkaw piʔam*), “fazer correr” (*ʔaraʔ mo:*), “fazer vomitar” (*ʔaraʔ weʔ*), “ir-buscar” (*mo-kam*) e “matar” (*pa'* ou *paʔ*). O dado (18) [591b] é formado com o verbo ditransitivo “dar” (*mi'*), porém Everett e Kern (1997, dialeto Oro Nao) analisam o exemplo como discurso direto com sentido causativo, não como uma construção causativa propriamente dita.

5.

Resposta: Embora Apontes e Camargos (2013, dialeto Oro Waram) considerem que as construções com o morfema imperativo *raʔ* e as construções com o verbo *tomiʔ* ‘falar’ não se configuram como causativização propriamente dita, registram a existência desses dois marcadores para transmitir a semântica causativa com verbos transitivos. Os dados disponíveis não permitem identificar o que motiva a escolha de um e de outro.

Não identificamos mais de um marcador em Everett e Kern (1997, dialeto Oro Nao) ou em Xiyein, Apontes e Camargos (2018, dialetos Oro Waram, Oro Waram Xiyein e Oro Nao).

6.

Resposta: Com base em Xiyein, Apontes e Camargos (2018, dialetos Oro Waram, Oro Waram Xiyein e Oro Nao), não identificamos construção causativa formada a partir de verbos com três argumentos ou três participantes. Embora Everett e Kern (1997, dialeto Oro Nao) informem que os verbos transitivos e ditransitivos não podem ser causativizados, registramos que o dado (18) [591b], com semântica causativa realizada por meio do discurso direto, apresenta o verbo ditransitivo *mi'* ‘dar’.

p. 119 (Everett e Kern, 1997, dialeto Oro Nao): “

(17)[182]	<i>Mi'</i>	<i>ram</i>	<i>con</i>	<i>hwam</i>	<i>Hatem.</i>
		<i>ra-m</i>			
	give	2s:rf-3sf	prep:3sm	fish	f:name

do enunciado, também mantém esse padrão. A construção ditransitiva (22) [9] não contém um nominal sujeito e é iniciada por dois verbos, porém mantém a tendência das demais construções (V V O_{Paciente} O_{recipiente}).

Entre todos os dados, as únicas construções distintas são as perifrásticas com o verbo *tomi?* ‘falar’. Os exemplos (6) [17] e (13) [18] mostram a estrutura V_(tomi?) O_{Causado} A_{Causador} V O_{Paciente}.

p. 119 (Everett e Kern, 1997, dialeto Oro Nao): “When an indirect object (i.e. a goal) is expressed, the (logical) direct object (i.e. theme or patient), when definite, must be preceded by or referenced by the appropriate form of the preposition.

(17)[182] *Mi' ram con hwam Hatem.*
 ra-m
 give 2s:rf-3sf prep:3sm fish f:name
 ‘Give Hatem the fish.’

An indefinite theme or patient need not be preceded by the preposition, however (see 1.2.5.2.4).

(19)[183a] *Mi' ram (con) hwam.*
 ra-m
 give 2s:rf-3sf (prep:3sm) fish
 ‘Give her fish.’

(20)[183b] *Hoc mi' nonon (con) hwam humaxicam.*
 na-ocon *humaji-cam*
 cook give 3s-3pm (prep:3sm) fish children-3sf
 ‘She cooked fish for her children.’ ”

p. 119-120 (Everett e Kern, 1997, dialeto Oro Nao): “When more than one object-like argument occurs in the sentence, the object referenced in the VIC will be the highest on the hierarchy: indirect object (goal/circumstance)>direct object (theme/patient)>oblique object (although an indirect and oblique object rarely occur in the same sentence). We will use the labels indirect object, direct object and oblique object to refer to grammatical relations borne by goal, theme/patient and oblique arguments in English (or ‘underlying grammatical relations’). The object VIC [verbal inflectional clitic] is always required with definite objects, but optional with indefinite objects, as discussed in 1.2.5.2.4. Thus a definite indirect object will always be marked on the VIC. If there is no indirect object, the direct object can be marked on the VIC. If neither of these two occur, the oblique object may be referenced by the VIC. In the extremely rare cases where more than one oblique object occurs, we have noticed the following preference for marking on the VIC: location>time [...]. Objects not referenced by the

VIC will be marked by an appropriate form of the preposition (except in the cases discussed in 1.2.5.2.4). All NP arguments are optional when referenced by an agreement morpheme.”

p. 126 (Everett e Kern, 1997, dialeto Oro Nao): “Three or more arguments are rare; they are usually obtained only in elicited examples (200).

- (21)[200] *Mi' nonon con hwam hwijima' mon tarama'.*
 nana-ocon
 give 3p:rp/p-3pm prep:3sm fish children coll man
 ‘The men gave the children fish.’ ”

p. 219 (Everett e Kern, 1997, dialeto Oro Nao): “Constituent order is useful (but not foolproof) in distinguishing subject, direct object and indirect object (in each of which only third person may be overtly expressed). The basic order of constituents in a transitive/intransitive clause is verb, object (or object-like argument), subject; in a ditransitive clause, it is verb, direct object, indirect object, subject—see 1.2.1.2. However, as noted in section 1.2.1.2.6, order may vary, so referencing of the grammatical relation on the VIC [verbal inflectional clitic] or NIC [nominal inflectional clitic] is a more reliable means for distinguishing NP functions. Most clauses do not have overtly expressed subjects or objects; they are simply expressed in the VICS. Many clauses have only one overtly expressed constituent (subject or object), while both are expressed in the VIC, and in these clauses, word order is not sufficient to determine whether the constituent is subject or object, and ambiguity can result. The postverbal modifier *pan*, marking subject emphasis, or the use of alternate VICS (i.e. passive or reciprocal morphemes) can help disambiguate such structures—see 1.11.2.1.2 and 1.7. Sometimes ambiguity cannot be avoided and can only be resolved by context.”

p. 4 (Apontes e Camargos, 2013, dialeto Oro Waram): “

- (22)[9] *ʔan miʔ ʔna:-on wak taramaʔ*
 ʔnon
 levar dar 1^a.sg.-m.sg. faca homem
 ‘Eu dei uma faca ao homem.’

[...] Em (9), com três argumentos, a concordância é entre pessoa e número do sujeito e gênero e número do objeto indireto (para a terceira pessoa).”

p. 189 (Apontes, 2015, dialeto Oro Waram): “Orações bitransitivas (ou ditransitivas): necessitam de três argumentos para completar o sentido do verbo. Mas há apenas duas codificações: do sujeito e do “objeto indireto”. O objeto “direto” não recebe marcação pronominal.”

p. 205 (Apontes, 2015, dialeto Oro Waram): “As orações ditransitivas são aquelas em que o verbo requer três argumentos: dois internos e um externo. Como foi abordado nas sentenças transitivas, há somente marcadores pronominais para realizar a concordância com os dois argumentos, um externo e um interno. Dessa forma, são apresentados os dados para verificar como a gramática da língua organiza a concordância quando há o requerimento de três argumentos para preencher o sentido do verbo.”

p. 210 (Apontes, 2015, dialeto Oro Waram): “No caso de sentenças ditransitivas, os dados evidenciam que o objeto indireto é o argumento codificado pelo pronome. Outro fator a ser verificado é a ordem em que os argumentos se posicionam. A estrutura não marcada é: V.O.OI.S: primeiro o argumento não marcado e, em seguida, o argumento marcado, ou seja, primeiro o objeto “direto”, seguido do objeto “indireto”.”

p. 205-206 (Xiyein, Apontes e Camargos, 2018, dialetos Oro Waram, Oro Waram Xiyein e Oro Nao): “[...] um verbo bitransitivo, também denominado como ditransitivo ou trivalente, para ter um sentido pleno, precisa projetar, como pode ser visto em (4c), três argumentos para completar a valência: um sujeito e dois objetos. [...]”

(23) [4c] *mi?* *pin* *na-on* *paŋ* *mapak* *piwa* *narima?*
 entregar perf 3sg-3sg.m 3sg.n milho.n cotia.m mulher.f
 ‘A mulher deu o milho para a cotia’

[...]

No exemplo (4c), por fim, o verbo *mi?* ‘entregar’ seleciona três argumentos nucleares. Tendo em vista que o marcador de concordância verbal é aquele que carrega traços gramaticais de apenas dois argumentos, um dos objetos desse verbo bitransitivo não será referenciado no complexo verbal. Pode-se notar que nesse exemplo realizam-se os marcadores de concordância {*na-on*}, em que: (i) o marcador livre {*na*} codifica o sujeito de terceira pessoa do singular *narima?* ‘mulher’; e (ii) o objeto *piwa* é instanciado pelo morfema preso {-*on*}. Desse modo, o objeto *mapak* ‘milho’ não é codificado por nenhum marcador de concordância no complexo sintático verbal.”

8.

Resposta: Não identificamos construção causativa formada a partir de verbos ambitransitivos.

9.

Resposta: Não identificamos causativização com IN no Wari’.

10.

Resposta: Os dados de Xiyein, Apontes e Camargos (2018, dialetos Oro Waram, Oro Waram Xijein e Oro Nao) e de Everett e Kern (1997, dialeto Oro Nao) apresentam ordem fixa (V O_{Paciente} O_{Causado} A_{Causador}) nas causativas de transitivos e nas construções com semântica causativa, respectivamente (cf. (8) [10b], (10) [11b] e (2) [591a]). Quanto a Apontes e Camargos (2013, dialeto Oro Waram), a maioria das construções com semântica causativa mantém esse padrão. As exceções, como informado na resposta à questão 7, são as causativas perifrásticas formadas com o verbo *tomi?* ‘falar’, com a ordem V_(tomi?) O_{Causado} A_{Causador} V O_{Paciente} (cf. (6) [17] e (13) [18]).

O constituinte que ocupa o lugar típico de acusativo, em posição pós-verbal e eventualmente preposicionado, é o participante com papel de paciente ou tema.

11.

Resposta: Não identificamos restrições na formação das causativas de transitivos ou nas construções com semântica causativa. Semanticamente, todos os dados mostram os participantes causador e causado com traço [+HUMANO], e o causado aparece na 3ª pessoa do discurso.

12.

Resposta: Não identificamos referência a aspectos cognitivos em nenhuma das obras consultadas.

13.

Resposta: Apontes e Camargos (2013, dialeto Oro Waram) informam que a “causativização perifrástica” (p. 8) com o verbo *tomi?* ‘falar’ ocorre com verbos transitivos, conforme (6) [17] e (13) [18], porém não reconhecem categoricamente a existência de construções causativas formadas a partir de verbos transitivos.

Não identificamos causativa sintática em Xiyein, Apontes e Camargos (2018, dialetos Oro Waram, Oro Waram Xijein e Oro Nao), que afirmam haver causativas morfológicas com verbos transitivos.

p. 308 (Everett e Kern, 1997, dialeto Oro Nao): “Intransitive verb made causative: An intransitive verb forms a causative when it is compounded on the right of a transitive verb. In

15.

Resposta: Considerando a estrutura argumental dos verbos de (6) [17] e (13) [18], podemos concluir que a “causativização perifrástica” (p. 8) com o verbo *tomi?* ‘falar’ é bi-oracional. Esclarecemos que Apontes e Camargos (2013, dialeto Oro Waram) tratam esses dados como “estratégias compensatórias” e afirmam que eles “não se configuram como causativização propriamente dita” (p. 1). A nosso ver, essa construção bi-oracional parece ser menos integrada do que as causativas sintáticas identificadas tipologicamente e poderia funcionar como uma subordinação na qual o verbo *tomi?* ‘falar’ atua como um causativo com sentido de ‘ordenar’.

16.

Resposta: Não identificamos pares com verbos lexicais transitivos no Wari’.

17.

Resposta: Não identificamos causativa lexical.

18.

Resposta: O causado assume a função de “objeto” nas causativas de transitivos e nas construções com semântica causativa. Embora os autores pesquisados reconheçam a existência da categoria objeto indireto nos dialetos do Wari’, não informam se o causado atua como OD ou OI. A nosso ver, em dados como (8) [10b] e (18) [591b], ou nas ditransitivas (20) [183b] e (21) [200], o constituinte que atua como OI, em termos de codificação, é o tema ou paciente, que é marcado pela preposição *kon/con*.

p. 7 (Apontes e Camargos, 2013, dialeto Oro Waram): “No dado (15a), o verbo transitivo *pa?* ‘matar’ seleciona dois argumentos nucleares: o DP sujeito *tarama?* ‘o homem’ e o DP objeto *kopakaw* ‘a onça’. Quando esse verbo é submetido ao modo imperativo, processo paralelo à causativização, um terceiro argumento é introduzido na função sintática de sujeito: o DP *narima?* ‘a mulher’, enquanto que os outros dois argumentos exercem as funções de objeto.”

p. 211 (Xiyein, Apontes e Camargos, 2018, dialetos Oro Waram, Oro Waram Xiyein e Oro Nao): “[...] o sujeito inicial passa a exercer a função de objeto, enquanto que um novo participante é inserido na estrutura argumental com a função sintática de sujeito.”

19.

Resposta: O causado não mantém o caso nem a função sintática de sujeito. Não identificamos compartilhamento das propriedades de sujeito entre o causador e o causado.

p. 212 (Xiyein, Apontes e Camargos, 2018, dialetos Oro Waram, Oro Waram Xiyein e Oro Nao): “Quanto ao fenômeno da concordância verbal, pode-se notar ainda que, embora haja concordância de gênero com o objeto, como fica claro em (11a) e (11b), em que seus respectivos objetos *akom* ‘rio’ e *trama?* ‘homem’ engatilham os marcadores $\{-n\}$ e $\{-on\}$, esse traço de gênero parece estar ausente na concordância com o sujeito. Veja que o marcador $\{na\}$ codifica apenas os traços de pessoa e número do sujeito, o que fica particularmente evidenciado pela ausência de distinção desse marcador em (11a) e (11b), mesmo com sujeitos de gêneros distintos, a saber: *trama?* ‘homem’, do gênero masculino, e *narima?* ‘mulher’, do gênero feminino. Exemplos como (11) mostram que de fato os marcadores de concordância são linearizados da seguinte forma: $\{AgrS+AgrO\}$. Assim, AgrS corresponde ao marcador que engatilha os traços de pessoa e número do sujeito e AgrO representa o marcador que instancia os traços de pessoa, número e gênero do objeto.”

20.

Resposta: A marcação do causado, seja ela a ordem, seja o clítico/pronome, também ocorre com outros constituintes. Quanto à ordem, como indicado na questão 7, o causado ocupa a penúltima posição do enunciado, à esquerda do sujeito, assim como faz o objeto em uma transitiva não causativa, porém, em situações de omissão do sujeito, o causado pode ocorrer na posição final (periferia direita). Quanto ao clítico (ou pronome), o causado é correferenciado pelos mesmos morfemas de pessoa, número, gênero (*on*, *am*) que marcam o objeto em uma transitiva não causativa. Nessas construções, o causado também pode ser a 2ª pessoa que recebe a ordem codificada no morfema de imperativo *ra?*/*ra*, o qual marca o sujeito de construções imperativas não causativas, a exemplo de (17) [182] e (19) [183a].

21.

Resposta: Não identificamos marcação morfológica distinta da função sintática do causado.

22.

Resposta: Nas construções consideradas equivalentes à causativa, o causado e o paciente podem ser simultaneamente codificados com os morfemas de pessoa, número e gênero (*on* e

am), a exemplo de (5) [15b] e (14) [19]. Nesses dados, de acordo com Apontes e Camargos (2013, p. 7, dialeto Oro Waram), o causado e o paciente não se comportam como dois objetos idênticos, tendo em vista que o paciente é entendido como um “objeto mais baixo” (os autores não esclarecem o sentido dessa expressão). Em (12) [16b], o causado e o paciente recebem as mesmas codificações de número e gênero, sendo ambos correferenciados pelos morfemas *on/kon*.

Em Xiyein, Apontes e Camargos (2018, dialetos Oro Waram, Oro Waram Xiyein e Oro Nao), não identificamos causativas de transitivos com o causado e o paciente codificados igualmente. O exemplo (8) [10b] mostra que o paciente, diferentemente do causado, pode ser marcado pela preposição *kon* para indicar pessoa, número e gênero. De acordo com Everett e Kern (1997, p. 119, dialeto Oro Nao), em uma construção com objeto indireto expresso, o tema ou paciente é marcado pela preposição quando é definido e também pode ser marcado mesmo quando for indefinido. O causado não é preposicionado em nenhum dado das obras pesquisadas.

p. 211 (Xiyein, Apontes e Camargos, 2018, dialetos Oro Waram, Oro Waram Xiyein e Oro Nao): “[...] o sujeito inicial passa a exercer a função de objeto [...]. O curioso é que o objeto direto do verbo transitivo inicial passa a receber uma partícula {*kon*} a sua esquerda, a qual codifica os traços gramaticais de pessoa, número e gênero desse objeto.”

p. 7 (Apontes e Camargos, 2013, dialeto Oro Waram): “No dado (15a), o verbo transitivo *pa?* ‘matar’ seleciona dois argumentos nucleares: o DP sujeito *tarama?* ‘o homem’ e o DP objeto *kopakaw* ‘a onça’. Quando esse verbo é submetido ao modo imperativo, processo paralelo à causativização, um terceiro argumento é introduzido na função sintática de sujeito: o DP *narima?* ‘a mulher’, enquanto que os outros dois argumentos exercem as funções de objeto.

Note que, diferentemente da causativização de predicados intransitivos, como vimos na subseção anterior, no exemplo (15) acima, o verbo transitivo é submetido ao modo imperativo, como indica o morfema {*ra?*}. O curioso é que, no exemplo (15b), os três argumentos nucleares são codificados por meio dos pronomes referenciais: (i) o DP sujeito *narima?* ‘a mulher’, o causador, é codificado pela partícula {*na:*}, marcador de sujeito de terceira pessoa do singular; (ii) o DP objeto *tarama?* ‘o homem’, argumento causado, é codificado pela partícula {-*on*}, objeto masculino singular; e, por fim, (iii) o DP objeto *kopakaw* ‘a onça’, objeto mais baixo, é codificado pela partícula {-*on*}, a qual se realiza com o sufixo de modo imperativo {*ra?*}.”

27.

Resposta: Como informado nas respostas às questões 4 e 11, nas construções causativizadas com *ara?* e naquelas usadas para transmitir a semântica causativa, o causado apresenta traço [+HUMANO] e pode ocorrer com verbos transitivos e ditransitivos ativos ou denotando ação potencialmente abstrata, como *hrik* ‘ver’ ((10) [11b]). Com base nisso e nos dados disponíveis, constatamos que o causado é animado e pode expressar os papéis semânticos de agente e de experienciador.

p. 309 (Everett e Kern, 1997, dialeto Oro Nao): “There is no formal difference depending on the agentivity of the causee.”

28.

Resposta: Os dados de Xiyein, Apontes e Camargos (2018, dialetos Oro Waram, Oro Waram Xijein e Oro Nao) não permitem concluir se o causado está no controle das atividades e se as exerce com volição. Esses são os únicos pesquisadores que reconhecem expressamente a existência de causativas de verbos transitivos no Wari’.

Nas construções consideradas equivalentes à causativa, de Everett e Kern (1997, dialeto Oro Nao) e Apontes e Camargos (2013, dialeto Oro Waram), os dados mostram que o causado é animado e capaz de executar ordens, seja pelo modo imperativo, seja pelo verbo *tomi?* ‘falar’, motivo pelo qual deduzimos que o causado está no controle das atividades que exerce. Contudo, não conseguimos identificar os graus de afetação ou volição do causado.

29.

Resposta: Não identificamos mais de um tipo de causado na causativa de transitivo do Wari’. Nas construções consideradas equivalentes à causativa, tanto o modo imperativo com o morfema *ra?* quanto a construção perifrástica com o verbo *tomi?* ‘falar’ apresentam causados com as mesmas marcas de correferência verbal. Na perifrástica, contudo, a marca do causado aparece repetida, estando presente nas duas orações (em nossa interpretação, essa repetição pode indicar a recuperação de tópicos da oração anterior). Os dados disponíveis não permitem concluir se há mais integração na perifrástica.

30.

Resposta: Nas construções consideradas equivalentes à causativa, considerando que o causador pode agir por meio de comandos (modo imperativo e verbo *tomi?* ‘falar’), deduzimos que ele é capaz de atuar indiretamente sobre o causado. Os dados de Xiyein, Apontes e Camargos (2018, dialetos Oro Waram, Oro Waram Xijein e Oro Nao) não permitem concluir se o causador atua direta ou indiretamente sobre o causado.

31.

Resposta: Nas construções consideradas equivalentes à causativa, considerando que o causador pode agir por meio de comandos (modo imperativo e verbo *tomi?* ‘falar’), deduzimos que ele é capaz de atuar intencionalmente. Os dados de Xiyein, Apontes e Camargos (2018, dialetos Oro Waram, Oro Waram Xijein e Oro Nao) não permitem concluir se o causador atinge o resultado intencionalmente.

32.

Resposta: Nas construções consideradas equivalentes à causativa, considerando que o causador pode agir por meio de comandos (modo imperativo e verbo *tomi?* ‘falar’), deduzimos que ele é capaz de agir naturalmente. Os dados de Xiyein, Apontes e Camargos (2018, dialetos Oro Waram, Oro Waram Xijein e Oro Nao) não permitem concluir se o causador inicia o processo naturalmente ou se age com esforço.

33.

Resposta: Tendo em vista que, nas construções consideradas equivalentes à causativa, o causador pode agir por meio de comandos (modo imperativo e verbo *tomi?* ‘falar’), deduzimos que ele não está envolvido na atividade em conjunto com o causado. Os dados de Xiyein, Apontes e Camargos (2018, dialetos Oro Waram, Oro Waram Xijein e Oro Nao) não permitem concluir se o causador está envolvido na atividade.

34.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se há graus de topicalidade ou foco relacionados ao causado ou ao paciente na causativa de transitivo.

35.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se há relação entre a frequência das situações e o tipo de construção causativa ou equivalente à causativa.

36.

Resposta: Nas construções consideradas equivalentes à causativa, a construção perifrástica com o verbo *tomi?* ‘falar’ é usada em conjunto com o imperativo ((6) [17]) ou em conjunto com a causativa de intransitivo e também com o imperativo ((13) [18]), de forma que o uso de mais material linguístico pode ser indício de causação menos direta nessas construções do que no modo imperativo com o morfema *ra?*. Esclarecemos que Apontes e Camargos (2013, dialeto Oro Waram) não estabelecem relação de iconicidade entre as construções. Os dados disponíveis não permitem concluir se há diferença no grau de controle do causado.

Nos dados de Xiyein, Apontes e Camargos (2018, dialetos Oro Waram, Oro Waram Xiyein e Oro Nao), não identificamos outros mecanismos formais para expressar causatividade além do morfológico.

37.

Resposta: Mudança de valência. Xiyein, Apontes e Camargos (2018, dialetos Oro Waram, Oro Waram Xiyein e Oro Nao) avaliam que o morfema causativo *ara?* aumenta a valência verbal. Quanto às construções consideradas equivalentes à causativa de transitivo, Apontes e Camargos (2013, dialeto Oro Waram, p. 8) atribuem o *status* de objeto tanto para o causado quanto para o paciente e afirmam que essas estratégias aumentam a valência.

Não identificamos informações explícitas sobre vozes verbais. Registramos, contudo, que Everett e Kern (1997, dialeto Oro Nao) analisam a causativa de intransitivo como voz.

p. 201 (Xiyein, Apontes e Camargos, 2018, dialetos Oro Waram, Oro Waram Xiyein e Oro Nao): “[...] dois processos que aumentam a valência verbal: a causativização e a aplicativização. Em termos descritivos, a partícula {*ara?*} introduz o significado de causação e adiciona um novo argumento agente (o causador) à estrutura argumental.”

p. 211 (Xiyein, Apontes e Camargos, 2018, dialetos Oro Waram, Oro Waram Xiyein e Oro Nao): “Pode-se ver ainda que a partícula {*ara?*}, além de causativizar verbos intransitivos, também forma verbos bitransitivos a partir de um verbo transitivo [...]”

p. 4 (Everett e Kern, 1997, dialeto Oro Nao): “Any verb, whether nonderived or derived (including ‘desententialized’ verbs, i.e. verbs derived from sentences), may be compounded to form new verbs or to increase transitivity. Verb compounding never reduces the transitivity of

the verb as a whole, which is set by the leftmost member of the compound, which we analyse as the head of the compound.”

p. 227 (Apontes, 2015, dialeto Oro Waram): “No processo de aumento de valência, o causativo especifica uma relação causal entre versões alternativas de uma sentença (cf. Crystal, 2000). Essa relação causal é indicada por meio de uma partícula específica {*ʔaraʔ*} situada antes do verbo. Essa partícula pode tomar um verbo monovalente e exigir mais um argumento no verbo [...].

[...] Esse verbo, agora, é um verbo transitivo causativo. O resultado é a formação do verbo transitivo *ʔaraʔ mo* “fazer correr”, o qual seleciona dois argumentos [...].”

p. 8 (Apontes e Camargos, 2013, dialeto Oro Waram): “Outra estratégia para submeter os verbos transitivos a um aumento de valência é por meio da causativização perifrástica.”

38.

Resposta: Não identificamos causativas de transitivos combinadas com outras vozes ou mecanismos de mudança de valência.

39.

Resposta: Sim. O morfema *araʔ* ‘causativo de transitivo’ pode ter origem no verbo transitivo *araʔ* ‘fazer’ ou ‘construir’. Como suporte adicional para detectar a origem da marca causativa, registramos a afirmação de Apontes (2015, dialeto Oro Waram) sobre o fato de a causativa de intransitivo ser realizada pelo morfema *ʔaraʔ*, o qual também atua como verbo transitivo na língua (com os sentidos de “fazer” e “construir”). O autor não assume explicitamente que se trata de uma causativa sintática.

Registramos que, entre as origens tipológicas das marcas causativas, está a gramaticalização de verbos com significado de “fazer”.

Por fim, observamos que o uso do verbo “falar” como causativo foi identificado em outras línguas de nossa pesquisa, como o Kanoê (Kanoê) e o Katukína (Katukína).

p. 212 (Xiyein, Apontes e Camargos, 2018, dialetos Oro Waram, Oro Waram Xiyein e Oro Nao): “Deve-se considerar, por fim, que a partícula {*araʔ*}, a qual é utilizada nas construções de causativização, também se comporta como verbo lexical independente, ocupando o núcleo lexical do complexo verbal, com o sentido de ‘fazer’ ou ‘construir’ [...].”

p. 228 (Apontes, 2015, dialeto Oro Waram): “A palavra lexical usada para indicar a causatividade [*ʔaraʔ*] é a mesma para indicar os verbos “fazer, construir” [...].”

40.

Resposta: Não identificamos mudanças diacrônicas na marcação de caso do causado de verbo transitivo.

41.

Resposta: O morfema causativo *ara?* é chamado de “partícula” (Xiyein, Apontes e Camargos, 2018, p. 211).

O causador é referido pelos termos “causador”, “terceiro argumento”, “argumento nuclear” (Apontes e Camargos, 2013, p. 7-8), “novo argumento agente”, “novo participante” (Xiyein, Apontes e Camargos, 2018, p. 201, 211) e “sujeito” (Apontes e Camargos, 2013, p. 7; Xiyein, Apontes e Camargos, 2018, p. 211).

O causado é chamado de “argumento causado”, “argumento nuclear” (Apontes e Camargos, 2013, p. 7-8) e “objeto” (Apontes e Camargos, 2013, p. 7; Xiyein, Apontes e Camargos, 2018, p. 211).

O paciente é tratado como “objeto” (Apontes e Camargos, 2013, p. 7; Xiyein, Apontes e Camargos, 2018, p. 211) e “objeto mais baixo” (Apontes e Camargos, 2013, p. 7). Nas construções não causativas, o paciente ou tema é interpretado como “objeto direto” (Everett e Kern, 1997, p. 119; Apontes, 2015, p. 189).

Nas construções com três argumentos, o destinatário ou o terceiro argumento é tratado como “objeto indireto” (Everett e Kern, 1997, p. 119; Apontes e Camargos, 2013, p. 4; Apontes, 2015, p. 189).

Os termos não são explicitamente definidos.

42.

Resposta: Sim. Em relação às construções consideradas equivalentes à causativa de transitivo, Apontes e Camargos (2013) afirmam que os três argumentos são marcados por “pronomes relacionais”/“pronomes referenciais” (p. 1-2). Para se referir às próprias estratégias que transmitem a semântica causativa, os autores empregam “processo paralelo à causativização” (p. 7) e “causativização paralela” (p. 9). Para se referir à construção formada pela causativa de intransitivo em conjunto com o modo imperativo, usam “dupla causativização” (p. 8). E, para os marcadores de correferência argumental (*na:-am* e *na:-on*) repetidos no enunciado formado com a chamada “causativização perifrástica” (p. 8), adotam “recuperador argumental do verbo” (p. 9).

Karipúna Crioulo Francês (Crioulo)

Obras pesquisadas¹: Tobler (1983)

1.

Resposta: O mecanismo formal que o Karipúna Crioulo Francês usa é o sintático, por meio do verbo *fě* ‘fazer’. Embora a causativa seja uma oração cuja vaga argumental de objeto é preenchida por outra oração, a qual veicula a semântica de efeito, ela não é tratada como subordinação pelo fato de não haver “marcador de subordinação obrigatório” (Tobler, 1983, p. 21, 54, 75). Registramos que o único “elemento periférico” ou “adjunto” que ocorre nas causativas é o de tempo (p. 71).

p. 18: “

- (1) *ye fãde bwa, fě-n ghã djife, li voye ghãmun lãdã*
 3p chop wood make-a big fire 3s send old=person there-in
 ‘They chopped wood, made a big fire, (and then) he threw the old-woman onto it.’

p. 58: “Causative S P O [Subject Predicate Object]

S Instigative/agent (Nph) P Causative/event (Vph(‘make’)) O Range/result (Clause)

- (2) *li / fě / ye fãde bwa boku*
 3s make 3p chop wood much
 ‘He made them chop a lot of wood.’

p. 37: “

- (3) *nu / ka mãje / kaymã*
 1p Tpr=i eat alligator
 ‘We are eating alligator.’ ”

p. 83: “

- (4) *nu mãje tut bakóv*
 1p eat all banana
 ‘We ate all the bananas.’ ”

p. 58: “

- (5) *li / fě / mo mãje mo pitxit so fwa*
 3s make 1s eat 1sP child 3sP liver

¹ Eq: Equativo; Ev/Exp: Evento/Experiência; Instig: Instigativo; Nph: Sintagma Nominal; O: Objeto; Pat: Paciente; R: Referente; Sc: Escopo (fonte/meta/local/instrumento); S P O: Sujeito Predicado Objeto; Tf: Tempo futuro; Tp: Tempo passado; Tpr=i: Tempo presente incompleto; Vph: Sintagma verbal; 1sP, 3sP: Adjetivo possessivo (Primeira pessoa do singular; 3ª pessoa do singular; etc.); 3s, 3p: Pronome pessoal (Terceira pessoa do singular, Terceira pessoa do plural).

‘He made me eat my child’s liver.’ ”

p. 54: “Ditransitive Clauses. The term ditransitive clause is here used to refer to clauses in which the surface object slot is normally filled by another clause (or group of clauses). Though it would be possible from some points of view to consider ditransitives as a further type of complex sentence, since they are composed of two or more clauses, nevertheless they are here being treated as special clause type, since the second clause always fills a specific role slot in the main clause. There are three ditransitive clause types: Quotative, Cognitive-Desiderative, and Causative.”

p. 16: “The Complex Sentence may be co-ordinate or subordinate.”

p. 75: “Subordinate. A clause is said to be subordinate when it carries an obligatory subordinating marker and is thus related by it to another clause which is the head of a complex sentence, or to the predicate of a ditransitive clause.”

p. 21: “Subordinate Sentences consist of a subordinate clause (S) and an independent or dependent clause head (H) to express condition, purpose, comparison and time. The subordinate clause carries an obligatory subordinating marker at the beginning of the clause. This marker (unlike the conjunction in conjoined sentences) cannot be omitted if the sentence is to retain the same meaning.”

p. 71: “Clauses with two postposed peripheral elements are extremely rare. Event clauses with preposed adjunct as time may also occur with postposed adjunct as goal, site, source, instrument or company. It is rare, however, for clauses to take more than one peripheral element. The most common peripheral elements are goal, site, source and time.

[...] Causative [occur with] Time”

p. 58: “

(6) *soley / ka fě /mo lěj sék*
 sun Tpr=i make 1sP clothes dry
 ‘The sun is making my clothes dry.’ ”

p. 25: “

(7) *kā nu hive la kabé, mo fě-l kuxe*
 when 1p arrive there hut 1s make-3s lie=down
 ‘When we reached the hut, I made him lie down.’ ”

p. 63: “List of basic questions Role

[...]
 ‘Why?’ ki sa ki fě Cause”

p. 68: “

(8) a ki sa ki fě li khie?
 Eq what that what make 3s cry
 ‘What made him cry?’/‘Why did he cry?’ (Cause) ”

p. 58: “Cognitive-Desiderative S P O

[...] The object clause is in the declarative or interrogative mode. [...]

(9) u / le / mo fě u māmā jón?
 2s want 1s make 2sP mother young
 ‘Do you want me to make your mother young again?’ ”

2.

Resposta: A construção é causativizada diretamente.

3.

Resposta: Não identificamos causativa morfológica no Karipúna Crioulo Francês.

4.

Resposta: Não identificamos causatividade morfológica com verbos transitivos no Karipúna Crioulo Francês. Registramos que também não identificamos exemplos de verbos transitivos com o verbo *fě* ‘fazer’ denotando ação abstrata. Os dados mostram os verbos transitivos ativos “comer” (*māje*) (5) e “cortar” (*fāde*) (2).

5.

Resposta: Não identificamos mais de um marcador no Karipúna Crioulo Francês.

6.

Resposta: Não identificamos construção causativa formada a partir de verbos com três argumentos ou três participantes.

p. 116-117: “Nuclear. Members of each sub-class function as head of the verbal phrase in the clause type from which the class derives its name.

<u>Sub-class</u>	<u>basic members</u>	<u>non-basic members</u>
Bitransitive	bay ‘give’	bule ‘roast/burn’

	mete	‘put’		plẽ	‘fill’
	aple	‘call/name’			
[...]					
Ditransitive					
Quotative	dji	‘say’			
	dumãde	‘ask’			
Cognitive- Desiderative	save	‘know’			
	khé	‘believe’			
	kõtã	‘be glad/like’			
	le	‘want’			
Causative	(no basic member)			fẽ	‘make’ ”

p. 54: “Ditransitive Clauses. The term ditransitive clause is here used to refer to clauses in which the surface object slot is normally filled by another clause (or group of clauses). Though it would be possible from some points of view to consider ditransitives as a further type of complex sentence, since they are composed of two or more clauses, nevertheless they are here being treated as special clause type, since the second clause always fills a specific role slot in the main clause. There are three ditransitive clause types: Quotative, Cognitive-Desiderative, and Causative.”

7.

Resposta: Tendo em vista que a causativa é formada por uma construção sintática, sendo ela própria uma transitiva, sua semelhança se dá com a transitiva não derivada. Assim, além de as marcações pronominais dos participantes serem iguais, a ordem é a mesma (SVO), como pode ser visto comparando-se as transitivas (3) e (4) com a causativa (5). No entanto, como a causativa é formada por uma construção sintática, o objeto da causativa é expresso por outra oração.

Registramos que a construção “bitransitiva” segue os mesmos padrões da transitiva, porém com um terceiro participante ao final da estrutura. Logo, do ponto de vista funcional, a causativa se assemelha à “bitransitiva” pela presença de três participantes no enunciado.

p. 37: “Transitive S P O [Subject Predicate Object]

S Ag	P Ev/Exp	O Pat”
	[Event/Experience]	[Patient]

p. 35: “Bitransitive S P O R [Subject Predicate Object Referent]

S Ag	P Ev/Exp	O Pat	R Sc”
	[Event/Experience]	[Patient]	[Scope]

p. 35: “

(10) *mo / ke bay / de djize / pu u*
 1s Tf give two egg to 2s
 ‘I will give you two eggs.’ Sc=goal”

p. 36: “

(11) *li / mete / so bagaj / la su tab*
 3s put 3sP thing there on table
 ‘He put his things on the table.’ Sc= site”

p. 36: “When the referent is manifested by a pronoun, it precedes the object. This may occur when the referent role is goal, and occurs when the referent is range for one or two particular verbs.

[...]

(12) *S P R O*
li / bay / mo / de djize
 3s give 1s two egg
 ‘He gave me two eggs.’ Sc=goal”

8.

Resposta: Não identificamos construção causativa formada a partir de verbos ambitransitivos no Karipúna Crioulo Francês.

9.

Resposta: Não identificamos causativização com IN no Karipúna Crioulo Francês.

10.

Resposta: Sim, a ordem mantém o padrão SVO nos dados identificados. Considerando que a causativa é formada por uma construção sintática, o constituinte que ocupa o lugar típico de acusativo é a oração que preenche a vaga de objeto da causativa. Essa segunda construção, que veicula a semântica de efeito da causativa, também reproduz a ordem da transitiva básica (SVO).

p. 35: “Whereas the roles (Agent, Patient, etc.) are determined solely on semantic grounds, the surface slots (Subject, Referent, etc.) are determined largely by the word order within the clause, and by the presence of relator markers. Thus Subject always precedes the predicate, Object always follows the predicate, either directly or, as in some bitransitives, after a pronominal referent; Referent is usually clause final and introduced by a relator (ex: *dji* ‘from’, *ke* ‘with’), but occasionally in bitransitives occurs as a single pronoun directly after the predicate and before the object [...].”

p. 79-80: “Order of Clause Elements. The normal order of elements in the declarative clause, as outlined previously, is:

(Time Adj), S, P, O, R

This order may be changed for reasons of mode, subordination or focus.”

p. 58: “Causative S P O [Subject Predicate Object]

S Instig/agent (Nph) P Causative/event (Vph(‘make’)) O Range/result (Clause)

p. 37: “Transitive S P O

S Ag P Ev/Exp O Pat”

p. 35: “Bitransitive S P O R

S Ag P Ev/Exp O Pat R Sc”

11.

Resposta: Não identificamos restrições na formação das causativas de transitivos. Semanticamente, os participantes causador e causado apresentam traço [+HUMANO] nos dados consultados, e o causado ocorre na 1ª e na 3ª pessoas do discurso.

12.

Resposta: Não identificamos referência a aspectos cognitivos em Tobler (1983).

13.

Resposta: O verbo responsável pela causatividade é *fě* ‘fazer’.

14.

Resposta: Considerando que o verbo *fě* ‘fazer’ também é empregado em construções não causativas, como em (1), não identificamos verbos usados exclusivamente para expressar causatividade sintática no Karipúna Crioulo Francês.

15.

Resposta: Não identificamos mais de uma causativa sintática. Ao analisar a estrutura argumental do verbo causativo em (2) e (5), constatamos que as vagas de sujeito são preenchidas pelo pronome *li* ‘3s’ e que as vagas de objeto são preenchidas por outra oração, a qual possui sua própria estrutura argumental saturada (SVO). Considerando que, nessas construções, cada verbo funciona como uma unidade sintática separada, indicando a baixa fusão estrutural entre eles, entendemos que a construção causativa com o verbo *fě* ‘fazer’ é bi-oracional.

16.

Resposta: Não identificamos pares com verbos lexicais transitivos no Karipúna Crioulo Francês.

17.

Resposta: Não identificamos causativa lexical.

18.

Resposta: Considerando que a função sintática dos argumentos é estabelecida pela ordem dos constituintes (p. 35) e que o causado precede o verbo na oração em que ocorre, deduzimos que o causado assume a função de sujeito da oração de efeito.

Ao analisar a causativa de intransitivo (7), cujo verbo causativo recebe a marcação argumental *-l* ‘3s’, propomos que o fato de o morfema *-l* ‘3s’ se ligar ao verbo *fě* ‘fazer’ é um indício de que, juntos, constituem um conjunto Verbo-Objeto. Logo, podemos conjecturar se esse morfema atua como objeto do verbo *fě* ‘fazer’ e sujeito do verbo *kuxe* ‘deitar’. Em caso afirmativo, seria possível precisar a função argumental do causado na oração de efeito das causativas de transitivos. Por fim, também se pode supor que o morfema *-l* ‘3s’ seja uma variante de *li* ‘3s’, expresso em (8).

19.

Resposta: Considerando que o mecanismo que a língua usa para formar causativas é o sintático, a inclusão da oração com o verbo *fê* ‘fazer’ parece não alterar as propriedades do causado, o qual mantém a função sintática de sujeito do verbo não causativo. Como o causador e o causado exercem funções em orações distintas, não identificamos o compartilhamento das propriedades de sujeito na mesma oração.

20.

Resposta: A marcação do causado, seja ela a ordem, sejam os pronomes pessoais, também ocorre com outros constituintes. Quanto à ordem, o causado ocupa a posição inicial da oração em que ocorre, a qual indica, aparentemente, a função sintática de sujeito. Quanto aos pronomes, ele recebe as mesmas marcas de pessoa que outros constituintes nominais em orações causativas e não causativas, a exemplo de *mo* ‘1ª p.s.’ em (5) e de *ye* ‘3ª p.p.’ em (2).

p. 120: “Personal Pronouns occur as head of the minor nominal phrase filling subject and object slots, and as head of the relator-axis phrase filling referent (goal/site/source) and adjunct (company) slots.”

21.

Resposta: Não identificamos marcação morfológica distinta da função do causado. Esclarecemos que a função sintática dos argumentos é estabelecida pela ordem dos constituintes (p. 35).

22.

Resposta: Não identificamos construções com ambos o causado e o paciente codificados como objeto. Embora os argumentos possam ser marcados pelos mesmos pronomes pessoais, suas funções sintáticas são indicadas pela ordem em que ocorrem nas respectivas construções. Na oração que veicula o efeito da causativa, entendemos que o causado atua como sujeito, e o paciente, como objeto.

23.

Resposta: Não. Tendo em vista que o mecanismo usado para formar causativas é o sintático, entendemos que o causado mantém a função de sujeito da construção original, não sendo demovido para outra função. Esclarecemos que a construção original passa a exercer a função de objeto da causativa com o verbo *fê* ‘fazer’ (Tobler, 1983, p. 54).

24.

Resposta: Sim. De acordo com Tobler (1983, p. 35), a função sintática dos argumentos é estabelecida pela ordem de constituintes. Considerando que a ordem básica da língua é SVO e que o causado ocupa a primeira posição à esquerda, ele é identificado como o sujeito da oração em que ocorre. Não identificamos outro critério ou propriedade sintática para diferenciar o causado dos demais constituintes.

p. 35: “Whereas the roles (Agent, Patient, etc.) are determined solely on semantic grounds, the surface slots (Subject, Referent, etc.) are determined largely by the word order within the clause, and by the presence of relator markers. Thus Subject always precedes the predicate, Object always follows the predicate, either directly or, as in some bitransitives, after a pronominal referent; Referent is usually clause final and introduced by a relator (ex: *dji* ‘from’, *ke* ‘with’), but occasionally in bitransitives occurs as a single pronoun directly after the predicate and before the object [...].”

25.

Resposta: Não identificamos construções com omissão ou exclusão do causado no Karipúna Crioulo Francês.

26.

Resposta: Não identificamos relativização do causado, o qual, aparentemente, funciona como sujeito. Porém, a posição de objeto pode ser relativizada nas construções não causativas.

p. 77: “Relative. A clause is said to be relative when it occurs with an obligatory relator marker within a noun or locative phrase, as an expansion of the phrase head.

Relator *ki*:

- (13) *mo wé /sa fam ki te vini pase fét isi la*
 1s see that woman which Tp come pass holiday here
 ‘I saw that woman who had come to spend the holiday here.’ ”

27.

Resposta: Como informado nas questões 4 e 11, os verbos causativizados com a inclusão do verbo *fé* ‘fazer’ são transitivos ativos, e o causado apresenta traço [+HUMANO]. Com base nessas

informações e nos dados disponíveis, constatamos que o causado é animado e expressa também o papel semântico de agente.

28.

Resposta: Considerando que os dados mostram a capacidade do causado de “cortar” (*fãde*) (2) e de “comer” (*mãje*) (5), e que a estrutura bi-oracional das construções parece indicar a baixa integração entre os eventos, deduzimos que o causado está no controle dessas atividades. Os dados disponíveis não permitem concluir se o causado as exerce com volição.

29.

Resposta: Não identificamos mais de um tipo de causado nas causativas de transitivos do Karipúna Crioulo Francês.

30.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se o causador atua direta ou indiretamente sobre o causado.

31.

Resposta: Com base nos dados disponíveis, deduzimos que o causador é capaz de atuar intencionalmente.

32.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se o causador inicia o processo naturalmente ou com esforço.

33.

Resposta: Com base nos dados disponíveis, e considerando a ausência de indícios da participação do causador, deduzimos que o causador não está envolvido na atividade.

34.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se há graus de topicalidade ou foco relacionados ao causado ou ao paciente na causativa de transitivo. Informamos que a posição de objeto pode ser colocada em foco nas construções não causativas. Registramos que as construções causativas podem expressar diferentes relações entre o falante e o ouvinte,

incluindo os modos declarativo, interrogativo, imperativo, hortativo, necessitativo e recomendativo (*advisory*).

p. 81: “Focus. Adjuncts of time may be backed in the clause, and other adjuncts, objects and referents may be fronted when they are the focal point of the speaker’s attention.

- (14) *de bóm li bay mo*
 two tin 3s give 1s
 ‘Two tins he gave me.’
 - focus on ‘two tins’ (object fronted)”

p. 59-60: “Mode. Clauses may be expressed in six different modes, reflecting the relationship (or mood) between speaker and hearer [...].

Mode	Relationship between Speaker A and Hearer B
Declarative	A tells B
Interrogative	A asks B
Imperative	A orders B
Hortatory	A exhorts B
Necessitative	A gives ultimatum to B
Advisory	A warns B”

p. 60: “Causative [may occur with] Decl[Declarative] Intrg[Interrogative] Impv[Imperative] Horty[Hortatory] Necv[Necessitative] Advy[Advisory]”

35.

Resposta: Considerando que o único mecanismo formal usado no Karipúna Crioulo Francês para formar causativas é o sintático, não identificamos relação entre a frequência das situações e o tipo de construção causativa.

36.

Resposta: Além da causativa sintática, não identificamos outros mecanismos formais para expressar causatividade no Karipúna Crioulo Francês.

37.

Resposta: Não identificamos informações explícitas sobre voz ou mudança de valência em Tobler (1983). Em nosso ponto de vista, apesar de a causativização se manifestar por meio de uma causativa sintática bi-oracional, entendemos que há aumento de valência. Nos dados, é

possível constatar a introdução do verbo *fé* ‘fazer’, veiculando o sentido causativo, e de um novo participante que age sobre os demais (o causador), tornando esses participantes e o evento conceitualmente dependentes entre si.

38.

Resposta: Não identificamos causativas de transitivos combinadas com outras vozes ou mecanismos de mudança de valência.

39.

Resposta: Sim. Tendo em vista que o Karipúna Crioulo Francês é uma língua crioula formada a partir do contato de povos indígenas com o Francês da Guiana Francesa, resultando em uma língua com influência do léxico francês, podemos deduzir que o verbo *fé* ‘fazer’ deriva do verbo francês *faire* ‘fazer’.

40.

Resposta: Não identificamos mudanças diacrônicas na marcação de caso do causado de verbo transitivo.

41.

Resposta: O causador é referido pelos termos “S” (sujeito), “instigativo” e “agente” (p. 58). O agente é definido como “aquele que realiza uma ação ou experimenta uma reação a um estímulo” (p. 33). O termo “instigativo” não é definido.

A oração encaixada que preenche a vaga do paciente (p. 37) na causativa é chamada de “O” (objeto) e “alcance/resultado” (*range/result*) (p. 58). O paciente da transitiva é definido como “aquele que sofre uma ação ou processo sobre si, ou que é o portador de um determinado estado” (p. 33). O termo “alcance” (*range*) é definido como “aquilo que expressa os limites de uma ação ou estado” (p. 33).

Não identificamos terminologia para o papel de causado.

Quanto à construção, Tobler (1983, p. 54, 117) adota o termo “ditransitivo” para orações que expressam uma de suas funções sintáticas por meio de outra oração. Neste sentido, a causativa com o verbo *fé* ‘fazer’ é considerada uma “ditransitiva”, já que seu objeto é expresso pela oração não causativa original.

Apesar de Tobler (1983, p. 35-36, 116) empregar o termo “bitransitivo” para se referir a orações com três participantes ou três vagas argumentais, assim como ocorre na literatura linguística,

ele não o trata como sinônimo de “ditransitivo”, tendo em vista que as orações bitransitivas não implicam a existência de duas orações dependentes. O terceiro participante de uma bitransitiva é chamado de “referente” e pode assumir diferentes papéis semânticos, como fonte, instrumento, local, meta, entre outros (p. 35-36).

p. 33: “Role

[...] Agent -that which performs an action or experiences a reaction to a stimulus.

[...] Patient that which undergoes an action or process upon it, or is the bearer of a given state.

[...] Range -that which expresses the limits of an action or state.”

42.

Resposta: Sim. Configuram terminologias particulares o uso de “ditransitivo” para implicar a existência de orações dependentes, em sentido diverso do termo “bitransitivo”; a classificação de “instigativo” para o causador; e “alcance” ou “resultado” (“*range/result*”), em lugar de “paciente”, para o objeto da oração transitiva encaixada.

Kanoê (Kanoê)

Obras pesquisadas¹: Bacelar (2004) e Bacelar e Voort (2023)

1.

Resposta: O mecanismo formal que o Kanoê usa é o sintático, por meio dos verbos *va* ‘mandar’ e *vara* ‘falar’ ou, conforme Bacelar (2004, p. 267), por outros verbos, como *po* ‘fazer’. A construção causativa é analisada como uma “sentença complexa por subordinação” (Bacelar, 2004, p. 266), e a subordinada é considerada um tipo de oração nominalizada que pode ser internamente complexa, contendo nominais sujeito e objeto (Bacelar e Voort, 2023, p. 711-712). Esclarecemos que não identificamos dados com causativas de transitivos formadas a partir do verbo *po* ‘fazer’.

p. 266: “Orações co-subordinadas argumentais

Consideradas somente as sentenças complexas por coordenação e co-subordinação simultâneas ou tão-somente por subordinação, observa-se a existência de apenas dois tipos de orações argumentais: 1º) a que exerce a função de *objeto direto* da estrutura verbal transitiva da oração principal; 2º) a que exerce uma função causativa.”

p. 262: “Sintaxe das sentenças complexas

As relações gramaticais e semânticas entre as orações que constituem as sentenças complexas são dadas por coordenação ou subordinação. No primeiro caso, duas ou mais orações se justapõem ou são interligadas por elemento copulativo, sem que haja uma relação de dependência sintática entre as mesmas. No segundo caso, uma oração se subordina a uma outra, que lhe é principal, havendo aí uma intrínseca relação de dependência sintático-semântica.”

p. 267-268: “Orações argumentais com função causativa

As construções causativas são compostas por duas orações nucleadas por verbos causativos, bivalentes na primeira oração. O predicado dessa oração exige um sujeito agente de uma ação causativa, que recai sobre o sujeito da segunda, implicando uma oração argumental infinitiva. Do ponto de vista semântico, pode-se dizer uma construção causativa pode ser resumida em ‘X faz com que Y faça algo’.

¹ AG: agente; AUX: Verbo auxiliar; CLE: Classificador nominal específico; CLF: Classificador; CLG: Classificador genérico; CLV: Classificador verbal; COND: Condicional; COP: Verbo copulativo; DECL: Declarativo; DEM: Pronome demonstrativo; DIR: Direcional; INT: interrogativo; IR: *Irrealis*; líqu: Líquido; MASC: Masculino; NLZ: Nominalizador; NMLZ: Nominalizador; OBL: Oblíquo; POSS: Possessivo; PRO: Pronome, pronominal; prox: Próximo; RN: Raiz neutra; SG: Singular; TRA: Transitivo; VOL: Volitivo; 1: Primeira pessoa; 2: Segunda pessoa; 3: Terceira pessoa.

Em Kanoê, a raiz é {*va-*} “mandar” é inerentemente causativa, ao passo que outras raízes, tais como {*vara-*} “falar” e {*po-*} “fazer” são eventualmente causativas. Exemplos:

- (1) [270] *aj ña kani va-ô-ro e-re [kwinĩ po-n-e]*
 1SG POSS1SG criança mandar-1-CLV DECL-AUX peixe capturar-3-NLZ
 ‘Eu mandei meu filho pescar.’
- (2) [271] *ojo papa va-Ø-ro-e-re*
 POSS3SG pai mandar-3-CLV-DECL-AUX
[oj mapi-ka po-Ø-ro-e]
 3SG flecha-CLE.duro fazer-3-CLV-DECL
 ‘O pai dele mandou ele fazer arco de flecha.’ ”

p. 153: “

- (3) [560] *ña muj po-Ø-ro-e kjũ-re munaw*
 POSS 1SG fazer-3-CLV-NLZ 3.IR-AUX rede
 ‘Minha mãe fazia rede.’ ”

p. 268: “

- (4) [272] *aj ña kani va-ô-ro-ô-e-re*
 1SG POSS1SG criança mandar-1-CLV-DECL-AUX 3SG
[mo-Ø-kỹj-e-re ojo munaw-ni]
 dormir-3-CLV-DECL-AUX POSS3SG rede-OBL
 ‘Eu estou mandando meu filho dormir na rede dele.’

Nos exemplos acima, observa-se que a relação entre as duas orações da construção causativa não é mediada por {-*eko*} [copulativo]. Por sua vez, uma construção análoga, a raiz {*vara-*} exige {-*eko*}. Assim, do ponto de vista sintático, são efetivamente causativas as construções não conjuncionais dos exemplos acima, ao passo que, no exemplo abaixo, a relação entre as orações é coordenativa, mediada por elemento conjuncional:

- (5) [273] *ña mũj vara-Ø-ro-ô-to-eko*
 POSS1SG mãe falar-3-CLV-1-TRA-COP
[aj kuni tsa-um ô-e-re]
 1SG água buscar-CLE.líqu 1-DECL-AUX
 ‘Minha mãe me pediu e eu estou indo eu buscar água.’ ”

p. 226: “O auxiliar {-re}

Como se nota ao longo deste trabalho, o morfema {-*re*} ‘AUX’ é, sem dúvida, o mais frequente na morfosintaxe verbal do Kanoê, pois ocorre na grande maioria das sentenças declarativas, afirmativas ou negativas. No âmbito do sintagma verbal, {-*re*} constitui um núcleo auxiliar em torno do qual gravitam a marcação do modo frasal e as nuances de tempo e aspecto verbal, a partir da presença ou ausência das marcas fé[de] flexão pessoal, como se viu em 4.8.

Por outro lado, {-re} ainda se reveste de poder verbalizador, sobretudo em sintagmas verbais nucleados por uma raiz nominal, desempenhando um papel de elemento de ligação entre o argumento na função de sujeito e o nome na função de núcleo do predicado [...]

p. 185: “Os morfemas {-ro} e {-to} são de alta frequência nas estruturas verbais ativas. Embora sejam ambos classificadores verbais, para se estabelecer uma distinção entre eles, quando coocorrem, optou-se por tratar {-ro} como ‘CLV’ e {-to} como ‘TRA’. Todas as possibilidades de análise desses morfemas, desde a hipótese de tratá-los como classificadores genéricos à de interpretá-los somente como aplicativos verbais se esgotaram, em função de muitos contra-exemplos que não confirmavam essas pressuposições. As análises convergiram para a interpretação como classificadores verbais que se revestem de funções morfossintáticas e semânticas específicas. [...]

Em termos de função semântica, pode-se assegurar que, na maioria dos casos, {-ro} relaciona-se ao papel de “agente” do núcleo (ou núcleos) de um SN na função de sujeito. Do mesmo modo, {-to} tem relação com o papel de “paciente” a um núcleo (ou aos núcleos) de um SN na função de objeto direto, além de assinalar a transitividade verbal. Com efeito, quando ocorre apenas {-ro}, em sintagmas verbais a partir de raízes como {vara-} “falar” ou {akiki-} “gritar”, a estrutura é intransitiva, monovalente, exigindo apenas um argumento na função de sujeito. [...]

Por outro lado, se ambos coocorrem, a estrutura é transitiva e, no mínimo, bivalente, com um argumento na função de sujeito e outro na função de objeto.”

p. 167: “

- (6) [654] *ñã mĩj kuni tsã-um tsoke aj ja ã-k-e-re*
 POSS1SG mãe água buscar-CLE mas 1SG querer 1-NEG-DECL-AUX
 ‘Minha mãe mandou buscar água mas eu não quero (ir).’ ”

p. 153: “

- (3) [560] *ña muj po-Ø-ro-e kjũ-re munaw*
 POSS 1SG fazer-3-CLV-NLZ 3.IR-AUX rede
 ‘Minha mãe fazia rede.’ ”

p. 254: “

- (7) [172] *peutæ tsuæ-tinu oj po-ro-e kjũ-re*
 beiju macaxeira-CLE.pastoso 3SG fazer-CLV-NLZ 3.IR-AUX
 ‘Ele faz beiju de macaxeira.’ (Lit.: ‘Beiju de massa de macaxeira, ele o faz.’) ”

p. 112: “

- (8) [100] *aj i-ẽ-to e-re po-ro-e*
 1SG 1-saber-TRA DECL-AUX fazer-CLV-NLZ
 ‘Eu sei fazer flecha.’ ”

p. 257: “

- (9) [196] *aj i-pateñu ã-e-re votsi-o*
 1SG 1-conhecer-CLV 1-DECL-AUX homem branco-POSS
va-ro-e
 falar-CLV-NLZ
 ‘Eu estou sabendo a língua do civilizado.’ ”

p. 711-712 (Bacelar e Voort, 2023): “Kanoé has only one type of complement clause: a subordinate clause that functions as a direct object of the main clause verb. This is a type of nominalized clause that acts as a complement to verbs of cognition (e.g., *jẽ* ‘know (have knowledge of)’, *patẽnu* ‘know (be acquainted with, recognize)’), predicates referring to volition (e.g., *ja* ‘want’), and predicates expressing commands or causation (e.g., *va* ‘order’). The construction does not involve a conjunction, and the subordinate clause always occurs after the main verb. Complement clauses are nominalized but may be internally complex and contain overt object and subject nouns [...]”

2.

Resposta: A construção é causativizada diretamente.

3.

Resposta: Não identificamos causativa morfológica no Kanoê.

4.

Resposta: Não identificamos causatividade morfológica com verbos transitivos no Kanoê. Registramos que também não identificamos exemplos de verbos transitivos denotando ação abstrata em construções com os verbos *va* ‘mandar’, *vara* ‘falar’ e *po* ‘fazer’. Os dados mostram os verbos transitivos ativos “capturar/pescar” (*po*) em (1) [270], “fazer” (*po*) em (2) [271] e “buscar” (*tsa*) em (5) [273].

5.

Resposta: Bacelar (2004, p. 267) informa que, além da raiz *va*- ‘mandar’, a raiz *vara*- ‘falar’ pode atuar como verbo causativo, e inclui o dado (5) [273] na seção sobre orações argumentais

com função causativa (p. 267-268). Em nosso ponto de vista, apesar de a construção ser mediada por *-eko* ‘copulativo’, pode ser analisada como causativa se considerarmos que a predicação de *vara* ‘falar/pedir’ prevê a ação realizada na segunda oração, com o verbo *tsa* ‘buscar’. Não identificamos a motivação entre os marcadores.

p. 267: “Em Kanoê, a raiz é {*va-*} “mandar” é inerentemente causativa, ao passo que outras raízes, tais como {*vara-*} “falar” e {*po-*} “fazer” são eventualmente causativas.”

6.

Resposta: Não identificamos construção causativa formada a partir de verbos com três argumentos ou três participantes. Considerando que o verbo *vara* ‘falar’ pode atuar como causativo, conforme Bacelar (2004, p. 267), e também como ditransitivo (cf. (10) [321] e (11) [283]), entendemos ser possível a formação de uma causativa a partir desse verbo ditransitivo.

p. 216: “

(10)[321] *jũ e aj mi vara-õ-ro-pe-to-kjũ kjũ-re*
 DEM.prox mulher 1SG 2SG falar-1-CLV-2-TRA-3.IR 3.IR-AUX
 ‘Esta é a mulher da qual eu falei com você.’ ”

p. 270: “

(11)[283] [*mĩ ña muj tsere-pe-to neko*] *vara-pe-to eko ña mũj*
 2SG POSS1SG mãe ver-2-TRA COND falar-2-TRA COP POSS1SG mãe
[aj kwini po õ-e-re jũ tsituro-ni]
 1SG peixe capturar 1-DECL-AUX DEM.prox lugar-OBL
 ‘Se você vir minha mãe, diga-lhe que estou pescando neste lugar.’ ”

7.

Resposta: Tendo em vista que a causativa é formada por uma construção sintática, sendo ela própria uma transitiva, sua semelhança se dá com a transitiva não derivada. Assim, além de as marcações pronominais dos participantes serem iguais, a ordem SOV da causativa (1) [270] tende a ser a mesma das transitivas, como (12) [114] e (13) [116]. A ordem SVO da causativa (2) [271] e SV da (5) [273] se assemelha à ordem de outras transitivas, como (19) [276], (3) [560], (8) [100] e (9) [196]. Considerando que a causativa é formada por uma construção sintática, seu OD é expresso por outra oração (Bacelar, 2004, p. 266), cuja ordem é SOV em (1) [270], (2) [271] e (5) [273], mas com aparente anáfora zero do sujeito em (1) [270]. Registramos que a ordem de constituintes é variável no Kanoê (Bacelar, 2004, p. 186).

p. 186: “A ordem sequencial desses morfemas na constituição da forma verbal, em princípio, corresponde à ordem SOV, predominante em Kanoê. Existem pouquíssimos casos em que isso não ocorre. Essa ordem somente se evidencia quando ambos coocorrem, num predicado transitivo multiargumental, no mínimo bivalente. Exemplos:

(12)[114] *pejake aj mi vara-õ-ro-pe-to no-e-re*
 amanhã 1SG 2SG falar-1-CLV-2-TRA VOL-DECL-AUX
 ‘Amanhã eu quero falar com você.’

[...]

(13)[116] *pejake mi aj vara-pe-ro-õ-to-nu mi-tsi*
 amanhã 2SG 1SG falar-2-CLV-1-TRA-FUT 2-INT
 ‘Amanhã você quer conversar comigo?’ ”

p. 228: “Assim, em relação à tipologia sintática do Kanoê, pode-se assegurar que:

1º) em termos de ordem básica de constituintes, trata-se de uma língua de padrão SOV, pois esta é a ordem sintática preferencial e a de maior frequência em sentenças declarativas, cf. Bacelar & Pereira (1996: 51);

2º) trata-se de língua *não-configuracional*, haja vista a relativa mobilidade sintática de constituintes, de sorte que outras ordens sintáticas também são possíveis;

3º) é uma língua que, em boa parte dos casos, admite a elipse do sujeito ou do objeto direto pronominais, quando referencializados por marca flexional na estrutura verbal; logo, é uma língua *pro-drop* [...]”

p. 256: “Dado o caráter *não-configuracional* do Kanoê, nas sentenças declarativas, afirmativas ou negativas, quaisquer argumentos pré-verbais, isto é, sintagmas nominais nas funções de sujeito, de objeto direto ou indireto, eventualmente podem ocorrer pospostos ao verbo [...]”

p. 234-235: “Argumento periférico como complemento recipiente

Em Kanoê, SNs nominais ou pronominais como argumentos periféricos como um terceiro participante de um evento, cujo papel semântico é o de *recipiente*, são encontráveis em orações, no mínimo, trivalentes. A posição desse argumento é, com alta frequência, imediatamente após a do objeto direto e antes da estrutura verbal, como em (36). Entretanto, como em Kanoê há certa tendência à mobilidade sintática, esse argumento pode ocorrer também imediatamente depois do sujeito e antes do objeto direto, como em (37), ou ainda pós-verbal, como em (38):

(14)[36] *aj namu oj pe-Ø-tso õ-e-re*
 1SG remédio 3SG dar-3-dedo 1-DECL-AUX

‘Eu estou dando remédio a ele.’

- (15)[37] *oj* *ña* *kani* *i-ta* *pe-Ø-tso-e-re*
 3SG POSS1SG criança RN-pele dar-3-dedo-DECL-AUX
 ‘Ele deu roupa a meu filho.’

- (16)[38] *aj* *u-ro-e* *pe-Ø-tso* *õ-e-re* *ña* *kani*
 1SG comer-CLV-NLZ dar-1-dedo 1-DECL-AUX POSS1SG criança
 ‘Eu estou dando comida a meu filho.’ ”

8.

Resposta: Sim. De acordo com Bacelar (2004, p. 187), a raiz *vara-* ‘falar’ pode funcionar como verbo transitivo ou intransitivo. Conforme mencionado na resposta à questão 5, o autor afirma que essa raiz também pode atuar como verbo causativo e exemplifica com o dado (5) [273], na seção dedicada às orações argumentais com função causativa (p. 267-268). Neste sentido, é possível analisar o exemplo (5) [273] como uma causativa de transitivo formada a partir do verbo *vara* ‘falar’.

p. 187: “Para exemplificar, tome-se o paradigma de {*vara-*} “falar”, realizando-se ora como intransitiva, ora como transitiva.”

p. 185: “

- (17)[108] *aj* *vara-õ-ro* *õ-e-re*
 1SG falar-1-CLV 1-DECL-AUX
 ‘Eu falo.’
 (Lit.: ‘Eu estou falando.’) ”

p. 165: “

- (18)[636] *akutsũ* *vara-Ø-ro-e* *ara* *k-e-re*
 Akuntsum falar-3-CLV-DECL pouco NEG-DECL-AUX
 ‘Os Akuntsum falam muito.’ ”

p. 210: “

- (19)[276] *aj* *vara-õ-tsi* *õ-e-re* *portuges*
 1SG falar-1-CLG 1-DECL-AUX português
 ‘Eu falo português.’ ”

p. 169: “

- (20)[9] *aj* *mi* *vara-õ-ro-pe-to* *õ-k-e-re*
 1SG 2SG falar-1-CLV-2-TRA 1-NEG-DECL-AUX
 ‘Eu não falo com você.’ (Lit.: ‘Eu não estou falando com você.’) ”

9.

Resposta: Não identificamos causativização com IN no Kanoê, embora exista IN nessa língua.

p. 205: “Incorporação nominal instrumental

Em Kanoê, existe ainda uma série de outros morfemas verbais sufixais, alguns dos quais parecem funcionar como classificadores verbais, cuja função seria a de especificar, delimitar ou restringir o conteúdo semântico da raiz.

Considerando que alguns desses morfemas verbais têm origem etimológica em raízes nominais relativas a partes do corpo humano com a quais determinadas ações são instrumentalizadas, não foram considerados classificadores verbais. Esses casos mais claros e específicos estão sendo interpretados e glosados pelo conteúdo semântico, a fim de evidenciar que se trata do fenômeno de incorporação nominal instrumental. Por exemplo, uma ação que implica o uso das mãos: {*pe-*} “dar” + (FP) + {*-tso*} ‘IN’ (“dedo, mão”) = *pe-(õ)-tso* “dar”.”

10.

Resposta: Não, a ordem é variável. Considerando que a causativa é formada por uma construção sintática, o constituinte que ocupa o lugar típico de acusativo é a oração que preenche a vaga de OD da causativa (Bacelar, 2004, p. 266). Essa segunda oração veicula a semântica de efeito da causativa e, nos dados identificados, reproduz a ordem mais frequente da transitiva básica (SOV). Esclarecemos que, no exemplo (5) [273], o OD da oração de causa seria formado não pela oração de efeito, mas pelo morfema *-õ* ‘1P’.

11.

Resposta: Não identificamos restrições na formação das causativas de transitivos. Semanticamente, os participantes causador e causado apresentam traço [+HUMANO] nos dados consultados, e o causado ocorre na 1ª e na 3ª pessoas do discurso.

12.

Resposta: Não identificamos referência a aspectos cognitivos em Bacelar (2004).

13.

Resposta: Os verbos responsáveis pela causatividade são *va* ‘mandar’ e *vara* ‘falar’, conforme (2) [271] e (5) [273], respectivamente. Embora Bacelar (2004, p. 267) afirme que outros verbos

podem atuar como causativos, a exemplo de *po* ‘fazer’, não identificamos causativas de transitivos formadas a partir de mais verbos nos dados disponíveis.

14.

Resposta: Sim. Entendemos que o verbo *va* ‘mandar’ é exclusivamente causativo porque não identificamos ocorrências de usos não causativos com esse verbo e porque Bacelar (2004, p. 267) descreve a raiz *va-* como “inerentemente causativa”.

15.

Resposta: Não identificamos distinção entre causativa mono-oracional e bi-oracional no Kanoê. Ao analisar a estrutura argumental dos verbos causativos em (1) [270], (2) [271] e (5) [273], constatamos que as vagas de sujeito são ocupadas pelos constituintes *aj* ‘eu’, *ojo papa* ‘pai dele’ e *ña mũj* ‘minha mãe’, respectivamente. Bacelar (2004, p. 266) afirma que a construção original passa a exercer a função de OD da causativa. Assim, a posição de OD é preenchida por outra oração, a qual possui sua própria estrutura argumental saturada (SOV), embora em (1) [270] o sujeito seja recuperado aparentemente por anáfora zero. No entanto, com base nos dados (1) [270] e (5) [273], é possível considerar que o causado assume a função de objeto da oração de causa, sendo *ña kani* ‘meu filho’ em (1) [270] e *-õ* ‘1P’ em (5) [273]. Uma vez que cada verbo funciona como uma unidade sintática separada, indicando a baixa fusão estrutural entre eles, entendemos que as causativas com os verbos *va* ‘mandar’ e *vara* ‘falar’ são bi-oracionais.

Se compararmos as causativas entre si, é possível considerar que, em (1) [270], a estrutura de efeito formada com *po* ‘capturar’ apresenta um verbo menos finito e, aparentemente, menos oracional. Embora a oração subordinada seja analisada como um tipo de oração nominalizada, Bacelar e Voort (2023, p. 711-712) afirmam que ela pode ser internamente complexa, contendo nominais sujeito e objeto, como ocorre em (1) [270], com o objeto *kwinĩ* ‘peixe’. Assim, por ser menos finita, essa construção nos parece mais integrada do que as demais. Em sentido oposto, o exemplo (5) [273] revela orações menos integradas, pois, apesar de a predicação do verbo de causa prever a ação realizada na oração de efeito, essas duas orações são formalmente plenas, cada uma possuindo sua própria estrutura argumental saturada, de modo que a vaga de OD da causativa é preenchida pela flexão de 1ª pessoa *-õ*. Esse tipo de causativa nos parece pouco prototípico e talvez se possa propor que o causado dispõe de mais autonomia de ação nesse contexto. Assim, quanto à integração das orações em cada construção causativa,

proporíamos a seguinte gradação, partindo da mais integrada para a menos integrada: (1) [270] – (2) [271] – (5) [273].

p. 711-712 (Bacelar e Voort, 2023): “Kanoé has only one type of complement clause: a subordinate clause that functions as a direct object of the main clause verb. This is a type of nominalized clause that acts as a complement to verbs of cognition (e.g., *jě* ‘know (have knowledge of)’, *patěnu* ‘know (be acquainted with, recognize)’), predicates referring to volition (e.g., *ja* ‘want’), and predicates expressing commands or causation (e.g., *va* ‘order’). The construction does not involve a conjunction, and the subordinate clause always occurs after the main verb. Complement clauses are nominalized but may be internally complex and contain overt object and subject nouns, as in (232) through (235). [...]

(21)[234] *aj* *ña* *kani* *va-ō-ro* *e-re* (*kwinĩ* *po-n-e*)
 1SG.PRO POSS.1SG child order-1-AG DECL-AUX fish capture-3-NMLZ
 ‘I told my child (to fish).’

(22)[235] *oyo* *papa* *va-ro* *e-re* *oj* *mapi-ka* *po-ro-e*
 POSS.3SG father order-AG DECL-AUX 3SG.PRO bow-clf:hard make-AG-NMLZ
 ‘His father told him to make a bow.’ ”

16.

Resposta: Não identificamos pares com verbos lexicais transitivos no Kanoê.

17.

Resposta: Não identificamos causativa lexical.

18.

Resposta: Conforme Bacelar (2004, p. 267), o causado assume a função de sujeito da oração que veicula a semântica de efeito. Todavia, em nosso ponto de vista, é possível afirmar que a função do causado varia nas causativas. Em (1) [270], o causado parece atuar também como OD da primeira oração, uma vez que está inserido na estrutura de causa, cuja ordem é SOV. Nessa construção, o causado controla uma possível anáfora zero do sujeito da oração de efeito, pois ele é quem realiza a captura do peixe. Em (5) [273], mais uma vez o causado parece exercer duas funções, sendo objeto do verbo *vara* ‘falar’, marcado pelo sufixo *-ō* ‘1P’, e sujeito de *tsa* ‘buscar’, manifestado pelo pronome *aj* ‘1SG’. Em (2) [271], não dispomos de elementos para afirmar que o causado exerça outra função além da de sujeito da oração de efeito.

p. 267: “Orações argumentais com função causativa

As construções causativas são compostas por duas orações nucleadas por verbos causativos, bivalentes na primeira oração. O predicado dessa oração exige um sujeito agente de uma ação causativa, que recai sobre o sujeito da segunda, implicando uma oração argumental infinitiva.”

19.

Resposta: Considerando que o mecanismo usado no Kanoê para formar causativas é o sintático, a inclusão da oração com os verbos *va* ‘mandar’ e *vara* ‘falar’ parece não alterar as propriedades de sujeito do causado, uma vez que ele preserva a função sintática de sujeito do verbo não causativo. Em (1) [270], o causado aparenta exercer essa função via anáfora zero, sendo correferencial com o OD da oração de causa.

Conforme registrado na resposta à questão 18, em (1) [270] e (5) [273], o causado parece assumir a função adicional de OD da oração de causa. Como o causador e o causado exercem funções em orações distintas, não identificamos o compartilhamento das propriedades de sujeito na mesma oração.

20.

Resposta: A marcação do causado, seja a ordem, sejam os pronomes pessoais, também ocorre com outros constituintes. Quanto à ordem, a posição do causado varia em relação ao verbo causativo, podendo ser pré ou pós-verbal. Nas construções não derivadas, os argumentos nominais também podem ocorrer antes ou depois do verbo (Bacelar, 2004, p. 256). Quanto aos pronomes, o causado recebe as mesmas marcas de pessoa que outros constituintes nominais em orações causativas e não causativas, a exemplo de *oj* ‘3SG’ em (2) [271].

21.

Resposta: Não identificamos marcação morfológica distinta da função do causado.

22.

Resposta: Não identificamos construções com ambos o causado e o paciente codificados como objeto. Embora os dados apresentem as codificações de objeto, cada objeto ocorre em uma oração separada. Na oração que veicula o efeito da causativa, entendemos que o causado atua como sujeito, e o paciente, como OD.

p. 234: “Em predicados multiargumentais, um argumento na função sintática de objeto direto, preenchido por um sintagma nominal a cujo núcleo se atribui papel semântico *dativo*, *recipiente*, *alvo* ou ainda *benefactivo*, em geral não apresenta marca morfológica que o evidencie como tal. Também nesses casos, o argumento objetivo de distingue dos argumentos periféricos marcados por {-ni} ‘OBL’.”

23.

Resposta: Não. Tendo em vista que o mecanismo usado para formar causativas é o sintático, o causado mantém a função de sujeito da construção original, não sendo demovido para outra função. Bacelar (2004, p. 266) informa que a construção original passa a exercer a função de OD da causativa. Em análise distinta, se considerarmos que o causado assume a função adicional de objeto da primeira oração em (1) [270] e (5) [273], seria possível afirmar que ele segue a hierarquia, assumindo a posição livre mais alta disponível na estrutura de causa. Não identificamos causativa de transitivo formada a partir do verbo *po* ‘fazer’ nos dados disponíveis.

24.

Resposta: Sim. Considerando que o mecanismo usado no Kanoê para formar causativas é o sintático, a função de sujeito é identificada pela referência cruzada no verbo e também pode ser marcada pelo classificador verbal *-ro*, a exemplo de (2) [271]. Quanto à função de objeto, os nomes marcados por classificador nominal ou os pronomes livres são correferenciados no verbo (cf. (20) [9], com os morfemas *-pe* e *-to* indicando o paciente).

p. 168: “[...] concordância entre SN-sujeito e marcas flexionais na estrutura do SV

a) nomes e pronomes pessoais livres, na função de núcleo de *sujeito*, concordam por referência cruzada com pronominais flexionais presos, prefixais ou sufixais, na estrutura predicativa [...]”

p. 168-169: “[...] concordância entre SN-objeto direto e SV

[...] nomes marcados por classificador nominal específico são co-referentes ao mesmo classificador, que, incorporado na estrutura do sintagma verbal, estabelece uma relação de concordância transparente.

[...] pronomes pessoais livres concordam com a respectiva marca de flexão pessoal na estrutura verbal.”

p. 169: “Além desses dois níveis de concordância, à função de sujeito pode corresponder o classificador verbal {-ro}, dependendo da natureza e da valência da raiz, tornando o sistema ainda mais denso.”

25.

Resposta: Sim, o causado pode ser omitido. Em (1) [270], é possível interpretar que ele aparece expresso como objeto da oração de causa, mas que está omitido como sujeito da oração de efeito. Assim, ele seria identificado por uma anáfora zero que retoma o objeto da primeira oração, porém na função de sujeito. A omissão não altera a valência sintática.

p. 233: “Acrescente-se ainda que sujeito e objeto pronominais podem ser omitidos simultaneamente, se os mesmos já aparecem referencializados por meio de flexão pessoal e incorporação nominal na constituição morfológica do verbo. Esse fenômeno pode ser observado na comparação entre (26), abaixo, na qual tanto o sujeito-agente quanto o objeto-paciente aparecem redundantemente referencializados na construção verbal, e (27) e (28), nas quais os mesmos foram apagados em suas respectivas posições argumentais, visto que continuam incorporados na estrutura verbal:

(23)[26] *aj* *ña* *i-ña* *kotso-ve-ña* *õ-e-re*
 1SG POSS1SG RN-rosto lavar-CLV-rosto 1-DECL-AUX
 ‘Eu lavo meu rosto.’

(24)[27] *aj* *kotso-ve-ña-õ-e-re* *taja-ña* *õ-e-re*
 1SG lavar-CLV-rosto-1-DECL-AUX enxugar-rosto 1-DECL-AUX
 ‘Eu lavo e enxugo meu rosto.’

(25)[28] *kotso-ve-ña* *õ-e-re* *taja-ña* *õ-e-re*
 lavar-CLV-rosto 1-DECL-AUX enxugar-rosto 1-DECL-AUX
 ‘Lavo e enxugo meu rosto.’ ”

p. 187: “Nas orações transitivas, se os nomes ou pronomes na função de sujeito e objeto podem ser potencialmente agentes da ação verbal, a pressão estrutural da ordem básica de constituintes na ocorrência da flexão pessoal permite que {-ro} seja omitido, desde que a flexão pessoal referente ao sujeito-agente seja mantida. Por sua vez, a flexão pessoal relativa ao objeto pode ser omitida, mas {-to} obrigatoriamente permanece.”

26.

Resposta: Não identificamos relativização do causado no Kanoê.

27.

Resposta: Como informado nas questões 4 e 11, os verbos causativizados com a inclusão dos verbos *va* ‘mandar’ e *vara* ‘falar’ são transitivos ativos, e o causado apresenta traço [+HUMANO]. Com base nessas informações e nos dados disponíveis, constatamos que o causado é animado e expressa também o papel semântico de agente.

28.

Resposta: Considerando que os dados mostram a capacidade do causado de executar ordens e que a estrutura bi-oracional das construções parece indicar a baixa integração entre os eventos, deduzimos que o causado está no controle da atividade. Os dados disponíveis não permitem concluir se o causado as exerce com volição.

29.

Resposta: Seguindo a análise de Bacelar (2004, p. 266), de que a construção original passa a exercer a função de OD da causativa, não há mais de um tipo de causado nas causativas de transitivos do Kanoê. No entanto, se considerarmos que, em (1) [270], o causado está inserido na estrutura de causa, na posição de OD, e parece ser recuperado na oração de efeito por anáfora zero, seria possível afirmar que ele é mais integrado conceitualmente à sentença. No outro extremo, estaria o causado de (5) [273], que é marcado como -õ ‘1P’ na oração de causa, mas não exerce controle de correferência, de maneira que o sujeito da oração de efeito também precisa se manifestar, e ocorre como *aj* ‘1SG’. Assim, esse causado nos parece o menos integrado nos dados identificados (cf. resposta à questão 15).

30.

Resposta: Com base nos dados disponíveis, nos quais o causador age por meio de comandos, deduzimos que ele atua indiretamente sobre o causado.

31.

Resposta: Com base nos dados disponíveis, nos quais o causador age por meio de comandos, deduzimos que ele atua intencionalmente.

32.

Resposta: Com base nos dados disponíveis, nos quais o causador age por meio de comandos, deduzimos que ele inicia o processo naturalmente.

33.

Resposta: Com base nos dados disponíveis, nos quais o causador atua por meio de comandos e não há indícios de sua participação nas atividades, deduzimos que o causador não está envolvido.

34.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se há graus de topicalidade ou foco relacionados ao causado ou ao paciente na causativa de transitivo. Informamos que as posições de sujeito e de objeto podem ser focalizadas nas construções não causativas.

p. 141-142: “Por ênfase, como uma das propriedades discursivas da língua, os pronomes pessoais, na função argumental de *sujeito*, podem vir ocasional e redundantemente repetidos no final de uma oração simples, o que configura um caso de focalização. Neste trabalho, essa anáfora do sujeito pronominal foi rotulada como “sujeito enfático”. Esse fenômeno foi registrado, com maior frequência, nos dados elicitados junto aos “Kanoê isolados do Omeré” e, com menor frequência, nos dados fornecidos por MK e TK. Exemplos:

(26)[469] *aj mo-õ-kỹj ã-e-re ãa munaw-ni aj*
 1SG dormir-1-olho 1-DECL-AUX POSS1SG rede-OBL 1SG
 ‘Eu durmo na minha rede.’

(27)[470] *aj kuni itæ ã-e-re aj*
 1SG água beber 1-DECL-AUX 1SG
 ‘Eu bebo água.’

(28)[471] *mi tsero itæ mi-e-re mi*
 2SG chicha beber 2-DECL-AUX 2SG
 ‘Você bebe chicha.’ ”

p. 253: “Focalização de SN na função objeto direto

Nas sentenças transitivas, afirmativas ou negativas, um sintagma nominal na função de objeto direto pode eventualmente ser deslocado para a posição focal, na cabeça da sentença, embora isso ocorra com baixa frequência. Exemplos:

(29)[169] *mũtyry-ko-mu aj itæ e-re*
 açai-CLE.coco-CLE.líqu 1SG beber DECL-AUX
 ‘Eu tomei vinho de açai.’ ”

‘O menino está deitado.’

Nota-se que em (210) a raiz {*pe-*} “deitar”, como transitiva, exige {-*to*}. Logo, há aumento de valência e a estrutura verbal requer um sujeito-agente e “mulher” e um objeto-paciente *kani* “criança”. Em (211), nota-se um sujeito-paciente e a natureza estativa do predicado.”

38.

Resposta: Não identificamos causativas de transitivos combinadas com outras vozes ou mecanismos de mudança de valência.

39.

Resposta: Não identificamos o percurso diacrônico nem a origem do verbo causativo *va* ‘mandar’ ou do verbo *vara* ‘falar’. Em relação a *po* ‘fazer’, embora Bacelar (2004, p. 267) informe que o verbo é eventualmente causativo, não identificamos dados com causativas de transitivos formadas a partir desse verbo. O fato de ser “eventualmente causativo” nos permite concluir que existem dois usos de *po* ‘fazer’ no Kanoê: um lexical e outro gramaticalizado na função causativa. Registramos que a forma *po* também atua como o verbo “comer”, o que converge com as evidências tipológicas, uma vez que a semântica ingestiva é recorrente em construções causativas de transitivos. Na mesma linha, a gramaticalização de verbos com o significado de “fazer” está entre as origens tipológicas das marcas causativas.

Por fim, observamos que o uso do verbo “falar” como causativo foi identificado em outras línguas de nossa pesquisa, como o Wari’ (Chapakura) e o Katukína (Katukína).

40.

Resposta: Não identificamos mudanças diacrônicas na marcação de caso do causado de verbo transitivo.

41.

Resposta: O causador é referido como o “sujeito agente de uma ação causativa” (p. 267). O causado é tratado como o “sujeito da oração argumental infinitiva” (p. 267). A oração encaixada que preenche a vaga do paciente na causativa é considerada uma “oração argumental” com a função de “objeto direto” (p. 266). E a oração principal, que “exerce uma função causativa”,

também é chamada de “oração argumental” (p. 266). Os termos não são explicitamente definidos.

42.

Resposta: Não identificamos terminologia particular em Bacelar (2004).

Katukína (Katukína)

Obras pesquisadas¹: Queixalós (2010, 2014, no prelo), Dos Anjos (2011)

1.

Resposta: O mecanismo formal que o Katukína usa é o sintático, por meio dos verbos *man* ‘fazer, dizer, pegar/obter’ e *nobuk/babu* ‘dar uma ordem, mandar’ (sendo *nobuk* o verbo usado no dialeto Kanamarí e *babu* no dialeto Biá).

Registramos que, para formar causativas a partir de verbos intransitivos, a língua usa o mecanismo morfológico, com os sufixos *-tiki* e *-man*.

p. 4 (Queixalós, 2014): “*Kat causatives*

The semantics of causation is still a matter of prospect in Kat [Katukina-Kanamari]. Two construction types—synthetic-morphological and analytic-syntactic—are at work, either contrasting or in complementary distribution.”

p. 5-6 (Queixalós, 2014): “The verb *man* is found in divalent clause causation—which somehow confirms the semantic cline of the suffix toward indirect causation. The reader shall remember that Kat [Katukina-Kanamari] has no trivalent verbs. The construction is totally different, since we get a two-clause sentence: the matrix, headed by the causative verb whose ergative argument slot is filled with the increment [the new participant], and the causativized clause, appearing as a completive in the matrix absolutive argument position and headed by the original divalent verb with two full-fledged arguments. (Note the dependence suffix *-nin* on the causativized-subordinated verb, which makes the difference between *man* causative verb vs. *-man* causative suffix.)

- (1) [19] *ma-man-na* *wiri* *a-toman-nin*
 3PLURAL-make-DIRECTIONAL wild.pig 3SINGULAR-shoot-DEPENDENCE
 ‘they sent him over there to shoot wild pigs’

The causee undergoes no raising to the matrix absolutive position: as (19) shows, this participant is realized inside the causativized clause verb phrase (personal prefix).”

p. 241 (Queixalós, 2010): “

- (2) [26]^{ITQ} *anyan* *hinuk* [*ma-toman*] *wiri*
 3SINGULAR group 3PLURAL-shoot peccary
 ‘These people, they shot a peccary’ ”

¹ CAUS: Causativo; CAUSTV: Causativo; CTRP: Centrípeto; DEP: Sufixo de dependência; ERG: Ergativo; FOC: Foco; MKCASE: Caso marcado (*marked case*); RGN: Nome genérico relacional (*Relational Generic Noun*); SNG: Singular; SUBD: Subordinador; 1: Primeira pessoa; 2: Segunda pessoa; 3: Terceira pessoa.

p. 237 (Queixalós, 2010): “^{ITQ} and ^{BIA} stand for rivers Itaquai and Bia respectively, but are intended to make explicit the dialectal origins of the data, the Itaquai being the place where most of Kanamari data were collected.”

p. 6 (Queixalós, 2014): “Another verb, *nobuk/babu*¹⁴ ‘give an order,’ forms biclausal causatives with monovalent and divalent verbs. Two peculiarities are worth noticing: 1) in spite of its semantics as a full verb, which entails a sentient semantic goal, as a causative verb it can co-occur with inanimate causees—compare (20) and (21)—and 2) when causativizing a divalent verb, its complement clause can feature either the ergative configuration (22) or the accusative one (24). Moreover, the latter does not seem to retain the genericity restriction on the accusative patient [...] [Generic patients trigger the accusative clause, where the former appear within the verb phrase, and the agent, external, follows the verb (p. 3)].

¹⁴ Respectively Kanamari/Bia Katukina dialect.

- (3) [20] *Ba:da-na=* *babu* *Ayobi* *dadyoran-nin*
 Bada-ERGATIVE= order Ayobi enter-DEPENDENCE
 ‘Bada invited Ayobi to come in’
- (4) [21] *Kopa-na=* *babu* *oman* *dawuhan-nin*
 Kopa-ERGATIVE= order tree fall-DEPENDENCE
 ‘Kopa fell the tree’
- (5) [22] *Tamakori-na=* *babu* *Tokaniri-na=* *hak-nin* *don*
 Tamakori-ERGATIVE= order Tokaniri-ERGATIVE= spear-DEPENDENCE fish
 ‘Tamakori sent Tokaniri spear some fish’
- (6) [23] *Kontan-nav* *babu* *wiri* *tohman* *Kopa*
 Owi-ERGATIVE= order wild.pig shoot Kopa
 ‘Owi sent Kopa shoot wild pigs’
- (7) [24] *a-nobuk* *opatyin* *wa:pa* *bubu-nin*
 3SINGULAR-order child dog beat-DEPENDENCE
 ‘he sent the child beat the dog’

It is worth noticing that the causee noun phrase in (22) is case marked for ergative, corroborating what was said above—near (19)—about the lack of raising in biclausal causatives.

All these causatives have in common that they create a two-place (main) clause where the increment enters the scene at the ergative argument’s position, which entails (1) *realization inside the verb phrase*, and (2) either case morphology—ergative—if the increment surfaces as a noun phrase, or verb morphology if it surfaces pronominally.”

p. 263 (Queixalós, 2010): “

- (8) [114]^{ITQ} *i-hak* *Nodia*

1 SINGULAR-stab Nodia
 ‘I stabbed Nodia’ ”

p. 149 (Dos Anjos, 2011): “

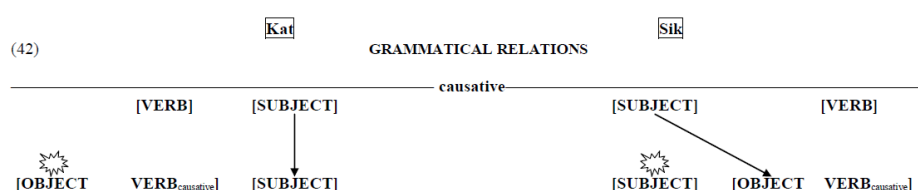
(9) [233] *ha-bubu* *wa:pa*
 3SNG-bater cachorro
 ‘Ele bateu no cachorro’ ”

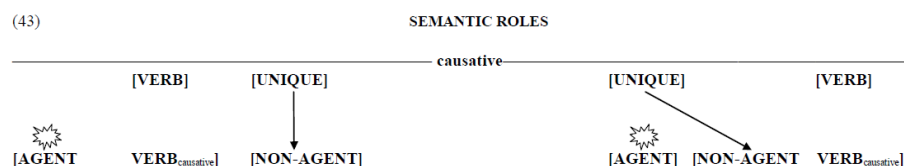
p. 10 (Queixalós, 2014): “Turning now to building a common basis for terminology, my proposal is the following:

- as for semantic roles, *agent/non-agent*
- as for case, *unmarked/marked* for the argument coded respectively, like/unlike the single argument of monovalent verbs (thus, “unmarked” equals Kat “absolutive” and Sik “nominative,” and “marked” equals Kat “ergative” and Sik “accusative”)
- as for constituency, *internal/external* for the argument realized, respectively, inside/outside the verb phrase
- as for grammatical relations, *subject* for the argument capturing the same privileges—in terms of behavior and control—than the single argument of monovalent verbs / *object* for the other argument.”

p. 11 (Queixalós, 2014): “Now, coming to valence changes, in Kat the incremental argument of causatives lands at the agent-marked-internal-object position, whereas in Sik it lands at the agent-unmarked-external-subject position. Obviously, the common denominator between both languages is the semantic role that typically fills the landing position: that of the agent.”

p. 11-12 (Queixalós, 2014): “The following table offers a synopsis of the previous paragraphs. Arrows stand for participant migrations between argument positions, and small “spurts” show the locations where the increment [the new participant] materializes. We can compare what the renegotiation of positions looks like when expressed in terms of grammatical relations (42) vs. in terms of semantic roles (43)²³. Since the strategy for causativizing divalent verbs diverges for both languages (Kat generates a two-clause sentence, Sik a one-clause sentence), the table is restricted to valence changes underwent by monovalent verbs, in order to keep it visually neat. Notwithstanding, the same mechanics prevails in both languages for applicatives on divalent verbs, provided that we replace ‘unique’ by ‘agent.’





²³ No particular semantic role is labelled for the unique argument of monovalent verbs (UNIQUE in the table).”

p. 4 (Queixalós, 2014): “As is common, in terms of semantic roles, both Kat [Katukina-Kanamari] and Sik [Sikuani] introduce an agent as the initiator of the state of affairs depicted by the non-causative clause. Now the effects on the morphosyntactic structure are in stark contrast [...]”

p. 11 (Queixalós, 2014): “Obviously, Kat and Sik have the same argument structure, except for the semantic role correlates of arguments, which show a neat inversion. (In my opinion, the basic difference between ergativity and accusativity boils down to that, plus, on the ergativity side, a significant amount of heterogeneity—most of it made intelligible by diachrony.)”

p. 11 (Queixalós, 2014): “What has just been said entails that a typological definition of causatives and applicatives cannot accommodate these two languages unless it is laid in terms of semantic roles. Should we want to put it in terms of a formal structure of the type “in causatives the increment lands at the subject position, in applicatives the increment lands at the object position,” we would have to face the fact that (17), which translates to “Yowai’s mother made him run,” is an applicative, and (35), which translates to “I am going to cook fish for you,” is a causative.”

p. 269-270 (Queixalós, 2010): “In analytic two-clause constructions, the main clause is also of the ergative type, headed in the Kanamari dialect by the full verb *man* ‘make, get, say’ or (less frequently) *nobu* ‘give an order’, and in the Bia dialect by *ba:bu*, ‘make do, give an order’. The causer enters the agent slot of the main clause and the patient slot of the main clause is filled by the caused event together with its participants. Compare synthetic and analytic causation in (151–152). So far, we lack evidence of any difference in content. In (153), we see that manipulation is not an intrinsic semantic function of analytical causation. For divalent verbs, analytical causation is obligatory (154). As before, derived constructions which would create trivalent clauses are avoided.

(10)[151]^{BIA} *Raymunda na=dyan-ti:ki Kopa*
 Raymunda MKCASE=go.hunting-CAUSATIVE Kopa
 ‘Raymunda sent Kopa to go hunting’

(11)[152]^{BIA} *Raymunda na=babu Kopa dyan-nin*

Raymunda MKCASE=make.do Kopa go.hunting-DEPENDENCE
 ‘Raimunda sent Kopa to go hunting’

(12)[153]^{BIA} *Kopa na=babu oman dawuhan-nin*
 Kopa MKCASE=make.do tree fall-DEPENDENCE
 ‘Kopa felled the tree’

(13)[154]^{ITQ} *ma₁-man-na wiri₃ a₂-toman-nin*
 3PLURAL-make-DIRECTIONAL wild.pig 3singular-shoot-DEPENDENCE
 ‘They₁ sent him₂ to shoot wild pigs₃’ ”

p. 270 (Queixalós, 2010): “In this section, the crucial observation is that the syntactic position at which the irruptive causer occurs is the one reserved to the main clause agent, instantiated in (154) by the third person plural prefix *ma-* ‘they’. As mentioned above, the dependent clause contains the expression of the event, ‘shoot’, and all its participants, the causee-killer, third person singular prefix *a-*, and the killed, ‘pigs’.”

p. 271 (Queixalós, 2010): “Currently, processes that entail argument structure changes are accounted for in syntactic terms: subject, direct object, and so on (e.g. Keenan & Comrie’s hierarchies, 1977). If we recognize the ergative nature of Katukina syntax, then accessibility constraints in applicative, incorporation and causative constructions cannot be seen as purely form-dependent, since they clash with the syntactic hierarchy of arguments. In terms of these processes, what Katukina has in common with accusative languages is, in very simplified words: things happen either to agents or to non-agents, involving respectively the agent place and the non-agent place in the divalent clause. Thus, in a causative construction, the causer goes to an agent position (subject in the accusative syntax, object in the ergative syntax) [...]”

p. 262-263 (Queixalós, 2010): “Argument structure variations

It is generally assumed that derived constructions which affect argument structure are founded on — and hence reveal — the hierarchy of arguments in the basic construction they derive from. In this section we consider first the reflexive construction, which is neutral with respect to alignment, then proceed to argue that applicative, noun incorporation and, to a lesser extent, causative constructions can be considered as three clearly accusative-oriented phenomena, weakening the overall ergative pattern of the language.”

p. 275 (Queixalós, 2010): “Some evidence of the accusative clause as the soil on which variation mechanisms took place comes from two different sources. (i) Causation is still possible on the contemporary accusative clause when its patient bears generic reference, as in (158)⁶⁰ morphologically causativizing a monovalent, and (159) analytically causativizing a divalent clause.

(14)[158]^{BIA} *nayo tahi piaya-ti:ki*
 mother water be.hot-CAUSATIVE
 ‘Mother heated water’

(15)[159]^{ITQ} *tyo-nobu niama koya bu-nin*
 1PLURAL-order then pap do-DEPENDENCE
 ‘We then sent her to make pap’

60. Note this instance of agent movement from post-verbal to initial position.”

p. 355-356 (Dos Anjos, 2011): “Incremenciais

Nesta sub-seção trataremos dos mecanismos que modificam a estrutura argumental da oração provocando o acréscimo da valência. Chamaremos esses processos de incremenciais. Os processos incremenciais estão divididos em dois sub-grupos: morfológicos e lexicais. [...]

O processo morfológico no qual se utiliza sufixos têm por função básica produzir uma construção causativa. Para tanto, esses sufixos, primeiramente, incrementam a valência verbal fazendo com que o causador do evento assuma a posição de argumento interno na oração de padrão ergativo. Chamaremos esse mecanismo de causativo sintético.

No sub-grupo dos processos lexicais, ou seja, aqueles em que uma palavra lexical é utilizada para aumentar a valência verbal, identificamos verbos que geram uma construção causativa na qual ocorre um rearranjo na estrutura oracional possibilitando que o evento juntamente com seus participantes sejam expressos como um constituinte que possui as propriedades de argumento externo. Chamaremos esse mecanismo de causativo analítico¹³¹.

¹³¹ Consideramos as construções causativas de tipo analítico como um subtipo semântico de oração subordinada completiva. Por essa razão, as causativas serão tratadas na seção 8.1.3 Nível do núcleo oracional.”

p. 371-375 (Dos Anjos, 2011): “[...] na construção causativa analítica há um rearranjo na estrutura oracional na qual os verbos *man* e *babu* são utilizados para gerar uma construção causativa de tipo analítico.

A construção causativa analítica, obrigatória para verbos divalentes, é formada por duas orações: um principal e uma subordinada. A oração principal, que apresenta padrão de tipo ergativo, tem como núcleo os verbos divalentes *man* “fazer, agir, falar” ou *babu* “mandar fazer, dar uma ordem”. A posição de argumento interno é ocupada pelo causador do evento expresso na oração subordinada. A oração subordinada é composta pelo verbo que expressa o evento causado (que é associado ao subordinador *-nin*=) bem como seus participantes. Essa segunda oração funciona como argumento externo da oração principal, ou seja, o conjunto formado pelo

verbo e os participantes envolvidos no evento ocupa a posição de argumento externo como podemos observar nos exemplos que seguem:

Construção básica divalente:

- (16)[682] *pi:da-na= hi:k no:ru*
 onça-ERG ver macaco zogue-zogue
 ‘A onça viu o macaco zogue-zogue’

Construção causativa analítica: *man*

- (17)[683] *pi:da-na= man no:ru dado:hi-nin*
 onça-ERG fazer macaco zogue-zogue correr, fugir-SUBD
 ‘A onça fez o macaco zogue-zogue correr’

Construção básica divalente:

- (18)[684] *Kopa-na= toman mok*
 Kopa-ERG atirar anta
 ‘Kopa atirou na anta’

Construção causativa analítica: *babu*

- (19)[685] *Raimunda-na= babu Kopa mok toman-nin*
 Raimunda-ERG mandar Kopa anta atirar-SUBD
 ‘Raimunda mandou Kopa atirar em anta’

Na construção causativa analítica¹³⁵ apresentada no exemplo (683), o participante causador do evento, isto é, *pi:da* “onça” ocupa a posição de argumento interno do núcleo verbal *man* “fazer”. O argumento interno e seu núcleo formam a oração principal que encabeça a construção causativa. Enquanto que o evento causado por *pi:da* é expresso pelo verbo *dado:hi* “correr, fugir” que juntamente com o participante causado *Kopa* formam a oração subordinada que funciona como argumento externo da oração principal.

¹³⁵ Consideramos que a construção causativa analítica é uma oração subordinada completiva.

No exemplo (685), o verbo *babu* “mandar” é o núcleo da oração principal. O argumento interno desse verbo, isto é, o causador, é o participante expresso pelo sintagma nominal *Raimunda* que assim como *pi:da* no exemplo (683) é marcado com o caso gramatical ergativo por meio do clítico *-na=*. O evento do qual *Raimunda* é o participante causador é expresso pelo verbo *toman* “atirar” que juntamente com os participantes causados, isto é, *Kopa* e *mok* “anta” constituem a oração subordinada que ocupa a posição de argumento externo. O agente do verbo subordinado *toman* “atirar” é *Kopa*. Esse argumento é expresso na oração subordinada que por sua vez está na forma acusativa. *Kopa* é argumento interno e *mok* “anta” é externo e precede o verbo subordinado. *Mok* tem significado genérico. A construção de padrão ergativo confirma nossa análise de que o agente da construção subordinada é realizado dentro da mesma:

- (20)[685'] *Raimunda-na= babu Kopa-na= toman-nin mok*
 Raimunda-ERG mandar Kopa-ERG atirar-SUBD anta
 'Raimunda mandou Kopa atirar em anta'

Construção básica divalente:

- (21)[686a] *yok-babu Yako*
 1SNG-mandar Yako
 'Eu mandei Yako'

Construção causativa analítica: *babu*

- (22)[686b] *yok-babu Yako dyan-nin*
 1SNG-mandar Yako caçar-SUBD
 'Eu mandei o Yako pescar'

Situação semelhante àquela observada em (681b) é identificada em (686b). O verbo *babu* “mandar” seleciona dois argumentos para saturar sua valência. O argumento de tipo interno é expresso com o uso do prefixo de primeira pessoa singular *yok-* “eu” e o argumento de tipo externo é expresso pela oração completiva *Yako dyan* “Yako caça”. No exemplo (686b), o verbo *hi:k* “ver” seleciona dois argumentos. O primeiro deles, interno ao predicado, é expresso pelo sintagma nominal *Ba:da* que é marcado com o caso estrutural ergativo por meio do clítico *-na=*. O segundo argumento, que é externo, é expresso pela oração completiva *Tyapi donman* “Tyapi pesca”. A relação de dependência entre a oração principal e a oração completiva é indicada pelo sufixo subordinador *-nin* que é associado ao verbo da oração dependente, isto é, *donman* “pescar”.”

p. 362-363 (Dos Anjos, 2011): “Os sufixos causativos *-ti:ki* e *-man*¹³² têm por função produzir uma construção causativa sintética. Para que essa construção seja feita devemos associar *-ti:ki* ou *-man* ao verbo monovalente que funciona como núcleo da oração básica. Em consequência dessa associação, a valência verbal é incrementada e o causador do evento assume a posição de argumento interno na oração causativa. Essa construção apresenta padrão de tipo ergativo como podemos observar nos exemplos abaixo nos quais apresentamos, de forma respectiva, a oração verbal básica seguida pela oração causativa:

-ti:ki:

- (23)[664] *piya bara-hai*
 estar quente caça-carne
 'A carne de caça está quente'
- (24)[665] *idi:k-na= piya-ti:ki bara-hai*
 2SNG-ERG estar quente-CAUSTV caça-carne
 'Tu vais esquentar a carne de caça'

-man

(25) [666]^{KAN} *bak* *bara-hai*
 ser bom caça-carne
 ‘A carne de caça é boa’

(26) [667]^{KAN} *ha-obatyawa-na=* *bak-man* *bara-hai*
 3SNG-esposa-ERG ser bom-CAUSTV caça-carne
 ‘A esposa dele melhorou a carne de caça’

¹³² Esse sufixo foi identificado apenas no dialeto Kanamari. O sufixo *-man* é derivado do verbo pleno *man* “fazer, agir, dizer” (Queixalós:2010).”

2.

Resposta: A construção é causativizada diretamente.

3.

Resposta: Não identificamos causativa morfológica formada a partir de verbos transitivos no Katukína.

p. 270 (Queixalós, 2010): “For divalent verbs, analytical causation is obligatory (154). As before, derived constructions which would create trivalent clauses are avoided.”

p. 371 (Dos Anjos, 2011): “A construção causativa analítica, obrigatória para verbos divalentes, é formada por duas orações: um principal e uma subordinada.”

4.

Resposta: Não identificamos causatividade morfológica com verbos transitivos no Katukína. Registramos que também não identificamos exemplos de verbos transitivos denotando ação abstrata nas causativas formadas com *man* ‘fazer, dizer, pegar/obter’ e *nobuk/babu* ‘dar uma ordem, mandar’. Os dados mostram os verbos transitivos ativos “atirar” *toman*, “bater” *bubu*, “enfiar a lança” *hak* e “fazer” *bu*.

5.

Resposta: Além da diferença semântica entre *man* ‘fazer, dizer, pegar/obter’ e *nobuk/babu* ‘dar uma ordem, mandar’, não identificamos outras motivações para a escolha de um e de outro verbo.

Registramos que Queixalós (2010) não identifica diferenças de conteúdo em relação às causativas morfológica e sintática formadas com verbos intransitivos.

p. 269 (Queixalós, 2010): “In analytic two-clause constructions, the main clause is also of the ergative type, headed in the Kanamari dialect by the full verb *man* ‘make, get, say’ or (less frequently) *nobu* ‘give an order’, and in the Bia dialect by *ba:bu*, ‘make do, give an order’.”

p. 270 (Queixalós, 2010): “Compare synthetic and analytic causation in (151–152). So far, we lack evidence of any difference in content.”

p. 269 (Queixalós, 2010): “Causatives are achieved through two basic devices, one synthetic and the other analytic. The former appeals to two verb suffixes. The first, *-ti:ki*, allows direct causal as well as permissive meanings.

(27) [146]^{ITQ} *bak barahai*
 be.good game.meat
 ‘Game meat is good’

(28) [147]^{ITQ} *aobatyawa na=bak-ti:ki barahai*
 his.wife MKCASE=be.good-CAUSATIVE game.meat
 ‘His wife improved [seasoned] the meat’

(29) [148]^{ITQ} *aobatsawa na=tyuku-ti:ki Yowai*
 his.wife MKCASE=die-CAUSATIVE Yowai
 ‘Yowai’s wife let him die’ ”

p. 269 (Queixalós, 2010): “The second causative suffix, *-man*, is derived from the verb ‘make, get, say’, yielding a causative construction which in certain cases (e.g. 149) is parallel to (i.e. not discernibly different in meaning from) the *-ti:ki* causative of (147), whereas in others (e.g. 150), it conveys a manipulative causation. By virtue of either suffix, the verb increases its valence, the causee stays intact, and the causer enters the construction at the agent position in an ergative type clause.

(30) [149]^{ITQ} *aobatyawa na=bak-man barahai*
 his.wife MKCASE=be.good-causative game.meat
 ‘His wife improved [seasoned] the meat’

(31) [150]^{ITQ} *a-wa nyama na=dadohi-man Yowai*
 3SINGULAR-RGN mother MKCASE=run-CAUSATIVE Yowai
 ‘Yowai’s mother told him to run’ ”

Resposta: Não. De acordo com Queixalós (2014, p. 5), não existem verbos trivalentes no Katukína.

p. 5 (Queixalós, 2014): “The reader shall remember that Kat has no trivalent verbs.”

7.

Resposta: Não foram identificadas construções trivalentes no Katukína (Queixalós, 2014, p. 5). Como a causativa é formada por uma construção sintática, sendo ela própria transitiva, sua semelhança se dá com a transitiva não derivada.

Além de as codificações dos participantes das causativas e das transitivas serem iguais, a exemplo da marca ergativa *-na*, do pronome de 3ª pessoa plural *ma-* ou da ausência de marcação no paciente da oração subordinada, a ordem das causativas tende a seguir o padrão de verbo inicial das transitivas (O-V A ou Agente-V Paciente), como em (2) [26], (8) [114], (9) [233] e (21) [686a], ou de agente inicial (O V A ou Agente V Paciente), como em (16) [682] e (18) [684].

As causativas que seguem a tendência de verbo inicial são (1) [19] (O-V A Causado-V), (15) [159] (O-V O V) e (7) [24] (O-V Causado O V). As demais são iniciadas pelo agente ergativo seguido pelo verbo, conforme o outro modelo das transitivas. Os dados (5) [22] e (20) [685'] revelam a ordem O V Causado V A, e ambos pertencem ao dialeto Biá. O exemplo (19) [685] (Biá) apresenta a oração dependente com alinhamento acusativo e o verbo causativizado em posição final (O V Causado O V), de forma semelhante ao que ocorre em (7) [24], porém neste o verbo é inicial. No dado (6) [23] (Biá), o causado ocorre em posição final (O V O V Causado), em alinhamento aparentemente acusativo.

Como a causativa é formada por uma construção sintática, seu argumento externo (sujeito) é expresso por outra oração. A esse respeito, registramos o contraste identificado por Queixalós (2014) entre a tipologia linguística e o Katukína, pois o causador não assume a função de sujeito, como ocorreria translinguisticamente.

p. 5 (Queixalós, 2014): “The reader shall remember that Kat has no trivalent verbs.”

p. 241 (Queixalós, 2010): “Constituency explains the rigid preverbal position of the agent — or internal — noun phrase in divalent clauses, as well as the possibility of movement for the absolutive — or external — noun phrase of both divalent and monovalent clauses.”¹⁰

10. With, I presume, little but not null pragmatic effect.”

p. 275 (Queixalós, 2010): “Some evidence of the accusative clause as the soil on which variation mechanisms took place comes from two different sources. (i) Causation is still possible on the contemporary accusative clause when its patient bears generic reference, as in (158) morphologically causativizing a monovalent, and (159) analytically causativizing a divalent clause.”

p. 15 (Queixalós, no prelo): “The unmarked order of main clause constituents is predicate initial.”

p. 7 (Queixalós, no prelo): “KatKan is a configurational language in terms of constituency, with a neat distinction between lexical classes of nouns and verbs.”

p. 265 (Dos Anjos, 2011): “No que se refere à ordem, nas orações divalentes (ou transitivas), o núcleo figura na posição final do predicado sendo antecedido por seu argumento interno. O argumento externo, tipicamente, ocupa a posição à direita do predicado, mas pode ser movido.”

p. 310 (Dos Anjos, 2011): “Tendo em vista que Keenan assume que o sintagma nominal em função de sujeito ocupa a posição mais alta no acesso aos processos sintáticos, é possível dizer que o argumento externo em Katukina, podem ser classificado como o sujeito. Sendo assim, a ordem nas construções em Katukina é predicado (monovalente ou divalente) – sujeito (argumento externo).”

p. 351 (Dos Anjos, 2011): “Entretanto, quando A e P são movimentados para a posição pré-nuclear a ordem observada é P à esquerda de A: [...]”

p. 387 (Dos Anjos, 2011): “No grupo das orações afirmativas identificamos a ordem de palavras básica da língua, isto é, OVS (orações divalentes) e VS (orações monovalentes)”

p. 219 (Dos Anjos, 2011): “Katukina é uma língua de tipo configuracional (Hale: 1983), ou seja, tem a propriedade de instituir sintagmas. Levando em consideração que uma das características recorrentes entre línguas de tipo configuracional é a ordem de palavras fortemente rígida, o critério de identificação para identificar os tipos sintagmáticos básicos foi observar quais classes de palavras têm ocorrência na posição de núcleo. Esse critério também é interessante, pois a palavra em posição nuclear tende a apresentar distribuição sintática semelhante a do constituinte do qual ela é núcleo (cf. Creissels: 2001-20).”

p. 4 (Queixalós, 2014): “As is common, in terms of semantic roles, both Kat [Katukina-Kanamari] and Sik [Sikuani] introduce an agent as the initiator of the state of affairs depicted by the non-causative clause. Now the effects on the morphosyntactic structure are in stark contrast [...]”

8.

Resposta: Não identificamos construção causativa formada a partir de verbos ambitransitivos no Katukína.

9.

Resposta: Não identificamos causativização com IN no Katukína, embora exista IN nessa língua.

p. 200 (Dos Anjos, 2011): “

(32)[361] *pi:da-na= man adu*
 onça-ERG agir 1SNG
 ‘A onça pegou-me (Lit: A onça agiu em mim)’

[...]

(33)[363] *donman idi:k*
 peixe(sp)-fazer 2SNG
 ‘Você pesca (Lit: você peixe fazer)’ ”

10.

Resposta: Não, a ordem é variável. Considerando que a causativa é formada por uma construção sintática, o constituinte que ocupa o lugar típico de acusativo é o causador, o qual preenche o papel de agente da causativa (Queixalós, 2010, p. 269-271). A oração subordinada veicula a semântica de efeito da causativa e, nos dados identificados, pode apresentar o causado em posição inicial, como em (5) [22] e (20) [685’] (Causado V A) e em (19) [685] e (7) [24] (Causado O V), ou pode apresentar o paciente, a exemplo de (1) [19] (A Causado-V) e de (15) [159] (O V) e (6) [23] (O V Causado), tendo estas duas últimas um alinhamento acusativo.

p. 269-270 (Queixalós, 2010): “The causer enters the agent slot of the main clause and the patient slot of the main clause is filled by the caused event together with its participants.”

p. 5 (Queixalós, 2014): “The verb *man* is found in divalent clause causation [...]. The construction is totally different, since we get a two-clause sentence: the matrix, headed by the causative verb whose ergative argument slot is filled with the increment, and the causativized clause, appearing as a completive in the matrix absolutive argument position and headed by the original divalent verb with two full-fledged arguments.”

p. 356 (Dos Anjos, 2011): “Consideramos as construções causativas de tipo analítico como um subtipo semântico de oração subordinada completiva.”

11.

Resposta: Não identificamos restrições na formação das causativas de transitivos. Semanticamente, os participantes causador e causado apresentam traço [+HUMANO], e o causado ocorre na 3ª pessoa do discurso nos dados consultados.

12.

Resposta: Sim. A tendência ao padrão acusativo nos mecanismos de mudança de valência do Katukína (Queixalós, 2014, p. 262-263, 271, 275) pode ser explicada pela hipótese da “acusatividade cognitiva” (Queixalós, 2014, p. 277). Segundo essa proposta, a mente privilegia o agente em construções transitivas, de maneira que o alinhamento acusativo seria um reflexo desse viés cognitivo relativo ao agente, ao passo que a ergatividade seria o alinhamento marcado.

p. 277 (Queixalós, 2010): “As for cognition, I put forward the *cognitive accusativity* hypothesis. I assume that the human mind introduces asymmetry when processing the two participants of a transitive event, as a consequence of being pre-conditioned to pay attention to entities that move — other things equal, humans —, especially when they have a visible effect on other entities in the world. This lends the agent a clear privilege for attracting attention, which, as Tomlin has experimentally established (1997), correlates well with properties associated with subjecthood in natural language. Grammars map this cognitive bias toward agent when they adopt accusative morphosyntactic alignments. Ergativity is thus to be seen as a highly marked pattern for morphosyntax. The label “cognitive accusativity” is perhaps new, but the idea behind it certainly is not (see Silverstein 1976; Keenan 1976; Dixon 1979; Givon 1981).”

p. 262-263 (Queixalós, 2010): “Argument structure variations

It is generally assumed that derived constructions which affect argument structure are founded on — and hence reveal — the hierarchy of arguments in the basic construction they derive from. In this section we consider first the reflexive construction, which is neutral with respect to alignment, then proceed to argue that applicative, noun incorporation and, to a lesser extent, causative constructions can be considered as three clearly accusative-oriented phenomena, weakening the overall ergative pattern of the language.”

p. 271 (Queixalós, 2010): “In short, (i) basic clause morphosyntax is quite homogeneously ergative, with an antipassive serving the overall ergative pattern and an accusative pattern

clearly marked semantically and discursively; but (ii) except for voice (antipassive), derived clause morphosyntax patterns in a very clear accusative fashion, and where it does not, neither does it pattern in an ergative fashion.”

p. 275 (Queixalós, 2010): “Some evidence of the accusative clause as the soil on which variation mechanisms took place comes from two different sources. (i) Causation is still possible on the contemporary accusative clause when its patient bears generic reference, as in (158) morphologically causativizing a monovalent, and (159) analytically causativizing a divalent clause.”

13.

Resposta: Os verbos responsáveis pela causatividade são *man* ‘fazer, dizer, pegar/obter’ e *nobuk/babu* ‘dar uma ordem, mandar’.

14.

Resposta: Não identificamos verbos usados exclusivamente para expressar causatividade sintática no Katukína. Registramos, porém, que também não identificamos dados com o verbo *nobuk* ‘dar uma ordem’ em construções não causativas.

15.

Resposta: Não identificamos distinção entre causativa mono-oracional e bi-oracional no Katukína. Ao analisar a estrutura argumental dos verbos causativos, verifica-se que a vaga de argumento interno (objeto) é preenchida por um causador nominal ou pronominal e que a vaga de argumento externo (sujeito) é preenchida por uma oração subordinada que possui sua própria estrutura argumental saturada. Assim, as construções causativas são consideradas bi-oracionais (Queixalós, 2010, 2014; Dos Anjos, 2011).

p. 269-270 (Queixalós, 2010): “In analytic two-clause constructions, the main clause is also of the ergative type, headed in the Kanamari dialect by the full verb *man* ‘make, get, say’ or (less frequently) *nobu* ‘give an order’, and in the Bia dialect by *ba:bu*, ‘make do, give an order’. The causer enters the agent slot of the main clause and the patient slot of the main clause is filled by the caused event together with its participants.”

p. 270 (Queixalós, 2010): “In this section, the crucial observation is that the syntactic position at which the irruptive causer occurs is the one reserved to the main clause agent, instantiated in (154) by the third person plural prefix *ma-* ‘they’. As mentioned above, the dependent clause

contains the expression of the event, ‘shoot’, and all its participants, the causee-killer, third person singular prefix *a-*, and the killed, ‘pigs’.”

p. 5 (Queixalós, 2014): “The verb *man* is found in divalent clause causation [...] The reader shall remember that Kat [Katukina-Kanamari] has no trivalent verbs. The construction is totally different, since we get a two-clause sentence: the matrix, headed by the causative verb whose ergative argument slot is filled with the increment [the new participant], and the causativized clause, appearing as a completive in the matrix absolutive argument position and headed by the original divalent verb with two full-fledged arguments. (Note the dependence suffix *-nin* on the causativized-subordinated verb, which makes the difference between *man* causative verb vs. *-man* causative suffix.)”

p. 6 (Queixalós, 2014): “Another verb, *nobuk/babu* ‘give an order,’ forms biclausal causatives with monovalent and divalent verbs.

[...]

It is worth noticing that the causee noun phrase in (22) is case marked for ergative, corroborating what was said above—near (19)—about the lack of raising in biclausal causatives.”

p. 356 (Dos Anjos, 2011): “Consideramos as construções causativas de tipo analítico como um subtipo semântico de oração subordinada completiva.”

p. 371-372 (Dos Anjos, 2011): “A construção causativa analítica, obrigatória para verbos divalentes, é formada por duas orações: um principal e uma subordinada. A oração principal, que apresenta padrão de tipo ergativo, tem como núcleo os verbos divalentes *man* “fazer, agir, falar” ou *babu* “mandar fazer, dar uma ordem”. A posição de argumento interno é ocupada pelo causador do evento expresso na oração subordinada. A oração subordinada é composta pelo verbo que expressa o evento causado (que é associado ao subordinador *-nin*=) bem como seus participantes. Essa segunda oração funciona como argumento externo da oração principal, ou seja, o conjunto formado pelo verbo e os participantes envolvidos no evento ocupa a posição de argumento externo [...]”

p. 4 (Queixalós, 2014): “As is common, in terms of semantic roles, both Kat [Katukina-Kanamari] and Sik [Sikuani] introduce an agent as the initiator of the state of affairs depicted by the non-causative clause. Now the effects on the morphosyntactic structure are in stark contrast [...]”

16.

Resposta: Não identificamos pares com verbos lexicais transitivos no Katukína.

17.

Resposta: Não identificamos causativa lexical.

18.

Resposta: A função sintática do causado varia de acordo com o tipo de alinhamento da oração subordinada. O causado assume a função de argumento interno (objeto) da subordinada, marcado pelo caso ergativo, quando a oração segue o padrão ergativo, ou assume a função de argumento externo (sujeito) quando a subordinada segue o alinhamento acusativo (Queixalós, 2014; Dos Anjos, 2011).

p. 6 (Queixalós, 2014): “The causee undergoes no raising to the matrix absolutive position: as (19) shows, this participant is realized inside the causativized clause verb phrase (personal prefix).¹³

Another verb, *nobuk/babu* ‘give an order,’ forms biclausal causatives with monovalent and divalent verbs. Two peculiarities are worth noticing: [...] 2) when causativizing a divalent verb, its complement clause can feature either the ergative configuration (22) or the accusative one (24). [...]

¹³ And the actual linear position of *wiri* results from its fronting within the subordinate clause.”

p. 373 (Dos Anjos, 2011): “Enquanto que o evento causado por *pi:da* é expresso pelo verbo *dado:hi* “correr, fugir” que juntamente com o participante causado *Kopa* formam a oração subordinada que funciona como argumento externo da oração principal.”

p. 374 (Dos Anjos, 2011): “A construção de padrão ergativo confirma nossa análise de que o agente da construção subordinada é realizado dentro da mesma [...].”

p. 271 (Queixalós, 2010): “Currently, processes that entail argument structure changes are accounted for in syntactic terms: subject, direct object, and so on (e.g. Keenan & Comrie’s hierarchies, 1977). If we recognize the ergative nature of Katukina syntax, then accessibility constraints in applicative, incorporation and causative constructions cannot be seen as purely form-dependent, since they clash with the syntactic hierarchy of arguments. In terms of these processes, what Katukina has in common with accusative languages is, in very simplified words: things happen either to agents or to non-agents, involving respectively the agent place and the non-agent place in the divalent clause. Thus, in a causative construction, the causer goes to an agent position (subject in the accusative syntax, object in the ergative syntax) [...].”

19.

Resposta: A função do causado depende do tipo de alinhamento da oração subordinada. Nas construções de padrão ergativo, o causado preserva a função sintática de argumento interno (objeto) do verbo não causativo. Como o causador e o causado exercem funções em orações distintas, ainda que possam receber as mesmas marcas ergativas, a exemplo de (5) [22] e (20) [685’], não identificamos o compartilhamento das propriedades de objeto na mesma oração. Nas construções com alinhamento acusativo, o causado ocupa a posição de argumento externo (sujeito) da oração subordinada, a qual difere da posição do causador.

20.

Resposta: A marcação do causado, como a ordem, os pronomes pessoais e a marca de caso, também ocorre com outros constituintes. Nas construções formadas com o verbo *nobuk/babu* ‘dar uma ordem, mandar’, o causado pode deixar de receber o caso ergativo. Quanto à ordem, a posição do causado varia em relação ao verbo da oração subordinada, podendo ser pré ou pós-verbal. Nas construções não derivadas, os argumentos nominais também ocorrem antes ou depois do verbo, porém a ordem identificada tende a ser iniciada pelo verbo (O-V A ou Agente-V Paciente) ou pelo objeto (O V A ou Agente V Paciente). Quanto aos pronomes, o causado recebe as mesmas marcas de pessoa que outros constituintes nominais em orações causativas e não causativas, a exemplo de *a-* ‘3 singular’ em (1) [19], e a mesma marca de argumento interno ergativo *-na*, como em (5) [22]. O nominal causado em uma oração de alinhamento acusativo não recebe marca explícita, conforme (7) [24].

p. 236 (Queixalós, 2010): “In a divalent clause, the agent, obligatorily in pre-verbal position, is case marked, the patient being unmarked and typically post-verbal.”

p. 261 (Queixalós, 2010): “In a language like Katukina, this leads to the conclusion that, in the basic active divalent verbal clause, the patient is a subject, and the agent is an object.”

21.

Resposta: Não identificamos marcação morfológica distinta da função sintática do causado.

22.

Resposta: Não identificamos o causado e o paciente codificados simultaneamente como objeto direto. Nos dados de alinhamento ergativo, o participante paciente da oração subordinada é expresso como um nominal sem marca de caso, sendo considerado um argumento externo com propriedades de sujeito. A função de argumento interno (objeto) do causado pode ser

confirmada pela pronominalização, passando a ocorrer prefixado ao verbo dependente, como em (1) [19], ou pela marca ergativa, conforme (19) [685] e (20) [685'] (Queixalós, 2014, p. 6; Dos Anjos, 2011, p. 374). Nas orações subordinadas de alinhamento acusativo, o paciente ocorre em posição de argumento interno (objeto), e o causado nominal não recebe codificação explícita, atuando como argumento externo (sujeito), a exemplo de (6) [23], (7) [24] e (19) [685].

p. 236 (Queixalós, 2010): “In a divalent clause, the agent, obligatorily in pre-verbal position, is case marked, the patient being unmarked and typically post-verbal.”

p. 6 (Queixalós, 2014): “The causee undergoes no raising to the matrix absolutive position: as (19) shows, this participant is realized inside the causativized clause verb phrase (personal prefix).

[...]

It is worth noticing that the causee noun phrase in (22) is case marked for ergative, corroborating what was said above—near (19)—about the lack of raising in biclausal causatives.”

p. 374 (Dos Anjos, 2011): “Esse argumento é expresso na oração subordinada que por sua vez está na forma acusativa. *Kopa* é argumento interno e *mok* “anta” é externo e precede o verbo subordinado. *Mok* tem significado genérico. A construção de padrão ergativo confirma nossa análise de que o agente da construção subordinada é realizado dentro da mesma [...]”

23.

Resposta: Não. Tendo em vista que o mecanismo usado para formar causativas é o sintático, o causado mantém a função de argumento interno (objeto) ou de argumento externo (sujeito) da construção original, a depender do tipo de alinhamento da oração subordinada, não sendo demovido para outra função. A construção original passa a exercer a função de argumento externo (sujeito) da causativa ergativa (Queixalós, 2010, 2014; Dos Anjos, 2011).

24.

Resposta: Sim. O causado pode assumir função de argumento interno (objeto) ou externo (sujeito), tendo marcação ergativa ou acusativa, respectivamente. Nas construções com alinhamento ergativo, o agente da subordinada (causado) ocorre com a marca de caso ergativa, conforme (5) [22] e (20) [685']. Nos enunciados em que o causado não recebe essa marca, sua função pode ser confirmada pela pronominalização, passando a ocorrer prefixado ao verbo dependente, como em (1) [19]. Nas orações subordinadas de alinhamento acusativo, o causado

nominal não recebe codificação explícita, mas o paciente ocorre em posição de argumento interno, como em (6) [23] e (7) [24] e (19) [685].

25.

Resposta: Sim, o causado pode ser omitido, conforme (15) [159]. A omissão não altera a valência sintática.

26.

Resposta: Não identificamos relativização do causado. Informamos que o paciente pode ser relativizado nas construções não causativas.

p. 246 (Queixalós, 2010): “Relativization

This is one additional mechanism which reflects the same asymmetry between external and internal arguments. Only an external argument — S or patient — can be relativized.”

p. 297-298 (Dos Anjos, 2011): “Relativização

O processo no qual argumentos externo e interno apresentam comportamento distinto é o que envolve o mecanismo de relativização. Assim como nos processos sintáticos de focalização e interrogação, somente os argumentos externos têm acesso à relativização que é feita mediante a associação do subordinador *-nin* ao verbo que forma o predicado. As construções relativas possuem estrutura oracional, ou seja, recebem marcação tempo, aspecto e modalidade e recuperam os argumentos verbais como argumentos nucleares. Essas construções não ocorrem como núcleo de sintagma nominal, outrossim, ocupam a posição de modificador dentro do sintagma nominal [...]

27.

Resposta: Como informado nas questões 4 e 11, os verbos causativizados com a inclusão de *man* ‘fazer, dizer, pegar/obter’ e *nobuk/babu* ‘dar uma ordem, mandar’ são transitivos ativos, e o causado apresenta traço [+HUMANO]. Com base nessas informações e nos dados disponíveis, constatamos que o causado é animado e expressa também o papel semântico de agente.

Registramos, para fins tipológicos, que o verbo *nobuk/babu* ‘dar uma ordem’ pode ocorrer com causado inanimado na causativa de intransitivo, conforme (4) [21] (Queixalós, 2014, p. 6).

p. 270 (Queixalós, 2010): “In this section, the crucial observation is that the syntactic position at which the irruptive causer occurs is the one reserved to the main clause agent, instantiated in

(154) by the third person plural prefix *ma-* ‘they’. As mentioned above, the dependent clause contains the expression of the event, ‘shoot’, and all its participants, the causee-killer, third person singular prefix *a-*, and the killed, ‘pigs’.”

p. 373 (Dos Anjos, 2011): “O agente do verbo subordinado *toman* “atirar” é *Kopa*.”

p. 6 (Queixalós, 2014): “Another verb, *nobuk/babu* ‘give an order,’ forms biclausal causatives with monovalent and divalent verbs. Two peculiarities are worth noticing: 1) in spite of its semantics as a full verb, which entails a sentient semantic goal, as a causative verb it can co-occur with inanimate causees—compare (20) and (21) [...]”

28.

Resposta: Considerando que os dados mostram a capacidade do causado de executar ordens e que a estrutura bi-oracional das construções parece indicar a baixa integração entre os eventos, deduzimos que o causado pode estar no controle da atividade. Embora o exemplo (7) [24], com o papel de causado sendo exercido por uma criança, possa indicar que esse participante age sem volição, os demais dados disponíveis não permitem concluir se o causado exerce as atividades com ou sem volição. Sobre o tema desta questão, Queixalós (comunicação pessoal, 2025) respondeu não ter os elementos suficientes para dar uma resposta.

29.

Resposta: Embora existam dois tipos de causado na oração subordinada, um ergativo e um nominativo, não identificamos qual deles seria mais integrado conceitualmente à sentença. Esclarecemos que, nas duas construções, o verbo subordinado pode ocorrer com o sufixo de dependência *-nin*, a exemplo de (5) [22] e (20) [685], com padrão ergativo, e de (7) [24] e (19) [685], com padrão acusativo.

30.

Resposta: Indiretamente.

p. 19 (Queixalós, no prelo): “Valency-increasing devices consist of causatives and applicatives. Direct causation is expressed morphologically by means of a suffix *-ti:ki* [...]. Indirect causation requires a bi-clausal construction: the divalent verb ‘make’, *babu* (in Katukina) or *man* (in both dialects), takes a complement clause headed by a verb marked for dependence by *-nin*, as illustrated in (61b).”

p. 5 (Queixalós, 2014): “An obvious difference between these suffixes [-*tiki* e -*man*] is that, for one of them, -*man*, the etymology is transparent: a verb *man* ‘make, do, say, get.’ This original meaning probably contributes to the rather indirect (manipulative, inductive) causation triggered by -*man* on an animate causee.”

p. 5 (Queixalós, 2014): “The verb *man* is found in divalent clause causation—which somehow confirms the semantic cline of the suffix toward indirect causation.”

p. 270 (Queixalós, 2010): “In (153), we see that manipulation is not an intrinsic semantic function of analytical causation.”

31.

Resposta: Com base nos dados disponíveis, nos quais o causador age por meio de comandos, deduzimos que ele atua intencionalmente.

32.

Resposta: Com base nos dados disponíveis, nos quais o causador age por meio de comandos, deduzimos que ele inicia o processo naturalmente.

33.

Resposta: Com base nos dados disponíveis, nos quais o causador atua por meio de comandos e não há indícios de sua participação, deduzimos que ele não está envolvido nas atividades.

34.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se há graus de topicalidade ou foco relacionados ao causado ou ao paciente na causativa de transitivo. Informamos que o “argumento externo” pode ser focalizado nas construções não causativas.

p. 16 (Queixalós, no prelo): “Accessibility to syntactic processes like argument extraction (e.g., relativization, interrogative formation, and focus) is only available to the single-external argument of monovalent verbs and the external argument of divalent verbs.”

p. 294 (Dos Anjos, 2011): “Focalização

O quarto processo em que o comportamento dos argumentos de tipo externo e interno é distinto é o da focalização. A focalização é feita com o uso do clítico de foco *na*¹⁰⁹ que precede

o elemento focalizado. Somente os argumentos externos têm acesso a esse processo sintático como podemos observar nos exemplos seguintes:

(34)[505] *waok-dik* *na= konmini*
 chegar-CTRP FOC irmã
 ‘Foi a irmã que chegou’

(35)[506] *pi:da-na=* *ti: na= Konhu:*
 onça-ERG matar FOC Konhu:
 ‘Foi o Konhu que a onça matou’

[...]

¹⁰⁹Segundo Queixalós (2010), no dialeto Kanamari a focalização é realizada com o uso das partículas *kana* e *na*. Essas são pospostas ao constituinte que se quer focalizar [...]

p. 309 (Dos Anjos, 2011): “Sujeito

Como foi dito anteriormente (seções Comportamento e Controle), o argumento externo das construções verbais monovalentes e divalentes apresentam comportamento distinto do argumento de tipo interno. O argumento externo demonstra acessibilidade aos processos sintáticos de movimento, elisão, pronominalização, focalização, coordenação, interrogação, nominalização e relativização.

O argumento interno da construção divalente tem acesso bloqueado a certos processos sintáticos, tais como a focalização e a interrogação.”

35.

Resposta: Não identificamos relação entre a frequência das situações e o tipo de construção causativa.

p. 270 (Queixalós, 2010): “For divalent verbs, analytical causation is obligatory (154). As before, derived constructions which would create trivalent clauses are avoided.”

p. 371 (Dos Anjos, 2011): “A construção causativa analítica, obrigatória para verbos divalentes, é formada por duas orações: um principal e uma subordinada.”

p. 269 (Queixalós, 2010): “In analytic two-clause constructions, the main clause is also of the ergative type, headed in the Kanamari dialect by the full verb *man* ‘make, get, say’ or (less frequently) *nobu* ‘give an order’, and in the Bia dialect by *ba:bu*, ‘make do, give an order’.”

36.

Resposta: Além da causativa sintática, não identificamos outros mecanismos formais para expressar causatividade a partir de verbos transitivos no Katukína. Registramos que as causativas de intransitivos são formadas por sufixação e podem expressar causação direta ou indireta.

p. 269 (Queixalós, 2010): “Causatives are achieved through two basic devices, one synthetic and the other analytic. The former appeals to two verb suffixes. The first, *-ti:ki*, allows direct causal as well as permissive meanings.”

p. 270 (Queixalós, 2010): “For divalent verbs, analytical causation is obligatory (154).”

p. 19 (Queixalós, no prelo): “Valency-increasing devices consist of causatives and applicatives. Direct causation is expressed morphologically by means of a suffix *-ti:ki* [...]. Indirect causation requires a bi-clausal construction: the divalent verb ‘make’, *babu* (in Katukina) or *man* (in both dialects), takes a complement clause headed by a verb marked for dependence by *-nin*, as illustrated in (61b).²⁸

(36) [61a] *ha-bak-ti:ki* *koya*
 3SG-be.good-CAUS beverage
 ‘She improved the beverage.’

(37) [61b] *Owik-na=babu* *Nodia dyan-nin*
 Owik-CASE=send Nodia hunt-DEP
 ‘Owik sent Nodia hunting.’ ”

²⁸ In a few elicited examples, indirect causation is also expressed via the *-ti:ki* construction.”

p. 5 (Queixalós, 2014): “The verb *man* is found in divalent clause causation—which somehow confirms the semantic cline of the suffix toward indirect causation.”

37.

Resposta: Mudança de valência. Não identificamos informações explícitas sobre vozes verbais relacionada às causativas no Katukína.

38.

Resposta: Não identificamos causativas de transitivos combinadas com outras vozes ou mecanismos de mudança de valência.

39.

Resposta: Sim. Para explicar o comportamento acusativo em construções causativas do Katukína, Queixalós (2010, p. 275) propõe que a oração acusativa pode ter servido de base para o desenvolvimento dos mecanismos de mudança de valência na língua.

Em relação ao verbo *man* ‘fazer, dizer, pegar/obter’, Queixalós (2010, p. 269) afirma que o sufixo causativo de verbos intransitivos *-man* está etimologicamente relacionado a esse verbo e que essa origem contribui para a causação indireta do sufixo. Não identificamos o percurso diacrônico nem a origem do verbo causativo *nobuk/babu* ‘dar uma ordem, mandar’.

Registramos que a gramaticalização de verbos com o significado de “fazer” está entre as origens tipológicas das marcas causativas e que o uso do verbo “falar/dizer” como causativo foi identificado em mais línguas de nossa pesquisa, como o Wari’ (família Chapakura) e o Kanoê (Kanoê).

p. 275 (Queixalós, 2010): “Some evidence of the accusative clause as the soil on which variation mechanisms took place comes from two different sources. (i) Causation is still possible on the contemporary accusative clause when its patient bears generic reference, as in (158) morphologically causativizing a monovalent, and (159) analytically causativizing a divalent clause.

p. 269 (Queixalós, 2010): “The second causative suffix, *-man*, is derived from the verb ‘make, get, say’ [...]”

p. 362 (Dos Anjos, 2011): “Esse sufixo foi identificado apenas no dialeto Kanamari. O sufixo *-man* é derivado do verbo pleno *man* “fazer, agir, dizer” (Queixalós:2010).”

p. 5 (Queixalós, 2014): “An obvious difference between these suffixes [*-tiki* e *-man*] is that, for one of them, *-man*, the etymology is transparent: a verb *man* ‘make, do, say, get.’ This original meaning probably contributes to the rather indirect (manipulative, inductive) causation triggered by *-man* on an animate causee.”

40.

Resposta: Sim. A forma ergativa da oração subordinada, com a subsequente marca no agente (causado), pode ser indício de mudança diacrônica na marcação de caso do causado.

41.

Resposta: O causador é tratado como “agente”, “argumento incremental”, “argumento interno” ou “objeto”, “causador” e “incremento” (Queixalós, 2010, p. 269-271; Dos Anjos, 2011, p. 371-

373; Queixalós, 2014, p. 4-6, 11). O “incremento” é entendido como “o novo participante” (Queixalós, 2014, p. 4).

O causado é chamado de “*causee*” (Queixalós, 2014), “participante causado”, “agente do verbo subordinado” e “argumento interno” da oração subordinada (Dos Anjos, 2011, p. 373-374). Dos Anjos (2011, p. 282) define o agente como “o participante que faz, performa, executa algo de forma referencialmente intencional”.

O paciente é referido como “argumento externo” da oração subordinada (Dos Anjos, 2011, p. 373-374). Dos Anjos (2011, p. 282) define o paciente como “o participante que é afetado por uma ação ou acontecimento”.

O termo “inremenciais” é usado para se referir aos “mecanismos que modificam a estrutura argumental” (Dos Anjos, 2011, p. 355-356).

Não identificamos outras definições explícitas.

p. 341 (Dos Anjos, 2011): “[...] trataremos dos mecanismos que aumentam a valência verbal que denominamos inremenciais. Nesse grupo encontram-se os prefixos aplicativos e os verbos causativos.”

42.

Resposta: Sim. Configuram terminologias particulares o uso de “incremento” e “argumento incremental” para o causador e “inremenciais” para os mecanismos de aumento de valência.

Kwazá (Kwazá)

Obras pesquisadas¹: Voort (2004)

1.

Resposta: O mecanismo formal que o Kwazá usa é o morfológico, por meio do sufixo *-dy*. A nosso ver, o morfema *-nĩ*, tratado por Voort (2004) como sufixo modal com sentido de causação, pode atuar como causativo permissivo.

p. 113: “When transitive verbs are derived with causative *-dy*- it seems that the animate indirect objects are marked:

- (1) [142] *akũ'cũ-nahe're-wã* *a'wỹi-xa-xa-ki*
 Indian-COL-AO see-2-AS-DEC
 ‘you are looking at the Indians’
- (2) [143] *'si-wã* *ãwỹi-'dy-ta?ỹ-'ra*
 I-AO see-CAU-1SO-IMP
 ‘show it to me!’ ”

p. 510: “

- (3) [2706] *'mangka co-'hỹ* *'ja-da-ki*
 mango many-NOM eat-1S-DEC
 ‘I ate many mangoes’ ”

p. 102: “

- (4) [47] *hã* *'kui-da-ki*
 water drink-1S-DEC
 ‘I am drinking/drunk water’ ”

p. 367-368: “In the following examples the agent of the verb root is ‘chickens’, ‘João’ and ‘you’, respectively. However, these agents are objects on the grammatical level and are case-marked accordingly. Meanwhile, the grammatical subject is ‘I’, and has the semantic function of causer of the entire event:

- (5) [1777] *kurakura-'wã* *atxi'txi* *ja-'dy-da-ki*
 chicken-AO maize eat-CAU-1S-DEC

¹ AO: Objeto animado; AS: Pessoa associada (*associated person*); CAU: Causativo/benefactivo (derivação verbal); CAUS: Modalidade causativa (*causational modality*); CL: Classificador; COL: Coletivo; CSO: Co-subordinação; DEC: Declarativo; DET: Detrimental; DR: Direcional; DS: Sujeito diferente; EXH: Exortativo; FUT: Futuro; IMP: Imperativo; INT: Interrogativo; IO: Objeto indefinido; LOC: Caso locativo; NEG: Negativo; NOM: Nominalizador; PO: Objeto plural; RECI: Recíproco; RED: Reduplicação; REF: Reflexivo; SWR: Modo de troca de referência (*switch reference mood*); TRA: Transitivizador; 1O: Primeira pessoa objeto; 1S: Primeira pessoa singular; 2O: Segunda pessoa objeto.

‘I’m feeding the chickens maize’

- (6) [1778] *kurakura-’wã hã kui-’dy-da-ki*
 chicken-AO water drink-CAU-1S-DEC
 ‘I am giving the chickens water to drink’
- (7) [1779] *jo ja-dy-’nã-da-ki zwãu-’wã*
 manioc eat-CAU-FUT-1S-DEC João-AO
 ‘I want to feed João manioc’
- (8) [1780] *si xyi-’wã ja-dy-’he-leja-da-ki*
 I you-AO eat-CAU-NEG-2O.FUT-1S-DEC
 ‘I’m not letting you eat’

As shown in (4.1.1.), overt animate objects of causativised verbs often, but not always, receive animate case marking.”

p. 827: “ãwỹi- (*V*) see

Also [*a’wĩ*] or [*ãwũĩ*]. *a’wỹiki* ‘he is looking, watching’. *awỹi’riỹki* ‘he is watching, observing’. *aku’tjũnahe’rewa a’wỹixaxaki* ‘you are looking at the Indians’. [...] The causative may mean ‘to show’: (*siwã*) *ãwỹi’dyta?ỹ’ra* ‘show to me!’, *awũĩdydaki* ‘I showed (to him)’.”

p. 873: “ja- (*V*) eat, chew

In the third person declarative *-tse* tends to give a more perfective sense than *-ki*. *ja’dyki* ‘he feeds (it)’. Compound in: *ja’?ũi?a’nitse* ‘she says let’s eat so that we can go to sleep’, *dodo’txi jadaki* ‘I chewed latex’ (this was done traditionally in order to avoid grinding one’s teeth during sleep).”

p. 890: “kui- (*V*) drink

kuida’hỹki ‘I drink / I drank’ (nonfuture), *kui’dakỹ’hỹki* ‘I drank’ (remote past, e.g. yesterday), *kui’dyki* ‘he gives water’, *hã ’kuihe’ky* ‘don’t drink water!’.”

p. 357: “Furthermore, the valency of many transitive verbs can be decreased without any further morphological adaptation. Verbs such as *ãwỹi-* ‘to see’, *hyri-* ‘to steal’, *kui-* ‘to drink’, *wady-* ‘to give’, etc. can be used both transitively or intransitively.”

p. 874: “jady- (*V*) feed

Causative derivation of *ja-* ‘to eat’. May be used without specifying any objects, i.e. in an intransitive way.”

p. 283: “Mood is obligatorily expressed by a verb-final morpheme. Kwaza has four independent basic moods for the sentential matrix verb: [...]. The persuasive is further divided into three sub-moods, depending on the person involved: imperative, marked by *-ra* for second persons;

exhortative-causative, marked by *-ni* for first inclusive and third persons; and volitive, marked by *-mỹ* for other first persons.”

p. 905: “*-nĩ-* (svv) CAUS [svv: deverbial suffix yielding verb]

*[*nĩ*]. Causational or purposive modality. This modal morpheme has probably developed from the exhortative mood marker *-ni*: *'mãdaki one'nĩda'ta* ‘I call her to come’, *ja kui'nĩdaki* ‘I already let (him) drink’. It may also have an accidental reflexive sense: *hadai'nỹdaki* ‘I cut myself (on purpose)’ vs. *hadai'nĩdaki* ‘I cut myself (by accident)’.”

p. 309-310: “*-nỹ-* as a causational bound modal morpheme

The exhortative has a purposive sense in certain constructions: [...]

In other constructions *-ni* may be considered as a purposive or causational modal morpheme: *-nĩ-* ‘to make (someone do something)’, which is pronounced [nĩ] rather than [ni]. It occurs often, but not necessarily, in subordinate constructions and it has a valency-increasing effect:

- (9) [1419] *'mã-da-ki one-'nĩ-da-ta*
 call-1S-DEC come-CAUS-1S-CSO
 ‘I call her to come’

[...]

- (10) [1421] *haru'?i ja-dy-'nã-da-ki oja-'nĩ-da-ta*
 Luiz eat-CAU-FUT-1S-DEC go-CAUS-1S-CSO
 ‘I’m going to give Luiz food so that he can leave’

[...]

In these causational constructions, the sentential subject is not identical with the embedded agentive subject of the verb root. In (1419) subject of *one-* ‘to come’ is not expressed by cross-reference marking. However, the subject of *onenĩ-* ‘to make him come’ is.”

p. 308: “

- (11) [1404] *'ka'we kui-'ni*
 coffee drink-EXH
 ‘let him have coffee!’
 (whether he wants it or not)”

p. 311: “Causational *-nĩ-* occurs often as an answer to exhortatives like (1404):

- (12) [1425] *'ja kui-'nĩ-da-ki*
 already drink-CAUS-1S-DEC
 ‘I already let (him) drink’

It also occurs in certain, relatively fixed, expressions: [...]

Notice that on the following transitive verb, the causational appears to function as a reflexive, with the connotation of ‘to do by accident’:

(13)[1428] *hadai-'nỹ-da-ki*
 hack-REF-1S-DEC
 ‘I cut myself (on purpose)’

(14)[1429] *hadai-'nĩ-da-ki*
 hack-CAUS-1S-DEC
 ‘I cut myself (by accident)’

Because this construction involving *-nĩ-* is the result of post-cliticising complementation similar to the reported speech construction, it will also be discussed in (5.5.15.). The causational construction resembles the volitional construction with *-damỹ-* ‘to want’ discussed in (5.2.5.1.). An important difference is that the causational morpheme is never preceded by subject cross-reference.”

p. 401: “The exhortative mood marker *-ni* can also be used as a derivational modal suffix *-nĩ-* with a causational or purposive sense of ‘to make (someone do something)’.”

p. 665: “

(15)[3519] *ã'rũi a're-da-ta o'ja-da-ki*
 tapir turn-1S-CSO leave-1S-DEC
 ‘I turned into a tapir and went away’ ”

p. 110-111: “When intransitive verbs are transitivised with causative *-dy-* (see 5.4.3.) also only the animate objects are marked: [...]

(16)[117] *e'tay-nahere ãrũi-'wã tswa are-'dy-ĩ?ĩta-tja*
 woman-COL tapir-AO man turn-CAU-always-CSO
 ‘the women always made the tapir turn into man’

[...]

However, the causative animate object does not always receive case.”

p. 820: “are- (*V*) turn, transform

[*e*] ~ [*ɛ*]. *o'wi tsetseri'tse a'reki* ‘larva turned butterfly’. *ã'rũi tswa a'reki* ‘the’ tapir turned into man’, *zjwãu ãrũi'wã are'dyki* ‘João transformed from tapir’ / ‘João made the tapir transform’. *kal'sãu are'dywady'ta?ỹra* ‘make it turn into trousers for me!’. *kwazady'nãĩ mãrẽ'?adynãĩ'ko are'dydamỹ* ‘I’m going to translate from Kwaza to Portuguese’.”

p. 366: “Causative *-dy-* is attached to verb roots before person cross-reference. It transitivises intransitive verbs and introduces a causative subject. When applied to third person subject intransitive verbs it demotes the original grammatical subject to object. The object retains its semantic function of agent with respect to the verb root. In addition, *-dy-* usually attracts stress.”

p. 366-367: “The morpheme *-dy-* may introduce a non-third person subject with verbs which normally only take third person subjects:

[...]

(17)[1771] *'atxitxi 'boi-tse koreja'ro-na*
maize full-DEC pan-LOC
‘the pan is full of maize’ (lit. ‘the maize is full in the pan’)

(18)[1772] *atxi'txi boi-'dy-da-ki*
maize full-CAU-1S-DEC
‘I filled (it) with maize’²²⁸

228. According to the consultant, overt expression of a “prepositional” object is not felicitous because it is already implied.”

p. 832: “*boi-* (*V*) fill

[...] Transitive is causative: *boidy'ra* ‘fill it’, *boidy'bwady'ra* ‘fill it for him!’, (*xui'ko* / *xui'nã*) *atxitxi boi'dydaki* ‘I filled the (bag with) maize’.”

2.

Resposta: A construção é causativizada diretamente.

3.

Resposta: Sim, o sufixo *-dy* ‘causativo’ pode ocorrer nas seguintes formas e sentidos: lexicalizado (1816, 1817, 1820 e 1821); como “infixo”; com semântica benefactiva ((19) [1781] e (20) [1782]) ou comparativa; com os sentidos de “fazer” ou “para fazer” e “sentir algo” ou “considerar como” ((21) [1783] e (22) [1785]). Em sua função causativa, o sufixo *-dy* também pode indicar coerção ((20) [1782]) (p. 368).

Para fins de registro tipológico, informamos que o morfema *-dy* também pode ser aplicado a nomes, situação em que pode assumir as semânticas de “sentir” ((33) [1798]), sem o sentido causal, e de “fazer” ou “fazer com que venha a existir” ((34) [1801]), com o sentido causal. Quando ocorre como parte da raiz nominal *aky-* ‘dois’, atua como numeral, o qual é um nominal ((36) [908] e (37) [911]), e o sentido causativo pode ser mantido (Voort, 2004, p. 222).

Em relação ao sufixo *-nĩ* ‘modalidade de causação’, Voort (2004, p. 308-310, 905) identifica a função adicional de modo exortativo ((11) [1404]) e os sentidos reflexivo e intencional ((13) [1428] e (14) [1429]).

p. 841: “*-dy-* (*svv*) CAU

The causative morpheme cannot be immediately adjacent to declarative *-tse*. Maybe related to POS [possessive] *-dy-*. Tends to attract stress. *si xyj*(wã) jadyhelejadaki* ‘I’m not letting you eat’, *txu’hũitja hũnũ’dydaki* ‘I burnt the food (just) a little’. More lexicalised in *konãjã’dyki* ‘he is hot’, *wa’dy-* ‘to give’, *wai’dy-* ‘to consider as good or nice’. In a comparative sense in combination with switch reference: *'kopo txuhũi'ỹdyta cẽrẽmũ'ro nỹ'roki* ‘the tin of milk is bigger than the cup’. Also ‘to make’: *daitxi'tekjaki awy'nwỹ axydy'nãtja* ‘he lifted up the rafter to build a house’, *axy'dytsyrjỹ* ‘the place where he makes a house’. Also ‘to feel’ in: *emjãka'dyki* ‘his belly hurts’, *ereri'taydata owymũ'dydaki* ‘being an old woman, I find the water cold’. Infixed and unstressed before the obligatory CL [classifier] *-hỹ-* in some words: *emũdy'hỹki* ‘he/the thing got/was made wet/ he wet it’, *bãrẽrinite (*wã) 'nỹdy-'hỹdaki* ‘I made the cake big’, but apparently not before a DR [directional]: *emũkace-'dydaki* ‘I poured water over the bench’.”

p. 372: “In the verbal roots *acwadyhỹ* ‘to force’ and *keredy* ‘to thank’, the morpheme *-dy-* has to be considered as lexicalised. Either such roots do not occur without *-dy-*, or they do, but then their meaning is quite different from the root which includes *-dy-*. In the following non-transparent roots listed below, a causative sense of *-dy-* is preserved: [...] (1816) *dyrã'dy-* ‘to make noise’ [...] (1817) *mũre'dy-* ‘to contribute’ [...] (1820) *tãi-* ‘to be hard, tough’ *tãi'dy-* ‘to brake, lock’ (1821) *wa'dy-* ‘to give’ ”

p. 368-369: “The principal function of *-dy-* is causative. The causative morpheme has also some secondary functions and connotations. On some occasions it could be interpreted to a certain extent as benefactive:

(19)[1781] *'a-dy-ki*
exist-CAU-DEC
‘(e.g. the plants) grew well for him’

(20)[1782] *ui'txi-dy-ra*
ignite-CAU-IMP
‘help him to light it!’

Note that the consultant explicitly said that the latter of the above utterances had two meanings. The second meaning he gave was ‘tell him to light it!’. This suggests that the causative may also have a connotation of coercion. In this respect it should be noted that the verb root *acwadyhỹ* ‘to force (someone to do something)’ is to a large degree monomorphemic, i.e. the element *-dy-* it contains is relatively fossilised. Another instance of benefactive sense is in the verb *wady-* ‘to give’, when used as a second element in a compound. [...]

Another connotation of the causative morpheme *-dy-* is ‘to feel something, to consider something as’. Consider the following examples which involve the intransitive verb *wai-* ‘to be good, to taste good’:

- (21)[1783] *wānŷ'dy wai-'dy-xa-ki*
 food good-CAU-2-DEC
 ‘you made the food well’

[...]

- (22)[1785] *mā'rē?a-tay wai-'dy-xa-re*
 spirit-female good-CAU-2-INT
 ‘do you find Western women good?’

[...] In example (1783), *-dy-* is used productively as a causativiser, and one could with some effort interpret (1784) as causative too. However, (1785) and (1786) cannot be semantically causative. Here *-dy-* has the sense of ‘to consider as’. Grammatically, the construction maintains the valency and cross-reference pattern which is characteristic for causatives.”

p. 373-374: “When the causative morpheme *-dy-* is considered as a benefactive transitiviser, then the morpheme *-ty-* could be regarded as its malefactive opposite. Compare (1830) to the next example:

- (23)[1830] *kui-'ty-da-ki*
 drink-DET-1S-DEC
 ‘I drink from him, I drink his’

- (24)[1831] *kui-'dy-da-ki*
 drink-CAU-1S-DEC
 ‘I give him drink’ ”

p. 933: “*-ty-* (*svv*) DET

Detrimental variant of causative *-dy-*: *kui'dydaki* ‘I give him drink’, *kui'tydaki* ‘I drink (from) his’, *cari'tydaki* ‘I killed from her (in this case: the one she liked)’, *bilo'tswa waja'tydamŷ* ‘I’ll take the shotgun from him, I’ll take his shotgun’, *jerexwa tsutsu'hŷtyhataki* ‘he pissed (on things) of you’, *tso'tysi'ki 'butyle'jadaki* ‘I (will) use your hat’.”

p. 369: “When the verb root *wai-* is interpreted as transitive, zero-transitivised as it were, without *-dy-* or another overt transitiviser, it means ‘to become well’: [...]

In that construction, application of *-dy-* is productive. It has a causative sense, and does seem to introduce a grammatical subject with causer function: [...]

However, when *-dy-* is followed by an extra transitiviser *-ta-* (note the different stress placement in comparison with the preceding example), it means ‘to be good towards someone’:

- (25)[1789] *wai-dy-'ta-ki*

good-CAU-TRA-DEC
 'he is honest, good to him'

- (26)[1790] *wai-dy-'ta-ta-ki*
 good-CAU-TRA-1O-DEC
 'he is honest to me, treats me well' "

p. 369: "The above discussion is not limited to the verb *wai-*. The next examples are semantically and grammatically causative, but *-dy-* also has the connotation 'to (make) feel':

- (27)[1791] *mĩ'ki kukui-'dy-ki*
 tooth hurt-CAU-DEC
 '(his) teeth make him feel pain'
 'he has a toothache' "

p. 370: "In the following example, the (optional) application of *-dy-* cannot be interpreted as causative any more, but only has the sense of 'to feel':

- (28)[1796] *ereri'tay-da-ta awy-mũ-'dy-da-ki*
 old.woman-1S-CSO cold-CL:liquid-CAU-1S-DEC
 'being an old woman, I find the water cold' "

p. 677: "About the following example, it cannot be denied that the logical subject of the verb root *are-* 'transform' is different from that of *oja-* 'leave':

- (29)[3578] *ã'rũi are-dy-da-'ta o'ja-da-ki*
 tapir turn-CAU-1S-CSO leave-1S-DEC
 'I made him turn into a tapir and I went away'

Because of the fact that the formal subjects of the concomitant clauses in this example are identical, non-third persons, the element *-dy-* is to be interpreted as a causative marker.

A clear formal difference between both morphemes may be that causative *-dy-* tends to attract stress, whereas the different subject morpheme does not. My teacher MA pointed out to me the possibility of the following minimal pair:

(30)[3579]	<i>cu-'dy-ta</i>	<i>'cu-dy-ta</i>
	cut-CAU-CSO	cut-DS-CSO
	'he ordered him to cut'	'he cut, and then...'

[...]

Maybe one could say that causative *-dy-* causes a switch of subjects within the verb stem, and different subject *-dy-* causes a switch of subjects across a complex clause construction."

p. 115: "

- (31)[157] *deda(-'wã) ha'dai-da-ki*
 anaconda-AO cut-1S-DEC
 'I cut up the snake' "

p. 483: “

- (32)[2533] *'wi-ki*
cut-DEC
'he cut (the latex tree)' ”

p. 949: “cu- (*V*) cut tree or wood with an axe

dile 'curydy're ‘who would be able to fell (the tree)?’, *nũ'ty 'cudaki* ‘I’m cutting (a tree down for) honey’, *ti'ryj̃ wiri?u'lōi 'cuxare* ‘where did you cut palm heart?’, *'cuwa'nwỹ a'wỹidaki* ‘I saw a felled (by someone) tree’.”

p. 370: “To a limited extent, the morpheme *-dy-* can be applied to nouns with the sense of ‘to feel’, but without a causative sense.”

- (33)[1798] *eri-'dy-ki*
liver-CAU-DEC
'(his) liver hurts' ”

p. 370: “When applied to certain nouns the morpheme *-dy-* means ‘to make’. In contrast to examples like (1798) with the meaning ‘to feel’, the following can be regarded semantically as causative. The literal interpretation is probably ‘to cause to come into being’:

- (34)[1801] *bodo-dy-'nã-tja* *e=e'hỹ-ki*
cake-CAU-FUT-CSO RED=make-DEC
'he is making cakes’

- (35)[1802] *daitxite-'kja-ki* *ywy'nwỹ* *axy-dy-'nã-tja*
lift.up-DR:length-DEC tree house-CAU-FUT-CSO
'he lifted up the rafter to build a house’ ”

p. 221-222: “*The causative element -dy-*

The Kwaza numeral expressions are nouns, which can be used attributively or as referring expressions (i.e. as head nouns, which may be analysed as dependent nouns in headless noun phrases). Furthermore, like any noun, the numerals can be used predicatively through the application of verbal inflexion.

[...]

In spite of the fact mentioned above that *aky-* is not a complete stem without a nominal classifier, the element *-dy-* can intervene in some rare instances. No clear change of category or meaning was observed, but the most probable interpretation of *-dy-* here is causative, rather than possessive.

- (36)[908] *a'ky-dy-hỹ-tse* (**a'kydyhỹki*)

two-CAU-NOM-DEC
 ‘he took two’ ”

[...]

- (37)[911] *a'le wa'dy-da-si a'ky-dy-hỹ wa'dy-ta-ki mǎ'bi*
 axe give-1S-SWR two-CAU-NOM give-1O-DEC arrow
 ‘I exchanged an axe for two arrows’

[...]

A possible literal reading of this example could be something like [...] ‘they made it two arrows I was given in exchange for an axe’. The affixation of *-dy-* is not optional: **a'kydyhỹ 'kuidaki*, and it is not attested with other numeral roots. It is attested only in a similar way with certain attributive roots that normally require a nominal classifier before any other morphological operation occurs (see 5.4.3.). The causative interpretation is probably optional, and the sentence may be intransitive, as if the causer subject is “understood” or omitted:

- (38)[913] *emũ-dy-'hỹ-ki*
 wet-CAU-NOM-DEC
 ‘he / it got wet / was made wet / he wet it’ ”

p. 905: “-ni (*svv*) EXH

Verbal exhortative mood ending of the matrix clause. It occurs with first person inclusive, third person (zero-marked) and indefinite subjects. *awemũ'ko haha'djohata'ni* ‘let the rain wash your foot!’, *'ja?atara'ni* ‘let’s eat first!’. When applied to a noun with beneficiary case marking, it expresses claiming or wanting: *kane'xu 'sidu'ni* ‘I want a bracelet for me’, *he'heku'tynỹ'nĩ* ‘he should be covered’ (by someone, but not by himself). It is probably related to the causational / purposive modal morpheme *-nĩ-*. There is a special paucal exhortative *-ja*, an exhortative particle *hỹ'de* and a hardly productive negative exhortative *-ini*.”

4.

Resposta: Sim. Entre os verbos identificados com o sufixo *-dy* ‘causativo’, somente “ver” (*ãwỹi-*) pode denotar ação abstrata. Os outros dados mostram os seguintes verbos transitivos ativos: “beber” (*kui-*), “comer” (*ja-*), “cortar árvore ou lenha com um machado” (*cu-*), “quebrar” (*dwỹ-*) e “transformar” (*are-*). A causativa permissiva com o morfema *-nĩ* ‘modalidade de causação’ é formada com o verbo *kui-* ‘beber’ (cf. (12) [1425]). Considerando que o verbo *kui-* ‘beber’ também é usado intransitivamente, o exemplo (12) [1425] pode ser uma causativa formada com verbo intransitivo, mas, como a forma padrão desse verbo parece ser a transitiva,

a construção pode ser formada com verbo transitivo cujos objetos foram omitidos (cf. Voort, 2004, p. 357).

p. 113: “When transitive verbs are derived with causative *-dy-* it seems that the animate indirect objects are marked:

(1) [142] *akũ'cũ-nahe're-wã* *a'wỹi-xa-xa-ki*
 Indian-COL-AO see-2-AS-DEC
 ‘you are looking at the Indians’

(2) [143] *'si-wã ãwỹi-'dy-ta?ỹ-'ra*
 I-AO see-CAU-1SO-IMP
 ‘show it to me!’ ”

5.

Resposta: Além do sufixo *-dy* ‘causativo’, entendemos que o sufixo modal *-nĩ* com sentido de causação pode atuar como morfema causativo em construções como (12) [1425], inclusive porque esse morfema tem um efeito de aumento de valência (cf. Voort, 2004, p. 310). Considerando que o verbo *kui-* ‘beber’ também é usado intransitivamente, o exemplo (12) [1425] pode ser uma causativa formada com verbo intransitivo, mas, como a forma padrão desse verbo parece ser a transitiva, a construção pode ser formada com verbo transitivo cujos objetos foram omitidos (cf. Voort, 2004, p. 357).

Em nosso ponto de vista, o que diferencia *-nĩ* parece ser sua semântica permissiva, a qual identificamos com o sufixo causativo *-dy* somente em (8) [1780]. Voort (2004) afirma que o morfema *-nĩ* expressa modalidade com sentido de causação, o que, para nós, pode incluir o sentido de permissão.

p. 401: “The exhortative mood marker *-ni* can also be used as a derivational modal suffix *-nĩ-* with a causational or purposive sense of ‘to make (someone do something)’. This morpheme is dealt with extensively in subsection (5.2.4.1.) of the section on mood.”

p. 310: “In other constructions *-ni* may be considered as a purposive or causational modal morpheme: *-nĩ-* ‘to make (someone do something)’, which is pronounced [nĩ] rather than [ni]. It occurs often, but not necessarily, in subordinate constructions and it has a valency-increasing effect”

p. 427: “The causational and gerundial do not contain person cross-reference.”

p. 308: “

- (11)[1404] *'ka'we kui-'ni*
 coffee drink-EXH
 'let him have coffee!
 (whether he wants it or not)''

p. 311: “

- (12)[1425] *'ja kui-'nĩ-da-ki*
 already drink-CAUS-1S-DEC
 'I already let (him) drink' ”

p. 308: “In a similar fashion the verb-like particle *ratja* ‘order him’, ‘insist’ must have emerged. In this case the imperative morpheme *-ra* functions as the root, in a fixed combination with *-tja-*, which probably originates from a transitiviser. *ratja-* shows more resemblance to a normal transitive verb stem than does *cara* [auxiliary-like verbal particle]:

- (39)[1400] *ratja-'ra*
 order-IMP
 ‘send him!/tell him to!’
- (40)[1401] *e-'nĩ-da-ta ra'tja-da-'ki*
 go-CAUS-1S-CSO order-1S-DEC
 ‘I ordered him to go home’ ”

p. 444: “There is actually one verb root of the form *ra-*. It is apparently based on the imperative mood morpheme *-ra*. It occurs only in combination with a subsequent transitiviser *-tja-* and means ‘to order (him)’:

- (41)[2275] *ra'tja-ki*
 order-DEC
 ‘he ordered him’, ‘he’s insisting’
- (42)[2276] *ε-'nĩ-da-ta ra'tja-da-ki*
 go-CAUS-1S-CSO order-1S-DEC
 ‘I ordered him to go home’ ”

6.

Resposta: Não identificamos construção causativa formada a partir de verbos com três argumentos ou três participantes.

7.

Resposta: Sim. Além das marcações similares nos constituintes, a ordem costuma ser parecida. Tanto na causativa de transitivo quanto na ditransitiva, o OI animado é frequentemente marcado pelo morfema *-wã* ‘não sujeito animado’, e o OD de 3ª pessoa não é marcado. O causado na

causativa de transitivo é considerado um OI e também é marcado com *-wã*. Na maioria dos dados, o verbo é codificado com os morfemas de sujeito e de modo, a exemplo de *-da* ‘1ª p.s.’ e *-ki* ‘declarativo’.

A ordem dos objetos diretos e indiretos varia nas causativas e nas ditransitivas. A causativa (10) [1421] parece seguir a mesma ordem OI V-S das ditransitivas (43) [132] e (45) [136]. As causativas com ordem OI_{Causado} OD V-S, como (5) [1777] e (6) [1778], apresentam ordem semelhante à da ditransitiva (48) [139] (OI OD V-imperativo). As causativas (29) [3578] e (55) [1776] (OD V-S) apresentam ordem semelhante às ditransitivas iniciadas por OD, como (44) [133] (OD V-S) e (46) [137] (OD V-OI-S). A causativa (7) [1779] e a ditransitiva (50) [145] revelam a mesma estrutura (OD V-S OI), porém o OI assume o papel de agente (não prototípico) naquela e de recipiente nesta. As construções com o OI correferenciado no verbo são as causativas (8) [1780] (S OI_{Causado} V-OI-S) e (2) [143] (OI V-OI-imperativo) e a ditransitiva (47) [138] (S V-OI OI).

Semanticamente, o OI das causativas de transitivos atua como agente, e o OI das ditransitivas com o verbo *wady-* ‘dar’ atua como beneficiário (cf. (45) [136], (46) [137], (47) [138] e (48) [139]).

p. 101: “In transitive sentences, object-verb (OV) order is encountered more often than verb-object (VO) order, but upon explicit inquiry both are usually allowed.

[...]

In transitive sentences with an overt subject and an overt object, the order is usually SVO or SOV. No difference in meaning has been discovered between these different orders [...]

p. 102-103: “In ditransitive sentences, the order relative position of the direct and indirect objects is also variable [...] *chicha* [...]

The following order is also permitted, although it is considered as less well-formed”

p. 356: “A few verbs were attested which appear to be potentially ditransitive:

(1709) *hai-* ‘to water, to give liquid to someone, to drench’

wa'dy- ‘to give something to someone’ ”

p. 112-113: “With common ditransitive verbs it is the indirect object which is usually marked with the animate object marker, while the direct object remains unmarked:

(43)[132] *zjwãu-wã ãwã'txi-da-ki*
 João-AO show-1S-DEC
 ‘I’m showing it to João’ ”

(44)[133] *zjwãu ãwã'txi-da-ki*

João show-1S-DEC
 ‘I’m showing João to him’

[...]

(45)[136] *luzeu-’wã wa’dy-xa-ki*
 Luzeu-AO give-2-DEC
 ‘you gave to Luzeu’

(46)[137] *luzeu(*-wã wady-’ja-xa-ki*
 Luzeu(-AO) give-IO-2-DEC
 ‘you gave Luzeu away/to someone’

(47)[138] *lu’zeu wa’dy-eteja-hỹ-ki txana(-wã) / tsitse-’wã*
 Luzeu give-1PO-NOM-DEC we-AO / we-AO
 ‘Luzeu gave to us (IN/EX)’

(48)[139] *kurakura-’wã atxi’txi wady-’ra*
 chicken-AO maize give-IMP
 ‘give the chickens maize!’ ”

p. 113: “In Kwaza, the transitive verb *waja-* ‘bring’ does not allow the expression of an indirect object. It is made ditransitive through the morpheme *-ta-*. This introduces a recipient object which then gets case marking:

(49)[144] *dodotxi’mũ wa’ja-da-ki Ba’hOzO-na (*’mariju(-wã))*
 kerosene bring-1S-DEC Barroso-LOC (Mario-AO)
 ‘I brought kerosene to Barroso (*for Mario)’

(50)[145] *dodotxi’mũ waja-’ta-da-ki wãzeri-’wã*
 kerosene bring-TRA-1S-DEC Wãzerip-AO
 ‘I brought kerosene for Wãzerip’ ”

p. 120: “From a pragmatic point of view, the absence of case marking generally does not create ambiguity when the verbal object is inanimate. The same holds for indirect objects of semantically ditransitive verbs: it is usually people who give things to living beings. So, if the case marker *-wã* were an animacy marker alone, the disambiguation function would be an automatic side effect. Nevertheless, it is essential when the arguments of transitive verbs are equal in animacy and person. Therefore *-wã* is bifunctional: it serves to mark both animacy and objecthood. At the same time, it reflects the much attested pragmatically based tendency to prefer to give subject function to animate beings (see e.g. Comrie 1989:128).”

p. 126: “[...] the beneficiary relationship is inherent to the semantics of *wady-* ‘to give’.”

Resposta: Sim. Voort (2004, p. 357) afirma que os verbos *ãwỹi*- ‘ver’, *jady*- ‘alimentar’ e *kui*- ‘beber’ podem ser usados transitiva ou intransitivamente. As causativas identificadas com esses verbos são (2) [143], (5) [1777], (7) [1779], (6) [1778], (24) [1831] e (12) [1425].

p. 357: “Furthermore, the valency of many transitive verbs can be decreased without any further morphological adaptation. Verbs such as *ãwỹi*- ‘to see’, *hyri*- ‘to steal’, *kui*- ‘to drink’, *wady*- ‘to give’, etc. can be used both transitively or intransitively.”

p. 247: “In Kwaza, semantically (di)transitive verbs often have an intransitive reading as well: *ĩ wa'dyki* lit. ‘it is he who gave’ either has a transitive sense ‘it is he who gave it to him’ or intransitive ‘it is he who is giving (i.e. he does not want anything in return)’.”

p. 874: “*jady*- (*V*) feed

Causative derivation of *ja*- ‘to eat’. May be used without specifying any objects, i.e. in an intransitive way.”

9.

Resposta: Não identificamos causativização de verbo transitivo com IN no Kwazá.

10.

Resposta: Não. Como antecipado na resposta à questão 7, a ordem dos constituintes OD e OI é variável. As causativas de transitivos costumam apresentar o verbo na posição final, com o sujeito afixado a esse verbo. A maioria dos dados parece ser iniciada pelo OI, a exemplo de (2) [143] (OI V-OI-imperativo), (5) [1777] (OI_{Causado} OD V-S), (10) [1421] (OI V-S) e (6) [1778] (OI_{Causado} OD V-S). Entre os enunciados iniciados pelo sujeito, somente (8) [1780] (S OI_{Causado} V-OI-S) mostra o sujeito correferenciado no verbo, assim como o constituinte OI. Em (16) [117] (S OI OD V), o nominal sujeito não é correferenciado no verbo. Os dados (30) [3579] (V) e (24) [1831] (V-S) são formados apenas pela estrutura verbal, assim como (12) [1425] (V-S), porém este último é uma causativa de sentido permissivo marcada pelo morfema *-nĩ* ‘modalidade de causação’. O único dado que identificamos com verbo em posição não final é (7) [1779] (OD V-S OI_{Causado}), o qual é iniciado pelo OD, assim como (29) [3578] (OD V-S). Considerando que o verbo *kui*- ‘beber’ também é usado intransitivamente, os dados (12) [1425] e (24) [1831] podem ser causativas formadas com verbos intransitivos, mas, como a forma padrão desse verbo parece ser a transitiva, as construções podem ser formadas com verbos transitivos cujos objetos foram omitidos (cf. Voort, 2004, p. 357).

O constituinte que ocupa o lugar típico de acusativo parece ser o paciente.

p. 92-93: “Verbs form an open class and share a number of properties which members of the other categories do not have:

- a) Verbs consist of roots which cannot occur as free elements. This forms a basic difference with nouns, adverbs and particles.
- b) Verbs require person and mood inflexion.
- c) Verbs can be nominalised by attachment of nominalising suffixes or classifiers. [...]
- d) Since arguments do not have to be expressed by independent nouns or pronouns, and are always referred to by person inflexions, a verb can be the sole constituent of a complete sentence.”

p. 110: “Transitivised verbs

The animate direct objects of verbs containing the transitivising morpheme *-ta-* (see 5.4.2.1.) are obligatorily marked with *-wã*:

- (51)[109] *zjuze-'wã* *oja-'ta-da-ki*
 José-AO go-TRA-1S-DEC
 ‘I visited José’ ”

p. 101: “In transitive sentences, object-verb (OV) order is encountered more often than verb-object (VO) order, but upon explicit inquiry both are usually allowed.

- (52)[34] *kreBa-'na* *ã'rũi* *waja-'nã-da-ki*
 Gleba-LOC tapir bring-FUT-1S-DEC
 ‘I’m going to take the horse to Gleba’ (riding it or not)

[...]

In transitive sentences with an overt subject and an overt object, the order is usually SVO or SOV. No difference in meaning has been discovered between these different orders [...]

11.

Resposta: Não identificamos restrições na formação das causativas de transitivos com o sufixo *-dy* ‘causativo’. Os participantes causador e causado apresentam traço [+ANIMADO] em todos os dados consultados. Embora haja prevalência da 3ª pessoa para o causado, esse participante também ocorre com a 2ª pessoa (cf. (8) [1780] e (2) [143]). Identificamos o causador na 1ª e na 3ª pessoas do discurso.

Registramos, para efeitos tipológicos, que o sufixo causativo *-dy* não pode ser afixado antes de um morfema direcional e não pode ser adjacente ao declarativo *-tse* (Voort, 2004, p. 349, 841).

Em relação ao morfema *-nĩ* ‘modalidade de causação’, Voort (2004, p. 587) informa que não atestou dados na 1ª pessoa do plural.

p. 349: “Note that causative *-dy-* may be infixated before the obligatory classifier *-hỹ-* in some words: *e'mũdy'hỹki* ‘he/the thing got/was made wet/ he wet it’, but apparently not before a directional: *emũkace'dydaki* ‘I poured water over the bench’.”

p. 841: “*-dy-* (svv) CAU

The causative morpheme cannot be immediately adjacent to declarative *-tse*.”

p. 587: “[...] no instances of a first person plural causational have been attested so far [...]”

12.

Resposta: Não identificamos referência a aspectos cognitivos em Voort (2004).

13.

Resposta: Embora Voort (2004) não identifique causatividade sintática no Kwazá, consideramos que o dado (53) [84] pode mostrar uma causativa sintática formada a partir do verbo *tjata* ‘dizer a (uma pessoa)’.

Registramos que uma construção semelhante a essa foi identificada na língua Warí (Chapakura), na qual um esquema com o modo imperativo e um verbo “dizer” é reconhecido como estratégia causativa.

p. 107: “

(53) [84] *hã mũi-'ra tja'ta-da-ki mau'rilju-wã*
 water submerge-IMP say-1S-DEC Maurilio-AO
 ‘I ordered Maurilio to get water’ ”

p. 932: “*tjata-* (*V*) say to (a person)

[...] This root can probably be analysed etymologically as a combination of *-tja* ‘CSO’ [cosubordination] (possibly used adverbially) and *ta-* ‘to talk’, which may originate from reported speech constructions [...]. Other somewhat tempting analyses of the first element are that it is the transitiviser *-tja-*, or that it is an alternative root for ‘to talk’ whereas the second element is a transitiviser.”

14.

Resposta: Não identificamos verbos usados exclusivamente para expressar causatividade sintática no Kwazá.

15.

Resposta: Considerando a estrutura argumental dos verbos de (53) [84], é possível propor que essa aparente causativa sintática com *tjata* ‘dizer a (uma pessoa)’ é bi-oracional, e o verbo *tjata* atuaria como um causativo com sentido de ‘ordenar’. Essa construção bi-oracional parece ser menos integrada do que as causativas sintáticas identificadas tipologicamente. Esclarecemos que Voort (2004) não dá esse tratamento aos dados, uma vez que não identifica causatividade sintática no Kwazá.

16.

Resposta: Não identificamos pares com verbos lexicais transitivos no Kwazá.

17.

Resposta: Não identificamos causativa lexical.

18.

Resposta: O causado parece assumir a função de OI do verbo causativizado (p. 366-367), a exemplo de (55) [1776], (5) [1777], (6) [1778], (7) [1779] e (8) [1780].

Analisando os dados (54) [1775] e (55) [1776], Voort (2004, p. 367) propõe que, na construção causativa, não seria introduzido um sujeito causador, mas sim um “objeto agentivo”, enquanto o sujeito apenas assumiria a função semântica adicional de causador. Em nosso ponto de vista, contudo, a construção (55) [1776] não parece atuar como a contraparte derivada de (54) [1775].

p. 113: “When transitive verbs are derived with causative *-dy-* it seems that the animate indirect objects are marked [with *-wã*] [...]”

p. 367-368: “In the following examples the agent of the verb root is ‘chickens’, ‘João’ and ‘you’, respectively. However, these agents are objects on the grammatical level and are case-marked accordingly. Meanwhile, the grammatical subject is ‘I’, and has the semantic function of causer of the entire event [...]”

p. 366: “Causative *-dy-* is attached to verb roots before person cross-reference. It transitivises intransitive verbs and introduces a causative subject. When applied to third person subject

intransitive verbs it demotes the original grammatical subject to object. The object retains its semantic function of agent with respect to the verb root. In addition, *-dy-* usually attracts stress.”

p. 367: “With respect to this set of examples one cannot say that there is introduction of a causer together with demotion of the original subject to object position. Instead, it appears that an agentive object is introduced, while the subject takes on the extra semantic function of causer.

This is especially common with transitive verb roots:

(54) [1775] *'tsoro 'dwỹ-da-ki*
arm break-1S-DEC
'I broke my arm'

(55) [1776] *tso'ro dwỹ-'dy-da-ki*
arm break-CAU-1S-DEC
'I made him break his arm'
(probably also: 'I broke his arm')

p. 846: “*dwỹ-* (*V*) break

The breaking of oblong things, wood, metal etc. *'dwỹtse* ‘it broke’, *'dwỹki* ‘he broke it’.”

19.

Resposta: O causado não mantém o caso nem a função sintática de sujeito. Não identificamos compartilhamento das propriedades de sujeito entre o causador e o causado. Esclarecemos que identificamos duas possibilidades de análise do comportamento do causado no Kwazá. Segundo Voort (2004, p. 367), a causativização de raízes verbais transitivas pode ser feita pela introdução não de um novo sujeito, mas de um novo “objeto agentivo”. Nessa perspectiva, o sujeito da construção não causativa permanece como sujeito da derivada, mantendo assim sua função sintática, porém com o papel adicional de causador. O causado surgiria na construção como objeto, de modo que não compartilharia propriedades de sujeito com o causador, a exemplo de (55) [1776]. Todavia, em dados como (2) [143], entendemos ser possível considerar que ocorre a introdução de um novo sujeito (causador), seguida da demissão do sujeito original para a função de OI marcado por *-wã* ‘não sujeito animado’.

20.

Resposta: A ordem e o morfema *-wã* ‘não sujeito animado’ também ocorrem com outros constituintes. Como indicado na resposta à questão 7, a ordem do causado varia, assim como a ordem do OD e do OI nas ditransitivas. Morfologicamente, o causado e o OI animado da ditransitiva tendem a ser marcados pelo morfema *-wã* ‘não sujeito animado’. Com verbos transitivos, o OD animado também costuma ser marcado por *-wã* (p. 105).

21.

Resposta: Não identificamos marcação morfológica distinta da função sintática do causado. O morfema *-wã* ‘não sujeito animado’ tende a marcar o causado como OI na causativa de transitivos (p. 113).

p. 113: “When transitive verbs are derived with causative *-dy-* it seems that the animate indirect objects are marked [with *-wã*] [...]”

22.

Resposta: Não identificamos construções com ambos o causado e o paciente codificados como OD.

23.

Resposta: Sim. A causativização se realiza pela introdução de um novo sujeito, o qual demove o sujeito original para a função de OI, pois a posição de OD já está preenchida, de maneira que o causado assume a próxima posição disponível, no sentido proposto por Comrie (1976, 1989) (cf. Voort, 2004, p. 369). Entretanto, na proposta de Voort (2004, p. 367) sobre o dado (55) [1776], o causado não seguiria a hierarquia nas situações em que a causativização é feita pela introdução de um novo “objeto agentivo”.

24.

Resposta: Sim. O morfema *-wã* ‘não sujeito animado’ tende a marcar o causado (OI) na causativa de transitivos (p. 113). Além de o causado manter o papel de agente do verbo causativizado (p. 366-367), também pode ser correferenciado no verbo, como em (2) [143] e (8) [1780].

p. 244: “[...] verbs are obligatorily marked for person. Subject person marking is obligatory, whereas object person marking has an optional character. Subject person marking can be anaphoric, and the overt pronominal expression of the subject, or for that matter the object, has an emphatic or disambiguating function [...]”

p. 245: “There are no special object pronouns. However, like various examples in section (4.1.1.) illustrate, personal pronouns may fulfil object function when marked for (animate) object case.”

25.

Resposta: Sim. Entendemos que o causado pode ser omitido tanto nas construções formadas com o sufixo *-dy* ‘causativo’, a exemplo de (29) [3578], (30) [3579], (55) [1776] e (24) [1831], quanto naquelas formadas com o *-nĩ* ‘modalidade de causação’, como em (12) [1425]. A omissão é pragmaticamente motivada e não altera a valência sintática.

Considerando que o verbo *kui-* ‘beber’ também é usado intransitivamente, os dados (12) [1425] e (24) [1831] podem ser de causativas formadas com verbos intransitivos, contudo, como a forma padrão desse verbo parece ser a transitiva, as construções podem ser formadas com verbos transitivos cujos objetos foram omitidos (cf. Voort, 2004, p. 357).

p. 95: “A real formal threat to the category distinction, however, is the phenomenon of morphological ellipsis. This can occur under specific pragmatic circumstances. One type of morphological ellipsis concerns the ellipsis of verbal inflexions. In this case, verb roots occur as independent morphemes, while the absent inflexions of person and mood are understood in the pragmatic context by speaker and hearer. Note the following example, in which the root lacks the expected second person subject and interrogative mood inflexions:

(56)[25] *ka'we kui*
 coffee drink
 ‘did you have coffee?’ ”

26.

Resposta: Não identificamos relativização do causado, porém as posições de sujeito e objeto podem ser nominalizadas nas construções não causativas, em um processo considerado equivalente ao da relativização (Voort, 2004, p. 188, 688).

p. 188: “There is no difference in Kwaza between nominalisation and relative clause formation. Nominalised verbs can be finite and juxtaposed to a noun, which may be the underlying object of the verb stem [...]”

p. 24-25: “Among the nominal clauses there are attributive (relative) clauses and complement clauses. These involve the same nominalisers as referred to above [*-hỹ e -nãĩ*].”

p. 688: “The head of an attributive construction may be an argument of the verbal root of the dependent modifying attributive clause. In Kwaza, there are two arguments which are in this manner “accessible to relativisation” (see Keenan and Comrie 1977): subject and object.”

p. 689: “In fact there is no formal distinction at all between subject and object “relativisation”.”

p. 129: “One of the most common nominalising morphemes is *-hỹ*. When it “replaces” the mood marker of a verb, it functions as a nominaliser. [...] As a nominalised verb keeps most of its verbal properties (arguments, person marking etc.) it can also function as the Kwaza equivalent of a (headless) relative clause [...]”

p. 866: “*-hỹ* (*svn*) NOM

-hỹ- is by far the most frequently occurring morpheme of Kwaza, and it has a variety of functions. It is basically a semantically neutral nominaliser. [...] Kwaza having neither adjectives nor relativisation, attributive modification is realised often by nominalised verb roots in juxtaposition to nouns, and complex attributive constructions can be the result.”

p. 470: “In fact, entire clauses can be nominalised by *-nãi*. In several respects, verbs nominalised by *-nãi* are rather like infinitives than like nouns. Unlike verbs nominalised by *-hỹ*, those nominalised by *-nãi* cannot be used as noun modifiers or as relative clauses. Verbs nominalised by *-nãi* usually function as complements of verbs of cognition, but they can also function as arguments of other verbs.”

27.

Resposta: Como informado nas respostas às questões 4 e 11, nas construções causativizadas com os morfemas *-dy* ‘causativo’ e *-nĩ* ‘modalidade de causação’, o causado apresenta traço [+ANIMADO] e ocorre com verbos transitivos ativos ou denotando ação potencialmente abstrata, como *ãwỹi-* ‘ver’ ((2) [143]). Com base nisso e nos dados disponíveis, constatamos que o causado pode expressar os papéis semânticos de agente e de experienciador.

28.

Resposta: Os dados mostram que o causado é animado e capaz de executar ordens, seja por resposta a um comando ((30) [3579], (12) [1425]), seja pelo modo imperativo ((2) [143]), motivo pelo qual deduzimos que o causado pode estar no controle das atividades que exerce. Em (55) [1776], contudo, o causado parece não ter controle da ação pelo fato de ser prejudicado por ela. Não conseguimos identificar os graus de afetação ou volição do causado.

29.

Resposta: Não identificamos mais de um tipo de causado nas causativas de transitivos do Kwazá.

30.

Resposta: Considerando que o causador pode agir por meio de comandos, deduzimos que ele é capaz de atuar indiretamente sobre o causado.

31.

Resposta: Considerando que o causador pode agir por meio de comandos, deduzimos que ele é capaz de atuar intencionalmente.

32.

Resposta: Considerando que o causador pode agir por meio de comandos, deduzimos que ele é capaz de agir naturalmente.

Embora não seja objeto de nossa análise, registramos que, na causativa de intransitivo (57) [2686], o resultado parece ser alcançado com esforço, dada a conotação coercitiva do enunciado.

p. 506: “

(57) [2686] *zjwãu samwe-'wã a'cwadyhỹ mûi-'dy-ki*
 João Samuel-AO force submerge-CAU-DEC
 ‘João forces Samuel to fetch water’ ”

p. 506: “

(58) [2687] *acwa'nydyhỹ 'mûi-da-ki*
 force.REF submerge-1S-DEC
 ‘I’m fetching water under coercion’ ”

p. 901: “mûi- (*V*) submerge, fetch water, plunge

hã 'mûiki ‘he fetched water’ (usually by dipping the bucket in the river). Often in compounds: *mûiwady-* ‘to give to drink’. *hã mûiwanε'ra* ‘go and get water!’, *mûiwa'dydaki* ‘I got him water, took water for him’, *tsoje'ko mûi?a'saki* ‘he splashed up water with the hand’, *mûiba'rudaki* ‘I dived, went under water’.”

33.

Resposta: Tendo em vista que o causador é capaz de agir por meio de comandos, deduzimos que ele não está envolvido na atividade em conjunto com o causado.

34.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se há graus de topicalidade ou foco relacionados ao causado ou ao paciente na causativa de transitivo.

35.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se há relação entre a frequência das situações e o tipo de construção causativa.

36.

Resposta: Além da causativa morfológica, Voort (2004) não identifica outros mecanismos formais para expressar causatividade. No entanto, como informado na resposta à questão 13, entendemos que o dado (53) [84] pode mostrar uma causativa sintática. Essa construção com o verbo *tjata* ‘dizer a (uma pessoa)’ e o verbo *mũi* ‘submergir, buscar água, mergulhar’ marcado no modo imperativo pode ser indício de uma causação menos direta do que nas morfológicas, codificadas com os sufixos *-dy* ou *-nĩ*, as quais mostram menos material linguístico.

Os dados disponíveis não permitem concluir se há diferença no grau de controle do causado.

37.

Resposta: Mudança de valência. Voort (2004) avalia que o sufixo *-dy* é um transitivizador que altera a valência verbal e, simultaneamente, exerce a função causativa. O morfema *-nĩ* ‘modalidade de causação’ também tem o efeito de aumentar a valência verbal. Não identificamos informações explícitas sobre voz verbal em relação aos morfemas causativos.

p. 360: “The causative morpheme *-dy-* is normally a transitivity marker [...]”

p. 355: “Kwaza verbs need not be explicitly marked for a specific valency value. Also, verbs need not be subcategorised for a specific number of arguments. [...] Although a number of verbs are neutral or unmarked with respect to valency, many verbs can be explicitly transitivised or detransitivised through suffixes. These are suffixes which introduce or remove an object. [...] There are also valency changing suffixes which have clear additional functions such as causative. The following morphemes are discussed in the various subsections: causative *-dy-* [...]”

p. 310: “In other constructions *-ni* may be considered as a purposive or causal modal morpheme: *-nĩ-* ‘to make (someone do something)’, which is pronounced [nĩ] rather than [ni]. It occurs often, but not necessarily, in subordinate constructions and it has a valency-increasing effect [...]”

38.

Resposta: Não identificamos causativas de transitivos combinadas com outras vozes ou mecanismos de mudança de valência.

Conforme os dados da causativa de intransitivo (59) [1885], porém, registramos que o sufixo *-dy* ‘causativo’ pode ser combinado com os morfemas reflexivo *-nỹ* e recíproco *-lɛ*, evidenciando o grau de transitividade do radical formado com *-dy*.

p. 379: “Reciprocity in Kwaza is expressed by the morpheme *-lɛ*-. It is applied to transitive or transitivised verbal bases and it occurs before cross-reference marking [...]”

p. 380: “With the verb root *wady*- ‘to give’, the reciprocal morpheme suggests that many people are involved in the action of giving, and this is not necessarily a reciprocal action [...]”

In the case of few people, reflexive *-nỹ*- would be inserted in addition to *-lɛ*-, and the action would be reciprocal:

(59) [1885] *wa-nỹ-dy-'lɛ-ki*
 give-REF-CAU-RECI-DEC
 ‘they are giving (things) to one another’

Note again that *-nỹ*- is inserted in a strange place, inside the root.”

39.

Resposta: Considerando que o sufixo causativo *-dy* é homófono dos morfemas *-dy*- ‘sujeito diferente’ e *-dy*- ‘possessivo’, Voort (2004) avalia que essas categorias podem estar relacionadas, de modo que haveria relação entre essas funções ou que uma teria origem metafórica em outra. Adicionalmente, o morfema *-dy*- está lexicalizado na raiz verbal de *wady*- ‘dar’ e na de outros verbos, como *acwadyhỹ*- ‘forçar’, *keredy*- ‘agradecer’, *mũre'dy*- ‘contribuir’, *tã'i'dy*- ‘frear, travar’, entre outras (p. 372).

Em relação ao sufixo modal *-nĩ*, com sentido de causação, Voort (2004, p. 427, 586, 905) informa que se trata de um sufixo deverbal e pondera que ele pode ter origem no morfema de modo exortativo *-ni*, como resultado de fenômenos de cliticização de sufixos de pessoa e modo e de estratégias de retomada. O autor também considera que o morfema *-nite* ‘nominalizador’ pode estar etimologicamente relacionado ao sufixo *-nĩ* (p. 484).

p. 366: “The causative morpheme *-dy*- is homophonous with the different subject morpheme *-dy*- in medial clauses and with the possessive morpheme *-dy*- in attributive constructions. There

may be a relationship between these functions, which is reflected by the homophony of the forms.”

p. 677: “Notice furthermore the discussion about the examples of (8.3.2.1.1.) in which *-dy-* may originate from a metaphorical use of the benefactive. It is possible that the two categories of benefactive/causative and different subject are related in some way.”

p. 675-676: “8.3.2.1.1. Different subject marking in other subordinate clauses
[...]

One could regard the interpretation ‘letting the child cry’ as a reason to consider *-dy-* as metaphorically extended use of the causative morpheme. Because its position after *-hỹ-*, however, it is more likely that *-dy-* is a different subject morpheme here (the nominaliser *-hỹ-* may have a clefting function, see 5.5.20.).”

p. 373: “*Benefactive use of wady-*

The element *-dy-* is lexicalised in the verb root *wady-* ‘to give’. As a second element in compounds, this root functions as a benefactive morpheme [...]

p. 24: “Some morphemes of modality are etymologically related to mood markers, such as the causational morpheme *-nĩ-* and the exhortative mood marker *-ni-*.”

p. 427: “It seems that the gerundial *-tsy-*, volitional *-damỹ-* and causational *-nĩ-* morphemes are the result of one and the same process. [...]

The morphological complex of bound person and mood marking sometimes occurs as a clitic morpheme or even as a free morpheme. In section (5.5.11.) it is shown that cliticisation of person and mood marking to predicates which are already inflected for person and mood is a productive means to quote speech. It seems on a more diachronic level that, as a result of this same phenomenon of post-cliticisation of further person and mood suffixes, the volitive (*-mỹ-*), exhortative (*-ni-*), monitory (*-tsi-*) and declarative (*-tse-*) mood morphemes have developed into modal volitional (*-damỹ-*), causational (*-nĩ-*), preventive (*-tsi-*) and gerundial (*-tsy-*) morphemes, respectively. The causational and gerundial do not contain person cross-reference.”

p. 586: “Cliticisation (and resumptive strategies) may also be the cause of the emergence of the modal morphemes *-tsy-* (potential or gerundial), *-damỹ-* (volitional/intentional), *-nĩ-* (causational) and *-tsi-* (preventive). These morphemes are obviously related to their illocutionary equivalents *-tse-* (declarative), *-mỹ-* (volitive), *-ni-* (exhortative) and *-tsi-* (monitory) respectively [...]

p. 482-484: “When applied to verb roots, the morpheme *-nite* produces an instrument noun. [...]

With certain verbs, the result of nominalisation by *-nite* is not an instrument noun, but a result noun: it refers to the object with respect to which the action indicated by the embedded verb root was executed [...]

Furthermore, the result of nominalisation by *-nite* can be a patient object of the embedded verb root [...]

It is possible that the morpheme *-nite* is etymologically related to the nominalizer *-te* (see 5.6.6. above) and the causational element *-nĩ-* (see 5.5.9.).”

40.

Resposta: Não identificamos mudanças diacrônicas na marcação de caso do causado de verbo transitivo.

41.

Resposta: O causador é tratado como “*causer*”, entendido como função semântica, e “sujeito gramatical” (p. 367). O causado é chamado de “agente da raiz verbal”, “objeto agentivo”, “objeto gramatical” (p. 367) e “objeto indireto animado” (p. 113).

Não identificamos definições explícitas.

42.

Resposta: Não identificamos terminologia particular em Voort (2004).

Bororo (Bororo)

Obras pesquisadas¹: Crowell, T. (1979), Nonato (2008), Martins, Camargos, Costa e Miranda (2009), Crowell, J. (2013)

1.

Resposta: O mecanismo formal que o Bororo usa é o sintático, por meio dos verbos *dě* ‘causar, permitir’ e *gě* ‘fazer começar’ (causativo + inceptivo), os quais são considerados verbos transitivos mais gramaticais do que lexicais (Crowell, T. 1979, p. 45-46; Nonato, 2008, p. 116-121). Crowell, T. (1979, p. 45, 51) registra que o verbo *iagu* ‘imminente’ também é causativo, porém não encontramos evidências de causatividade nos dados fornecidos pelo autor. Não identificamos construções com *gě* formando causativas a partir de verbos transitivos.

De acordo com Nonato (2008, p. 116-117), o “verbo leve” *dō* ‘causativo’ se cliticiza aos morfemas de tempo, negação e modo (TNM) da oração subordinada. Nos dados de Crowell, T (1979), identificamos o uso do causativo com as marcas de pessoa, cor/adjetivo, verbo e conjunção, mas não com os morfemas de TNM.

Segundo Martins *et al.* (2009), os autores Camargos e Rodrigues (em preparação) identificaram o sufixo causativo *-to* ~ *-do* ~ *-du*, entretanto os dados mostram apenas causativas de verbos intransitivos.

Crowell, J. (2013) trata o morfema causativo *-do* ~ *-to* ‘fazer, permitir’ como sufixo, mas a autora não fornece análises gramaticais que expliquem esse tratamento. Esclarecemos que, em seus dados, não identificamos exemplos com o morfema *do* preso ao verbo de efeito.

Em nosso ponto de vista, a ocorrência do sufixo com verbos intransitivos pode ser indício de que o Bororo usa o mecanismo sintático para formar causativas de transitivos, e o morfológico para formar causativas de intransitivos (conforme os dados (27) [9a] e (28) [9b]). Assim, o mesmo morfema funcionaria como verbo gramatical em uma construção e como sufixo em outra, o que sugere um processo de gramaticalização. Em relação ao morfema *gě*, os dados parecem mostrar usos semelhantes a um sufixo, em construções com verbos intransitivos.

p. 45 (Crowell, T. 1979): “Lexical transitive verbs include all transitive verbs except the causative verbs *-dě* ‘causative’, *-gě* ‘causative+inceptive’, and *-iagu* ‘imminent’.”

¹ Agr: Núcleo de concordância; Asp: Aspecto; Assert: Modo assertivo; C: Conjunção; Caus: Causativo; D: Determinante/pronome; Impo: Impossível; Inal: Inalienável; M: Núcleo de modo; N: Nome; Neg: Núcleo de negação; pl: Plural; s: Singular; sg: Singular; Suf: Sufixo; T: Núcleo de tempo; V: Núcleo verbal; v: Verbo leve; 1: Primeira pessoa; 2: Segunda pessoa; 3: Terceira pessoa.

p. 45-46 (Crowell, T. 1979): “Causative. If Lexical is not chosen in connection with Transitive, Causative must be. Causative is realized by *-dē* when only it is selected, by *-gē* when Inceptive is also selected. Causative means either ‘cause’ or ‘allow’, with disambiguation coming only from context. For a basic understanding of causative the distinction involving the feature Inceptive is not relevant, and is therefore ignored until causative is well introduced.”

p. 48-49 (Crowell, T. 1979): “Clauses which are objects of causative clauses are restricted to only normal, subject initial order. Fronting is not allowed here. These object clauses may be transitive (with either a lexical or causative verb), intransitive, equative, or existential. Following are examples which have these features, first as independent clauses without Causative, then embedded in an independent matrix clause as object of a causative verb. When embedded as the object of a causative verb, clauses have no aspect. Independent clauses, on the other hand, all have aspect. I point this out to forestall a mistaken understanding that the aspect seen in the causative matrix clause has been moved or raised there from out of the dependent clause. For the same reason I sometimes use an aspect in the causative example which is different from the one used in the noun causative clause which precedes it.

- (1) [55a] Transitive, Lexical Verb
U-re karo bowije.
 3sg-neutral fish cut
 ‘He cut the fish.’
- (2) [55b] Causative; Transitive, Lexical Verb in Complement
A-nire u-dē- karo bowije.
 2sg-stative 3sg-causative fish cut
 ‘You were causing him to cut the fish.’ ”

p. 49-50 (Crowell, T. 1979): “Inasmuch as object clauses with causative verbs may themselves contain causative verbs, there is no limit, in principle, to how many embeddings may occur. Clauses like the following example are possible, but one does not hear them every day, presumably because it is too hard to remember so many items.

- (3) [57] *I-re a-dē u-dē e-dē karo bowije.*
 1sg-neutral 2sg-causative 3sg-causative 3pl-causative fish cut
 ‘I caused you to cause him to cause them to cut the fish.’ ”

p. 43 (Crowell, T. 1979): “Transitive. The choice of Transitive leads to a selection from the system containing Agentive and Nonagentive. Active and Passive could be used for feature labels in place of these two, but Agentive and Nonagentive give a more straightforward picture for Bororo. The initial discussion of Transitive assumes that Agentive has been selected.

Agentive is realized by an entry into the NP system. Also associated with Agentive is the requirement that if Agentive is selected, aspect (when it is present) must follow it.”

p. 61-62 (Crowell, T. 1979): “As was mentioned in section 1.2.4 the choice of Transitive leads to a possible choice of Mental Transfer [verbs of perception or speech]. There are two lexical transitive mental transfer verbs, *biie* ‘advise, teach’, and *pawije* ‘grasp, understand’. Also mental transfer verbs may be part of a clause which is the object of a causative verb. All clauses with mental transfer verbs may choose either Direct, as in example 84 or Indirect, as in example 85.

- (4) [84] *I-re* *a-mago-dë* *u-tu-re.*
 1sg-neutral 2sg-say-causative 3sg-go-neutral+direct
 ‘I made you say ‘He left’.’
- (5) [85] *I-re* *a-mago-dë* *u-tu-ie.*
 1sg-neutral 2sg-go-causative 3sg-go-neutral+indirect
 ‘I made you say that he left.’ ”

p. 36 (Crowell, T. 1979): “1.2.4 Transitive mental transfer. Up until this point, we have considered the features Mental Transfer, Direct, and Indirect only in connection with intransitive verbs. They may also, however, be selected with transitive verbs. There are only two transitive mental transfer verbs, *biie* ‘advise, teach’, and *pawije* ‘understand, discover’.”

p. 179-180 (Crowell, T. 1979): “Change of state. Change of state is realized by *-xe*. *-Xe* signals a material, not locational, change of state. *-Xe* occurs with either a NP which is a latter state, as in the following examples, or a NP which is a former state, but never both within one clause. [...]

- (6) [114] *I-re* *ira* *pemega-dë* *i=muga-xe*
 1sg-neutral wood good-causative 1sg=chair-latter=state
 ‘I made the wood into a chair.’

In clauses expressing a change of material state which contain both the former and latter state NP’s, such as the previous example, *-xe* may occur either with the latter state as in examples 115 and 117 below, or with the former state, as in examples 116 and 118, but not both. The one which does not occur with *-xe* is the direct object of a verbal clause or subject of an existential clause. In all cases NP-*xe* occurs following the verb phrase in normal postpositional location.

- (7) [115] *I-re* *aigo* *biri* *pemega-dë* *a-kudawi-xe.*
 1sg-neutral jaguar skin good-causative 2sg-garment-latter=state
 ‘I made the jaguar skin into your garment.’
- (8) [116] *I-re* *a-kudawi* *pemega-dë* *aigo biri-xe.*

1sg-neutral 2sg-garment good-causative jaguar skin-former=state
 ‘I made your garment from a jaguar skin.’

[...]

The difference in the two sets of sentences in Bororo as well as English is not one of content but one of prominence, of treating one as somehow more important than the other. The speaker decides what prominence to give to the various elements and arranges them accordingly, with the more prominent NP being placed first.”

p. 116 (Nonato, 2008): “A língua bororo tem um verbo leve que atribui um causador a um evento – *dō* [...]. Todos tomam como argumento uma oração completa com tempo e modo e aparecem cliticizados (juntamente com a eventual conjunção subordinativa) ao sintagma mais alto da oração argumento, como está detalhado nas próximas subseções.”

p. 116-117 (Nonato, 2008): “Causativo *dō*

O verbo leve causativo *dō* se comporta sintaticamente como um verbo transitivo e toma como argumento orações com verbos de qualquer classe (cf. seção 3.2.4.1 sobre as classes verbais). Ele cliticiza-se (juntamente com a conjunção subordinativa) aos morfemas TNM [tempo-negação-modo] da oração subordinada.”

p. 118-119 (Nonato, 2008): “Observe agora como a oração transitiva 230 é causativizada em 231.

- (9) [230] *ikare awü i kado*
 i.ka.re *awü* *i* *Ø.kado*
 1s.'não'.assert ‘esse’ ‘árvore’ 3s.‘cortar’
 Agr.Neg.M D N Agr.V
 ‘eu não corto essa árvore’

Assim como no caso dos argumentos inacusativos (exemplificado em 228/229), caso o único morfema TNM presente na oração subordinado fosse o morfema de modo *re*, tanto ele quanto a conjunção subordinativa *dü* seriam dispensados (cf. 232/233)

- (10)[231] *are ikaredüdo awü i kado.*
 a.re *i.ka.re* *dü.dō* *awü* *i* *Ø.kado*
 2s.assert 1s.'não'.assert. 'que'.causativo ‘este’ ‘árvore’ 3s.‘cortar’
 Agr.M Agr.Neg.M C.v D N Agr.V
 ‘você faz com que eu não corte essa árvore’

- (11)[232] *ire awü i kado*
 1s.assert ‘esse’ ‘árvore’ 3s. ‘cortar’
 Agr.M D N Agr.V
 ‘eu corto essa árvore’

2.	a. <i>Ure uke karo kowuje.</i>	‘Ele comeu peixe (a comida dele).’
	b. <i>Ere udo uke karo kowuje.</i>	‘Eles o fizeram comer peixe (a comida dele).’
3.	a. <i>Ere aroia kabi.</i>	‘Eles lavaram roupa.’
	b. <i>Ure edo aroia kabi.</i>	‘Ele/a os/as faz lavarem (a) roupa.’
4.	a. <i>Ure aroia maku.</i>	‘Ele/a deu (o) pano.’
	b. <i>Čere udo aroia maku.</i>	‘Nós (excl.) o/a fizemos dar (o) pano.’
5.	a. <i>Are ake rogu tugo meririto.</i>	‘Você pôs a sua comida dentro da panela.’
	b. <i>Pare ado ake rogu tugo meririto.</i>	‘Nós (incl.) fizemos você pôr sua comida dentro da panela.’
6.	a. <i>Pare imedu bie.</i>	‘Nós (incl.) avisamos o homem.’
	b. <i>Ere pado imedu bie.</i>	‘Eles nos fizeram avisar o homem.’
7.	a. <i>Tare aroe aru.</i>	‘Vocês compraram arroz.’
	b. <i>Ire tado aroe aru.</i>	‘Eu fiz você comprar arroz.’
8.	a. <i>Čere karo bowuje.</i>	‘Nós (excl.) cortamos o peixe.’
	b. <i>Tare čedo karo bowuje.</i>	‘Vocês nos fizeram cortar o peixe.’
9.	a. <i>Ure bola barigu.</i>	‘Ele jogou a bola.’
	b. <i>Are udo bola barigu.</i>	‘Você o fez jogar a bola.’
10.	a. <i>Ire baiporo mi.</i>	‘Fechei a porta.’
	b. <i>Ere ido baiporo mi.</i>	‘Eles me fizeram fechar a porta.’ ”

p. 59-60 (Crowell, J. 1979):

“Orações transitivas

6.	<i>Ire karo kado. (e-)</i>
	‘Eu cortei o peixe.’
7.	<i>Imode ike kowuje. (u-)</i>
	‘Vou comer minha comida.’
8.	<i>Unure aroia kabi. (ta-)</i>
	‘Ela está lavando a roupa.’
9.	<i>Ere aroia maku. (u-)</i>
	‘Eles/as deram o pano.’
10.	<i>Čenure karo kowuje. (ta-)</i>
	‘Nós (excl.) estamos comendo peixe.’

Orações transitivas causativizadas

- | |
|---|
| <i>Ere ido karo kado.</i> |
| ‘Eles me fizeram cortar o peixe.’ |
| <i>Umode ido ike kowuje.</i> |
| ‘Ele/a vai me fazer/deixar comer minha comida.’ |
| <i>Tanure udo aroia kabi.</i> |
| ‘Vocês estão fazendo-a/deixando-a lavar a roupa.’ |
| <i>Ure edo aroia maku.</i> |
| ‘Ele/a os fez dar o pano.’ |
| <i>Tanure čedo karo kowuje.</i> |
| ‘Vocês estão nos fazendo comer peixe.’ ” |

p. 53 (Crowell, T. 1979): “Inceptive. If Imminent is not selected from the system entered from Causative, a further system is entered, one containing only a possible choice of Inceptive. The features Causative + Inceptive are realized by *-gē*. Inceptive adds a component of ‘begin’ to the causation, resulting in ‘cause to begin’, as illustrated in

- (15)[65] *A-re* *boe* *e-ridiwa-gē-*.
 2sg-neutral people 3pl-know-causative+inceptive
 ‘You caused people to begin to know or You taught people.’

If Inceptive is not chosen, the clause is

- (16)[66] *A-re* *boe* *e-ridiwa-dē*.
 2sg-neutral people 3pl-know-causative
 ‘You caused people to know or You taught people.’ ”

p. 51 (Crowell, T. 1979): “Imminent. Selection of Causative leads to the possible choice of Imminent, realized by *-iagu*. *-iagu* seldom occurs whereas the other causative forms occur very frequently. *-iagu* is restricted in a way not shared by the other causative verbs in that the subject of the clausal object of *-iagu* must be only a bound pronoun, coreferential with the subject of the matrix clause.

- (17)[61] *A-re* *a-tu-iagu*
 2sg-neutral 2sg-go-imminent
 You were about to go.

[...]

- (18)[63] *A-nire* *a-iagu* *karo* *kadē*.
 2sg-state 2sg-imminent fish cut
 You were about to cut the fish.”

p. 26 (Crowell, T. 1979): “Both *-dī* and *-de* are important in processes which are productive now, the first as a nominalizer which often has the effect of making intransitives from transitives, and the second as a causative verb, which has the effect of making transitives from intransitives.”

p. 47 (Crowell, T. 1979): “Example 53 below is a causative clause with an intransitive clause for an object: 54 is an independent clause corresponding to the object clause.

- (19)[53] *I-re* *a-tu-dē* *imedi ae*.
 1sg-neutral 2sg-go-causative man to.
 ‘I caused you to go to the man.’

- (20)[54] *A-tu-re* *imedi ae*.

2sg-go-neutral man-to
 ‘You went to the man.’ ”

p. 47-48 (Crowell, T. 1979): “Placement of the causative enclitic within the object clause may be accounted for by raising and extraposition. Raising places the subject and verb of an intransitive object clause or the initial NP of any other clause type in front of the causative enclitic; extraposition moves the rest of the embedded clause to the right of the causative enclitic.

This accounts for nothing, however, which is not accounted for by simply stating that the causative enclitic is placed within the embedded clause in the slot normally occupied by aspect. A raising analysis, furthermore, obscures the fact that the position of the causative enclitic is exactly where aspect normally occurs. Raising implies multiple levels of structure, a view which is neither necessary nor enlightening for Bororo causatives. Causativization is better viewed as a kind of linear coalescence of a causative main clause and an object clause.”

p. 50-51 (Crowell, T. 1979): “The following pairs of examples show an independent clause followed by the same clause embedded as the object of a causative verb.

- (21)[58a] Intransitive
 I-mago-re.
 1sg-speak-neutral
 ‘I spoke.’
- (22)[58b] Causative; Intransitive in complement
 U-re *i-mago-dě*
 3sg-neutral 1sg-speak-causative
 ‘He caused me to speak.’
- (23)[59a] Equative
 Boe-re *ema.*
 Bororo-neutral 3sg=free=pronoun
 ‘He is a Bororo’
- (24)[59b] Causative; Equative in complement
 E-re *boe-dě* *ema.*
 3pl-neutral Bororo-causative 3sg=free=pronoun
 ‘They adopted him (literally: ‘they caused him to be a Bororo’).’
- (25)[60a] Existential
 E-re *pobe*
 3pl-neutral two
 ‘There are two.’
- (26)[60b] Causative; Existential in complement
 A-měde- *e-dě* *pobe.*

2sg-hypothetical+neutral 3pl-causative two
 ‘You will cause there to be two.’ ”

2.

Resposta: A construção é causativizada diretamente.

3.

Resposta: Não identificamos causativa morfológica formada a partir de verbos transitivos no Bororo.

p. 5 (Martins *et al.*, 2009): “Camargos e Rodrigues (em preparação) observam que, além dos verbos causativos, a língua Boróro apresenta também um sufixo causativo *-to* (variando com *-do* e *-du*), o qual ocorre tanto com verbos (9a-b) quanto com nomes descritivos (9c-d):

(27)[9a] *imedu u- re tudu- re boe butu -do*
 homem ele asp fruta asp gente cair CAUS
 ‘o homem derrubou a fruta’ (fez a fruta cair) (Camargos e Rodrigues, notas de campo, 2009)

(28)[9b] *ciwi u- re apodo bi -to*
 gato ele asp tucano morrer CAUS
 ‘o gato matou o tucano’ (Camargos e Rodrigues, notas de campo, 2009) ”

4.

Resposta: Não identificamos causatividade morfológica com verbos transitivos no Bororo. Os dados mostram os verbos transitivos ativos “causar, permitir” (*dě*), “comer” (*kowuje*), “cortar (de forma longitudinal)” (*bowije*), “cortar (de forma transversal)” (*kadě*), “fechar” (*mi*) e “jogar, arremessar” (*barigu*).

5.

Resposta: Embora existam dois verbos causativos no Bororo, não identificamos construções com *gě* ‘fazer começar’ em causativas formadas a partir de verbos transitivos. Também não identificamos causativas de transitivos com o sufixo causativo *-to* ~ *-do* ~ *-du*. Em relação aos dois sentidos do verbo *dě* ‘causar, permitir’, a semântica permissiva é identificada pelo contexto.

Registramos que, nas construções com *gě*, o que motiva a escolha desse verbo é a inclusão da semântica inceptiva à causação, veiculando o sentido de causar o início de uma ação.

p. 53 (Crowell, T. 1979): “Inceptive. If Imminent is not selected from the system entered from Causative, a further system is entered, one containing only a possible choice of Inceptive. The features Causative + Inceptive are realized by *-gē*. Inceptive adds a component of ‘begin’ to the causation, resulting in ‘cause to begin’ [...]”

p. 46: “Causative means either ‘cause’ or ‘allow’, with disambiguation coming only from context.”

6.

Resposta: Não identificamos construção causativa formada a partir de verbos com três argumentos ou três participantes. Crowell, T. (1979, p. 46-47) não analisa a causativa (30) [52] como ditransitiva, pois a posposição *ae* é tratada como direcional. Esclarecemos que a posposição relativa à função de objeto indireto é *ai* ‘dativo’ (Crowell, T. 1979, p. 22).

p. 46-47 (Crowell, T. 1979): “The first of the following examples is a causative clause with a lexical transitive agentive clause for its object. The second is an independent clause corresponding to the object clause. They differ only in that when it is independent the clause has an aspect suffix whereas when it serves as an object clause for a causative verb, the causative verb itself occurs in the aspect position.

(29)[51] *I-re* *a-dē* *bola* *barigu imedi ae.*
 1sg-neutral 2sg-causative ball throw man to
 ‘I caused you to throw the ball to the man.’

(30)[52] *A-re* *bola* *barigu imedi ae.*
 2sg-neutral ball throw man to
 ‘You threw the ball to the man.’ ”

p. 150 (Crowell, T. 1979): “*Ae* is ‘direction to, toward, or until’.”

p. 146 (Crowell, T. 1979): “Three postpositions, *-ai* ‘benefactive’, *-ae* ‘to’ and *apo* ‘with’, have an animate-inanimate distinction in third person singular. The animate forms are vowel initial *ai*, *ae*, and *apo*, while the inanimate ones are *kai*, *kae*, and *tabo*.”

p. 22 (Crowell, T. 1979): “Bororo indirect objects are always expressed by benefactive postpositional phrases and behave no differently from any other postpositional phrases. For this reason they are not mentioned in relation to nuclear clause elements.”

p. 173 (Crowell, T. 1979): “Benefactive is realized by *-ai* ‘benefactive animate’ and *-kai* ‘benefactive inanimate’.”

p. 80 (Nonato, 2008): “A posposição *ae* indica a direção de um movimento. Não se confunde com a posposição *ai*, que indica dativo.”

7.

Resposta: Tendo em vista que a causativa é formada por uma construção sintática, sendo ela própria uma transitiva, sua semelhança se dá com a transitiva não derivada. Assim, além de as marcações pronominais dos participantes serem as mesmas, a ordem das causativas (A Causado-V OD V) parece se basear na das transitivas (A OD V). A diferença entre elas está na posição do verbo causativo, que substitui a marca de aspecto do agente da oração dependente. Como informado por Crowell, T. (1979, p. 46), o OD da causativa é expresso por outra oração.

p. 46 (Crowell, T. 1979): “Causative verbs differ from lexical transitive verbs in that the object of causative verbs may only be an aspectless noun clause whereas the object of a lexical verb may be either a noun clause (finite or nonfinite) or (usually) a noun with optional modifiers. The noun clause object of a causative verb also may not have either *-di* ‘nominal’ or *-wo* ‘adverbial’. In feature terminology, this means that the object NP of a causative clause selects the feature Dependent, and only this, from the Dependent mood network.”

p. 46 (Crowell, T. 1979): “Causative verbs are also different from lexical verbs in two other points. First, they are always enclitics, never free forms. Second, causative verbs do not occur following the entire object clause, as lexical verbs do when they have a noun clause object. Instead, they occur in the position in the embedded clause normally occupied by an aspect. This position follows the verb in intransitive clauses and follows the first NP of the embedded object clause in other clauses. In all clause types except Equative the first NP is the subject.”

p. 122 (Crowell, T. 1979): “Some English verbs require complements rather than nouns, verbs such as *seem*, *appear*, *happen*, and *turn out*. Only the two Bororo causative verbs require a complement.”

p. 48 (Crowell, T. 1979): “Clauses which are objects of causative clauses are restricted to only normal, subject initial order. Fronting is not allowed here.”

p. 21 (Crowell, T. 1979): “All Bororo clauses except transitive agentives have the order of elements NP (Verb) Aspect.”

p. 22 (Crowell, T. 1979): “Transitive agentive clauses are like the other kinds of clauses in containing the sequence NP Verb. They differ from the others, however, in that they contain another NP, which occurs in sentence initial position and functions as the agentive subject of the clause. A further difference is that aspect follows immediately after the agentive subject,

rather than after the verb position. The structure of transitive agentive clauses is, therefore, NP Aspect NP verb. The NP which immediately precedes the verb in these clauses is the direct object.”

p. 108 (Nonato, 2008): “À parte os fenômenos da deslocamento, que introduzem variação e serão tratado mais adiante (cf. seção 3.3.1.6), a ordem da oração bororo é fixa. Os esquemas 202, 203 e 204 contêm a ordem canônica válida, respectivamente, para as orações de verbo transitivo, inergativo e inacusativo (cf. seção 3.2.4.1).

(202) (suj) (agrs).TNM (obj) agro.V_{TRANS} (adjuntos)

(203) (suj) (agrs).V_{INAC}.TNM (adjuntos)

(204) (suj) (agrs).TNM agrs.V_{INERG} (adjuntos)”

8.

Resposta: Não identificamos construção causativa formada a partir de verbo ambitransitivo no Bororo.

9.

Resposta: Não identificamos causativização com IN no Bororo.

10.

Resposta: Sim. Considerando que a causativa é formada por uma construção sintática, o constituinte que ocupa o lugar típico de acusativo, segundo Crowell, T. (1979, p. 46), é a oração que preenche a vaga de OD da causativa. Essa segunda oração veicula a semântica de efeito da causativa e mantém a ordem A OD V, reproduzindo o padrão das transitivas básicas.

No entanto, diante da análise de que os pronomes presos prefixados aos verbos causativos é que seriam os objetos (Crowell, T. 1979, p. 229; Nonato, 2008, p. 70-71, 74), propomos outra interpretação possível dos dados, na qual o causado atuaria como OD do verbo de causa e, simultaneamente, como sujeito do verbo de efeito (cf. resposta à questão 18).

p. 46 (Crowell, T. 1979): “Causative verbs differ from lexical transitive verbs in that the object of causative verbs may only be an aspectless noun clause whereas the object of a lexical verb may be either a noun clause (finite or nonfinite) or (usually) a noun with optional modifiers. The noun clause object of a causative verb also may not have either *-di* ‘nominal’ or *-wo*

‘adverbial’. In feature terminology, this means that the object NP of a causative clause selects the feature Dependent, and only this, from the Dependent mood network.”

p. 22 (Crowell, T. 1979): “The structure of transitive agentive clauses is, therefore, NP Aspect NP verb. The NP which immediately precedes the verb in these clauses is the direct object.”

11.

Resposta: Não identificamos restrições na formação das causativas de transitivos. Semanticamente, os participantes causador e causado apresentam traço [+HUMANO] nos dados consultados, e o causado ocorre nas três pessoas do discurso.

12.

Resposta: Não identificamos referência a aspectos cognitivos em Crowell, T. (1979), Nonato (2008) e Martins *et al.* (2009).

13.

Resposta: O verbo responsável pela causatividade com verbos transitivos é *dě* ‘causar, permitir’. Não identificamos construções com *gě* ‘fazer começar’ formando causativas a partir de verbos transitivos. Como informado na resposta à questão 1, Crowell, T. (1979, p. 45, 51) registra que o verbo *iagu* ‘iminente’ também é causativo, mas não encontramos evidências de causatividade nos dados.

14.

Resposta: Sim. Entendemos que os verbos *dě* ‘causar, permitir’ e *gě* ‘fazer começar’ são exclusivamente causativos, tendo em vista que não identificamos ocorrências de usos não causativos com esses verbos.

p. 48 (Crowell, T. 1979): “Clauses which are objects of causative clauses are restricted to only normal, subject initial order. Fronting is not allowed here. These object clauses may be transitive (with either a lexical or causative verb), intransitive, equative, or existential.”

15.

Resposta: Não identificamos distinção entre causativa mono-oracional e bi-oracional formada a partir de verbos transitivos. Seguindo a análise de Crowell, T. (1979, p. 48-49), na qual a oração transitiva original passa a exercer a função de OD da causativa, observa-se que a posição

de OD é preenchida por uma oração nominal, a qual possui sua própria estrutura argumental saturada (A OD V). Como cada verbo funciona como uma unidade sintática separada, deduzimos que as causativas com o verbo *dē* ‘causar, permitir’ são bi-oracionais.

Todavia, apesar de serem bi-oracionais, entendemos haver algum grau de integração entre as duas orações, uma vez que, segundo Crowell, T. (1979, p. 46-48), o verbo causativo não é lexical, ocorre dentro da oração dependente e seu objeto é sempre uma oração nominal sem aspecto. Esclarecemos que, na resposta à questão 18, apresentamos outra análise possível dos dados, na qual o participante causado seria o OD do verbo de causa e o sujeito do verbo de efeito.

No exemplo (10) [231] parece haver menos integração entre causa e efeito do que nos dados que não estão em contexto de negação. O morfema *dū* aparentemente ocupa a posição de argumento interno do verbo causativo e é tratado como conjunção subordinativa por Nonato (2008, p. 119). Em consequência, o causado parece não exercer a função de OD da oração de causa, mas somente a de sujeito da oração de efeito. O escopo da negação, a qual está marcada no causado, incide apenas sobre o verbo de efeito, não sobre toda a construção de causa e efeito, o que confirma a bi-oracionalidade. Logo, com negação, parece ocorrer menos integração entre causa e efeito.

Registramos, para fins tipológicos, que as causativas formadas a partir de verbos intransitivos parecem ser mono-oracionais.

p. 22 (Crowell, T. 1979): “The structure of transitive agentive clauses is, therefore, NP Aspect NP verb. The NP which immediately precedes the verb in these clauses is the direct object.”

p. 46 (Crowell, T. 1979): “Causative verbs differ from lexical transitive verbs in that the object of causative verbs may only be an aspectless noun clause whereas the object of a lexical verb may be either a noun clause (finite or nonfinite) or (usually) a noun with optional modifiers. [...]

Causative verbs are also different from lexical verbs in two other points. First, they are always enclitics, never free forms. Second, causative verbs do not occur following the entire object clause, as lexical verbs do when they have a noun clause object. Instead, they occur in the position in the embedded clause normally occupied by an aspect.”

p. 48 (Crowell, T. 1979): “Causativization is better viewed as a kind of linear coalescence of a causative main clause and an object clause. [...]

[...] When embedded as the object of a causative verb, clauses have no aspect.”

16.

Resposta: Não identificamos pares com verbos lexicais transitivos no Bororo.

17.

Resposta: Não identificamos causativa lexical.

18.

Resposta: Não identificamos menção explícita à função sintática do causado em Crowell, T. (1979), Nonato (2008), Martins *et al.* (2009) e Crowell, J. (2013). Considerando que os pronomes presos prefixados aos verbos causativos são tratados como objetos (Crowell, T. 1979, p. 229), a exemplo de (31) [57], com o verbo causativo *dě*, e que dados como a oração transitiva (32) [4] mostram um pronome pessoal objeto marcado no verbo em posição análoga à do causado (Nonato, 2008, p. 70-71, 74), entendemos que as análises de Crowell, T. (1979) e Nonato (2008) contêm elementos suficientes para atribuir a função de OD ao causado. No entanto, ao afirmar que a oração de efeito (encaixada) atua como OD do verbo causativo, Crowell, T. (1979, p. 46) parece se contrapor a esse tratamento.

Tendo em vista essas análises aparentemente conflitantes entre si, apresentamos outra leitura possível dos dados. Examinando a estrutura argumental das construções causativas, na qual o causado se manifesta como um pronome pessoal junto ao verbo causativo, propomos que o causado exerce funções sintáticas distintas nas duas orações: OD do verbo de causa e, simultaneamente, sujeito do verbo de efeito. Embora essa proposta se baseie nas descrições fornecidas pelos autores, ela se limita pela ausência de testes explícitos sobre o funcionamento das relações gramaticais no Bororo. A partir dos dados disponíveis, contudo, identificamos indícios de dois testes possivelmente viáveis na língua para subsidiar nossa proposta.

Primeiro, além de o causado ocorrer aparentemente como prefixo pessoal do verbo causativo, a mudança de construções causativas “agentivas” para “não agentivas”, como no par (33) [80a] e (34) [80b], revela a acessibilidade do causado à função de sujeito da construção “não agentiva”, o que pode ser indício de sua função inicial de OD do verbo causativo. Segundo, o comportamento do causado em contextos de negação, como em (10) [231], pode indicar sua função de sujeito do verbo de efeito.

No exemplo (10) [231], o verbo causativo não ocorre junto ao causado, mas à conjunção *dü*, a qual parece ocupar a posição de argumento interno desse verbo. Assim, não dispomos de elementos para propor que o causado *i.ka.re* ‘1s.não.assert.’ exerça outra função além da de sujeito da oração de efeito. Embora esse causado ocorra na posição típica de OD, isto é, entre

o sujeito (causador) e o verbo causativo, ele recebe a marca de negação *ka*, a qual tem escopo sobre o verbo da oração de efeito. Esse alcance da negação, que incide apenas sobre o efeito, faz do causado aparentemente o controlador desse verbo e, em consequência, o sujeito da oração de efeito. O *locus* da negação também revela que o causado mantém o comportamento que tinha quando era sujeito da transitiva não causativizada, conforme (9) [230].

p. 228-229 (Crowell, T. 1979): “Reciprocal is realized by *pu*, which may either be a free or bound pronoun, and *pugi*, which is always a free pronoun.

Reciprocal pronouns are exemplified in the following four clauses. [...]

- (31)[57] *E-re* *pu-dë* *ëinë*.
 3pl-neutral reciprocal-causative like=that
 ‘They made each other be like that.’

[...]

Reciprocal bound pronouns are prefixed to causative verbs just like any other bound object pronoun, as exemplified in example 57 above.”

p. 23 (Crowell, T. 1979): “

- (32)[4] *E-re* *a-wiie*
 3pl-neutral 2sg-advice
 ‘They advised you.’ ”

p. 46 (Crowell, T. 1979): “Causative verbs are also different from lexical verbs in two other points. First, they are always enclitics, never free forms. Second, causative verbs do not occur following the entire object clause, as lexical verbs do when they have a noun clause object. Instead, they occur in the position in the embedded clause normally occupied by an aspect. This position follows the verb in intransitive clauses and follows the first NP of the embedded object clause in other clauses. In all clause types except Equative the first NP is the subject.”

p. 48 (Crowell, T. 1979): “Causativization is better viewed as a kind of linear coalescence of a causative main clause and an object clause.

Clauses which are objects of causative clauses are restricted to only normal, subject initial order. Fronting is not allowed here.”

p. 58-60 (Crowell, T. 1979): “The following are further pairs of examples of agentive clauses followed by corresponding nonagentive clauses. [...]

- (33)[80a] Causative; Transitive, Lexical in complement
 I-re *a-dë* *bai* *poro mi*
 1sg-neutral 2sg-causative house hole-close
 ‘I caused you to close the door.’

ce re kare e kado
 1pe assertivo ‘peixes’ 3p ‘cortar’
 Agr M N Agr V
 ‘nós (excl.) cortamos os peixes na beira do rio’ ”

p. 161 (Nonato, 2008): “[...] Bororo, que se trata, como mostro na seção 4.2.4, de uma língua com concordância ergativa e sem caso morfológico explícito.”

p. 183 (Nonato, 2008):

“4.2.4 Qual é o tipo de sistema de caso do bororo?”

A resposta a essa pergunta não parece fácil: bororo não apresenta marcas morfológicas de caso. Seus fenômenos de concordância, no entanto, mostram o tipo de paralelismo encontrado em línguas ergativas ativas como basco e georgiano. Bororo exige concordância com sujeitos inacusativos (cf. 359 vs. 360) e objetos transitivos (cf. 361 e 362 vs. 363 e 364).”

p. 185 (Nonato, 2008): “A concordância é opcional com sujeitos transitivos (cf. 361 e 362) e inergativos (cf. 365 e 366).”

p. 185-186 (Nonato, 2008): “Os fatos de concordância mostram, portanto, que os sujeitos dos verbos inacusativos se alinham com o objeto dos verbos transitivos, enquanto o sujeito dos verbos inergativos se alinha com o sujeito dos verbos transitivos. Isso caracteriza um sistema de concordância do tipo ergativo ativo.”

19.

Resposta: Considerando que o mecanismo usado no Bororo para formar causativas é o sintático, a inclusão da oração com o verbo *dē* ‘causar, permitir’ parece não alterar as propriedades de sujeito do causado, uma vez que ele aparenta preservar a função sintática de sujeito do verbo não causativo. Como o causador e o causado exercem funções em orações distintas, não identificamos o compartilhamento das propriedades de sujeito na mesma oração. Conforme registrado na resposta à questão 18, o fato de o causado se manifestar como um pronome pessoal junto ao verbo causativo pode ser indício de que o causado assume a função adicional de OD da oração de causa.

20.

Resposta: A marcação do causado, seja a posição, sejam os pronomes pessoais, também ocorre com outros constituintes. A posição é semelhante à dos objetos das orações transitivas, a exemplo de (32) [4]. Quanto aos pronomes pessoais, o causado recebe as mesmas marcas de pessoa que outros constituintes em orações causativas e não causativas.

21.

Resposta: Não identificamos marcação morfológica distinta da função do causado.

22.

Resposta: Não identificamos construções com ambos o causado e o paciente codificados como OD. Embora os dados possam apresentar mais de um objeto, cada objeto ocorre em uma oração separada. Na oração que veicula o efeito da causativa, entendemos que o causado atua como sujeito, e o paciente, como OD.

23.

Resposta: Não. Tendo em vista que o mecanismo usado para formar causativas é o sintático, o causado parece manter a função de sujeito da construção original, não sendo demovido para outra função. Crowell, T. (1979, p. 48-49) afirma que a oração transitiva original passa a exercer a função de OD da causativa.

Em análise distinta, se considerarmos que o causado assume a função adicional de OD da oração de causa, seria possível afirmar que ele segue a hierarquia, assumindo a posição livre mais alta disponível nessa estrutura. Não identificamos causativa de transitivo formada a partir do verbo *gê* ‘fazer começar’ ou do sufixo *-to ~ -do ~ -du*.

24.

Resposta: Sim. As funções são identificadas pela ordem dos argumentos. Na oração de causa, a posição inicial é reservada ao sujeito (o causador), e a função de OD é atribuída à oração sem marca de aspecto e contígua à oração de causa (Crowell, T. 1979, p. 46-48). Na oração de efeito, a função de OD é exercida pelo SN que precede o verbo (Crowell, T. 1979, p. 22), de maneira que a função de sujeito parece ser exercida pelo pronome pessoal marcado no verbo causativo (o causado). Esclarecemos que os autores não analisam explicitamente a função sintática do causado.

Conforme registrado na resposta à questão 18, se considerarmos que o causado também exerce a função de OD do verbo causativo, o pronome pessoal marcado no verbo causativo atuaria como OD da oração de causa e sujeito da oração de efeito.

25.

Resposta: Não identificamos construções com omissão ou exclusão do causado em causativas de transitivos. Em relação ao causador, registramos que sua omissão gera leitura imperativa (Nonato, 2008, p. 121).

p. 66 (Crowell, T. 1979): “Causative Transitive

(36)[4a] *A-re* *e-pemega-dë* *in-ai.*
 2sg-neutral 3pl-good-causative 1sg-benefactive
 ‘You made them be good for me.’

(37)[4b] *E-pemega-dë* *in-ai!*
 3pl-good-causative 1sg-benefactive
 ‘Make them be good for me!’ ”

p. 121 (Nonato, 2008): “Se o sujeito da oração formada com *dö* for omitido, obtém-se uma oração imperativa (cf. 238)

(38)[238] *awogudö!*
 a *wogu* *dö*
 2s ‘pescar’ causativo
 Agr V v
 ‘Vá pescar!’ ”

26.

Resposta: Não identificamos relativização do causado nas causativas de transitivos, porém as posições de sujeito e OD podem ser relativizadas em construções não causativas.

p. 83 (Crowell, T. 1979): “Relativization does not involve fronting, as it does in many languages. In Bororo it is signaled by an enclitic *-wi* attached to the final element of the clause. The head noun follows *-wi*.”

p. 113 (Crowell, T. 1979): “

(39)[13b] *Jo-ridi-re* *tapira-ji-wi* *ime* *e-tu-re* *toro*
 3sg-see-neutral cow-referent-relative men 3pl-go-neutral there
 ‘The men who saw the cow went there.’ ”

p. 113 (Crowell, T. 1979): “

(40)[22] *It-aidu-re* *maragodi-re-wi-ji.*
 1sg-like-neutral work-neutral-relative-referent
 ‘I like the one who worked.’ ”

p. 115 (Crowell, T. 1979): “Two clauses which differ only in one’s having Relative and the other Nominal are:

- (41) [28] *U-re* *arigao bi-tẽ-wi* *pega-re.*
 3sg-neutral dog die-causative-relative bad-neutral
 ‘The one who killed the dog is bad’
- (42) [29] *U-re* *arigao bi-tẽ-di* *pega-re.*
 3sg-neutral dog die-causative-nominal bad-neutral
 ‘The fact that he killed the dog is bad.’ ”

27.

Resposta: Como informado nas questões 4 e 11, os verbos causativizados com a inclusão do verbo *dẽ* ‘causar, permitir’ são transitivos ativos, e o causado apresenta traço [+HUMANO]. Com base nessas informações e nos dados disponíveis, constatamos que o causado é animado e expressa também o papel semântico de agente.

28.

Resposta: Considerando que os dados mostram a capacidade do causado de executar ações e que a estrutura bi-oracional das construções parece indicar menor integração entre os eventos, deduzimos que o causado normalmente está no controle da atividade. O exemplo (12) [233], com sentido permissivo, corrobora essa possibilidade. Em (10) [231], contudo, entendemos que o causado não detém o controle, uma vez que é impedido de agir. Os dados disponíveis não permitem concluir se o causado exerce as atividades com volição.

29.

Resposta: Seguindo a análise de Crowell, T. (1979, p. 48-49), de que a construção original passa a exercer a função de OD da causativa, não parece haver mais de um tipo de causado nas causativas de transitivos do Bororo.

No entanto, se considerarmos que o causado está inserido na estrutura de causa, na posição de argumento interno, seria possível afirmar que ele tende a exercer as funções de OD do verbo causativo e de sujeito do verbo de efeito (cf. resposta à questão 18). Mantendo essa análise, haveria outro tipo de causado em (10) [231]. A conjunção *dũ* parece ocupar a posição de argumento interno do verbo causativo, o que pode ser indício da menor integração conceitual do causado à oração de causa nesse contexto de negação, uma vez que ele aparenta exercer apenas a função de sujeito da oração de efeito (cf. resposta à questão 15).

30.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se o causador atua direta ou indiretamente sobre o causado. O dado (12) [233], porém, com sentido permissivo, indica que ele é capaz de atuar indiretamente.

31.

Resposta: Com base nos dados disponíveis, deduzimos que ele atua intencionalmente.

32.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se o causador inicia os processos com ou sem esforço. O dado (12) [233], porém, com sentido permissivo, indica que o causador atua naturalmente.

33.

Resposta: Com base nos dados disponíveis, nos quais o causador é capaz de atuar por meio de comandos e não há indícios de sua participação nas atividades, deduzimos que ele não está envolvido.

34.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se há graus de topicalidade ou foco relacionados ao causado ou ao paciente na causativa de transitivo. Informamos que, nas construções não causativas, as posições de sujeito e de objeto podem ser topicalizadas, e a posição de sujeito também pode ser focalizada.

p. 113 (Crowell, T. 1979): “In Bororo, topicalization and question formation are alike in having fronting [...]”

p. 76 (Crowell, T. 1979): “The questioned element, however, may be a fronted clause constituent as in the following example.

(43)[28] *João koia na u-mede imedi maragodi-de?*
 João because explicit 3sg-hypothetical+neutral man work-causative
 ‘Was it João who made the man work?’ ”

p. 173 (Crowell, T. 1979): “[...] -*koia* may occur with the subject of a transitive or causative clause as part of a marked topic construction.

(44)[91] *Sylvia-koia-re u-re joridiwa-dě.*
 Sylvia by-theme 3sg-neutral know-causative
 ‘It was Sylvia who taught him.’ ”

p. 140 (Nonato, 2008): “A topicalização é um recurso muito usado pelos falantes do bororo. Sintaticamente, consiste em deslocar um argumento verbal (sujeito ou objeto) ou um adjunto para uma posição inicial na sentença [...], com implicações para a localização dos morfemas TNM [tempo-negação-modo] que são descritas mais adiante.”

p. 65 (Nonato, 2008): “O uso dos pronomes pessoais em bororo tem um efeito de ênfase ou foco contrastivo, como indicam os exemplos 92 e 93. [...]

(45)[93] *[imi ire] adügö bitö*
 [imi i re] adügö Ø bitö
 ['eu' 1s assertivo] 'onça' 3s 'matar'
 [D Agr M] N Agr V
 'EU matei uma onça (e não VOCÊ ou outra pessoa)' ”

35.

Resposta: Considerando que o único mecanismo formal identificado no Bororo para formar causativas de verbos transitivos é o sintático, não identificamos relação entre a frequência das situações e o tipo de construção causativa.

Esclarecemos que os dados com o sufixo causativo *-to ~ -do ~ -du*, citado por Martins *et al.* (2009), mostram apenas causativas de intransitivos. E, nos dados de Crowell, J. (2013) com o sufixo *-do ~ -to* ‘fazer, permitir’, não identificamos exemplos com esse morfema preso ao verbo de efeito.

36.

Resposta: Além da causativa sintática, não identificamos outros mecanismos formais para expressar causatividade com verbos transitivos no Bororo.

37.

Resposta: Não identificamos informações explícitas sobre voz ou mudança de valência. Em nosso ponto de vista, apesar de a causativização se manifestar por meio de uma causativa sintática bi-oracional, entendemos que há aumento de valência. Comparando-se os dados (1) [55a] e (2) [55b], por exemplo, é possível constatar a introdução do verbo *dë* ‘causar, permitir’, veiculando o sentido causativo, e do novo participante *a-* ‘2sg’ (o causador) que age sobre o causado *u-* ‘3sg’, tornando todos os participantes e o evento conceitualmente dependentes entre si.

38.

Resposta: Em nossa interpretação, sim. As causativas de transitivos podem ser formadas a partir de causativas de intransitivos, como em (47) [56b], e combinadas com o morfema *dī* ‘nominal’, a exemplo de (34) [80b]. Em (34) [80b], com a exclusão do agente causador, parece ter havido redução de valência em relação a (33) [80a], sendo o causado levado a exercer unicamente a função de sujeito na construção.

Registramos que, nas causativas de intransitivos, identificamos o verbo *dē* ‘causar, permitir’ combinado com o morfema recíproco *pu*.

p. 49 (Crowell, T. 1979): “

- (46) [56a] Transitive, Causative Verb
U-re karo xo-dē.
 3sg-neutral fish black-causative
 ‘He blackened the fish.’
- (47) [56b] Causative; Transitive, Causative Verb in Complement
A-re u-dē karo xo-dē.
 2sg-neutral 3sg-causative fish black-causative
 ‘You caused him to blacken the fish.’ ”

p. 114-115 (Crowell, T. 1979): “Nominal. Besides Relative Clauses the NP network also contains, among other things, a choice of Nominalized Clause. Where noun clauses may occur depends on the selection of verbs or postpositions which allow them. Given the verbs, postpositions, or both which allow noun clauses rather than nouns, noun clauses may occur as any clause constituent realized by a NP. Nominalized Clause is realized by the selection of Nominal from the dependent clause network. Nominal *-dī* is attached to the final element of a dependent clause in the same place the relative enclitic *-wi* occurs. Without *-dī* the clause is identical to a well formed independent clause. [...]

- (48) [26] *A-re [aidu=re a-i-dī] akedu-dē.*
 2sg-neutral like-neutral 2sg-referent-nominal finish-causative
 ‘You caused him to stop liking you’ ”

p. 58-60 (Crowell, T. 1979): “The following are further pairs of examples of agentive clauses followed by corresponding nonagentive clauses. [...]

- (33) [80a] Causative; Transitive, Lexical in complement
I-re a-dē bai poro mi
 1sg-neutral 2sg-causative house hole-close
 ‘I caused you to close the door.’

equativa, o primeiro SN é o sujeito”, entendemos que Crowell, T. (1979, p. 46) trata o causador como sujeito.

Os termos não são explicitamente definidos.

42.

Resposta: Não identificamos terminologia particular em Crowell, T. (1979), Nonato (2008), Martins *et al.* (2009) e Crowell, J. (2013).

Xavante (Jê)

Obras pesquisadas¹: Oliveira (2007), Dos Santos (2008), Estevam (2011)

1.

Resposta: Não identificamos causativas formadas a partir de verbos transitivos no Xavante. De acordo com Estevam (2011), não há morfemas causativos em operações de aumento de valência verbal. Oliveira (2007) e Dos Santos (2008) não apresentam informações explícitas sobre processos causativos ou sobre valência verbal.

p. 445 (Estevam, 2011): “On remarquera qu’une proposition transitive peut aussi être obtenue dans bon nombre de langues avec un verbe divalent dérivé d’un verbe monovalent par un morphème causatif. Ayant constaté l’absence d’un tel procédé dans nos données enregistrées, nous avons tenté de trouver des constructions causatives par sollicitation, mais sans résultat. La grammaire de la langue semble privilégier d’autres processus pour introduire dans une proposition initialement intransitive un participant supplémentaire indiquant une cause: soit le prédicat monovalent sera accompagné d’un complément circonstanciel, comme c’est le cas en (91.a) où le procès dénoté par le verbe *ñono* « dormir » est déterminé par le complément *ãhã ãsadaze na* « par cette odeur »; soit la fonction de prédicat sera assumée par un verbe divalent issu de la conversion d’un verbe monovalent, tel que *waptãrã* « (faire) tomber » en (91.b).

- (1) [91a] *Ãhã ãsadaze na wa ñono.*
 DEM odeur INSTR EGO [1^oSG.ABS]dormir
 ‘Cette odeur m’a fait dormir (litt. « je me suis endormi avec cette odeur »).’
- (2) [91b] *Ahã ma ã-waptã.*
 PR.2^oSG PFT 1^oSG.ABS-faire.tomber
 ‘Tu m’as fait tomber.’ ”

p. 443 (Estevam, 2011): “On distingue donc – abstraction faite des adjoints – quatre types de propositions: intransitive, transitive directe, transitive indirecte et ditransitive¹⁸¹. [...]

¹⁸¹ Nous avons pleinement conscience que les termes de transitivité touchent à la sémantique; néanmoins nous faisons le choix de négliger ici cette dimension pour en rester à la structure de la proposition, en réservant par ailleurs le terme de valence aux lexèmes pour désigner le nombre de leurs arguments. A ce propos, selon cette définition et les données dont nous

¹ A: Anafórico; ABL: Ablativo; ABS: Absolutivo; ANTP: Antipassivo; AUX: Auxiliar; COLL: Coletivo; DEM: Demonstrativo; DTR: Detrimental; EGO: Egofórico; ERG: Ergativo; EXCL: Exclamação; FCT: Factual; FIN: Finalidade; GNQ: Genérico; H: Honorífico; HTO: Heterofórico; INDF: Indefinido; INSTR: Instrumental; NAGT: Nominalizador de agente; PE: Partícula enfática; PFT: Perfeito; PR: Pronome; PROSP: Prospectivo; SG: Singular; SUBJ: Subjuntivo; VTF: Ventivo; 1: Primeira pessoa; 2: Segunda pessoa; 3: Terceira pessoa.

disposons, une section consacrée aux changements de valence (du verbe) s'avère inutile pour les raisons suivantes: d'une part, on constate l'absence de morphèmes causatif et applicatif, qui augmentent la valence verbale; d'autre part, les voix moyenne et antipassive ne provoquent pas un changement de valence mais une réorganisation dans l'appariement entre rôles sémantiques et fonctions syntaxiques des arguments du verbe."

p. 483 (Estevam, 2011): "D'ailleurs, l'absence de morphèmes applicatif et causatif – ainsi que les définitions concernant la valence et les voix moyenne et antipassive – nous a fait dire qu'il n'y a pas de mécanisme morphologique permettant un changement de la valence verbale; seule la réorganisation de l'expression des arguments d'un verbe est morphologiquement marquée."

p. 484 (Estevam, 2011): "Lorsqu'un verbe décrit une situation où l'on peut retrouver un participant « agentif » et un participant « patientif », c'est uniquement ce dernier qui fait partie de la structure argumentale du verbe; l'autre, pour être exprimé, peut prendre la place d'un adjoind, introduit par le morphème *te*, qui marque plus précisément un participant jouant le rôle d'une cause dans la situation décrite par le verbe monovalent: littéralement, donc, on dirait quelque chose comme « à cause de lui, je suis frappé » pour signifier « il m'a frappé ». L'exemple suivant montre qu'il existe encore aujourd'hui une postposition *te* avec cette signification causative.

- (3) [i] *Tahã ãne we da-te ro-a-poto ʔwa ãhã, bõtö waʔrozé te.*
 PR.A ainsi VTF 3^eH.ERG-AUX ANTP-COLL-crée COLL DEM soleil chaleur cause
 'Ils ont ainsi créé ces (choses)-là, à cause de la chaleur du soleil.' "

p. 486-487 (Estevam, 2011): "Pour résumer, les indices de sujet *wa* et *te* pourraient être le résultat de la grammaticalisation de l'expression, sous forme de complément adjoind, d'un participant « causateur » érigée au rang discursif d'un thème marqué avec emphase. On remarquera que cette apparition d'un actant sujet suit un alignement nominatif, puisque la surthématisation peut s'appliquer à l'actant unique d'un verbe monovalent."

p. 68-69 (Estevam, 2011): "Ainsi, dans l'exemple suivant, le verbe *waptãrã* « tomber » est employé dans une construction transitive en (a) et intransitive en (b) sans qu'il y ait de trace visible sur le verbe d'un processus de dérivation ou de flexion.

- (4) [102.a] *Ma ã-waptãrã.*
 PFT 1eSG.ABS-tomber
 'Il m'a fait tomber.'

- (5) [102.b]
Aʔuwẽ hã te waʔré parim hã, te za sô waptãrã.
 indien PE [3eERG]AUX [3eABS]transpercer après PE HTO PROSP [3e]FIN [3eABS]tomber
 'Une fois que l'indien transperce (le poisson), il tombe (dans l'eau) pour (le prendre).'

p. 94-95 (Estevam, 2011): “On remarquera que le participant introduit par la postposition *wi* dans ce dernier exemple sert également d’argument interne au substantif relationnel *wajhizati* « côte ». Or, dans l’exemple suivant, la flexion personnelle de *wi* permet justement d’exprimer le possesseur de l’un des participants de l’événement. En effet, le possesseur du participant « gâteau », ne pouvant pas être marqué sur le substantif *bolacha* qui le désigne (car il s’agit d’un nom non relationnel emprunté au portugais), est indiqué par le préfixe de première personne du singulier *ĩ-* sur la postposition *wi*, qui indique également le point de départ de l’événement décrit par le prédicat.

- (6) [156] *Bolacha ma ĩ-wi waptãrã.*
 gâteau PFT 1^eSG-ABL [3^eABS]tomber
 ‘J’ai laissé tomber mon gâteau’ ”

p. 45 (Estevam, 2011): “

- (7) [30b] *Wahã da-wi rob?ré-?wa.*
 PR.1^eSG 3^eGNQ-DTR taire-NAGT
 ‘Je suis (quelqu’un) qui fait taire les gens’ ”

p. 386 (Estevam, 2011): “Dans une incorporation récessive, le nom incorporé peut être soit divalente [...] soit monovalent, tel le nom *wede* « arbre » incorporé en (452.b) par le radical verbal *pa* « allonger », devenu monovalent, comme l’indique sa flexion personnelle. A défaut de pouvoir donner un exemple avec ce verbe divalent sous sa forme simple, l’exemple en (a) indique qu’il s’agit bien d’un verbe divalent, pouvant notamment se combiner avec son argument dans une incorporation redistributive (lorsque le nom incorporé est divalent).

- (8) [452.a] *Õõõ ! Ma tô da-amo séré-pa ni, ĩ-sawi?wa hã.*
 EXCL PFT FCT 3^eH-compagnon [3^eABS]cheveu-allonger INDF 3^e-ami PE
 ‘Il a fait pousser les cheveux de son compagnon, son ami (litt. « il a cheveux-allongé son compagnon »)’
- (9) [452.b] *Aj-wede-pa na !*
 2^eABS-arbre-allonger SUBJ
 ‘Allonge l’arbre!’ ”

Rikbáktsa (Rikbáktsa)

Obras pesquisadas¹: Silva (2011)

1.

Resposta: O mecanismo formal que o Rikbáktsa usa é o morfológico, por meio do sufixo *-wə* ‘causativo’. Isso pode ser identificado nos exemplos (2) [257], (3) [258], (4) [259] e (5) [260]. Nessas construções, ocorre a inserção de um causador animado na função de sujeito, em substituição ao antigo sujeito-agente. Esse antigo sujeito tende a ser omitido na construção derivada, mas pode ser explicitado em um SP, na função de adjunto, como em (3) [258]. De acordo com Silva (2011, p. 167), o sufixo causativo não é usado com verbos intransitivos, os quais seriam causativizados unicamente pelo uso transitivo de um verbo *labile*.

Todavia, notamos que as construções (6b) [190b] e (7b) [191b], apresentadas como causativas de transitivos, divergem dessa descrição. Começando por (6b) [190b], parece não ter havido a inserção de um causador em relação a (6a) [190a], de maneira que o participante agente que ocupa a posição de sujeito da construção original não teria sido demovido. Além disso, a tradução de (6b) [190b] remete a uma semântica passiva. Entretanto, caso o referente do pronome pessoal *ikʰa* ‘eu.F’ de (6a) [190a] seja diferente daquele do mesmo pronome de (6b) [190b], terá havido a inserção de um causador, mas não identificamos informações claras a esse respeito.

Quanto à causativa (7b) [191b], notamos que sua contraparte (7a) [191a] não apresenta morfologia de objeto no verbo. Como o critério formal para identificar uma construção transitiva na língua é a concordância obrigatória com o sujeito e o objeto (Silva, 2011, p. 348), o dado (7a) [191a] parece mostrar um uso intransitivo do verbo *do* ‘subir’. Se esse verbo for intransitivo, será um verbo do tipo “*labile-Agente*”, pois não expressa o paciente (‘a árvore’). Essa constatação difere da proposta de Silva (2011, p. 93) sobre os verbos *labiles* do Rikbáktsa, os quais seriam do tipo “*labile-Paciente*” pelo fato de não expressarem o agente.

Considerando que a causativa (7b) [191b] é formada com o sufixo *-wə*, o exemplo contrasta com a análise de que esse sufixo não ocorre com verbos intransitivos. Adicionalmente, o

¹ ACC: Acusativo; AFFIR: Afirmativo; ALL: Alativo; ANTHROP: Antropônimo; AUX: Auxiliar; CAUS: Causativo; CONT: Continuativo; COREF: Correferencial; DEM: Demonstrativo; DENS: Denso; DIR: Direção; DISCR: Discreto; EMP: Empatia; F: Feminino; FOC: Marca de focalização; HOLIST: Holístico; INESS: Inessivo; INSTR: Instrumental; INTENS: Intensidade; INTER: Interrogativo; INTR: Intransitivo; LOC: Locativo; M: Masculino; MOD: Marca de modalização; N: Nome; N.PAT: Nome de paciente; NEG: Negação/negativo; NF: Não feminino; NPAS: Não passado; OBJ: Objeto; PAS: Passado; PL: Plural; PL.SUJ: Plural do sujeito; PONCT: Pontual; POSS: Possessivo; PROCH: Próximo; RED: Reduplicação; REP: Repetição; REST: Restritivo; SG: Singular; SUB: Subordinador; SUJ: Sujeito; 1: Primeira pessoa; 2: Segunda pessoa; 3: Terceira pessoa.

participante causado é expresso pelo pronome pessoal *katfa* ‘nós’, sem posposição, e na função de OD, a qual é marcada no verbo pelo índice de pessoa *mi-* ‘1OBJ.PL’. Em uma causativa de transitivo, segundo Silva (2011, p. 346), o paciente original (‘a árvore’) conservaria seu *status* sintático e semântico na construção derivada, o que não ocorre. E o causado apareceria em um sintagma posposicional, regido por *humo*, o que também não acontece em (7b) [191b].

As relações gramaticais de (7b) [191b] são iguais à descrição de Silva (2011, p. 350-351) sobre as causativas de intransitivos. Logo, o exemplo (7b) [191b] parece indicar que uma causativa de intransitivo pode ser formada tanto com o morfema *-wə* quanto sem ele, como em (9b) [266b], com o mesmo verbo. Se considerarmos válida a hipótese de Silva (2011, p. 93) de que talvez todos os verbos da língua sejam do tipo *labile*, isso explicaria o uso de um *labile* como alvo do morfema causativo em (7b) [191b].

Em síntese, o dado (7b) [191b] possibilita duas análises distintas: pode ser uma causativa de intransitivo derivada com o sufixo *-wə* ‘causativo’ ou uma causativa de transitivo com o participante causado atuando como OD. Ambas são aparentemente contraditórias com a proposta de causativa de transitivo apresentada por Silva (2011), mas se baseiam nos dados.

p. 346: “5.5.2 CAUSATIF

Comme nous l’avons vu en 3.8.2, le suffixe causatif *-wə* dérive des formes verbales causatives à partir de verbes transitifs. Dans les constructions causatives, il n’y a pas de changement de valence, car le verbe dérivé reste transitif; en revanche, il y a un réarrangement du rôle sémantique du sujet. Le participant occupant la position de sujet de la construction de départ, un agent, est destitué et sa place est occupée par un causateur. Le patient de la construction de départ, exprimé sur la forme d’objet, conserve son statut syntaxique et sémantique dans la construction dérivée. L’agent peut être totalement éliminé, ou plus rarement, apparaître sous la forme d’un adjoind introduit par la postposition *humo* ‘contact.avec/à.cause.de’.”

p. 346-347: “En (256), on voit une construction transitive active, dont le sujet/agent *pərahək* ‘serpent’ est exprimé par *ɿ-* ‘3SUJ’ et l’objet/patient *uta* ‘je.M’ par *ik-* ‘1OBJ.SG’:

- (1) [256] *pərahək uta ɿ-Ø-ik-boro*
 serpent je.M 3SUJ-PAS-1OBJ.SG-mordre
 ‘le serpent m’a mordu’

Dans la construction causative dérivée un causateur, *Paulo*, est introduit à la place de sujet. L’agent de la construction de base, *pərahək*, n’est pas présent. L’objet/patient n’admet aucune altération faisant suite à la dérivation:

- (2) [257] *Paulo uta ɾ-Ø-ik-boro-wə*
 ANTHROP.M je.M 3SUI-PAS-1OBJ.SG-mordre-CAUS
 ‘Paulo a fait en sorte que je sois mordu’

En (258), l’agent de la transitive active destitué apparaît sous la forme d’un adjectif, introduit par la postposition *humo* ‘contact.avec/à.cause.de’. On peut noter que la manifestation de l’agent est rare et se restreint aux données sollicitées:

- (3) [258] *Paulo uta pəhərək humo ɾ-Ø-ik-boro-wə*
 ANTHROP.M je.M serpent à.cause.de 3SUI-PAS-1OBJ.SG-manger/mordre-CAUS
 ‘Paulo fait que je sois mordu par le serpent’

Le causateur introduit est toujours un animé, tandis que le patient peut être un animé, comme en (258) ci-dessus, ou un non animé (259):

- (4) [259] *ikɾa a-piri-fok-tʃa Ø-mi-fi-ebək-wə*
 je.F 2POSS.SG-pied-vêtement-NF.PL 1SUI-NPAS-3OBJ.PL-emmener-CAUS
 ‘je vais faire en sorte que tes chaussures soient emmenées’ ”

p. 347-348: “De plus, si le causateur introduit est de deuxième personne, dans le non passé, la construction peut avoir une valeur d’avertissement:

- (5) [260] *Marika ka-tʃe tʃi-p-i-hoho-wə duba*
 ANTHROP.F 1POSS.SG-fille 2SUI-NPAS-3OBJ.SG-piquer-CAUS RESTR
 ‘Marica, attention de ne pas laisser ma fille se faire piquer’ ”

p. 166-167: “ 3.8.2 -wə ‘CAUSATIF’

Le suffixe *wə*, placé juste après la racine verbale, dérive des formes verbales causatives à partir des verbes transitifs.

Voyons l’occurrence du suffixe causatif dans les exemples suivants. En (a), on a des formes verbales non dérivées, tandis que dans les exemples (b) sont illustrées les formes dérivées par le causatif:

- (6) [190a] *ikɾa Ø-mi-fi-boro=hik*
 je.F 1SUI-NPAS-3OBJ.PL-manger=PONCT
 ‘je vais les manger (les graines)’
 [190b] *ikɾa Ø-mi-fi-boro-wə=hik*
 je.F 1SUI-NPAS-3OBJ.PL-manger-CAUS=PONCT
 ‘je vais les laisser être mangées (les graines)’
 (7) [191a] *katʃa tʃi-k-do=hik=naha*
 nous 1SUI-PAS-monter=PONCT=PL.SUI
 ‘nous avons grimpé à l’arbre’
 [191b] *parahei-tʃa katʃa ni-Ø-mi-do-wə=hik=naha*
 pécarier-NF.PL nous 3SUI-PAS-1OBJ.PL-monter-CAUS=PONCT=PL.SUI

‘les pécaries nous faisaient grimper (à l’arbre)’

De plus, le causatif dérivé à partir de verbes intransitifs n’existe pas dans la langue. Le seul moyen d’exprimer un événement causatif à partir d’un verbe intransitif est par l’emploi transitif des verbes labiles (cf. 5.5.3.2).’’

p. 350-351: “5.5.3.2 EMPLOI TRANSITIF DES VERBES LABILE-P AVEC UNE VALEUR DE CAUSATIVE

L’emploi transitif des verbes comme *wak* ‘fuir’ (265), *do* ‘monter’ (266) et *rikto* ‘être.debout’ (267), par exemple, donne comme résultat des constructions sémantiquement causatives. Le participant en fonction de sujet dans la construction intransitive (non causative) fonctionne comme objet dans la construction transitive (causative), qui a donc un sujet différent; l’objet reçoit le rôle de causataire, tandis qu’au sujet est attribué le rôle de causateur.

Pour être plus proche de la définition de verbe labile-P adoptée ici, on dirait que le participant (mais pas forcément l’agent) en fonction de sujet de la construction transitive n’est pas exprimé dans l’intransitive.

Dans les exemples ci-dessous, *wak* a une place d’argument en (265a) et deux places en (265b). Le participant en fonction de sujet de l’intransitive (*buatfa*) fonctionne comme objet dans la transitive à valeur causative. Celle-ci a un sujet différent de l’intransitive (*nous*), lequel reçoit le rôle de causateur, tandis qu’à *buatfa* est attribué le rôle de causataire.

(8) [265a] *bua-tfa* ***ni-Ø-wak=ba=naha***
 sapajou-NF.PL 3SUJ-PAS-fuir=HOLIST=PL.SUJ
 ‘les sapajous ont tous fui’

[265b] *hã=na=bo* *bua-tfa*
 INTER=NF.DENS=ALL sapajou-NF.PL
 ‘par où sont partis les sapajous?’

o: bato katfa bua-tfa ***tfi-k-fi-wak=ba=hik=naha***
 oh! NEG nous sapajou-NF.PL 1SUJ-PAS-3OBJ.PL-fuir=HOLIST=PONCT=PL.SUJ
 ‘oh! Il n’y en a pas! Nous avons fait fuir tous les sapajous’ ”

p. 351: “En (266), on a le même phénomène d’emploi transitif d’un verbe labile ayant comme résultat une construction à valeur causative. Le verbe labile *do* a un emploi intransitif en (a) et transitif en (b). Le sujet de l’intransitive (*maku*) est différent de celui de la transitive (*irika*). Le participant en fonction de sujet de l’intransitive est l’objet dans la transitive. Il reçoit le rôle de causataire, tandis qu’au sujet est attribué le rôle de causateur.

(9) [266a] *maku jobo-ani* ***ni-Ø-do***
 homme haut-INTENS 3SUJ-PAS-monter
 ‘l’homme a monté haut’

[266b] *ni-Ø-a=ta=hi* *i-rika* *duba (...)*
 3SUJ-PAS-AUX=NF.SG= ? 3POSS.SG-âme RESTR
 ‘et à cause de cela, il ne resta que son âme (...)

maku *ɾ-Ø-i-do*
 homme 3SUJ-PAS-3OBJ.SG-monter
 et elle a fait monter l’homme (au ciel)’ ”

p. 352: “Voici un troisième exemple d’un verbe labile (*rikto*) employé transitivement avec une valeur de causatif. Notons que, dans les deux emplois, le verbe est dans une structure périphrastique, pour laquelle la même analyse faite ci-dessous voudra:

(10)[267a] *i-bare* *rikto* *ni-Ø-a*
 3POSS.SG-à.côté.de être.debout 3SUJ-PAS-AUX
 ‘elle est restée debout à côté de lui’

[267b] *iware* *i-ti* *fuki*
 après 3POSS.SG-ACC soulever
 ‘après, il l’a soulevée(la femme-poisson)’

o *i-ti* *rikto* *ni-Ø-a=ɾe*
 oh! 3POSS.SG-ACC être.debout 3SUJ-PAS-AUX=SUB
 oh! Et quand il l’a fait rester debout (...) ”

p. 352: “Si on reprend la définition de voix donnée en 5.5, on reconnaît qu’on ne peut pas appliquer le terme de voix aux constructions ayant des valeurs anticausative et causative en conséquence des différents emplois des verbes labiles, car dans les deux cas, il n’y a pas d’altération dans la morphologie verbale qui puisse être reconnue comme responsable du changement de valence dans les constructions à verbes labiles.”

p. 87-88: “INTRANSITIFS

Les verbes *intransitifs* sont des verbes monovalents; ils n’ont pas d’objet direct et ils manifestent l’argument unique sous la forme d’un indice personnel, coréférent avec un syntagme nominal optionnel non marqué par sa fonction syntaxique (structure synthétique). Dans l’exemple (7), l’argument unique du verbe intransitif *ikfi* ‘partir’ est marqué par l’indice personnel *i-* et trouve sa référence dans le syntagme nominal optionnel *parini* ‘jaguar’:

(11)[7] *(parini) i-Ø-ɾ-ikfi*
 jaguar 3SUJ-PAS-DIR-partir
 ‘le jaguar est revenu’

Ou encore, ils n’admettent pas d’indexation personnelle et l’argument unique est manifesté sous la forme d’un syntagme nominal optionnel, qui n’est pas non plus marqué par

sa fonction syntaxique, et est coréférent avec l'indice personnel indexé sur l'auxiliaire (structure périphrastique).

[...]

La façon dont les verbes intransitifs manifestent l'argument unique est liée aux deux types de structures qui existent dans la langue, synthétique et périphrastique, mais pas aux différentes classes sémantiques des verbes.”

2.

Resposta: A construção é causativizada diretamente.

3.

Resposta: Não identificamos o sufixo *-wə* ‘causativo’ desempenhando outras funções.

4.

Resposta: Não identificamos exemplos de verbos transitivos com o sufixo *-wə* ‘causativo’ denotando ação abstrata. Mantendo a análise de Silva (2011), os dados mostram os seguintes verbos transitivos ativos: “comer, morder” (*boro*), “picar” (*hoho*), “retirar” (*ebək*) e “subir” (*do*).

Como informado na resposta à questão 1, existe a possibilidade de a construção (7a) [191a] ser formada com o verbo *do* ‘subir’ usado intransitivamente, pois não há morfologia de objeto no verbo. Em consequência, sua contraparte causativa (7b) [191b] seria analisada como uma causativa de intransitivo.

5.

Resposta: Não identificamos mais de um marcador causativo de verbo transitivo no Rikbáktsa. Silva (2011, p. 167) afirma que a causativa de intransitivo somente é formada a partir de um verbo *labile* (ambitransitivo) usado transitivamente.

6.

Resposta: Não identificamos construção causativa formada a partir de verbos com três argumentos ou três participantes. E observamos que Silva (2011, p. 238) iguala os termos “argumento” e “participante”.

Registramos que Silva (2011, p. 237-238) identifica a existência de “objetos indiretos” na língua, também chamados de “terceiro argumento”, o qual frequentemente atua como dativo de

verbos trivalentes do tipo “dar”. Assim, além do sujeito e do objeto direto, a autora reconhece a existência do “objeto indireto” e do “objeto oblíquo” atuando como argumentos no Rikbáktsa. Para nós, esse é um indício de que existem na língua tanto verbos ditransitivos quanto argumentos encabeçados por posposição. Isso nos permite supor que o causado posposicionado pode ser candidato a argumento.

7.

Resposta: Não identificamos semelhanças entre as causativas de transitivos e as construções trivalentes no Rikbáktsa. Verificamos, entretanto, que as semelhanças ocorrem com as construções divalentes não derivadas, pois tanto a ordem dos constituintes quanto os índices de pessoa tendem a ser similares, a exemplo do par (1) [256] e (2) [257].

Esclarecemos que Silva (2011) não adota o termo “ditransitivo”. A autora opta por empregar “trivalente” para os verbos que “requerem três participantes em sua estrutura argumental” (Silva, 2011, p. 87). Embora o termo “participantes” remeta a uma descrição semântica, Silva (2011, p. 238) equipara os termos “argumento” e “participante”. Além disso, a menção à estrutura argumental insere os “participantes” no domínio da sintaxe, inclusive por serem tratados como “objetos oblíquos” (Silva, 2011, p. 90-92), os quais são analisados como argumentos (Silva, 2011, p. 237-238). Logo, considerando que, aparentemente, existem verbos com três argumentos no Rikbáktsa, não identificamos o motivo pelo qual um causado posposicionado em uma causativa de transitivo, como em (3) [258], seja tratado como “adjunto” e não como “objeto oblíquo”.

p. 89: “TRANSITIFS

Les verbes *transitifs* sont des verbes divalents et trivalents avec un objet direct. Ils manifestent les arguments en fonction de la structure dans laquelle ils se trouvent. Si le verbe est dans une structure synthétique, il admet deux indices personnels qui marquent l'accord avec le sujet et l'objet; les syntagmes nominaux sujet et objet sont optionnels et non marqués par sa fonction syntaxique.”

p. 91-92: “[...] les verbes admettent l'accord avec deux termes nucléaires au maximum, correspondant au sujet et à l'objet direct. Le troisième participant des verbes trivalents du type *nənə* ‘donner’ ou *pok* ‘mettre/joindre’ est introduit par une postposition et est donc placé du côté des obliques ordinaires. Le verbe *nini*, par exemple, attribue le rôle de destinataire à son troisième participant introduit par la postposition *bo* ‘allatif’:

(12)[15] *witik* *atfikara=ti* *tihi* *i-bo* *nənə*

femme galette=ACC ? 3POSS.SG-ALL donner
 ‘la femme lui a donné de la galette’

Quant à *pok*, il attribue à son troisième participant les rôles de bénéficiaire (16) et de locatif (17-18), le premier introduit par la postposition *bo* ‘allatif’, et le deuxième par les postpositions *bo* ‘allatif’ et *eʔe* ‘inessif’. Le fait que le troisième participant des verbes de type *pok* s’associe avec plus d’une postposition confirme le traitement de ceux-là mêmes comme des obliques ordinaires.

- (13)[16] *taha-ʔopo=bo* *pok* *pok* *pok=ba*
 3COREF.PL-oncle=ALL REP REP ramasser=HOLIS
- i-wa* *ni-Ø-a=ha*
 3POSS.SG-comme 3SUJ-PAS-AUX=PL.SUJ
 ‘elles ont ramassé (les aliments) pour leur oncle. Elles ont fait comme ça.’
- (14)[17] *na=bo* *pok~pok*
 DEM.NF.DENS.PROCH=ALL RED~mettre
 ‘mets (-les) (les poêles) de ce côté-là’
- (15)[18] *ta=eʔe* *pok~pok*
 DEM.NF.DISC.SG.PROCH=INESS RED~mettre
 ‘mets (-les) dans celle-ci (de poêle)’ ”

8.

Resposta: Mantendo-se a análise de Silva (2011), não há construção causativa formada a partir de verbos *labiles* (ambitransitivos) no Rikbáktsa.

No entanto, como registrado na resposta à questão 1, embora a autora afirme que a causativa (7b) [191b] é derivada do verbo transitivo *do* ‘subir’ (Silva, 2011, p. 166-167), a estrutura argumental de sua contraparte não causativa (7a) [191a] parece mostrar uma construção intransitiva. Assim, é possível considerar que a causativa (7b) [191b] é formada com o sufixo causativo *-wə* alterando um verbo *labile* usado intransitivamente. Registramos que esse verbo parece ser do tipo “*labile-Agente*”, pois não expressa o paciente (‘a árvore’) na construção.

p. 340: “La langue ne possède que peu de procédés morphologiques spécialisés dans le changement de valence. D’un autre côté, elle possède un grand nombre de verbes labiles, qui sont directement impliqués dans le changement de valence, plus précisément dans des constructions avec des valeurs causative et anticausative. A part l’indice coréférentiel, qui participe à la constitution des formes verbales moyennes, et qui peut diminuer la valence du

verbe auquel il est indexé, il n'existe que le suffixe *-wə*, spécialisé dans la dérivation des formes verbales causatives, mais qui ne fait que réarranger la valence du verbe auquel il s'associe (cf. 3.8.2). Ainsi, il n'y a que des procédés morphologiques pour réduire ou pour réarranger la valence du verbe, mais pas pour l'augmenter."

p. 348: "5.5.3 VERBES LABILES ET CHANGEMENT DE VALENCE

J'ai montré en 3.1.3 que les verbes labiles du rikbaktsa sont du type labile-P, qui se caractérisent par l'absence de l'agent dans l'emploi intransitif (*koro* 'brûler' et *wak* 'fuir'). Les emplois intransitif et transitif de verbes labile-P donnent comme résultat des constructions ayant respectivement des valeurs anticausative et causative, comme on le verra par la suite.

De plus, il est à noter que nous ne rencontrons aucune difficulté pour identifier les différents emplois des verbes labiles, car les constructions transitives et intransitives sont faciles à reconnaître grâce à la morphologie verbale. Ainsi, un verbe labile-P employé dans une construction intransitive s'accorde obligatoirement avec son sujet, tandis que s'il est employé transitivement, il s'accorde obligatoirement avec son sujet et son objet."

p. 93: "Les verbes labiles sont de deux types: *labile-Agent* (labile-A) et *labile-Patient* (labile-P)⁴¹. Selon Letuchiy, les verbes labile-A sont ceux qui, dans l'emploi intransitif, n'expriment pas le patient, alors que les verbes labile-P sont ceux qui, dans l'emploi intransitif, n'expriment pas l'agent. Je m'intéresse ici aux verbes du type labile-P car, à première vue, les verbes labiles du rikbaktsa sont de ce type-là. [...]

⁴¹ Dans les termes de Dixon (1994:54): S=A (labile-A) ou S=O (labile-P)."

p. 93-94: "Suivent des échantillons de verbes non labiles (19) et des verbes labiles-P (20):

[...]

(20) RACINE USAGE TRANSITIF (YVX) USAGE INTRANSITIF (XV)

[...]

do 'monter, faire monter' 'monter'

[...]

Je montrerai en 5.5.3 que les emplois transitif et intransitif de verbes labile-P donnent comme résultat, respectivement, des constructions avec une valeur de type causatif et anticausatif."

9.

Resposta: Não identificamos causativização com IN no Rikbáktsa, embora exista IN nessa língua.

10.

Resposta: A ordem recorrente nos dados é AOV, como em (2) [257] e (4) [259]. A construção (5) [260], com o causador na 2ª pessoa e a semântica de advertência, segue o padrão OV. Em (3) [258], com três participantes, a ordem passa a ser A O_{Paciente} Causado V, com o causado ocorrendo na posição imediatamente pré-verbal, típica do OD, e sendo marcado pela posposição *humo* ‘contato com/por causa de’. De acordo com Silva (2011, p. 346), o paciente ocupa o lugar típico de acusativo (OD).

Como informado na resposta à questão 1, as construções (6b) [190b] e (7b) [191b] parecem contrastar com a descrição de Silva (2011) sobre as causativas de transitivos. O dado (6b) [190b] apresenta a ordem AV, com o objeto marcado na estrutura verbal pelo índice de pessoa */i-*. Entretanto, a semântica que remete à passiva e a falta de clareza sobre a inserção de um causador, relativamente a (6a) [190a], indicam que a construção pode ser diferente das demais causativas. O dado (7b) [191b], por sua vez, mantém a ordem AOV, mas o argumento em função de OD é realizado pelo participante causado, o que está de acordo com a descrição das causativas de intransitivos e não com a das causativas de transitivos. A estrutura argumental de (7a) [191a], que não contém morfologia de objeto no verbo, é outro indício de que (7b) [191b] pode ser interpretada como causativa de intransitivo.

11.

Resposta: Não identificamos restrições na formação das causativas de transitivos. Semanticamente, os participantes causador e causado parecem apresentar traço [+ANIMADO] nos dados consultados. Observamos que o causado não costuma ser expresso nas construções.

12.

Resposta: Não identificamos referência a aspectos cognitivos em Silva (2011).

13.

Resposta: Não identificamos causativa sintática no Rikbáktsa.

14.

Resposta: Não identificamos causativa sintática.

15.

Resposta: Não identificamos causativa sintática.

16.

Resposta: Não identificamos pares com verbos lexicais transitivos no Rikbáktsa.

17.

Resposta: Não identificamos causativa lexical.

18.

Resposta: De acordo com Silva (2011, p. 347), o causado assume a função de “adjunto”, marcado pela posposição *humo* ‘contato com/por causa de’, conforme o exemplo (3) [258]. Todavia, na construção (7b) [191b], tratada pela autora como causativa de transitivo, o causado atua como OD, o que remete à problemática desse dado apontada na resposta à questão 1. Nos demais dados, o causado não é expresso.

Quanto à função de “adjunto” na língua, os critérios usados por Silva (2011, p. 238) para atribuir essa função a um constituinte são: ser introduzido por uma posposição e não ser requerido pelo verbo. Em nosso ponto de vista, o uso de uma posposição não implica que o constituinte seja periférico, uma vez que a língua apresenta argumentos posposicionados, chamados de “objetos oblíquos” e de “objetos indiretos”. E o significado de “ser requerido pelo verbo” não fica claro na descrição. Se um verbo recebe um morfema causativo que obrigatoriamente introduz um causador, entendemos que esse verbo também requer um causado que execute a ação do verbo causativizado. Com base nesse raciocínio, o causado posposicionado de (3) [258] poderia ser considerado um argumento no Rikbáktsa.

Outros critérios utilizados na classificação de adjuntos também podem ser questionados. A omissão do causado nos dados pode ser atribuída a fatores pragmáticos, inclusive porque os SNs sujeito e objeto também são opcionais na língua (Silva, 2011, p. 89). Em nossa interpretação, o causado não é marcado no verbo porque a língua não dispõe de índice de pessoa para um terceiro participante, não necessariamente porque ele é um adjunto. Por fim, a afirmação de que a indexação verbal é uma das propriedades que caracteriza a relação de objeto (Silva, 2011, p. 248-249) contradiz a caracterização de objetos registrada em Silva (2011, p. 237-238), pois os chamados “objetos oblíquos” não são necessariamente indexados no verbo. Em relação a este último ponto, constatamos que, em (18) [37], o SP nucleado pela posposição *humo* parece ser um argumento indexado no verbo pelo índice de pessoa *i-* ‘3OBJ.SG’.

p. 346: “Dans les constructions causatives, il n’y a pas de changement de valence, car le verbe dérivé reste transitif; en revanche, il y a un réarrangement du rôle sémantique du sujet. Le participant occupant la position de sujet de la construction de départ, un agent, est destitué et sa place est occupée par un causateur. Le patient de la construction de départ, exprimé sur la forme d’objet, conserve son statut syntaxique et sémantique dans la construction dérivée. L’agent peut être totalement éliminé, ou plus rarement, apparaître sous la forme d’un adjoind introduit par la postposition *humo* ‘contact.avec/à.cause.de’.”

p. 347: “En (258), l’agent de la transitive active destitué apparaît sous la forme d’un adjoind, introduit par la postposition *humo* ‘contact.avec/à.cause.de’. On peut noter que la manifestation de l’agent est rare et se restreint aux données sollicitées:

- (3) [258] *Paulo uta pəhərək humo ɾ-Ø-ik-boro-wə*
 ANTHROP.M je.M serpent à.cause.de 3SUI-PAS-1OBJ.SG-manger/mordre-CAUS
 ‘Paulo fait que je sois mordu par le serpent’ ”

p. 190-197: “FORME ET SIGNIFIE DES POSTPOSITIONS

Voici une liste des postpositions du rikbaktsa et leurs signifiés.

[...]

- *humo* ‘contact avec/a cause de’

Dans le sens de ‘contact avec’, cette postposition met en relation deux entités, en sachant que c’est celle qui est *dépositaire* du contact qui est marquée par la postposition. [...]

- (16)[35] *i-tfipa humo paik*
 3POSS.SG-bras contact.avec tenir
 ‘il s’accroche à son bras (à elle)’

Un deuxième sens de *humo* est ‘à cause de’:

- (17)[36] *hiritfik humo ɾ-Ø-unuba*
 pluie à.cause.de 3SUI-PAS-obscurcir
 ‘ça s’est obscurci à cause de la pluie’

Enfin, *humo* exprime une relation entre une expérience et un stimulus. Elle introduit le complément des verbes de cognition (37), d’émotion (38), de sensation (39), aussi bien que les compléments du verbe *parler* (40) et du verbe *rire* (41):

- (18)[37] *iwaɾe=hi mi-fipirikpo-wə baba humo*
 après=? 1POSS.PL-connaître-N.PAT vrai à.cause.de

tfi-p-i-hinimiri-ɾio=naha
 1SUI-NPAS-3OBJ.SG-apprendre-être.bon=PL.SUI
 ‘après, nous allons bien apprendre de notre savoir traditionnel’

[...]

- (19)[40] *ʃi-rara-tʃa* *humo* *tapara ni-Ø-pamikiʃo-ko*
 3POSS.PL-bête-NF.PL à.cause.de d'abord 3SUJ-PAS-parler-CONT
 ‘d’abord, il parlait des bêtes’ ”

p. 237-238: “5.1 RELATIONS GRAMMATICALES

Le rikbaktsa distingue les relations grammaticales de sujet et d’objet. Les propriétés formelles qui caractérisent ces relations grammaticales seront examinées respectivement dans les sections 5.1.1 et 5.1.2.

Avant de passer à la description des relations grammaticales, je préciserai ici la définition des termes *argument*, *objet oblique* et *adjoind*, dont je me servirai très souvent dorénavant. Ces termes forment deux classes, la classe des arguments et la classe des adjoints. Dans la classe des arguments il y en a deux directs et un oblique. Les deux arguments directs sont le sujet et l’objet direct, sachant que j’appelle ici *objet direct* l’argument d’un verbe divalent du type *tuer* qui reçoit prototypiquement le rôle du patient; l’argument oblique, appelé ici *objet oblique*, est aussi un objet direct dans le sens ici adopté. Les arguments sont requis par la structure argumentale du verbe; les arguments directs sont liés directement au verbe, sans l’aide d’une postposition, tandis que l’objet oblique a la forme d’un syntagme postpositionnel, donc d’un adjoind. Je n’utilise pas ici le terme d’*objet indirect* pour l’objet oblique afin d’éviter qu’il soit confondu avec le troisième argument de verbes trivalents du type *donner*, souvent l’argument ayant le rôle du datif.

Enfinement, j’appelle *adjoind* la classe dont les éléments sont introduits par une postposition et qui ne sont pas requis par le verbe. Les arguments sont des participants, alors que les adjoints sont des circonstants (cf. Andrews 1985: 81-92). L’opposition *participant/circonstant* correspond, plus au moins, à l’opposition *actant/circonstant* chez Tesnière (1959).”

p. 248-249: “5.1.2 L’OBJET

L’identification de la relation grammaticale d’objet en rikbaktsa ne pose pas de problème. Bien que moins nombreuses que les propriétés formelles qui caractérisent la relation grammaticale de sujet, les propriétés qui caractérisent la relation d’objet direct sont l’indexation verbale, le marquage casuel, l’ordre, la construction médiopassive et la montée du possesseur.”

p. 254-255: “L’objet

L’objet peut avoir les rôles sémantiques de patient subissant un changement d’état (a), de thème (b), de stimulus (c) et d’agent (d):

[...]

- (20)[35d] *katfa bua-tfa tʃi-k-ʃi-wak=ba=hik=naha*
 nous sapajou-NF.PL 1SUJ-PAS-3OBJ.PL-fuir=HOLIST=PONCT=PL.SUJ
 ‘nous avons fait fuir les sapajous’ (litt.: nous avons fui les sapajou) ”

p. 276-277: “LES ADJOINTS

Après étude des arguments du verbe, y compris l’objet oblique (pour la définition d’objet oblique, voir la section 5.1), maintenant je présente sommairement les adjoints, plus précisément les circonstants, à savoir les syntagmes adverbiaux et postpositionnels. Ils sont normalement placés plus à gauche de la phrase [...]

Néanmoins, ils sont aussi admis immédiatement à gauche du verbe [...]

Mais aussi plus à droite de la phrase, donc après le syntagme verbal [...]

p. 278: “5.2.3 LE SYNTAGME POSTPOSITIONNEL

La postposition établit un syntagme postpositionnel; elle prend un élément nominal (un syntagme ou un indice de personne, par exemple) pour complément, lequel doit toujours être présent. Le syntagme postpositionnel fonctionne comme adjoint, et on a déjà vu en 3.3 qu’il peut accéder à la fonction d’argument (objet oblique).”

p. 280: “Parmi les fonctions du syntagme postpositionnel figurent celles d’argument (objet oblique) et d’adjoint. Il y a deux différences entre ces deux fonctions, l’une syntaxique et l’autre formelle. La différence syntaxique est liée au fait que l’argument soit un terme requis par le verbe, tandis que l’adjoint non. D’un autre côté, la différence formelle consiste en ce que la postposition qui est la tête du syntagme ayant la fonction d’argument (*ti* ‘accusatif’) n’apparaît que dans ce contexte. Autrement dit, la postposition accusative établit exclusivement un objet oblique, tandis que, du côté des adjoints, une même postposition peut établir différents types d’adjoints.”

19.

Resposta: O causado não mantém o caso nem a função sintática de sujeito. Não identificamos compartilhamento das propriedades de sujeito entre o causador e o causado.

20.

Resposta: A marcação do causado, seja ela a ordem, a posposição *humo* ‘contato com/por causa de’, o pronome pessoal ou o índice de pessoa, também ocorre com outros constituintes.

Quanto à ordem, como indicado na questão 10, o causado ocupa a posição imediatamente pré-verbal em (3) [258]. Essa é a posição típica do OD nas construções transitivas não derivadas e nas demais causativas identificadas.

A posposição *humo*, que codifica o causado em (3) [258], marca outros constituintes “oblíquos” na língua, possivelmente nas funções de “adjunto” ou de “objeto oblíquo”, como em (16) [35], (17) [36], (18) [37] e (19) [40].

Por fim, o pronome pessoal *katfa* ‘nós’ e o índice de pessoa *mi-* ‘1.PL’ de (7b) [191b] também marcam sujeitos e objetos plurais de 1ª pessoa em construções não derivadas. Registramos, conforme resposta à questão 1, que o exemplo (7b) [191b] também pode ser analisado como causativa de intransitivo.

21.

Resposta: Não identificamos marcação morfológica distinta da função sintática do causado. Entendemos que a posposição *humo* ‘contato com/por causa de’ marca tanto constituintes periféricos (“adjunto”) quanto argumentais (“objeto oblíquo”).

22.

Resposta: Não identificamos construções com ambos o causado e o paciente codificados como OD.

23.

Resposta: Depende da construção. Em (3) [258], cujas posições de sujeito e OD estão preenchidas, o causado não é demovido para a próxima posição disponível, tendo em vista que, na análise de Silva (2011, p. 347), ele não exerce a função de “objeto oblíquo”, mas a de “adjunto”. Considerando que a Hierarquia de Caso se aplica a argumentos do verbo, entendemos que o causado de (3) [258] não segue a hierarquia nos moldes de Comrie (1976, 1989). Contudo, se consideramos que (7b) [191b] se trata de uma causativa de transitivo, com o causado atuando como OD, ele seguiria a hierarquia pelo fato de assumir a posição livre mais alta disponível após sua demissão da função original de sujeito. Esclarecemos que, em nossa interpretação, o dado (7b) [191b] também pode ser analisado como uma causativa de intransitivo, conforme registrado na resposta à questão 1.

24.

Resposta: Sim. Conforme Silva (2011, p. 280), os critérios para identificar um constituinte na função de “adjunto” incluem ser um termo não requerido pelo verbo e ser introduzido por uma posposição. A autora afirma que, em (3) [258], o causado marcado pela posposição *humo* ‘contato com/por causa de’ atua como “adjunto” (Silva, 2011, p. 347). Para nós, como registrado na resposta à questão 18, esses critérios são insuficientes, pois, em princípio, um verbo causativizado “requer” um causado que execute a ação, e a língua apresenta os “objetos oblíquos” atuando como argumentos posposicionados, os quais podem ser equiparados ao causado em SP.

Os critérios para identificar um constituinte na função de OD, segundo Silva (2011, p. 248-249), são a indexação verbal, a marcação de caso, a ordem, a construção médio-passiva e a subida do possuidor. Se o exemplo (7b) [191b] for tratado como uma causativa de transitivo, a função de OD do causado será identificada pela ordem do pronome pessoal *kat/fa* ‘nós’, imediatamente à esquerda do verbo, e pelo índice de pessoa *mi-* ‘1.PL’ marcado no verbo. Em nossa interpretação, porém, como indicado na resposta à questão 1, o dado (7b) [191b] também pode ser analisado como uma causativa de intransitivo.

p. 248-249: “5.1.2 L’OBJET

L’identification de la relation grammaticale d’objet en rikbaktsa ne pose pas de problème. Bien que moins nombreuses que les propriétés formelles qui caractérisent la relation grammaticale de sujet, les propriétés qui caractérisent la relation d’objet direct sont l’indexation verbale, le marquage casuel, l’ordre, la construction médiopassive et la montée du possesseur.”

p. 251: “L’ordre

Comme pour la relation grammaticale de sujet, l’ordre aide aussi à établir la relation grammaticale d’objet. Dans une structure synthétique, le constituant ayant la fonction d’objet est placé préférentiellement immédiatement à gauche du verbe [...]”

p. 280: “Parmi les fonctions du syntagme postpositionnel figurent celles d’argument (objet oblique) et d’adjoint. Il y a deux différences entre ces deux fonctions, l’une syntaxique et l’autre formelle. La différence syntaxique est liée au fait que l’argument soit un terme requis par le verbe, tandis que l’adjoint non. D’un autre côté, la différence formelle consiste en ce que la postposition qui est la tête du syntagme ayant la fonction d’argument (*ti* ‘accusatif’) n’apparaît que dans ce contexte. Autrement dit, la postposition accusative établit exclusivement un objet oblique, tandis que, du côté des adjoints, une même postposition peut établir différents types d’adjoints.”

25.

Resposta: Sim, o causado pode ser omitido, conforme os dados (2) [257], (4) [259] e (5) [260]. Como as construções causativas não são consideradas operações de aumento de valência, mas apenas de rearranjo, a omissão do causado não altera a valência sintática.

p. 346: “L’agent peut être totalement éliminé, ou plus rarement, apparaître sous la forme d’un adjoind introduit par la postposition *humo* ‘contact.avec/à.cause.de’.”

p. 340: “A part l’indice coréférentiel, qui participe à la constitution des formes verbales moyennes, et qui peut diminuer la valence du verbe auquel il est indexé, il n’existe que le suffixe *-wə*, spécialisé dans la dérivation des formes verbales causatives, mais qui ne fait que réarranger la valence du verbe auquel il s’associe (cf. 3.8.2). Ainsi, il n’y a que des procédés morphologiques pour réduire ou pour réarranger la valence du verbe, mais pas pour l’augmenter.”

26.

Resposta: Não identificamos relativização do causado nas causativas formadas a partir de verbos transitivos.

p. 337: “5.4.6.1 NOMINALISATION DE PROPOSITIONS FINIES ET PROPOSITIONS RELATIVES

S’agissant de propositions finies nominalisées, on pourrait penser que ces propositions sont des propositions relatives. Or, en partant de la définition de proposition relative, une proposition qui fonctionne comme déterminant dans un syntagme nominal, et du comportement des propositions finies nominalisées, on voit que ces dernières ne peuvent être traitées comme propositions relatives, car, à la différence de celles-ci, les propositions nominalisées ne fonctionnent pas comme déterminant dans un syntagme nominal, elles sont même la tête du syntagme. A cela s’ajoute le fait que les propositions finies subissent le même procédé de nominalisation que tous les autres éléments nominalisés dans la langue.

Examinons maintenant les trois contextes d’occurrence des nominalisations de propositions finies:

(i) Dans la majorité des cas, elles sont le seul constituant dans le syntagme nominal: [...]

Pour reconnaître ces nominalisations comme des propositions relatives on devrait admettre que les relatives en rikbaktsa sont majoritairement du type « sans tête ».”

p. 339: “En conclusion, les contextes d’occurrence des structures où figurent les propositions finies semble être suffisants pour analyser ces structures comme étant des nominalisations, tout

comme les autres nominalisations présentées dans cette section. Autrement dit, ces structures ont des propriétés formelles (distribution et morphologie) qui les rapprochent plus de nominalisations que de propositions relatives.”

p. 358: “5.9 PHRASE COMPLEXE

Sous le titre de phrases complexes, je réunis les structures de subordination et de coordination. La langue a seulement un type de proposition subordonnée, les propositions adverbiales. Comme on l’a vu en 5.4.6, les propositions qui correspondent à des relatives dans les langues romaines sont des nominalisations en rikbaktsa.”

27.

Resposta: Como informado nas questões 4 e 11, os verbos causativizados com *-wə* são transitivos ativos, e o causado parece apresentar traço [+ANIMADO]. Com base nessas informações e nos dados disponíveis, constatamos que o causado expressa também o papel semântico de agente.

p. 346: “Le participant occupant la position de sujet de la construction de départ, un agent, est destitué et sa place est occupée par un causateur. [...]. L’agent peut être totalement éliminé, ou plus rarement, apparaître sous la forme d’un adjectif introduit par la postposition *humo* ‘contact.avec/à.cause.de’.”

p. 347: “ En (258), l’agent de la transitive active destitué apparaît sous la forme d’un adjectif, introduit par la postposition *humo* ‘contact.avec/à.cause.de’.”

28.

Resposta: Embora os dados disponíveis indiquem que o causado tende a ser animado, eles não permitem identificar os graus de controle, afetação ou volição do causado, nem o tipo de ação exercida por ele. Todavia, o exemplo (6b) [190b], com sentido permissivo e verbo ingestivo, sugere que o causado está no controle da ação e age com volição (cf. respostas às questões 1 e 10, nas quais a análise desse dado é problematizada).

29.

Resposta: Se o exemplo (7b) [191b] for tratado como uma construção causativa de verbo transitivo, o causado estaria atuando como OD e sendo marcado no verbo pelo índice de pessoa *mi-* ‘1.PL’. Isso poderia ser um indício de que ele é mais integrado à sentença do que o causado de (3) [258], o qual ocorre em um SP e é analisado como “adjunto” (Silva, 2011, p. 347). Nos

demais dados, o causado não é expresso (cf. respostas às questões 1 e 18 para consultar a problematização das análises dessas construções e da função do causado).

30.

Resposta: Considerando que o causador pode agir por meio de processos físicos e de permissões, como em (3) [258] e (6b) [190b], respectivamente, deduzimos que ele é capaz de atuar tanto direta quanto indiretamente sobre o causado.

p. 347: “Le causateur introduit est toujours un animé [...]”

31.

Resposta: Considerando que o causador pode agir por meio de processos físicos e de permissões, deduzimos que ele atinge o resultado intencionalmente.

32.

Resposta: Considerando que o causador pode agir física ou verbalmente, deduzimos que ele é capaz de iniciar um processo com ou sem esforço.

33.

Resposta: Com base nos dados disponíveis, e considerando a ausência de indícios da participação do causador, deduzimos que o causador não está envolvido na atividade.

34.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se há graus de topicalidade ou foco relacionados ao causado ou ao paciente na causativa de transitivo. Registramos que o sujeito pode ocorrer em posição de tópico ou ser focalizado, e que o OD pode ser focalizado.

p. 344: “Le participant en fonction de sujet de la construction transitive de départ, l’agent donc, est destitué et le patient, exprimé sous la forme d’objet, est promu à la fonction de sujet de la médiopassive. Celui-ci est marqué par l’indice coréférentiel alors que l’agent est exprimé comme topique, c’est-à-dire hors nucleus propositionnel, en se plaçant le plus à gauche dans la proposition.”

p. 220: “PARTICULES DE FOCALISATION

Resposta: Além da causativa morfológica, não identificamos outros mecanismos formais para expressar causatividade a partir de verbos transitivos.

Conforme registrado na resposta à questão anterior (35), Silva (2011, p. 167) afirma que a causativa de intransitivo somente é formada a partir de um verbo *labile* (ambitransitivo) usado transitivamente.

37.

Resposta: Rearranjo de valência. Silva (2011, p. 340, 346) afirma que não há aumento de valência na causativa de transitivo porque o verbo derivado permanece transitivo. Considerando que a voz é entendida por Silva (2011, p. 340) como um processo morfológico que implicaria mudança de valência, as construções causativas do Rikbáktsa não são analisadas pela autora como voz.

p. 340: “La langue ne possède que peu de procédés morphologiques spécialisés dans le changement de valence. D’un autre côté, elle possède un grand nombre de verbes labiles, qui sont directement impliqués dans le changement de valence, plus précisément dans des constructions avec des valeurs causative et anticausative. A part l’indice coréférentiel, qui participe à la constitution des formes verbales moyennes, et qui peut diminuer la valence du verbe auquel il est indexé, il n’existe que le suffixe *-wə*, spécialisé dans la dérivation des formes verbales causatives, mais qui ne fait que réarranger la valence du verbe auquel il s’associe (cf. 3.8.2). Ainsi, il n’y a que des procédés morphologiques pour réduire ou pour réarranger la valence du verbe, mais pas pour l’augmenter.”

p. 340: “J’ajouterai que je réserve le terme de **voix** aux opérations de changement de valence qui découlent de l’altération dans la morphologie verbale (Creissels 2006), de telle sorte que, comme nous verrons à la suite, seules les constructions moyennes relèvent de la définition de voix adoptée ici.”

p. 346: “Dans les constructions causatives, il n’y a pas de changement de valence, car le verbe dérivé reste transitif; en revanche, il y a un réarrangement du rôle sémantique du sujet.”

p. 352: “Si on reprend la définition de voix donnée en 5.5, on reconnaît qu’on ne peut pas appliquer le terme de voix aux constructions ayant des valeurs anticausative et causative en conséquence des différents emplois des verbes labiles, car dans les deux cas, il n’y a pas d’altération dans la morphologie verbale qui puisse être reconnue comme responsable du changement de valence dans les constructions à verbes labiles.”

p. 339-340: “CHANGEMENTS DE VALENCE

Nous avons déjà vu que la valence des verbes du rikbaktsa est définie dans le lexique, et que pour changer la valence, les verbes « de valence stricte » mettent en jeu des moyens formels, tandis que les verbes labiles peuvent être employés soit transitivement soit intransitivement, sans ajout morphologique (cf. 3.1.3).”

p. 92-93: “3.1.3 LABILES

Les verbes du rikbaktsa sont lexicalement transitif ou intransitif, c’est-à-dire la valence est définie dans le lexique. Pour changer de valence, certains verbes mettent en jeu des procédés formels alors que d’autres ne le font pas. Ceux-ci sont connus comme ‘verbes labiles’ (ambitransitifs³⁹); ils se caractérisent par la possibilité d’être employés transitivement ou intransitivement sans souffrir d’aucune transformation formelle: *wak* ‘fuir’/‘faire.fuir’ (Haspelmath 1993; Nichols 1993; Kulikov 1999)⁴⁰. [...]

³⁹ Le terme *ambitransitif* est employé par Dixon (1994: 18, 54).

⁴⁰ Les verbes labiles constituent une grande partie du lexique de la langue, et il se pourrait que tous les verbes de la langue rikbatsa soient labiles; cette hypothèse devra être vérifiée plus avant.”

p. 93: “Les verbes labiles sont de deux types: *labile-Agent* (labile-A) et *labile-Patient* (labile-P)⁴¹. Selon Letuchiy, les verbes labile-A sont ceux qui, dans l’emploi intransitif, n’expriment pas le patient, alors que les verbes labile-P sont ceux qui, dans l’emploi intransitif, n’expriment pas l’agent. Je m’intéresse ici aux verbes du type labile-P car, à première vue, les verbes labiles du rikbaktsa sont de ce type-là. [...]

⁴¹ Dans les termes de Dixon (1994:54): S=A (labile-A) ou S=O (labile-P).”

38.

Resposta: Não identificamos causativas de verbos transitivos combinadas com outras vozes ou mecanismos de mudança de valência.

39.

Resposta: Não identificamos o percurso diacrônico nem a origem do sufixo causativo de verbo transitivo (-wə). Registramos a existência do sufixo nominalizador -wə, o qual deriva nomes a partir de verbos transitivos, indicando o paciente, o instrumento ou o lugar (Silva, 2011, p. 159), porém a autora não o relaciona ao sufixo causativo.

p. 159: “DERIVATION

Le verbe a très peu de morphologie dérivationnelle et, à part la reduplication, il ne prend que des suffixes. Il possède la morphologie spécifique due au changement de catégorie lexicale – les nominalisations – (3.8.1), à la dérivation des formes verbales causatives (3.8.2) et à la reduplication de la racine verbale (3.8.3).”

p. 159: “3.8.1 NOMINALISATION AFFIXALE OU NOMS DEVERBAUX

Le terme *nominalisation affixale* désigne le processus de formation de noms à partir de racines verbales qui concerne des morphèmes dérivationnels. Ce processus se différencie de la *nominalisation clitique*, qui forme également des noms, mais au moyen de clitiques marqueurs de genre et de nombre ou quantification (cf. 5.4).

Il existe deux stratégies pour dériver des noms à partir de racines verbales : (i) au moyen du suffixe *-hV* – V étant la reprise de la voyelle qui précède immédiatement –, qui forme des noms de patient/résultat; et (ii) au moyen du suffixe *-wə*, qui forme des noms de patient, d’instrument et de lieu. Les noms qui résultent du processus de nominalisation possèdent toutes les propriétés nominales décrites au début du chapitre 2.”

p. 161: “3.8.1.2 *-wə* ‘NOMS DE PATIENT, D’INSTRUMENT ET DE LIEU’

Le suffixe *-wə* dérive des noms de patient, d’instrument et de lieu.

NOMS DE PATIENT

Le suffixe *-wə* est affixé aux racines verbales transitives pour former des noms de patient. Les noms qui en découlent sont relatifs, c’est-à-dire qu’ils se combinent obligatoirement avec des indices possessifs, lesquels récupèrent l’agent du verbe de base.

- (23)[176] *iwaɣe ka-rapu-wə* Ø-*p-ik-patfik*
 après 1POSS.SG-boire-N.PAT 1SUJ-NPAS-1OBJ.SG-faire.de.la.chicha
 ‘après, je vais me préparer ma boisson’

- (24)[177] *taha-difaha-wə=ti* *pu pu pu*
 3COREF.PL-alimenter-N.PAT=ACC REP REP joindre
 ‘elles rassemblaient leur aliment (dans le panier)’

Si le verbe qui est à la base de la dérivation est un verbe de cognition, comme c’est le cas, par exemple, du verbe *ʃipirikpok* ‘savoir/connaitre’, l’indice possessif récupère le participant dans le rôle sémantique d’expérience:

- (25)[178] *waɣe-he mi-ʃpirikpok-wə-baba* *humo*
 après-? 1POSS.PL-connaitre-N.PAT-vrai contact.avec

tʃi-p-i-hinimiri-ɾio=naha
 1SUJ-NPAS-3OBJ.SG-apprendre-être.bien=PL.SUJ
 ‘après, nous allons bien apprendre à propos de nos coutumes (litt.: vraies connaissances)’ ”

‘leurs bêtes vont à l’abattoir’ ”

40.

Resposta: Não identificamos mudanças diacrônicas na marcação de caso do causado de verbo transitivo.

41.

Resposta: Os termos usados são “causador” (p. 346), “causado” (p. 351) e “paciente” (p. 346). O causador é chamado de “sujeito” (p. 346). O causado é tratado como “agente” (p. 346) e “adjunto” (p. 347), além de ser glosado como objeto (‘1OBJ.PL’, (7b) [191b]) (p. 167). O paciente é referido como “objeto” (p. 346).

O “objeto direto” é definido como o argumento requerido pela estrutura argumental de um verbo divalente que prototipicamente exerce o papel de paciente (Silva, 2011, p. 237). O adjunto é definido como o elemento introduzido por uma posposição que não é requerido pela estrutura argumental de um verbo (Silva, 2011, p. 238).

Registramos o termo “oblíquo” usado para constituintes em função argumental, sendo chamados de “argumento oblíquo” e de “objeto oblíquo” (Silva, 2011, p. 237-238).

42.

Resposta: Sim. Configura terminologia particular o uso de “oblíquo ordinário” para o terceiro argumento de verbos trivalentes introduzido por posposição.

Hup (Nadahup/Makú)

Obras pesquisadas¹: Epps (2008)

1.

Resposta: O mecanismo formal que o Hup usa é a “composição verbal” com verbos causativos, a exemplo de *g’et* ‘ficar, manter’ e *yǎh* ‘ordenar, solicitar, obrigar’. O mecanismo morfológico, realizado com o prefixo *hi-* ~ *mi-* ‘factitivo’, parece ser usado com verbos intransitivos.

Os dados (1) [33] e (3) [40] ilustram o funcionamento da composição verbal, com um causador na função de sujeito gramatical do verbo de causa e um objeto para cada verbo (Epps, 2008, p. 393-394). O objeto do verbo de causa mantém sua agentividade original e exerce também a função de sujeito do verbo de efeito (Epps, 2008, p. 398). Considerando que cada verbo apresenta sua estrutura argumental saturada, entendemos que a chamada “composição verbal” pode ser interpretada como um tipo de serialização verbal, de maneira que a causativa formada por esse mecanismo é uma causativa sintática (cf. resposta à questão 13).

Em relação ao mecanismo morfológico, Epps (2008, p. 509) informa que não está claro se as raízes verbais às quais o prefixo *hi-* se associa são ambitransitivas que estão sendo usadas intransitivamente. A autora também afirma que a construção factitiva é “semiprodutiva e idiossincrática” (p. 505). Nessas construções, o “agente sintático” é interpretado como um paciente semântico, e/ou o “objeto sintático” é visto como relativamente agentivo (Epps, 2008, p. 509-510). Considerando que essa característica altera a transitividade da oração e que os dados não reúnem as propriedades típicas de uma causativa de verbo transitivo, entendemos que as construções formadas com o prefixo factitivo não constituem causativas de transitivos.

p. 398: “9.4.1.2. Compounds encoding a cause-effect relationship

In causative compounds, stems encode multiple events that are usually not temporally simultaneous. They are thus here treated as relatively low on the scale of conceptual integration, although they are clearly more integrated than are those compounds that simply encode a series of events. Although the causative compound construction has only one grammatical subject,

¹ A: Sujeito de orações transitivas; APPL: Aplicativo (-*ǎh*); COOP: Cooperativo (-*ñh*); DECL: Declarativo (-*ǎh*); DEM: Demonstrativo; DEP: Marcador de dependência, marcador de tópico (-*ǎp*); DYNM: Dinâmico (-*ǎy*); FACT: Factitivo (*hi-*); FEM: Feminino (nome preso) (=ǎy); FRUST: Frustrativo (*yǎh*); FUT: Futuro (-*teg*, -*te-*); IMP: Imperativo; INCH: Incoativo, foco inch. (-*ay*); ITG: Intangível (dem.); MSC: Masculino (nome preso), Ênfase (=ǎh); NEG: Negativo (verbal) (-*ñh*); NMZ: Nominalizador (-*ñh*); O₂: Beneficiário, recipiente em construções ditransitivas; OBJ: Objeto (-*ǎn*); PL: Plural/coletivo (=ǎh); POSS: Possessivo (*ñh*); PROTST: Protesto (*bǎ?*); REP: Reportativo evidencial (*mah*); RFLX: Reflexivo (*hup-*); SG: Singular; TEL: Télico, Ênfase contrastiva (=ǎy); VENT: Venitivo (-ǎy-); 1: Primeira pessoa; 2: Segunda pessoa; 3: Terceira pessoa.

the actions themselves necessarily have different underlying actors. Thus while they are constructed like many compound verbs, involving a transitive stem plus an intransitive stem, these stems have a particular valency relationship whereby the object of one is the subject of the other. The constructions usually involve a relationship between two verb stems (although more are possible), in which one component encodes a causative action (often involving manner), and the other encodes the resulting event (as is typical of cause-effect serial constructions cross-linguistically; cf. Aikhenvald 2006: 14–16, Talmy 1985: 62–64).”

p. 398-399: “A. Compound-initial causative stems

Hup has a small class of conventional causative stems, each with its own semantic content and restricted patterns of use. These involve the combination of a transitive causative stem with an intransitive stem, and the result is a transitive construction involving two (or more) participants.

The most productive causative stem is the verb *d’oʔ-*, which by itself means ‘take’.

p. 400: “Another causative root is *d’ə-*, which on its own means ‘send, (cause to) move’, and combines productively with direction and movement verbs.”

p. 401-402: “Still another causative root is *g’et-* ‘stand’. This root has more limited use than ‘take’ or ‘send’, but it is also fairly productive. [...] (Note that in 33 both verb roots are used transitively.)

[...]

- (1) [33] *yúb* *ʔín-ǎn* *hid* *g’et-bíʔ-íy*
 cipó 1pl-OBJ 3pl stand-work-DYNM
 ‘They (Tukanos) made us (Hupd’əh) work cipó (i.e., gather vines in forest for sale).’ ”

p. 277: “

- (2) [176] *yí-n’íh* *hid* *bíʔ-íh*, *núp=tat*
 that.ITG-NMZ 3pl work-DECL this=FRUIT
 ‘Thus they made it (a clay musical instrument), this size (round).’ (showing with hands) ”

p. 403: “While the roots described above (*d’oʔ-* ‘take’, *d’əh-* ‘send’, and *g’et-* ‘stand’) are by far the most productive in forming causative compounds, the class of causative roots that can function in these constructions is essentially open. For example, the verb *hũh-* ‘hold’ is often used in causative constructions involving babies, such as *hũh-j’əm-* ‘bathe an infant’ (i.e., holding the child in the water of the stream or river; does not entail that the caregiver also bathes), and *hũh-ʔʂh-* ‘put child to sleep by holding it’ (i.e., by lying with child in hammock).

Other causative combinations involve initial verbs that do not occur regularly in causative constructions at all, but form causatives by virtue of their position in the verb

compound and the pragmatic interpretation. Such causative combinations include *ʔey-way-* (call-go.out) ‘cause to go out by calling’ (example 35), and *b’əh-ham-* (pour-go) ‘cause to go away by pouring out’ (example 36). Various transitive stems can combine with the intransitive verb *naʔ-* ‘die’ to yield a causative reading (‘cause to die’), such as *g’əç-naʔ-* ‘cause to die by biting’, *hi-g’et-naʔ-* ‘cause to die by stepping on’, as in example (37), or even the hypothetical *key-naʔ-* ‘cause to die by looking at’.”

p. 403-404: “B. Compound-final causative roots

Hup has an additional compounding strategy for forming causative constructions, in which the intransitive stem describing the resulting event is the first element in the compound, and is *followed* by the transitive causative root. It is also possible in these compounds for both roots to be transitive – with two different objects – as in (40).

Only two causative roots are used productively and regularly in these constructions: -*biʔ-* ‘make, work’ (example 38), and -*yǎh-* ‘order, request, compel’ (examples 39–40).

[...]

- (3) [40] *tih=dóʔ* *tih=báb’-ǎn* *wǎg* *wæd-yǎh-ǎy*
 3sg=child 3sg=sibling-OBJ sand eat-request-DYNM
 ‘The child made his sibling eat sand.’ (also: ‘told his sibling to eat sand’)”

p. 730: “Cases like that in (17) are typical of highly integrated compounds, in that negation usually has immediate scope over the auxiliary rather than over a compound as a whole. However, an exceptional case involves the auxiliary *yǎh* ‘request, order’, with which negation is normally interpreted as having scope over the main verb in the compound (here ‘eat’ or ‘enter’), rather than over the auxiliary itself, as in (18–19).

- (4) [18] *ʔǎh* *dóʔ=n’ǎn* *hǎp* *wæd-yǎh-níh* (*ni-yíʔ -íy*)
 1sg child=PL.OBJ fish eat-request-NEG be-TEL-DYNM
 ‘I told the children not to eat the fish.’”

p. 517: “Note that different causative verb roots can sometimes also be substituted for each other, resulting in variations in meaning, such as *g’et-wæd-* (stand-eat-) ‘feed, provide with food’, vs. *wæd-yǎh-* (eat-request) ‘request/order to eat’.”

p. 180: “

- (5) [57a] *núp* *hǎp-ǎn* *ʔin* *wæd-té-h*
 this fish-OBJ 1pl eat-FUT-DECL
 ‘We’ll eat this fish.’”

p. 517: “The pattern for forming causative and non-causative variants of verbs varies across lexical items. The majority of intransitive roots must participate in a causative verb compound in order to have a causative interpretation, such as *pæm-* ‘sit’, *wæd-* ‘eat’, and *wɔç-* ‘boil’: [...] In other cases (mostly involving stative verbs; cf. §8.2), the derived form of the causative is optional, and the underived form may be used both as a causative and a non-causative, without any apparent semantic difference: [...]”

p. 388: “Verb compounding is an extremely productive process in Hup. [...]”

Several different classes of compound verbs can be distinguished by the degree to which the events or states encoded in roots (or combinations of roots) are integrated with each other. These form a continuum that ranges from the least integrated, where the order of roots reflects a temporal sequence of conceptually linked events, to the most integrated, where some roots serve only to modify others by supplying aspectual or modal information. In addition, some compounds are highly lexicalized forms – presumably learned as units by speakers – whereas others represent fully productive combinations of roots. Because of these differences from one compound verb to another, compounds in general are not easily classified as either essentially lexical or essentially phrasal items. In other words, some compounds are essentially lexical items (to be learned as units), while others are freely coined word-level ‘phrases’. A similar situation is reported for Yuhup (see Ospina 2002: 334).”

p. 388: “Individual compound words have been found to include as many as five verb roots, which I refer to as the ‘component’ roots. These may correspond to different conceptual levels of event integration, thus giving rise to compounds within compounds. This ‘nesting’ effect is increased by the ability of verb roots within compounds to take valency-adjusting prefixes.”

p. 375: “[...] (the Factitive prefix *hi-* is most commonly found with stative roots, but not exclusively).”

p. 509-510: “In addition to occurring with more prototypical intransitive roots, the Factitive construction can occur with verbs that can – at least optionally – take two core arguments. It is not always clear whether these should be considered ambitransitive roots that are being treated as intransitive for the purposes of the Factitive construction (such that the Factitive is adding a participant), but in some cases the verbs in question pattern consistently as transitive elsewhere in Hup (e.g., *hi-cuʔ* [FACT-grab] and *hi-j’ip* [FACT-tie] below). In most of these instances, the Factitive form of the verb differs from the verb’s straightforward (non-Factitive) transitive use in that the Factitive syntactic agent is perceived as being in some way a semantic undergoer,

and/or the syntactic object is understood as relatively agentive, often bearing some responsibility for bringing about the event. This constitutes an adjustment of the Transitivity of the clause.”

p. 510-511: “Also compare Factitive *hi-ʔey-*, used in reference to a dog’s barking (102a), whereas the transitive or ambitransitive root *ʔey-* refers to the human activity, ‘call’ (102b); this Factitive form possibly derives from the fact that a dog’s barking is typically directly triggered by some present entity, such as an animal or a strange person, whereas a person’s calling may be conceived as more independent and self-directed. Another case is *hi-təw-* ‘be jealous of, angry at’ (i.e., ‘be made to scold/angry by O’), formed from the verb *təw-* ‘scold, yell at, be angry at’.”

p. 511-512: “Like *cuh-* ‘string’, the Factitive *hi-j’ip-* ‘tie up, cause to be tied up’ is formed from a verb that is almost always used transitively: *j’ip-* ‘tie (something to something else)’. This Factitive form is usually used in reference to house doors, which (when they exist) are often tied shut with vines when the residents leave. As in (101–103) above, the Factitive may be motivated partly by the relative conceptual foregrounding or importance of the resulting state the activity produces in the object. For example, the important information in (104a) is the resulting state of the object (a secured house), whereas in (104b) the final state of the basket itself is relatively unimportant, while the relevant point is the effect on the spirit.”

p. 512: “Still another example of a Factitive form of a (normally) transitive verb is *hi-cuʔ-* (from *cuʔ-* ‘grab’). This form has two alternative meanings in common use: (1) ‘cover (something) up’ (especially to protect it from rain, etc.), such as a child, a book, etc. (see example 106b below; also compare the derived nominal *məmb’ək hi-cúʔ* ‘pot lid’), and (2) ‘get touched by’ (e.g., a stinging insect), as in (105a) (the non-Factitive is presented in 105b for comparison). While the former use (‘cover’) relates to the agency or foregrounding of the object, the latter (‘get touched by’) appears to have more to do with a high level of affectedness and low level of agency on the part of the agent.”

p. 385: “Also, while bound formatives do not in general come between verb roots within compounds, the valency-adjusting prefixes *hi-* (Factitive) and *hup-* (Reflexive) do so regularly, and as such take scope over the individual root they precede.”

p. 490: “[...] no cases have been encountered in which *ʔũh-* [reciprocal interaction; general interaction] occurs compound-medially (i.e., with scope over a single compound-internal root), in contrast to the other two valency-adjusting preforms, Reflexive *hup-* and Factitive *hi-*.”

p. 504-505: “Factitive *hi-*

The Factitive prefix *hi*-¹⁴⁴ is the least productive of the valency-adjusting operations discussed in this chapter. Many of the constructions in which it occurs are fully lexicalized, and have idiosyncratic, highly specific meanings relative to the stems from which they are apparently formed; in other cases these stems do not even occur as independent verbs¹⁴⁵. Both phonologically and morphosyntactically, the prefix *hi*- is relatively tightly bound to its host stem, in comparison to the Reflexive and Interactional preforms (see §2.5 and §3.4.1.1). A dialectal variant *mi*- of Factitive *hi*- is encountered among some speakers from the Vaupés river region (around Fatima and Santa Atanasio villages).

¹⁴⁴ Factitive *hi*- is homonymous with the verb root *hi*- ‘descend’. This does not in general lead to confusion, since the verb *hi*- (like other motion/path verbs) typically appears compound-finally in any verb compound (cf. §9.4.2), whereas the Factitive is always followed by a verb root.

¹⁴⁵ The semi-productive and idiosyncratic nature of the Factitive construction in Hup [...]”

p. 505: “The *hi*- prefix most commonly combines with intransitive roots having stative or state-change semantics, and acts as a valency-increaser. However, *hi*- can also combine with active stems and those that typically take two arguments, and – especially in the latter case – does not necessarily add a syntactic argument to the clause. In such cases, *hi*- often functions rather to adjust the Transitivity of the clause without actually affecting its grammatical valency, by making the syntactic agent in some sense a semantic undergoer, or the syntactic patient/object relatively agentive (i.e., somehow responsible for inducing the event). Transitivity is here understood as a graded or relative phenomenon in the sense of Hopper and Thompson (1980); as they put it, the idea of Transitivity, or the “carrying-over or transferring an action from one participant to another”, can be broken down into “component parts”, such as the telicity and punctuality of the verb, the volitionality and agency of the subject (S), and the affectedness of the object (O) (1980: 253). From this perspective, clauses may exhibit a range of Transitivity values, regardless of the actual valency of the verbs involved. Most of the constructions with *hi*- have a causative contour and/or a focus on the resulting state that the event brings about or causes in one participant; *hi*- is for this reason glossed ‘Factitive’.”

p. 505: “Crucial to the use of *hi*- are the *semantic* roles of actor and undergoer, in addition to the syntactic roles of agent and object. In many cases *hi*- is essentially signaling that these roles do not match up according to the prototypical model.¹⁴⁶ To the extent that this construction relates to “subject affectedness”, or that it is “intermediate in transitivity between one-participant and two-participant events”, it bears some resemblance to the middle voice (Kemmer 1993: 2–3). However, it is unlike a typical middle voice form (which tends to reduce

valency) in that it normally results in a multi-valent construction. The following discussion outlines the various functions and contexts of use for *hi*-.

¹⁴⁶ In this, *hi*- resembles an inverse marker, but this is not its primary function.”

p. 378: “Where transitive stems do occur in causative constructions, the causative meaning is conveyed via verb roots other than *d’oʔ*- ‘take’, e.g., *g’et-wæd*- [lit. ‘stand-eat’] ‘feed’, and *wæd-yæh*- [lit. ‘eat-order/request’] ‘request/compel to eat’; see §9.4.1.2.)”

p. 196: “

- (6) [121] *hǝp* *tih* *g’et-wæd*, *mǝh* *tih* *g’et-wæd*, *ní-ĩy=mah*
 fish 3sg stand-eat inambu 3sg stand-eat be-DYNM=REP
 ‘He provided (her) with fish to eat, inambu to eat, it’s said’ ”

2.

Resposta: A construção é causativizada diretamente.

3.

Resposta: Não identificamos causativas de transitivos formadas com o prefixo *hi*- ~ *mi*- ‘factitivo’. De acordo com Epps (2008, p. 123), o morfema *hi*- ‘factitivo’ existe apenas como prefixo verbal. A autora informa que, em alguns enunciados, a construção verbal com o prefixo factitivo pode se parecer com formas de voz média (p. 513). Logo, ele parece não assumir um papel de causativo típico.

Registramos que diversos morfemas do Hup são polifuncionais, o que constitui um traço tipológico distintivo da língua (Epps, 2008, p. 2).

p. 123: “[...] Factitive *hi*- exists only as a verbal prefix. [...]. Factitive verb forms alone are frequently lexicalized to the point that the bare root (minus the Factitive) is no longer meaningful (e.g., the stem *hipãh*- ‘know’ [...]).”

p. 311: “The morpheme *hi*- is undoubtedly the Factitive prefix (see §11.4), rather than the homonymous verb root ‘descend’. Evidence for this includes the fact that the verb *hi*- ‘descend’ virtually never occurs as the first root in a verb compound, and that one dialectal variant of ‘four’ lacks *hi*- (see Table 33), which as a prefix is sometimes optional.”

p. 513: “Many examples of Factitive *hi*- occur in expressions that are idiomatic or have very specific or idiosyncratic contexts of use, especially relative to their component verb roots, when these can be identified; some Factitive forms are frozen lexical items. In most cases, the

Factitive verb relates to a state which has been triggered or induced in the undergoer by some other participant, often having to do with emotion or cognition (in which these resemble middle voice forms, see Kemmer 1993: 19).”

p. 514: “The Factitive prefix can also be used semi-productively but somewhat idiosyncratically with certain verb compounds like those in (109–110), relating to bringing a supernaturally induced illness upon oneself through contact with a cursed item: [...]”

p. 515: “In addition to these idiosyncratic or context-specific Factitive forms, there are many others for which consultants can give no meaning to the ‘basic’ root at all.”

p. 515: “Still other examples of *hi-* constructions are idiosyncratic in that they involve stems that function elsewhere in Hup not as verbs, but as bound formatives (with a purely grammatical function) or other parts of speech. In their Factitive form, however, they are fully verbal. For example, the expression *hup-hi-tég-* ‘be sad’ (which combines Reflexive *hup-* with Factitive *hi-*) appears to involve the root *teg*, which occurs elsewhere as a future suffix, a free noun ‘wood, sticks’, and a bound noun ‘stick, thing’ [...]”

p. 2: “A further intriguing aspect of Hup grammar is the significant and even exuberant polyfunctionality of many morphemes, which in most cases reflects traceable historical processes of grammaticalization.”

4.

Resposta: Não identificamos causatividade morfológica com verbos transitivos no Hup. No entanto, se a chamada “composição causativa” (p. 397) for tratada como um tipo de mecanismo morfológico, a resposta seria afirmativa.

Entre os verbos identificados na composição verbal com raízes causativas, somente “ver” (*key*) pode denotar ação abstrata ((9) [27]). Os outros dados mostram os verbos transitivos ativos “comer” (*wæd*), “mostrar” (*be*) e “trabalhar” (*bíʔ*).

5.

Resposta: O que motiva a escolha dos verbos causativos *g’et* ‘ficar, manter’ e *yǎh* ‘ordenar, solicitar, obrigar’ são fatores semânticos e contextuais. Epps (2008, p. 517) informa que os dois verbos podem ser substituídos entre si, porém *yǎh* veicula um sentido de permissão ou ordem, como no par de exemplos *g’et-wæd* ‘alimentar, fornecer comida’ e *wæd-yǎh* ‘pedir para/mandar comer’. Epps (2008, p. 401) também afirma que o emprego de *g’et* indica que “o agente causativo é instrumental para fazer um participante animado realizar o evento”. Assim, o causador auxilia o causado a executar a ação e costuma ter alguma participação na atividade.

A construção com *g'et* é usualmente empregada em referência a crianças. Formalmente, *g'et* ‘ficar, manter’ ocorre na posição inicial da composição, como em (1) [33], e *yǎh* ‘ordenar, solicitar, obrigar’, na posição final, como em (3) [40].

p. 517: “Note that different causative verb roots can sometimes also be substituted for each other, resulting in variations in meaning, such as *g'et-wæd-* (stand-eat-) ‘feed, provide with food’, vs. *wæd-yǎh-* (eat-request) ‘request/order to eat’.”

p. 401: “Still another causative root is *g'et-* ‘stand’. This root has more limited use than ‘take’ or ‘send’, but it is also fairly productive. Its use indicates that the causative agent is instrumental in bringing about an animate participant’s carrying out of the event, often conceived to be for his/her own good; however, its semantics are much less active than those of *d'oʔ-* ‘take’. The ‘causer’ is in the position of caring for, chaperoning, or helping the ‘causee’, and the ‘causer’ is usually understood to participate to some degree in the joint activity. This type of construction is most commonly used in reference to children, as in examples (30–33).”

p. 403: “Other causative combinations involve initial verbs that do not occur regularly in causative constructions at all, but form causatives by virtue of their position in the verb compound and the pragmatic interpretation.”

p. 505: “Crucial to the use of *hi-* are the *semantic* roles of actor and undergoer, in addition to the syntactic roles of agent and object. In many cases *hi-* is essentially signaling that these roles do not match up according to the prototypical model.¹⁴⁶ To the extent that this construction relates to “subject affectedness”, or that it is “intermediate in transitivity between one-participant and two-participant events”, it bears some resemblance to the middle voice (Kemmer 1993: 2–3). However, it is unlike a typical middle voice form (which tends to reduce valency) in that it normally results in a multi-valent construction.”

6.

Resposta: Sim, existe causativa formada a partir do verbo *be* ‘mostrar’, conforme o dado elicitado (7) [19]. Nessa construção, há três objetos com a mesma marca *-ǎn* ‘objeto’. O causado assume a função de objeto, sendo um dos três codificados com essa marca de caso. Comparando-se estruturalmente o exemplo (7) [19] com o não causativo (8) [13], constatamos a introdução do verbo *yǎh* ‘ordenar, solicitar, obrigar’, veiculando o sentido causativo, do verbo *d'oʔ* ‘pegar, tomar’ e de um novo participante causador (*hocǎy* ‘Rosalino’) que age sobre um causado (*deníci-ǎn* ‘Denise’). Os demais participantes são o paciente (*tih=dóʔ-ǎn* ‘a criança’) e o beneficiário (*teréca-ǎn* ‘Teresa’).

Segundo Epps (2008, p. 169-170), são raras as ocorrências de três participantes marcados igualmente no discurso, pois os participantes que podem ser recuperados contextualmente costumam ficar implícitos.

Embora o dado (9) [27] seja formado com o verbo *key* ‘ver’, que pode ser usado ditransitivamente em construções não causativas, a exemplo de (12) [10], não há indícios de um quarto participante no enunciado. A possibilidade de haver quatro participantes no mesmo enunciado também ocorre em construções com verbos ditransitivos e outras operações de aumento de valência, como em (14) [80].

p. 169-170: “E. Discussion: multiple object marking in the clause

Because Hup uses the same object-marking strategy for different core participants of a clause, as many as three identically marked participants can co-occur when the animacy/definiteness requirements are met. However, this is very rare in normal discourse, where participants that can be recovered from the context are typically left unstated. Elicited examples are provided in (19–21).

- (7) [19] *hocăy deníci-ǎn tih=dóʔ-ǎn d'oʔ-be-yǎh-ǎy, teréca-ǎn*
 Rosalino Denise-OBJ 3sg=child-OBJ take-show-order-DECL Teresa-OBJ
 ‘Rosalino makes Denise show the child to Teresa.’ ”

p. 375: “

- (8) [13] *ʔǎh tih=dóʔ-ǎn mih-ǎn bé-éy*
 1sg(A) 3sg=child-OBJ(O) Mih-OBJ(O₂) show-DYNM
 ‘I’m showing the child to Mih.’ ”

p. 759: “Where a ditransitive clause involves a causativized transitive verb, there seems to be some preference (in elicitation contexts) for the object of the main predicate to precede the object of the embedded transitive verb, but consultants judge both interpretations to be acceptable:

- (9) [27] *tǎʔǎy tih=dóʔ-ǎn dudú-ǎn key-yǎh-ǎy*
 woman 3sg=child-OBJ Pedro-OBJ see-request-DYNM
 ‘The woman tells the child to look at Pedro.’
 (Or: ‘The woman tells Pedro to look at the child’)

In actual discourse, however – in the few cases where both ditransitive objects are actually present – their respective order is interchangeable (and presumably dependent on information structure). This is particularly apparent in example (28), where the speaker switches the order of the object nominals (‘drink’ and ‘him’) between repetitions of the same clause: [...]

p. 174: “

- (10)[36] *ʔayũp=ʔih-ǎn ʔǎh kéy-éy, j'ũg-ǎn*
 one=MSC-OBJ 1sg see-DYNM forest-OBJ
 'I saw a man in the forest.' "

p. 325: “

- (11)[119] *dáb húp-ǎn ʔǎh kéy-éh*
 many person-OBJ 1sg see-DECL
 'I saw (spent time with) many Hup people.' "

p. 168: “Ditransitive constructions involving beneficiaries are given in (10–11).

- (12)[10] *nǎm ʔám-ǎn ʔǎh key-nǎ*
 louse 2sg-OBJ 1sg see-COOP
 'I'll look for lice for you.'

- (13)[11] *ʔin ʔám-ǎn tǎw y'æt-té-h*
 1pl 2sg-OBJ path lay-FUT-DECL
 'We'll lay down (clear) a path for you.' "

p. 501-502: “The Applicative also occurs with ditransitive verbs, where it adds a fourth (usually unnamed) participant. The default interpretation of these constructions is usually benefactive; the agent is performing the action in the place of another person, as a service [...]

- (14)[80] *núw-ǎn tíh-ǎn wi-ʔũh*
 this-OBJ 3sg-OBJ give.back-APPL.IMP
 'Give this back to him (for me).'

7.

Resposta: Sim. A marcação e a ordem dos constituintes são similares. Nas ditransitivas identificadas, a ordem recorrente é O O A V, como em (12) [10], (15) [9], (16) [10], (17) [7], (19) [9], (20) [26a] e (20) [26b]. O objeto marcado com *-ǎn* ‘objeto’ tende a ser o participante beneficiário ou recipiente, os quais são codificados independentemente de sua animacidade (Epps, 2008, p. 168). A causativa (1) [33], com o verbo *g'et* ‘ficar, manter’, segue a mesma ordem (O O A V-V). O objeto marcado com *-ǎn* é o participante causado, o qual é animado. A causativa (6) [121] também é formada com *g'et* e mantém essa ordem, porém o participante causado está omitido (O A V-V).

As ditransitivas (13) [11] e (8) [13] apresentam a ordem básica de constituintes no Hup (AOV), porém com um objeto adicional (A O O V). As causativas (3) [40], (4) [18] e (9) [27], formadas por composição verbal com o verbo *yǎh* ‘ordenar, solicitar, obrigar’, seguem essa ordem (A O

O V-V). O causado é marcado com *-ǎn* ‘objeto’ nas três construções, mas em (9) [27] os dois objetos são animados e recebem a mesma codificação.

Epps (2008, p. 759) afirma que a ordem dos objetos ditransitivos é intercambiável no Hup. Por fim, a autora informa que não está claro se os verbos que podem ocorrer com três argumentos são ambitransitivos (*labile*) que variam entre transitivos e ditransitivos, pelo fato de eles aparecerem frequentemente com menos argumentos, ou se apenas ocorre a omissão de um argumento nos enunciados (p. 375).

p. 2: “Other features of Hup grammar include a basically verb-final constituent order; this is best characterized as AOV, although the relative order of A and O is highly flexible.”

p. 372-373: “Many verb roots in Hup can be identified as lexically transitive, intransitive, or ditransitive on the basis of the maximum number of arguments they may take, as well as certain other syntactic indicators. However, this distinction is frequently not clear-cut on formal grounds, for two main reasons. First, arguments – especially objects – need not be explicitly stated when they are already established in the discourse, as we see in example (2), in which what appears to be a lexically transitive verb appears without an object. This dropping of objects can obscure the distinction between an ambitransitive verb (which may have a valence of one or two) and a transitive verb (which may appear with only one explicit argument while maintaining a valence of two).

[...]

Second, an affected, non-agentive participant may be morphologically marked as an object (see §4.3.1) regardless of whether it is semantically and syntactically ‘core’ (i.e., a direct object) or more peripheral (i.e., a recipient, beneficiary, or maleficiary). [...] The presence or absence of object marking on participants is therefore not necessarily a reliable indicator of the transitivity of the root. These characteristics can blur the distinction between a transitive and an intransitive verb in Hup.

[...]

A third, peripheral argument appears in extended transitive constructions, and is usually marked with the Oblique marker, as in (7–8). Clauses with as many as three explicitly stated arguments are relatively rare in Hup discourse, since once participants are established by the context they are not required for the grammaticality of the clause.”

p. 374: “Other verbs in Hup can take as many as three core arguments without the addition of valence-adjusting morphology, and are therefore considered ditransitive. These include such roots as *be-* ‘show’, *noʔ-* ‘give’, *j’ek-* ‘steal’, and *g’ɔp-* ‘serve’, as in examples (9–11).

- (15)[9] *nɪŋɪh dɛh b'ɔʔ ʔǎn nɪŋ be-kǎm báʔ!*
 2pl.poss water gourd(O) 1sg.OBJ(O₂) 2pl(A) show-IMP PROTST
 'You all show me your gourd dipper (of beer)!'

 (16)[10] *ʔǎyhiyóʔ=mah híd-ǎn ʔǎg híd g'ǔp-óh*
 together=REP 3pl-OBJ(O₂) drink(O) 3pl(A) serve-DECL
 'They served the drink to all them.'

[...]

In such ditransitive constructions, both objects may receive identical morphological marking. The direct object takes the case-marker *-ǎn* when its type permits (i.e., it is human, plural, or the noun phrase includes a demonstrative), and recipients are normally always object-marked [...]. However, since most such constructions involve human recipients of non-human objects, recipients are more commonly the only marked arguments."

p. 375: "As in the case of verbs that can take up to two core arguments, those that can take up to three also frequently appear with fewer, and it is often unclear whether this involves lability of the verb itself (between transitive and ditransitive), or simply a dropped argument. For example, the verb *j'ek-* 'steal' can alternatively take two arguments 'someone stole something' or three 'someone stole something from someone' – or only one 'someone stole'."

p. 375-376: "As noted above, one of the main difficulties in distinguishing between transitive and intransitive verbs in Hup is the fact that some verbs that are usually used intransitively occasionally occur (with no changes to the verb itself) with a second argument, which (if animate) is Object-marked. [...]"

Other verbs – primarily those involving changes of state – can take either one or two core arguments freely, and thus could be considered as ambitransitive or labile verbs."

p. 167-168: "B. Recipients, beneficiaries, and maleficiaries (ditransitive clauses)

Examples of typical recipients are given in (7–9). If both objects of a ditransitive construction are semantically qualified to receive Object marking (according to their placement on the animacy/definiteness hierarchies), they both appear with identical marking (see the examples in E below).

- (17)[7] *'máy! teghɔ=ʔǎy-ǎn dadánya ʔin du-wæd-ʔáy-ay-áh*
 let's.go Non.Indian-FEM-OBJ orange 1pl sell-eat-VENT-INCH-DECL
 'C'mon! Let's go sell some oranges to the Non-Indian girl.'

 (18)[8] *hũt, hɔpkák-áh... tĩw biʔ-tég=n'ǎn tih nóʔ-ɔp*
 tobacco fish.pull-DECL path work-FUT=PL.OBJ 3sg give-DEP
 'There was tobacco, fishhooks...that he gave to those who would work on the road.'

- (19)[9] *ʔǎy-hiyóʔ=mah híd-ǎn ʔǎg híd g'óp-ǎh*
 together-above=REP 3pl-OBJ drink 3pl scoop-DECL
 'All together they served them drink.' "

p. 168: "Object marking of recipients/beneficiaries/maleficiaries in ditransitive constructions differs formally from that of prototypical patients in one crucial respect: it is *required* on all recipients/beneficiaries of ditransitives, regardless of their animacy."

p. 758-759: "The order of arguments in ditransitive clauses follows similar guidelines to that in transitive clauses. The dropping of one or even both objects from the clause is quite common, since the participants can usually be recovered from the discourse context. When both objects are present, the newer, more focused information typically comes first. Their respective identities are usually not in question, since recipients/beneficiaries are more likely to be human or at least animate (and receive obligatory object marking regardless), while direct objects tend to be inanimate. However, even if both objects are human – leading to potential ambiguity between object and recipient/beneficiary – their order is still quite flexible and is determined by pragmatics and context. For example, consultants interpret both of the elicited options in (26) to mean 'I show you the child', since this is the more pragmatically expected scenario:

- (20)[26a] *tih=dóʔ-ǎn ʔám-ǎn ʔǎh bé-éy*
 3sg=child-OBJ 2sg-OBJ 1sg show-DYNM
 'I show you the child.'

- [26b] *ʔám-ǎn tih=dóʔ-ǎn ʔǎh bé-éy*
 2sg-OBJ 3sg=child-OBJ 1sg show-DYNM
 'I show you the child' "

p. 759: "Further examples of the flexible ordering of ditransitive objects are given in (29–32), where newer, more focused information generally precedes older, more topical information. In (29–30), the recipient/beneficiary precedes the direct object (as it also does in 33 below): [...]"

p. 760: "Finally, objects of ditransitive clauses may be tacked on behind the predicate as right-dislocated arguments (example 34), just as in mono-transitive clauses. In the very rare cases in which a clause has more than three explicitly stated arguments (i.e., a tritransitive applicative construction), then at least one argument (usually the beneficiary of the applicative) occurs in this external position."

p. 170: "4.3.1.2. *Differential object marking*

With the exception of recipients/beneficiaries of ditransitive constructions, object marking crucially depends on the semantics of the nominal. In general, object marking is obligatory for

human nouns, pronouns, and demonstratives, optional for animals, and ungrammatical for inanimates.”

p. 171: “The degree to which differential object marking extends across the class of nouns in different languages can be explained in functionalist terms as determined by the tension between economy and iconicity: economy pushes the language to avoid unnecessary morphological material, whereas iconicity fosters the use of morphological complexity to facilitate comprehension (cf. Aissen 2003, Haspelmath forthcoming).”

p. 171: “In Hup, differential object marking is sensitive to both animacy and definiteness. When examined in more fine-grained detail, certain idiosyncrasies in this pattern reinforce the conclusion that the phenomenon has to do with the individuation of entities [...].

Despite the fact that both subjects and some objects are unmarked and that constituent order is fairly free in Hup (see §17.3.1), ambiguity is easily avoided. Given that differential object marking reflects the fact that humans are more prototypical agents, whereas inanimate objects are more prototypical patients, potential ambiguity between agents and patients in Hup discourse is mostly limited to cases of interaction between animals.”

p. 172-177: “Marking with *-ǎn* is required on all objects that are pronouns [...] and demonstrative heads of noun phrases [...]

Personal names and kin terms All require object marking [...]

Object marking does not, however, extend to place-names, on the relatively rare occasions that they occur as prototypical objects of the clause [...]

In general, *-ǎn* is obligatory on all human objects [...]

However, human referents that are both non-specific and indefinite are *not* case-marked [...]

Object marking is optional on nouns referring to animals (whether dead or alive) [...]

Object marking is always required when the Plural/collective marker *=d’əh* is present, regardless of the animacy or definiteness of the noun.”

8.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se existe causativa formada a partir de verbos ambitransitivos. Epps (2008, p. 372-377) informa que a ambitransitividade verbal nem sempre é evidente no Hup, pois alguns verbos intransitivos podem ocorrer com um segundo argumento marcado como objeto, e alguns ditransitivos omitem um de seus objetos. Nessas situações, a autora considera que a transitividade dos verbos é incerta.

Apesar de Epps (2008, p. 509) informar que alguns verbos seguem um padrão consistente com o transitivo, a autora afirma que a transitividade das raízes verbais às quais o prefixo *hi-* se

associa permanece incerta. Não identificamos causativas de transitivos formadas com o prefixo *hi-* ~ *mi-* ‘factitivo’.

p. 375: “As in the case of verbs that can take up to two core arguments, those that can take up to three also frequently appear with fewer, and it is often unclear whether this involves lability of the verb itself (between transitive and ditransitive), or simply a dropped argument. For example, the verb *j'ek-* ‘steal’ can alternatively take two arguments ‘someone stole something’ or three ‘someone stole something from someone’ – or only one ‘someone stole’.”

p. 372: “This dropping of objects can obscure the distinction between an ambitransitive verb (which may have a valence of one or two) and a transitive verb (which may appear with only one explicit argument while maintaining a valence of two).”

p. 375-376: “As noted above, one of the main difficulties in distinguishing between transitive and intransitive verbs in Hup is the fact that some verbs that are usually used intransitively occasionally occur (with no changes to the verb itself) with a second argument, which (if animate) is Object-marked. [...]”

Other verbs – primarily those involving changes of state – can take either one or two core arguments freely, and thus could be considered as ambitransitive or labile verbs. Most of the verbs that are best characterized as having labile properties follow the pattern Subject=Patient (when converting from a one-argument construction to a two-argument construction), and include *pu-* ‘wet, be wet’, *poʔ-* ‘open’, *həb-* ‘dry’, *təh-* ‘break’, *cy-* ‘tear’, *yãʔ-* ‘sing, roast’ [...]”

p. 376-377: “However, the case for ambitransitivity is not as clear for verbs that do not equate subject and patient. This is particularly the case for active verbs, where there is generally no formal indication as to whether the object argument is implicit and dropped (i.e., the verb is essentially transitive), or is really absent altogether (i.e., the verb is labile and used intransitively, such that Subject=Agent).”

p. 377: “Despite these ambiguities, there are several syntactic tests in Hup to indicate whether a verb is being understood as transitive or intransitive. First, those verbs that cannot occur in any type of reflexive (or passive) construction are understood to be essentially intransitive (see §11.1), even if they can in certain circumstances take a second argument bearing object case marking. Also, as noted above, some verbs require valence-adjusting morphology if they categorize for more than one, two, or three arguments, thus establishing their maximum lexical valency.”

p. 378: “Some of these syntactic tests indicate that verbs like *naʔ-* ‘die’, which appear to be semantically intransitive but can appear with a second, Object case-marked argument (see 3 above), actually do pattern like intransitive roots rather than transitive ones. For example, *naʔ-* can occur in the *d’oʔ-* causative construction, resulting in *d’oʔ-naʔ-* ‘cause to die’. It is also ungrammatical with the Reflexive prefix *hup-*, which would otherwise produce a passive reading (example 21; compare 22). This suggests that verbs like *naʔ-*, despite their ability to take an object-marked participant, can be classified as intransitive on formal grounds. In other words, their second argument may not be semantically ‘core’, even though it is identical to a core argument in its morphological marking.”

p. 509-510: “In addition to occurring with more prototypical intransitive roots, the Factitive construction can occur with verbs that can – at least optionally – take two core arguments. It is not always clear whether these should be considered ambitransitive roots that are being treated as intransitive for the purposes of the Factitive construction (such that the Factitive is adding a participant), but in some cases the verbs in question pattern consistently as transitive elsewhere in Hup (e.g., *hi-cuʔ* [FACT-grab] and *hi-j ʔip* [FACT-tie] below).”

9.

Resposta: Não identificamos causativização com IN no Hup, embora exista IN nessa língua.

p. 431: “Noun incorporation, here defined as the combination of a noun stem with a verb stem “to yield a more specific, derived verb stem” (Mithun 1986: 32), is not widely productive in Hup. However, it does appear to exist in limited form.”

p. 436: “That the incorporated noun is itself not an ordinary direct object is evidenced by the fact that it *cannot* be marked for case, despite its number and animacy, whereas case-marking is obligatory for plural and human direct objects.”

10.

Resposta: Não. Embora a maioria das causativas identificadas mantenha a ordem verbo-final, a posição dos argumentos sujeito e objeto pode se alternar. Nas causativas formadas por composição verbal, os dados (1) [33] (O O A V-V) e (6) [121] (O A V-V) mostram o sujeito posposto ao(s) objeto(s), enquanto os argumentos de (3) [40], (4) [18] e (9) [27] (A O O V-V) seguem a ordem básica AOV. A causativa de ditransitivo elicitada (7) [19] apresenta três verbos e um terceiro objeto em posição pós-verbal (A O O V-V-V O).

O constituinte que ocupa o lugar típico de acusativo é o participante paciente, o qual, por ser frequentemente inanimado, tende a não receber a marca de caso de OD *-ǎn*.

p. 2: “Other features of Hup grammar include a basically verb-final constituent order; this is best characterized as AOV, although the relative order of A and O is highly flexible.”

p. 389: “Hup, which is OV [...]”

p. 171: “Despite the fact that both subjects and some objects are unmarked and that constituent order is fairly free in Hup (see §17.3.1), ambiguity is easily avoided. Given that differential object marking reflects the fact that humans are more prototypical agents, whereas inanimate objects are more prototypical patients, potential ambiguity between agents and patients in Hup discourse is mostly limited to cases of interaction between animals.”

p. 758: “The order of arguments in ditransitive clauses follows similar guidelines to that in transitive clauses. The dropping of one or even both objects from the clause is quite common, since the participants can usually be recovered from the discourse context. When both objects are present, the newer, more focused information typically comes first. Their respective identities are usually not in question, since recipients/beneficiaries are more likely to be human or at least animate (and receive obligatory object marking regardless), while direct objects tend to be inanimate. However, even if both objects are human – leading to potential ambiguity between object and recipient/beneficiary – their order is still quite flexible and is determined by pragmatics and context.”

11.

Resposta: Não identificamos restrição na formação das causativas de transitivos. Nas causativas formadas por composição verbal, os participantes causador e causado apresentam traço [+HUMANO] nos dados consultados. Embora haja prevalência da 3ª pessoa nos exemplos, o causado também ocorre na 1ª pessoa do discurso.

Não identificamos causativas de transitivos formadas com o prefixo *hi-* ~ *mi-* ‘factitivo’.

12.

Resposta: Não identificamos referência a aspectos cognitivos em Epps (2008).

13.

Resposta: Os verbos responsáveis pela causatividade são *g’et* ‘ficar, manter’ e *yǎh* ‘ordenar, solicitar, obrigar’. Epps (2008) classifica as causativas formadas por mais de um verbo como

“composição verbal”, mas esclarece que não se trata de uma composição prototípica. Com base nos dados e nas ressalvas apresentadas pela autora, entendemos que há indícios da existência de causativa sintática no Hup.

Epps (2008, p. 390-394) apresenta critérios formais para afirmar que as construções com verbos causativos são formadas por composição verbal. Os principais são a criação de uma palavra fonológica, a existência de apenas um sujeito gramatical e a restrição para a inserção de morfemas entre as raízes verbais. No entanto, a autora reconhece que essas construções não são composições típicas translinguisticamente. Segundo Epps (2008, p. 393-394), a composição do Hup se aproxima de processos de serialização verbal em outras línguas pelo fato de ser produtiva, possibilitar a codificação de eventos em sucessão temporal e permitir que alguns prefixos, a exemplo do factitivo *hi-*, marquem apenas o verbo sobre o qual têm escopo.

Nas causativas de transitivos, a composição verbal parece ser estruturalmente mais atípica. Epps (2008, p. 398) informa que a unidade conceitual na causativa é menor do que em outras composições do Hup, pois os eventos de causa e efeito não são simultâneos no tempo. Além disso, os agentes desses eventos também são diferentes, já que o objeto de um verbo atua como sujeito do outro (p. 398), e a função de objeto pode ser duplicada (p. 393). Some-se a isso o fato de que, na causativa formada pelo verbo *yǎh* ‘ordenar, solicitar, obrigar’, o escopo da negação recai apenas sobre o “verbo principal” da construção, como *wæd* ‘comer’ no exemplo (4) [18] (Epps, 2008, p. 730). Assim, entendemos que ocorre a preservação da valência sintática de cada verbo, o que é típico de uma causativa sintática.

Essas características indicam que, apesar de serem relacionados, os eventos codificados nos verbos da composição são distintos e mantêm algum grau de autonomia, inclusive com transparência sobre seus valores lexical e sintático. Logo, mesmo que os verbos da composição causativa atuem como uma palavra fonológica, parecem predicar individualmente, sem formar uma nova palavra lexical. A proposta de que existe apenas um sujeito gramatical (Epps, 2008, p. 398), no papel de causador, parece conflitar com a análise do causado como sujeito do verbo de efeito. Como cada verbo possui um sujeito, a construção apresentaria dois sujeitos. Adicionalmente, os verbos *g’et* ‘ficar, manter’ e *yǎh* ‘ordenar, solicitar, obrigar’ podem ocorrer como formas livres no léxico.

Por fim, ao analisar a questão pela perspectiva da gramaticalização, entendemos que a “composição verbal” causativa pode ser situada em um contínuo entre a causativa morfológica e a causativa sintática, com traços típicos da sintática.

p. 390: “The main criterion for defining a verb compound in Hup is the fact that it forms one phonological word, determined by stress patterns and pause phenomena.

[...]

The other crucial defining feature of the Hup verb compound is that no morphological material can come between the component roots – with the exception of the valency-changing pre-forms *hi-* (Factitive) and *hup-* (Reflexive) – while maintaining the status of the compound as a single predicate.”

p. 391: “Other defining criteria for the Hup verb compound include the fact that it takes a single grammatical subject, and its stems share a single compound-final Boundary Suffix, as well as other formatives. Semantically, the verb compound refers to an event that has conceptual unity (although the degree of this ‘unity’ is relative to the degree of stem integration).

[...]

While compounds form phonological words, they are not necessarily unitary lexical items (i.e., memorized forms).”

p. 392: “Accordingly, individual roots or combinations of roots vary with respect to their degree of autonomy, i.e., whether they can appear without other roots to form predicates in their own right (while maintaining a consistent semantics). In relatively loosely integrated compounds, roots encode distinct events or components of an event, and can be considered maximally autonomous.”

p. 393: “Cross-linguistically, serial verb constructions are defined as involving a “sequence of verbs which act together as a single predicate, without any overt marker of coordination, subordination, or syntactic dependency of any other sort” (Aikhenvald 2006: 1; cf. Foley and Olsen 1985, Givón 1991). The Hup verb compound is here understood as a type of serial verb construction that involves contiguous ‘nuclear’ serialization, resulting in a single phonological word (cf. Aikhenvald 2006: 37, Crowley 2002: 15–17, Durie 1997: 302–303).

[...]

Hup verb compounding, which produces neither fully lexical nor fully phrasal entities, has much in common with other processes of verb serialization cross-linguistically.”

p. 393-394: “Finally, Hup verb compounds do not allow duplicate participant roles, such as two agents or two objects (although an exception for the latter exists in causative constructions; see examples 33 and 40 below); this is typical of serial verb constructions cross-linguistically (Durie 1997: 341; but note that cross-linguistic exceptions do exist, cf. Aikhenvald 2006: 13).

A number of features of Hup compound verbs are more typical of the cosubordination processes found in verb serialization than they are of compounding generally (i.e., cross-linguistically and across word classes). These features include the high productivity of Hup

compounds and their tendency to encode multiple events – even relatively distinct events – in temporal succession. They also include compounds’ internal bracketing, especially the ability of certain prefixes to occur together with the particular stems over which they have scope.”

p. 398: “9.4.1.2. *Compounds encoding a cause-effect relationship*

In causative compounds, stems encode multiple events that are usually not temporally simultaneous. They are thus here treated as relatively low on the scale of conceptual integration, although they are clearly more integrated than are those compounds that simply encode a series of events. Although the causative compound construction has only one grammatical subject, the actions themselves necessarily have different underlying actors. Thus while they are constructed like many compound verbs, involving a transitive stem plus an intransitive stem, these stems have a particular valency relationship whereby the object of one is the subject of the other.”

14.

Resposta: Não identificamos verbos usados exclusivamente para expressar causatividade no Hup.

p. 424: “-g’et- Auxiliary: ‘stay’. Free verb: ‘stand’.”

p. 823: “In addition to the speech-reporting function of the Reportative evidential, commands and requests in Hup can be related indirectly by the verb *yǎh*- ‘request, order’, which usually appears in compounds such as *biʔ-yǎh*- ‘request/order to work’ (see §9.4.1.2).”

15.

Resposta: Não identificamos distinção entre causativa mono-oracional e bi-oracional no Hup. Considerando que cada verbo da construção causativa possui sua própria estrutura argumental saturada, como em (1) [33], (6) [121], (3) [40], (4) [18] e (9) [27], podemos concluir que a “composição verbal” causativa com os verbos *g’et* ‘ficar, manter’ e *yǎh* ‘ordenar, solicitar, obrigar’ é bi-oracional.

A nosso ver, essas construções parecem ser mais integradas do que as causativas sintáticas identificadas tipologicamente, pois o verbo de causa forma uma palavra fonológica com o verbo de efeito. Assim, como informado na resposta à questão 13, a chamada “composição causativa” (p. 397) pode ser situada em um contínuo entre a causativa morfológica e a causativa sintática, estando mais próxima da sintática.

16.

Resposta: Não identificamos pares com verbos lexicais transitivos no Hup.

Epps (2008, p. 518-519) registra a existência de causativas lexicais formadas a partir de bases intransitivas e as trata como “pares supletivos”.

p. 518-519: “Finally, suppletive causative and non-causative pairs are rare in Hup, but there are a few examples, such as *naʔ-* ‘die’ and *mæh-* ‘kill’; *key-* ‘see’ and *be-* ‘show’.

In some cases, more than one derivational option is available in creating a causative form, with corresponding semantic distinctions. For example, the causative form *tuj-d’ak-* [light.fire-be.against] ‘set alight’ is preferred as the counterpart of the non-causative *hǝ-* ‘burn’ (e.g., for a house, clothes, possessions, wood, etc.; example 119), but the root *hǝ-* may also be used causatively in very particular circumstances where there is no normal setting of a fire – e.g., by means of a bomb (example 120). The morphological causative form *d’oʔ-hǝ-* can be used in reference to letting someone’s food burn while it is cooking (example 121).

(21)[119] *tinĩh* *mǝy* *tĩh* *tuj-d’ak-yǝh-ay-áh*
 3sg-POSS house 3sg light.fire-be.against-FRUST-INCH-DECL
 ‘He set fire to/burned down his house (in vain).’

(22)[120] *pěd* *hǝ-yíʔ-íy,* *tinĩh* *mǝy*
 Ped burn-TEL-DYNM 3sg.POSS house
 ‘Ped caused his house to burn down (e.g., by means of a bomb).’

(23)[121] *pěd* *tinĩh* *wǝd d’oʔ-hǝ-yíʔ-íy*
 Ped 3sg.POSS food take-burn-TEL-DYNM
 ‘Ped made/let his food burn.’ ”

17.

Resposta: Não identificamos causativa lexical formada a partir de verbo transitivo.

18.

Resposta: O causado assume duas funções sintáticas simultâneas: objeto do verbo de causa e sujeito do verbo de efeito. Embora o causado seja marcado formalmente como objeto (*-ǎn*), ele continua atuando como agente do verbo de efeito e é chamado de “sujeito” (Epps, 2008, p. 398). Esclarecemos que não identificamos os testes sintáticos usados para classificar o causado como sujeito.

Não identificamos causativas de transitivos formadas com o prefixo *hi-* ~ *mi-* ‘factitivo’.

p. 389: “An interesting feature of Hup compound verbs is that they often combine both transitive and intransitive stems, producing a construction with complex valency. With causative compounds (see §9.4.1.2 below), in particular, the subject of the intransitive verb may double as the object of the transitive verb.”

p. 398: “Although the causative compound construction has only one grammatical subject, the actions themselves necessarily have different underlying actors. Thus while they are constructed like many compound verbs, involving a transitive stem plus an intransitive stem, these stems have a particular valency relationship whereby the object of one is the subject of the other.”

19.

Resposta: O causado não mantém o mesmo caso, mas preserva a função sintática. Considerando que o mecanismo usado para formar causativas de transitivos é a “composição verbal”, a inclusão do causador e do verbo de causa modificam a codificação do causado, que passa a receber a marca de caso *-ǎn* ‘objeto’. Essa mudança morfológica, contudo, não parece alterar as propriedades de sujeito do causado, pois ele mantém a função de sujeito do verbo de efeito (Epps, 2008, p. 398). Como o causador e o causado exercem funções em orações distintas, não identificamos o compartilhamento das propriedades de sujeito na mesma oração.

20.

Resposta: A codificação do causado, como a marca de caso e a ordem pré-verbal, também ocorre com outros constituintes. O morfema *-ǎn* ‘objeto’ codifica os objetos pacientes, beneficiários e recipientes em construções causativas e não causativas, podendo marcar os participantes paciente e causado simultaneamente na mesma construção, como em (9) [27] e (7) [19]. A ordem dos argumentos sujeito e objeto é variável nas construções, de maneira que suas posições podem se alternar entre si, a exemplo das causativas (1) [33] (O O_{causado} A V-V) e (3) [40] (A O_{causado} O V-V) e das ditransitivas não causativas (12) [10] (O O_{beneficiário} A V), (13) [11] (A O_{beneficiário} O V) e (16) [10] (O_{beneficiário} O A V).

21.

Resposta: Considerando que o causado assume duas funções sintáticas simultâneas, cada uma relativa a um verbo da construção, a marcação morfológica de objeto (*-ǎn*) do verbo de causa difere da função de sujeito que o causado exerce em relação ao verbo de efeito. De acordo com Epps (2008, p. 165), o sujeito não é marcado no Hup.

p. 165: “Hup has a case system that marks both core and oblique arguments of verbs. Grammatical alignment is strictly nominative-accusative, both morphologically and syntactically. Subjects in Hup are unmarked, while nouns occurring in a variety of non-subject roles are object-marked with the suffix *-ǎn*, provided they conform to certain semantic restrictions relating to the noun’s placement on the animacy/definiteness hierarchy. [...] A noun can take no more than a single case marker at a time.”

22.

Resposta: Sim. O causado e o paciente podem ser codificados simultaneamente como objetos, por meio da marca de caso *-ǎn* ‘objeto’, a exemplo de (9) [27]. Todavia, considerando que o causado também atua como sujeito do verbo de efeito (Epps, 2008, p. 398), o comportamento sintático dos dois participantes não é idêntico.

Epps (2008) também afirma que as distinções se manifestam nos níveis semântico e pragmático: o paciente tende a ser inanimado e, por isso, não costuma receber a marca de caso; o participante que veicula a informação nova geralmente é mencionado primeiro; a marcação dos objetos está relacionada à individuação das entidades; e potenciais ambiguidades são desfeitas pelo contexto comunicativo.

Esclarecemos que os dois objetos das construções (1) [33], (3) [40] e (4) [18] não são marcados igualmente pelo fato de o paciente inanimado não receber o morfema *-ǎn*. Em dados elicitados, como na causativa de ditransitivo (7) [19], podem coocorrer três participantes marcados de forma idêntica (Epps, 2008, p. 169-170).

p. 393-394: “Finally, Hup verb compounds do not allow duplicate participant roles, such as two agents or two objects (although an exception for the latter exists in causative constructions; see examples 33 and 40 below); this is typical of serial verb constructions cross-linguistically (Durie 1997: 341; but note that cross-linguistic exceptions do exist, cf. Aikhenvald 2006: 13).”

p. 397: “In many cases, however, it is ungrammatical for multiple transitive component stems to take different objects (although this is common in certain causative compounds; see §9.4.1.2 below).”

p. 169-170: “Because Hup uses the same object-marking strategy for different core participants of a clause, as many as three identically marked participants can co-occur when the animacy/definiteness requirements are met. However, this is very rare in normal discourse, where participants that can be recovered from the context are typically left unstated.”

p. 171: “In Hup, differential object marking is sensitive to both animacy and definiteness. When examined in more fine-grained detail, certain idiosyncrasies in this pattern reinforce the conclusion that the phenomenon has to do with the individuation of entities [...].

Despite the fact that both subjects and some objects are unmarked and that constituent order is fairly free in Hup (see §17.3.1), ambiguity is easily avoided. Given that differential object marking reflects the fact that humans are more prototypical agents, whereas inanimate objects are more prototypical patients, potential ambiguity between agents and patients in Hup discourse is mostly limited to cases of interaction between animals.”

p. 168: “Object marking of recipients/beneficiaries/maleficiaries in ditransitive constructions differs formally from that of prototypical patients in one crucial respect: it is *required* on all recipients/beneficiaries of ditransitives, regardless of their animacy.”

p. 374: “In such ditransitive constructions, both objects may receive identical morphological marking. The direct object takes the case-marker *-ǎn* when its type permits (i.e., it is human, plural, or the noun phrase includes a demonstrative), and recipients are normally always object-marked [...]. However, since most such constructions involve human recipients of non-human objects, recipients are more commonly the only marked arguments.”

p. 758-759: “The order of arguments in ditransitive clauses follows similar guidelines to that in transitive clauses. The dropping of one or even both objects from the clause is quite common, since the participants can usually be recovered from the discourse context. When both objects are present, the newer, more focused information typically comes first. Their respective identities are usually not in question, since recipients/beneficiaries are more likely to be human or at least animate (and receive obligatory object marking regardless), while direct objects tend to be inanimate. However, even if both objects are human – leading to potential ambiguity between object and recipient/beneficiary – their order is still quite flexible and is determined by pragmatics and context.”

p. 403: “B. Compound-final causative roots

Hup has an additional compounding strategy for forming causative constructions, in which the intransitive stem describing the resulting event is the first element in the compound, and is *followed* by the transitive causative root. It is also possible in these compounds for both roots to be transitive – with two different objects – as in (40).”

23.

Resposta: Considerando que o mecanismo usado para formar causativas de transitivos é a “composição verbal”, a qual apresenta indícios de ser um tipo de causativa sintática (cf. resposta

à questão 13), o causado mantém a função de sujeito do verbo de efeito, não sendo demovido para outra função. No entanto, tendo em vista que o causado exerce a função adicional de objeto do verbo de causa, é possível afirmar que ele segue a hierarquia, assumindo a posição livre mais alta disponível na nova estrutura.

24.

Resposta: Sim. Embora a ordem dos constituintes seja influenciada pragmaticamente, pode ser um critério para diferenciar o causado e o paciente marcados com *-ã* ‘objeto’. Epps (2008, p. 759) observa que, em construções elicitadas, parece haver preferência para que o causado ocorra antes do paciente. Como informado na resposta à questão 22, o participante que veicula a informação nova geralmente é mencionado primeiro, e potenciais ambiguidades são desfeitas pelo contexto (Epps, 2008, p. 758).

p. 759: “Where a ditransitive clause involves a causativized transitive verb, there seems to be some preference (in elicitation contexts) for the object of the main predicate to precede the object of the embedded transitive verb, but consultants judge both interpretations to be acceptable: [...]”

In actual discourse, however – in the few cases where both ditransitive objects are actually present – their respective order is interchangeable (and presumably dependent on information structure).”

25.

Resposta: O causado pode ser omitido, conforme o dado (6) [121], formado com o verbo *g’et* ‘ficar, manter’. A omissão de objetos é recorrente no Hup (Epps, 2008, p. 759) e não altera a valência sintática.

26.

Resposta: Não identificamos relativização do causado, porém as posições de sujeito e objeto (incluindo o recipiente e o beneficiário) podem ser relativizadas nas construções não causativas (Epps, 2008, p. 828).

p. 828: “Relative clauses in Hup are formed via the nominalization of a verb phrase. They are built on a gapping strategy – that is, the relativized or head nominal is external to the relative clause (although the relative clause may also be headless). [...] In keeping with the NP

Accessibility Hierarchy proposed by Keenan and Comrie (1977), Hup allows relativization on subject, object (including recipient/beneficiary), and oblique roles within the relative clause, but no others.”

27.

Resposta: Como informado nas respostas às questões 4 e 11, nas construções causativizadas por meio da “composição verbal”, o causado apresenta traço [+HUMANO] e ocorre com verbos transitivos ativos ou denotando ação potencialmente abstrata, como *key* ‘ver’ ((9) [27]). Com base nisso e nos dados disponíveis, constatamos que o causado pode expressar os papéis semânticos de agente e de experienciador.

Não identificamos causativas de transitivos formadas com o prefixo *hi-* ~ *mi-* ‘factitivo’.

28.

Resposta: Considerando que os dados mostram a capacidade do causado de executar ações e que a estrutura bi-oracional das construções parece indicar menor integração entre os eventos, deduzimos que o causado pode estar no controle das atividades. Embora o causado seja uma criança na maioria dos dados identificados, como em (1) [33], (3) [40], (4) [18] e (9) [27], a semântica dos verbos de efeito (‘trabalhar’/‘colher’, ‘comer’ e ‘ver’/olhar’) parece indicar que esse causado detém algum grau de controle das ações. A possibilidade de ação indireta por parte do causador em (3) [40], (4) [18] e (9) [27] reforça essa hipótese. Contudo, como o verbo causativo *g’et-* pode ser usado com sentido comitativo, transmitindo a ideia de que o causador auxilia o causado (Epps, 2008, p. 401), o grau de controle do causado pode ser menor nesse tipo de ação conjunta, a exemplo de (1) [33]. Os dados disponíveis não permitem concluir se o causado exerce as atividades com volição.

Epps (2008, p. 400) afirma que, na composição causativa formada por *d’ə-* ‘enviar, (fazer) mover’, o objeto da ação de causa tem algum “grau de controle ou autonomia”. Apesar dessa terminologia, constatamos que os dados mostram causados inanimados, como em (25) [24].

p. 401: “Still another causative root is *g’et-* ‘stand’. This root has more limited use than ‘take’ or ‘send’, but it is also fairly productive. Its use indicates that the causative agent is instrumental in bringing about an animate participant’s carrying out of the event, often conceived to be for his/her own good; however, its semantics are much less active than those of *d’oʔ-* ‘take’. The ‘causer’ is in the position of caring for, chaperoning, or helping the ‘causee’, and the ‘causer’

is usually understood to participate to some degree in the joint activity. This type of construction is most commonly used in reference to children, as in examples (30–33).”

p. 402: “Note that the different causative constructions are not usually interchangeable, but differ in important ways, both according to the degree of control and the overall semantics of the clause. For example, only *g’et-* ‘stand’ is grammatical in an expression such as ‘feed a child’ (example 34a), whereas *d’oʔ-* ‘take’ can only be interpreted literally (i.e., non-causatively) in this context (34b):

(24) [34a] *ʔǎh* *tih=dóʔ-ǎn* *g’et-wéd-éh*
 1sg 3sg=child-OBJ stand-eat-DECL
 ‘I fed the child.’

[34b] *ʔǎh* *tih=dóʔ-ǎn* *d’oʔ-wéd-éh*
 1sg 3sg=child-OBJ take-eat-DECL
 ‘I took and ate the child.’ ”

p. 400: “Another causative root is *d’ə-*, which on its own means ‘send, (cause to) move’, and combines productively with direction and movement verbs. Its use in causative compounds involves a situation where the object of the causative action has a degree of control or autonomy in carrying out the activity. Usually, it implies the absence of physical involvement between causer and causee beyond the initial impetus for the event, as illustrated by examples (24–26). In these examples, the causative verb compound is nested inside a larger compound, such that the manner or action by which the causative event was carried out is encoded in the initial element.

(25) [24] *ʔǎh bóda=tat* *tac-[d’əh-yé]-éy,* *mǎy g’od-an*
 1sg ball=FRUIT kick-send-enter-DYNM house inside-OBJ
 ‘I kicked the ball into the house.’ ”

29.

Resposta: Não identificamos mais de um tipo de causado nas causativas de transitivos do Hup.

p. 398: “In causative compounds, stems encode multiple events that are usually not temporally simultaneous. They are thus here treated as relatively low on the scale of conceptual integration, although they are clearly more integrated than are those compounds that simply encode a series of events.”

30.

Resposta: Considerando que o causador pode agir por meio de comandos, como nos dados (3) [40], (4) [18] e (9) [27], deduzimos que ele é capaz de atuar indiretamente sobre o causado.

p. 398-399: “The most productive causative stem is the verb *d'oʔ-*, which by itself means ‘take’. [...] In Hup causative constructions with ‘take’, the causer is directly (though not necessarily immediately) involved in bringing about the causee’s performance of the activity; accordingly, ‘take’ appears to be contributing its active semantics to the compound. In many cases, this implies direct physical involvement between the participants throughout the duration of the event. Examples of such causative forms include *d'oʔ-naʔ-* (take-die) ‘cause to die’ (used in situations where killing is not direct; e.g., abortion or infanticide by abandoning a newborn, as in example (17) below; compare lexical causative *mæh-* ‘kill, hit’); *d'oʔ-cak-g'et-* (take-rise-stand) ‘stand something/someone up’ (compare *cak-g'et-* ‘stand up of one’s own accord’, and *g'et-* ‘be in standing position’); *d'oʔ-cud-* (take-be.inside) ‘put (something) inside (something else)’; *d'oʔ-ʔʃh-* (take-sleep) ‘put (child) to sleep’; *d'oʔ-yʃʔm-* (take-be.frightening) ‘frighten’.”

31.

Resposta: Considerando que o causador pode agir por meio de comandos, deduzimos que ele é capaz de atuar intencionalmente.

32.

Resposta: Considerando que o causador pode agir por meio de comandos, deduzimos que ele é capaz de agir naturalmente nas causativas de transitivos.

33.

Resposta: Na causativa de transitivo (1) [33], formada com o verbo *g'et* ‘ficar, manter’ e com o participante causado representado por uma criança, o causador pode estar envolvido na atividade com a finalidade de auxiliar o causado (Epps, 2008, p. 401).

Nos demais dados disponíveis, nos quais o causador é capaz de atuar por meio de comandos, deduzimos que ele não está envolvido na atividade em conjunto com o causado. Embora o causado seja uma criança em (3) [40], (4) [18] e (9) [27], não encontramos indícios da participação do causador nas atividades.

p. 401: “Still another causative root is *g’et-* ‘stand’. This root has more limited use than ‘take’ or ‘send’, but it is also fairly productive. Its use indicates that the causative agent is instrumental in bringing about an animate participant’s carrying out of the event, often conceived to be for his/her own good; however, its semantics are much less active than those of *d’oʔ-* ‘take’. The ‘causer’ is in the position of caring for, chaperoning, or helping the ‘causee’, and the ‘causer’ is usually understood to participate to some degree in the joint activity. This type of construction is most commonly used in reference to children, as in examples (30–33).”

34.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se há graus de topicalidade ou foco relacionados ao causado ou ao paciente na causativa de transitivo. Informamos que, nas construções não causativas, as posições de sujeito e de objeto podem ser topicalizadas ou focalizadas.

Segundo Epps (2008, p. 759), nas construções ditransitivas, os objetos focalizados geralmente precedem os mais tópicos. Conforme resposta à questão 7, identificamos semelhanças entre a causativa de transitivo e a construção ditransitiva no Hup.

p. 707: “In transitive and ditransitive clauses, the singled-out participant – which is fronted and marked by the focus particle – may be the subject, object, or recipient [...]”

p. 338: “Inchoative focus *-ay*

The form *-ay*, which acts as a marker of inchoative aspect on predicates (see §12.3), serves a focus function with nominal arguments. It can occur on either subject or object nominals, and typically highlights information as new, in keeping with its inchoative identity. In general, this highlighting of newness is a discourse phenomenon that relates to the entire clause; when the Inchoative marker occurs on a nominal argument, it usually *also* occurs on the predicate (i.e., twice in one clause), although not invariably.”

p. 121: “Hup nominal morphology is relatively isolating, whereas its verbal morphology is quite rich (note that this morphology is largely dedicated to the marking of tense-aspect-mode and of discourse-related phenomena such as focus and emphasis, rather than agreement).”

p. 345: “The enclitic *=b’ay*, which has the aspectual meaning of ‘repeated instance’ in verbal constructions (see §12.9.2), also occurs on nominal arguments and relates to a switch of topic in the discourse. Like most of the other bound forms discussed in this section, there is functional and conceptual overlap between its aspectual use with verbs and its use as a discourse marker

with nominals (hence the gloss ‘again’ in both instances): just as the predicative use of *=b’ay* signals the repetition of an event or of its resulting state, its nominal use picks out one referent from a series of multiple entities (actual or hypothetical) that figure in repetitions of the same event or situation, or in different events that are rhetorically parallel. If an event is repeated with a different entity, that entity is often new information; thus by marking a switch of topic in the discourse, *=b’ay* can also act as a kind of focusing device within the clause itself (cf. Lambrecht 1994: 129).”

p. 88: “the Dependent suffix *-Vp* is generally stressed when it occurs on clause-final nominal subjects (as a topic or emphasis marker), but is unstressed elsewhere [...]”

p. 349: “Dependent suffix *-Vp* as topic marker

[...] With these non-predicative elements, the primary function of *-Vp* is to indicate a reactivated topic or antitopic (i.e., a right-dislocated topic, cf. Lambrecht 1994: 203): it sets the nominal apart from the rest of the clause, highlighting it for the benefit of the hearer [...].”

35.

Resposta: Considerando que o único mecanismo formal identificado no Hup para formar causativas de verbos transitivos é a “composição verbal”, a qual apresenta indícios de ser um tipo de causativa sintática (cf. resposta à questão 13), não identificamos relação entre a frequência das situações e o tipo de construção causativa.

Não identificamos causativas de transitivos formadas com o prefixo *hi-* ~ *mi-* ‘factitivo’.

p. 398: “Hup has a small class of conventional causative stems, each with its own semantic content and restricted patterns of use. These involve the combination of a transitive causative stem with an intransitive stem, and the result is a transitive construction involving two (or more) participants.

The most productive causative stem is the verb *d’oʔ-*, which by itself means ‘take’.”

36.

Resposta: Além da causativa formada por “composição verbal”, não identificamos outros mecanismos formais para expressar causatividade com verbos transitivos no Hup.

p. 393: “In those Hup compounds that follow clear iconic principles, verb order corresponds to temporal succession of actions, including sub-events in a cause-effect relationship.”

p. 395: “The order of verb stems reflects the chronological order of sub-events, or a cause-effect relationship between them.”

p. 403-404: “B. Compound-final causative roots

[...]

Only two causative roots are used productively and regularly in these constructions: -*biʔ*- ‘make, work’ (example 38), and -*yǎh*- ‘order, request, compel’ (examples 39–40). These compounds resemble the relatively less ‘iconic’ constructions described below in §9.4.2.3, in that the order of roots/stems does not reflect the order of events; even though the causative force is usually initiated before the resulting state is attained, the roots occur in the opposite order. One explanation for this apparently non-iconic order is that these causative stems (unlike those discussed above) do not entail that the effect actually occurs; the action of requesting, for example, may remain ungratified. The same explanation also accounts for the other apparently ‘inverse’ ordering of stems discussed in §9.4.2.3 below. These compounds are thus consistent with the iconic principles outlined below (§9.4.2.2) in that the more time-stable or temporally grounded stem comes last. However, it is noteworthy that cognate forms of these two roots have a similarly causative function in Yuhup verb compounds, but *precede* the stems with which they co-occur (Ospina 2002: 350, 399–402), suggesting that the Hup order may be to some degree historically arbitrary, rather than a reflection of essential principles.”

37.

Resposta: Mudança de valência. Apesar de a causativização se manifestar por meio de “composição verbal”, a qual interpretamos como uma causativa sintática bi-oracional, ocorre aumento de valência (Epps, 2008, p. 473). Comparando-se estruturalmente os dados (3) [40] e (5) [57a], por exemplo, é possível constatar a introdução do verbo *yǎh* ‘ordenar, solicitar, obrigar’, veiculando o sentido causativo, e de um novo participante causador (*tih=dóʔ* ‘a criança’) que age sobre um causado (*tih=báb’-ǎn* ‘seu irmão’), tornando todos os participantes e o evento conceitualmente dependentes entre si.

Não identificamos informações explícitas sobre vozes verbais relativas aos mecanismos causativos.

p. 377: “Mechanisms for changing valency include the Applicative suffix (§11.3), the Factitive prefix *hi*- (§11.4), and causative verb compounding (e.g., involving the causative initial stem *d’oʔ*- ‘take’; see §9.4.1.2).”

p. 411: “Finally, as in the case of causative compounds, a combination of a transitive and an intransitive stem results in a transitive construction.”

p. 473: “This chapter focuses on Hup’s morphological strategies for adjusting the valency of a verb; i.e., the number of core arguments for which the verb categorizes. These strategies include two mechanisms for decreasing valency: the Reflexive and the Interactional constructions; as well as two mechanisms for increasing valency: the Applicative and the Factitive (but note that the Interactional and the Factitive do not always entail a change in valency). All of these except the Applicative involve prefixation; they exhaust the entire set of preverbal grammatical markers in Hup, which generally favors the suffixation or otherwise post-stem attachment of bound material. Additional valency-adjusting strategies – in particular the expression of causation via verb compounding – are summarized at the end of this chapter, and are also discussed in Chapters 8 and 9.”

p. 518: “Occasionally, the causative form is basic, and the non-causative is derived via the addition of the Reflexive prefix *hup-*:

(26) [117a] *pěd hup-yád-áy*
 Ped RFLX-hide-DYNM
 ‘Ped hides.’

[117b] *mõt pěd-ăn yád-áy*
 Mõt Ped-OBJ hide-DYNM
 ‘Mõt hides Ped.’ ”

38.

Resposta: Não identificamos causativa de transitivo combinada com outras vozes ou mecanismos de mudança de valência.

p. 122-123: “*Prefixes and preforms*”

There are very few formatives in Hup that precede the root, as opposed to the very large number that follow it. This group of core preforms has only three members, which (as preforms) are strictly verbal forms and are all used for valence-adjusting (although they can appear on other parts of speech which are derived from verbs). These preforms are summarized in Table 11:

Table 11. Hup core preforms

Function	Form
Interactional (reciprocal)	<i>ʔũh-</i>
Reflexive	<i>hup-</i>
Factitive	<i>hi-</i>

[...] the Factitive is always closest to the stem if it co-occurs with one of the other prefixes [...]"

39.

Resposta: De acordo com Epps (2008, p. 153), o verbo *yãh* ‘pedir, ordenar’ parece ter seguido uma trajetória tipologicamente incomum, passando de uma forma mais presa para uma menos presa, o que a autora chama de “desafixação”. Esse percurso pode ter passado pelas seguintes etapas: Raiz verbal > Sufixo interno > Enclítico ou Partícula. Epps (2008, p. 427) propõe que a sequência de gramaticalização entre raízes e formativos no Hup pode ser: Raiz verbal > Radical vetorial/auxiliar > Sufixo interno > (formativo periférico).

Com relação à composição com *d’oʔ* ‘pegar, tomar’, Epps (2008, p. 398) observa que essa é uma fonte lexical comum translinguisticamente para um marcador causativo. Registramos que, na literatura teórica, identificamos os verbos “fazer”, “deixar” e “dar” como fontes recorrentes de marcadores causativos.

Segundo Epps (2008, p. 421-424), os verbos *d’oʔ* ‘pegar, tomar’ e *g’et* ‘ficar, manter’ podem atuar como verbos independentes ou como verbos auxiliares, sendo estes últimos considerados gramaticalizados. Epps (2008, p. 420) analisa como “verbos vetoriais” aqueles que estão em um ponto intermediário de gramaticalização entre o verbo principal e o auxiliar.

p. 153: “On the other hand, there are at least four clear examples of forms that appear to have followed a trajectory involving deaffixation, from verb root > Inner Suffix > enclitic or particle. These are *yãh*, which appears both as a verb root meaning ‘request, command’ and as a Frustrative formative [...]"

p. 123: “Factitive verb forms alone are frequently lexicalized to the point that the bare root (minus the Factitive) is no longer meaningful (e.g., the stem *hipãh*- ‘know’ [...]).”

p. 504: “Factitive *hi*- is homonymous with the verb root *hi*- ‘descend’. This does not in general lead to confusion, since the verb *hi*- (like other motion/path verbs) typically appears compound-finally in any verb compound (cf. §9.4.2), whereas the Factitive is always followed by a verb root.”

p. 398: “The most productive causative stem is the verb *d’oʔ*-, which by itself means ‘take’. This is a cross-linguistically common lexical source for a causative marker; for example, Lefebvre (1991) notes that in Fon the semantic contribution of *take* in many serial constructions is ‘cause’.”

p. 380: “In the Hup case, the semantics of other similar pairs distinguished by glottalization provides reason to suppose that the causative, glottalized variant is the historically derived form (e.g., *tóg* ‘daughter’, *hutóg* ‘niece’, in which the final consonant in the first case is released/post-nasalized /g/ [gʰ] and in the second is glottalized /g’/ [gʰ]; cf. §2.1.2.6).”

p. 421: “B. Roots within compounds that are less like independent verbs

Some of the most common of the more grammaticalized auxiliary or vector verbs are presented here. These forms tend to be semantically distinct from their variants as independent verbs.

-d’oʔ- Auxiliary meaning: ‘do V in an abrupt or goal-oriented way’. Free verb: ‘take’ (compare the non-literal use of ‘take’ in many of the English translations of these compounds). Note that this verb also functions as a causative element (as the first element in the compound; see §9.4.1.2 above).”

p. 424: “*-g’et-* Auxiliary: ‘stay’. Free verb: ‘stand’.”

p. 419–420: “9.4.2.4. *Auxiliary and ‘vector’ roots: aspect, mode, and Aktionsart in compounds*

The most highly integrated type of verbal compound involves a root whose main function is to modify another root (or multiple roots within a compound), thereby usually providing aspect, Aktionsart, or modal information. The prototypical position of these modifying roots is compound-final (although the resulting compound may itself be nested inside a larger, less-integrated compound). These compounds have much in common with the ‘ambient’ serial constructions that Aikhenvald (2003a: 424) describes for Tariana, in which one verb serves as a modifier to the other.

The verb roots in this class range from those that are much like normal verbs in compounds to those that resemble real auxiliaries. This corresponds to a cline of grammaticalization (viewed from a synchronic perspective), ranging from roots that are ordinary main verbs, to those that have an auxiliary-like function when they appear in compound-final position but retain their original semantics, to those roots that are semantically quite clearly only auxiliaries – that is, their function in compound-final position is semantically distinct from their function as main verbs (i.e., verbs that appear in non-compounded form), and in a few cases they cannot act as a main verb at all. [...]

Because these compound-internal verb roots can be understood to correspond to a continuum or cline of grammaticalization between verb and auxiliary, many can be best characterized as ‘vector verbs’ (Hook 1991, cf. Hopper and Traugott 1993: 112–114) – i.e., verbs that are at an intermediate point of grammaticalization between main verb and auxiliary (itself part of a larger cline between main verb and affix). [...] In Hup, vector verbs appear to

represent one stage in the grammaticalization process from verb root to true auxiliary to Inner Suffix or other formative.”

p. 427: “As discussed in detail in §3.7, these formal overlaps between roots and formatives are indicative of a grammaticalization cline in Hup: verb root > vector/auxiliary stem > Inner Suffix > (peripheral formative).”

40.

Resposta: Não identificamos mudanças diacrônicas na marcação de caso do causado de verbo transitivo.

41.

Resposta: Os termos usados são “*causer*”, “*causee*” (p. 401) e “paciente” (p. 505). O causador é tratado como “agente causativo” (p. 401), “sujeito gramatical” e “ator” (p. 398). O causado é chamado de “ator”, “objeto” e “sujeito” (p. 398). Na causativa de intransitivo, ele é tratado como “*undergoer*” (p. 507). O paciente também é tratado como “objeto” (p. 505).

Os papéis semânticos são referidos como “ator” e “paciente” (*undergoer*). E os papéis sintáticos, como “agente” e “objeto” (p. 505).

A construção formada com o prefixo *hi-* é chamada de “factitiva”. E as causativas lexicais intransitivas são tratadas como “pares supletivos” (p. 518-519).

42.

Resposta: Não identificamos terminologia particular em Epps (2008).

Kadiwéu (Guaikurú)

Obras pesquisadas¹: Sandalo (1997)

1.

Resposta: O mecanismo formal que o Kadiwéu usa é o morfológico, por meio do sufixo *-gad*. Isso pode ser observado na comparação entre os dados (1) [286] e (2) [287]. Neste último, ocorre a introdução do sufixo *-gad* e de um causador na função de sujeito *y-* ‘3sg.SUBJ’. O causado também está na 3ª pessoa do singular, mas é omitido na construção causativa devido à hierarquia de pessoa.

p. 114: “The addition of *-Gad* to a verb already specified for cause derives a causative verb. Example 286 shows a bare bivalent verb and 287 shows the same bivalent root modified by *-Gad*.

- (1) [286] *nadila.*
 y-n-adila
 3sg.SUBJ-hither-borrow
 ‘He borrows it.’ [He causes it (to) become borrowed]
- (2) [287] *nadilaGadi.*
 y-n-adila-Gad
 3sg.SUBJ-hither-borrow-[+cause]
 ‘He makes (one) borrow it.’ [He causes him to cause it (to) become borrowed]”

p. 110-111: “In Kadiwéu any root can appear in a predicate. But certain roots must be modified by the suffixes glossed in Table 14 as [+cause] and as [+become] in order to appear in a predicate. Compare examples 278 and 279, the root in 279 must be followed the suffix *-ti*. I assume that *cause* and *become* are a fundamental part of the meaning of a verb and I propose that the suffixes in Table 14 operate on the LCS [Lexical Conceptual Structures] of an lexical entry, adding or deleting *cause* and *become*. On this hypothesis, the root in 278 is a verb and the root in 279 is a noun. The addition of *-ti* introduces *cause* and an external argument licensing a noun to occur as the head of a predicate.

<i>-Gad, -ti</i>	+cause (add the feature cause)
<i>-Gan:~ -Gen:~ -qen ~ -God</i>	+become (add the feature become)
<i>-Gegi</i>	-cause (delete the feature cause)

¹ alnbl: Posse alienável; atel: Atélico; CL: Clítico; OBJ: Objeto; pl: Plural; rel: Relacional; sg: Singular; SUBJ: Sujeito; 1: Primeira pessoa; 2: Segunda pessoa; 3: Terceira pessoa.

-kan ~ -qan ~ -kon ~ -gon -become (delete the feature become)

Table 14: Valency Suffixes”

- (3) [278] *jajipa.*
 j-ajipa
 1sg.SUBJ-listen
 ‘I listen.’
- (4) [279] *jataqatidi.*
 j-ataGa-ti-d
 1sg.SUBJ-bamboo-[+cause]-atel
 ‘I do bamboo searching.’ ”

p. 118: “To sum up. I argued that the suffixes in Table 14 operate on LCS adding or deleting the primitive predicates *cause* and *become* and, consequently, introducing or deleting semantic arguments. *Cause* and *become* are part of a LCS of a verb and can be added to a noun via valency suffixes.”

p. 4: “Kadiwéu roots resemble nouns of better-known languages in that they are not transitive; that is, they cannot assign theta-roles to complements. Thomason et al. 1994 argue that transitivity and valency must be distinguished. The facts of Kadiwéu support this proposal. Although Kadiwéu has valent roots, it has no transitive roots. Transitivity is introduced via morphemes that function as light verbs (Grimshaw & Mester 1988).”

p. 51: “An unmarked participant can be determined by a person hierarchy. Person markers respect the following hierarchy in Kadiwéu:

(93) 1pl.OBJ > 2sg./pl.SUBJ > 1sg.OBJ > 1sg./pl.SUBJ > 3sg./pl.SUBJ > 3sg./pl.OBJ.

Although transitive verbs normally contain object markers, a third-person object is usually not marked. Because this is the lowest in the hierarchy. Therefore, when a transitive verb has a subject marker rather than an object marker, one understands that the object is a third-person.

Since second person is higher than first person, a transitive verb whose subject is second person and whose object is 1sg can also be marked by a subject prefix rather than an object prefix. In this case, the subject marker must be followed by the semantic case marker *-d*: ‘theme’.”

2.

Resposta: A construção é causativizada diretamente.

3.

Resposta: Não identificamos evidências de que o “sufixo de valência” *-gad* desempenhe outras funções.

4.

Resposta: Não identificamos exemplos de verbos transitivos com o sufixo *-gad* denotando ação abstrata. O único exemplo que encontramos ((2) [287]) mostra o verbo ativo bivalente “pegar emprestado” (*adila*).

5.

Resposta: Não identificamos mais de um marcador causativo de verbo transitivo no Kadiwéu.

6.

Resposta: Não identificamos construção causativa formada a partir de verbos com três argumentos ou três participantes.

p. 69: “[...] ditransitive clauses are distinguished by the obligatory presence of an enclitic marking the indirect object [...]”

p. 78: “Indirect object enclitics must be followed by one of the following morphemes: *-wa* ~ *-ma* ‘dative’, *-dom* ~ *-ma* ‘benefactive’, *-k* ‘allative’, *-g* ‘goal’, *lokom* ‘adessive’.”

p. 49: “

(5) [84] Ditransitive Verb

<i>icomitiweki</i>	<i>nigitikonGadi</i>	<i>etakad:o.</i>
<i>y-icom-t+w+e-k</i>	<i>n-gitikon-Gad</i>	<i>efakado</i>
3sg.SUBJ-put-rel+inward+3sg.CL-allative	alnbl-thread-valency	niddle
‘She puts the thread in the needle.’ ”		

p. 113: “Trivalent. Trivalent verbs make obligatory reference to a third argument:

x cause *y* become LOCATION *z*

For instance, *ajigo* includes in its meaning that *y* was transferred from *y* to *z*. Specifically, *-ajigo* implies that *x* causes transferring of *y* to *z*:

(6) [283]	<i>aqa:m:i</i>	<i>jajigotGawa</i>	<i>Gatodi</i>
	<i>aqa:m:i</i>	<i>j-ajigo-t+Ga-wa</i>	<i>Gatodi</i>
	2PRONOUN	1sg.SUBJ-give-rel+2sg.CL-dative	toucan

‘I give the toucan to you.’ [I cause toucan become transferred to you]”

7.

Resposta: Considerando que a causativa (2) [287] não apresenta a marca obrigatória de OI, a qual precisa ocorrer nas ditransitivas (Sandaló, 1997, p. 69), não identificamos semelhanças entre a causativa de transitivo e as construções ditransitivas. Verificamos, porém, que o dado (2) [287] se assemelha a construções transitivas, a exemplo de (8) [83], constituída por uma estrutura verbal marcada pelo prefixo de sujeito. A diferença entre esses dados se refere principalmente ao sufixo causativo *-gad*.

p. 48: “

(7) [82] Transitive Verb
Gad:ema:n:i.
Ga-d:-ena:n:-i
 2pl.OBJ-theme-want-pl
 ‘He loves you.’ ”

(8) [83] Transitive Verb
jal:aqa.
j-al:aqa
 1sg.SUBJ-hit
 ‘I hit him.’ ”

8.

Resposta: Não identificamos construção causativa formada a partir de verbos ambitransitivos no Kadiwéu.

9.

Resposta: Não identificamos causativização com IN.

10.

Resposta: Sandaló (1997) defende que a ordem de constituintes é livre no Kadiwéu. A única causativa de transitivo que encontramos apresenta apenas a estrutura verbal, com o verbo (*adila* ‘pegar emprestado’), o prefixo de sujeito (*y-* ‘3sg.SUBJ’), o prefixo direcional (*n-* ‘aqui’) e o sufixo causativo (*-gad*), sem marcação de objeto ou sintagmas nominais explícitos.

Comparando-se os dados (1) [286] e (2) [287], parece que o participante paciente ‘isso’ se mantém na posição acusativa, já que os objetos de 3ª pessoa geralmente não são marcados na língua (Sandaló, 1997, p. 51). No entanto, como o enunciado contém dois participantes omitidos que podem, potencialmente, assumir essa posição (o causado ‘alguém’ e o paciente ‘isso’), e como não encontramos análises sobre a função sintática dos argumentos em (2) [287], não identificamos o constituinte que ocupa o lugar típico de acusativo.

Abstract: “Kadiwéu has the classical properties of a nonconfigurational language: any nominal phrase can be omitted, nominal phrases are freely ordered with respect to each other and the verb, and some discontinuous nominal expressions are allowed. Jelinek 1984 explains the properties of nonconfigurational languages by proposing that languages set the elements which can be verbal arguments. According to Jelinek, pronominal clitics and affixes are the arguments in nonconfigurational languages; nominal phrases are adjuncts and therefore they can assume free order or be omitted. This proposal has not been universally accepted, however.”

p. 64: “Griffiths (1987, 1991) presents a discussion of constituent order in Kadiwéu. He points out that the constituent order of Kadiwéu main clauses varies freely between VSO and SVO, but is predominantly SVO. My data shows that the constituent order of Kadiwéu main clauses is much freer than Griffiths reports. Possible orders for main clauses are OVS, VOS, SOV, OSV, SVO, and VSO [...]”

p. 47: “3.1.2. Pronominals. The Kadiwéu verb is marked for its subject, direct object, and indirect object. Subject and object markers are prefixes and indirect object markers are enclitics. I analyze indirect object markers as clitics because clitics, as opposed to suffixes, trigger the deletion of sonorant consonants. Although Kadiwéu has both subject and object prefixes, they never co-occur.”

11.

Resposta: Aparentemente, sim. Sandaló (1997, p. 114) afirma que o sufixo *-gad* deriva verbos causativos quando é adicionado a “verbos especificados para causa”. Considerando que não identificamos mais dados para contrastar a informação, registramos essa possibilidade de restrição ao uso do causativo, no sentido de que o verbo só pode ser causativizado se estiver especificado para causa.

O dado (2) [287] indica que os participantes causador e causado apresentam traço [+HUMANO], e ambos ocorrem na 3ª pessoa do discurso.

p. 114: “The addition of *-Gad* to a verb already specified for cause derives a causative verb. Example 286 shows a bare bivalent verb and 287 shows the same bivalent root modified by *-Gad*.”

12.

Resposta: Não identificamos referência a aspectos cognitivos em Sandalo (1997).

13.

Resposta: Não identificamos causativa sintática no Kadiwéu.

14.

Resposta: Não identificamos causativa sintática.

15.

Resposta: Não identificamos causativa sintática.

16.

Resposta: Não identificamos pares com verbos lexicais transitivos no Kadiwéu.

17.

Resposta: Não identificamos causativa lexical.

18.

Resposta: Considerando que não encontramos análises específicas sobre as causativas de transitivos em Sandalo (1997) e que dispomos somente do dado (2) [287] para avaliar essas construções, não identificamos a função sintática do causado nas causativas de transitivos.

p. 126-127: “4.4.4. Summary and Implications. In this section I proposed that lexical categories are divided in the Kadiwéu lexicon into valent and avalent roots, and I believe that this provides enough evidence to classify them as either verbs or nouns. Although Kadiwéu has valent roots, it has no transitive roots. Transitivity is assigned syntactically via movement of elements which either start out with valency or gain valency in the course of the derivation. I proposed that Kadiwéu has a set of suffixes that license semantic arguments (valency suffixes) and another set of suffixes that license grammatical arguments (transitivity morphemes). Valency suffixes

license semantic arguments and they are probably added in the lexicon of Kadiwéu. The transitivity morphemes *-d*: ‘theme’, *-gi* ‘goal’, *-wa ~ -ma* ‘dative’, *-dom ~ -lo ~ -ma* ‘benefactive’, *-k* ‘allative’, and *lokom* ‘adessive’ license grammatical arguments.”

p. 110: “I make a distinction between semantic participants and grammatical arguments. Semantic participants are the arguments present in a LCS [Lexical Conceptual Structures]. Grammatical arguments are those which actually appear in syntax. This allows for an lexical entry to have semantic arguments appearing in their LCS which are not mapped in syntax. Thus, for instance, the verb *eat* is bivalent; that is, it requires two semantic arguments — the one who causes the action of eating (*x*) and the one which becomes eaten (*y*). In syntax, however, *eat* sometimes have only one grammatical argument (e.g. *John ate*). Although semantically *eat* has two arguments (we understand that John (*x*) ate something (*y*)), syntactically *eat* may have only one argument (*x*). The distinction between semantic participants and grammatical arguments is fundamental for a language as Kadiwéu because in Kadiwéu there is a frequent mismatch between semantic participants and grammatical arguments, as will be seen in 4.4.2.”

p. 77-78: “In 4.2.1 I show that pronominal clitics and affixes co-occur with elements that assign semantic roles. The fact that pronominal clitics and affixes, rather than nouns, are governed by semantic role assigners suggests that Kadiwéu is a pronominal argument language of the Jelinek type rather than of the Baker type. In 4.2.2 a variety of syntactic tests, for instance passivization — which affects pronominals but not nominal phrases — will be applied to Kadiwéu. The results of these tests also support the claim that pronominals are arguments, and nominal phrases adjuncts, in Kadiwéu.”

19.

Resposta: Considerando que o causado exercia a função de sujeito na estrutura primitiva e que foi omitido na derivada, deixando de receber o prefixo de sujeito (*y-* ‘3sg.SUBJ’), entendemos que ele não mantém o caso nem a função sintática de sujeito. Os dados disponíveis não permitem concluir se o causador e o causado compartilham alguma propriedade de sujeito entre si.

p. 120: “All subjects (i.e. subjects of transitive clauses (which only appear if the object is third-person), unergative subjects, unaccusative subjects, and subjects of passives and reflexives) are in the nominative case in Kadiwéu. Objects are marked by a different set of pronominals.”

20.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se eventual marcação do causado seria exclusiva dele ou ocorreria com outros constituintes.

21.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se o causado pode receber marcação morfológica distinta da função sintática exercida por ele.

22.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se o causado e o paciente podem ser codificados simultaneamente como OD.

p. 47: “3.1.2. Pronominals. The Kadiwéu verb is marked for its subject, direct object, and indirect object. Subject and object markers are prefixes and indirect object markers are enclitics. I analyze indirect object markers as clitics because clitics, as opposed to suffixes, trigger the deletion of sonorant consonants. Although Kadiwéu has both subject and object prefixes, they never co-occur.”

23.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se o causado segue a Hierarquia de Caso. Embora ele seja demovido da função de sujeito, como indicado pela perda do prefixo de sujeito (γ - ‘3sg.SUBJ’), não identificamos sua função sintática nas causativas de transitivos, conforme resposta à questão 18.

24.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se há critérios ou propriedades sintáticas para diferenciar o causado dos demais constituintes.

25.

Resposta: Sim, o causado pode ser omitido, conforme (2) [287]. Os dados disponíveis não permitem concluir se ocorre alteração na valência sintática.

p. 51: “Although transitive verbs normally contain object markers, a third-person object is usually not marked. Because this is the lowest in the hierarchy. Therefore, when a transitive

verb has a subject marker rather than an object marker, one understands that the object is a third-person.”

26.

Resposta: Não identificamos relativização do causado no Kadiwéu.

27.

Resposta: Como informado nas questões 4 e 11, o causado apresenta traço [+HUMANO], e o dado (2) [287] mostra o verbo *adila* “pegar emprestado” causativizado com o “sufixo de valência” *-gad*. Com base nessas informações e nos dados disponíveis, deduzimos que o causado pode ser animado e expressar também o papel semântico de agente.

28.

Resposta: Embora o dado (2) [287] revele que o causado é animado, ele não permite identificar os graus de controle, afetação ou volição do causado, nem o tipo de ação exercida por ele.

29.

Resposta: Não identificamos mais de um tipo de causado na causativa de transitivo do Kadiwéu.

30.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se o causador atua direta ou indiretamente sobre o causado.

31.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se o causador atinge o resultado de maneira acidental ou intencional.

32.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se o causador inicia o processo com ou sem esforço.

33.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se o causador está envolvido na atividade em conjunto com o causado.

34.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se há graus de topicalidade ou foco relacionados ao causado ou ao paciente na causativa de transitivo.

35.

Resposta: Considerando que o único mecanismo formal identificado no Kadiwéu para formar causativas de verbos transitivos é o morfológico, não identificamos relação entre a frequência das situações e o tipo de construção causativa.

36.

Resposta: Além da causativa morfológica, não identificamos outros mecanismos formais para expressar causatividade com verbos transitivos.

37.

Resposta: Mudança de valência. O morfema *-gad* é tratado como um “sufixo de valência” que licencia “argumentos semânticos” (Sandaló, 1997, p. 126-127). Esclarecemos que Sandalo (1997, p. 109) usa o termo “valência” para se referir aos “componentes de significado sintaticamente relevantes especificados no Léxico de uma língua”.

Não identificamos informações explícitas sobre vozes verbais.

p. 109: “4.4.1. Valency. The term valency is derived from chemistry and is often used in linguistics to refer to the number and type of bonds which the verb may form with a number of dependent elements referred to as arguments (Crystal 1985). This definition, however, is ambiguous, because transitivity can be defined in the same way. In this work, I use valency to refer exclusively to the syntactically relevant components of meaning specified in the Lexicon of a language.”

p. 113-114: “Evidence that we are dealing with valency suffixes in Table 14 has to do with the effects of these suffixes on verbs. Although verbs can appear in a predicate without the presence of any of the suffixes in Table 14, those suffixes can be added to verbs as well. Those suffixes cause a change in a verbal LCS [Lexical Conceptual Structures]. The suffix *-Gad* adds the

feature cause. If attached to an unaccusative verb, it creates a bivalent verb. Example 284 shows a bare root and 285 shows the same root modified by *-Gad*:

- (9) [284] *lod:ajo* *dal-epe*.
 l-od:ajo *y-d:-al:epe*
 3POSS-knife 3sg.SUBJ-theme-sharp
 ‘His knife is sharp.’ [His knife becomes sharpened]
- (10) [285] *jal:epeGadi* *lod:a:jo*.
 j-al:epe-Gad *l-od:azjo*
 1sg.SUBJ-sharp-[+cause] 3POSS-knife
 ‘I sharpen his knife.’ [I cause his knife (to) become sharpened]”

38.

Resposta: Não identificamos causativas de transitivos combinadas com outras vozes ou mecanismos de mudança de valência.

39.

Resposta: Não identificamos o percurso diacrônico nem a origem do “sufixo de valência” *-gad*.

40.

Resposta: Não identificamos mudanças diacrônicas na marcação de caso do causado de verbo transitivo.

41.

Resposta: O verbo derivado com o morfema *-gad* é chamado de “verbo causativo” (p. 114). Esse morfema é tratado como “sufixo de valência” (p. 111) e, de acordo com a autora, ele licencia “argumentos semânticos” (p. 126). Assim, deduzimos que o causado é tratado como “argumento semântico”, não como “argumento gramatical” (p. 110), pelo fato de não ser formalmente realizado.

Não identificamos definições explícitas dos termos.

42.

Resposta: Não identificamos terminologia particular em Sandalo (1997).

Pirahã (Mura-Pirahã)

Obras pesquisadas: Everett (1983), Sheldon (1988 [1977])

As citações fazem referência a Everett (1983), salvo quando indicada outra obra entre parênteses.

1.

Resposta: O mecanismo formal que o Pirahã usa é o sintático, por meio do verbo *xibíib* ‘mandar’. Isso pode ser observado na comparação estrutural entre os dados (3) [84] e (1) [80a]. Em (3) [84], ocorre a introdução do verbo causativo *xibíib* e do causador na função de sujeito *ti* ‘1p.’. O causado se manifesta no pronome *gíxai* ‘2p.’. Embora o verbo *kai* ‘fazer’ seja marcado com o sufixo *-sai*, tratado como nominalizador, Everett (1983, p. 138) afirma que os dados encontrados com esse sufixo sempre ocorrem com um “objeto oblíquo” ou um “objeto direto”. Em (4) [210b], o verbo não aparece nominalizado. Em (5) [291], a construção é formada com o verbo transitivo *bag* ‘vender’ e pode ser contrastada com a transitiva (6) [237]. Sheldon (1988 [1977]) afirma que o sufixo verbal *-bo* ‘obrigar a’ atua como causativo, porém não identificamos análises gramaticais que subsidiem essa análise. Everett (1983, p. 38) refuta a proposta de Sheldon (1988 [1977]).

p. 37: “

- (1) [80a] *hi kahai kai -xiig -á*
 3 flecha fazer-continuativo-remoto
 ‘ela está fazendo uma flecha’

[...]

- (2) [81a] *hi xií kai -p -i -hai*
 3 coisa fazer-imperfectivo-próximo-certeza relativa
 ‘ele fará coisas’ ”

p. 38-39: “Normalmente, a expressão de causa se realiza através do verbo *xibíib* ‘mandar’.

[...]

- (3) [84] *ti gíxai xibíib-i -sog*
 1 2 mandar-epentético-desiderativo

 -abagai kahai kai -sai
 -iniciativa frustrada cesta fazer-nominalizador
 ‘eu quero mandar você fazer uma cesta’

Nestes exemplos, o objeto da cláusula matriz é o sujeito que se subentende na cláusula subordinada. Isto é, não há outros sujeitos possíveis para a cláusula encaixada, além do objeto da cláusula matriz.

Outras indagações sobre os causativos são necessárias para verificar ou não hipótese de que não há uma maneira morfológica para expressar a causitivização ou aumentar o valor do verbo.”

p. 98: “

- (4) [210b] *ti xibíib-i -haí kahaí*
 1 mandar-próximo-certeza relativa flecha
- kai -hiab -i -haí*
 fazer-negativo-próximo-certeza relativa
 ‘eu mando (em alguém) para não fazer uma flecha’ ”

p. 141: “-*sai* é usado frequentemente para produzir um tipo de construção que corresponde em certos aspectos ao infinitivo.

- (5) [291] *kohoibiíhai xibíib -i -haí*
 nome próprio mandar em-próximo-certeza relativa
- gíxai xahoí-kasí bag -i -sai*
 2 arroz-nome vender-epentético-nominalizador
- (i) ‘kohoibiíhai manda/quer que você venda o arroz’ ou
 (ii) ‘kohoibiíhai diz para você vender o arroz’
 (cf. o inglês ‘k orders you to sell the rice’) ”

p. 115: “

- (6) [237] *gíxai xopaohoa-op-áo boitóhoi*
 2 trabalhar-ir-temporal (motor) barco
- pitísi bag -áo -b -á*
 cachaça vender-télico-perfectivo-remoto
 ‘enquanto você trabalhava, o barco vendeu cachaça’ ”

p. 112: “14.2. Cláusulas subordinadas de função adverbial

14.2.1. Infinitivos, participios e formas gerúndivas

O pirahã não possui um infinitivo propriamente dito. A forma que corresponde mais frequentemente ao infinitivo é a nominalizada [...].

- (7) [231] *kóxoí soxóá xibíib-i -haí*
 nome próprio já mandar-próximo-certeza relativa

tiobáhai biío kai -sai
 criança capim fazer-nominalizador
 ‘kóxoí já mandou a criança (para) cortar o capim’ ”

p. 114: “Exceto pelas formas nominalizadas como nos exemplos 231 e 232, as cláusulas adverbiais precedem o verbo. Isso é válido para todas as cláusulas adverbiais, menos as do ponto 14.2.1., e as cláusulas subordinadas parataticamente.”

p. 137-138: “O sufixo nominalizador, *-sai*, possui várias funções. Uma das mais comuns é a transformação de um verbo num substantivo, especialmente em relação ao processo de descrever objetos alheios (cf. seção 23). Isso ocorre tanto com os verbos transitivos quanto com os intransitivos.

[...]

Não tenho registrado nenhum exemplo de *-sai* na sua função de nominalizar verbos sem a presença de um objeto oblíquo ou direto.”

p. 139: “Todas as distinções de tempo e aspecto são perdidas nas formas nominalizadas. A fórmula básica das nominalizações é: raiz verbal + {/i/ epentético) + *-sai*.”

p. 38: “Causativos

SS [Steve Sheldon] descreveu o sufixo verbal *-bo* como um elemento causativo (divisões morfológicas e tradução são de SS):

- (8) [82a] *xik -oho -a -bo -i*
 3sg-comer-durativo-causativo-incompletivo
- sogi -hiab -iig -á há -taio*
 -desiderativo-negativo-continuativo-imediato-razão
 ‘portanto, ele ficou não querendo fazê-lo comer naquele momento’

Porém, na minha análise (e na de KE [Keren Everett]), a tradução e divisões morfológicas correspondentes ao exemplo 82a seriam:

- (9) [82b] *xi koho -ab -boi-sog -i*
 3 comer-ficar-vir-desiderativo-epentético
- hiab -iig -á -há -taio*
 -negativo-continuativo-remoto-certeza-razão completa
 ‘portanto, ele veio ficar (no estado de) não querendo comer’

Isto é, na minha análise a função de *-boi* não está relacionada com a de causativização. Não conheço nenhum outro sufixo que teria esse papel.”

p. 158 (Sheldon, 1988 [1977]): “A primeira escolha que o falante deve fazer é aquela entre os elementos causativo, incoativo, passado, futuro, ou nenhum destes. O causativo *-bo* ‘obrigar a’ é escolhido quando o falante deseja especificar que alguém ou alguma coisa causa o resultado especificado pela raiz. Está implícita uma mudança de estado, havendo já começado tal mudança. Escolhido o causativo, deverá ser feita uma outra escolha posterior entre o incompletivo *-i*, quando ainda não se completou a mudança, e o completivo *-ga*, quando a mudança já está completa:

hi-ik-aba-bo-i-hiab-a (ele-o-desgastar-causativo-incompletivo-negativo-declarativo) ‘ele não o fará desgastar’ e *hi-si-ba-bo-ga paxai* (ele-o-bater-causativo-completivo peixe) ‘Ele fez a (flecha) acertar no peixe’.”

p. 173 (Sheldon, 1988 [1977]): “O reiterativo + perfectivo *isa-ixaaga* é escolhido quando o falante deseja reafirmar algo que já aconteceu; é traduzido por ‘sim, ele fez’ ou ‘sim, foi mesmo’. Ex: *si-ba-bo-ga-isa-ixaaga* (o-bater-causativo-completivo-reiterativo-perfectivo) ‘ele o flechou (fez com que a flecha acertasse nele), sim ele o fez’.”

2.

Resposta: A construção é causativizada diretamente.

3.

Resposta: Não identificamos causativa morfológica formada a partir de verbos transitivos em Everett (1983).

Sheldon (1988 [1977]) afirma que o sufixo *-bo* ‘obrigar a’ atua como causativo, porém não identificamos análises gramaticais que subsidiem essa análise.

4.

Resposta: Em Everett (1983), não identificamos causatividade morfológica com verbos transitivos. Os dados mostram os verbos transitivos ativos “fazer” (*kai*) e “vender” (*bag*).

Em Sheldon (1988 [1977]), não identificamos exemplos de verbos transitivos com o sufixo *-bo* ‘obrigar a’ denotando ação abstrata. Os dois dados fornecidos pelo autor mostram o mesmo verbo transitivo *ba* ‘bater, acertar’.

5.

Resposta: Não identificamos mais de um marcador causativo de verbo transitivo em Everett (1983).

Embora Sheldon (1988 [1977]) afirme que o sufixo *-bo* ‘obrigar a’ atua como causativo, não identificamos análises gramaticais que subsidiem essa análise. Everett (1983, p. 38) rejeita a hipótese de Sheldon (1988 [1977]).

6.

Resposta: Não identificamos construção causativa formada a partir de verbos com três argumentos ou três participantes.

p. 5: “As cláusulas básicas do pirahã são de quatro tipos: transitivas, intransitivas, copulativas e equativas. Elas se distinguem uma da outra pela ausência obrigatória de certos constituintes em determinados tipos de cláusulas. Esses constituintes são, por sua vez, marcados morfológica ou sintaticamente.”

p. 13-14: “Outros constituintes são possíveis, porém, sob o rótulo geral de objeto oblíquo (expressões temporais, condicionais, objetos indiretos etc.). No presente momento, não tenho critérios para justificar nenhuma distinção rígida entre esses elementos e, portanto, classifico todos como oblíquos.

Tampouco tenho proposto categorias distintas para cláusulas bitransitivas ou bi-intransitivas. Verbos, tais como *xaha* ‘ir’ e *xoba* ‘jogar’ não marcam objetos indiretos diferentemente de outros oblíquos (como é o caso, por exemplo, de “João” em ‘Maria deu o livro a João’), mas tratam todos os elementos na posição oblíqua da mesma maneira. Portanto, até que haja evidência do contrário, considerarei essa classe geral como periférica, ou seja, oblíqua às cláusulas transitivas e intransitivas.”

p. 14: “

(10)[30] *ti gí kapiigaxotoii hoa-i*
 1 2 lápis dar-próximo
 ‘eu dou o lápis para você’ ”

7.

Resposta: Tendo em vista que a causativa é formada por uma construção sintática, sendo ela própria uma transitiva, sua semelhança se dá com a transitiva não derivada. Assim, além de as marcações pronominais dos participantes serem as mesmas, a ordem das causativas (A V Causado O V ou A Causado V O V) parece se basear na das transitivas (AOV).

p. 5: “A ordem básica não marcada de constituintes é de SOV (sujeito-objeto direto-verbo). Constituintes periféricos, como objetos oblíquos, são inseridos entre as posições de sujeito e objeto direto (cf. 1.7. abaixo). O principal critério para distinguir entre cláusulas transitivas e intransitivas é o aparecimento ou aparecimento potencial do objeto direto.”

p. 6: “Consideramos esta ordem a básica por várias razões. [...] quaisquer variações sintagmáticas produziram mudanças drásticas no significado ou foco semântico das cláusulas.”

p. 7: “Finalmente, de acordo com as observações acima, qualquer outra ordem de constituintes é entendida melhor como sendo uma forma de topicalização, ênfase, esclarecimento ou outro tipo de artifício para ajudar na compreensão (como “Heavy NP Shift” [...]).”

8.

Resposta: Não identificamos construção causativa formada a partir de verbo ambitransitivo no Pirahã.

p. 297-298: “Na subcategorização dos verbos, [N' ' ' ____.] indica-se que o verbo é transitivo, [____] intransitivo. Certos verbos, porém, são interessantes na medida em que as traduções mudam radicalmente dependendo da sua transitividade.

Por exemplo, o verbo *xoab* ‘morrer’ é subcategorizado [+V], + [SN ____]. Quando inserido numa estrutura [SN ____], sua tradução seria ‘matar’. Mas quando inserido em [____], a tradução é ‘morrer’. [...]

Outros verbos são: [...]

xibíib - ‘mandar (em)’ [+V], + [N' ' ' ____.] ”

9.

Resposta: Não identificamos causativização com IN no Pirahã.

10.

Resposta: Não. Embora a ordem recorrente seja A V Causado O V, o dado (3) [84] mostra o causado posicionado entre o causador e o verbo de causa *xibíib* ‘mandar’ (A Causado V O V). Considerando que a causativa é formada por uma construção sintática, o constituinte que ocupa o lugar de acusativo do verbo de causa parece ser o causado (Everett, 1983, p. 39) (cf. resposta à questão 24).

A oração que veicula a semântica de efeito mantém a ordem AOV, reproduzindo o padrão das transitivas básicas, de maneira que o participante paciente parece atuar como OD, pelo fato de

ocupar a mesma posição pré-verbal que o OD nas construções transitivas não derivadas. Segundo Everett (1983, p. 128-130), as relações gramaticais do Pirahã são estabelecidas pela ordem de palavras.

p. 130: “Como é discutido na seção 1, a maneira principal de marcar as relações gramaticais é através da ordem linear das palavras. Não existem meios morfológicos para distinguir entre as relações de sujeito e as de objeto direto. Porém, os casos oblíquos de instrumento etc., são marcadas por *-oa/-ai* ‘instrumento’ e *-o* ‘locação’. Esses sufixos ocorrem no elemento nominal. O verbo não é marcado nas relações gramaticais.”

p. 128: “A ordem de palavras continua sendo o elemento principal na determinação das relações gramaticais nas cláusulas subordinadas, justamente como nas cláusulas matrizes. [...]. Não tenho classificado nenhum afixo verbal cuja função seja a de marcar os participantes ou as relações gramaticais envolvidas na frase.”

p. 8: “Tanto o sujeito quanto o objeto podem aparecer na posição pós-verbal. Porém, quando ambos aparecem juntos na posição pré ou pós-verbal, a ordem SO é mantida [...]”

p. 39: “Nestes exemplos, o objeto da cláusula matriz é o sujeito que se subentende na cláusula subordinada. Isto é, não há outros sujeitos possíveis para a cláusula encaixada, além do objeto da cláusula matriz.”

11.

Resposta: Não identificamos restrições na formação das causativas de transitivos em Everett (1983). Semanticamente, os participantes causador e causado apresentam traço [+HUMANO] nos dados consultados, e o causado ocorre na 2ª e na 3ª pessoas do discurso.

12.

Resposta: Não identificamos referência a aspectos cognitivos em Everett (1983) e Sheldon (1988 [1977]).

13.

Resposta: O verbo responsável pela causatividade com verbos transitivos é *xibíib* ‘mandar’.

p. 38: “Normalmente, a expressão de causa se realiza através do verbo *xibíib* ‘mandar’.”

14.

Resposta: Não identificamos verbos usados exclusivamente para expressar causatividade sintática no Pirahã. Registramos, porém, que também não identificamos em Everett (1983) dados com o verbo *xibíib* ‘mandar’ em construções não causativas.

15.

Resposta: Não identificamos distinção entre causativa mono-oracional e bi-oracional no Pirahã. Ao analisar a estrutura das construções causativas, verifica-se que cada oração possui sua própria estrutura argumental saturada. Em (7) [231], por exemplo, o sujeito do verbo de causa é exercido pelo participante causador *Kóxoí*, e o objeto desse verbo parece ser o participante causado *tiobáhai* ‘criança’. De acordo com Everett (1983, p. 39), o causado exerce também a função de sujeito do verbo de efeito (*kai* ‘fazer’), cujo objeto se manifesta por meio do participante paciente *biío* ‘capim’. Embora essa estrutura de efeito apresente um verbo menos finito e, aparentemente, menos oracional, ela parece conter os argumentos sujeito e objeto. Assim, considerando que cada verbo funciona como uma unidade sintática separada, deduzimos que as causativas são bi-oracionais. Em nosso ponto de vista, por ser menos finita, essa construção nos parece mais integrada do que as bi-oracionais prototípicas tipologicamente. Esclarecemos que Everett (1983, p. 112-114) analisa a oração de efeito de (7) [231] como uma subordinada adverbial.

p. 38-39: “Normalmente, a expressão de causa se realiza através do verbo *xibíib* ‘mandar’. [...] Nestes exemplos, o objeto da cláusula matriz é o sujeito que se subentende na cláusula subordinada. Isto é, não há outros sujeitos possíveis para a cláusula encaixada, além do objeto da cláusula matriz.”

p. 112: “A ordem dos constituintes em cláusulas subordinadas é a mesma que nas cláusulas matrizes, embora as cláusulas subordinadas não manifestem elementos periféricos (cf. seção 1.6., acima), mas apenas os argumentos e o verbo.”

p. 128: “A ordem de palavras continua sendo o elemento principal na determinação das relações gramaticais nas cláusulas subordinadas, justamente como nas cláusulas matrizes. Embora as cláusulas subordinadas (cf. seções 2 e 13) manifestem anáfora elíptica a antecedentes da cláusula matriz, quando os constituintes nominais são expressos, sua ordem é S oblíquo O (cf. a primeira seção deste capítulo). Não tenho classificado nenhum afixo verbal cuja função seja a de marcar os participantes ou as relações gramaticais envolvidas na frase.”

p. 114: “Exceto pelas formas nominalizadas como nos exemplos 231 e 232, as cláusulas adverbiais precedem o verbo. Isso é válido para todas as cláusulas adverbiais, menos as do ponto 14.2.1., e as cláusulas subordinadas parataticamente.”

p. 18: “Notamos que estas cláusulas subordinadas vêm antes do sujeito e não na posição oblíqua. Portanto, a ordem sintagmática é um dos critérios usados para distinguir estas cláusulas dos constituintes periféricos.”

16.

Resposta: Não identificamos pares com verbos lexicais transitivos no Pirahã.

17.

Resposta: Não identificamos causativa lexical.

18.

Resposta: O causado assume duas funções sintáticas simultâneas: objeto do verbo de causa e sujeito do verbo de efeito (Everett, 1983, p. 39). Embora a função sintática dos argumentos seja estabelecida pela ordem de constituintes (p. 128), Everett (1983, p. 39) classifica o causado de (3) [84] como sujeito por exclusão, isto é, pela ausência de outros constituintes que possam desempenhar essa função. Nos outros dados fornecidos pelo autor, em que a posição do causado é pós-verbal (A V Causado O V), entendemos que o causado assume a posição explícita de sujeito do verbo de efeito e a função implícita de objeto do verbo de causa.

Não identificamos menção à função sintática do causado em Sheldon (1988 [1977]).

p. 38-39: “Normalmente, a expressão de causa se realiza através do verbo *xibíib* ‘mandar’. [...]”

Nestes exemplos, o objeto da cláusula matriz é o sujeito que se subentende na cláusula subordinada. Isto é, não há outros sujeitos possíveis para a cláusula encaixada, além do objeto da cláusula matriz.”

19.

Resposta: Embora o mecanismo usado no Pirahã para formar causativas de transitivos seja o sintático, a inclusão do causador e do verbo *xibíib* ‘mandar’ na construção primitiva altera as propriedades de sujeito do causado. Em (3) [84], o causado assume a função sintática de objeto do verbo de causa. Conforme registrado na resposta à questão 18, Everett (1983) deduz que o causado exerce a função adicional de sujeito implícito do verbo de efeito.

Nas demais construções causativas identificadas, o causado parece manter a posição de sujeito do verbo de efeito (A V Causado O V), assumindo assim a função adicional de objeto implícito do verbo de causa. Como o causador e o causado exercem funções em orações distintas, não identificamos o compartilhamento das propriedades de sujeito na mesma oração.

20.

Resposta: A marcação do causado, seja a posição, sejam os pronomes pessoais, também ocorre com outros constituintes. Considerando a oração de efeito, a posição recorrente do causado (A V Causado O V) é semelhante à dos sujeitos das orações transitivas, como (1) [80a], (2) [81a] e (6) [237], todas com ordem AOV. Na causativa (3) [84], o causado aparece na posição típica de objeto (A Causado V O V). Quanto aos pronomes pessoais, o causado recebe as mesmas marcas de pessoa que outros constituintes em orações causativas e não causativas, a exemplo do pronome *gíxai* ‘2p.’.

21.

Resposta: Não identificamos marcação morfológica distinta da função sintática do causado.

22.

Resposta: Embora as construções causativas apresentem mais de um objeto, cada objeto ocorre em uma oração separada. Na oração de efeito, o causado atua como sujeito, e o paciente, como objeto. Assim, não identificamos o causado e o paciente codificados como objeto na mesma oração.

23.

Resposta: Sim. Em (3) [84], o causado passa a atuar como objeto do verbo de causa, assumindo a posição livre mais alta disponível na nova construção. Entretanto, considerando que o mecanismo usado para formar causativas de transitivos é o sintático, Everett (1983, p. 39) avalia que o causado exerce a função adicional de sujeito implícito do verbo de efeito nessa construção.

Nos outros dados identificados, o causado parece manter a posição de sujeito do verbo de efeito (A V Causado O V), assumindo a função adicional de objeto implícito do verbo de causa.

24.

Resposta: Sim. As funções são identificadas pela ordem dos argumentos (Everett, 1983, p. 128-130). Na oração de causa, a posição inicial é reservada ao sujeito (o causador). Na oração de efeito, a função de objeto é exercida pelo nominal que precede o verbo. Logo, baseando-se no exemplo (3) [84], cuja ordem é A Causado V O V, Everett (1983, p. 38-39) afirma que o causado ocupa a posição de objeto do verbo de causa e, por exclusão, assume também a função de sujeito implícito do verbo de efeito. Ressaltamos, contudo, que identificamos essa ordem apenas nesse exemplo. Nos demais dados fornecidos por Everett (1983), a posição do causado costuma ser pós-verbal (A V Causado O V), indicando possivelmente que o causado assume a posição explícita de sujeito do verbo de efeito e a função adicional de objeto implícito do verbo de causa.

p. 39: “Nestes exemplos, o objeto da cláusula matriz é o sujeito que se subentende na cláusula subordinada. Isto é, não há outros sujeitos possíveis para a cláusula encaixada, além do objeto da cláusula matriz.”

25.

Resposta: Sim, o causado pode ser omitido, conforme (4) [210b] e (11) [210a]. A omissão parece não alterar a valência sintática.

p. 98: “Cláusulas matrizes vs. subordinadas

Já que a negação se exprime morfologicamente em pirahã e o escopo do sufixo negativo é limitado à cláusula em que ele ocorre, os verbos dentro de cláusulas subordinadas são negados somente quando eles mesmos manifestam o sufixo negativo. Em outros termos, a “leitura semântica” ou as “verdadeiras condições” de uma determinada cláusula com negação na cláusula matriz irão variar muito com as de uma sentença com negação na cláusula subordinada.

(11) [210a] *ti xibiib-i -hiab -iig*
1 mandar-epentético-negativo-continuativo

-á kahaí kai -sai
-remoto flecha fazer-nominalizador
‘eu não estou mandando (em ninguém) para fazer flecha’

(4) [210b] *ti xibiib-i -hai kahaí*
1 mandar-próximo-certeza relativa flecha

kai -hiab -i -hai
fazer-negativo-próximo-certeza relativa

‘eu mando (em alguém) para não fazer uma flecha’ ”

26.

Resposta: Não identificamos relativização do causado, porém as posições de sujeito e objeto podem ser submetidas a processos equivalentes à relativização em construções não causativas, como a nominalização e a parataxe.

p. 136: “Cláusulas relativas

Não existem cláusulas relativas -WH em pirahã no sentido de relativas com elementos WH (*go* no pirahã) correspondentes ao nome-núcleo. Porém, há certas maneiras de produzir o efeito de cláusulas WH, sendo que a nominalização e a parataxe são as mais comuns.”

27.

Resposta: Como informado nas questões 4 e 11, os verbos causativizados com a inclusão do verbo *xiblib* ‘mandar’ são transitivos ativos, e o causado apresenta traço [+HUMANO]. Com base nessas informações e nos dados disponíveis, constatamos que o causado é animado e expressa também o papel semântico de agente.

28.

Resposta: Considerando que os dados mostram a capacidade do causado de executar ações e que a estrutura bi-oracional das construções parece indicar menor integração entre os eventos, deduzimos que o causado normalmente está no controle da atividade. A ação aparentemente indireta do causador, por meio de comandos verbais, reforça essa possibilidade. Embora o causado seja uma criança em (7) [231], a semântica do verbo de efeito (‘cortar, fazer’) parece indicar que esse causado detém algum grau de controle da atividade. Os dados disponíveis não permitem identificar os graus de afetação ou volição do causado, nem o tipo de ação exercida por ele.

29.

Resposta: Não identificamos mais de um tipo de causado nas causativas de transitivos do Pirahã.

30.

Resposta: Com base nos dados disponíveis, nos quais o causador age por meio de comandos, deduzimos que ele é capaz de atuar indiretamente sobre o causado.

31.

Resposta: Com base nos dados disponíveis, nos quais o causador age por meio de comandos, deduzimos que ele é capaz de atuar intencionalmente.

32.

Resposta: Com base nos dados disponíveis, nos quais o causador age por meio de comandos, deduzimos que ele é capaz de iniciar o processo naturalmente.

33.

Resposta: Com base nos dados disponíveis, nos quais o causador atua por meio de comandos e não há indícios de sua participação nas atividades, deduzimos que o causador não está envolvido.

34.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se há graus de topicalidade ou foco relacionados ao causado ou ao paciente na causativa de transitivo. Esclarecemos que Everett (1983) identifica fenômenos pragmáticos em construções não causativas do Pirahã, porém mantém as análises pendentes para estudos futuros.

p. 7: “Finalmente, de acordo com as observações acima, qualquer outra ordem de constituintes é entendida melhor como sendo uma forma de topicalização, ênfase, esclarecimento ou outro tipo de artifício para ajudar na compreensão (como “Heavy NP Shift” [...]).”

p. 53: “Como se vê em seções anteriores (e.g. 1.2.; 2.1. etc.), certos constituintes podem aparecer fora de suas posições não marcadas dentro de uma entidade numa posição marcada à esquerda, à direita ou em ambas as posições simultaneamente. Tenho chamado todas essas possibilidades de “topicalização” (o que não se deve confundir com a noção formal de tópico da teoria gerativa - cf. o terceiro capítulo).”

p. 54: “Para resumir, um estudo mais completo da topicalização no pirahã teria que propor uma análise das funções pragmáticas de cada subtipo desse fenômeno (topicalização à esquerda vs à direita vs a ambos simultaneamente). Tenho algumas ideias sobre isso no presente, mas são relativamente especulativas e, portanto, reservarei a discussão para um trabalho futuro.”

35.

Resposta: Considerando que o único mecanismo formal identificado em Everett (1983) para formar causativas de verbos transitivos é o sintático, não identificamos relação entre a frequência das situações e o tipo de construção causativa.

Embora Sheldon (1988 [1977]) afirme que o sufixo verbal *-bo* ‘obrigar a’ atua como causativo, não identificamos análises gramaticais que subsidiem essa análise. Everett (1983, p. 38) refuta a proposta de Sheldon (1988 [1977]).

36.

Resposta: Além da causativa sintática, não identificamos outros mecanismos formais para expressar causatividade com verbos transitivos em Everett (1983).

Embora Sheldon (1988 [1977]) afirme que o sufixo *-bo* ‘obrigar a’ atua como causativo, não identificamos análises gramaticais que subsidiem essa análise. Everett (1983, p. 38) rejeita a hipótese de Sheldon (1988 [1977]).

37.

Resposta: Embora Everett (1983, p. 173) afirme não ter identificado maneiras de aumentar a valência do verbo, o autor mantém a questão em aberto (p. 38-39). Em nosso ponto de vista, apesar de a causativização se manifestar por meio de uma causativa sintática bi-oracional, entendemos que há aumento de valência. Comparando-se estruturalmente os dados (5) [291] e (6) [237], por exemplo, é possível constatar a introdução do verbo *xiblib* ‘mandar’, veiculando o sentido causativo, e de um novo participante causador (*Kohoibihai*) que age sobre um causado (*gixai* ‘2p.’), tornando todos os participantes e o evento conceitualmente dependentes entre si.

Não identificamos informações explícitas sobre vozes verbais.

p. 173: “Voz - Valência

O uso do nominalizador *-sai* para reduzir a valência do verbo foi discutido nas seções 15.4. [Nominalizações] e 5 [Passivos]. Não tenho identificado claramente nenhuma maneira de aumentar a valência do verbo como causativo etc.”

p. 39: “Outras indagações sobre os causativos são necessárias para verificar ou não hipótese de que não há uma maneira morfológica para expressar a causativização ou aumentar o valor do verbo.

Um contraexemplo possível a essa afirmação se encontra no exemplo número 100. É possível que o verbo *xai* ‘fazer’ esteja funcionando como um sufixo causativo. Essa questão, portanto, fica em aberto, esperando futuros estudos com falantes nativos.”

38.

Resposta: Não identificamos causativas de transitivos combinadas com outras vozes ou mecanismos de mudança de valência.

p. 35: “Função sintática do reflexivo

Esta discussão tem sido superficial, já que a reflexividade, embora seja uma noção exprimível no pirahã, não possui nenhuma substância sintática ou morfológica (cf. a discussão ou os conceitos da teoria de “vinculação” no terceiro capítulo). Não é tratado de outros modos nas outras relações de sujeito-objeto na língua. Por estas razões, talvez seja melhor visar a reflexividade como uma noção puramente semântica no pirahã.”

p. 35: “Recíprocos

A noção de reciprocidade possui aproximadamente o mesmo status no pirahã quanto a reflexividade. Porém, existe uma forma semi-recíproca que pode ser empregada para expressar essa noção. Isto é, o pronome coletivo *xogiágaó* ‘todos’.”

p. 37: “Passivas

Não existem construções passivas no pirahã, embora haja uma maneira de reduzir o valor do verbo. Isso é discutido em mais detalhes na seção 15.4., já que envolve o nominalizador *-sai*. O uso mais comum desse sufixo se vê nas construções citacionais (seção 14). Outro uso de *-sai* é possível nominalizando uma locução transitiva para produzir nominações de sujeito ou objeto.”

39.

Resposta: Não identificamos o percurso diacrônico nem a origem do verbo *xiblib* ‘mandar’ em Everett (1983) ou do sufixo *-bo* ‘obrigar a’ em Sheldon (1988 [1977]).

40.

Resposta: Não identificamos mudanças diacrônicas na marcação de caso do causado de verbo transitivo.

41.

Resposta: Identificamos duas menções ao causado, o qual é referido como “objeto da cláusula matriz” e “sujeito que se subentende na cláusula subordinada” (p. 39). O verbo causativo é tratado como aquele que “realiza a expressão de causa” (p. 38).

Não identificamos definições explícitas dos termos.

42.

Resposta: Não identificamos terminologia particular em Everett (1983) e Sheldon (1988 [1977]).

Sabanê (Nambiquara)

Obras pesquisadas: Antunes de Araújo (2004)

1.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se existem mecanismos formais para formar causativas a partir de verbos transitivos no Sabanê. Não identificamos informações sobre construções causativas em Antunes de Araújo (2004).

Matís (Pano)Obras pesquisadas¹: Ferreira (2005)**1.**

Resposta: O mecanismo formal que o Matís usa é o morfológico, por meio do sufixo *-me* ‘causativo’. Isso pode ser observado na comparação estrutural entre os dados (2) [162a] e (1) [78a]. A construção transitiva (2) [162a] é formada pelo verbo transitivo *ak-* ‘beber’ e pelos argumentos sujeito *minbi* ‘2p.sg.erg.’ e objeto *waka waduṣ-Ø* ‘água frio-abs’. Na causativa (1) [78a], verifica-se a introdução do sufixo verbal *-me* e do causador na função de sujeito *inbi* ‘1sg.erg’. O causado *Gabrieu* ‘Gabriel’ ocorre no caso absolutivo (*-Ø*), e o paciente é formado pelo verbo nominalizado *tfe-te* ‘engolir-nzr.O’, aparentemente na função de objeto.

p. 87: “

- (1) [78a] *inbi Gabrieu -Ø tfe- -te ak- -me -e -k*
 1sg.erg. Gabriel -abs engolir- -nzr.O beber- -caus. -n.pass. -decl.
 ‘Eu fazendo o Gabriel beber o remédio.’ ”

p. 161: “

- (2) [162a] *minbi [waka waduṣ]_{SN} -Ø ak- -a -k*
 2p.sg.erg. água frio -abs beber- -pass.rec. -1/2:decl.
 ‘Você bebeu água gelada.’ ”

p. 111: “Causativo

O causativo em Matis é do tipo morfológico. O sufixo causativo {-me} é muito produtivo na língua e seu uso, aparentemente, ocorre com qualquer tipo de raiz verbal (transitiva ou intransitiva). Porém, sua presença afeta a transitividade dos verbos intransitivos. Assim, o verbo passará a exigir uma nova função do argumento (tornando-se um argumento em função de A); conseqüentemente, o causativo {-me} afetará a sintaxe. A sua presença incrementa a valência em um e faz dos verbos intransitivos em transitivos. [...] o verbo sufixado pelo causativo passará a pedir dois argumentos verbais. Neste caso, o causador tem a função A, pois recebe a marca de caso ergativo.”

p. 145: “

- (3) [145b] *mi -n tṣutṣu is- -me -nu*

¹ abs.: Absolutivo; benef.: Benefactivo; caus.: Causativo; conc.: Concordância; decl.: Declarativo; des.: Desiderativo; erg.: Ergativo; exp: Experencial; n.pass.: Não passado; nzr: Nominalizador; O: Objeto; pass.: Passado; pl.: Plural; poss.: Possessivo; rec.: Recente; sg.: Singular; tr.: Transitivo; 1p.: Primeira pessoa; 2p.: Segunda pessoa; 3p.: Terceira pessoa; 1/2:decl.: Primeira e/ou segunda declarativo; Ø: Morfema zero.

2p.sg. -poss. irmã ver- -caus. -des.

kapa -Ø *dakud-* -e -k

esquilo -abs. ter.medo- -n.pass. -decl.

‘Vou mostrar o esquilo para tua irmã, ela tem medo.’ ”

p. 278: “

	A	O	V (transitivo)		
(4) [293a]	<i>inbi</i>	<i>Iba</i> -Ø	<i>is-</i>	<i>-a</i>	<i>-k</i>
	1sg.erg.	Iba -abs.	ver-	-pass.rec.	-decl.
	‘Eu olhei para o Iba.’ ”				

p. 94: “Os verbos transitivos possuem dois argumentos. Segundo Givón (1984, p. 96), são estes argumentos que caracterizam a transitividade. Como a língua matis é ergativo-absolutiva, o sujeito do verbo transitivo é representado como A, sendo este marcado pelo caso ergativo {-n ~ in}, enquanto que o objeto representado por O é marcado pelo absolutivo Ø.

Alguns verbos transitivos típicos na língua matis são: *tonka-* ‘matar c/ arma de fogo’, *tik-* ‘matar c/ zarabatana’, *se-* ‘matar com flecha’, *kues-* ‘matar c/ borduna’, *ak-* ‘matar genérico’, *pe-* ‘comer coisas mastigáveis’, *tfe-* ‘comer coisas não mastigáveis’, *ak-* ‘beber’, *bed-* ‘pegar’, *uk-* ‘vomitar’.”

p. 67: “O Nome e a marcação de caso

A marcação de caso ergativo ocorre quando o Nome aparece como núcleo do sintagma nominal, com a função de agente numa construção sintática com verbos que exigem mais de um argumento. O ergativo possui dois alomorfes: {-n} ocorre quando o nome termina em vogal e {-in} quando termina em consoante.”

p. 178: “Outro fator interessante é com relação ao pronome de terceira pessoa que não é marcado (Ø), quer seja na forma ergativa como na forma absoluta, sendo que só ocorre em posição de correferência.”

2.

Resposta: A construção é causativizada diretamente.

3.

Resposta: Não identificamos o sufixo *-me* ‘causativo’ desempenhando outras funções.

4.

Resposta: Sim. Entre os verbos identificados com o sufixo *-me* ‘causativo’, somente “ver” (*is*) pode denotar ação abstrata, conforme (3) [145b]. Os outros dados mostram o verbo transitivo ativo “beber” (*ak*) ((1) [78a]).

5.

Resposta: Não identificamos mais de um marcador causativo de verbo transitivo no Matís.

6.

Resposta: Não identificamos construção causativa formada a partir de verbos com três argumentos ou três participantes.

7.

Resposta: Sim. A causativa de transitivo (1) [78a] apresenta a mesma ordem de constituintes (A O O V) que as ditransitivas (5) [84a] e (7) [263a] (A_{agente} O_{beneficiário} O_{paciente} V). O causado de (1) [78a] ocupa a posição equivalente à do “objeto beneficiário” dessas ditransitivas. As marcas de caso e os pronomes pessoais podem ser os mesmos. A ordem da causativa (3) [145b] difere dessa, com o causador omitido e o causado em posição pós-verbal (O V O).

p. 92: “Os transitivos subdividem-se em transitivos de dois argumentos (A e O) e os bitransitivos de três argumentos (A, O e O).”

p. 95: “Verbos Bitransitivos

Os verbos bitransitivos são aqueles que possuem um A e dois O, por exemplo, *mene-* ‘dar’. Pode-se acrescentar a alguns verbos transitivos o morfema {-*sun*} ‘benefactivo’ o que aumentará sua valência de 2 para 2+1, ou seja, bitransitivo (cf. 84 (a)). Não há uma ordem rígida, mas em nossos dados a ordem preferencial do falante (cf. 84 (b)) tem sido: A O (beneficiário) O (objeto) V.

	A		O		O		V	
(5) [84a]	<i>Iba -n</i>	<i>inawad -Ø</i>	<i>datonkete -Ø</i>	<i>mene- -a</i>		<i>-s</i>		
	Iba -erg.	inawad -abs.	camisa -abs	dar- -pass.rec.		-3.exp.		
	‘O Iba comprou a camisa para inawad.’							

	A		O		O		V	
(6) [84b]	<i>Binin -in</i>	<i>datonkete -Ø</i>	<i>mitso -Ø</i>	<i>bed- -sun</i>	<i>-bo</i>	<i>-s</i>		
	1sg.erg. -erg.	camisa -abs.	2pl.dat. -abs.	dar- -benef.	-pass.n.rec.	-3		
	‘Eu peguei as camisas para vocês.’ ”							

p. 252: “Orações (bi)transitivas

Existem verbos que semanticamente pedem dois objetos, formando uma subclasse de orações transitivas. Em muitas línguas, esses objetos podem ser marcados morfossintaticamente, distinguindo o objeto direto do indireto. Essas orações ocorrem com verbos do tipo “dar” e com verbos transitivos com valência 2 +1, como é o caso do verbo “pegar”, “comprar”, entre outros. Esses verbos especificam um agente que é marcado pelo caso ergativo (que semanticamente seriam marcado pelo traço animado) e dois argumentos absolutivos.

			agente	beneficiário		paciente	
			A	O		O	
(7) [263a]	<i>sedke</i>	<i>-sun</i>	<i>inbi</i>	<i>Antonio</i>	<i>-Ø</i>	<i>dadawate</i>	<i>-Ø</i>
	amanhã	-conc.tr.	1sg.erg.	Antônio	-abs.	caderno	-abs.
	V						
	<i>bed-</i>	<i>-sun</i>	<i>-e</i>	<i>-k</i>			
	comprar-	-benf.	-n.pass.	-decl.			
	‘Amanhã eu vou comprar caderno para o Antônio.’ ”						

8.

Resposta: Não identificamos construção causativa formada a partir de verbos ambitransitivos no Matís.

9.

Resposta: Não identificamos causativização com IN no Matís.

p. 99: “A incorporação nominal é um processo produtivo nas línguas e não fica restrito a um grupo limitado de morfemas, como ocorre na língua matis e nas outras línguas da mesma família.

Em Matis há 27 prefixos que se relacionam de alguma forma com as partes do corpo. Esses morfemas que ocorrem afixados a uma base verbal poderiam ser inicialmente tratados como processos de incorporação nominal (Mithun,1984). Contudo, Fleck (no prelo) mostra convincentemente que em Matsés não há incorporação. Esse mesmo ponto de vista pode ser aplicado à análise dos dados em Matis, pois essa língua comporta-se de forma muito similar ao Matsés. Nesse sentido, os morfemas de partes do corpo que ocorrem nos verbos parecem ser melhor interpretados, pelo menos sincronicamente, como prefixos.”

10.

Resposta: Não. Embora a ordem nas causativas pareça seguir o padrão das ditransitivas (A O O V), há variação nos dados: A O O V ((1) [78a]) e O V O ((3) [145b]). O constituinte que ocupa o lugar típico de objeto é o causado, com a marca de caso absolutivo (-Ø).

p. 241: “Em nossos dados coletados, principalmente, a partir de licitações, pudemos encontrar, em Matis, as seguintes ordens: AOV, OAV e AVO em construções com verbos transitivos e SV e VS em construções com verbos intransitivos, sendo que apenas a ordem AOV, até o momento, pode ser considerada a ordem dominante, marcada para orações transitivas, ou seja, aquelas que pedem mais que um argumento na língua. [...] A e O são desambiguizados pelo caso ergativo, sendo que, para a marca de ergatividade, apresenta-se os alomorfes {-in ~ -n} e -Ø como marca de absolutivo.”

p. 242: “Nas orações com verbos que pedem dois objetos do tipo *mene-* ‘dar’, não há uma ordem fixa, apesar de normalmente o beneficiário ocorrer próximo ao verbo. Nos verbos sufixados pelo morfema {-ʃun} “benefactivo”, que também pedem dois objetos, o beneficiário não ocorre próximo ao verbo [...]”

11.

Resposta: Não identificamos restrições na formação das causativas de transitivos. Semanticamente, os participantes causador e causado apresentam traço [+HUMANO] nos dados consultados. O causador ocorre na 1ª pessoa do discurso, e o causado aparece na 2ª e na 3ª pessoas.

12.

Resposta: Não identificamos referência a aspectos cognitivos em Ferreira (2005).

13.

Resposta: Não identificamos causativa sintática no Matís.

14.

Resposta: Não identificamos causativa sintática.

15.

Resposta: Não identificamos causativa sintática.

16.

Resposta: Não identificamos pares com verbos lexicais transitivos no Matis.

17.

Resposta: Não identificamos causativa lexical.

18.

Resposta: Segundo Ferreira (2005), o causado assume a função de objeto, sendo marcado com o caso absolutivo (-Ø).

p. 94: “Os verbos transitivos possuem dois argumentos. Segundo Givón (1984, p. 96), são estes argumentos que caracterizam a transitividade. Como a língua matis é ergativo-absolutiva, o sujeito do verbo transitivo é representado como A, sendo este marcado pelo caso ergativo {-n ~ in}, enquanto que o objeto representado por O é marcado pelo absolutivo Ø.”

p. 272-274: “Tipos de orações subordinadas adverbiais

[...]

Os morfemas gramaticais de SR [switch-reference] {-kin}, {-ek} e {-nuk} codificam, além do tipo de sujeito que ocorre nas orações, uma relação temporal do tipo “enquanto que”.

[...]

Há três morfemas de SR que formam as orações que expressam propósito ou intenção [-nuʂ, -nun, -an]. Possuem um significado básico de “anterioridade”. [...]

As orações subordinadas são formadas a partir da sufixação de {-ʂo}, no verbo da subordinada. Esse morfema indica que os sujeitos são diferentes nas orações, isto é, o argumento da oração matriz é o argumento A/S da subordinada. Ele também tem o papel da subordinada adverbial “quando” no encadeamento das orações.”

19.

Resposta: Considerando que o causado não recebe a marca de caso ergativa nas causativas de transitivos identificadas, mas sim a marca de caso absolutiva (-Ø), entendemos que ele não mantém o caso nem a função sintática de sujeito. Não identificamos compartilhamento das propriedades de sujeito entre o causador e o causado.

20.

Resposta: A codificação do causado, como a ordem pré-verbal, o pronome pessoal e a marca de caso absolutiva, também ocorre com outros constituintes, a exemplo dos objetos pacientes nas transitivas (2) [162a] e (4) [293a] e dos objetos pacientes e beneficiários nas ditransitivas (6) [84b] e (7) [263a].

21.

Resposta: Não identificamos marcação morfológica distinta da função sintática do causado no Matís.

22.

Resposta: Aparentemente, sim. Embora os causados de (1) [78a] e (3) [145b] sejam marcados como absolutivos (*Gabrieu-Ø* ‘Gabriel-abs’ e *kapa-Ø* ‘esquilo-abs’, respectivamente), Ferreira (2005, p. 87) glosa o paciente de (1) [78a] como objeto (“engolir-nzr.O”), indicando a possível existência de dois objetos na mesma sentença. Não identificamos testes ou critérios que diferenciem o comportamento sintático dos dois participantes.

23.

Resposta: Aparentemente, sim. Comparando-se estruturalmente os dados (2) [162a] e (1) [78a], verifica-se a introdução do sufixo causativo *-me* e do causador na função de sujeito *inbi* ‘1sg.erg’. Como o causado *Gabrieu-Ø* ‘Gabriel-abs’ ocorre no caso absolutivo, indicando a função de objeto, entendemos que ele segue a hierarquia, pois assume a posição livre mais alta disponível após sua demissão da função original de sujeito.

24.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se há critérios ou propriedades sintáticas para diferenciar o causado dos demais constituintes.

25.

Resposta: Não identificamos construções com omissão ou exclusão do causado nas causativas de transitivos do Matís.

26.

Resposta: Não identificamos relativização do causado no Matís, porém as posições de sujeito e objeto podem ser relativizadas nas construções não causativas.

p. 275: “As orações relativas são aquelas que funcionam como modificadores nominais. Em Matis, não há uma construção típica de oração relativa como podemos encontrar em muitas outras línguas, mas orações nominalizadas que funcionam como orações relativas. [...] As orações nominalizadas por {-akid} estão relativizando o argumento O da oração matriz [...]”

p. 276: “As orações nominalizadas por {-kid} referem a A/S da oração subordinada relativizando qualquer nominal A ou S.”

27.

Resposta: Como informado nas respostas às questões 4 e 11, nas construções causativizadas com o sufixo *-me* ‘causativo’, o causado apresenta traço [+HUMANO] e ocorre com verbos transitivos ativos ou denotando ação potencialmente abstrata, como *is* ‘ver’ em (3) [145b]. Com base nisso e nos dados disponíveis, constatamos que o causado é animado e pode expressar os papéis semânticos de agente e de experienciador.

28.

Resposta: Embora os dados disponíveis indiquem que o causado é animado, eles não permitem identificar os graus de controle, afetação ou volição do causado. Todavia, o exemplo (1) [78a], com verbo ingestivo, sugere que o causado está no controle da ação.

29.

Resposta: Não identificamos mais de um tipo de causado na causativa de transitivo do Matis.

30.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se o causador atua direta ou indiretamente sobre o causado.

31.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se o causador atinge o resultado de maneira acidental ou intencional.

32.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se o causador inicia o processo com ou sem esforço.

33.

Resposta: Com base nos dados disponíveis, e considerando a ausência de indícios da participação do causador, deduzimos que o causador não está envolvido na atividade.

34.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se há graus de topicalidade ou foco relacionados ao causado ou ao paciente na causativa de transitivo. Registramos que, em construções não causativas, o sujeito e o objeto podem ser focalizados, e o objeto pode ser topicalizado.

p. 75: “O morfema {-dapa} desempenha o papel de enfático, do tipo contraste e referência (“mesmo”). Pragmaticamente funciona como focalizador.”

p. 242: “Existem variações que estão condicionadas por razões pragmáticas. Quando o objeto se move para o início da sentença, há uma topicalização.”

35.

Resposta: Considerando que o único mecanismo formal identificado no Matis para formar causativas de verbos transitivos é o morfológico, não identificamos relação entre a frequência das situações e o tipo de construção causativa.

36.

Resposta: Além da causativa morfológica, não identificamos outros mecanismos formais para expressar causatividade com verbos transitivos no Matis.

37.

Resposta: Embora Ferreira (2005, p. 111) restrinja a análise do aumento de valência aos verbos intransitivos, conforme (8) [105e], ele não afirma explicitamente que não há aumento de valência com verbos transitivos. Em nossa interpretação, entendemos que dados como (1) [78a] apresentam indícios de aumento de valência também com verbos transitivos. Corroboram essa possibilidade o morfema causativo *-me* sufixado no verbo transitivo *ak* ‘beber’ e os três participantes explícitos no enunciado: o causador *inbi* ‘Eu’, o causado *Gabrieu-Ø* ‘Gabriel’ e o paciente *tʃe-te* ‘remédio’.

Não identificamos informações explícitas sobre vozes verbais.

p. 111-112: “

Porém, sua presença afeta a transitividade dos verbos intransitivos. Assim, o verbo passará a exigir uma nova função do argumento (tornando-se um argumento em função de A); consequentemente, o causativo {-me} afetará a sintaxe. A sua presença incrementa a valência em um e faz dos verbos intransitivos em transitivos. [...] o verbo sufixado pelo causativo passará a pedir dois argumentos verbais. Neste caso, o causador tem a função A, pois recebe a marca de caso ergativo.

[...]

- (8) [105e]
- | | | |
|-------------------------------|--|--------------------------|
| A | | O |
| <i>[nawa -n tʃanpi]</i> -n | | <i>[awin wapa]</i> -Ø |
| não-índio -poss. menina -erg. | | 3.sg.poss cachorro -abs. |
- V
- | | | | |
|------------|------------|------------|-----------|
| <i>pe-</i> | <i>-me</i> | <i>-a</i> | <i>-s</i> |
| comer- | -caus. | -pass.rec. | -3.exp. |
- ‘A filha do não-índio alimentou seu cachorro.’ ”

p. 179: “

- (9) [182]
- | | | |
|-------------|---------------|------------|
| A | O | V |
| <i>inbi</i> | <i>pusan</i> | <i>pe-</i> |
| 1sg.erg | preguiça -abs | comer- |
<i>-Ø</i>	<i>-a</i>	<i>-k</i>
	-pass.rec.	-decl.
- ‘Eu comi a preguiça’ ”

p. 107: “Mudança de valência verbal

A diminuição e o aumento de valência é muito comum na língua matis. Os verbos intransitivos podem aumentar sua valência tornando-se transitivos com a sufixação do causativo e, em alguns casos específicos, por meio do transitivador {-wa} e pelo aplicativo {-ṣun}. Os verbos transitivos diminuem sua valência verbal quando são sufixados pelos morfemas reflexivo, recíproco e antipassivo, tornando-se intransitivos.

	Glossa	Valência
-ad ~ -mid	“reflexivo”	-
-nan	“recíproco”	-
-na	“antipassivo” [...]	-
-me	“causativo”	+
-wa	“transitivizador” [...]	+

Tabela 11: Morfemas e a mudança de valência”

p. 94: “Alguns verbos transitivos típicos na língua matis são: *tonka-* ‘matar c/ arma de fogo’, *tik-* ‘matar c/ zarabatana’, *se-* ‘matar com flecha’, *kues-* ‘matar c/ borduna’, *ak-* ‘matar genérico’, *pe-* ‘comer coisas mastigáveis’, *tfe-* ‘comer coisas não mastigáveis’, *ak-* ‘beber’, *bed-* ‘pegar’, *uk-* ‘vomitar’.”

38.

Resposta: Não identificamos causativas de verbos transitivos combinadas com outras vozes ou mecanismos de mudança de valência.

39.

Resposta: Não identificamos o percurso diacrônico nem a origem do sufixo causativo *-me*.

40.

Resposta: Não identificamos mudanças diacrônicas na marcação de caso do causado de verbo transitivo.

41.

Resposta: Identificamos o termo “causador” usado para a nova função “A” e o termo “causativo” para o sufixo verbal *-me* (p. 111). O argumento “A” é definido como “sujeito do verbo transitivo”, e o “O” é entendido como “objeto do verbo transitivo” (p. 94, 212). Os participantes causado e paciente podem atuar como “O” no caso absolutivo (-Ø).

Não identificamos definições explícitas dos demais termos.

p. 211: “[...] o uso de A/S, O e V seguirá a proposta de Dixon (1979 e 1994) e Comrie (1978).”

p. 212-213: “Marcação do Caso

Segundo Dixon (1994, p. 08), a marcação do caso ergativo/absolutivo se caracteriza por sua escolha em relação às orações transitivas e intransitivas. Em uma construção sintática, podem ser consideradas três relações sintático-semânticas:

Sujeito da intransitiva: S

Sujeito da transitiva: A

Objeto da transitiva: O

[...]

Geralmente, a função S não é marcada morfologicamente nas línguas do mundo para o caso absolutivo, pelo fato das orações intransitivas apresentarem somente um argumento

externo. Dessa forma, não é preciso diferenciá-lo dos outros constituintes. Já em orações que pedem mais que um argumento, aquele que se encontra em função de A é marcado com o caso ergativo, enquanto que os argumentos que estão em função de O não são marcados. Este tipo de marcação é comum em línguas morfologicamente marcadas para caso ergativo/absolutivo.”

42.

Resposta: Não identificamos terminologia particular em Ferreira (2005).

Yaminawá (Pano)

Obras pesquisadas¹: Faust e Loos (2002)

1.

Resposta: O mecanismo formal que o Yaminawá usa é o morfológico, por meio do sufixo *-ma* ~ *-man* ‘causativo’. Isso pode ser identificado no contraste estrutural entre os dados (1) [34] e (2) [552]. Em (1) [34], o verbo transitivo *pi* ‘comer’ ocorre com dois argumentos, o sujeito *fakẽ* ‘menino’ e o objeto *yoa* ‘mandioca’. Em (2) [552], o mesmo verbo é marcado com o sufixo *-ma* ‘causativo’, e o enunciado passa a ter três participantes: o causador *extõ* ‘irmãozinho’, o causado *fafa* ‘papagaio’ e o paciente *xopa* ‘mamão’. Na causativa (3) [553], o verbo *pi* ‘comer’ também recebe o morfema causativo *-ma*, e o enunciado apresenta três participantes (causador *Extõ* ‘irmãozinho’, causado *takara* ‘galinha’, *xiki* ‘milho’), mas tanto o causado quanto o paciente aparecem em posição pré-verbal.

p. 25: “

- (1) [34] *Mã fakẽ yoa pi-a.*
 ya niño-(erg) yuca comer-comp
 ‘El niño ya comió la yuca.’ ”

p. 108-109: “El sufijo causativo **-ma** indica que el sujeto del verbo causa que otro haga la acción. Agrega un complemento al verbo; si la raíz del verbo es intransitiva la combinación resulta en verbo transitivo.

La forma **-ma** se expande a **-man** cuando sin contar las sílabas epentéticas ésta es sílaba impar y va seguida por una vocal. Tratamos esta **-n** al final de **-man** como consonante epentética porque, a diferencia de los sufijos que terminan en una consonante nasal (**-n**) que se eliden cuando están final de la raíz y producen nasalización cuando se eliden, la **-n** que se agrega a **ma** (dando **-man**) no produce nasalización y siempre se pronuncia [d].

- (2) [552] *Mã extõ fafa pi-ma-a, xopa.*
 ya hermanito loro comer-caus-comp papaya
 ‘El hermanito ya dio papaya de comer al loro. (Lit.: El hermanito ya ha causado que el loro comiera papaya.)’

¹ acomp: Acompanhativo; afirm: Afirmativo, testemunhal; ben: Benefactivo; caus: Causativo; comp: Aspecto completo; erg: Sufijo de caso ergativo; fut: Aspecto progressivo no futuro; impv: Imperativo; inf: Infinitivo; partap: Participio de ação prévia e progressiva; pas.ayer: Passado de ontem (antes de ontem), aspecto completo; pas.lej: Passado distante, aspecto completo; perj: Prejudicial ao complemento; pl: Plural; pot: Aspecto potencial; prog: Aspecto progressivo presente e futuro.

- (3) [553] *Extõ takara xiki pi-ma-i.*
hermanito gallina maíz comer-caus-prog
‘El hermano menor está dando de comer maíz a la gallina.’ ”

p. 58: “

- (4) [274] *Fake-fafẽ xiki pi-ma-i, takara.*
niño-pl-(erg) maíz comer-caus-prog gallina.
‘Los muchachos van a darles maíz de comer a las gallinas.’ ”

p. 44: “

- (5) [176] *Pepe-õ-noa ã nika.*
Pepe-de-acerca yo escuchar-(comp)
‘Escuché (algo) de Pepe.’ ”

p. 62: “

- (6) [283] *Mariá-nõ fo-ka-xõ tama fi-ita-kã-nĩ.*
María-y.otros ir-pl-partap maní traer-pas.ayer-pl-afirm
‘María y otros trajeron maní.’ ”

p. 27: “En (45) hay dos sufijos derivacionales: **-ma** *causativo* y **-xon** *benefactivo*. El complemento directo es **faka** *agua* y el sujeto que causa la acción está implícito, *tú*. El complemento que recibe el beneficio de la acción es **noko** *nosotros*; el complemento que funciona como el agente de *traer* es **na fake** *este niño*.

- (7) [45] *Na fake noko faka fi-ma-xõ-fe.*
este niño nosotros agua traer-caus-ben-impv
‘Haz que este niño nos traiga agua.’

En (45) es posible invertir el orden de los sufijos derivacionales: **fixõmafe** con la misma traducción, pero **fixõmafe** también puede tener el significado *haz que este niño traiga (agua), hazlo para nuestro beneficio*.”

p. 108: “

- (8) [548] *Ea kirika fena-xon-a.*
me libro buscar-ben-comp
‘Él buscó el libro para mí.’ ”

p. 108: “En ciertos casos de más de un sufijo derivacional agregado al verbo, el significado no varía si el orden de los sufijos varía, como en (550) y (551).

- (9) [550] *Ea kirika fena-xõ-ma-fe.*
yo libro buscar-ben-caus-impv
‘Hágale buscar el libro para mí.’

- (10) [551] *Ea kirika fena-ma-xõ-fe.*

yo libro buscar-caus-ben-impv
 ‘Hágale buscar el libro para mí.’ ”

p. 142: “También dentro del grupo de sufijos derivacionales (768), (769), (770), (771) y dentro del grupo de sufijos adverbiales (772) el orden es variable; un sufijo modifica a todo lo que le precede. [...]

(11)[770] *Ea kirika fena-xõ-ma-fe.*
 yo libro buscar-ben-caus-impv
 ‘Hágalo buscar el libro para mí.’

(12)[771] *Ea kirika fena-ma-xõ-fe.*
 yo libro buscar-caus-ben-impv
 ‘Haga (que él) busque el libro (como un favor para mí).’ ”

p. 96: “

(13)[475] *Efẽ efã pani fa-kĩ tapĩ-a.*
 mi mamá hamaca hacer-inf saber-comp
 ‘Mi mamá sabe hacer hamaca.’

[...]

(14)[478] *Na yome pista ma tapĩ-a ni-kĩ.*
 este niño pequeño ya saber-comp parar-inf
 ‘Este niño sabe pararse.’ ”

p. 109: “

(15)[556] *Ea kirika kene-kĩ tapĩ-ma-ti.*
 me libro escribir-inf saber-caus-pas.lej
 ‘(Él) me enseñó a escribir.’ ”

p. 95: “*El infinitivo que funciona como sustantivo*

El infinitivo es una forma verbal que puede emplearse como sustantivo para nombrar una acción o fenómeno. No lleva flexión verbal de número ni de tiempo, sino un sufijo **-kin** (pronunciado **kĩ**) que lo identifica como infinitivo. Puede funcionar como complemento de ciertos verbos, como se ve en el ejemplo (475).”

p. 147-148: “Hay tres tipos de estas oraciones compuestas: las que llevan participios relativos, las que llevan infinitivos como complementos y las que llevan verbos subordinados.

[...] *El complemento infinitivo*

Ciertos verbos pueden llevar una cláusula subordinada como complemento. En este caso el verbo es un infinitivo. El infinitivo del verbo lleva el sufijo **-kĩ**.”

2.

Resposta: A construção é causativizada diretamente.

3.

Resposta: Não identificamos o sufixo *-ma* ~ *-man* ‘causativo’ desempenhando outras funções. Verificamos que o sufixo de negação *-ma* ‘negativo’ apresenta forma igual à do causativo, porém não identificamos análise sobre uma possível homofonia ou polissemia em Faust e Loos (2002).

p. 36: “[...] sufijo **-ma** que indica negación.”

p. 41: “Negación

Cualquier oración simple (sea interrogativa, declarativa, imperativa, con verbo transitivo o intransitivo) puede ser negativa o afirmativa. Cuando es negativa, el sufijo **-ma negativo** se emplea si la oración es independiente y declarativa o interrogativa; el sufijo **-yama negativo, prohibitivo** se emplea en oraciones imperativas y también en cláusulas subordinadas.”

p. 93: “*Negativo*

Cuando no hay verbo, (como en las oraciones elípticas y en oraciones copulativas), se añade el sufijo negativo **-ma** al sustantivo para expresar una negación.”

4.

Resposta: Sim. Entre os verbos identificados com o sufixo *-ma* ~ *-man* ‘causativo’, “ouvir” (*nika*) e “saber” (*tapi*) podem denotar ações abstratas, conforme (25) [302] e (15) [556], respectivamente. Os outros dados mostram os verbos transitivos ativos “buscar” (*fena*), “comer” (*pi*) e “trazer” (*fi*).

5.

Resposta: Não identificamos mais de um marcador causativo de verbo transitivo no Yaminawá.

6.

Resposta: Aparentemente, sim. Considerando que os verbos *fi* ‘trazer’ e *fena* ‘buscar’ são usados com três participantes em construções não causativas, a exemplo de (16) [544], (17) [547] e (8) [548], as causativas (7) [45], (9) [550] e (10) [551] parecem ser formadas a partir de verbos com três argumentos. O causado assume a função de objeto direto ou de objeto indireto (cf. resposta à questão 18).

Esclarecemos que Faust e Loos (2002) não usam as terminologias “ditransitivo” ou “bitransitivo”.

p. 108: “

- (16)[544] *Ê mia faka fe-xõ-nõ.*
yo te agua traer-ben-fut
‘Te voy a traer agua’

[...]

- (17)[547] *Ea kirika fe-xõ-a.*
me libro traer-ben-comp
‘Trae el libro para mí’

- (8) [548] *Ea kirika fena-xon-a.*
me libro buscar-ben-comp
‘Él buscó el libro para mí’ ”

7.

Resposta: Sim. As construções com verbos do tipo *inã* ‘dar’ são tratadas como “bivalentes” (p. 26) e apresentam ordem de constituintes A OD OI V e A OI OD V, a exemplo de (18) [272], (19) [44] e (20) [409]. As causativas de transitivos apresentam variação de ordem, mas parecem se basear nesse padrão. Nos enunciados em que o sujeito causador é explicitado, como (2) [552], (3) [553], (4) [274] e (25) [302], o causado ocorre após o causador, sendo que aparece imediatamente depois dele na maioria dos dados identificados, com exceção de (4) [274]. Em relação aos demais constituintes, o causado tende a aparecer antes do objeto e do verbo ((7) [45], (2) [552], (3) [553] e (15) [556]), à exceção de (4) [274], no qual o causado está deslocado para a última posição do enunciado, e de (25) [302], no qual o objeto está deslocado para a primeira posição. Assim, a ordem de constituintes recorrente da causativa de transitivo parece ser A Causado O V, similar à dos enunciados com verbos “bivalentes”. Esclarecemos que Faust e Loos (2002, p. 27) apresentam a causativa (7) [45] na seção sobre “predicados com verbos polivalentes” (p. 26-27), os quais se diferenciam dos “bivalentes” por apresentarem “dois ou mais complementos diretos” (p. 26).

Notamos que tanto as construções “bivalentes” quanto as causativas mantêm a ordem que parece ser a mais comum das transitivas (AOV), conforme (1) [34], (13) [475] e (14) [478].

Os pronomes pessoais, as marcas de caso e os sufixos verbais podem ser os mesmos nessas construções.

p. 57: “Aunque hay mucha variación en el orden de los constituyentes de la oración, hay tendencias generales y limitaciones.

1.5.1 Con verbo transitivo

El sujeto y el predicado que consta de verbo y complementos directo e indirecto, forman el núcleo de la oración transitiva. El orden normal de los componentes dentro del núcleo es SUJETO - COMPLEMENTO DIRECTO - COMPLEMENTO INDIRECTO - VERBO.

[...]

- (18)[272] *Ē na kirika efē ochi inã-i-ka-i.*
 yo este libro mi hermano dar-a-ir-prog
 ‘Voy a dar este libro a mi hermano.’ ”

p. 58: “El verbo mayormente va al final de la oración, pero a veces otros constituyentes siguen al verbo, siendo su función explicativa; pues, sirven para explicar uno de los constituyentes anteriores o hacer explícito algo del contexto.

[...]

Los otros complementos varían mucho en orden, pero mayormente preceden al núcleo y siguen al complemento de tiempo, sea transitivo o intransitivo el verbo principal [...].

Casi nunca aparecen más de cinco constituyentes principales en una oración. El promedio es de tres constituyentes en una oración simple. Cuando un constituyente puede estar sobreentendido por el contexto, es preferible no incluirlo explícitamente en la oración. Si uno lo incluye, lo añade al final de la oración.”

p. 20: “También las oraciones pueden clasificarse según la naturaleza del predicado. Salvo los predicados copulativos, todo predicado contiene un verbo como elemento mínimo y esencial. El tipo de verbo determina cuántos complementos pueden aparecer en la oración; también regula las concordancias de transitividad cuando se amplía la oración.

- Verbos univalentes son los que tienen sujeto como su único argumento: no pueden tener un complemento directo, es decir, son intransitivos.
- Verbos bivalentes son los que llevan un complemento directo; son transitivos.
- Verbos polivalentes son los que llevan más de un complemento.

A continuación describimos los predicados según su naturaleza, es decir, según la valencia del verbo.”

p. 26-27: “*El predicado con verbo polivalente*

El predicado con un verbo polivalente es transitivo. Consta de un verbo y dos o más complementos directos. También pueden darse otros constituyentes opcionales. Consideramos que un verbo como *inã dar*, que semánticamente lleva un complemento directo y un

complemento indirecto, es simplemente bivalente, no polivalente; nótese que con este tipo de verbo el complemento indirecto no lleva flexión que indique que es complemento indirecto. En (44) el sujeto es **epã papá**, el dique que es complemento indirecto. En (44) el sujeto es **epã papá**, el complemento directo es **kirika libro** y el complemento indirecto es **ea a mí**.

- (19)[44] *Mã epã ea kirika inã-ita.*
 ya papá me libro dar-pas.ayer
 ‘Papá ya me dio el libro ayer.’

La mayoría de los verbos polivalentes constan de una raíz verbal transitiva y uno o más sufijos derivacionales como **-an**, **-kin**, **-ma** o **-xon**. Cada sufijo derivacional introduce un argumento más en la oración. Los verbos pueden llevar más de un sufijo derivacional. Cada sufijo derivacional se relaciona con una frase nominal que funciona como complemento directo o indirecto.”

p. 86-87: “El absoluto

Una frase nominal está en el caso absoluto cuando funciona como sujeto de un verbo intransitivo, como sujeto de la oración copulativa, o como complemento directo o indirecto del verbo transitivo. La forma en el caso absoluto no lleva ningún sufijo indicador.

[...]

- (20)[409] *Apã afê fake kirika inã-ita.*
 papá-(erg) su hijo libro dar-pas.ayer
 ‘El papá dio el libro a su hijo.’ ”

8.

Resposta: Não identificamos causativa de transitivo formada a partir de verbos ambitransitivos no Yaminawá.

9.

Resposta: Não identificamos causativização com IN no Yaminawá.

10.

Resposta: Não. Como informado na resposta à questão 7, embora a ordem aparentemente recorrente nas causativas (A Causado O V) seja semelhante ao padrão das construções com verbos “bivalentes” (A OD OI V e A OI OD V), há variação nos dados. Faust e Loos (2002, p. 57) confirmam que, apesar de haver tendências, a exemplo da chamada “ordem normal” (A OD OI V), a ordem dos constituintes varia na língua. Contrastando a aparente tendência das

causativas e a ordem das construções com verbos “bivalentes”, o constituinte que ocupa o lugar típico de objeto direto pode ser o causado ou o paciente.

p. 57: “Aunque hay mucha variación en el orden de los constituyentes de la oración, hay tendencias generales y limitaciones.

1.5.1 Con verbo transitivo

El sujeto y el predicado que consta de verbo y complementos directo e indirecto, forman el núcleo de la oración transitiva. El orden normal de los componentes dentro del núcleo es SUJETO - COMPLEMENTO DIRECTO - COMPLEMENTO INDIRECTO - VERBO.”

11.

Resposta: Não identificamos restrições na formação das causativas de transitivos. Semanticamente, os participantes causador e causado apresentam traço [+ANIMADO]. Embora haja prevalência da 3ª pessoa nos dados consultados, o causado também aparece na 1ª pessoa.

12.

Resposta: Não identificamos referência a aspectos cognitivos em Faust e Loos (2002).

13.

Resposta: Não identificamos causativa sintática no Yaminawá.

14.

Resposta: Não identificamos causativa sintática.

15.

Resposta: Não identificamos causativa sintática.

16.

Resposta: Não identificamos pares com verbos lexicais transitivos no Yaminawá.

17.

Resposta: Não identificamos causativa lexical.

18.

Resposta: Considerando que as construções formadas com o sufixo *-ma* ~ *-man* ‘causativo’ são tratadas como “predicado com verbo polivalente” e que este tipo de predicado apresenta “dois ou mais complementos diretos”, Faust e Loos (2002, p. 26) parecem analisar o causado como objeto direto. No entanto, ao afirmar que os “predicados com verbos polivalentes” podem receber um “complemento indireto”, os autores acabam por indicar a possibilidade de o causado atuar como objeto indireto: “Cada sufixo derivacional se relaciona com um sintagma nominal que funciona como complemento direto ou indireto” (p. 27).

Esclarecemos que Faust e Loos (2002, p. 108) descrevem a causativa não pela introdução de um sujeito à construção primitiva, mas pelo acréscimo de um objeto: “o sufixo causativo *-ma* indica que o sujeito do verbo faz com que outro execute a ação. Ele adiciona um complemento ao verbo”.

p. 26-27: “*El predicado con verbo polivalente*”

El predicado con un verbo polivalente es transitivo. Consta de un verbo y dos o más complementos directos. También pueden darse otros constituyentes opcionales. Consideramos que un verbo como **inā** *dar*, que semánticamente lleva un complemento directo y un complemento indirecto, es simplemente bivalente, no polivalente; nótese que con este tipo de verbo el complemento indirecto no lleva flexión que indique que es complemento indirecto. [...]

La mayoría de los verbos polivalentes constan de una raíz verbal transitiva y uno o más sufijos derivacionales como **-an**, **-kin**, **-ma** o **-xon**. Cada sufijo derivacional introduce un argumento más en la oración. Los verbos pueden llevar más de un sufijo derivacional. Cada sufijo derivacional se relaciona con una frase nominal que funciona como complemento directo o indirecto.

En (45) hay dos sufijos derivacionales: **-ma** *causativo* y **-xon** *benefactivo*. El complemento directo es **faka** *agua* y el sujeto que causa la acción está implícito, *tú*. El complemento que recibe el beneficio de la acción es **noko** *nosotros*; el complemento que funciona como el agente de *traer* es **na fake** *este niño*.”

p. 108: “El sufijo causativo **-ma** indica que el sujeto del verbo causa que otro haga la acción. Agrega un complemento al verbo; si la raíz del verbo es intransitiva la combinación resulta en verbo transitivo.”

Resposta: O causado não mantém o caso nem a função sintática de sujeito. O fato de não receber sufixo de caso nas causativas de transitivos indica que o causado ocorre no caso absoluto (p. 86). O causador recebe a marca ergativa *-n* (V+n: *-ã, -nĩ, -ẽ, -õ, -nõ*), a qual é caracterizada pela nasalização. Não identificamos compartilhamento das propriedades sintáticas de sujeito entre o causador e o causado.

p. 86: “*El absoluto*”

Una frase nominal está en el caso absoluto cuando funciona como sujeto de un verbo intransitivo, como sujeto de la oración copulativa, o como complemento directo o indirecto del verbo transitivo. La forma en el caso absoluto no lleva ningún sufijo indicador.”

p. 25: “[...] nasalización que es la flexión del caso ergativo.”

p. 173: “*-n; (V+n: -ã, -nĩ, -ẽ, -õ, -nõ)* caso ergativo”

20.

Resposta: A codificação do causado, como a ordem, o caso absoluto, os pronomes pessoais e o sufixo de plural, também ocorre com outros constituintes, tanto em construções não causativas, a exemplo das transitivas com verbos “bivalentes” (18) [272], (19) [44] e (20) [409], quanto nas causativas. O constituinte que tende a apresentar ordem semelhante e caso absoluto exerce a função sintática de “complemento”, que é um “objeto” segundo Faust e Loos (2002, p. 82).

p. 82: “*Los pronombres y los casos*”

Los pronombres personales de primera y segunda persona presentan excepciones en el sistema ergativo. Se dividen en otras tres categorías, similares al castellano:

- el caso nominativo que funciona como sujeto del verbo, sea transitivo o intransitivo;
- el caso acusativo que funciona como complemento directo y complemento indirecto (objeto);
- los complementos circunstanciales.”

21.

Resposta: Não identificamos marcação morfológica distinta da função sintática do causado no Yaminawá. O caso absoluto, que indica os “complementos diretos e indiretos”, não é marcado (p. 86).

22.

Resposta: Sim, os dois participantes ocorrem no caso absolutivo, o qual não é marcado (p. 86). Como informado na resposta à questão 18, a construção formada com o sufixo *-ma ~ -man* ‘causativo’ é tratada como “predicado com verbo polivalente”, o qual, segundo Faust e Loos (2002, p. 26), apresenta “dois ou mais complementos diretos”. Neste sentido, os autores parecem analisar o causado e o paciente como objetos diretos. Em (7) [45], o paciente *faka* ‘água’ é tratado como “complemento direto”, o benefactivo *noko* ‘nós’ é analisado como “complemento”, e o causado *na fake* ‘este menino’ é entendido como “complemento que funciona como agente” do verbo (p. 27). Embora seja possível estabelecer uma distinção semântica entre os participantes, não identificamos testes ou critérios que diferenciem os comportamentos sintáticos do causado e do paciente.

p. 27: “En (45) hay dos sufijos derivacionales: **-ma** *causativo* y **-xon** *benefactivo*. El complemento directo es **faka** *agua* y el sujeto que causa la acción está implícito, *tú*. El complemento que recibe el beneficio de la acción es **noko** *nosotros*; el complemento que funciona como el agente de *traer* es **na fake** *este niño*.”

23.

Resposta: Em nossa interpretação, sim. Comparando-se estruturalmente os dados (1) [34] e (2) [552], verifica-se a introdução do sufixo causativo *-ma* e do causador na função de sujeito *extõ* ‘irmãozinho’. Como o causado *fafa* ‘papagaio’ ocorre no caso absolutivo (não marcado), indicando a função de “complemento”, entendemos que ele segue a hierarquia, pois assume a posição livre mais alta disponível após a demissão da função original de sujeito. Esclarecemos, porém, que a análise de Faust e Loos (2002, p. 108) sobre as causativas descreve não a introdução de um sujeito, mas a de um “complemento”, de maneira que o causado não seguiria a hierarquia nessa proposta dos autores.

p. 108: “El sufijo causativo **-ma** indica que el sujeto del verbo causa que otro haga la acción. Agrega un complemento al verbo; si la raíz del verbo es intransitiva la combinación resulta en verbo transitivo.”

24.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se há critérios ou propriedades sintáticas para diferenciar o causado dos demais constituintes. Embora a ordem de constituintes

seja um critério sintático potencial para diferenciar o causado do paciente e do benefactivo, Faust e Loos (2002, p. 57) informam que a ordem varia significativamente no Yaminawá.

25.

Resposta: Sim, o causado pode ser omitido, conforme os dados (9) [550] e (10) [551], repetidos em (11) [770] e (12) [771]. A omissão não altera a valência sintática.

p. 27: “La mayoría de los verbos polivalentes constan de una raíz verbal transitiva y uno o más sufijos derivacionales como **-an**, **-kin**, **-ma** o **-xon**. Cada sufijo derivacional introduce un argumento más en la oración.”

26.

Resposta: Não identificamos relativização do causado nas causativas formadas a partir de verbos transitivos, porém as posições de sujeito e objeto podem ser relativizadas nas construções não causativas.

p. 65: “Un pronombre demostrativo o personal puede servir como pronombre relativizador. El verbo adopta la forma participial y el pronombre ocupa la primera posición en la construcción relativa.

(21)[303] *Ea chere retê-a mĩshito-nõ, efenã.*
 mi pajarito matar-(perj)-comp gato-(erg) mío
 ‘El pajarito que el gato mató es mío.’

(22)[304] *Nã mĩshito-nõ xoya rete-a, efenã-to.*
 este gato-erg ratón matar-comp mío-erg
 ‘El gato que mató al ratón es mío.’

[...]

(23)[306] *Ê na mia inã-nõ, na efẽ ěpa ak-a maiti.*
 yo esto tú dar-para esto mi papá hacer-comp corona
 ‘Te voy a dar esto, una corona que mi papá hizo.’ ”

27.

Resposta: Como informado nas respostas às questões 4 e 11, nas construções causativizadas com o sufixo *-ma* ~ *-man* ‘causativo’, o causado apresenta traço [+ANIMADO] e ocorre com verbos transitivos ativos ou denotando ações potencialmente abstratas, como *nika* ‘ouvir’, em

(25) [302], e *tapĩ* ‘saber’, em (15) [556]. Com base nisso e nos dados disponíveis, constatamos que o causado pode expressar os papéis semânticos de agente e de experienciador.

28.

Resposta: Embora os dados disponíveis indiquem que o causado é animado, eles não permitem identificar os graus de controle, afetação ou volição do causado. Todavia, os exemplos com o verbo ingestivo *pi* ‘comer’, como (2) [552], (3) [553] e (4) [274], sugerem que o causado está no controle da ação.

29.

Resposta: Não identificamos mais de um tipo de causado na causativa de transitivo do Yaminawá.

30.

Resposta: Os exemplos com o verbo ingestivo *pi* ‘comer’ e com os verbos potencialmente abstratos *nika* ‘ouvir’ e *tapĩ* ‘saber’ sugerem que o causador pode atuar indiretamente.

31.

Resposta: Com base nos dados disponíveis, deduzimos que o causador atinge o resultado intencionalmente.

32.

Resposta: Com base nos dados disponíveis, deduzimos que o causador pode iniciar o processo naturalmente.

33.

Resposta: Com base nos dados disponíveis, e considerando a ausência de indícios da participação do causador, deduzimos que o causador não está envolvido na atividade.

p. 106: “El acompañativo **-kin** indica que el sujeto acompaña a otro para hacerlo efectuar la acción del verbo. Lo acompañado es un argumento añadido a la oración, a veces con un significado causativo. Delante de una consonante **-kin** se reduce a **-kĩ**. Este sufijo parece que no se usa con la misma frecuencia que en otros idiomas panos. Los yaminahua tienden a usar

el benefactivo **-xon** con el significado *ayúdame a hacerlo* además del significado *hazlo para mí*.

- (24)[534] *Ea yoa fi-kin-i a-fe.*
 mí yuca traer-acomp-prog hacer-impv
 ‘Ven a traer yuca conmigo.’ ”

p. 107: “Un verbo bivalente se convierte en verbo polivalente. Por ejemplo, el verbo **pi** *comer* es transitivo; lleva un complemento directo. Con el sufijo acompañativo se agrega un complemento adicional: **pi-kĩ** *comer con*.”

34.

Resposta: Aparentemente, sim. No dado (25) [302], formado com o verbo *nika* ‘ouvir’, o paciente pronominal *Nã* ‘esse’ aparece na primeira posição do enunciado, retomando uma informação pressuposta. Entendemos essas características como indício de topicalização do paciente. Os dados disponíveis não permitem concluir se há graus de foco relacionados ao causado ou ao paciente na causativa de transitivo.

Em relação às construções não causativas, entendemos haver indícios de tópico e foco na descrição de Faust e Loos (2002). A posição pós-verbal pode funcionar para indicar um tipo de *afterthought* ou tópico corretor, tendo em vista que “serve para explicar um dos elementos anteriores ou para explicitar algo no contexto” (p. 58). A posição inicial pode indicar o foco, como na construção (26) [385], com o verbo *fe* ‘trazer’, em que o sujeito *Fake-tii-tõ* ‘meninos-vários-que’ parece estar em foco contrastivo. Esclarecemos que Faust e Loos (2002) não dão esse tratamento aos dados.

p. 65: “

- (25)[302] *Nã ã ato nika-ma-tiro.*
 ése yo ellos escuchar-caus-pot
 ‘Puedo leer ése a ellos.’ ”

p. 81: “

- (26)[385] *Fake-tii-tõ kanoã fe-a-fo.*
 muchacho-varios-que canoa traer-comp-pl
 ‘Fueron los muchachos los que trajeron la canoa.’ ”

p. 58: “El verbo mayormente va al final de la oración, pero a veces otros constituyentes siguen al verbo, siendo su función explicativa; pues, sirven para explicar uno de los constituyentes anteriores o hacer explícito algo del contexto.”

35.

Resposta: Considerando que o único mecanismo formal usado no Yaminawá para formar causativas é o morfológico, não identificamos relação entre a frequência das situações e o tipo de construção causativa.

36.

Resposta: Além da causativa morfológica, não identificamos outros mecanismos formais para expressar causatividade a partir de verbos transitivos.

37.

Resposta: Mudança de valência. Faust e Loos (2002, p. 27) informam que os sufixos derivacionais, como o causativo *-ma*, introduzem um argumento a mais na oração.

Não identificamos informações explícitas sobre vozes verbais em relação às construções causativas.

p. 25: “Muchos verbos son bivalentes por naturaleza como **fi** en (32) y **pi** en (33), pero también pueden ser derivados de un verbo univalente y un sufijo temático como **-an**, **-kin**, **-ma**, o **-xon**.”

p. 27: “La mayoría de los verbos polivalentes constan de una raíz verbal transitiva y uno o más sufijos derivacionales como **-an**, **-kin**, **-ma** o **-xon**. Cada sufijo derivacional introduce un argumento más en la oración. Los verbos pueden llevar más de un sufijo derivacional. Cada sufijo derivacional se relaciona con una frase nominal que funciona como complemento directo o indirecto.”

p. 104: “Los sufijos verbales derivacionales cambian un nombre o un adjetivo a un verbo o cambian la valencia del verbo.”

38.

Resposta: Não identificamos causativas de verbos transitivos combinadas com outras vozes ou mecanismos de mudança de valência.

39.

Resposta: Não identificamos o percurso diacrônico nem a origem do sufixo *-ma* ~ *-man* ‘causativo’.

40.

Resposta: Não identificamos mudanças diacrônicas na marcação de caso do causado de verbo transitivo.

41.

Resposta: O causador é referido como “sujeito que causa a ação” (p. 27) e “sujeito do verbo” (p. 108). O causado é chamado de “complemento que funciona como o agente” (p. 27) e também parece ser tratado como “complemento direto” (p. 26). E o paciente é referido como “complemento direto” (p. 27). O verbo causativizado com o sufixo causativo *-ma* é chamado de “verbo polivalente” (p. 27), e o sufixo é tratado como “sufixo temático” (p. 25). Não identificamos definições explícitas dos termos.

42.

Resposta: Não identificamos terminologia particular referente às causativas formadas com verbos transitivos em Faust e Loos (2002). No entanto, em contraste com a análise dessas construções, os autores adotam “morfema de ativação” (p. 103) para o sufixo *-n*, o qual interpretamos como causativo de verbo intransitivo, conforme o dado (28) [515].

p. 103: “La adición de un morfema de activación *-n* cambia un verbo intransitivo a verbo transitivo. Como parte del tema, la *-n* se realiza siempre como nasalización.

El morfema de activación introduce un nuevo argumento a la frase verbal. Tiene la misma forma que el sufijo detrimental *-n*, pero el papel que desarrolla es muy diferente. El argumento introducido por el detrimental funciona como complemento indirecto; el de activación funciona como sujeto que causa que el sujeto subyacente haga la actividad expresada por la raíz del verbo.

oxa *dormir*

oxã *hacer dormir*

(27)[514] *Mã afẽ fake oxa.*
 ya su hijo dormir-(comp)
 ‘Su hijo ya se durmió.’

(28)[515] *Afã oxã afẽ fake.*
 su.mamá dormir-(hacer)-(comp) su hijo
 ‘La mamá hizo dormir a su hijo (cantando).’ ”

Shanenáwa (Pano)

Obras pesquisadas¹: Cândido (2004)

1.

Resposta: Cândido (2004) propõe que o Shanenáwa usa dois mecanismos formais: um morfológico, com o sufixo *-ma* ‘causativo’, e outro sintático, com *wa* ‘fazer’. A formação da causativa com o sufixo *-ma* pode ser vista no contraste entre os dados (1) [156 a.1.] [156 a.2.]. Neste último, ocorre a inserção de um causador na função de sujeito (*iwa-n* ‘mãe-ERG’), ocupando a posição mais à esquerda do enunciado, e do morfema *-ma* sufixado ao verbo (*riti-ma-a-ki* ‘matar-CAUS-PAS-DECL’). O antigo sujeito (*faki-n* ‘menino-ERG’), agora no papel de causado, permanece morfológicamente inalterado. O paciente da construção primitiva (*runu-φ* ‘cobra-ABS’) também não é modificado.

A causativa com o morfema *wa* é construída da mesma forma, conforme se depreende da comparação estrutural entre os dados (3) [111c] e (2) [157c]. Novamente, a inserção do causador e do morfema causativo não alteram a codificação original do sujeito e do objeto da construção primitiva ((3) [111c]), e o morfema *wa* não projeta novos argumentos, como poderia ocorrer em uma causativa sintática. Assim, em nossa interpretação, as construções com *wa*, (2) [157c] e (7) [235b], não reúnem as propriedades de uma causativa sintática porque não parecem ser formadas por mais de um verbo. Aparentemente, além de o morfema causativo ser uma forma presa, ele também não denota um evento independente. Registramos que a análise de Cândido (2004, p. 121) é apenas uma proposta e que a autora deixa a investigação do morfema *wa* em aberto para pesquisas futuras.

Por fim, em uma comparação estrutural dos dados (6) [126a] e (7) [235a], ambos formados com o verbo *aja* ‘beber’, notamos que, embora a causativa seja construída pelos mesmos processos descritos acima, com a inclusão de um causador e de um morfema causativo, o antigo sujeito (*Assis-ni* ‘Assis-ERG’) perde a marca ergativa (*faki-hu* ‘menino-DEF’). Esse fenômeno também ocorre na causativa (7) [235b], formada com o verbo *fi* ‘buscar, trazer’ e o morfema *-wa*.

p. 119: “Algumas línguas do mundo apresentam um processo morfossintático caracterizado pela afixação de alguns morfemas ao verbo principal da sentença indicando causativização. Em

¹ ABS: Absolutivo; ADV: Advérbio; BENEFIC: Beneficiário; CAUS: Causativo; COM: Comitativo; DAT: Dativo; DECL: Declarativo; DEF: Definido; DES: Desiderativo; ERG: Ergativo; FUT: Futuro; N.PAS: Não Passado; NEG: Negação; O: Objeto; Od: Objeto direto; Oi: Objeto indireto; PAS: Passado; POSS: Possessivo; PRES: Presente; V: Verbo; Vt: Verbo transitivo; lpp: Primeira pessoa plural; lps: Primeira pessoa singular; φ: Morfema zero.

Shanenawa, verificamos dois tipos de construções causativas: uma constituída pelo morfema {-ma} sufixado ao verbo principal e outra pelo verbo *wa* ‘fazer’ que também aparece ligado ao verbo principal. O primeiro caso é ilustrado pelo par de exemplos, abaixo: [...]

Como podemos ver, acima, o morfema {-ma} é sufixado ao verbo principal para indicar que o evento ou estado por ele referenciado é *causado* por um elemento distinto daquele que na sentença simples [...] ocupa a função de sujeito verbal. Ademais, notemos que o sufixo {-ma} funciona como uma espécie de transitivizador. Na realidade, em termos semânticos o verbo *şian* ‘chorar’ mantém-se como intransitivo, no sentido de não exigir um argumento do tipo objeto. Todavia, do ponto de vista formal, embora a função do sujeito agente do verbo principal seja mantida na sentença, o morfema {-ma} cria uma função sintática antes não existente, ou seja, a de sujeito de verbo transitivo, a qual é exercida pelo elemento causador (*causer*) do evento verbal em questão. Ao mesmo tempo, como predicado de A, temos a estrutura composta por S e o verbo *şian* ‘chorar’.”

p. 120: “O morfema causativo {-ma} não se restringe a verbos intransitivos. Também em bases verbais transitivas, conforme podemos constatar no par de exemplos, a seguir, é possível encontrarmos o sufixo de causativo:

(1) [156 a.1.] A	O	Vt	
<i>faki-n</i>	<i>runu-φ</i>	<i>riti-a-ki</i>	
menino-ERG	cobra-ABS	matar-PAS-DECL	
‘O menino matou a cobra.’			
[156 a.2.] A ₁	A ₂	O	Vt
<i>iwa-n</i>	<i>faki-n</i>	<i>runu-φ</i>	<i>riti-ma-a-ki</i>
mãe-ERG	menino-ERG	cobra-ABS	matar-CAUS-PAS-DECL
‘A mãe fez o menino matar a cobra.’			

Reparemos, agora, que a exemplo do que vimos anteriormente, também nesse tipo de construção uma nova posição A de argumento é criada e co-ocorre com aquela que já existia na sentença. Contudo, a introdução do morfema causativo e do elemento *causer* do evento ou estado verbal nas sentenças comunicativas pouco altera a ordem dos constituintes da sentença que é [S(CAUSER)S(S ou A)OV-CAUS]. Em suma, tanto nos casos em que o verbo é intransitivo quanto naqueles em que é transitivo, a posição do *causer* é sempre inicial, antecedendo a do outro sujeito.

Outra característica morfossintática que se mantém após a introdução do morfema causativo em uma sentença diz respeito ao sistema de marcação de caso ergativo/absolutivo, pois no caso de verbo intransitivo, ao passo que o *causer* é marcado pela nasalidade para indicar o caso ergativo, o outro argumento verbal figura marcado pelo caso absolutivo, ou seja, {φ}.

Por outro lado, quando se trata de um verbo transitivo, tanto o *causer* quanto o sujeito A levam a marca de caso ergativo, em contrapartida, os objetos são marcados pelo caso absolutivo.”

p. 120-121: “A segunda forma de indicar sentenças causativas em Shanenawa é feita por uma espécie de locução constituída pelo verbo principal e um auxiliar, *wa* ‘fazer’. O interessante desse tipo de construção é o fato de o verbo *wa* perder sua característica de palavra para figurar como um morfema que se prende ao verbo principal. A exemplo de outras categorias linguísticas (cf. seção 3.3.2.2. sobre compostos), o verbo *wa* ‘fazer’ é, então, incorporado ao verbo principal como um sufixo com comportamento semelhante ao de outros morfemas verbais, por exemplo, tempo, negação, modo, entre outros. Os dados, a seguir, referenciam tal tipo de causativização:

[...]

- (2) [157c] *awinhu-n* *faki-hu-n* *šipi-φ* *pi-wa-a-ki*
mulher-ERG criança-DEF-ERG banana-ABS comer-CAUS-PAS-DECL
‘A mulher fez a criança comer banana.’ ”

p. 89: “

- (3) [111c] *Iraci-ni* *nami-φ* *pi-a-ki*
Iraci-ERG carne-ABS comer-PAS-DECL
‘Iraci comeu carne.’ ”

p. 121: “Sobre esse último tipo de causativização, ressaltamos que pesquisadores de outras línguas Pano, como, por exemplo, Eakin (1991), alertam para o fato de tanto o verbo “fazer” quanto o morfema causativo apresentarem a mesma forma. Essa autora, ao descrever a língua Yaminahua do Peru, utiliza como argumento o fato de verbos não poderem receber prefixos. Isto é, se {-wa} fosse considerado um verbo, a forma que imediatamente a antecede na estrutura verbal deveria ser considerada um prefixo. Todavia, a posição em que {-wa} ocorre na estrutura verbal é exclusiva de sufixos que imediatamente seguem uma base verbal que, por sua vez, não pode ser interpretada como um prefixo. Isso distingue naquela língua *wa* ‘verbo fazer’ de {-wa} sufixo marcador do causativo. Conscientes disso, é preciso salientar que a descrição que fizemos dos mesmos elementos linguísticos no Shanenawa (aliás, são cognatos) é apenas uma proposta de análise. Afinal, há ainda outras hipóteses que devem ser consideradas. Uma delas é de cunho fonológico, pois, diferentemente do que se pensa sobre a forma {-wa} como o verbo ‘fazer’, por que não postularmos que, na realidade, as formas {-ma} e {-wa} são alomorfes? De fato, por serem foneticamente semelhantes os fonemas /w/ e /m/ poderiam estar em variação, porém, como não temos maiores evidências disso, deixaremos essa hipótese para ser discutida em trabalhos futuros.”

p. 76: “O Shanenawa parece não apresentar casos de prefixos, infixos ou circunfixos.”

p. 95: “

- (4) [118d] *Militão-nu Auricélio-fîtan pia-φ wa-i-ki*
 Militão-ERG Auricélio-COM flechas-ABS fazer-PRES-DECL
 ‘Militão estão fazendo flechas junto com Auricélio.’ ”

p. 154: “

- (5) [202a] *nukuhuni-n pişi-φ [wa]V{-paj}Sufixo-ki*
 homem-ERG casa-ABS fazer-DES-DECL
 ‘O homem quer fazer uma casa.’ ”

p. 100: “

- (6) [126a] *Assis-ni ini matfi aia-a-ki*
 Assis-ERG água gelada beber-PAS-DECL
 ‘Assis bebeu a água gelada.’ ”

p. 183-184: “As construções complemento com verbos de “manipulação”

A exemplo das construções com verbos de modalidade, os enunciados com verbos de manipulação também são constituídos por sentenças formalmente simples em que se acrescenta a ideia de manipulação co-lexicalizada, isto é, via morfema afixado ao verbo complemento. Nesse caso, os morfemas podem, dependendo da semântica da manipulação, serem os mesmos designados para marcar o causativo nessa língua {-ma} ou {-wa}, conforme mostrado em 3.2.1.3.5. e reiterado pelos exemplos em (235:a-b) [...]

- (7) [235a] *iwa-n faki-hu raw-φ aja-ma-a-ki*
 mãe-ERG menino-DEF veneno-ABS beber-CAUS-PAS-DECL
 ‘A mãe mandou o menino beber remédio.’
- [235b] *awinhu-n nukuhuni atsa-φ fi-wa-a-ki*
 mulher-ERG homem macaxeira-ABS buscar-CAUS-PAS-DECL
 ‘A mulher fez o homem ir buscar macaxeira.’ ”

p. 197: “

- (8) [251c] ADJUNTO S Oi Od V
jamiri Bruno-nu Raimunda-φ atsa-φ fi-sunu-ki
 ADV(amanhã) Bruno-ERG Raimunda-DAT macaxeira-ABS trazer-FUT-DECL
 ‘Bruno trará macaxeira para Raimunda, amanhã.’ ”

2.

Resposta: A construção é causativizada diretamente.

3.

Resposta: Não identificamos outras funções desempenhadas pelo sufixo *-ma* ‘causativo’. A existência do sufixo de negação *-ma* é tratada como homofonia por Cândido (2004, p. 80, 118). A forma *wa* funciona como “morfema preso” (p. xvii-xviii) e como o verbo *wa* ‘fazer’, conforme os dados (4) [118d] e (5) [202a].

p. xvii-xviii: “Lista de Morfemas Presos da Língua Shanenawa

[...]

{-ma} Causativo [...]

{-ma} Negação [...]

[...]

{-wa} Causativo [...]

p. 80: “Em contraste com os alomorfes, há ainda os chamados morfes homófonos que podem realizar mais de um morfema. Em Shanenawa, um exemplo disso é o morfe {ma} que, entre outras funções, na forma do sufixo {-ma}, como já vimos aqui, é marca de negação; mas como a forma livre {ma} se refere ao advérbio ‘já’, tal como ilustram os exemplos:

(9) [99a] *nun* *ma* *pi-a-ki*
 1pp já (ADV) comer-PAS-DECL
 ‘Nós já comemos.’

[99b] *nun* *pi-a-ma-ki*
 1pp comer-PAS-NEG-DECL
 ‘Nós não comemos.’ ”

p. 118: “

(10)[153a] *nawa-φ* *na-a-ma-ki*
 homem branco-ABS morrer-PAS-NEG-DECL
 ‘O homem não morreu.’

[153b] *in* *istuku-φ* *pi-i-ma-ki*
 1ps macaco-ABS comer-N.PAS-NEG-DECL
 ‘Eu não como macaco.’ ”

[...]

Observemos nos dados, acima, a posição que o sufixo de negação ocupa na estrutura verbal. Essa ordem de ocorrência do morfema {-ma} é muito importante, pois, conforme veremos no próximo item, a língua conta com um sufixo verbal homófono a {-ma}, que, porém, indica o causativo. A distinção entre os dois sufixos se restringe à colocação de ambos na estrutura verbal: o morfema de negação ocupa uma posição após os sufixos de tempo, como nos dados em (153); o causativo, por sua vez, se posiciona antes dos sufixos temporais.”

4.

Resposta: Não identificamos exemplos de verbos transitivos com os morfemas *-ma* ‘causativo’ ou *-wa* denotando ação abstrata. Os dados mostram os seguintes verbos transitivos ativos: “beber” (*aja*), “buscar, trazer” (*fi*), “comer” (*pi*) e “matar” (*riti*).

5.

Resposta: Embora Cândido (2004) verifique a existência dos marcadores causativos *-ma* e *-wa*, a autora não identifica o que motiva a escolha de um ou outro.

p. 121: “Afinal, há ainda outras hipóteses que devem ser consideradas. Uma delas é de cunho fonológico, pois, diferentemente do que se pensa sobre a forma {-wa} como o verbo ‘fazer’, por que não postularmos que, na realidade, as formas {-ma} e {-wa} são alomorfes? De fato, por serem foneticamente semelhantes os fonemas /w/ e /m/ poderiam estar em variação, porém, como não temos maiores evidências disso, deixaremos essa hipótese para ser discutida em trabalhos futuros.”

6.

Resposta: Aparentemente, sim. Considerando que o verbo *fi* ‘buscar, trazer’ é usado com um “objeto indireto” no caso dativo (- ϕ) em construções não causativas, a exemplo de (8) [251c] e (11) [251e], a causativa (7) [235b] parece ser formada a partir de um verbo de três argumentos. No entanto, não identificamos a contraparte não causativa dessa construção em Cândido (2004), e o dado (7) [235b] mostra apenas três participantes. Não identificamos a função do causado nessa construção.

Embora Cândido (2004) não adote as terminologias “ditransitivo” e “bitransitivo”, registramos que a autora verifica a existência de construções com dois e com três objetos na língua, conforme (12) [250a] e (13) [253], respectivamente. Assim, além dos argumentos sujeito e objeto direto, a autora identifica o “objeto indireto” e o “objeto benefactivo” (p. 198-199).

p. 197: “

(11)[251e]	S	Oi	Od	V	ADJUNTO
	<i>Bruno-nu</i>	<i>Raimunda-ϕ</i>	<i>atsa-ϕ</i>	<i>fi-sunu-ki</i>	<i>jamiri</i>
	Bruno-ERG	Raimunda-DAT	macaxeira-ABS	trazer-FUT-DECL	ADV(amanhã)
	‘Bruno trará macaxeira para Raimunda, amanhã.’ ”				

p. 196: “

(12)[250a]	S	Oi	Od	V
	<i>Iraci-ni</i>	<i>takara-φ</i>	<i>šiki-φ</i>	<i>inan-a-ki</i>
	Iraci-ERG	galinha-DAT	milho-ABS	dar-PAS-DECL
	‘Iraci deu milho para a galinha.’ ”			

p. 198-199: “Um caso que deve ser mencionado aqui é o de sentenças que apresentam além dos papéis de objeto direto e indireto um outro objeto, cuja função é a de benefactivo da ação do sujeito/agente. Considerando o já descrito em 3.3.2.2.5., nesse tipo de sentença, a distinção entre os objetos deve ser feita com base em alguns fatores. Primeiramente, lembremos que na língua Shanenawa os papéis gramaticais de sujeito e objeto direto são marcados na morfologia nominal pelos casos ergativo (através do morfema {-n} e seus alomorfes) e absolutivo (através da marca φ), respectivamente. A função de objeto indireto também não apresenta uma marca formal no nome; o mesmo ocorrendo com o objeto benefactivo, já que tal função semântica é marcada no verbo através do sufixo {-šun} ou {-šuna}. Com isso, a distinção entre esses três tipos de objeto não pode estar restrita à morfologia. Ao nosso ver, aliás, esse tipo de sentença é um dos argumentos mais fortes em favor da hipótese de que o Shanenawa é uma língua com ordem bastante rígida e que obedece às hierarquias funcionais das quais estamos tratando aqui. Afinal, nesse caso a sequência objeto direto, precedendo imediatamente o verbo deve ser mantida, acrescida da rigidez no ordenamento espacial do objeto indireto e do objeto beneficiário. Este último ocorrerá sempre antes do objeto direto, enquanto o objeto indireto deve manter sua posição próxima ao sujeito, conforme o seguinte esquema: S > Oi > BENEFICIÁRIO > Od > V-BENEF. O exemplo, a seguir, ilustra esse ordenamento:

(13)[253]	S	Oi	O	Od	V
	<i>nukuhuni-n</i>	<i>faki-φ</i>	<i>awinhu-φ</i>	<i>piti-φ</i>	<i>inan-šun-a-ki</i>
	homem-ERG	criança-DAT	mulher-BENEFIC	comida-ABS	dar-BENEF-PAS-DECL
	‘O homem deu comida para a criança para a mulher. ’ ”				

7.

Resposta: Diferentemente das construções primitivas de três argumentos, as quais apresentam dois objetos (A OI OD V), a exemplo de (12) [250a], as causativas de transitivos do Shanenawa mostram dois sujeitos ergativos (A A O V), como em (1) [156 a.2.]. Ambas as estruturas parecem se basear na ordem de constituintes padrão das transitivas (AOV), conforme (1) [156 a.1.] e (3) [111c]. As marcas de caso e os sufixos verbais são os mesmos nessas construções.

8.

Resposta: Não identificamos causativa de transitivo formada a partir de verbos ambitransitivos no Shanenáwa.

9.

Resposta: Não identificamos causativização com IN no Shanenáwa, embora Cândido (2004, p. 159-160) defenda a existência de um processo análogo à IN nessa língua.

p. 159-160: “Em Shanenawa, as bases nominais em (210:a) combinam-se por justaposição com as respectivas bases verbais em (210:b), do que resultam novas bases de natureza verbal. De acordo com as teorias morfológicas relativas aos processos de composição, poderíamos dizer que tal caso poderia ser um tipo de incorporação, já que este, segundo Mithun (1984), Spencer (1991), entre outros, é um processo de formação de palavras em que uma palavra, comumente um verbo, junta-se ao seu objeto direto (paciente) ou modificador adverbial (lugar, instrumento, entre outros), sem que estes percam suas funções sintáticas originais, para formar um composto, isto é, um predicado intransitivo que denota um conceito unitário. Contudo, nos casos verificados em Shanenawa registramos uma particularidade: somente a sílaba inicial dos nomes que participam desses processos de composição é incorporada ao verbo [...]

A particularidade acima descrita é o que nos impede de considerar tais processos de composição como incorporações convencionais, haja vista que, conforme Spencer (1991), para que uma incorporação verdadeira ocorra, as formas (morfemas ou palavras) que constituem os compostos, quando isoladas devem representar uma paráfrase de tais compostos. [...]

[...] estamos, em princípio, considerando o processo de formação de compostos ilustrado em (211), como uma espécie de “semi-incorporação” nominal ou, ainda, um tipo de incorporação seguida de apagamento por razões fonológicas ou morfológicas não detectadas neste estudo.”

10.

Resposta: Sim. Nos dados identificados, a ordem é A_(causador) A_(causado) O V, conforme (1) [156 a.2.], (2) [157c], (7) [235a] [235b]. O constituinte que ocupa o lugar típico de objeto absolutivo é o paciente.

p. 120: “Reparemos, agora, que a exemplo do que vimos anteriormente, também nesse tipo de construção uma nova posição A de argumento é criada e co-ocorre com aquela que já existia na

sentença. Contudo, a introdução do morfema causativo e do elemento *causer* do evento ou estado verbal nas sentenças comunicativas pouco altera a ordem dos constituintes da sentença que é [S(CAUSER)S(S ou A)OV-CAUS]. Em suma, tanto nos casos em que o verbo é intransitivo quanto naqueles em que é transitivo, a posição do *causer* é sempre inicial, antecedendo a do outro sujeito.”

11.

Resposta: Não identificamos restrições na formação das causativas de transitivos. Semanticamente, os participantes causador e causado apresentam traço [+HUMANO] e ocorrem na 3ª pessoa do discurso em todos os dados consultados.

12.

Resposta: Não identificamos referência a aspectos cognitivos em Cândido (2004).

13.

Resposta: Não identificamos causativa sintática no Shanenáwa. Embora Cândido (2004, p. 119-121) proponha sua existência com o verbo *wa* ‘fazer’, a autora reconhece outras possibilidades de análise e acaba por deixar a questão em aberto para pesquisas futuras.

Em nosso ponto de vista, conforme antecipado na resposta à questão 1, as construções (2) [157c] e (7) [235b], formadas com *-wa*, não parecem atuar como causativas sintáticas pelos seguintes motivos: a) a estrutura dessas construções é a mesma daquela formada com o sufixo *-ma* ‘causativo’; b) o morfema *-wa* causativo atua sufixado ao verbo, como uma forma presa; c) a estrutura verbal do verbo transitivo *wa* ‘fazer’ em (4) [118d] (*wa-i-ki* ‘fazer-PRES-DECL’), por exemplo, difere daquela da causativa com *-wa* em (2) [157c] (*pi-wa-a-ki* ‘comer-CAUS-PAS-DECL’); d) o morfema *-wa* não projeta argumentos e não denota um evento independente, como poderia ocorrer em uma causativa sintática; e) o morfema *-wa* parece não expressar nenhuma informação gramatical típica de um possível verbo auxiliar; f) a gramaticalização de verbos com o significado de “fazer” está entre as origens tipológicas das marcas causativas.

Notamos que Cândido (2004, p. 120-121) também identifica algumas dessas características. A autora afirma que, em seu uso causativo, o morfema *-wa* “perde sua característica de palavra”, “figura como um morfema que se prende ao verbo principal”, “é incorporado ao verbo principal como um sufixo com comportamento semelhante ao de outros morfemas” e “a posição em que ocorre na estrutura verbal é exclusiva de sufixos”. Além disso, reforçando a possibilidade de *-wa* atuar como sufixo, Cândido (2004, p. 76) afirma que “o Shanenawa parece não apresentar

casos de prefixos”, e classifica a forma *-wa* ‘causativo’ entre os morfemas presos da língua (p. xvii-xviii).

14.

Resposta: Não identificamos causativa sintática (cf. resposta à questão 13).

15.

Resposta: Não identificamos causativa sintática (cf. resposta à questão 13).

16.

Resposta: Não identificamos pares com verbos lexicais transitivos no Shanenáwa.

17.

Resposta: Não identificamos causativa lexical.

18.

Resposta: O causado assume a função de sujeito, marcado pelo caso ergativo. Não identificamos a função sintática do causado nas construções em que ele não recebe a marca ergativa, como (7) [235a] [235b].

19.

Resposta: Sim. Em (1) [156 a.2.] e (2) [157c], o causado mantém o caso ergativo que exercia na construção primitiva e permanece na posição imediatamente à esquerda do objeto. Logo, é tratado como sujeito, assim como o novo argumento “A” (causador). O critério usado para diferenciar o sujeito no papel de causador é a ordem de constituintes, pois ele sempre ocupa a posição inicial da sentença (Cândido, 2004, p. 120).

Esclarecemos que, nos dados (7) [235a] [235b], o causado não é marcado com o caso ergativo, como se observa em *faki-hu* ‘menino-DEF’ e *nukuhuni* ‘homem’, respectivamente.

p. 198: “[...] na língua Shanenawa os papéis gramaticais de sujeito e objeto direto são marcados na morfologia nominal pelos casos ergativo (através do morfema {-n} e seus alomorfes) e absolutivo (através da marca ϕ), respectivamente.”

p. 88: “O caso ergativo está associado ao nome em função de sujeito de verbos transitivos.

[...] o caso ergativo geralmente é marcado por um dentre os sufixos {-n}, {-ni}, {-na}, {-nu}”

p. 120: “Reparemos, agora, que a exemplo do que vimos anteriormente, também nesse tipo de construção uma nova posição A de argumento é criada e co-ocorre com aquela que já existia na sentença. Contudo, a introdução do morfema causativo e do elemento *causer* do evento ou estado verbal nas sentenças comunicativas pouco altera a ordem dos constituintes da sentença que é [S(CAUSER)S(S ou A)OV-CAUS]. Em suma, tanto nos casos em que o verbo é intransitivo quanto naqueles em que é transitivo, a posição do *causer* é sempre inicial, antecedendo a do outro sujeito. [...]

Por outro lado, quando se trata de um verbo transitivo, tanto o *causer* quanto o sujeito A levam a marca de caso ergativo, em contrapartida, os objetos são marcados pelo caso absolutivo.”

20.

Resposta: A marca de caso do causado ocorre com o sujeito causador nas construções causativas e com os sujeitos de orações não causativas. A ordem imediatamente à esquerda do objeto também é característica dos sujeitos não causativos. As codificações de definitude (- ϕ) ou indefinitude (-*hu*) também são usadas com outros nomes de referentes humanos (p. 96). Observamos que, nos dados (2) [157c] e (7) [235a], os causados *faki-hu-n* ‘criança-DEF-ERG’ e *faki-hu* ‘menino-DEF’ são marcados com -*hu* e glosados como ‘definidos’.

p. 120: “Por outro lado, quando se trata de um verbo transitivo, tanto o *causer* quanto o sujeito A levam a marca de caso ergativo, em contrapartida, os objetos são marcados pelo caso absolutivo.”

p. 96: “Definitude

A categoria definitude é observada quando o conteúdo expresso por um determinado nome apresenta-se *definido* para o falante em oposição ao que é/está *indefinido* no/pelo contexto extralinguístico. Em Shanenawa, essa categoria restringe-se à classe dos nomes humanos e é marcada pelo morfema {- ϕ } que se contrapõe ao sufixo {-*hu*}, marca de indefinitude ou generalização do ser nomeado.”

21.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se há marcação morfológica distinta da função sintática do causado. Embora os causados de (1) [156 a.2.] e (2) [157c] recebam a marca

de caso ergativo e sejam tratados como “sujeito A” (p. 120), os causados de (7) [235a] [235b] não mostram a codificação ergativa. Não identificamos análise destes últimos dados em Cândido (2004). Esclarecemos que o sufixo de caso ergativo *-n ~ -ni ~ -na ~ -nu* codifica a função de sujeito do verbo transitivo no Shanenáwa (p. 88).

22.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se o causado e o paciente podem ser codificados simultaneamente como dois objetos. Embora os causados de (7) [235a] [235b] apareçam sem a marca ergativa (*-n ~ -ni ~ -na ~ -nu*), não identificamos análises ou evidências de duplicidade da função sintática de objeto. De acordo com Cândido (2004), as relações gramaticais do Shanenáwa são diferenciadas pela ordem de constituintes.

23.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se o causado pode seguir a Hierarquia de Caso. Embora os causados de (7) [235a] [235b] sejam realizados sem a marca ergativa (*-n ~ -ni ~ -na ~ -nu*), não identificamos análises ou evidências de demorção sintática para a próxima posição livre disponível. Esclarecemos que o causado pode permanecer com a mesma marca de caso ergativo que recebia na construção não causativa, mantendo assim a posição de sujeito, conforme se verifica no contraste dos dados (1) [156 a.1.] [156 a.2.].

24.

Resposta: Sim. A ordem de constituintes diferencia o causado do sujeito no papel de causador. Quanto aos argumentos na função de objeto, embora seja possível estabelecer distinção morfológica, já que o causado recebe a marca ergativa, não identificamos critérios ou propriedades sintáticas para diferenciá-lo desses objetos.

25.

Resposta: Não identificamos causativas de verbos transitivos com omissão ou exclusão do causado.

26.

Resposta: Não identificamos relativização do causado nas causativas formadas a partir de verbos transitivos, porém as posições de sujeito e objeto podem ser relativizadas nas construções não causativas.

p. 185-186: “Em Shanenawa, os falantes costumam organizar os enunciados do seguinte modo: um constituinte da sentença maior (tradicionalmente chamada “matriz” ou “principal”) é relativizado por meio do encaixamento de uma sentença restritiva na sentença maior. Como podemos notar nos exemplos em (237), a seguir, os sintagmas nominais (*nukuhuni* ‘homem’, nos três primeiros dados, e *şaşu* ‘canoa’, no último) das orações matrizes são modificados, ou seja, seus campos de referência são restringidos pelas sentenças restritivas.

(14) [237a] $[[nukuhuni]_{Nu} [na-şinan]_{Orestr} iwapa-ma-sta]_{Omatriz}$
 homem morrer-PAS grande-NEG-?(baixo)
 ‘[O homem [φ que morreu] era baixo].’

[237b] $[[nukuhuni]_{Nu} [in uin-a]_{Orestr} u-a-ki]_{Omatriz}$
 homem 1ps ver-PAS vir/chegar-PAS-DECL
 ‘[O homem [que eu vi φ], chegou].’

[237c] $[[in [nukuhuni]_{Nu} futî-a] [ia piti-φ pi-a]_{Orestr}]_{Omatriz}$
 1ps homem encontrar-PAS POSS comida-ABS comer-PAS
 ‘[Eu encontrei o homem [φ que comeu minha comida].’ ”

27.

Resposta: Como informado nas questões 4 e 11, os verbos causativizados com os morfemas *-ma* ‘causativo’ ou *-wa* são transitivos ativos, e o causado apresenta traço [+HUMANO]. Com base nessas informações e nos dados disponíveis, constatamos que o causado é animado e expressa também o papel semântico de agente.

28.

Resposta: Embora os dados disponíveis indiquem que o causado é animado, eles não permitem identificar os graus de controle, afetação ou volição do causado. Todavia, os exemplos (2) [157c], com verbo ingestivo, e (7) [235a], no qual o causador age por meio de um comando oral, sugerem que o causado está no controle da ação.

29.

Resposta: Embora o causado possa ocorrer com ou sem a marca ergativa, conforme os dados (1) [156 a.2.] e (2) [157c], codificados com *-n* ‘ergativo’, e (7) [235a] [235b], sem marca de caso, os dados disponíveis não permitem concluir qual deles é mais integrado conceitualmente à sentença.

30.

Resposta: Considerando que o causador pode agir por meio de comandos, como em (7) [235a], deduzimos que ele é capaz de atuar indiretamente sobre o causado.

31.

Resposta: Considerando que o causador pode agir por meio de comandos, a exemplo de (7) [235a], deduzimos que ele é capaz de atuar intencionalmente.

32.

Resposta: Considerando que o causador pode agir verbalmente, conforme (7) [235a], deduzimos que ele é capaz de iniciar o processo naturalmente.

33.

Resposta: Com base nos dados disponíveis, e considerando a ausência de indícios da participação do causador, deduzimos que o causador não está envolvido.

34.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se há graus de topicalidade ou foco relacionados ao causado ou ao paciente na causativa de transitivo.

35.

Resposta: Não identificamos relação entre a frequência das situações e o tipo de construção causativa. Como informado na resposta à questão 13, embora Cândido (2004, p. 119-121) proponha a existência de causativas sintáticas formadas com o verbo *wa* ‘fazer’, não identificamos causativa sintática no Shanenáwa. Com base nos dados disponíveis, o único mecanismo usado para formar causativas de transitivos parece ser o morfológico.

36.

Resposta: Além da causativa morfológica, não identificamos outros mecanismos formais para expressar causatividade a partir de verbos transitivos. Como informado na resposta à questão 13, embora Cândido (2004, p. 119-121) proponha a existência de causativas sintáticas formadas com o verbo *wa* ‘fazer’, não identificamos causativa sintática no Shanenáwa.

37.

Resposta: Mudança de valência. O morfema causativo é entendido como “transitivizador” (p. 119). Esclarecemos que Cândido (2004) iguala os conceitos de “valência” e de “transitividade”. Não identificamos informações explícitas sobre vozes verbais em relação às construções causativas.

p. 119: “Ademais, notemos que o sufixo {-ma} funciona como uma espécie de transitivizador. [...] o morfema {-ma} cria uma função sintática antes não existente, ou seja, a de sujeito de verbo transitivo, a qual é exercida pelo elemento causador (*causer*) do evento verbal em questão.”

p. 120: “[...] também nesse tipo de construção [transitiva] uma nova posição A de argumento é criada e co-ocorre com aquela que já existia na sentença.”

p. 208: “[...] a valência (transitivo ou intransitivo) de um dos verbos envolvidos no enunciado.”

38.

Resposta: Não identificamos causativas de verbos transitivos combinadas com outras vozes ou mecanismos de mudança de valência.

39.

Resposta: Não identificamos o percurso diacrônico nem a origem do sufixo *-ma* ‘causativo’. Em relação ao morfema *-wa*, registramos que a gramaticalização de verbos com o significado de “fazer” está entre as origens tipológicas das marcas causativas. Esse pode ser um indício para explicar por que o verbo *wa* ‘fazer’ é segmentalmente igual à forma presa causativa *-wa*.

40.

Resposta: Não identificamos mudanças diacrônicas na marcação de caso do causado de verbo transitivo.

41.

Resposta: O causador é referido como “causador (*causer*)”, “sujeito de verbo transitivo” (p. 119), “A₁” e “nova posição A de argumento” (p. 120). O causado é chamado de “sujeito agente do verbo principal” (p. 119), “A₂”, “outro sujeito” e “sujeito A” (p. 120). Por sua vez, o paciente é tratado como “O” e “objeto” (p. 120). Esclarecemos que os termos “A” e “O” são definidos, respectivamente, como “nomes em função de sujeito de verbo transitivo” e “nomes que funcionam como objeto” (p. 128). Não identificamos outras definições explícitas.

42.

Resposta: Não identificamos terminologia particular em Cândido (2004).

Tikuna (língua isolada)

Obras pesquisadas¹: Bertet (2020)

1.

Resposta: O mecanismo formal que o Tikuna usa é o morfológico, por meio do sufixo */-’ě’e/* ‘causativo’. Isso pode ser identificado no contraste entre os dados (1) [424a] [424b]. Em [424a], o verbo transitivo *ngo* ‘morder’ ocorre com dois argumentos, sendo o sujeito *ōtǎ* ‘galinha’ e o objeto *tù’è* ‘mandioca’. Em [424b], o mesmo verbo é marcado com o sufixo *-’ě’e* ‘causativo’ e com o pronome de primeira pessoa *chā*=, na função de sujeito, de maneira que o enunciado passa a ter três participantes: o causador *chā*= ‘1SG.SBJ’, o causado *ōtǎ-’ũ* ‘galinha-ACC’ e o paciente *tù’è* ‘mandioca(OBJ)’. Em outro dado, na causativa (2) [426], o verbo *tū* ‘derrubar’ também recebe o morfema causativo *-’ě’e*, e o enunciado apresenta três participantes (causador *tà*= ‘3S.SBJ\SBJV’, causado *nũ*= ‘3M/N/NS.ACC’ e paciente *tũ-mà-nētũ* ‘planta dela’).

p. 372-373: “4.5.2 */-’ě’e/* ‘CAUS’

The suffix */-’ě’e/* is a causativizer suffix. It derives transitive predicative phrases from either intransitive or transitive predicative phrases of any kind, and allows for the introduction into the resulting construction of an additional referent which occupies the syntactic function of subject and whose semantic role is that of a causer. As a rule, the referent that initially had the syntactic function of subject in the non-causative construction (*i.e.* the referent whose semantic role is that of a causee in the resulting construction) takes on the syntactic function of object in the causative construction if the initial predicative phrase was intransitive [...].

[...]

If the initial predicative phrase was transitive, however, that referent is demoted to the status of oblique argument in the accusative, while the referent that was initially the object retains the function of object (compare (424a) and (424b)).²⁵³ Note that predicative phrases derived with */-’ě’e/* ‘CAUS’ are thus always monotransitive—not ditransitive—as they never feature more than one position for an object argument, even when derived from predicative phrases that were already initially transitive.²⁵⁴

(1) [424a] *Ōtǎ tù’è ná-ngo.*

¹ ACC: Acusativo; ALOC: Locativo areal; AM: Movimento associado; ANAPH: Anafórico; ANTIP3: Antipassivo 3; CAUS: Causativo; CIRC: Circunstancial; CONJ: Conjunção; DIR: Direção; DISTR: Distributivo; F: Feminino; GEN: Genitivo; INTR: Intransitivo; IRR: *Irrealis*; LK: *Linker*; M: Masculino; MED: Medial; N: Neutro; NEG: Negação; NS: Não salientivo; OBJ: Objeto; PC̃: Classe predicativa *ĩ*; PL: Plural; PLOC: Locativo pontual; PST: Passado; QUOT: Quotativo; REFL: Reflexivo; S: Salientivo; SBJ: Sujeito; SBJV: Subjuntivo; SG: Singular; SUB: Subordinador; TOP: Topicalizador; VOC: Vocativo; 1: Primeira pessoa; 2: Segunda pessoa; 3: Terceira pessoa.

ōtā' tū'è ná=ngo
 chicken(SBJ) manioc(OBJ) 3M/N/NS.SBJ=bite
 'The chicken eats manioc.'

[424b] *Ōtā'ū tū'è chā-ngo'ē'e.*

ōtā'-ū tū'è chā=ngo-'ē'e
 chicken-ACC manioc(OBJ) 1SG.SBJ=bite-CAUS
 'I feed the chicken manioc [lit. 'I cause the chicken to eat manioc.']. ' [JSG elic.]

²⁵³ SMAT's [San Martín de Amacayacu Tikuna] causative constructions in /-'ē'e/ involving an initially transitive predicative phrase thus fall within the Type (v) of Dixon's (2000:54–56) syntactically-based typology of morphologically-derived causative constructions ('original O stays as O, original A moves out of the core').

²⁵⁴ SMAT does not allow ditransitive predicates of any kind, more generally."

p. 373-374: "The following examples feature spontaneous occurrences of causative constructions involving the suffix /-'ē'e/ based on an initially intransitive predicative phrase (425) and an initially transitive predicative phrase (426). In these examples, the causee and patient referents are syntactically treated according to the general rules stated above.

[...]

(2) [426] *[...] tǎu <tūnà-...> <tà-...> tūnà-chi'èwēgǔ'ūkqā'a nū-îgá... [...]*
tūmànētū ā'a nūtā-tū'ē'è'ū.

tǎu <tū=nà=...> <tà=...>
 NEG 3S.ACC=3M/N/NS.SBJ\SBJV= 3S.SBJ\SBJV=
tū=nà-chi'è-wē-gǔ-'ū-kq-ā'a
 3S.ACC=3M/N/NS.SBJ\SBJV=be.bad-convenience-PL\SBJV-SUB-CAUSE=QUOT

nū-î gá=[tū-mà-nētū=ā'a]
 3M/N/NS.SBJ.PCI=be LK.F/M/S/NS.PST=[3S-ANAPH-plant=QUOT

nūtā=tā=tū'-ē'è-'ū]
 3M/N/NS.ACC=3S.SBJ\SBJV=fell-CAUS\SBJV-SUB]

'[...] it was [just] to get rid of... of them that [...] she had asked them to cut down her tree.' [LAR T134]"

p. 374: "The general syntactic rules stated above do not always apply, however. Causee arguments in causative constructions based on initially intransitive predicative phrases may be treated as oblique arguments in the accusative—instead of core objects, as expected—when specific syntactic and semantic conditions are met, namely 1) when such causee arguments are represented by a full NP preceding the predicative phrase and 2) when the corresponding referent is animate."

p. 375: “Occurrences of /-’é’e/ ‘CAUS’ in my corpus are rather frequent on initially intransitive predicative phrases, while they are rare on initially transitive predicative phrases. In the latter cases, a causee referent is always morphosyntactically present, whether as a syntactically explicit NP or as an index procliticized to the predicative phrase. My data do not allow me to tell whether the causee referent (which is in this case an oblique complement in the accusative) may be left out from a causative construction derived from an initially transitive predicative phrase.”

p. 375: “The suffix /-’é’e/ ‘CAUS’ does not alter the predicative class of the predicative phrases it attaches to. The causative constructions featured in examples (423–428) above are all based on predicative phrases that initially belong to PCØ [predicative class Ø] and thus all display derived predicative phrases inflecting in PCØ. The causative constructions in (429) and (430) are based on predicative phrases that initially belong to PCrū [predicative class rū] and PCi [predicative class i], respectively, and therefore display derived predicative phrases inflecting in these same predicative classes.”

2.

Resposta: A construção é causativizada diretamente.

3.

Resposta: Não identificamos o sufixo /-’é’e/ ‘causativo’ desempenhando outras funções.

4.

Resposta: Não identificamos exemplos de verbos transitivos com o sufixo /-’é’e/ ‘causativo’ denotando ação abstrata. Os dados mostram os verbos transitivos ativos “derrubar” (*tū*) e “morder” (*ngo*).

5.

Resposta: Não identificamos mais de um marcador causativo de verbo transitivo no Tikuna.

6.

Resposta: Não identificamos construção causativa formada a partir de verbos com três argumentos ou três participantes. Bertet (2020, p. 373) afirma que o Tikuna não admite predicados ditransitivos.

p. 373: “SMAT [San Martín de Amacayacu Tikuna] does not allow ditransitive predicates of any kind, more generally.”

7.

Resposta: Não identificamos semelhança entre as causativas de transitivos e as possíveis construções com mais de dois participantes no Tikuna. Como informado na resposta à questão 6, Bertet (2020, p. 373) afirma que o Tikuna não admite a existência de predicados ditransitivos. Esclarecemos que as construções transitivas que indicam eventos de transferência, como (3) [364], são formadas pelos chamados “sentenças predicativas não verbais empregados transitivamente” (Bertet, 2020, p. 339).

p. 373: “Note that predicative phrases derived with /-’ě’e/ ‘CAUS’ are thus always monotransitive—not ditransitive—as they never feature more than one position for an object argument, even when derived from predicative phrases that were already initially transitive.”²⁵⁴

²⁵⁴ SMAT [San Martín de Amacayacu Tikuna] does not allow ditransitive predicates of any kind, more generally.”

p. 338-339: “The suffix /-ã/ ‘POSS’ combines with entire NPs to yield PPs [predicative phrases] that either predicate a relation of possession (intransitive uses) or express a transfer event²³⁹ (transitive uses) between the subject referent and the referent of the NP to which it is attached. The resulting PPs can be generally glossed in English as ‘to have X’ (intransitive uses) or ‘to give X, to provide with X’ (transitive uses).

[...]

²³⁹ Strictly speaking, non-verbal PPs in /-ã/ ‘POSS’ employed transitively probably only predicate, in themselves, a caused static relation of possession holding between the object referent and the referent of the NP suffixed with /-ã/. In actual contexts, however, they may suggest, implicationaly, a telic transfer event, as in example (364).

Instances of non-verbal PPs in /-ã/ ‘POSS’ employed transitively are featured in the following two examples:

(3) [364] *Ngěmà gá chānà-dīērù-ḡgũ’ũ.*

ngě-mà=gá chā=nà=dīērù-ḡ-gũ-’ũ

MED.ALOC-ANAPH=PST 1SG.ACC=3M/N/NS.SBJ\SBJV=**money-POSS-PL**\SBJV-SUB

‘[The group of tourists I had guided congratulated me.] And then they gave me some money [*i.e.* for a tip].’ [JGS 450–451]

(4) [365] *Mêà mā kūnā-dê'ǎǎ.*

mêà=mā

well=precisely

kū=nā=dê'ǎ-ǎ

2SG.SBJ=3M/N/NS.OBJ=**water-POSS**

‘[In a recipe: You pour some water in the mashed plantains to make them into a pulp.] You put a good amount of water in it [lit. ‘You provide it well with water.’].’ [TVJ B372]

Note that possessive predication involving a possessee expressed as an NP may be alternatively expressed verbally, by (pseudo-)incorporating that NP to the verb root *ǎ* (on the use of pseudo-incorporation for possessive predication, see Section 4.2.5.3).’’

p. 521: “

(5) [609] “*Tǎu chí nà-mê'ǎ ǎgá chōkù-ǎ'mgú?*”

tǎu=chí

NEG=IRR

nà=mê-'ǎ

3M/N/NS.SBJ\SBJV=be.good\SBJV-SUB

ǎgá

if

chō=kù=ǎ-'mgú

1SG.ACC=2SG.SBJ\SBJV=make-wife-CIRC

‘“What if [lit. ‘Wouldn’t it be good if ...’] you gave me a wife?”’ [AMB 88]”

8.

Resposta: Nas discussões e nos dados de Bertet (2020) sobre causativas de transitivos, não identificamos menção a verbos ambitransitivos.

9.

Resposta: Não identificamos causativização com IN no Tikuna, embora exista IN nessa língua.

p. 318: “From a strictly morphological perspective, incorporation in smat corresponds to two different constructions, bound noun incorporation and NP incorporation.”

10.

Resposta: Aparentemente, sim. Embora a única construção identificada com dois nominais explícitos seja (1) [424b], na ordem Causado O V, o dado (2) [426] mantém a sequência OV, com o causado e o causador proclíticos ao verbo (O Causado=A=V).

O participante que ocupa o lugar típico de objeto direto é o paciente. Ainda que o causado seja marcado com o sufixo de caso acusativo, Bertet (2020, p. 50-51) afirma que a função acusativa é “distinta da de objeto (central)”.

p. 50-51: “The intricate inflectional morphology of the finite predicative phrase provides slots for the indexation of subject and object arguments, as well as that of participants in the accusative (a syntactic function distinct from that of (core) object), benefactive, locative, and partitive object syntactic functions.”

p. 372-373: “If the initial predicative phrase was transitive, however, that referent is demoted to the status of oblique argument in the accusative, while the referent that was initially the object retains the function of object (compare (424a) and (424b)).”

p. 51: “It is unclear whether an unmarked order of main constituents (or Basic Word Order) can be detected in SMAT from a pragmatic perspective. Only the relative ordering of the subject (S) and the object (O) is constrained in (rare) cases where both of them are expressed as nominal phrases and occur before the predicative phrase (V) (✓SOV, not *OSV). Apart from *OSV, however, all possible orders occur in apparently any type of clause (in slightly varying morphosyntactic structures) without, in most cases, one of them being clearly identifiable as less marked than the others pragmatically. From a strictly morphosyntactic perspective, however, the order S(O)V can be considered as the least marked insofar as it is the one that requires the least morphosyntactic material.”

11.

Resposta: Bertet (2020, p. 375) informa que, em seu *corpus*, as causativas derivadas de verbos transitivos são raras, ao passo que as formadas a partir de verbos intransitivos são frequentes. Não identificamos outras restrições na formação das causativas de transitivos. Semanticamente, os participantes causador e causado apresentam traço [+ANIMADO] nos dados consultados, e o causado ocorre nas três pessoas do discurso.

12.

Resposta: Não identificamos referência a aspectos cognitivos em Bertet (2020).

13.

Resposta: Não identificamos causativa sintática no Tikuna.

14.

Resposta: Não identificamos causativa sintática.

15.

Resposta: Não identificamos causativa sintática.

16.

Resposta: Não identificamos pares com verbos lexicais transitivos no Tikuna.

17.

Resposta: Não identificamos causativa lexical.

18.

Resposta: De acordo com Bertet (2020, p. 372), o causado assume a função de “argumento oblíquo no acusativo”. Como informado na resposta à questão 10, o autor afirma que a função acusativa é “distinta da de objeto (central)” (Bertet, 2020, p. 50-51). Assim, seguindo a proposta de Dixon (2000), Bertet (2020, p. 373) esclarece que “o A original sai do núcleo” na construção causativa.

Registramos que, nas causativas derivadas de verbos intransitivos, o Tikuna também pode tratar o causado como “argumento oblíquo no acusativo” (Bertet, 2020, p. 374).

p. 372-373: “If the initial predicative phrase was transitive, however, that referent is demoted to the status of oblique argument in the accusative, while the referent that was initially the object retains the function of object (compare (424a) and (424b)).²⁵³

²⁵³ SMAT’s [San Martín de Amacayacu Tikuna] causative constructions in /-’é’e/ involving an initially transitive predicative phrase thus fall within the Type (v) of Dixon’s (2000:54–56) syntactically-based typology of morphologically-derived causative constructions (‘original O stays as O, original A moves out of the core’).”

p. 375: “[...] the causee referent (which is in this case an oblique complement in the accusative) [...]”

p. 50-51: “The intricate inflectional morphology of the finite predicative phrase provides slots for the indexation of subject and object arguments, as well as that of participants in the accusative (a syntactic function distinct from that of (core) object), benefactive, locative, and partitive object syntactic functions.”

p. 374: “Causee arguments in causative constructions based on initially intransitive predicative phrases may be treated as oblique arguments in the accusative—instead of core objects, as expected—when specific syntactic and semantic conditions are met, namely 1) when such

causee arguments are represented by a full NP preceding the predicative phrase and 2) when the corresponding referent is animate.”

19.

Resposta: O causado não mantém o caso nem a função sintática de sujeito. Não identificamos compartilhamento das propriedades de sujeito entre o causador e o causado.

20.

Resposta: A marca acusativa do causado também ocorre com outros constituintes, a exemplo do paciente nas construções transitivas, como em (6) [508b], e do causado em algumas causativas de intransitivos, como (7) [434]. Nessas situações, o constituinte acusativo atua como objeto e “argumento oblíquo” (Bertet, 2020, p. 50-51), respectivamente.

p. 456: “

(6) [508b] “*Châ’ũ pē-chî’èwē, pà chàu’ākũǵ!*”

châ-’ũ *pē=chî’è-wē* *pà=chàu-’ākũǵ*
1SG-ACC 2PL.SBJ=be.bad-convenience VOC=1SG-children
‘ “You are bothering me, my children!” ’ [IGS 73]”

p. 374: “The general syntactic rules stated above do not always apply, however. Causee arguments in causative constructions based on initially intransitive predicative phrases may be treated as oblique arguments in the accusative—instead of core objects, as expected—when specific syntactic and semantic conditions are met, namely 1) when such causee arguments are represented by a full NP preceding the predicative phrase and 2) when the corresponding referent is animate.”

p. 377: “

(7) [434] “[...] *kũ nũwǎ ēkà tōpī-chópétũ’ē’e-ètānũ, ērũ tǎu mā tōmà pētā-tà’kú!*”

kũ=nũwǎ=ēkà
come.on=well.M/N/NS=who.knows?
tō=pī=chó-pétũ-’ē’e-ètānũ *ērũ*
1PL.ACC=2PL.SBJ.PCĪ.SBJV=be.there.PL-across-CAUS-DISTR.PL\SBJV because
tǎu=mā *tō-mà* *pē=tā=tà’kú*
NEG=precisely 1PL-ANAPH 2PL.ACC=1PL.SBJ=be.an.orphan
‘ “[...] please let us move on, because we didn’t orphan you!” ’ [LAR T159]”

p. 50-51: “The intricate inflectional morphology of the finite predicative phrase provides slots for the indexation of subject and object arguments, as well as that of participants in the

accusative (a syntactic function distinct from that of (core) object), benefactive, locative, and partitive object syntactic functions.”

21.

Resposta: Não identificamos marcação morfológica distinta da função sintática do causado no Tikuna.

Apesar de o caso acusativo ser usado translinguisticamente para marcar o OD de verbos transitivos, Bertet (2020, p. 372) afirma que o acusativo indica a função de “argumento oblíquo” no Tikuna. Embora não tenhamos identificado justificativa explícita em Bertet (2020) sobre o uso do termo “acusativo” para elementos que não exercem a função de objeto, uma interpretação possível seria a falta de correspondência entre marca morfológica e função sintática. O causado é marcado da mesma forma que o objeto, com o sufixo acusativo -’ũ, como na transitiva (6) [508b], mas não apresenta comportamento sintático igual ao chamado “objeto nuclear” (p. 51). Por exemplo, SNs na função de objeto não recebem marca de caso (p. 50); a ordem entre o sujeito e o objeto é restrita a SOV quando ambos ocorrem como SNs antes do sintagma verbal (p. 51); as orações relativas atuam como componentes das clivadas na focalização de objetos (p. 420); e a incorporação de “argumentos nucleares” difere daquela dos “participantes não nucleares” (p. 321).

Assim, apesar de os termos “nominativo” e “acusativo” serem tipicamente associados a morfologia e sintaxe, entendemos que a terminologia “acusativo” pode ser um rótulo morfológico na descrição de Bertet (2020). O autor parece tratar o causado como acusativo por se referir à marca morfológica, não ao estatuto de objeto. Nesta linha, o causado seria o argumento marcado da mesma forma que o objeto de verbos transitivos, porém com características distintas.

Nossa proposta de interpretação, porém, parece contrastar com o seguinte trecho, no qual Bertet (2020, p. 50-51) aparenta tratar o acusativo como função sintática: “[...] *participants in the accusative (a syntactic function distinct from that of (core) object), benefactive, locative, and partitive object syntactic functions*”.

22.

Resposta: Não identificamos construções com ambos o causado e o paciente codificados como OD. Embora o causado receba a marca acusativa, Bertet (2020, p. 50-51) afirma que a função do acusativo é “distinta da de objeto (central)” e que o causado atua como “argumento oblíquo no acusativo” (p. 372).

p. 373: “Note that predicative phrases derived with /-’é’e/ ‘CAUS’ are thus always monotransitive—not ditransitive—as they never feature more than one position for an object argument, even when derived from predicative phrases that were already initially transitive.”

23.

Resposta: O causado não parece assumir a posição livre mais alta imediatamente disponível, pelo fato de não ser um objeto. Como o constituinte mais baixo da Hierarquia de Caso é um “objeto oblíquo”, entendemos que o causado na função de “argumento oblíquo no acusativo” estaria abaixo desse objeto oblíquo, não preenchendo assim os critérios propostos por Comrie (1976, 1989).

24.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se há critérios ou propriedades sintáticas para diferenciar o causado dos demais constituintes.

25.

Resposta: Bertet (2020, p. 375) informa que não identificou exemplos de omissão do causado e que seus dados não permitem afirmar se o causado pode ser omitido em uma causativa de transitivo. Assim, os dados disponíveis não permitem concluir se o causado pode ser omitido ou excluído.

p. 375: “Occurrences of /-’é’e/ ‘CAUS’ in my corpus are rather frequent on initially intransitive predicative phrases, while they are rare on initially transitive predicative phrases. In the latter cases, a causee referent is always morphosyntactically present, whether as a syntactically explicit NP or as an index procliticized to the predicative phrase. My data do not allow me to tell whether the causee referent (which is in this case an oblique complement in the accusative) may be left out from a causative construction derived from an initially transitive predicative phrase.”

26.

Resposta: Não identificamos relativização do causado nas causativas formadas a partir de verbos transitivos.

27.

Resposta: Como informado nas respostas às questões 4 e 11, os verbos causativizados com o sufixo /-’é’e/ ‘causativo’ são transitivos ativos, e o causado apresenta traço [+ANIMADO]. Com base nisso e nos dados disponíveis, constatamos que o causado expressa também o papel semântico de agente.

28.

Resposta: Bertet (2020, p. 377) informa que a construção com o sufixo /-’é’e/ ‘causativo’ abrange um conjunto variado de situações e não limita as propriedades semânticas do causado a um tipo específico de animacidade, grau de controle ou volição. Assim, o autor afirma que essas propriedades do causado podem variar de acordo com o contexto, a exemplo de ‘causar a fazer’ ou ‘induzir a ser’, ‘fazer (alguém) fazer, ordenar a fazer, forçar a fazer’ ou ‘permitir fazer, deixar fazer, criar condições para fazer’.

p. 377: “The semantics of causative constructions derived with /-’é’e/ ‘CAUS’ cover a very wide array of causation situations.²⁵⁵ Depending on the context, causative constructions in /-’é’e/ may thus be varyingly translated in English as *e.g.* ‘cause to do’ or ‘induce to be’, ‘make do, order to do, force to do’ or ‘allow to do, let do, put in conditions to do’, etc. In particular, the occurrence of /-’é’e/ is not restricted to predicative phrases with specific semantic characteristics (*e.g.* only stative or only dynamic predicative phrases). Its occurrence does not specify—or is not constrained by—whether the causee is animate or inanimate (contrast (427) and (429) respectively), whether it has or does not have control (contrast (426) and (433)), or whether it is willing or unwilling (contrast (434) and (430)).

²⁵⁵On the set of semantic properties of causative constructions in /-’é’e/ discussed in this paragraph, see Dixon (2000:61-74).”

29.

Resposta: Não identificamos mais de um tipo de causado na causativa de transitivo do Tikuna.

30.

Resposta: Bertet (2020, p. 377) informa que o causador pode atuar tanto direta quanto indiretamente sobre o causado.

p. 378: “My data do not, however, allow me to tell whether the causer may be inanimate (as opposed to animate, which it always is in my data) or whether the causer’s action may be accidental (as opposed to intentional, which it always is in my data).”

32.

Resposta: Considerando que o causador pode agir verbalmente, conforme (2) [426], deduzimos que ele é capaz de iniciar o processo naturalmente.

33.

Resposta: Bertet (2020, p. 377-378) informa que o causador pode estar envolvido até fisicamente na atividade, apesar de não estar envolvido na maioria dos dados.

p. 375-376: “The ordering of /-’é’e/ ‘CAUS’ relative to other non-inflectional morphological components of the predicative phrase seems to generally entail scope effects, with morphemes preceding /-’é’e/ usually falling under its scope and morphemes following /-’é’e/ usually extending their scope over it. This hypothesis requires further research, however, as in many cases such scope effects cannot be easily tested. On the other hand, the scope relationship between /-’é’e/ ‘CAUS’ and the feature of associated motion—an inflectional feature in SMAT [San Martín de Amacayacu Tikuna], only available in finite forms of predicative phrases (see Section 5.8)—is grammatically unspecified and its interpretation relies on context. In other words, whether a predicative phrase simultaneously featuring /-’é’e/ ‘CAUS’ and associated motion is to be interpreted as meaning ‘[cause to [go/come and ...]]’ (involving motion of the causee) or ‘[go/come and [cause to ...]]’ (involving motion of the causer) is context-dependent. The following example may thus be interpreted as involving motion of either the causee or the causer, or even motion of both participants:

(10) [431] *Chāyà-pé’é’e.*
chā=yà=pe-’é’e
 1SG.SBJ=AM.3M/N/NS.OBJ=sleep-CAUS

‘I cause him to go and sleep [e.g. I tell my son to go to bed without moving myself.]’

‘I go and cause him to sleep [e.g. I go back home from fishing and rock my baby to sleep.]’

‘I go with him and cause him to sleep [e.g. I walk my drunk husband back home after a party and put him to bed.]’ [JSG elic.] ”

p. 476: “Associated motion in SMAT normally affects the subject argument of the predicative phrase. In causative constructions, however, associated motion may apply to either the causer argument (which is morphosyntactically encoded as a subject) or to the causee argument (which is morphosyntactically encoded as an object), or to both.”

34.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se há graus de topicalidade ou foco relacionados ao causado ou ao paciente na causativa de transitivo.

35.

Resposta: Considerando que o único mecanismo formal usado no Tikuna para formar causativas é o morfológico, não identificamos relação entre a frequência das situações e o tipo de construção causativa.

p. 375: “Occurrences of /-’é’e/ ‘CAUS’ in my corpus are rather frequent on initially intransitive predicative phrases, while they are rare on initially transitive predicative phrases.”

36.

Resposta: Além da causativa morfológica, não identificamos outros mecanismos formais para expressar causatividade a partir de verbos transitivos.

37.

Resposta: Mudança de valência. Bertet (2020, p. 365) afirma que o sufixo causativo aumenta a valência, introduzindo um causador na função de sujeito. O autor, porém, não declara tratar-se de valência sintática. Não identificamos informações explícitas sobre voz verbal em relação às construções causativas.

p. 365: “[...] the causative suffix /-’é’e/, a valency-manipulating morpheme whose main effect is that of allowing for the additional expression of a causer referent in the syntactic position of a subject.”

38.

Resposta: Não identificamos causativas de verbos transitivos combinadas com outras vozes ou mecanismos de mudança de valência. No entanto, Bertet (2020, p. 343) informa que não

identificou restrições na quantidade de sufixos derivacionais que podem ocorrer em um sintagma predicativo.

Registramos que o autor fornece o dado (11) [432], derivado de verbo intransitivo, em que se combinam os mecanismos causativo e antipassivo.

p. 343: “There does not seem to be, in principle, any limitation as to the number of derivational suffixes of the predicative phrase that can occur within a single predicative phrase (while, by contrast, verb roots appear to only feature a single slot for a derivational suffix of the verb root; see Section 4.2.2). In practice, however, sequences of more than two derivational suffixes of the predicative phrase are rare in spontaneous speech (for an instance of a sequence of three such suffixes, see *e.g.* /*ǵũ-ē-’é’e-tàē*/ [learn-INTR.PL-CAUS-ANTIP3] ‘to teach’ [lit. ‘to cause people to know’] in example (432) below).”

p. 376: “My data do not allow me to tell whether the stacking of /-’é’e/ ‘CAUS’, *i.e.* the suffixation of /-’é’e/ to a predicative phrase that already contains an occurrence of it, is grammatical. Interestingly, however, the antipassivization of a causative construction in /-’é’e/ by suffixing it with /-tāē/ ‘ANTIP3’ is attested, as shown in the following example:

(11)[432] *Yá’ǵũ nũ-ĩ {ǵá} tà-ǵũē-’é’e-tàē-’ũ rù yĩ’kùǎmá tũmàǎrũ pũrākũwǎ’ĩtǎ-ǵũǵũ, yǎuànèkũ [...]*

yá’ǵũ nũ.ĩ {ǵá=}tà=ǵũ-ē-’é’e-tàē-’ũ=rù
 ancestor CONJ PST=3S.SBJ\SBJV=learn-INTR.PL-CAUS-ANTIP3\SBJV-SUB=TOP

yĩ’kù=ǎmá tũmà-ǎrũ pũrākũ-wǎ’ĩ=tà=ǵũ-ǵũ-ǵũ
 later=DIR 3s-GEN work-ALOC 3ALOC=3S.SBJ\SBJV=reach-PL-CIRC

yǎuànèkũ

late.afternoon.time

‘The moment when the elders would share their knowledge [lit. ‘... when the elders caused to learn ...’] was some time after they came back from their work, in the late afternoon [...].’ [LAR D206–207] ”

39.

Resposta: Não identificamos o percurso diacrônico nem a origem do sufixo causativo de verbo transitivo (/ -’é’e/).

p. 378: “The /-’é’e/-causative form of the verb root *ngũ* ‘rest’—/ngũ-’é’e/, lit. ‘to cause someone to rest’—has the lexicalized meaning ‘to help (someone)’. The synchronically unanalyzable verb stem *ǵ’ũ’é’e* ‘to wait for someone’ was most likely historically derived as

the /-’ĕ’e/-causative form of a former verb root *ġ’ũ no longer existing in today’s SMAT [San Martín de Amacayacu Tikuna].”

40.

Resposta: Não identificamos mudanças diacrônicas na marcação de caso do causado de verbo transitivo.

41.

Resposta: O causador é chamado de “*causer*”, o qual é entendido como “papel semântico” (p. 372). O causado é denominado “*causee*”, “argumento oblíquo no acusativo” (p. 372) e “complemento oblíquo no acusativo” (p. 375). O termo causado (“*causee*”) também é classificado como “papel semântico”, e a marca acusativa é considerada “distinta da de objeto (central)” (p. 50-51). O paciente é tratado como “objeto” (p. 373).

Registramos o uso do termo “construção factitiva” (p. 365, 383) para as causativas formadas a partir de predicados intransitivos estativos.

p. 365-366: “The passive and factitive constructions are two valency-manipulating constructions that do not involve the use of any dedicated derivational morphology. The former allows for the deletion of the agent referent from transitive predicates. The occurrence of the latter is restricted to stative intransitive predicative phrases and—similarly to the causative suffix /-’ĕ’e/—allows for the additional expression of a causer referent in the syntactic position of a subject.”

p. 378: “On the rarer factitive construction, whose functions partially overlap with those of the causative construction in /-’ĕ’e/, see the end of the next section.”

p. 385: “The factitive construction seems to stand in functional overlap with the causative construction in /-’ĕ’e/ ‘CAUS’ in cases where the latter is derived from an initially intransitive predicative phrase with a stative *Aktionsart* (on /-’ĕ’e/ ‘CAUS’ [...]). Thus, for instance, the meaning of the intransitive verb root *tà’kú* ‘be an orphan’ used transitively in a factitive construction as in example (444a) above (‘to cause or induce to be an orphan’) is essentially identical to the meaning of the same intransitive verb root when it is used in a causative construction derived with /-’ĕ’e/ ‘CAUS’ (‘to cause to be an orphan’) [...]”

42.

Resposta: Sim. Configura terminologia particular o uso de “acusativo” para elementos que não exercem a função de objeto, uma vez que essa marca morfológica é tipicamente associada aos objetos. Também caracteriza terminologia particular o emprego de “argumento oblíquo” sem associá-lo a uma função mais específica (a exemplo de “objeto oblíquo” ou “adjunto oblíquo”).

Trumai (língua isolada)

Obras pesquisadas¹: Guirardello (1999)

1.

Resposta: O Trumai usa dois mecanismos formais: um morfológico, com a partícula *ka* ‘causativo’, e outro sintático, com o verbo *tao* ‘mandar, dar ordem’. A formação da causativa morfológica pode ser vista no contraste estrutural entre os dados (1) [4a] e (2) [3a]. Neste último, ocorre a inserção de um causador na função de sujeito (*hai-ts* ‘1-Erg’), ocupando a posição mais à esquerda do enunciado, e da partícula *ka* ‘causativo’ após o verbo (*mapa* ‘quebrar’). O antigo sujeito, agora no papel de causado (*Atawaka-k* ‘Atawaka-Erg’), permanece morfológicamente inalterado. O paciente da construção primitiva (*atlat-Ø* ‘panela-Abs’) também não é modificado.

A causativa com o verbo *tao* ‘mandar, dar ordem’ pode ser vista na comparação estrutural entre os dados (4) [144] e (5) [16a]. Novamente, a inserção do causador (*Alaweru-k* ‘Alaweru-Erg’) e do verbo causativo não alteram a codificação do sujeito (*hai-ts* ‘1-Erg’) e do objeto (*axos-Ø* ‘criança-Abs’) da oração transitiva de origem. No entanto, a causativa sintática apresenta dois verbos na construção, e cada um possui sua própria estrutura argumental preenchida. O verbo causativo *tao* projeta um argumento sujeito (*Alaweru-k* ‘Alaweru-Erg’) e um argumento oracional na função de objeto (*hai-ts axos-Ø disi* ‘1-Erg criança-Abs bater/matar’); o verbo *disi* ‘bater/matar’ projeta o sujeito *hai-ts* ‘1-Erg’ e o objeto *axos-Ø* ‘criança-Abs’.

De acordo com Guirardello (1999, p. 306), a semântica da partícula é mais abstrata, sendo neutra em relação aos meios de causação. Por sua vez, o uso do verbo *tao* evidencia que o agente provoca a ação por meio de uma ordem.

Considerando a evolução diacrônica da partícula *ka*, Guirardello (1999, p. 314) propõe que a construção causativa formada com essa partícula pode ser um tipo intermediário entre uma causativa morfológica e uma sintática, pois o causado preserva a marca de caso ergativo da construção original.

p. 257: “Type 2 (Transitive clause): A is marked by -(V)k, while the case-marking of O is -Ø (4a). When O is not lexically present in the clause because of discourse continuity, the 3rd person enclitic *-n/-e* occurs at the end of the VP (4b); when A is absent, there is no additional mark on the verb [...]:

¹ Abs: Absolutivo; Caus: Causativo; Cop: Copula; Dat: Dativo; Erg: Ergativo; Foc/Tens: Partícula de foco/tempo (*ka_in/chī_in*); Inst: Instrumental; Neg: Negação; Perf: Perfectivo; PL: Plural; Rlzs: Relativizador.

- (1) [4a] A O V
 ine-k *atlat-Ø* *mapa.*
 3-Erg pan-Abs break
 ‘He broke the pan.’
- [4b] A V-o
 ine-k Ø *mapa-n*
 3-Erg break-3Abs
 ‘He broke it (a valuable pan).’ ”

p. 302-303: “The causativization of Transitive verbs is a little different: the causer is marked as Ergative, as well as the causee. The causer always precede the causee, and often is followed by the Focus/Tense particle.²

- causer-Erg causee-Erg O-Abs V ka
- (2) [3a] *hai-ts* *chī-in* *Atawaka-k* *atlat-Ø* *mapa ka.*
 1-Erg Foc/Tens Atawaka-Erg clay.pan-Abs break Caus
 ‘I made Atawaka break the clay pan.’
- [3b] *hai-ts* *chī-in* *inatle-k* *atlat-Ø* *mapa ka.*
 1-Erg Foc/Tens 3-Erg clay.pan-Abs break Caus
 ‘I made her break the clay pan.’
- [3c] *hai-ts* *chī-in* *inatle-k* *mapa ka-n.*
 1-Erg Foc/Tens 3-Erg break Caus-3Abs
 ‘I made her break it (a valuable pan).’

² Even though the Focus/Tense particles occur in many of the examples of this section, they are not necessarily required in the causative construction with (Extended) Transitive verbs. It is possible to have causative clauses without *ka_in* or *chī_in*:

- (3) [i] *Alaweru-k* *hai-ts* *axos-Ø* *disi ka.*
 Alaweru-Erg 1-Erg child-Abs hit/kill Caus
 ‘Alaweru made me beat the child.’ ”

p. 57: “

- (4) [144] O V A
 [huch *karakarako* *a* *yi]* *disi* *hai-ts.*
 two chicken Dual YI kill 1-Erg
 ‘I killed two chickens.’ ”

p. 301-302: “8.1. Causation

First, we describe the structure of the causative construction in Trumai. Next, we analyze it using the approach proposed by Comrie (1989) and the one proposed by Kemmer and

Verhagen (1994). As we will see, these approaches offer different perspectives for analyzing the causative construction of Trumai.

The Trumai causative construction involves the use of the particle *ka* - described in chapter 3 - which occurs after the verb. The use of this particle is productive; it can modify any kind of verb. The causativization of Intransitive and Extended Intransitive verbs is simple: causee is marked as Absolutive, causer is marked as Ergative; in other words, the causative construction is similar to a simple Transitive clause. The only difference is that in the causative construction, the Absolutive enclitic goes on the particle rather than on the verb (it seems that the verb plus the particle form a larger predicate; that is, we could say that the verb in the causative construction has been “extended” by the particle *ka* into a larger predicate).

causer-Erg causee-Abs V ka [similar to a simple Transitive clause]
 causer-Erg causee-Abs V ka Dat [similar to a simple Extended Transitive clause] ”

p. 99: “Case-marking patterns divide Trumai verbs into four categories: Intransitive, Transitive, Extended Intransitive and Extended Transitive. Intransitives require a single Absolutive argument; Transitives an Ergative and an Absolutive argument. Extended Intransitives and Extended Transitives additionally require a Dative argument, usually patient-like in Extended Intransitives and a recipient in Extended Transitives [...]”

p. 263: “Thus, Trumai verbs can actually be classified into two main classes: Intransitives - with two subclasses: simple Intransitives and Extended Intransitives - and Transitives - again, with two subclasses: simple Transitives and Extended Transitives (i.e., the Ditransitives). These four classes of verbs give us the obligatory roles of Ergative (A), Absolutive (S/O) and Dative (DAT).”

p. 264: “[...] three obligatory arguments found in Trumai (Absolutive, Ergative, and Dative) [...]”

p. 306-307: “Besides the causative particle *ka*, the Transitive verb *tao* ‘order/give order’ can also be used to express the idea of causing somebody to do something. The semantic difference between the use of *tao* and use of the Causative particle *ka* is that with *tao*, it is explicit how the causer made the causee execute the action (i.e. through an order). The Causative particle is neutral with regard to means of causation; its semantics is more abstract.

[...]

(5) [16a] *Alaweru-k chi_in [hai-ts axos-Ø disi] tao.*
 Alaweru-Erg Foc/Tens 1-Erg child-Abs hit/kill order
 ‘Alaweru ordered me to beat the child.’

- [16b] *Alaweru-k chi_in [hai-ts disi] tao-n.*
 Alaweru-Erg Foc/Tens 1-Erg hit/kill order-3Abs
 ‘Alaweru ordered me to beat her.’ ”

p. 307: “However, while *tao* exhibits verbal properties, *ka* does not. As already mentioned in chapter 3 (section 3.3.3), *ka* is never found as the main verb of a clause. It does not have lexical meaning; its meaning is grammatical (i.e. the abstract sense of ‘causation’). The closest lexical counterpart is the Transitive verb *kapan* ‘make’. *Ka* cannot occur in the first position of a clause (example 18), while *tao* ‘give order’ and other main verbs can (cf. 14 above).”

p. 308: “Further, the occurrence of the morpheme *(i)yi* between the causativized verb and *ka* is not possible (example (20)), while it is possible to have this morpheme between a main Transitive verb and the verb of a subordinate clause that is the complement of the main verb (example (21)).

[...]

In other words, *ka* is indeed the morpheme specialized in the sense of causation; the use of *tao* represents an alternative way of expressing causative events, making explicit how the causing event is brought about (i.e. through an order).”

p. 107: “Causative Particle

The causative construction [...] involves the use of the morpheme *ka*, which occurs after the verb or predicate.

This morpheme is best analyzed as a particle because it cannot be considered a main verb, and auxiliary, or an adverb. *Ka* cannot be classified as a verb meaning ‘to.make’ or ‘to.cause’, because it is never found as the main verb of a clause. The Trumai verbs meaning ‘to.make’ are the Extended Intransitive *chuda* and the Transitive *kapan*. We can speculate that *ka* is historically a reduced form of *kapan*, but even if this is really the case, we must observe that there are differences between them, besides the difference in form: (i) as already mentioned, *ka* is not found as the main verb of a clause, while *kapan* is; (ii) *kapan* is used to express ‘to make’ in the sense of producing a material object, not in the causative sense; on the other hand, *ka* is specialized in the more abstract sense of ‘Causation’:

- (6) [74] *hai-ts ka_in pike tox kapan.*
 1-Erg Foc/Tens house ? make
 ‘I made the house.’

- (7) [75a] *hai-ts chi_in Yaka-k so (o)pi ka.*
 1-Erg Foc/Tens Yaka-Erg fire extinguish Caus
 ‘I made Yaka extinguish the fire.’

[75b] **hait̃s chi_in Yaka-k so (o)pi kapan.* ”

p. 108-111: “Therefore, if *ka* really came historically from *kapan*, its status is already different from the source, both in terms of semantic and formal properties, which is exactly the scenario observed in the development of auxiliaries described by Heine (1993). Then the question is: could we say that *ka* is now an auxiliary for the expression of causation? It is similar to auxiliaries in that it is not possible to have the morpheme *(i)yi* between the verb and *ka* (cf. chapter 4, section 4.2.1.1): [...]

Also, *ka* can alternate word order with auxiliaries (V Aux Caus or V Caus Aux), a fact not observed with the Negation and Intensity particles [...]. However, *ka* can alternate position with the Intensity particle too, while the auxiliaries have not been observed doing this. Besides this fact, there are other important differences between *ka* and auxiliaries:

- (i) the configuration of the causative construction with Transitive verbs is different from the configuration of clauses with Transitive verbs + auxiliaries. To consider the morpheme *ka* an auxiliary is not advantageous (cf. chapter 4, section 4.1. for discussion of this issue);
- (ii) the cleft construction with verbs modified by *ka* has particular characteristics. The cleft construction in Trumai is used to indicate contrastive focus [...]. In the cleft, the Copula and the Focus/Tense particle are present, and the verb is modified by the relativizer *ke*, which follows the verb. [...]

A cleft construction with a verb modified by *ka* has a slightly different configuration: there is no Copula and the relativizer *ke* occurs not after the verb, but in a different position, after the Focus/Tense particle: [...]

Notice that this special kind of cleft construction was never attested with simple clauses where the A argument (i.e the NP marked as Ergative) is in focus: for focus on the A argument, only the use of the Focus/Tense particle is necessary, either for simple/completive focus or for contrastive focus [...]

[...] Clefts with verbs modified by auxiliaries present the usual configuration, with the relativizer *ke* after the verb: [...]

[...] *ka* has a special status with regard to its syntactic behavior and combinations with other words. For this reason, it seems more adequate to analyze *ka* not as an auxiliary, but as a particle, like the other particles that modify verbs and predicates and that present unique behavior.”

p. 131-132: “[...] the Causation particle *ka* displays flexible combination with auxiliaries: V Aux Caus; V Caus Aux. The problem with saying that *ka* is also an auxiliary is that the configuration of the causative construction in Trumai has a special characteristic: when the causativized verb is Transitive, the construction has two Ergative NPs, the causer and the causee. No clause with a Transitive verb modified by an auxiliary has a similar configuration. The causation particle behaves as if it were a Transitive main verb, presenting its own argument structure; however, *ka* cannot be called a verb for a series of reasons (cf. chapter 8, section 8.1). Auxiliaries do not have an influence on the argument structure of the clause where they occur. Therefore, if we include the Causation morpheme *ka* in the class of auxiliaries, it has to be treated as a very particular kind of auxiliary: but then, if *ka* is such a special form, is it really useful to include it in the class of auxiliaries? If *ka* has to be differentiated from the other auxiliaries, then it is better to treat it as not being an auxiliary. That is the position we are assuming in our study.

Therefore, for the current analysis, we are treating auxiliaries as a category that is distinct from verbs, adverbs, and verbal particles. This analysis may be possibly changed if future investigation reveals facts that favor a single treatment for verbal particles and auxiliaries; but for the moment, that is the treatment we are offering in this description of Trumai.”

p. 105-106: “Negation Particle

Like the Intensity particle, the negator *tak* can be considered a particle because its position of occurrence is restricted (therefore, it is not an adverb) and it can modify several kinds of elements: verbs (plus auxiliary or intensity/causative particle), adjectival predicates, adverbs and quantifiers. Unlike auxiliaries, the Negation particle does not receive the 3Abs enclitic, as already pointed in the section on this enclitic. Its counterpart for nominal predicates is *anuk*, already presented in chapter 2.

[...]

- (8) [68] *hai-ts chĩ(in) inatl-ek atlat mapa ka tak.*
 1-Erg Foc/Tens 3-Erg pan break Caus Neg
 ‘I did not make her break the pan.’ [modifies verb + Caus part.]”

p. 306: “On the other hand, in order to express more autonomy of the causee (in the sense that the causer is giving permission to the causee to carry out an activity; thus, the causee has some choice), the speakers use *mit* ‘leave’ **in conjunction** with the causative construction. *Mit* is a

verb, but in the causative construction, it behaves rather as an adverb, as the ordering shows in (12):

[...]

- (9) [11] *hai-ts chĩ(_in) mit' Atawaka-Ø xom ka mawmaw-s.*
 1-Erg Foc/Tens leave Atawaka-Abs suck Caus papaya-Dat
 ‘I let Atawaka eat papayas.’ ”

2.

Resposta: As construções são causativizadas diretamente.

3.

Resposta: Não identificamos a partícula *ka* ‘causativo’ desempenhando outras funções.

p. 174: “The case of *ka* is simpler, because the other *ka* attested in the language is the Causative particle, whose nature is identifiable by the semantics of the clause. The *ka* of *ka in* came probably from a copula or auxiliary that eventually disappeared. So, the two *ka* observed in the language nowadays are different in kind.”

p. 111: “[...] *ka* has a special status with regard to its syntactic behavior and combinations with other words. For this reason, it seems more adequate to analyze *ka* not as an auxiliary, but as a particle, like the other particles that modify verbs and predicates and that present unique behavior.”

p. 140: “The Causative particle can freely combine with Aspect/Mood auxiliaries (i.e. V Aux Caus - V Caus Aux) [...]; we need further research on its combination with other kinds of auxiliaries.”

4.

Resposta: Não identificamos exemplos de verbos transitivos com a partícula *ka* ‘causativo’ denotando ação abstrata. Os dados mostram os seguintes verbos transitivos ativos: “bater/matar” (*disi*), “dar” (*kĩĩ*), “extinguir” (*(o)pi*) e “quebrar” (*mapa*).

5.

Resposta: O que motiva a escolha da partícula *ka* ‘causativo’ e do verbo *tao* ‘mandar, dar ordem’ são fatores semânticos e contextuais. Guirardello (1999, p. 304-307) informa que a partícula *ka* é mais abstrata e neutra em relação a como a causação é provocada, ao passo que

o verbo *tao* explicita que o causador age por meio de uma ordem. Assim, em uma construção formada com a partícula *ka* ‘causativo’, o causado pode agir com ou sem intenção. Com o verbo *tao* ‘mandar, dar ordem’, deduzimos que o causado é obrigado a agir, perdendo assim autonomia e, possivelmente, volição.

6.

Resposta: Sim. Existem causativas formadas a partir do verbo *kīṭi* ‘dar’, seja pelo mecanismo morfológico ((11) [4]), seja pelo sintático ((12) [17]). Nas duas situações, o causado é codificado com a marca ergativa (*-ek/-k*, *-ts*) e assume a função de “argumento A”, isto é, de “argumento obrigatório do tipo agente de orações transitivas prototípicas” (Guirardello, 1999, p. 255). Essa função sintática equivale à de “sujeito”, porém a necessidade da categoria “sujeito” para descrever o Trumai é questionada por Guirardello (1999, p. 288-300, 310-312).

p. 24: “

	A	O	V	DAT
(10)[8]	<i>kiki-k</i>	<i>atlat-Ø</i>	<i>kīṭi</i>	<i>hai-tl</i> .
	man-Erg	pan-Abs	give	1-Dat
	‘The man gave the pan to me.’ ”			

p. 303-304: “The causativization of Extended Transitive verbs is similar to the causativization of Transitive verbs: causer-Erg causee-Erg O-Abs V *ka* Dat

(11) [4]	<i>Amati-k</i>	<i>chī_in</i>	<i>Tata-k</i>	<i>karakarako</i>	<i>taf-Ø</i>	<i>kīṭi</i>	<i>ka</i>	<i>ha wan-ki</i> .
	Amati-Erg	Foc/Tens	Tata-Erg	chicken	egg-Abs	give	Caus 1	PL-Dat
	‘Amati made Tata give us chicken eggs.’							

As we can see, in the causativization of (Extended) Transitive verbs, there are two NPs marked as Ergative in the construction, the causer (the “external” agent) and the causee (the “internal” agent, the one who effectively performs the event). We know which NP is the causer, which one is the causee on the basis of the position that the NPs occupy in the construction, but the ideal scenario would be that the marking of the causer and the causee were completely different, in order to avoid the risk of ambiguity with regard to the role of each NP. This is what is observed in many languages: in the typological literature, there are many examples of languages where the causee is marked as Dative or Instrumental, while the causer has a different marker. Thus, the causative construction in Trumai does not present the ideal situation, where all the relations are clearly stated; that is, although Trumai is a case-marking language, it uses

word order (rather than case-marking) to disambiguate causer and causee. That makes the construction unusual typologically.”

p. 307: “

- (12) [17] *Amati-k chi_in [hai-ts karakarako taf yi-Ø kiŋi] tao hi wan-ki.*
 Amati-Erg Foc/Tens 1-Erg chicken egg YI-Abs give order 2 PL-Dat
 ‘Amati ordered me to give chicken eggs to you (pl).’ ”

p. 310-311: “If the causative construction in Trumai involves only one verb, then we have doubling on “subjects” in the construction⁵; that is, we have two A arguments for the same verb. In no other construction in Trumai a single verb can have two A arguments.

⁵ We are using the term ‘subject’ here in order to relate our discussion to the observation made by Comrie, who uses this term in his work. However, to be more precise, what we have in the Trumai causative construction is doubling on the A argument.”

p. 255-256: “[...] we present the syntactic-semantic primitives that are the basis for our analysis [...]:

S - for the single obligatory argument of prototypical Intransitive clauses (e.g. a clause with a verb such as ‘jump’

A - for the obligatory agent-like argument of prototypical Transitive clauses (e.g. a clause with a verb such as ‘break’)

O - for the obligatory patient-like argument of prototypical Transitive and Ditransitive clauses

DAT -for the recipient-like argument of prototypical Ditransitive clauses (e.g. a clause with a verb such as ‘give’)

S, A, O, and DAT are labels for the arguments that a clause can possibly have, and we will use them to describe the Trumai case-marking alignments. We prefer to use these labels instead of using purely semantic terms (such as ‘agent’, ‘patient’, ‘recipient’) because these labels can be applied not only to typical Transitive events (such as ‘break’, which has an agent and a patient), but also to other events that are not exactly like the prototypical ones (such as ‘see’, which does not have an agent).”

p. 288: “The scenario is more complex when we use the same properties for identifying the Subject of languages whose case system is Ergative-Absolutive, because the morphological properties and the behavior-and-control properties can conflict. Many languages are Ergative

in the morphology (with S and O aligning), but their syntax works on a Nominative-Accusative basis (i.e. for syntactic operations, S and A align). Then, how do we define the category of Subject for these languages? Which coding property is more crucial for characterizing their Subject?”

p. 289: “According to Givón (1997:29), behavior-and-control properties would reflect grammatical relations more faithfully than morphology, because they are more directly motivated by pragmatic factors, while morphology is not: “Being the most grammaticalized, ritualized or automated feature in grammar, morphology has a higher potential for dissociation from semantic or pragmatic function, in this case the topicality function of subjects and objects”.

[...]

Thus, for an Ergative language, the coding device that “least safely” leads us to identify the category of Subject is the morphology, and that behavior-and-control properties can be more helpful. However, even in this case we need to be careful, because the Subject of the language under study may be little grammaticalized and may therefore not show many properties even at the syntactic level.”

p. 294: “Is really necessary to talk about Subject or Object in order to describe the Trumai grammar? No. We can describe the system and the syntax of the language only on the basis of the argument types (Absolutive, Ergative, Dative) that are found in a clause. The use of the labels introduced in section 7.1.1. is also enough to describe the Trumai grammar; [...]”

p. 295-296: “As we can see, in Trumai we do not have reasons to group (S, A) together as the category of Subject, and to say that the Subject of this language is actually the grouping (S, O) is not a good solution either. The same can be said with regard to the category of Object: there are no reasons to group O and the DAT argument of Extended Intransitive verbs together, given their differences in case-marking (O is marked by -Ø, DAT by -tl, -ki, -s), word order (O is preverbal, DAT follows the VP), and syntactic behavior (O aligns with S rather than with DAT).

Again, we have the question: why do we need the traditional grammatical relationships of Subject, Object, etc., to talk about Trumai? We do not. For the purpose of describing the grammar of this language, such relations are not necessary. They would be interesting for the purpose of doing typological studies, that is, if we want to compare Trumai to other languages of the world. However, there is not much to say about the category of Subject in Trumai. If we consider Givón’s idea that a language with few subject properties has only a slightly grammaticalized subject, then we can say that the grouping (S, A) could be considered the

Subject of Trumai, but it would be a Subject in the very first steps to grammaticalization. It may be showing its first manifestations in the control of anaphoric elements [...].

The relationship among the obligatory arguments types of Trumai may be better understood if we do not talk about them in terms of Subject, Object, Indirect Object, but rather if we talk in terms of ‘Core’ versus ‘Peripheral’ arguments.”

p. 297: “[...] we could propose that the participants marked as Ergative and Absolutive are in the nucleus of the proposition. The Absolutive would be the most core argument type, since it occurs in all clause types. The Ergative would be less core, but it still would be in the nucleus, since the kind of clause where this argument occurs is Transitive (i.e. the clause codifies an event where two participants are involved).”

p. 299-300: “In sum, the semantic configuration of the propositions in Trumai would be the following:

$$[[\quad]_{\text{NUCLEUS}} [\quad]_{\text{PERIPHERY}}]$$

the nucleus would be composed by:

$$[[\text{event} + \text{Abs}]_{\text{core}} \text{Erg}]_{\text{NUCLEUS}}$$

and the periphery would be:

$$[[\text{Dat-tl} \text{ Dat-ki} \text{ Dat-s}] [\text{non-obligatory Datives}] [\text{Instrum, Allat, etc.}]]_{\text{PERIPHERY}}$$

This configuration would be a kind of organizing principle for the relationship among the types of argument found in Trumai. The schema presented above would actually be the canonical configuration, which can be changed through voice manipulation. Anyway, this is just an alternative proposal for describing the relationship in question.”

p. 302: “

(13)[2a] *hai-ts Kumaru-Ø sone ka wirix-es.* [Ext. Intransitive verb]
 1-Erg Kumaru-Abs drink Caus manioc.porridge-Dat
 ‘I made Kumaru drink manioc porridge.’

[2b] *hai-ts sone ka-n wirix-es.*
 1-Erg drink Caus-3Abs manioc.porridge-Dat
 ‘I made her drink manioc porridge.’ ”

7.

Resposta: Não. As semelhanças ocorrem entre a construção causativa e a transitiva não derivada (Guirardello, 1999, p. 317-318). Além de o causado manter a codificação ergativa e o

papel semântico de agente que possuía na construção original, o paciente permanece marcado como absolutivo, e a ordem de constituintes segue o mesmo padrão das transitivas (AOV).

p. 317-318: “In the case of the causative construction with Transitive verbs, the model would be not the Ditransitive clause schema, as proposed by Kemmer and Verhagen, but still the Transitive clause schemas, with the difference that now the causer [causee] inherits properties from the agent participant in the model, not from the patient. That is, the causee now is marked as Ergative, not as Absolutive. Below, we have the correspondences between simple Transitive clauses and causative clauses with Transitive verbs:

simple Transitive clause:	<u>agent</u> NP-ERG	<u>patient</u> NP-ABS	V
Transitive causative clause:	<u>causer</u> NP-ERG	<u>causee</u> NP-ERG	<u>affectee</u> NP-ABS
			V <u>ka</u>

In the causative clauses with Transitive verb, the causee shares the ‘agent’ role with the causer, since both are initiators and controllers of the activity that is affecting another entity, the affectee [This term is used by Kemmer and Verhagen]. Thus, it is not strange that the causee is marked in the same way as the causer; on the contrary, semantically speaking, there is a motivation for the marking of the causee as Ergative. However, causer and causee have different degrees of responsibility in the event; the causee is less responsible than the causer, who is the main initiator of the event. Observe in examples (5-6) above that the causee does not necessarily need to be mentioned, while the causer does (in other words, the absence of the causee in examples (5-6) would be motivated not by the fact that there are two Ergative NPs in the construction, but by the overall structure of the event).”

p. 258-259: “Type 3 (Ditransitive clause): we have here the same kind of scenario observed with Transitive clauses: A is marked by -(V)k and O is marked by -Ø. If O is lexically absent due to discourse continuity, the 3rd person enclitic *-n/-e* appears on the last element of the VP. A can be absent without any special marks on the verb.

[...]

	A	O	V	DAT
(10)[8]	<i>kiki-k</i>	<i>atlat-Ø</i>	<i>kījī</i>	<i>hai-tl.</i>
	man-Erg	pan-Abs	give	1-Dat
	‘The man gave the pan to me.’ ”			

p. 99: “Case-marking patterns divide Trumai verbs into four categories: Intransitive, Transitive, Extended Intransitive and Extended Transitive. Intransitives require a single Absolutive argument; Transitives an Ergative and an Absolutive argument. Extended Intransitives and Extended Transitives additionally require a Dative argument, usually patient-like in Extended Intransitives and a recipient in Extended Transitives [...]”

8.

Resposta: Não identificamos construção causativa formada a partir de verbos ambitransitivos no Trumai.

9.

Resposta: Não identificamos causativização com IN no Trumai, embora pareça existir IN nessa língua (Guirardello, 1999, p. 349).

p. 349: “Incorporation of body part terms is observed in many other languages of the world. (e.g. Paraguayan Guarani; Oluta Popoluca). This is a pattern already attested in human languages; therefore, it would reasonable to say that Trumai also has the same phenomenon.”

10.

Resposta: Sim. Na causativa morfológica, a ordem é A Causado O V, e na sintática a ordem é A O[Causado O V] V_{caus}. O constituinte que ocupa o lugar típico de absolutivo é o paciente.

p. 260: “c. Basic word order:

INTRANSITIVE		[[S] V]	
TRANSITIVE	A	[[O] V]	
DITRANSITIVE	A	[[O] V]	DAT ”

p. 258: “If present, O precedes the verb directly, as in (4a-5); if it comes in other positions, the morpheme *ke* appears after the verb. A precedes the VP; it can have different positions in the clause without any extra morphology on the verb.”

p. 302-303: “The causativization of Transitive verbs is a little different: the causer is marked as Ergative, as well as the causee. The causer always precede the causee, and often is followed by the Focus/Tense particle.²

causer-Erg causee-Erg O-Abs V ka

p. 303: “The causativization of Extended Transitive verbs is similar to the causativization of Transitive verbs: causer-Erg causee-Erg O-Abs V ka Dat”

p. 255: “O - for the obligatory patient-like argument of prototypical Transitive and Ditransitive clauses”

11.

Resposta: Não identificamos restrições na formação das causativas de transitivos. Semanticamente, os participantes causador e causado parecem apresentar traço [+HUMANO] nos dados consultados, e ambos ocorrem na 1ª e na 3ª pessoas do discurso.

p. 307: “However, while *tao* exhibits verbal properties, ka does not. As already mentioned in chapter 3 (section 3.3.3), ka is never found as the main verb of a clause. It does not have lexical meaning; its meaning is grammatical (i.e. the abstract sense of ‘causation’). The closest lexical counterpart is the Transitive verb *kapan* ‘make’. ka cannot occur in the first position of a clause (example 18), while *tao* ‘give order’ and other main verbs can (cf. 14 above).”

p. 308: “Further, the occurrence of the morpheme (*i*)*yi* between the causativized verb and ka is not possible (example (20)), while it is possible to have this morpheme between a main Transitive verb and the verb of a subordinate clause that is the complement of the main verb (example (21)).”

12.

Resposta: Não identificamos referência a aspectos cognitivos em Guirardello (1999).

13.

Resposta: O verbo responsável pela causatividade é *tao* ‘mandar, dar ordem’.

14.

Resposta: Não identificamos verbos usados exclusivamente para expressar causatividade no Trumai.

15.

Resposta: Não identificamos distinção entre causativa mono-oracional e bi-oracional no Trumai. Considerando que cada verbo da construção causativa sintática possui sua própria

estrutura argumental saturada, como em (5) [16a] [16b] e (12) [17], podemos concluir que a causativa formada com o verbo *tao* ‘mandar, dar ordem’ é bi-oracional.

16.

Resposta: Não identificamos pares com verbos lexicais transitivos no Trumai.

17.

Resposta: Não identificamos causativa lexical.

18.

Resposta: Nas causativas morfológica e sintática, o causado é codificado com a marca ergativa (*-ek/-k*, *-ts*) e assume a função de “argumento A”, o qual é definido como “argumento obrigatório do tipo agente de orações transitivas prototípicas” (Guirardello, 1999, p. 255). Embora Guirardello (1999, p. 288-300, 310-312) refute a necessidade da categoria “sujeito” para a descrição do Trumai, a autora estabelece paralelo entre essa função sintática e o “argumento A” (p. 310).

19.

Resposta: Sim, o causado mantém o caso ergativo que exercia na construção primitiva e permanece na posição imediatamente à esquerda do objeto. Logo, o causador e o causado recebem a mesma marca de caso e assumem a função de “argumento A”. O critério usado para diferenciar o argumento no papel de causador é a ordem de constituintes, pois o causador ocupa a posição inicial da sentença (Causador-erg Causado-erg O-abs V) (Guirardello, 1999, p. 303-304).

p. 131: “[...] the configuration of the causative construction in Trumai has a special characteristic: when the causativized verb is Transitive, the construction has two Ergative NPs, the causer and the causee.”

p. 303-304: “As we can see, in the causativization of (Extended) Transitive verbs, there are two NPs marked as Ergative in the construction, the causer (the “external” agent) and the causee (the “internal” agent, the one who effectively performs the event). We know which NP is the causer, which one is the causee on the basis of the position that the NPs occupy in the construction [...], although Trumai is a case-marking language, it uses word order (rather than case-marking) to disambiguate causer and causee.”

20.

Resposta: A marca de caso ocorre com o “argumento A” causador nas construções causativas e com o “argumento A” de construções não causativas. A ordem imediatamente à esquerda do objeto também é típica do “argumento A” não causativo.

21.

Resposta: Não identificamos marcação morfológica distinta da função sintática do causado no Trumai.

22.

Resposta: Não identificamos construções com ambos o causado e o paciente codificados como OD no Trumai.

Esclarecemos que, embora o causado seja codificado com a marca absoluta nas causativas formadas a partir de “verbos intransitivos estendidos” (p. 301), o antigo paciente passa a receber a marca dativa, a exemplo de (9) [11].

p. 264: “The Extended Intransitive verbs

There are several Extended Intransitive verbs in Trumai. As examples, we can mention: *ma* ‘eat’, *sone* ‘drink’, *hu’tsa* ‘see’, *fa’tsa* ‘hear’, *fa* ‘hit/kill’, *xom* ‘suck/smoke’, etc.”

p. 318: “The case of Extended Intransitive verbs is a little more complicated, because these verbs express events that have a second participant, marked as Dative. However, as mentioned in chapter 7 (section 7.1.3), this second participant in many cases is not a patient, but rather it is constructed as a kind of a goal/location; thus, this second participant cannot be the affectee when the verb is causativized. For other Extended Intransitive verbs (such as *ma* ‘eat’), the second participant is patient-like, but it is relatively predictable, lacking high topicality (cf. chapter 7, section 7.1.3). Thus, when the verb is causativized, the causee (which has importance in this case) is the one marked as Absolutive, while the other participant keeps being marked as Dative.”

23.

Resposta: Não. De acordo com Guirardello (1999, p. 308-315), a marcação ergativa do causado não pode ser explicada pela hierarquia proposta por Comrie (1976, 1989), mas sim por desenvolvimentos históricos do Trumai.

p. 311-312: “In any case, the Trumai causative construction with Transitive verbs is problematic for Comrie’s approach:

1. if we say that the Ergative marking marks Transitive subjects in Trumai, then the causative construction of this language clearly violates his hierarchy;
2. if we say that the Ergative marking does not mark Transitive subjects, we still cannot explain the doubling on A: if the marking of the causee is formally motivated, why is the causee in the causative of Transitive verbs marked as Ergative? Why not as Dative, since doubling on Dative is observed in other parts of the language [...], while doubling on Ergative with the same verb is not?
3. actually [...], we cannot talk about the traditional grammatical relations of “Subject” or “Object” for Trumai, given that there are no syntactic behaviors to support establishing these categories. Therefore, the marking of the causee in the causative constructions in Trumai cannot be accounted for with Comrie’s hierarchy, since the traditional grammatical relations do not play a role in the grammar of this language.”

p. 315: “What we want to highlight in Comrie’s idea is that languages can have intermediate causative types, and this would be the case of Trumai. Anyway, the main point in the hypothesis presented above is that the Ergative marking of the causee in the causative of Transitive verbs would be due to the historical developments that occurred in the language, and not because of the existence of a formal hierarchy that needs to be respected.”

24.

Resposta: Sim. Como informado na resposta à questão 19, o critério usado para diferenciar os dois “argumentos A” com marcação ergativa é a ordem de constituintes. O causador ocupa a posição inicial da sentença (Causador-erg Causado-erg O-abs V) (Guirardello, 1999, p. 303-304).

p. 260: “The Ergative-Absolutive pattern is manifested through case-marking, verb-marking, and word order, as summarized below:

a. Case-marking on the arguments:

INTRANSITIVE	S-Ø	V	
TRANSITIVE	A-(V)k	O-Ø	V
DITRANSITIVE	A-(V)k	O-Ø	V DAT-(V)tl / ki / -(V)s

b. Person marking on the verb/last element of the VP:

INTRANSITIVE	[[Ø] V]-n/e

TRANSITIVE	A	[[Ø] V]-n/e
DITRANSITIVE	A	[[Ø] V] -n/e DAT

c. Basic word order:

INTRANSITIVE		[[S] V]
TRANSITIVE	A	[[O] V]
DITRANSITIVE	A	[[O] V] DAT

d. Changes in order and extra morphology

INTRANSITIVE	S	[Foc/Tens]		V	ke
TRANSITIVE	O	[Foc/Tens]	A	V	ke
	A	[Foc/Tens]		O	V
DITRANSITIVE	O	[Foc/Tens]	A	V	ke DAT
	A	[Foc/Tens]		O	V DAT
	DAT	[Foc/Tens]	A	O	V "

25.

Resposta: Sim, o causado pode ser omitido, conforme os dados (14) [5], (15) [6] e (16) [25]. A omissão é pragmaticamente motivada e não altera a valência sintática.

Guirardello (1999, p. 343-344) informa que, em algumas situações, a omissão do causado tem o efeito de uma construção passiva, no sentido de que o falante não deseja revelar quem é o agente. Em nosso ponto de vista, contudo, parece haver uma diferença importante entre a omissão do causado e a passiva. Na causativa, a agentividade do causador tende ganhar destaque com a omissão do causado, de maneira que o causador pode ser visto como o único ou o maior responsável pelo evento. Em sentido oposto, a passiva atribui ênfase ao paciente e apaga justamente o responsável pelo evento.

p. 304: “We observe that speakers try to avoid the presence of two Ergative NPs in the construction if the information can be inferred from the context, or it does not matter who the causee is:

- (14)[5] causer causee
Alaweru-k ka_in [] atlat-Ø mapa ka.
 Alaweru-Erg Foc/Tens clay.pan-Abs break Caus
 ‘Alaweru made (somebody, known by context) break the clay pan.’

- (15)[6] causer causee
Amati-k chi_in [] karakarako taf-Ø kiti ka ha wan-ki.
 Amati-Erg Foc/Tens chicken egg-Abs give Caus 1 PL-Dat
 ‘Amati made (somebody) give chicken eggs to us.’

However, this omission does not mean that the co-occurrence of two Ergative NPs in the causative construction is not possible, only that it is avoided if the information can be obtained from context. When it cannot, the speakers use the causative construction with two Ergative NPs.”

p. 343-344: “Suppression of Ergative: passive effect

When the agent of a Transitive verb is indefinite or unimportant, it is omitted from the clause. More specifically, the Ergative argument is suppressed when the speaker does not know exactly who is performing the event (therefore, s/he cannot provide information about the agent), or when the agent is not relevant at all for what is being described (i.e. only the event itself matters). The Ergative argument can also be suppressed when the speaker does not want to tell who the agent is. Examples:

[...]

				NP-Erg	NP_{Abs}	V		NP_{Dat}
(16)[25]	<i>inatl</i>	<i>yi-k</i>	<i>chĩ_in</i>	<i>Ø</i>	<i>oke</i>	<i>yi</i>	<i>kĩĩ</i>	<i>ka ine-tl.</i>
	3	YI-Erg	Foc/Tens		medicine	YI	give Caus	3-Dat
- ‘She sent medicine to him.’ (lit: She made (somebody) give medicine to him.)
 [she made somebody take the medicine and give it to him. It does not matter who was the giver (he was just an intermediary)] ”

26.

Resposta: Não identificamos relativização do causado no Trumai, porém as posições de “argumento A”, “argumento S”, “argumento O” e “dativo” podem ser relativizadas nas construções não causativas.

p. 410: “A relative clause (S_{REL}) is a clause that modifies a noun in the main clause (the *head*); in the case of Trumai, the relative clause modifies an NP, so we will call it the *head NP*. Inside S_{REL}, the NP that is relativized (NP_{REL}) is coreferential with the head NP.”

p. 413: “When NP_{REL} is not Absolutive (i.e. it is A or DAT), the verb is followed by *chĩ-k* (or sometimes *chĩ-ke*, if an Ergative or Dative marker comes after the relative clause).”

p. 410: “In Trumai, when NP_{REL} is Absolutive, the verb in the relative clause (V_{REL}) is modified by the relativizer *ke*.”

p. 411: “In some examples with Absolutive NP_{REL}, the morpheme (*i*)*yi* is found at the end of the relative clause (134). This fact indicates that the relative clause is being treated as an NP. The possibility of occurrence of a Dative marker following some relative clauses is further evidence for their nominal nature [...]”

27.

Resposta: Como informado nas questões 4 e 11, são transitivos ativos os verbos causativizados com a partícula *ka* ‘causativo’ ou com o verbo *tao* ‘mandar, dar ordem’. O causado parece apresentar traço [+HUMANO] nos dois tipos de construção. Com base nessas informações e nos dados disponíveis, constatamos que o causado é animado e expressa também o papel semântico de agente. Guirardello (1999, p. 303) o denomina “agente ‘interno’ ”.

28.

Resposta: Segundo Guirardello (1999, p. 304-305), em uma construção formada com a partícula *ka* ‘causativo’, o causado pode agir com ou sem intenção, conforme (17) [7a]. A autora informa que a semântica da partícula *ka* é neutra em relação ao modo da causação (p. 306). Diferentemente, a construção com o verbo *tao* ‘mandar, dar ordem’ indica que o causador age por meio de uma ordem, o que interpretamos como uma diminuição da autonomia e, possivelmente, da volição do causado. Guirardello (1999, p. 317) também afirma que o causador e o causado são iniciadores e controladores da atividade que afeta o paciente, mas que o causado é o menos responsável, pois o causador é o principal iniciador do evento.

A autora informa que, se o causado fosse marcado com os casos dativo ou instrumental, a semântica da oração seria alterada, passando a indicar que a causação é menos direta e não accidental, ou seja, que o causado é coagido a agir. Em relação à marca dativa, o causado acumularia a função de recipiente. No entanto, Guirardello (1999, p. 305) esclarece que essas construções não são usadas pelos falantes e que a menor autonomia do causado pode ser veiculada por um tipo de clivagem ou foco, a exemplo de (18) [8b] e (21) [79b].

Embora a construção usada para expressar mais autonomia do causado seja formada com o advérbio *mit* ‘em conjunto’ com a partícula *ka* (p. 306), configurando uma semântica permissiva, não identificamos dados com essa morfologia em causativas de verbos transitivos. Essas marcas ocorrem nas causativas formadas com os “verbos intransitivos estendidos” (p. 301), os quais apresentam, a nosso ver, características tanto dos intransitivos quanto dos transitivos, podendo ser considerados uma subclasse de um ou de outro tipo verbal, a depender do foco da análise.

p. 304-305: “What about if we try to change the case marking of the NP-causee to Dative or Instrumental? In this case, the semantics of the clause is changed, too: (i) the causation is less direct; (ii) it cannot be accidental. In the case of the Dative marking, the consultant suggests

that the causee is not only a causee, but a recipient as well (i.e. causer gives the patient to the causee and demands that the action be performed).

- (17)[7a] *hai-ts chī_in inatl-ek atlat-Ø mapa ka.*
 1-Erg Foc/Tens 3-Erg clay.pan-Abs break Caus
 ‘I made her break the clay pan.’ (intentionally or not)
- [7b] *hai-ts chī_in inatl-etl atlat-Ø mapa ka.*
 1-Erg Foc/Tens 3-Dat clay.pan-Abs break Caus
 ‘I gave her the clay pan in order for her to break it.’ (I forced her)
- [7c] *?hai-ts chī_in inatl letsi atlat-Ø mapa ka.*
 1-Erg Foc/Tens 3 Instr clay.pan-Abs break Caus
 ?‘I made her break the clay pan with her body.’

It is important to say here that sentences (b) and (c) above have never been encountered in text nor have speakers offered such sentences spontaneously. There were presented in elicitation, and then interpreted by the consultants, but they are not really used by the speakers. Example (b) is not the construction generally employed to show less autonomy of the causee in the event. Rather, the speakers use another construction, a special kind of cleft/focus construction observed with causativized verbs, illustrated in (8b); perhaps the emphasis on the causer creates the idea that the causer forced the causee to do the action: Yaka extinguished the fire, but it was me who made her to do it = I forced her to do it:

- (18)[8a] *hai-ts chī_in Yaka-k so-Ø (o)pi ka.*
 1-Erg Foc/Tens Yaka-Erg fire-Abs extinguish Caus
 ‘I made Yaka extinguish the fire.’ (I asked her to do it)
- [8b] *hai-ts chī_in ke Yaka-k so-Ø (o)pi ka.*
 1-Erg Foc/Tens Yaka-Erg fire-Abs extinguish Caus
 ‘I made Yaka extinguish the fire.’ (I forced her to do it) ”

p. 306: “Besides the causative particle *ka*, the Transitive verb *tao* ‘order/give order’ can also be used to express the idea of causing somebody to do something. The semantic difference between the use of *tao* and use of the Causative particle *ka* is that with *tao*, it is explicit how the causer made the causee execute the action (i.e. through an order). The Causative particle is neutral with regard to means of causation; its semantics is more abstract.”

p. 308: “In other words, *ka* is indeed the morpheme specialized in the sense of causation; the use of *tao* represents an alternative way of expressing causative events, making explicit how the causing event is brought about (i.e. through an order).”

p. 317: “In the causative clauses with Transitive verb, the causee shares the ‘agent’ role with the causer, since both are initiators and controllers of the activity that is affecting another entity,

the affectee [This term is used by Kemmer and Verhagen]. Thus, it is not strange that the causee is marked in the same way as the causer; on the contrary, semantically speaking, there is a motivation for the marking of the causee as Ergative. However, causer and causee have different degrees of responsibility in the event; the causee is less responsible than the causer, who is the main initiator of the event.”

p. 306: “On the other hand, in order to express more autonomy of the causee (in the sense that the causer is giving permission to the causee to carry out an activity; thus, the causee has some choice), the speakers use *mit* ‘leave’ **in conjunction** with the causative construction. *Mit*’ is a verb, but in the causative construction, it behaves rather as an adverb [...]”

29.

Resposta: Não identificamos mais de um tipo de causado nas causativas de transitivos do Trumai.

Registramos que, nos enunciados formados com “verbos intransitivos estendidos”, o causado recebe a marca absolutiva (p. 301). O registro é válido porque, em nossa interpretação, essas construções não são prototipicamente intransitivas nem transitivas, mas apresentam características das duas classes. Em relação à transitiva, elas também têm dois argumentos, um dos quais é do tipo paciente, e passam a ter três argumentos na causativa, após a inclusão do causador. Comparando a causativa formada a partir de verbos transitivos e a causativa de verbos intransitivos estendidos, Guirardello (1999, p. 319) afirma que o causado absolutivo é mais integrado conceitualmente à sentença.

p. 318: “The case of Extended Intransitive verbs is a little more complicated, because these verbs express events that have a second participant, marked as Dative. However, as mentioned in chapter 7 (section 7.1.3), this second participant in many cases is not a patient, but rather it is constructed as a kind of a goal/location; thus, this second participant cannot be the affectee when the verb is causativized. For other Extended Intransitive verbs (such as *ma* ‘eat’), the second participant is patient-like, but it is relatively predictable, lacking high topicality (cf. chapter 7, section 7.1.3). Thus, when the verb is causativized, the causee (which has importance in this case) is the one marked as Absolutive, while the other participant keeps being marked as Dative.”

p. 319: “If we think about the degree of conceptual integration of the causee in the event, we could say that a causee marked as Ergative is less integrated than a causee marked as

Absolutive. This can be seen in the optionality of the causee marked as Ergative, versus the obligatory presence of the causee marked as Absolutive. Observe that these facts correlate with the core-peripheral hierarchy proposed in chapter 7, section 7.3.2, in which participants marked as Absolutive are analyzed as being more core than the ones marked as Ergative.”

30.

Resposta: Considerando que o causador pode agir por meio de comandos, como na causativa morfológica ((18) [8a]) e na sintática ((5) [16a] [16b] e (12) [17]), deduzimos que ele é capaz de atuar indiretamente sobre o causado. Como informado na resposta à questão 1, a semântica da partícula *ka* é abstrata e é neutra em relação aos meios de causação, mas a do verbo *tao* explicita que o agente provoca a ação por meio de uma ordem (Guirardello, 1999, p. 306).

31.

Resposta: Segundo Guirardello (1999, p. 304-306), uma construção formada com a partícula *ka* ‘causativo’ é neutra em relação a como a causação é provocada. Logo, os dados não permitem concluir se o causador atinge o resultado com ou sem intenção. Diferentemente, em uma construção com o verbo *tao* ‘mandar, dar ordem’, na qual o causador age por meio de uma ordem, deduzimos que ele atinge o resultado intencionalmente.

32.

Resposta: Considerando que o causador pode agir por meio de comandos, conforme (18) [8a], (5) [16a] [16b] e (12) [17], e através de força ou obrigação, como em (18) [8b] e (21) [79b], deduzimos que ele é capaz de iniciar o processo e alcançar o resultado com ou sem esforço.

33.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se o causador está envolvido na atividade.

p. 400: “In sum, to express that one event is happening simultaneously with another and that both events have the same agent, one employs the postposition *tam* ‘Comitative’ after the verbal root, which behaves as a possessed noun.”

34.

p. 302: “Even though the Focus/Tense particles occur in many of the examples of this section, they are not necessarily required in the causative construction with (Extended) Transitive verbs. It is possible to have causative clauses without *ka_in* or *chĩ_in* [...]”

35.

Resposta: Não identificamos relação entre a frequência das situações e o tipo de construção causativa.

36.

Resposta: Considerando que a causativa sintática é expressa indiretamente, por meio de uma ordem, e que a morfológica pode ou não ser expressa indiretamente, deduzimos que as causativas de transitivos apresentam tendência similar à do *continuum* proposto. No entanto, como a causativa sintática codifica uma obrigação, o causado parece ter menos controle nesse mecanismo do que no morfológico, diferentemente do previsto pelo *continuum*. Para expressar menor autonomia do causado no mecanismo morfológico, os falantes usam um tipo de clivagem ou foco, como em (18) [8b] e (21) [79b] (p. 304-306).

Esclarecemos que não identificamos construções causativas de transitivos formadas com o advérbio *mit'* e a causativa morfológica, as quais poderiam expressar mais autonomia do causado (p. 306).

37.

Resposta: Mudança de valência. As construções causativas acrescentam um participante agentivo no evento (p. 301).

Guirardello (1999, p. 336) define “manipulação de voz” como a supressão pragmática de um argumento obrigatório. Assim, o dado (16) [25], com o causado omitido, é entendido como uma forma de “manipulação de voz”, na qual se cria um “efeito passivo” (p. 343-344).

p. 301: ““Valence Changing” Devices

In this chapter, we will present constructions that in some way involve changes in the valence of the verb: the Causative construction, which allows the inclusion of one more agentive participant in the event (so, an Intransitive verb can now “behave” as a Transitive one) [...]”

p. 336: “Active Transitive clauses constitute the unmarked voice. The question is to determine how the marked voices (i.e. passive, antipassive) are expressed in Trumai.

Voice manipulation here (for the marked types) is defined as the pragmatic suppression of an otherwise obligatory argument, a definition based on proposals by Shibatani (1985) and Givón (1994). We adopt this definition in our study because, while Trumai does not present prototypical passive and antipassive constructions, the language does have strategies that create the same effects, that is, demotion of the agent (in passive) and demotion of the patient (in antipassive). The main strategy is simply to suppress one of the obligatory arguments.”

38.

Resposta: Não identificamos causativas de verbos transitivos combinadas com outras vozes ou mecanismos de mudança de valência.

39.

Resposta: Sim. Guirardello (1999, p. 312-315) propõe que a partícula *ka* ‘causativo’ pode ter se originado do verbo *kapan* ‘fazer’, podendo ser atualmente sua forma fonológica reduzida e especializada com um sentido causativo. Nos dias atuais, a partícula *ka* não é encontrada como verbo principal nas orações, não tem significado lexical e não pode ocorrer na primeira posição de uma oração. O significado da partícula é gramatical e veicula “o sentido abstrato de ‘causalidade’ ” (Guirardello, 1999, p. 307).

Essa origem verbal poderia explicar, segundo a autora, o fato de o causado receber o caso ergativo simultaneamente ao causador, uma vez que a causativa morfológica com *ka* seria a evolução histórica de uma construção antes analítica (com dois verbos e bi-oracional), em que o causado apareceria em uma oração subordinada e marcado pelo caso ergativo. Por sua vez, o verbo *tao* ‘mandar, dar ordem’ é um uso alternativo do mesmo verbo *tao*, o qual continua atuando como verbo lexical pleno no Trumai. Assim, Guirardello (1999, p. 307) avalia que apenas *tao* apresenta características verbais.

Como informado na resposta à questão 1, Guirardello (1999, p. 314) propõe que a construção formada com a partícula *ka* pode ser um tipo intermediário entre uma causativa morfológica e uma sintática, tendo em vista que o causado preserva a marca de caso ergativo da construção original.

p. 108: “The alternations of *ka* with auxiliaries and the Intensity particle probably has to do with its origins from the main verb, *kapan* ‘make’:

Present Construction	Possible Origin

V Aux Caus	[V Aux] _{NP}	make
V Caus Aux	[V] _{NP}	make Aux
V Intens Caus	[V Intens] _{NP}	make
V Caus Intens	[V] _{NP}	make Intens

”

p. 107-108: “We can speculate that *ka* is historically a reduced form of *kapan*, but even if this is really the case, we must observe that there are differences between them, besides the difference in form: (i) as already mentioned, *ka* is not found as the main verb of a clause, while *kapan* is; (ii) *kapan* is used to express ‘to make’ in the sense of producing a material object, not in the causative sense; on the other hand, *ka* is specialized in the more abstract sense of ‘Causation’ [...]

Therefore, if *ka* really came historically from *kapan*, its status is already different from the source, both in terms of semantic and formal properties, which is exactly the scenario observed in the development of auxiliaries described by Heine (1993).”

p. 312-315: “A possible account for the Ergative marking of the causee in the causative of Transitive verbs would be to say that the causative construction in Trumai was originally analytical (with two verbs) but changed over time. Explaining it better: it might be that the doubling on A argument observed in the causativization of Transitive verbs is due to the biclausal origins of the causative construction. The particle *ka* would be actually a reduction of the Transitive verb *kapan* ‘make’, that is, *ka* came from the verb *kapan* used in a causative sense (i.e. causing an event to happen, rather than making a material object). Over time, the “causative” *kapan* changed, becoming phonologically reduced to *ka* and becoming specialized in the more abstract sense of ‘causation’, while the ordinary *kapan* ‘make’ remained a verb (as mentioned in chapter 3, the verb *kapan* is currently used to express ‘make’ in the sense of producing an object, not in the causative sense).

In this scenario, the Ergative causer would be originally the A NP of the “causative” *kapan*, and a subordinate clause would be the Absolutive complement of *kapan*. Inside the subordinate clause, the A NP would be the Ergative causee and the other NP would be the Absolutive. Later *kapan* was reduced to *ka* and reanalyzed as the causative particle: [...]

In favor of this hypothesis, we have the similarities between the configuration of the causative construction and the configuration of biclausal sentences. Looking at a clause that has a main Transitive verb and a subordinated clause as its Direct Object, we see that the subordinate clause occurs before the main verb: **A O_[subordinate cause] V**. If the Absolutive NP in

the subordinate clause is not lexically present in the clause, the enclitic *-n/-e* appears in the main verb, not in the embedded verb (cf. chapter 10 for more details): [...]

If the subordinate clause has a Transitive verb itself, then we have an Ergative NP in the main clause and another Ergative NP in the subordinated clause: [...]

As we can see, the configuration of a bi-clausal sentence [...] and configuration of the causative construction are very similar: presence of two Ergative NPs, 3Abs enclitic at the end of the VP. Therefore, it is reasonable to think that *ka* came from a main Transitive verb whose object was a clause. Since the causative construction had a biclausal origin, it is not surprising that both causer and causee are marked as Ergative, because they were A arguments of different verbs. However, the construction cannot be considered biclausal anymore, because of the current behavior of *ka*, which can no longer be classified as a verb.

Thus, the causative construction in Trumai would be an intermediate type between an analytical and a morphological causative. It probably started as analytical and it would be evolving to become morphological, but it is not completely morphological yet, since the causee still would preserve its case-marking from the original construction. Comrie (1989:169) points out that the distinction between analytical and morphological causatives is not clear-cut, but it is rather a continuum, and that languages can have intermediate causative systems: [...]

What we want to highlight in Comrie's idea is that languages can have intermediate causative types, and this would be the case of Trumai. Anyway, the main point in the hypothesis presented above is that the Ergative marking of the causee in the causative of Transitive verbs would be due to the historical developments that occurred in the language, and not because of the existence of a formal hierarchy that needs to be respected."

40.

Resposta: Não identificamos mudanças diacrônicas na marcação de caso do causado de verbo transitivo.

41.

Resposta: O causador é chamado de "*causer*", "participante agentivo" (p. 301), "agente 'externo' " (p. 303), "argumento A" (p. 311) e "principal iniciador do evento" (p. 317). O causado é tratado como "*causee*" (p. 301), "agente 'interno', aquele que efetivamente realiza o evento" (p. 303) e "argumento A". Já o paciente é denominado "O" (p. 302) e "paciente" (p. 305). Considerando que os argumentos são classificados em "nuclear" ("*core argument*") e "periférico" ("*peripheral argument*") (p. 296), Guirardello (1999, p. 297) propõe que o

causador e o causado seriam “nucleares”, por serem marcados com o caso ergativo (que ocorre em orações com dois participantes), mas seriam menos centrais do que o participante absoluto, pelo fato de este ocorrer em todos os tipos de oração.

O termo “A” é definido como “o argumento obrigatório semelhante ao agente em orações transitivas prototípicas” (p. 255). E o termo “O”, como “o argumento obrigatório semelhante ao paciente em orações transitivas e ditransitivas prototípicas” (p. 255). Guirardello (1999, p. 255-256) assim justifica sua escolha pelo uso de “A” e “O”: “preferimos usar esses rótulos em vez de termos puramente semânticos (como ‘agente’, ‘paciente’, ‘recipiente’) porque esses rótulos podem ser aplicados não apenas a eventos transitivos típicos (como ‘quebrar’, que tem um agente e um paciente), mas também a outros eventos que não são exatamente como os prototípicos (como ‘ver’, que não tem um agente).”

A autora também adota o termo “verbo ditransitivo” e o iguala a “verbo transitivo estendido” (p. 263).

Não identificamos outras definições explícitas.

42.

Resposta: Não identificamos terminologia particular em Guirardello (1999).

Kubeo (Tukano)

Obras pesquisadas¹: Morse e Maxwell (1999), Chacon (2012), Chacon e Genetti (2019)

1.

Resposta: O Kubeo usa dois mecanismos formais: um morfológico, com o sufixo *-oa* ~ *-wa* ~ *-owa* ~ *-o* ~ *-a* ‘causativo’ (causação direta), e outro perifrástico, formado pela composição de um verbo principal nominalizado e do verbo *ḍa* ‘fazer’ (causação indireta), sendo ambos os mecanismos estratégias de aumento de valência argumental. Segundo Morse e Maxwell (1999, p. 69), essa “causativa verbal composta é plenamente produtiva”.

A formação da causativa morfológica pode ser vista no contraste estrutural entre os dados (1) [324] e (2) [13c]. Em (1) [324], o verbo transitivo *xã* ‘ver’ seleciona os argumentos sujeito *ʃi* ‘eu’ e objeto *ḍā-re* ‘eles’. Em (2) [13c], o mesmo verbo (*hã*)²⁵⁰ aparece marcado com o sufixo causativo *-ḍowa*²⁵¹, e ocorre a inserção de um causador na função de sujeito (*báyī* ‘pai’). O antigo sujeito, agora com papel semântico de causado (*yī-re* ‘eu-NNOM’), passa a receber a marca de caso *-re* ‘não nominativo’, a qual equivale ao acusativo (Chacon e Genetti, 2019, p. 410). O antigo objeto permanece morfológicamente inalterado, de maneira que também é codificado com *-re* (*hi-páko-re* ‘minha-mãe-NNOM’). Comparando-se estruturalmente a transitiva (1) [324] e a causativa (7) [35a], verifica-se a introdução do sufixo *-wã* ‘causativo’ e

¹ AN: Animado; ANT: Anterior; CAUS: Causativo; CLS: Classificador; CLS: tiempo: Tempo; CONCES.SD: Concessão (oração subordinada, sujeito diferente); DIM: Diminutivo; DIN: Dinamizador; ella-POS: Sua (dela) (usado com a maioria dos termos de parentesco); él-pos: Seu (dele) (usado com a maioria dos termos de parentesco); EST: Estatizador; EXCL: Nosso (exclusivo) (usado com termos de parentesco); FEM: Feminino; FUT: Futuro; FUT.CER.PL: Futuro próximo, plural; GER: Gerúndio; HIST: Passado histórico; II: Paradigma flexional de verbo da classe ii; IMP: Imperativo; IN: Inanimado; INCL: Inclusivo (Primeira pessoa plural inclusiva); INFRR: Evidencial inferido (*inferred evidential*); LOC: Locativo, temporal; MSC: Masculino; MSG: Masculino singular (nos substantivos), não feminino (nos adjetivos); MSS: Inanimado não contável/nome de massa (*inanimate non-count/mass noun*); N/H.1MSG: Presenciado, passado não recente e presente habitual, primeira pessoa masculina singular; N/H.3INAN: Presenciado, passado não recente e presente habitual; NMLZ: Nominalizador; NMLZ.IN.PL: Nominalizador não futuro inanimado plural; NMLZ.IN.SG: Nominalizador não futuro inanimado singular; NMLZ.NOFUT.IN.PL: Nominalizador não futuro inanimado plural (no verbo *ʔa* ‘ser’); NMLZ.NOFUT.PL: Nominalizador não futuro animado plural; NMLZ.PSV.PL: Nominalizador passivo plural; NNOM: Não nominativo; NO3: Presenciado, passado recente e presente durativo, primeira e segunda pessoas e inanimado, futuro próximo, primeira e segunda pessoas; Nuestro-INCL: Nosso (inclusivo) (usado com termos de parentesco); OBJ: Objeto; P.V: Ponto de vista; PART: Partitivo; PERS: Passado não recente (próximo de *-kebã* ‘pressuposto’), todas as pessoas; PL: Plural; PRESUP.N/H: Pressuposto, passado não recente; REP: Evidencial reportativo; SG: Singular; ST: Estatizador; TAEM.I: Classe I de flexão de Tempo, Aspecto, Evidencialidade e Modo (passado recente com verbos dinâmicos, estados presentes com verbos estativos, evidencial de primeira mão, modo assertivo); TAEM.II: Classe II de flexão verbal (passado remoto com verbos dinâmicos, predicados genéricos com verbos estativos, evidencial de primeira mão, modo assertivo); 1: Primeira pessoa; 3: Terceira pessoa; 3FSG: Presenciado, passado recente, presente durativo e futuro próximo, terceira pessoa feminina singular.

²⁵⁰ Morse e Maxwell (1999) grafam esse verbo como *xã* ‘ver’.

²⁵¹ Não identificamos esclarecimentos a respeito da forma do morfema *-ḍowa* em Chacon e Genetti (2019).

do causador *Juan*. O antigo objeto mostra a marca *-rẽ* ‘NNOM’. O causado está omitido nessa construção.

Outro conjunto de dados mostra uma causativa morfológica no imperativo. Na transitiva não derivada (3) [7.2a], o verbo *ã-i* ‘comer-ST’ tem sua grade argumental preenchida pelo sujeito *weki* ‘anta’ e pelo objeto *joka bãbã-e* ‘folhas novas’. Esse verbo é transitivo e marcado pelo sufixo “estatizador”. Na causativa (4) [5c], o verbo *ã* ‘comer’ recebe os sufixos *-o* ‘causativo’ e *-ha* ‘imperativo’, de maneira que o causador não é explicitado. O participante causado (*yawimi-wa-re* ‘cachorros’) novamente recebe a marca *-re* ‘não nominativo’, e o antigo objeto mantém o caso não nominativo (*pipitiye-de* ‘sobras’).

A causativa “perifrástica” pode ser vista na comparação estrutural entre os dados (1) [324] e (5) [35b]. A inserção do causador (*yi* ‘eu’) e do verbo causativo (*đa* ‘fazer’) alteram a codificação do antigo sujeito (*ĩ-re* ‘ele-NNOM’), mas mantêm o antigo objeto inalterado (*mihĩki-re* ‘pássaro-NNOM’). O antigo verbo da construção primitiva é nominalizado (*hã-re* ‘ver-NMLZ’). O sufixo nominalizador *-re* e a marca de caso *-re* ‘não nominativo’ são homófonos (Chacon e Genetti, 2019, p. 420).

Esclarecemos que adotamos o termo “causativa perifrástica” por ser essa a terminologia usada por Chacon (2012) e Chacon e Genetti (2019). Informamos, adicionalmente, que Chacon (2012, p. 210) emprega a terminologia “perífrase” também para tratar da morfologia do Kubeo. Como não identificamos definição do termo “causativa perifrástica”, e considerando que os autores tratam esse mecanismo como “composição”, não podemos afirmar seguramente que se trata de uma causativa sintática. Uma análise possível para a “causativa perifrástica” é a de “construção verbal composta”, formulada por Morse e Maxwell (1999, p. 69), a qual também indica se tratar de uma composição.

Tendo em vista as características atípicas dessa construção, podemos hipotetizar que a causativa formada por composição seria um tipo intermediário entre uma causativa morfológica e uma sintática.

p. 105 (Morse e Maxwell, 1999): “

(1) [324]	<i>ʔi-wakari</i>	<i>ʔã-wɪ</i>	<i>ʔdã-RE.</i>
	yo-MISMO	ver-NO3	ellos-OBJ
	‘Yo mismo los vi (a ellos).’ ”		

p. 409 (Chacon e Genetti, 2019): “A_{ditr}, A and Sa arguments are not case marked in main clauses, as shown below in the examples in (13).

[...]

- (2) [13c] *báyi yi-re hi-páko-re hã-đowa-mi*
 dad I-NNOM my-mother-NNOM see-CAUS-3MSC
 ‘Dad showed me my mother.’ ”

p. 227 (Chacon, 2012): “

- (3) [7.2a] *wekĩ joka bãbã-e ã-i-abẽ*
 tapir leaf new-MSS eat-ST-3MSC
 ‘tapirs eat new leaves’ ”

p. 403 (Chacon e Genetti, 2019): “Like their declarative counterparts, imperative verbs agree with A/A_{ditr}/S arguments, which are typically not expressed in this construction. Example (5) illustrates imperatives with intransitive (volitional and non-volitional), transitive and ditransitive:

[...]

- (4) [5c] *pipiye-de yawimi-wa-re ã-o-ha-rã*
 left.overs-NNOM dog-AN.PL-NNOM eat-CAUS-IMP-PL.AN
 ‘Feed the dogs the left overs.’ (addressed to a group of people)”

p. 105 (Morse e Maxwell, 1999): “

- (1) [324] *’jĩ-wakari ’xã-wĩ ’dã-RE.*
 yo-MISMO ver-NO3 ellos-OBJ
 ‘Yo mismo los vi (a ellos).’ ”

p. 420 (Chacon e Genetti, 2019): “

- (5) [35b] *ĩ-re yi mĩhĩki-re hã-re ða-wĩ*
 he-NNOM I bird-NNOM see-NMLZ.ANT.IN make-TAEM.I;1SG
 ‘I made him look at the bird.’ ”

p. 419 (Chacon e Genetti, 2019): “Kubeo has two causative constructions: a morphological causative that signals direct causation and a periphrastic causative that signals indirect causation [...]. Both constructions increase the valency of the clause by one argument. Under these constructions, the S of a simplex intransitive clause consistently corresponds to the P of the transitive causative clause. The A of a transitive clause corresponds to the G of the ditransitive, while the P of the transitive corresponds to the T.²⁵²

²⁵² Identificamos a seguinte lista de abreviaturas na mesma obra em que consta o capítulo de Chacon e Genetti (2019):

“A agent-like argument of bivalent predicate
 A_{ditr} agent-like argument of trivalent predicate
 G goal-like argument of trivalent predicate

Direct causation is marked by the suffix *-oa* ‘causative’, with allomorphs [wa], [owa], [o] and [a].”

p. 420 (Chacon e Genetti, 2019): “When transitive verbs are causativized, the result is a ditransitive clause. Example (34a) presents a simple transitive clause with the verb *ũkũ* ‘drink’ and a P argument. (34b) shows the same verb causativized. The causer of the event is the A_{ditr} argument and controls verb agreement. The sentence has two *-re* marked noun phrases, a G and a T. In this example the semantic entailment properties allow us to assign the first *-re* marked NP to the T role and the second one to the G role.

- (6) [34a] *pediko* *ũkũ-mi*
 manicuera.porridge drink-TAEM.I;3MSC he
 ‘He has drunk manicuera porridge.’
- [34b] *ĩ* *hiwe-de* *maha-re* *ũkũ-wa-i-mi=ya*
 he blood-NNOM we.INCL-NNOM drink-CAUS-ST-TAEM.I;3MSC=REP
 ‘It is said that he makes us drink blood.’ ”

p. 420 (Chacon e Genetti, 2019): “The indirect causative construction in Kubeo is formed by compounding the nominalized main verb with *ǵa* ‘to make’.¹⁰ The nominalizer, which is specifically restricted to anterior aspect, is homophonous with the non-nominative casemarker *-re*. The argument correspondences between the simplex and the causativized clauses are the same as direct causation. The examples in (35) illustrate the two constructions with the same verb stem: *hã-* ‘see’.

- (7) [35a] *juan* *ãǵã-rẽ* *hã-wã-kibe*
 Juan snake-NNOM see-CAUS-INFR.3MSC
 ‘Juan showed (me) a snake.’
- [35b] *ĩ-re* *yi* *mihĩki-re* *hã-re* *ǵa-wi*
 he-NNOM I bird-NNOM see-NMLZ.ANT.IN make-TAEM.I;1SG
 ‘I made him look at the bird.’

10. Some stative verbs are never combined with the morphological causative, but instead form a compound with the verb *ǵa* ‘to make’, such as is *toahi* ‘to be hot’ and *toahi ya* ‘to warm up’, *mau* ‘to stay’ and *mau ya* ‘to make stay/stop’, *mika* ‘to be pregnant’ and *mika ǵa* ‘to make one pregnant’. Likewise, compounds of nouns and *ǵa* ‘to make’ carry a causation meaning, as in *doki* ‘dirt’ and *doki ya* ‘to make something dirty’ or *pǵe* ‘person’ and *pǵe ǵa* ‘to give birth, to

O object
 P patient-like argument of bivalent predicate
 S unspecified single argument of monovalent predicate/subject
 S_A agentive single argument of monovalent predicate
 S_P patientive single argument of monovalent predicate
 T theme-like argument of trivalent predicate” (Zúñiga, 2019, p. 64-65)

create/invent’. All of these are examples of direct causation, even though they are based on a compounding strategy rather than causative suffixation.”

p. 404 (Chacon e Genetti, 2019):

“Table 1. Non-finite clause types and agreement

Non-finite clauses with agreement	Non-finite clauses without agreement
[...]	[...]
	Indirect causative construction”

p. 411 (Chacon e Genetti, 2019): “[...] *-re* may select both the G and the T within the same grammatical clause, as illustrated in (16) below (see also (13c)):

[...]

- (8) [16b] *ibenita* [i-hĩ-ye-ne] [yĩ-re]
 but this-DIM-MSS-NNOM I-NNOM

dawa-kemawĩ-iko

come-CAUS-TAEM.II.assumed-P.V

‘But someone brought me these things.’ ”

p. 260 (Chacon, 2012): “The light verb *ḍa* ‘to make’ can also be used as causative in complimentary distribution with *-wa* ‘causative’ [...].”

p. 267 (Chacon, 2012): “[...] the causative and the benefactive/malefactive change the aspect of a stative stem to dynamic.”

p. 295 (Chacon, 2012): “There are other types of nominalizations used with some auxiliary verbs that are not treated in this dissertation, such as [...], and the infinite form *-de* used in periphrastic causatives and other verb complements forms (see Morse and Maxwell 1999, who present data about these forms).”

p. 43 (Chacon, 2012): “

- (9) [2.38a] *kũ-bi* [kũmĩ]
 bite-3MSC
 ‘he bited it’
- [2.38b] *kũ-o-bi* [kĩõmĩ]
 bite-CAUS-3MSC
 ‘he made it bite (it)’
- (10) [2.39a] *dũ-bi* [nũ'mĩ]
 suck-3MSC
 ‘he sucked it’

- [2.39b] *dũ-o-biko* [‘nĩõmĩko]
suck-CAUS-3MSC
‘she breastfed it’ ”

p. 88 (Chacon, 2012): “

- (11) [3.10a] *ã-biko* [ã'mĩko]
eat-3.FEM
‘she ate (it)’ ”

p. 53 (Chacon, 2012): “

- (12) [2.65d] *ã-o-abẽ=ja* [ã.'õã.mẽõa] ~ [ã.'wã.mẽõa]
eat-CAUS-II.3MSC=REP
‘he fed (him), so they say’ ”

p. 210 (Chacon, 2012): “Periphrasis in inflectional paradigms is also a common phenomenon in Kubeo morphology. I take this to be a result of the recent development of inflectional paradigms in the language, a fact that correlates with the diachronic trend of the language in becoming more agglutinating in recent times and having affixes as the least numerous bound-morpheme type. One can find periphrasis in the way stative verbs are inflected for tense, or – more precisely – in the fact that they often need to form a compound with the verb *te* ‘to do’ in order to code a past time situation (cf. section 8.2.1 and 8.2.1.1, chapter 8).”

p. 59 (Morse e Maxwell, 1999): “Causativo

El causativo morfológico en cubeo es altamente lexicalizado. Primero, está restringido a ciertos verbos. Segundo, el cubeo tiene cuatro sufijos causativos: *-wA*, *-A*, *-O* u *-OwA* y no es posible, en general, predecir por las propiedades de una raíz cuál de estos sufijos causativos se toma (si es que toma alguno).”

p. 105 (Morse e Maxwell, 1999): “

- (1) [324] *'ji-wakari* *'xã-wI* *'dã-RE*.
yo-MISMO ver-NO3 ellos-OBJ
‘Yo mismo los vi (a ellos).’ ”

p. 71 (Morse e Maxwell, 1999): “

- (13) [232] [*Juan ã-I eta-Ij-E-RE*] *'xã-wI ji*.
Juan él-POS salir-EST-NMLZ.IN.PL-OBJ ver-NO3 yo
‘Vi que Juan salió.’ ”

p. 47 (Morse e Maxwell, 1999): “Lo siguiente es un ejemplo del tiempo pasado histórico:

- (14) [156] *eda-Rĩ* *'xã-jOwA-RExa-kaki* *ji* *'dã-RE* *põe-wA-RE*
llegar-GER ver-CAUS-HIST-N/H.1MSG yo ellos-OBJ persona-PL-OBJ

'ji-ka-wi-RE jawi kaxe-RE.

YO-PART-PL-OBJ jaguar piel-OBJ

‘Al llegar, hace mucho tiempo yo le mostré a la gente, mi gente, la piel de jaguar.’ ”

p. 176 (Morse e Maxwell, 1999): “

(15)[568] *[dēō-RE ki-wA-RIwi-wareka], 'xã-JOwA-bE-te-wI*
gasolina-OBJ estar-CAUS-NMLZ.NOFUT.PL-CONCES.SD ver-CAUS-NEG-DIN-NO3

pōē-deko-xã-jOwA-Ij-E-RE, oka-Ij-E boxe.

persona-reflejo-ver-CAUS-EST-NMLZ.IN.PL-OBJ llover-EST-NMLZ.IN.PL pago

‘Aunque había gasolina (para la planta), no presentamos películas porque llovió.’ ”

p. 147 (Morse e Maxwell, 1999): “

(16)[464] *[ō-I 'Ij-E 'bA-ke-RE] Mitú-I*
ella-POS obtener-EST-NMLZ.IN.PL ser-NMLZ.NOFUT.IN.PL-OBJ Mitú-LOC

ēdōā-RE 'xã-jOwA-I-bIko jĩxã-RE.

ayer-OBJ ver-CAUS-EST-3FSG nosotros.EXCL-OBJ

‘Ella nos está mostrando lo que consiguió (compró) en Mitú ayer.’ ”

p. 59 (Morse e Maxwell, 1999): “Sin embargo, hay algunas generalizaciones que pueden hacerse acerca de cuál sufijo causativo una raíz toma y los cambios morfofonémicos que se muestran.

1. El sufijo *-wA* es el más común.

2. Si la raíz es monosilábica y termina en una vocal oral posterior redondeada (*u* u *o*), se usa el sufijo *-A*. Ejemplos: *ku-A-* (caminar-CAUS) ‘hacer (a perros) cazar’; *xu-A-* (anidar-CAUS) ‘armar una trampa’; *ju-A-* (gotear-CAUS) ‘verter’; *do-A-* (ponerse-CAUS) ‘vestirse’.

3. La mayoría de los verbos monosilábicos nasalizados toman el sufijo *-O*. Ejemplos: *kã-O-* (dormir-CAUS) ‘acostar, arrullar’; *ẽ-O-* (quemarse-CAUS) ‘prender fuego’; *xẽ-O-* (colgarse-CAUS) ‘colgar’. Algunas excepciones a esta generalización incluyen: *dĩ-wA-* (ir-CAUS) ‘llevar’ y *pã-wA-* (permanecer-CAUS) ‘separar’.

4. Si el sufijo *-wA* se agrega a una raíz verbal que termina en *ã*, la *ã* se convierte en *ō*. Por ejemplo: *xatu-* ‘abordar’, *xato-wA-* (abordar-CAUS) ‘transportar’.

5. Si el sufijo *-wA* se agrega a una raíz verbal que termina en *ã* la *ã* se convierte en *ō*. Por ejemplo: *dãkã-* ‘estar de pie’, *dãkō-wA-* (estar de pie-CAUS) ‘levantarse, pararse’.

6. Si uno de los sufijos causativos *-O*, *-OwA* o *-A* se añade a una raíz verbal acentuada en la segunda o tercera sílaba, se acentúa la primera sílaba del sufijo, con lo cual el acento de la raíz se pierde algunas veces. Ejemplos: *bi'ki-* ‘ser adulto’, *biki-'OwA-* ‘criar’; *ko're-* ‘guardar, cuidar, esperar’, *kore-'OwA-* ‘conocer, percatarse, darse cuenta de, reconocer’; *xa'ju-* ‘derramar’, *xaju-'A-* ‘rociar agua (sobre alguien en una ceremonia de curación)’.”

p. 69 (Morse e Maxwell, 1999): “Causativo compuesto

Además del causativo morfológico [...], existe un causativo marcado por una construcción verbal compuesta.

A diferencia del causativo morfológico, el causativo verbal compuesto es plenamente productivo. Se forma añadiendo el sufijo objetivo *-RE* al verbo principal y siguiéndolo con una forma conjugada del verbo auxiliar *ja-* ‘hacer’, que lleva cualesquier afijos flexionales.”

2.

Resposta: As construções são causativizadas diretamente.

3.

Resposta: Não identificamos o sufixo *-oa* (*-wa* ~ *-owa* ~ *-o* ~ *-a*) ‘causativo’ desempenhando outras funções.

Morse e Maxwell (1999, p. 59) informam que o sufixo causativo pode ocorrer lexicalizado, alterando o significado do vocábulo original. Assim, por exemplo, o verbo *kore-* ‘guardar, cuidar, esperar’ pode ter seu sentido alterado para *kore-wA-* ‘contar, medir’ ou *kore-'Owa-* ‘conhecer, perceber, compreender, reconhecer’.

p. 59 (Morse e Maxwell, 1999): “Finalmente, el causativo morfológico es lexicalizado en el sentido de que el significado algunas veces no es composicional: *ki-* es un verbo que significa ‘estar’; pero su forma causativizada *ki-wA-* significa ‘tener’. De modo similar, el verbo *kore-* significa ‘guardar, cuidar, esperar’. Hay dos causativos morfológicos de este verbo; *kore-wA-* significa ‘contar, medir’ mientras que *kore-'Owa-* significa ‘conocer, percatarse, darse cuenta de, reconocer’.

Los sufijos morfológicos preceden a los otros sufijos y hacen que el tema resultante sea dinâmico.”

4.

Resposta: Sim. Entre os verbos identificados com o sufixo *-oa* (*-wa* ~ *-owa* ~ *-o* ~ *-a*) ‘causativo’, o verbo “ver” (*hã*) pode denotar ação abstrata, conforme (2) [13c], (7) [35a], (14) [156] e (15) [568]. Os outros dados mostram os verbos transitivos ativos “beber” (*ũkũ*), “chupar” (*dũ*), “comer” (*ã*) e “morder” (*kũ*).

5.

Resposta: De acordo com Chacon e Genetti (2019, p. 419), a causativa morfológica indica causação “direta”, e a perifrástica formada por composição expressa causação “indireta”. Chacon (2012, p. 260) informa que o verbo *đa* ‘fazer’ ocorre em distribuição complementar com o morfema causativo. Morse e Maxwell (1999, p. 69) afirmam que a construção “causativa verbal composta” é mais produtiva do que a morfológica.

Não identificamos definição dos termos “direta” e “indireta”.

p. 419 (Chacon e Genetti, 2019): “Kubeo has two causative constructions: a morphological causative that signals direct causation and a periphrastic causative that signals indirect causation [...]”

p. 260 (Chacon, 2012): “The light verb *đa* ‘to make’ can also be used as causative in complimentary distribution with *-wa* ‘causative’ (see section 8.2.1.1 for the causative *-wa*).”

p. 69 (Morse e Maxwell, 1999): “Causativo compuesto

Además del causativo morfológico [...], existe um causativo marcado por una construcción verbal compuesta.

A diferencia del causativo morfológico, el causativo verbal compuesto es plenamente productivo.”

6.

Resposta: Não identificamos construção causativa formada a partir de verbos com três argumentos ou três participantes no Kubeo.

7.

Resposta: Sim. Além de a causativa de transitivo ser uma construção ditransitiva (Chacon e Genetti, 2019, p. 420), os “argumentos A e A_{ditr}” não recebem marca de caso em nenhuma das construções (p. 409), a exemplo da causativa morfológica (14) [156], da perifrástica (5) [35b] e da ditransitiva não derivada (18) [348]. O participante causado é marcado com o mesmo sufixo (*-re*) que marca o “argumento G” de verbos ditransitivos não derivados (p. 410-411).

Esse “argumento G” é tratado como “objeto indireto” em Morse e Maxwell (1999, p. 111). No entanto, diferentemente do que ocorre nas causativas, o “argumento T” não recebe marca de caso nas ditransitivas não derivadas (Chacon e Genetti, 2019, p. 411).

Como a ordem de constituintes é flexível (Morse e Maxwell, 1999, p. 139; Chacon, 2012, p. 190), não identificamos um padrão entre as causativas e as ditransitivas não derivadas em relação à ordem. A ditransitiva primitiva (18) [348], com três argumentos explícitos, parece mostrar a ordem Recipiente V A O.

p. 420 (Chacon e Genetti, 2019): “When transitive verbs are causativized, the result is a ditransitive clause. Example (34a) presents a simple transitive clause with the verb *ũkũ* ‘drink’ and a P argument. (34b) shows the same verb causativized. The causer of the event is the A_{ditr} argument and controls verb agreement. The sentence has two *-re* marked noun phrases, a G and a T. In this example the semantic entailment properties allow us to assign the first *-re* marked NP to the T role and the second one to the G role.”

p. 419 (Chacon e Genetti, 2019): “Kubeo has two causative constructions [...]. Both constructions increase the valency of the clause by one argument. Under these constructions, the S of a simplex intransitive clause consistently corresponds to the P of the transitive causative clause. The A of a transitive clause corresponds to the G of the ditransitive, while the P of the transitive corresponds to the T.”

p. 409 (Chacon e Genetti, 2019): “A_{ditr}, A and Sa arguments are not case marked in main clauses [...]”.

p. 410-411 (Chacon e Genetti, 2019): “The suffix *-re* obligatorily selects G arguments of ditransitive verbs. Examples are provided in (15):

(17)[15a] *õ-re* *ẽtãurõ* *aru* *warubo* *ño-ima=ða*
 she-NNOM cassava and fish.soup offer-TAEM.II;3PL=REP
 ‘(They) gave her fish soup and cassava.’

[15b] *papera* *haro-ki-wi* *mĩ-rẽ* *paulo kohiorĩ*
 paper send-FUT-TAEM.I;1SG you-NNOM Paul with
 ‘I will send you a letter with (via) Paul.’

[15c] *põe-wa-re* *çibe* *hĩ-ha-ko*
 person-AN.PL-NNOM flour.drink give-IMP-FEM
 ‘Give the people manioc flour drink.’

In these examples, only the G argument is selected by *-re*; the T arguments are unmarked for case.”

p. 418-419 (Chacon e Genetti, 2019): “The examples in (32) illustrate the ordering in ditransitive clauses. It is important to note that we have no examples of ditransitive non-finite clauses where all three arguments are overtly expressed. The examples below illustrate two orders: GTV and A_{ditr}TV: [...]”

As a selector, constituent ordering treats A and A_{ditr} the same way, placing them on the left edge of the clause, as opposed to P, G, and T, which follow. Given that S is also preverbal, we can say nothing about whether constituent ordering groups it with A/A_{ditr} or P/G/T.”

p. 418 (Chacon e Genetti, 2019): “Constituent order is a selector in Kubeo only in non-finite clauses. In finite clauses, constituent order is flexible and is used by speakers to dynamically structure information in the production of discourse. [...]”

The typical order of S and V in a non-finite clause is SV [...]”

p. 190 (Chacon, 2012): “[...] the overall syntax of Kubeo allows a very flexible word order.”

p. 139 (Morse e Maxwell, 1999): “Existe gran variación en el orden de los constituyentes de la cláusula del kubeo, en particular de las cláusulas independientes. Los órdenes que ocurren con más frecuencia en las cláusulas independientes son (O)VS y SV(O), pero son comunes los órdenes VSO y SOV. Dentro del sintagma verbal, el orden OV es más común que el orden VO.”

p. 17 (Morse e Maxwell, 1999): “La mayor parte de los verbos kubeos son dinámicos. En gran medida, son verbos de acción, que incluyen intransitivos como *dĩ-* ‘ir’ y *da-* ‘venir’; transitivos como *xoa-* ‘lavar’ y verbos ditransitivos como *xi-* ‘dar’.”

p. 111 (Morse e Maxwell, 1999): “-RE también marca los objetos indirectos. En el ejemplo siguiente, *xiejo-ki-RE* ‘niño’ es el objeto indirecto:

(18)[348] *aru ape-ki* *jãrãdawi-xiejo-ki-RE* *'xi-wI* *ji* *tres.*
 y OTRO-MSG persona.blanca-niño-MSG-OBJ dar-NO3 yo tres
 ‘Y yo dí tres a otro niño blanco.’ ”

p. 412 (Chacon e Genetti, 2019): “The verb *kīyoha* ‘to feel pity for’ has a unique argument structure in that it has two arguments marked by non-nominative -re. An example is given in (20):

(19)[20] *yī-re* *kīyoha-wi* *nomio-re* *kiboba ame tarahībo-re*
 I-NNOM sorry-TAEM.I;3IN woman-NNOM foot bad twist-NNOM
 ‘I pity a woman with a twisted foot.’

The two *-re*-marked arguments are reminiscent of a ditransitive clause, but the predicate is clearly transitive and not trivalent. The casemarking and agreement patterns would suggest an Sp construction, but again the verb is transitive, which perhaps suggests a new category of argument in Kubeo: A_p. However, as of now this is the only predicate in the corpus with this argument structure; until further examples come to light, we leave this intriguing case here.”

8.

Resposta: Aparentemente, sim. Considerando que a Tabela 5 de Chacon (2012, p. 261) parece indicar que os verbos *ã* ‘comer’, *’hã* ‘ver’ e *ũkũ* ‘beber’ podem ser usados transitiva ou intransitivamente, identificamos as seguintes causativas com esses verbos: (4) [5c] e (12) [2.65d] (*ã* ‘comer’); (2) [13c], (7) [35a], (14) [156] e (15) [568] (*’hã* ‘ver’); e (6) [34a] [34b] (*ũkũ* ‘beber’).

p. 261 (Chacon, 2012): “The following chart illustrates a few stative and dynamic verbs in Kubeo. The verbs are indicated whether transitive T.V, or intransitive I.V.:

(8.46) *Table 5: Stative and Dynamic verbs*

STATIVE VERBS	DYNAMIC VERBS
[...]	<i>ã</i> I.V / T.V to eat
[...]	[...]
[...]	<i>’hã</i> I.V / T.V to look at, to see
[...]	[...]
[...]	<i>ũkũ</i> I.V / T.V to drink

The stative and dynamic distinction is irrelevant to the valency of each verb, although the distinction does relate to some issue of transitivity [...].”

9.

Resposta: Não identificamos causativização com IN no Kubeo, embora exista IN nessa língua.

p. 422 (Chacon e Genetti, 2019): “Noun incorporation and passivization are the two valence-decreasing operations relevant to argument selection in Kubeo.”

p. 202 (Chacon, 2012): “Noun Incorporation Compounds. In this type of compound the noun in S1 position modifies the verb in S2 position. Nouns can be incorporated both to transitive and to intransitive verbs [...]”

p. 71 (Morse e Maxwell, 1999): “El objeto directo de un verbo puede incorporarse en el verbo. El sustantivo incorporado aparece en su forma genérica, es decir, sin sufijo de género/número o sufijo de objeto: [...]”

p. 111 (Morse e Maxwell, 1999): “-RE es obligatorio en el objeto indirecto y la mayoría de los objetos directos (aparte de la construcción de incorporación de objeto [...])”

10.

Resposta: Não, a ordem é variável. Considerando a marca de caso e as propriedades semânticas (Chacon e Genetti, 2019, p. 420), o constituinte que ocupa a função típica de acusativo é o causado.

Esclarecemos que Chacon e Genetti (2019, p. 410) tratam o acusativo como “não nominativo” pelo fato de o Kubeo marcar o “argumento G” e os adjuntos com esse caso, diferentemente do acusativo latino, que marca sobretudo os “argumentos P e T”.

p. 410 (Chacon e Genetti, 2019): “G, T and P

G, T, and P arguments in Kubeo may all be case marked by the phrasal affix *-re*, which we describe as “non-nominative”.⁶ [...]

⁶. We use the term non-nominative instead of accusative because, while similar, Kubeo non-nominative case has a slight, though notable difference with respect to Latin accusative. While accusative occurs primarily with P/T but not with G, Kubeo non-nominative occurs primarily with G and only differentially with T/P. In addition, it occurs always with adjuncts, and Latin Accusative only marginally so. Thus, the Kubeo non-nominative has the following hierarchy: ADJ/G/Sp > T/P, whereas Latin accusative has: T/P > ADJ/Sp. As we can see, the hierarchies go in the opposite direction.”

11.

Resposta: Chacon e Genetti (2019, p. 420) afirmam que “alguns verbos estativos nunca são combinados com o causativo morfológico, mas formam um composto com o verbo *ḏa* ‘fazer’”. Esse fenômeno levanta a hipótese de uma possível tendência tipológica mais ampla. Morse e Maxwell (1999, p. 59) afirmam que o causativo morfológico se restringe a alguns verbos (p. 54) e que o sufixo *-wa* ‘aspecto habitual’ não ocorre simultaneamente ao sufixo causativo

homófono. Morse e Maxwell (1999, p. 69) também informam que, diferentemente da causativa morfológica, a “causativa verbal composta é plenamente produtiva”.

Não identificamos restrições na formação da causativa perifrástica.

p. 420 (Chacon e Genetti, 2019): “Some stative verbs are never combined with the morphological causative, but instead form a compound with the verb *ḏa* ‘to make’, such as is *toahi* ‘to be hot’ and *toahi ya* ‘to warm up’, *mau* ‘to stay’ and *mau ya* ‘to make stay/stop’, *mika* ‘to be pregnant’ and *mika ḏa* ‘to make one pregnant’. Likewise, compounds of nouns and *ḏa* ‘to make’ carry a causation meaning, as in *doki* ‘dirt’ and *doki ya* ‘to make something dirty’ or *põe* ‘person’ and *põe ḏa* ‘to give birth, to create/invent’. All of these are examples of direct causation, even though they are based on a compounding strategy rather than causative suffixation.”

p. 59 (Morse e Maxwell, 1999): “Causativo

El causativo morfológico en cubeo es altamente lexicalizado. Primero, está restringido a ciertos verbos.”

p. 54 (Morse e Maxwell, 1999): “El sufijo del aspecto acostumbrado tampoco ocurre con el sufijo causativo homófono [...], aunque el aspecto acostumbrado puede aparecer en la construcción del causativo compuesto [...].

El aspecto acostumbrado se forma añadiendo el sufijo *-wa* al tema verbal precediendo a todos los demás sufijos excepto el negativo.”

12.

Resposta: Não identificamos referência a aspectos cognitivos em Morse e Maxwell (1999), Chacon (2012) e Chacon e Genetti (2019).

13.

Resposta: O verbo responsável pela causatividade é *ḏa* ‘fazer’. As características da “causativa perifrástica” estão listadas a seguir:

- a) É formada por composição;
- b) Essa composição compreende um verbo principal marcado com o sufixo *-re* e o verbo *ḏa* ‘fazer’;
- c) Morse e Maxwell (1999, p. 69) tratam o *-re* como sufixo de objeto (“*sufijo objetivo*”). Chacon (2012, p. 295) analisa como uma “forma infinita *-de* usada em causativas

perifrásticas”. Chacon e Genetti (2019, p. 420) classificam esse sufixo como “nominalizador”;

- d) O “nominalizador” se restringe ao “aspecto anterior” (Chacon e Genetti, 2019, p. 420);
- e) Morse e Maxwell (1999, p. 69) analisam o verbo *ḏa* ‘fazer’ como “auxiliar”. Chacon (2012, p. 260) o trata como “verbo leve”;
- f) A “causativa perifrástica” indica causação indireta (Chacon e Genetti, 2019, p. 419);
- g) Morse e Maxwell (1999, p. 69) adotam a terminologia “construção verbal composta” para se referir a essa construção causativa. Chacon (2012) e Chacon e Genetti (2019) a denominam “causativa perifrástica”.

Em conjunto, essas descrições parecem mostrar que a construção é formada pela composição da forma nominalizada de um verbo principal com o verbo menos lexical *ḏa* ‘fazer’, carregando o sentido de causa e indicando causação “indireta”. Como informado na resposta à questão 1, entendemos que essa construção pode ser situada em um contínuo entre as causativas morfológica e sintática prototípicas.

14.

Resposta: Não identificamos verbos usados exclusivamente para expressar causatividade no Kubeo.

15.

Resposta: Não identificamos distinção entre causativa mono-oracional e bi-oracional no Kubeo. Considerando que o verbo da construção primitiva é nominalizado na derivada e, em consequência, passa a atuar como nome, formando uma composição de verbo e nome deverbal, a exemplo de (5) [35b], podemos concluir que a causativa com o verbo *ḏa* ‘fazer’ é mono-oracional.

16.

Resposta: Não identificamos pares com verbos lexicais transitivos no Kubeo.

17.

Resposta: Não identificamos causativa lexical.

18.

Resposta: Nas causativas morfológica e perifrástica, o causado é codificado com a marca de caso *-re* ‘não nominativo’, a qual é análoga ao acusativo (Chacon e Genetti, 2019, p. 410). Chacon (2012) trata o sufixo *-de* (~ *-re*) como marcador de objeto direto e o glosa como ‘oblíquo’. Morse e Maxwell (1999) glosam o sufixo *-re* como ‘objeto’, a exemplo de (14) [156]. Assim, o causado assume a função sintática de objeto ou “argumento G” (na terminologia de Chacon e Genetti (2019)), sendo este último análogo à função do “argumento G” de verbos ditransitivos primitivos.

p. 429 (Chacon e Genetti, 2019): “No construction in Kubeo advocates for a differentiation of A and A_{ditr} roles. P and T arguments seem to be productively analyzed as a distinct class of grammatical roles in opposition to G, given their differential behavior in causatives, applicatives, and case marking. G and S_p arguments have somewhat overlapping behavior with adjuncts and oblique arguments [...]”

p. 277 (Chacon, 2012): “Oblique case is a term taken in part from Romanic linguistics and in part from what linguists in general understood about this term, i.e. a marker of non-core arguments. [...] In Kubeo, the ‘oblique’ case marks direct and indirect objects, but does mark complement of post-position (the possessive case does that). On the other hand, the oblique is also used in temporal and some locative adverbs.”

19.

Resposta: O causado não mantém o caso nem a função sintática de sujeito. Não identificamos compartilhamento das propriedades de sujeito entre o causador e o causado. Esclarecemos que o agente causador controla a concordância verbal (Chacon e Genetti, 2019, p. 420).

p. 409 (Chacon e Genetti, 2019): “A_{ditr}, A and S_a arguments are not case marked in main clauses [...]”

p. 419 (Chacon e Genetti, 2019): “As a selector, constituent ordering treats A and A_{ditr} the same way, placing them on the left edge of the clause, as opposed to P, G, and T, which follow. Given that S is also preverbal, we can say nothing about whether constituent ordering groups it with A/A_{ditr} or P/G/T.”

p. 420 (Chacon e Genetti, 2019): “When transitive verbs are causativized, the result is a ditransitive clause. [...] The causer of the event is the A_{ditr} argument and controls verb agreement. The sentence has two *-re* marked noun phrases, a G and a T.”

20.

Resposta: A marca de caso do causado (*-re* ‘não nominativo’ ou ‘objeto’) também ocorre com outros constituintes, a exemplo do objeto em construções transitivas ((1) [324]), do “argumento G” nas ditransitivas não derivadas ((17) [15a]) e nas aplicativas derivadas de verbos transitivos, do “argumento T” nas causativas de transitivos ((2) [13c]) e dos adjuntos (Chacon e Genetti, 2019, p. 429).

p. 421 (Chacon e Genetti, 2019): “Applicative constructions

[...]

When the construction applies to a transitive verb, it treats the beneficiary participant – which is not part of the argument structure of the simplex predicate – as G. The resulting verb is thus ditransitive. Semantically, the G argument stands as the maleficiary or beneficiary of the event.”

p. 111-113 (Morse e Maxwell, 1999): “Los factores que influyen para que *-RE* pueda ser omitido de un objeto directo (no incorporado), dejándolo sin marcador de caso explícito, son los siguientes:

1. El objeto es inanimado: En la mayoría de los casos en que *-RE* es omitido, el objeto es inanimado (y el enfoque está en la actividad): [...]

Es raro encontrar un objeto animado sin *-RE*; las excepciones se encuentran en los factores dos y tres que siguen. Los pronombres personales, por ser altamente animados, están siempre marcados con *-RE* en la función de objetos.

2. Al introducir un objeto animado: El sufijo *-RE* puede omitirse de un objeto animado si el objeto está en posición final de la oración y está siendo introducido por primera vez en el discurso. Usualmente el referente de tal sintagma nominal sirve de sujeto en la siguiente oración: [...]

3. Listas: En listas de sintagmas nominales (no coordinados), todos los cuales funcionan como objeto directo de un solo verbo, el sufijo *-RE* puede ocurrir solamente en el primero de estos sintagmas nominales. [...]

Cuando un sintagma nominal de muchas palabras está marcado por *-RE*, la última palabra del sintagma está siempre marcada por *-RE*; las palabras precedentes en el sintagma pueden ser marcadas o no.”

21.

Resposta: Não identificamos marcação morfológica distinta da função sintática do causado no Kubeo.

22.

Resposta: Sim, os dois participantes ocorrem no caso “não nominativo” (ou acusativo), marcados por *-re*, a exemplo das causativas morfológicas (2) [13c], (6) [34b] e (14) [156] e da perifrástica (5) [35b]. Embora seja possível estabelecer uma distinção semântica entre os participantes, não identificamos testes ou critérios que diferenciem os comportamentos sintáticos do causado e do paciente nas causativas de transitivos.

Avaliando diferentes construções, e partindo da análise de que o sufixo *-re* é um seletor de argumentos que tem como alvos os “argumentos G, T e P”, Chacon e Genetti (2019, p. 410-412) verificam diferenças de comportamento na marcação desses argumentos. Segundo os autores, o sufixo *-re* ocorre obrigatoriamente com o “argumento G” (causado), mas marca os “argumentos P e T” de acordo com as características semânticas e referenciais do SN, como animacidade, definitude, referencialidade, e com as classes gramaticais, como nomes próprios, pronomes e expressões anafóricas.

p. 420 (Chacon e Genetti, 2019): “When transitive verbs are causativized, the result is a ditransitive clause. [...] The sentence has two *-re* marked noun phrases, a G and a T. In this example the semantic entailment properties allow us to assign the first *-re* marked NP to the T role and the second one to the G role.”

p. 420 (Chacon e Genetti, 2019): “The indirect causative construction in Kubeo is formed by compounding the nominalized main verb with *ða* ‘to make’. [...] The argument correspondences between the simplex and the causativized clauses are the same as direct causation.”

p. 410-412 (Chacon e Genetti, 2019): “G, T and P

G, T, and P arguments in Kubeo may all be case marked by the phrasal affix *-re*, which we describe as “non-nominative”.⁶ It has several phonological forms: it occurs as [de] (or, if the vowels are nasalized, [ne]) after /r/ and the front vowels /i/ and /e/; elsewhere it occurs as [re] or [rê], depending on the nasalization of the preceding syllable.

The suffix *-re* obligatorily selects G arguments of ditransitive verbs. [...]

In these examples, only the G argument is selected by *-re*; the T arguments are unmarked for case. However, *-re* may select both the G and the T within the same grammatical clause [...]

The variability in the marking of T arguments is also found with P arguments of transitive clauses. The three pairs of examples below contrast the presence (in the (a) member of each pair) and the absence (b member) of *-re* on P arguments, while keeping the verb meaning constant.

[...]

The marking of P and T by *-re* is dependent on its referential specifications. P and T arguments that are definite and referential are marked by *-re* more often than those that are indefinite, generic, or non-referential. Proper nouns, pronouns and anaphoric expressions are almost always marked by *-re*. Animate nouns are more often marked by *-re* than inanimate ones, and count nouns are more often marked by *-re* than mass nouns. Similar patterns have also been described for the genetically related languages Kotiria (Wanano, Stenzel 2013) and Tukano (Ramirez 1997).

To summarize, we analyze *-re* as an argument selector, which targets G, T and P. While it is obligatory with G (hence is a strict selector), its appearance with T and P depends on the semantic and referential specifications of the NP.”

p. 429 (Chacon e Genetti, 2019): “No construction in Kubeo advocates for a differentiation of A and A_{ditr} roles. P and T arguments seem to be productively analyzed as a distinct class of grammatical roles in opposition to G, given their differential behavior in causatives, applicatives, and case marking. G and S_p arguments have somewhat overlapping behavior with adjuncts and oblique arguments:

- Obliques, adjuncts, G, and S_p are always case marked (sometimes even by the same casemarker *-re* ‘non-nominative’);
- Applicatives and the “ethical dative” (without an applicative morpheme) grammatically treat a third participant as a G argument in transitive clauses and as an oblique argument in intransitive clauses. Semantically and morphologically they are very similar to oblique arguments in thematization constructions.”

23.

Resposta: Não. Como a posição já está ocupada por um argumento, ela não está livre para o causado. Comrie (1989) trata as situações nas quais o causado recebe a mesma marca atribuída a outro elemento da construção como exceções à Hierarquia.

Comparando-se estruturalmente os dados (1) [324] e (14) [156], verifica-se a introdução do sufixo *-oa* (*-wa* ~ *-owa* ~ *-o* ~ *-a*) ‘causativo’ e do causador na função de sujeito *jĩ* ‘eu’ na causativa (14) [156]. O antigo sujeito passa a receber a marca de objeto *-re* (*'dã-re* ‘eles-OBJ’),

e o antigo objeto permanece morfológicamente inalterado (*jawi kaxe-re* ‘pele de jaguar-OBJ’). Embora a posição de objeto já estivesse ocupada, o causado parece coocupar essa posição após sua demissão da função original de sujeito.

A mesma análise pode ser aplicada à causativa perifrástica (5) [35b], tendo em vista que as correspondências argumentais se mantêm iguais (Chacon e Genetti, 2019, p. 420), como se constata no causado *ĩ-re* ‘ele-NNOM’ e no paciente *mihĩki-re* ‘pássaro-NNOM’ marcados pelo sufixo *-re* ‘não nominativo’ (ou ‘acusativo’).

p. 429 (Chacon e Genetti, 2019): “*Causative constructions* increase the valence of the clause through the addition of A_{ditr} and A arguments; they simultaneously demote S to P, or A to G.”

p. 420 (Chacon e Genetti, 2019): “The indirect causative construction in Kubeo is formed by compounding the nominalized main verb with *ǵa* ‘to make’. [...] The argument correspondences between the simplex and the causativized clauses are the same as direct causation.”

24.

Resposta: Como informado na resposta à questão 22, embora seja possível estabelecer distinção semântica entre os participantes, não identificamos critérios ou propriedades sintáticas para diferenciar o causado do outro constituinte marcado com o caso “não nominativo” (ou acusativo) na construção causativa.

25.

Resposta: Sim, o causado pode ser omitido, conforme os dados (7) [35a], (9) [2.38b], (10) [2.39b], (12) [2.65d] e (15) [568]. A omissão não altera a valência sintática.

p. 418-419 (Chacon e Genetti, 2019): “It is important to note that we have no examples of ditransitive non-finite clauses where all three arguments are overtly expressed.”

26.

Resposta: Embora o dado (20) [475] mostre uma oração relativa se referindo ao causado, Morse e Maxwell (1999, p. 151) afirmam que o causado é externo à relativa, de maneira que o causado não apresenta forma específica nem é modificado morfológicamente pela relativização que se segue a ele.

Registramos que as posições de sujeito e objeto podem ser relativizadas nas construções não causativas.

p. 87 (Morse e Maxwell, 1999): “[...] los sufijos derivacionales *-wA* ‘causativo’, *-ka* ‘benefactivo’ e *-Ikõxẽ* ‘autoritativo’ pueden agregarse al verbo antes de éste nominalizarse.”

p. 145 (Morse e Maxwell, 1999): “[...] si el sujeto de la cláusula relativa es el argumento relativizado, no aparece en la cláusula subordinada relativa. Si el objeto de la cláusula relativa está relativizado, el verbo se convierte en pasivo para que el objeto subyacente sea el nuevo sujeto; el sujeto subyacente está usualmente explícito, pero marcado para caso posesivo.”

p. 149 (Morse e Maxwell, 1999): “Cláusulas relativas

Como se trata en la sección 5.2.2 (página 93), las cláusulas relativas en cubeo son o postnominales o (más comúnmente) aparecen en un sintagma nominal sin ningún sustantivo nuclear explícito. (En el último caso, pueden igualmente ser consideradas como sintagmas nominales que tienen por núcleo un verbo nominalizado.) El verbo nominalizado siempre está en posición final de la cláusula relativa y toma cualquier marcador de caso impuesto por la cláusula independiente. Si el sintagma nominal modificado por una cláusula relativa tiene por núcleo un sustantivo explícito, tanto el sustantivo nuclear como el verbo de la cláusula relativa se marcan para caso. Esto implica que una cláusula relativa que modifica a un sustantivo explícito aparezca en una estructura apositiva [...].”

p. 150-151 (Morse e Maxwell, 1999): “En el siguiente ejemplo de una cláusula relativa con un sustantivo nuclear explícito, nótese la presencia del marcador de objeto *-RE* tanto en el sustantivo nuclear como en el verbo de la cláusula relativa. El hecho de que el sustantivo *bueibãrãrẽ* ‘estudiantes’ aparezca en el caso objetivo, más bien que en el caso nominativo, muestra que es externo a la cláusula relativa (es decir, que es una cláusula relativa con un núcleo externo):

(20) [475] ...*'xã-jOwA-kebã-wI* *bĩ* *bue-l-bãrã-RE*,
 ver-CAUS-PRESUP.N/H-PERS tu/su(de.usted) estudiar-EST-NMLZ.PSV.PL-OBJ

[kore-wA-bE-wi *'bA-kawi-RE,*]...
 cuidar-CAUS-NEG-PL ser-NMLZ.NOFUT.PL-OBJ

‘... usted evidentemente mostró a sus estudiantes, a los que no se habían dado cuenta de...’ (‘darse cuenta de’ es ‘causar cuidar, guardar, esperar’)”

27.

Resposta: Chacon e Genetti (2019) tratam o causado como “argumento G”, o qual entendemos que também pode ser interpretado como recipiente. Conforme expresso na resposta à questão 4, nas construções causativizadas com o sufixo *-oa* (*-wa* ~ *-owa* ~ *-o* ~ *-a*) ‘causativo’, o causado

ocorre com verbos transitivos ativos, a exemplo de (4) [5c], (6) [34b], (9) [2.38b] e (10) [2.39b], ou denotando ação potencialmente abstrata, como em (2) [13c], (7) [35a], (14) [156] e (15) [568]. Com base nisso e nos dados disponíveis, constatamos que o causado também pode expressar os papéis semânticos de agente, experienciador ou recipiente.

Na causativa perifrástica (5) [35b], com o verbo transitivo 'xã 'ver', também se denota ação potencialmente abstrata, e o causado pode expressar os mesmos papéis semânticos.

28.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem identificar os graus de controle, afetação ou volição do causado. Chacon e Genetti (2019, p. 419) afirmam que a causativa morfológica indica causação “direta” e que a causativa perifrástica expressa causação “indireta”. No entanto, considerando que não identificamos a definição dos termos “direta” e “indireta”, não podemos afirmar se fazem referência ao modo como o causador atua sobre o causado ou a outro aspecto da construção.

p. 419 (Chacon e Genetti, 2019): “Kubeo has two causative constructions: a morphological causative that signals direct causation and a periphrastic causative that signals indirect causation [...]”.

29.

Resposta: Não identificamos mais de um tipo de causado nas causativas de transitivos do Kubeo.

30.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se o causador atua direta ou indiretamente sobre o causado.

Como informado na resposta à questão 28, embora Chacon e Genetti (2019, p. 419) afirmem que a causativa morfológica expressa causação “direta” e que a perifrástica veicula causação “indireta”, não identificamos se os termos “direta” e “indireta” fazem referência ao modo como o causador atua sobre o causado.

31.

Resposta: Com base nos dados disponíveis, deduzimos que o causador pode atingir o resultado intencionalmente.

32.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se o causador inicia o processo com ou sem esforço.

33.

Resposta: Com base nos dados disponíveis, e considerando a ausência de indícios da participação do causador, deduzimos que o causador não está envolvido na atividade.

34.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se há graus de topicalidade ou foco relacionados ao causado ou ao paciente nas causativas de transitivos.

35.

Resposta: Morse e Maxwell (1999, p. 69) afirmam que a “causativa verbal composta” é produtiva, diferentemente da causativa morfológica. Chacon (2012, p. 201) afirma que os compostos são muito produtivos no Kubeo e codificam diversos processos gramaticais, o que corrobora indiretamente essa leitura.

p. 69 (Morse e Maxwell, 1999): “A diferencia del causativo morfológico, el causativo verbal compuesto es plenamente productivo.”

p. 201 (Chacon, 2012): “This particular view of compounds coding more syntactic or grammatical process is pervasive in Kubeo, where compounds are very productive, coding not only lexical but several grammatical process.”

36.

Resposta: Com base em Chacon e Genetti (2019, p. 419), deduzimos que pode haver correlação entre o contínuo proposto e o sentido da causação, tendo em vista que a causativa morfológica expressa causação “direta” e que a perifrástica indica causação “indireta”. No entanto, fazemos a ressalva de que Chacon e Genetti (2019, p. 420) fornecem exemplos de verbos estativos veiculando causação “direta” em construções formadas por composição com o verbo *ḍa* ‘fazer’, o que diferencia esses verbos da tendência proposta. Adicionalmente, como informado na resposta à questão 28, não identificamos se a terminologia “direta” e “indireta” utilizada pelos autores faz referência ao modo como o causador atua sobre o causado.

Os dados disponíveis não permitem concluir se o contínuo vai do alto controle para o baixo controle do causado.

p. 420 (Chacon e Genetti, 2019): “The indirect causative construction in Kubeo is formed by compounding the nominalized main verb with *ǝa* ‘to make’. [...]

¹⁰ Some stative verbs are never combined with the morphological causative, but instead form a compound with the verb *ǝa* ‘to make’, such as is *toahi* ‘to be hot’ and *toahi ya* ‘to warm up’, *mau* ‘to stay’ and *mau ya* ‘to make stay/stop’, *mika* ‘to be pregnant’ and *mika ǝa* ‘to make one pregnant’. Likewise, compounds of nouns and *ǝa* ‘to make’ carry a causation meaning, as in *doki* ‘dirt’ and *doki ya* ‘to make something dirty’ or *põe* ‘person’ and *põe ǝa* ‘to give birth, to create/invent’. All of these are examples of direct causation, even though they are based on a compounding strategy rather than causative suffixation.”

37.

Resposta: Mudança de valência. As construções causativas acrescentam um argumento na sentença (Chacon e Genetti, 2019, p. 419). Não identificamos informações explícitas sobre voz verbal em relação às construções causativas.

p. 419 (Chacon e Genetti, 2019): “Valence increasing operations

There are two valency-increasing constructions that function as argument selectors in Kubeo, the causative and the applicative.

[...]

Kubeo has two causative constructions [...]. Both constructions increase the valency of the clause by one argument.”

p. 429 (Chacon e Genetti, 2019): “*Causative constructions* increase the valence of the clause through the addition of A_{ditr} and A arguments; they simultaneously demote S to P, or A to G.”

p. 56-59 (Morse e Maxwell, 1999): “4.2.3.2 Sufijos que cambian valencia

4.2.3.2.1 Pasivo

[...]

4.2.3.2.2 Causativo”

38.

Resposta: Não identificamos causativas de verbos transitivos combinadas com outras vozes ou mecanismos de mudança de valência. Embora os dados (21) [468] e (22) [191] mostrem o verbo

Resposta: Não identificamos mudanças diacrônicas na marcação de caso do causado de verbo transitivo.

p. 420 (Chacon e Genetti, 2019): “The indirect causative construction in Kubeo is formed by compounding the nominalized main verb with *ḍa* ‘to make’. The nominalizer, which is specifically restricted to anterior aspect, is homophonous with the non-nominative casemarker *-re*.”

41.

Resposta: O causador é chamado de “*causer*” e “argumento A_{ditr}” (argumento do tipo agente de predicado trivalente). O causado é tratado como “G” e “papel G” (no original “*G role*”, sendo o argumento com o papel de recipiente, destinatário ou meta de predicado trivalente). O paciente é referido como “T” e “papel T” (no original “*T role*”, sendo o argumento com o papel de tema de predicado trivalente) (Chacon e Genetti, 2019, p. 420). A construção causativa formada com o verbo *ḍa* ‘fazer’ é denominada “causativa verbal composta” (Morse e Maxwell, 1999, p. 69) e “causativa perifrástica” (Chacon, 2012; Chacon e Genetti, 2019). Nas construções trivalentes, o terceiro argumento é tratado como “objeto indireto” (Morse e Maxwell, 1999, p. 111; Chacon, 2012, p. 277) e “argumento G” (Chacon e Genetti, 2019, p. 410). O sufixo que marca a função de objeto direto ou indireto é glosado como “objeto” (Morse e Maxwell, 1999, p. 47, 105, 111), “oblíquo” Chacon (2012, p. 184, 206, 277) e “não nominativo” (Chacon e Genetti, 2019, p. 410-411, 420).

Não identificamos definições explícitas dos termos.

42.

Resposta: Não identificamos terminologia particular em Morse e Maxwell (1999), Chacon (2012), Chacon e Genetti (2019).

Mundurukú (Mundurukú)

Obras pesquisadas¹: Gomes (2006)

1.

Resposta: O mecanismo formal que o Mundurukú usa é o morfológico.

p. 49: “Dos dois argumentos exigidos por um verbo transitivo, apenas um é marcado no verbo: (i) o paciente, quando é de 1a ou de 2a pessoa (cf. (7a-c)); (ii) o agente, quando não estão envolvidas nem a 1a nem a 2a pessoa (exemplo (5)); e (iii) a 1a ou a 2a pessoa quando opostas à 3a pessoa (7d).”

p. 75: “É muito produtivo o uso de afixos causativos para criar verbos transitivos a partir de bases intransitivas. O morfema *mu-* (ou seu alomorfe *muy-*) é o responsável pela interpretação causativa e consequente transitivização de bases verbais intransitivas – sejam estas processuais (37) ou estativas (38) – assim como de bases não-verbais (40) [...]”²⁰

“²⁰ Existe o verbo transitivo *muy* ‘fazer, construir, fabricar, enfeitar’:

- (a) *dopa-dip epe=jo-muy*
 rosto-bonito 23S=3O-fazer
 ‘Coloquem os enfeites.’ (lit. ‘Façam o rosto bonito.’)
 (b) *uk 'a-'in epe=y-a-muy*
 casa CL-PART 23S=3O-CL-fazer.IMPER
 ‘Façam uma casa.’ ”

p. 76: “O morfema causativo *mu-* / *muy-* não incide sobre um verbo contendo *je-*: [...]

A impossibilidade de construir uma causativa diretamente sobre um intransitivo formado com *je-* (39c) é um indício de que a diferença entre formas causativas e médias deve ser observada. Uma forma média tem, necessariamente, um sujeito afetado, um agente não-prototípico, uma vez que ele está no interior do processo, tomando parte dele (cf. seção 2.2.2.1.2.1). Na voz causativa, o sujeito é um agente prototípico, agindo sobre um paciente, mas não sendo afetado pelo processo, daí a incompatibilidade entre esses dois morfemas.”

p. 76-77: “Não só verbos intransitivos processuais ou estativos são causativizados com *mu-* / *muy-*. Alguns nomes (40a-b) e advérbios também (41): [...]

¹ AUX: Verbo auxiliar; CAUS1: Causativo de intransitivo; CAUS3: Causativo de transitivo; CL: Classificador; DUR: Duração; HIP: Hipotético; IMPER: Imperativo; IPRF: Aspecto imperfeito; MED: Voz média; NMZ1: Nominalizador de agente; o: Marcador clítico de objeto; PART: Partitivo/individualizador; PASS: Passado recente; PRF: Aspecto perfeito; R2: Indicador de determinante não contíguo; s: Marcador clítico de sujeito; VRBZ: Verbalizador; 1: Primeira pessoa; 23: Segunda pessoa plural, ‘vós, vos’; 3: Terceira pessoa; ~: Alternância fonologicamente condicionada.

Os verbos *mu-xem* e *mu-xipan* são formados a partir de *-xep* ‘gordura’ e *xipat* ‘bom’. Já o verbo *muy-um* deriva do advérbio *um* ‘no alto’.”

p. 78: “Verbos intransitivos também podem ser causativizados com o prefixo *duju-/do-*. O resultado é um verbo transitivo causativo, chamado de *comitativo*.”

p. 79: “[Causativos comitativos] Essa não é uma classe aberta como a dos causativos simples.”

p. 79-80: “O sufixo *-at* pode ser acrescentado a verbos transitivos simples (44a-b) ou a transitivos causativizados (45a-b) para dar (ou aumentar) a ideia de causação. Esse sufixo introduz um terceiro argumento: por exemplo, *Maria* em (44b) e *wamōat* em (45b). Esse terceiro argumento é o sujeito da construção causativa, enquanto o sujeito da transitiva básica passa a adjunto oblíquo marcado pela posposição *be ~ pe*: *Pedoro be* (44b) e *bekicat pe* (45b). É mantido o mesmo objeto direto: *akurice* (44a-b) e *poy* (45a-b).

- (1) [44a] *Pedoro akurice o'=jo-wuy*
Pedro cachorro 3S=3O-lavar.PRF
‘Pedro lavou o cachorro.’
- (2) [44b] *Maria Pedoro be akurice o'=jo-wuy-at*
Maria Pedro por cachorro 3S=3O-lavar-CAUS3.PRF
‘Maria fez Pedro lavar o cachorro.’
- (3) [45a] *bekicat poy mu-cak~u-caḡ*
criança jabuti CAUS1-estar.pisado~CAUS1-estar.pisado.DUR.IPRF
‘A criança está pisando o jabuti.’
- (4) [45b] *wamōat bekicat pe poy o'=ḡu-cak-at*
pajé criança por jabuti 3S=3O.CAUS1-estar.pisado-CAUS3.PRF
‘O pajé fez a criança pisar o jabuti.’ ”

p. 92:

- (5) “[8a] *ayacat-'ũm o'=je-aoka-at wida be*
mulher-finado 3S=MED-matar-CAUS3 onça por
‘A mulher foi morta pela onça’
(lit. ‘A finada mulher foi morta pela onça’)”

p. 98-100: “Dativo

Sob essa denominação, agrupamos os constituintes que indicam: a) o beneficiário de verbos como *dar* (*ũm*); b) o destinatário de verbos como *falar*; c) o agente imediato de verbos transitivos causativizados; d) o agente da passiva; e) o dativo de interesse.

[...]

c) o agente imediato de verbos transitivos causativizado:

- (6) [2i] *bekicat o=jo-a-at* *puy bu be*
 criança 1S=3O-morder-CAUS3 cobra CL por
 ‘Eu fiz a cobra morder o menino.’ ”

- (7) *õn bekicat o=gu-direm-at* *e=webe*
 eu criança 1S=O.CAUS1-estar.molhado-CAUS3 2=por
 ‘Eu fiz você molhar a criança.’

(Gomes, 2025, comunicação pessoal)

2.

Resposta: A construção é causativizada diretamente. O sufixo *-at* ~ *-an* ‘causativo de transitivo’ se anexa ao verbo transitivo, ao verbo transitivizado pelo prefixo *mu-* ~ *muy-* ‘causativo de intransitivo’ e também ao nome possuível verbalizado pelo sufixo *-da* ~ *-ta* ‘causativo de nome’. Eventual transitivização prévia é independente da causativa de transitivo, não uma condição obrigatória para que ela ocorra.

Há exemplos em que o sufixo *-at* ocorre em construções intransitivizadas pelo prefixo de voz média *je-*, gerando uma leitura passiva da construção (5 [8a], 22 [14], 23 [16a], 12 [33b], 15 [34], 10 [46c], 16 [5b"], 17 [58b]), portanto, não causativa. Não identificamos exemplo de construção com o sufixo *-at* que tenha sido transitivizada com o prefixo *duju-* ~ *do-* ‘causativo comitativo’.

p. 80: “A formação de verbos transitivos a partir de nomes é um processo muito produtivo em Mundurukú. Nomes possuíveis tornam-se verbos transitivos por meio da sufixação de *-da* (após vogais) e *-ta* (após consoantes), que trataremos como mais um morfema causativo. Abaixo o nome inalienável *-tayxi* ‘esposa’ torna-se um verbo:

- (8) [46a] *wamõat aḡokatkat o'=su-tayxi-da*
 pajé homem 3S=3O-esposa-VRBZ
 ‘O pajé casou o homem.’
 (lit. ‘O pajé fez o homem ter esposa.’)

Além das evidências morfológicas de que se trata de um verbo transitivo (marca pessoal de sujeito e prefixo relacional de objeto), o novo verbo transitivo pode ser novamente causativizado com *-at* (46b) ou mesmo passivizado (46c):

- (9) [46b] *õn aḡokatkat o=su-tayxi-da-at* *wamõat pe*
 eu homem 1S=3O-esposa-VRBZ-CAUS3 pajé por

‘Eu fiz o pajé casar o homem.’

- (10) [46c] *aḡokatkat o'=je-tayxi-da-at* *wamōat pe*
 homem 3S=MED-esposa-VRBZ-CAUS3 pajé por
 ‘O homem foi casado pelo pajé’ ”

p. 71: “Forma média passiva

Identificamos uma construção passiva em Mundurukú (Gomes 2005). Observemos o contraste entre as construções abaixo:

- (11) [33a] *aḡokatkat wida o'=y-aoka*
 homem onça 3S=3O-matar.PRF
 ‘O homem matou a onça.’
- (12) [33b] *wida o'=j(e)-aoka-at* *aḡokatkat pe*
 onça 3S=MED-matar-CAUS3 homem por
 ‘A onça foi morta pelo homem.’ ou
 ‘A onça se deixou matar pelo homem.’

Em (33a), há um sujeito (*aḡokatkat*) e um objeto (*wida*), o verbo é transitivo e a interpretação é ativa; o verbo tem a marca clítica de sujeito (*o'*) e o prefixo relacional referente ao objeto (*y-*). Em (33b), o argumento *aḡokatkat* mudou: ele tem agora uma posposição (*pe*), que o marca como adjunto; a posição de sujeito passou a ser ocupada por *wida* ‘onça’, e o verbo também mudou: ele não tem mais a marca do objeto (o relacional); o marcador clítico de pessoa no verbo (*o*) passou a se referir a *wida* e não mais a *aḡokatkat*; surgiram dois novos morfemas nele: *je-* e *-at*. A interpretação fornecida pelo informante tem um sentido passivo: *a onça foi morta pelo homem* ou, como ele insistiu em dizer, *a onça se deixou matar pelo homem*.”

p. 72: “Na causativa de transitivo (cf. seção 2.2.2.2.2.2), é introduzido um novo sujeito como agente mediato, enquanto que o agente imediato é tratado como adjunto regido pela posposição dativa *be* (ou *pe* diante de consoante):

- (13) [33c] *Biboy bio o'=y-aoka*
 Biboy anta 3S=3O-matar.PRF
 ‘Biboy matou a anta.’
- (14) [33d] *wamōat bio o'=y-aoka-at* *Biboy be*
 pajé anta 3S=3O-matar-CAUS3 Biboy por
 ‘O pajé fez o Biboy matar a anta.’

Como na causativa de transitivo, também na passiva o *-at* libera uma vaga no predicado –stituindo o sujeito –, que será ocupada, na passiva, pelo objeto graças ao morfema *je-*, que

reduz o número de argumentos da construção, intransitivizando o verbo, uma das funções acumuladas por esse morfema de voz média. Enquanto na causativa de transitivo, o novo sujeito sintático é um agente indireto; na passiva, o novo sujeito é um paciente; mas, justamente devido à interpretação que o *je-* provoca no argumento do verbo a que ele se associa, esse *paciente* é interessado na ação verbal.”

p. 72-73: “Por exemplo, (34) é uma construção retirada de um texto, que conta a história do filho de um deus, que, mesmo estando doente, transava com as mulheres que iam visitá-lo. Seu pai, para castigá-lo, transformou-o em uma anta, fazendo o focinho do bicho a partir do pênis do rapaz. A anta-homem foi para o rio, onde continuou a transar com as mulheres que iam se banhar. Há exemplos como:

- (15)[34] *ayacat je-dabi-'o~'o-an*
 mulher MED-vagina-comer~DUR-CAUS3.IPRF
 ‘As mulheres estavam se entregando a ela (à anta).’

Nessa construção passiva, o papel semântico de *ayacat* (mulheres) não é o de um paciente típico, visto que há um **consentimento** desse participante no processo instaurado pelo verbo. Logo, o paciente na passiva é co-responsável pela ação, e não uma mera vítima, pois ele se solidariza com o agente. Propomos, então, que é o *je-* o responsável por essa interpretação: *as mulheres estavam se deixando possuir*.”

p. 73: “Mas a relação entre passiva, média e causativa de transitivo é menos comum (cf. Gomes 2005, 2006a). Rodrigues (1947:53, não tenho o original para conferir a página) já havia dado uma colaboração nesse sentido, identificando para o Tupí não uma passiva, mas o que ele denominou de ‘causativo-reflexivo’, construção muito semelhante à passiva que identificamos para o Mundurukú:

Com o emprego do prefixo *je-* [ye-], *ñe-* da voz [média] reflexiva e do sufixo *-ukár* da causativo-prepositiva [causativa de transitivo], é obtida ainda uma forma *causativo-reflexiva*, indicando que o sujeito faz com que alguém pratique a ação sobre ele mesmo: *a-je-juká-ukár Pedro supé*, ‘faço com que Pedro me mate’ (‘mato-me servindo-me de Pedro’); *a-je-apín-ukár xe rúba supé*, ‘fiz-me tosquiando por meu pai’, ‘fiz que meu pai me tosquiasse’; *o-ñe-nupã-ukár o sy' supé*, ‘fêz com que sua mãe o surrasse’, ‘fêz-se surrar por sua mãe’.”

p. 266: “[...] as posposições são palavras flexionais e constituem, do ponto de vista sintático, adjuntos e não argumentos”

p. 138:

- (16) “[5b] *gẽbuje kuka mo o'=je-bu-at tarek pe*
 então HIP ? 3S=MED-apanhar-CAUS3 coisa por
 ‘e seria apanhado por ela.’ ”

p. 159:

- (17) “[58b]
ayacat o'=j-a-at poce wida osũũy bio ãn 'o~'o-m iat pe
 mulher 3S=MED-morder-CAUS3 onde onça AUX anta carne comer-DUR-IPRF NMZ1 em
 ‘A mulher foi mordida onde a onça estava comendo carne de anta.’ ”

3.

Resposta: Não identificamos exemplos com o sufixo *-at* ~ *-an* ‘causativo de transitivo’ desempenhando outras funções. No entanto, como informado na questão 2, quando esse sufixo ocorre em estruturas intransitivizadas pelo prefixo de voz média *je-*, a construção toda passa a funcionar como voz passiva.

4.

Resposta: Não identificamos exemplos de verbos transitivos com o sufixo *-at* denotando ação abstrata. Todavia, Gomes (2006) não estabelece restrições semânticas para a ocorrência desse sufixo. Os exemplos fornecidos pelo autor mostram verbos ativos transitivos e transitivizados, além de um nome verbalizado: “casar/fazer ter esposa” (*tayxi-da*, nome verbalizado por *-da*) (9) [46b], “fazer pisar/fazer estar pisado” (*cak*, intransitivo estativo causativizado por *mu-*) (4) [45b], “lavar” (*wuy*) (2) [44b], “matar” (*aoka*) (14) [33d] e “morder” (*a*) (6) [2i].

5.

Resposta: Não identificamos mais de um marcador no Mundurukú.

6.

Resposta: Não identificamos construção causativa formada a partir de verbos com três argumentos ou três participantes no Mundurukú.

7.

Resposta: Sim. Nas construções que parecem ditransitivas, o constituinte marcado pela posposição dativa atua como recipiente e tende a ocupar a posição final do enunciado. Comparando os dados, verificamos que a causativa (6) [2i] segue o padrão da ditransitiva (18) [2f], com ordem e marcações similares. Essa identidade também é válida para as causativas

(14) [33d], (9) [46b] e (7) e a ditransitiva (19) [6b], nas quais os nominais sujeito e objeto são expressos. A construção ditransitiva (20) [19a], no imperativo, apresenta o recipiente em posição pré-verbal, como ocorre nas causativas (2) [44b] e (4) [45b], porém sem explicitar o objeto. A ditransitiva (21) [76b] apresenta apenas o nominal paciente, o qual ocupa a primeira posição do enunciado.

p. 99: “

(18) [2f] *wamōat o'=gũm kise ayacat pe*
 pajé 3S=3O.dar faca mulher para
 ‘O pajé deu uma faca para a mulher.’

[...]

(6) [2i] *bekicat o=jo-a-at puy bu be*
 criança 1S=R2-morder-CAUS3.PRF cobra CL por
 ‘Eu fiz a cobra morder o menino.’ ”

p. 220:

(19) “[6b] *ayacat nobano nōm o'=tōm-ũm aḡokatkat pe*
 mulher espingarda pó 3S=3O.pó-dar homem para
 ‘A mulher deu pólvora para o homem.’ ”

p. 72:

(14) “[33d] *wamōat bio o'=y-aoka-at Biboy be*
 pajé anta 3S=3O-matar-CAUS3 Biboy por
 ‘O pajé fez o Biboy matar a anta.’ ”

p. 80:

(9) “[46b] *ōn aḡokatkat o'=su-tayxi-da-at wamōat pe*
 eu homem 3S=3O-esposa-VRBZ-CAUS3 pajé por
 ‘Eu fiz o pajé casar o homem.’

p. 37: “[Ditransitiva]

(20) [19a] *e=xi be e=g-ũm*
 2=mãe para 2S=3O-dar
 ‘Dê (isso) à sua mãe.’

p. 167: “[Ditransitiva]

(21) [76b] *botijãw 'a juk o=y-a-ũm e=Ø-webe*
 botijão -CL PASS 1S=3O-CL-dar 2=para
 ‘Eu emprestei meu botijão para você há pouco tempo.’

8.

Resposta: Não identificamos causativa de transitivo formada a partir de verbos ambitransitivos.

9.

Resposta: Não identificamos verbo transitivo com IN causativizado com o sufixo *-at*. Todavia, encontramos exemplos de verbos transitivos com IN em contexto de construção média passiva, na qual o verbo é marcado simultaneamente com os afixos *je-* e *-at*. Não identificamos diferença em relação ao verbo causativizado sem IN no mesmo contexto de construção média passiva. Segundo Gomes (2025, comunicação pessoal), o comportamento do paciente no processo de IN é o mesmo tanto com verbo transitivo não derivado ou transitivizado por uma causativa, quanto com causativa de transitivo.

p. 226: “[Verbos intransitivos e a incorporação]

(14) traz um exemplo de voz passiva em que ocorre incorporação. O nome incorporado [NI] encontra-se entre o morfema indicador de voz média (*je-*) e a base verbal, que está sufixada por *-at* ‘morfema causativo de verbo transitivo’:

MCS=MED-NI-BASE-CAUS3

(22) [14] *puy* *bu* *o'=je-bu-aoka-at* *aḡokatkat* *pe*
 cobra CL 3S=MED-CL-matar-CAUS3 homem por
 ‘A cobra foi morta pelo homem.’ ”

p. 72-73:

(15) “[34] *ayacat* *je-dabi-'o~'o-an*
 mulher MED-vagina-comer~DUR-CAUS3.IPRF
 ‘As mulheres estavam se entregando a ela (à anta).’ ”

p. 141:

(23) “[16a] *puy* *bu* *kuy* *o'=je-bu-aoka-at*
 cobra CL já 3S=MED-CL-matar-CAUS3
 ‘A cobra já foi morta.’ ”

p. 92:

(5) “[8a] *ayacat-'ūm* *o'=je-aoka-at* *wida be*
 mulher-finado 3S=MED-matar-CAUS3 onça por
 ‘A mulher foi morta pela onça’
 (lit. ‘A finada mulher foi morta pela onça’)”

p. 227: “[Verbos transitivos e a incorporação]

Todos os verbos transitivos, sejam simples (16a) ou derivados (16b), apresentam a mesma estrutura de incorporação nominal: marcador clítico de sujeito (MCS), relacional de não-contiguidade (R2) [marcador de objeto (MO)], nome incorporado (NI) e base:

MCS=MO-NI-BASE

(24) [16a] *bekicat boraxa 'a o'=y-a-'o*
 menino bolacha CL 3S=3O-CL-comer
 ‘O menino comeu a bolacha.’

(25) [16b] *bekicat boraxa 'a o'=y-a-muy-'at*
 menino bolacha CL 3S=3O-CL-CAUS1-cair
 ‘O menino derrubou a bolacha.’

O exemplo (16a) traz o verbo transitivo simples *'o* ‘comer’, e o exemplo (16b) traz o verbo transitivo causativo *muy'at* ‘fazer cair, derrubar’. Ambos incorporam o nome inalienável *-a* ‘arredondado’, que neste contexto exerce uma função classificadora.”

10.

Resposta: Não. O constituinte que ocupa o lugar típico de acusativo é o paciente, em posição imediatamente à esquerda do verbo. O causado pode aparecer ao final da sentença, como em (14) [33d] e (9) [46b], na ordem A OD V SP_{caus}, mantendo a ordem típica das construções transitivas: SOV. Em (6) [2i], com o nominal causador omitido, mas marcado no verbo pelo clítico de sujeito (*o*), o causado também aparece ao final da sentença, conservando a ordem (A) OD V SP_{caus}.

O causado pode aparecer entre o causador e o paciente, na ordem A SP_{caus} OD V, como em (2) [44b] e (4) [45b], mantendo sua posição original em relação aos demais constituintes, a qual está alinhada a uma ordem de constituinte tipologicamente mais central. O paciente mantém a função de OD em todas essas construções.

p. 45: “Como outras línguas amazônicas, o Mundurukú tem ordem de palavras relativamente flexível, a qual tem reduzida função gramatical. Em geral, os argumentos nucleares não são expressos nominalmente. É uma língua do tipo *head-marking*, sendo marcado o predicado e não os argumentos. Dessa forma, a morfologia verbal reúne elementos fundamentais, podendo o predicado constituir, na maioria dos casos, um enunciado por si só.”

p. 243: “Os argumentos em Mundurukú não são marcados morfologicamente para caso, e a ordem de palavras é variável. O predicado verbal, em muitos casos, é o bastante para a

transmissão de informações, desde que o contexto linguístico ou extralinguístico revele quais são os participantes representados pelos marcadores clíticos de sujeito, prefixos relacionais e nomes incorporados ao verbo. [...]

(26)[30a] *aḡokatkat puy bu o'=y-aoka*
 homem cobra CL 3S=3O-matar
 'O homem matou a cobra.'

(27)[30b] *puy bu aḡokatkat o'=y-aoka*
 cobra CL homem 3S=3O-matar
 'A cobra matou o homem.'

Nesses casos, seria a ordem típica de palavras (SOV) a responsável pelas interpretações, mas não é (30a) uma oração corrente, embora possível. A oração usada preferencial e correntemente para expressar a ideia presente aí é (30c), em que ocorre a incorporação por repetição de um nome inalienável, nesse caso também em função classificadora (CL). O resultado é a indiscutível identificação do argumento absolutivo, único a participar da incorporação:

(28)[30c] *aḡokatkat puy bu o'=su-bu-aoka*
 homem cobra CL 3S=3O-CL-matar
 'O homem matou a cobra.' ”

11.

Resposta: Como informado na questão 2, não identificamos causativas de transitivos formadas a partir de verbo transitivo derivado com o prefixo *duju-* ~ *do-* 'causativo comitativo' e marcado simultaneamente com o sufixo *-at* 'causativo de transitivo'. Embora haja prevalência da 3ª pessoa nos dados consultados, bem como dos participantes causador e causado com traço [+HUMANO], identificamos um exemplo de verbo marcado com causado na 2ª pessoa do discurso (7) e um exemplo de causado com traço [-HUMANO] (6) [2i].

12.

Resposta: Não identificamos referência a aspectos cognitivos em Gomes (2006).

13.

Resposta: Não identificamos causativa sintática no Mundurukú.

14.

Resposta: Não identificamos causativa sintática.

15.

Resposta: Não identificamos causativa sintática.

16.

Resposta: Não identificamos pares com verbos lexicais transitivos no Mundurukú.

17.

Resposta: Não identificamos causativa lexical.

18.

Resposta: O causado assume a função sintática de adjunto (também chamado de “adjunto oblíquo”) pelo fato de não ter marca de correferência no verbo e de ser marcado por posposição. Esclarecemos que os argumentos nominais sujeito e objeto não recebem marcação morfológica, mas são indicados correferencialmente no verbo por clíticos de pessoa e têm sua função sintática definida na ordem de constituintes (SOV).

p. 45: “Como outras línguas amazônicas, o Mundurukú tem ordem de palavras relativamente flexível, a qual tem reduzida função gramatical. Em geral, os argumentos nucleares não são expressos nominalmente. É uma língua do tipo *head-marking*, sendo marcado o predicado e não os argumentos. Dessa forma, a morfologia verbal reúne elementos fundamentais, podendo o predicado constituir, na maioria dos casos, um enunciado por si só.”

p. 47: “Os verbos transitivos apresentam dois argumentos nominais nucleares e, no predicado que encabeçam, há uma posição sintática obrigatória de objeto direto imediatamente antes do tema, a qual é marcada morfológicamente por prefixos relacionais (cf. seção 1.2). Esse traço morfológico os diferencia dos verbos intransitivos processuais.”

p. 72: “Na causativa de transitivo [...], é introduzido um novo sujeito como agente mediato, enquanto que o agente imediato é tratado como adjunto regido pela posposição dativa *be* (ou *pe* diante de consoante) [...]”.

p. 79: “O sufixo *-at* pode ser acrescentado a verbos transitivos simples (44a-b) ou a transitivos causativizados (45a-b) para dar (ou aumentar) a idéia de causação. Esse sufixo introduz um terceiro argumento: por exemplo, *Maria* em (44b) e *wamõat* em (45b). Esse terceiro argumento é o sujeito da construção causativa, enquanto o sujeito da transitiva básica passa a adjunto oblíquo marcado pela posposição *be ~ pe*: *Pedoro be* (44b) e *bekicat pe* (45b).”

p. 96: “Do ponto de vista sintático, as posposições têm complemento obrigatório, e o SP constituído por elas não é um argumento do verbo; é apenas um circunstante, um constituinte periférico, um adjunto. Isso as diferencia dos nomes, que exercem funções argumentais nucleares.”

19.

Resposta: O causado não mantém o caso nem a função sintática de sujeito. Considerando que a função sintática dos argumentos sujeito e objeto é estabelecida pela ordem de constituintes (SOV), o fato de o causado manter a posição pré-objeto, similar ao causador, pode indicar o compartilhamento dessa propriedade de sujeito entre o causador e o causado.

20.

Resposta: A marcação do causado, seja ela a ordem ou a posposição *be ~ pe* ‘dativo’, também ocorre com outros constituintes. Quanto à ordem, como indicado na questão 10, o causado pode ocupar a posição após o verbo (SOV-causado), como os adjuntos, ou antes do OD, como o sujeito na construção transitiva típica (S-causado-OV). A mesma posposição também é usada com o beneficiário de verbos como *ũm* ‘dar’, o destinatário de verbos do tipo ‘falar’ (jekawên, ‘e, jede), o agente na construção passiva e o dativo de interesse.

21.

Resposta: Não identificamos marcação morfológica distinta da função sintática do causado. A posposição *be ~ pe* ‘dativo’ marca um adjunto.

22.

Resposta: Não identificamos construções com ambos o causado e o paciente codificados como OD.

23.

Resposta: Considerando que a Hierarquia de Caso se aplica a argumentos do verbo e que o causado ocorre em um sintagma posposicional dativo, que marca os adjuntos no Mundurukú, o causado não segue a Hierarquia nos moldes de Comrie (1976, 1989).

24.

Resposta: Como informado nas questões 18 e 20, o causado ocorre em um SP, o que o diferencia dos argumentos sujeito e objeto. Não identificamos outro critério ou propriedade sintática para diferenciar o causado dos demais constituintes.

25.

Resposta: Não identificamos construções com omissão ou exclusão do causado. Considerando que os enunciados do Mundurukú não costumam apresentar os nominais sujeito e objeto, os quais são indicados por correferência no verbo, por meio de clíticos de pessoa, e são identificados pelo contexto, a omissão de constituintes é recorrente na língua e não costuma gerar ambiguidade. Neste sentido, a omissão é pragmaticamente motivada e não altera a valência sintática.

p. 45: “Como outras línguas amazônicas, o Mundurukú tem ordem de palavras relativamente flexível, a qual tem reduzida função gramatical. Em geral, os argumentos nucleares não são expressos nominalmente. É uma língua do tipo *head-marking*, sendo marcado o predicado e não os argumentos. Dessa forma, a morfologia verbal reúne elementos fundamentais, podendo o predicado constituir, na maioria dos casos, um enunciado por si só.”

p. 243: “Os argumentos em Mundurukú não são marcados morfologicamente para caso, e a ordem de palavras é variável. O predicado verbal, em muitos casos, é o bastante para a transmissão de informações, desde que o contexto linguístico ou extralinguístico revele quais são os participantes representados pelos marcadores clíticos de sujeito, prefixos relacionais e nomes incorporados ao verbo. [...]

26.

Resposta: Não identificamos relativização do causado no Mundurukú, porém tanto a posição de OD quanto os sintagmas posposicionais podem ser relativizados (nominalizados) nas construções não causativas.

p. 116: “As posposições aqui apresentadas podem ser nominalizadas, o que as torna mais próximas dos advérbios, que também podem ser nominalizados.”

27.

Resposta: Como informado nas questões 4 e 11, os verbos causativizados com *-at* ~ *-an* resultam em verbos transitivos ativos, e o causado tende a apresentar traço [+HUMANO]. Com

base nessas informações e nos dados disponíveis, constatamos que o causado é animado e expressa o papel semântico de agente.

p. 72: “Na causativa de transitivo (cf. seção 2.2.2.2.2.2), é introduzido um novo sujeito como agente mediato, enquanto que o agente imediato é tratado como adjunto regido pela posposição dativa *be* (ou *pe* diante de consoante) [...]”

28.

Resposta: Considerando que os dados mostram a capacidade do causado de “casar” ou “fazer ter esposa” (*tayxi-da*, nome verbalizado por *-da*) (9) [46b], “lavar” (*wuy*) (2) [44b], “matar” (*aoka*) (14) [33d], “morder” (*a*) (6) [2i] e “pisar” (*cak*, causativizado por *mu-*) (4) [45b], deduzimos que o causado pode estar no controle dessas atividades. Os dados disponíveis não permitem concluir se o causado as exerce com volição.

29.

Resposta: Não identificamos mais de um tipo de causado em causativa de transitivo no Mundurukú.

30.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se o causador atua direta ou indiretamente sobre o causado.

31.

Resposta: De acordo com os dados disponíveis, parece haver intencionalidade por parte do causador.

32.

Resposta: De acordo com os dados disponíveis, o causador parece iniciar os processos sem esforço ou, nos termos de Dixon (2000), naturalmente.

33.

Resposta: Com base nos dados disponíveis, e considerando a ausência de indícios da participação do causador, deduzimos que o causador não está envolvido na atividade.

34.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se há graus de topicalidade ou foco relacionados ao causado ou ao paciente na causativa de transitivo.

35.

Resposta: Considerando que o único mecanismo formal usado no Mundurukú para formar causativas é o morfológico, não identificamos relação entre a frequência das situações e o tipo de construção causativa.

36.

Resposta: Além da causativa morfológica, não identificamos outros mecanismos formais para expressar causatividade no Mundurukú.

37.

Resposta: Em sua análise inicial, Gomes (2006) avalia que o sufixo *-at* ‘causativo de transitivo’ introduz um novo argumento na construção, e adota a terminologia “terceiro argumento” para se referir a esse constituinte (causador), reconhecendo o aumento de valência. No entanto, ao analisar a função sintática do causado, trata-o como “adjunto oblíquo”, por ocorrer em um SP e não ter marca de correferência no verbo. O autor conclui que as causativas de verbos transitivos não alteram a valência sintática, uma vez que o causado atua como adjunto. Gomes (2006, p. 76) trata a causativa como voz, porém não fornece informações adicionais sobre o tema.

p. 76: “Na voz causativa, o sujeito é um agente prototípico, agindo sobre um paciente, mas não sendo afetado pelo processo, daí a incompatibilidade entre esses dois morfemas.”

p. 79-80: “O sufixo *-at* pode ser acrescentado a verbos transitivos simples (44a-b) ou a transitivos causativizados (45a-b) para dar (ou aumentar) a ideia de causação. Esse sufixo introduz um terceiro argumento: por exemplo, *Maria* em (44b) e *wamōat* em (45b). Esse terceiro argumento é o sujeito da construção causativa, enquanto o sujeito da transitiva básica passa a adjunto oblíquo marcado pela posposição *be ~ pe*: *Pedoro be* (44b) e *bekicat pe* (45b). É mantido o mesmo objeto direto: *akurice* (44a-b) e *poy* (45a-b).”

38.

Resposta: Sim. O sufixo *-at* ‘causativo de transitivo’ pode ser combinado com o verbo transitivizado pelo prefixo *mu-* ~ *muy-* ‘causativo de intransitivo’ e com nomes possíveis verbalizados pelo sufixo *-da* ~ *-ta* ‘causativo de nome’. Além disso, o sufixo *-at* também se combina com verbos na voz média, marcados pelo prefixo intransitivizador *je-*, o que gera uma leitura passiva, não causativa, ao enunciado.

p. 72: “Como na causativa de transitivo, também na passiva o *-at* libera uma vaga no predicado – destituindo o sujeito –, que será ocupada, na passiva, pelo objeto graças ao morfema *je-*, que reduz o número de argumentos da construção, intransitivizando o verbo, uma das funções acumuladas por esse morfema de voz média. Enquanto na causativa de transitivo, o novo sujeito sintático é um agente indireto; na passiva, o novo sujeito é um paciente; mas, justamente devido à interpretação que o *je-* provoca no argumento do verbo a que ele se associa, esse *paciente* é interessado na ação verbal.”

39.

Resposta: Não identificamos o percurso diacrônico nem a origem do morfema causativo de verbo transitivo (*-at*). Embora a causativa de intransitivo não seja objeto da pesquisa, motivo pelo qual não será usada nos resultados finais deste trabalho, registramos, dada a ausência de informações diacrônicas na literatura, que o verbo transitivo *muy* ‘fazer’ é segmentalmente igual ao prefixo *muy-* ‘causativo de intransitivo’. Todavia, não identificamos informações adicionais sobre o percurso diacrônico desse prefixo.

p. 75: “²⁰ Existe o verbo transitivo *muy* ‘fazer, construir, fabricar, enfeitar’:

- (a) *dopa-dipepe=jo-muy* rosto-bonito_{23S=R2}-fazer ‘Coloquem os enfeites.’ (lit. ‘Façam o rosto bonito.’)
 (b) *uk-'a-'inepe=y-a-muy* casa-CL-PART_{23S=R2-CL}-fazer.IMPER ‘Façam uma casa.’ ”

40.

Resposta: Não identificamos mudanças diacrônicas na marcação de caso do causado de verbo transitivo.

41.

Resposta: Para se referir ao causador, os termos usados são “agente mediato”, “agente indireto” e “terceiro argumento”. Para tratar do causado, os termos são “agente imediato”, “adjunto” e “adjunto oblíquo”. O causador é referido como o “sujeito da construção causativa” (p. 79), e o

causado é referido como “sujeito da transitiva básica” (p. 79). O termo “adjunto” é usado como sinônimo de “circunstante” e “constituente periférico” (p. 96). A expressão “adjunto oblíquo” não é definida.

42.

Resposta: Não identificamos terminologia particular em Gomes (2006).

Makuráp (Tuparí)

Obras pesquisadas¹: Braga (2005, 2021)

1.

Resposta: Não identificamos em Braga (2005) um mecanismo para formar causativas diretamente a partir de verbos transitivos. No entanto, verificamos que o Makuráp pode causativizar um verbo originalmente transitivo por meio de um processo que não identificamos em outras línguas, o qual é formado pela intransitivização desse verbo, seguida pela sua transitivização e, por fim, pela adição de um “terceiro actante” (p. 165). Dessa maneira, o enunciado inicialmente transitivo com dois participantes passa a ser transitivo com três participantes e semântica causativa.

Em resposta à questão 1, entendemos que o Makuráp recorre a um processo morfológico, realizado pela combinação dos morfemas *et* ‘reflexivo’ e *mõ* ‘causativo’. Isso pode ser identificado nos dados (1) [324] a (6) [329]. A construção transitiva (1) [324] apresenta o verbo *put* ‘quebrar’ com sua grade argumental preenchida pelo sujeito com papel de “agente direto” *xauwi* ‘criança’ e pelo objeto com papel de paciente *ũẽ* ‘pote’, sendo traduzida por ‘A criança quebra o pote’. Essa construção não pode ser causativizada diretamente com *mõ*, como mostra o dado agramatical (2) [325]. Para causativizar (1) [324], é necessário adicionar o morfema reflexivo *et*, como no dado (3) [326], o qual se intransitiviza e perde o “agente direto”, e depois incluir o causativo *mõ*, como em (4) [327], o qual se transitiviza e recebe o agente *xauwi* ‘criança’, mas este agente passa a atuar como “indireto”, uma vez que o enunciado mantém o sentido reflexivo. Esse processo habilita a inclusão de um “terceiro actante”, visto no dado (5) [328], o qual exhibe os participantes *xauwi* ‘criança’, *ũẽ* ‘pote’ e *Marisa* ‘Marisa’, podendo ser traduzido como ‘A criança faz o pote se quebrar por meio de Marisa’.

Ao comparar a transitiva (1) [324] com sua contraparte causativa (6) [329], verificamos que, nesta última, ocorre a inserção dos morfemas *et* ‘reflexivo’ e *mõ* ‘causativo’ e do pronome *on* ‘1P.S.’, na posição mais à esquerda da construção e no papel de sujeito causador. O antigo sujeito *xauwi* ‘criança’ é deslocado para a posição mais à direita e passa a ser marcado com a posposição dativa *pe*. O antigo objeto *ũẽ* ‘pote’ permanece inalterado.

¹ ALL: Alativo; CAUS: Causativo; DAT: Dativo; EFF: Efetivo; GEN: Genitivo; IMP: Imperativo; IMPERF: Imperfeito; NOMact: Morfema nominalizador da ação verbal; NOMobj: Morfema nominalizador do objeto da ação verbal; PASSF: Passivo; PERF: Perfectivo; POST: Posposição; PRC: Prefixo relacional de contiguidade; REFL: Reflexivo; IPS: Pronome tônico da primeira pessoa do singular.

Esse processo revela algumas particularidades na causativização de verbos transitivos no Makuráp. A primeira é a necessidade de reduzir e aumentar a valência. Após receber o morfema causativo, a construção passa a ser transitiva, habilitando a ocorrência de três participantes no enunciado e, com isso, veiculando a semântica típica de uma causativa de verbo transitivo. A segunda particularidade é a adição do “terceiro actante” sem nenhuma morfologia especial no verbo. Ao ser acrescentado à construção, ele se torna, aparentemente, o participante responsável direto pela ação. A terceira é a possível inexistência de um morfema causativo destinado a verbos transitivos no Makuráp, o que nos parece incomum nas línguas do tronco Tupí. A quarta particularidade é a inclusão do causador no enunciado antes da inserção do causado. Braga (2005) parece sugerir que o causador é introduzido durante a causativização da construção intransitiva reflexiva, resultando em uma causativa com um causador e um causado reflexivo. No entanto, esse causado assume o papel de paciente quando um novo participante é introduzido como terceiro actante, e este assume o papel de causado.

Em nosso ponto de vista, o encadeamento de operações de redução e aumento de valência parece contraintuitivo na cena comunicativa. Essa proposta pressupõe que o falante faz reanálises estruturais sucessivas: a introdução de um causador em uma construção reflexiva, a consequente reinterpretação do antigo sujeito como causado reflexivo, outra reinterpretação desse participante como paciente e, concomitantemente, a interpretação de um novo participante como causado. Prototipicamente, contudo, seria esperado que os falantes derivassem uma construção como (6) [329] diretamente a partir de (1) [324], sem a necessidade de postular uma etapa intermediária em que o antigo sujeito é reanalisado como paciente antes de sua reintrodução como causado.

p. 163-165: “1.6.5 La voix causative

Le morphème causatif *mõ* permet d’ajouter un actant de plus aux prédicats intransitifs.
[...]

Comme le morphème *mõ* rend le prédicat intransitif transitif en ajoutant un participant qui cause l’action ou le processus exprimé par le verbe, il s’applique aussi aux verbes transitifs déjà intransitivisés au moyen du morphème réfléchi *et*, comme illustré par les exemples suivants:

- (1) [324] *Xauwi ãẽ putnga*
 //*xauwi/ãẽ/put-ng-a*//
 //enfant/pot/casser-EFF-IMPERF//
 ‘L’enfant casse le pot’

- (2) [325] **Xauwi ãẽ mõi putnga on*
 //xauwi/ãẽ/mõi=put-ng-a/on//
 //enfant/pot/CAUS+casser-EFF-IMPERF/1PS//
 ‘Je fais l’enfant casser le pot’

Dans l’exemple 324, ci-dessus, il y a un agent (l’agent direct), *xauwi* ‘enfant’, qui agit directement sur le patient, *ãẽ* ‘pot’, et cause en lui un changement d’état. Pour ajouter un agent indirect, celui qui cause un changement d’état sur le patient de façon indirecte, le verbe doit être intransitivisé par le morphème réfléchi. Le résultat du processus de causativisation est [X fait Y se-verbe]. Donc, la construction de base sur laquelle on peut ajouter le morphème *mõi* à un prédicat originellement transitif est toujours marqué par le morphème réflexif. La causativisation du prédicat de la phrase 324 se fait ainsi sur la construction de base suivante:

- (3) [326] *ãẽ et putnga*
 //ãẽ/et+put-ng-a//
 //pot/REFL+casser-EFF-IMPERF//
 ‘Le pot s’est cassé’

Sur cette phrase, nous pouvons ajouter le morphème causatif *mõi* et *xauwi* devient l’agent indirect

- (4) [327] *Xauwi ãẽ mõi et putnga*
 //xauwi/ãẽ/mõi+et+put-ng-a//
 //enfant/pot/CAUS+REFL+casser-EFF-IMPERF//
 ‘L’enfant fait le pot se casser’

Nous pouvons ajouter encore un autre actant à cette phrase, mais il sera forcément périphérique.

- (5) [328] *Xauwi ãẽ mõi et putnga Marisa pe*
 //xauwi/ãẽ/mõi+et+put-ng-a/Marisa/pe//
 //enfant/pot/CAUS+REFL+casser-EFF-IMPERF/Marisa/POST//
 ‘L’enfant fait Marisa casser le pot’
 Litt: ‘L’enfant fait le pot se casser par Marisa’

La forme correcte de la phrase agrammaticale 325 est donc.

- (6) [329] *On ãẽ mõi et putnga xauwi pe*
 //1PS/ãẽ/mõi+et+put-ng-a/xauwi/pe//
 //je/pot/CAUS+REFL+casser-EFF-IMPERF/enfant/POST//
 ‘Je fais l’enfant casser le pot’
 Litt: ‘Je fais le pot se casser par l’enfant’

Des faits que nous venons de montrer, nous pouvons conclure que la langue makurap a une forte tendance à avoir des prédicats bi-actanciels. L'opération causative dans les prédicats transitifs garde toujours la structure bi-actancielle même quand on ajoute le troisième actant."

2.

Resposta: A construção passa por um processo prévio de mudança de voz verbal, no qual é necessário primeiro intransitivizar a construção e depois causativizá-la. Como informado na resposta à questão 1, a construção transitiva primitiva passa por três etapas antes de ser causativizada e expressar a semântica típica de uma causativa de verbo transitivo: 1. intransitivização pelo morfema *et* 'reflexivo'; 2. transitivização pelo morfema *mõ* 'causativo'; 3. acréscimo de um "terceiro actante" (causado) (p. 165).

3.

Resposta: Não identificamos o morfema *mõ* 'causativo' desempenhando outras funções.

p. 193: "*mõ* [mõ] *post. all.* à Ex. : *Kito tet nge mõ*. 'L'homme est allé à la plantation.' "

p. 113: "

- (7) [205] *Awato, o mõ ngitak ðwã to!*
 // *awato/ o+ mõ/ ngitak/ om-ã /to//*
 //grand-père/1ps+ALL/nuir/donner-IMPERF/IMP//
 'Grand-père, donnez-moi la nuit.' "

p. 26: "

- (8) [7] *Kito tet nge mõ*
 // *kito/tet-ø/nge/mõ//*
 //kito/aller-PERF/plantation/ALL//
 'L'homme est alle à la plantation' "

p. 172: "

- (9) [341] *Ngete pi mõ aterap watmip.*
 // *ngete/pi/ mõ/ atet-ap/ watmip//*
 //forêt/intérieur/POST/marcher-NOMact/effrayant
 'Marcher dans la foret est effrayant.'
 Lit : La marche dans la foret est effrayante."

4.

Resposta: Não identificamos exemplos de verbos transitivos com o morfema *mõ* denotando ação abstrata. Os dados mostram o verbo transitivo ativo "quebrar" (*put*).

5.

Resposta: Não identificamos marcador causativo de verbo transitivo no Makuráp.

6.

Resposta: Não identificamos construção causativa formada a partir de verbos com três argumentos ou três participantes no Makuráp. Não obstante, Braga (2005, p. 69) afirma que “é sempre possível adicionar o terceiro actante [*“actant”*] a um verbo bivalente”. A autora também reconhece a existência de verbos “triactanciais” (*“triactanciels”*), em contraste com os transitivos (*“transitifs”*) e os intransitivos (*“intransitifs”*) (p. 69). Assim, deduzimos que Braga (2005) identifica verbos ditransitivos na língua, os quais ela afirma que são poucos.

Em relação aos “actantes”, constatamos que são definidos inicialmente como “os seres ou objetos que participam do processo expresso pelo verbo” (p. 136), o que sugere a noção de argumentos previstos sintaticamente pelo verbo. Na sequência, o conceito de “actante” é associado ao “semantismo do verbo, que determina sua valência” (p. 136), o que pressupõe uma valência semântica. Posteriormente, o “actante” é relacionado às categorias S, A e O de Dixon (1979), as quais são tipicamente usadas para argumentos. Essa definição baseada em níveis analíticos distintos indica que o termo “actante” pode ser empregado ora como argumento, no nível sintático, ora como participante, no nível semântico. Em função disso e da dificuldade de dissociar esses níveis a partir da descrição, mantivemos o termo “actante” em nossas respostas a este protocolo.

p. 69: “La parenthèse qui entoure l’actant bénéficiaire dans cet exemple souligne qu’il est facultatif, comme dans les prédicats transitifs biactanciels. En plus, il est toujours possible d’ajouter le troisième actant à un verbe biactanciel. Exemples:

(10)[108] *Yiam amoknga João (Marisa pe)*
 //yiam/ amok-ng-a/ João / Marisa/ pe//
 //porte/ouvrir-EFF-IMPERF /João /Marisa/DAT//
 ‘João ouvre la porte (pour Marisa)’ ”

En tout état de cause, les verbes triactanciels ne sont pas nombreux et nous allons nous concentrer sur les deux types principaux de verbes: les verbes transitifs et intransitifs.”

p. 136: “1.3.1 Les actants

Les actants sont les êtres ou les objets qui participent au processus exprimé par le verbe. Ils sont requis par le sémantisme du verbe lui-même en déterminant sa valence. Donc, le nombre

d'actants requis par un verbe fournit la base de la classification de ces verbes en uniactanciels, biactanciels ou triactanciels et par la confrontation des constructions uniactancielle et biactancielle, on établit la structure d'actance dominante dans la langue. C'est de cette confrontation que nous parlerons dans la section suivante. Pour accomplir cette confrontation nous utiliserons la terminologie proposée par Dixon (1979): **S** pour faire référence à l'actant unique du prédicat intransitif; **A** pour faire référence à l'actant agent du prédicat transitif et **O** pour l'actant objet du prédicat transitif."

7.

Resposta: Sim. As construções (5) [328] e (6) [329], resultantes do processo de causativização do verbo transitivo *put* 'quebrar', apresentam a ordem A O V Causado, sendo o participante causado marcado pela posposição dativa *pe*.

As construções dativas (12) [272] e (13) [273] mostram a mesma ordem (A O V Beneficiário) e a mesma codificação no participante beneficiário (*pe ~ me*). Ressaltamos que o dado (13) [273] é formado com o verbo "bitransitivo" *om* 'dar' (Braga, 2005, p. 144), confirmando as semelhanças entre as causativas e as ditransitivas.

O enunciado (10) [108] evidencia que a presença do beneficiário é opcional com verbos transitivos, mas Braga (2005, p. 69) informa que "é sempre possível adicionar o terceiro actante a um verbo bivalente".

p. 144: "1.3.1.2. Le Datif

Le datif est le complement peripherique d'un predicat intransitif (ex 271), transitif (ex. 272) et bitransitif (ex. 273). Il est régi par les postpositions *pe* ou *me* et, généralement, il n'est pas requis par le verbe, puisqu'il peut être absent. Exemples:

- (11)[271] *Mãỹã et xoet me*
 // *mãỹ-a/ et/ x.o-et/ me//*
 //parler-IMPERF/REFL/PRC.père-GEN/DAT//
 ' (Il) parle à son père. '
- (12)[272] *yã mame tura on me*
 // *yã mame tur-a on me//*
 //mère/galette/griller-IMPERF/1PS/DAT//
 ' Maman grille des galettes pour moi. '
- (13)[273] *Mário mutea õwã João pe*
 // *Mário/ mutea/ om-a /João/ pe//*
 //Mário/tabac/donner-IMPERF/João/DAT//
 ' Mário donne du tabac à João. ' "

8.

Resposta: Não identificamos informações explícitas sobre verbos ambitransitivos.

9.

Resposta: Não identificamos causativização com IN no Makuráp.

10.

Resposta: Não. Embora os dados (5) [328] e (6) [329] apresentem a ordem A O V Causado, Braga (2005, p. 147-148) afirma que a ordem neutra do Makuráp é OVA e que o sujeito assume a posição pré-verbal quando é o “tópico” (*thème*) do enunciado. O dado (14) mostra a ordem Causado AOV. Adicionalmente, a autora informa que o “complemento dativo” pode ser colocado antes do “complemento absolutivo” (p. 144). O constituinte que ocupa o lugar típico de objeto absolutivo é o paciente.

Comunicação oral (Braga, 2021): “

- (14) *João pe on kake mō-et-mō-tom-a*
 NP POSP 1PS cesta CAUS-REFL-CAUS-cheio-IMPERF
 ‘Eu fiz o João encher a cesta.’ ”

p. 136: “1.3.1.1 Les relations grammaticales

Les relations grammaticales sont les liens existant entre les verbes et leur actants manifestés au niveau de la structure morphosyntaxique. Les relations de ce genre se manifestent généralement dans certains domaines morphosyntaxiques dans les langues, à savoir: le marquage du cas grammatical dans les syntagmes nominaux; le marquage de la personne dans les verbes; l’emploi des pronoms; l’ordre des constituants et quelques autres processus syntaxiques. En makurap, il n’y a pas de cas grammatical. Nous allons, donc, dégager les relations grammaticales en analysant l’ordre de mots, le fonctionnement des pronoms personnels par rapport au verbe, et en vérifiant la possibilité d’effacement et de contrôle des actants dans des processus syntaxiques.”

p. 138-139: “Dans le prédicat transitif, quand les deux actants sont exprimés par des noms c’est l’ordre des mots qui signale les rôles sémantico-grammaticaux affectés à chacun. Voyons les exemples: [...]”

La traduction donnée aux phrases ci-dessus montre bien que c’est l’actant placé immédiatement avant le verbe qui est interprété comme l’objet de l’action verbale. Cet actant-

là – l’objet – ne peut pas manquer dans une phrase en makurap, comme c’est aussi le cas de l’actant **S** du prédicat intransitif. L’ordre des mots indique que les actants **S** et **O** gardent le même type de relation avec le prédicat – l’absolutif – et se différencient de l’actant **A** – l’ergatif.”

p. 147: “1.4 La phrase simple et l’ordre de mots

Comme nous l’avons vu plus haut, le groupe constitué par l’actant **O** plus le verbe est le noyau de la phrase verbale, autour duquel gravitent les autres actants. Nous avons vu aussi que l’actant **O** garde une position fixe par rapport au verbe pendant que l’actant **S** peut se déplacer. Ce fait entraîne deux possibilités d’ordre pour les mots dans la phrase: **OVS** et **SOV**. Étant donné qu’il est le moins attaché au prédicat, l’actant **A** a une position relativement libre et peut se positionner avant ou après le groupe **OV**. Cette mobilité de l’actant **A** entraîne un changement d’ordre dans la phrase déterminé par la visée communicative choisie par les locuteurs au moment de l’énonciation. Autrement dit, c’est la thématisation qui entraîne le changement d’ordre. Exemples: [...]”

p. 148: “Le site privilégié pour le thème est la position en tête de phrase et ce fait explique le changement d’ordre dont nous parlons. L’ordre de base est OVS, vu qu’il est le plus neutre, moins marqué du point de vue pragmatique, et il se manifeste quand le thème de la phrase est l’actant **O**. L’ordre SOV se manifeste quand l’actant **S** est choisi comme thème.”

p. 144: “Le complément datif peut être placé à la fin du prédicat verbal, comme dans les exemples cités ci-dessus, ou avant le complément absolutif, comme nous le montre l’exemple suivant:

(15)[274] *Ārāpiyā/ amengko pe potkap ōwā*
 // *ārāpiyā/ amengko/ pe/ potkap/ om-a//*
 //femme/jaguar/DAT/poisson /donner-IMPERF//
 ‘La femme donne des poissons au jaguar.’ ”

11.

Resposta: Sim. Como informado nas respostas às questões 1 e 2, um verbo transitivo não pode ser causativizado diretamente, pois os verbos transitivos precisam passar por um processo inicial de intransitivização. Assim, a valência é diminuída com o morfema *et* ‘reflexivo’ e, depois, aumentada com o morfema *mō* ‘causativo’. Após isso, se poderá inserir um “terceiro actante” (p. 165), que é um causado, algo tipologicamente não identificado.

12.

Resposta: Não identificamos referência a aspectos cognitivos em Braga (2005).

13.

Resposta: Não identificamos causativa sintática no Makuráp.

14.

Resposta: Não identificamos causativa sintática.

15.

Resposta: Não identificamos causativa sintática.

16.

Resposta: Não identificamos pares com verbos lexicais transitivos no Makuráp.

17.

Resposta: Não identificamos causativa lexical.

18.

Resposta: O causado assume a função de “actante periférico” e também é tratado como “terceiro actante” (Braga, 2005, p. 165). Esclarecemos que os participantes codificados com a posposição dativa, a qual também marca o causado, são analisados como “complemento periférico” e “complemento dativo” (p. 144).

Como informado na resposta à questão 6, a definição do termo “actante” se baseia em dois níveis de análise, o semântico e o sintático.

19.

Resposta: O causado não mantém a função sintática de sujeito. Não identificamos compartilhamento das propriedades de sujeito entre o causador e o causado.

20.

Resposta: A posposição *pe* ‘dativo’ que codifica o causado também ocorre com outros constituintes, a exemplo do participante dativo nas construções com três participantes ((10) [108], (12) [272], (13) [273]), do agente na voz passiva ((16) [312]) e do antigo objeto na voz antipassiva ((17) [314]). De acordo com Braga (2005, p. 160), o agente na passiva e o antigo

objeto na antipassiva são rebaixados para uma “função periférica”. Outra marcação não exclusiva do causado é sua ordem no enunciado, visto que, à exceção de (17) [314], os participantes posicionados também ocorrem em posição pós-verbal.

p. 160: “1.6.2 La voix verbale en -e/ la voix passive

La voix passive est exclusive des prédicats transitifs. Le verbe reçoit le morphème -e (passif), l’objet le précède et l’agent est abaissé à une fonction périphérique, étant marqué par la postposition *pe*, comme illustré par les exemples suivants:

- (16) [312] *Payoi poknge yã pe*
 //Payoi/pok-ng-e/yã/pe//
 //poule/tuer-EFF-PASSF/maman/POST//
 ‘La poule a été tuée par maman.’ ”

p. 160: “1.6.3 La voix antipassive

La voix antipassive est construite sur la forme perfective du verbe. Contrairement à la voix passive, elle est caractérisée par l’abaissement de l’objet qui, marqué par la postposition *pe*, est abaissé à une fonction périphérique. Ce processus d’abaissement de l’objet permet l’adjonction du sujet à la construction quand le contexte pragmatique l’exige. Celui-ci peut se placer au début ou à la fin de la phrase. Exemples:

- (17) [314] *Xaote pe pok (amengko)*
 // xaote /pe /pok-ø/ amengko//
 //sanglier/POST/tuer-PERF/jaguar//
 ‘Le jaguar a tué le sanglier’ ”

21.

Resposta: Não identificamos marcação morfológica distinta da função sintática do causado no Makuráp.

22.

Resposta: Não identificamos construções com ambos o causado e o paciente codificados como objeto.

23.

Resposta: Não. Considerando que a Hierarquia de Caso se aplica a argumentos na função de sujeito ou objeto e que o causado atua como “actante periférico” (Braga, 2005, p. 165), entendemos que ele não segue a hierarquia nos moldes de Comrie (1976).

24.

Resposta: Sim. O causado pode ser diferenciado do objeto pela ordem de constituintes, tendo em vista que o objeto mantém uma posição fixa em relação ao verbo (p. 147).

Não identificamos critérios ou propriedades sintáticas para diferenciar o causado do sujeito com papel de causador.

25.

Resposta: Não identificamos construções com omissão ou exclusão do causado nas causativas formadas a partir de verbos originalmente transitivos no Makuráp.

26.

Resposta: Não identificamos relativização do causado nas causativas formadas a partir de verbos originalmente transitivos no Makuráp.

p. 173-174: “La construction avec *yĩ* est utilisée pour relativiser l’objet d’un verbe transitif. Comme nous pouvons le constater par l’exemple donne, elle est formée de la façon suivante: l’objet est placé en tête de la construction et à sa place on met le nominalisateur *yĩ*. Ce genre de construction est très fréquent. Nous le retrouvons dans beaucoup de langues de la famille linguistique tupi.

Cette construction a aussi la fonction de focaliser l’objet du verbe comme nous pouvons constater par l’exemple suivant:

(18)[345] *Amengko awa yĩ poknga*
 // *amengko /awa /yĩ /pok-ng-a//*
 //jaguar/papa/NOMobj/tuer-EFF-IMPERF//
 ‘C’est le jaguar que papa tue.’ ”

Toutes les formes de relativisation en makurap se réalisent au moyen de la nominalisation du verbe. Nous venons de voir la façon dont on relativise l’objet du verbe. Nous allons voir maintenant les autres deux formes de relativisation, la relativisation de l’agent et la relativisation du patient d’un verbe. [...]. Donc, pour la relativisation de l’agent nous employons le morphème *-aret* et pour la relativisation du patient, le morphème *-apit*.”

27.

Resposta: Como informado nas questões 4 e 11, o verbo causativizado com o morfema *mõ* ‘causativo’ é transitivo ativo, e o causado apresenta traço [+HUMANO] nos exemplos identificados. Com base nessas informações e nos dados disponíveis, constatamos que o causado é animado e expressa também o papel semântico de agente.

28.

Resposta: Embora os dados disponíveis indiquem que o causado é animado, eles não permitem identificar os graus de controle, afetação ou volição do causado.

29.

Resposta: Não identificamos mais de um tipo de causado na causativa formada com verbo originalmente transitivo no Makuráp.

30.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se o causador atua direta ou indiretamente sobre o causado.

31.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se o causador atinge o resultado acidental ou intencionalmente.

32.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se o causador inicia o processo com ou sem esforço.

33.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se o causador está envolvido na atividade em conjunto com o causado.

34.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se há graus de topicalidade ou foco relacionados ao causado ou ao paciente na causativa formada a partir de um verbo originalmente transitivo.

35.

Resposta: Considerando que o único mecanismo formal usado no Makuráp para formar causativas é o morfológico, não identificamos relação entre a frequência das situações e o tipo de construção causativa.

36.

Resposta: Além da causativa morfológica, não identificamos outros mecanismos formais para expressar causatividade no Makuráp.

37.

Resposta: As causativas se comportam como voz verbal, a qual é entendida como a relação entre o verbo e seus participantes e é motivada pela situação discursiva (Braga, 2005, p. 158). A autora afirma que o morfema causativo permite acrescentar um argumento ao verbo (p. 163-165).

p. 158: “1.6 La diathèse verbale

La diathèse verbale concerne l’orientation de la relation prédicative, la relation entre le verbe et ses actants prenant en considération le degré d’importance que le locuteur donne à chaque actant dans le prédicat. Il est bien connu que les locuteurs d’une langue peuvent changer le statut des actants en relation avec le verbe au moyen de l’abaissement, de la promotion ou de l’effacement de ces actants aussi bien qu’ils peuvent augmenter ou diminuer le nombre d’actants du prédicat. La motivation de ces phénomènes morphosyntaxiques est liée à la situation discursive. Pour des raisons communicationnelles les locuteurs veulent, par exemple, discuter sur des activités transitives sans mentionner l’agent (voix passive) ou le patient (voix antipassive). C’est sur ces phénomènes, traditionnellement connus comme relevant de la voix verbale, que nous allons nous pencher maintenant.”

p. 163: “1.6.5 La voix causative”

38.

Resposta: Não identificamos causativas combinadas com outras vozes ou mecanismos de mudança de valência no Makuráp.

39.

Resposta: Não identificamos o percurso diacrônico nem a origem do morfema causativo *mõ*.

40.

Resposta: Não identificamos mudanças diacrônicas na marcação do causado.

41.

Resposta: O causador é referido como “agente indireto” (p. 164). O causado é chamado de “actante periférico” e “terceiro actante” (p. 165). O participante afetado pela ação é tratado como “paciente” (p. 164). Registramos que, em construções não causativas, os participantes codificados com a posposição dativa, a qual também marca o causado, são chamados de “complemento periférico” e “complemento dativo” (p. 144).

Não identificamos definições explícitas dos termos.

42.

Resposta: Não identificamos terminologia particular em Braga (2005).

Kamaiurá (Tupí-Guaraní)

Obras pesquisadas¹: Seki (2000a, 2000b, 2004)

As citações fazem referência a Seki (2000a), salvo quando indicada outra obra entre parênteses.

1.

Resposta: O mecanismo formal que o Kamaiurá usa é o morfológico, por meio do sufixo *-ukat* ‘causativo’.

p. 289: “Em Kamaiurá, a causativização realiza-se morfológicamente pelo acréscimo de morfemas a radicais intransitivos e transitivos. [...]”

Seguindo Comrie (1989), parte-se aqui da distinção de verbos não causativos básicos em intransitivos (sem objeto direto), monotransitivos (com objeto direto, sem objeto indireto) e ditransitivos (com objeto direto e indireto).”

p. 66: “Os verbos transitivos se distinguem morfossintaticamente de outros verbos e de elementos de outras classes de palavras pela capacidade de receberem (i) os prefixos da série IV (*portmanteau*), (ii) os nominalizadores {-tat} ‘agentivo’, {-ipyt} ‘paciente’ e {-emi-} ‘paciente/objeto’ e (iii) o sufixo {-ukat} ‘causativo’, exclusivo desse tipo de verbos.”

p. 148: “Os marcadores de negação, de modo circunstancial, e o sufixo {-ukat} ‘Causativo’ têm escopo sobre todo o predicado.”

2.

Resposta: A construção é causativizada diretamente. Assim, o sufixo *-ukat* ‘causativo de transitivo’ se anexa tanto ao verbo transitivo quanto ao verbo transitivizado pelo prefixo *mo-* ‘causativo de intransitivo’. Essa transitivização prévia é independente da causativa de transitivo, não uma condição obrigatória para que ela ocorra. Identificamos um exemplo em que o sufixo *-ukat* ocorre em uma construção intransitivizada pelo prefixo *je-* ‘reflexivo’ e transitivizada duas vezes pelo prefixo *mo-*. O sufixo *-ukat* não se anexa ao verbo transitivizado com o prefixo *ero-* ‘causativo comitativo’ pelo fato de o causador na construção com *-ukat* não participar diretamente da atividade.

¹ A: Sujeito de verbo transitivo; at: Atestado; caus: Causativo; col: Coletivo; cs: Causativo simples; dat: Dativo; f: Foco; frus: Frustrativo; imper: Imperativo; LN: Locução (sintagma) nominal; n: Caso nuclear; neg: Negação; nm: Caso não marcado; Npr: Nome próprio; O: Objeto direto; Oi: Objeto indireto; pl: Plural; refl: Reflexivo; rel: Prefixo relacional; Sa: Sujeito de Verbo Intransitivo Ativo; sg: Singular; So: Sujeito de Verbo Descritivo; V: Verbo; 1: Primeira pessoa; 2: Segunda pessoa; 3: Terceira pessoa; Ø: Zero.

p. 291: “O causativo de verbos transitivos forma-se pelo sufixo {-ukat} ‘causar, mandar, fazer’, que se acrescenta a radicais transitivos simples ou derivados por meio do prefixo causativo {mo-}:

- (1) [1092] *-juka* ‘matar’ *-juka-ukat* ‘mandar matar’
-moŋet ‘fazer dormir’ *-moŋer-ukat* ‘mandar fazer dormir’ ”

p. 383: “Foi dito anteriormente que o sufixo {-ukat} anexa-se comumente a radicais transitivos derivados com o prefixo {mo-}. No que respeita a verbos derivados com o prefixo {ero-} ‘causativo-comitativo’, não há nos dados disponíveis exemplos de sua co-ocorrência com o sufixo {-ukat}, o que parece relacionar-se às diferenças semânticas entre os dois afixos. Como mencionado, no causativo comitativo o *Causer* participa da ação juntamente com o *Causee*, enquanto no causativo com o sufixo {-ukat} o *Causer* é diretivo, não diretamente participativo.”

p. 382: “Há casos de reaplicação recursiva de causativos, como na sentença a seguir:

- (2) [1467] *ije rake kunu ’um-er-a a-mo-je-mo-atyrõ-ukar=awa*
 eu At menino-Col-N 1sg-Caus-Refl-Caus-enfeitar-Caus=Pl
 ‘Eu mandei os meninos se enfeitarem’
 ‘Eu mandei os meninos se enfeitarem uns aos outros’ ”

3.

Resposta: O sufixo *-ukat* somente desempenha outras funções se for combinado com o prefixo *mo-*. Nessas situações, o sufixo *-ukat* se anexa a verbos posturais e de movimento para indicar as posições estendida horizontal (*-mo ’uwukat*), vertical (*-mouhwamukat*) e não estendida (*-mo ’apykukat*) e os movimentos de ir (*-monoukat*), vir (*-muhurukat*), chegar (*-moykukat*) e sair (*-moemukat*). Os morfemas causativos também podem ser usados recursivamente, como no exemplo (2) [1467] “*a-mo-je-mo-atyrõ-ukar=awa* ‘mandei se enfeitarem uns aos outros’ ”.

p. 380-381: “Os afixos causativos acrescentados a verbos posturais e de movimento produzem formas cujas significações entram em correlações como as indicadas nos exemplos a seguir (cf. Comrie, 1985):

- (3) [1459] [1460]

(1459)	Posição			
	Estendida horiz.	Estendida vert.	Não estendida	
Estar em	-’up	-’am	-’in	
Entrar em	-’aw	-uhwam	-’apyk	
Fazer estar	-mo’up	-mo’am	-mo’in	
Fazer entrar	-mo’aw	-mouhwam	-mo’apyk	
Fazer estar+estar	-ro’up	-ro’am	-ro’in	
Fazer entrar+entrar	-ro’aw	-ro’uhwam	-ro’apyk	
Fazer fazer estar	-mo’uwukat	-mouhwamukat	-mo’apykukat	

(1460)	Movimento				
	“ir”	“vir”	“chegar”	“sair”	
Estar em	-ho	-’ut	-yk	-em	
Fazer estar em	-mono	-muhut	-moyk	-moem	
Estar + fazer estar em	-raha	-rut	-royk	-roem	
Fazer fazer estar em	-monoukat	-muhurukat	-moykukat	-moemukat	”

p. 379-380: “Os dois outros afixos causativos têm distribuição mais restrita. O prefixo {ero-} acrescenta-se predominantemente a verbos intransitivos posturais e de movimento e a alguns outros tipos de verbos, enquanto o sufixo {-ukat} somente se anexa a radicais transitivos: [...]”

- (4) [1453] -enōj ‘chamar’ → -enōjukat ‘mandar chamar, pedir’
 -muhut ‘fazer vir’ → -muhurukat ‘mandar trazer’
 -mono ‘fazer ir, enviar’ → -monoukat ‘mandar levar’ ”

4.

Resposta: Não identificamos exemplos de verbos transitivos com o sufixo *-ukat* denotando ação abstrata. Todavia, com exceção dos verbos causativizados pelo comitativo, Seki (2000a) não estabelece restrições semânticas para a ocorrência desse sufixo. Os exemplos fornecidos pela autora mostram verbos ativos transitivos e ditransitivos: “chamar” (*enōj*), “dar” (*me’ey*), “enfeitar” (*mo’atyrō*), “enviar” (*mono*), “fazer” (*awyky*), “fazer dormir” (*mojer*), “segurar” (*pyhyk*) e “trazer” (*mohur*).

5.

Resposta: Não identificamos mais de um marcador no Kamaiurá.

6.

Resposta: Sim. Existe causativa formada a partir do verbo *me’ey* ‘dar’. Nessa situação, o causado assume as funções de “objeto direto” ou “objeto indireto”, ou ainda pode ser omitido.

p. 300 (Seki, 2004): “Construções com verbos ditransitivos admitem um objeto indireto, que em Kamaiurá é expresso por uma locução posposicional com a posposição *-upe* “dativo” e se comporta em geral como outros constituintes oblíquos da língua: [...]”

p. 294-295: “Os verbos ditransitivos admitem um objeto indireto, que em Kamaiurá é expresso por uma locução posposicional com a posposição *upe* “dativo”, e se comporta em geral como outros adjuntos da língua:

- (5) [1104] *akwama 'e-a ywyrapar-a o-me'η kara'iw-a upe*
 homem-N arco-N 3-dar não-índio-N Dat
 ‘O homem deu um arco ao não índio’

Em construções causativas com verbo ditransitivo, o *Causer* aparece como sujeito e o objeto direto e o objeto indireto se mantêm como tais. Quanto ao *Causee* (o sujeito da construção não causativa correspondente), há três alternativas para a sua expressão:

a) o *Causee* é omitido:

- [*Causer Causee V O Oi*]
 (6) [1105] *akwama 'e-a Ø o-me'ej-ukat ywyrapar-a kara'iw-a upe*
 homem-N Ø 3-dar-Caus arco-N não-índio-N Dat
 ‘O homem mandou-o dar o arco ao não índio’
 [Seki (2004, p. 304) acrescentou a legenda acima do exemplo, a qual incluímos entre colchetes]

b) o *Causee* ocorre como objeto direto; o *Causer* é omitido [sendo o *Causer* assinalado por marcador de pessoa no verbo (Seki, 2004, p. 301)]:

- [*Causer O=Causee V O Oi*]
 (7) [1106] *Ø kunu'um-a o-me'ej-ukat ywyrapar-a kara'iw-a upe*
 Ø menino-N 3-dar-Caus arco-N não-índio-N Dat
 ‘Ele mandou o menino dar o arco ao não índio’
 [Seki (2004, p. 304) acrescentou a legenda acima do exemplo, a qual incluímos entre colchetes]

c) o *Causee* ocorre como objeto indireto [o *Causer* pode ou não ser expresso por nominal, sendo codificado por marcador de pessoa no verbo (Seki, 2004, p. 301)]:

- [*A Oi=Causee O V Oi*]
 (8) [1107] *(ije) pedro-a upe ka'aher-a a-mohur-ukat ne=upe*
 (eu) n.pr.-N Dat carta-N 1sg-trazer-Caus 2sg=Dat
 ‘(Eu) mandei Pedro trazer uma carta para você’ ”
 [Seki (2004, p. 301) acrescentou a legenda acima do exemplo, a qual incluímos entre colchetes]

p. 355: “[causado omitido com imperativo]

- (9) [1318] *je=r-y'yw-a te e-'awyky-ukat*
 1sg=Rel-flecha-N F 2sg-fazer/Imper-Caus
 ‘mande fazer[-me] minhas flechas’ ”

p. 296-297: “No caso de verbos ditransitivos, tanto a posição de objeto direto quanto a de objeto indireto estão preenchidas, e o *Causee* pode ser codificado ou como objeto direto, ou como objeto indireto, ou seja, pode haver a duplicação dessas posições, porém o *Causee* não aparece como outro oblíquo.”

p. 307 (Seki, 2004): “Não há restrições sintáticas quanto à formação de construções causativas: elas são formadas a partir de verbos intransitivos, monotransitivos e ditransitivos. Em todas as situações, o *Causer*, ocupa a posição de sujeito da construção derivada, e o sujeito original, o *Causee*, é demovido para outras posições, da esquerda para a direita na hierarquia, exceto a de oblíquo.”

p. 157: “Além dos argumentos nucleares A, Sa, So, O e do predicado verbal a oração simples pode conter outros constituintes que exprimem distintos papéis semânticos — objeto indireto, causa, locação etc., e que são tratados como adjuntos, dada a ausência de marcas gramaticais que permitam estabelecer uma distinção formal entre eles. Os adjuntos ocorrem como adverbiais — advérbios, nominais em caso oblíquo e locuções posposicionais, e geralmente ocupam posições periféricas em relação aos constituintes nucleares da oração”.

7.

Resposta: Sim. Além das marcações similares nos constituintes OD (sufixo *-a* ‘caso nuclear’) e OI (posposição *upe* ‘dativo’), a ordem é parecida. O causado posposicionado recebe a posposição *upe*, que marca o dativo, o beneficiário e o agente em construções nominalizadas com o sufixo *-ipyty* ‘paciente’.

Nas situações em que o causado atua como OI, os constituintes mantêm a ordem da ditransitiva (“O V Oi”), com um OD pré-verbal e um OI pós-verbal. No exemplo (8) [1107], em que o causado atua como OI, constatamos que a ordem é A OI_{caus} OD V OI_{recip}, próxima da ditransitiva mostrada em (5) [1104]: A OD V OI_{recip}. Em (7) [1106], com causado em função de OD e causador omitido, continua havendo um OD pré-verbal e um OI pós-verbal, mas com papéis semânticos distintos, já que o OD paciente está posposto ao verbo (OD_{caus} V OD_{pac} OI_{recip}). Em (6) [1105], com causado omitido, o OD paciente e o OI recipiente aparecem em posição pós-verbal (A V OD OI_{recip}), em padrão semelhante ao de (7) [1106]. Se o participante OD também apresentar traço [+HUMANO], ele será deslocado para o final da sentença (A V OI_{caus} OD_{pac}), também em posição pós-verbal, como em (24) [1102].

p. 167: “Evidências adicionais a favor de se considerar a ordem AOV como básica são a ordem dos constituintes nas orações subordinadas (ver 4.2), a incorporação (ver 3.3.7) e a ordem dos elementos em compostos (ver Cap. 20).”

p. 167: “O esquema em (537) reflete a ordem básica dos constituintes em orações transitivas independentes. Essa ordem pode ser alterada em consequência de processos relacionados ao fracionamento de constituintes:

(10)[537] A - O - V - Adj”

p. 301-302 (Seki, 2004): “Nas construções causativas de verbos monotransitivos a ordem dos constituintes é aquela indicada em (19), e que corresponde à ordem básica de constituintes nas orações independentes da língua: A O V Oi, como no exemplo em (15):

(19) A O V-ukát Oi=*Causee*”

	A	O	V	Oi
(11)[15]	<i>akwama 'e-a</i>	<i>ywyrapar-a</i>	<i>o-me 'ŋ</i>	<i>kara 'iw-a upe</i>
	homem-N	arco-N	3-dar	não-índio-N Dat
	‘O homem deu um arco ao menino’			

p. 294-295: “O *Causee* ocupa a posição após o *Causer*, inserindo-se entre este e os demais constituintes da construção, que mantêm a ordem básica (O V Oi) nas situações em que o *Causee* ocorre como objeto indireto.”

p. 296-297: “No caso de verbos ditransitivos [em construções causativas] [...] O oblíquo usado é marcado pela mesma posposição que codifica o dativo, o beneficiário e também o agente em construções nominalizadas com o sufixo {-ipyt}.”

8.

Resposta: Os verbos identificados como ambitransitivos são *pik* ‘parar, cessar’ e *pyrunj* ‘pisar’. Não identificamos construção causativa formada a partir desses verbos.

9.

Resposta: Seki (2000a, p. 144) informa que a valência do verbo transitivo não é alterada com IN (cf. exemplo (12) [412]), mas o dado (13) [426] mostra redução de valência com esse processo. De qualquer maneira, não identificamos causativização de verbo transitivo em contexto de IN. Em relação ao verbo intransitivo, a autora demonstra que ele mantém sua valência após a incorporação, de forma que pode ser causativizado com o prefixo *mo-* “causativo de intransitivo”.

p. 144: “O verbo transitivo com nome incorporado mantém sua valência original, o que se evidencia pelo fato de exibir propriedades sintáticas e morfológicas características de verbos transitivos. Sintaticamente o verbo com nominal incorporado pode ocorrer com dois constituintes nominais em função de A e O, como em (412).”

p. 144:

- (12) “[412] *(ene) tajau-a ere-api'a -'ok*
 você porco-N 2sg-testículo-arrancar
 ‘você castrou o porco [você testículos-extraíu ao porco]’ ”

p. 146: “Assim, o composto -y'u ‘ingerir água ou líquido’, constituído do nome y ‘água’ e do verbo transitivo -'u ‘ingerir’ comporta-se como um verbo intransitivo. Como tal, ocorre com apenas um argumento em função de Sa, recebe no gerúndio os marcadores da série II e pode ser retransitivado com o prefixo causativo *mo-*: [...]”

- (13) [426] *a-mo-y- 'u akwama'e-a*
 1sg-Caus-água-ingerir homem-N
 ‘Eu fiz o homem beber água.’ ”

p. 145-146: “O verbo intransitivo com nominal incorporado mantém a sua valência. O núcleo da LN [SN] sujeito original prefixa-se ao verbo, e o possuidor original passa à condição de argumento único do verbo, S. [...]”

No caso de verbos intransitivos ativos, porém, o possuidor passa à condição de sujeito do verbo não como agentivo (Sa), mas sim como não agentivo (So), vindo marcado da mesma maneira que no verbo descritivo, por pronomes clíticos e relacionais:

- (14) [422] *ne=r-ea o-jekotsĩ*
 2sg=Rel-olho 3-girar
 ‘você cambaleou’ [Lit.: ‘teu olho girou’]
- (15) [423] *ne=r-ea-jekotsĩ*
 2sg=Rel-olho-girar
 ‘você cambaleou’ [Lit.: ‘você olho-girou’] ”

10.

Resposta: Não. O constituinte que ocupa o lugar típico de acusativo varia de acordo com a construção. Apenas o causador mantém sua posição inicial fixa. O causado pode aparecer antes ou depois do paciente (A V OI_{caus} OD ou A OD V OI_{caus}), e o verbo pode aparecer antes do OI e do OD ou somente antes do OI.

Com base na questão 7, notamos que, na causativa de transitivo, o constituinte que ocupa o lugar típico de acusativo é o paciente, desde que os participantes causador, paciente e causado não sejam [+HUMANO]. Se forem, o paciente e o causado passam a ocorrer depois do verbo (A V OI_{caus} OD), diferentemente da ordem básica da língua (A OD V). No entanto, na causativa de ditransitivo, é o causado que ocupa o lugar típico de acusativo.

p. 292-293: “Nas construções transitivas causativas, a ordem dos constituintes é aquela exemplificada em (1094): A O V-ukat Oi/*Causee*, porém é frequente a omissão do *Causar* ou do *Causee*, ou mesmo de ambos:

a) Omissão do *Causar*:

- (16)[1095] Ø *h-y'yw-a o-'awyky-ukat o-kywyr-a upe*
 3-flecha-N 3-fazer-Caus 3Refl-irmão-N Dat
 ‘(Ela_i mandou seu_i irmão fazer as flechas dele_j (outro))’

- [*Causar* O V Oi=*Causee*]
 (17)[1096] Ø *kunu'um-a o-mo-ŋer-ukat kujã-a upe*
 menino-N 3-fazer[CS-]dormir-Caus mulher-N Dat
 ‘(Ele) mandou a mulher fazer o menino dormir’
 [Seki (2004, p. 302) acrescentou a legenda acima do exemplo, a qual incluímos entre colchetes]

b) Omissão do *Causee*:

- (18)[1097] *kujã-a h-y'yw-a o-'awyky-ukat Ø*
 mulher-N 3-flecha-N 3-fazer-Caus
 ‘A mulher mandou-o fazer as flechas dele (outro)’

- [A=*Causar* O V *Causee*]
 (19)[1098] *akwama'e-a kunu'um-a o-mo-ŋer-ukat Ø*
 homem-N menino-N 3-fazer[CS-]dormir-Caus
 ‘O homem mandou-a fazer o menino dormir’
 [Seki (2004, p. 302) acrescentou a legenda acima do exemplo, a qual incluímos entre colchetes]

c) Omissão do *Causar* e do *Causee*:

- (20)[1099] Ø *h-y'yw-a o-'awyky-ukat Ø*
 3-flecha-N 3-fazer-Caus
 ‘(ela) mandou-o fazer flecha’
 [*Causar* O V *Causee*]
 (21)[1100] Ø *kunu'um-a o-mo-ŋer-ukat Ø*
 menino-N 3-fazer[CS-]dormir-Caus

[Seki (2004, p. 304) acrescentou a legenda acima do exemplo, a qual incluímos entre colchetes]

Dado que a posposição *upe* marca também o objeto indireto e o beneficiário, e dado que o *Causee* pode ser omitido, sem o deslocamento da LN objeto a construção teria uma outra interpretação:

- (25)[1103] h-emireko-a rak kunu'um-a o-pyhyk-ukat o-'irũ-a upe
 3-esposa -N At menino-N 3-segurar-Caus 3Refl-marido-N Dat
 'A esposa mandou (alguém) segurar o menino para o marido dela' "

p. 291: “O sufixo {-ukat} vem posicionado após morfemas aspectuais e antes dos sufixos de modo e negação. Nas construções com esse sufixo o *Causer* e o *Causee* são [+humano].”

p. 294-295: “As construções ditransitivas ocorrem com dois tipos de ordem, conforme o *Causee* venha expresso como objeto direto ou como oblíquo:

- (26)[1108] a) A O/*Causee* V O Oi
 b) A Oi/*Causee* O V Oi

O *Causee* ocupa a posição após o *Causer*, inserindo-se entre este e os demais constituintes da construção, que mantêm a ordem básica (O V Oi) nas situações em que o *Causee* ocorre como objeto indireto. Nas situações em que o *Causee* é expresso como objeto direto, o objeto direto original ocorre após o verbo, ou seja, duas locuções com funções idênticas não ocorrem em sequência.”

p. 302 (Seki, 2004): “As construções causativas ditransitivas ocorrem com dois tipos de ordem, conforme o *Causee* venha codificado como objeto direto ou como objeto indireto/oblíquo:

- (27)[20] a) A Oi=*Causee* O V-ukat Oi
 b) A O=*Causee* V-ukat O Oi

Nas situações em que é codificado como objeto indireto, o *Causee* ocupa a posição imediatamente após o *Causer*, inserindo-se entre este e os demais constituintes da sentença, que mantêm a ordem básica O V Oi. Quando o *Causee* é codificado como objeto direto, o objeto direto original é deslocado para a posição pós-verbal, ou seja, duas locuções nominais objeto direto não ocorrem em sequência.”

11.

Resposta: Não existem restrições sintáticas, porém, como informado na questão 2, verbos transitivos derivados com o prefixo *ero-* ‘causativo comitativo’ não ocorrem com o sufixo -*ukat*, tendo em vista que o causador na construção com -*ukat* não participa diretamente da

atividade. Semanticamente, os participantes causador e causado apresentam traço [+HUMANO] em todos os dados consultados, e o causado é volicional. Embora haja prevalência da 3ª pessoa nos exemplos, os verbos marcados com o sufixo *-ukat* ‘causativo de transitivo’ ocorrem com as três pessoas do discurso.

p. 296: “Em Kamaiurá, não há restrições sintáticas quanto à formação de construções causativas [...]”

p. 291: “O sufixo {-ukat} vem posicionado após morfemas aspectuais e antes dos sufixos de modo e negação. Nas construções com esse sufixo o *Causar* e o *Causee* são [+humano].”

p. 292: “O causativo com {-ukat} é diretivo, não manipulativo, isto é, o *Causee* é volicional e o *Causar* somente expressa sua autoridade.”

p. 331-332: “O sufixo *-ite* ocorre como o último formativo da palavra gramatical verbal, seguindo elementos que se posicionam após a raiz do verbo. Esses elementos são:
[...]

b) Sufixo *-ukat* ‘causativo’ de verbos transitivos:

(28)[1240] *n=a-pyhyk-ukat-ite*

Neg=1sg-segurar-Caus-Neg
‘Eu não o mandei segurá-lo’ ”

p. 94:

(29)“[184] *je=y-Ø je=r-y'yw-a te e- 'awyky-ukat*
1sg=mãe-NM 1sg=Rel-flecha-N F 2sg-fazer-Caus
‘minha mãe, mande fazer minhas flechas’ ”

12.

Resposta: Não identificamos referência a aspectos cognitivos em Seki (2000a, 2000b).

13.

Resposta: Não identificamos causativa sintática no Kamaiurá.

14.

Resposta: Não identificamos causativa sintática.

15.

Resposta: Não identificamos causativa sintática.

16.

Resposta: Não identificamos pares com verbos lexicais transitivos no Kamaiurá.

17.

Resposta: Não identificamos causativa lexical.

18.

Resposta: Na causativa morfológica, o causado pode assumir duas funções diferentes. Na causativa de transitivo, o causado ocorre frequentemente como OI. Na causativa de ditransitivo, sua função varia entre OD e OI. Esclarecemos que, apesar das terminologias “objeto indireto”, “dativo” e “verbo ditransitivo”, o sintagma posposicional no qual o causado ocorre também é tratado como “obliquo” e analisado formalmente como “adjunto”, devido a: ausência de marcas gramaticais específicas, morfema específico de relativização (nominalizador *-tap*), ausência de concordância e posição periférica (cf. Seki, 2000a).

p. 291-292: “No verbo causativo transitivo, o *Causer* aparece como sujeito A e o sujeito original passa à condição de *Causee*, ocorrendo tipicamente como objeto indireto, assinalado pela posposição *upe* ‘dativo’. O objeto direto da construção não causativa correspondente se mantém como objeto direto:

	A	O	V
(30)[1093]	<i>i-kywyr-a</i>	<i>h-y'yw -a</i>	<i>o-'awyky</i>
	3-irmão-N	3-flecha-N	3-fazer
	‘o irmão dela fez as flechas dele (outro)’		

	A	O	V	Oi
(31)[1094]	<i>kujã</i>	<i>-a h-y'yw-a</i>	<i>o-'awyky-ukat</i>	<i>[[o -kywyr-a] upe]</i>
	mulher-N	3-flecha-N	3-fazer-Caus	3Refl-irmão -N Dat
	‘a mulher _i mandou seu _i irmão fazer as flechas dele _j (outro)’			
	(SEKI, 2000a, p. 291-292, colchetes nossos)			

Nos exemplos acima, o objeto direto é expresso pela LN *h-y'yw-a* ‘flecha dele’, que ocorre precedendo o verbo. O sujeito original de (1093), a LN *i-kywyt* ‘irmão dela’, aparece na construção causativa como obliquo, e o *Causer*, expresso pela LN *kujã* ‘mulher’, aí ocupa a posição de novo sujeito.”

p. 294: “As construções ditransitivas ocorrem com dois tipos de ordem, conforme o *Causee* venha expresso como objeto direto ou como oblíquo [...]”

p. 302 (Seki, 2004): “As construções causativas ditransitivas ocorrem com dois tipos de ordem, conforme o *Causee* venha codificado como objeto direto ou como objeto indireto/oblíquo [...]”

p. 296-297: “No caso de verbos monotransitivos, a posição de objeto direto já é ocupada pelo objeto direto do verbo não causativo original e o *Causee* é codificado como objeto indireto. No caso de verbos ditransitivos, tanto a posição de objeto direto quanto a de objeto indireto estão preenchidas, e o *Causee* pode ser codificado ou como objeto direto, ou como objeto indireto, ou seja, pode haver a duplicação dessas posições, porém o *Causee* não aparece como outro oblíquo. O oblíquo usado é marcado pela mesma posposição que codifica o dativo, o beneficiário e também o agente em construções nominalizadas com o sufixo {-ipyt}.”

p. 157: “Além dos argumentos nucleares A, Sa, So, O e do predicado verbal a oração simples pode conter outros constituintes que exprimem distintos papéis semânticos — objeto indireto, causa, locação etc., e que são tratados como adjuntos, dada a ausência de marcas gramaticais que permitam estabelecer uma distinção formal entre eles. Os adjuntos ocorrem como adverbiais — advérbios, nominais em caso oblíquo e locuções posposicionais, e geralmente ocupam posições periféricas em relação aos constituintes nucleares da oração”.

p. 294-295: “Os verbos ditransitivos admitem um objeto indireto, que em Kamaiurá é expresso por uma locução posposicional com a posposição *upe* “dativo”, e se comporta em geral como outros adjuntos da língua [...]”.

p. 300 (Seki, 2004): “Construções com verbos ditransitivos admitem um objeto indireto, que em Kamaiurá é expresso por uma locução posposicional com a posposição *-upe* “dativo” e se comporta em geral como outros constituintes oblíquos da língua: [...]”

p. 178: “Em Kamaiurá, podem ser relativizadas as posições de S, A, O, Oi/Oblíquos e Genitivo, ou seja, todas as posições, exceto a de objeto de comparação, na hierarquia de acessibilidade proposta em Keenan e Comrie (1977), embora com algumas restrições no que respeita a oblíquos.”

p. 180: “A nominalização do verbo pelo acréscimo do sufixo {-tap} é o recurso usado na língua para a relativização da posição de objeto indireto. O elemento genitivizado tem a função de O, junto a verbo transitivo, e de S, junto a intransitivo.

[...]

De modo mais restrito, o mesmo nominalizador é empregado na relativização das posições de Ablativo e de Instrumento. O falante não concorda com a presença das posposições *wi* ‘ablativo’ e *pupe* ‘inessivo, instrumento’ nessas construções [...]”.

p. 185: “A relativização da posição de oblíquos e de objeto de comparação ocorre frequentemente sob a forma de relativas sem núcleo. O verbo nominalizado vem marcado com sufixo de caso oblíquo ou vem associado a posposições”.

p. 66: “Nos modos independentes (cf. 3.3.1), apenas um marcador de pessoa ocorre no verbo transitivo. A seleção do marcador é governada por uma hierarquia de referências que determina a concordância com o sujeito (séries I e III), com o objeto (pronomes clíticos) ou com ambos (série IV).”

19.

Resposta: O causado não mantém o caso nem a função sintática de sujeito. Não identificamos compartilhamento das propriedades de sujeito entre o causador e o causado.

20.

Resposta: A marcação do causado, seja ela a ordem, o sufixo *-a* ‘caso nuclear’ ou a posposição *upe* ‘dativo’, também ocorre com outros constituintes.

Quanto à ordem, como indicado na questão 10, o causado pode ocupar a posição após o verbo, como o OI de construções ditransitivas (“O V Oi”) ou os adjuntos de transitivas (“A-O-V-Adj”), ou após o sujeito (causador), como o OD.

O sufixo *-a* ‘caso nuclear’ marca principalmente nomes em função de sujeito e objeto, mas também os objetos de posposições, o possuidor na construção genitiva, o “complemento de cópula” e o predicado nominal.

A posposição tende a ser usada em enunciados com três participantes (objeto indireto, benefactivo, destinatário e “agente de verbo transitivo em enunciados especialmente elicitados”).

p. 72-73: “As posposições exprimem uma variedade de funções semânticas, gramaticais e locativas (Lyons, 1979: 310), e em sua maioria registram distintos usos, conforme relacionado e exemplificado a seguir:

1) *upe* ‘dativo’:

a) objeto indireto, com verbos como *-me’ej* ‘dar’, *kawe’ej* ‘contar’: [...]

b) benefactivo: [...]

c) destinatário, em construções que reportam discurso direto: [...]

d) *causee*, em construções causativas com verbo transitivo:

(32)[74] *a-pyhyk-ukar* *ak ij-upe*

1sg-segurar-Caus At 3-Dat
 ‘Eu o mandei segurá-lo’ ”

e) objeto direcional, junto a nomes com o traço [+humano]: [...]

g) como agente de verbo transitivo (em enunciados especialmente elicitados): [...]

p. 107-109: “O caso ‘nuclear’ [-a] é usado em Kamaiurá para marcar as seguintes funções tipicamente nominais:

i) sujeito de predicados verbais e não verbais [...]

ii) objeto de verbos e posposições [...]

iii) modificador (possuidor) na locução genitiva [...]

iv) complemento de cópula [...]

v) predicado nominal [...]

vi) um nome núcleo modificado por outro nome não possuível, ou possuído prefixado com marcador de possuidor indefinido de terceira pessoa [...]

[...]

Uma característica do caso ‘nuclear’ em Kamaiurá é que ele é usado para marcar nominais em função de sujeito de transitivos e intransitivos e também em função de objeto. Essas funções se distinguem por outros meios, como a ordem e a presença de distintas séries de elementos pronominais no verbo.”

21.

Resposta: Não identificamos marcação morfológica distinta da função sintática do causado. A posposição *upe* ‘dativo’ marca o objeto indireto. No exemplo (7) [1106], em que o causado é usado como OD, marcado pela ordem e pelo sufixo *-a* ‘caso nuclear’, os dados disponíveis não permitem concluir se ele assume todas as propriedades de um objeto direto ou se há divergência entre a função de OD e a codificação de OD.

22.

Resposta: Na construção ditransitiva causativizada, o causado e o paciente podem ser codificados simultaneamente como OD, como em (7) [1106], mas não identificamos evidências da duplicidade de função sintática. Apesar de Seki (2000a, p. 296-297) adotar a terminologia “duplicação de posições”, verificamos situações similares ao que a literatura chama de “conflito de codificação” (cf. Kozinsky e Polinsky, 1993). Nessas situações, no Kamaiurá, os falantes tendem a omitir um dos participantes, gerando ambiguidades no enunciado. Embora não

tenhamos identificado testes formais que diferenciem as relações gramaticais assumidas pelo causado e pelo paciente, esclarecemos que as ambiguidades da língua tendem a ser desfeitas pelo contexto comunicativo.

p. 296-297: “No caso de verbos ditransitivos, tanto a posição de objeto direto quanto a de objeto indireto estão preenchidas, e o *Causee* pode ser codificado ou como objeto direto, ou como objeto indireto, ou seja, pode haver a duplicação dessas posições [...]. De fato, ocorre comumente o apagamento de um dos constituintes, e disso podem resultar ambiguidades, porém há evidências de que as posições existem.”

p. 154: “A omissão dos constituintes nominais pode acarretar alguma ambiguidade, como em (457) e (459), porém na língua em uso a ambiguidade é geralmente resolvida por informação contextual.”

23.

Resposta: Sim. Embora Seki (2000a) apresente duas possibilidades de análise do comportamento do causado em relação à Hierarquia de Caso, Seki (2004) se posiciona a favor da proposta de Comrie (1976).

Em uma parte da obra, Seki (2000a) afirma que sim, que o causado segue a hierarquia. A autora fornece evidências dessa análise, com o causado assumindo a posição de OI na causativa de transitivo, a exemplo de (24) [1102] e (8) [1107], e elucida o movimento do causado na Hierarquia por meio da figura (34) [1115]. Seki (2000a) também reconhece a existência de verbos ditransitivos no Kamaiurá, conforme o exemplo (5) [1104], e adota a terminologia “objeto indireto” para se referir ao causado. Nessa perspectiva, ao realizar uma análise tipológica do causado, Seki (2000a) confirma explicitamente a Hierarquia de Caso.

No entanto, em outra parte da obra, a autora atribui valor de adjunto ao causado. Seki (2000a) afirma que a terminologia “objeto indireto” exprime um papel semântico e que o causado exerce a função sintática de adjunto. Nesses termos, considerando que a Hierarquia de Caso se aplica a argumentos do verbo, o causado não seguiria a hierarquia nos moldes de Comrie (1976, 1989). Seki (2004) reproduz a maioria das análises de Seki (2000a), mas reescreve alguns trechos, desfazendo as ambiguidades mencionadas. Seki (2004) abandona o termo “adjunto” e o substitui por “oblíquo”. Além disso, ao tratar da hierarquia, afirma que o causado não aparece como oblíquo, equiparando-o apenas ao OD e ao OI.

Na causativa de ditransitivo, o causado tende a assumir a posição de “objeto indireto” (eventualmente tratado como adjunto), mas também pode atuar como OD (7) [1106]. Como

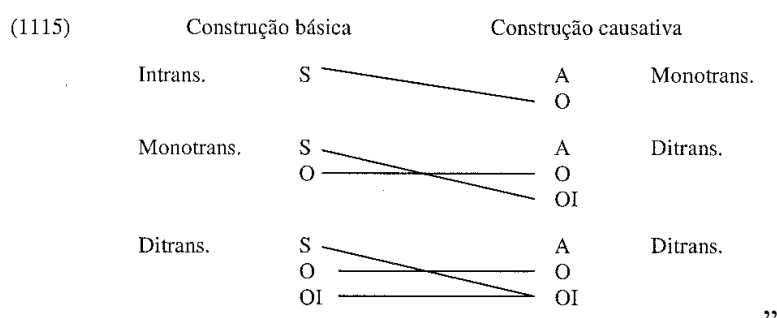
informado na questão anterior (22), não temos evidências de que o causado assuma, efetivamente, a função de OD.

p. 296: “Os fatos do Kamaiurá confirmam, com algumas reservas, as generalizações relacionadas à hierarquia de relações gramaticais em (1114), proposta por Comrie (1976b):

(33)[1114] SUJ. > OBJ. DIR. > OBJ. IND. > OBL.

Em Kamaiurá, não há restrições sintáticas quanto à formação de construções causativas: elas são formadas a partir de verbos intransitivos, monotransitivos e ditransitivos. Em todas as situações, o *Causer* é o novo sujeito A da construção, e o sujeito original, o *Causee*, é demovido para outras posições, conforme resumido no esquema a seguir (Comrie, 1976b):

(34)[1115]



p. 307 (Seki, 2004): “Não há restrições sintáticas quanto à formação de construções causativas: elas são formadas a partir de verbos intransitivos, monotransitivos e ditransitivos. Em todas as situações, o *Causer*, ocupa a posição de sujeito da construção derivada, e o sujeito original, o *Causee*, é demovido para outras posições, da esquerda para a direita na hierarquia, exceto a de oblíquo.”

p. 289: “Seguindo Comrie (1989), parte-se aqui da distinção de verbos não causativos básicos em intransitivos (sem objeto direto), monotransitivos (com objeto direto, sem objeto indireto) e ditransitivos (com objeto direto e indireto).”

p. 157: “Além dos argumentos nucleares A, Sa, So, O e do predicado verbal a oração simples pode conter outros constituintes que exprimem distintos papéis semânticos — objeto indireto, causa, locação etc., e que são tratados como adjuntos, dada a ausência de marcas gramaticais que permitam estabelecer uma distinção formal entre eles. Os adjuntos ocorrem como adverbiais — advérbios, nominais em caso oblíquo e locuções posposicionais, e geralmente ocupam posições periféricas em relação aos constituintes nucleares da oração”.

p. 354: “Objeto indireto:

Não há evidências conclusivas de que em Kamaiurá o objeto indireto constitua uma categoria à parte. É expresso por LP [SP] com a posposição *upe*, também usada em outras funções, como adjunto da sentença (ver 2.5.1).”

24.

Resposta: Sim. O teste de controle de reflexividade é usado para identificar o causador e diferenciá-lo do causado, já que o sujeito controla a reflexividade. Embora esse teste não seja direcionado ao causado, acaba por mostrar que ele perde uma propriedade do sujeito original.

p. 295: “Controle da referência

Os dados acima confirmam o que foi já colocado anteriormente: que, afora o verbo, a sentença Kamaiurá contém três constituintes no máximo e que é comum o apagamento de nominais. Considerando-se as possibilidades de apagamento do *Causee*, como em (1105), e do *Causer*, como em (1106), e considerando-se que tanto um quanto o outro ocorrem em posição pré-verbal e não se distinguem por marcas morfológicas específicas (ambos são marcados com o sufixo {-a} ‘nuclear’), surge a questão relativa à interpretação da LN ora como *Causer* (sujeito), ora como *Causee* (objeto). Em outros termos, não seria a LN pré-verbal em ambas as sentenças uma manifestação do *Causer*, sendo então o *Causee* sistematicamente expresso como oblíquo, sendo omitido em certas situações? Ou, inversamente, não seria a LN sempre uma expressão do *Causee*, sendo então o *Causer* sistematicamente omitido? As normas referentes à reflexivização em Kamaiurá corroboram a interpretação de que a LN pré-verbal exprime o [sujeito] *Causer* em certas situações, e o [objeto direto e/ou] *Causee*, em outras.

No Capítulo 11, viu-se que o prefixo {o-} ‘terceira pessoa reflexiva’ tem como controlador o sujeito da mesma oração ou de uma oração mais alta, mas não o objeto, e que a LN antecedente pode ser omitida, tendo seu referente marcado por elemento pronominal no verbo. Considerem-se as sentenças causativas a seguir, ambas com apenas uma LN pré-verbal, sendo a segunda LN omitida:

(35)[1109] *akwama'e-a_i o-me'eŋ-ukat wi-y'yw-a kara'iw-a upe*
 homem-N 3-dar-Caus 3Refl-flecha-N não-índio-N Dat
 ‘O homem_i mandou-o dar sua_i flecha ao não índio’

(36)[1110] *kunu'um-a_i o-me'eŋ-ukat hi-y'yw-a kara'iw-a upe*
 menino-N 3-dar-Caus 3-flecha-N não-índio-N Dat
 ‘Ele_i mandou o menino_j dar sua_j flecha ao não índio’

Esses exemplos mostram que há uma diferença de comportamento entre as locuções *akwama'e* ‘homem’ em (1109) e *kunu'um* ‘menino’ em (1110). A primeira controla a reflexividade, ou seja, ocorre como sujeito (*Causer*) da sentença, enquanto a segunda não é um antecedente apropriado para o reflexivo, ou seja, ocorre como objeto direto (*Causee*).”

p. 295-296: “As mesmas considerações relativas ao controle da reflexividade se aplicam às construções com verbos monotransitivos. Os dados em (1111) e (1112) mostram que o *Causer* (A) controla o uso do reflexivo na locução posposicional que manifesta o *Causee*, e que isso ocorre mesmo nas situações em que a LN/*Causer* é omitida:

(37)[1111] *kujã-ai h_j-y'yw-a o-'awyky-ukat o_i-kywyr-a upe*
mulher-N 3-flecha-N 3-fazer-Caus 3Refl-irmão-N Dat
‘A mulher_i mandou seu_i irmão fazer as flechas dele_j (outro)’

(38)[1112] *Ø w_i-a'yr-a o_i-pyhyk-ukat w_i-emireko-a upe*
3Refl-filho-N 3-segurar-Caus 3Refl-esposa-N Dat
‘Ele_i mandou a esposa dele_i segurar seu_i (próprio) filho’

No dado a seguir, a LN *kunu'um* ‘menino’ não controla a reflexividade, ou seja, não ocorre como *Causer*, mas como objeto direto da construção:

(39)[1113] *kunu'um-ai o-mo-ŋer-ukat h_j-enyr-a upe*
menino-N 3-Caus-dormir-Caus 3-irmã-N Dat
‘(Ele) mandou a irmã (do menino) fazer o menino dormir’ ”
[‘Ele_i mandou a irmã dele_j fazer o menino_j dormir’ (Seki, 2004, p. 307)]

25.

Resposta: O causado pode ser omitido, conforme os dados em (25) [1103], (6) [1105], (18) [1097], (19) [1098], (20) [1099] e (22) [1101]. Considerando que os enunciados do Kamaiurá não costumam apresentar dois nominais e que eventuais ambiguidades são desfeitas pelo contexto, a omissão de constituintes é recorrente na língua e não costuma gerar ambiguidade. Neste sentido, a omissão é um apagamento pragmaticamente motivado que não reduz a valência sintática.

p. 154: “A omissão dos constituintes nominais pode acarretar alguma ambiguidade, como em (457) e (459), porém na língua em uso a ambiguidade é geralmente resolvida por informação contextual.”

p. 269: “O verbo ocorre com marcadores de pessoa que codificam o sujeito ou o objeto direto, independentemente de estes serem expressos por nominais. O sujeito e o objeto nominais são normalmente omitidos e, de fato, são pouco frequentes orações em que estão presentes dois nominais.”

26.

Resposta: Não identificamos relativização do causado, porém as posições de OD e OI podem ser relativizadas nas construções não causativas.

p. 180: “A nominalização do verbo pelo acréscimo do sufixo {-tap} é o recurso usado na língua para a relativização da posição de objeto indireto. O elemento genitivizado tem a função de O, junto a verbo transitivo, e de S, junto a intransitivo.

[...]

De modo mais restrito, o mesmo nominalizador é empregado na relativização das posições de Ablativo e de Instrumento. O falante não concorda com a presença das posposições *wi* ‘ablativo’ e *pupe* ‘inessivo, instrumento’ nessas construções [...]”.

p. 313-314 (Seki, 2000b): “Em Kamaiurá podem ser relativizadas as posições de S, A, O, Oi / Oblíquos e Genitivo, ou seja, todas as posições, exceto a de objeto de comparação, na hierarquia de acessibilidade proposta em Keenan & Comrie (1977), embora com algumas restrições no [que] respeita a oblíquos. A relativização é marcada por distintos afixos nominalizadores, sendo a seleção de um dado afixo determinada pela função da locução nominal núcleo na oração relativa, independentemente de seu papel gramatical na oração principal.”

27.

Resposta: Como informado nas questões 4 e 11, os verbos causativizados com *-ukat* são transitivos ativos, o causado tem volição e apresenta traço [+HUMANO]. Com base nessas informações e nos dados disponíveis, constatamos que o causado é animado e expressa o papel semântico de agente.

28.

Resposta: Os dados mostram a capacidade do causado de “chamar” (*enōj*), “dar” (*me’ej*), “enfeitar” (*mo’atyrō*), “enviar” (*mono*), “fazer” (*awyky*), “fazer dormir” (*mojer*), “segurar”

(*pyhyk*) e “trazer” (*mohur*), logo, o causado normalmente tem controle da atividade. Como informado nas questões 11 e 27, o causado age com volição.

p. 292: “O causativo com {-ukat} é diretivo, não manipulativo, isto é, o *Causee* é volicional e o *Causar* somente expressa sua autoridade.”

29.

Resposta: Não identificamos mais de um tipo de causado em causativa de transitivo no Kamaiurá.

30.

Resposta: Indiretamente. O causador em uma construção derivada com *-ukat* apenas expressa sua autoridade, sendo [+HUMANO], [(+)ANIMADO], [–MANIPULATIVO], [–PARTICIPATIVO], [+DIRETIVO].

p. 292: “O causativo com {-ukat} é diretivo, não manipulativo, isto é, o *Causee* é volicional e o *Causar* somente expressa sua autoridade.

As diferenças semânticas entre os três tipos de causativos em Kamaiurá vêm resumidas no esquema a seguir:

<i>Causar</i>	{mo-}	{-ero}	{-ukat}
Humano	±	+	+
Animado	±	+	(+)
Manipulativo	+	+	–
Participativo	–	+	–
Diretivo	–	–	+

„

31.

Resposta: Intencionalmente.

32.

Resposta: Naturalmente.

33.

Resposta: O causador na causativa de transitivo não está envolvido na atividade.

p. 383: “Foi dito anteriormente que o sufixo {-ukat} anexa-se comumente a radicais transitivos derivados com o prefixo {mo-}. No que respeita a verbos derivados com o prefixo {ero-} ‘causativo-comitativo’, não há nos dados disponíveis exemplos de sua co-ocorrência com o sufixo {-ukat}, o que parece relacionar-se às diferenças semânticas entre os dois afixos. Como mencionado, no causativo comitativo o *Causar* participa da ação juntamente com o *Causee*, enquanto no causativo com o sufixo {ukat} o *Causar* é diretivo, não diretamente participativo.”

34.

Resposta: O Kamaiurá apresenta foco no paciente em construção causativa de transitivo, conforme exemplo (29) [184], com foco em *je=r-y'yw-a* ‘minhas flechas’. Não identificamos graus de topicalidade ou foco relacionados ao causado.

p. 94:

(29) “[184] *je=y-Ø* *je=r-y'yw-a* *te e-'awyky-ukat*
 1sg=mãe-NM 1sg=Rel-flecha-N F 2sg-fazer-Caus
 ‘minha mãe, mande fazer minhas flechas’ ”

p. 355:

(9) “[1318] *je=r-y'yw-a* *te e-'awyky-ukat*
 1sg=Rel-flecha-N F 2sg-fazer/Imper-Caus
 ‘mande fazer[-me] minhas flechas’ ”

p. 354: “9) Tópico:

É assinalado por deslocamento à esquerda e também à direita (ver 9.2). O nominal topicalizado pode ocorrer no caso não marcado.

10) Ênfase, foco:

Exprimem-se por frenteamento de constituinte e pelo uso de certas partículas de segunda posição, como *te* ‘foco’ (ver 2.7).”

p. 96: “*te* ‘foco’. Marca o constituinte à sua esquerda como foco da construção [...]”

35.

Resposta: Não identificamos relação entre a frequência das situações e o tipo de construção causativa. Considerando as diferentes causativas morfológicas, Seki (2000a, p. 379-380) informa que a construção formada pelo prefixo *mo-* ‘causativo de intransitivo’ é mais produtiva do que as derivadas com o prefixo *ero-* ‘causativo comitativo’ ou com o sufixo *-ukat* ‘causativo de transitivo’. A autora não atribui a produtividade a questões pragmáticas.

p. 379: “Os prefixos causativos {mo-} e {ero-} acumulam as funções de causativos e de transitivadores. O primeiro é altamente produtivo, formando verbos transitivos a partir de radicais verbais intransitivos ativos e descritivos e também a partir de nominais.”

p. 379-380: “Os dois outros afixos causativos têm distribuição mais restrita. O prefixo {ero-} acrescenta-se predominantemente a verbos intransitivos posturais e de movimento e a alguns outros tipos de verbos, enquanto o sufixo {-ukat} somente se anexa a radicais transitivos: [...]”

36.

Resposta: Além da causativa morfológica, não identificamos outros mecanismos formais para expressar causatividade.

37.

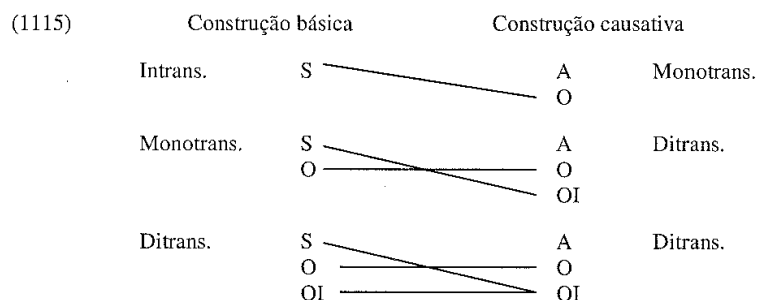
Resposta: Mudança de valência. Conforme explicitado na resposta à questão 23, haveria duas possibilidades de análise sobre a mudança de valência em Seki (2000a). Se considerarmos que o causado é um argumento que ocorre em uma construção ditransitiva, exercendo a função sintática de OI, então a causativa de verbo transitivo aumentará a valência em um argumento. No entanto, se interpretarmos a terminologia “objeto indireto” como papel semântico e atribuírmos ao causado a função sintática de adjunto, não haverá aumento de valência.

No entanto, Seki (2004) abandona o termo “adjunto” e se posiciona a favor da primeira análise, segundo a qual o causado é um OI, o que implica mudança de valência.

Não identificamos informações explícitas sobre vozes verbais. Esclarecemos que Seki (2000a, p. 352) menciona a noção de diátese e a equipara à transitividade verbal, mas não fornece informações adicionais sobre o tema.

p. 296: “

(34)[1115]



p. 289: “[...] prefixo {mo-} [...] se acrescenta a radicais verbais intransitivos ativos e descritivos, e também a nominais predicados, derivando radicais transitivos que se distinguem semanticamente conforme a base (ver Cap. 20). Todos os radicais derivados com o prefixo {mo-} são transitivos, tendo uma posição sintática a mais em relação aos radicais intransitivos básicos, posição esta que é ocupada pelo novo sujeito A, o *Causer*.”

p. 290: “[...] causativo comitativo forma-se com o prefixo {ero-} (ero- ~ ero- ~ ra- ~ er- ~ r-) [...]. Similarmente ao prefixo {mo-}, o prefixo comitativo transitiva os radicais a que se anexa.”

p. 379: “Os prefixos causativos {mo-} e {ero-} acumulam as funções de causativos e de transitivadores. O primeiro é altamente produtivo, formando verbos transitivos a partir de radicais verbais intransitivos ativos e descritivos e também a partir de nominais.”

p. 352-353: “De modo geral, na seleção das formas que exprimem diferentes funções sintáticas do nome estão em jogo (i) a diátese do verbo (transitivo, intransitivo); (ii) a classe semântica do verbo intransitivo (ativo, descritivo); (iii) a função do nominal (A, O, Sa, So); (iv) o *status* da oração (independente, dependente); (v) o modo do verbo (indicativo, imperativo, exortativo, gerúndio etc.); (vi) a classe de palavra que forma o núcleo do nominal (pronomes, nomes).”

38.

Resposta: Sim. Além de ser combinado com o verbo transitivizado pelo prefixo *mo-* ‘causativo de intransitivo’, o sufixo *-ukat* ‘causativo de transitivo’ também se combina com a voz reflexiva, marcada no verbo pelo prefixo intransitivizador *je-* ‘reflexivo’, transitivizado pelo prefixo *mo-*.

p. 279: “A reflexividade exprime-se em Kamaiurá por meio de um prefixo {je-} exclusivo de verbos e posposições, e de um prefixo especial {o-} ‘terceira pessoa reflexiva’, que ocorre com nominais possuíveis, posposições e formas dependentes do verbo. [...]”

O prefixo {je-} é invariável e anexa-se ao verbo, ocupando a posição entre o radical e o marcador de pessoa. O radical verbal é da classe transitiva e, ao receber o prefixo, sofre redução em sua valência, convertendo-se em radical intransitivo ativo, ou seja, que tem as propriedades de verbos intransitivos ativos, conforme descrito em 2.4.1.1. Semanticamente o prefixo assinala que o objeto direto é co-referente ao sujeito do verbo. O prefixo acumula, portanto, as funções de reflexivo e de intransitivizador [...].”

39.

Resposta: Não identificamos o percurso diacrônico nem a origem do morfema causativo de verbo transitivo (*-ukat*).

40.

Resposta: Não identificamos mudanças diacrônicas na marcação de caso do causado de verbo transitivo.

41.

Resposta: Os termos usados são “*causer*”, “*causee*”, “diretivo” e “apagamento”. Desses, apenas o primeiro é definido, como o “novo agente” e o “novo sujeito A” (p. 289). O “*causee*” é referido como “sujeito original” (p. 291), “objeto direto” (p. 290) ou “objeto indireto” (p. 291). O termo “apagamento” é usado como sinônimo de “omissão”, o qual também não é definido.

42.

Resposta: Não identificamos terminologia particular em Seki (2000a, 2000b).

Bora (Witoto)

Obras pesquisadas¹: Seifart (2015)

1.

Resposta: O mecanismo formal que o Bora usa é o morfológico, por meio do sufixo *-tso* ‘causativo’. Isso pode ser identificado no contraste entre os dados (1) [32a] e (2) [32b]. Na construção transitiva (1) [32a], o verbo *ĩté* ‘ver’ projeta um argumento na função de sujeito “A” (*ó* ‘1.SG’) e outro na de objeto “P” (*okáji-ke* ‘anta-ACC’). Na causativa (2) [32b], ocorre a inclusão do morfema causativo *-tsó* na estrutura verbal, e um novo argumento passa a ocupar a função de sujeito “A” (*wajpi* ‘homem’). O sujeito original é demovido para a função de objeto “P” (*o-ke* ‘1.SG-ACC’), e o antigo “P” é realocado para o papel de “T” (“tema”) e recebe a marca de argumento alativo (*okáji-dívu* ‘tapir-ALL’), mas continua a atuar como “objeto” (p. 1498).

p. 1498: “Unlike the markers discussed in the previous sections, the causative, reflexive, and reciprocal markers in Bora are very productive, morphologically regular, and semantically transparent. This indicates that they are probably a much newer system in the language.”

p. 1498-1499: “5.3.2 The causative marker *-tso*

The Bora causative marker can be used with almost every Bora verb (see appendix 1), increasing its valency by introducing a causer in subject function and demoting the subject of the underived verb to an accusative-marked object and the object of the underived verb (if there is one) to an allative-marked object. Causativized verbs thus display a secundative case-marking pattern, as mentioned in section 3.5.3, above. The Bora causative marker combines with intransitive (example 31) and transitive (example 32) verbs.

[...]

(1) [32a]	A	V	P-ACC	
	<i>ó</i>	<i>ĩté-hi</i>	<i>okáji-ke</i> .	
	1.SG	see-PRED	tapir-ACC	
	‘I saw a tapir.’			
(2) [32b]	A	P-ACC	V-CAUS	T-ALL
	<i>wajpi</i>	<i>o-ke</i>	<i>ĩte-tsó-hi</i>	<i>okáji-dívu</i> .
	man	1.SG-ACC	see-CAUS-PRED	tapir-ALL
	‘The man made me see a tapir.’			

¹ ACC: Acusativo; ALL: Alativo; CAUS: Causativo; DIR: Direcional; DL: Número nominal dual; F: Feminino; FRUS: Frustrativo; IMP: Imperativo; INAN: Inanimado; PRED: Marcador de predicado; PURP: Intencional; R: Argumento do tipo recipiente; RECP: Recíproco; REFL: Reflexivo.

The only verb from the 80-meanings list that does not regularly combine with the causative marker *-tso* is *ícyahíjcyá* ‘live’. This verb is incompatible with causative marking probably because it is an idiomatized combination of the copula and a habitual marker (*ícyahíjcyá*), which comes after the causative marker in the verbal template. It is possible to form *ícyahíjcyá-tsó-híjcyá* ‘cause to habitually be’, but this is not a causativized form of *ícyahíjcyá* ‘live’.”

p. 1489-1490: “3.5.3 Secundative ditransitives with allative-marked themes <NOM, T-ALL, R-ACC>

Another set of Bora verbs displays almost a mirror image in terms of the case marking of the objects when compared to the one just discussed. With these verbs, the recipient is marked for accusative case and the theme argument for allative, like a secondary object. This pattern is instantiated in Bora by three verbs out of the 80 verbs included in the extended list (see appendix 1). These verbs are the most frequent trivalent verb, *ájcu* ‘give’ (example 14), *úwaabó* ‘teach’ (example 15), and *úúje-tsó* ‘show (make see)’ (example 16).

[...]

(3) [16a] R/CAUSEE-ACC T-ALL A SHOW
 táj-tsiiméne-ke tsúúca í-tyujpácyo-vu *ú* *úúje-tsó*.
 1.SG-child-ACC already 3-blood-ALL 2.SG see-CAUS
 ‘You have already shown my child his blood.’

[16b] R/CAUSEE-ACC A SHOW T-ALL
 o-ke *mé* *úúje-tsó-vá* *ámúhpi táji-dívú!*
 1.SG-ACC IMP.PL see-CAUS-DIR:COME 2.DL.F husband-ALL
 ‘Come and show me your husband!’ ”

p. 1490-1491: “While *ájcu* ‘give’, *úwaabó* ‘teach’, and *taúhba* ‘order’ are unanalyzable, *úúje-tsó* ‘show (make see)’ is a causativized transitive verb, and all other causativized transitive verbs behave like it (see section 5.3.2). The fact that causativized verbs are involved in this pattern suggests that the allative case is used to mark an argument here, namely the demoted object of the underlying, non-derived monotransitive verb, rather than a spatial adjunct, like a goal, as it does with other verbs (see example 11a). Note that the label “allative” is justified by the vast majority of uses of this case marker for goals and – by extension – recipients. Note that verbs for ‘give’ seem to behave unlike other ditransitive verbs in many languages (Malchukov et al. 2010: 48).”

p. 1504: “Bora verbs fall into different valency classes according to which case frames they take. The choice for cases is largely semantically determined in Bora, and sometimes variation is allowed, such as the use of ablative case to express a partitive meaning. However, for ditransitive verbs, there are unexpectedly three different case frames for semantically relatively

similar verbs (e.g. transfer verbs, including *give* vs. *send*), clearly setting up three valency classes. One of these case frames, which the verbs *give* and *teach* as well as all causativized verbs take, follows a secundative alignment system, in that recipients are marked by accusative case. Surprisingly, themes are marked by allative case for these verbs.”

p. 1485: “Following the Valency Database Questionnaire Manual, coding frames are described with letters that can be thought of as standing mnemonically for particular roles (A: agent, P: patient, [...] T: theme (of ditransitive verb), R: recipient (of ditransitive verb) [...]”

2.

Resposta: A construção é causativizada diretamente.

3.

Resposta: Não identificamos o sufixo *-tso* ‘causativo’ desempenhando outras funções.

4.

Resposta: Sim. O único verbo transitivo identificado com o sufixo *-tso* ‘causativo’ é “ver” (*úúje*), o qual potencialmente denota ação abstrata, conforme (2) [32b] e (3) [16a] [16b].

5.

Resposta: Não identificamos mais de um marcador causativo de verbo transitivo no Bora.

6.

Resposta: Não identificamos construção causativa formada a partir de verbos com três argumentos ou três participantes.

p. 1504: “Bora verbs fall into different valency classes according to which case frames they take. The choice for cases is largely semantically determined in Bora, and sometimes variation is allowed, such as the use of ablative case to express a partitive meaning. However, for ditransitive verbs, there are unexpectedly three different case frames for semantically relatively similar verbs (e.g. transfer verbs, including *give* vs. *send*), clearly setting up three valency classes. One of these case frames, which the verbs *give* and *teach* as well as all causativized verbs take, follows a secundative alignment system, in that recipients are marked by accusative case. Surprisingly, themes are marked by allative case for these verbs.”

7.

Resposta: Sim. As construções com os verbos trivalentes “dar” (*ájcu*), “ensinar” (*úwaabó*) e “mandar” (*taúhba*), a exemplo de (4) [14a] [14b], (5) [15] e (6) [17], apresentam a mesma estrutura da causativa, como (3) [16a] [16b]. Nas ditransitivas, o objeto recipiente é marcado com o caso acusativo, e o objeto tema é marcado com o caso alativo, o qual codifica argumentos (p. 1490). Nas causativas, o causado recebe o acusativo, e o paciente é codificado com o alativo. Seifart (2015, p. 1489) denomina o objeto alativo de “objeto secundário”.

p. 1498-1499: “The Bora causative marker can be used with almost every Bora verb (see appendix 1), increasing its valency by introducing a causer in subject function and demoting the subject of the underived verb to an accusative-marked object and the object of the underived verb (if there is one) to an allative-marked object. Causativized verbs thus display a secundative case-marking pattern, as mentioned in section 3.5.3, above.”

p. 1489-1491: “3.5.3 Secundative ditransitives with allative-marked themes <NOM, T-ALL, R-ACC>

Another set of Bora verbs displays almost a mirror image in terms of the case marking of the objects when compared to the one just discussed. With these verbs, the recipient is marked for accusative case and the theme argument for allative, like a secondary object. This pattern is instantiated in Bora by three verbs out of the 80 verbs included in the extended list (see appendix 1). These verbs are the most frequent trivalent verb, *ájcu* ‘give’ (example 14), *úwaabó* ‘teach’ (example 15), and *úúje-tsó* ‘show (make see)’ (example 16).

(4) [14a] T-ALL R-ACC A GIVE
téwaahyé-vú o-ke ú ájcuú.
 leftovers-ALL 1.SG-ACC 2.SG give
 ‘You give me the leftovers.’

[14b] R-ACC A GIVE T-ALL
Tsá muurá éhne me-ke ditye ájcu-tú mééme-u.
 no well that 1.PL-ACC 3.PL give-NEG palm_fruit-ALL
 ‘Well, they did not give us palm fruits.’ ”

(5) [15] A TEACH R-ACC T-ALL
mé úwaabó tsiimé-ké wákimyéi-vu.
 1.PL teach children-ACC work-ALL
 ‘We teach the children the work.’

[...]

A few other Bora verbs, which are not included in the 80-meanings list also follow this pattern, among them *taúhba* ‘order’ (example 17).

- (6) [17] P-ACC A ORDER A-ALL
 ájyúwa-ke *ó* *táuhbá* *wájyamúúne* *níjtyu-vu*.
 daughter-ACC 1.SG order clothes wash-ALL
 ‘I ordered my daughter to wash clothes.’ ”

While *ájcu* ‘give’, *úwaabó* ‘teach’, and *taúhba* ‘order’ are unanalyzable, *úúje-tsó* ‘show (make see)’ is a causativized transitive verb, and all other causativized transitive verbs behave like it (see section 5.3.2). The fact that causativized verbs are involved in this pattern suggests that the allative case is used to mark an argument here, namely the demoted object of the underlying, non-derived monotransitive verb, rather than a spatial adjunct, like a goal, as it does with other verbs (see example 11a). Note that the label “allative” is justified by the vast majority of uses of this case marker for goals and – by extension – recipients. Note that verbs for ‘give’ seem to behave unlike other ditransitive verbs in many languages (Malchukov et al. 2010: 48).”

8.

Resposta: Não identificamos construção causativa formada a partir de verbos ambitransitivos no Bora.

9.

Resposta: Não identificamos causativização com IN no Bora.

10.

Resposta: Não. A ordem varia nos três dados identificados: A P_{Causado} V T ((2) [32b]), R_{Causado} T A V ((3) [16a]) e R_{Causado} A V T ((3) [16b]). Considerando a marca de caso, o constituinte que ocupa a função típica de acusativo é o causado.

p. 1484: “Other than that subjects must precede verbs in these predicate constructions, there are no word order restrictions in Bora main clauses. Subordinate clauses are verb-final, but this is unimportant for argument structure. Thus word order plays a very minor role in the expression of argument structure in Bora.”

p. 1504: “The realization of participants as overt noun phrases is often optional in Bora and word order is mostly free, so neither of these two characteristics has any significant influence on valency in Bora.”

11.

Resposta: Não identificamos restrições na formação das causativas de transitivos. Semanticamente, os participantes causador e causado apresentam traço [+HUMANO] nos dados consultados.

Seifart (2015, p. 1499) informa que o verbo “intransitivo estendido” *ícyahíjcyá* ‘viver’ não se combina regularmente com o sufixo *-tso* ‘causativo’ e propõe que isso se deve, provavelmente, à formação desse verbo, composto por um marcador habitual, o qual ocorre depois do causativo na estrutura verbal.

p. 1499: “The only verb from the 80-meanings list that does not regularly combine with the causative marker *-tso* is *ícyahíjcyá* ‘live’. This verb is incompatible with causative marking probably because it is an idiomatized combination of the copula and a habitual marker (*ícyahíjcyá*), which comes after the causative marker in the verbal template. It is possible to form *ícyahíjcyá-tso* ‘cause to habitually be’, but this is not a causativized form of *ícyahíjcyá* ‘live’.”

p. 1487: “Extended intransitives <NOM, {LOC, ALL, ABL, INS}>

A set of verbs takes an agent-like argument in the nominative and a locative noun phrase or instrument. This noun phrase is probably best treated as an adjunct, and therefore these verbs are called extended intransitives here. This locative noun phrase may be in one of the three spatial cases: [...] (iii) (stative) locative case, as in *ácuúacunú* ‘sit, be sitting’ and *ícyahíjcyá* ‘live’.”

12.

Resposta: Não identificamos referência a aspectos cognitivos em Seifart (2015).

13.

Resposta: Não identificamos causativa sintática no Bora.

14.

Resposta: Não identificamos causativa sintática.

15.

Resposta: Não identificamos causativa sintática.

16.

Resposta: Não identificamos pares com verbos lexicais transitivos no Bora.

17.

Resposta: Não identificamos causativa lexical.

18.

Resposta: O causado assume a função de objeto, marcado com o caso acusativo (*-ke*).

p. 1498: “5.3.2 The causative marker *-tso*

The Bora causative marker can be used with almost every Bora verb (see appendix 1), increasing its valency by introducing a causer in subject function and demoting the subject of the underived verb to an accusative-marked object and the object of the underived verb (if there is one) to an allative-marked object.”

19.

Resposta: O causado não mantém o caso nem a função sintática de sujeito. Não identificamos compartilhamento das propriedades de sujeito entre o causador e o causado.

20.

Resposta: A marca de caso do causado (*-ke* ‘acusativo’) também ocorre com outros constituintes, a exemplo do paciente nas construções transitivas, do recipiente nas construções ditransitivas com os verbos “dar” (*ájcu*), “ensinar” (*úwaabó*) e “mandar” (*taúhba*) e do tema nas ditransitivas com verbos de transferência, como “enviar” (*wallóó*) e “trazer” (*tsiivá*). Nessas situações, o constituinte acusativo atua como objeto.

p. 1483: “Tab. 1: Case markers.

case	markers	functions
[...]		
accusative (ACC)	<i>-ke</i> (anim.)	– the less agent-like argument of monotransitive predicates
	unmarked for	
	inanimates	– the recipient of some ditransitive predicates – the theme argument of some ditransitive predicates
[...]		

The case system is sensitive to animacy in two respects. Firstly, accusative case is only marked on animate noun phrases. This can be related to the higher need to differentiate agent vs. patient roles when both noun phrases are animate, rather than if one is inanimate, which is then bound to be the patient.”

p. 1487: “It appears that all extended intransitives take a locative or instrumental as an additional participant, while all social interaction and mental predicates are transitives in Bora, i.e. they take an accusative-marked object (see following section).”

p. 1488-1489: “3.5.2 Indirective ditransitives with allative-marked recipients <NOM, T-ACC, R-all>

The allative case is not only used for goals, but also for recipients with some verbs of transfer, a semantically straightforward extension. This pattern is instantiated by the verbs *walloo* ‘send’ (example 12) and *tsiiva* ‘bring’ (example 13) and a few others (see appendix 1). With these verbs, the theme is marked for accusative case and the recipient is marked for allative case, like an indirect object.”

p. 1504: “Bora verbs fall into different valency classes according to which case frames they take. The choice for cases is largely semantically determined in Bora, and sometimes variation is allowed, such as the use of ablative case to express a partitive meaning. However, for ditransitive verbs, there are unexpectedly three different case frames for semantically relatively similar verbs (e.g. transfer verbs, including *give* vs. *send*), clearly setting up three valency classes. One of these case frames, which the verbs *give* and *teach* as well as all causativized verbs take, follows a secundative alignment system, in that recipients are marked by accusative case. Surprisingly, themes are marked by allative case for these verbs.”

21.

Resposta: Não identificamos marcação morfológica distinta da função sintática do causado no Bora.

22.

Resposta: Não identificamos construções com o causado e o paciente codificados como OD. Embora Seifart (2015, p. 1498) atribua a função de objeto a ambos, o causado recebe o caso acusativo e é tratado como “P” (“paciente”) em (2) [32b] e como “R” (“recipiente”) em (3) [16a] [16b]. O antigo “P” da construção transitiva é marcado com o caso alativo, o qual codifica argumentos (p. 1490), e é tratado como “T” (“tema”).

p. 1498: “5.3.2 The causative marker *-tso*

The Bora causative marker can be used with almost every Bora verb (see appendix 1), increasing its valency by introducing a causer in subject function and demoting the subject of the underived verb to an accusative-marked object and the object of the underived verb (if there is one) to an allative-marked object.”

23.

Resposta: Sim. Com a introdução do sufixo causativo *-tso* e do causador na função de sujeito, o causado recebe a marca acusativa e atua como objeto, assumindo a posição livre mais alta disponível após sua demissão da função original de sujeito “A” (“agente”).

24.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se há critérios ou propriedades sintáticas para diferenciar o causado dos demais constituintes.

25.

Resposta: Não identificamos construções com omissão ou exclusão do causado nas causativas de transitivos do Bora. No entanto, Seifart (2015, p. 1504) afirma que a realização explícita dos SNs costuma ser opcional na língua, de maneira que a omissão não influencia a valência sintática.

p. 1504: “The realization of participants as overt noun phrases is often optional in Bora and word order is mostly free, so neither of these two characteristics has any significant influence on valency in Bora.”

26.

Resposta: Não identificamos relativização do causado nas causativas formadas a partir de verbos transitivos.

27.

Resposta: Seifart (2015, p. 1489-1490, 1499) trata o causado como “recipiente” em (3) [16a] [16b] e “paciente” em (2) [32b]. Como informado nas respostas às questões 4 e 11, nas construções causativizadas com o sufixo *-tso* ‘causativo’, o causado apresenta traço [+HUMANO] e ocorre com o verbo transitivo *úúje* ‘ver’, denotando ação potencialmente abstrata, como em

(2) [32b] e (3) [16a] [16b]. Com base nisso e nos dados disponíveis, constatamos que o causado é animado e pode expressar também o papel semântico de experienciador.

28.

Resposta: Embora os dados disponíveis indiquem que o causado é animado, eles não permitem identificar os graus de controle, afetação ou volição do causado.

29.

Resposta: Não identificamos mais de um tipo de causado na causativa de transitivo do Bora.

30.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se o causador atua direta ou indiretamente sobre o causado.

31.

Resposta: Com base nos dados disponíveis, deduzimos que o causador pode atingir o resultado intencionalmente.

32.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se o causador inicia o processo com ou sem esforço.

33.

Resposta: Com base nos dados disponíveis, e considerando a ausência de indícios da participação do causador, deduzimos que o causador não está envolvido na atividade.

34.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se há graus de topicalidade ou foco relacionados ao causado ou ao paciente na causativa de transitivo.

35.

Resposta: Considerando que o único mecanismo formal usado no Bora para formar causativas é o morfológico, não identificamos relação entre a frequência das situações e o tipo de construção causativa.

36.

Resposta: Além da causativa morfológica, não identificamos outros mecanismos formais para expressar causatividade a partir de verbos transitivos.

37.

Resposta: Mudança de valência. Seifart (2015, p. 1498) afirma que o marcador causativo aumenta a valência verbal, introduzindo um causador na função de sujeito. O autor também parece incluir a causativa entre as chamadas “alternâncias de voz codificadas no verbo” (p. 1493), por ser este o título da seção em que discute a causativa como operação de valência, mas não identificamos referência à voz no corpo do texto.

p. 1498: “5.3.2 The causative marker *-tso*

The Bora causative marker can be used with almost every Bora verb (see appendix 1), increasing its valency by introducing a causer in subject function [...]”

p. 1493: “5 Verb-coded voice alternations and valency change

5.1 Two kinds of valency-changing operations morphologically marked on the verb

This section discusses alternations that are morphologically encoded in the verb. There are two distinct derivational systems that are involved in valency marking in Bora (Table 2). One set of valency-changing morphemes occurs right after the verbal root and also marks verbal number (section 5.2). This system is distinct from (and can be combined with) causative, reflexive, and reciprocal markers (section 5.3), which occur in a different position in the verbal template. There are also instrument prefixes, which do not, however, influence valency (section 5.4)”

38.

Resposta: Não identificamos causativas de verbos transitivos combinadas com outras vozes ou mecanismos de mudança de valência. Não obstante, Seifart (2015, p. 1502) afirma que o Bora permite combinações de sufixos que alteram a valência. O autor fornece exemplos do morfema causativo com o reflexivo ((7) [39a] [39a]) e com o recíproco ((8) [40a] [40b] [40c]) em construções derivadas de verbos intransitivos.

p. 1502: “5.3.5 Combinations of valency-changing suffixes

The causative marker can combine with either the reflexive marker or the reciprocal marker (examples 39–40). Note that KILL in Bora is typically expressed with the causativized verb DIE (example 40), although a non-derived, roughly synonymous verb also exists (*lilihyanu*).

- (7) [39a] *mé-uácó-tsá-meí-i-yá* *átérée-jú-vu.*
 1.PL-enter-CAUS-REFL-FUT-FRUS bad-word-PL
 ‘We would let ourselves enter bad words.’

- [39b] *núcójpíve-tsá-meí-íbye.*
 feel_ashamed-CAUS-REFL-M.SG
 ‘He made himself feel ashamed.’

- (8) [40a] *ditye dsíjívé-tsó-jcatsí-ñé.*
 they die-CAUS-RECP-INAN
 ‘They killed each other.’

- [40b] *me-íhvé-jtsó-jcatsí-tyu-ki.*
 1.PL-be_alone-CAUS-RECP-NEG-PURP
 ‘So we do not abandon each other.’

- [40c] *cúwá-tsó-jcatsí-múpi.*
 sleep-CAUS-RECP-F.DL
 ‘They made each other sleep.’

Causative, reflexive, and reciprocal markers can also combine with the verbal number and transitivity markers [...]

39.

Resposta: Não identificamos o percurso diacrônico nem a origem do sufixo causativo de verbo transitivo (-*tso*).

40.

Resposta: Não identificamos mudanças diacrônicas na marcação de caso do causado de verbo transitivo.

41.

Resposta: O causador é referido como “*causer*”, “sujeito” (p. 1498) e “A” (“agente”) (p. 1490). O causado é chamado de “*causee*”, “R” (“recipiente”) (p. 1490), “objeto” (p. 1498) e “P” (“paciente”) (p. 1499). E o paciente é tratado como “objeto secundário” (p. 1489) e “T” (“tema”) (p. 1490). Não identificamos definições explícitas dos termos.

42.

Resposta: Não identificamos terminologia particular em Seifart (2015).

Sanumá (Yanomami)

Obras pesquisadas¹: Autuori (2019)

1.

Resposta: O mecanismo formal que o Sanumá usa é o morfológico, por meio do enclítico *=ma* ‘causativo’. Isso pode ser identificado no contraste entre os dados de (1) [52a] [52b]. Em (1) [52a], o verbo transitivo *noko* ‘moquear’ ocorre com dois argumentos, o sujeito *Pakokai anö* ‘Pakokai’ e o objeto *ana amopö* ‘cogumelos’. Em (1) [52b], o mesmo verbo é marcado com o clítico *=ma* ‘causativo’, e o enunciado passa a ter três participantes: o causador *Kakatima anö* ‘Kakatima’, o causado *Pakokai a naha* ‘Pakokai’ e o paciente *anamo* ‘cogumelo’.

p. 165-166: “Em verbos causativizados, o argumento oblíquo é o *causee*, isto é, o argumento ergativo original do verbo não causativizado. O exemplo (52a) mostra o argumento ergativo original em uma sentença com verbo transitivo. Em (52b) o verbo é causativizado e sua valência é aumentada, incorporando um novo argumento, que passa a ter a função de agente. O argumento que era agente na transitiva passa a oblíquo na bitransitiva.

(1) [52a] *Pakokai anö ana amopö nokopali ke*
Pakokai =a =nö ana amo= pö=
 1 =SG =ERG cogumelo CLN:cogumelo= 3PL=

noko =pa =li ku =he
 moquear =DER =PFV TEST =PST.H.REC
 ‘Pakokai moqueou os cogumelos.’

[...]

[52b] *Pakokai a naha Kakatima anö anamo nokopamani ke*
Pakokai =a =naha Kakatima =a =nö ana amo=
Pakokai =SG =OBL Kakatima =SG =ERG cogumelo CLN:cogumelo=

noko =pa =ma =li ku =he
 moquear =DER =CAUS =PFV TEST =PST.H.REC
 ‘Kakatima fez Pakokai moquear o cogumelo.’ ”

p. 234-235: “Quando um verbo transitivo é causativizado, o argumento ergativo da sentença original (45a) [46a], se torna o argumento oblíquo do verbo causativizado (45b) [46b], e passa

¹ ANA: Anáfora; CAUS: Causativo; CLN: Classificador nominal; CSVT: Conservativo; DER: Derivacional; DISTR: Distributivo; DUR: Durativo; DYN: Dinâmico; ERG: Caso ergativo; GEN: Genitivo; NMLZ: Nominalizador; OBL: Oblíquo; PFV: Perfectivo; PL: Plural; POS: Pronome possessivo; PROX.VIS: Próximo visível; PRS: Presente; PST: Passado; PST.H.REC: Passado hodierno recente; REL.PST: Passado relativo; SG: Singular; STV: Estativo; TEST: Testemunhado; 1: Primeira pessoa; 3: Terceira pessoa.

a possuir a função de *causee*, isto é, a entidade que é compelida a realizar a ação (COMRIE, 1989) (SHIBATANI, 2002).

- (2) [46a] *Kakatima anö hapoka a salupali ke*
 Kakatima =a =nö hapoka a= salu =pa =li ke
 Kakatima =3SG =ERG panela 3SG= lavar =DER =PFV PST
 ‘Kakatima lavou a panela.’

- [46b] *Pakokai anö Kakatima a naha hapoka a salupamanike*
 Pakokai =a =nö Kakatima =a =naha hapoka
 Pakokai =3SG =ERG Kakatima =3SG =OBL panela

a= salu =pa =ma =li ke
 3SG= lavar =DER =CAUS =PFV PST
 ‘Kakatima lavou sua panela por meio de Pakokai. / ‘Kakatima fez Pakokai lavar a panela dela.’

O verbo transitivo em (46a) possui dois argumentos: o ergativo (agente) *Kakatima a*, e o absolutivo (objeto) *hapoka a* ‘panela’. Em (46b), a inserção do causativizador *=ma* no verbo introduz um novo participante na sentença: *Pakokai a*, que é o causador da ação, fazendo com que o argumento que era agente em (46a) se torne um argumento periférico em (46b), marcado pelo morfema de caso oblíquo *=naha*.

A sentença pode ser entendida da seguinte forma: O argumento ergativo (*Pakokai a*) é o promotor, ou mandante, da ação, de modo que sua agência faz com que a panela seja lavada, mas o meio usado por *Pakokai* para realizar essa ação é o argumento oblíquo, ou *causee*, marcado por *=naha* (Kakatima), que era o agente da sentença antes da causativização via *=ma* ser realizada.”

p. 158-159: “Sanöma é uma língua de caso ergativo-absolutivo que possui marcação morfológica de caso apenas nos argumentos ergativos, sendo os absolutivos não marcados morfológicamente. Desta forma, em sentenças transitivas, o sujeito recebe marca de caso ergativo (*=nö*) e o objeto não é marcado. Em sentenças intransitivas, o sujeito também não é marcado.

[...]

Argumentos ergativos possuem maior grau de agentividade do que argumentos absolutivos (40a) em sentenças com verbo transitivo. Com verbos causativizados, os argumentos ergativos possuem a função de causador da ação (40b,c). [...]

O exemplo abaixo ilustra a ocorrência do morfema *=nö*, de caso ergativo.

- (3) [40a] *Kakatima anö masupö a mööke*
 Kakatima =a =nö masupö a= möö ku =he
 Kakatima =SG =ERG tucano 3SG= ver TEST =PST.H.REC

‘Kakatima viu o tucano.’

[...]

[40c] *Kakatima a naha Pakokai anö anamo nokopamanike*
Kakatima =a =naha Pakokai =a =nö ana
Kakatima =SG =OBL Pakokai =SG =ERG cogumelo

amo= noko =pa =ma =li ku =he
 CLN:cogumelo= moquear =DER =CAUS =PFV TEST =PST.H.REC
 ‘Pakokai fez Kakatima moquear cogumelo.’ / Pakokai moqueou cogumelo por meio de Kakatima.’ ”

p. 130: “

(4) [17b] *kami samakö nö sätänapi töpö naha uli sama tä uli taömanöma*
kami =sama =kö =nö sätänapi =tö =pö =naha
1 =1PL =PL =ERG não-indígena =CLN:gnr =3PL =OBL

uli sama= tä= uli ta =ö =ma =li =ma
 lugar 1PL= CLN:gnr= lugar conhecer =DYN =CAUS =PFV =PST
 ‘Nós fizemos os não-indígenas conhecerem a floresta.’ ”

2.

Resposta: A construção é causativizada diretamente.

3.

Resposta: Não identificamos o clítico =ma ‘causativo’ desempenhando outras funções. Verificamos que o morfema =ma ‘passado’ apresenta forma igual à do causativo, mas o fato de os dois morfemas poderem coocorrer na mesma construção, a exemplo de (5) [51a], pode ser indício de homofonia. Não identificamos análise sobre homofonia ou polissemia em Autuori (2019).

p. 270: “Quadro 19- Morfemas de tempo usados com o evidencial neutro

morfema	glosa
=a, =ø	Presente
=ma	Passado

”

p. 240: “

(5) [51a] *Totolima a hai i pole anö walä a hōtomapoma*
Totolima =a =hai i pole =a =nö walä
Totolima =3SG =GEN ANA cachorro =3SG =ERG queixada

a= hōto =ma =po =ma
 3SG= acuar =CAUS =CSV T =PST
 ‘O cachorro de Totolima acuiu a queixada.’ ”

4.

Resposta: Sim. Entre os verbos identificados com o clítico causativo =*ma*, “conhecer” (*ta*) e “ver” (*ta*) podem denotar ações abstratas, conforme (4) [17b] e (13) [22b], respectivamente. Considerando a forma dos verbos (*ta*) e os sentidos nos respectivos contextos, supomos que existe a possibilidade de serem o mesmo verbo traduzido de maneiras diferentes. Não identificamos esclarecimentos sobre isso em Autuori (2019).

Os outros dados mostram os verbos transitivos ativos “dar” (*toto*), “lavar” (*salu*) e “moquear” (*noko*).

Entendemos que o dado (6) [63], formado com o verbo “cair.de.lugar.alto” (*pälä*), apresenta as características de uma causativa de verbo transitivo. Nessa construção, existem três participantes (causador, causado e paciente), todos são codificados com as mesmas marcas das causativas de transitivos (ergativo, oblíquo e não marcado, respectivamente), e a ordem de constituintes é igual à de outras causativas (A Causado O V). Além disso, como não identificamos uma possível interpretação benefactiva para o morfema causativo (=ma) em Autuori (2019), entendemos que a construção pode ser traduzida por ‘Totolima fez as mangas caírem por meio de Kakatima’ ou ‘Totolima derrubou as mangas por meio de Kakatima’. Esclarecemos que Autuori (2019) não dá esse tratamento aos dados.

p. 252: “

(6) [63] *Totolima anō Kakatima a naha mauka kōkō pälāmatike*
Totolima =a =nō Kakatima =a =naha mauka
 Totolima =3SG =ERG Kakatima =3SG =OBL manga

kōkō= pälä =ma =ti ku =he
 3PL= cair.de.lugar.alto =CAUS =DUR TEST =PST.H.REC
 ‘Totolima derrubou mangas para Kakatima.’ ”

5.

Resposta: Não identificamos mais de um marcador causativo de verbo transitivo no Sanumá.

6.

Resposta: Aparentemente, sim. Considerando que os chamados “verbos de transferência” (p. 158) são usados com três participantes em construções não causativas, como *toto* ‘dar’ em (7) [46a], a causativa (8) [1a] parece ser formada a partir de um verbo com três argumentos (*toto* ‘dar’). Esclarecemos que o argumento absolutivo (*salö* ‘animal’) está omitido na oração. O causado assume a função de “argumento oblíquo”, marcado pelo morfema de caso oblíquo =*naha* ~ =*ha* (p. 235). Autuori (2019, p. 163) afirma que o “argumento oblíquo” é central para o significado da sentença, embora possa ser omitido e não seja marcado no verbo.

Para se referir a verbos como “dar”, “emprestar” e “enviar, mandar”, Autuori (2019) adota a terminologia “verbos de transferência” (p. 158) ou “sentença bitransitiva” (p. 243).

p. 172: “A identificação das subclasses verbais baseia-se na análise de Ferreira (2017), que classificou os verbos da língua Yanomama a partir de suas características morfossintáticas. A semântica associada às raízes verbais é utilizada como um ponto de partida para a identificação da subclasse verbal. A morfossintaxe, porém, permitiu subdividir os verbos dessa língua em quatro subclasses: Dinâmicos (verbos ativos), Posicionais (verbos estativos de postura ou posição), Atributivos (verbos estativos que denotam características de entidades, como fazem os adjetivos em línguas que possuem essa classe gramatical (DIXON; AIKHENVALD, 2004) (DIXON, 1982) e Irregulares. Para a língua Sanõma identificamos a ocorrência das mesmas subclasses de verbos.”

p. 163: “Caso oblíquo

O caso oblíquo marca argumentos periféricos, isto é, que não possuem concordância no verbo e podem ser suprimidos das sentenças sem prejuízo para o significado central.

[...]

Em verbos de transferência =*naha* marca o argumento com papel temático de beneficiário, isto é, o alvo da transferência (46).

(7) [46a] *kamisanö Kunatoi a naha sote sa totoköma*
kami =*sa* =*nö* *Kunatoi* =*a* =***naha*** *sote* *sa* = *toto* =*ki* =*ma*
 1 =1SG =ERG Kunatoi =SG =**OBL** peneira 1SG= dar =PFV =PST
 ‘Eu dei a peneira para Kunatoi.’

[46b] *ipa nao a naha pii sa ni simöpalöma*
ipa *nao* =*a* =***naha*** *pii* *sa* = *ni* = *simö* =*pa* =*li* =*ma*
 1POS mãe =SG =**OBL** tabaco 1SG= CLN:tabaco= enviar =DER =PFV =PST
 ‘Enviei tabaco para minha mãe.’ ”

p. 301: “O morfema que indica o passado relativo (= *nö*) pode ocorrer diretamente após raízes de verbos dinâmicos (1a). [...]

- (8) [1a] *[salo sa hanö nö] ai töpö naha satä totomaö*
salo sa= hanö =nö ai =tö =pö =naha
 animal 1SG= cortar =REL.PST outro =CLN:gnr =3PL =OBL
sa= tä= toto =ma =ö
 1SG= CLN:gnr= dar =CAUS =DYN
 ‘Depois de cortar a caça eu a dei para outras pessoas.’ ”

p. 158: “Em verbos de transferência como dar, emprestar, enviar, o argumento ergativo é o que realiza a ação de transferência ou envio [...].”

p. 243-244: “[...] ocorrendo em uma sentença bitransitiva.

(54a) é a sentença cujo verbo não foi derivado pelo morfema recíproco. Ela possui um argumento oblíquo (*ipa husopö a* ‘minha esposa’), que é o alvo, um argumento ergativo (*kamisa* ‘eu’), que é o agente, e um argumento absolutivo (*pi ni* ‘tabaco’), que é o tema.

- (9) [54a] *ipa husopö a naha kamisa nö pi sa ni simöpalöma*
ipa husopö =a =naha kami =sa =nö pi
 1POS esposa =3SG =OBL 1 =1SG =ERG tabaco
sa= ni= simö =pa =li =ma
 1SG= CLN:tabaco= mandar =DER =PFV =PST
 ‘Eu mandei tabaco para a minha esposa.’ ”

7.

Resposta: Sim. As causativas e as construções com “verbos de transferência” (p. 158) são tratadas como “sentenças bitransitivas” (Autuori, 2019, p. 165, 243) e apresentam ordem de constituintes semelhante: Causado A O V e A Causado O V nas causativas, como em (1) [52b] e (2) [46b]; Beneficiário A O V e A Beneficiário O V nas “bitransitivas” não derivadas, como em (9) [54a] e (7) [46a]. O causado ocupa a mesma posição e recebe o mesmo morfema de caso “oblíquo” (=naha ~ =ha) que o constituinte no papel de beneficiário da construção não derivada. Em ambas as estruturas, o causado e o “beneficiário/alvo” (p. 163) são tratados como argumentos.

p. 163: “Em verbos de transferência =naha marca o argumento com papel temático de beneficiário, isto é, o alvo da transferência (46).”

p. 165: “O argumento que era agente na transitiva passa a oblíquo na bitransitiva.”

p. 158: “Em verbos de transferência como dar, emprestar, enviar, o argumento ergativo é o que realiza a ação de transferência ou envio (40d).

[...]

- (10)[40d] *kamisa nō ipa nao a naha pii sa ni simöpalöma*
kami =sa =nō ipa nao =a =naha pi
 1 =1SG =ERG 1POS mãe =3SG =OBL tabaco
- sa= ni= simö =pa =li =ma*
 1SG= CLN:tabaco enviar =DER =PFV =PST
 ‘Eu enviei tabaco para minha mãe.’ ”

p. 335: “A língua Sanöma possui um morfema cuja forma é *naha* que possui algumas funções: é utilizado como marcador de caso oblíquo em argumentos periféricos que possuem as seguintes funções: (i) beneficiário [...]; (ii) em argumentos locativos [...]; (iii) expressando ‘assim como, igual a’ [...].”

8.

Resposta: Não identificamos causativa de transitivo formada a partir de verbos ambitransitivos no Sanumá.

9.

Resposta: Não identificamos causativização com IN no Sanumá.

10.

Resposta: Não. Como informado na resposta à questão 7, a ordem de constituintes varia entre Causado A(Causador) O V e A(Causador) Causado O V, a exemplo de (3) [40c] e (4) [17b], respectivamente. O paciente ocupa o lugar típico de objeto absoluto, o qual não é marcado por um morfema realizado foneticamente (p. 158).

Embora Autuori (2019) não glose os dados com o morfema zero, a autora parece aceitar o conceito, conforme se verifica em (12) [41a] [41b]:

p. 86-87: “SOV

Sanöma é uma língua de núcleo final, portanto a ordem dos constituintes nas sentenças é SOV, isto é, em sentenças transitivas a ordem é “sujeito, objeto, verbo” e em sentenças intransitivas é SV “sujeito, verbo”.

A ordem das palavras nas sentenças em Sanöma é “sujeito objeto verbo” (SOV) em sentenças transitivas (1a) [...]

- (11)[1a] *Sanöma tönö salo a oalöma*
Sanöma =tä =nō salo a= oa =li =ma

Sanöma =CLN:gnr =ERG animal 3SG= comer =PFV =PST
 ‘O Sanöma comeu o animal.’ ”

[...]

Note que em (1a) a ordem da sentença transitiva é SOV: o sujeito ‘Sanöma’ antecede o objeto *salö* ‘animal’ e este antecede o verbo *oa* ‘comer’.”

p. 87: “Argumentos oblíquos tem maior mobilidade e podem ocorrer em posição pré-verbal, antes [...] ou depois do sujeito [...], e, com menor frequência, após o verbo. Argumentos oblíquos não ocorrem entre o objeto e o verbo.”

p. 92: “Esta seção mostrou que a ordem de palavras nas sentenças em Sanöma é SOV, com a possibilidade do Sujeito de verbo transitivo se mover, podendo ocorrer após o verbo. A ordem OV, no entanto, é imutável e nenhum constituinte pode ocorrer entre o objeto e o verbo. Vimos que argumentos oblíquos e argumentos instrumento possuem também mobilidade dentro da sentença, mas não se posicionam entre o objeto e o verbo.”

p. 158: “Sanöma é uma língua de caso ergativo-absolutivo que possui marcação morfológica de caso apenas nos argumentos ergativos, sendo os absolutivos não marcados morfológicamente. Desta forma, em sentenças transitivas, o sujeito recebe marca de caso ergativo (=nö) e o objeto não é marcado.”

p. 159-160: “Nos exemplos abaixo, o argumento absolutivo não recebe morfema de caso. Somente neste exemplo para ilustrar a posição em que seria esperada sua marcação, caso houvesse, o morfema será marcado pelo símbolo de morfema zero (ø).”

(12)[41a] *ulu ø tä paöa kule*
ulu =ø tä= paöa ku =la =e
 criança =ø CLN:gnr= dançar TEST =PRS =PROX.VIS
 ‘A criança está dançando.’

[41b] *ipa pole ø a nomasoma*
ipa pole =ø a= noma =so =ma
 1POS cachorro =ø =3SG morrer =PFV =PST
 ‘Meu cachorro morreu.’ ”

11.

Resposta: Sim. O causador deve possuir o traço [+ANIMADO]. De acordo com Autuori (2019, p. 236), seres inanimados não podem atuar como agentes de verbos transitivos, de maneira que as orações transitivas não derivadas e as derivadas, como as causativas de transitivos, não podem ter sujeitos inanimados.

Esclarecemos que, semanticamente, os participantes causador e causado parecem apresentar traço [+HUMANO] nos dados consultados, e o causado ocorre na 3ª pessoa do discurso.

p. 236: “Em Sanõma existe uma restrição que impede seres inanimados de serem agentes de verbos transitivos. Por isso, apesar de o morfema utilizado tanto para caso ergativo quanto para caso instrumental ser aparentemente o mesmo, pois a forma é igual (*nõ*), suas funções sintáticas devem ser diferenciadas. Em outras palavras, entidades que não possuem o traço [+animado] não podem ser sujeitos de verbos transitivos, mas somente podem ocupar a posição de argumento periférico do verbo. Assim, serão marcados para caso instrumental ou oblíquo, mas nunca para caso ergativo.”

12.

Resposta: Não identificamos referência a aspectos cognitivos em Autuori (2019).

13.

Resposta: Não identificamos causativa sintática no Sanumá.

14.

Resposta: Não identificamos causativa sintática.

15.

Resposta: Não identificamos causativa sintática.

16.

Resposta: Não identificamos pares com verbos lexicais transitivos no Sanumá.

17.

Resposta: Não identificamos causativa lexical.

18.

Resposta: O causado assume a função de “argumento oblíquo” (p. 234), também chamado de “argumento periférico” (p. 235), e recebe a marca de caso oblíquo (=naha ~ =ha).

p. 165: “Em verbos causativizados, o argumento oblíquo é o *causee*, isto é, o argumento ergativo original do verbo não causativizado.”

p. 234-235: “Quando um verbo transitivo é causativizado, o argumento ergativo da sentença original (45a) [46a], se torna o argumento oblíquo do verbo causativizado (45b) [46b], e passa a possuir a função de *causee*, isto é, a entidade que é compelida a realizar a ação (COMRIE, 1989) (SHIBATANI, 2002). [...]”

O verbo transitivo em (46a) possui dois argumentos: o ergativo (agente) *Kakatima a*, e o absolutivo (objeto) *hapoka a* ‘panela’. Em (46b), a inserção do causativizador =*ma* no verbo introduz um novo participante na sentença: *Pakokai a*, que é o causador da ação, fazendo com que o argumento que era agente em (46a) se torne um argumento periférico em (46b), marcado pelo morfema de caso oblíquo =*naha*.”

p. 163: “Caso oblíquo

O caso oblíquo marca argumentos periféricos, isto é, que não possuem concordância no verbo e podem ser suprimidos das sentenças sem prejuízo para o significado central. Assim como os demais morfemas de caso, também o oblíquo ocupa a última posição à direita do sintagma nominal, sendo marcado por =*naha* (também muitas vezes pronunciado como [na] devido à regra fonológica de apagamento de sílabas com a fricativa glotal [h], conforme descrito no capítulo sobre fonologia), ou por =*ha*.”

p. 236: “Em Sanöma existe uma restrição que impede seres inanimados de serem agentes de verbos transitivos. Por isso, apesar de o morfema utilizado tanto para caso ergativo quanto para caso instrumental ser aparentemente o mesmo, pois a forma é igual (*nö*), suas funções sintáticas devem ser diferenciadas. Em outras palavras, entidades que não possuem o traço [+animado] não podem ser sujeitos de verbos transitivos, mas somente podem ocupar a posição de argumento periférico do verbo. Assim, serão marcados para caso instrumental ou oblíquo, mas nunca para caso ergativo.”

19.

Resposta: O causado não mantém o caso nem a função sintática de sujeito. No entanto, verificamos que o causado pode ocupar a primeira posição da sentença, a qual é típica do sujeito no Sanumá, podendo ser considerada uma propriedade em comum entre o causador (ergativo) e o causado (oblíquo).

p. 86: “SOV

Sanöma é uma língua de núcleo final, portanto a ordem dos constituintes nas sentenças é SOV, isto é, em sentenças transitivas a ordem é “sujeito, objeto, verbo” e em sentenças intransitivas é SV “sujeito, verbo”.

20.

Resposta: A codificação do causado, como a ordem, o caso “oblíquo” e os pronomes de pessoa e número, também ocorre com outros constituintes em construções não causativas, a exemplo de (9) [54a] e (7) [46a], chamadas de sentenças com “verbos de transferência” ou “sentenças bitransitivas” (p. 165, 243). O constituinte que tende a apresentar ordem semelhante à do causado e morfema de caso “oblíquo” (= *naha* ~ *ha*) exerce a função sintática de “argumento periférico” (p. 163).

p. 163: “O caso oblíquo marca argumentos periféricos, isto é, que não possuem concordância no verbo e podem ser suprimidos das sentenças sem prejuízo para o significado central. Assim como os demais morfemas de caso, também o oblíquo ocupa a última posição à direita do sintagma nominal, sendo marcado por *=naha* [...] ou por *=ha*.”

Sintagmas nominais que são marcados para caso oblíquo podem possuir uma série de papéis temáticos [...]

p. 335: “A língua Sanöma possui um morfema cuja forma é *naha* que possui algumas funções: é utilizado como marcador de caso oblíquo em argumentos periféricos que possuem as seguintes funções: (i) beneficiário [...]; (ii) em argumentos locativos [...]; (iii) expressando ‘assim como, igual a’ [...]”

21.

Resposta: Não identificamos marcação morfológica distinta da função sintática do causado.

22.

Resposta: Não identificamos construções com ambos o causado e o paciente codificados como objeto absoluto.

23.

Resposta: Sim. Comparando-se os dados de (2) [46a] [46b], verifica-se a introdução do clítico *=ma* ‘causativo’ e do causador na função de sujeito *Pakokai anö* ‘Pakokai’. Como o causado *Kakatima a naha* ‘Kakatima’ ocorre no caso “oblíquo”, indicando a função de “argumento

oblíquo”, e o paciente *hapoka a* ‘panela’ permanece na função de objeto absoluto, entendemos que o causado segue a hierarquia, pois assume a posição livre mais alta após sua demissão da função original de sujeito. Não identificamos menção a “objeto indireto” em Autuori (2019).

24.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se há critérios ou propriedades sintáticas para diferenciar o causado dos demais constituintes.

25.

Resposta: Sim, o causado pode ser omitido, conforme o dado (13) [22b]. A omissão dos argumentos é frequente no Sanumá e não altera a valência sintática.

p. 76-77: “

(13) [22a] /a= ta =la =li ke/
 3SG= ver =DISTR =PVF TEST.PST.H.REC
 ‘Viu.’

[22b] /a= ta =ma =la =li =ke/ → [a= ta =ma =na =ni =ke]
 3SG= ver =CAUS =DISTR =PFV TEST.PST.H.REC
 ‘Fez ver.’ / ‘Mostrou.’ ”

p. 189: “[...] a riqueza da morfologia verbal da língua Sanöma é um dos elementos que contribui com a frequente omissão dos argumentos, permitindo que na maioria dos enunciados seja pronunciada apenas a raiz verbal e seus clíticos. Parte dos clíticos que se ligam ao verbo são marcas de concordância. Elas ajudam a dar sentido ao enunciado mesmo que os argumentos do verbo não sejam pronunciados.”

p. 93: “Uma característica marcante das línguas Yanomami é a possibilidade de omitir os argumentos centrais das sentenças, pronunciando apenas o verbo, isto é, a raiz verbal juntamente com os clíticos que a acompanham. Não sendo expressos os argumentos da sentença, o que a torna inteligível, além do contexto, são as marcas de concordância, que indicam quais são seus argumentos centrais (sujeito de verbos transitivos e sujeito e objeto de verbos intransitivos) [...]”

Nesta breve seção, apenas chamaremos atenção para o fato de que na maioria das sentenças em Sanöma os argumentos são omitidos.”

26.

Resposta: Não identificamos relativização do causado nas causativas formadas a partir de verbos transitivos. Registramos que, em causativas de intransitivos, os morfemas causativo e relativo podem marcar o mesmo verbo simultaneamente (=ma=wi), como em (15) [12b].

p. 182-183: “Em orações relativas, o morfema relativizador =wi é ligado diretamente à raízes de verbos dinâmicos (8a), não sendo necessária morfologia adicional. Já nas demais subclasses verbais (posicionais (8b), atributivos (8c) e irregulares (8d)) o morfema estativo =o (em negrito) se liga à raiz, precedendo o morfema relativizador.

(14)[8a] *ulu tā ke wi ã a aulu*
 ulu tā= ke =wi ã a= aulu
 criança CLN:gnr= cair =NMLZ ANA 3SG= estar.doente
 ‘A criança que caiu está doente.’

[...]

[8c] *wō a heteheo wi ulu tōnō ã wō a sipōō*
 wō =a hetehe =o =wi
 cesto =3SG leve =STV =NMLZ

 ulu =tō =nō ã wō a= si =po =ō
 criança =CLN:gnr =ERG ANA cesto 3SG= carregar =CSV =DYN
 ‘O cesto que é leve a criança carrega.’ ”

p. 314: “Note nos exemplos abaixo, que o verbo nominalizado da oração relativa pode receber morfologia de aspecto (12a) e derivacional (12b) (em negrito nestes exemplos).

[...]

(15)[12b] *[salaka sapō haloma wi] ã ipa tā*
 salaka sa= pō= halo =ma =wi ã ipa =tā
 peixe 1SG= 3PL= estar.embrulhado =CAUS =NMLZ ANA 1POS =CLN:gnr
 ‘Os peixes que embrulhei são meus.’ ”

27.

Resposta: Como informado nas respostas às questões 4 e 11, nas construções causativizadas com o clítico =ma ‘causativo’, o causado apresenta traço [+HUMANO] e ocorre com verbos transitivos ativos ou denotando ações potencialmente abstratas, como *ta* ‘conhecer’, em (4) [17b], e *ta* ‘ver, em (13) [22b]. Com base nisso e nos dados disponíveis, constatamos que o causado pode expressar os papéis semânticos de agente e de experienciador.

28.

Resposta: Embora os dados disponíveis indiquem que o causado possui traço [+HUMANO], eles não permitem identificar os graus de controle, afetação ou volição do causado, nem o tipo de ação exercida por ele. Com base em Autuori (2019, p. 158), deduzimos que o causador apresenta grau maior de agentividade do que o causado.

p. 158: “Argumentos ergativos possuem maior grau de agentividade do que argumentos absolutivos (40a) em sentenças com verbo transitivo. Com verbos causativizados, os argumentos ergativos possuem a função de causador da ação (40b,c).”

29.

Resposta: Não identificamos mais de um tipo de causado na causativa de transitivo do Sanumá.

30.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se o causador atua direta ou indiretamente sobre o causado. No entanto, o dado (4) [17b] com o verbo potencialmente abstrato *ta* ‘conhecer’ pode ser um indício de que o causador é capaz de atuar indiretamente.

31.

Resposta: Com base nos dados disponíveis, deduzimos que o causador pode atingir o resultado intencionalmente.

32.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se o causador inicia o processo com ou sem esforço.

33.

Resposta: Com base nos dados disponíveis, e considerando a ausência de indícios da participação do causador, deduzimos que o causador não está envolvido na atividade.

p. 235: “A sentença [(2) [46b]] pode ser entendida da seguinte forma: O argumento ergativo (*Pakokai a*) é o promotor, ou mandante, da ação, de modo que sua agência faz com que a panela seja lavada, mas o meio usado por *Pakokai* para realizar essa ação é o argumento oblíquo, ou *causee*, marcado por *=naha* (Kakatima), que era o agente da sentença antes da causativização via *=ma* ser realizada.”

34.

Resposta: Os dados disponíveis não permitem concluir se há graus de topicalidade ou foco relacionados ao causado ou ao paciente na causativa de transitivo.

35.

Resposta: Considerando que o único mecanismo formal usado no Sanumá para formar causativas é o morfológico, não identificamos relação entre a frequência das situações e o tipo de construção causativa.

36.

Resposta: Além da causativa morfológica, não identificamos outros mecanismos formais para expressar causatividade a partir de verbos transitivos.

37.

Resposta: Mudança de valência. Autuori (2019, p. 213) afirma que o marcador causativo aumenta a valência verbal, introduzindo um causador agente na sentença. Não identificamos informações explícitas sobre voz verbal em relação às construções causativas.

p. 213: “O causativizador =*ma* aumenta a valência verbal, inserindo um novo argumento à sentença.”

p. 235: “O morfema =*ma* pode ser inserido em verbos dinâmicos (transitivos e intransitivos), como vimos nos exemplos (45) e (46), e em verbos dinâmicos derivados de verbos estativos (posicionais e atributivos) [...]. Em todos os casos, sua função é aumentar a valência do verbo introduzindo um argumento agente.”

p. 226: “Voz é a construção sintática que indica os papéis semânticos de cada argumento da sentença (agente, paciente, ou alvo) (PAYNE, 2006) (COMRIE, 1989).”

38.

Resposta: Não identificamos causativas de verbos transitivos combinadas com outras vozes ou mecanismos de mudança de valência.

39.

Resposta: Não identificamos o percurso diacrônico nem a origem do morfema causativo (=ma).

40.

Resposta: Não identificamos mudanças diacrônicas na marcação de caso do causado de verbo transitivo.

41.

Resposta: O causador é referido como “*causer*” (p. 234), “argumento ergativo” (p. 235), “promotor, mandante, da ação” (p. 235) e “argumento agente” (p. 235) e é entendido como “papel temático” e “executor da ação” (p. 234).

O causado é chamado de “*causee*”, “argumento oblíquo” (p. 234) e “argumento periférico” (p. 235) e é analisado como “a entidade que é compelida a realizar a ação” (p. 234) e “o meio usado para realizar a ação” (p. 235). Os argumentos “oblíquo” e “periférico” são definidos como argumentos que “não possuem concordância no verbo e podem ser suprimidos das sentenças sem prejuízo para o significado central” (p. 163).

Na construção transitiva primitiva, o paciente é tratado como “absolutivo (objeto)” (p. 235). E a construção causativa é denominada “bitransitiva” (p. 165).

p. 233-234: “5.6.2.4 Causativo/transitivizador =ma

A função do morfema derivacional =ma é adicionar um argumento ao verbo, fazendo com que um verbo intransitivo se torne transitivo. Nessa alternância sintática, o sujeito do verbo intransitivo (45a) se torna o objeto do verbo transitivo causativizado (45b), ou o *causee*.

O argumento adicionado, por sua vez, possui a função sintática de argumento ergativo e possui o papel temático de *causer*, isto é, o executor da ação (COMRIE, 1989) (SHIBATANI, 2002).”

42.

Resposta: Sim. Configura terminologia particular o uso de “argumento oblíquo” (p. 234) e “argumento periférico” (p. 235) para o constituinte causado.